O PANORAMA

JORNAL

LITTERARIO E INSTRUCTIVO

VOLUME XII

QUARTO DA TERCEIRA SERIE

(PUBLICADO DE JANEIRO A DEZEMBRO DE 1853.)

LISBOA

TYPOGRAPHIA DO PANORAMA—TRAVESSA DA VICTORIA, 52

1853

LIBRARY
UNIVERSITY OF TORONTO
875125

INDICE ALPHABETICO

DOS

ARTIGOS CONTIDOS

NO

VOLUME DUODECIMO — QUARTO DA TERCEIRA SERIE.

(Os asteriscos denotam as gravuras.)

Abertura do isthmo de Suez. 366 377.
Agarico phosphorescente. . . 264
Ajaccio (vista de—) * 121
Alexandre Csoma. 192
Alfandega do Porto (a) . . . 14
Allemanha.
Vid. Casa da moeda em Munich.
Ischell.
Alma (o que é a) 160
Amazonas (o) * 89
America.—Vid. Mexico.
Amor e Gloria (poesia) . . . 31
Annunciação de Nossa Senhora * 108
Antiga Collegiada de Sar * . 72
—Vista exterior * 80
Antigas sepulturas de Bel-Aire * 333
Antonio Diniz da Cruz e Silva. 390, 394, 402
Apontamentos estatisticos.
Vid. Lisboa no seculo XVI.
Apparelho de mergulhador * 317
Archeologia Portugueza. Vid.
Epocha de el-rei D. Manuel.
Relações entre o povo e o soberano no seculo XV.
Archiduque Maximiliano em Jerusalem (o) 334
Athen (o) 36
Avarento (o) e o porco . . . 79
Baixo relevo antigo * 261
Banhos e lavadouros publicos * 131
Balaklava * 209
Balbeck. Vid. Ruinas de—.
Belgica. Vid. Ostende.
Bellas artes em Portugal (as). 386
Bibliographia.
Almanak de lembranças para 1856 296
Almanak do cultivador para 1856 360
Collecção de legislação . . »
Cruz. 264
Eugenio, romance maritimo. 96
Fastos da Igreja 176
Herança do Chanceller . . 288
Homem de Ouro 128
Homens de Marmore . . . 16
Lagrimas e Flores 80
Medicina Legal. 176
Memorias de Litteratura . »
Quadro Sacro 88
Quadro de Enéas (carta) . 296
Rudimentos de Economia Politica 152
Um quadro da vida. . . . 264
Bolonchen * 297
Bolsa de Paris * 113
Brazil (o), poesia 333
Brazil. — Vid. O Amazonas.
Burger. 325
Cadozetes (os) * 173
Café (um) em Baidar * 233
Caminhos portateis de madeira 248
Capella e caverna de S. Roberto * 353
Carta do sr. A. Herculano. . 303
Casa da moeda em Munich * 249
Casa em que nasceu Burger * 325
Casa onde nasceu Herder * . 54
Casamento (um) em Ceylão * 281
Caserna de Monaco * 393
Castello de Belmonte * . . . 73
Castello de Ham * 329
Castello de Ostenstein * . . . 201
Castel-Follit * 169
Cataracta de Ceriset * . . . 60
Causas da colloração dos mares. 96
Cidade de Elche * 97
Cidade de San-Léo * 401
Cidade de Santo Quintino * . 129
Cimento hydraulico. 32
Colosso de Rhodes * 28
Commercio de fructas exoticas em Londres. 173
Como se castigavam os maldizentes na Polonia. . . . 168
Como se sáe em terra no Ceará * 168
Consequencias do jogo . . . 80
Conservação dos instrumentos aratorios 112
Conservação das substancias vegetaes alimenticias . . . 56

INDICE ALPHABETICO.

Considerações (algumas) sobre a acclamação d'el-rei o senhor D. Pedro V. . . . 269
Contracto do sabão em Portugal. 12
Côr lactea do mar. 237
Coroação dos reis de Portugal 298, 327, 338
Corsega. — Vid. Ajaccio.
Cravo da India (o) 63
Créches em Portugal (as) . . 39
Criméa.
Vid. Balaklava.
Café em Baidar.
Inkerman.
Siméis.
Critiqueiro (o) poesia. . . . 230
Croatas (os) 92, 100
Daniel Dancer 400
Debulhador mechanico . . . 160
» . . . 368
Descripção e recordações historicas do paço e quinta de Queluz 29, 77, 210
Diamante Estrella do Sul . . 152
Dignidade das funcções do professor primario 166
Diogo de Mendonça Côrte-Real. . . 331, 345, 355, 361
Domingos dos Reis Quita . . 132
141, 149, 155, 196, 205, 246
252, 259, 275, 259, 252.
Drainagem e sua utilidade. . 184
Economia domestica 96
El-rei o senhor D. Pedro V . 313
Emprego vantajoso da farinha de favas 112
Ephemerides historicas. 24, 64
104, 136, 176, 216, 224, 240
248, 288, 296, 336, 344, 376
392, 408, 416.
Epocha (a) de el-rei D. Manuel 217
Esbocetos de typographia humana. — Vid. O Critiqueiro.
Estabelecimento (novo) de banhos em Lisboa 137
Estadistas portuguezes. Vid. Diogo de Mendonça Côrte Real.
Estatistica da França 200
Estatua de Estanho (a) . 94, 101
111.
Estatua grega 228
Estatuas colossaes na ilha das Paschoas 241
Estudo litterario. 357, 363, 381
Estudos sobre a Guiné de Cabo Verde. 60, 66, 74, 85, 146
158, 165, 174, 398, 407, 409
Exemplo louvavel. 125
Expediente caridoso 56
Exploração dos povos maraves . . 238, 245 ., 256 ., 414
Exposição universal de Paris. 31
Exposição universal de Paris — Bellas Artes 265
Expulsão dos judeus em 1492 223
. 231.
Fabricação economico de cerveja 125
Fabricas de papel nos Estados Unidos. 280
Falperra. — Vid. Viagens no Minho.
Fenomenos meteoricos. . . . 40
Festas do S. João em França. 47
Flôr perdida (a) 38
Forja portatil 312
Forno economico e portatil . 152
França.
Vid. Bolsa de Paris.
Castello de Ham.
Cidade de Santo Quintino.
Palacio da Justiça de Paris.
Geleiras para uso domestico . 144
Gomma elastica 120
Graças (as) do mundo. . . . 227
Gratidão (poesia) 14
Guerra ás demandas. 200
Habitantes de Geilthal . . . 384
Herder. Vid. Casa onde nasceu —.
Hespanha.
Vid. Antiga collegiada de Sar.
Castel-Follit.
Castello de Belmonte.
Cataracta de Ceriset.
Cidade de Elche.
Murcia.
Santuario dos desamparados.
Toledo.
Villa de Penha.
Historia da Inquisição em Portugal (fragmento). . . 282
Hungria. Vid. Presburgo.
Hymnos da Igreja catholica . 144
Hypocrita (o). 168
Ideographia (a) 189
Ignoto Deo. 170, 179, 187, 194
201.
Igreja de Nossa Senhora do Loreto 5
Ilha de Tenerife 257
Illustração Luso-Brazileira . 320
328.
Imperio da Russia. Seu incremento successivo — situação actual. 36
Imposto sobre as barbas na Russia 388
India.
Vid. Jumna-Mesjid.
Lacknau.
Pagode de Kangoun.
Palacio de Kandy.
Templo de Bancock.
Indifferença e morte 144
Indios conibós 21
Inglaterra.
Vid. Palacio de Windsor.
União da cidade de Londres.
Inkerman 217
Introducção. 1
Inveja (a) e os portuguezes . 175
Irmãos moravos. 6
Ischell (vista de) 321
Italia.
Vid. Caserna de Monaco.
Cidade de San-Léo.
Ponte da Abbadia.
Jangada do Brazil 376
João Francisco Arago. . . . 415
Jogos, festas e espectaculos antigos. 306, 314
Judas hermaphrodito (um) . 113
Judeus (os) caraítas da Criméa 269
Jumna-Mesjid 41
Justiça na Argelia. . . 235, 243
Lã extrahida das folhas dos pinheiros. 128
Lacknau 49
Lago de enxofre 125
Lisboa.
Vid. Estabelecimento (novo) de banhos.
Igreja de Nossa Senhora do Loreto.
Lisboa no seculo XVI. 290, 308
326, 379, 403.
Litteratura allemã. V. Tieck.
Litteratura da Puericia . . . 53
Machina de cozer 357
Machina de limpar facas . . 224
Machinas de vapor em França 16
Macrobios celebres 352
Marinha mercante de Portugal em 1852 88
Martin (o major-general) . . 17
Maximas do americano Jefferson. 56
Meio de descer sem perigo aos poços. 40
Mesquita de Sultanieh . . . 369
Mexico 57
Minas de ferro e carvão de pedra em Portugal 152
Moinho agrono-domestico . . 344
Molestia (a) das vinhas . . . 188
Mortos (os) e os vivos 64
Murcia 185
Natal (o) poesia. 405
Navegadores estrangeiros . . 97
108, 118, 126, 130, 140.
Navegadores portuguezes . . 18
26, 34, 42, 54, 57, 69, 75,
82, 90.
Navio colossal. 103
Navios forrados de gomma elastica. 136
Nijni-Novgoro 9
Notas sobre o mar de Azof e o mar Baltico . . . 254, 261
Nova Caledonia. 215
Nova espingarda 192
Nova Inscripção dos Lusiadas. 229
Noite de Dezembro (poesia) . 304
Novo moinho movel 237
Obras de lord Byron 272
Opinião (o) no Diccionario politico 397
Oremos! (poesia 1

Origem e organisação actual dos cosacos. 22
Ostende * 161
Paços de Constantinopla * . . 65
Pagode de Rangoun * 337
Palacio da Justiça de París . 145
Palacio de Kandy (Ceylão) * . 361
Palacio de Windsor * 193
Partida dos apostolos * . . . 105
Pena de Talião (a) 370
Pendão e caldeira insignias de nobreza. 237
Penedos (os) de Brimham * . 288
Persia. V. Mesquita de Sultanieh.
Pintura antiga * 48
Poesia (a). 16
Poesia (a) e a Prosa. 134
Poetas da Arcadia Portugueza. Vid. Antonio Diniz da Cruz e Silva.
Domingos dos Reis Quita.
Ponte da Abbadia * 25
População do imperio ottomano em 1854 32
Portugal.
V. Estabelecimento de banhos em Lisboa.
Igreja de Nossa Senhora do Loreto.
Runa.
Tumulo de D. Duarte de Menezes.
Praz-me e despraz-me! (poesia). 46
Presburgo * 385
Principios nutritivos de diversos alimentos 103
Prizões do Spielberg (as) . . 7
Processo para tornar a madeira menos combustivel. . . 143
Projecto e ensaio de uma lingua universal. 353
Questão do Oriente (a) . 43, 49 67, 86, 106, 122, 138, 156
Relações entre o povo e o soberano no seculo XV. . . 183
Resignação (poesia) 22
Revista (a) nocturna (poesia). 320
Romances.
V. Estatua de Estanho.
Ignoto Deo.
Pena de Talião.
D. Sebastião o Desejado.
Voador.
Rouxinol (o) poesia. 357
Ruinas de Balbeck * 153
Runa. 15
Russia. V. Nijni-Novgorod.
Santuario dos Desamparados * 84
Sarcophago phenicio * . . . 304
D. Sebastião o Desejado . 2, 10
Silvio Pellico * 13
Siméis * 377
Sphynge de Délos * 181
Splugen * 345
Submersão de 75 geiras de terrenos. 237
Suissa.
V. Castello de Ostenstein.
Splugen.
Sumé. 347
Tabella das differentes moedas, correntes no reino, que se cunharam em Portugal e no Brazil no reinado do sr. D. João V. . . . 221, 228
Telegraphos. 294, 311, 318, 323 330, 341.
Telegraphos electricos em França. 23
Templo de Bancock (Siam) * 409
Ter inimigos é felicidade e não desgraça 248
Thomás Moore * 215
Tieck. 172, 182
Toledo * 305
Torre de Babel (a) * 33
Toura (a) e as tourinhas . . 88
Trenó-omnibus americano * . 196
Tumulo de D. Duarte de Menezes * 289
União da cidade de Londres * 81
Uso da flanella sobre a pelle. 214
Usura (a) e a lepra 415
Utilidade dos toupeiras . . . 264
te 135
Verdadeira cidade fluctuan-
Verdadeiros ricos (os). . . . 95
Versos a * * * 151
Viaducto de Crumlin 229
Vida humana (a) 135
Villa de Penha * 177
Visconde de Almeida Garrett. 162 177, 185, 202, 373.
Viagem Pittoresca á roda do mundo e aos dous polos. . 220 225, 234, 241, 258, 271, 273
Viagens de Beckford a Portugal. 266, 280, 286, 291, 309 317, 339, 351, 359, 390.
Viagens no Minho 322
Vista (uma) das regiões polares * 225
Vista (uma) de Tenerife * . 273
Voador (o). 250. 262, 278, 284 293, 301.
Yucatan. V. Bolonchen.
William Cowper * 205

FIM.

O PANORAMA,

SEMANARIO DE LITTERATURA E INSTRUCÇÃO.

INTRODUCÇÃO.

Quando o futuro nos sorri auspicioso é doce recordar trabalhos e provações que já passaram; é pois experimentando a mais agradavel sensação, que abrimos, como é de uso, com esta pequena introducção, o decimo segundo volume do Panorama, quarto da presente serie.

Travados de dissabores, tendo de superar obstaculos originados de circumstancias diversas, os primeiros annos da actual serie do Panorama correram para nós n'uma constante lucta, em que, se alguma vez nos esmoreceram as forças, nunca se nos vergou o animo: avançamos sempre, conscios da alteza e santidade da nossa missão, e escudados pela efficaz e generosa coadjuvação de alguns dos primeiros talentos de Portugal.

Graças aos escriptores eminentes, que compõe a redacção effectiva, que não a nós, o Panorama, reconquistada a primitiva reputação, ousa agora desafiar essas procellas, que tendo morto á nascença tanta tentativa de um genero similhante, se ameaçaram alguma vez, nunca comprometteram seriamente a sua existencia: tão robustas condições de vida recebeu este semanario das esclarecidas direcções que presidiram á publicação das primeiras series!

Lido com incontestavel acceitação, citado com singular applauso pela imprensa periodica nacional, e até em obras estrangeiras de auctores de boa nota, o Panorama, protegido por Augustos Personagens, conta já um numero considerabilissimo de subscriptores em todas as provincias do reino; e no vasto imperio do Brazil, esse grande e florescente paiz, que parece fadado pela Providencia aos mais altos destinos, e que é tão nosso irmão pelo sangue, pelo idioma, pelas instituições, pelos costumes, pela communidade de interesses até, começa de ser procurado com avidez, e é já bemquisto, de uns como uma grata e saudosa recordação da terra natal, de outros como um representante não indigno da boa e legitima linguagem portugueza, deturpada em traducções mascavadas, e em livros escriptos sem consciencia e sem senso commum.

Para corresponder devidamente a tanto favor duplicaremos de diligencias e esforços para que este semanario cada vez se torne mais digno do alto conceito em que é tido, e da não equivoca acceitação publica.

Os factos tem-nos demonstrado que taes esforços não serão infructiferos.

Não fazemos promessas pomposas, como nunca as fizemos. Contando com uma collaboração illustre o Panorama seguirá fielmente a estrada que lhe traçaram os primitivos fundadores. A historia, a archeologia, as biographias de varões notaveis pela sua litteratura, ou pelas suas virtudes sociaes, as viagens, a descripção de monumentos e sitios notaveis, não só de Portugal, mas tambem dos paizes estrangeiros, romances originaes, ou traduzidos com escrupuloso disvelo, litteratura varia, a poesia, noções populares das sciencias, finalmente tudo quanto tem constituido a mais importante parte das columnas d'este semanario, entra agora por consequencia no seu quadro.

A demasiada extensão de certos trabalhos litterarios publicados no Panorama tem sido notada, e a experiencia nol-a havia já indicado como pouco propria da sua indole especialissima. D'ora ávante pois não se inserirão escriptos que demandem amplo desenvolvimento, não sendo o seu objecto de natureza tal que compense aquelle inconveniente pelo interesse que excite.

A religião e a moral, inseparaveis uma da outra, serão acatadas no Panorama, e as suas paginas conservar-se-hão puras de toda a macula.

Consagrado a todos os portuguezes o Panorama não pertence a partido algum. Quando se haja de commemorar factos de historia contemporanea a mais severa imparcialidade será, como cumpre, escrupulosamente observada, evitando-se qualquer allusão que possa ferir susceptibilidades melindrosas.

É uma declaração esta que não nos peza de repetir, porque implica uma promessa a que nunca voluntariamente contâmos faltar.

Pelo que respeita á parte material, pelo presente numero poder-se-hão desde já observar os melhoramentos effectuados.

Temos dado a devida satisfação; cumprindo lealmente os nossos deveres para com o publico confiâmos que a sentença final nos não será inteiramente desfavoravel.

OREMOS.

A MEUS FILHOS.

Faz hoje trint'annos... Eu tinha então nove.
Faz hoje trint'annos — meus filhos — que a morte,
Verdugo sedento, que as vidas, á sorte,
Devora implacavel: — que a dôr não commove,

Nem lagrimas ternas, da mãe, que nos chora,
Nem preces, nem rogos, de triste orphandade,
Nem velhos respeitos, gentil mocidade,
Nem quanto na terra se préza, se adora:

Faz hoje trint'annos, que a mim me roubára,
O deus, por Deus posto na terra, a meu lado;

Um guia, um amigo, d'amor extremado;
Um pae, que diz tudo: — nem frase ha mais cara.

Vós sois pequeninos; e tu, meu mais moço,
Qual hoje te eu vejo, me julgo era então.
Os brincos da infancia, só elles — mais não;
Eu via, saudava-os... oh com que alvoroço!

Á nossa morada fronteiro, bem perto,
Erguia-se um templo. — Se o sino tangia,
Que maguas soasse, tangesse alegria,
Erral-o iam todos; — mas eu sempre certo.

Inda hoje me lembram. — Se agora os ouvisse,
Seus sons, conhecia-os. — As fallas, os sons,
Que dizem memorias de tempos tão bons,
Prolongam-se em echos, — da infancia á velhice.

Um dia, já tarde, — depois do sol posto;
O sino, que dobra: só disse = Jesus! =
O pranto rebenta, toldou-se-me a luz;
Meu corpo estremece, desmaia-me o rosto... .

Mas vós assustaes-vos, meus filhos! — Oh não.
Contando o que fôra, sómente não minto:
No pranto, que vêdes, dizendo o que sinto,
Perfumes s'espalham, d'um bom coração.

— Attentos ouvi-me, tranquillos, agora,
Depois, corro, corro... — por que, não direi.
Que força me leva, dizel-o não sei;
Que dôr, em meu peito compresso, o devora.

Meu pae era enfermo. Voei a seu leito:
Seu rosto descubro, que sofrego beijo;
Mas, nem de seus olhos m'eleva um adêjo...
A benção — tributo d'amor e respeito,

Eu peço, eu imploro... — Foi tudo baldado!
Cuidei-o dormido: — que a vista seduz,
A morte, se brilha de candida luz,
Do justo na fronte. — Já tinha voltado;

Eis chôro materno de novo m'attrahe.
No peito os receios augmentam, recrescem;
Abraço-a; e lhe rogo seus prantos já cessem;
Rebentam mais soltos, e diz: = não tens pae! =

Á frase tremenda, que eu mal calculava,
Batêra-me o peito, d'estranho sentir:
Nem já, da mãe triste seu triste carpir,
Pedíra enxugasse... — Se eu tambem chorava!

— Ai! perda, tão grande, meus filhos não ha!
Nem vosso conceito seu pezo inda alcança.
De vós, o mais velho, p'ra tal, é creança...
Que tarde vos chegue: — bem tarde... oxalá!

— É perda, meus filhos, jámais resarcida.
É fonte de magua, que nunca s'esgota;
Que ás flores da vida seu brilho deshota...
Em almas sensiveis, eterna ferida.

¡ Que duras mudanças em casa nos traz!
Respeitos, desvélos, constantes favores,
Que, ha pouco, a cercavam de vivos fulgores;
São nevoa, que foge, — que á luz se desfaz!

Sorriso, louvores, que, ha pouco, nos deram;
Palavras d'affecto, prudente conselho;
São ôcas imagens, de gélido espelho,
Mentidas, sem alma... — quaes elles só eram!

O d'hontem amigo, nos olha indifferente;
Encantos d'outr'ora, são hoje torpeza;
Os dotes, as prendas, d'eterna belleza,
Em uivos, a inveja, nem esses consente!

— Que perda, meus filhos, a perda d'um pae!
Faz hoje trint'annos, coubera-me em sorte.
— Qual barca perdida, sem rumo, sem norte,
Que ao jogo das ondas, arriba, descáe;

Assim eu ficára. — Mas, viva, brilhante,
A luz socegada de candida estrella,
Que, n'alma, em reflexos, eu via, tão bella,
Aviso, coragem me dava constante.

A estrella, meu guia, — sabeis vós qual era?
Exemplo, sem mancha, d'honrado viver;
Legado paterno, — que é maximo haver;
Que mesmo da campa transluz, reverbera!

D'humilde oratorio, — na lampada accesa,
Nas portas patentes, — ahi vêdes agora,
A perda, meus filhos, que um filho deplora;
Que vida, que amparo, que amor, que riqueza!

A divida é santa. Solvel-a impossivel.
— Lancemos, na concha, d'eterna balança,
Ao menos tributo de viva lembrança;
Effluvio saudoso de peito sensivel.

— Agora, meus filhos, as frontes curvemos.
Assome, nos labios, fervente oração;
Que é flor, que vegeta no bom coração,
O céu perfumando... Meus filhos — oremos.

Mafra, 25 de novembro de 1854.

J. da C. Cascaes.

D. SEBASTIÃO O DESEJADO (1).

LENDA NACIONAL.

VIII.

Segue este bom rei as pisadas da paixão de seu senhor, assim como a tem impressa n'alma: como verá quem quizer discorrer por todas as suas tribulações, até de desprezos e affrontas: chamado rei por escarneo, e levado, como dizem, de Herodes para Pilatos.

D. João de Castro.

O EMPRAZADO.

Era ao declinar de uma tarde de abril, sob o bello céu de Napoles. A briza, perfumada pelas flores e fructos, de que tanto abundam os contornos da cidade, ondeava voluptuosamente por sobre as moradas de seus felizes habitantes, e distendendo-se pela ampla bahia, encrespava levemente as aguas, como um sorriso nas faces de formosa donzella. No oriente, como no occaso, uma larga cinta de purpura e ouro confundia o nascer com o saudoso pôr do sol; porque á

(1) Continuado de pag. 416 do vol. XI.

proporção que o astro do dia rareava seu brilho, occultando-se no occidente, um astro da noute, a cratera do Vesuvio vomitava na outra extremidade do golpho chammas intensas e torrentes de lava, que adquiriam mais esplendor com a aproximação das trevas.

Quem deixaria de sentir-se fascinado á vista de tão magestoso quadro?... Quem! Os pobres pescadores de Portici, e mil outros infelizes, avexados com tributos pelos delegados d'el-rei de Hespanha; os *lazzaroni* cobertos de andrajos; os martyres politicos encerrados nos castellos de Santelmo e do Ovo; os pacificos moradores, que no interior de suas casas, no meio de suas familias, se não julgavam immunes da sanha de um governo inquisitorial; e um desgraçado prizioneiro que, desamparado dos homens, e suppondo-se igualmente desamparado de Deus, jazia carregado de ferros no castello de uma galé, que estava surta no porto. Oh! esse olhava com estupida indifferença para a cidade, elevada em gracioso amphitheatro sobre as aguas; para esse cinto de vegetação que a estreita, cortado aqui e ali por algum sumptuoso mosteiro ou palacio campestre desde Loreto até ao pittoresco monte Pausilippo; e para o fundo do painel, que se enxergava longe, lá bem longe, o cume dos Apenninos, estampado no mais puro azul celeste.

Nossos leitores adivinharão facilmente quem era este homem; e dispostos de antemão, como devem estar, para assistir á execução de todas as barbaridades que a maldade humana pode inventar, reflectindo que é nas garras dos patricios de Pizarro e de Cortez que o infeliz caíu, tenham a bondade de seguir-nos até ao cáes, e ahi, confundidos com a plebe que se apinha para gosar de um espectaculo doloroso, presenciaremos uma scena que ata o fio d'esta chronica, partido ha alguns dias em outro bello logar d'esta poetica e invilecida Italia.

Um batel abicou á terra, e alguns mosqueteiros desembarcaram d'elle, conduzindo entre si um homem duramente algemado; afastando graciosamente o povo com as coronhas dos mosquetes, estes tyrannetes se abriram caminho até ao Castello Novo: pela ponte levadiça atravessaram o fosso, entraram em uma vasta plataforma erriçada de bombardas, e, tendo subido alguns lanços de escada, penetraram em uma sala de pedra, cujo ornato eram armas antigas e brazões.

Um homem estava ahi, em pé e descoberto, talvez porque o calor já começava a sentir-se n'este clima temperado, posto que a primavera estivesse apenas a começar; vendo aproximar-se o prezo, deu alguns passos a encontral-o... mas qual não foi o seu espanto ao ouvir aquelle infeliz algemado dirigir-lhe estas palavras:

—Cobri-vos, conde de Lemos; sabemos que direito vos assiste para o fazer em nossa presença, como grande de Hespanha que sois.

Houve um momento de silencio. Depois o vice-rei arremetteu com o desgraçado prizioneiro, cobrindo-o de injurias, e enumerando todos os supplicios que o esperavam, se para logo não retractasse publicamente as declarações que havia feito de ser D. Sebastião, rei de Portugal; se não se deixasse considerar como pescador da Calabria, como filho de uma pobre mulher, que brevemente lhe seria apresentada, como amigo da infancia de um soldado, que dizia havel-o reconhecido em Florença por Marco Tullio o calabrez; porém o homem a quem se dirigiam tantas affrontas e ameaças, aquella alma de mais rija tempera do que o metal que lhe agrilhoava o corpo, similhante ao promontorio sobre cuja cabeça estoura a tempestade, e que, inabalavel, só repete com surdo fragor o mesmo estampido, teve unicamente voz para dizer:

—Eu sou D. Sebastião, rei de Portugal; tu és um vil, és um infame, porque o sabes e negas.

—E não vês que te posso matar? replicou o vice-rei, rangendo os dentes, e apertando convulsamente o punho da espada.

—Por ti o mister de algoz ficaria deshonrado, respondeu socegadamente o prizioneiro.

Nunca a hyena mostrou com mais ferocidade os agudos dentes ao arremetter com o caçador, do que o conde de Lemos diante d'aquelle homem.

—Para o castello do Ovo, gritou elle com um rugido de tigre.

E os soldados travaram do infeliz algemado.

—Para o castello do Ovo, repetiu o prezo com gesto de inspirado e na postura de um propheta. Vou morrer... mas emprazo-te para de hoje a trinta dias, diante de Deus!

O prizioneiro havia já desapparecido: reinava o silencio na sala; porém uma voz rouca, como de ave agoureira, sinistra como a de um condemnado, murmurava a espaços uma palavra fatal: «Emprazado!» Era a voz do vice-rei.

O castello do Ovo, assim chamado pela sua configuração elliptica, está situado sobre um rochedo, e separa-o da cidade uma extensa ponte. No mesmo sitio aonde outr'ora Lucullo teve palacio e jardins deliciosos, onde o ruido das danças, a alegria dos banquetes, a embriaguez da orgia faziam esquecer o amargo da vida, estavam agora pezadas abobadas, estreitos calabouços, abafando os suspiros de infelizes, suffocando o estertor de moribundos! Lá gemia o verdadeiro ou falso D. Sebastião, havia tres dias, sem lhe haverem dado alimento algum... nem agua! Sem ver uma face humana, até que appareceu um carrasco agaloado. Vendo com espanto que o prizioneiro ainda estava vivo, o esbirro saiu da masmorra sem dizer palavra. Passadas algumas horas um verdugo inferior veiu trazer ao prezo um pão negro e uma bilha com agua: o infeliz devorou o pão, e bebeu todo o liquido de uma vez, sem lhe lembrar que pudesse ter veneno; depois, o mesmo carcereiro trouxe-lhe um cutelo e um baraço.

—Escolhei, lhe disse, é a ordem do vice-rei; servi-vos da corda ou do ferro: assim evitareis uma execução publica.

E saíu.

O prezo olhou alternativamente para o baraço e para o cutelo; apanhou cada um d'aquelles instrumentos de morte com uma das mãos, contemplou-os de espaço, e sorrindo; depois, por uma subita resolução, seus olhos chammejaram, e bradando com força: «Não!» arremeçou para longe de si aquelles objectos de tentação para um desgraçado.

Cinco dias eram passados, e vieram de novo examinar se tudo estava concluido; porém o prezo movia-se e fallava.

—Prodigioso! clamaram os sayões.

—Podeis levar esses instrumentos de morte; não me servem. Quero ser executado na *praça do Rei*, em publico.

—Seja como dizes.

Era um novo interlocutor que proferia estas palavras. A sua voz soou aos ouvidos do encarcerado, como o dobre de um sino. Recordou-se de a ter ouvido outo dias antes; não se enganava.

—Cumpra-se a vontade do condemnado, proseguiu o vice-rei.

—Condemnado estás tu pela justiça divina; só faltam vinte e dous dias.

—A ti, um só. Prepara-te para ámanhã.

E saíu, e saíram os guardas. O desgraçado, quando se viu só, atirou-se de joelhos sobre o humido pavimento do carcere, uniu as mãos, e repetiu com fervor estes versiculos de um dos psalmos de David:

«Senhor, guia-me na tua justiça: dirige diante de teus olhos o meu caminho, por causa de meus inimigos.

«Porque na bôca d'elles não ha verdade: o seu coração é vão.

«A sua garganta é um sepulchro aberto; elles se serviram das suas linguas para enganar: tu, Deus, os julga.»

. . . . . .

No outro dia, era o ultimo do mez de abril, um prestito horroroso atravessava lentamente a extensa *rua de Toledo*. Alguns archeiros da guarda do vice-rei conduziam entre alas um homem carregado de algemas, e montado em um jumento, levando, por desprezo, a face virada para a cauda do animal; o padecente ía pallido e abatido. Uma trombeta tocava com determinado intervallo de tempo; o prestito parava então, e um pregoeiro bradava:

—Justiça que manda fazer el-rei de Castella n'este homem, condemnado ás galés por toda a vida, por se ter intitulado D. Sebastião, rei de Portugal.»

—Sim, eu o sou, respondia uma voz fraca, cada vez que soltavam o pregão.

—Como o rei de Penamacor, dizia um do povo, por escarneo.

—Como o rei da Ericeira, clamava outro, rindo.

—Parece-me muita constancia para um impostor! disse em voz baixa um homem sisudo, dirigindo-se a um seu amigo.

—Tambem a mim, respondeu o outro. Que pode elle esperar da sua pertinacia?

—Aqui ha grande mysterio! retruquiu o primeiro: os hespanhoes temem-se d'elle, e por alguma cousa é.

—Sem duvida; aliás tel-o-iam conduzido a Lisboa, que era a unica maneira de desenganar os credolos.

Os discursos d'estes homens pareciam razoaveis (pena é que a historia nos não conservasse os seus nomes), porém a população, que nada mais ambiciona do que espectaculos, que vê com a mesma satisfação rolar sobre o cadafalso a cabeça de um martyr ou a de um tyranno, assistia alegremente a este hediondo festim, arremeçava pedras ao desgraçado, e gritava-lhe aos ouvidos, por zombaria: «Viva el-rei de Portugal!» Como o Redemptor do mundo, subindo ao Golgotha, entre os brados de «Salve, rei dos judeus,» soltados por uma populaça estupida e má, este novo martyr (impostor ou rei?) foi levado até ao cáes, e embarcado em uma galé real, para, amarrado a um banco de remador, servir nos mares da Sicilia. Não se haviam atrevido a sentencial-o á morte, porque a mãe de Marco Tullio Catissoni não reconhecêra o prezo por seu filho; e o soldado, amigo de infancia, em que lhe fallára o vice-rei, arrependeu-se a tempo, e declarou em publico que fôra comprado para testemunha falsa (1).

Passados alguns mezes voltou da Sicilia a Napoles o nobre captivo, e perguntando quem era o vice-rei, responderam-lhe que era o conde de Lemos.

—O conde de Lemos! tornou o prezo com a expressão de um incredulo: pois não morreu?...

—O conde moço... que o pae finou-se no mez de maio.

—Providencia divina, existes!

(Continúa.)

F. M. Bordalo.

(1) D. João de Castro, na obra já citada.

LISBOA.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DO LORETO.

Entre os muitos e magnificos templos que se admiram em Lisboa, e dão claro testemunho da religiosidade dos seus habitantes, distingue-se o de Nossa Senhora do Loreto.

Não deve este porém a sua fundação aos nossos conterraneos, senão aos piedosos italianos residentes na capital.

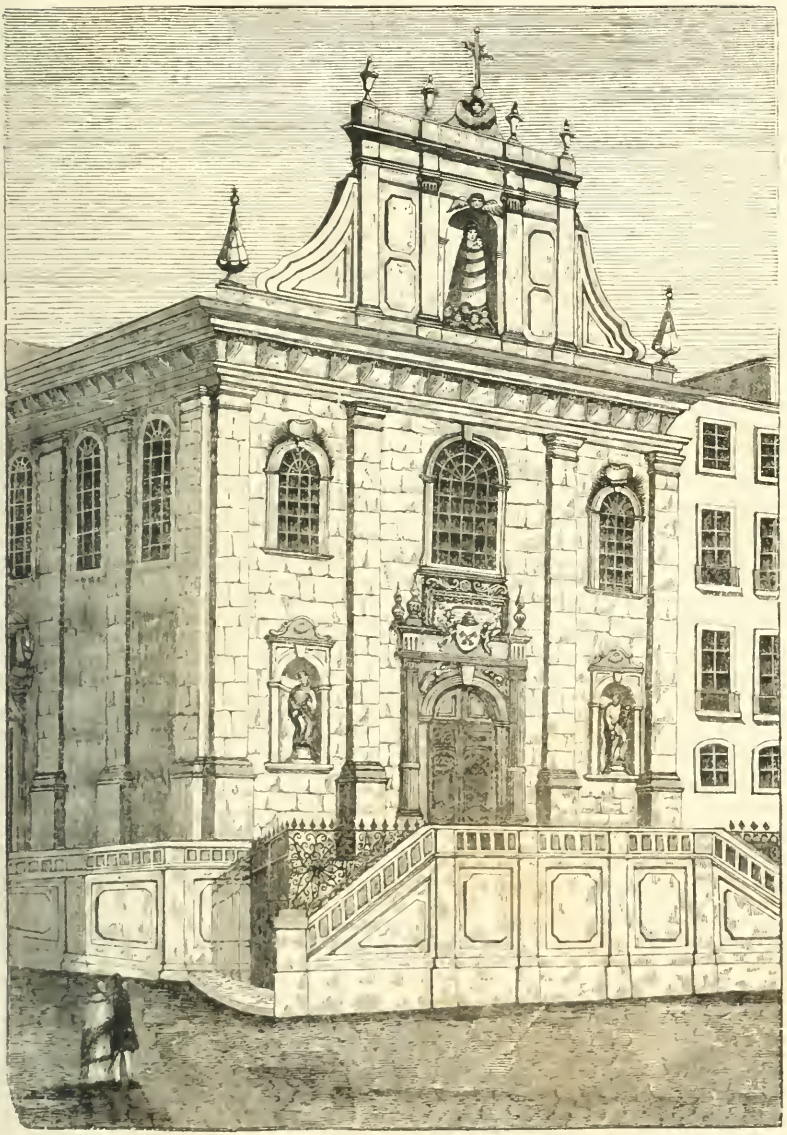
Emporio de um immenso commercio, Lisboa era no seculo XVI uma das mais importantes cidades da Europa. Grande numero de estrangeiros aqui viviam; porém a maior parte d'elles tinham por patriam a formosa Italia.

Uma prova d'esta asserção é que, pelos annos de 1517, impetrada e obtida a necessaria permissão do papa Leão X e de el-rei D. Manuel, puderam fundar a sua primeira igreja, em uma ermida da invocação de S. Antonio, que para esse fim ampliaram, e a qual ficava contígua ás antigas portas de S. Catharina, mas da parte exterior das muralhas da cidade. Por breve do concilio lateranense, passado em abril de 1518, confirmado por Leão X, e depois por Clemente VII em 1523, e por Benedicto XIII em 1726, foi annexada aquella igreja a este cabido. A primeira missa celebrou-se no novo templo em 8 de janeiro de 1522, já no reinado de el-rei D. João III. Não se cuide todavia que a igreja estava inteiramente concluida n'esta epocha; para esse fim carecia-se demolir uma das torres da cêrca de defeza, e D. João III não permittíra tal demolição; que só foi aliás consentida pelo infeliz D. Sebastião, mediante certas condições, a que os italianos se obrigaram, por escriptura lavrada aos 24 de abril de 1577.

Não pararam aqui as pretenções dos fundadores, antes concluidas as obras de edificação, requereram que a sua igreja fosse elevada á cathegoria de parochia de todos os italianos residentes em Lisboa. O cabido d'esta cidade oppoz-se energicamente, elevando suas queixas ao papa Paulo III, o qual commetteu o exame de tão espinhoso negocio ao tribunal da Rota, decidindo este a final que era impossivel a creação d'aquella parochia sem consentimento especial e expresso do cabido lisbonense.

Cinco annos depois, ou porque o cabido entendesse dever prestar um testemunho de gratidão ao tribunal da Rota, que lhe reconhecêra o seu direito, ou por outros motivos, que não é facil hoje averiguar, os italianos alcançaram o que tantas vezes haviam infructuosamente solicitado, sendo com effeito erigida a nova parochia, do que se lavrou auto solemne.

Era o templo, segundo a opinião dos escriptores contemporaneos, digno em todo o ponto da cidade em que fôra edificado, e da opulencia dos fundadores. As suas alfaias e ornamentos eram de uma riqueza e primor admiraveis. Um incendio violentis-



LISBOA — IGREJA DE NOSSA SENHORA DO LORETO.

simo reduziu tudo a cinzas no dia 29 de março de 1651, salvando-se apenas, e com algum custo, o cofre do Santissimo Sacramento.

O prejuizo foi enorme; todavia, poucos dias depois, começaram os trabalhos de reconstrucção, que se ultimou passados vinte e cinco annos, sendo todas as despezas, que foram, como é de suppor, avultadissimas, á custa dos habitantes de nação italiana.

Parece que por esta occasião ficára de nenhum effeito o contrato que haviam celebrado com o cabido lisbonense; releva porém advertir, que apesar da decisão da lezacia, que o annullára, foi visitada esta igreja em 25 de agosto de 1677 pelo cardeal arcebispo de Lisboa D. Luiz de Sousa, e em 29 de outubro de 1725 pelo doutor Manuel Lopes Simões, por mandado do cardeal patriarcha D. Thomaz d'Almeida.

O terramoto de 1755 não causou consideravel prejuizo, na igreja de Nossa Senhora do Loreto, mas um incendio subsequente, communicado pelos telhados do palacio do secretario de guerra, João Pereira da Cunha Ferraz, cujos vestigios ainda existem na travessa conhecida pela denominação do secretario de guerra, consumiu totalmente o templo, com todas as alfaias que n'elle se encerravam, que eram muitas e preciosas.

Artisticamente a perda foi ainda mais lamentavel, porque se perderam no terrivel sinistro os quadros, que ornavam os retabulos dos altares, devidos, na maxima parte, a pintores de muita nomeada; bem como quatorze estatuas de jaspe soberbo, representando os doze apostolos, e dous evangelistas, S. Lucas e S. Marcos, que guarneciam a igreja, mettidas em nichos sobre as capellas.

Na sacristia, que escapára do incendio, continuaram comtudo a celebrar-se os officios divinos, em quanto se não concluia a nova igreja, o que aliás se conseguiu em poucos annos, graças á nunca desmentida generosidade e piedade dos meradores italianos, e á efficaz cooperação do nuncio apostolico.

Está situada a igreja de Nossa Senhora do Loreto em sitio aprazivel; a fachada principal olha ao sul, e faz frente á da igreja parochial de Nossa Senhora da Encarnação, no sitio que por esse motivo se chama Largo das Duas Igrejas. A fachada lateral olha ao poente, e corre na direcção da rua denominada de S. Roque.

A estampa representa a fachada do lado do sul; duas escadas, guarnecidas de balaustradas de pedra excellente, com portas e grades de ferro, collocadas modernamente, conduzem á porta principal do templo, decorada como fielmente o indica o desenho. Ao lado da porta, mettidas em nichos, vêem-se as estatuas de S. Pedro e S. Paulo, obra de boa esculptura; e na parte superior da fachada, e em um nicho tambem, está a estatua colossal de Nossa Senhora do Loreto, trabalho do peior gosto e effeito, que pode imaginar-se. Em geral o templo, construido de solida cantaria, não se recommenda pela sua perfeição architectonica. O estylo é pezado, e um exame escrupuloso, que aliás não é proprio d'este logar, lhe demonstraria não poucos defeitos de arte.

Interiormente é a igreja de uma unica nave, mas espaçosa; tem cinco capellas do lado da epistola, quatro da parte do evangelho, occupando a porta travessa o vão de uma, e duas collateraes da capella-mór, que é mui rica. As paredes e os altares são revestidos de finos marmores, perfeitamente polidos nos apainelados, e esculpidos com singular esmero nas obras de decoração. Sobre as capellas estão os nichos onde se admiravam as estatuas dos apostolos, e dos evangelistas S. Lucas e S. Marcos. Como a sua substituição fosse cousa despendiosissima, Cyrillo Wolkmar Machado encarregou-se de as pintar no fundo dos ditos nichos, e o executou com tal pericia, que illudem os menos experientes e os desprevenidos. O grande quadro do tecto, representando Nossa Senhora do Loreto, e os anjos transportando a sua casa, foi pintado por Pedro Alexandrino de Carvalho, a quem se devem alguns dos melhores quadros, que se admiram nas igrejas de Lisboa. É força confessar porém que este a que nos referimos talvez seja o menos apreciavel dos seus numerosos trabalhos, posto que n'elle resplandeçam algumas das preciosas qualidades que distinguiam aquelle bem conhecido artista.

Finalmente a igreja de Nossa Senhora do Loreto, se nem pela sua perfeição architectonica, nem pela sua antiguidade, merece a qualificação de monumental, pela solidez de sua construcção e riqueza de suas decorações pode equiparar-se ás melhores da moderna Lisboa.

OS IRMÃOS MORAVOS.

EXTRACTO DA OBRA DE J. DROZ SOBRE O CHRISTIANISMO.

Os nossos actuaes innovadores dividem-se em differentes systemas, accordes todos porém n'um ponto; olham com desprezo profundo as reformas lentas e parciaes. Para nos levarem á *idade de ouro* pretendem estabelecer a ordem social sobre novas bazes. Até hoje o successo não realisou nenhuma das suas brilhantes e faceis promessas.

E não é porque seja impossivel formar sociedades mui differentes da nossa; para prova apresentarei a existencia dos irmãos moravos. Nos seus estabelecimentos não se conhece a miseria, todos vivem pacificamente e em união; prosperam em numerosos pontos da Europa e da America; penetraram na Asia, na Africa e n'essas ilhas longinquas; por toda a parte se apresentam animados do mesmo espirito. Desejei saber como elles tinham conseguido realisar fins tão beneficos, e fui visital-os á aldeia de Zeist cêrca de Utrech.

A sua sociedade differe muito da nossa no que respeita ao moral, sem que os seus fundadores alterassem em cousa alguma as bazes ordinarias da ordem social. Viajantes ha que acreditaram o contrario; lançaram para o exterior da habitação dos moravos uma vista d'olhos, e tendo apenas lobrigado o interior de uma especie de bazar, cheio de objectos fabricados pelos irmãos e vendidos pela sociedade, concluiram d'ahi, que cada irmão trabalhava para todos, pondo em commum os productos da sua industria; tal idéa porém não é exacta.

Os moravos consideram a desigualdade dos bens como um poderoso meio de união e dependencia reciproca entre os homens. A agricultura na sua sociedade, assim como na nossa, tem proprietarios, rendeiros e jornaleiros; a industria emprezarios, mestres e operarios. As rendas e as ferias, ou salarios, são ajustados por accôrdo entre partes; sendo certo que cada irmão é tão senhor como nós de dispor do que lhe pertence (1).

(1) O bazar é estabelecido pelos anciãos *seniores*, que administram a sociedade — ali se vendem objectos comprados aos artistas moravos e a outros.

A boa união das familias é o alvo constante da sociedade dos moravos; e por isso gostam de se aproximarem uns aos outros, sem comtudo viverem em commum. A sua principal habitação em Zeist é um espaçoso edificio, composto em parte de casas que no exterior parecem formar uma só, mas sem communicação interior (1); nenhum irmão tem por obrigação morar n'elle; nem é necessario para a existencia da sociedade um vasto edificio. A mais elegante casa de Zeist pertence a uma viuva morava, amada e venerada pelos seus numerosos beneficios.

Em algumas cidades acham-se os irmãos confundidos com os demais habitantes; então é-lhes mais difficil ajudarem-se mutuamente; porém não os desanimam os obstaculos, que vencem com o sentimento que os anima.

O que tantas vezes tem sido repetido do poder discricional dos anciãos a respeito dos casamentos, não passa d'uma fabula. É tão pouco conhecida esta sociedade, que em uma obra sobre os *reformadores*, publicada ainda ha poucos annos, lê-se «que os moravos não tem sacerdotes:» tendo aliás bispos, pastores, diaconos e acolytos.

Não foi com instituições estranhas, nem costumes extravagantes que esta sociedade conseguiu realisar os seus intuitos. Onde foi ella pois buscar a união, a paz e a ventura que desfructam os seus membros, e que patentea a sua serena physionomia, quasi sempre animada d'uma amavel alegria?... A origem de tantos bens é o sentimento religioso que domina nas suas almas. Estes irmãos são christãos; posto que desgraçadamente separados da Igreja catholica. Commettem erros, e estão privados de grandes soccorros espirituaes; mas n'esses restos que conservaram existe ainda um principio de vida.

A cousa de maior importancia para um morava é a sua salvação; tem a convicção de só a poder alcançar praticando o amor de Deus e dos homens, com a mediação de Jesus Christo; esta disposição do seu espirito, dando-lhes uma grande superioridade moral, torna-os doceis aos dictames da equidade. Por exemplo, não existe auctoridade que estorve a liberdade das suas convenções particulares; mas se consta aos anciãos que alguns jornaleiros exigem salarios excessivos, ou que um proprietario quer pagar soldadas diminutas; heil-os intervindo por via de representações. São homens razoaveis convencendo homens razoaveis; as explicações são sinceras, amigaveis; os que erraram reconhecem o seu erro, e promptamente procuram emendal-o.

Os moravos são fieis observadores das leis do paiz que os admittiu, e até lhes obedecem n'aquelles pontos que a maior parte dos outros habitantes tem menos escrupulo de infringir. Podem livremente invocar a protecção d'essas leis, e recorrer ás justiças do paiz; mas os anciãos dão-se pressa em prevenir o escandalo d'um irmão citando outro irmão aos tribunaes, e por isso as questões concluem-se amigavelmente quasi sempre.

A razão actua incessantemente nos membros d'esta sociedade, mas uma razão esclarecida e fortificada pelo poder do principio religioso.

Quando já proximo a deixar a aldeia de Zeist, me fui despedir d'um pastor (o sr. Raillards), cuja extrema complacencia se não cansou com as minhas tão numerosas perguntas, disse-lhe:

(1) O viver em commum é *somente offerecido* ás pessoas que não possuem sufficientes recursos para poderem viver independentemente.

— Deixo-vos em uma residencia pacifica, e volto a um mundo agitado. Sabeis talvez quanto os nossos operarios estão descontentes com a sua sorte; não existe nos vossos usos alguns que me sejam ainda desconhecidos, e que fosse util transportar ás nossas officinas? — Não, me respondeu elle, nada fazemos de extraordinario, nem temos inventado cousa alguma: as mesmas caixas economicas devemol-as aos estrangeiros. Pois que! não me indicareis meio algum de levar a paz aos homens? — Ha dous. — Ah! dizeime quaes são? — A fé em Jesus Christo, e a pratica das suas maximas. — Mas, repliquei eu com tristeza, bem sabeis quão fraco é actualmente o motor religioso para grande numero de homens. — Elle levantou os olhos ao céu, e disse-me: — Com estes dous meios tudo é facil; mas não existe cousa que os possa substituir!

SZAMONTRO.

AS PRIZÕES DO SPIELBERG.

O Spielberg e Silvio Pellico são dous nomes já agora inseparaveis. Se não fôra o captiveiro de Pellico, o rochedo da Moravia continuaria a ser apenas, o que é de feito, uma prizão de estado sombria e severa; mas no fim de tudo similhante aos outros estabelecimentos da mesma especie. As *Minhas Prizões* arrancaram-na da obscuridade, dando-lhe um renome europeu.

Entretanto quem quizer ter alguma noticia d'esta fortaleza, onde Silvio Pellico esteve encarcerado durante outo annos e meio, não deve buscal-a no seu livro. O auctor das *Minhas Prizões* é sobrio de descripções: do mesmo modo que nos pinta um retrato com quatro pinceladas — e nem por isso elle nos fica menos profundamente gravado na memoria — assim apenas consagra algumas linhas para nos fazer conhecer os carceres que foram sua habitação, e que por pouco não foram tambem a sua sepultura. Os objectos exteriores não occupavam a alma elevada e nobre de Pellico; todos os seus pensamentos erguiam-se do fundo do seu calabouço, para esse mundo invisivel, esse mundo das almas puras, onde temos fé que reside o generoso espirito, que pela sua paciencia no infortunio, bem mereceu a felicidade dos justos.

É pois mister preencher a lacuna voluntaria do immortal livrinho de Pellico. Poucos viajantes têem visitado o Spielberg, porque o governo austriaco não concede facilmente essa especie de auctorisações; e depois, aquelles que obtêem licença de ali penetrar, nem sempre se resolvem — ou por serem allemães, ou por terem algumas relações com a Austria — a revelar ao publico o que viram. A narração que copiámos deve-se a um francez, mr. Remacle, inspector das prizões em França; foi publicada nas *Memorias da academia da Gard*, e traduzida em allemão na *Conversations-Blatt*.

O governador da fortaleza não podia levar á paciencia que se concedesse a um francez a licença de visitar os horrorosos carceres do Spielberg, posto que esse francez estivesse encarregado de uma missão official.

Em primeiro logar releva declarar que a fortaleza de Spielberg, muito tempo reputada inexpugnavel, mas que apesar d'isso caíu em poder dos francezes, vencedores em Austerlitz, está situada ao poente da cidade de Brunn, capital da Moravia, sobre um cêrro de 259 metros de altura. Os prezos que ali se conservam são de ordinario criminosos, pertencentes ao

archiducado d'Austria, da Moravia e da Bohemia, condemnados a pena superior a dez annos de detenção.

O caminho que costuma tomar quem pretende dirigir-se á prizão é do lado da cidade. A cento e cincoenta passos da primeira porta encontra-se uma casa de guarda, que fornece as sentinellas da montanha; depois segue-se um recinto de palissada, e segunda casa de guarda. Uma subida bastante ingreme conduz a uma escada, com portas nas duas extremidades: chegando ao ultimo degrau acha-se em frente da prizão, ficando á direita e á esquerda um caminho de ronda, uma guarita, e o quartel do director.

A prizão admitte criminosos dos dous sexos. Quando mr. Remacle a visitou continha 375 individuos, repartidos em seis divisões, compondo-se cada uma de dez enxovias de grandeza desigual. Além d'isto ha edificios destinados para enfermarias, armazens e officinas. O viajante mediu um dos mais pequenos carceres, similhante áquelle em que vivêra Silvio Pellico antes de se lhe permittir que estivesse junto com Maroncelli; tinha 4^{m}, 50 de largura sobre 6^{m}, 50 de comprimento. A mobilia compunha-se de uma barra, uma manta de lã, uma enxerga, algumas taboas ao pé da cama para pôr o fato, uma bilha, e uma celha de pau. A janella, levantada 6 pés acima do chão, era guarnecida de fortes varões de ferro. Cada carcere tem um fogão, desde que se resolveu aquecel-os metade do anno. A Silvio Pellico, á profunda sympathia que a narração dos seus padecimentos excitou na Europa, é que os prezos actuaes do Spielberg devem o melhoramento da sua sorte. Sabe-se quão pequena era a porção de alimento concedido a cada detido, quando ali esteve o auctor das *Minhas Prizões*. Durante o primeiro anno Pellico soffreu todos os horrores da fome. Se ao menos os alimentos, fornecidos com tanta parcimonia, fossem supportaveis! Só o cheiro provocava vomitos. Entre outros, dava-se ali uma preparação a que os allemães chamam *brenn-suppe*, a qual consiste n'uma fritura de farinha e toucinho. «Era nauseabunda,» diz Maroncelli, companheiro de Silvio Pellico. No Spielberg fazia-se d'ella todos os seis mezes um grande caldeirão, d'onde se extrahia cada dia a porção necessaria. Este detestavel condimento era depois desfeito em agua a ferver! Maroncelli affirma que o seu amigo não podia tragar este nojento liquido; e por isso tirava para fóra as sopas de pão de centeio que n'elle boiavam, e guardava-as para o seu jantar depois de sêccas ao sol!

Depois de Pellico e Maroncelli o regimen alimentar da prizão do Spielberg melhorou. Os prezos recebem agora carne ao domingo, e legumes nos outros dias da semana; a ração de pão augmentou meia libra por dia. Mas ah! porque não haviam de ter as outras prizões austriacas o seu Silvio Pellico? Estas medidas de humanidade restringiram-se exclusivamente ao Spielberg. «Na maior parte das prizões eu vi, diz mr. Remacle, os prezos morrerem tisicos, á falta de alimentação sufficiente.»

Graças igualmente a Silvio Pellico a pena do *carcere durissimo* foi abolida.

N'outro tempo havia no Spielberg duas cathegorias de prezos: uns condemnados ao *carcere durissimo*, outros simplesmente ao *carcere duro*. Os sentenceados da primeira especie eram, todas as tardes, depois do trabalho, conduzidos para horriveis enxovias subterraneas. Ali, prendiam-nos por uma argola enfiada no cinto, a um grilhão de ferro chumbado na parede. Aos pés punham-lhes cadeias; e as mãos conservavam-lh'as em distancia uma da outra por meio de uma barra de ferro. Vejam se era possivel n'esta posição pregar olho? Se gemiam, ou gritavam, o carcereiro introduzia-lhes na bôca uma caixa, do feitio de um pero, cheia de pimenta, que se lhes infiltrava na garganta, pelos buraquinhos que tinha em roda!

Os condemnados á prizão *dura* podem tambem ser seguros á horrivel cadeia de ferro, a que nos referimos, mas unicamente em casos excepcionaes, como por exemplo quando procedem mal...

O *carcere durissimo* é nada á vista dos carceres que têem o nome do imperador Francisco I, os quaes se prolongam pelo fundo de um escuro subterraneo. Tres portas lhe defendem a entrada; e todavia citam-se os nomes dos prezos que têem escapado d'aquella caverna, apesar da vigilancia severa que se exerce dia e noute na fortaleza. De noute principalmente é um nunca acabar de patrulhas, de rondas, de sentinellas, de visitas do director e dos guardas. Mas ainda ha peior do que tudo isto: por baixo d'estes antros, existem outros mais horrorosos e mais lobregos; para os ver são necessarios archotes. As *gaiolas* de ferro, que a barbaria da idade media tinha inventado para encerrar criminosos, encontram-se no Spielberg, e ainda não ha um seculo que se deixou de fazer uso d'ellas. Imagine-se uma jaula formada por grossos barrotes de madeira, atarracados com varões de ferro; uma pequena abertura servia para passar o comer, que ali traziam os guardas, munidos de lanternas, tres vezes cada semana, e outra abertura maior para entrar o prezo, que não podia sequer mover-se. E d'estas havia nada menos de trinta e quatro! No fim de poucos mezes o carcere havia consumido a sua victima!

Isto parece incrivel, mas é verdade; e similhantes horrores praticavam-se, e praticam-se ainda, em grande parte, no seio de uma potencia christã!...

Aquelles senhores que quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura lerão a bondade de o declarar, quanto antes, em Lisboa aos distribuidores; e nas provincias, aos respectivos correspondentes, ou *por carta franca* dirigida ao editor, e acompanhada de uma ordem da importancia da assignatura.

Preços, por anno 1$300 rs., por semestre 700 rs., avulso 30 rs. Para as provincias (franco de porte) por anno 1$570 rs., por semestre 830 rs.

Assigna-se para o Panorama: em Lisboa, na livraria do editor, A. J. Fernandes Lopes, rua do Ouro, n.ºs 227 e 228, e na do sr. Lavado, rua Augusta, n.° 8.

São correspondentes do editor: no Porto, o sr. A. R. da Cruz Continho; em Coimbra, o sr. A. H. Dardalhon; em Vianna do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximiano Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio do Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Bahia, a sr.^{a} Viuva Carvalho & F.°

RUSSIA — NIJNI-NOVGOROD.

Nijni-Novgorod, capital da provincia de Nijegorod, na Grande Russia, é uma formosa povoação, situada nas margens pittorescas do Volga.

Nijni-Novgorod, em idioma russiano, quer dizer *nova cidade baixa*, distinguindo-se assim da antiga Novgorod, que é tambem conhecida sob o epitheto de *veliki*, ou grande.

A população da provincia de Nijegorod era, em 1827, superior a 1.300:000 habitantes, e a da cidade a que nos referimos de 25:000, distribuidos por 3:700 casas.

Nijni-Novgorod é um dos principaes entrepostos do commercio da Russia na Europa, vantagem que deve á sua posição central entre o norte e o meio dia do grande imperio moscovita, á proximidade em que lhe ficam as preciosas minas de Pernic, e á navegação do Volga e do Oka, que ali confundem as suas aguas.

N'aquella cidade encontram-se vastas manufacturas de cordoalha, fabricas de refinação de cebo, fundições de ferro e cobre, e muitos outros estabelecimentos, que revelam a existencia de um povo industrioso e activo.

Para que possa fazer-se aproximada idéa do movimento maritimo de Nijni-Novgorod basta dizer, que no seu porto surgem annualmente 3:000 barcas, tripuladas por 70:000 *bourloki*, ou bateleiros.

N'esta interessante cidade contam-se duas igrejas cathedraes, onde estão depositados os cadaveres dos antigos soberanos de Moscovia. Na da Transfiguração vê-se, entre os tumulos dos arcebispos, o do celebre Cosme Minino, que sacrificou todos os sêus haveres, os seus filhos e a si proprio em defeza da patria, opprimida por usurpadores, e dilacerada pela mais horrivel anarchia, conseguindo salval-a com o auxilio do famoso principe Demetrio Pojarski.

Pedro o grande honrou os seus manes, visitando o jazigo do virtuoso cidadão, que tão finas provas dera de dedicação patriotica.

O imperador Alexandre fez ainda mais, mandando erigir um soberbo monumento de bronze, que representa Cosme Minino e o principe Pojarski, jurando salvar a nação da ruina eminente.

Desde 1817 tem logar em Nijni a celebre feira de Makarief, na qual se reunem todos os annos cêrca de 150:000 pessoas de diversas nações. Esta feira, que pode considerar-se como a mais importante da Europa, dura todo o mez de julho, orçando-se o movimento das transacções ali effectuadas regularmente na enorme somma de 100 milhões de rublos de prata, ou setenta mil contos de réis da nossa moeda!... 1)

Ha fidalgos sem serem cavalheiros: e cavalheiros sem serem fidalgos.

M. Carvalho — Aphorismos.

1) Malte Brun Geographia

D. SEBASTIÃO O DESEJADO.

LENDA NACIONAL.

IX.

. . Por onde em alta voz, quanto posso, testemunho e certifico ser o verdadeiro rei D. Sebastião nosso senhor: assim como Deus é Deus.

D. João de Castro.

MYSTERIO.

Vae alta a noute; e a lua, passando nos céus, reflecte seus raios amortecidos sobre as aguas do Mediterraneo, e dá aspecto de cadaver ao antigo castello de S. Lucar. Tudo ali parece sepultado em profundo somno, á excepção dos atalaias, que, a intervallos, rompem esta triste mudez com seu rouco bradar álerta; mas a verdade é que não são unicamente elles que velam na feia prizão d'estado.

Não divisaes no fundo de horrivel calabouço aquelle homem cadaverico, assoberbado por pezados grilhões, e face a face com a ultima agonia? A sua unica esperança está posta em Deus! A vida para elle é um fardo pezadissimo, de que deseja anciosamente livrar-se. Nos aposentos do governador tambem se enxergam dous homens, que passeiam agitados; ouçâmos o que dizem:

Duque de Medina-Sidonia.

«Affianço-vos que é o verdadeiro D. Sebastião de Portugal. O proprio Diogo de Sousa confessou á hora da morte ter conduzido para Lisboa o joven monarcha, escapado a custo e mal ferido da batalha de Alcacer. Sabeis como o moço rei era supersticioso? Viu o desalento no seu povo, e não teve animo de se lhe apresentar, vencido, humilhado, e coberto do nobre sangue dos seus cavalleiros. Foi em peregrinação a Jerusalem, aonde muito soffreu em poder dos turcos, até que resgatado milagrosamente, embarcou em Alexandria para Veneza, d'onde pretendia regressar á sua patria. Eis-aqui a cifra que elle me disse haver na espada, com que el-rei me prendou em Guadalupe. Vedel-a? Estava com effeito na parte superior do punho, dentro do globo que o remata.»

Conde de Lemos.

«Credulo sois em demasia, sr. duque. Porque não saberia esse homem um tão pequeno segredo? Se el-rei olvidou de o confiar a v. exc.ª, nem por isso se segue que o guardasse só para si como um mysterio.»

Duque.

«E duas embaixadas a Portugal que Filippe II me confiou, e nas quaes fallei a sós com D. Sebastião? Não vos disse já que o prezo me repetia palavra por palavra toda a nossa conversação confidencial?»

Conde.

«Estaes verdadeiramente um visionario! Feliz foi a lembrança que teve o duque de Lerma de mandar transferir para o interior da Nova Castella o vosso prezo... O dia não tarda a raiar, e pôr-nos-hemos a caminho. Se ficasse mais tempo em vosso poder, receio muito que trocasseis o governo d'este castello pelo commando dos descontentes portuguezes.»

Duque.

«Nunca fui traidor, sr. conde; mas tambem não quero alcançar a privança de Filippe III e do seu valido por tão baixo preço, como é a perseguição de um desgraçado.»

Era uma allusão directa: o conde nada tinha que responder, e o dialogo parou.

O primeiro alvor da manhã começava então a despojar o astro da noute do seu brilhantismo emprestado; o silencio mais completo reinava por sobre aquellas abobadas, quando o som aziago de ferrolhos que corriam, e de gonzos em que rodavam pezadas portas, veiu despertar os dous fidalgos do seu differente meditar sobre o mesmo objecto.

—Adeus, sr. duque, disse o joven conde de Lemos, retirando-se apressado, para ir desempenhar o mister de aguazil; porém Medina Sidonia pareceu não o escutar: ficou algum tempo silencioso, e pregado no mesmo logar; depois arremeçando-se a uma poltrona, exclamou com viva commoção:

—Ah! não o poder eu salvar!

Passado algum tempo ouviu-se o tropear de cavallos, que se alongavam do castello; e os camponezes dos arredores de S. Lucar, que iam começar o seu trabalho diurno, viram passar uma cavalgada de homens armados, acompanhando umas andas, sobre as quaes conduziam um homem com o rosto tapado, e envolto em escuro capote.

Seria elle?...

Para acabar romanticamente esta lenda, deveriamos accrescentar que, ainda hoje, nos arredores da fortaleza *tal* em a Nova Castella, se vê á meia noute uma sombra, e se ouvem plangentes gemidos; que os aldeões das visinhanças dizem ser o espectro de um rei, que anda penando pelos males que acarretou sobre a sua patria; e mil outras cousas muito aterradoras e mysteriosas: porém nós preferimos contar succintamente o que nos consta sobre o assumpto, sem faltar á verdade, que é a belleza das bellezas.

Não nos consta que em nenhum tombo dos castellos e outras prizões de Hespanha, se ache o verdadeiro ou o falso nome d'este homem, depois da saida de S. Lucar de Barrameda, por onde cremos piamente que elle foi assassinado a occultas, d'esta ou d'aquella fórma, porque a sua morte não fez estrondo: isto contra a opinião de mui *conspicuos* escriptores, d'entre os quaes citaremos um, Ignacio de Guevara, que em uma longa epopéa de doze cantos, relata a peregrinação de D. Sebastião. Eis-aqui o que o nosso poeta diz no canto V, estancias XI e XII.

Pelos portos de Hespanha foi levado,
De muita gente foi reconhecido,
E de muita mais gente foi buscado;
Só pelos castelhanos perseguido:
Do duque de Medina visitado,
No animo fiel bem assistido,
Té que por obra poz sua vontade
Sendo causa de sua liberdade.

D'aqui se desterrou o nosso *Ausente*
Por onde o guiou a sua sorte,
Correu a maior parte do oriente,
Habitou muito tempo nas do norte;
Varias nações tem visto, varia gente,
E em varios successos sempre forte:
E assim ha de ser em quanto os fados
Não derem os trabalhos por passados.

Á margem da primeira das outavas que deixâmos transcriptas, se lia no manuscripto, que tivemos na mão por obsequio de um sebastianista, a seguinte no-

ta, como explicação ao texto: «E assim o permittiu Deus em paga d'isto, que fosse sua filha rainha de Portugal.» (1)

O sr. Ignacio Pizarro, no seu *Romanceiro portuguez*, dá, seguindo outra velha tradição, o fim que se vae ver, ao *Cavalleiro da Cruz* (D. Sebastião).

No alto mar navegava
Uma galé castelhana,
Nos bancos d'ella remava,
Preza, a gloria lusitana:
Outra galé, que a seguia,
Dar-lhe caça parecia.

Buscava só a abordagem,
Sem um tiro disparar,
Como se da marinhagem
Recesse alguem matar;
Os arpéus já se lançaram,
Unidas galés ficaram.

A bandeira portugueza
Já ondêa vencedora;
Mas nem galé, nem a preza,
Se viram mais até agora.
Dizem que estão encantadas
N'umas ilhas fortunadas.

Ha muitos enthusiastas do defunto rei, que ainda o crêem vivo... teria hoje 300 annos completos de idade!!!

Dizem que está encerrado em uma *ilha incognita*, esperando a determinação do Omnipotente para estabelecer o *Quinto imperio:* assim o asseguram numerosas prophecias. E um auto vimos nós, assignado pelo capitão, marnja e passageiros de um navio, attestando haverem aportado á tal insula mysteriosa, onde viram e trataram o velho monarcha, já macrobita, de barbas alvas de neve, e armado de ponto em branco. Deve chegar a Lisboa em uma manhã de nevoeiro, á sexta feira: tal é a crença mais geral da patriotica seita dos sebastianistas.

Agora nós. Acreditâmos que D. Sebastião, rei de Portugal, não morreu no dia 4 de agosto de 1578, nos campos de Alcacerquibir; crêmos que era elle o mysterioso personagem, heroe d'esta legenda, que mendigou pela Italia, que soffreu dous annos de rigorosa prizão em Veneza, que foi expulso do seu territorio pela Senhoria, vendido em Florença por um Judas portuguez, arrastado ignominiosamente pelas ruas de Napoles, amarrado ás bancadas dos remadores nas galés da Sicilia, encerrado cautelosamente no castello de S. Lucar, conduzido depois ao interior de Castella, e... morto, não sabemos como. Porém não podemos crêr que as virtudes de D. Sebastião merecessem ao Altissimo um milagre tão especial, que o guardasse por tres seculos, contra a lei commum da humanidade, para vir um dia assolar o mundo com a formação do novo imperio: por conseguinte, antes de soar a trombeta final para a grande assemblea do valle de Josaphat, parece-nos irrisoria a pretenção de encontrar O DESEJADO.

Nota á precedente lenda.

Quando as grandes emprezas alcançam bom resultado, a historia registra-as como producto do valor e capacidade d'aquelles que as commetteram; pelo contrario, se o desfecho é funesto, cabe aos emprehendedores o labéu de inexperientes e temerarios, ou mais ainda. Esta invariavel regra de todos os tempos e de todos os paizes, tem immediata applicação á tentativa gigantesca do joven rei portuguez, que deu objecto aos primeiros capitulos d'este romance. Sem ir buscar precedentes fóra do paiz, nem comparações estranhas ao assumpto, vemos D. João I declarado heroe d'Africa, porque foi feliz na arriscada expedição de Ceuta; e seu filho, o sabio D. Duarte, merece as censuras dos chronistas, porque teve a desgraça de não sujeitar Tangere, e deixar morrer, por necessidade, o infante santo. D. Affonso V ganha o nome de Africano, porque rende Alcacer-Ceguer e Arzila; porém se a sorte lhe continuasse adversa como no primeiro e segundo ataques de Tangere, differente sobrenome lhe imporia a historia. Quem ignora como toda a nação desapprovava as tentativas de descobrimento na Africa e além do cabo das Tormentas, que tornaram gloriosos os nomes do infante D. Henrique, de D. João II e D. Manuel? E que memoria deixariam nas chronicas estes dous soberanos se Bartholomeu Dias e Vasco da Gama fossem menos felizes? Pobre D. Sebastião! Instado por Muley Hamet para o soccorrer; sabendo que Muley Maluco o temia tanto, que se valia de empenhos em Castella para o afastar da empreza; cercado de corajosa mocidade que se propunha a seguil-o com enthusiasmo, e de tantos nobres e prelados, como apontamos no texto, afóra outros muitos que deixamos de mencionar, pois só do appellido de Menezes passaram seis á Africa com D. Sebastião, e cinco Freires d'Andrade, sendo até necessario que o rei determinasse ao duque de Cadaval e a outros que ficassem, contra gosto seu, no paiz; comprehendendo o erro de seu avô em largar aos mouros as praças conquistadas pelos cavalleiros de Affonso V... que falta commetteu elle? Ir em pessoa commandar a expedição? Não segurar antes a successão da corôa? Eis os dous erros que lhe apontam os principaes escriptores! O proprio Fr. Bernardo da Cruz, não allega outras razões de pezo, e diz bem claro que eram essas as queixas do povo, o qual todavia não reprovava a guerra. O exercito não era tão pouco numeroso, nem tão bisonho pela maior parte, como pretenderam sustentar aquelles que justificam tudo pelos resultados; o modo como entrou na peleja attesta sufficientemente o seu valor: circumstancias funestas, algumas das quaes impossiveis de calcular, talvez mesmo a impetuosidade heroica do moço rei e dos seus guerreiros, levaram os portuguezes áquella desastrosa perda. Se a balança da victoria pendesse para o nosso lado, como chegou mesmo a succeder no principio da batalha, D. Sebastião era o arbitro da Mauritania, podia ser, se quizesse, imperador de Marrocos, e o seu reino estendia-se por aquelles algarves d'alem-mar, muito mais solido do que alargando-se por colonias longinquas na Asia e na Oceania.

Deixando porém de parte esta questão, já bastante ventilada por mais competentes escriptores do que nós, cumpre-nos agora confessar que uma ou outra vez faltamos á pontualidade historica no texto do romance, mas sem trahir a verdade essencial dos factos, como, por exemplo, alterando no capitulo III varias particularidades do embarque e da viagem, e, no capitulo IV, dando a morte de Camões como succedida logo depois da derrota d'Alcacer. Em outros pontos, não muitos, supprimos com a imaginação o silencio das chronicas, porque emfim era uma

(1) D. Luiza de Gusmão, mulher de D. João IV

lenda, e não a historia, que nos propuzemos escrever.

Agora, a datar do capitulo V, onde começa o verdadeiro assumpto d'este estudo: «Investigar se era ou não o verdadeiro D. Sebastião aquelle homem que successivamente apresentâmos em Veneza, Florença, Napoles e S. Lucar,» não nos pertence senão a fórma da narração; o fundo foi achado em diversos manuscriptos e impressos, de muitos auctores conhecidos, de outros anonymos, papeis avulsos, rumas de prophecias, e finalmente no livro de D. João de Castro: *Discurso da vida de D. Sebastião*, unica edição, que tem a data de París, 1602, e da qual parece não existirem mais do que dous exemplares, um na bibliotheca real d'aquella cidade, outro, actualmente na bibliotheca publica de Lisboa (suppomos nós) e este obtivemos por algumas horas, ha annos, da livraria de D. Francisco, pae do sr. conde da Silvan, a quem elle pertencia. A maneira por que se expressa o auctor no capitulo XXIV, pagina 126 verso, do seu *Discurso*, referindo-se ao protagonista d'este drama: *Poronde em alta voz, quanto posso; testimunho y certifico ser o verdadeiro Rey D. Sebastiam nosso Senhôr: assi como Deos he Deos;* o tom de convicção do honrado neto do immortal vice-rei, abalaram-nos de tal maneira que para logo tratamos de escrever a lenda, e depois um drama sobre o assumpto, trabalhos que estavam imperfeitamente esboçados de ha muito; porque, sem que pertencessemos jamais á seita dos sebastianistas, desde a juventude, desde que folheamos a primeira vez um livro de historia portugueza, ficamos creudo que D. Sebastião não morrêra na fatal jornada de Africa, e logo se nos alevantou o desejo de estudar cuidadosamente este ponto controverso e interessantissimo da nossa historia.

Algumas palavras pois sobre o assumpto, se não desagrada ao leitor seguir-nos n'este labyrinto.

Miguel Leitão d'Andrade, na sua *Miscellanea*, Jeronymo de Mendonça, na *Jornada de Africa*, e Fr. Bernardo da Cruz, na *Chronica de D. Sebastião*, tres auctores que assistiram á batalha de Alcacerquibir, affirmam que o rei de Portugal morrêra n'aquelle campo; mas o primeiro conta que víra o cadaver do monarcha, porém que, entre os christãos e até entre os mouros, havia duvidas sobre se era aquelle ou não o corpo do rei; o segundo diz que ninguem víra matar a D. Sebastião, e a este respeito nota Diogo Barbosa Machado que «o mesmo epitaphio que está gravado no mausoleu, persuade, como logar do ultimo desengano, a incerteza de ser o verdadeiro corpo do monarcha que em si occulta.» Finalmente, o terceiro, assegurando que se encontrou o cadaver, accrescenta todavia que, no acto de o enterrarem, não foi reconhecido por Martim de Castro dos Rios, chamado expressamente para verificar a identidade do corpo. Outros escriptores, não contemporaneos do successo, alguns dos quaes vendidos aos interesses de Castella, seguem a opinião d'estes tres, mas nem provas, nem raciocinios convincentes nos deixaram. Tornâmos a lembrar ao leitor que se trata tão sómente de investigar se a morte de D. Sebastião teve logar em 4 de agosto de 1578, e não de descutir se ainda estará vivo em 1855. Dada esta necessaria explicação, continuemos.

D. João de Castro affirma ter reconhecido el-rei D. Sebastião no pobre de Veneza, prezo sob o nome de Marco Tullio Catissoni, e dá por testemunhas todos esses nobres portuguezes que puzemos em scena no V, VI e VII capitulos da nossa lenda; conta minuciosamente todas as circumstancias exaradas n'aquelles e nos seguintes capitulos, e consagra exclusivamente a sua longa vida á generosa empreza de defender a innocencia, a verdade e o seu rei. Seria elle visionario? Estaria demente? Ninguem tal disse, nem mesmo os seus mais crueis inimigos. As duvidas sobre a morte de D. Sebastião na batalha de Alcacer, começaram desde logo a ter voga entre o povo. Apenas chegou a armada de D. Diogo de Sousa, espalhou-se o boato de que el-rei vinha a bordo; e parecia justificar esta persuasão o subito regresso d'aquella armada, que abandonára a bôca do rio de Larache e os restos do exercito inesperadamente; tanto mais que se dizia ter recebido a capitanea uns homens encapotados, durante a noute que se seguiu ao dia do combate, e que logo pela manhã levantaram ancoras. D. João tambem foi testemunha ocular da batalha, e só disse d'el-rei: «Fez a derradeira entrada nos inimigos, d'onde se não achou ninguem que o visse matar ou captivar.»

Machado, nas *Memorias para a historia de Portugal*, expressa-se d'este modo ácerca do mesmo assumpto: «Envolto na barbara multidão, desappareceu aos olhos de todos, deixando a posteridade igualmente duvidosa da sua vida como da sua morte.» E mais adiante, tratando dos impostores que em Penamacor, Ericeira e Madrigal (Castella) fingiram de D. Sebastião, accrescenta, a respeito do heroe da nossa lenda: «Excedeu a estes fingidos principes (se é que não foi o verdadeiro) aquelle que appareceu em Veneza em 1598, etc.» Bayão, La Clede, e outros muitos escriptores, assim nacionaes como estrangeiros, se inclinam á mesma opinião, contra a qual apenas ha o testemunho de um só homem, o dezembargador do paço Belchior do Amaral, que affirma ter enterrado em Africa o corpo de D. Sebastião; e essa unica prova de obito serviu para que o cardeal D. Henrique trocasse o titulo de governador, curador e defensor do reino, pela magestade do throno, depois de ter feito proceder á cerimonia de quebrar os escudos, no meio de duvidas e de lagrimas.

Entre os mil testemunhos adduzidos em favor da opinião, que francamente confessâmos ser a nossa, apparece um do soldado Miguel Leitão, do terço de D. Christovão de Tavora, que diz ter visto o rei vadear o Lucus, depois do combate, e outro de um Antunes, creado do cardeal-rei, que assegura ter estado D. Sebastião em Sagres, n'um convento de monges da provincia da Piedade: se estas provas não são valiosas, e não o são, as contrarias tambem pouco credito merecem.

Terminaremos pois esta nota, que já vae bastante longa, repetindo ácerca do destino de D. Sebastião, a avisada opinião de um escriptor serio, como é Diogo Barbosa, que diz «ser tão mal fundada a noticia de ser morto na batalha, como indiscreta a certeza de estar ainda vivo.»

F. M. Bordalo.

CONTRATO DO SABÃO EM PORTUGAL.

O privilegio das saboarias tem sido ha seculos explorado em Portugal por individuos ou associações poderosas, mediante o pagamento ao estado de determinada quantia; mas em manifesto prejuizo dos povos, compellidos a comprar, pelo preço que lhe arbitraram os monopolisadores, um genero aliás de primeira necessidade.

Não se cuide porém que os povos soffreram sempre calados: pelo menos o curioso documento que

abaixo copiâmos, (o mais antigo que a similhante respeito conhecemos), prova que elles sabiam aproveitar as occasiões de representar, por via dos seus procuradores legitimos, contra um similhante privilegio, pedindo a sua abolição.

O documento a que nos referimos, é o *capitulo*, apresentado nas côrtes de 1481-1482, celebradas em Evora. Damos o texto orthographado, quanto possivel, á moderna para sua melhor intelligencia.

Capitulo que falla no sabão e saboarias.

« Senhor. Parece a vossos povos estranho, que de seu azeite e cinza não possa cada um fazer sabão para despeza de sua casa, e que per prema o vão comprar ao rendeiro, que arrendada tem a saboaria, no que o vosso povo recebe muito aggravo e perda, sem até aqui haver corregimento. Pedem-vos por mercê que estas saboarias vossa alteza lhes deixe, e mande que cada um faça livremente sabão, sem por ello incorrer em pena; e quando vossa alteza as não tirar, ao menos mande, que quem o sabão quizer fazer pera sua despeza, que o possa fazer, e não o venda a alguma pessoa, e quem o comprar quizer vá áquelle ordenado, que o tem per licença vossa, e em esto, senhor, fareis muita mercê a vossos povos; e já, senhor, por el-rei Duarte, vosso avô, em umas côrtes que fez em Santarem, foi determinado que per morte do infante D. Henrique ficassem as saboarias ao povo, e as mais hi não houvesse; o que, muito poderoso senhor, vossa alteza deve confirmar e approvar, por fazerdes mercê e justiça a vossos povos. » (1)

SILVIO PELLICO.

Quando em outro logar descrevemos as horriveis prizões do Spielberg, referimo-nos por vezes a Silvio Pellico, esse virtuoso italiano, cujos infortunios excitaram a geral sympathia.

Ainda hoje é quasi um mysterio o motivo porque sujeito dotado de tanta candura incorresse no desagrado do governo austriaco, sendo victima de uma perseguição tão atroz como injustificavel.

Pellico nascêra em Saluzzo, no Piemonte, em 1789. Seu pae, primeiro director de uma fabrica de fiação de seda, e depois chefe de divisão no ministerio da guerra em Turim, deu-lhe uma educação esmerada, não se descuidando de lhe favorecer a inclinação que desde os annos tenros mostrára pela poesia.

Residindo algum tempo depois em Lyão ahi se dedicou o joven Silvio Pellico ao estudo da litteratura franceza. Se continuasse vivendo n'aquella cidade, quem sabe se Pellico adquiriria a popularidade, que lhe grangearam os seus talentos e desgraça?

O novo emprego que seu pae obtivera em Milão, o obrigou a regressar á Italia.

De sociedade com Monti e Ugo Foscolo compoz então a *Francisca de Rimini*, que foi representada em todos os theatros d'aquella peninsula.

N'esta tragedia, como nas seguintes, Pellico procurára imitar a escola de Alfieri: a mesma simplicidade na acção, a mesma clareza, a mesma correcção de linguagem. O successo brilhante d'esta composição fez conhecido o nome do auctor.

Considerado pela alta sociedade de Milão, procurado e consultado por estrangeiros distinctos, que viajavam pela Italia, taes como M.me de Stael, Byron, Brougham, Schlegel, e muitos outros, Pellico concebeu a idéa da fundação de um jornal litterario e politico, o *Conciliador*. O pensamento d'esta publicação era grandioso e patriotico; regenerar a Italia pela litteratura e pela sciencia.

O governo austriaco porém viu, com a desconfiança propria de uma auctoridade oppressora, surgir este pregoeiro das glorias do antigo Lacium: a acceitação que aquella folha merecêra do publico era mais um motivo de receio, que o seu programma inoffensivo não desvanecêra. Com effeito, ao cabo de um anno, quando muito, o jornal, redigido com exemplar moderação pelo afamado auctor da *Francisca de Rimini*, foi supprimido, e os editores e collaboradores mettidos em processo.

Silvio Pellico foi prezo em 3 de outubro de 1820, encerrado na prizão de Santa Margarida em Milão, transferido depois para os carceres de Veneza, e finalmente condemnado a quinze annos de detenção nos calabouços do Spielberg.

Que crime commettêra Silvio Pellico para merecer tão dura pena? Amára com ardor a sua patria; e tanto bastára para que a sua sorte fosse igualada a do salteador e á do assassino!

Deus não permittiu que Pellico succumbisse as privações mais crueis, e em 28 de julho de 1830 póde saudar livre ainda uma vez o formoso astro do dia, na mesma occasião em que uma revolução popular desthronava em Paris a dynastia dos Bourbons, e inaugurava uma nova epocha politica!

Pouco depois publicou Silvio o primoroso livro que, immortalisando o seu nome, cobriu da execração universal o dos seus algozes. E todavia, a victima perdoára-lhes generosamente, como o Salvador perdoára áquelles que o crucificaram.

Todos devem ler as *Minhas Prizões*. É um livro precioso; quem não receberá com rosto sereno as tri-

(1) Archivo nacional. masso 1 de supp. de côrtes, doc. num. 5

bulações que Deus envia á triste humanidade, lendo n'aquellas sentidas paginas como Pellico soffrêra, sem um queixume, os mais barbaros tratamentos; sabendo, depois de tudo, perdoar?

Silvio Pellico falleceu no principio do anno de 1854 na cidade de Turim; e a posteridade, que já começou para elle, o acclama como um dos homens que mais tem resplandecido na Europa moderna pela claridade das suas virtudes eminentemente christãs!

GRATIDÃO.

Non, jamais ma main ne repousse
Ce symbole d'un sentiment;
Mais lorsque la main est plus douce
Je la serre plus tendrement.
LAMARTINE.

Se no mar que se encapella
Ruge o vento com furor,
Para que amaine a procella,
De seu barco off'rece a vela
O nauta, como em penhor.

Se no fragor da peleja
Valente soldado cáe,
E mal ferido a cruz beija
Da espada, que deseja
Qu'um seu filho herde do pae:

Inda tem fallas, coitado,
Para ali mesmo jurar,
Que no seu pobre legado
Viverá o nome honrado
De quem ao filho o levar.

A andorinha constante
Ao sitio em que o ninho faz,
Embora em paiz distante,
Promette voltar amante,
E volta a morrer em paz!

Em longes terras ausente
Jura o amante voltar
Aos braços de quem, doente,
Fugir-lhe a vida já sente,
Se a não vem breve abraçar!

A lua desce á campina
Com seu pallido fulgor,
A aviventar a boninа
Que n'haste morre e se fina
Do sol pendida ao calor!

E no raminho pousada,
Onde a róla os filhos tem,
Vigia a mãe consternada,
Que mão certeira, damnada,
Não deixe os filhos sem mãe.

A Deus o nauta agradece
Já livre da perdição;
O ninho a andorinha tece,
O soldado a mão off'rece
A quem lhe deu o coração!

Só eu recebo um asylo,
E tão mudo hei de ficar,
Que supponham que é sigillo
De vaidade até aquillo
Que a todos devo contar?

Pois enganam-se. No canto
Que m'inspira o coração
Dos affectos o mais santo,
O que tem maior encanto,
Guardo aqui—A Gratidão.

Oxalá qu'inda algum dia,
Quantos a vida tem,
A gratidão que eu dizia
Não seja só poesia,
Possa proval-a tambem!

L. A. PALMEIRIM.

A ALFANDEGA DO PORTO.

O Porto é uma bella e grande cidade, que todos os dias cresce, e mais sem duvida cresceria se se fizessem alguns melhoramentos de que muito carece.

Não ha uma boa barra, havendo importantes sommas applicadas para as obras d'ella. Não ha um lazareto. Não ha uma casa de alfandega.

Por falta de uma boa barra, os naufragios são repetidos. E não vae ainda longe um, que cobriu de luto a cidade, pelas muitas e notaveis victimas que n'elle pereceram, á vista de uma população immensa, estendida pela praia, que lhes não póde valer. No principio do actual inverno, o seu estado tem peiorado muito; e se continuar a peiorar, que será do Porto, sem navegação e sem commercio? ou que será da nação, privada dos recursos que tira do Porto?

Por falta de um lazareto, os navios chegados de paizes suspeitos, vem-se obrigados a irem fazer quarentena a Vigo, quando ahi não reina alguma epidemia, ou a Lisboa, com grande detrimento do commercio; e alguns navios, que não foram a uma parte nem a outra, já por duas vezes aqui trouxeram a febre amarella, que, se não fez maiores estragos, foi isso devido á salubridade do clima.

Da falta de uma casa de alfandega, quem ha que não comprehenda os prejuizos que resultam? Ha trinta annos, sendo eu corregedor e provedor da comarca, informei circumstanciadamente o governo, ácerca d'estes prejuizos, da necessidade e dos meios de se levar a effeito uma obra tão necessaria. A minha informação, se se não tiver extraviado, ha de achar-se na secretaria da fazenda.

Tres locaes havia, entre os quaes então se dividiam as opiniões. Pensavam uns que a alfandega devia edificar-se e estabelecer-se em Miragaia, sitio baixo e sujeito a innundações. Outros, no espaço que occupava o antigo convento de S. Domingos, sitio um pouco distante do cáes, alto, incommodo e dispendioso para as conducções das cargas ou fazendas desembarcadas. Outros tinham pelo local mais proprio, e mais correspondente ao fim, o do velho palheiro, servindo de casa de alfandega, e eu fui d'este voto, alargando-se o terreno, pela compra ou expropriação dos contiguos, em que não haveria embaraço, fazendo-se as competentes indemnisações.

E quaes eram os meios, que eu propunha? Os mais suaves que podiam imaginar-se: os de se applicar para isso a divida activa preterita da alfandega, que era sufficiente, sem se tocar nos rendimentos correntes.

Então despachavam-se as fazendas, e entregavam-

se a seus donos, sem previo pagamento dos direitos. Era mui avultada a somma dos que se estavam devendo. E se se lhe desse o emprego designado, ter-se-íam evitado as perdas occasionadas por fallencias supervenientes, assim como se teriam poupado réis 7:000$000 de alugueres annuaes de armazens, que por conta da alfandega andavam arrendados.

Posteriormente, tem-se fallado, tem-se meditado muito em se levantar esse tão retardado edificio, de que todos reconhecem a necessidade: e é cousa estranha, que trinta ou mais annos de meditações não tenham sido bastantes para se assentar n'um plano, e se ver surgir uma casa, que não deve ter a grandeza de alguma pyramide do Egypto, nem do palacio de Augusto, augmentado por Tiberio e por Caligula, em Roma.

Mais recente foi a lembrança da creção da casa da bolsa, bella obra, mas de uma utilidade secundaria; na qual os negociantes se não tem costumado a juntar-se, juntando-se ainda na rua de S. Nicolau, onde se abrigam dos ardores do sol, procurando a sombra das casas; e da chuva, recolhendo-se nos portaes.

E a construcção do edificio da bolsa, com quanto n'isso muito se despendesse, não é argumento para que deixe de se fazer o da alfandega; é uma razão de mais, para que elle se faça. Se não houve duvida em se despender n'aquillo que não era se não util, como ha de havel-a em despender-se com aquillo que é de absoluta necessidade?

Para a construcção da bolsa, concedeu-se uma annual quantia, deduzida dos rendimentos da alfandega; e porque se não concederá outra, para a construcção da mesma alfandega?

Nem parece que isso iria occasionar um intoleravel desfalque, pois o rendimento da alfandega do Porto é muito avultado, como consta dos mappas officiaes. A receita da referida alfandega, nos annos economicos abaixo indicados, foi a seguinte:

1847–1848	rs. . . .	2.063:620$753
1848–1849	»	1.891:347$634
1850–1851	»	1.813:766$999
1851–1852	»	1.883:060$535

E se não ha difficuldade nos meios pecuniarios para a empreza de que se trata, tambem a não ha do lado da sciencia ou da arte, como a ha para outros objectos. Não é para ella necessario que a nautica e a medicina se reunam para nos dizerem como havemos de livrar-nos das epidemias importadas de remotos portos. Não é necessario que venham estrangeiros ensinar-nos como hão de quebrar-se os rochedos no fundo do mar, ou como se ha de abrir uma nova estrada, pela qual passem incolumes essas machinas fluctuantes, tão sujeitas a naufragar. Basta que o governo dispense uma modica porção d'aquelle grande rendimento, e que diga: fiat, e tudo se fará.

Este fiat porém deve ser dito sem demora, assim pelos expostos motivos, como para se occuparem braços, que na desgraçada epocha em que nos vemos procuram pão e trabalho, e não acham trabalho nem pão. A judiciosa maxima que diz que «a fome chega á porta do official, mas não ousa entrar,» é exacta em tempos normaes, e não nos extraordinarios das fataes calamidades, que flagellam as nações.

José Joaquim Rodrigues de Bastos.

RUNA.

Este pequeno logar está situado deliciosamente no centro de uma planicie cercada por elevados montes, que quasi a fecham, dando-lhe a fórma de uma vasta bacia. Se não fôra a pasagem, que franqueam ao rio Syrandro, todas as saídas de Runa seriam mais ou menos ingremes subidas.

Poderoso no inverno com as muitas aguas, que recebe dos montes visinhos e de varios ribeiros, o Sysandro é pobre no estio, conservando apenas em algumas partes pegos profundos. Todavia apesar da sua pobreza na estação em que mais sensivel e sentida é, ainda assim mesmo affermosea muito toda aquella paizagem com o basto e copado arvoredo, que lhe guarnece ambas as margens.

Runa conta 94 fogos e 381 moradores. As casas, com poucas excepções, são de mesquinha apparencia. A freguezia é dedicada a S. João Baptista, e fica em um grande terreiro chamado o Rocio, passando-lhe pela frente a estrada real, que conduz de Lisboa, e segue até Torres Vedras.

Cereaes e vinho é a sua principal cultura, e quasi a unica que alimenta n'aquella terra o commercio de exportação. De azeite e legumes pouco são, consome por assim dizer quanto cultiva. Porém de duas producções, que possue em abundancia, e que sobresáem em excellencia de qualidade, não tira partido algum por causa do triste estado dos caminhos. Fallo das suas saborosissimas fructas e dos bellos marmores, que encerra em uma pedreira situada a meia altura do monte a que se encosta o edificio do azilo dos invalidos militares, cuja igreja muito se adorna com elles.

Este magnifico edificio, que deve a sua existencia á caridade, e amor patrio da virtuosissima Princeza D. Maria Francisca Benedicta (1), é o objecto que faz conhecido e nomeado o logar de Runa. A vastidão d'esta obra, a magnificencia com que foi começada e levada a cabo, e mais que tudo o fim de tão caridosa instituição, são motivos bem poderosos para dar celebridade a um sitio. Porém ainda quando ali se não erguêra tão sumptuosa fabrica, Runa merecia ser visitada por todos os que sabem apreciar os formosos quadros da natureza. O terreno accidentado dos seus arredores, as viçosas e sombreadas margens do Sysandro, o serpentear de alguns ribeiros, as cascatas de alguns açudes, varios grupos de rochedos entremeiados de arbustos, offerecem aos olhos em todas aquellas immediações paineis encantadores.

A gruta a que deu o nome a augusta fundadora do real asylo é uma curiosidade natural, que deve ser vista por quem visita aquelles logares. Além do valor historico, que lhe provém do apreço em que a tinha aquella princeza, que muito gostava de ir ali tomar alguma refeição, recommenda-se pela engraçada perspectiva da rocha coroada de arvoredo, e por toda a parte verdejando, e finalmente pela amenidade da sua situação.

O Senhor Jesus do Calvrio, ermida edificada sobre rocha na crista de um monte, offerece ao viajante um passeio muito agradavel. Uma larga rua, orlada de arvores, o vae conduzindo pelo dorso da montanha até ao adro, a que fazem sombra cedros e acacias.

A vista que os olhos d'ali relanceam, para qualquer lado que se voltem, não a cria mais bella e

(1) Pode ver-se a historia da fundação, e a descripção d'este importante estabelecimento, bem como a vista geral do edificio, a pagina 110 e seguintes do terceiro volume da segunda serie

variada a imaginação do poeta nem o engenho do pintor.

Runa fica ao norte de Lisboa, a sete leguas de distancia d'esta capital, e a uma legua de Torres Vedras, a cujo concelho pertence. Apesar d'esta proximidade as estradas chegaram a tal ponto de ruina, que só por necessidade se podia emprehender similhante jornada. E isto tem concorrido para que sejam pouco conhecidos dos habitantes de Lisboa aquelles sitios tão pittorescos, aquelle soberbo edificio do asylo dos invalidos militares e palacio real, e finalmente os apreciaveis banhos chamados dos *Cucos*, que para algumas molestias são remedio prompto e efficaz, os quaes estão situados entre Runa e Torres Vedras, junto á estrada, que liga estas duas povoações. Felizmente não tardará muito, que a facilidade das communicações faça frequentadas e prosperas aquellas terras. A estrada pelo systema de Mac Adam, que as deve pôr em contacto com o Tejo na villa d'Alhandra, já está muito adiantada. Concluida que seja, a viagem será breve e summamente agradavel.

I. DE VILHENA BARROSA.

A POESIA.

A poesia nasceu dos campos, e por muito tempo só conheceu esse viver viçoso e perfumado. Veiu a fazer-se dama ambiciosa de mais refinadas delicias; assentou vivenda nas cidades, fez-se muito sabia, muito altiva, muito maledica, muito contradictoria; ora devota, ora impia, ora frívola, ora profunda, mas lá os seus campos nunca se lhe desluziram da lembrança. Em nenhuma parte a ouvirieis cantar combates, viagens, descobrimentos, artes, luxo, amores, ou desejos de melhor vida para além mundo, que lhe não fugisse um olhar de saudade para o seu paraizo de flores. A idade de ouro, que é a sua scisma contínua, posta umas vezes no passado, outras no futuro: a idade de ouro, que era ella, senão a Arcadia, o viver campestre, manso e regalado?

CASTILHO — FELICIDADE PELA AGRICULTURA.

MACHINAS DE VAPOR EM FRANÇA.

No anno de 1845 contavam-se em França:
4:114 machinas fixas.
446 ditas em navios e edificios civís.
313 locomotivas de caminhos de ferro.

Estas 4:873 machinas representavam a força de 218:799 cavallos.

Dâmos em seguida uma nota curiosa, pela qual se prova o augmento progressivo da applicação do vapor á industria e ao commercio n'aquelle florescente paiz.

Em 1840	as machinas a vapor substituiam		143:705	cavallos
1841	»	»	155:085	»
1842	»	»	161:207	»
1843	»	»	177:306	»
1844	»	»	188:847	»
1845	»	»	218:799	»

N'este ultimo anno o trabalho das machinas a vapor existentes em França considerava-se equivalente ao de 1.531:593 operarios!

BIBLIOGRAPHIA.

OS HOMENS DE MARMORE, DRAMA EM 5 ACTOS, PELO SR. J. DA S. MENDES LEAL JUNIOR.

O drama os *Homens de Marmore* veiu illuminar de um fugaz clarão a decadente scena portugueza, e enriquecer o minguado repertorio nacional.

Dado em recitas successivas no theatro de D. Maria II, o applauso, ou antes o enthusiasmo com que fôra recebido na primeira representação nunca esmoreceu. Foi um successo como poucas vezes se tinha visto.

Muitos dos apreciadores conscenciosos do poeta pediam com instancia a impressão do drama, que tão insuspeito e completo triumpho lhe alcançára. Este pedido acaba de ser satisfeito, e os *Homens de Marmore* poderão agora ser gostados ainda por aquelles que diversas circumstancias inhibiram e inhibem de assistir á sua reproducção scenica.

Os *Homens de Marmore* não é só um drama bem traçado. A acção corre simples, naturalmente, sem violencia, sem situações forçadas, até o desfecho, que completa o pensamento philosophico do auctor; os *Homens de Marmore*, mais do que tudo isso, é pela delicadeza admiravel do estylo, e pela correcção irreprehensivel da phrase, o monumento litterario de um dos mais superiores engenhos d'esta terra.

A edição que annunciâmos, vae acompanhada de um proloquio devido á fecunda penna do sr. Rebello da Silva, e de um esboço critico pelo sr. A. P. Lopes de Mendonça.

Vende-se em Lisboa, na livraria do editor, rua Aurea, n.os 227 e 228, e na de Lavado, rua Augusta, n.º 8. Preço 480 réis.

Aquelles senhores que quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura terão a bondade de o declarar, quanto antes, em Lisboa aos distribuidores; e nas provincias, aos respectivos correspondentes, ou *por carta franca* dirigida ao editor, e acompanhada de uma ordem da importancia da assignatura.

Preços, por anno 1$300 rs., por semestre 700 rs., avulso 30 rs. Para as provincias (franco de porte) por anno 1$570 rs., por semestre 830 rs.

Assigna-se para o Panorama: em Lisboa, na livraria do editor, A. J. Fernandes Lopes, rua do Ouro, n.os 227 e 228, e na do sr. Lavado, rua Augusta, n.º 8.

São correspondentes do editor: no Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; em Coimbra, o sr. A. H. Dardalhon; em Vianna do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximianno Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio do Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Bahia, a sr.ª Viuva Carvalho & F.º

O MAJOR-GENERAL MARTIN.

Claudio Martin nasceu em Lyão no anno de 1732. Filho de um tanoeiro, desde os annos tenros revelára uma intelligencia elevada. Haviam-lhe ensinado apenas a ler e a escrever; mas a poder de diligencia e perseverança aprendêra sósinho as mathematicas, e á physica dedicára tambem largas vigilias.

Diziam os seus visinhos que elle perdia o tempo n'estes estudos; mal pensariam então que o humilde Martin chegaria por elles á posição a que chegou! Nem mesmo elle o imaginaria, quando, descontente do seu estado, resolveu assentar praça.

Sua avó debalde procurou dissuadil-o d'aquillo a que chamava uma loucura; mas quando o viu prestes a partir, entregou-lhe um cartuxo de peças de vinte e quatro soldos, e disse-lhe: «Ahi tens, desgraçado; e uma vez que queres deixar-nos, não voltes cá senão de carruagem.»

Martin, encorporado na expedição que o conde Lally conduzia á India, partiu de Brest a 20 de fevereiro de 1757: a esquadra franceza só aportou a Pondichery a 28 de abril de 1758.

O conde de Lally, irlandez de nascimento, empregou todos os esforços por melhorar a fortuna da França, e contrabalançar a influencia ingleza, que predo-

minava em toda a costa de Coromandel. Por desgraça as difficuldades da situação e a má fé dos agentes da companhia franceza, omnipotente em Pondichery, tornando inefficazes as diligencias do governador, azedaram-lhe o caracter, naturalmente severo.

Prompto a sacrificar quanto possuia e a propria vida para humilhar os oppressores da Irlanda, exigia dos seus subordinados a mesma dedicação. Quizera vel-os supportar sem um queixume privações e perigos, que alegre quinhoava.

Rebentaram numerosas sedições; o vigor com que foram suffocadas exacerbaram o odio, que inspirava esse homem, ao qual os habitantes de Pondichery alcunhavam de estrangeiro, e que aliás mostrava um coração mais francez que o d'elles. A desaffeição chegou a ponto tal, que muitos soldados desertaram para os inglezes. Só de uma vez abandonaram as bandeiras perto de duzentos!

Durante o cêrco de Pondichery Claudio Martin imitou o exemplo de tantos dos seus camaradas. Posto que as deserções fossem então mui frequentes no exercito francez, os biographos de Martin não desculpam á sua memoria uma tão grave falta.

No exercito inglez obteve o nosso lyonez o posto de tenente, com permissão de passar a Bengala. Pelo seu bom procedimento foi promovido pouco depois a capitão. Enviado a Lucknow para levantar a carta das circumvisinhanças, soube tornar-se agradavel ao nababo de Aoud, que lhe encarregou a inspecção da sua artilharia; o valimento de Martin tornou-se ainda maior sob o successor d'este principe. Não só teve occasião de prestar-lhe importantes serviços; mas até, recorrendo ás suas noções de physica, soube divertil-o com engenhosas applicações das sciencias da Europa. Divertir o principe em um paiz despotico é tornar-se digno das mais altas recompensas: assim Martin em breve se viu senhor de uma fortuna colossal. Quando se travou a guerra entre a companhia das Indias e Tipoo-Saib, offereceu Claudio Martin áquella grande numero de cavallos, recebendo em remuneração a patente de coronel. Obteve em 1796 a de major-general; e quando falleceu, em 13 de setembro de 1800, contando sessenta e outo annos de idade, possuia riquezas fabulosas, e gosava de geral consideração. O modo por que o humilissimo filho do tanceiro de Lyão, tornado opulento proprietario na India, dispoz d'essas riquezas que amentoára, tornam hoje respeitavel a sua memoria, para todos os que prezam a virtude, e desculpam as faltas do soldado de Pondichery de um modo esplendido.

O testamento de Claudio Martin, impresso por ordem do prefeito do departamento do Rhodano, occupava nada menos de outenta paginas.

As sommas que legou foram immensas; e a sua applicação a mais judiciosa e caritativa.

Martin, quem sabe se impellido por maus tratamentos, desertára o estandarte da patria; mas, poderoso, não se esqueceu da terra do seu berço, á qual deixou sommas, com que se crearam as celebres escolas [1], frequentadas por centenares de mancebos, que se dedicam á vida de operarios nos differentes ramos de industria.

O testamento do major-general Claudio Martin é mui extenso; nos dezenove primeiros artigos declara livres todos os escravos que haviam pertencido ás suas propriedades, garantindo a cada um o rendimento sufficiente para se manter. A cada um dos seus dous irmãos legou 120:000 francos (19:200$ réis); a cada uma das suas tres irmãs 90:000 fr. (14:400$ réis). Aos pobres de Luchnow, de Canderganor, e Calcuttá deixou 450:000 fr. (72:000$ réis): os juros d'esta somma devem ser-lhes distribuidos em especie por sacerdotes catholicos, protestantes, musulmanos e indios. Além d'isto deixou á cidade de Calcuttá 600:000 francos (96:000$ réis) applicados á fundação que se julgasse mais util.

Estes legados, com o avultadissimo que consagrára á cidade de Lyão, para o fim que acima indicamos, são os mais importantes da herança. Muitos outros menores se lêem no testamento, que ainda montam a bastantes dezenas de contos de réis.

Ha no testamento d'este homem singular uma verba, que honrando o seu coração e abonando a sua franqueza, desculpa o espirito de vaidade com que outras prescripções d'elle parecem dictadas. «Desejo que o meu nome como bemfeitor seja conhecido depois da minha morte. A mesma ambição pode incitar outros a crear estabelecimentos de caridade; pois que a nossa especie é sobre tudo influenciada pela ambição e pelo amor proprio. Espero pois que me perdôem esta idéa. Com effeito, posto que empregasse toda a diligencia, por me esquecer da vaidade quando tratava de fazer bem, não me lisongeio de o haver sempre conseguido. Nunca deixei de exaltar nos outros a vaidade, que os levava a praticar acções generosas. Espero merecer a mesma indulgencia; porque nunca procurei augmentar a minha fortuna senão pela ambição de praticar o bem!»

Oxalá que todos os ricos imitassem o exemplo de Claudio Martin; não haveria de certo tantos pobres, e tanta miseria.

Os lyonezes erigiram uma estatua ao seu compatriota; esta estatua, que a estampa representa fielmente, é devida ao cinzel de Pradier, celebre esculptor francez.

NAVEGADORES PORTUGUEZES.

I.

D. RUAS ROUPINHO (?).

Em todo o complexo da historia parece-nos que a parte maritima é a mais difficil de compilar, em geral, até ao tempo das cruzadas, e com particular referencia ao nosso paiz, até ao XIV seculo. Eis-aqui os fundamentos em que basêamos esta opinião.

A origem da navegação perde-se entre as nevoas da antiguidade, partilhando o mysterioso esquecimento que sepultou igualmente as origens de muitos povos e de muitas cidades, de diversas instituições e usos, de innumeros ramos das sciencias e da industria, que se não sabe como, quando e aonde nasceram; mas não é só o nome do mais antigo navegante que ignorámos, a fórma que teve a primeira embarcação, e qual foi o mar, o rio ou o lago primitivamente devassado pelo homem: as difficuldades de coordenar a antiga historia naval ainda vão muito mais longe.

Conhecemos a varia sorte de muitas gerações, desde a mais remota noute dos tempos até ao principio da civilisação egypcia, sabemos como se desenvolveram antiquissimas industrias, como se modificaram successivamente diversas instituições, crenças e usanças desde os primitivos seculos, ou, pelo menos, encontra-se um fio n'esse labyrinto, que pode levar-nos, por meio de assiduas pesquizas, até ás raias da

[1] Veja-se a pag. 399 do un Decimo volume d'este semanario, terceiro da presente serie.

verdade: assim reconstruiu Cuvier um mundo antidiluviano; porém uma treva mais espessa, a carencia absoluta de uma protectora Ariadne, torna impossivel de surprehender, não só os elementos da navegação, de uma arte que deve ser coeva com a fundação da sociedade, mas tambem o rasto dos seus primeiros passos, e as transformações que soffreu, até que os livros sagrados nos fallam da arca de Noé, e, só muitos seculos depois do diluvio, de umas jangadas imperfeitissimas de que usavam os egypcios na navegação fluvial. O Eufrates e o Nilo foram sulcados, mais tarde, por canôas de vela e remos, porém as aventuras d'esses navegadores de Babylonia e de Memphis tambem firaram no olvido; e a fabulosa Grecia inaugurou esta arte civilisadora, em mais ampla escala, com a empreza dos argonautas para roubar o velocino de ouro!

As tradições que a antiguidade nos legou ácerca da origem e desenvolvimento da navegação, são por tal fórma absurdas, que fôra impossivel joeirar a verdade d'entre tão grande numero de fabulas disparatadas; seriam chimericas todas as conjecturas sobre o assumpto. Não ha uma pedra, um hieroglyphico, que nos aponte o caminho, necessariamente lento, da arte de navegar, na sua infancia de seculos; que assigne datas e nomes aos acontecimentos e aos homens, que nas remotas epochas devem, certamente, ter representado um papel importante sobre as aguas. A China, que aspira á prioridade em todos os ramos dos conhecimentos humanos, sustenta pelos seus letrados, e com a ajuda de cegos admiradores europeus, que calculava ha milhares de annos o movimento dos astros, e não ignorava as propriedades do iman; porém as navegações de longo curso, os aperfeiçoamentos astronomicos, e o uso da bussola são de mais recente data, e devem-se aos europeus, quando ainda os chins não perdiam a terra de vista, nem se tinham aproveitado da polaridade da agulha cevada.

É aos phenicios que, com melhor fundamento, devemos attribuir o verdadeiro impulso dado á marinha, e é d'essa epocha que data a historia de tão importante arte, que não se liga, assim mesmo, sem solução de continuidade até aos nossos dias. Se recorremos ás chronicas, achâmos ahi registrados innumeros successos maritimos de gerações extinctas ha muito; mas ignorâmos em grande parte, por falta de descripções e modêlos, qual fosse a construcção dos diversos barcos que serviram de theatro a taes acontecimentos: é nas ruinas de Tyro, nas escavações de Herculanum, ou debaixo das areias, que o Oceano e o Mediterraneo deslocam junto dos antigos emporios do mar, que se pode estudar a architectura naval d'esses tempos sobre os restos de alguma galé ou barca, arrancadas de immemorial sepulchro.

A primeira marinha de guerra, de que temos noticia historica, é a phenicia. As navegações d'estes ousados marinheiros chegaram até ás ilhas britannicas (assim chamadas hoje) deixando atraz de si as afamadas columnas de Hercules. O commercio do Levante e a fundação de colonias ao longo do Mediterraneo, fizeram prosperar a sua marinha mercante. Aos phenicios seguiram-se os carthaginezes, herdeiros da pericia e do espirito aventuroso d'aquelles, continuando a sulcar o Oceano com suas atrevidas galeras. Quinhentos annos antes da era de Christo deu-se a primeira batalha naval de que ha memoria, entre persas e gregos, nas aguas de Salamina, e d'ahi até á derrota da esquadra de Annibal pelo primeiro almirante romano, nenhum successo d'este genero recolheram as chronicas. Os romanos não aperfeiçoaram consideravelmente a tactica nem a construcção naval, e a guerra maritima continuou sem alteração sensivel até á descoberta do chamado *fogo grego*, de que fizeram uso os imperadores de Constantinopla, e só mudou completamente com a invenção da artilharia, que, pela primeira vez, empregaram a bordo os venezianos contra os genovezes, já quasi no fim do seculo XIV. De então para cá começou a apurar-se a architectura naval, na Hespanha principalmente, e de reforma em reforma, de descoberta em descoberta, chegou-se á elegancia e solidez dos vasos actuaes; e a tactica, caminhando a par das construcções, deu nova face á navegação, e á guerra maritima, alargou os horisontes do commercio, da colonisação e conquista, e alcançou, ao cabo de incalculaveis esforços e de inabalavel perseverança, alliar-se ao poderoso motor, que dispensa as velas e os remos, e permitte determinar, com alto grau de probabilidade, o numero de dias que se hão de gastar na viagem de um ponto a outro do globo.

Ha um abysmo, para a arte, entre estes milagres da sciencia moderna, e os rudes tempos de nossos avós, que ignoravam os mais simples elementos da astronomia! Quem será hoje capaz de definir precisamente o que era uma pinaça, um barinel, uma carraca, e mesmo uma fusta? As urcas, galés, galeaças e caravelas apenas são conhecidas por imperfeitos desenhos; e é mesmo raro encontrar-se o modêlo de um galeão ou de uma nau, das que havia ha duzentos annos. O estudo d'estas materias foi tão desprezado em Portugal, houve tão grande descuido de archivar documentos sobre o assumpto, que o proprio sr. Herculano, o nosso unico historiador, que alcançou reconstruir o systema judicial e administrativo do berço da monarchia, não póde dizer-nos o que era a marinha portugueza, nem mesmo se a havia, por esse tempo. *Os Annaes da marinha*, que escreveu o vice-almirante Quintella, nada adiantam, e, força é confessal-o, aquelle trabalho está muito abaixo da reputação do auctor.

Se não consta, por documentos, a existencia de uma frota, por insignificante que fosse, no reinado de Affonso Henriques, como se ha de affiançar que houvessem victorias navaes, ganhas por um almirante portuguez d'essa epocha, D. Fuas Roupinho? Diz o moderno almirante Quintella que é evidente terem havido armamentos navaes no tempo do conde D. Henrique e de seu filho, para defenderem as costas maritimas das correrias dos mouros, embora as nossas historias o não digam; e posto que esta opinião do illustre academico não assente em nenhuma baze historica, inclinamo-nos sem resistencia a seguir uma tal conjectura, bastante verosimil, principalmente em referencia ao periodo posterior a tomada de Lisboa. Esta importante cidade, á beira de um rio navegavel como é o Tejo, ficava exposta a ser salteada pelos barbaros, se não tivesse o apoio de algumas embarcações armadas. Porém, de outro lado, a gente portugueza era tão pouca, e essa empenhada sempre em guerras no interior do paiz, para estender as acanhadas fronteiras do reino, que mal poderia olhar pela organisação da necessaria marinha, contentando-se talvez com fortificar cuidadosamente as povoações da beira-mar. Demais os africanos possuiam grande numero de galés, e eram destros em navegar, podendo assim abafar á nascença qualquer tentativa de engrandecimento maritimo por parte dos christãos: e todos sabem que a creação de uma esquadra é tarefa muito mais lenta e difficil do que disciplinar um exercito, fortificar as fronteiras e mes-

mo os portos de mar. É de crer que muitos dos estrangeiros que ficaram em Portugal da armada dos cruzados, capitaneada por Guilherme de Longa Espada, entendidos como eram nas cousas maritimas, imprimissem valioso impulso á navegação portugueza, servindo talvez de nucleo á nossa frota algumas das 160 *navibus quas barcias nominamus*, mencionadas na historia da fundação de S. Vicente de Fóra, como auxiliares para a tomada de Lisboa; porém ainda assim, acceitando todas as hypotheses favoraveis, não havia tempo para se ter elevado a nova marinha militar a tal altura, que pudesse ir provocar a esquadra mourisca, forte em guerreiros e maruja, dar-lhe batalha, e vencel-a.

Quando não fossem contestadas de ha muito por escriptores sisudos as façanhas navaes do alcaide de Coimbra e Porto de Mós, a carencia absoluta de documentos comprovativos de taes batalhas annullaria a reputação guerreiro-maritima de D. Fuas, fabricada por novelleiros da estofa de Galvão, e confirmada pela credulidade dos Aceuheiros e quejandos.

Se descobrissemos vestigios de ter havido algum commercio maritimo n'essa nebulosa epocha do começo da monarchia, seria isso exuberante prova da co-existencia de uma tal ou qual marinha de guerra; mas, infelizmente para a gloria nacional n'esse ramo da arte militar e sciencia da navegação, os monumentos estão calados, os historiadores silenciosos, e a tradição nada nos legou com bons fundamentos. É verdade que, em o Nobiliario, attribuido ao conde D. Pedro de Barcellos, se diz que, depois da batalha de Guimarães, Fernando de Trastamara fôra mandado para fóra do reino por mar, e na *Historia compostelana* se mencionam navios pertencentes a D. Thereza, mãe de Affonso Henriques, no anno de 1121, á similhança dos que possuia o arcebispo Gelmirez (*Navis piratica que vulgo galea dicitur*) com os quaes fez saltear as terras dos mouros, em vingança dos roubos que os marinheiros africanos tinham commettido na costa de Galliza; mas estas noticias tão vagas, e sem sequencia de outras particularidades, nenhuma luz ministram ao historiador entre tão cerradas trevas. O cargo de almirante existia, talvez, em Portugal desde o principio da monarchia; sabe-se que foi exercido por alguns portuguezes até ao tempo de D. Diniz, em que veiu ao reino desempenhar as funcções do commando superior da frota o genovez Manuel Peçanha, ficando a dignidade de almirante hereditaria na sua familia durante um largo periodo. Esta nomeação de um chefe estrangeiro, assim como as de alguns patrões e arrães, tambem genovezes, para as embarcações d'el-rei, provam evidentemente o atrazo dos nossos officiaes de mar ainda no principio do seculo XIV, porém demonstram ao mesmo tempo que a marinha de guerra já existia entre nós, embora muito insignificante ella fosse; nem de outra fórma teria havido até então em Portugal o cargo de almirante. Ainda mais. No reinado de Sancho II existia tambem um pretor da marinhagem, e o mesmo monarcha determinava que se respeitasse este fôro militar, e que as justiças da cidade não tocassem nos seus marinheiros, sobre os quaes só elle e o pretor tinham poder. (*Documento do seculo XIII, sem data, do cartorio de Chellas*). Além d'isto as chronicas mencionam, logo no tempo de D. Sancho I, quarenta galés e galeotas, que o mesmo soberano uniu á armada dos cruzados, com que emprehendeu a conquista de Silves; suppõe-se tambem que alguns vasos portuguezes acompanharam os estrangeiros na tomada de Alcacer do Sal por D. Affonso II; e falla-se em forças maritimas, com que D. Sancho II ajudou os seus cavalleiros no cêrco e preza de Ayamonte. Mas que forças eram essas? Que esquadra levou Affonso III ás expedições de Faro e Sevilha? Tambem não sabemos? E comtudo, o constructor João de Miona, já havia fabricado uma nau para este monarcha, como consta de uma doação da epocha. Finalmente só durante esse reinado apparecem as primeiras providencias relativas ao commercio exterior, e a mais remota idéa da nossa marinha mercante. É claro que, em tempos de contínua guerra, a navegação estaria interdicta para o commercio, sem a protecção da marinha militar; e logo que não existia aquella, certo é que esta era quasi nulla. E de facto, que força attingiu a frota desde o tempo de D. Sancho I, porque antes nada consta de positivo; que grau de influencia teve na conquista, que serviços prestou ao paiz, até que a sua direcção foi confiada a um estranho? Essas duvidosas expedições navaes de Affonso II, Sancho II e Affonso III, de que nem ao menos nos restam os nomes dos capitães!

Um ou outro facto sem ligação, augmenta as incertezas em vez de as desfazer: por exemplo, na *Dissertação chronologica* encontra-se uma inquirição, na qual o alcaide de navio João Pires Barriga depoz que, em tempo de D. Sancho II, os judeus davam de fôro uma ancora e um calabre a cada galé d'el-rei, que ía fazer carreira. Porém que numero de barcos chegou a possuir o estado, qual o seu porte, que carreiras eram essas? Estamos na mesma incerteza.

O positivo, o tangivel ácerca da marinha portugueza, como força regular, só começa no reinado de D. Diniz. É porém notavel, que conservando-nos a tradição uma confusa memoria das expedições apontadas, e sendo certo que houveram almirantes nacionaes antes da chegada de Peçanha, nenhum vulto maritimo, embora fabuloso, legasse á posteridade, senão o de Fuas Roupinho, que não coincide com a existencia de nenhuma frota, comprovada pelos historiadores!

Embora! Não privaremos os amantes da gloria nacional, menos escrupulosos em pontos de auctoridade historica, de contemplarem esse quadro das primeiras façanhas maritimas dos portuguezes, nem o vulto homerico de D. Fuas, como a tradição nol-o herdou, tão adequado a esse tempo, que podemos chamar heroico, e quasi fabuloso, da monarchia, como o proprio rei D. Affonso, o seu aio Egas Moniz, o Lidador, o Espadeiro, e tantos outros semi-deuses.

Depois de aturada peleja por largos annos nas fronteiras do novo reino, e de valiosos serviços prestados nas alcaidarias de Coimbra e Porto de Mós, D. Fuas Roupinho, o aio querido do infante D. Pedro Affonso, já no inverno da vida, desferia as velas de algumas galés, e descia as aguas do Tejo, em demanda do Oceano, onde esperava encontrar o famoso almirante Alfamiu, chefe mourisco de uma possante frota, terror da christandade de todo o litoral portuguez. Como o consul Duillio, inexperiente das cousas do mar, e capitaneando maruja e soldadesca, pouco mais afeita ao marulho das ondas do que a romana, o nosso almirante venceu a esquadra dos infieis junto ao cabo de Espichel, e voltou a Lisboa, hasteando as quinas de Portugal sobre os crescentes musulmanos das captivas galés, e tendo aprizionado ou morto o perro Alfamiu, que n'este ponto não estão concordes as narrativas.

Tão glorioso successo, ao qual a tradição assigna

a data de 1180, foi seguido de nova tentativa, provavelmente no verão do proximo anno de 1181, e outra brilhante victoria naval coroou as armas portuguezas, em frente mesmo dos muros da descrida Ceuta.

Terceira vez ainda saíu ao mar o intrepido guerreiro de Porto de Mós e do cabo de Espichel, a guardar a costa do Algarve, e afugentar d'ella as galés africanas; porém essa tinha de ser a ultima viagem de D. Fuas, rematada por um derradeiro e desastroso combate! A tempestade arrojou para o Mediterraneo as suas 21 galés, e a 17 de setembro de 1182, achou-se de novo á vista de Ceuta, mas cercado de 54 embarcações de guerra, que o esperavam apercebidas para lavar a affronta das meias-luas no sangue do almirante portuguez e dos seus guerreiros.

Travou-se furiosa a peleja entre christãos e agarenos, apesar da desigualdade das forças; sangrenta foi a abordagem; porém o valor teve de ceder ao numero, e D. Fuas Roupinho achou a sepultura nas aguas, como convinha a um almirante vencido.

« O portuguez sobre cujas caus se revolviam as vagas, ficava ali como quem já tomava antecipada posse de Africa em nome de Portugal. » (1)

F. M. Bordalo.

OS INDIOS CONIBÓS.

Os indios Conibós, povos da America do sul, vivem a tres jornadas a leste do rio Ucayala.

São mui singulares os costumes e usanças d'estes indigenas americanas; um dos mais extravagantes é o que consiste em *espalmar* a cabeça dos recemnascidos por meio de duas taboinhas, postas uma sobre a testa e outra sobre a nuca, e presas com uma correia. Quando as creanças chegam á idade de seis mezes, retiram-lhe este singular apparelho, celebrando-se por essa occasião uma festa, em que se entregam com o maior excesso ao uso de certa bebida fermentada, a que chamam *chicha*.

Livres, estes indigenas usam os cabellos compridos e fluctuantes, cortados rentes sobre a testa, como indica a gravura. Os seus pentes são feitos de pequenos pedaços de madeira de palmeira e de outra madeira, a que chamam *palo colorado* (pau vermelho) ligados uns aos outros com duas fitas de algodão, formando differentes debuxos. Usam ainda a longa tunica de algodão dos antigos incas. Em vez de bordaduras de ouro são aquellas tunicas ornadas de desenhos variegados. Costumam pintar de vermelho o rosto, mãos e pés.

As mulheres preparam os alimentos, e vão ao mato buscar lenha para accender o lume. Plantam a mandioca, e colhem-na na epocha propria; á medida que arrancam os tuberculos da terra, lançam-nos em um saco de rede, que trazem pendurado ás costas, e seguro de uma corda, que amarram á cabeça.

Em geral estão habituadas a carregar á cabeça pezos enormes. São tambem as mulheres que fabricam a louça ordinaria de que se servem.

Posto que esta louça possa resistir ao fogo facilmente, é mui inferior a todos os respeitos aos vasos que manufacturavam os antigos incas de Cuzco, nos quaes se encontram desenhos, e não mui grosseiros, de personagens, de animaes e de fructos.

Os homens só se dedicam de bom grado aos trabalhos irregulares da caça.

Para esse fim servem-se de arcos e da *parcuna*, com a qual arrojam pequenas frechas envenenadas, por meio de um succo vegetal, preparado da maneira seguinte:

Fazem cozer durante vinte e quatro horas, n'uma grande caldeira, varios pedaços de uma planta que o doutor Wenddell reconheceu como pertencente ao genero *cocculus*, e a que lixou a denominação de *C. toxicoferus* Wedd. Accrescentam-lhe uma substancia com a apparencia de musgo, extrahida da casca de certa arvore do genero *Strychnos*. Weddel marcou-lhe o nome de *S. Castelnæana*. Deixam ferver este mixto até tomar a consistencia de colla. Os conibós ensaiam a força d'este veneno sobre uma grande tartaruga: de ordinario o animal succumbe depois de alguns minutos de agonia. Todavia podem engulir-se impunemente algumas pequenas porções de tal veneno: tomado porém em altas doses, mata instantaneamente. O antidoto de que se servem os indios, e com incontestada efficacia, é o sal.

Estes preciosos esclarecimentos sobre os conibós, extrahidos do *Magasin Pittoresque*, excellente publicação franceza, a que devemos muitos subsidios, foram obtidos pelo sr. E. Deville nas suas viagens.

A civilisação de uma nação não se afere pelo seu luxo; mas sim pela illustração intellectual; pela perfeição industrial; e pelo justo conhecimento dos direitos do homem e do cidadão.

M. Carvalho — Aphorismos.

1 A. F. de Castilho. — Quadros historicos de Portugal D. Fuas Roupinho.

RESIGNAÇÃO.

Un nouvel homme en moi renait et recommence.
LAMARTINE.

De meus dias as horas vão contadas:
Poucas me restam já! Sei que vivi
Pela conta das lagrimas choradas,
Que ventura e prazer não conheci.
A morte que vem perto, e lentamente
Me consome e devora sem cessar,
Recebo, ao despedir-me, alegremente.
Folga o meu coração, não sei chorar!

Se a Providencia quiz, se quiz a sorte
Que penasse no mundo o que eu penei;
Como o cysne expirando encara a morte,
No derradeiro extremo cantarei.
Minha alma toda inteira n'este canto
De mesquinhas prizões se vae soltar:
Embebido n'um só affecto santo,
Folga o meu coração, não sei chorar!

Como do templo a lampada que expira
Derrama em torno a si mais brilho e luz,
As cordas que se partem d'uma lyra
Vão resoar, gemendo, aos pés da Cruz.
Só o homem, vaidoso, a sepultura
Não sabe sem pavor inda encarar;
Mas eu na morte em fim acho doçura,
Folga o meu coração, não sei chorar!

O que é a vida p'ra valer que a chorem,
Se em seguida ao prazer renasce a dôr;
O que é a vida p'ra valer que a adorem,
Se no mundo á traição chamam amor!
Trabalhar e soffrer é nossa sina
Em quanto a noute eterna não chegar;
Embora longe da mansão divina,
Folga o meu coração, não sei chorar!

Chore embora quem preza a vida sente
Aos olhos da mulher sua affeição,
Como a hera que abraça docemente
As ruinas d'um portico pagão;
A mim, que nada no mundo me tem prezo,
Que as minhas affeições vi desabar,
A vida e mais as lagrimas desprezo;
Folga o meu coração, não sei chorar!

Em tudo similhante a essas aves
Que desprezam dos campos o matiz,
E que só pelos canticos suaves
As conhecem os seus, no seu paiz.
A ellas similhante é o poeta
Que busca a solidão para cantar:
E que pode dizer á mente inquieta,
Folga o meu coração, não sei chorar!

Como o bronze sagrado do mosteiro,
Que alegria e prazer, que o riso e a dôr
Confunde n'um só canto derradeiro,
Que manda ao throno excelso do Senhor;
Depurado de fel, o sentimento,
Que no peito uma vez deixei entrar,
Embora convertido em meu tormento:
Folga o meu coração, não sei chorar!

L. A. PALMEIRIM.

ORIGEM E ORGANISAÇÃO ACTUAL DOS COSACOS.

Uma lucta gigante, travada no oriente da Europa entre quatro grandes potencias, traz suspensa a attenção do mundo.

Qual será o resultado dos espantosos successos que estamos presenciando? Para que lado se inclinará o fiel da balança? Perguntas são estas, a que é difficil responder satisfactoriamente.

Tudo quanto se refere á questão do Oriente, que pode chamar-se a maior, a mais momentosa dos nossos dias, é procurado e lido com avidez. É por isso tambem que nos parece dever ser recebida com interesse a seguinte noticia sobre os *cosacos*, que constituem um dos elementos mais temiveis da força militar do colosso moscovita. Extrahida de uma publicação, considerada e respeitada como auctoridade do maior pezo, aquella noticia tem todos os caracteres de authenticidade e boa informação, que podem desejar-se, tornando-a digna da acceitação, que não merecem trabalhos escriptos sem consciencia e sem conhecimento dos factos.

Não é conhecida de uma maneira irrefragavel a origem dos cosacos; mas sabe-se que elles foram sempre o que são ainda hoje; associações democraticas organisadas com o intuito de fazer a guerra, ou, para melhor dizer, de roubar e saltear. Para se manterem, estas associações carecem de dous agentes; o perigo e os despojos. Defender e augmentar os seus haveres pela força das armas, atacar e destruir as habitações dos povos convisinhos, tal tem sido o fim que se hão proposto. Assim, em todos os pontos das fronteiras onde a defeza é necessaria, estas associações perpetuaram-se com o seu primitivo caracter. O proprio governo as anima e as excita, reconhecendo os privilegios que obtiveram, e promettendo-lhes outros novos; mas logo que um d'estes pontos deixa de ser ameaçado, logo que os cosacos, a cuja guarda havia sido confiado, deixam de ter em sua frente inimigos, de que hajam de defender-se, ou que devam aggredir, a sua situação muda. O governo russo sómente os considera como um obstaculo, ou como um perigo. Na primeira hypothese procura limitar-lhes pouco a pouco os privilegios, para os igualar á condição dos seus proprios subditos; na segunda, supprime subitamente as suas associações, e as dispersa, mandando para o interior as familias que as compunham.

Os cosacos formam duas grandes tribus principaes: os *cosacos da pequena Russia*, e os *cosacos da grande Russia*. A patria primitiva de uns era perto do Dnieper, a dos segundos cêrca do Don: e por este motivo se designam algumas vezes estas duas grandes cathegorias pelo nome de *Cosacos do Dnieper* e *Cosacos do Don*.

Os cosacos da pequena Russia datam do XIII seculo e do começo do XIV. N'esta epocha, tendo-se os pagãos da Lithuania apoderado de Kief, antiga metropole da Russia, grande numero de russos, para se subtrahirem ao jugo dos vencedores, abandonaram o seu paiz, e refugiaram-se além das cataractas do Dnieper. Os *zaporogos* (nome que tomaram) representaram brilhante papel na historia da Russia. Muito tempo alliados da Polonia, mais tarde descarregaram-lhe os primeiros golpes; mas o castigo não se fez esperar, porque a perda da sua independencia começou no dia em que se separaram d'aquella potencia.

Em virtude da paz de Radzine (1681) toda a re-

gião habitada pelos cosacos foi annexada á Russia. Mazzeppa tentou subleval-os, mas Pedro o grande puniu-os severamente da sua sedição, e conseguiu pacificar as provincias da Ukrania. Os zaporogos, achando-se na impossibilidade de continuar nas fronteiras a vida independente que ali haviam vivido, procuraram regressar ao paiz que precedentemente habitavam, e a imperatriz Anna favoreceu a sua emigração: mas então tornaram-se um verdadeiro obstaculo á civilisação da Russia meridional, pelos estorvos de toda a especie que suscitaram aos colonos estrangeiros. A imperatriz Catharina, a quem se haviam de mais a mais tornado suspeitos durante a guerra que fizera aos turcos, obrigou a maior parte d'elles a retirar-se para a Criméa, onde se estabeleceram sob a denominação de cosacos do mar Negro. Entretanto uma pequena porção emigrou para a Turquia, fixando residencia nos Balkans. Em 1828, a rogos do imperador Nicolau, voltaram para a Russia, em numero de dous a tres mil, e foram enviados para a costa occidental do mar de Azof, onde os utilisam no serviço de marinha.

Em 1812, quando o Pruth se tornou a fronteira da Russia, bandos d'estes cosacos vieram ali estabelecer-se formando corpos irregulares. Foram esses corpos dissolvidos em 1818; mas o imperador Nicolau os reorganisou em 1845 sob a denominação de exercito dos cosacos do Danubio. Estes cosacos conservam menos puro que os outros o caracter de verdadeiros russos, e n'estes ultimos tempos, admittiram ao seu gremio grande numero de gregos, servios, bulgaros e bohemios.

Os cosacos da grande Russia, no reinado do czar Ivan IV, o terrivel, eram uma especie de salteadores, que não contentes de assolar o litoral do mar Negro e do mar Caspio, alongaram as suas excursões, atraves dos steppes, até os montes Ouraes; e assim se foram acercando do Volga. Este rio, servia então de via principal ao commercio da Asia, que os czares favoreciam especialmente. Em 1577, Ivan, descontente das suas depredações, enviou contra elles um exercito commandado por Moraschkine. Esta expedição promoveu o augmento do imperio russo em circumstancias bem extraordinarias. A aproximação de Moraschkine, os cosacos do Don dispersaram-se. Um dos seus chefes, Iermack, foi estabelecer-se com um punhado de gente no Oural; repelliu d'ali os tartaros, e depois com outocentos equarenta dos seus compatriotas entrou pela Siberia, e apoderou-se d'esta região. Assim fundou os cosacos do Oural e os da Siberia. Outro grupo dos cosacos do Don refugiou-se no Caucaso, e pela successão dos tempos, formou a chamada linha do Caucaso, exercito particular que o imperador Nicolau organisou, e collocou sob as ordens do commandante em chefe do exercito de operações na Circassia.

Outr'ora os cosacos tinham o privilegio de eleger os seus chefes e officiaes; hoje o imperador reserva para si esta prerogativa. Todos os postos subalternos são exclusivamente conferidos a individuos de origem cosaca; mas a nomeação dos officiaes superiores recahe muitas vezes em individuos estranhos ás tribus.

Os cosacos não estão sujeitos á capitação, e por consequencia ao recrutamento. Em cambio d'esta vantagem são obrigados a fazer o serviço militar com armas e cavallos, e sem direito a soldo senão quando juram bandeira.

O levantamento de tropas effectua-se segundo as circumstancias, e a necessidade: umas vezes destinam-se a formar cordões militares contra os povos turbulentos das fronteiras; outras vezes a fazer o serviço interior, ou de fiscalisação. Todos os cosacos, sem excepção, são obrigados ao serviço militar. Cada corpo de exercito tem de fornecer tantas armas e cavallos quantos forem mister aos seus regimentos. Os cosacos ricos fardam-se á sua custa; o corpo fornece equipamento aos que são pobres; porque cada corpo tem a sua caixa, o seu arsenal etc.

Julga-se geralmente que os cosacos são exclusivamente tropas de cavallaria, e figuram-nos sempre voltejando e escaramuçando nos flancos dos exercitos inimigos. Similhante opinião é inexacta. Os cosacos fornecem tambem excellentes marinheiros, que fazem serviço no mar Negro e no mar d'Azof, e tem organisado varios regimentos de infantaria.

Os cosacos do Don, do Oural, da Siberia, e mesmo os do mar Negro, parecem ter pouca influencia pelas guerras locaes, que os expõem a perigos sem proveito. Uma guerra com algum dos estados da Europa, uma invasão na Allemanha, uma excursão á Italia, eis o objecto constante dos seus sonhos.

Accusam-se essas tribus de haverem degenerado, e de não serem tão corajosas como em outras epochas, mostrando-se ao mesmo tempo sempre rebeldes a disciplina severa por que se regem as tropas regulares. É que os cosacos não são já hoje, na maxima parte, essas hordas nomades, acampadas no solo que occupam; tornaram-se proprietarios; e os habitos da lavoura e as praticas da industria reagiram poderosamente sobre os seus costumes.

É difficil de calcular exactamente o numero de homens que os cosacos podem proporcionar á Russia no caso de uma guerra europea. Entretanto a questão pode resolver-se do modo seguinte: ou a Russia continúa a guerra do Caucaso, ou se limita a stricta defensiva, abandonando as posições mais longinquas. Na primeira hypothese, os cosacos do Don poderiam apresentar, em tropas disponiveis, cêrca de cincoenta mil homens; na segunda, poderiam augmentar estas forças com mais dez mil soldados, o que elevaria o numero total a sessenta mil cavalleiros.

OS TELEGRAPHOS ELECTRICOS EM FRANÇA.

Em consequencia da applicação da electricidade, o serviço dos telegraphos n'aquelle paiz tem tomado um desenvolvimento extraordinario. O telegrapho commum, tal como o conhecemos no nosso Portugal, punha apenas vinte e cinco cidades em communicação com Paris. No mez de junho de 1854 cento e cinco cidades estavam ligadas com a capital do imperio francez pela telegraphia electrica. Alem d'isto a França, desde a mesma data, achava-se em relação electrica directa com a Inglaterra, a Belgica, a Suissa, a Baviera, o grão-ducado de Baden, a Russia, a Austria e a Sardenha.

O commercio e os particulares começam a aproveitar-se largamente das immensas vantagens que lhes proporciona este novo instrumento de rapidissimas communicações. O numero de *boletins* de particulares, que, no anno de 1851, fôra apenas de 10:000, e no de 1852 de 18:000; attingiu em 1853 a cifra de 200:000. As receitas, que em 1851 montavam apenas a 75:000 francos, ou 12:000$ de reis da nossa moeda, elevaram-se em 1853 a 1,500:000 francos ou 240:000$ reis; calculando-se que subiriam em 1854 a mais de 3 milhões de francos, ou perto de quinhentos contos de reis!...

EPHEMERIDES HISTORICAS.

JANEIRO 1

192—Morte do imperador Commodo.
1532—Descoberta do Rio de Janeiro.

2

1790—Creação da academia de marinha e fortificação em Lisboa.
1410—Tomada de Roma pelos florentinos.
1492—Tomada de Granada por Fernando o catholico.

3

1813—Acção de Fuentes del Maestro, ganha pelo exercito anglo-luso.
1834—Sortidas de Faro e Olhão.

4

1631—Derrota dos hollandezes em Pernambuco.
1670—Morte do celebre Monk, duque de Albemarle.

5

1568—Tomada de Mangalor, pelos portuguezes, capitaneados por D. Antão de Noronha.

6

1498—Descobre Vasco da Gama o rio dos Reis.
1814—Combate de la Bastide.
1589—Morte de Catharina de Médicis.

7

1830—Morte da rainha D. Carlota Joaquina.

8

1510—Tomada de Bougie pelos hespanhoes.
1661—Insurreição republicana em Londres.

9

1827—Batalha de Coruche.
1537—Cosme de Médicis é eleito chefe da republica de Florença.

10

1717—Creação do primeiro patriarcha de Lisboa.
1610—São expulsos de Hespanha os mouros.

11

1580—Reunem-se côrtes em Almeirim.
1827—Combate das Boticas.
1801—Passagem do Brenta pelo exercito franeez.

12

1809—Os portuguezes tomam Cayenna aos francezes.
1582—Morte do duque de Alba.

13

1759—Execução dos fidalgos, accusados e convencidos do crime de lesa-magestade, no caes de Belém.
1635—Morte do sabio antiquario benedictino Montfaucon.

14

1526—Tratado, assignado em Madrid, entre Francisco 1 e Carlos V.

15

438—Publicação do codigo theodosianno.
1724—Abdicação de Filippe V, rei de Hespanha.

16

1423—Terrivel epidemia em Coimbra.

17

1834—Ataque da praça de Lagos.
1805—Morte do famoso orientalista Anquetil Duperron.

18

1535—Fundação da cidade de Lima, no Perú, por Pizarro.

19

1812—Tomada de Cidade Rodrigo pelo exercito anglo-luso.
1795—Occupação de Amsterdam pelas tropas de Pichegru.

20

1558—Celebram-se côrtes em Lisboa.
1586—Victoria alcançada pelos portuguezes em Malaca.
1799—Termina a segunda guerra da Vendéa.

21

1750—Morte do erudito italiano Muratori.

22

1758—Tomada de Kœnigsberg pelos russos.
1528—Henrique VIII e Francisco I declaram guerra ao imperador Carlos V.

23

1516—Morte de Fernando o catholico, rei de Hespanha.

24

1712—Nascimento do celebre Frederico II, rei da Prussia.
41—Morte do imperador Caligula.

25

1498—Chega Vasco da Gama ao rio dos Bons Signaes.
381—Morte do rei dos godos Athanarico.

26

1821—Reunem-se côrtes constituintes em Lisboa.
1593—Abrem-se os estados geraes da Liga, em París.
1479—Tratado de paz entre Veneza e o sultão.

27

1654—Pernambuco é novamente conquistada aos hollandezes.
1568—Paz de Longjumeau com os huguenotes francezes.

28

1725—Morte de Pedro o grande, imperador da Russia.
1654—Francisco Barretò de Menezes entra triumphante no Recife.
1803—Reorganisação da academia franceza.

29

1384—Nuno Alvares Pereira desbarata os castelhanos na batalha dos Atoleiros.
1814—Morte do philosopho allemão Fichte.

30

1646—Carlos I, rei de Inglaterra, é entregue aos commissarios do parlamento.

31

1834—Ataque á praça de Marvão defendida pelos constitucionaes.
1661—O cadaver de Cromwell é exposto na forca em Tyburn.

Na morte de Nero os romanos se coroam de flores; affluem aos templos, para dar graças aos deuses; e cobrem o malvado de imprecações: taes são as honras posthumas dos tyrannos.

— São immensos os conselheiros, e raros os bons conselhos; mas a despeito d'isso, ha mais quem dê bons conselhos que quem dê bons exemplos.

M. Carvalho—Aphorismos.

Recebem-se assignaturas para este semanario, nos logares indicados nos n.os 1 e 2, e na livraria do sr. Candido José Brabo, rua Aurea, n.º 212.

ITALIA — PONTE DA ABBADIA

Ao noroeste dos estados da Igreja, cêrca da fronteira que os separa da Toscana, e pouco mais ou menos a meio da estrada que une a pequena cidade de Canino ao porto de Orbitello, corre, de norte a sul, um rio insignificante a que chamam o Fiora; nasce no territorio de Radicofani, e vae lançar-se no Mediterraneo entre Civita-Vecchia e Porto Hercole.

Ladeado de risonhas e pittorescas margens, este rio passa por entre as ruinas de uma antiquissima cidade etrusca, e os vastos cemiterios, em que o principe de Canino e os srs. Candelori e outros proprietarios das circumvisinhanças effectuaram, ha vinte annos, importantes descobertas, que consistiram em vasos etruscos de todas as fórmas e grandezas, ornados de curiosas pinturas; e depois em numerosos objectos de ouro, e outros metaes preciosos, encontrados, como aquelles vasos, nas sepulturas dos habitantes da velha cidade de Vulci.

A uma milha e um quarto das ruinas mais septentrionaes da referida cidade, ergue-se uma ponte construida sobre o Fiora, no sitio em que a estrada de Canino para Orbitello o atravessa. Esta ponte de boa fabrica, estylo arrojado e excellente conservação, é defendida da parte oriental, por uma robustissima casa ou convento acastellado da idade media, do qual lhe veiu talvez o nome por que é hoje conhecida: *ponte dell'Abbadia* (ponte da Abbadia). Actualmente serve de posto fiscal; por cima da porta da capellinha, que se comprehende no seu recinto, vê-se um baixo-relevo, devido sem duvida a algum artista romano.

Duas especies de construcções bem distinctas constituem a ponte do Fiora. A primeira, a que serviu como de nucleo aos trabalhos posteriores, consiste em grandes pilares de tufo vermelho; o apparelho das pedras é feito em esquadria, e por conseguinte similhante ao que usavam os etruscos, e de que se encontram, mórmente na Italia, frequentissimos exemplos. Esta obra não está ligada a que se fez posteriormente por nenhum dos meios conhecidos e empregados, tem além d'isto a circumstancia especial de ser composta de uma especie de pedra de qualidade mais branda do que a empregada no resto da ponte.

Os romanos conquistada, na epocha da republica, esta região aos etruscos, levantaram a ponte tal como a podemos admirar presentemente.

Não é possivel admittir que, a tel-a erigida de um só lanço, empregassem para sustentar pezadissimas abobadas (a do arco central tem 20 metros de abertura) materiaes menos compactos e menos resistentes que os das demais peças importantes.

Deve pois suppor-se (primeiro, que sobre o rio,

proximo de uma povoação florescente, fôra construida na primitiva uma ponte de origem tyrrhena, sobre cujos pilares, existentes ainda, corria um pavimento de madeira; segundo, que os romanos, aproveitando o primeiro trabalho, que realmente merecia ser conservado, por isso que alcançava a consideravel altura de 31 metros, reforçaram apenas os pilares etruscos, de sorte que pudessem com segurança aguentar os arcos da ponte, cuja execução está indicando a data, em que foi concluida; de sorte que o monumento dos colonos indigenas desappareceu perante o dos arrogantes conquistadores.

A ponte romana, cujo comprimento excede 79 metros, tem dous arcos sómente. Demos em outro logar as dimensões do maior; o mais pequeno mede apenas 4m 87 em largura; no feixo da abobada tem esculpida uma figura de toga; representa talvez o personagem romano que mandára erigir o edificio.

A algumas milhas ao oriente das ribas do Fiora encontra-se uma fonte de aguas mineraes, muito nomeadas pela sua abundancia, e vantagens que se tiram da sua applicação ao tratamento de varias infermidades. Junto d'aquella fonte deparam-se vestigios de vasto estabelecimento de banhos, de construcção romana tambem. Os vencedores dos etruscos, querendo porventura que Vulci se aproveitasse de tão preciosa visinhança, fizeram o aqueducto, de que ainda existem fragmentos; passava sobre a ponte da Abbadia, e n'este logar acha-se perfeitamente conservado: as ruinas romanas situadas além, perto do cemiterio septentrional da cidade etrusca, talvez sejam os restos do estabelecimento para o qual eram encanadas as aguas. A destruição dos banhos, a negligencia com que se descuidou a conservação do aqueducto, tornado assim inutil, foram causa de que, em epocha já mui remota, as aguas mineraes, privadas de direcção regular, se derramassem sobre as margens orientaes do rio, assim como sobre as muralhas exteriores do aqueducto e da ponte; ahi, endurecidas pela acção do ar e dos seculos, têem formado innumeraveis stalactites sobrepostas, que dão hoje a este formoso monumento e ao terreno adjacente, o aspecto mais pittoresco. A altura do aqueducto relativamente ao solo situado a oeste da ponte, e a sua ruptura vertical d'este lado, indicam sufficientemente, que elle se prolongava sobre a planicie até alcançar as thermas em que eram recolhidas as aguas mineraes.

Ignora-se em que tempo foi destruida esta importante parte do aqueducto, de que não resta vestigio algum. A subita interrupção do canal e das stalactites, que o obstruem, interior e exteriormente, denota claramente que tão curioso phenomeno de petrificação, talvez unico em um monumento de architectura, se observava igualmente nas partes do aqueducto que foram demolidas. Talvez mesmo que o pezo consideravel d'aquella pedra de nova formação contribuisse para a sua ruina.

NAVEGADORES PORTUGUEZES.

II.

GIL EANNES.

A fabula é a irmã mais velha da historia, diz Voltaire: e posto que esta se escreva hoje com mais seriedade e criterio do que no tempo do illustre philosopho, nem por isso taxaremos de mentiroso aquelle dito. Não observâmos nós cada dia como se adulteram os factos passados sob a nossa vista, no mesmo logar e poucas horas depois do successo? Como juraremos pois nas palavras de um historiador, que fé ajuntaremos á tradição oral, sabendo com que fidelidade se transmittem os acontecimentos no proprio momento da sua passagem! Devem porém estas considerações fazer-nos abandonar a exploração da profunda mina da historia? Não, de certo. Mas é necessario saber extrahir o ouro d'aquellas ricas veias, e não o misturar depois com outros metaes, ou imital-o com falsos ouropeis para especular com a credulidade do vulgo.

No precedente capitulo d'estes apontamentos para a historia da marinha nacional, esboçamos o confuso quadro da navegação portugueza até ao reinado de D. Diniz, ou antes, mostramos como faltavam todos os elementos para a apreciação d'essa epocha com relação ás cousas navaes: agora, de passagem para o começo das descobertas nos mares e costas d'Africa, abraçaremos em rapido bosquejo (quanto o permitte a exiguidade forçada de um artigo de jornal) o tempo que medeia entre o previdente reinado d'aquelle que mandou plantar o pinhal de Leiria, e as emprezas do infante sabio, que transformou os já crescidos pinheiros em caravelas e barcas, destinadas a buscar o caminho da India, rodeando o continente africano.

O filho de Affonso III creou diversos estabelecimentos maritimos nos portos do reino, fez aperfeiçoar a construcção naval, cuidou dos pinhaes, regularisou o serviço e disciplina das embarcações de guerra, em fim animou tão cuidadosamente este ramo do poderio e riqueza nacional, que logo no seguinte reinado as poucas galés portuguezas, capitaneadas por Manuel Peçanha, e por Gonçalo Camello, ora sós, ora de combinação com as esquadras castelhana, aragoneza e genoveza, se oppozeram ás invasões dos marroquinos na Hespanha, e guardaram as nossas costas e as de Andaluzia e Galliza das correrias dos piratas. Foi tambem no tempo de Affonso IV que os nossos navegadores, costeando a Africa na direcção do sul, passaram aquelle temeroso cabo de *Não* (como demonstra o sr. J. J. da Costa de Macedo, nas *Memorias da Academia*) que até ahi fôra o limite das navegações européas, recuando todavia ante o aspecto do cabo *Bojador*, empreza que ficou para outro seculo, e para outros homens levarem a effeito.

O commercio maritimo, as pescarias em grande escala, floresceram pela mesma epocha, á sombra da protecção dos vazos de guerra, que adquiriram nova importancia no tempo de D. Pedro I, sob o commando do almirante Lançarote Peçanha. E do reinado de D. Fernando I, esse monarcha tão calumniado pelos historiadores superficiaes, dataria a verdadeira prosperidade da marinha portugueza, que elle abraçou em todos os seus ramos, por meio de sabios reguiamentos, tendentes a animar a construcção naval, a tactica, e o commercio externo, se a desastrosa expedição de 1381 não desse um golpe terrivel na marinha de guerra, que attingia então um alto grau de esplendor, e que D. João I, mais feliz do que seu irmão, alcançou restaurar e engrandecer. O nome do conde D. Gonçalo Coutinho está ligado á memoria das primeiras batalhas navaes, sob o governo do mestre d'Aviz, e o theatro das suas façanhas foi o Tejo. Este grande monarcha, voltando todas as suas attenções para a marinha, logo que a guerra com Castella lh'o permittiu, logrou apresentar diante de Ceuta, no anno de 1415, uma frota de 33 naus, 59 galés, e 128 navios menores, todos apercebidos para

combate, e com a ajuda dos quaes se apossou d'aquella cidade.

Sabio e emprehendedor o infante D. Henrique, seu filho, não podendo proseguir por sua conta a conquista das praças d'Africa, que o rei de Portugal reservava para si e para a nação, começou de haver esclarecimentos sobre os paizes que se estendiam para o meio-dia d'aquelle continente, e dispondo dos thesouros da ordem de Christo, como grão-mestre que era d'essa cavallaria, resolveu mandar gente sua á descoberta das terras além do grande deserto, pela via maritima, unica possivel. Este pensamento, que immortalisou o infante, e se tornou a fonte da nossa maior gloria, teve resultados incalculaveis para a civilisação do mundo: mudou a face do commercio, fez da geographia uma sciencia, alargou os limites do globo, e tornou os poucos filhos d'esta terra do ultimo occidente os primeiros navegadores do universo, os patenteadores das maravilhas orientaes!

Porém essa mesma gloria, hoje esteril para nós, nos tem sido invejada por estrangeiros, que ousaram pôr em duvida a prioridade dos nossos descobrimentos na costa de Guiné. Ainda recentemente mr. de Saint-Hilaire, nas suas *Noticias estatisticas das colonias francezas*, affirma que as expedições das nações modernas datam do seculo XIV, e que foram emprehendidas por francezes de Dieppe; atribuindo tambem aos seus compatriotas a fundação dos primeiros estabelecimentos commerciaes de Guiné. Não ha, todavia, um só documento que auctorise similhante opinião, da qual até em Inglaterra se escarneceu; porém o governo francez mandou publicar sob os seus auspicios esta serie de disparates! (1) As ilhas Canarias, conhecidas desde a mais remota antiguidade, pela sua proximidade da costa africana, foram visitadas, é verdade, por um francez, João de Betencourt, em companhia de aventureiros hespanhoes, e em navios d'esta ultima nação, já no começo do seculo XV; e posto que as embarcações que ahi mandou, mais tarde, o infante D. Henrique, não encontrassem nenhum signal de senhorio castelhano (de posse franceza não se tratava *antremetcosse el-rey de Castella sobrello*, observa Azurara, *dizendo que eram de sua conquista, o que certamente nom he assy;* mas de facto aquellas ilhas ficaram para sempre pertencendo á corôa de Hespanha.

Antes d'essa epocha não ha noticia de outros navegadores europeus, senão dos aventureiros escandinavos, que sulcando os mares do norte, já nos fins do IX seculo, se estabeleceram na Islandia, e descobriram a Groenlandia pelo meado do X seculo. Alguns escriptores, seguindo as chronicas islandezas, suppõem que esses navegadores chegaram a reconhecer o continente americano, que denominaram Winenland ou Viland, talvez a terra de Labrador. Um historiador sueco, contemporaneo nosso, o sr. Folsom, adquiriu na Islandia, não ha muitos annos, novos manuscriptos relativos a esse descobrimento, e tendo passado á America, ahi encontrou, no estado de Massachusets, inscripções traçadas em caracteres escandinavos, sem data, porém que o joven historiador affirmou deverem remontar além do nono seculo.

Verdadeiras ou falsas as noticias d'estes descobrimentos deviam ter chegado á noticia do infante D. Henrique, e foi provavelmente com o fito de encontrar essas terras que elle despachou a Gonçalo Velho para explorar os mares do Occidente. A successiva descoberta das ilhas dos Açores, no sentido de leste para oeste, parece indicar que se buscava alguma supposta terra n'aquella direcção, e combina com o que diz Martim de Bohemia ácerca da expedição de Gonçalo Velho, que ia ao *descobrimento dos paizes que se acham além do cabo de Finisterra.*

A questão de prioridade na descoberta da America tambem nós a podemos pleitear, porque do tempo d'Affonso V fallam os chronistas em descobrimentos de terras que ficaram por explorar, e até confessam ignorar quem fossem os descobridores de outras, que ainda pertencem á corôa de Portugal, como são as ilhas de S. Thomé e Principe; porque não dirá pois a verdade o padre Cordeiro na sua *Historia insulana*, e não seriam os portuguezes João Vaz Corte-Real e Alvaro Martins Homem, que primeiro aportassem á Terra Nova, ou Terra dos Bacalhaus, em 1462 ou 1463?

Voltemos porém á exploração d'Africa, de que nos afastou bastante esta digressão para o Occidente.

Quanto á data das primeiras tentativas maritimas ao longo da costa d'Africa, ordenadas pelo infante D. Henrique, contradictorios são entre si os nossos historiadores; como porém Gomes Eannes d'Azurara escreveu a sua *Chronica de Guiné*, sob a direcção do duque de Vizeu, cujo contemporaneo e amigo era, preferiremos quasi sempre o seu testemunho ao de outros escriptores mais modernos, no periodo de historia maritima que elle abraçou (até 1448) em detrimento mesmo de Damião de Góes e do proprio João de Barros.

A idéa do mar *Tenebroso*, que se estendia para além das Canarias, assustava por tal fórma os maritimos europeus, influenciados pela fabulosa tradição dos geographos arabes, que a passagem do cabo *Bojador* lhes parecia empreza sobre humana, como se a mão de Deus houvesse escripto no medonho promontorio: Além não se passa! Novas columnas de Hercules, essas pontas de rochedos fizeram, durante seculos, voltar o rosto aos mais ousados navegantes. Porém o grão-mestre da cavallaria de Christo que, não sendo elle mesmo navegador, contribuiu mais do que ninguem para o esplendor da arte naval, com a sua escola de Sagres, o seu espirito de descoberta, e seus estudos astronomicos e geographicos, o immortal infante desprezou as vozes do vulgo, que dizia: «Além d'esse cabo não ha gente nem povoação alguma; o mar é tão baixo que a uma legua de terra não ha fundo mais que uma braça; as correntes são tamanhas, que navio que lá passe não tornará mais.» e, como sabio que era, mandou repetidas embarcações, cada verão, por espaço de doze annos, a tentar a passagem do Bojador, não perdendo a esperança ao ver que voltavam sem cumprir seu mandado, antes animando os homens a fazerem novas diligencias.

Já antes de começar esta porfia em dobrar o cabo Bojador, dous cavalleiros da casa do infante, Tristão Vaz e João Gonçalves Zarco, acossados por uma tempestade, haviam descoberto a ilha de *Porto Santo* (2) descoberta que outros escriptores attribuem a Bartholomeu Perestrello, com o fundamento de que foi elle o primeiro capitão d'aquella ilha (3), quando aliás parece certo que o dito Perestrello só acompanhou Tristão e Zarco na segunda viagem, em que descobriram a ilha da *Madeira* (1418 ou 1419). Como esta extensa ilha foi dividida em duas capitanias por João Gonçalves e Tristão Vaz, facil é de conceber que fi

1 V. [illegible] IV [illegible] d'[illegible] [illegible] 146

1 Azurara, Chronica de Guiné.
2 Azurara e Barros, Decadas.
3 D. Francisco de S. Luiz, Indice chronologico.

casse ao seu companheiro Perestrello a capitania, muito inferior áquellas, de Porto Santo! «O silencio de Azurara ácerca de Roberto Machim e Anna d'Arfet, parece indicar, diz mui judiciosamente o sr. visconde de Santarem, que este romance se não tinha ainda inventado no tempo do auctor.» Ha todavia, ainda hoje, quem sustente que foram aquelles conjuges britannicos os primeiros visitadores da Madeira, e até derivam de Machim o nome de *Machico*, que tem a mais antiga povoação da ilha. Pelo amor que lhe consagram, parece, na verdade, haverem sido os inglezes os descobridores d'esta insula!

Seria em consequencia de tão precioso achado, que o commendador de Almourol foi mandado a descobrir novas terras para o occidente, em 1431, ou militariam as razões acima apontadas de constarem em Portugal os resultados das navegações escandinavas? Como quer que fosse, Gonçalo Velho avistava a ilha de *Santa Maria* (1432) em quanto, na costa d'Africa, proseguiam as diligencias infructiferas para dobrar o Bojador.

Gil Eannes, depois de repetidas tentativas, conseguiu finalmente vencer esse trabalho de Hercules, passou além do assustador promontorio, e nada encontrando de sinistro nas ondas do mar Tenebroso, regressou a Portugal com a gloria de haver quebrado o fatal encantamento. Novo Alexandre, Gil Eannes cortava aquelle nó gordio.

O escudeiro do infante, armado cavalleiro por seu amo á volta do Bojador, acabava de associar o seu nome ao complemento de uma façanha, que hoje nos parece insignificante, porém que aquelle seculo reputava como impossivel de levar a cabo! E com effeito, não destruíra pela sua ousadia as fabulas dos geographos arabes, despovoando de phantasmas aquella parte do Oceano? Não abríra novos e illimitados horisontes á navegação e ao espirito de descoberta? É por isso que tomamos o nome de Gil Eannes para o collocar á frente d'este capitulo, como o navegador portuguez que patenteou a estrada maritima do Oriente, plantando o primeiro marco milliario da nossa historia naval.

Grande devia ser a alegria do infante emprehendedor ao saber tão boa nova, e os animos abatidos dos seus mareantes fam erguer-se ousados, com a certeza de terem mais longo mar, do que suppunham, para campo das suas explorações. Os perigos que são patentes não os temem os homens corajosos... porém aquelles mysterios do mar Tenebroso? Eram de assustar, porque ninguem os explicava!

Lá se vae outra vez ao mar o nosso Gil Eannes, em sua barca, já seguida de um barinel ás ordens de Affonso Gonçalves Baldaya, copeiro do infante. Cincoenta leguas ávante do cabo Bojador, encontram rastro de homens e de camellos, destruindo assim mais uma apprehensão do vulgo, que cria serem deshabitados esses ardentes paizes; com estes novos desenganos voltam a Portugal.

Estava desfeito todo o castello de fabulas que a antiguidade levantára; podia-se emprehender seriamente a tentativa, agora pouco duvidosa, de achar o caminho maritimo para as terras do Preste João... Mas que trabalhos ainda a vencer para alcançar esse fim! A vida de um homem não podia ser bastante longa para ver coroados os seus estorços: o sonho de D. Henrique só foi uma realidade depois das diligencias de quatro reinados successivos!

A cidade de Lagos deve ufanar-se de ter dado o berço ao intrepido Gil Eannes, corajoso navegador que não teve cão dos trabalhos de exploração na Africa, em quanto lhe restou um sopro de vida. Ainda dez annos depois o encontrâmos associado com outros cavalleiros, e já navegando para além de Cabo Verde. Posto que n'esta expedição não fosse elle o chefe, mas sim um tal Lançarote, que foi tambem armado cavalleiro por D. Henrique, o conselho de Gil Eannes era sempre respeitado e seguido, diz Azurara, como o de navegador sabio e experimentado.

Aonde repousam as cinzas de Gil Eannes? Provavelmente confundidas com as de tantos outros generosos filhos de que a mãe patria se esquecen.

F. M. Bordalo.

O COLOSSO DE RHODES.

No anno 303 antes de Jesus Christo, pouco mais ou menos, erigiram os habitantes de Rhodes, á entrada do porto d'esta cidade, na ilha do mesmo nome, uma estatua de Apollo, que pelas suas gigantescas proporções mereceu ser qualificada de colosso.

Cincoenta e seis annos depois essa famosa estatua, que os antigos reputavam a maravilha do mundo, foi derrubada por um terramoto.

Pregoeiro da grandeza a que chegára áquelle povo o colosso destruido annunciou a sua queda.

E era um monumento realmente admiravel. De bronze todo, pezava setecentos e vinte mil libras, e media em altura trinta e quatro metros aproximadamente.

Custa a conceber como se pudesse fabricar tão estupenda mole, sendo notorias as difficuldades que offerecem similhantes trabalhos ainda na presente epocha, que representa sobre a da fundação do colosso um progresso immenso em todos os ramos do saber e da industria humana. Entretanto, se podemos suppôr que escriptores eminentes, taes como Plinio e Strabão, exageraram um pouco a importancia e dimensões do monumento, não é licito duvidar inteiramente do seu testemunho.

Logo que pela Grecia correu a voz de que Rhodes padecêra tremendo desastre, e que o colosso fôra destruido, reis e povos acudiram com valiosos subsidios, para que a cidade fosse reedificada e o simulacro do deus reposto no seu logar.

Esses subsidios todavia parece que não bastaram á reparação das ruinas, e a estatua jazeu desprezada perto de novecentos annos, até que no de 672 da nossa era Mauviah, logar-tenente de Othman, quarto kalifa do islam, apossando-se de Rhodes, a fez desmanchar, vendendo-a n'este estado a um judeu, o qual, segundo dizem os historiadores bysanthinos, empregou no seu transporte mais de novecentos camellos!

Quem foi o auctor da estatua do Apollo de Rhodes? Seria ella obra de um unico artista. São perguntas estas a que não é facil responder com inteira certeza.

Posto que levasse uns quinze annos a fazer, segundo a opinião e os calculos de Clinton, auctor dos *Fastos hellenicos*, é de presumir, é mesmo indubitavel, que muitos artifices fossem empregados n'essa tarefa. Seja como fôr a honra de haver pelo menos, dirigido a execução de tão primoroso monumento cabe a Chares de Lindos, discipulo do esculptor Lysippo.

A nossa gravura é transumpto de uma medalha, cunhada na ilha de Rhodes no começo do imperio romano. No reverso apresenta esta curiosa medalha uma imagem de Apollo, que talvez seja cópia mais ou menos aproximada do celeberrimo colosso.

O deus está de pé, nu, e segurando na mão direita uma corôa, a qual depõe sobre o trophen, que se observa ao lado. Em torno lê-se a indicação do valor monetario da medalha. *Didrachmon* (duas drachmas). Ao lado direito distinguem-se algumas palavras gregas que significam litteralmente: *Os rhodios para os Augustos*. Os Augustos, a que aqui se faz referencia, eram Tiberio e Livia sua mãe.

Não affiançámos que a medalha represente o monumento de Rhodes tal como elle era; o trophen allude sem duvida a algum successo particular; entretanto, sendo esta peça cunhada em Rhodes não parece temeridade suppôr que o artista se inspirasse de uma obra, que era a gloria da sua patria, reproduzindo-a, ainda que infielmente, no seu pequeno trabalho.

DESCRIPÇÃO E RECORDAÇÕES HISTORICAS DO PAÇO E QUINTA DE QUELUZ (1).

Corria o anno de 1654, em que alguns successos das nossas armas não puderam contrapezar a prematura morte do esperançado principe D. Theodosio, victima do plano, offerecido, mas não inventado, por um famoso orador, de avivar a nação por meio de um nó suffocativo da nacionalidade (2), quando el-rei D. João IV, que via claro em estando desassombrado da politica, sempre errada e sempre errante de ministros sem côr (3), e de tracistas mortos por fazer tudo da sua, querendo segurar na linha transversal do novo herdeiro presumptivo da corôa a successão d'ella, e a boa sorte do reino, ambas mal garantidas nas qualidades physicas e moraes d'este principe, instituiu, por carta de 11 de agosto do referido anno, a chamada, depois ampliada, e hoje extincta *Casa do Infantado*, que igualou, em preeminencia, direitos e privilegios, á de Bragança, incorporando consecutivamente n'ella, sob justas clausulas, por alvará de 17 do predito mez, a casa denominada *Côrte Real*, junto ao paço da Ribeira, e a quinta de Queluz, tambem adjudicadas ao fisco por sentença proferida contra o segundo marquez de Castello Rodrigo (1). Sendo esta quinta (onde o infante, depois rei D. Pedro II, ía com frequencia desenfadar-se dos desgostos da côrte, e só n'uma grave conjunctura pousou por espaço de alguns dias) o logar da acção de alguns episodios notaveis do enredo politico que se desenredou com a vergonhosa deposição de el-rei D. Affonso VI, submetter-me-hei, malgrado meu, á obrigação e pena, em que me poz o titulo d'este artigo, de pintar aquellas scenas assás tristes, mas meuos tragicas que outras representadas em maior theatro no mesmo seculo de claridades raiado de sangue.

Tinha entrado então a França na sua bella idade de ouro, e o brilhante reinado de Luiz XIV, apenas saído de uma revolta ridicula e nociva, como todas as que são feitas pelas paixões dos homens, e não pelas necessidades dos tempos, e já triumphante dos inimigos externos, resplandecia, ainda mais que pelas armas, em que tanto luziu o valor e pericia de Vauban, Turenne, e Condé, pelas torrentes de fulgor de Bossuet, Fénélon, Bourdalone, Pascal, Mallebranche, Descartes, Corneille, Racine, Boileau, e tantos outros genios immortaes que, illustrando a sua patria, allumiaram e civilisaram o orbe; já, em Inglaterra, o famoso Monck, tão habil general, como profundo politico e subdito leal, tinha, apoz uma grande catastrophe, e uma sanguinosa guerra mais do que civil, franqueado com mão prudente e victoriosa as portas e os degraus do throno da Gran-Bretanha a um principe banido pelos regicidas de seu pae em nome da chimerica e por elles assoalhada *soberania do povo*, restituindo a este a doce paz creadora ou aperfeiçoadora dos ingentes talentos de Butler, Milton, Dryden, Swift, e do immensuravel Newton; já, finalmente, Grotius, e Puffendorff, tinham, mesmo de dentro de suas prizões, diffundido enchentes de luzes no direito publico universal e das gentes, quando o nosso Portugal, onde ainda scintillavam algumas faiscas do grande luzeiro que d'este cantinho da Europa illuminára tantos povos no seculo antecedente, apresentava o singular espectaculo de um como diorama, no qual, em revez da grata vista de um heroismo e amor da patria d'alta prova, pugnando pela independencia nacional, e coroados de louros nas linhas d'Elvas, em Badajoz, no Ameixial, em Montes Claros, e Ciudad Rodrigo, se via outro ajuntamento, tambem em acto de guerra (que isso significa a voz latina d'onde os etymologistas com muita propriedade derivaram a palavra *Côrte*), pondo, por effeito de paixões vis e de zizanias repugnantes, em contingencia aquella mesma existência politica sustentada nos campos de batalha com os maiores esforços. Ha quem diga que esta luta de paizanos, em contraposição á dos soldados, e que causa tanta ruina ao paiz, é um como instrumento obrigado de

1 Continuado de pag. 396 do volume XI d'este semanario.

2 Alludo á negociação do casamento do principe D. Theodosio com a infanta D. Maria Thereza, então herdeira presumptiva da corôa de Hespanha, e que depois casou com Luiz XIV, negociação, tratada em vão no anno de 1648, em Roma, pelo padre Vieira, auctor d'este plano, com o padre Mendonça, assistente do geral dos jesuitas, e irmão do duque do Infantado, embaixador hespanhol n'aquella côrte, e que deu motivo a ordem, que tanto magoou aquelle nosso principe, de se retirar do exercito.

3 De um d'estes, que respondia a todos os pretendentes: *fará-se-lhe o que fôr minhor* e que fazendo uma palavra das duas *capaz* e *idonio*, qualificou alguem de muito *capacidonio*, dizia um dia uma dama de muito sal á rainha D. Luiza que, «assim como na justiça havia juizes da vara, el-rei tinha ministros de covado.»

1 Para rectificação do que disse acerca da descendencia do primeiro marquez de Castello Rodrigo, inscrevo aqui os seguintes esclarecimentos, que a tal respeito acaba de dar-me o sr. João Carlos Feo Cardoso de Castello Branco e Torres, D. Manuel de Moura Côrte Real, segundo marquez de Castello Rodrigo, casou com D. Marianna de Mello, filha de D. Nuno Alvares Pereira de Mello, terceiro conde de Tentugal, da qual teve D. Francisco de Moura Côrte Real, terceiro marquez de Castello Rodrigo, casado com D. Anna Maria d'Aragão Moncada, filha dos principes de Paterna. Teve este duas filhas, a primeira D. Leonor de Moura Côrte Real, que, nem das suas primeiras nupcias com Aniello de Gusman e Caraffa, filho dos duques de Medina de las Torres, nem das segundas com D. Carlos Homodei marquez de Almonacid, e depois de Castello Rodrigo, teve successão, e a segunda filha, D. Joanna de Moura Côrte Real, tambem casada duas vezes, a primeira com D. Gilberto Pio, principe de S. Gregorio, cuja descendencia existe em Milão, e a segunda com D. Domingos Contarini, embaixador de Veneza em Vienna, que morreu sem successão

todas as restaurações. Na de que se trata, dous partidos, ambos cortezãos, ambos ambiciosos, e ambos cegos, com mui poucas excepções, estimulavam, um contra o outro, um rei leso do corpo e do juizo, e um infante physica e moralmente sadio que havia succeder-lhe no throno.

A pedra em que estes dous principes primeiramente toparam, e que fez as roturas que vou referir, foi a nomeação de camaristas do infante. Indo elle, na tarde de um dos primeiros dias de setembro, e em companhia de Simão de Vasconcellos, irmão do ministro universal conde de Castello Melhor, e guarda-mór da sua casa, da quinta de Queluz para a de Alcantara, onde el-rei então residia, e dizendo, a proposito de se fallar na demora da approvação regia da proposta que elle fizera de alguns individuos para seus camaristas, que esta e outras desattenções com que el-rei seu irmão o tratava provinham do conde de Castello Melhor; accrescentando que «seria bom que este ministro procurasse emendar tantos desacertos,» Simão de Vasconcellos, arrebatado de ira, disse que «desde logo se dava por demittido do seu emprego de chefe do serviço de sua alteza,» que com cordura lhe observou que «bom seria pensar seriamente no caso, a fim de evitar que a porta, que tantas vezes achára franca, se lhe não cerrasse para sempre.» Persistindo o criado fogoso na sua imprudente resolução, a ponto de não querer acompanhar seu amo quando este, depois de visitar el-rei, se recolhia a casa, grande foi a magua que um tão arriscado arrojo causou ao primeiro ministro, que assim viu frustradas as esperanças que puzera na collocação de um irmão no primeiro e mais intimo logar da casa do futuro soberano. Nas discordias intestinas, como em muitas outras conjuncções, vêem-se os homens d'estado menos compromettidos pelos seus actos e pelas censuras dos seus contrarios, que pelos passos que dão ou que perdem, e com que ás vezes os perdem os seus amigos cegos e obstinados. Com o fim de ver se podia ainda remediar o damno que a si fizera, e lhe occasionára o despropositado procedimento de seu irmão, abalançou-se o conde de Castello Melhor, que nunca foi falto d'animo, bem que nem sempre o tivesse de acertar, a ir fallar com o infante em Queluz, e ali, «depois de uma longa enumeração dos seus serviços a prol da dynastia de Bragança e da patria, procurou arteiramente descarregar-se á sombra d'elles, do mau proposito que sua alteza, menos bem informado, injustamente lhe attribuíra de o desservir na actualidade de ministro da corôa;» concluindo com «pedir ao infante que, em prova de ser bem acceita a sua justificação, se dignasse restituir Simão de Vasconcellos á sua graça e ao emprego que exercia na sua casa.» Eu que, ha 34 annos, presenciei um caso analogo, em que todavia o ministro interlocutor foi, graças á magnanimidade do principe com quem se explicou, mais feliz que o escrivão da puridade d'el-rei D. Affonso VI, muitas vezes figurei no pensamento, passeando no jardim de baixo em Queluz, onde a scena d'elle com o principe se passou, ver a ancia com que o conde, depois de interpôr o seu recurso difficil e immediato á pessoa que por instantes podia ser seu rei, aguardava entre esperança e temor a sua sentença afinal, que o infante deu, respondendo-lhe com ar severo «que o não havia por justificado das razões de queixa que tinha d'elle; e que se o conde queria desvanecel-as, na mão tinha o remedio, moderando as acções d'el-rei, que todos sabiam que era governado por elle; e que, logo que o visse seguir esta marcha, no mesmo ponto faria por se esquecer do passado, e reporia Simão de Vasconcellos no seu antigo posto.» O infante tinha a varias luzes razão; enganava-se porém, suppondo que dependia inteiramente do ministro a emenda dos desacertos do monarcha, quando por detraz da cortina do poder legal existia outro poder, sem forma e sem nome, que arrastava aquella purpura aos maiores desconcertos: além de que as imaginadas omnipotencias das pessoas que figuram nos logares mais eminentes não são em tudo e por tudo tão absolutas como o vulgo pensa; e tal chefe de situação, que faz leis, e até se remonta sobre ellas, não poderá em certas occasiões compôr dous obscuros entes brigados.

Passados mezes, e crescendo n'este entremeio os desgostos que el-rei dava ao infante, resolveu este passar-se da cidade, em companhia do seu camarista e fiel amigo D. Rodrigo de Menezes, irmão de D. Antonio Luiz de Menezes, conde de Cantanhede, e primeiro marquez de Marialva, para a sua quinta de Queluz, em ordem a evitar quanto pudesse as occasiões de se encontrar com seu irmão. Apenas se espalhou a noticia da saída do infante correram logo a visital-o na sua casa de campo todos aquelles que, sem attenção a dependencia costumavam assistir-lhe, e uma immensidade de gente que até ali o não procurára. A moda, que tem poder em tudo, em cousa alguma mostra mais o seu capricho do que relativamente ás pessoas que são bem ou mal vistas no paço; e, assim como, em certas circumstancias, fica mal ao homem mais puro cair ali em desgraça, tambem ha epochas em que ella é uma especie de fogo purificador de defeitos e allumiador de boas qualidades. Causando bem assim aquella novidade algumas perturbações no reino, e constando similhantemente ao infante que o gabinete de Madrid punha toda a sua politica em jogo para atiçar a discordia, que ardia no seio da familia real e da nação portugueza, afim de tirar partido d'esta calamidade, tanto bastou para que sua alteza, sem mais insinuação, se decidisse a regressar a Lisboa, mandando ao mesmo passo suspender os preparos que mandára fazer para passar o futuro inverno em Almada.

Todos sabem o desfecho que apesar de uma decisão tão cordata, e da não menos nobre resolução que tomou o conde de Castello Melhor de saír do governo e do reino, teve este triste drama, provando a verdade com que Cicero disse que «nas guerras civis, onde tudo são miserias, nada é tão miseravel como a victoria;» (1) mas o que não é tão conhecido, e por isso, bem que fóra do meu quadro, inserirei n'este logar, é a viva e eloquente pintura que um orador, que muito concorreu para a queda d'el-rei D. Affonso VI, fez do reinado d'aquelle soberano. «Raro principe (diz o padre Antonio Vieira) se achará nos annaes da fortuna que em toda a sua vida a experimentasse tão varia; mas tambem se não achará outro que mais a sujeitasse em seu reinado, e a lograsse mais prospera e mais constante. Em seu tempo se armaram com todo o poder as maiores forças dos seus e nossos contrarios: em seu tempo se guerrearam em nossas campinas as mais decisivas batalhas, e em seu tempo, sem excepção, triumphou sempre Portugal com as maiores victorias. Era manco de um pé, era aleijado de um braço, e do mesmo lado padecia na cabeça uma grande lesão, porque a força do ataque de paralysia que soffrêra ainda menino o partiu pelo meio: mas, assim mesmo cortado em duas ametades,

(1) Omnia sunt misera in bellis civilibus, sed miserius nihil quam ipsa victoria. — Cic. Marcello. Fam. lib. 4.

foi sempre vencedor, parecendo que quiz mostrar Deus a todas as nações, que bastava ametade de um rei de Portugal para debellar e vencer uma das maiores monarchias do mundo... Morreu emfim o felicissimo Affonso, acompanhando no mesmo dia e á mesma hora o enterro e a fortuna d'aquelle principe, por terra, o seu povo com lagrimas, por mar, as suas frotas sem bandeiras.»

Nenhuma eloquencia sobe tanto de vôo, e ha ao mesmo tempo tão finamente engraçada como a dos grandes engenhos, que por fazer um acinte a si mesmos e á parte prospera a que tinham handeado e de quem estão descontentes, põem sobre as nuvens os contrarios de que tinham feito grão menoscabo.

Continuando o sr. D. Pedro, depois de rei, a administrar a Casa do Infantado, passou ella, apoz seu pacifico reinado, ao infante D. Francisco, seu filho segundo, que no verão habitava Queluz, onde apenas deixou para memoria um pequeno mirante, que existe no por isso chamado *Alto do miradouro*, uma pequena ermida edificada no vão que hoje occupa a *Sala das talhas*, e que foi demolida quando se deu principio ao novo palacio, e a má reputação de homem de coração duro, que deu occasião a que gente rustica e ignorante d'aquelle sitio crê-se que elle cem annos depois da sua morte, occorrida em 1742, andava vagando de noute pela quinta, carregado de ferros, em castigo das suas crueldades.

Por morte d'este principe, que não deixou successão legitima, pleitearam em tempo d'el-rei D. José, o infante D. Pedro, seu irmão, que depois esposou a rainha D. Maria I, com seu tio o infante D. Antonio, a Casa do Infantado que por sentença foi julgada ao primeiro d'estes dous contendores. Ha quem diga, firmado na lei da instituição d'aquelle vinculo, e nas disposições testamentarias d'el-rei D. Pedro II, que esta casa, como muitas cousas que andam descaminhadas n'este mundo, quasi nunca esteve em poder do seu dono.

MARQUEZ DE REZENDE.

Escolhe para esposa mulher, que seja docil, prudente, activa e honesta; embora não seja nobre, nem rica, nem bella.

AMOR — GLORIA.

Amour — fecbi- pour t. modis e grand courage
M. J. Chenier.

Uma que presta, sem que a outra exista?
Da mesma lyra duas cordas são;
Ambas nos cegam; e uma á outra dista
O breve espaço d'uma só canção.
Irmãs e amigas o poder divino
A gloria nunca separou do amor;
Juntas ainda n'este fragil hymno
Não tem as duas mais que um só cantor!

A voz da gloria se rebenta a guerra
Que de prodigios o soldado faz!
N'um só affecto todos os mais encerra
Desvaira e teme que se chegue a paz!
Crente n'uns olhos que a paixão accende
Outros se inspiram só á voz do amor.
Culto igual a minha lyra rende;
Não tem as duas mais que um só cantor!

A gloria altiva que no sangue exulta
Marengo falla, e Waterloo bemdiz.
O heroe do sec'lo, que a si mesmo avulta,
Oppõe taes cantos ás flores de liz.
Menos ardente, por um só sorriso
A gloria nasce quanta vez do amor!
Ambas unidas no futuro diviso,
Não tem as duas mais que um só cantor!

L. A. PALMEIRIM.

A EXPOSIÇÃO UNIVERSAL EM PARIS.

No dia primeiro de maio do anno corrente deve ter logar em Paris uma exposição dos productos do solo e do trabalho de todas as nações do mundo.

Como a exposição universal de Londres o pacifico concurso industrial que ha de pleitear-se na famosa capital da França tem de marcar necessariamente um passo gigantesco na escala do progresso scientifico e artistico.

Todos os povos se preparam com afan para ahi comparecer com honra e proveito.

Portugal, que soube, pelo genio e industria de seus filhos, ganhar invejados louros na exposição universal de Londres, tem segura na de Paris uma posição distincta, senão brilhante.

A commissão portugueza, creada por decreto de 23 de janeiro de 1853, para o fim de organisar a exposição dos productos da agricultura e da industria fabril de Portugal, que têem de serem remettidos para Paris, ha empregado todos os meios para bem desempenhar a laboriosa tarefa de que foi incumbida. Applanadas as maiores difficuldades, e obtida a cooperação efficaz e patriotica dos industriaes é de esperar que o paiz ainda d'esta vez alcance um assignalado triumpho.

Discutir a utilidade da comparencia dos productos da industria agricola e fabril de Portugal na exposição de Paris seria uma superfluidade, porque todos estão nas circumstancias de a avaliar.

São dignas porém de meditar-se as considerações que a commissão portugueza offerece na collecção dos seus *Documentos officiaes*, que nos foi enviada, e temos presente.

Depois de mostrar em que differem as exposições de Paris e Londres, das que podem chamar-se nacionaes ou locaes; depois de declarar que entende ser possivel que Portugal figure honrosamente, pelo menos, n'esta grande festa da industria, a commissão portugueza accrescenta no seu relatorio:

«A commissão entende que, firmes na força da nossa vontade, devemos ser modestos nos nossos desejos não querendo cada expositor julgar-se desde logo com direito a um premio. Figurar n'aquella exposição, estar habilitado pára ter um logar em que o seu nome se inscreva ao lado de um producto, em tão magestosa reunião dos tropeus memoraveis das victorias do talento e da vontade, é um titulo que enobrece, porque significa que o expositor é util á humanidade, e que sabe honrar o nome da nação a que pertence. E bastam poucos exemplos para esclarecimento da idéa fundamental de todos os trabalhos da commissão. Uma medida de trigo portuguez sobre um aparador marchetado de composições, que se confundam com o metal, com a tartaruga, e com o esmalte, ao pé das sedas maravilhosas de Lyão, cercada dos bronzes, em que o gosto do desenho se manifes-

ta em caprichos phantasticos, significa para o economista um ponto serio de estudo, dizendo-lhe que Portugal produz cereaes para o seu consumo, e que já tem ido por vezes alimentar os mercados famintos da Europa, elle que ahi levou o ouro das minas de um imperio, porque não tinha trabalho para dar em troca do pão de que se alimentava, e porque havia julgado que esse ouro, capital que se consome e acaba, podia substituir o capital do trabalho, que é indistructivel, sobrevivendo a uma geração para enriquecer a que se lhe segue. Essa mesma medida e a sua significação economica explicaria como existindo em Portugal, no anno de 1835, uma só machina de vapor da força de dezeseis cavallos, já ao presente existem setenta com a força de novecentos outenta e nove cavallos. Isto é, a agricultura, augmentando o alimento da vida, achou consumos no trabalho fabril, que ao lado do seu incremento se foi desenvolvendo, e a povoação industrial crescendo, apresentou o incentivo efficaz á producção agricola, o qual foi dando valores a terras que o não tinham. E assim, perdido o Brazil pela politica, acabado o monopolio dos generos coloniaes pelas revoluções do commercio, as minas de ouro, que haviamos perdido, foram novamente achadas, pelo arado na terra que a inercia tinha deixado inculta, pelo braço no thear que se deixava apodrecer no ocio, e finalmente pela geração em que estamos, n'essas columnas de vapor que parecem destinadas a gniar o homem a uma era, em que a intelligencia quebre na terra o ultimo annel da cadeia que a prende á servidão.

« Similhantemente um frasco de vinho do Douro significará, ao lado dos primores da arte de Sevres, uma preeminencia commercial de tal ordem, um privilegio natural tão importante, que não pode ser disputavel, nem disputado. E sendo a sua apparencia bem modesta no lado d'esses gigantes de ferro que, depois de aquecidos pelo vapor vão, com a força de quinhentos ou setecentos cavallos, pôr em movimento uma das tantas povoações industriaes, que se admiram em Inglaterra; os valores produzidos por essas machinas colossaes não excede os que tem produzido em Portugal o liquido d'esse frasco. Uma das laranjas que se produzem nas povoações que ficam nas abas de Lisboa, ou das que enriquecem a nossa ilha de S. Miguel, dará idéa de avultados capitaes, ainda que fique mal escondida entre os variados e lindos artefactos da bijuteria franceza. Um frasco do nosso azeite será considerado pelo negociante intelligente como veio de uma nova mina aberta á exploração do seu capital, e preferirá o seu exame ao de muitos outros productos que, á primeira vista, possam parecer mais dignos de figurar na exposição...

« A commissão observará que, além dos productos que são apreciaveis pelo capital que representam, é mister considerar os que caracterisam o paiz, e tem a seu favor o passarem por um exame sem comparação, o que lhe dá um valor muito superior ao que habitualmente lhe arbitrâmos. E este valor de novidade, por um capricho da moda, pode-se tornar em um importante valor commercial. Descendo a exemplos bastará notar que as nossas esteiras, que, á similhança de tapete, em Inglaterra, são em Portugal usadas na casa do rico e na do pouco abastado; começam a ter grande voga no imperio britannico, ao lado das esteiras de Italia, que ahi tanto se apreciavam. Ao pé dos linhos inglezes assetinados, a que as machinas dão uma largura extraordinaria, a nossa estreita teia de linho tem valor e é admirada, quando se sabe que ella representa o trabalho moralisador da familia. Aquelles tecidos grosseiros, que vestem os povos que se estendem em volta da serra da Estrella, serão vistos com prazer junto ao mais primoroso artefacto em que o thear mechanico transforma a lã de Saxonia; porque a lã d'esses borcis proveiu de gados, que são o patrimonio do pobre, porque foi tecido pela familia; podendo só assim dar conforto e vida a povoações que por outra forma não teriam que dar em troca do vestuario, que as livra do desagasalho e da miseria. »

Os limites d'esta publicação não nos permittem proseguir no extracto que fizemos.

A commissão appella para o patriotismo do povo portuguez em geral, e dos industriaes em particular, e julgámos que o não fará em vão, e que ella poderá apresentar em París uma collecção de productos, que ha de acreditar-nos na opinião da Europa culta.

A commissão reune-se no ministerio das obras publicas, commercio e industria, aonde devem ser dirigidas todas as communicações concernentes a este objecto até o dia 15 do proximo fevereiro.

POPULAÇÃO DO IMPERIO OTTOMANO EM 1844.

	RAÇAS.	
NA EUROPA.	Ottomanos	1.100:000
	Esclavões (slavos)	7.000:000
	Romanos	4.000:000
	Arnautas	1.500:000
	Gregos	1.000:000
	Armenios	400:000
	Judeus	70:000
	Tartaros	230:000
NA ASIA.	Ottomanos	10.700:000
	Gregos	1.000:000
	Armenios	2.000:000
	Judeus	100:000
	Arabes	300:000
	Syrios e chaldeus	225:000
	Drusos	25:000
	Kurdos	1.000:000
	Turcomanos	900:000
NA AFRICA.	Arabes	3.800:000
	Total	35.350:000

	RELIGIÕES.	
NA EUROPA.	Musulmanos	3.800:000
	Gregos	11.370:000
	Catholicos	260:000
	Judeus	70:000
NA ASIA.	Musulmanos	12.950:000
	Gregos	2.360:000
	Catholicos	640:000
	Judeus	100:000
NA AFRICA.	Musulmanos	3.800:000
	Total	35.350:000

CIMENTO HYDRAULICO.

Juntem-se partes iguaes de pez liquido e cebo. Façam-se ferver estas duas substancias em um caldeirão de ferro ou cobre, o qual se tirará do lume logo que o mixto levantar espuma. Depois de haver esfriado completamente deitam-se-lhe algumas mãos cheias de cal em pó. Feito isto pode considerar-se prompto este cimento, que é excellente para guarnecer tanques ou quaesquer depositos de agua, evitando toda a especie de infiltração.

A TORRE DE BABEL.

«Ora na terra não havia senão uma linguagem, e um mesmo modo de fallar.

«E os homens tendo partido do oriente, acharam um campo na terra de Sennaar, e habitaram n'elle.

«E disseram uns para os outros: Vinde, façâmos tijolos, e cozâmol-os no fogo. Elles pois se serviram de tijolos por pedras, e de bitume por cal traçada;

«E disseram entre si: Vinde, façâmos para nós uma cidade e uma torre, cujo cume chegue até o céu; e façâmos celebre o nosso nome, antes que nos espalhemos por toda a terra.

«O Senhor porém desceu, para ver a cidade e a torre que os filhos de Adão edificavam, e disse:

«Eis-aqui um só povo, e uma só linguagem de todos: e pois que elles começaram esta obra, não desistirão do seu intento, menos que o não tenham de todo executado.

«Vinde pois, desçâmos e confundâmos de tal sorte a sua linguagem, que não ouça cada um a voz do que lhe está proximo.

«E d'esta maneira é que o Senhor os espalhou d'aquelle logar para todos os paizes da terra, e elles cessaram de edificar a cidade.

«E por isso lhe foi posto o nome de Babel, porque n'ella succeden a confusão da linguagem de toda a terra. E d'ali os espalhou o Senhor por todas as regiões (1).»

Eis, segundo as palavras magestosas da Biblia, a origem do mais antigo monumento do mundo, que o foi ao mesmo tempo da insania dos homens.

Apesar de haver sido erigido no anno 1757 da creação, 2247 antes de Jesus Christo, isto é, ha 4102 annos, pela chronologia vulgar, as suas ruinas, maravilha dos viajantes, existem ainda na região desolada que o Euphrates banha.

Nemrod, filho de Cus, esse robusto caçador diante do Senhor, como diz o Genesis, dirigiu a estulta empreza, da qual tambem os escriptores profanos nos conservam memoria, quando descrevem a guerra dos gigantes, que pretendendo escalar o céu e desenthronisar a Jupiter, puzeram uns montes sobre outros, suppondo por este meio poder chegar ao olympo.

Virgilio recorda esta antiquissima tradição nos seguintes versos do livro VI da Eneida:

Hic genus antiquum terrae, Titania pubes,
Fulmine dejecti, fundo volvuntur in imo.
Hic et Aloidas geminos, immania, vidi,
Corpora, qui magnum rescindere coelum
Aggressi, superis que Jovem detrudere regnis.

A torre de Babel, conhecida hoje pelo nome de Birs-Nemrod (palacio de Nemrod), está situada a dous kilometros da margem direita, ou occidental do Euphrates.

S. Jeronymo, firmado no testemunho de outros, diz que a torre de Babel tinha de altura quatro mil passos. Adon de Vienna, na sua chronica, assigna-lhe cinco mil cento e sessenta e quatro; finalmente os ju-

(1) Genesis, cap. XI, v. 1 a 9.

deus, no livro intitulado *Jalcut*, dão-lhe vinte e sete mil passos.

Isto não passa porém de conjecturas, que pouco credito podem merecer, por isso que são destituidas de fundamento solido.

No estado actual a torre de Nemrod, que é de forma oblonga e irregular, mede seiscentos noventa e quatro metros de circumferencia; a altura é desigual, e varía de dezeseis a vinte metros ao occidente, até cêrca de setenta metros ao oriente.

Sobre este immenso terraço erguem-se restos de muralhas de tijolos cozidos, de altura de doze metros, e divididas em tres andares; pela sua construcção e materiaes parece terem pertencido a aposentos interiores.

Montes de tijolos e pedaços de muralhas têem desabado, e entulham o terreno. Todos os viajantes notam com espanto e profunda commoção immensas massas de tijolos vitrificados como pela acção de fogo violento, symptomas evidentes de um grande desastre, e prova irrefragel do raio que destruiu este monumento do orgulho de nossos paes.

O viajante inglez Mignan desenhou e mandou gravar uma d'essas massas vitrificadas, que tinha quatro a cinco metros de altura.

NAVEGADORES PORTUGUEZES.

III.

OS EXPLORADORES DE GUINÉ E CONGO.

Não se exija de nós mais do que promettemos. Estes humildes estudos sobre os nossos navegadores, são apenas fragmentos da gloriosa historia da marinha portugueza, esbocetos das magestosas figuras que apparecem na primeira luz d'esse grandioso quadro: querer encontrar n'esta serie de artigos a successão chronologica de todos os acontecimentos que prendem com a nossa historia naval, fóra uma pretenção absurda. Apenas os vultos dos mais ousados navegantes, alguns dos quaes parecem fabulosos por suas incriveis façanhas, poderão sobresaír na tela d'estes apontamentos: é a esses poucos que principalmente se dedicou o presente trabalho. Não deixaremos, comtudo, de dedicar algumas linhas a tantos outros, dignos tambem de especial menção; porém o leitor comprehende de certo que não é este o logar para se desenvolver mais amplamente tão fecunda materia.

Deixamos passado o cabo Bojador, esperançoso o duque de Vizeu, e desejosos de buscar aventuras pelo oceano os filhos da escola de Sagres, cujo maior numero eram creados do proprio infante e mareantes do Algarve. Agora seguil-os-hemos ao longo da costa de Africa, em demanda de novas terras e do resgate do ouro, seu mais lisongeiro sonho.

Logo em 1436 o mesmo Baldaya, que fôra companheiro de Gil Eannes, voltou no seu barinel á exploração da costa, e, sempre crescendo para o sul, chegou mais ávante setenta leguas do que na anterior viagem, e encontrou finalmente homens de côr preta, á margem de um rio, que depois se denominou *do Ouro*, sem comtudo poder *filhar* nenhum d'aquelles negros, que fugiram assustados para o sertão.

A infeliz expedição de Tangere, em 1437, distrahiu o infante D. Henrique da sua occupação predilecta, e, logo no seguinte anno, a morte d'el-rei D. Duarte, lançando-o no vortice da politica, ainda o afastou mais da carreira dos descobrimentos. Assim porém que póde desenvolver-se dos negocios do governo interno do paiz, atirou-se de novo sem descanso á civilisadora empreza que tomára a peito, justificando com as obras a nobre divisa que adoptára: TALANT DE BIEN FAIRE. Já em 1440, um escudeiro do infante D. João (Diniz Dias ou Diniz Fernandes) avançava até á foz do grande rio *Senegal*; Antão Gonçalves, joven guarda-roupa de D. Henrique, trazia a Portugal, em 1442, os primeiros mouros captivos de Guiné; e seu companheiro Nuno Tristão, regressava em 1443 deixando descoberto o cabo *Branco*. Em 1444, o escudeiro Diniz Dias (1) reconhecia o cabo *Verde*. Em 1445, seis caravelas capitaneadas por Lançarote, Gil Eannes, Estevão Affonso, João Dias, Rodrigo Alvares, e João Bernardes, descobriam as ilhas de *Nar* e de *Tider*, e continuavam a exploração da costa; e no mesmo anno outra caravela, de que era patrão Vicente Dias de Lagos, e onde embarcou de passageiro o celebre veneziano Luiz de Cadamosto, visitando as terras já descobertas ao sul do rio Senegal, encontrou duas caravelas com alguns portuguezes, creados do infante, e o genovez Antonio de Nola; e navegando todos de conserva descobriram o rio *Gambêa*. Outro navegador, Gonçalo de Cintra, deu o seu nome, pelo mesmo tempo, a uma angra onde aportou, adiante do rio do Ouro, e foi morrer ás mãos dos mouros na ilha de Arguim. Começavam já então a ser muitos os navegantes enviados áquellas partes, não só por mandado do infante D. Henrique, mas tambem de seu irmão D. Pedro, regente do reino. Todavia estes esforços por descobrir novas terras não passavam de emprezas particulares; só depois da morte do duque de Vizeu é que o rei, o estado, se occupou d'este assumpto.

Antonio de Nola, Cadamosto e varios portuguezes, tentaram nova viagem em 1446, por ordem do infante, e descobriram quatro das ilhas de Cabo Verde: *Boa Vista*, *Santiago*, *S. Filippe*, e *S. Christovão ou Sal*. D'ahi seguindo para o sul deram vista do rio de *Casamansa*, e successivamente passaram o cabo *Vermelho* ou *Roxo*, os rios de *Sant'Anna*, *S. Domingos*, e *Grande*, d'onde voltaram ao reino fazendo caminho por umas ilhas, habitadas de negros, provavelmente as que formam o archipelago dos *Bissangos*.

Ao mesmo tempo muitos outros navegantes portuguezes, cujos nomes se podem ver na chronica de Gomes Eannes, percorriam o litoral de Guiné, e tentavam expedições atrevidas pelos rios, buscando ouro para si, e almas para o gremio do christianismo.

Nuno Tristão chegou em 1447 até ao rio de *Nuno*, e voltando a explorar o rio Grande, foi morto em um conflicto com os barbaros; Alvaro Fernandes passou mais além, e descobriu o rio de *Tabite*. D'esta data em diante tratou-se mais de mercadejar do que da gloria das descobertas, como nota o chronista Azurara; e é talvez por esse motivo que elle não proseguiu na importante tarefa, que tão dignamente encetára. A falta de escriptores contemporaneos lança sobre a epocha que vae seguir-se uma nevoa cerradissima. Desde o anno de 1448, limite da mencionada chronica, até 1460, data da morte do infante, quebra-se o fio regular da narração historica a respeito

(1) Assim lhe chama Azurara; Barros e todos os escriptores mais modernos que o seguiram, dão-lhe o nome de Diniz Fernandes. Azurara não falla da sua anterior viagem ao Senegal, porem Cadamosto assegura, em 1445, que este rio fôra descoberto *cinco annos* antes. Avaso Diniz Dias e Diniz Fernandes eram diversas pessoas? Será difficil já agora essa averiguação. O mais provavel e que um dos historiadores errasse o nome; porem qual d'elles seria? Em todo o caso o homem chamava-se Diniz, e temos de contentar-nos com o nome de baptismo.

dos nossos descobrimentos. Barros salta, sem ceremonia, de 1449 a 1457; Damião de Góes nada apresenta de novo, e confunde ás vezes as datas dos successos; e o nosso moderno cardeal Saraiva, deixando em branco no seu *Indice chronologico* um intervallo de dez annos, attribue este lapso das chronicas á interrupção que deveriam ter os descobrimentos, attenta a idade já avançada de D. Henrique, os trabalhos de colonisação e cultura das novas ilhas descobertas a que tinha de dedicar-se aquelle principe, e o desgosto que deveria causar-lhe a fatal catastrophe da Alfarrobeira.

Em tempo de Affonso V, e já depois da morte do infante, descobriu Pedro de Cintra a *Serra-Leôa*, passou o cabo de *Palmas*, e chegou até a um logar de muito arvoredo, a que poz o nome de *Bosque de Santa Maria*. Este ousado navegante explorou mais de duzentas leguas além dos ultimos descobrimentos (1461 ou 1462). Depois um Fernão Gomes, que arrendou por cinco annos o commercio da costa d'Africa, com obrigação de descobrir cem leguas de costa em cada anno, encarregou d'essa exploração a dous creados d'el-rei, João de Santarem e Pero de Escobar, e estes, ajudados dos pilotos Martim Fernandes de Lisboa, e Alvaro Esteves de Lagos, descobriram o resgate do ouro na *Mina*, e passaram a linha equinocial. A gloria porém reverteu toda sobre Fernão Gomes, a quem el-rei mandou tomar o appellido *da Mina*, e deu brazão d'armas; e cujo nome apparece marcado no planisphério de Vuillemin, como o do primeiro que passou o Equador, assignando a esse successo a data de 1471. Ainda a outro portuguez, Sequeira, se attribue esta passagem de um para o outro hemisphério. Que foi um portuguez é que não pode restar duvida.

Já começa n'este tempo a mencionar-se a entidade *piloto* nas relações de viagens. Alvaro Esteves, de que acima fallamos, dizem os historiadores haver sido muito entendido na sua arte; ora, esta *arte* pode-se com bons fundamentos assegurar que nasceu em Portugal com a escola cosmographica e nautica de Sagres, e que é ao infante D. Henrique que ella deve a sua creação, dependente dos aperfeiçoamentos geographicos que só então se encetaram, e do desenvolvimento maritimo que começava, animado pelo feliz resultado das primeiras descobertas, a mostrar a necessidade de novas cartas hydrographicas, instrumentos proprios para observar os astros, modificações na construcção e apparelho das embarcações, e por consequencia homens especiaes para se aventurarem no oceano perdendo a terra de vista, e guiando-se pelo curso do sol e das estrellas. A historia porém, ingrata, como obra dos homens que é, e reflexo da sua parcialidade e servilismo, tratou de commemorar os nobres appellidos dos capitães das naus que foram ás descobertas do Oriente, deixando quasi sempre no olvido os nomes populares dos intelligentes pilotos que lhes grangearam a gloria e as recompensas. Ninguem ignora que Bartholomeu Dias commandava a expedição que descobriu o cabo das Tormentas, e que Vasco da Gama capitaneou a frota que descobriu a India: mas nem todos sabem que o primeiro piloto de ambas as emprezas era Pero de Alemquer, quando alias o saber e experiencia maritima valiam mais em tal caso do que todas as cavallarias do mundo.

E ainda não eram unicamente os pilotos que contribuiam para a gloria dos capitães-móres das armadas: a bordo de cada galeão havia tambem o *mestre*, que partilhava com o piloto as funcções outr'ora acumuladas no patrão da caravela ou da barca: o mestre tratava do apparelho, dirigia a manobra, e guiava a marinhagem; elle e o contra-mestre *vigiaram quarto* como o piloto, e tomavam igualmente a altura do sol; e até os marinheiros menos rudes sabiam *cartear* e fazer uso do astrolabio. Esses homens mereceram, todavia, menos consideração aos chronistas, do que o capellão da nau que exorcisava as aguas na tormenta, e que teve os frades da sua ordem para lhe registrarem o nome; menos consideração tambem do que o soldado aventureiro que apontava destramente o arcabuz, ou attingia o alvo com um tiro de bombarda.

O capitão-mór não era então, e não foi por muito tempo mais do que o chefe militar de uma expedição naval; o almirante o seu immediato no commando. Tinham de correr seculos antes que a organisação do corpo da armada fizesse do mesmo homem o commandante, o primeiro piloto e ásvezes tambem o mestre da sua embarcação, que tudo isto é o official da marinha moderna.

Voltemos porém ao tempo de Affonso V.

Como dissemos, a falta de historiadores contemporaneos legou-nos confusa idéa das navegações d'esta epocha. Entre 1469 e 1471 se suppõe que Fernão do Pó descobriu a ilha *Formosa*, que depois tomou e ainda hoje conserva o nome do seu descobridor; e, mui provavelmente, por esse mesmo tempo se encontrariam as outras ilhas proximas do Equador, *S. Thomé*, *Principe e Anno-Bom*, ás quaes se não assigna, em escriptura alguma conhecida, os nomes dos descobridores; João de Barros apenas diz que foram visitadas por mandado d'el-rei D. Affonso. Talvez Fernão do Pó desse vista de todas ellas, ou então Lopo Gonçalves, que deu o seu nome a um cabo pouco distante das mesmas ilhas, na bôca do rio *Gabão*. A mira do vencedor de Alcacer-Ceguer estava porém na conquista da Mauritania, mais do que no progresso d'esses descobrimentos longinquos. Em 1471 caiu elle sobre Arzila e Tangere com tresentos vasos de todos os portes, e tendo ganhado o glorioso sobrenome de *Africano* com o venturoso remate de tão audaciosa empreza, falleceu em 1481, deixando por limite das suas descobertas o cabo de *Santa Catharina*, pouco além do Equador.

D. João II, seu successor, subiu ao throno animado do espirito do immortal infante D. Henrique, e logo no mesmo anno da sua exaltação despachou dez caravelas e duas urcas, sob a direcção do commendador d'Aviz, Diogo de Azambuja, a percorrer a costa de Africa, e fundar o castello de São Jorge da Mina: em seguida enviou Diogo Cão, a proseguir os descobrimentos além do cabo de Santa Catharina, o qual, ou os seus pilotos, encontraram o grande rio *Zaire* ou *Congo*, a terra que depois constituiu o nosso reino de Angola e Benguella, e chegaram até ao cabo *Negro*, collocando padrões do senhorio portuguez em differentes paragens.

Em 1486 descobriu João Affonso d'Aveiro o reino de *Benin*, subindo pelo rio Formoso; e n'esse mesmo anno largou de Tejo a expedição destinada a buscar *aquelle occulto e grande cabo*, a que chamavam *Tormentorio*, e que era outro Bojador para os navegantes d'este tempo. Uma nova epocha, mais fertil em acontecimentos gloriosos, se abria para Portugal: os seus navegadores e depois os seus guerreiros fam levantar ao apogeu da grandeza esta nação de heroes, que nascendo com tão pequeno quinhão no mappa do globo, estendeu o seu dominio, por milhares de leguas, desde o estreito de Gibraltar até ao de Babelmandel, desde o sino Persico até ao mar Amarello

No seguinte capitulo encetaremos a narração d'esse glorioso periodo, a que podemos chamar a idade de ouro de Portugal; epocha de prodigios, em que brilharam no Oriente tantos Achilles lusitanos; e, para que nada faltasse ao complemento da nossa gloria, appareceu para os cantar o Homero das nações modernas.

F. M. Bordalo.

O ATHEU.

(FRAGMENTO).

Além, nas trevas, ouviu-se uma voz tetrica, que parecia saír de um sepulchro, e coada por entre os esqueletos; e era como a voz da morte. E os povos escutaram, e horriveis blasphemias chegaram aos seus ouvidos; e então disseram, estremecendo atterrados: É o brado do atheu!

E o que é esse atheu?

Condemnado a passar por toda a especie de servidão, escravo do principe das trevas, escravo dos proprios instinctos, dos appetites mais vís, descerá tão baixo, que além nada verá; e comtudo inquieto, torturado procurará descer ainda! Onde vae? Que quer? Procura no desespero não sei que atroz alegria, que seguirá a sua intelligencia alienada; e então ouvil-o-hão dizer comsigo:

Não ha outro Deus senão eu!...

A sua razão e paixões illudem-no de concerto; illudem-no sempre. Afadiga-se nas sombras; entranha-se em todos os caminhos; e em parte alguma encontra o repouso. Contemplae esse ente desprezivel, um sinistro ardor o agita, no fundo da sua alma ha um pezar immenso; perdeu um grande bem, de que conserva como uma recordação confusa; e eil-o que revolve com afan as ruinas da intelligencia e do coração, esperando descobrir n'ellas a sciencia que lhe promettêra o espirito da mentira; e não encontra senão a duvida, a incerteza, o erro, os desejos lancinantes que o consomem, a fallaz imagem do bem, a triste realidade do mal...

A fé, que elle quizera persuadir-se ser impossivel, domina-o; mau grado dos seus esforços, não pode vencel-a inteiramente; é-lhe impossivel alcançar uma incredulidade completa e tranquilla; como um phantasma temeroso a verdade allumia-lhe a espaços as trevas do espirito. N'elle verifica-se o que annunciára o propheta: Haverá ahi um dia conhecido do Senhor, e não é dia; não é tão pouco noute. Que será pois? Não será esse clarão incerto que paira e vacilla em uma intelligencia torturada? Não será esse penoso estado de duvida em que vemos precipitar-se o impio!

Mas um tal estado não permanecerá muito tempo: um dia virá, accrescenta o propheta, em que a luz rasgará as sombras. Luz terrivel, que erguendo-se á borda do sepulchro raiará constante em uma eternidade de tormentos!

Lamennais.

O IMPERIO DA RUSSIA.

SEU INCREMENTO SUCCESSIVO — SITUAÇÃO ACTUAL.

O imperio da Russia deve a sua origem ao grão-ducado de Russia, fundado em 862 pelo chefe dos waregues da Scandinavia, Rurik, que se apoderou da republica slava de Novgorod.

No anno 1000 Oleg e seus successores submetteram os khazares, estendendo os limites do seu imperio até os montes Karpathos; mas em 1238, em seguida á invasão dos tartaros, a Russia vencida ficou sujeita aos khans dos mongoles, e os grão-duques tornaram-se vassallos d'estes.

Na epocha da ascenção ao throno de Ivan III Wasilievitch, a superficie do grão-ducado era de 18:200 milhas quadradas geographicas de Allemanha (a milha quadrada allemã equivale a 56 kilometros quadrados) e a população de seis milhões de habitantes.

Este principe libertou a sua patria do jugo humilhante dos mongoles, e reuniu sob o seu sceptro os estados que constituem hoje os governos de Moskow, Vladimir, Nijnei-Novgorod, Véliki, Toula, Kalouga, Iaroslav, Koursk, Voronéje, Olonetz, Kostrowa, Vologda, bem como os principados de Twer e de Plescov, de Tchernikov e de Severesk: por sua morte, succedida em 1505, a superficie da Russia era já de 37:137 milhas quadradas geographicas allemãs, e a sua população, em 1510, de dez milhões de habitantes.

Vasili IV, Ivanovitch, successor de Ivan, apoderou-se dos territorios que formam actualmente o governo de Archangel (1552). Ivan IV apossa-se das provincias de Kazan e de Sibir; submette e impõe tributos aos tartaros da Criméa e de Astrakan, e repelle os tartaros nogaias para a região que se estende entre o Volga e o Jaik. Por sua morte a superficie do imperio era de 125:465 milhas quadradas geographicas allemãs, e a sua população de doze milhões de habitantes.

Sob Féodoro I (1594) a Siberia é conquistada até o lago Baikal e a Iénissei, e fundam-se as cidades de Tobolsk e de Tomsk. O czar Alexis Mikailowitch sujeita (1654) toda a pequena Russia, bem como as provincias de Tcharkov, de Tambov, de Orel, de Riazan e de Ekaterinoslav. Fundam-se Irkoutsk, Iakoutsk e Nertchinsk na Siberia. Descobrimento da nova Zembla.

Ao começar o reinado de Pedro I, em 1689, a superficie do imperio era de 263:900 milhas quadradas geographicas allemãs, e a sua população de quinze milhões de habitantes.

Pedro I toma á Polonia os ducados de Smolensko e de Tchernigov, uma parte do grão-ducado da Lithuania, as cidades de Kiew-Biala, Wiazma, e o territorio dos cosacos Zaporogos; apodera-se de Azov, funda Taganrog no mar de Azov, e S. Petersburgo no golfo de Finlandia, manda reconhecer o Kamtschatka, as ilhas Kouriles e Aleutienses: apossa-se em 1721 da Carelia, de uma parte da Finlandia, da Livonia, da Ingria e da Esthonia, e das ilhas Moen, Osel, Dago, na costa da Suecia; de sorte que á data da sua morte, acontecida em 1725, a superficie do territorio russo era de 273:815 milhas quadradas geographicas allemãs, e a sua população superior a vinte milhões de habitantes.

Em 1731, reinando Anna Yvanova, são submettidos os cosacos kirghiz e os tschouktschis da Siberia septentrional. Isabel Petrowna adquire em 1741 a provincia sueca de Kymenegard, e varios portos e districtos situados na embocadura do Kymen (1762).

Sob Catharina II os russos apossam-se do angulo nordeste da America septentrional, além do estreito de Behring; tomam algumas cidades chinezas ao sul da Siberia, arrebatam á Turquia a Criméa ou Taurida, e á Persia a ilha de Taman e o Kouban, e finalmente começam a conquista da Georgia e de uma parte do Caucaso. Por sua morte (1796) a superficie do imperio achava-se elevada a 325:810 milhas quadradas geographicas allemãs, e a população a trinta

e seis milhões de habitantes. No seu reinado, isto é, em 1772, em 1793 e em 1795, tiveram logar os tres desmembramentos successivos da Polonia.

Sob Alexandre I (1805) em consequencia da guerra contra a Persia, as provincias de Chirwan, de Ganja, de Scheki de Karabang são occupadas militarmente, em 1806 é-lhe arrancada Derbend. Em 1808 pelo tratado de Frédrikshamn consegue a Russia a posse do que restava da Finlandia sueca. Em 1809, pelo tratado de Vienna, os russos obtêem a provincia de Tarnopol, que fazia parte da Gallicia, ficando pertencendo á Austria a cidade apenas.

Em 1812, pelo tratado de 28 de maio, o imperio ottomano cede a Bessarabia, e o Pruth torna-se d'então em diante o limite dos dous paizes. Finalmente n'este mesmo reinado, isto é, em 1814, a Persia abandona á Russia a Georgia, a Imeretia, a Mingrelia, Bakou, o Daghestan, o Moghan, e Talisch; de modo que por morte de Alexandre I, em 1825, a superficie do imperio ascendia a 355:494 milhas quadradas geographicas allemãs e a sua população a cincoenta e tres milhões de habitantes.

No reinado do imperador Nicolau a Persia cede, em 1828, as provincias de Erivan, de Nouskchirwan e a fortaleza d'Abbas-abad; em consequencia da guerra contra a Turquia, e da campanha que conduziu o czar até cêrca das muralhas de Schumla, terminada pelo tratado de Adrianople de 14 de setembro, a Porta cede definitivamente á Russia Poti, Anapa, Akhaltzike, Achalkalaki e uma grande parte das costas do mar Negro, ao mesmo tempo que se desarmava, abandonando as praças fortes da margem esquerda do Danubio, e destruindo as fortificações da maior parte das praças da margem direita, fortificações que tiveram de ser reconstruidas nos ultimos tempos. Estes diversos augmentos elevaram a extensão do imperio ao ponto em que se acha actualmente, medindo nada menos de 359:310 milhas quadradas geographicas allemãs, com uma população total de sessenta e seis milhões de habitantes, pouco mais ou menos.

Observamos n'este resumido quadro como o imperio moscovita se foi successivamente opulentando com os despojos de outras nacionalidades. Vejâmos agora qual era a sua situação ao começar a guerra, que prende presentemente a attenção universal.

O imperio da Russia é o mais vasto do globo. Os immensos territorios que o czar possue na Europa, na Asia e na America medem em superficie cêrca de 22.029:480 kilometros quadrados: isto é, 5.422:285 na Europa, 15.644:695 na Asia, e 962:500 na America. A população total ascende a 65.961:350 habitantes, sendo 60.500:000 na Europa, 5.400:350 na Asia, e 61:000 na America.

O imperio russo é limitado ao norte, pelo oceano glacial Arctico; a leste, pelas possessões inglezas da America do norte e pelo oceano Pacifico; ao sul, pelo mar Negro, a Turquia d'Asia, a Persia, a Tartaria independente, a China, o Japão e a America ingleza; a oeste, pela Noruega, a Suecia, o Baltico, a Prussia, a Austria e a Turquia.

Compõe-se:

1.° Da Russia propriamente dita, dividida geographicamente em Russia de Europa (provincias balticas, grande Russia, pequena Russia, Russia meridional e Russia occidental) Russia d'Asia (Siberia, steppes dos kirghiz, provincias do Caucaso, e ilhas do grande oceano Pacifico) e Russia de America;

2.° Do reino de Polonia;

3.° Do grande principado de Finlandia.

A maxima parte do territorio do imperio russo, tanto na Europa como na Asia, é uniformemente dividida em cincoenta e seis provincias administrativas, das quaes o maior numero tem o nome de *governo*, e algumas sómente o de *provincia*: o governo mais recente é o de Samara, com uma capital do mesmo nome, que foi organisado em 1850 a expensas dos de Orenburgo, Saratow e Simbirsk. O resto do territorio compõe-se de divisões ao mesmo tempo politicas e administrativas, que são: o principado da Finlandia, o reino de Polonia, os paizes do Caucaso, e o territorio dos kirghiz.

Varios governos, ou provincias, reunidas sob as ordens de um chefe militar, formam por excepção, os governos geraes militares da Nova Russia, da Russia-Branca, de Grodno, e de Minsk, das provincias balticas, da Polonia, e Volynia, da Siberia occidental, da Siberia oriental e do Caucaso. Os governos de S. Petersburgo e de Moscow têem igualmente o titulo de governos geraes militares. Algumas cidades constituem tambem governos subalternos; como por exemplo, as de Odessa, Féodosia, Taganrog, Rostof, Nachitschvan, Mariopol, Kertsch e Jenikalé. Moscow e S. Petersburgo são as capitaes do imperio: estas duas cidades estão ligadas entre si por um caminho de ferro. As outras cidades principaes do imperio são: Novgorod, Pskof, Tver, Kostroma Nijni-Novgorod, Iaroslaw, Vladimir, Riasan, Tambow, Orel, Koursk Witepsk, Mohilew, Minsk, Vilna, Grodno, Bialystok, Jitomir, Kiew, Kharkow, Taganrog, Kherson, Odessa, Sebastopol, Bender, Ismail, Simpheropol, Kazan, Simbirsk, Astrakan, Oufa, Perm, Viatka, Tiflis, Tobolsk, Irkontsk, Archangel, Olonetz, Vologda, Riga, Abo, Mittau, Helsingfors, Kronstadt, Smolensko, Varzovia, Praga, Kalisch, Lublin etc. etc.

As provincias balticas, as do mar Negro e o governo de Moscow, são provincias agricolas; Odessa é o emporio do commercio de cereaes para exportação; a industria florestal tem sua principal sede nos governos de Volynia, de Saratow, de Simbirsk, de Wiatka, de Riasan, de Oremburgo e de Kostroma.

A sede principal da industria mineira é na Siberia, no Oural, e nas montanhas de Nertschinsck; os productos mais consideraveis são o ouro, a platina, o cobre e o ferro. Nos montes Ouraes encontram-se jazigos de ouro misturado com platina, que se suppõem riquissimos. O rendimento annual de todas as minas avalia-se em 48 mil contos de réis da nossa moeda.

A industria manufactora ha vinte annos para cá tem tomado um grande desenvolvimento na Russia: e já se começa, em certas provincias centraes, a laborar as materias primas, que outr'ora se enviavam para o estrangeiro, a fim de ahi serem fabricadas. As estatisticas da importação e da exportação apenas exprimem aproximativamente o valor do commercio da Russia com os paizes estrangeiros. O contrabando, facil pela immensa extensão das fronteiras, e incitado pela exorbitancia dos direitos de alfandega, subtrahe á verificação da auctoridade immensa cópia de mercadorias.

Em 1845 o valor das importações em todo o imperio foi de 45 mil contos de réis, o das exportações, no mesmo anno, de 48 mil contos de réis. Em 1851 as exportações montaram a 50 mil contos de réis, e as importações a 52 mil contos de réis.

Grande parte das operações commerciaes do imperio realisa-se nas feiras, sendo de todas a mais importante a de Nijni-Novgorod; as immediatas a esta são as feiras annuaes de Nijni-Lomof, Penza, Lebedian, Iakoutsk, Simbirsk, Romna, Irbit, Saratov, Tombov, Taganrog, Koursk, Rostov, Kharkov.

Os principaes entrepostos do commercio da Russia por via terrestre são: Kiakhta, para o commercio da China: Volangen e Georgemburgo, para o commercio da Prussia; Radziwilow, para o commercio da Austria: Vilna, Grodno, Kowno, Litewski, para o commercio da Polonia. S. Petersburgo, Moskow, Riga, Narva, Archangel, Astrakhan, Irbontsk e Tobolsk consideram-se os mais ricos centros do commercio interno. Ha trinta e seis portos maritimos na Russia, contando-se como mais notaveis; no Baltico, S. Petersburgo, Riga, Libau, Pernau, Revel, Narva, Windau; no mar Branco, Archangel; no mar Negro, Odessa; no mar de Azov, Taganrog; no mar Caspio, Astrakhan e Bakou. No anno de 1851 entraram nos portos russos 7:323 navios, e saíram 7:342. Os portos do mar Baltico e do mar Negro são os mais frequentados.

O exercito russo apresenta, em tempo ordinario, a força effectiva de 853:000 homens; e compõe-se dos seguintes corpos:

1.º — Grande exercito de operações na Europa: 386:000 homens, 79:720 cavallos, e 1:200 peças de artilharia.

2.º — Exercito de reserva na Europa: 182:000 homens, 17:920 cavallos, e 472 peças de artilharia.

3.º — Exercito do Caucaso: 170:000 homens.

4.º — Corpo de exercito da Finlandia: 13:000, em 16 batalhões de infantaria, e uma brigada de artilharia.

5.º — Corpos de exercito de Ouremburgo: 36:000 homens, em 16 batalhões de infantaria, 16 regimentos de cosacos do Oural, e uma brigada de artilharia.

6.º — Corpo de exercito da Siberia: 16:000 homens, em 16 batalhões de infantaria, e uma brigada de infantaria.

7.º — Corpos irregulares de cosacos, na força de 50:000 homens.

As praças de guerra regulares, todas nas fronteiras europeas, são: Helsingfors, Sweaborg, Frédrikshamn, Kronstadt, Narva, Riga, Dunaburgo, Smolensko, Koczim, Bender, Taganrog, Zamosc, Modlin e Varzovia. Os arsenaes estão em S. Petersburgo, Moskow, Novgorod, Riga, Kiev, Novo-Tscherkask e Brianok. As manufacturas de armamento encontram-se em Toula, Sestrabeck e Brianok; as fundições de artilharia em S. Petersburgo, Moscow, Kherson, Petrossavodsk e Lipezk. Finalmente ha uma fabrica de polvora em Okhta, cêrca de S. Petersburgo.

A marinha de guerra russa está muito abaixo da importancia que se lhe attribuia; entretanto conta poderosos elementos de existencia, e um material mui consideravel.

A esquadra compõe-se de 45 naus de linha, 30 fragatas e mais de 250 navios menores, chalupas canhoneiras pela maior parte, destinadas a defender as costas do Baltico. Aquella esquadra, em tempos normaes, é repartida em cinco divisões, composta cada uma de 9 naus, 6 fragatas de vela ou a vapor, e outros navios menores. A primeira, segunda e terceira divisão estacionam no mar Baltico; a quarta e quinta no mar Negro. No mar Caspio e no mar de Okhotsk navegam flotilhas de vasos de pequeno porte. Pode avaliar-se o numero dos marinheiros russos em 45:000, e o das bôcas de fogo em 6:000. As costas e os recifes da Finlandia e da Esthonia fornecem á Russia muitos e excellentes marujos.

Não se sabe com exactidão qual seja a receita publica da Russia; todavia pode affiançar-se que não esta em harmonia com a immensidade de um imperio, cuja superficie é igual ao quadruplo da da Europa occidental. O rendimento conhecido tem duas origens: 1.º — Receita proveniente dos dominios da corôa, 26 mil contos de réis; 2.º receita das alfandegas, 21 mil contos de réis. A divida publica avalia-se na somma enorme de 256 mil contos de réis!

Damos em seguida o quadro da população do imperio da Russia, dividida pelas raças e pelas religiões.

População pelas raças.

Russos da Grande Russia	33.000:000
Ditos da Pequena Russia	11.500:000
Ditos da Russia Branca	3.600:000
Lithuanios e polacos	7.000:000
Finnenses e Litonienses	3.500:000
Tartaros e mahometanos	2.500:000
Allemães	600:000
Armenios	2.000:000
Judeus	1.500:000
Raças do Oural	700:000

População pelas religiões.

Igreja orthodoxa russa oriental	49.000:000
Igreja catholica romana	7.500:000
Igreja protestante	3.500:000
Islamismo	2.800:000
Judaismo	1.500:000
Armenios catholicos e gregorianos	1.000:000
Idolatras	600:000

O sabio escriptor (1), a quem devemos esta curiosa noticia, accrescenta:

«A Russia deve principalmente a sua força á sua posição geographica, ás difficuldades immensas que oppõe ás invasões de um inimigo, mesmo victorioso, a ausencia de boas estradas em quantidade sufficiente, o rigor dos invernos nas regiões boreaes, a esterilidade do solo em certas partes do imperio, o caracter peculiar dos habitantes, e o pequeno numero de cidades de importancia, que torna difficil o estabelecimento de grandes depositos de provisões, tanto mais necessarios quanto mais longe se está dos proprios recursos.»

A FLOR PERDIDA.

Et ne femme dans une rose
DUPATY

No pó das salas, cuitada,
Achei a rosa perdida,
A bella rosa encarnada
Que aos saloes fôra trazida:
Ali, no chão esquecida,
A pobre rosa singela
Só lastimava o desprezo
Da descuidada donzella,
Que pelo brilho das salas
Trocára os perfumes d'ella!
Tive dó da flor mimosa,
Quiz-lhe dar alento e vida,
Mas a pobre flor perdida
Não volton mais a ser rosa.
Pois cerquei-a de cuidados,
Tratei-a com mil amores;
Mas, ou eu não entendia
De como se tratam flores,

(1) Malte Brun. Geographie du Theatre de la Guerre. 1854

Ou se cuidal-as sabia,
Não pude salvar aquella
Que aos salões fôra trazida,
Para, por mãos de donzella,
Nas salas ficar perdida.
Já secca, já desbotada,
A rosa chamei-lhe minha;
Se por momentos rainha
Brilhára no peito d'ella,
Quiz, depois de abandonada,
Dar á pobre flor mimosa
Os conselhos que eu daria
Nas salas a toda a rosa.
«Donzella que inspira amores,
Deve ter toda a cautela
Em não os deixar perdidos,
Como deixa as outras flores;
Porque amores, esquecidos
Pela donzella orgulhosa,
Ninguem procura salval-os
Como eu quiz salvar a rosa,
Que aos salões fôra trazida,
Para, por mãos de donzella,
Nas salas ficar perdida.»

L. A. Palmeirim.

AS CRÈCHES EM PORTUGAL.

Poucos estabelecimentos de caridade haverá tão faceis de sustentar, e ao mesmo tempo de um alcance tão grande como as créches ou *presepios*.

E todavia no nosso Portugal, aliás rico de instituições beneficentes grandiosamente dotadas, apenas existe a créche de S. Vicente de Paulo, na cidade do Porto.

Fundada pelo sr. J. V. Martins, sujeito a quem a humanidade deve valiosos serviços, e cuja prematura morte sinceramente deplorâmos, a créche de S. Vicente de Paulo é sim um estabelecimento excellente, mas não pode supprir as necessidades moraes de uma povoação manufactora como é a nobre capital das provincias do norte.

Entretanto já ali ha um principio: já ali o instituto admiravel, que mr. Marbeau implantára em França, no anno de 1844, lançou raizes, e confiâmos que fructificará; porém, na capital do reino, envergonhâmo-nos de o confessar, não existe uma só créche, e muita gente talvez ignora ainda o que similhante palavra significa.

Um trabalho completo e consciencioso do sr. J. M. Nogueira, publicado em 1851 (1), as exhortações de pessoas zelosas do bem publico, os conselhos da imprensa, tudo tem sido em vão.

E comtudo cada vez se torna mais urgente a generalisação d'esta e de outras instituições humanitarias com que nações mais adiantadas do que nós têem acudido a grandes miserias!

Não tardarão muitos annos que os caminhos de ferro cortem o territorio portuguez em varias direcções; com este rapidissimo meio de communicação virá o desenvolvimento de todas as industrias; gosaremos finalmente todas as vantagens materiaes de uma civilisação perfeita.

Ella trará porém igualmente inconvenientes attendiveis, inevitaveis. E havemos de amaldiçoal-a, porque, como tudo o que é obra de homens, não está isenta de imperfeições? A boa razão não pode approvar similhante absurdo.

Que cumpre pois fazer n'estas circumstancias? Estudar com animo seguro os grandes problemas sociaes, e procurar que a nossa patria seja, quanto antes, dotada dos meios que se suppõem mais efficazes para obviar aos perigos que se devem esperar.

As créches, complemento das casas de asylo, que sob a direcção da augusta e veneranda viuva do sr. D. Pedro IV, sua magestade imperial a sr.ª duqueza de Bragança, tão prestantes serviços têem feito á educação popular, as créches dizemos são realmente de uma vantagem incontestavel. Enviâmos o leitor curioso para o artigo sobre as créches publicado a paginas 67 do volume X d'este semanario, pelo nosso illustre collaborador o sr. conselheiro Bastos. O regulamento que segue, notavel pela correcção do estylo, e clareza de suas disposições, é o melhor commentario que puderamos offerecer ao referido artigo.

Oxalá que a sua leitura desperte no coração dos nossos patricios, o desejo de concorrer efficazmente para que em Lisboa, onde se contam já tantos e tão importantes estabelecimentos fabris, se realise a fundação das créches.

REGULAMENTO DA CRÈCHE DE S. VICENTE DE PAULO, DA CIDADE DO PORTO.

A créche é uma associação de beneficencia, estabelecida para meninos pobres, cujas mães trabalham fóra de seus domicilios. Os membros d'esta associação tem o titulo de protectores.

Ella é internamente governada por uma direcção de senhoras, das quaes uma é presidente, outra vice-presidente, outra secretaria, outra thesoureira, podendo uma d'estas supprir as faltas da outra.

A admissão e despedida dos meninos, assim como das empregadas, é uma das suas privativas attribuições.

É governada exteriormente por outra direcção composta de homens, sendo um presidente, outro vice-presidente, outro secretario, outro thesoureiro, e outro fiscal, que em caso de necessidade suppre as faltas de secretario.

A esta direcção compete a solicitação, arranjo e gerencia dos meios necessarios para a sustentação do estabelecimento, assim como a fiscalisação da integral execução do regulamento, convocando a assembléa geral dos protectores e protectoras, para decidir ou determinar aquillo, que por accôrdo das duas direcções se não puder determinar ou decidir.

A direcção interna é eleita por escrutinio, e pluralidade de votos das protectoras presentes; a externa da mesma maneira, pela maioria dos votos dos protectores presentes. A reeleição pode ter logar por dous terços dos votantes.

As eleições se devem repetir, no principal salão da créche, todos os annos, em certos e determinados dias, fazendo-se n'um a dos homens, e n'outro a das senhoras; e sendo n'esse acto apresentadas as contas das gerencias respectivas.

Todas as pessoas, que gosam da qualidade de protectores ou protectoras, têem o direito de inspecção sobre as operações da créche; mas não contrahem obrigação alguma pecuniaria. Qualquer beneficio, que se lembrem de fazer, será absolutamente espontaneo, será recebido com reconhecimento, e não será exigivel.

Na créche não são admissiveis senão meninos de

(1) Almanak Popular para 1852 pag. 20.

menos de tres annos, cujas mães são pobres, bem procedidas e trabalham fóra dos seus domicilios. Igualmente é necessario que não sejam doentes, e que tenham sido vaccinados. A certidão do seu baptismo e o attestado da vaccina devem depositar-se na secretaria da créche.

No salão da créche devem haver tres livros, sempre patentes para poderem ser vistos por quem os quizer ver, e que ninguem d'ahi poderá nem momentaneamente retirar.

O primeiro conterá o regulamento da créche, as actas das eleições, as deliberações que se forem tomando, ou pela assembléa geral, ou pelas direcções.

O segundo conterá os nomes, as idades, a filiação dos meninos, e os dias das entradas e os das saídas, quer estas sejam perpetuas, quer temporarias. N'elle haverá uma casa para as determinações das senhoras directoras, e outra para as observações e prescripções medicas.

O terceiro será destinado para as observações dos senhores e senhoras protectoras, assim como para se assentarem as esmolas d'elles e d'ellas, ou de quaesquer visitantes que ahi as deixarem, com a designação de seus nomes, se o permittirem, ou a nota de anoynmes em caso contrario.

A créche deve estar aberta desde as cinco horas e meia da manhã, até ás outo e meia da noute. Nos domingos e dias santificados deve estar fechada.

Todos os objectos, de que se compõem os berços, devem arejar-se de noute, o pavimento varrer-se uma ou mais vezes no dia, e de outo em outo dias lavar-se; porém de maneira que esteja enxuto ao receberem-se os meninos.

As mães os devem levar limpamente enfaixados ou vestidos, segundo as suas idades, devem fornecer os pannos necessarios para a sua limpeza diaria, aos quaes se porá o numero correspondente ao dos berços que os meninos occuparem, e devem ir na hora do descanso aleital-os, se ainda d'isso precisarem.

As mães, ao entregarem ás guardas os seus meninos, devem entregar-lhes dez réis por cada um, sendo menores de dous annos, e um vintem sendo de dous a tres.

As guardas devem aos meninos todos os sens cuidados, e têem obrigação de tratal-os como se fossem seus proprios filhos. A limpeza, a lavagem, o aceio das casas, mesmo a lavagem de algumas cousas, que não possam esperar pelo serviço das lavandeiras, e que sejam susceptiveis d'ellas as poderem enxugar, igualmente lhes pertencem.

Devem andar decente e uniformemente vestidas. O seu salario é o de duzentos réis diarios, e um vestido annual. As que não completarem o anno não terão direito algum ao vestido. Não poderão receber supplemento ou gratificação alguma das mães. Em caso de contravenção, serão immediatamente despedidas.

A guarda, que parecer mais capaz, responderá pela mobilia, e pela degradação extraordiuaria que n'ella houver, salvo o recurso contra o verdadeiro culpado.

Se alguma guarda houver, que muito se distinga pelo seu zêlo, pelo cuidado, pelo carinho, pelo affecto verdadeiramente maternal, para com as crianças; ou por algum outro serviço a bem da créche, que mereça especial consideração, a direcção externa sobre proposta da interna poderá conceder-lhe uma gratificação.

As senhoras da direcção devem distribuir entre si a visita diaria da créche. No caso de impossibilidade de alguma ou algumas d'ellas, poderá a snr.ª presidente convidar a que faça as suas vezes alguma das senhoras protectoras, e as guardas devem pontualmente cumprir todas as suas determinações.

Nenhuma das direcções nem ambas poderão alterar artigo algum do presente regulamento, e só o poderá fazer competentemente reunida a assembléa geral da associação.

FENOMENOS METEORICOS.

No anno 1000 seccaram em Inglaterra quasi todas as fontes e rios.

Em 1022 pereceram de calor no meio dia da Europa muitos homens e animaes.

Em 1303 e 1304 atravessaram-se a vau os principaes rios da Europa.

Em 1646 experimentaram-se calores horriveis.

Em 1718 não choveu uma só vez desde o mez de abril até o de outubro. Os thermometros marcaram 36 graus de Réaumur.

Em 1811, celebre pelo famoso cometa que percorreu toda a Europa, houve extraordinarios calores; mas as colheitas de vinhos foram em geral mui abundantes, e de excellente qualidade.

Em 1818 fecharam-se quasi todos os theatros por causa do calor, que chegou muitos dias seguidos a 35 graus.

MEIO DE DESCER SEM PERIGO AOS POÇOS.

Os individuos, que pela sua profissão, ou qualquer outro motivo, tem de descer a poços, acham-se expostos aos graves accidentes, resultantes das emanações de miasmas ou do acido carbonico que n'elles se contém. Parece que ha porém um meio de escapar aos tristes accidentes a que nos referimos, o qual consiste em lançar previamente nos poços, que se pretende examinar, uma porção proporcionada de agua a ferver. O auctor, de quem copiâmos esta receita, affiança que o perigo desapparece em presença d'esta precaução.

Quando um potentado desce os degraus do seu jazigo, que é o que leva? Os palacios, de que já outros estão tomando posse? Os canticos dos lisongeiros, que lhe deram costas logo que cessou de assignar graças? Os sacos de ouro, que não cabem por aquella portinha? Os cordões e gran-cruzes, que a morte repulsa, porque é seria? Os louros das victorias, que n'essa hora aterram, porque se vêem claramente suar sangue? Não: para dentro d'aquelle carcere pomposo, por entre aquelles umbraes estreitos, por onde se entra e se não sae, nada passaria com elle para derradeiro consolo, senão a claridade das luzes, que lá por fóra deixasse accesas; senão os echos das benções, que para si andasse semeando no semear para os outros felicidade!

CASTILHO — FELICIDADE PELA AGRICULTURA.

É uma lei da Providencia ser quasi sempre a prodigalidade herdeira da avareza.

M. CARVALHO — APHORISMOS.

INDIA — JUMNA-MESJID.

A cidade de Delhi, antiga capital do imperio mongol, está assentada na margem occidental do rio Djenah, a tresentos e cincoenta milhas de Allahabad, e cento e vinte milhas de Agra.

Fundada no seculo XVI por Shah-Jehan, Delhi caiu em poder do famoso e sanguinario Nadir-Shah, em 1738. Os inglezes a tomaram em 1798, e sob a auctoridade d'estes se conserva, sendo hoje a capital de uma florescente provincia.

Poucas povoações haverá, não só na India, mas tambem no mundo, que apresentem um aspecto tão grandioso e monumental.

Cingida de soberbas muralhas, flanqueadas de torres magnificas, em que se abrem portas de magestoso desenho, Delhi justifica até certo ponto o orgulho de seus naturaes que a reputam como digna de ser a capital do orbe.

O interior porém não corresponde a tanta riqueza. Os grandes edificios são, na maxima parte, ruinas, bellas é certo, mas sempre ruinas, mostrando adeca dencia de um povo outr'ora poderoso e respeitado.

As casas dos orgulhosos dominadores actuaes, resplendentes de luxo, não podem encobrir toda a desolação que exprimem aquellas pedras tombadas, aquelles porticos despovoados, e aquelles jardins destruidos.

Comtudo ainda resta o que é sufficiente para que possa apreciar-se o grau de aperfeiçoamento a que haviam chegado as artes na India.

Bastará por agora, para provar esta asserção, a mesquita de Jumna-Mesjid, cuja fachada a gravura representa fielmente.

Coevo da fundação de Delhi este monumento admiravel, talvez o mais vasto que possue o culto do islam na India, deve a sua existencia ao illustrado Shah-Jehan, edificador da cidade.

A mesquita de Jumna-Mesjid é de fórma quadrangular; aos angulos erguem-se altissimos minaretes de um estylo elegante, divididos em quatro corpos. A fachada de gosto singelo, sustentada sobre dez formosos arcos, é coroada por uma vistosa cimalha. O portal é todavia a obra mais perfeita de toda esta notavel construcção. As abobadas são rematadas por tres magestosas cupolas, das quaes a do centro é quasi igual ás outras duas em circumferencia. Na frente da fachada principal ha um vastissimo pateo, lageado de boa pedra: no centro vê-se um tanque, talvez destinado ao uso dos fieis.

O conjuncto do edificio é o mais agradavel; constituindo um optimo especimen da architectura moderna dos mongoes.

Custou a mesquita de Jumna-Mesjid, segundo informações authenticas, a somma, enorme para aquelles tempos, de quinhentos e quarenta contos de réis da nossa moeda. Uma triste tradição está ligada á historia d'esta sumptuosa mesquita. Foi diante de Jumna-Mesjid que o cruel Nadir, a que acima nos referimos, veiu assentar-se em 1739, para assistir á execução de muitos habitantes de Delhi, cujo crime unico era amarem a sua patria.

NAVEGADORES PORTUGUEZES.

IV.

PERO DE ALEMQUER.

Como o cedro robusto, que as tempestades açoutam por muito tempo, antes que estale e baqueie cortado pelo bulcão ou ferido pelo raio, o infante D. Henrique, erguido sobre o promontorio de Sagres, pedestal da sua gloria, víra caírem successivamente seus irmãos, os filhos de D. João I, mortos desastrosamente: D. Duarte fulminado pela peste em Almeirim, D. Fernando martyrisado em Fez pelos marroquinos, D. Pedro esquartejado pelos seus conterraneos na Alfarrobeira! Quebrado já pelos desgostos e pelas fadigas, velho de corpo e de espirito, ajudou ainda seu sobrinho, D. Affonso V, na conquista de Alcacer-Ceguer, e coroado d'este ultimo louro, repousou emfim no sepulchro. Ao *Africano* deslumbrou-o o esplendor das victorias na Mauritania, e desdenhou por ellas a civilisadora empreza de buscar o caminho maritimo da India. Estava pois guardada para D. João II a gloria de ver nos seus dias, e por sua diligencia, dobrado o famoso cabo, limite austral da Africa; mas só para o reinado de D. Manuel reservava Deus a ventura de se descobrir essa *terra*

Que desejada já de tantos fôra,
Que entre as correntes indicas se encerra
E o Ganges, que no céu terreno mora.

Ao passo que pela barra de Lisboa saíam dous navios, capitaneados por Bartholomeu Dias e Lopo ou João Infante, (1) levando por primeiro piloto a Pero d'Alemquer, com destino de descobrirem e dobrarem a ponta meridional da Africa, partiam por terra Affonso de Paiva de Castello Branco, e João Peres da Covilhã, (2) mandados igualmente por D. João II a explorar os paizes orientaes, indagando se havia caminho pelo mar para a grande India. Affonso de Paiva visitou a Ethiopia e a Abyssinia, mas quando regressava a Portugal morreu no Cairo. João Peres da Covilhã passou ao golpho persico, e embarcando-se para a costa da India, aportou a Cananor, Calecut, Gôa e outros pontos do Malabar, d'onde voltou por Sofala e Adem ao Egypto, sendo o primeiro portuguez que navegou nos mares da India e costa oriental d'Africa. Como porém a viagem do Covilhã não foi uma empreza maritima, e o explorador apenas seria passageiro n'essa travessia do oceano indico, abandonal-o-hemos na perigosa commissão, d'onde nunca mais voltou ao reino, para darmos exclusivamente attenção aos navegadores, que buscavam sobre as aguas o caminho da India. O proposito com que encetamos este trabalho, claramente indicado pelo titulo, força-nos da mesma maneira a omittir as laboriosas explorações de muitos outros portuguezes que, por via do Cairo e de Jerusalem, chegaram ao interior da Africa, ás margens da India e até ao remoto imperio chinez, com grande proveito e gloria da nação.

Ignorâmos o nome do navio em que se embarcou Bartholomeu Dias, o piloto Pero de Alemquer e o mestre Leitão; *São Pantaleão* se denominava a nau de Lopo Infante, o seu piloto era Alvaro Martins, e mestre um João Grego; cada barco era do porte de cincoenta toneis! Uma naveta, ainda menor, os acompanhava, carregada de mantimentos; era seu capitão Pero Dias, irmão de Bartholomeu, piloto João de Santiago, e mestre João Alves. Saíram de Lisboa nos fins de agosto de 1486, e tendo passado o cabo Negro, até aonde chegára Diogo Cão, assentaram um padrão de descoberta no logar a que deram nome de *Serra parda*, em 28 graus de latitude austral; e logo mais adiante chamaram *Angra das Voltas* a um surgidouro, em frente do qual bordejaram durante cinco dias, contrariados pelo vento. D'ahi correndo sempre ao sul treze singraduras, começaram a sentir muito frio, e procurando a terra ao rumo de leste, julgando que ainda a costa correria norte-sul, não a encontraram, e desandaram para a norte. Então deram vista da *Angra dos Vaqueiros*, já além do cabo, e seguindo pela costa chegaram ao ilheu da *Cruz*, e ao rio do *Infante*; ahi insurreccionou-se a gente das naus, e obrigou os capitães a retrocederem, vindo passar á vista do grande cabo, a que chamaram *das Tormentas*, pelas que n'elle experimentaram, e cujo nome D. João II mudou para *cabo da Boa Esperança*, que ainda hoje conserva. A frota entrou de novo a barra de Lisboa em dezembro de 1487, com 16 mezes e 17 dias de viagem.

As noticias que traziam estes navegantes, assim como as que por escripto communicára a el-rei o ousado Covilhã, resolveram a promptificação de navios mais solidos, para resistirem aos mares do cabo, e irem demandar a desejada India. Bartholomeu Dias foi encarregado de velar pela construcção d'estas novas embarcações, que seriam de 100 a 120 toneis, e diz-se que logo fôra destinado para dirigir a expedição um fidalgo auctorisado, Estevão da Gama, pae do ditoso Vasco da Gama. Morreu porém o nobre velho, e morreu o seu rei, antes que as naus estivessem concluidas, e a D. Manuel coube a gloria de as enviar áquelle descobrimento, escolhendo para capitão-mór o filho de Estevão da Gama. Dos conhecimentos maritimos de Vasco, e suas navegações anteriores, não encontrâmos noticia alguma nos historiadores; apenas dizem que era mancebo de vinte e sete annos, forte para resistir aos trabalhos, valente e leal; alguns mesmo asseveram que o escolhido para esta empreza fôra Paulo da Gama, o qual resignára o mando em seu irmão mais novo, offerecendo-se comtudo para o acompanhar como segundo da expedição. Para primeiro piloto da frota escolheu-se o mesmo que dez annos antes dobrára o cabo das Tormentas, o intelligente Pero d'Alemquer, o qual n'esse intervallo não estivera ocioso em Lisboa, pois nos consta que em 1490 fôra ao Congo, em uma esquadra que levava embaixador e missionarios para aquelle paiz, e provavelmente faria outras viagens, de que não ha noticia nas chronicas.

Os ultimos annos do reinado de D. João não foram estereis para a gloria maritima de Portugal; se os não illuminou o brilhantismo das descobertas depois de 1486, nem por isso deixaram de contemplar trinta navios, commandados por D. Diogo d'Almeida, dando caça aos piratas na costa da Barbaria (1487), cincoenta embarcações, ás ordens de D. Fernando de Menezes, expugnando Targa e Camice (1490), e outras expedições a Guiné e ao Congo, como a de que acima fallamos. Ainda nos dias d'este sabio monarcha se assignou o tratado de Tordesilhas entre os reis de Portugal e de Hespanha; que adoptando por arbitro o papa na contenda dos descobrimentos de ambas as nações, ficaram satisfeitos com a resolução pontificia: Alexandre VI cortou á larga:

1 Com cada um d'estes nomes se acha designado em chronicas differentes.

2 Pedro da Covilhã lhe chamam alguns escriptores.

Uma linha traçando ao céu profundo,
Por Fernando e João reparte o mundo! (1)

Diz-se que, alludindo a esta demarcação, Francisco I de França perguntava pelo testamento de Adão, que dividira o mundo por seus dous irmãos de Hespanha e de Portugal, excluindo-o da herança.

Voltando porém ao nosso proposito, contemplemos a saída da frota destinada ao descobrimento da India, que larga de Restello, acompanhada das lagrimas e bençãos de todos os portuguezes, posto que a empreza em si fosse geralmente reprovada. Na nau *S. Gabriel* vae o capitão-mór, com o piloto Pero de Alemquer; (2) na *S. Raphael*, Paulo da Gama e João de Coimbra; na *Bérrio* (nome de quem a vendeu ao rei) embarca Nicolau Coelho, e Pedro de Escobar. Se os tres capitães são esforçados, os tres pilotos são dextros no seu mister. Segue as naus uma barca com mantimentos, e poucos marinheiros, encarregada a um creado do capitão-mór, de nome Gonçalo Nunes. Em um sabbado, 8 de julho de 1497, deixam o Tejo todas estas embarcações, destinadas a realisar uma das maiores emprezas que homens hajam tentado:

Ellas promettem, vendo os mares largos,
De ser no Olympo estrellas como a de Argos.

Até além de Cabo Verde acompanhou a armada um outro navio, em que fa Bartholomeu Dias para S. Jorge da Mina, d'onde alguns escriptores tiraram a errada conclusão de que este navegador fôra metter a caminho aquellas naus, sem se lembrarem ao menos que o piloto da expedição era o mesmo Pero d'Alemquer, que já dobrára o cabo. Quintella, nos *Annaes da marinha*, chama a Bartholomeu Dias *abalisado navegante!* Quem lh'o disse, aonde achou as provas do que assevera? João de Barros apenas diz a tal respeito, na *Primeira decada*: «E assim pelo trabalho que Bartholomeu Dias levou no apercebimento d'estes navios, como para ir acompanhando Vasco da Gama, té o pôr na paragem que lhe era necessario á *sua* derrota, el-rei lhe deu a capitania de um dos navios que ordinariamente iam á cidade de S. Jorge da Mina.» Porém Damião de Góes, auctor contemporaneo e homem de vasto saber, explica-se assim, na *Chronica de D. Manuel*, tratando da partida de Vasco da Gama: «O piloto d'esta armada se chamava Pero d'Alemquer, homem mui experto nas cousas do mar, e *por cuja industria* Lopo Infante e Bartholomeu Dias *chegaram até o rio do Infante.*» Ainda que não tivessemos este valioso testemunho, o simples bom senso estava mostrando que era o piloto e não o capitão que dirigia as naus na carreira dos descobrimentos; assim, perdôem-nos os illustres descendentes dos Gamas, Dias e Infantes, o nosso heroe do cabo das Tormentas e da descoberta da India é Pero d'Alemquer. Já que a ingratidão de tantos chronistas lhe tem escurecido a gloria, receba ao menos esta tardia homenagem de um escriptor obscuro, que, felizmente, pode escudar-se em parte com a grande auctoridade de Damião de Góes.

Toda a armada de Vasco da Gama levava apenas 160 ou 170 homens, entre officiaes, marinheiros, soldados e degradados. Ao cabo de cinco mezes de navegação, no dia 4 de novembro, descobriram a *Angra de Santa Helena*; a 22 dobraram o cabo da Boa Esperança (1), e a 25 chegaram á *Aguada de São Braz*. A 25 de dezembro descobriram a costa de *Natal*; a 10 de janeiro de 1498 deram vista do rio *dos Reis*; e a 25 puzeram o nome dos *Bons signaes* a um grande rio que encontraram. No 1.° de março ancoraram em *Moçambique*, deixando já muito atraz de si o limite das ultimas descobertas. Partindo d'ahi a 13, e não podendo tomar *Quilóa*, aportaram a *Mombaça* no dia 7 de abril, a *Melinde* no dia 15, e tendo alcançado um piloto da India n'esta cidade, surgiram finalmente á vista de *Calecut*, termo de sua ousada peregrinação! Estava descoberto o Oriente!

O que se passou em Calecut durante tres mezes que ali permaneceu a frota, procurae lel-o em Fernão Lopes de Castanhada, herdeiro da chronica de Alvaro Velho, que foi testemunha ocular dos successos, como marinheiro da expedição que era: a nós só cabe a tarefa de seguir os nautas a Portugal, em cuja torna-viagem ainda descobriram a ilha de *Anchediva* e os ilheus de *Santa Maria*, e desdobraram o cabo da Boa Esperança a 20 de março de 1499. Apenas 55 d'aquelles ousados navegantes chegaram a Lisboa com vida; a nau dos mantimentos tinha sido queimada por inutil, e a *S. Raphael* desfez-se em um baixo na volta. Paulo da Gama, que passára para a *S. Gabriel*, ficou enterrado na ilha Terceira; a nau *Bérrio*, que se desgarrou d'aquella na altura de Cabo Verde, trouxe ao Tejo a nova do descobrimento da India, no dia 10 de julho; e só a 29 d'esse mez (outros dizem que do seguinte) chegou Vasco da Gama.

E Pero d'Alemquer? Não sabemos se voltou a Lisboa, ou se foi das victimas, tão numerosas, d'esta viagem gloriosa e fatal! Inclinâmo-nos á segunda hypothese, por não encontrarmos o seu nome associado á expedição de Pedr'Alvares Cabral, que logo no seguinte anno partiu de Lisboa com destino á India, e descobriu o Brazil. Qual foi pois a sorte do Palinuro portuguez? Teve sepultura na patria, n'alguma longinqua praia, ou entre as vagas do Oceano?... Só Deus o sabe!

A nós cumpre respeitar-lhe a memoria; foi elle que plantou o segundo marco milliario da historia naval, não só nossa, mas de toda a Europa: como Gil Eannes, desfez o encantamento de um promontorio, guardado pelo medo de muitas gerações, lançando-se em novos mares, que a credulidade do vulgo assombrava de mysteriosos perigos.

Que restava a fazer para complemento da nossa gloria naval? Explorar o continente do novo mundo occidental? Vencer as correntes dos estreitos de Sunda e de Malaca? Devassar os mares aparcellados da China e do Japão? Achar o caminho da Asia rodeando a America? Tudo isso executaram os navegadores portuguezes; e os padrões indeleveis de suas maravilhosas emprezas sobreviverão aos esforços da inveja, porque são immortaes como elles.

F. M. Bobadilo.

(1) Durão, no poema *O Caramuru*.

(2) O mestre d'esta nau chamava-se Gonçalo Alvares. Das outras ignora-se o nome dos mestres.

(1) Manuscripto de Alvaro Velho (?) publicado pelo sr. Diogo Kopke em 1838. Castanheda, Góes e Barros dizem que fôra passado no dia 29.

A QUESTÃO DO ORIENTE.

Hoje ninguem ignora que a questão do Oriente não é só uma querella relativa a assumptos religiosos, nem simplesmente uma contenda de influencias politicas. Actualmente já todos sabem que essa questão

é nada menos do que a da existencia do imperio ottomano, e por conseguinte a da futura sujeição da Europa á vontade despotica de um grande conquistador, e ao poder destructivo de uma nova civilisação, mui differente da nossa, e que a muitos respeitos podemos chamar barbara.

Essa grande questão pois que ora se debate ao estridor das armas no solo da Criméa, nas cercanias de Sebastopol, e que não será, talvez, resolvida sem que todas ou quasi todas as nações europeas vão empenhar-se n'essa lucta de verdadeira independencia e liberdade para os povos da Europa culta; essa grande questão, dizemos, vem de longa data. Creou-a Pedro I, e desde então os seus successores não têem deixado de a alimentar, e de lhe dar cada vez maior impulso, fazendo-se surgir a todo o momento sob diversos aspectos, e com pretextos varios, segundo as circumstancias o permittem.

Os pretextos têem sido algumas vezes dispostos d'antemão pelo gabinete de S. Petersburgo. Mas outras vezes, e não poucas, lhe têem sido fornecidos pelos erros politicos das duas grandes nações occidentaes. Porém ou preparados ou aproveitados pela politica russiana todas as querellas a que elles servem de fundamento tendem ao mesmo fim. Atravez de todas as roupagens e louçainhas, com que os czars as costumam cobrir e ataviar para illudir e deslumbrar os olhos da diplomacia europea, avulta sempre o mesmo pensamento, a conquista da Turquia como fim, a divisão intestina, a humilhação do soberano, o enfraquecimento, e a desmembração gradual do imperio como meios. Pretendendo o dominio exclusivo do mar Negro, ou exigindo o protectorado das provincias danubianas, ou querendo arrogar a si uma supremacia religiosa sobre avultado numero de subditos da Porta, ou ordenando finalmente ás aguias moscovitas, que transponham as fronteiras, e assolem o territorio ottomano, a Russia caminha sempre ao mesmo alvo. As estradas são diversas, mas o rumo é igual, todas conduzem á desejada posse de Constantinopla, d'essa cidade que tem servido de capital a duas grandes nações, e que a natureza fadou para sobreviver á destruição dos imperios, de que fôra séde; e para dar nova vida, e imprimir mais vigoroso impulso aos povos que tiverem a fortuna de collocar n'ella o centro da sua força e acção.

No esboço historico sobre *os imperios bysantino e ottomano,* publicado no anterior volume d'este jornal, ter-se-ha visto a origem e desenvolvimento dos planos ambiciosos da Russia sobre a Turquia. Ainda que em quadro resumido ahi ficaram desenhadas as feições caracteristicas da politica russiana, assignalados os seus meios de acção, e contornadas as variadas fórmas com que tem pretendido occultar a sua ambição, e cohonestar o abuso da sua força. Resta pois, para completar o quadro, deliniar as ultimas phases da grande questão da existencia do imperio ottomano, phases a que o governo russiano deu as côres de questão religiosa, e que a diplomacia appellidou *questão do Oriente.*

Para encadear os acontecimentos e fazer comprehender melhor o começo e progressos d'esse grave conflicto, que já está custando á Europa immensos sacrificios de sangue e de ouro, será conveniente passar em revista, ainda que abreviada, o reinado do actual sultão.

I.

Abdul-Medjid subiu ao throno n'uma epocha tão cheia de difficuldades como de perigos, em circumstancias que constituiam uma crise temerosa para a Turquia. Foi no momento em que a sorte das armas, declarando-se em favor dos egypcios, aniquilára completamente o exercito ottomano junto a Nézib, deixando ao invasor livre o passo, e quasi indefezo o paiz; no momento em que os implacaveis adversarios das reformas, desassombrados do braço que os continha em respeito, se dispunham para derrubar pelos alicerces a obra civilisadora de Mahmoud II; foi finalmente n'este momento tão critico para o imperio, que Abdul-Medjid cingiu o alfange d'Osman (1.° de julho de 1839).

O thesouro publico exhausto pelas despezas da guerra; o exercito desmoralisado e em desorganisação pelos triumphos do inimigo; no divan alguns homens vendidos ao ouro russiano, e outros, movidos pelo espirito de partido, prestando-se como instrumentos activos a influencias estranhas, tão oppostas entre si como nocivas ao bem publico; o governo sempre embaraçado em todas as suas acções, ora pelos conselhos interesseiros, ora pelas exigencias injustas da Russia, da França, da Gran-Bretanha, da Austria e da Prussia, segundo cada uma assumia um caracter amigo ou hostil; a nação possuida de desgosto pelo passado, de descontentamento pelo presente, e de desconfiança para com o futuro, tal era o quadro que a Turquia então apresentava.

Um successo, que a todos surprehendeu, veiu augmentar ainda o apuro das circumstancias. O almirante turco (Capoudan-pachá) ao receber a noticia do fallecimento de Mahmoud II, acreditando ou fingindo crer, que a morte do seu soberano fôra obra dos inimigos do alcorão, entregou-se com a esquadra do seu commando ao vice-rei do Egypto. No dia 14 de julho a esquadra ottomana lançou ferro no porto de Alexandria, e Mehemet-Ali declarou n'esse mesmo momento aos consules estrangeiros, que a não restituiria sem que primeiro lhe fosse reconhecida a hereditariedade dos paizes que governava, e que o grão-vizir fosse desterrado.

Causou este acontecimento uma grande impressão, como bem é de suppôr, nos gabinetes das potencias europeas. A victoria de Nézib dobrava de alcance com a traição do almirante musulmano. Ao passo que crescia o poder do vice-rei, e que se exaltava a sua ambição, e que se duplicavam as difficuldades para o ajuste da paz, o imperio ottomano ficava humilhado e enfraquecido de um modo, que não podia deixar de excitar graves apprehensões a quem pensasse seriamente no futuro equilibrio europeu. Todavia aquella impressão obrou de diversa maneira nos gabinetes das nações *protectoras*, e produziu mui differentes effeitos.

Posto que só a Russia lucrasse realmente com esses graves successos, que acabavam de pôr a Turquia á mercê da diplomacia europea, não faltou mais quem quizesse especular com elles em seu proveito particular. As grandes potencias resolveram interpôr a sua mediação entre as duas partes belligerantes, e abriram conferencias para as trazer a um accôrdo pacifico. Apesar de que esta intervenção tinha por fim, não só obstar ao proseguimento da guerra, mas tambem e principalmente impedir que o vencedor colhesse das suas victorias os fructos a que aspirava, a Russia, a quem não convinha que a Turquia se desmembrasse em favor de um homem nas circumstancias e da tempera de Mehemet-Ali, verdadeiro fundador do imperio, que parecia destinado a fazer renascer para a raça musulmana dias de gloria e de poder, e por outro lado contentando-se com as conse-

quencias naturaes dos desastres e humilhações da Porta ottomana, concorreu ás conferencias e ahi prestou o seu apoio, conjuntamente com a Inglaterra, Austria e Prussia, á causa do sultão. Mas a França, a quem d'esta vez coube em sorte morrer d'amores pelo Egypto, sacrificando, como na mesma questão o fizera a Gran-Bretanha alguns annos antes, interesses futuros, geraes para quasi toda a Europa, porém da mais alta importancia para a causa da civilisação, e para a da liberdade de todos os povos, e mesmo da maior transcendencia para as potencias, que disputam a suprema influencia nos negocios do mundo, sacrificando-os a vantagens particulares, mesquinhas e ephemeras na presença d'aquelles interesses; a França, guiada por uma politica tão egoista quanto errada, só ali appareceu para lançar obstaculos a todo o accôrdo.

D'est'arte se protrahiram as negociações sem resultado algum, até que, reconhecida a obstinação com que o gabinete das Tulherias patrocinava o vice-rei do Egypto, as outras partes contratantes resolveram celebrar, com exclusão da França, o tratado de 15 de julho de 1840.

Em virtude d'este acto foi intimado Mehemet-Ali para restituir ao sultão a sua esquadra, e os seus direitos de suzerania sobre o Egypto, cuja hereditariedade era concedida ao vice-rei, conservando este o governo da Syria sómente durante a sua vida, depois do que voltaria esta provincia ao dominio ottomano.

Julgando-se forte com o apoio do governo francez recusou o vice-rei sujeitar-se ás condições impostas por aquelle tratado. Preparou-se pois para a resistencia, e sustentou a lucta por algum tempo; mas a final, vencido pelas forças alliadas, teve de subscrever a todas as condições, e d'esta vez foi-lhe negado o proprio governo vitalicio da Syria.

A França presenciou, mau grado seu, todo o curso d'esta breve lucta sem que ousasse envolver-se n'ella, e só no seguinte anno é que saíu do isolamento a que a condemnára a politica de um ministro imprudente, assignando com as outras cinco potencias o tratado de 13 de julho de 1841, que consolidou a paz, e que regulou as relações entre o Egypto e a Turquia.

II.

O imperio ottomano estava salvo da crise apertada em que o deixára a morte de Mahmoud II, e salvo pelo proprio embate dos interesses oppostos, que então se agitaram. Mas começavam a ameaçal-o novos perigos, e estava principiada para o sultão uma epocha de duras provas.

Abdul-Medjid tinha apenas dezeseis annos, quando foi chamado á successão do throno musulmano. Não era possivel que em tão curta idade pudesse por si proprio apreciar a magnitude e alcance dos acontecimentos, que se estavam passando no seu imperio, e menos ainda dirigir a politica em circumstancias tão criticas e difficeis. Por isso seu pae o exhortou nos derradeiros momentos da vida a seguir os conselhos dos homens que o tinham ajudado na sua obra civilisadora.

O joven soberano obedecendo ás prescripções paternas, cercou-se de todos os leaes conselheiros de seu pae, e um dos primeiros actos do seu governo foi o *hatti-scherif de Gulhané*, especie de constituição que, se bem que rica de promessas e pobre de disposições legislativas, serviu comtudo de confirmar as reformas de Mahmoud II, e de reconhecer alguns direitos do povo, até então menosprezados e desattendidos.

Este documento, que honra sobremaneira os ministros, que o offereceram á sancção do soberano (1), foi promulgado em 3 de novembro de 1839. A sua publicação teve logar na presença do sultão, e de todos os altos funccionarios do estado, na do corpo diplomatico e na de muitas deputações de diversas classes e cathegorias da sociedade. O governo deu a esta ceremonia por meio de extraordinario apparato a maior solemnidade possivel. E assim que uma salva imperial de todas as fortalezas e embarcações de guerra annunciou aos habitantes de Constantinopla o fim da leitura do *hatti-scherif*, passou o sultão á sala onde se guardam as reliquias do propheta, e ahi fez prestar, por todos os funccionarios presentes, juramento de fidelidade áquellas soberanas resoluções, e promessa de cumprirem e fazerem cumprir todas as leis organicas, que em complemento d'essas resoluções se íam promulgar.

Este acto politico, suggerido sem duvida ao governo pelo desejo de patentear ao paiz a sua firme tenção de progredir no systema de reformas encetado pelo defunto sultão, julgando assim tirar ao partido retrogrado, que conspirava abertamente, todas as esperanças de uma reacção, produziu o effeito contrario ao que se pretendia obter. Os adversarios das reformas, vendo nas promessas consignadas n'aquelle documento uma quasi transformação social para a Turquia, e acreditando pouco na firmeza de caracter de um soberano apenas saído da adolescencia, redobraram de esforços para combater e desacreditar todas as medidas governativas.

Estava pois travada no paiz e nas proprias regiões do poder, por quanto o partido fanatico achava-se representado em todas as classes, condições, e jerarchias, uma lucta surda, mas encarniçada, sem um centro de acção, porém bastante forte para lançar continuados tropeços diante da marcha governativa.

Esse centro d'acção, que faltava aos conspiradores, não tardou a apparecer. A Russia, que conta entre os mais poderosos auxiliares da sua ambição o fanatismo musulmano, correu a dirigir e dar apoio a essa lucta por todos os meios de que podia dispôr, directos e indirectos. Em quanto o seu embaixador, caminhando de exigencia em exigencia, trazia sempre levantadas ante o governo ottomano novas difficuldades, os seus conselhos e o seu ouro davam de dia para dia maior vulto á opposição nacional.

Entretanto este procedimento da Russia era coherente com os seus interesses, e com a sua politica tradicional. Obrava como tem obrado todos os imperios, que se vêem assim engrandecidos, e assim avisinhados com potencias decadentes no meio de um solo rico, e de uma posição geographica invejavel. Procedia finalmente como procederia outra qualquer nação nas mesmas circumstancias, como a Inglaterra procede na India, apesar dos seus anathemas contra a ambiciosa politica dos czares, e como procede, em grande parte, a propria França nas terras d'Africa.

Porém o que não se pode qualificar é o comportamento das outras potencias, que se dizem protectoras da Turquia, e especialmente o da Gran-Bretanha e da França. Em vez de procurarem dar força a um governo, que se esforçava para dar mais solidas condições de existencia a uma nação, que se definha entre a influencia malefica dos abusos, defeitos e vicios de uma organisação decrepita, e entre a acção para-

(1) Era então ministro dos negocios estrangeiros Reschid pacha, a quem se attribue a principal parte d'este acto governativo.

lysadora de preceitos religiosos, que se oppõem ou difficultam todos os melhoramentos sociaes, que a civilisação cria, e nos quaes a Providencia faz constituir a verdadeira vida das nações; em vez de ajudarem essas intelligencias illustradas que tratavam de assentar em bases novas e mais vigorosas o caduco edificio do imperio ottomano, que se abalava e alluía aos continuos impulsos da cubiça moscovita; ambas teciam em torno do sultão e de seus ministros longa e emaranhada téa de enredos e de intrigas. Não cuidavam os embaixadores da França e da Gran-Bretanha em auxiliar os manejos do representante do czar. Deslembrados dos perigos futuros, e dos immensos interesses europeus, que assim comprometiam, cuidavam de favorecer interesses do momento. Buscavam mais uma vantagem para o seu commercio, mais uma regalia para o seu pavilhão, mais uma preeminencia para o seu soberano, mais um grau do que os outros na confiança e no valimento do sultão. Não pensavam no auxilio que davam, indirecto mas poderoso, aos planos traçados em S. Petersburgo, e ás pretenções capciosas do embaixador russiano em Constantinopla. Tratavam só de se aproveitarem do favoravel ensejo que offereciam os verdes annos do chefe do estado, o abatimento do imperio e a divisão da nação, para se obterem concessões, e fazer-se triumphar uma influencia.

O ministerio turco quasi que não tinha liberdade de obrar. Os representantes das potencias *protectoras* não cessavam de lhe dar conselhos, de lhe dirigir queixas, e de lhe fazer exigencias, que se cifrava tudo em verdadeiras pêas á acção governativa. E não se contentando de exercer uma intervenção directa nos negocios publicos, recorriam amiudadas vezes a meios menos licitos para conseguirem a exoneração ou a nomeação de um ministro, de um governador de provincia, ou de outro qualquer funccionario.

Foi então que a Inglaterra se lembrou de ter um bispo em Jerusalem. Nos principios do anno de 1842 enviou o governo inglez para a cidade santa um prelado da igreja anglicana. Falto de rebanho para pastorear começou o bispo a fazer prégações em pleno ar, pois não tinha templo, a ver se assim attrahia ovelhas para o pastor. Os turcos não fizeram caso dos sermões, nem se importaram com o prégador, mas os christãos dos diversos ritos, não podendo soffrer taes exhortações, apuparam e perseguiram o prelado.

Pouco tempo depois exigia o embaixador britannico da porta ottomana uma satisfação pelo insulto, e o reconhecimento do bispo. A primeira obteve-a com facilidade, porém ao segundo recusou-se formalmente o divan por muitos motivos poderosos, que expendeu em uma extensa nota.

Esta questão ia dando logar a um rompimento entre os dous governos, porém o gabinete de Londres desistiu do intento, e não valeu pouco á Turquia, para salvar a sua dignidade e os seus direitos de nação livre, achar-se n'essa occasião em negociações pendentes sobre um tratado commercial com a Inglaterra.

Por este mesmo tempo veiu um outro facto pôr ainda mais em relevo as vexações que as potencias protectoras infligiam ao gabinete ottomano.

O vice-rei do Egypto, logo que as armas alliadas o despojaram da Syria, principiou por meio dos seus agentes e do seu ouro a excitar os animos n'aquella provincia contra o dominio do sultão. As suas tramas não tardaram a surtir effeito. Rebentaram no Libano graves desordens entre os drusos e os maronitas: e o governo turco enviou immediatamente para as conter algumas tropas sob o commando d'Omer pachá. Como este distincto general tivesse a fortuna de restabelecer a ordem e o socego sem muita difficuldade, a Porta ottomana, que tinha plena confiança na sua energia, como na sua tolerancia e moderação, encarregou-o do governo do Libano.

Apenas esta nomeação foi conhecida pelos embaixadores das cinco grandes potencias, dirigiram estes ao divan uma nota collectiva em que reclamavam, em conformidade com os tratados, a exoneração d'Omer pachá, e a nomeação de governadores indigenas. O divan, apesar de toda a sua repugnancia, e depois de ter exposto debalde os inconvenientes de uma tal medida n'aquellas circumstancias, viu-se obrigado a ceder.

Os ministros d'Abdul, manietados e aviltados pela tutella estrangeira, que os constrangia até a dar explicações das medidas mais insignificantes; impotentes para imprimir impulso energico ao seu systema de reformas; guerreados pelos inimigos figadaes das innovações, que cresciam em numero e audacia á maneira que o poder se debilitava no meio d'essa contínua lucta de contrariedades de que saía quasi sempre vencido; desconceituados no paiz, onde a sua acção benefica era nulla; sem prestigio até entre os seus proprios correligionarios politicos, que não sabiam ou não podiam avaliar as difficuldades da situação, sucumbiram finalmente ás intrigas da côrte e da diplomacia.

Em março d'esse mesmo anno (1842) chamou o sultão novos ministros para os seus conselhos, e logo em seguida appareceu a publico um *memorandum* do governo, especie de programma ministerial, em que se condemnavam as reformas, attribuindo-se-lhes todos os males publicos, e em que se promettia á nação o restabelecimento de suas antigas leis, praticas e usos.

Acabava pois de triumphar o partido reaccionario. A França e a Inglaterra tinham ajudado a aplanar-lhe o caminho para o poder. Porém as festas do triumpho foram celebradas em S. Petersburgo, por quanto a influencia russiana venceira tambem as suas rivaes em Constantinopla, e ahi dominava desassombradamente.

(Continúa.)

I. DE VILHENA BARBOSA.

PRAZ-ME — E DESPRAZ-ME.

Apraz-me a lympha,
Que mansinha corre,
Que nasce, vive,
Suspirando morre.

Despraz-me vel-a
Catadupa ingente,
Que abysmo occulta
No cachão fervente.

Apraz-me a briza,
Que afinada gira,
Por entre as cordas
De dourada lyra.

Despraz-me o noto,
Que rebrama iroso,

Cevando furias
No carvalho annoso.

Apraz-me vel-o,
P'lo cair da tarde,
Distante o astro,
Que mergulha, e arde.

Despraz-me viva,
Dardejante luz,
Que a vista chama,
Que a morrer conduz.

Apraz-me o aroma,
Que da flor vem vindo,
Por leve aragem,
Que m'o traz sorrindo.

Despraz-me a essencia,
Que vivaz recende,
Que m'embriaga,
Meu sentido offende.

Apraz-me a rosa,
Pompeando côres,
Rainha bella,
No paiz das flores.

Despraz-me a rosa,
Se de perto vejo,
Que espinhos formam
Seu real cortejo.

Apraz-me a noute
Manto azul-escuro,
Se lh'o matiza
Planetar fulguro.

Despraz-me vel-a,
Denso negregume,
Luzindo, a instantes,
De sinistro lume.

Apraz-me ouvil-o,
Quando, n'alta sesta,
Descanta amores
O rei da floresta.

Despraz-me o canto
De nocturnas aves,
A esvoaçarem
Sob antigas naves.

Apraz-me o [illegible]
D'um singelo rosto,
Que isento brilha
De cruel desgosto.

Despraz-me vel-o,
Quando nuvem densa,
De crua magua,
N'elle está suspensa.

Sensivel peito,
Na gentil donzella,
É dote d'anjo,
Que me praz ver n'ella.

Em debil seio,
Varonil acção,
É maravilha,
Que me não praz — não.

Ternura, afago,
Maternal disvello,
Que cégo, louco...
Sempre me praz vel-o.

Um pae severo,
No rigor, castigo,
Embora justo,
Que me praz, não digo.

Ao desvalido,
Vel-a curva — a lei,
Oh! sim, apraz-me
Por que não direi?

Despraz-me vel-a,
S' — enroscada cobra,
D'alto patrono,
A capricho dobra...

Oh! sim — bem-vindos
A meu peito são,
Suave abalo,
Branda commoção.

Mafra — Dezembro de 1854.

J. da C. Cascaes.

AS FESTAS DO S. JOÃO EM FRANÇA.

Na Bretanha, desde a vespera de S. João, uma immensidade de rapazes e raparigas esfarrapados, começa a pedir esmola de porta em porta, com um prato na mão: são os pobres, cujos paes, não podendo economisar em todo o anno a quantia necessaria para comprar um feixe de lenha, mandam seus filhos mendigar, para terem com que accender a fogueira em honra de S. João. Á noute, vê-se sobre um rochedo elevado, ou no cume d'algum monte, uma fogueira, que apparece de repente; d'ali a pouco outra, depois um cento, mil fogueiras! Em toda a parte a terra parece reflectir o céu, e ter outras tantas estrellas: ouve-se ao longe um murmurinho confuso e alegre, misturado de sons metallicos e vibrações harmonicas, que obtem os rapazes tocando com o dedo n'um junco prezo aos dous lados de uma bacia de cobre cheia d'agua e bocados de ferro; no entretanto os buzios dos pastores, retinem de valle em valle; ouvem-se as vozes dos camponezes, cantando lôas ao pé das cruzes que plantam em pequenas elevações; as raparigas, vestidas com o melhor fato, correm a dançar em torno das fogueiras de S. João; pois dizem-lhes que aquellas que dançarem á roda de nove, casar-se-hão n'aquelle mesmo anno. Os camponezes conduzem os seus rebanhos para os fazer saltar por cima da fogueira, na certeza de assim os preservarem de toda e qualquer enfermidade.

Em muitas freguezias é o mesmo cura que vem em procissão, de cruz alçada, accender a fogueira no meio da villa: em Saint-Jean-du-Doigt (Finisterra) é um anjo, que por meio de certo mechanismo mui simples, desce com um archote na mão, de cima da torre, accende a fogueira, e depois vôa, desapparecendo pela mesma torre acima.

Os bretões guardam com muita devoção um car-

vão da fogueira de S. João: este carvão, posto ao pé da cama entre um ramo de bucho bento no Domingo de Ramos, e um bocado de bolo que se dá em Dia de Reis, preserva-os, crêem elles, dos trovões. Além d'isto disputam entre si com muito ardor, a corôa de flores que está por cima da fogueira de S. João: estas flores, quando estão seccas, são talismans contra todos os males do corpo, e mortificações do espirito; algumas raparigas trazem-nas ao pescoço penduradas n'um fio de lã encarnada, que tem a virtude, a seu ver, de curar as dores nervosas.

O S. João, em Brest, é festejado de um modo mais particular ainda que no resto da Bretanha. No fim da tarde, tres a quatro mil pessoas correm ás explanadas; rapazes, operarios, marinheiros, todos trazem na mão um archote acceso, ao qual imprimem rapido movimento de rotação. No meio das trevas da noute descobrem-se milhares de luzes agitadas por mãos invisiveis, que correm e saltam ao mesmo tempo, andam em roda, scintillam, e descrevem mil arabescos de fogo: ás vezes atirados pelo ar ao mesmo tempo centos d'estes archotes, por braços vigorosos, espalham, ao caírem, innumeraveis faiscas, similhando nuvens de estrellas. Immensos espectadores, attrahidos pela originalidade do divertimento, circulam contentes debaixo d'aquella atmosphera de fogo. Dura isto até ao fechar das portas. Ao toque de recolher todos regressam á cidade. Então levanta-se a ponte levadiça, e as sentinellas começam com o seu quem vem lá, em quanto nas estradas de Saint Marc, Morlaix, e de Kerinou se vêem de contínuo correr archotes accesos, e apagarem-se successivamente, como os pyrilampos.

No Poitou, para celebrar o S. João, guarnece-se de palha uma roda de carro, accende-se na circumferencia com um cirio bento, e depois passeia-se a mesma roda inflammada pelos campos, os quaes ella fertilisa, segundo a crença d'aquella gente.

Aqui são evidentes os vestigios do druidismo. A roda a arder, é uma imagem grosseira, mas sensivel, do disco do sol, cuja passagem fecunda as terras. Nas margens do Loire, os barqueiros que festejam o S. João tambem accendem fogueiras em que fazem uma caldeirada. Em Allemanha, outros similhantes usos comprovam a connexão que existe entre as fogueiras de S. João e o antigo culto do sol.

PINTURA ANTIGA.

As artes plasticas chegaram entre os antigos a um estado de aperfeiçoamento admiravel.

Não ha museu na Europa, por insignificante que seja, que não possua alguma prova do que avançâmos. O museu de Berlim é porém um dos mais ricos em monumentos d'esta especie.

O quadro que a estampa representa encontra-se em um dos vasos, que enriquecem aquelle museu, e justificam a sua preeminencia.

Io, sentada sobre o altar de Hera-Ilithya, junto da estatua d'esta divindade, de quem era sacerdotiza, segura em uma das mãos uma especie de grinalda, e em outra um cofresinho, que Jupiter acaba de entregar-lhe. Aphrodita-Pitho, deusa da persuasão e do amor, segue os passos do soberano dos deuses, conduzindo sobre o dedo a ave fatidica, o lynx.

No plano superior vê-se Eros, jogando o arco, e Pan, empunhando um ramo de arvore.

Por detraz de Io observa-se um formoso mancebo, Argos talvez, pousando a dextra em pezada maça, e segurando na esquerda uma taboa diptyca.

A sexta figura parece representar Juno. Diante de Argos vê-se um pequeno corço.

Será difficil encontrar nos mais perfeitos productos da arte moderna uma scena mythologica, em que as figuras se achem tão bem collocadas, e em que a composição e o desenho sejam de uma correcção tão irreprehensivel.

Os excessos dos despotas são castigados pelos povos; os excessos dos povos são castigados pelos despotas.

—Os thronos são cobertos de veludo e ouro; mas são estofados de pungentes espinhos.

M. Carvalho—Aphorismos.

INDIA — LACKNAU.

A scena, que reproduzimos na gravura, copiada de um desenho da obra de mr. Van-Orlich *(Reise in Indien)* publicada em Berlim ha annos, passa-se nas cercanias de Lacknau, capital do reino de Aoude, em solitario valle.

Um sacerdote lê em alta voz e explica o koran aos piedosos musulmanos que o rodeam, debaixo de uma especie de pavilhão, levantado no centro de risonha paizagem. A religião de Mahomet conta na India grande numero de sectarios; talvez vinte milhões.

Os arredores da cidade de Lacknau são notaveis pelo grande numero de tumulos e jardins magnificos que os povoam. Um dos mais famosos é o do nababo Sadat-Ali-Khan, a éste de Lacknau; é um edificio circular, decorado de columnas, no meio do qual se ergue um mausoleu de prata, em que jaz o nababo, entre sua filha e sua neta. Porticos e outras construcções menos importantes acham-se espalhadas pelo jardim, de longa data convertido em officina onde trabalham pobres cachemirenses, cujos antepassados se refugiaram n'aquelle sitio, no seculo XII.

O ministro e valido do rei que então governava, Hacky-Mendi, outhorgou-lhes numerosos privilegios, e o reino tirou optimo partido da sua industria. Entretanto os tecidos que fabricam são inferiores aos que provêem de Cachemira.

Cita-se entre os mais formosos monumentos de Lacknau o mausoleu de Gazuddin-Eider; perto d'elle está o Jauwa-Chana, ou jardim zoologico real, abundantemente provido de variadas especies de animaes. Mr. Van-Orlich contou treze tigres, antilopes, muitos macacos, todas as variedades de aves indianas, coelhos, carneiros, e codornizes, que ali se criam para combater, como os gallos em Inglaterra. Aquelles animaesinhos pelejam com admiravel vigor, o que muito diverte o monarcha, que nos grandes banquetes, chegado o pospasto, manda buscar os pobres volateis, que combatem em cima da meza como os leões no circo. Encontra-se no mesmo jardim igualmente o *byjy* ou ichneumon da India. Este animal, que apanhado quando muito novo, se domestica facilmente, e toma tanta amizade aos donos como um cão, destroe toda a casta de reptis venenosos. Quando uma serpente o avista parece dominada por um podêr occulto, enrosca-se e conserva-se immovel. O byjy contempla a victima com olhar penetrante; e ao menor movimento que ella effectua afferra-a pela cabeça, e mata-a.

A QUESTÃO DO ORIENTE

III.

As reformas de Mahmoud II não constituiam um systema completo de administração. Eram pelo contrario isoladas e peccavam por falta de nexo e har-

monia, defeitos em grande parte filhos da necessidade de contemporisar com as repugnancias dos musulmanos para todo o genero de innovações, e em parte devidos tambem ás immensas difficuldades, que simultaneamente lhes oppunham na pratica essas mesmas repugnancias e as intrigas estrangeiras.

Todavia essas reformas, imperfeitas como eram, tinham produzido não poucos beneficios, extinguindo alguns abusos intoleraveis, adoçando muito as praticas do governo despotico em relação aos direitos individuaes, e dando á administração de justiça e aos outros ramos do serviço publico disposições e formulas menos vexatorias e mais equitativas. Porém o mais importante de todos os seus beneficios era o de ir enchendo o profundo e largo fosso, que, desde os tempos da conquista, separa a raça ottomana da população christã do imperio. E ir igualando pouco a pouco os direitos dos vencidos com os dos vencedores era dar patria a muitas raças de homens intrepidos e industriosos; era attrahir aos interesses do imperio muitos milhões de christãos dos diversos ritos, até ali desprendidos de quasi todos os laços que ligam o individuo ao paiz onde nasceu, e ao soberano que o governa. Era este talvez um dos alvos a que o reformador se dirigia, e de certo era um dos resultados a que as reformas naturalmente tendiam.

Quem attender a todas estas circumstancias poderá avaliar ao justo as consequencias de uma reacção na Turquia. Conhecerá sem duvida, que os seus effeitos não se limitavam simplesmente á paralysação do progresso civilisador, e á lucta entre os velhos interesses que as reformas feriram, e os novos, que ellas haviam creado, e que o tempo já tinha enraizado. Conhecerá que esses effeitos tinham ainda mais longo alcance, pois não só iam impedir a futura fraternisação, se ella é possivel, entre os musulmanos e as outras raças que formam quasi dous terços da população do imperio, mas além d'isso iam collocar as suas relações n'um pé muito mais desfavoravel entre si e para com o governo do que antes da existencia das reformas.

A Russia portanto, conseguindo elevar ao poder os representantes dos velhos interesses, logrou a um tempo estabelecer em Constantinopla a sua influencia, e afastar do lado do sultão os embaixadores das potencias mais interessadas na conservação do imperio ottomano; dispor uma reacção que obstasse aos progressos da Turquia, e provocar uma lucta intestina, que a debilitasse; obstar á emancipação de perto de vinte e tres milhões de slavos, gregos, armenios, e muitas outras raças submettidas ao jugo musulmano; e impedir assim que viesse um dia em que todos esses povos, unidos pela igualdade de direitos, e pela uniformidade de interesses, constituissem uma nação grande e poderosa.

Assustadas pelo aspecto dos negocios do Oriente trataram logo a França e a Grau-Bretanha de combater a preponderancia russiana, e de neutralisar a influencia perniciosa dos acontecimentos. Porém desgraçadamente todos os meios que empregavam, directos ou indirectos, iam ferir á existencia do imperio ottomano, pois que todos se reduziam á severidade de exigencias officiaes, que torturavam o governo, humilhando a nação, ou á multiplicidade de intrigas, que devassavam as regiões do poder, desmoralisando os funccionarios.

As desordens que progrediam na Syria por effeito das instigações occultas do vice-rei do Egypto, offereciam vasto campo ás exigencias das duas nações occidentaes. E estas, affectando ignorar a origem d'aquellas desordens, attribuiam todo o mal ás vexações, que os governadores turcos faziam pezar sobre os christãos, e d'ahi tiravam pretextos para exigir a revogação de medidas, e a destituição de auctoridades; para condemnar a politica do divan, e em fim para o cercar de toda a casta de estorvos e dissabores. O fim principal d'estes esforços era a queda do ministerio, e por conseguinte a da influencia russiana; mas não se lembravam de que obrando d'est'arte, além de affectarem a causa que mais os devia interessar, alienavam de si as sympathias de todos os musulmanos, quaesquer que fossem as suas crenças politicas. A esta, a meu ver, errada politica, se poderá sem duvida attribuir o proceder, aliás contradictorio, de alguns membros influentes do divan, que sendo sectarios das idéas de reformas, e apontados pela sua incorruptibilidade, sustentavam a administração, e davam apoio á preponderancia da Russia.

Assim pois a França e a Inglaterra viam inuteis todas as suas diligencias, e desattendidas as suas reclamações, apesar do aspecto ameaçador da esquadra franceza em Smyrna, e da ingleza nas costas da Syria. O gabinete ottomano, tão resentido se achava contra aquellas duas potencias, e ao mesmo tempo tão dominado pelo embaixador do czar, que até se recusou a dar ao governo inglez a satisfação pedida por um castigo infligido a um subdito britannico pelo governador de Smyrna.

Porém o gabinete de Londres, firme na sua politica de trazer continuamente em difficuldades os ministros ottomanos, lá foi armar questão em Tripoli sobre a abolição do trafico da escravatura, e ácerca do pagamento de certas quantias devidas a negociantes de Malta, exigindo logo depois a exoneração do pachá.

Em quanto estas cousas se passavam, rebentou na Servia uma revolução, que expulsou do paiz o principe Miguel, hospedar nomeado pela Porta, e a toda a sua dynastia, entregando as redeas do governo ao principe Alexandre Petrowitch. Na Valachia, na Moldavia, na Bulgaria, e na Albania lavrava a guerra civil com mais ou menos encarniçamento.

As relações exteriores da Sublime Porta tambem tinham sobrevindo graves complicações. Entre esta e a Grecia suscitára-se uma seria desintelligencia, á qual o gabinete de Athenas dava de dia para dia um caracter mais hostil. A Persia tinha apresentado pelo seu embaixador em Constantinopla varias reclamações sobre demarcação de territorio, e indemnisações; e sustentava-as com tal insistencia e azedume, que parecia inevitavel um rompimento entre as duas nações.

Nem a estas desintelligencias, nem áquellas revoltas era estranho o gabinete de S. Petersburgo. Collocado o sultão em circumstancias de precisar de auxilio estrangeiro para resistir aos inimigos externos, e para debellar a anarchia no interior, não seria difficil ao czar, attendendo ao valimento do seu ministro em Constantinopla, obter para si exclusivamente as honras de uma intervenção armada, que lhe traria a dupla vantagem de apoiar e consolidar a sua influencia junto ao sultão ao mesmo tempo que a estendia directamente sobre os povos.

Para obstar á realisação d'estes planos concertaram-se a Inglaterra e a França; e d'esta vez tiveram do seu lado as duas grandes potencias allemãs. Tanto na questão da Grecia como na da Servia interpoz a diplomacia europea a sua mediação, conseguindo, ainda que depois de muitas delongas, uma conclusão pacifica para ambas.

Chegou a romper a guerra entre a Persia e a Turquia, e deram-se alguns combates; mas os esforços e habilidade da diplomacia britannica alcançaram restabelecer a paz, trazendo a um accôrdo as duas partes belligerantes. Assim se tiraram á Russia todos os pretextos plausiveis para uma intervenção armada.

Esta mudança na politica ingleza, e o conhecimento das intrigas da Russia, começaram a abalar a preponderancia moscovita. Porém quando o embaixador britannico, Sir Stratford Canning, se julgava prestes a entrar na privança do soberano, chegou a Constantinopla mr. Boutenieff, novo enviado do czar; e mais habil que o seu antecessor conseguiu restabelecer o predominio da Russia. Estavam então pendentes duas questões importantes na Servia e na Valachia. N'esta tratavam as potencias occidentaes de sustentar o principe Ghika contra as tentativas revolucionarias dirigidas pelos manejos de S. Petersburgo. N'aquella diligenciavam a destituição do principe Alexandre, creatura da Russia, e o restabelecimento do antigo hospodar. Mr. Boutenieff exigiu e alcançou, que o sultão reconhecesse o principe Alexandre (1), e que nomeasse para o logar do principe Ghika um hospodar dedicado aos interesses russianos. Para dar força a estas exigencias tinha o czar enviado para a linha do Pruth, e para as margens do baixo Danubio um exercito de 120 mil homens com 300 peças d'artilharia, e fizera apromptar em pé de guerra a sua esquadra do mar Negro.

Pode-se bem ajuizar da surpreza e desgosto, que similhantes arranjos causaram aos governos da Gran-Bretanha e da França. E tambem a propria Austria não viu sem ciume e receio firmar-se na Servia e nos principados danubianos a preponderancia russiana. Amestradas porém pela experiencia não recorreram aos meios de que outr'ora ambas lançaram mão para combater a influencia do autocrata. Em vez de cercarem o sultão e os seus ministros de exigencias, quasi sempre injustas ou injuriosas, procuraram pelos meios da persuasão, empregados brandamente, mas com perseverança, convencel-os da duplicidade da politica moscovita, e dos perigos que resultavam para o imperio ottomano de uma alliança assim intima com tão poderoso visinho e falso amigo.

D'este procedimento, que, sem offender susceptibilidades nacionaes, fazia patentes verdades irrecusaveis, e punha em alto relevo perigos reaes, que se não podiam contestar, colheram em breve os desejados fructos. O sultão e a maioria do divan, esclarecidos por tão fortes razões, declararam-se a favor da politica das potencias occidentaes; e desde então nunca mais a Russia póde reassumir em Constantinopla o seu ascendente.

O triumpho alcançado pela influencia anglo-franceza era a victoria do principio liberal na Turquia, liberal certamente, posto que ainda restricto ao que constitue os primeiros elementos d'essa nova civilisação, cujos progressos necessariamente hão de vir a dar em resultado a liberdade, mais tarde ou mais cedo, segundo a successão e força dos acontecimentos.

Com quanto o partido reaccionario, na sua subida ao poder, tivesse prometti lo á nação o retrocesso para o antigo regimen, não chegou todavia a dar inteiro cumprimento ás suas promessas. Foram revogadas algumas medidas importantes; mas n'outras, e principalmente no *hatti-scherif de Gulhané*, não se atreveu a tocar, vendo levantar-se ameaçadora a opposição dos interesses creados pelas reformas, e a anarchia prestes a erguer o collo. Tinham-se portanto contentado, depois d'aquelle primeiro ensaio do seu poder, em ir deixando caír em desuso as novas praticas e medidas, que não haviam sido legalmente derogadas.

Tratando-se de fazer entrar de novo o imperio ottomano no caminho do progresso, era indispensavel recorrer aos talentos, energia e firmeza de caracter de Reschid pachá, que depois da morte de Mahmoud II ficára personalisando a idéa do progresso civilisador da Turquia. Chamado pois novamente para os conselhos do sultão não só poz em vigor as reformas anteriormente decretadas, mas proseguindo intrepido no mesmo systema, foi introduzindo muitas outras com que deu mais regularisação a diversos ramos do serviço publico, com que animou a agricultura, desenvolveu o commercio, e melhorou a condição dos subditos da Porta não musulmanos.

Não caminhava o governo ottomano desassombradamente no seu systema de reformas. Via-se forçado a sustentar uma lucta porfiosa e tenaz. Além da opposição do partido retrogrado, que não cessava de tecer intrigas e mover-lhe estorvos, a Russia fazia-lhe a mesma guerra, que pouco antes era feita pela França e Inglaterra. A força porém de muita constancia e energia, e ajudado pelas duas potencias occidentaes, o gabinete ottomano ía vencendo as difficuldades da situação, e sempre continuando a imprimir impulso á regeneração do imperio.

A revolução de París de 1848, que abalou a quasi toda a Europa, fez repercutir os seus echos nos principados do Danubio. O czar, meio temeroso pela aproximação do incendio ás fronteiras do seu imperio, meio cubiçoso de aproveitar a opportunidade do ensejo para a occupação militar d'aquellas provincias, ordenou aos seus exercitos que atravessassem o Pruth, e fez notificar ao divan a resolução em que estava de debellar por si só a revolução dos principados.

Não podia o sultão consentir na intervenção exclusiva da Russia sem comprometter gravemente os interesses e segurança da Turquia. Firmando-se pois nas disposições dos tratados relativas aos casos em que essa intervenção deve ter logar, enviou aos principados um corpo de exercito, e exigiu que a occupação fosse feita collectivamente por ambas as potencias, e com igualdade de forças.

A letra dos tratados era tão clara, que não podia o gabinete de S. Petersburgo recusar-se a annuir á justa pretenção da Porta ottomana. Porém as suas tergiversações a respeito da igualdade das forças combinadas de occupação, e todo o seu procedimento nos principados, quer para com os revoltosos, quer para com as auctoridades legaes, crearam para o governo turco uma situação dificilima, estabelecendo um conflicto perenne, não só entre os respectivos generaes, mas tambem entre as duas côrtes. Foram precisas aos ministros do sultão muita prudencia a par de muita habilidade e energia para sustentar, sem o perigo de um rompimento, os interesses e dignidade do imperio, e os foros dos principados, e para obter a final a evacuação dos mesmos pelas tropas russianas.

Porém quando o sultão e o seu ministerio deram mais exuberantes provas d'aquellas apreciaveis qualidades foi em 1850, na questão da expulsão dos hun-

1 Mais tarde, estando já este principe interdito pelo sultão no governo da Servia, exigiu a Russia a sua revogação, e obrigou a Porta a annuir, ameaçando-a com a guerra. Logo em seguida, pelos muitos meios de que dispunha, moveu os habitantes a protestarem contra este acto do sultão, e a convocarem uma grande assemblea, na qual foi novamente eleito o mesmo principe, forçando então o gabinete ottomano a reconhecel-o de novo.

garos, italianos e polacos, que tinham ido refugiar-se no solo ottomano depois de vencidas as revoluções da Hungria e da Lombardia. O modo por que resistiram, primeiro ás instancias, e depois ás ameaças da Austria e da Russia para a entrega dos refugiados, faria honra á nação mais civilisada da Europa. Levado ao ultimo extremo pelas exigencias austro-russianas Abdul-Medjid appellou para a Gran-Bretanha e para a França, declarando que «na defensa de um principio, sem o qual não havia independencia para os estados, nem refugio para o pensamento humano, elle e o seu povo estavam promptos para a guerra.»

Tanta firmeza e tão grande dignidade conseguiram que a Turquia saísse airosa e pacificamente de tão ardua e espinhosa questão. Apressaram-se as duas potencias occidentaes a procurar termo para o conflicto, e pela sua mediação convieram ambas as partes em que os refugiados fossem simplesmente internados, ficando sob a vigilancia da auctoridade.

(Continua.)

I. DE VILHENA BARBOSA.

É facil fallar; é difficil saber fallar; mas ainda é mais difficil saber calar.

CASA ONDE NASCEU HERDER.

J. Godofredo Herder, filho de um mestre de meninos, nasceu em Mohrungen (Prussia) a 25 de agosto de 1744. Seu pae não lhe permittia que lesse outros livros senão a Biblia e uma collecção dos psalmos. Mas Herder, ancioso de aprender, aproveitava para esse fim quantos lhe caíam debaixo de mão. Logo que conseguia obter algum livro, corria ao jardim, trepava a uma arvore, e ali, depois de bem seguro ao tronco com uma corrêa, devorava ardentemente o fructo prohibido.

Um homem generoso, informado do amor que o moço Herder consagrava ás letras, tomou-o para secretario, fazendo-o participante da educação dada a seus proprios filhos. Na casa de seu protector Herder travou relações de amizade com certo cirurgião russo, que o conduziu a Koenigsberg com o intuito de lhe ensinar a cirurgia. O mancebo pouco depois renunciou á arte de curar as feridas do corpo, e propoz-se ao estudo da theologia. Foi então que frequentou o curso do famoso Kant. Mas Herder não tinha os habitos sedentarios do illustre philosopho, que morreu em idade avançada sem nunca sair as portas da patria Koenigsberg. Desejava correr mundo; e por isso aproveitou a occasião que se lhe proporcionára de viajar em companhia de um joven principe. Partiu pois; mas chegando a Strasburgo teve de ahi demorar-se, aggravada a enfermidade de olhos de que padecia desde a infancia.

Corria o anno de 1770. Goethe, que tinha então os seus vinte e um annos, frequentava em Strasburgo os cursos da universidade. Os dous mancebos encontraram-se e relacionaram-se intimamente; mas Herder, mais velho que o companheiro, e já conhecido por valiosos escriptos, tomou sobre Goethe uma especie de ascendente, a que este aliás se sujeitou sem repugnancia. O auctor de *Werther* accusa o seu amigo de certas desigualdades de genio, que o tornavam muitas vezes de um trato bastante desagradavel. Em despeito d'isso Goethe serviu-lhe de enfermeiro durante a cruel operação que soffreu nos olhos. Posteriormente obteve-lhe um emprego em Weimar. Herder morreu em 8 de dezembro de 1803.

Herder foi nomeado barão pelo rei do Hanover, mas os seus verdadeiros titulos de nobreza são as *Idéas sobre a Philosophia da Historia*, a *Historia do Cid*, a *Historia da poesia dos hebreus* etc. Só a lista dos seus escriptos occuparia largo espaço; pois que não compoz menos de sessenta volumes, abrangendo todos os ramos das sciencias humanas: philosophia, historia, crítica litteraria, bellas artes, religião, philologia, etc.

A gravura representa a modesta casa onde nasceu Herder, um dos mais profundos engenhos, que tem produzido a culta Allemanha.

LITTERATURA DA PUERICIA.

São as folhas periodicas similhantes a essas folhas verdes, que a primavera desenrola, que o sol de Deus faz reverdecer, que um orvalho matutino tornou viçosas, que um gorgeio foi alegrar, que as flores embalsamaram, e que muitas vezes, e o mais d'ellas, a briza innocente, a aragem descuidada, que só ellas sentiram, fez caír e murchar. Lá vão morrendo e renascendo. Qual seu numero? Que tempo duraram? Fecundaram onde caíram? Esterilisaram onde succedeu de pousarem? Quaes foram as boas? quaes as ruins? Souberam-no ellas... se o souberam.

E essas folhas caprichosas, de diversos feitios, para todos e para tudo, appareceram com as estações, a voarem com todos os ventos, a prognosticarem tempestades que ellas só presumiram, a alindarem o abril que as convidou para o grande banquete de luz e amor, umas; a doudejarem mentirosas, outras: estas a prometterem flores só; aquellas apontando fructos; ei-las por toda a parte, ora amigas, ora venenosas, ora indifferentes, porém já como que indispensaveis e essencialmente necessarias.

Portugal, se fosse a inventariar o seu jornalismo, desde a inoffensiva *Gazeta de Lisboa*, até ás *Revistas*, até aos innumeraveis periodicos dos ultimos tempos; desde os jornaes perfumados de camarins, até ás brochuras scientificas, já accumulava um catalogo monumental, se lhe lembrassem todos.

Mas para as primeiras idades o que se tem escripto? Onde os seus *Journal des Enfants*, onde os seus *Youth's keepsakes?* Onde os livrinhos de recompensa? Tem-se pensado, desde quando convinha, em preparar para crianças leiturinhas variadas e uteis ao mesmo tempo? Entre as suas folhas, terá o jornalismo portuguez a tenra multicaule para o sirgo que depois ha de trabalhar, trabalhar até morrer?

Realmente a nossa litteratura infantil apenas começa. Esse descer para elevar, esse identificar-se com os corações puros, como saíram das mãos de Deus, que são só da infancia e de mais ninguem; essa arte de a fazer interessar por cousas serias, bem serias, sem o ella suspeitar; essa industria com que se lhes aproveita a imaginação para lhes fortalecer o espirito, illustrar o entendimento e formar o coração, é para mui poucos.

Mas ha de vir, assim o cremos, porque a mão da Providencia não causa nem descansa em semear para o bem; ha de vir, porque a vaga sempre crescente da civilisação não pára nunca; tem de chegar, porque as tendencias do dia de hoje são preparar o dia de amanhã. Não ha pequenez nos meios, quando se attende á grandeza dos fins; de atomos se compõe o universo. Isto que se figura pouco, é (talvez muitos o não julguem) o patrimonio da humanidade. Os escriptores a quem estes nadas tambem já fizeram grandes, não hão de ter pejo de levar ao mealheiro da geração nascente o obolo do genio; o pão ha de ser partido em pequeninos, como sonhava o bom Bernardes.

Escreve-se, argumenta-se, troveja-se para formar a opinião publica; e o publico, mais a sua opinião, não vêem longe o occaso; e a opinião d'esses futuros homens, hoje fracos e protegidos, mas que ámanhã nos hão de sobreviver para nos julgarem, não mereceirá disvellos tambem? Aqui a razão multiplica a força das razões, que tão obvias acodem, que tão deveras o são, que mais se demonstra omittindo-as, do que se prova no expol-as.

A tarefa é de enfeiticar. O mais difficil está feito. Era ensinar a ler, sem fazer d'esse tirocinio stadio longo de abhorrimentos e martyrio. O pensamento de Pestalozzi, completou-o a invenção portugueza. O *sinite parvulos* do Evangelho, que primeiro encontrou echo pela sabia Allemanha, foi posto em pratica, e traduzido n'um invento, a que sem hyperbole se pode chamar maravilhoso, por um sabio de Portugal. (1) O livro em que elle se contém é dos mais sympathicos que a mãos d'homens é dado escrever. Não é a historia d'uma raça illota, escravisada e escrava, resignada no equuleo do senhor d'engenho, e com os olhos no céu, pedindo-lhe a regeneração nos balsamos da paciencia. A historia, a chronica-romance com que mrss. Stowe arrancou lagrimas de compaixão a dous mundos em favor d'uma classe miseravel, não é mais para o coração do que esse outro livro do futuro, onde vem cifrado o resgate da mais fragil porção da humana especie, até hoje illota e escrava, até hoje no equuleo bem apesar vosso, ó mães que deveras o sois, até hoje soffrendo o martyrio, não com os olhos no céu de resignada, mas com a alma ainda no céu, e que apenas olhou para a terra, foi para indignar-se de injustiças. Hontem foram os meninos na fornalha, cantando hosannas que a ignorancia e a crueldade não entendia; d'ora em diante serão os pequeninos a aprender lições de amor com o mesmo amor com que Jesus Christo os chamava para junto de si.

De enfeiticar é a tarefa, para vós que dispondes da penna, e que sabeis escrever de dentro.

Aprende-se a ler brincando. Alegrae-os mais, aos pequeninos, instruindo-os; escrevei para elles como o coração vol-o ditar, homens de coração bom. Formar-lhe-heis o coração; o espirito lh'o formareis depois. Que elles amem o que lhes tiverdes escripto, e que vos amem a vós tambem.

«Não me persuado haver cousa alguma que possa confiar-se em todo o decurso da nossa vida intellectual, áquelles primeiros jubilos da imaginação,» diz um escriptor contemporaneo distincto.

É verdade, e tão verdade que não ha ninguem que o não tenha por si mesmo experimentado. É a reminiscencia mais agradavel, mais saudosa, mais feiticeira mesmo, em que a idade madura se delicia de pairar, quando solta o vôo pelo campo das recordações.

O jardim onde nos arranhou o primeiro espinho de roseira, era tão verde, o rosal tão alegre e mimoso, o jasmineiro que mais longe abraçava o muro parece ainda estar a recender-nos de longe, tão suaves eram as suas fragrancias! Mas o primeiro livro que decifrámos... a primeira pagina que nos contou uma historia... as letras que primeiro nos fizeram ter consciencia da propria imaginação... não eram negras; a imaginação reconhecida, nol-as pinta de côr de rosa de agradecimento, nos reveste essas primeiras paginas com os graciosos ramos dos primeiros arbustos que vimos; e o livro, enfeitado de grinaldas, de rosas e lyrios, obtem entre as nossas recordações da puericia, até entre as mais gratas de toda a vida, o logar d'honra no intimo do coração. É que elle não só nos lisongeou primeiro o nosso amor proprio de crianças, engrandecendo-nos aos nossos olhos' mas tambem d'elle é que primaria e induhitavelmente derivaram todas as nossas posteriores affeições por letras e por livros.

Oxalá avaliassem todos bem, quanta escolha não deve presidir ás primeiras leituras de uma criança!

(1) O *Methodo-Portuguez* do sr. A. F. de Castilho

Oxalá reflectissem todos que escrevem no serviço que prestariam, rebaixando as pompas do estylo e as galas da phrase, até se nivelarem com uma intelligencia pueril!

Dizei, não vos sorri o coração quando tomaes uma criança no regaço e a beijaes?

Se algum dia vos vacillou a fé, não vos sentis n'esse momento dispostos a crer em anjos, para nunca mais d'elles duvidardes?

E se essa criança é pobre? Não vos sentis maiores, servindo-a?

E se não tem mãe que a conchegue e aninhe nos braços, não sentis ennobrecer-vos inda mais o contacto angelico d'essa creaturinha que erguestes, para lhe emprestardes as vossas caricias?

Assim é a litteratura da infancia.

É um escrever que allivia das penas d'este mundo. Desterra dissabores; desenfada de ingratidões; rejuvenesce a alma; dá ao espirito um perfume de bondade, que nem sempre é ephemero. É como uma obra de misericordia que se praticou. O escriptor fica por muitos dias bem comsigo mesmo.

E se a leitura é para os filhos dos pobres? Estes são os que mais precisam que se lhes fortaleça na aurora o espirito, porque o dia, até entenebrecerem-lh'o as escuridões da noute, se lhe ha de ir todo na fragoa do trabalho; estes não tem outras ferias em toda a sua vida.

É uma differença bem notavel, com quanto o pensamento fundamental pareça o mesmo n'esta ordem de escriptos. Escrever para os filhos do rico não é o mesmo que escrever para os do operario. Em quanto a um se aconselha a protecção e a liberalidade, excita-se no outro a resignação e o trabalho; áquelle, falla-se, sem perigo, dos prazeres e festas que lhe são communs, e que ao pobre excitariam invejas; a este, dos prazeres menos ruidosos, porém mais simples e humildes, que para o primeiro seriam apenas idillio. E assim é preciso, em quanto no mundo houver pobres e ricos.

Nas duas bandas do Rheno são tão estimados os livrinhos do conego Schmid que, se não fosse o modo de dizer peculiar ao auctor, e a palavra traducção que os denuncia estranhos, em França se não saberia se eram nacionaes ou allemães, segundo se expressa mr. Salmon, auctoridade de bastante pezo em assumptos de educação popular.

Que de moralidade não tem prestado á Inglaterra esses livrinhos de dezeseis paginas, de outo, de quatro até, que as sociedades de instrucção primaria quotidianamente publicam, illustrados de gravuras, semeados de poesias, viçosos pela singeleza do estylo, convidativos pela barateza do preço, utilissimos pelo escolhido das theses que em prol da moral e dos bons costumes ali se desenvolvem?

Do presbyterio desce a homilia a evangelisar o povo inglez; dos prelos civilisadores chove a homilia puerilisada, se nos permittem o termo, a derramar os beneficios do Evangelho pela população que sáe do berço para a escola, d'onde partirá para a procellosa peregrinação da vida.

O dominio clerical com livrinhos tão baratos que até alguns eram dados, se firmava e tem firmado nas theocracias.

A gravura e á estampa quanto não tem devido o catholicismo?

Deus me livre de pretender demonstrar o que de si é evidente.

Concordam hoje todos em que o povo precisa ler; que precisa que lh'o ensinem em primeiro logar; que lh'o ensinem em pouco tempo; e que lhe dêem livros, para satisfazer aquella nova necessidade. Mas não basta que se façam leituras para os adultos. É indispensavel crear-se-lhes o gosto ainda mesmo antes da adolescencia. Oxalá que esse gosto fosse excessivo, que de todos os excessos é o menos perigoso. E que melhor ensejo para captivar a vontade, que tomar-lhe nos braços a intelligencia ainda menina, fallar-lhe na sua linguagem, com o tom de affecto com que sua mãe lhe falla, e implantar-lhe assim, tão facilmente, com tanto deleite para uns e outros, as tendencias do bem?

Algumas plantas ha, que basta só metter na terra uma de suas flores, para pegarem, florirem e fructificarem. Assim são as virtudes. Uma flor, plantada na estação propria, dá de si muitos fructos.

Repugna, seja a quem fôr, o ter de fallar de si; mas tenho para mim que este é o logar de confessar que não poucos jubilos intimos tenho já devido a algumas tentativas que n'este genero encetei. O *Ramalhetinho da Puericia*, não passa ainda d'uma experiencia. Vae em sós quatro numeros. Conto fazer, por aquelle plano, um curso, quanto possivel fôr, completo, de educação e instrucção elementar. Antes que do meu humilde trabalho fallasse, a outro me devia referir, aos *Livrinhos do Povo* do sr. A. P. Forjaz de Sampaio. O acolhimento que este paiz vae dando a esta especie de publicações, é uma prova do quanto as precisava. Anima a continuar, mas não nos desobriga de desejarmos ainda mais.

Um periodico (o nome não é attrahente) uma folha onde ás crianças se avive o gosto da leitura, já não era em Portugal objecto de luxo. Outra, destinada aos educadores da puericia, não só o não era, mas de ha muito que o paiz a pede, a deseja, e a necessita. Um jornal d'instrucção primaria, e de mais nada, que sendo só d'isto, de muito era; pedimol-o a alguem em cujas mãos resida a prodigiosa vara de condão que reduz idéas a obras. Não haverá quem escreva para uma e outra folha? Não haverá quem as leia tanto a uma como a outra? Faça-se, e este *faça-se* dará a *luz* a muitos que d'ella carecem. Não nos deteremos sobre as vantagens que d'ahi possam resultar. São bem conhecidas. O como estas duas utopias (infelizmente em Portugal ainda é utopia muita cousa d'estas) o como estas duas utopias, diziamos nós, se hão de realisar, é tão pouco difficil de entrever, que ocioso seria consagrarmos-lhe aqui algumas linhas.

LUIZ FILIPPE LEITE.

NAVEGADORES PORTUGUEZES.

V.

VISITADORES DA AMERICA.

Deixando de parte a complicada questão de prioridade no descobrimento do Novo Mundo, e concedendo ao genovez Christovão Colombo a gloria de ser o primeiro que visitou a America, em prejuizo dos navegadores islandezes da idade media, do nosso Côrte-Real, e do piloto, tambem portuguez, Francisco Sanches, que muitos escriptores, tanto nacionaes como estrangeiros, dizem haver sido arrojado por um temporal para aquelle continente, o qual communicára a Colombo as suas cartas, notas e derrota; prescindindo, dizemos, d'essa discussão em que nada tinhamos a perder e tudo a ganhar, seja-nos ao menos permittido desprezar a tardía opinião de um auctor mo-

derno, que, ao cabo de tres seculos, se lembrou de querer usurpar o quinhão de gloria que cabe aos portuguezes pelo descobrimento do Brazil, para o conceder ao navegador hespanhol Vicente Yanes Pinzon; (1) e engolfando-nos com os companheiros de Pedro Alvares Cabral nas solidões do Oceano, vejámos como apparece aos portuguezes a terra de Santa Cruz.

No dia 9 de março de 1500 desaferrou do surgidouro de Belém uma armada de treze velas, destinada a mostrar no Oriente o nosso poder naval. Mil e duzentos homens de mar e guerra compunham o pessoal d'esta expedição, cuja capitania-mór foi confiada a Pedro Alvares Cabral, por indicação de Vasco da Gama. Antes de chegarem a Cabo Verde já uma das naus se havia desgarrado, e as doze restantes amarando-se, por fugirem ás calmas de Guiné (como diz Barros), mas não por tempestade (como outros affirmaram, sem fundamento) e talvez, por curiosidade de se encostarem aquella parte d'onde Colombo voltára com a noticia de novas ilhas, de tal fórma descairam para oeste que foram avistar uma terra desconhecida, no dia 22 de abril. Ao primeiro morro que enxergaram deu-se o nome de *Monte Pascoal*, em commemoração da festa que então acabava de celebrar a Igreja, e a toda aquella terra a denominação de *Vera Cruz*, em lembrança do signal da redempção que logo plantaram nas suas mysteriosas praias. *Santa Cruz* se chamou depois este vasto imperio, e mais modernamente *Brazil*. João de Barros, e muitos outros escriptores antigos e modernos, erram mencionando a descober a no dia 3 de maio, tirando da festividade d'esse dia o nome dado ao paiz. Pero Vaz de Caminha, e o piloto portuguez anonymo, que escreveu a derrota d'esta viagem, testemunhas occulares, são conformes em assignar a data de 22 d'abril a este milagroso descobrimento. Gaspar de Lemos voltou com a sua nau a Lisboa, a trazer a el-rei a boa nova, e as outras onze seguiram para o cabo da Boa Esperança. Uma horrorosa tempestade as aguardava, depois de tão prospero successo. Alguns dos navios foram ter a Moçambique, outros a Quilôa, aonde a final se chegaram a reunir seis, que, juntos, passaram a Calecut. Um d'elles era o do capitão-mór, que levava por piloto Affonso Lopes, homem de bastante prestimo, e por mestre André Gonçalves; outro o do sota-capitão-mór, Sancho de Toar, fidalgo hespanhol; capitães das quatro naus restantes eram Nicolau Coelho, companheiro do Gama, o celebre Pedro d'Athaíde Inferno, Simão de Miranda e Nuno Leitão. Ignorámos os nomes dos pilotos e mestres d'estas embarcações, que tão trabalhosa viagem tiveram, sem gloria alguma e, talvez, com pouco proveito. Sabemos porem que ía n'esta armada o grande Duarte Pacheco Pereira, provavelmente sem cargo maritimo. Das naus que se perderam uma era capitaneada por Bartholomeu Dias, o companheiro de Infante e de Pero d'Alemquer na exploração do cabo, que ia presenciar agora a sua morte; Diogo Dias, seu irmão, commandava outra, e ambos levavam destino para Sofala. Não se sabe qual foi o fim d'estas naus. As seis que escaparam do temporal, encheram de terror os mouros da Africa e do Indostão, e, sob pretexto de propagar a lei do Evangelho, foram usando das maneiras convincentes dos filhos de Mahomet na introducção do koran, mas não tanto como os nossos catholicos visinhos na expugnação do Novo Mundo. Se os portuguezes tiveram a queixar-se de varias traições, principalmente em Calecut, não me parece que isso justifique sufficientemente a guerra de piratas que fizeram nos mares do Oriente, assaltando, saqueando e queimando quantas naus de commercio encontravam no seu caminho.

Emfim a armada desfraldou as velas aproando á patria. Sancho de Toar encalhou com a sua nau na costa oriental d'Africa; e, salva toda a gente, e perdida a carga de especiaria, queimou-se aquella embarcação de duzentas toneladas, e o sota-capitão-mór passou a outra mais pequena, e foi reconhecer Sofala, chegando a Lisboa algum tempo depois das quatro que seguiram logo directamente para Portugal.

O piloto portuguez acima alludido, que escreveu a narração d'esta viagem, assegura que de toda a armada de Cabral só seis navios voltaram ao Tejo.

Pedro Alvares não tornou á India nem ao Brazil, e não nos consta mesmo que exercesse nenhum cargo de alta importancia, quando aliás só morreu depois de 1527, segundo se deduz do epitaphio gravado na sua sepultura, em o convento da Graça (Santarem.) Indubitavelmente o nosso homem não tinha amor pelo mar, não nascêra predestinado para navegações atrevidas...e todavia deixou o seu nome á bahia *Cabralia*, e ligado tambem para sempre á historia do descobrimento da mais bella porção da America!

Que foi feito de Affonso Lopes? Ignora-se!

E no principio da historia do Brazil tudo é duvidoso. Sabemos apenas com certeza que *Porto Seguro* se descobriu em 1500, pois que ahi descansou a frota de Cabral; porém quem foram os primeiros que aportaram ao Rio de Janeiro, navegaram o Amazonas, e exploraram os differentes logares de tão extensa costa? Quanto ao reconhecimento da *Bahia* ha a historia do *Caramurú*, bem conhecida, posto que duvidosa; e a armada de Gonçalo Coelho, que deixou gente n'aquella paragem em 1501. Americo Vespucio diz que puzera o nome de *Bahia de todos os Santos* a um porto que descobriu em 1503, voltando de *Fernão de Noronha;* e finalmente este descobrimento é attribuido por outros a Christovão Jaques, em 1525. É certo porém que, em 1531, a armada de Martim Affonso encontrou ali um bacharel portuguez, degradado *ha trinta annos* n'aquella terra; e é do seguinte anno, 1532, que data a colonisação do Brazil começada em S. Vicente, muito ao sul do Rio de Janeiro. Esse objecto, porém, não entra no programma do presente estudo. Retrocedendo ao anno de 1500, vejámos como ao passo que Pedr'Alvares encontrava o Brazil, outro portuguez, o intrepido Gaspar Côrte-Real, procurava directamente o norte da America, e buscava o sonhado caminho para a India pela extremidade septentrional do novo continente.

Côrte-Real saíu do Tejo na primavera do mesmo anno, com dous navios, apartando-se para o norte até á latitude de 60 graus; descobriu a terra de *Labrador* ou do *Côrte-Real*, e a ilha que chamou dos *Bacalhaus*, se é que já antes outro Côrte-Real não tinha visitado estas paragens. (1) Voltando ao reino este homem, que os chronistas apresentam como um navegador experiente, preparou-se para nova viagem, e munido de privilegios reaes, partiu de Lisboa a 15 de maio de 1501 ... porém não voltou! Seu irmão, Miguel Côrte-Real, foi-se em busca d'elle, logo no seguinte anno de 1502... mas não regressou tambem! Duas naus, despachadas por el-rei D. Manuel em pro-

(1) No VII volume d'este semanario, a paginas 306 e 307, tratou o assumpto o sr. Tiburcio Antonio Craveiro: para ali remettemos os curiosos de taes estudos.

(1) Vide o capitulo II d'este estudo, pag. 27 do presente vol.

cura de ambos, tornaram, mas sem noticias dos aventureiros; e foi mister a auctoridade real para impedir que o mais velho dos irmãos Côrte-Real, o nobre Vasco Eannes, governador das ilhas Terceira e de S. Jorge, seguisse o mesmo trilho, onde se perderam Gaspar e Miguel. O titulo honorifico de capitão donatario da Terra Nova é quanto ficou a esta illustre familia da ousada empreza de alguns de seus membros.

Americo Vespucio tambem figura muito nas primeiras navegações das naus portuguezas ás plagas do Novo Mundo, e a sua descripção da costa austral da America foi, talvez, a origem de se dar o nome d'este sabio aventureiro áquella parte do globo. Já um auctor francez disse que, a honra do nome de *America* dado ao Novo Mundo, parecia ter sido um premio de litteratura; nós accrescentaremos que é um dos maiores disparates que os seculos têem sanccionado!

E não é porque queirâmos negar o merito do piloto florentino, nem seja menor a nossa consideração por elle, vendo que navegára sob as ordens de capitães mores portuguezes, nas viagens que fez á America, em serviço d'el-rei D. Manuel; não: demasiado comprehendemos que um piloto e cosmographo como Vespucio faria muito mais n'estas explorações, do que um fidalgo arvorado em capitão de frota, que talvez embarcava pela primeira vez; o nosso desejo seria reivindicar a gloria de todos os ousados nautas, que a historia esqueceu com tanta ingratidão; porêm Colombo merecia mais do que Americo a honra de legar o seu nome ás novas regiões do occidente. Aquelle aportou primeiro ao mundo que adivinhou, ou lhe denunciaram; este apenas reconheceu que a America era um continente, e que o Brazil não era uma ilha como se suppunha.

As duas primeiras viagens de Vespucio, entre 1497 e 1500, foram emprehendidas em navios hespanhoes, como as de Colombo; a terceira e quarta, de 1501 a 1504, sobre navios portuguezes. Se os dous reis e os dous paizes que serviu na exploração da America deixaram de premiar condignamente o seu merito superior, a posteridade recompensou-o até á saciedade, porque o seu nome durará tanto como o mundo.

A ordem chronologica dos successos, que diligenciâmos seguir, tanto quanto o permitte a simultaneidade das navegações portuguezas em todos os mares do globo, obriga-nos a cortar o fio da exploração da America meridional para seguir de novo a carreira do Oriente. São tantos os vultos de navegadores heroes, que nos apparecem sulcando as aguas, visitando ignotas terras, combatendo em toda a parte, durante os primeiros annos do novo seculo, que difficil será grupal-os de maneira que lhes não falte a precisa luz. Empregaremos toda a nossa diligencia e bons desejos n'esse trabalho; oxalá que aproveitem: o resultado o dirá.

F. M. Bordado.

EXPEDIENTE CARIDOSO.

João de Sirez, prégador de Tolosa no seculo XVI, sabendo que o hospital estava cheio de enfermos, e que era impossivel tratar a todos com disvello, disse um dia, prégando, que sabia que os habitantes de Tolosa desejavam fazer uma viagem, e sabia tambem, por haver viajado muito, que era preciso ter primeiro um bom cavallo, tratal-o bem, e no caso da sella lhe fazer mataduras curar-lh'as logo: aliás podia bem ser que não aguentasse senão meia jornada. Que os tolosanos desejavam fazer a viagem do paraizo, e por este motivo os chamára ao hospital, para fornecer a cada um bom cavallo em que subir ao céu; promettendo, em nome de Deus, a todo aquelle que tomasse conta de um pobre, e o tratasse com caridade, até seu restabelecimento, o chegar com felicidade ao paraizo.

Estas palavras, proferidas por um sacerdote geralmente respeitado pelas suas virtudes, produziram tal effeito, que cada habitante de Tolosa se encarregou de um pobre, e em poucos dias foram todos soccorridos e agasalhados.

CONSERVAÇÃO DAS SUBSTANCIAS VEGETAES ALIMENTICIAS.

Mr. Masson, membro do instituto de França, depois de longas indagações e experiencias, pôde conseguir seccar as substancias vegetaes, em especial as hortaliças, sem lhes alterar a constituição, e reduzil-as a mui diminuto volume, sem perderem o sabor e as qualidades nutrientes.

O processo consiste na exsiccação a uma temperatura baixa, em estufas aquecidas a 25 graus, pouco mais ou menos, e na compressão effectuada pela prensa hydraulica.

A primeira operação priva as substancias da superabundancia de agua, que não é indispensavel á sua constituição, e que em certos vegetaes, por exemplo, as couves e as raizes, se eleva a 80 e 85 por cento do seu pezo no estado de frescas. A segunda operação reduz o seu volume, augmenta-lhes a densidade elevando-a á de madeira de pinho, e facilita assim a sua conservação e transporte.

Para usar das hortaliças assim preparadas basta remolhal-as por 30 a 45 minutos em agua quente; d'este modo recuperam toda a agua que lhes foi extrahida; cozem-se por espaço de uma hora ou duas, conforme a sua natureza, e temperam-se depois ao modo ordinario.

Este processo mui simples applica-se aos espinafres, legumes verdes, raizes, tuberculos, e até aos fructos. As hortaliças seccas e espremidas dispõem-se de ordinario á maneira de fôrmas ou pastilhas quadradas de sete pollegadas de lado, forradas de uma folha delgada de estanho, pezando cada uma 500 grammas, podendo fornecer 20 rações de 25 grammas (7 outavas). Guardam-se ás dez em caixas de lata.

MAXIMAS DO AMERICANO JEFFERSON.

Não reserveis para ámanhã o que poderdes fazer hoje.

—Não gasteis o vosso dinheiro antes de o terdes ganho.

—Não compreis aquillo de que não precisaes, sob pretexto de economia.

—A vaidade e o orgulho custam-nos mais que a fome, a sede e o frio.

—Não nos arrependâmos nunca de ter comido pouco.

—O trabalho feito de boa vontade não fatiga.

—Não mandeis fazer por outros o serviço que poderdes pessoalmente desempenhar.

—Se estiverdes zangado contae até dez antes de responder, e até cem se vos dominar um forte accesso de colera.

AMERICA—MEXICO.

O Mexico é uma das cidades mais antigas, ricas e commerciantes da America septentrional.

Capital do florescente imperio mexicano, foi conquistada em 13 de agosto de 1521 por Fernando Cortez, famoso capitão hespanhol.

Desde então ficou sendo o principal emporio das vastas possessões hespanholas no Novo Mundo.

Em 1547 foi erigida em séde archiepiscopal.

No anno de 1822 o Mexico, depois de muitas tentativas infructiferas, declarou-se independente da metropole. Depois d'essa epocha este desgraçado paiz tem sido theatro da mais horrivel anarchia; ás revoluções populares succedem-se quasi sem interrupção os tumultos da milicia, sem que no meio do cahos produzido por similhantes successos seja possivel firmar uma situação normal.

Fadado para representar o mais importante papel no Novo Mundo o Mexico, explorado por ambiciosos mais ou menos habeis, constitue um deploravel exemplo do abuso das idéas de liberdade.

A cidade do Mexico, capital d'essa republica democratica, que tão importante podia ser, e tão respeitavel pela sua riqueza e vantajosa situação geographica, está assentada em um immenso valle circular de doze a quinze leguas de diametro, cingido de todos os lados por altissimas montanhas, cobertas de neve, e entre os dous lagos de Chulco e Tezcuco.

A cidade do Mexico é bem edificada; as ruas são largas, direitas, guarnecidas de passeios de pedra, como vemos em Lisboa, e em geral acciadas. Contém muitos edificios importantes, entre os quaes merecem especial menção o palacio da presidencia da republica, a casa da moeda, o theatro e a sé cathedral.

D'esta damos no presente numero o desenho. É um templo mui vasto; e se não pode apontar-se como um modêlo de elegante architectura, é certo que se torna notavel não só pela amplidão, como pela riqueza das suas decorações.

NAVEGADORES PORTUGUEZES

VI.

DESCOBRIDORES E GUERREIROS.

(1501 a 1512).

A India não havia sido descoberta por acaso. A apparição dos portuguezes no Oriente não foi o resultado de uma cavalleirosa aventura de Vasco da Gama. Buscava-se Calecut, para cujo rei o capitão-mór da

armada levava uma carta de D. Manuel; e achou-se Calecut, com o auxilio do piloto pratico da costa do Malabar, fornecido aos nossos por aquelle bom rei de Melinde.

As naus do Gama não íam a Deus e á ventura: levavam pilotos experientes, instrumentos nauticos já muito aperfeiçoados, e largos esclarecimentos dados pelos viajantes portuguezes, que haviam ido por terra ao Indostão, e mais longe ainda. Se não pode assegurar-se que a descoberta do Brazil fosse premeditada, como muitos suppõem, é certo porém que não se devem ao acaso os outros descobrimentos dos portuguezes, antes todos foram emprehendidos depois de maduro estudo. A sciencia e o valor presidiram á exploração de Malaca, das Molucas, da China e do Japão; se os Côrte-Reaes não acharam a passagem para a Asia pelo norte da America, tão sabiamente concebida, lá a encontrou Magalhães, navegando ao rumo opposto; e ainda hoje nos restam bastantes documentos de como se alliava a litteratura e a arte naval com a nobreza e o valor dos nossos maiores. O historiador da marinha portugueza não ha de perder de vista este ponto, sobre o qual repousa grande parte da nossa gloria, da verdadeira gloria, que é immensa, que pode e deve dispensar os ouropeis de fabuladas proezas; quanto nol-o permitte o pouco desenvolvimento a que somos obrigados n'este estudo, temos feito e faremos sentir o que deve a sciencia da navegação aos maritimos portuguezes.

D. Manuel, que herdou, com o grão-mestrado da ordem de Christo, o espirito de descoberta e a perseverança do infante D. Henrique, tendo em tão pouco tempo de reinado, não só feito chegar as suas naus até á remota e desejada India, mas ainda devassado o continente do novo mundo occidental, tornou a enviar a bandeira d'aquella gloriosa cavallaria, hasteada nas pópas de quatro naus, logo no anno de 1501, para continuar a carreira do Oriente, confiando o commando d'esta frota a João da Nova, fidalgo hespanhol, que devia reforçar com a sua gente e navios a armada de Pedr'Alvares. A 5 de março saíu de Lisboa esta expedição, e, segundo o dizer de Barros, encontrou ella em outo graus de latitude sul uma ilha, que chamaram *da Conceição*. Seria a *Ascensão* (de 8)? Porém Castanheda dá-nos esta ilha descoberta por Tristão da Cunha em 1508. Tambem encontraram outra, já em 20 graus de altura, e essa não ha duvida que e a *Ascensão* (de 20, ou menor); elles mesmos lhe puzeram o nome. E ao oriente da Africa descobriram ainda uma terceira ilha, que denominaram de *João da Nova*, do nome do capitão-mór. Este valente hespanhol e os intrepidos portuguezes que capitaneava, defendem-se heroicamente em Cananor de uma poderosa armada do Çamorim, e não tendo já encontrado o Cabral n'aquelles mares, voltam a Portugal em 1502, descobrindo então a ilha de *Santa Helena*, rochedo arido, que teve mais tarde o seu Robinson, um pobre degradado Fernão Lopes, e que presenciou, não ha muitos annos, a agonia do maior capitão d'este seculo.

Outra armada, de seis velas, capitaneada por Gonçalo Coelho, partiu no mesmo anno de 1501 para explorar o Brazil; quatro d'esses navios perderam-se, mas os dous restantes, em um dos quaes la Vespucio, chegaram até ao rio da *Prata*, e ainda á terra dos *Patagões*. Voltaram a Lisboa em setembro de 1502.

Já então tinha partido para o Oriente, pela segunda vez, o intrepido e afamado D. Vasco da Gama, almirante do mar da India. Este titulo fôra-lhe dado para si e seus descendentes, como os Peçanhas houveram a posse do almirantado de Portugal, e Alvaro Vaz d'Almada e seus herdeiros a capitania-mór da frota; porém estes ultimos, e similhantemente os successores de D. Vasco, gosavam das honras e reditos do cargo, sem soffrerem as privações do mar por obrigação. O Gama levava ás suas ordens vinte naus, em tres divisões, uma das quaes elle commandava em pessoa, e as outras Vicente Sodré e Estevão da Gama. Parte d'esta esquadra ía ficar de guarda aos mares da India e da Arabia.

E logo no seguinte anno de 1503 se vêem differentes armadas, partindo de Lisboa, tanto para o Oriente como para o Occidente. Lá vae Antonio de Saldanha dar o seu nome á *Aguada*, aonde pelejou com os barbaros, proximo ao cabo da Boa Esperança; e um dos seus capitães, Diogo Fernandes Pereira, desgarrando-se da frota, aborda, o primeiro, á ilha de *Socotorá*, na entrada do mar Roxo. Francisco d'Albuquerque, com outra armada, chega á India e restitue ao throno o rei de Cochim, deixando-lhe por protector o grande Duarte Pacheco. Affonso d'Albuquerque, amarando-se com a sua frota para oeste, vae tomar a costa do Brazil, como succedêra ao Cabral, e d'ahi, dobrando o cabo, chega a Coulão, que os portuguezes não conheciam ainda. Fernão de Noronha, navegando para o Brazil, por capitão-mór d'uma armada, em que tornou a embarcar com os nossos o florentino Americo, descobre a ilha de *S. João*, que mais tarde tomou o seu nome, o qual ainda hoje conserva. (1) Desgarrado d'este chefe, o piloto Vespucio entra em um porto do continente, a que dá o nome de *Bahia de todos os Santos*. (2) Em 1504 partiu para a India, capitaneando treze embarcações, o valente Lopo Soares de Albergaria, que depois foi o terceiro governador d'aquelle estado. Chega; bombardeia Calecut, incendeia Cranganor; e tendo deixado quatro navios sob o commando de Manuel Telles Barreto, para protegerem o rei de Cochim, nosso alliado, vem, com Duarte Pacheco, sobre Pandarane, apreza e queima 17 vasos mouriscos; e volta a Portugal, aonde é recebido com altas distincções por el-rei. A sorte do immortal Pacheco ninguem a ignora, por vergonha nossa! Grande, no mar e na terra, soube vencer todos os inimigos, menos os invejosos da sua gloria. A ultima façanha naval de Pacheco, que a historia registrou, foi um combate com piratas franczes no cabo de Finisterra, em 1509; metteu-lhes a pique uma embarcação, e trouxe tres prizioneiras a Lisboa. Depois morreu... no hospital!!

Já porém, no anno de 1505, partíra para a India o seu primeiro vice-rei, D. Francisco d'Almeida. De passagem pela costa oriental d'Africa, o portuguez castiga Mombaça, a traiçoeira, e chegando ao Malabar encarrega seu filho, D. Lourenço, de reparar a affronta que os portuguezes tinham soffrido em Coulão. O joven Almeida, herdeiro do valor paterno, assalta 24 navios que encontra n'aquelle porto, e reduz todos a cinzas, ricamente carregados como estavam. Continuando no commando da frota dos mares do Oriente, o filho do vice-rei ganhou um nome immortal e a palma do martyrio. Tendo apenas ás suas ordens tres galeões, cinco caravelas, duas galés e um bergantim, aborda a armada do Çamorim, e é o primeiro a saltar na capitanea inimiga. Obram-se prodigios de valor de parte a parte, mas a pericia ven-

(1) Vide a nota 11 ao *Diario de Pero Lopes de Sousa*, por F. A. de Varnhagen.

(2) Acerca de Americo e da descoberta da Bahia, veja-se o nosso precedente capitulo, e as cartas d'aquelle piloto nas *Memorias para a historia das nações ultramarinas*.

ce o numero, e os mouros são desbaratados. Depois, em companhia de seu pae e dos dous Cunhas Tristão e Nuno contribue poderosamente para o bom exito do ataque de Pananá e incendio de muitos vasos inimigos. Descobre as ilhas *Maldivas* e *Ceylão*, fazendo tributario a Portugal o rei de *Galle*. E, emfim, achando-se em Chaul, com outo ou nove embarcações, é atacado pela poderosa esquadra do soldão do Egypto, á qual, todavia, resiste com vantagem; porém, assoberbado por outra frota de Diu, ao mando de Melique-Ás, que sobreveiu em auxilio do inimigo, succumbe valorosamente, e perde a vida dando o exemplo da maior coragem a vencedores e a vencidos.

O quadro d'esta batalha, mais gloriosa ainda para estes do que para aquelles, carecia de outro desenvolvimento, que os limites d'este estudo não comportam; e a desforra que D. Francisco tirou dos mouros, vingando nobremente seu filho, era tambem digna de uma detida analyse: estes successos são assaz conhecidos dos leitores. Todos sabem como o vice-rei, seguido de 19 embarcações de guerra, e 1:700 homens de combate, investiu e incendiou a populosa e rica Dabul, queimou quantos navios de Calecut encontrou no mar, e foi offerecer batalha ás esquadras combinadas de Melique-Ás e Hocem. Nuno Vaz Pereira commandava a vanguarda dos nossos, mas ferido na abordagem cedeu o logar a Francisco de Tavora. Ruy Soares fisgava os navios inimigos com as ancoras da sua nau! D. Francisco pelejava e dirigia o combate sem descanso. Por fim os rumes fugiram; muitos foram mortos, e outros prizioneiros; e a palma da victoria ficou aos portuguezes.

Porém D. Francisco d'Almeida tinha de partilhar a triste sorte de seu filho; como elle, não tornaria a ver mais o solo da patria! Na aguada de Saldanha espera um miserrimo fim ao vencedor de Quilôa, de Mombaça, de Pananá, de Dabul e da enseada de Diu:

Ali cafres selvagens poderão
O que dextros imigos não puderam,
E rudos paus tostados sós farão
O que arcos e pelouros não fizeram!
. . . . . .

Pouco tempo depois da saida do primeiro vice-rei para a India, partiram Pedro e Francisco de Anaia, pae e filho, com seis navios, a explorar a costa de Sofala, e fundar ahi um estabelecimento portuguez; e João Homem, desgarrando-se da frota de D. Francisco d'Almeida, descobriu, áquem do cabo das Tormentas, tres ilhas a que deu os nomes de *S. Jorge, S. João, e Santa Maria da Graça.* [1] Em 1506 partiu para a India o celebre Tristão da Cunha, e, pela segunda vez, o terribil Affonso d'Albuquerque. Tristão descobriu um grupo de ilhas, ás quaes deu o seu nome, que ainda conservam; e explorou a costa da ilha de Madagascar, descoberta por um capitão da sua frota, Ruy Pereira Continho: em quanto porém estes navegadores davam vista da parte occidental da ilha, outros portuguezes que voltavam ao remo, capitaneados por Fernão Soares, faziam aguada e lenha na banda oriental. Cunha destruiu Oja e Brava, avassallou o rei de Lamo, visitou e guarneceu Socotora, obrou prodigios de valor no Indostão, e voltou a Portugal, descobrindo, n'essa viagem, a ilha da Ascensão, como dissemos ha pouco. Entretanto o Albuquerque visitava o golpho persico, o mar Vermelho, as costas da Arabia e da Persia, e fazia tributario de Portugal o rei de Ormuz, em quanto não tomava conta do governo da India, como successor do vice-rei. Novo theatro para as suas façanhas lhe preparava el-rei D. Manuel, mandando, em 1508, Diogo Lopes de Sequeira a descobrir o grande emporio de Malaca, do qual havia larga noticia em Portugal. Quem foram os pilotos que, de sonda na mão, se atreveram primeiro a arrostar com as correntes, parceis e samatras d'aquelle perigoso estreito, é o que a historia nos não conta; sabe-se apenas que saíram de Lisboa para essa longinqua e arriscada empreza quatro navios, sob o commando de Diogo Lopes, que já fa investido no governo da cidade por descobrir, e que o acompanhava o, depois tão celebre, Fernão de Magalhães; que estas naus reconheceram de passagem, segundo as instrucções d'el-rei, a ilha de Madagascar, e que tocando em algumas ilhas d'aquelles mares acharam e recolheram varios naufragos portuguezes; que, chegando a Cochim, augmentou o vice-rei aquella frota com um outro navio e sessenta homens, continuando-se logo a viagem premeditada; que estas cinco naus descobriram a grande ilha de *Sumatra*, e ahi deixaram um padrão com as armas de Portugal, e que finalmente chegaram a Malaca em 11 de setembro de 1509. Estavam ali quatro embarcações chinezas, provavelmente as primeiras que os nossos navegadores encontravam. Sequeira teve de fugir ás traições dos malaios, e voltou a Portugal, d'onde mais tarde partiu de novo para governar a India. A Affonso d'Albuquerque estava reservada a gloria de render e avassallar a orgulhosa Malaca! Prostrada a cidade querida do Sabaio, coube a sua vez á Aurea Chersoneso, e a chave d'aquelle importante estreito, que communica o mar da India com o mar da China, caía em poder dos nossos. D'ahi partiu Duarte Fernandes para *Siam*, e Ruy da Cunha (ou Gomes da Cunha) para *Pegú*; Antonio de Abreu, Francisco Serrão, e Simão Affonso, em tres naus, de que era capitão-mór o primeiro, navegaram para as *Molucas*, acompanhados de um piloto mouro d'aquella carreira; porém não passaram da ilha de *Banda*, e uma das naus se perdeu em *Java*. Em 1512 avistou Abreu a ilha de *Amboino* e Serrão a de *Ternate*. Affonso de Albuquerque, tendo deixado por capitão-mór do mar de Malaca a Fernão Peres d'Andrade, com dez navios, voltou a Cochim, escapando milagrosamente de um naufragio na costa de Sumatra.

Antes de proseguirmos com as descobertas do Oriente, voltemos á Europa, a ver como se faziam estes prodigios maritimos de armar annualmente tantas naus, não só para a carreira da India, mas para a conquista de Africa, e guarda da costa de Portugal. A marinha que descobrira a India, e conquistava as melhores praças maritimas d'aquella região, que mudára o caminho da especiaria para a Europa, e dava cada dia novas riquezas e nova gloria a Portugal, não podia deixar de occupar o primeiro logar no pensamento e nos esforços de um governo illustrado. Se não se seguiu á risca o alvitre de D. Francisco d'Almeida, que só queria feitorias portuguezas no litoral, e o nosso poder no Oriente firmado exclusivamente na artilharia das armadas, era comtudo obvio que não estava livre aos nossos o caminho de umas para outras possessões, e d'estas para Portugal, sem que um respeitavel numero de naus impozesse respeito ás frotas do Egypto, de Calecut, de Diu e de Achem. Assim pois, em tempo de D. Manuel, começaram-se a construir mais solidos navios para ar-

[1] Damião de Góes. Chron. do rei D. Manuel.

rostar com os mares do Oriente; animou-se a plantação do linho canhamo, de que se fabricavam amarras, as melhores de toda a Europa; fundia-se artilharia, e emfim desenvolviam-se todas as industrias que contribuem para o progresso naval. Para animar os homens no serviço da marinha, concedia el-rei amplos privilegios aos pilotos, carpinteiros e calafates; e os arsenaes de Lisboa, Porto e S. Martinho trabalhavam sem descanso na construcção e reparo dos vasos de guerra, em quanto nos portos de Aveiro e de Vianna se apparelhavam as embarcações de commercio. Além das naus da carreira da India, havia sempre tres esquadras em effectivo serviço para guerrear os piratas: uma, chamada *do Estreito*, cruzava entre a costa do Algarve e a Barberia, e compunha-se exclusivamente de fustas e caravelas; outra, de navios maiores, guardava a costa do norte; a terceira pairava na altura dos Açores, aguardando muitas vezes os ricos galeões da India, para os defender dos piratas. A lotação de uma nau da carreira oriental era, proximamente, de 120 pessoas; depois de 140, de 168, e assim por diante com o andar do tempo; os seus officiaes eram: o capitão, o capellão, o escrivão; primeiro e segundo pilotos; mestre, contra-mestre, e guardião; carpinteiro, calafate, tanoeiro, barbeiro (que servia de cirurgião), (1) condestavel, meirinho, cosinheiro, e despenseiro. D'entre os marinheiros dous chamavam-se estrinqueiros, que eram patrões de escaleres, e tinham outros encargos; as denominações de grumetes e pagens tambem são d'esse tempo; e embarcavam igualmente soldados de artilharia, como ainda ha pouco se usava entre nós. Um seculo antes era bem diversa a nomenclatura da tripulação de uma galé; constava de um patrão, 3 alcaides, 6 arrães, 2 carpinteiros, 10 marinheiros, 30 bésteiros, 104 remeiros e 2 sextaneos (2).

A theoria da arte de navegar tambem se aperfeiçoava e ennobrecia. Em 1518 creou-se uma cadeira de astronomia na universidade de Coimbra. Não sabemos se ainda então existia a academia de Sagres, ou se se refundíra em alguma outra escola propriamente do estado. É certo porém que ao cosmographo-mór do reino apresentavam os pilotos as suas derrotas, com cujos subsidios publicou Manuel de Figueiredo os primeiros roteiros portuguezes, no seculo XVII, e no seguinte Manuel Pimentel deu á luz a sua *Arte de navegar*, e roteiros, ainda hoje apreciados.

Theoricos e praticos no mar, valentes na guerra, desejosos de aventuras, os navegadores portuguezes alongavam-se por todos os mares do globo, arriscavam-se entre desconhecidos recifes, subiam a corrente de rios até então ignorados, pelejavam sem olhar ao numero dos inimigos nem á difficuldade de reparar as avarías, e assombrando a Europa, ao mesmo passo que enchiam de terror o Oriente, collocavam o seu paiz natal na cathegoria de nação de primeira ordem, e na maxima superioridade como potencia maritima.

F. M. Bordalo.

HESPANHA—CATARACTA DE CERISET.

Os Pyrenéos (Pirenaei) são, como todos sabem, uma grande cordilheira de montanhas, que separam a França da Hespanha, prolongando-se desde o Mediterraneo até o Oceano; isto é, em uma distancia de 85 leguas proximamente.

Aquellas montanhas tomam differentes nomes segundo as localidades; são povoadas de florestas de arvores preciosas para construcções civis e navaes, e abundam em sitios pittorescos.

Um dos pontos mais interessantes sob este aspecto é o que chamam *ponte de Hespanha*. Não lhe fica muito inferior a cataracta de Ceriset, que a nossa gravura representa. Esta magnifica paizagem, pelo accidentado do terreno, pela caprichosa quéda das aguas, e pela luxuriante vegetação que reveste os cabeços, é um dos mais formosos panoramas que pode offerecer-se ao viajante.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO-VERDE.

Os romances licenciosos. — O jogo e a murmuração, passatempos de Bissau. — George Sand, e Margarida Fuller. — Os jornaes. — O casamento dos papeis. — A lua e os selvagens. — As ruinas. — Hó lolo culumbé. — Amor e amor. — O casamento catholico (1).

Ora viva o escriptor hermaphrodita, que nasceu mulher, e que vive e escreve como um homem desregrado! viva a sr.ª George Sand, cujos escriptos immoraes chegam a este obscuro e ignorado cantinho do mundo, vertidos em portuguez mestiço, menos intelligivel que o creoulo papel, e mais desengraçado de certo. Agora é que eu digo que a civilisação de Bissau caminha a passos de gigante, que já rivalisa com os decuriões de Lisboa, e dentro em pouco deixará bem longe os mestres parisienses. Já não fal-

(1) *Quintella*: Annaes da Marinha.
(2) Documentos do seculo XIV e principio do XV

(1) Vejam-se os primeiros capitulos d'estes estudos no vol. X.

ta muito. Apearam a cruz do seu glorioso pedestal; deixaram caír o templo em ruinas; e proclamaram o culto do ouro e da devassidão.

Um pouco mais, e chegará bem depressa á altura dos papeis, que temos ainda a estupida soberba de desprezar nós os filhos da Lusitania.

Ditosa mocidade é esta dos nossos dias! livre dos *fosseis* cathecismos que nos ensinaram a doutrina christã, gosa da salutar e deleitavel leitura de livros, em que se lhe ensina a moral pagã, a pratica das doutrinas fetiches, e se instrue no conhecimento de que nasceu sómente para gosar direitos, e para satisfazer todos os seus appetites!

Ainda alguns poucos annos mais, e poderá pagar á patria, com usura, o nefando crime que ella tem commettido em desprezar a sua educação, esquecendo que mui brevemente hão de governal-a, o que equivale a opprimil-a, esses que deixa impunemente depravar.

Até a nossa formosa e rica lingua, a lingua dos Camões, dos Barros e dos Vieiras, ha de ter o seu dia, em que seja forçada a despir as louçanias e galas de outras eras, e embrulhar-se na frandulagem immunda, que a ignorancia torpe, e a cubiça não menos torpe, vão armazenando em traducções nojentas, que a troco de alguns tostões estragam a intelligencia, e derrancam o coração.

Agora é logico que se estabeleça uma escola á custa do estado para que os grumetes possam aprender estas bellas cousas, e conheçam por experiencia que nós os portuguezes, depois de 300 annos de ensaios (?), vamos entrando a passo firme na estrada da civilisação *papel*.

Foi isto pouco mais ou menos o que eu disse lançando com força para cima d'uma banca o romance *Rosa e Branca*, que d'ali tinha tomado; assim que o folheei, e li poucos periodos de alguns capitulos, onde a immoralidade e o cynismo dos conceitos disputavam primazia á ignorancia do traductor.

—Sempre tem cousas!... pois o que tem que dizer d'esse romance tão bonito? se não lermos estes livros em que havemos de passar treze horas de dia? Não se pode estar sempre a jogar. Todos os dias vemos as mesmas caras. Já sabemos de cór e salteada a vida uns dos outros, porque á força de não termos que dizer somos obrigados a repetir as mesmas cousas.

—O que tenho que dizer?! que estes livros são uma peste, que não só preverte a alma de quem os lê, mas que tambem lh'embota a intelligencia. Sei muito bem que se não pode obstar á introducção d'esta mercadoria, como não é possivel obrigar os lenços de seda a que vão á alfandega. Não é isso o que me irrita; mas sim a terrivel propaganda de crimes que em Portugal ha de estar fazendo a cubiça e o espirito revolucionario. As consequencias vel-as-hemos brevemente. Como não quero aventurar futuros, digo somente que a mocidade perde-se com estas leituras, e que nós havemos de pagar um dia bem caro a indifferença dos que nos governam.

—Assim parece (diz outro). Não deixo de reconhecer o perigo d'estas leituras para a gente moça; mas não vejo meio de obstar a isso. A imprensa é livre. O governo portanto não pode prohibir a circulação d'estes livros, apesar de serem tão maus, porque iria contra a carta.

—Por quem é, não calumnie a carta! Se assim fosse, esse codigo que amo, em vez de ser um dom estimavel, seria um objecto de legitima execração. A carta não tem culpa da preversidade de uns, do desleixo de outros, e da tolice dos demais.

Tambem pela carta é livre a todos comprarem e venderem, e comtudo os regulamentos de policia e os sanitarios não permittem que todos vendam substancias venenosas, nem polvora, e prohibem a venda d'aquellas sem receita de facultativo. Deverá o corpo mais attenções do que a alma? uma vida exige cuidados, e milhares de vidas não merecerão nenhuns? Eu por mim nenhuma duvida punha em prohibir estes livros. Prohibia-os em nome da religião desacatada, da moral publica offendida, da honra das familias ameaçada, e da existencia social em grande perigo.

—A prohibição augmentava a curiosidade. Os livros haviam de ler-se, como agora; e não conseguia nada.

—Não é assim. Isso é um sophisma ridiculo, que os maus invocam, e que por mui repetido querem que seja tido como um axioma. Diga-me, augmentou porventura a venda das substancias venenosas porque se restringiu a liberdade d'ella? Não. Ha muitas pessoas que lêem estes romances, porque ninguem as preveniu de que são nocivos, e que deixariam esta lição funesta se fossem advertidas: almas innocentes e ingenuas, que aspiram a morte cuidando que se deleitam. A prohibição tornaria estes livros mais caros, e com isso a familia do operario ficava livre do perigo que corre; outro beneficio. Quanto aos que quizessem lel-os por isso mesmo que eram prohibidos, esses procuravam o mal voluntariamente, de ninguem podiam queixar-se, ninguem podia sentir remorsos.

—E quem é George Sand? pareceu-me ouvir-lhe dizer que era uma mulher; mas com este nome! com um nome de homem! é cousa que nunca vi!

—Pois é uma mulher, que por uma de suas muitas extravagancias foi pedir ao sexo masculino um nome, assim como lhe imitou a desenvoltura: parece que n'isso quiz mostrar o desprezo em que tem as do seu sexo que vivem com honestidade e modestia; e não admira, essas condemnam-na severamente. Parece ser pois todo o seu empenho abolir a religião catholica, por ser a unica que honra e engrandece a mulher. Todas as outras religiões são boas para ella, mas a que prefere é a herezia de Wiclef com os commentarios de João Balle, por ser a que mais se coaduna com o mysticismo socialista, e com a theoria da dissolução dos costumes.

É para ver a raiva com que desembesta contra o matrimonio, que chama a escravidão da mulher; como insta pelo divorcio, que a restauração dos Borbões aboliu, e que a revolução de julho duas vezes condemnou, mas que ella quer que seja o meio necessario, o unico racional e efficaz, de restituir á mulher os seus direitos, de assegurar sua liberdade, que, segundo assevera, os homens lhe roubaram, isto é, a sociedade, que em castigo deve perecer.

—Oh! mal sabia eu que se reclamaria em França, como uma grande fortuna para as mulheres, o que n'esta costa passa como lei. Aqui o casamento é cousa muito simples, mesmo entre os europeus, salvas rarissimas excepções. Um homem e uma mulher vivem juntos em quanto isso lhes convém: aqui está o casamento. Quando qualquer d'elles acha mais vantagens n'outro arranjo, ou se aborrece d'esta união, separam-se: aqui está o divorcio. Mas o que lhe ha de parecer extraordinario, e mais á tal Sand, é que poucas vezes o rompimento parte da mulher, e que pelo contrario ellas muito desejariam que não houvesse tal liberdade, maximé se tem filhos.

—Pois é essa liberdade, que as mulheres d'aqui

odeiam, a mesma que George Sand quer estabelecer na Europa em nome *dos grandes designios democraticos*. É a sua mania, que mais ou menos apparece nos seus romances. De mim para commigo estou convencido de que estes escriptos são outros tantos episodios, mais ou menos embellezados, de sua vida aventurosa: que cada um d'elles nos pinta uma de suas novas *conquistas*, e o modo como se desfez d'ella por tedio (?) escondendo-o n'um novo pseudonymo para tornar a historia mais appetitosa, e poder penetrar até aos toucadores das jovens inexperientes, de que pretende fazer proselytas.

Não vá dizer que sou temerario nos meus juizos, e maledico porque os publico; não; eu não faço mais do que acceitar como genuina a biographia, que fez de George Sand uma de suas mais ardentes e mais enthusiasticas partidistas, a celebre americana Margarida Fuller em suas *Memorias*. Ahi vão as suas palavras:

«O verdadeiro culpado nos erros que o vulgo imputa a George Sand é o estado presente da sociedade. Eu por mim estou convencida de que digo a verdade. George tem uma alma pura, que sabe muito bem amar e apreciar a innocencia, ainda que pelas suas acções pareça o contrario d'isto. Ella não pede que a defendam, só quer que saibam comprehendel-a. *Mostrou audaciosamente o que n'ella era natural*, mas sempre com boas intenções. Se tivesse encontrado um homem que fosse capaz de a captivar com perseverança, teria sido tambem capaz de amal-o com constancia; mas como a realidade não lh'o offereceu como ella o desejava, teve *naturalmente* de mudar de objecto nas suas affeições, *e isso por muitas vezes*. Desde então pôde notar-se no seu modo de viver alguma cousa de *bachante*, um amor enthusiasta *pela noute*, pelas agitações e *as saturnaes no meio dos bosques*, como as dos discipulos de Cybele, a grande deusa, a boa mãe; porém não se deixou caír nunca na grossaria, nem na licença; e conhece-se isso, porque não ha fructo de que seu coração não tenha sabido espremer algumas gotas generosas. *Quando está enfastiada de uma ligação, gosta de quebral-a de repente;* e *tem-lhe acontecido isso frequentes vezes, dando assim logar a numerosas calumnias* a seu respeito.»

Eu não sei que os mais ardentes adversarios da fogosa redactora dos boletins de Ledru-Rollin tivessem escripto nenhuma accusação mais mortal do que esta defeza. Seja dito de passagem.

Mas note-se. Quando a identidade de idéas, de desejos, de paixões, e até de fraquezas (porque o pintor é digno do retrato); quando a amisade que todas estas circumstancias crearam, fomentaram, e tornaram intima, se exprime por tal fórma sobre uma pessoa do seu mesmo sexo, com quem viveu familiarmente em Paris; e quando esta narração, ainda que em phrases retorcidas, está de accórdo com o que a voz publica conta d'esta virago; o que direi eu! Poderia rir-me sómente de suas *aspirações*, de suas maximas, e lamentar que os seus costumes condissessem com ellas, se visse que não tentava generalisal-as; porque o seu fim é a preversão da mocidade, esperando por meio d'ella conseguir a destruição da sociedade, que aborrece com um odio satanico. Mas posso eu rir-me?!

Ao ver-se o ardor com que amontoa romances sobre romances, ninguem dirá senão que quer vingar-se dos desprezos que sobre ella tem chamado uma vida de dissoluções. Se pudesse faria á Europa o que Nero fez a Roma.

—Parece-me que ha n'isso muita exageração. Se o mal fosse tamanho a imprensa periodica tel-o-ía denunciado, e eu ainda não li nada que se pareça com isso nos jornaes de Lisboa, que aqui vem.

—Está enganado. A imprensa honesta e sizuda tem gritado álerta! Eu lhe vou mostrar, entre diversos jornaes que trouxe commigo, a *Restauração* de 2 de junho de 1842.

. . . . . .

Aqui está o que ella diz. Note principalmente estas palavras:

«O atrazamento das letras tem obstado a termos em abundancia similhantes obras de nossa lavra, mas que vale se a praga estranha vae minando este pobre Portugal rapida e perigosamente. Ninguem ha que não pegue de romances estrangeiros e os não verta —Deus sabe como!—e não innunde com elles esta sociedade já por tantos motivos prevertida. Sangra-nos o coração de ver ahi tantas boas intelligencias desprezarem as especialidades a que uma boa educação as applicava, e nas quaes se podiam com o tempo fazer distinctas primando entre muitos! Mal envolvidos ainda nas primeiras mantilhas de estudo, já por prelos e por lojas de livreiro se vão prostituindo á immoralidade estrangeira; e quantos excellentes engenhos têem assim morto as suas inspirações empregadas na traducção de pessimos originaes! Vejam o que se passa, leiam essas obras todos os dias publicadas, leiam-as e digam se exagero... Sabeis como se faz? Pega-se a eito d'um romance de *Balzac*, de *George Sand*, que sei eu? de primeira mão, e diz-se: «Isto ha de agradar ao publico; deve de produzir dinheiro.» Dinheiro! Olhae! Eis-ahi que por dinheiro, por esse dinheiro de Judas e por dous elogios venaes e repellidos pela consciencia, vae atirar-se ao pobre do povo, que acceita tudo sem descriminação, com um pouco de alimento corrupto e inficcionado, que o ha de envenenar.—Abaixam-se os punhaes e alevantam-se os cadafalsos!

«Penetrem-se d'esta verdade. A missão de um auctor não é esse denominado effeito—tão mal que o entendem!—não são tambem interesses mesquinhos, nem infame especular. O melhoramento successivo, progresso verdadeiro e santo, esse sim—esse é a obra grande a que elle deve pôr os hombros.

«O dever do povo não é acceitar cegamente o que a imprensa lhe dá—é separar o bom do mau— é julgar os que se chamam seus mestres *(isto é mais facil de dizer que de fazer; se os mestres o depravam, como ha de o discipulo julgar rectamente?)*, pela intenção e pelo pensamento, é emfim distribuir o premio e o castigo aos leaes pensadores ou aos traiçoeiros apostolos da immoralidade—o fazer justiça e acolher justiça.

«A imprensa, assim como pode distribuir o mal, pode e deve atalhar o bem.

«Escriptores, escriptores, a vossa responsabilidade é grande. Sois senhores do bem e do mal.

«Meditae—comparae.»

Não sei se estas palavras acharam echo. Deus queira que sim. Oxalá que o governo e as mães de familia ponham cóbro n'isto; estas, levadas pelo instincto do amor maternal, esse amor santo que prevê todos os males que podem affligir um filho; o governo, dirigido por uma politica sã e civilisadora, que não despõe a seus deveres os interesses de nenhum corrilho, nem os de uma mesquinha politica que nasce a cada mutação de gabinete, e morre da sua mesma queda, se não é ella mesma quem a precipita para ter quinhão nos despojos, ou partilhar das liberalidades da nova mutação. A nuvem carregada de ele-

etricidade já assoma no horisonte da sociedade; em pouco tempo arrojará sobre ella a tempestade, que ha de derrocar thronos, e talvez a destrua.

Olhem as mães por seus filhos, estes caros pedaços de sua alma; afastem de seus labios innocentes o veneno que vão beber, e que dá a morte: olhem tambem por si; não consintam que estes romances licenciosos e impios passem o limiar de suas casas: se chegam a penetrar n'ellas, não tardará muito que entre a desesperação e o suicidio; e que fujam espavoridas a paz domestica, a sua propria felicidade, o amor de seus esposos, a ternura de seus filhos, e o pudor de suas filhas. Bem podem chorar lagrimas de sangue; mas já não haverá remedio!

—Tem razão no que diz. Agora vejo que tem razão. Nunca tinha pensado n'isso. Mas é assim. É uma vergonha que, em nome da civilisação, nos queiram á força empurrar para esse charco de vicios em que os papeis estão atolados. Digo-lh'o com todas as veras do meu coração, não posso crer que a civilisação não seja outra cousa mais que a estupidez libidinosa d'estes negros.

—E não é de certo. A civilisação é tão isso a que dão tal nome, como o dia é noute. Essa cousa sem nome, que alcunharam de civilisação, é sómente a destruição de todos em proveito de rarissimos, que appellam para esse meio como o que já agora se lhes antolha unico de conseguirem a satisfação de suas ambições. Assim que as tiverem satisfeitas, por um modo ou por outro, hão de procurar no auxilio e emprego das forças vivas da sociedade, combater e subjugar os seus auxiliares de hoje. Conseguil-o-hão? pode ser que sim, e pode ser que não. Atraz das suas ambições satisfeitas ha muitas que o não estão, e que hão de querer empregar os mesmos meios que viram empregar com feliz exito.

Mas deixemos isso, que á força de velho já deve ser sabido. Fallou-me dos costumes civilisados dos papeis; pode contar-me alguma cousa d'elles? Cuido que uma das causas da decadencia de Bissau está em que o governo ignora os habitos, usos e costumes de seus habitantes. Não admitte duvida que sem esse conhecimento é impossivel governar-se bem.

—De muito boa vontade. E já que fallei no casamento, será d'este que tratarei em primeiro logar, contando-lhe como se elle celebra entre os papeis, por ser com differença mui pequena o mesmo que em todos os negros d'esta parte da Africa, e ainda dos grumetes. Mas, agora me lembra: em vez de uma narração secca de usos e costumes inteiramente desconhecidos na Europa, de que não se pode fazer idéa alguma, e que por conseguinte é fastidiosa, não seria melhor que eu lhe contasse a historia de Maria de Santa, que havia de ter conhecido na villa da Praia, em casa do sr. F...? A historia d'esta preta, pelas circumstancias que a acompanham, pelas pessoas que n'ella figuram, está por tal fórma ligada á d'este estabelecimento nos ultimos trinta annos, que só isso, quando outras occorrencias não a tivessem enchido de interesse, era bastante para excitar-lh'o, e bem vivo.

—Lembro-me muito bem d'essa preta, que o meu amigo F... comprou quando aqui esteve emigrado em 1837, e que trata com a distincção de uma amiza. Sei que a sua vida foi um longo drama, cheio de peripecias dolorosas, que mais ou menos se ligam aos factos principaes de que aquella praça e esta povoação tem sido espectadoras e victimas; mas não sei tanto, que não ache de certo na narração, que quer fazer, todos os encantos da novidade. Ouvil-a-hei portanto com muito prazer.

—Pois bem. Repetirei então o que ella me contou por muitas vezes; e procurarei quanto puder empregar as suas proprias palavras, porque ellas dão noticia e informação de muitas cousas, que sendo pequenas e de minima importancia na apparencia, são comtudo indispensaveis para fazerem conhecer os costumes d'este povo, que de outro modo não se saberiam nunca, ou teriam de aprender-se em fastidiosissimas descripções. Mas ha n'ella uma parte que só quem frequentou em Cabo Verde o sr. F... pode contar, e essa ignoro-a eu.

—Talvez eu esteja habilitado a preencher essa lacuna, e n'esse caso conte commigo, que me parece que posso satisfazer a sua curiosidade.

—Obrigado. Agora vou começar. Supponha que é ella que está fallando.

Continúa.

J. M. Sousa Monteiro.

O CRAVO DA INDIA.

O cravo chamado da India Myrtus caryophyllata uma das mais preciosas especiarias do archipelago das Molucas, é o botão da flor de um arbusto da familia das Myrtaceas. O nome por que é conhecido no commercio vem-lhe da forma, que apresenta depois de secco, que é a de uma especie de *craro*, ou prego grosseiro. Este arbusto pode reproduzir-se de semente e de estaca. O meio indicado em ultimo logar parece ser o preferivel, na maxima parte dos casos. As estacas é certo que levam bastante tempo a deitar raizes, mas pegam sempre; não chegam comtudo ao seu estado de completo desenvolvimento senão aos outo ou nove annos.

Nas ilhas Molucas ha todo o cuidado em evitar que o arbusto do cravo da India exceda a altura de 2 metros e 50 centimetros a 3 metros, para que a colheita dos seus productos seja facil.

Ha ali tambem o maior disvello em fazer a apanha do cravo no tempo proprio; porque se o fructo está pouco *maduro* perde-se na quantidade; se está maduro de mais, então o prejuizo ainda é maior, porque o cravo colhido n'este estado não tem aquelle sabor e aroma que o tornam tão estimado; depois as cabecinhas quebram-se com muita facilidade, prejudicando-lhe assim a apparencia, e diminuindo o seu valor venal.

O arbusto do cravo da India prospera em todos os climas tropicaes; cada pé pode produzir annualmente dous arrateis e meio de cabecinhas.

Mr. Poivre introduziu a cultura d'esta preciosa planta na colonia franceza de Cayenna em 1769 e em 1771. D'ahi se estendeu ás demais colonias das Antilhas.

O myrtus caryophyllata é um lindo arbusto, cujo aroma não reside exclusivamente nas flores; está igualmente derramado pelos tronquinhos e pelas folhas.

O cravo da India não é d'aquelles productos da agricultura dos climas tropicaes que possam multiplicar-se ao infinito, por isso que o consumo cresce na proporção do producto. O seu uso, pelo contrario, é mui limitado na cosinha moderna das principaes nações da Europa; e se no mercado apparecessem grandes partidas de cravo, a sua extracção seria quasi impossivel.

Esta especie de cravo figura tambem na materia medica; d'elle se extrahe um oleo volatil e uma tin-

tura, tanto um como a outra de um cheiro activissimo. A tintura de cravo era applicada geralmente ao tratamento das dores de dentes. Depois que se descobriu a efficacia da creosota no curativo d'aquella incommodativa enfermidade, o seu uso tornou-se muito mais limitado; entretanto ainda hoje ha alguns que lhe dão, n'este ponto, a preferencia sobre a creosota.

EPHEMERIDES HISTORICAS.

FEVEREIRO 1

566—Fallece S. Urso, bispo de Beja, a quem S. Maximo chamava *raro defensor da fé.*

2

1542—D. Christovão da Gama com quatrocentos portuguezes derrota os partidistas do rei de Zeyla, junto da cidade de Baroá.

1832—D. Pedro, duque de Bragança, embarca em Belle-Isle para a ilha Terceira.

3

1565—Pedro da Silva de Menezes com sete navios derrota a esquadra do corsario Murimuja.

4

1681—Fallece o padre Bento Pereira, auctor da *Prosodia,* e outras obras.

211—Morre em York o imperador Septimio Severo.

5

1529—Alcançam os portuguezes uma importante victoria naval em frente de Bombaim.

6

1818—É acclamado rei de Portugal D. João VI.

1608—Nasce em Lisboa o padre Antonio Vieira, gloria do pulpito portuguez.

7

1518—Carlos V é acclamado rei de Castella.

1811—Acção ganha pelo exercito anglo-luso contra os francezes junto de Badajoz.

8

1621—Victoria ganha pelos portuguezes em Ceylão.

1807—Batalha de Eylau.

9

1649—Carlos I, rei de Inglaterra, é decapitado.

10

1731—Morte do papa Martinho.

11

1282—Celebram-se em Barcelona os desposorios da rainha santa Isabel com el-rei D. Diniz.

12

1565—A cidade de Cota em Ceylão, governada por Pedro de Athaide, defende-se contra todo o poder do regulo Rajú.

13

1593—Fallece o padre Manuel de Goes, auctor dos *Cursos conimbricenses.*

1790—Suppressão dos votos monasticos em França.

14

1531—Morte do heroe portuguez Heytor da Silveira.

15

1568—Estupenda victoria ganha pelos portuguezes em Malaca contra as forças do rei d'Achem.

16

1531—Intenta Nuno da Cunha a conquista de Diu.

17

1397—A sé de Lisboa é erigida em metropolitana pelo papa Bonifacio IX.

1674—Morte de Molière.

18

1595—Lastimoso naufragio da nau *Madre de Deus.*

1162—Amauri I é coroado rei de Jerusalem.

1834—Batalha de Almoster.

19

982—Martyrio de Santa Comba, portugueza.

1633—A povoação de Golim, fundada pelos portuguezes, no reino de Bengala, é destruida pelas tropas do Mongol.

20

1512—D. Jayme, filho do infante D. Pedro, recebe de Calixto III a nomeação de cardeal do titulo de S. Eustaquio.

21

1588—Levanta o Rajú o cêrco de Columbo, defendida pelos portuguezes.

1513—Morte do papa Julio II.

22

1309—Grande tremor de terra em toda a Europa.

23

1526—Falleco na India o illustre e honrado governador D. Henrique de Menezes.

24

1777—Morre el-rei D. José.

1848—É acclamada em París a republica.

25

1641—Os hollandezes conquistam Malaca aos portuguezes. Era governador Manuel de Sousa Coutinho.

26

719—S. Torquato, arcebispo de Braga, é martyrisado, com vinte e sete companheiros, junto a Guimarães.

27

274—Nasce o imperador Constantino.

1295—Funda el-rei D. Diniz o mosteiro de Odivellas.

28

1849—Fallece na cidade do Porto o rei de Sardenha Carlos Alberto.

OS MORTOS E OS VIVOS.

Os mortos são pó, nós tambem somos pó: em que nos distinguimos uns dos outros? Distinguimo-nos os vivos dos mortos, assim como se distingue o pó do pó. Os vivos são pó levantado, os mortos são pó caído: os vivos são pó que anda, os mortos são pó que jaz. Estão essas praças no verão cobertas de pó; dá um pé de vento: levanta-se o pó no ar, e que faz? O que fazem os vivos, e muitos vivos. Não aquieta o pó, nem pode estar quedo: anda, corre, voa: entra por esta rua, sae por aquella: já vae adiante, já torna atraz; tudo enche, tudo cobre, tudo envolve, tudo perturba, tudo toma, tudo cega, tudo penetra, e por tudo se mette, sem aquietar, nem socegar um momento, em quanto o vento dura. Acalmou o vento, cae o pó, e onde o vento parou, ali fica: ou dentro de casa, ou na rua, ou em cima de um telhado, ou no mar, ou no rio, ou no monte, ou na campanha. Não é assim? Assim é. E que pó, e que vento é este? O pó somos nós: o vento é a nossa vida. Deu o vento, levantou-se o pó: parou o vento, caíu. Deu o vento; eis o pó levantado: estes são os vivos. Parou o vento; eis o pó caído: estes são os mortos. Os vivos pó, os mortos pó: os vivos pó levantado, os mortos pó caído: os vivos pó com vento, e por isso vãos: os mortos pó sem vento, e por isso sem vaidade. Esta é a distincção, e não ha outra.

VIEIRA—SERMÕES, I.

PAÇOS DE CONSTANTINOPLA.

Benjamim de Tudele, viajante judeu do duodecimo seculo, descreve em sua relação a cidade de Constantinopla. Poucas linhas consagra aos paços dos imperadores, mas ellas dão um claro testemunho da sua admiração.

Eram á borda da agua aquelles paços, que excitaram o enthusiasmo do escriptor hebreu. Edificados por Manuel Comnéne, fallecido em 1180, excediam pelo primor da architectura, e pela preciosidade dos materiaes, quanto pode imaginar-se. As columnas que decoravam as salas eram cobertas de folhas de ouro ou prata. O throno era porém a peça mais rica, que ali se admirava. A profusão de pedras que o enriqueciam era tal, que o bom do israelita assevera que não se carecia de luz na vasta quadra em que estava collocado!

Cinnamus, historiador grego, que tambem floresceu no duodecimo seculo, confirma em geral as palavras de Benjamim de Tudele.

Eis o que elle diz, segundo o extracto publicado por Lebeau na *Historia de Baixo Imperio:* «Sobre um alto estrado coberto de preciosos tapetes, erguia-se um throno de ouro enriquecido de pedraria, e coroado de um docel, em que brilhavam engastadas as mais bellas perolas do Oriente. O principe, quando se assentava no solio, vestia de esplendida purpura, bordada de alto a baixo de perolas e pedras de differentes côres. Ao peito trazia, pendente de uma cadeia magnifica, um rubim de grandeza extraordinaria... O diadema era de uma riqueza incrivel... Esta sala parecia o palacio do sol.»

A gravura representa o throno d'um imperador de Constantinopla, segundo o desenho encontrado em um manuscripto grego, existente na bibliotheca imperial de Paris, contendo as obras de S. Gregorio Nazianzeno. O throno, cujo desenho vem copiado na estampa, será aquelle a que se referiram Tudele e Cinnamus? Não é facil proval-o. Parece-nos porém que se não for cópia fiel, deve dar uma idéa aproximada d'aquella primorosa peça.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO-VERDE.

Os romances licenciosos. — O jogo e a murmuração, passatempos de Bissau. — George Sand, e Margarida Fuller. — Os jornaes. — O casamento dos papeis. — A lua e os selvagens. — As ruinas. — Hó loló culumbé. — Amor e amor. — O casamento catholico.

Ha bem tempo que isto vae! Ainda as rugas não me tinham cortado o rosto, nem os desgostos, mais ainda que os annos, tinham polvilhado a minha cabeça de sal, mais branco que o Balanta. São passados trinta annos conforme o modo de contar dos brancos. N'esse tempo (1808), quando as trovoadas tinham apenas passado dezouto vezes sobre a xina do bosque sagrado, e que eu ía ligeira e folgazã, ao pôr do sol e ao amanhecer, com as outras bajudes da minha idade, e minhas companheiras, lavar-me nas aguas tão frescas do Pegiquiti, ou banhar-me na praia; e que ali accordavamos os solitarios marabús de sentinella ao rio, ou assustavamos com as estrondosas gargalhadas que excitavam nossos brincos infantís, os innocentes *sim-siu* e as timidas gazellas, que recolhiam para o seu jazigo: n'esse tempo oh! quanto eu era feliz!

N'um d'esses dias acabava eu de entrar, era já bem noute, em casa de minha mestra (1), quando esta me apresentou uma caixa de licor, e tirando de dentro uma garrafa despejou parte do liquido n'um pequeno calmon (2), que me entregou, dizendo que Ondotó me pedia para *amarrar panno* (3)...

Interrompi-o para lhe dizer que me parecia melhor, mesmo por brevidade, que não fizesse intervir directamente n'esta historia a heroina d'ella.

— Passo a satisfazel-o. Ondotó tinha feito saber á mestra a qual das suas educandas tinha entregado os seus affectos, para que esta solicitasse da mãe da bajude o necessario consentimento, obtido o qual preveniu o pretendente de que podia fazer o seu pedido em forma.

É o que elle fez mandando á mestra a caixa de licor, segundo o costume aqui seguido, que outros substituem por uma caixa de vinho champagne, ou para fallar com mais exactidão, de cidra, que se baptisa com aquelle nome pomposo; e o maior numero, por agua-ardente, genero mais democratico.

Esta noticia, e o presente que a confirmava, encheram de prazer a alma de Kiangi, que assim se chamava a preta antes de se fazer christã. Havia já duas aguas que ella tinha pela primeira vez visto este Ondotó, ainda na primavera da idade, pois tinham somente passado tres sacrificios (4) no ilheu depois de sua *fanaçom*, e logo lhe pareceu bello na sua côr negra tirando para vermelho, na sua altura como a da papaeira, na elegante conformação do corpo, e na liberdade expressiva de movimentos: o seu porte era magestoso, varonil o rosto e de meiga expressão, os passos firmes e resolutos, mavioso nas palavras, e sobrio na bebida, pois nenhum licor tinha ainda manchado seus labios. A bajude viu-o, fallou-lhe e amou-o.

E como não amal-o? como não ser por elle amada? ambos jovens, ambos na idade das illusões; quando nem ao menos se suspeita a possibilidade d'esses desgostos, d'esses enojos, d'essas decepções, que a experiencia e o trato dos homens faz conhecer pela duração da vida! E depois, ella sabia que muitas raparigas tinham sido vendidas por seus paes aos negreiros que frequentavam n'outro tempo estas paragens (1); e posto que os seus a estimassem muito, que a contínua convivencia com os brancos lhes tivesse dado um verniz de civilisação, que dava poucas probabilidades a esta venda, um terror secreto que não podia inteiramente subjugar se apoderava d'ella; parecia-lhe que tinha de acabar os seus dias na escravidão longe do seu paiz, e corria além da idéa de *amarrar o panno*, como o unico refugio a este perigo.

Desde que o viu, e lhe fallou pela primeira vez, nunca mais Kiangi saíu da cabana sem enfeitar bem o seu cabello, e sem pôr um de seus mais vistosos coneçabás (2), dos que seus paes lhe tinham comprado em Bissau, entretecidos de missangas, e orlados de guizos; porque desejava captivar, enfeitiçar esse que era a realisação de seus sonhos, e que víra tão *rascon* (3) e loução com o seu lopê (4) tinto de almagre, que não havia ninguem que o não admirasse. E Ondotó merecia-o.

A todos os mancebos se avantajava em manejar bem a espingarda e o *manduco* (5); ninguem atirava com mais presteza, nem mais certeiro; ninguem era mais leve e incansavel na carreira, nem subia com mais agilidade ao cume das palmeiras; ninguem era mais dextro na caça dos periquitos, das gallinhas do matto, e dos *xanxos* e *manés* (macacos), nem mais habil em apanhar vivos os marabús, as gangas e as gazellas; nem finalmente havia quem com mais donaire cavalgasse uma vaca, e a guiasse.

Era bem apessoado, com todos os dotes physicos, e com uma optima indole, e portanto apontado em toda a aldeia, e offerecido á imitação de todos. A pretinha procurava todos os pretextos que pode inventar uma cabecinha feminil para lhe fallar ao caír da tarde, á hora do banho, ou pela madrugada á da natação. Se ella morria de amores por elle! se ella amava-o como ama um coração virgem ao homem por quem primeiro palpitou!

Quando lhe elle disse que a amava, que a queria para sua mulher, em quanto lhe rebentavam dos olhos lagrimas de alegria, o coração parecia estalar-lhe no peito por ser logar estreito para conter tamanha ventura: tremiam-lhe os labios, offuscaram-se-lhe as vistas, cortou-se-lhe a palavra, e para não caír inanimada por terra, teve de encostar-se a uma de suas amigas. Que se affigure pois qual seria o seu jubilo quando das mãos da mestra tomou o calmon com o licor,

(1) As mulheres dos papeis costumam entregar as filhas, ainda em tenra idade, a uma amiga que as cria e educa a seu modo, e é d'ali que casam. A esta parenta ou amiga chamam ali mestra.

(2) A metade d'uma especie de abobora de cabaça, que os negros ornam de diversas figuras recortadas, e de que se servem como de vasilhas para comer, beber, tirar agua, etc.

(3) Expressão usada em toda a costa, e que significa *tomar mulher* e tambem *casar*. Aqui é tomado na segunda accepção.

(4) Estes sacrificios faziam se unicamente de dous em dous annos, e com as ceremonias que n'outra occasião direi, quando descrever a minha ida ao ilheu do Rei. Vê-se por aqui que Ondoto não contava menos de 24, nem mais de 26 annos, n'esta occasião. E a idade é ommum dos casamentos entre os varões.

(1) É um direito dos paes este crime da venda dos filhos, que não são mais do que os primeiros dos seus escravos (é notavel que a estes se dá o mesmo nome de *filhos!*). Este direito sobre os varões acaba quando se fazem guerreiros, ou tomam *algum outro modo de vida;* e para as femeas quando se *lhes amarra o panno*. O homem pode abandonar a mulher que primeiro tomou, e escolher outra; mas se é para novo casamento, não pode ser bajude, ou associar-lhe outras. E a polygamia successiva (ou divorcio), e a simultanea, um direito dos homens, de que as mulheres tambem participam no seu tanto.

(2) Nome da banda dianteira das bajudes.

(3) Tem diversas significações. Aqui corresponde a elegante, *janota*, etc.

(4) Especie de ceroula de pelle de cabra, ou gazella, currada, com que os homens cobrem os rins.

(5) Arma de pau, grossa do meio para baixo, que tem a mesma serventia das cacheiras, ou mócas n'algumas partes de Portugal.

de que bebeu com soffreguidão um golo, entornando o resto pelo chão em signal de annuencia á proposta de Ondotó!

No fim da lua (um mez) conduziram os escravos de Ondotó á cabana da mestra de Kiangi um grande presente de cabras e caça, agua-ardente, fructas, vinho de palma, leite dormido (azedo), cuscús, arroz, e lenha (1) para o costumado banquete dos esponsaes, ao qual foram convidados todos os parentes da noiva; e n'essa occasião se lhes participou o futuro casamento, que festejaram muito e applaudiram com ruidosa alegria, como uma boa fortuna, cantando e dançando até alta noute ao estrondo dos *bombolons*, e *lingueirões* (2); porque a rapariga era de todos estimada, e bemquista pela sua belleza, modestia e docilidade; e o rapaz era conhecido e geralmente apreciado pela sua valentia, e outros dotes, pelo sangue real que lhe girava nas veias, e pela *abastança* de seus paes, que eram senhores de muitos escravos, e possuiam muitas vacas, porcos, e grande quantidade de pannos, etc.

Passaram-se depois ainda cinco luas antes de chegar o dia tão ardentemente desejado, o dia do consorcio. As trovoadas, com o seu acompanhamento de chuvas diluvianas, de violentos furacões, e d'estragos, não permittiram que se empregasse o tempo n'outra cousa mais que os trabalhos da cultura nos campos, e arrosaes; mas esse dia chegou emfim. Os parentes dos noivos reuniram-se nas cabanas dos paes d'estes para passarem o dia em folganças, e comes e bebes, e batuques, que somente se interrompiam com os sacrificios ao xina (3) para que fosse propicio a esta união.

Estava-se então no decimo dia da quarta lua depois da das chuvas contínuas (4). O sol tinha-se escondido por detraz da ilha de Jatta, e as trevas cubririam a terra com o seu manto negro, se a lua não estivesse sobre o Chime no meio d'um céu puro e sereno, que se illuminava de seus raios, os quaes caindo sobre extensas toalhas de agua, e florentes campinas, tingiam estas de azulado, e prateavam aquellas de brilhantes palhetas, que reproduziam milhões de luas em luzentes e bulliçosas miniaturas; ao mesmo tempo que se espalhava pela immensidade uma terna e suave melancolia, que somente sabem apreciar as almas virgens e os corações bem formados.

A nossa bajude era dotada de uma d'essas almas, tinha-lhe caído em sorte um d'esses corações. Sempre que podia, vinha á porta contemplar este quadro, que via pela ultima vez no seu estado de solteira; e pensando na felicidade que a esperava, e sorrindo á lembrança dos bellos dias que a sua imaginação lhe fiava de rosa e ouro, chorava de saudade pela sua cabana, pela sua xina, pelas amigas da sua idade, e até pelas arvores do seu sitio, que ia deixar, que ia trocar por uma cousa que não sabia bem o que fosse.

—Perdoe que o interrompa n'esse bello pedaço de poesia, que d'antes se chamaria sentimental; o que faço não para suscitar uma questão, mas para defender alguns amigos meus que se não deleitam na contemplação da lua, e que nem por isso merecem ser arrebanhados com essas almas de canto, e corações disformes, incapazes de qualquer sentimento nobre. É verdade que a contemplação da lua, a melancolia nervosa, as lagrimas sem causa, e os suspiros vagos fazem o encanto da nubilidade e da adolescencia, assim como os bollos, os rebuçados e as bonecas fazem as delicias de todos os meninos; mas por isso mesmo não sei com que direito os mais lambazes e cubiçosos d'estes seriam offerecidos á turba pequenota por modêlo digno de imitação, o que deveria fazer-se para proceder-se com logica, já que se faz isso a respeito dos amadores da lua.

De todos os corpos que compõe o systema planetario é a lua o que menos merece as nossas admirações; e estou convencido de que lh'as não concedem, só se for em grau mui infimo, o pensador, o philosopho e o astronomo. Que ella influa sobre um coração ainda ôco, que falle a uma imaginação vaporosa, que domine uma cabeça extravagante, não me atrevo a negal-o; mas fóra d'esta gente, só por um sentimento machinal, que a intelligencia, o espirito e a alma condemnam. Nada mais direi.

—Tem razão. No que disse fui impellido por essa inclinação que leva o selvagem a entoar hymnos a esse astro, que do alto dos céus allumia suas furtivas digressões atravez das planicies, e por entre os outeiros arborisados, para a cabana dos seus amores; ou as marchas silenciosas pelos bosques para caír de improviso sobre a aldeia de seus inimigos; ou para fazer uma espera ao objecto de seu odio. Mas eu fallava de selvagens, contava seus costumes, suas impressões, e seus defeitos; parece-me portanto que não merecço grande censura se me deixei dominar por idéas analogas, (1) a que me tem habituado uma larga residencia no meio d'elles. Continúo, pois, a minha historia; e deixemos a lua em paz.

(*Continúa*.)

J. M. Sousa Monteiro.

(1) Os pobres costumam, em vez de lenha, mandar bosta secca. O mesmo se pratica em Cabo Verde.

(2) Tambores. Isto e os lingueirões (concha do marisco d'este nome) são os instrumentos musicos dos papeis.

(3) Tem uma extensa significação: umas vezes é o fetiche ou deus da tribu; outras meramente domestico, e outras um simples amuleto pessoal. Sacrifica-se-lhe n'estes dous casos um bocado de comida, ou algumas gotas de bebida, que se entornam pelo chão em sua honra.

(4) O mez d'agosto em que por espaço de trinta dias chove quasi sem interrupção de dia e de noute.

(1) Com effeito, os povos selvagens (e n'isso parecem-se com as pessoas moças) amam apaixonadamente a lua. E a claridade de seus raios que fazem as suas danças e maiores divertimentos.

A QUESTÃO DO ORIENTE.

IV.

O gabinete ottomano, auxiliado pela mediação das potencias occidentaes, e pela justiça da sua causa, e firmeza e dignidade do seu proceder, havia saído honrosamente da questão dos refugiados. Não tardou porém muito que a Austria e a Russia lhe movessem novas querellas, por quanto o que ambas reconhecidamente pretendiam eram pretextos d'aggressão.

A Austria foi a primeira a pôr-se em campo, apresentando ao divan pretenções tão absurdas sobre dous portos do Montenegro, a que se dizia com direito, que bem deixava ver o alvo a que se dirigia. A exigencia foi levada a ponto de ameaçar o imperio ottomano com o rompimento de hostilidades. Entretanto acudiu a diplomacia em soccorro do sultão, e graças aos seus esforços accommodou-se a desintelligencia, cedendo a Austria dos seus caprichos. Mas apenas esta saíu da lice, outro campeão se apresentou, e por tal modo atirou a luva, que fóra cobardia recusar-lhe combate.

A maneira por que o imperador Nicolau levantou

querella á Turquia desde logo deixou antever a gravidade dos acontecimentos que se preparavam. E além d'isso algumas circumstancias anteriores ao começo d'esta desintelligencia punham á luz do dia as intenções do czar.

Antes porém de entrar no desenvolvimento de tão importante questão, convém dizer alguma cousa sobre os logares santos, que forneceram á Russia o pretexto para as suas exigencias.

Desde o schisma, que separou os gregos da communhão catholica, tem existido entre aquelles e os latinos uma contenda perenne ácerca da posse dos logares santos em Jerusalem, em Bethlem, e em Nazareth. Em quanto se conservou poderoso o imperio grego do oriente, os sultões protegiam alternadamente uns e outros, segundo o estado das suas relações politicas com o imperador de Constantinopla e com os soberanos catholicos. Quando este imperio perdeu pelos effeitos de uma progressiva decadencia toda a sua valia e consideração, passaram os latinos a ser mais favorecidos na Syria. Mas assim que Mahomet II destruiu aquelle imperio, apossando-se de Constantinopla, reservou toda a protecção para os gregos, então subditos seus.

Desde essa epocha ficaram os latinos mui desfavorecidos, valendo-lhes todavia as boas relações, que existiam, e que se conservaram por largos annos entre a França e a Turquia. Valeu-lhes de certo essa circumstancia para não serem inteiramente desapossados e perseguidos, achando-se todas as outras nações catholicas em guerra aberta com os turcos, ou impotentes para dar força ás suas queixas, e valor aos seus pedidos.

Em 1536 conseguiu Francisco I de França fazer um tratado com Solimão I, no qual, entre muitos artigos relativos a commercio, navegação, jurisdicção de consules, e troca de escravos, se estipularam varias clausulas em abono dos christãos do rito latino relativamente á posse dos logares santos. Em 1740, reinando em França Luiz XV, e na Turquia Mahmoud I, celebrou-se entre estes dous soberanos outro tratado, que rectificava as disposições do primeiro concernentes aos latinos. Porém tanto um como outro eram pouco explicitos sobre a questão de direito, não decidindo quaes santuarios pertenceriam aos gregos e quaes aos latinos. Por conseguinte as disputas entre os dous ritos em vez de cessarem tomaram ainda maior corpo, julgando-se os latinos auctorisados com a prioridade da posse, e com as estipulações d'aquelles dous tratados, e os gregos reputando-se fortes pela diuturnidade da possessão, e pelo auxilio do governo, que resolvia de ordinario as pendencias em favor dos ultimos.

Quando os exercitos victoriosos de Catharina II impozeram á Turquia, vencida e humilhada, o tratado de Kainardji (21 de julho de 1774), obteve aquella soberana pelo artigo 4.º d'este acto o protectorado sobre certas e determinadas igrejas gregas dos dominios ottomanos. Nos seguintes tratados, e principalmente pelo de Adrianopoli (14 de setembro de 1829), a troco do qual Mahmoud II salvou a sua capital do poder dos russos, conseguiu o gabinete de S. Petersburgo dar mais alguma extensão áquella regalia.

Desde então o czar, auctorisando-se com o que chamava protectorado da França sobre os catholicos do oriente, principiou a trabalhar assidua e mais abertamente no grande plano de arrogar a si, como chefe da igreja grega orthodoxa, uma protecção, que era a verdadeira supremacia religiosa sobre todos os subditos do sultão, que seguem aquelle rito.

Sir Robert Peel, antevendo as consequencias de similhantes projectos, aproveitou, como habil politico, a occasião de celebrar-se em Londres o tratado de 13 de julho de 1841, que poz termo á questão turco-egypcia, e que foi assignado pelas cinco grandes potencias conjuntamente com a Turquia, para introduzir n'elle algumas clausulas tendentes a acabar com essas protecções individuaes, e a crear um protectorado exercido collectivamente por todas as ditas potencias.

A França porém, ainda cheia de desconfiança para com a Inglaterra pelo curso das negociações a respeito do Egypto, julgou ver n'este arranjo mais uma intenção hostil á sua influencia no oriente, do que uma pêa aos planos ambiciosos da Russia. Levado d'esta idéa, e tambem instigado pelo partido ultra-religioso, cujo apoio buscava, o gabinete das Tulherias não tardou a começar de novo as suas diligencias em favor dos christãos do rito latino no oriente. Um acontecimento que ahi teve logar em 1846 veiu proporcionar ensejo e pretextos para se dar a essas diligencias um caracter mais serio e importante.

Achando-se os gregos de posse da parte da gruta de Bethlem, onde nasceu Jesus Christo, os latinos, dizendo-se os primeiros possuidores d'este santuario, collocaram n'elle uma estrella de prata com uma inscripção latina. A estrella foi roubada, e os latinos, accusando os gregos, invocaram a protecção da França. Pouco depois reclamava o embaixador francez em Constantinopla não só a reposição da estrella, mas além d'isso a restituição aos latinos de doze santuarios, cuja posse litigavam, entre outros as igrejas de Santo Sepulchro e de Bethlem, uma parte do jardim contiguo a esta ultima, e o tumulo de Nossa Senhora.

Já se vê que similhante exigencia era de natureza muito grave pelos conflictos, que, se fosse attendida, necessariamente haveria de produzir entre os gregos e latinos, mas ainda mais pelas complicações estrangeiras, que não podiam deixar de sobrevir.

O divan, reconhecendo as difficuldades da questão e o melindre das circumstancias, recusou-se a annuir; porém a França não desistiu do empenho.

A revolução de 1848, derrocando o throno de Luiz Filippe, e creando uma nova ordem de cousas, abalou por tal modo o corpo social, que em breve se reconheceu a necessidade de se ir apertando todos os laços, que o desencadeamento das paixões tinha rompido ou alargado. N'estas circumstancias não podiam os homens de estado deixar de recorrer ao espirito religioso, como um dos mais poderosos elementos, que é, para uma reorganisação social. O governo francez recorreu pois, e com bom resultado, ao poder da religião, mas procurando por diversos modos augmentar-lhe o prestigio e a influencia, ao mesmo tempo que chamava o clero ao seu partido, foi, talvez, um pouco mais longe do que o pediam os verdadeiros interesses da França e da Europa, pois que renovando com muito vigor as negociações relativas aos logares santos, foi collocar a Porta n'uma posição desvantajosa para com a Russia, ao passo que abria vasto campo ás pretenções usurpadoras do czar.

Em quanto o embaixador francez apertava vivamente o divan para obter a solução, que desejava, os gregos representavam contra as reclamações da França, e protestavam com energia contra qualquer accôrdo tendente a esbulhal-os dos seus direitos e regalias.

Vacillava o gabinete ottomano no meio de tão encontrados interesses, e com muita mais razão vendo

atravez da opposição dos gregos uma influencia estrangeira a obrar activamente, movendo em seu serviço o fanatismo religioso. O general Aupick, que representava a republica franceza, propoz então, para arrancar o divan das suas hesitações, a nomeação de uma commissão mixta para examinar as pretenções e queixas apresentadas por cada um dos ritos.

O divan acceitou promptamente a proposta; porém, tratando-se de compôr a commissão, nomeou entre outros M. Aristarchi, conselheiro do patriarcha grego. Esta escolha foi-lhe dictada, sem duvida, por uma duplicada razão de politica, mas o embaixador francez protestou contra ella, dando-o por suspeito como juiz e parte na sua propria causa.

Começou pois a commissão os seus trabalhos sob maus auspicios; e em quanto se occupava de examinar os documentos, que lhe havim sido submettidos, chegou a Constantinopla uma carta autographa do imperador Nicolau para o sultão, na qual reprovava o proceder do governo ottomano, e se apresentava como protector da igreja grega. Em consequencia d'esta carta, para de algum modo satisfazer o czar, foi a commissão dissolvida, e nomeada outra composta de ulemas e funccionarios ottomanos.

O fim d'aquella missiva era chamar a si a decisão da contenda, e tanto assim que, vendo frustrada a sua tentativa, propoz ao governo francez de tratar com elle o czar, na qualidade de chefe da igreja grega, sobre os pontos controversos, para depois ser imposto ao sultão o accôrdo entre ambos convencionado.

A simples annuencia da França a similhante convite implicava o reconhecimento tacito, mas solemne, por parte d'esta potencia, do protectorado que a Russia pretende exercer sobre todos os subditos gregos do sultão. O governo francez teve bastante illustração para não se deixar caír no laço. Recusou-se pois a tratar, declarando que não reconhecia competencia para taes negociações senão na Porta ottomana.

Cheio de cuidados e receios pelas complicações que de momento para momento vinham aggravar a questão, fazia o divan os maiores esforços para lhe procurar termo. Levado d'este desejo propoz que todos os santuarios fossem possuidos em commum pelos diversos ritos christãos. Este arbitrio porém desagradou a ambas as partes. Sendo rejeitado unanimemente, principiou a nova commissão os seus trabalhos.

No fim de largas discussões, que consumiram bastante tempo, apresentou a commissão o seu parecer acompanhado de um extenso relatorio em que se pezavam os direitos e razões de uma e outra parte. Segundo este parecer devia o grande templo do Santo Sepulchro ser commum a todos, e a capella designada pelo nome de *pequena cupula* ficaria pertencendo aos gregos, visto possuirem-na ha muito tempo em virtude de firmans do sultão. Quanto ao santuario, que encerra o tumulo de Nossa Senhora, entendia que se admittissem os latinos a celebrar n'elle os officios divinos, pois que haviam sido expulsos d'ali, ao passo que os gregos, os armenios, e os proprios musulmanos tinham livre ingresso. A esta concessão, porém, punha-se a condição de não se fazer mudança alguma no interior do santuario, e de levarem os latinos comsigo, apenas acabassem os seus officios, todos os objectos do culto concernentes ao seu rito. A respeito da igreja de Bethlem julgava a commissão que devia ser conservada aos gregos, que a possuiam desde muitos seculos, embora fosse construida pelos latinos, permittindo-se comtudo a estes ultimos franca entrada na capella subterranea, onde teve logar o nascimento de Jesus Christo. Para este fim deveriam dar-se aos latinos uma chave da porta principal do templo, e duas chaves da porta, que do altar-mór conduz para a referida capella. A commissão resolvia ainda outros pontos da questão, mas estes que ficam designados eram os principaes.

Conformando-se o sultão com este parecer, e annuindo a França ao arranjo proposto, respondeu aquelle soberano á carta do imperador Nicolau nos termos do dito parecer, e de modo a sustentar os seus direitos e dignidade; e em seguida publicou um firman, que mandava executar todas aquellas disposições. Mas apenas chegou á Terra Santa o vice-chanceller do divan, encarregado da execução d'ellas, levantou-se tal opposição da parte dos gregos, que, não podendo vencer esta resistencia, recorreu ao governo. Presistiu este na resolução tomada, e determinou, além d'isso, que se fizesse á sua custa uma estrella de prata para substituir a que tinham tirado da igreja de Bethlem.

Não se contentaram os latinos com o modo por que se resolveu a questão, pois que nem todas as suas pretenções foram attendidas, e assim ficaram-se queixando da França, que, na opinião d'elles, sacrificára os seus direitos, apesar de que esta potencia no acto de annuir á transacção resalvou todos e quaesquer direitos, que pudessem resultar dos tratados anteriores.

Os gregos protestaram contra a decisão do governo turco, e a sua exaltação chegou ao maior auge. A Russia, que seguia passo a passo todas as phases d'este conflicto, que ella propria aggravava, pondo em jogo os caprichos do clero, e movendo em seu interesse as paixões populares, fez persuadir os gregos a recorrerem ao protectorado do czar. No estado de effervescencia em que se achavam os animos, comprehender-se-ha facilmente o fervor com que seria abraçada uma tal idéa. Elevando por conseguinte as suas queixas até ao throno do autocrata, os gregos pediram o seu auxilio e protecção.

Alcançára finalmente o imperador Nicolau o que tanto desejára. A França tinha-lhe aberto o caminho para aggredir a Turquia. Os gregos auctorisavam a aggressão, dando-lhe, á falta de melhor direito, um pretexto plausivel.

Dispostas as cousas d'est'arte enviou o czar a Constantinopla o almirante principe de Menschikoff, encarregado de uma missão extraordinaria junto do sultão.

(Continúa.)

I. DE VILHENA BARBOSA.

NAVEGADORES PORTUGUEZES.

VII.

(1513 a 1519.)

Apesar dos contínuos reforços de navios e gente que tomavam o rumo da India, não deixou el-rei D. Manuel de olhar para a Africa, e de fazer aprompt-ar, em 1513, uma armada de 400 velas, entre naus, caravelas e embarcações mais ligeiras, sob o commando do duque de Bragança, D. Jayme, que levava ás suas ordens 2:500 cavalleiros e 18:000 infantes, além da gente do serviço de mar. Saíu a frota de Lisboa a 17 de agosto, tocou no Algarve a 23, e a 28 surgiu no rio de Azamor. Tomaram os nossos esta cidade

no dia 3 de setembro, e em seguida Tite e Almedina, que os seus moradores abandonaram. Coberto de gloria e dos applausos de toda a christandade voltou o duque a Portugal.

Mas já por esse tempo havia chegado a Cochim o novo capitão-mór do mar da India, D. Garcia de Noronha, sobrinho do Albuquerque, e os capitães Jorge de Mello Pereira e Garcia de Sousa, cada um d'elles com uma divisão de seis naus, que serviram de grande auxilio ao governador geral na tomada de Benasterim. Affonso d'Albuquerque, vendo-se desassombrado do poder do Hidalcão, tratou de dar um golpe mortal na frota do calipha. Saíndo de Gôa no dia 7 de fevereiro de 1513, aproou a *Adem*, na bôca do mar Vermelho, e tentou render esta praça; mas sendo infeliz na empreza, dirigiu-se ao Erithreu, contra o parecer de todos os seus pilotos, e mandou dar uma salva geral em toda a esquadra, porque era a primeira frota da Europa que entrava n'aquelle mar desde o principio do mundo! O successo, porém, não correspondeu á expectativa do illustre capitão; obrigado a invernar na ilha de *Camaram*, fez collocar ahi um padrão com as armas de Portugal; e na volta para o Indostão contentou-se em bombardear Adem, que se achava muito bem fortificada. Não pôde ter novas da armada do soldão, nem pôde chegar a Suez, mas despachou Ruy Galvão e João Gomes a descobrir Zeila.

N'este mesmo anno de 1513 se suppõe que Pero Mascarenhas descobríra a ilha *Mascarenhas*, hoje chamada de *Bourbon*, e situada a leste de Madagascar. Diversos auctores assignam differentes datas a este descobrimento.

Em 1515 saíu novamente de Gôa, com uma esquadra de 26 embarcações, e mais de dous mil homens de combate, o grande Affonso de Albuquerque, dirigindo-se sobre Ormuz, porque faltava esta perola ao seu diadema de gloria, esta joia de tão subido preço como Gôa e Malaca, já engastada na corôa do triumphador. Eram os tres emporios do commercio do Oriente que o Cesar da India sujeitava ao sceptro de Portugal. Albuquerque não era só um guerreiro sabio e destemido, e um politico consummado, os navegadores podem contal-o no seu gremio. Collega de Pedro Nunes nas investigações astronomicas, Affonso possuia muitos conhecimentos nauticos, e poderia ser tão grande almirante como foi general inimitavel. Falleceu a bordo da sua nau, á vista de Gôa, a 16 de dezembro de 1515, voltando da conquista de Ormuz, e quando já ia a caminho da India o novo governador Lopo Soares, inimigo pessoal de Albuquerque. Seu corpo foi amortalhado no manto da ordem de Santiago, de que era commendador.

Lopo Soares d'Albergaria levou comsigo ao Oriente treze navios e 1:500 combatentes de Portugal, e instruido, logo que chegou a Gôa, dos preparativos navaes que se faziam em Suez, largou com 47 navios na direcção do mar Roxo; era esta esquadra a mais numerosa que até então os nossos haviam apresentado n'aquelles mares! E foi destruida pelos temporaes, separando-se em grupos que arribaram a differentes portos, sem ter feito mais do que expugnar Zeila. Ainda, em 1518, tentou Albergaria outra expedição, sobre Ceylão, com mais felicidade do que tivera no mar Roxo; e voltando a Cochim encontrou ahi Diogo Lopes de Sequeira, seu successor, a quem entregou o governo da India, voltando a Portugal muito rico, dizem alguns historiadores.

Em 1515 morreu, devorado pelos indios, nas margens do Prata, o seu descobridor João Dias de Soliz, habil piloto portuguez ao serviço de Castella. Aquelle rio chamou-se por muito tempo *Soliz*, do nome do infeliz navegador.

Ao anno de 1516 se attribue a descoberta da *Cochinchina* por Duarte Coelho, fidalgo portuguez, que ahi deixou um padrão de posse; e desde então se tornou muito geral a navegação dos nossos para Siam e as Molucas.

No periodo de que tratâmos, merece especial menção como navegador o illustre *Fernão Peres d'Andrade*. A sua trabalhosa vida passou-se quasi toda no Oriente; o seu nome apparece, a cada passo, estampado gloriosamente nas chronicas da epocha. Já em 1506 o encontrâmos ao lado de D. Lourenço de Almeida, distinguindo-se na abordagem da frota do Çamorim. Em 1512, capitaneando 17 velas nos mares de Malaca, ganha uma memoravel batalha naval contra Pate-Onuz, chefe de noventa embarcações, guarnecidas com muita gente de peleja, enchendo de terror as nações do Oriente, por uma lucta das mais espantosas que os portuguezes sustentaram n'aquellas partes. Depois de muitas acções, em que patenteou sempre, a par da valentia e da intelligencia, a lealdade e desinteresse do homem probo, saíu Fernão Peres de Malaca, no mez de junho de 1517, para descobrir a China. Capitaneava uma armada de quatro naus, e tres juncos malaios. As primeiras eram do porte de duzentas toneladas, aproximadamente, cada uma; o capitão-mór commandava a *Espera*, Pero Soares a *S. André*, Jorge Mascarenhas a *Santiago*, e Simão de Alcaçova a *Santa Cruz*. Os tres juncos conduziam a Jorge Botelho, Manuel de Araujo, e Antonio Lobo Falcão. A 15 de agosto avistou a ilha de *Tomão*; tinha diante de si esse famoso imperio do Cathay. Diz-se que já ahi achára outro portuguez, o mesmo Duarte Coelho que descobríra a Cochinchina. Soffrendo com paciencia as dilações dos mandarins, depois de um furioso temporal que lhe arrasou as naus, pôde conseguir, ora contemporisando com as auctoridades chinezas, ora mostrando-lhes resolução, ancorar emfim no desejado porto de Cantão, e entabolar relações de amisade e commercio com aquelle paiz. Depois d'uma demora de quatorze mezes e meio, e tendo feito visitar diversos portos da China por Jorge Mascarenhas, voltou a Malaca, aonde a sua chegada foi da maior utilidade, pelo apuro em que se achava a praça, e aportando á India no anno de 1519, regressou d'ahi a Portugal com prospera viagem.

Depois, consta-nos que em 1521 fôra commandante de um galeão, na armada que conduziu á Italia a infanta D. Beatriz, a *menina e moça* de Bernardim Ribeiro; e até 1535 que o achâmos commandando em chefe uma frota de sete naus da India, nenhuma outra noticia temos d'este valente navegador e guerreiro. Em 1544 apparece o mesmo nome de Fernão Peres d'Andrade como sendo o do capitão-mór da armada de cinco velas que n'esse anno passou á India... Seria ainda o velho explorador do Cathay? Nada podemos accrescentar de interessante e positivo a seu respeito.

Ainda no anno de 1519, passou á India um intendente da fazenda, politica e justiça, independente do governador; era elle o doutor Pedro Nunes, que capitaneava uma nau da esquadra de Jorge d'Albuquerque; e n'essa mesma frota ía um formoso galeão, commandado por D. Luiz de Gusmão, fidalgo hespanhol. Em quanto este castelhano, desertando do serviço de Portugal, se fazia pirata, (facto extraordinario e unico, de um navio de guerra convertido em pirata—diz o almirante *Quintella*, vejâmos como, pelo mesmo tem-

po, um portuguez, desgostoso da sua patria, servia com fidelidade el-rei de Castella.

FERNÃO DE MAGALHÃES.

. . no feito, com verdade,
Portuguez, porém não na lealdade.

CAMÕES.

Poucos navegadores tão corajosos e intelligentes, como este portuguez, abrilhantam a historia da marinha, de todos os tempos e de todos os paizes. Descontente d'esta terra em que via

Morrer nos hospitaes, em pobres leitos,
Os que ao rei e á lei servem de muro.

Mal avaliado pelo seu rei, a quem servira, como guerreiro e como piloto, na India, na exploração de Malaca, e nas praças d'Africa, desnaturalisou-se de portuguez, e achou na Hespanha a consideração que os seus conterraneos lhe não davam. Carlos V, monarcha digno de comprehender Magalhães, deu-lhe cinco navios, e ampla auctoridade sobre elles e suas tripulações, com o grau de capitão general da esquadra, e a cruz de Santiago, para ir buscar o caminho das Molucas pelo sul da America, entendendo que d'essa fórma ficavam pertencendo á corôa de Hespanha aquellas ilhas, aonde já haviam chegado os portuguezes pela volta do cabo da Boa Esperança, apesar de comprehendidas no quinhão de Castella, segundo a celebre concordata do papa Alexandre VI.

A 10 de agosto de 1519 saiu a armada de Sevilha. Fernão de Magalhães capitaneava a nau *Trindade*, levando por piloto Estevão Gomes, e contra-mestre Francisco Alvo, todos portuguezes. João de Carthagena commandava a *S. Antonio*, e eram seus pilotos o astronomo André de S. Martin e João Rodrigues Mafra, portuguez. Da nau *Conceição* era commandante Gaspar de Quezada, piloto o portuguez João Lopes de Carvalho, e mestre João Sebastião del Cano. Da *Victoria* era capitão Luiz de Mendonça, e piloto Vasco Gallego; e na *Santiago* ía por commandante, e piloto-mór da esquadra, João Serrano. O total da gente que embarcou para tão atrevida expedição eram 237 homens, dos quaes muitos portuguezes; e com estes se achou o capitão-mór para abafar a revolta de alguns castelhanos. A armada seguiu em direcção a Tenerife, e d'ahi foi avistar a costa do Brazil, entrou no Rio de Janeiro, depois no rio da Prata, onde julgou encontrar canal para o mar do sul; mas perdida esta esperança, continuou a navegar ao longo da costa, sem achar o desejado caminho para a outro oceano, que Balbôa descobrira das montanhas da America; até que encontrando já muito frio na latitude de 50 graus, resolveu o capitão-mór invernar na bahia de *S. Julião*. Ali rebentou a conspiração tramada por varios capitães hespanhoes, a qual Fernão de Magalhães puniu severamente. Gaspar de Quezada foi esquartejado, Luiz de Mendonça morto ás punhaladas, e João de Carthagena desterrado n'aquelle paiz, com um clerigo, tambem culpado na revolta. Alvaro de Mesquita, sobrinho do capitão-mór, tomou o commando da nau *S. Antonio*. A *Santiago* perdeu-se no rio de *Santa Cruz*, ao sul de S. Julião, mas salvou-se a gente. Deixando enterrados alguns homens da expedição, mortos de frio, seguiram as quatro embarcações para o austro, e a 21 de outubro descobriram os cabos das *Virgens* e do *Espirito Santo*, que formam a bôca do *estreito*, ainda hoje chamado *de Magalhães*. Estava realisado o pensamento querido dos navegadores d'aquelle seculo; a passagem de um para outro oceano, atravez do novo continente, tinha sido emfim encontrada! E ainda era um portuguez, seguido de muitos conterraneos seus, posto que a soldo de rei estrangeiro, quem assentava esse outro marco miliario das navegações europeas, e que se dirigia a fazer a primeira volta á roda do mundo, completando a grande obra da nossa gloria maritima, começada na passagem do Bojador, e continuada na volta d'Africa pelo cabo das Tormentas até ao mar Roxo, na exploração da Asia desde o golpho Persico ao mar do Japão, na descoberta de tantas ilhas da Oceania, na tentativa dos Côrte-Reaes para acharem ao norte o caminho que Magalhães vinha agora de encontrar ao sul, na fundação de um imperio na India, na pesquiza do Brazil, que veiu a ser outro emporio muito maior, e na conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, China, Japão e Australia.

Tendo navegado cincoenta leguas pelo estreito, viram que o canal se dividia em dois braços, e foi a nau *S. Antonio* a explorar o do sul; porém não voltou. Jeronymo Guerra, thesoureiro da esquadra, de combinação com Estevão Gomes, que fôra piloto da *Trindade*, e que ambos se achavam agora a bordo da *S. Antonio*, conseguiram sublevar a guarnição da nau exploradora, e carregando de ferros o capitão, Antonio de Mesquita, voltaram pelo mesmo caminho, aportando á Hespanha em março de 1521. Magalhães seguiu seu rumo ao longo da terra *do Fogo*, e a 26 de novembro desembocou, com os tres navios que lhe restavam, no mar do sul, a que deu o nome de *Pacifico*. Engolphado n'aquelle novo oceano, o illustre navegador descobriu successivamente muitos grupos de ilhas, até que, por seu infortunio, foi dar ao archipelago, que chamou de *S. Lazaro*, e que hoje tem o nome de *Filippinas*. Ahi pereceu, combatendo valorosamente contra os indios, na ilha de Matan, a 27 de abril de 1521, e com elle o astronomo S. Martin e o portuguez Christovão Rebello.

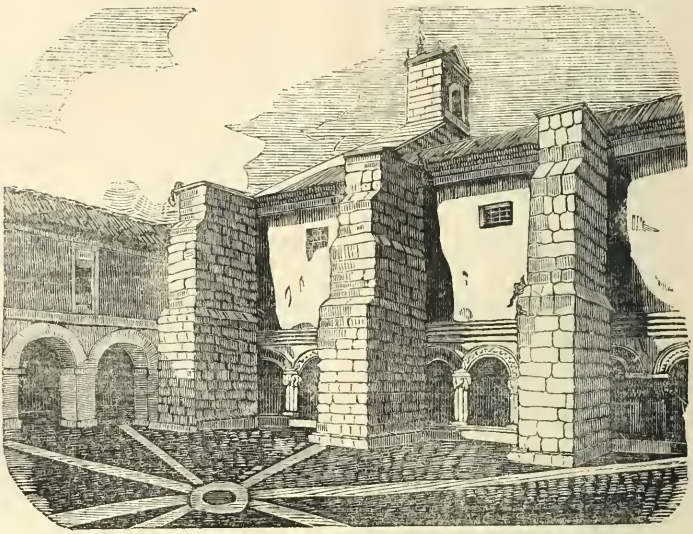
Por morte do ousado capitão foi eleito general da esquadra outro portuguez, Duarte Barbosa, cunhado de Fernão de Magalhães, o qual logo em o dia 1.º de maio foi traiçoeiramente envenenado na ilha de Zebu. Este Barbosa é o auctor de um livro de viagens, concluido em 1516, e impresso em 1813, na *Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*, onde descreve miudamente a costa oriental d'Africa, a Arabia, a Persia, a India, Malaca, estreitos e ilhas da Oceania, e China, logares que elle havia percorrido, em companhia dos seus patricios.

Ainda um terceiro portuguez tomou a capitania mór d'aquella armada; foi o piloto João Lopes de Carvalho, eleito pela marinhagem. Já então restavam com vida apenas 115 homens, dos 237 que embarcaram em Sevilha! Resolveram queimar a nau *Conceição*, por não terem gente para tripular mais do que a *Victoria* e a *Trindade*; e chegando á ilha de Borneo, foi deposto João Lopes do commando supremo, e nomeado em seu logar o meirinho e alferes-mór da armada Gonçalo Gomes de Espinosa. A 8 de novembro chegaram a Tidore (Molucas) com 2 annos, 2 mezes, e 28 dias de viagem de Sevilha, e ahi ficou a concertar a nau capitanea.

A *Victoria*, commandada pelo mestre João Sebastião del Cano, começou a sua viagem para a Europa em 21 de dezembro de 1521, tocou nas ilhas de *Malua* e *Timor*, e dobrando o cabo da Boa Esperança,

chegou finalmente a S. Lucar de Barrameda no dia 7 de setembro de 1522, tendo dado uma volta inteira á roda do mundo, com quatorze mil leguas de navegação. Como haviam partido pelo occidente e voltado pelo oriente, contavam um dia de menos; e diz-se que ainda hoje nas ilhas Filippinas se conserva essa differença no calendario. Nem toda a gente sabe que existe um meio seguro e simples de augmentar ou diminuir o numero de dias da vida? A esses lembrâmos o processo facilimo de uma viagem á roda do globo, começando pelo nascente ou pelo poente, conforme quizerem accrescentar ou encurtar a existencia, apparentemente (1).

F. M. Bordalo.



HESPANHA—ANTIGA COLLEGIADA DE SAR.

Tres tradições disputam-se a origem da collegiada de Sar, sem duvida um dos templos mais antigos que existem em Santiago, e mesmo na Galliza: uma é a tradição popular; outra a tradição religiosa; a ultima a tradição historica.

O povo diz que serviu de casa professa áquelles frades, que se fizeram guerreiros á voz de Balduino, rei de Jerusalem, e que pereceram martyres sob o pontificado de Clemente V.

Os crentes asseguram que esta igreja é a piedosa homenagem ao apostolo Santiago prestada por um bispo de Mondonhedo, que perseguido e precipitado do Pico-sacro, cêrca de Compostella, saíra de tão terrivel salto são e salvo de um modo milagroso.

Os criticos affirmam que o ultimo bispo e primeiro arcebispo de Santiago, D. Diogo Gelmirez, fundára a igreja de Sar. Em apoio da sua opinião citam a *Historia compostellana*, na qual se lê que Gelmirez erigíra uma igreja pequena e muito pobre nas margens do Sar. *Ecclesiolam pauperrimam et parvam in litore Saris fundatam.*

Seja como for, o que não parece admittir duvida é que este edificio pertence ao seculo XI ou XII.

A fórma da igreja, pela sua distribuição interior o gosto de architectura bysantina, é igual a outra da mesma cidade intitulada S. Pedro de Fóra, cujos restos foram demolidos modernamente.

O local que occupa a antiga collegiada, que é a formosissima veiga banhada pelo Sar, corresponde ao sitio onde esteve o corpo do filho de Zebedeu, antes de ser enterrado por seus discipulos em *Libredion* ou *Liberum donum*, hoje Santiago.

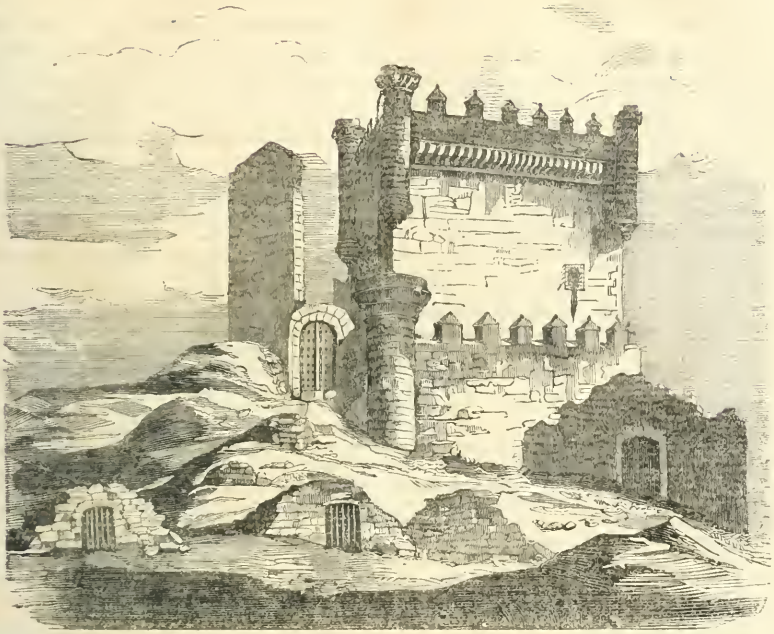
A nossa estampa representa um dos lados do claustro inferior, amostra primorosa do estylo bysantino.

No mesmo claustro se conservam alguns sepulchros, que foram abertos e estragados pelos francezes em 1808. N'um d'esses sepulchros pode todavia ainda ler-se a seguinte inscripção:

Hic: Iacet: Bernaldus: Aric: Gondam:
Canonicus: compostellanus: qui: obiit: iii: nonas: maii:
Sub: era: m: ccc: xx: viii:

Se os louvores, quando verdadeiros e comedidos, são até uteis e proveitosos; é certo que podem ser muito prejudiciaes, quando filhos de baixa adulação, exagerados, ou de todo destituidos de verdade.

(1) A rotação diurna da terra no sentido do occidente para o oriente, combinada com o giro do viajante á roda do globo, n'esse mesmo sentido ou no inverso, explica a diminuição ou augmento de uma revolução apparente do sol, ou, o que é a mesma cousa, de um dia, ao cabo da volta dada em torno do mundo. Quem estudou os principios da astronomia nautica não acha novidade n'este assumpto, mas tambem não é a esses que nos dirigimos.



HESPANHA — CASTELLO DE BELMONTE.

O famoso D. Pelayo e seus valorosos successores, desde que começaram de alargar á ponta da espada as fronteiras da sua renascente monarchia, dedicaram-se com o maior disvelo a estabelecer uma como rede de postos fortificados, que ao mesmo tempo, que eram ponto de operações bellicas, serviam a segurar e a pôr a coberto de qualquer surpreza o paiz reconquistado.

Similhante systema tornava-se de manifesta utilidade n'uma epocha em que ainda não se cuidava de sustentar exercitos permanentes, e em que a difficuldade das communicações isolava as povoações umas das outras. Os rios, as montanhas, todos os accidentes topographicos eram assim aproveitados e cobertos de castellos e torres.

O castello de Belmonte, situado ao sudoeste da villa do mesmo nome, em Hespanha, pertence a esse antigo systema de defeza. Parte demolido, graças ao abandono a que foi condemnado, o castello de Belmonte attrahe ainda hoje a attenção do viajante pelo aspecto austero de suas ruinas, e pela elegancia e robustez das peças que puderam resistir a acção dos seculos. Consta apenas de uma torre singela, coroada de ameias, e flanqueada nos angulos de pequenos baluartes de forma circular, tambem graciosamente ameiados. Da esplanada superior, á qual se sobe por excellente escada de caracol, disfructa-se grande porção de aprazivel territorio.

O castello de Belmonte, a que mais pertence o nome de torre de atalaia, assim pela sua posição, como pelas suas pequenas dimensões, pois apenas occupa um espaço equivalente a dous mil pés quadrados, aproximadamente, comprehendia entretanto no seu recinto tres prizões subterraneas, e os quarteis sufficientes para a respectiva guarnição, que aliás não devia ser mui numerosa. D'esses quarteis já não existem senão os escombros.

Entretanto pode dizer-se que o pequeno castello de Belmonte é um curioso monumento da architectura militar de duas epochas distinctas; por quanto a parte inferior da torre é decididamente gothica; e a parte superior data do principio do seculo XVI.

Pertencia o castello de Belmonte á casa senhorial dos Manueis. Terminada porém a guerra das communidades, e sendo obrigados os ricos-homens a residir na côrte, foi abandonado. A consequencia vemol-a nós. Do roqueiro castello, que ainda hoje ostenta orgulhoso alguns de seus baluartes, em breve talvez não reste senão um montão de ruinas!...

Ruinas desoladas são tambem tantos outros castellos, que povoavam outr'ora o solo da peninsula! Pretender que se mantivessem todas as obras de similhante natureza, inuteis no estado de aperfeiçoamento em que se acha a arte da guerra, seria uma loucura: porém quizeramos ao menos que os que se recommendam altamente pela sua antiguidade, ou belleza architectonica não se deixassem cair em completo abandono.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO-VERDE.

Os romances licenciosos. — O jogo e a murmuração, passatempos de Bissau. — George Sand, e Margarida Fuller. — Os jornaes. — O casamento dos papeis. — A lua e os selvagens. — As ruinas. — Hó loló cutumbé. — Amor e amor. — O casamento catholico.

Já ia muito adiantado o primeiro quartel da noute quando vieram avisar Kiangi que era tempo de dar principio á ceremonia, que se havia de ultimar d'ali distante, e convinha que o fosse antes que das margens do Mansoa (1) se erguessem, como um bando de almas de finados, vagabundas, arrastrando seus *lançons* brancos, as neblinas enregeladas, que surdem a meio da noute, e que caminham lentamente para os campos apaulados, envolvendo-se mais e mais, á proporção que se adiantam, nos vaporosos mantos, que vão estendendo sobre as *alaganças*, até que os puxam por toda a athmosphera, como uma longa mortalha que cobre a terra; e que só pouco a pouco se vae desfazendo assim que dão outo horas da manhã, quando o sol é bastante forte para a rasgar em bocados, que ainda ficam por algum tempo estendidos ao longo dos montes, ou pendurados aos ramos das arvores.

Apenas a noiva se tinha ataviado com braceletes, collares, pulseiras, e outros adornos proprios do seu sexo, chegou o noivo com o sequito de seus parentes e amigos para conduzir Kiangi ao logar do sacrificio em que se havia de verificar a sua união. Então a noiva saíu tambem com a sua parentella e amigas, e todos juntos seguiram em silencio até á baloba, (2) onde se degolou uma gallinha branca e um cabrito preto ao Hiram (3) da tribu, ou reino, pedindo-lhe ao mesmo tempo a balobeira (ou sacerdotisa) que acceitasse e guardasse as manilhas de ferro, que os noivos levavam nos pulsos, e que, depois de terem trocado, offereceram ao deus.

Estas ceremonias eram acompanhadas de muitos tiros de espingarda, pois havia ali muitas, e tambem boa porção de polvora ingleza e americana; e concluidas que foram, começaram de tocar algumas duzias de *bombolons*. No meio de todo este arruido seguiram todos para a cahana dos noivos, que havia poucos dias se tinha acabado, e de que passavam a tomar posse.

Quando os noivos retiravam da baloba para a habitação em que se ía estabelecer uma nova familia, habitação que segundo os costumes d'este povo tinha sido construida pelo trabalho e donativos de todos os parentes de Ondotó; passou o prestito por um sitio á aproximação do qual se fez o maior silencio, que só era interrompido pelo som surdo d'uma multidão que se move. Ondotó parou, e caíu em profunda meditação. Seu rosto, ainda ha pouco illuminado pelo jubilo, pelo amor, e por esperanças bem ardentes, cobriu-se de tristeza; seus braços encruzaram-se sobre o peito, a cabeça debruçou-se sobre elle como que por não poder com o pezo das melancolicas recordações que a carregavam; e Kiangi, que estava ao seu lado, que o cobria com seus olhares apaixonados, assevera que o viu chorar, que uma lagrima fervendo ao fogo de uma febre interior lhe escaldou a mão, com que procurava arrancal-o do pego de suas sombrias cogitações. O joven papel apertou com a esquerda a mimosa mão de sua noiva, e levou a direita até á testa, abaixou-a até o estomago, e depois erguendo-a á altura do hombro esquerdo, em que roçou, a passou ao direito, dizendo umas palavras inintelligiveis, a que se seguiu este apostrophe: *Oh! estes brancos, estes brancos! sempre são bem maus, ou bem bestas!*

Os raios da lua, atravessando com custo os vaporosos flocos da neblina que de minuto para minuto se condensavam mais, e já similhavam pastas de algodão cardado, espalhadas sobre o cimo das arvores, caíam frouxos e tremulos a prumo em cima de uns escombros.

Flanqueada por alguns lanços do edificio, que estavam de pé, no meio das ruinas amontoadas pelo chão, como se quizessem, antes de cafrem vencidos pelo tempo, dar testemunho, n'aquella hora solemne, contra a sacrilega indifferença de homens que se dizem christãos; flanqueada por estes accusadores terriveis na sua mudez, via-se ainda a cruz de pedra, que coroava um resto do frontispicio da igreja, como o ultimo brado de angustia da civilisação christã, perseguida pela indifferença da côrte, e pelo paganismo de seus agentes.

Mais abaixo estava aberta a toda a violencia dos furacões uma janella, a que o impeto furioso dos mesmos tinha arrancado as umbreiras; e meio atulhado com os cascalhos via-se o antigo portão, junto do qual se balouçavam mollemente os cardos, como se fossem as almas dos fieis ali enterrados que pediam suffragios aos que ainda viviam, e os conjuravam para que não deixassem que os seus ossos fossem profanados pelo pé dos adoradores dos fetiches.

Mas a quem pediam elles isso? a homens sem alma, em quem já se tinha apagado, com a religião, o amor da patria, a fé nas suas virtudes, e até o interesse e o cuidado da propria conservação; a homens que não conheciam mais nada, e que não queriam mesmo conhecer outra cousa mais do que os quilates do ouro, o valor d'uma peça de zuarte, ou d'um galão d'aguardente, vendido aos papeis.

Ao pé viam-se aqui e ali, como sentinellas em meio de seus camaradas dormindo pelo chão, restos de muros, uma parte dos quaes formava monticulos cobertos de lacacão e outras plantas rasteiras, ao passo que outros inclinavam-se para a terra como se estivessem desfallecendo, e quasi rendidos pela fadiga. Estes restos eram da cêrca do convento, cujos pacificos habitadores tinham saído, já para a morada dos justos, depois de uma vida cheia de boas obras e de actos do mais puro patriotismo, já para tomarem o caminho de Portugal, minados pelos estragos de successivas carneiradas! Dentro do recinto ainda se encontravam algumas laranjeiras e limoeiros, papaeiras, goiabeiras, e os troncos já nús e seccos de algumas arvores fructiferas da Europa. A desolação era immensa.

Hoje não se vê já nada de tudo isto, nem ao menos signal de que existia; mas ha doze annos, quando para aqui vim, ainda se descobriam, posto que com algum trabalho, os vestigios d'esta morada da paz e da protecção para os europeus, da providencia e da caridade para os papeis. Maldição sobre os auctores de tantos males!

1) Nome de um rio, que pela situação que lhe marcam, supponho ser o mesmo que nas cartas portuguezas se chama Empernal.

2) Cabana que serve de templo ao Hiram, espirito, ou deus principal, que preside a tudo. Assim mesmo entre os selvagens a religião santifica estas uniões, de que procede a familia, quando se formam com esse intuito, e não por mera devassidão.

3) Nome d'esse espirito, ou deus, a quem nas occasiões importantes se offerecem sacrificios, não só de mantimentos, mas tambem de animaes, volateis ou quadrupedes, com tanto que sejam de côres oppostas, isto é, que as aves sejam brancas quando os quadrupedes forem pretos, e vice versa.

Ao saír da sua meninice, Ondotó tinha achado no convento affeição, cuidados, e um principio de educação: os frades que o conheciam intelligente esperavam convertel-o ao catholicismo, cujas solemnidades o captivavam e enterneciam, e cujas doutrinas o encantavam. Era a esse principio de educação que Ondotó devia muitas de suas qualidades, e o nome que lhe davam de José. Assim se explica a razão por que elle chorou sobre as ruinas causadas pelos vandalos da civilisação bastarda, e do philosophismo; e a do signal que elle fez ao avistar estas ruinas. Benzeu-se, porque víra muitas vezes os frades benzerem-se quando alguma cousa os affligia.

O prestito poz-se de novo a caminho, mas silencioso como um saimento dos christãos. Foi agouro?

Quando chegaram á cabana, todos se retiraram, deixando sós os noivos.

Ao alvorecer do outro dia, toda aquella multidão cercava a residencia de Ondotó, mas só as mulheres entraram. Os homens ficaram em magotes do lado de fóra n'esse estado de agitação e como de susto, que precede algum grande acontecimento, que se teme, e não deseja.

As mulheres penetraram na alcova nupcial; o que lá fizeram não pode aqui dizer-se. É bastante que se saiba que foram verificar se a noiva era bajude: a pobresinha sujeitou-se ao barbaro costume, contra o qual se revoltava debalde o seu pudor feminil... Concluida a ceremonia, saíram em gritos e uivos, clamando com todos os signaes de uma alegria frenetica: *ho toló culumbé;* como se dissessem: a noiva é digna de seu esposo; será premiada com um filho varão. No mesmo instante dispararam-se todas as espingardas, como se fosse uma descarga de alegria; e por grande espaço de tempo continuaram os tiros e os gritos, acompanhados de cantigas e batuques. Entraram então os presentes do noivo, que consistiam em pannos de Geba, e de Goréa e Cabo Verde, manilhas, contaria, alambres, coraes, e até alguns anneis da costa (1) para seu adorno: d'isto e da cabana tomou Kiangi a usada posse, entrando e saíndo pelas portas, correndo os quartos, e pondo as mãos sobre tudo o que estava dentro da casa, e que passava a pertencer-lhe. Tambem se preparou o banquete, com o que e o batuque se passou até alta noute. Os mesmos divertimentos continuaram ainda nos dous dias seguintes.

(Continúa).

J. M. Sousa Monteiro.

NAVEGADORES PORTUGUEZES.

VIII.

1520 a 1550.

No anno de 1520 começaram as emprezas maritimas do celebre Vasco Fernandes Cesar contra os piratas da Barberia, de quem foi, por muito tempo, o terror e açoute. (2) Em 1521, ultimo anno da vida d'el-rei D. Manuel, saíram de Lisboa grossas esquadras em differentes direcções. Simão da Cunha, com dez navios grandes, cruzava no estreito de Gibraltar e costa d'Africa; D. Duarte de Menezes, nomeado governador da India, partia para o Malabar com onze naus, e levava mais quatro de conserva até Cochim, para d'ahi seguirem o rumo da China; Sebastião de Sousa, com duas naus, navegava em demanda da ilha de S. Lourenço, para ahi levantar uma fortaleza; e uma armada de dez naus, dous galeões, quatro galés, uma caravela, uma fusta e um transporte, commandada pelo conde de Villa Nova, transportava a Niza a infanta D. Beatriz, que ía casar com o duque de Saboya. A capitanea era a nau *Santa Catharina do Monte Sinay*, de 800 toneladas; levava por mestre Pedro Cavarca, e patrão-mór Simão Vaz, habeis marinheiros; nem dos pilotos, nem dos mestres das outras naus achâmos memoria; entre os capitães encontram-se nomes assaz conhecidos: além de Fernão Peres, que já mencionamos, (1) fam na armada D. Pedro Mascarenhas, que depois foi vice-rei da India; o filho do grande Affonso d'Albuquerque; o primogenito de D. Vasco da Gama; o marechal D. Alvaro Coutinho; D. Francisco de Castello Branco, e o arcebispo de Lisboa D. Martinho da Costa. O conde general levava na esquadra 4 filhos, 3 genros, e 3 netos!...

O reinado de D. João III, que succedeu a D. Manuel, ainda foi glorioso para a marinha; construiam-se naus cada vez maiores, porém a ambição de as sobrecarregar além de todos os limites, deu causa a repetidos sinistros. (2) O numero dos piratas estrangeiros tambem cresceu muito, principalmente nos portos e costa do Brazil, quando esta colonia começou a ter importancia, já em tempo do novo monarcha. Entretanto os nossos capitães, soldados e marujá faziam as costumadas proezas no Oriente, e adquiriam um eterno renome na historia, em quanto as maldições caíam sobre os pilotos, mestres e contramestres, a quem os chronistas attribuem quasi sempre a perda dos galeões, com o que muitas vezes concordaram os juizes, fazendo subir ao cadafalso, ou condemnando a degredo e a galés varios officiaes de mar. Não lembraram para tomar o seu quinhão na gloria dos descobrimentos, gloria tão sua, mas pezam com a responsabilidade dos naufragios...

Et voilà comme on écrit l'histoire!

«As sciencias nauticas e as artes de construcção e apparelho parece que ficaram estacionarias n'este reinado,» diz Quintella, invocando o testemunho de Manuel Severim de Faria. E comtudo o cosmographo-mór do reino era então Pedro Nunes, o inventor do *Nonius*, importante aperfeiçoamento applicado aos instrumentos astronomicos, e inventor tambem do *annel graduado*, que substituia com vantagem o astrolabio.

Continuando a exploração das ilhas da Oceania pelos portuguezes, que já tinham estabelecimentos em Timore e Ternate, e commerciavam com Borneo, Banda, as Celebes e as Filippinas, tiveram os nossos a primeira lembrança de formar uma quinta parte do mundo com estes archipelagos, á qual chamaram *Asia insular* hoje *Oceania* dividindo-a em cinco provincias ou regiões, a saber: *Maluco, Amboino, Moro, Papuás e Celebes* ou *Macassar*. Os modernos dividem-n'a em tres grupos: *Australasia, Polinesia e Asia insular*. A descoberta da *Nova Hollanda*, segundo Mal-

1 Vendem-se em Geba. São feitos d'um arame grosso e redondo no centro, liso e adelgaçando para as extremidades, que sobrepõem, mas que são abertas, como as das argolas para chaves, posto que mais grosseiramente para poderem servir em todos os dedos.

2 Dam 35 de Gomes Cbroo

1 Vide cap. VII.

2 Vide *Quadros maritimos* no anterior volume do Panorama e o *Theatro tragico-maritimo*.

te-Brun e outros escriptores distinctos, foi feita pelos portuguezes, em 1525, ou ainda antes, sem mencionarem o nome do descobridor. Por esse mesmo tempo indo o piloto Gomes de Sequeira de Ternate para as Celebes, foi arrojada a sua fusta a um *mar largo e desconhecido*, onde descobriu uma ilha, a que deu o proprio nome; talvez a mesma que os castelhanos denominaram mais tarde: *ilha da Bella nação*.

Já porém, no anno de 1524, tinha ido pela terceira vez á India, como vice-rei, o almirante conde da Vidigueira, o intrepido D. Vasco da Gama; mas poucos mezes viveu n'aquelle theatro da sua gloria; a 23 de dezembro morreu em Cochim, e os seus ossos, que vieram para Portugal, não se perderam, felizmente, como os de tantos outros heroes! A esquadra que o acompanhou ao Oriente era numerosa; elle proprio commandava aquelle grande galeão *S. Catharina*, de que acima fallamos. Tres successores seus no governo da India o seguiam capitaneando outras tantas naus: D. Henrique de Menezes o Roxo, Pero Mascarenhas e Lopo Vaz de Sampaio, tres nomes que a historia registrou em caracteres indeleveis.

Em quanto Diogo Garcia, portuguez ao serviço de Castella, visitava o *Paraguay* e o *Paraná*, em 1527, Henrique Gomes Leme entrava na ilha de *Sunda*; e logo, em 1528, Belchior de Sousa Tavares, indo em auxilio do rei de Baçorá contra o de Gizaira, foi o primeiro portuguez que subiu o Tigre e o Euphrates. No mesmo anno partiu de Lisboa o grande Nuno da Cunha, como governador da India, e chefe de uma armada de dez naus e varios navios ligeiros, que devia combater a esquadra que os turcos preparavam em Suez. N'esta frota passou ao Oriente o seu futuro chronista Fernão Lopes de Castanheda. Nuno da Cunha abateu Diu, Chale e Baçaim, como Albuquerque castigára Gôa, Malaca e Ormuz; como elle morreu a bordo de uma nau; mas preferindo a sepultura das aguas ao regresso do seu cadaver á patria, poupou-nos á vergonha de vermos os ossos d'aquelle heroe esquecidos debaixo d'uma campa raza, como succede com os do immortal Albuquerque.

Por este tempo distinguia-se como capitão do mar da India o celebre Heytor da Silveira, e depois d'elle D. Jorge de Menezes, que se appellidou *Baroche*, pela tomada da cidade d'este nome em Cambaya (1547), sem mais forças portuguezas do que alguns navios.

Em 1537 começou a peregrinação de Fernão Mendes Pinto, que só acabou em 1559, e á qual devemos um formoso livro, em que elle mesmo relata os seus trabalhos. Por 1542 aportou elle ao *Japão*, para onde foram tambem arrojados por temporal Francisco Zeimoto, Antonio Peixoto, e Antonio da Motta; e depois ás ilhas *Lequias*, ao nordeste da *Formosa*. Lourenço Marques descobriu a bahia e rios que tomaram o seu nome, na costa oriental de Africa (1544-1545). Ao anno de 1546 e seguintes se referem as façanhas de Pero Gallego, mancebo de Vianna do Minho, contra mouros e castelhanos. (1) Em 1550 encontrámos na esteira da India um capitão Fernão Peres d'Andrade, filho do descobridor da China; e entre os pilotos da epocha cita-se com grande nomeada um João Rebello de Lima. Em n'esse anno que Ignacio Nunes Gato, com cinco navios, caíu em poder de 27 galés argelinas, depois de renhido combate, no porto de Beiez.

Agora, para completar o quadro, a grandes traços, d'esta epocha, vamos delinear as figuras dos navegadores que devem apparecer na primeira luz, e cujos nomes se ligam com as principaes façanhas e progressos nauticos e geographicos do tempo.

MARTIM AFFONSO DE SOUSA, E PERO LOPES DE SOUSA.

Irmãos pelo sangue e pelas nobres qualidades, estudaram com igual aproveitamento a astronomia, e ambos se tornaram celebres no mar. Já o segundo havia adquirido bastante pratica da navegação nas armadas de guarda-costa contra os corsarios, quando acompanhou o primeiro ao Brazil, na viagem de exploração e colonisação que, em 1530, partiu para aquelle paiz. Martim Affonso fa nomeado commandante de mar e terra, com cinco navios ás suas ordens, e Pero Lopes embarcado na capitanea, escreveu o *Diario da navegação* d'essa armada, que o sr. Varnhagen publicou em 1839. Tendo aprizionado tres naus francezas no cabo de S. Agostinho, entraram em Pernambuco, d'onde partiu Diogo Leite com duas caravelas a explorar o rio do Maranhão. O restante da armada seguiu para a Bahia de todos os Santos, e d'ahi para o Rio de Janeiro, d'onde o capitão-mór foi naufragar na entrada do rio da Prata. Pero Lopes foi encarregado de explorar este rio, e pôr os competentes padrões, passando n'esta diligencia inclemencias e trabalhos, que soffreu com valor e descreveu com certa poesia, (1) vindo tambem a naufragar em uma ilha, ao pé do cabo de S. Maria. D'ali seguiu a frota para o porto de *S. Vicente*, onde se estabeleceu a primeira colonia de portuguezes no Novo mundo. O piloto-mór d'esta frota era Vicente Lourenço, que depois foi capitão da nau *Grifo* na carreira da India. Como se vê, já então os pilotos passavam a capitães: o systema antigo, tão defeituoso, fa vagarosamente transformando-se no moderno, muito mais razoavel, de officiaes destinados exclusivamente ao serviço de mar. Pero Lopes partiu para a Europa, com a gente inutil na colonia, e tendo novos combates com corsarios francezes, de que nunca estes se saíram bem (diz Gabriel Soares) chegou a Portugal, já no anno de 1533. Parece que em 1535 estivera em Tunes, na expedição commandada por Antonio de Saldanha, e em 1539, foi á India por capitão-mór de uma armada de seis naus, porém na volta perdeu-se em Madagascar, e não houve mais noticia do seu corpo. Quanto a Martim Affonso, que regressou a Lisboa em 1533, foi logo no seguinte anno despachado capitão-mór do mar da India, e n'esse exercicio, commandando 40 navios, destruiu a fortaleza de Damão, depois ergueu outra em Diu, destruiu Repelim, assolou o litoral sujeito ao Camorim, destroçou-lhe a esquadra, acudiu a Ceylão, venceu em Bedeala, captivou muitos piratas, e tornou a Lisboa, coberto de gloria. Em 1541, ainda voltou á India, nomeado governador d'aquelle estado; acompanhava-o o verdadeiro missionario S. Francisco Xavier, que foi morrer ás portas da China em 1552. Martim Affonso, á testa de uma poderosa armada, arrasa Batecalá, e depois de successos menos prosperos, entrega o governo a D. João de Castro, em 1545, e recolhe-se á Europa, onde no remanso da paz escreveu a sua vida; falleceu a 21 de julho de 1564, e foi sepultado no convento de S. Francisco da cidade.

DIOGO BOTELHO PEREIRA.

A empreza atrevida d'este navegador portuguez, que veiu de Baçaim a Lisboa em uma fusta, é das

(1) Anno historico Tom I.

(1) Vide o mencionado *Diario*, e a *Noticia* do auctor, escripta pelo sr. Varnhagen.

maiores ousadias que os fastos maritimos têem registrado. Nascido na India, de paes europeus, o nosso Diogo Botelho veiu á côrte a requerer o governo de Chaul; porém, menos cortezão do que habil guerreiro e navegador, soffreu longa prizão no castello de Lisboa, por influencia de D. Antonio de Noronha, escrivão da puridade, e só alcançou saír da masmorra para embarcar na armada do conde almirante, debaixo da expressa condição de não voltar a Portugal sem ordem d'el-rei. Botelho fallára imprudentemente em mudar de reino, e o exemplo de Fernão de Magalhães ainda estava muito fresco na memoria de todos, accrescendo que não era elle inferior em conhecimentos nauticos e estudos geographicos áquelle illustre portuense. Valente batalhador e piloto exercitado, o emprehendedor indo-luso emendava os erros dos antigos mappas nas suas novas cartas maritimas, sem que esta occupação o desviasse do uso das armas. Chegando a Gôa, o seu fito era alcançar occasião de poder tornar a Portugal, porém de um modo tão extraordinario, que demonstrasse claramente a sua fidelidade a el-rei. Obtendo licença do governador Nuno da Cunha para armar uma fusta (1) em que servisse o estado, succedeu logo consentir o sultão Badur na edificação de uma fortaleza em Diu, e como essa noticia devia ser muito agradavel a el-rei, resolveu Botelho ser elle proprio o portador da nova. Fez-se á vela na sua fusta, em um dos primeiros dias de novembro de 1535, com tres creados, o mestre, um Manuel Moreno, e outo escravos marinheiros; quarenta quintaes de cravo por carga, e os mantimentos e aguada que póde accommodar em tão pequena embarcação; tomou Melinde para se refazer de agua e comer, e só então revelou ao mestre e aos outros portuguezes o objecto da sua viagem. Antes de dobrar o cabo da Boa Esperança, soffreu algumas borrascas, e levantaram-se os escravos, tentando matar os christãos, de que resultou um violento combate, entre aquellas quatro taboas, no meio do oceano! Dous escravos e um portuguez morreram de feridas, outros tres escravos acabaram afogados no mar, o capitão e o mestre ficaram muito feridos. Os tres escravos restantes foram perdoados, porque faziam falta para a manobra. Não podendo tomar a ilha de S. Helena, só no Fayal pôde receber agua e mantimentos, e veiu ancorar a Lisboa no dia 21 de maio de 1536. El-rei perdoou-lhe com difficuldade, porém a sua fusta foi por muito tempo o objecto da admiração de nacionaes e estrangeiros.

D. JOÃO DE CASTRO.

Versado nos estudos mathematicos como Diogo Botelho, como elle guerreiro e navegador, e mais que tudo isso probo e desinteressado, D. João de Castro recorda esses vultos severos da republica romana. As suas primeiras provas d'armas fel-as em Tanger, durante nove annos; depois acompanhou o seu amigo, e amigo das cousas de mar, o infante D. Luiz, na expedição de Tunes, commandando um navio de guerra. N'essa gloriosa empreza se acharam muitas embarcações portuguezas, e entre ellas o celebre galeão *S. João — Bota-fogo*, que, dizem varios auctores, jogava 366 peças de artilharia! Em 1538 partiu D. João de Castro para a India, capitaneando a nau *Grifo*, em companhia do vice-rei D. Garcia de Noronha, que já havia sido capitão-mór d'aquelle mar. Parece que D. João levava n'esta viagem alguns novos instrumentos nauticos, que tentava ensaiar na pratica. Depois de varios feitos no Oriente, acompanhou o governador D. Estevão da Gama, que se dirigia a Suez com uma poderosa armada, em procura da esquadra turca; e capitaneando um galeão, tratou de sondar, examinar e arrumar os portos, enseadas, rios, costas e logares do mar Vermelho, com uma exactidão e mindeza, que faz ainda hoje muito estimado o seu *Roteiro* (1).

Voltando a Portugal foi nomeado, em dezembro de 1542, capitão-mór da armada de guarda-costa do reino: e no alvará da sua nomeação, providenciando el-rei sobre varios objectos, se acham estabelecidos alguns principios de direito maritimo, que ainda hoje servem de base ás formalidades que legalisam as prezas, bem como um regimento de signaes para de noute, talvez o primeiro que se usou no mar. D. João saíu a cruzar com a sua armada, no mesmo anno, e no seguinte, deu comboio ás naus de tornaviagem da India, aprezando além d'isso alguns corsarios de varias nações. Ainda no anno de 1544 continuou n'este serviço, e el-rei o consultou, por carta regia de 8 de julho, sobre o systema que cumpria seguir para defender as costas do reino, ameaçadas de piratas francezes. Em 1545 foi governar a India, embarcando na nau *S. Thomé*, capitanea de seis, que transportavam dous mil soldados. Ahi dirigiu e commandou a famosa expedição de Diu, e tendo sido elevado á dignidade de vice-rei, morreu em Gôa, a 6 de junho de 1548, d'onde o seu corpo voltou ao reino, e jaz em S. Domingos de Bemfica. Quantos heroes mortos n'aquella tão desejada India! Affonso de Albuquerque, D. Vasco da Gama, D. Lourenço d'Almeida, D. Garcia de Noronha, D. João de Castro e seu filho D. Fernando... Para que? Para d'ahi a pouco acabar a nossa preponderancia no Oriente!... E tantos naufragios, tantas mortes de homens illustres, nas aguas do mar, no incendio das naus, nas praias inhospitas onde os lançou a procella, nos sertões que atravessaram em busca da salvação; um nome tão glorioso em ambos os oceanos, desde o equador até aos polos, n'um e n'outro hemisphorio... E hoje nada, nada! Apenas sulca essas vagas algum barco isolado, desfraldando ao vento do infortunio as quinas de Portugal, escarnecidas por aquelles que mais deveram respeital-as, por aquelles a quem guiamos na senda do Oriente e da circumnavegação!!...

F. M. BORDALO.

DESCRIPÇÃO E RECORDAÇÕES HISTORICAS DO PAÇO E QUINTA DE QUELUZ.

Tendo passado, como notei, por sentença, e não do modo que diz um auctor coevo, (2) para o infante D. Pedro a casa do infantado, ampliada com muitas doações feitas no ultimo reinado, (3) concebeu

(1) O vice-almirante Quintella, a quem seguimos n'esta narração, duvida, e nos com elle, das dimensões que Castanheda da a fusta de Botelho: 22 palmos de quilha, 12 de bôca, e 6 de pontal; é demasiadamente pouco

(1) Impresso em Paris — 1833

(2) O padre Antonio Pereira de Figueiredo, tão attento investigador d'antiguidades, e tão acre censor de erros em pontos de historia, diz nos seus *Elogios dos Reis de Portugal*, que a el-rei D. Pedro III, coube depois da morte dos infantes seus tios D. Francisco, D. Antonio, e D. Manuel a casa do infantado, «não advertindo aquelle padre, que tanto se communicou com aquelles principes, que os dous ultimos infantes de que falla morreram annos depois que o sobrinho entrou de posse de Queluz.

(3) Entre outras doações, fez el-rei D. João V mercê de todos os bens da casa dos condes da Feira, das quintas da Murteira e

aquelle principe o projecto de transformar n'um edificio proporcionado á sua alta condição, e ás suas commodidades, a casa de campo primitiva do marquez de Castello-Rodrigo, onde até ali não houvera grande mudança, e que se reduzia a poucos e pequenos quartos, que tomavam o vão que occupa o *jardim do embrechado*, e o chão fronteiro ao *pomar velho*, de que aquelle fôra annexa, e terminavam no *corredor das abobadas*, contiguo á *sala das talhas*. Não se começando a fazer esta grande metamorphose senão depois do anno de 1755, em que um terrivel fenomeno, que arrasou Lisboa em menos tempo do que o narro, marcou entre nós uma nova era, que separou arrebatadamente Portugal *velho do moço*, abrindo ao mesmo passo a porta ás sciencias, e ás boas-artes, descaídas e quasi perdidas n'este reino, coincidiu o abrimento dos alicerces do paço que o infante D. Pedro, quasi nos limites dos dous reinados mais ferteis de obras, e na intrancia de um produzidor de grandes reformas, verdadeiramente fundou em Queluz (1) com o principio da vasta empreza da reedificação e amplificação d'esta capital debaixo das vistas do famoso ministro, que *não pode ser esquecido, nem deve ser louvado sem tento*, (2) que no dia do grande terremoto conquistou o predominio que, sem privança, teve em el-rei D. José, e boa parte da fama e do prestigio que ainda hoje tem, dentro e fóra da nossa terra, o seu nome pela admiravel presença de espirito, e pela força energica, com que então superintendeu e proveu a tudo. (3) O grande segredo dos grandes homens de estado da tempera velha consistia em aproveitar as occasiões, que circumstancias extraordinarias e accidentaes lhes offereciam, ao entrarem na posse dos empregos, para impressionarem os animos por meio de alguma proeza. Os pequenos estadistas de agora armam acintemente trovoadas para, nas trevas de suas politicas, ferirem com a fulminante claridade de seus raios, os olhos que não podem cegar com esplendores de seus feitos.

Dous artistas, um nacional, outro estrangeiro, Matheus Vicente de Oliveira, natural de Barcarena, mestre de obras da antiga escola de Mafra, e alumno da *casa do risco*, onde estudou a geometria pratica, e o desenho das cinco ordens, e que, depois de ser nomeado architecto da casa do infantado, e do senado da camara de Lisboa, fez a planta da basilica do Coração de Jesus, e João Baptista Robillon, architecto e esculptor francez, foram successivamente encarregados das construcções do novo paço, cuja inspecção foi dada a Mathias Antonio de Carvalho, guarda-roupa mui estimado do infante: Ignacio de Oliveira Bernardes, architecto civil, que fez desenhos para parte da igreja de S. Francisco de Paula, e para a casa de campo de Gerardo Devisme (hoje paço da sr.ª infanta D. Isabel Maria) em Bemfica, e que na collecção de memorias de Cyrillo Volkmar e Machado, vem mencionado como um dos tracistas do paço de Queluz, foi unicamente incumbido da planta e dos ornatos do theatro que ali se edificou, logo á entrada do largo, no mesmo local em que, no anno de 1788, se fez, ás custas da corôa, e da casa do infantado, por igual, o corpo de edificio onde morou a rainha D. Maria I, e no qual trabalharam, como mestre pedreiro, Antonio João, como mestre canteiro Francisco Antonio, e, como mestre carpinteiro, Bernardino de Sena, todos tres mui habeis nos seus officios, debaixo da direcção de Matheus Vicente de Oliveira. Reservando para outro logar a noticia que conto dar das peças de musica, e dos compositores e cantores, que, desde a abertura d'aquelle theatro em 17 de dezembro de 1778 (primeiro anniversario do nascimento d'aquella soberana que se festejou depois da sua exaltação ao throno) até á ultima opera ali recitada em 5 de julho de 1782, brilharam na referida sala, só accrescentarei aqui que a pintura d'ella foi feita por um artista chamado João Chrysostomo, cujo appellido não pude descobrir, e a sua douradura pelo mestre Jeronymo Gomes, sendo machinista Petronio Mazzoni, e director do vestuario Paulo Sollenghi, que tinham os mesmos empregos nos reaes theatros da Ajuda e de Salvaterra.

Começou a obra do paço de Queluz (então commettida de todo a Matheus Vicente de Oliveira, em cujo projecto não entrava o *jardim pensil*, que tanto formosea as salas d'onde se sae para elle) por prefazer o torreão principiado a levantar no tempo do infante D. Francisco para a parte do poente, e a que, segundo a nova planta, devia corresponder outro no mesmo logar onde depois, por motivo das alterações que n'ella se fizeram, se construiu o corpo saliente do edificio que habitou a princeza D. Maria Francisca Benedicta; devendo correr entre os dous torreões o lanço de casas com frente para o largo e para a quinta. Debaixo d'esta delineação continuou a obra que comprehende os tres lados da area em que está a arcada que dá entrada para a sala dos archeiros, e a parte do edificio que fica defronte das cosinhas, abraçando fóra d'aquelle espaço, e para a parte do nascente, a capella e a enfiada de casas terreas que vae entestar com a especie de palacete, de que já fallei, onde morou a rainha D. Maria I, depois de viuva.

Desagradando ao infante, que já então era casado com aquella princeza, e a el-rei D. José, que tinha voto em materia de bellas-artes, a apparencia e a disposição interna do lanço de casas que caía sobre a quinta, não lhes sendo menos ingrata a circumstancia de não estar o pavimento ao livel d'ella, foi João Baptista Robillon, sob cuja direcção os nossos bons esculptores Manuel Alves, e Silvestre de Faria Lobo, tinham em 1758 fabricado as duas estatuas equestres allegoricas da Fama, que sobre pilastrões estão á entrada do parque, (1) encarregado de remediar aquelles inconvenientes. Os conhecimentos praticos que elle, além dos especulativos que possuia na sua profissão, tinha adquirido no seu paiz e na Italia, vendo com olhos de artista as obras mais primas d'este genero, despertaram-lhe a lembrança do *jardim pensil* que, por obviar algumas d'aquellas incongruencias,

do Alfeite, da terra das Marnotas, e dos paços da Bemposta e de Samora Correia, ao infante D. Francisco, que adquiriu o paço de Salvaterra de Magos por uma transacção que fez com o primeiro marquez de Tancos.

(1) Em um caderno, contendo varios apontamentos, que achei no cartorio do almoxarifado de Queluz, vi que já em maio de 1758 trabalhavam nas obras d'aquelle paço canteiros, cabouqueiros e pedreiros.

(2) Vir Mithridates, nec silendus, nec dicendus, sine curâ.— Vell. Paterculus.

(3) Sebastião José de Carvalho e Mello, depois conde de Oeiras e marquez de Pombal, d'antes enviado na côrte de Londres, e que, pouco depois da morte d'el-rei D. João V, em 1750, succedeu a Marco Antonio de Azevedo Coutinho no cargo de secretario de estado dos negocios estrangeiros e da guerra, levando ao despacho a pasta dos negocios do reino nos ultimos annos de Pedro da Motta e Silva, foi quem, por esta circumstancia, deu as decantadas providencias a que alludo, muitas das quaes foram por elle ditadas, no mesmo dia do terramoto, ao official da secretaria de estado dos negocios estrangeiros e da guerra Joaquim Manuel Correia Garção, que eu ainda conheci.

(1) João Teixeira Pinto, que trabalhou muitas obras de esculptura para a casa real, fez algumas cousas no paço de Queluz

levantou, logo no anno de 1762, ao longo da fachada do edificio, e d'onde veiu a este extenso passeio em socalcos o nome menos poetico de *jardim das abobadas*. Cingindo-o depois com uma airosa e magnifica balaustrada, e collocando no centro d'elle um soberbo tanque ornado de um bello grupo de figuras lançando espadanas de agua que se cruzam, como as dos deliciosos jardins de Versalhes, Santo Ildefonso, e Marly, deu tambem o mesmo artista, pelo gosto d'elles, para o de Queluz, um lindo desenho de plantação, mui bem executado pelo jardineiro Luiz Simões, em quadras, divididas em areolas de flores, cercadas de buxo, em cujos angulos se plantaram pequenos cedros dos quaes, com o decurso dos annos, se fizeram pyramides e figuras de bom lavor, que já não existem. No restante da quinta, povoado, á imitação das *villas* romanas, de primorosas estatuas, e de frondosas arvores silvestres e fructiferas, encanou-se o rio que a corta na sua maior largura; fez-se o horto botanico, rico de raridades vegetaes do novo e do velho mundo; fabricou-se engenhosamente a primeira cascata artificial que se viu nos arredores de Lisboa, saíndo toda a agua que d'ella se despenha de uma carranca de pedra que está no frontispicio; dispoz-se o amplo taboleiro do jogo da bola, abrigado por arvores copadissimas, onde el-rei D. José contendia com os melhores jogadores sobre quem havia mostrar mais habilidade e mais forças; e, finalmente, construiu-se a grande portada que da banda da alameda dá ingresso para a quinta. Praticou-se tudo isto conforme as normas dadas por João Baptista Robillon, que, superado o passo mais difficil, que era a feitura do jardim, deu confiadamente principio á obra que havia a fazer nas diversas partes do edificio fronteiras a elle.

Começando pelo torreão, onde apenas estavam findas as obras do quarto baixo e da escada por onde se sobe para o pavimento a cuja altura se tinha elevado o jardim, fez aquelle artista, no plano superior, o aposento do infante D. Pedro, e da princeza sua augusta esposa, constando de poucas, mas bonitas, peças, sendo as melhores a chamada *de D. Quixote*, por estarem nas paredes d'ella pintadas a fresco varias scenas do romance de Cervantes, e a sala do conselho de estado, que no tempo d'el-rei D. João VI foi encurtada para se fazer um corredor. Comprehende aquelle quarto um oratorio particular, onde estão depositados varios presentes mandados por diversos papas áquelle soberano, e na pequena recamara contigua a elle era o gabinete em que se faziam as conferencias com os ministros.

Concluido o torreão, passou o mesmo architecto a apparelhar as casas que se seguem em correnteza. Foi a primeira a *sala das talhas*, assim chamada pelos preciosos vasos de diversas dimensões de louça do Japão, que a adornam e se multiplicam nos magnificos espelhos de que as suas paredes e portas se acham vestidas; vendo-se nos topos columnas de marmore sustentando doceis da mesma pedra, e no tecto uma pintura que, por mais diligencia que fiz, não pude saber por quem foi feita representando um *serenim*, como se appellidavam as serenatas em que cantavam as pessoas reaes, onde figuram el-rei D. José, que é o quem está assentado, e junto d'elle, tocando cravo o celebre mestre de musica David Peres, a, então princeza e depois rainha D. Maria I, bem como a infanta depois princeza D. Maria Francisca Benedicta, e as infantas D. Marianna Josefa e D. Maria Dorothea em acção de cantarem, e tendo nas mãos papeis de musica, o infante D. Pedro, coroado de louro, batendo o compasso, D. Lucas Jovini, mestre de musica da rainha D. Marianna Victoria, encostado a uma columna, e varios musicos da camara em torno. Depois d'esta bella e rica sala, onde se davam os beijamãos e as audiencias solemnes aos ministros estrangeiros, fizeram-se as duas que se seguem, na ultima das quaes, ao lado da *sala da tocha*, proxima á *sala dos archeiros*, se poz um jogo de bilhar. Depois d'esta sala prolongou-se por necessidade, um longo e largo corredor que dá serventia para o corpo saliente em que devia fazer-se o segundo torreão, e, pela casa então chamada *escura*, e hoje do *lanternim*, pela claraboia que ali se abriu durante a invasão dos francezes, para a capella, e para as duas grandes e, em tudo, magnificas salas, ornadas de bellissimos espelhos, e obra de talha feita pelo insigne entalhador Silvestre de Faria, onde, no tempo do infante D. Pedro, se fizeram serenatas, e depois deu beijamão a rainha D. Carlota Joaquina, e as princezas e infantas, até ao anno de 1806; passando mais tarde a ultima d'aquellas salas a ser transformada em theatro no tempo em que governou o sr. D. Miguel, e, dous annos depois, a couverter-se em capella funerea onde se celebrou a missa e officio de corpo presente no dia do enterro do imperador D. Pedro I, regente durante a menoridade da rainha D. Maria II. Não ha theatro que presente tantas e tamanhas mudanças de scenas como as residencias dos principes. Na famosa galeria de Fontainebleau, onde Francisco I recebeu com dôr o ultimo adeus do expirante Leonardo de Vinci, e Christina de Suecia espreitou com rancorosa satisfação os derradeiros momentos de Monaldeschi, assignou Napoleão a concordata que ali forçou Pio VII a subscrever, e a abdicação, que a derrota de Waterloo o obrigou a fazer, do throno imperial de França, em favor de um filho que não foi seu herdeiro.

MARQUEZ DE REZENDE.

O AVARENTO E O PORCO.

Quanto ao outro simil do porco certo é que mais aproveita morto do que vivo; pois não dá lã, nem o seu leite presta.

Assim tambem o avarento não serve senão de ajuntar e guardar, o que outros hão de comer-lhe depois de morto. Bem disse S. Ambrosio: Ordinariamente o que ajuntou o avarento com summo disvello, derrama o perdulario herdeiro com precipitados desembolsos.

S. Asterio, bispo, descrevendo a condição do avarento, diz que para os parentes é odioso, para os servos pezado, para os amigos inutil, para os estranhos difficil e inaccessivel, para os visinhos molesto, para sua propria mulher, mau companheiro, na educação de seus filhos misero e cainho, no trato de si proprio cruel e escaço, e todo o dia, e toda a noute solicito e pensativo. Morrendo pois o avarento, todas estas oppressões cessam; porque uns entram na herança, a outros se pagam os salarios, os acredores arrecadam, os devedores respiram, a mulher esconde o que pode, e os servos o que não podiam; o coveiro tem tambem o seu gancho, e os da parochia a sua offerta; e até o cadaver mais em paz fica com os bichos da sepultura, do que estava com a alma sua inquilina. Finalmente um avarento não faz cousa mais acertada em toda a sua vida, do que saír-se d'ella. Logo por esta parte bem se parece com o porco.

BERNARDES, NOVA FLORESTA, I.

COLLEGIADA DE SAR — VISTA EXTERIOR.

No numero anterior demos a vista interior do claustro da collegiada de Sar, em Galliza. A gravura do presente numero representa o exterior do monumento.

Assente sobre as ferteis margens do Sar, cercado de risonha paizagem, o edificio da antiga collegiada contrasta singularmente, pela singeleza de architectura, e pobreza de seus materiaes, com o territorio circumvisinho.

E de certo quem o não visitar com minuciosidade não comprehende como tão humilde fabrica possa ser um dos mais respeitaveis monumentos religiosos da Galliza.

Em logar competente expozemos as razões em que se funda similhante opinião.

CONSEQUENCIAS DO JOGO.

Sendo tão frequente e ordinaria no jogo a perda do dinheiro e fazenda, isto é o menos que n'elle se perde, porque são muito mais preciosas e para sentir as outras perdas, ou perdições, em que a cegueira da cobiça não repara. Perde-se a auctoridade, porque se diz que a meza do jogo a todos iguala, com tanto que tenham que perder, o que é contra todas as leis da decencia e honra. Perde-se o tempo, que, como discorre Seneca, é o maior thesouro que a natureza fiou dos homens. Perde-se a amizade, porque quando jogaes com o vosso amigo, a vossa tenção é que o que é seu seja vosso, e a sua, que o que é vosso seja seu. Perde-se a piedade, porque pela impaciencia, raiva, inveja e mofina do que o jogo não favorece, saem da sua bôca juramentos e execrações contra o céu. Perde-se a mesma liberdade, como se escreve dos antigos germanos, que depois de vendido quanto tinham, a jogavam, ficando perpetuamente captivos. Perde-se a religião, porque o taful que não tem que jogar, nem que furtar no profano, se arrojara facilmente ao sagrado, e a despir os altares, como fizeram em figura os algozes, que crucificaram a Christo, e depois de o pregarem despido na cruz lhe jogaram as vestiduras. Finalmente perdem-se ou acabam de se perder as quasi perdidas almas, como muitos, por não ter que jogar e perder, se entregaram ao demonio; e outros por extrema desesperação se mataram a si mesmos, ou quizeram matar.

VIEIRA — SERMÕES, VIII.

BIBLIOGRAPHIA.

LAGRIMAS E FLORES, POESIAS. 1 VOL. 8.º PORTO, 1854.

Acaba de publicar-se no Porto um livro de poesias, intitulado «Lagrimas e Flores.» É a estrêa de um poeta novo em annos, e novissimo no culto das musas; porém os poetas mais laureados não deixariam de honrar-se, sem duvida, chamando seu a este primeiro canto do cysne novel.

Choram-se n'aquelle livro lagrimas tão sentidas, lagrimas que partem de uma saudade tão viva e pungente, que se affigura a quem lê sentil-as caír uma a uma sobre o coração. Mas soube o poeta misturar na sua dor tanta resignação e doçura, que o coração do leitor, em vez de se apertar ao recebel-as, expande-se suavemente.

As flores que ali se espargem com abundancia, são pensamentos repassados de philosophia, idéas cheias de sentimento, phrases de ingenua eloquencia, vocabulos de apurada escolha.

Finalmente n'aquelles versos tão lindos e conceituosos, em que brilham mil imagens não triviaes, e em que avultam quadros copiados da natureza com exactidão e simplicidade, e com tão fresco e vivo colorido, vêem ainda dar realce a pureza da dicção e a correcção do estylo.

O auctor d'esta excellente producção, que enriqueceu o Parnaso lusitano, é o sr. Joaquim Pinto Ribeiro Junior, natural do Porto.

A nitidez da edição faz honra á typographia do sr. Sebastião José Pereira, cujos disvelos pela sua arte são attestados pelos continuos progressos d'este estabelecimento, que tambem por seu turno honra a segunda capital do reino. A obra de que tratamos pode apparecer sem que nos envergonhe, em qualquer paiz, onde a arte typographica esteja mais aperfeiçoada.

INGLATERRA — UNIÃO DA CIDADE DE LONDRES.

Antigamente cada parochia, em Inglaterra, tinha seu deposito de mendicidade particular, sua casa de pobres, sua *workhouse* (casa de trabalho). A maior parte d'estes estabelecimentos eram mal construidos, mal ventilados, insalubres, e em alguns d'elles os pobres, velhos ou valetudinarios estavam sujeitos a condições de existencia tão miseraveis, tão duras, que parecia haver menos a intenção de os subtrahir aos males da miseria, do que a de lhes provar como o mais completo abandono é muitas vezes preferivel a certas hospitalidades.

Ha dezeseis ou dezesete annos a esta parte a caridade publica em Inglaterra tem-se humanisado. Em virtude de uma lei nova (*the poor-law amendment act*) todo o reino foi dividido em grupos de parochias, e cada grupo envia os seus pobres para uma casa, cujo uso é commum a todas as parochias que o compõem. Essas casas são conhecidas sob o nome de *uniões*; em geral podem conter quinhentas a mil pessoas, triste população formada dos elementos mais heterogeneos. Vê-se entrar n'estas *uniões*, velhos e moços, esposos, familias inteiras, orfãos, individuos, que foram abastados, e não carecem de instrucção, valetudinarios, doentes, pobres, victimas uns sómente de circumstancias desfavoraveis, outros dos seus vicios, e da sua má indole. Já se vê que cumpria que se não misturassem nas mesmas salas tão differentes especies de desgraçados. Convinha pois haver aposentos separados já para de noute, já para de dia.

E era esta a maior difficuldade de construcção, que parece não ter sido em toda a parte vencida. Os relatorios officiaes provam que muitas *uniões* fazem recordar as antigas *workhouses*.

A *união* da cidade de Londres é, como pode suppor-se, muito notavel, ou se considere nas suas dimensões, ou na distribuição interna. Recebe os pobres de noventa e sete parochias; estes pobres são vigiados por cem guardas. A 14 de junho de 1848 lançou-se a primeira pedra d'este vasto edificio, situado na estrada de Stratford-le-Bow em Londres, perto do asylo dos marinheiros mercantes, e que occupa um espaço de quatro ares e meio. O architecto foi M. Richard Tresse, de Little Saint-Thomas Apostle. O plano geral apresenta a forma da letra H: a capella porém pega na linha de construcções correspondente ao corpo transversal que une as duas alas, occupando assim o centro da fachada que a nossa gravura representa, e ficando entre ella e os dous corpos lateraes o espaço de dous grandes pateos quadrangulares cercados de porticos, e servindo de passeios. A fachada tem 275 pés de largura; cada um dos corpos lateraes 720 pés de comprimento. O refeitorio onde os pobres dos dous sexos se reunem para jantar pode conter oitocentas ou novecentas pessoas; a enfermaria admitte até duzentas e oitenta: ha, além d'isto, um hospital para febres; enfermarias particulares para idiotas; casas para as amas; lavadouros, banhos, officinas e todas as dependencias necessarias em larga escala. Cada sexo é dividido em tres classes, que são recolhidas em aposentos inteiramente distinctos, e separados por corredores e escadas.

Todas as difficuldades que offerecia uma similhante disposição foram habilmente superadas pelo architecto.

Louva-se tambem, mas em nosso entender com pouca razão, a elegancia exterior do edificio, que dá idéa de uma sumptuosa villa italiana. De feito as reminiscencias da Italia e o aspecto da magnificencia não estão em harmonia, nem tem tão pouco relação alguma com o destino caridoso da *união*.

As formas architectonicas devem-se adaptar á ap-

plicação que hão de ter as differentes construcções. Dar a um theatro, a uma sala de baile, uma apparencia severa, seria tão grande erro e tão grande absurdo, pelo que respeita á arte, como ornar de uma fachada apparatosa e decorada com profusão edificios destinados a servirem de prizões, de hospitaes, de quarteis etc. etc.

NAVEGADORES PORTUGUEZES.

IX.

GRANDEZA E DECADENCIA DA MARINHA.

(1551 a 1600).

A marinha de Portugal chegou ao apogeu da grandeza no reinado de D. João III e de D. Sebastião; companheira fiel do esplendor nacional, quasi todo devido a ella, veste o luto da patria na hora da angustia, e inclina-se para o occaso como um satelite seguindo o seu planeta. A gloria, o poderio e a riqueza d'este paiz andaram sempre estreitamente ligadas com a importancia da sua armada: os poucos filhos d'este pedaço do litoral hespanhol, cingidos como estão pelo gigante peninsular em toda a extensão da fronteira, só podem fazer-se respeitar no mundo saíndo pelo unico caminho que a Providencia lhes deixou aberto, pelo mar! Embarcando-se em navios solidos, veleiros e bem artilhados, ou em barcos movidos a vapor, iriam hoje, como outr'ora, colonisar possessões desertas, arrotear campos incultos, desenvolver o commercio ultramarino, tudo sob a egide da marinha de guerra.

D'ahi alargando-se pela beira-mar, alongando-se pelo sertão, dariam a Portugal o territorio que lhe falta na Europa, não menos fertil do que este, e abraçando tão variados climas, que poderiamos contar como nacionaes todos os productos agricolas do universo. Eis o passado e o futuro de Portugal: foi essa a sua grandeza, não pode aspirar a outra.

Até ao anno de 1557, data do fallecimento de D. João, vê-se continuada sempre a carreira da India; armadas cruzando nas alturas de Cabo Verde e dos Açores; frotas enviadas á exploração da costa oriental de Africa, aos estreitos, ás Molucas, á China, aonde os portuguezes obtiveram, n'esse mesmo anno, logar para um estabelecimento commercial, que depois se tornou politico; ao Japão, aonde tambem chegamos a ter um pé em terra, começando pela caritativa instituição de um hospital de leprosos, e asylo de engeitados em Funay; e se as esquadras do Mediterraneo diminuiam, em consequencia do abandono de algumas praças portuguezas na Barbaria, novas armadas se aprestavam para o Brazil, porque a colonisação começava a fazer-se ali em grande escala; e já no anno de 1549 partíra o primeiro governador, Thomé de Sousa, a lançar os fundamentos da cidade de S. Salvador, capital da Bahia e de todo o Brazil, levando por chefe da marinha d'aquelle estado um tal Pedro Góes, com algumas naus. As esquadras de guarda á costa de Portugal tinham augmentado de importancia pela acquisição de umas novas embarcações, denominadas *zavras*, mais alterosas do que as galés, mas puxadas a remos, reunindo assim a vantagem das naus contra os mares grossos, e a aptidão das galés na calmaria.

As naus ainda então não passavam de ter por todo panno a mesena, gaveas, papafigos e cevadeira; dous grandes castellos, um ávante outro a ré, as tornavam de mau governo, quando havia vento forte e mar cavado. Os galeões pouco se distinguiam das naus, e até geralmente se confundiam estas duas denominações; todavia parece que eram mais particularmente destinados para o serviço de guerra, mais fortes da linha d'agua para cima, e jogando mais artilharia. As naus tinham maior porão para carga.

D. Sebastião prezou muito a marinha, e deu provisões acertadas sobre este assumpto. Mandou fazer um registro geral dos navios da corôa e do commercio; prohibiu que estes se vendessem a estrangeiros; e concedeu premios a quem construisse barcos de 130 toneladas para cima; determinou que os navios mercantes de 150 a 200 toneladas montassem onze peças de artilharia, e os maiores quatorze, e que a sua equipagem fosse de um homem por cada duas toneladas; que não saíssem dos portos menos de quatro navios juntos, elegendo por capitão-mór um dos capitães; a fim de poderem resistir aos ataques dos corsarios, oppondo-lhes uma força respeitavel e concorde pela unidade do commando. A quem quiz armar os seus navios a corso, concedeu todo o producto das prezas; porém os abusos praticados por estes ladrões *patentados*, obrigaram o rei a supprimir taes licenças.

Tambem determinou que as naus da India não fossem menores de 300 toneladas, nem maiores de 450; mas esta disposição nunca se executou á risca.

A gloria das armas crescia na India sob os vice-reinados de D. Luiz de Athaide e D. Constantino de Bragança, e as armadas do Malabar, de Ormuz e de Malaca sustentavam o bom nome dos nossos marinheiros. Em 1551 tomaram os portuguezes *Geilolo*, nas Molucas. Em 1553 partiu para a Gôa o grande Luiz de Camões, a bordo da nau *S. Bento*, commandada por Fernão Alvares Cabral, que se perdeu á volta. (1) O illustre poeta, depois de visitar a China, e naufragar na costa de Camboja, voltou ao reino no galeão *Santa Fé*, em 1569, acompanhado por Heytor da Silveira, e Diogo do Couto, o chronista, que tambem naufragou duas vezes na carreira da India. (2) e veiu a morrer em Gôa. Camões falleceu em Lisboa, ha quem diga que no dia 17 de julho de 1579. D. Fernando de Menezes derrota uma armada turca, nos mares de Ormuz, aprizionando-lhe seis galés; e no mesmo anno (1554) D. Pedro da Cunha desbarata outo galés turcas na costa do Algarve, commandando elle apenas quatro embarcações de remos. Em 1559 toma D. Constantino de Bragança a cidade de Damão, com uma armada de cem velas, e logo em 1560, com pouco menor força naval, apodera-se da ilha de *Manar*, principal pescaria das perolas de Ceylão. N'esse mesmo anno, é tomada *Villegagnon*, no Rio de Janeiro, por uma esquadra saída da Bahia ás ordens de Mendo de Sá. Em 1562 partiram de Lisboa fortes soccorros em auxilio da praça de Mazagão, que soffreu um memoravel cêrco.

Eis-aqui um exemplo notavel da disciplina militar-naval d'aquelle seculo, que encontramos nas *Decadas* de Couto. Havendo D. Constantino de Bragança entregado o governo da India ao conde de Redondo, embarcou para Portugal na nau *Chagas*, que mandára construir á sua custa; navio celebre por dobrar dezesete vezes o cabo da Boa Esperança, e conduzir á India quatro vice-reis. Com elle saíram de Cochim mais cinco naus, de uma das quaes, a *Castello*, era capitão D. Jorge de Sousa, que por haver sido capi-

(1) *Quadros maritimos*, no XI volume do Panorama. Historia tragico-maritima.
(2) Idem.

tão-mór da armada do anno 1560, e não querer arriar a sua bandeira á do ex-vice-rei (1) separou-se logo d'elle. No decurso da viagem apartaram-se igualmente as outras embarcações, e D. Constantino veiu, por acaso, encontrar-se na ilha de S. Helena com D. Jorge de Sousa. Vendo que este conservava içada a bandeira de commando, poz a sua nau prompta para combater a *Castello*, com intenção de a metter no fundo, ou abordal-a, e prender D. Jorge. Antes, porém, de chegar a esta extremidade, mandou a seu bordo notificar aos officiaes e passageiros nobres que desembarcassem, «sob pena de caso maior;» o que todos cumpriram. D. Jorge viu-se pois constrangido a arriar a bandeira do tope, e foi a bordo da *Chagas* dar satisfação ao principe, que se deu por contente; e d'ali até Portugal sempre D. Jorge seguiu a sua esteira, e lhe salvava todos os dias; o que não foi bastante para evitar a este fidalgo algum tempo de prizão no castello de Lisboa. Porém, logo no seguinte anno de 1563, voltou novamente á India como capitão-mór de quatro naus, embarcado na mesma em que estivera para ser morto ou aprizionado.

Em 1564 partiu de Lisboa, em auxilio de Filippe II de Hespanha, para reconquistar o *Penhão de Velez de la Gomara*, uma armada portugueza de outo galés e quatro fustas, e por capitanea o famoso galeão *Bota-fogo*, sob o commando de Francisco Barreto, que fôra governador da India. Na tomada d'aquella praça forte, situada em um ilhote do Mediterraneo, perto da costa d'Africa, distinguiu-se muito a nossa esquadra e o seu chefe. Este Francisco Barreto, que era general das galés de Portugal, foi cinco annos mais tarde á descoberta das minas do Monomotapa e Sofala, e veiu a morrer em *Tete*, estabelecimento portuguez da Africa oriental, em 1573. Ainda em 1569 descobriu Gonçalo Pereira Marramaque algumas ilhas da Oceania, e fundou a fortaleza de Amboino. Marramaque distinguira-se já, muitos annos antes, como valoroso capitão de mar. Em 1570 foi morta toda a tripulação do navio mercante *S. Thiago*, combatendo valorosamente contra cinco embarcações de corsarios da Rochella, capitaneadas pelo almirante de Navarra Jacques Soria, na altura da ilha de Palma; e em 1571 teve igual sorte, na mesma paragem, a guarnição de outro navio mercante, tambem perseguida por quatro corsarios da Rochella; ahi morreu atravessado por uma lança o governador do Brazil, D. Luiz Fernandes de Vasconcellos. Em 1574 partiu para Angola o seu primeiro governador Paulo Dias de Novaes, neto de Bartholomeu Dias, commandando uma frota de sete naus. Em 1575, foi o cosmographo Manuel de Mesquita Perestrello reconhecer a costa oriental d'Africa desde o cabo da Boa Esperança até ao cabo das Correntes, e em resultado d'esta viagem, emprehendida por ordem d'el-rei, publicou um roteiro d'aquellas paragens, optimo para o seu tempo, e que foi vertido em francez. Entretanto repetidos combates navaes se davam nas aguas de Malaca; ahi teve o seu principal theatro de façanhas a nossa marinha do seculo XVI. Mem Lopes Carrasco, capitaneando uma só nau portugueza, defende-se, por tres dias consecutivos, de uma poderosa armada do Achem, até que é soccorrido por outro galeão dos nossos (1569). Luiz de Mello da Silva, com 14 velas, destroe a esquadra do Achem, forte de 60 navios, e commandada pelo herdeiro do throno d'aquelle nosso feroz inimigo (1570). Mathias d'Albuquerque, general de uma armada de 3 naus, 3 galés e 7 fustas, accommette uma esquadra de 150 navios jaus, nos mesmos mares; toma alguns barcos e põe outros em fuga, depois de renhido combate (1577). Em 1578 preparou-se a grande esquadra de 800 velas, entre navios de guerra e transportes, que devia conduzir á Africa el-rei D. Sebastião e o seu exercito. O general d'esta armada e capitão-mór dos navios de alto bordo era D. Diogo de Sousa; general das galés Diogo Lopes de Sequeira; commandante da galé real, em que ía D. Sebastião, o general Pedro Peixoto da Silva, e commandante do galeão *S. Martinho*, para onde el-rei devia passar no mar, (o que não effectuou), o general Manuel de Mesquita. Capellão-mór da armada (o primeiro que em Portugal teve este titulo) Fr. Bernardo da Cruz, que escreveu a historia d'esta jornada. A esquadra tocou em Cadiz e Tanger, e reuniu-se toda em Arzila, porque algumas embarcações se haviam desgarrado; chegou, inutilmente, á bôca do rio de Larache; e d'ahi voltou a Portugal, coberta de luto, trazendo a noticia da maior desgraça que esta nação tem soffrido!

Aonde estão os navegadores portuguezes do tempo do cardeal-rei?... Oh! a decadencia começava, mas rapida e fatal! Em breve tempo nos escaparia das mãos o formidavel sceptro dos mares, com o qual haviamos conquistado a admiração do mundo. Seguiu-se a usurpação de Castella; e sob o dominio estranho os homens ou são escravos ou victimas. Então a coragem vacilla, como o bruxulear das estrellas em noute de tempestade; o nauta já não arrosta intrepidamente a furia dos ventos e das vagas, porque não é a gloria e o engrandecimento da sua patria que o dirige. Com a invasão dos exercitos e armadas de Filippe II a nossa marinha deperece, o commercio aniquila-se, as colonias portuguezas são assaltadas pelos inimigos de Castella, e até os conhecimentos da arte nautica recuam, a ponto (diz Quintella) de não achar já discipulos o cosmographo-mór. El-rei julgou mais economico (continúa o citado auctor) arrendar a negociantes o contrato da pimenta, e o fabrico e construcção das naus da carreira da India, (1) de que procedeu empregarem os contratadores navios demasiadamente grandes, mal construidos, de pessimas madeiras, e mal fabricados, com o fim de trazerem maiores cargas em menor numero de vasos; e introduzirem a carena italiana, isto é, o methodo de tombarem os navios sobre barcaças, o que até ali se não praticava, porque se carenavam em secco.

Apesar da perda da nacionalidade portugueza, ainda alguns filhos d'esta terra, durante os sessenta annos da escravidão, mostraram valor singular sobre as aguas. João Gago de Andrade, commandante do galeão *Reis Magos*, bateu-se galhardamente com uma nau e um patacho inglez, na altura da linha, em 1586; e no mesmo anno João Trigueiros, capitão da nau *S. Filippe*, defendeu-se valorosamente contra nove embarcações do almirante Drake, de tal fórma que, ficando vencido, lhe concederam a liberdade. Em 1588 saíu de Lisboa a «Invencivel armada,» destinada a conquistar a Inglaterra, mas que não logrou os seus designios. Muitos galeões portuguezes fiam encorporados na immensa frota hespanhola, e alguns d'elles eram de mil e mais toneladas. Todos sabem a triste sorte d'esta esquadra. Na India, todavia, os negocios ainda não caminhavam tão mal. D. Paulo de Lima toma a cidade de Jor, força a barra de Da-

(1) Um chefe da esquadra da India trazia bandeira no tope grande, desde que saía de Lisboa até que voltava, ainda que na torna-viagem viesse commandando o seu unico navio. — Quintella. Annaes.

(1) Couto *Decadas* Severim de Faria *Discursos*

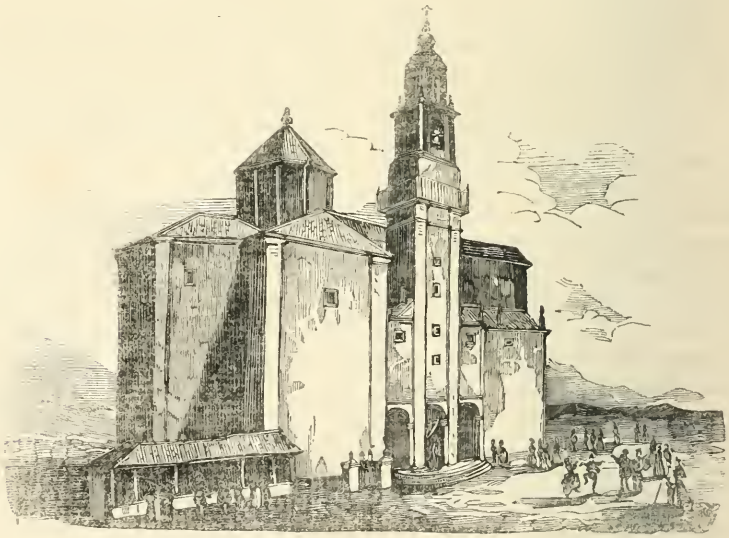
bul, combate a esquadra de Melique; André Furtado de Mendonça destroe duas armadas inimigas, e entra em Jafanapatão (1591). Outro Gama passa á India em 1596, como vice-rei, mas não já como capitão da esquadra que o transporta, posto que conserve o titulo de almirante do mar da India.

Em Portugal foi general da armada D. Affonso de Noronha, que se demittiu d'este posto, em tempo de Filippe III (de Hespanha), por haver determinado el-rei que a *capitanea de Portugal* arreasse a bandeira á *capitanea de Castella*, posto que estatuisse igual cumprimento das capitaneas dos outros reinos de Hespanha para com a de Portugal. Foi depois general da armada um João Rodrigues Roxo, habil marinheiro, e apoz elle outros fidalgos, taes como D. Jeronymo de Almeida, D. Antonio de Athaide, conde de Castro Daire, e D. Manuel de Menezes.

As naus que voltavam da India, quando escapavam de naufragar, vinham quasi sempre encontrar hollandezes com quem combater, e só o valor pessoal podia dar alguma vantagem aos nossos, contra embarcações muito melhores e mais bem artilhadas e municiadas, algumas vezes mesmo em maior numero. D'estes naufragios, combates e incendios tratamos resumidamente em outra serie de artigos; (1) agora, iremos acompanhando esses raros navegadores portuguezes dos seguintes seculos, até aos tristes dias da actualidade, e aniquilamento total da nossa marinha.

Ainda encontraremos bastantes guerreiros portuguezes por todos os mares, mas já poucos navegadores d'aquelles que ensinaram ás nações estranhas os varios caminhos do oceano. As riquezas haviam corrompido os costumes; á actividade substituíra-se a indolencia, e a arte da navegação ficou quasi estacionaria entre nós, participando da decadencia geral. Em um só artigo, ultimo d'este estudo, resumiremos o que sobre o objecto nos falta principalmente a commemorar.

F. M. Bordalo.



HESPANHA — SANTUARIO DOS DESAMPARADOS.

O celebrado santuario dos Desamparados, em Galliza, que é aliás, de toda a peninsula talvez, aquella provincia em que têem logar mais romarias, acha-se situado, a pouca distancia da cidade de Lugo, no centro de ricas fazendas e vinhedos, que captivam a attenção do viajante ainda o menos favoravelmente prevenido.

Ha epochas do anno em que o sitio de Abbades, em que está edificado a santuario, sempre tão aprazivel e tão deleitoso, se converte n'um vasto arraial, a que concorrem milhares de pessoas de toda a Galliza, e ainda das nossas povoações collocadas na fronteira do reino visinho. A mais franca convivencia reina então ali; parecendo os romeiros antes uma immensa familia, que uma reunião de individuos de terras diversissimas, e costumes e lingua differentes muitas vezes.

Não se cuide porém que o santuario dos Desamparados é alguma ermida de ruim apparencia. Pelo contrario é um templo digno, não só pela veneração em que o têem os gallegos, como pela sua sumptuosidade, de figurar em alguma villa ou cidade de importancia.

É a igreja toda de cantaria, de estylo singelo, posto que não inteiramente destituido de certa elegancia. Tem uma só nave, guarnecida de columnas de ordem dorica. Contém cinco altares: o altar-mór é formado por dous corpos, diversos na architectura, e enriquecidos de imagens de intelligente execução. É n'este que então collocados o orgão e os dous pulpitos.

Da parte exterior torna-se sobre tudo notavel a

porta lateral, composta de tres arcos, por onde geralmente entram as pessoas que visitam o santuario. Sobre o arco do meio levanta-se a torre da igreja, construida com bastante segurança. Quasi a dous terços de altura corre uma varanda de ferro, que os romeiros visitam como tributo da festividade religiosa, depois de haverem tocado os seus *registos* na imagem da Virgem.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO-VERDE.

Os romances licenciosos. — O jogo e a murmuração, passatempos de Bissau. — George Sand, e Margarida Fulter. — Os jornaes. — O casamento dos papeis. — A lua e os selvagens. — As ruinas. — Itô lolô calumbé. — Amor e amor. — O casamento catholico.

Ao quarto dia retiraram-se os convidados quando já tinham devorado uma boa porção de cabeças de gado, rezes e aves, que foram copiosamente regadas com a indispensavel aguardente. Foi só d'esse dia em diante que os noivos começaram a viver um para o outro; desde esse dia tiveram principio os dias de febril agitação, de cuidados estremecidos, d'um carinho de todas as horas, de todos os instantes, que parece tornar-se mais activo, inflammar-se mais, que promette ser inextinguivel. Então começaram a correr aquellas horas tão suaves e tão fugitivas, em que o homem não cansa de rever-se na mais bella metade de si mesmo, quando a esposa de seu coração descansa n'elle seu olhar tão meigo e tão eloquente; quando elle se escuta a si proprio, ouvindo o suave som d'aquella voz que lhe faz vibrar todas as cordas do coração, que lhe commove as entranhas, e lhe faz entumecer os musculos; então succedem-se, sempre novos, e sempre os mesmos, esses arrobos deliciosos de uma ternura que bem desejaria ser immortal, e que comtudo bem depressa ha de extinguir-se, e que é necessario mesmo que se extinga para advertir o homem de que n'este mundo não póde haver senão uma pallida cópia da ventura para que foi creado; e que não deve por tanto apegar-se á terra, nem collocar a sua felicidade n'um idolo de carne, que *foge como a sombra*, e se enche de corrupção, tornando-se um objecto de horror para aquelles mesmos que mais o amaram, quem foi creado para o céu, quem só em Deus pode achar a verdadeira e sempiterna felicidade, e um amor que nunca ha de ter fim.

O amor conjugal acaba como tudo n'este mundo: é mesmo indispensavel que acabe senão o homem deixaria de viver; e acaba de certo: mas entre os catholicos apenas soffre uma transformação, e essa então sómente se extingue quando se apaga o facho da vida; ao passo que nos costumes d'este povo não ha nada que fique em seu logar, que o substitua. É a desgraça d'estes negros, e tambem a desgraça dos que vivem como elles.

— Agora mesmo estava eu pensando n'isso. Quando chega esse momento, que a natureza vae insensivelmente preparando, e para o qual de longa mão nos encaminha sem nós o percebermos: e que chega na occasião propria e adequada sem esforço, mas a que tambem se não pode oppor nenhuma resistencia, se os jovens esposos foram educados como christaos, e tem profundamente gravadas no espirito as santas doutrinas da religião, nem o esposo se queixa de saciedade, e aborrece aquella que amou, ou blasphema contra ella, nem a esposa chora seu desapontamento, e se rebella contra as decepções de sua imaginação, nem odeia aquelle que amou com tamanho ardor, combinando torpes projectos de ignobil vingança. Ao fogoso e forte sentimento que os subjugava, e que se durasse mais tempo havia de matal-os, succede um outro mais doce, mais tranquillo, mais duradouro, e quasi diria mais angelico, succede o amor christão, pelo qual não só dizem mutuamente: *És a carne de minha carne, e o osso dos meus ossos;* mas igualmente: *Uma só alma nos anima a ambos;* nós dous não formâmos senão uma só pessoa aos olhos de Deus, aos olhos da lei quando a lei está de accôrdo com a religião e a moral, e nada nos pode separar senão a morte; amemo-nos pois como Christo ama a sua Igreja, para que vivâmos sempre unidos no céu, como estamos vivendo na terra.

Os direitos e os deveres da paternidade se revelam a seus olhos, e os engrandecem reciprocamente. Elle vê na joven belleza que tem a seu lado, que acaricia, e cujas mãos aperta affectuosamente nas suas, ora contra o coração, ora sobre os labios, a futura mãe dos entes em quem espera reviver; ella vê no homem que estreita ao peito n'um amoroso abraço, o pae d'essa innocente creaturinha que se move em suas entranhas, e que lhe recorda o titulo augusto que vae ter: e esses filhos não lhes deverão somente a vida animal, porém tambem outra muito mais bella e sagrada, a vida do espirito pela educação christã, e pelos santos exemplos de uma obediencia illimitada aos mandamentos de Deus e de sua Igreja.

Não me admiro pois da grandissima differença que se nota entre os esposos catholicos e os seus papeis, ou os papeis da Europa, n'essa occasião que os poetas e pintores representam pela imagem do amor fugindo de diante da presença de hymeneu. É que todos elles não consideram senão esse attractivo animal que incita o macho a procurar uma companheira, e que o faz n'essa occasião indomito e feroz; e depois inconstante.

Mas quão differente, quanto mais nobre, mais puro é o matrimonio catholico, e que se descobre nas ceremonias com que se elle celebra no seio da Igreja!

Os dous amantes vão lavar-se de suas manchas no tribunal da penitencia, e nutrir-se com o corpo e sangue d'Aquelle, que nobilitou a mulher, arrancando-a da degradante escravidão em que jazia, para a collocar ao lado do homem, como sua companheira e sua igual; e que elevou á santidade de um sacramento a sua união com o homem, conferindo-lhe uma alluvião de graças extraordinarias, que os novos esposos vão receber por este meio, ao mesmo tempo que seguem a inclinação de seus corações, e obedecem á voz da natureza.

Vemol-os enfeitados, porque tambem se ataviam para mostrarem exteriormente a alegria interior que os anima, porque a religião só prohibe o que é illicito, e ennobrece tudo o que consente. A Santa Escriptura é quem os convida, para assim me explicar, a festejarem as suas nupcias com ornatos, banquetes e regosijos innocentes, comparando a Igreja a uma esposa adornada de joias e galas, e mostrando-nos o Salvador tomando parte nas bodas de Caná.

Ambos ajoelham junto do sacerdote, e aos pés do altar para se jurarem mutuamente uma fé inalteravel, que só ha de acabar com a morte de um d'elles. O mancebo ora fervente por aquella que vae tomar parte nos seus destinos; a donzella chora de saudade pelos paes que vae deixar, e de ternura e amor por aquelle cuja voz sôa a seus ouvidos tão harmoniosa como os sons do orgão; os espectadores guardam respeitoso silencio, e quando o padre lança, em nome de Deus, a benção sobre os conjuges, ao ver-

se a santa alegria que illumina todos os rostos, parece que n'elles se reflecte como um arrebol da alegria que sentem os bemaventurados no céu com este espectaculo. É que mais uma familia se inscreve nos registos da Igreja, á qual vae dar filhos em Jesus Christo, uma geração de santos.

Desgraçadamente nem todos os casamentos se parecem com o que acabo de descrever; mas se fosse possivel penetrar nos seus segredos, examinar a sua vida intima, ver-se-ia, n'esses casamentos, que lagrimas pendem das palpebras da esposa abandonada, ou que desgostos retalham o coração do esposo trahido. E o castigo da sua irreligião, ou da depravada educação que receberam.

Ha porventura alguma cousa que possa comparar-se ao sentimento que inspira o casamento catholico? Não ha nada. E aqui o que ha, entre os papeis, cuja cegueira lamento; e entre os brancos, que são ainda mais dignos de lastima?

—É com vergonha que o digo. Para o papel, ha o sentimento brutal da caça, essa guerra simulada com que se divertem estes homens dados ao sangue; ha o furto, em que empregam todas as suas faculdades; e ha a bebedice, que os nivela com os animaes, e d'estes com os mais vis, ou os mais ferozes; os porcos e os tigres. Para o branco ha as devassidões da luxuria e da gula; ha as especulações torpes para adquirirem dinheiro, mais dinheiro, muito dinheiro, de que as mais das vezes não se aproveitam os filhos, porque umas vezes fingidos credores, outras vezes os defuntos e ausentes devoram tudo; e o ricasso de hontem não tem hoje com que se amortalhar. Isto é realmente para fazer dó.

Janeiro de 1851.

J. M. Sousa Monteiro.

A QUESTÃO DO ORIENTE.

V.

A embaixada do principe Menschikoff tinha por fim, ou arrancar ao divan a concessão do protectorado sobre todos os subditos gregos do sultão; ou dispor as cousas para um rompimento com tal estrondo, que excitasse no povo terror e desalento, e que lançasse no seio do proprio governo a hesitação e a divergencia. Com o protectorado certa era a absorpção da Turquia europea pela Russia, contando aquella dez milhões de christãos quasi todos do rito grego, e pouco mais de dous milhões de musulmanos. D'este modo a conquista era pacifica, porém morosa. Com o rompimento parecia ao czar entrar mais breve na desejada posse de Constantinopla, dispondo ao mesmo tempo de immensas forças para a aggressão, e de poderosos elementos para a dissolução do imperio ottomano.

A nomeação do principe Menschikoff, almirante e ministro da marinha, valido do imperador e celebre pela sua audacia, coragem e decisão nas passadas guerras com a Turquia, e nomeadamente nos assaltos de Varna em 1829, que commandava em chefe, aquella nomeação, digo, dava de per si um caracter da maior importancia e gravidade a similhante embaixada. Mas para augmentar ainda o prestigio do embaixador, e a influencia que estas circumstancias deviam produzir na côrte do sultão, antes de se dirigir a Constantinopla foi o almirante ministro da marinha passar revista á esquadra de Sebastopol, que se achava toda armada, e ao corpo de exercito, que desde 1833 ali estava prompto para embarcar á primeira voz.

Precedido da noticia d'estas demonstrações ameaçadoras, dispostas tambem para influir no animo dos gregos, o principe Menschikoff chegou a Constantinopla no dia 28 de fevereiro de 1853 a bordo de um barco a vapor de guerra.

A sua entrada na capital do imperio ottomano fez lembrar os triumphos dos generaes da antiga Roma. Foram recebel-o ao desembarque todos os empregados da legação russiana; e mais de sete mil gregos, que ahi o esperavam, acompanharam-o até ao palacio da embaixada da Russia, victoriando-o enthusiasticamente durante todo o transito. Estes signaes de sympathia pelo embaixador, em que se misturavam repetidos vivas ao czar, continuaram por mais dias.

Se se attender ao quanto taes actos deveriam necessariamente indispor o sultão contra as pretenções a que o principe Menschikoff vinha dar seguimento e apoio, e por outro lado se se notar que esses actos, ou foram preparados por agentes russianos, como algumas circumstancias anteriores fazem crer, ou pelo menos tolerados pelo embaixador, que não podia deixar de conhecer o quanto elles prejudicariam o bom resultado das negociações, deve-se acreditar com bastante fundamento, que o imperador Nicolau mais queria um pretexto plausivel para a guerra, do que a satisfação das suas exigencias.

Dous dias depois da sua chegada foi o principe Menschikoff procurar o grão-vizir.

Qualquer negociador, que tivesse a peito obter o que pretendia, empenharia sem duvida todo o seu esforço e habilidade para destruir obstaculos, desvanecer suspeitas, desarmar más vontades, e conciliar sympathias. Porém o embaixador russiano procedeu exactamente pelo modo inverso. Os seus primeiros passos foram tendentes a ferir as susceptibilidades dos ministros, irritando o soberano, e indignando a nação. Contra todas as praticas apresentou-se o principe ao grão-vizir de paletó e chapeu redondo, sem o mais pequeno distinctivo do seu cargo ou jerarchia. Esta semcerimonia seria talvez n'outra occasião considerada como uma simples falta de attenção, mas n'aquellas circumstancias, depois do que acabava de passar-se, não podia deixar de ser olhada como insultante.

Logo em seguida, sendo convidado o embaixador pelo grão-vizir a fazer uma visita ao ministro dos negocios estrangeiros, segundo era de uso, respondeu aquelle: «Não quero ver Fuad-Effendi, contra quem o meu governo, e principalmente mr. d'Ozeroff, (1) têem tantas razões de queixa pela sua falta de fé.»

Esta injuria lançada contra o caracter de Fuad-Effendi na presença de muitas testemunhas, obrigou este ministro a pedir immediatamente a sua demissão. E assim conseguiu Menschikoff afastar dos conselhos do sultão um dos seus mais leaes servidores, e ao mesmo tempo um dos homens d'estado da Turquia mais adversos á Russia, e mais recommendaveis pela sua intelligencia, pelo conhecimento dos negocios publicos e da politica europea, adquirido em muitos cargos importantes, e em varias commissões diplomaticas, e finalmente pela firmeza e energia do seu caracter (2).

Depois de algumas conferencias com o novo mi-

(1) Encarregado de negocios da Russia, quando o principe Menschikoff chegou a Constantinopla.

(2) Fuad-Effendi veiu a Hespanha e Portugal encarregado de uma missão diplomatica. Esteve em Lisboa no anno de 1845

nistro dos negocios estrangeiros, Rifaat pachá, dirigiu-lhe o principe Menschikoff em abril uma nota, especie de ultimatum, em que se exigia resposta prompta e cathegorica.

Começando por affrontar o governo ottomano com os epithetos de dobreza e má fé, attribuindo-lhe o proposito de illudir sempre todas as suas promessas, e todas as convenções feitas com a Russia, tirava d'aqui pretexto para exigir *garantias solidas para o futuro.* Estas garantias deviam consistir: 1.º n'um firman explicativo, cuja redacção deveria ser combinada entre ambas as partes, relativamente á posse dos santuarios, e ao modo da admissão dos latinos a exercer n'elles o seu culto; 2.º n'um tratado, que affiançasse a observancia dos privilegios do culto *greco-russo*, da igreja do occidente, e que abonasse a conservação do *statu quo* a respeito dos santuarios, que este rito possuia exclusivamente ou em commum com os outros ritos.

Um tratado de similhante natureza investia o czar no protectorado sobre todos os subditos gregos da Porta ottomana, pois que lhe dava o direito de fiscalisar a manutenção dos seus privilegios religiosos. Auctorisado d'esta arte a ingerir-se nos negocios interiores da Turquia, tirava a este imperio a sua independencia, e despojava o sultão de uma grande parte da sua soberania; e tanto mais quanto era de esperar que as disposições d'aquelle tratado, fazendo subsistir os antigos conflictos, e promovendo novas rixas entre os gregos e os latinos, poriam uma tal ingerencia em acção continua. Portanto o que o embaixador exigia era impossivel de conceder-se a qualquer potencia que fosse, pela desbonra que d'ahi sobrevinha ao soberano e á nação, e pelos perigos que deveriam resultar para a tranquillidade publica. Mas similhante concessão feita á Russia equivalia a entregar á mercê do autocrata a existencia do imperio ottomano.

Passados poucos dias respondeu Rifaat pachá á nota do principe Menschikoff, dizendo, entre muitos protestos de consideração e amizade para com o imperador Nicolau, que a Porta reconhecia e conservava em pleno vigor todos os privilegios concedidos pelos sultões aos diversos ritos christãos, e que promettendo fazel-os observar escrupulosamente, não podia comtudo annuir a celebrar um tratado na forma indicada *sem comprometter os principios fundamentaes da sua independencia e soberania.* O ministro ottomano offerecia ao embaixador permissão para se construir em Jerusalem uma igreja e um hospicio russianos, reservando todavia para o diante dar uma resposta definitiva sobre as propostas contidas na sua nota.

Ao mesmo tempo que esta resposta era dirigida ao embaixador russiano, tratava o governo de confeccionar varios decretos no sentido de confirmar os referidos privilegios, e de satisfazer parte das exigencias da Russia relativas aos santuarios de Jerusalem.

No proprio dia 5 de maio, em que foram publicados recebeu Rifaat pachá uma nota e um projecto de tratado do principe Menschikoff.

Em a nota mostrava-se este diplomatico admirado de não encontrar na Sublime Porta um sincero desejo de restabelecer as suas relações amigaveis com a Russia.

Dizendo-se «animado do espirito de conciliação e benevolencia, que fórma o fundo da politica de seu amo,» responde ás objecções do ministro dos negocios estrangeiros, declarando que «uma longa e penosa experiencia do passado exige, para se evitar no futuro qualquer frieza e desconfiança entre os dous governos, um compromisso solemne com força de tratado.» Depois de insistir n'este ponto, a que chama o mais importante, e para a mais prompta resolução do qual diz ter recebido ultimamente ordem de activar as suas instancias, recapitula todas as suas exigencias, queixa-se das demoras e desconfianças do governo ottomano no andamento das negociações, offerece o projecto de tratado, e marca o prazo de cinco dias para a resposta; concluindo que «considerará qualquer demora maior como uma falta de attenção para com o seu governo, o que lhe impõrá deveres, para elle embaixador, penosissimos.»

O projecto de tratado era concebido em termos proprios a fazer reconhecer como direitos em favor da igreja grega, não só todas as concessões feitas a este rito pelos sultões; mas até o que simplesmente se achava auctorisado pela pratica. No modo por que n'esse acto se obrigava o sultão para com o czar a «manter e fazer respeitar esses direitos e immunidades, tanto na cidade de Jerusalem, como fóra d'ella,» se envolvia o reconhecimento tacito, mas solemne, do protectorado da Russia sobre todos os subditos da Porta, que professam a religião grega schismatica, chamada, pelo governo russiano, orthodoxa.

Dando todo e qualquer tratado direito ás partes contratantes de fiscalisar e exigir o inteiro cumprimento de todas as suas clausulas, é claro, e já fóra de toda a duvida, que por este tratado o soberano da Russia ficava *ipso facto* auctorisado para syndicar da maneira por que eram mantidos e respeitados aquelles direitos e immunidades. E por conseguinte legalmente chamado a ingerir-se de seu motu proprio, ou a pedido dos gregos, nos negocios interiores da Turquia.

Tres corpos de exercito russianos, que acabavam de chegar ás margens do Pruth, davam mais força e gravidade á ameaça com que o principe Menschikoff terminava a sua nota.

O governo ottomano via-se desajudado e só no meio de tão grandes embaraços. A Inglaterra sabia, como ao diante se verá, as intenções do czar, e conhecia perfeitamente os fins a que se dirigia a embaixada do principe Menschikoff. Porém, affectando crer que a questão não passava além de uma querella entre a Russia e a França relativa aos logares santos, em cujo sentido se explicou no parlamento, poz-se de fóra, seguindo attentamente os acontecimentos, mas sem se envolver n'elles, naturalmente com o intuito de os deixar tomar corpo até ao ponto de se tornarem patentes a todas as vistas as intenções reservadas do czar. Assim podia contar com mais segurança com uma cooperação energica e leal por parte da França; e tambem assim se collocava em melhor posição, e se armava de mais fortes argumentos para quando fosse mister reclamar da Allemanha e da Europa uma alliança offensiva e defensiva contra as ambições da Russia.

A França, que não estava habilitada do mesmo modo para conhecer todo o alcance da politica russiana, não veiu todavia em auxilio do sultão. Quando o principe Menschikoff chegou a Constantinopla, tinha saido poucos dias antes o embaixador francez de volta para a patria, e só em abril é que foi substituido.

Em tal apuro de circumstancias resolveu o sultão nomear novos ministros.

(Continúa.)

J. DE VILHENA BARBOSA.

MARINHA MERCANTE DE PORTUGAL EM 1852.

POR NAVIOS.

Galeras	17
Barcas	46
Brigues	77
Brigues-escunas	7
Escunas	35
Patachos	84
Hiates	170
Polacas	1
Chalupas	3
Cahiques	101
Rascas	86
Barcos	119
Bateiras	7
Vapores	3
Total	756

POR PRAÇAS.

	NAVIOS.	TONEL.
Aveiro	12	693
Angra	6	914
Caminha	16	1:494
Espozende	10	979
Faro	7	336
Figueira	20	1:866
Lagos	11	275
Lisboa	266	35:412
Olhão	19	449
Peniche	4	90
Porto	118	19:405
Setubal	58	3:570
S. Martinho	44	1:742
Tavira	25	607
Vianna do Castello	42	3:072
Villa do Conde	11	1:077
Villa Nova de Portimão	5	227
Villa Real de S. Antonio	13	179
S. Miguel	40	804
Horta	29	1:213
Total	756	74:404

Os 756 navios acima indicados contavam 8:098 pessoas de tripulação. Cumpre advertir que n'esta nota, colligida de documentos officiaes, não se comprehendem as embarcações, assim de vela, como de vapor, empregadas no commercio de pequena cabotagem; nem tão pouco os barcos de pesca, havendo d'estes ultimos, em 1853, 3:430 com 29:564 tripulantes.

A TOURA E AS TOURINHAS.

No livro dos foraes de Beja se lê, que os judeus costumam jurar pela sua *toura*, e que por *toura* entendem o Pentateuco, que são os cinco livros de Moysés, ou da lei. Quando os nossos monarcas entravam nas villas, ou cidades, era costume virem os da nação hebrea esperal-os fóra das portas com estes livros encostados ao peito; como jurando-lhes fidelidade pela sua lei. Quando a rainha D. Leonor, já viuva, entrou em Santarém, diz a chronica d'el-rei D. João I, parte I, capitulo 31, que a vieram receber as mulheres d'aquella villa, e os judeus com as *touras*. Da palavra alatinada *thora, ae*, que significa a lei, que se contém nos cinco livros de Moysés, se disse corruptamente *toura* no mesmo significado.

As *tourinhas* eram cedulas, fitas, ou listões de pergaminho, em que estavam escriptos os mandamentos da lei, ou parte do Pentateuco, e que propriamente eram as *phylacterias*, que os saduceus e fariseus traziam, como corôas na cabeça, e pendentes diante dos olhos, ou atadas nos pulsos, como braceletes; entendendo materialmente o preceito de Deus, que lhes mandava trazer sempre a lei *diante dos olhos, e nos dedos das mãos*, isto é, que os seus pensamentos e obras sempre a ella se conformassem. Igualmente se chamavam *tourrinhas*, os livrinhos quadrados, de illuminação e preciosamente cobertos, e nos quaes algum, ou alguns capitulos dos cinco livros de Moysés se achavam exarados. Nas mesmas occasiões, que das *touras*, usaram das *tourinhas*, por mais vaidosas e portateis, alguns judeus.

VITERBO-ELUCIDARIO.

BIBLIOGRAPHIA.

O QUADRO SACRO.

Com este titulo acaba de publicar-se uma excellente lithographia, devida ao habil artista o sr. L. Maurin.

Representa o quadro sacro o conselho, ou synhedrio, em que foi julgado Nosso Senhor Jesus Christo. São ao todo trinta e tres as figuras que se vêem ali grupadas. O Divino Salvador, cuja physionomia respira a mais ardente caridade, e a mais perfeita resignação, está assentado em uma pedra, tendo por sceptro uma canna verde, e por corôa a de espinhos: o sanguinario Caiphaz, summo pontifice, preside ao conselho dos principes dos sacerdotes; ao lado d'aquelle observa-se o prefeito da Judéa, Pilatos, que proferiu a iniqua sentença, arrancada á sua pusillanimidade pelo espirito de facção, e pela politica sordida e interesseira.

No fundo vê-se um magote de soldados, e alguns habitantes de Jerusalem, exprimindo, uns toda a ferocidade das paixões populares, outros a mais profunda compaixão pelo infortunio d'Aquelle a quem não deviam senão beneficios.

O voto de cada um dos sacerdotes acha-se escripto em pequenas taboas, bem como a sentença, que condemnou o Redemptor ao horrivel supplicio da cruz.

Este quadro, notavel assim pelas reflexões que naturalmente deve suscitar no animo dos christãos, como pela correcção e propriedade do desenho, é copia de uma d'essas primorosas gravuras do seculo passado, que ainda hoje são estimadas em grande valor, e dá uma idéa vantajosa do estado de aperfeiçoamento a que a lithographia tem chegado entre nós.

Consta-nos que o quadro sacro ha de ser apresentado na exposição universal de París, pelo centro promotor dos melhoramentos das classes laboriosas, a quem para similhante fim foi remettido. Folgaremos que o intelligente artista e a sua obra possam figurar n'aquelle grande concurso dos productos da industria humana, com honra para si, e para o paiz, que o considera como seu filho de adopção.

Vende-se o quadro sacro nas lojas do costume, pelo modico preço de 1$000 réis.

Quem despreza os seus louvores, trabalha pelos igualar com boas obras; e já que não pode escusar a boa fama, procura que não seja mentirosa.

BERNARDES — NOVA FLORESTA.

BRAZIL — O AMAZONAS.

O maior rio do mundo é talvez o que sob os nomes de Maranhão, Solimões, e Amazonas, banha uma das mais ricas provincias do imperio do Brazil. A sua origem não está averiguada a ponto de desvanecer todas as duvidas que existem a similhante respeito.

Segundo Balbi porém o Maranhão provém do Bone ou Paro, que depois de reunido ao Apurimac forma o Ucayali. O Bone ou Paro nasce nas montanhas de Sicasica, que pertencem ao territorio que actualmente constitue a republica de Bolivia; e depois de ter atravessado este estado do sul ao norte, bem como a republica do Perú, entra na Colombia. Ali une-se ao novo Maranhão, tomando o nome de Solimões até á embocadura do rio Negro. No imperio do Brazil entra este magestoso rio no sitio intitulado S. Francisco de Tabatinga.

Os principaes affluentes do Amazonas são o Javary, o Madeira, o Topajós, o Xinxú, o Napo, o Putumayo ou Iça, o Yapurú e o rio Negro.

Sobre os descobridores e exploradores do Amazonas nada diremos; porque este ponto interessante foi tratado n'este semanario por mais habil penna, no excellente trabalho sobre os navegadores portuguezes.

Para que porém se avalie a importancia d'esta immensa via fluvial basta dizer que o Amazonas, que tem na sua foz cincoenta leguas portuguezas de largura, é navegavel por espaço de mil e cem leguas, sendo-o para navios de grande porte até enorme distancia da sua embocadura.

Elevada ao devido desenvolvimento a navegação a vapor n'este grando rio, o que não poderão tornar-se os soberbos territorios que atravessa e fertilisa, povoados de tantas e tão diversas raças! Que grandes fócos de civilisação não se poderão crear n'aquellas opulentas e pittorescas margens? Nós cremos que em poucos annos, continuando o vasto imperio do Brazil na via de prosperidade, que trilha seguro, sob os auspicios de um monarcha, admirado universalmente pela magnanimidade do seu coração, como pela sua intelligencia, e variada instrucção, de um e outro lado do Amazonas se erguerão magnificas cidades, rivalisando com as mais florescentes do velho mundo.

Não é só politica ou commercialmente que o Amazonas pode considerar-se como o mais poderoso elemento do engrandecimento de um florescente estado. O Amazonas em todo o seu curso offerece o mais esplendido espectaculo que é dado conceber á imaginação dos philosophos e dos viajantes, que todos dão unanime testemunho da sua justa admiração.

E já que tocamos este ponto seja-nos licito concluir, extractando das memorias do sabio e virtuoso prelado D. Fr. Caetano Brandão, bispo do Pará, e depois arcebispo da diocese primacial das Hespanhas, as reflexões que lhe inspiron a contemplação do Amazonas, quando em fragil batel foi a visitar e missionar pelas aldeias e povoações dos indios que estanceam nas margens d'este rio.

«Aqui vou com os olhos fitos sobre o Amazonas, diz o eloquente pastor, rio por certo o mais consideravel de todo o mundo, não só pela sua extensão pasmosa, como ainda pela largura e profundeza do seu leito. Que magnifico espectaculo offerece aqui a natureza! De uma parte serras altissimas, não, como as da Europa, fragosas e calvas; mas vestidas de arvoredo sempre fresco e viçoso até o seu cume. A ou-

tra banda, apaulada e toda igual, cingida do mesmo arvoredo e de um feno tão verde e mimoso, que enleia a vista. Mas eu só considero agora o rio em si mesmo. Como corre pomposo e soberbo, revolvendo em suas empoladas ondas madeiros pezadissimos, e ameaçando estrago a tudo que se lhe põe diante! Rico do cabedal immenso das aguas, que tem de outros muitos rios; sempre insaciavel, não se demora jámais; mas continúa cada vez a adquirir novos augmentos até espraiar em fim no oceano, e confundido com elle, não ter mais nome, nem gloria differentes da sua.

«Que differentes e agradaveis paineis descobre a vista pelas margens d'este grande rio!...

«Eis ahi logo á primeira vista essas duas alamedas sempre frescas e viçosas, que acompanham o grande rio constantemente em toda a sua longa extensão: oh! de que variedade admiravel se não revestem! Aqui o arvoredo frondoso e cerrado, convidando o encalmado navegante a respirar á sua sombra: lá abrindo-se um pouco, e dando logar aos olhos para se dilatarem pelas espaçosas campinas que terminam o horisonte: para uma parte cedros elevadissimos de uma grossura espantosa, o tronco meio desarraigado pela força da corrente, e ameaçando ruina com a sua queda imminente: para outra differentes arbustos copados e floridos enleiam a vista pela diversidade das suas côres. Repara para a multidão de aves, que já parecem toldar o céu; já matizam os campos com o engraçado da sua pintura; já finalmente sobre verdes ramos, abrindo as azas aos raios do sol, explicam por mil gorgeios a alegria, que sentem n'estes logares amenos!

«Não vês, coração meu, como brilham lá ao longe as alvas areias, de que está semeada aquella praia! Eis ahi voando em torno d'ella nuvens de passaros, e fazendo ver por seus redobrados gritos, que lá tem o mais amavel domicilio. Cardumes de peixes de differente grandeza apparecem tambem volteando sobre as aguas, que banham aquella situação encantadora. Mais adiante olha como surgem do leito do grande rio barreiras empinadas e sublimes, que pelas diversas côres da materia de que se compõem, servem de baliza ao atrevido navegante. Mas não te enche de assombro essa perenne e intrincada cadeia de montanhas altissimas correndo ao longo da margem septentrional? Olha como parece quererem desafiar as nuvens, e vão esconder n'ellas a sua mais alta superficie!

«Pois as caudalosas correntes que cortam estas mesmas serras; como se despenham com furioso impeto por cima de alcantiladas rochas até virem confundir-se com as aguas do grande rio! Vê por outro lado os placidos ribeiros, que lá correm murmurando por entre espessos e frondosos bosques, fazendo bulir mansamente a branca areia. Ahi tens uma nova ilha, que a natureza vae formando no meio do rio, para servir de recurso aos vasos atacados da furiosa tormenta. Que lindo quadro! tenras vergonteas sobresaem á superficie d'agua: dirias que d'ella tiram toda a substancia: outras já profundamente arraigadas na terra, abrindo os ramos, e enfeitando-se de flores engraçadissimas: todo aquelle fresco terreno como está alcatifado de uma relva verde e mimosa que encanta o espirito.»

Os limites d'esta publicação não nos permittem alongar o extracto de um dos melhores trechos de prosa que conhecemos, remettendo o leitor curioso para as citadas *Memorias*, que foram impressas em Lisboa em 1818.

NAVEGADORES PORTUGUEZES.

X.

> Que naus são essas que ufanosas surcam
> Pelo esteiro do Gama? Pendões barbaros
> Varrem o oceano, que pasmado busca,
> Em vão! nas popas descobrir as Quinas.
> Em vão; da hastea da laoça escalavrada
> Roto o estandarte cae dos portuguezes!
>
> GARRETT: poema *Camões*.

Os nomes reunidos dos dous maiores poetas nacionaes estão ligados a esses versos, que pintam ao vivo o nosso abatimento... Que accrescentaremos? Nada!... Enxugando as lagrimas, que todo o portuguez de coração verte sobre o aniquilamento da nossa marinha, vamos buscar ainda nos seculos XVII, XVIII e XIX alguns raios de heroicidade, que illuminaram por instantes as trevas da decadencia.

Salvador Ribeiro de Sousa, depois de haver por mar e terra immortalisado o seu nome no Pegú, foi proclamado rei d'aquelle estado, e obedecido como tal; porém apresentando-se Filippe de Brito Nicote, capitão-mór e conquistador do Pegú, *in nomine*, por patente do vice-rei Ayres de Saldanha, a tomar conta da fortaleza de Sirião em nome d'el-rei de Portugal, Salvador lh'a entregou com toda a lealdade, e em março de 1603 abandonou o seu reino, aonde era querido dos povos e dos soberanos alliados. (1) Em 1605 saíu de Lisboa Alvaro de Carvalho, com o posto de *general do mar do sul*, e destino a Malaca. Commandava os tres galeões *S. Simão, S. Nicolau, e Senhora das Mercês*. Em 1607, outra esquadra, capitaneada por D. Jeronymo Coutinho, põe em fuga os hollandezes que ameaçavam Moçambique. Sebastião Gonçalves Tibao conquista as ilhas de *Sundiva*, de *Xavapur* e *Patelavanga* (1609) e outros logares a varios principes da India. Em 1612 apossaram-se os portuguezes de *Benderabasi* (Gomroun) entre Ormuz e Kismish, celebre porto do golpho persico, aonde levantaram dous fortes para defeza. (2) De 1613 em diante foram varias expedições de portuguezes á ilha de S. Lourenço (Madagascar) como exploradores, e em cata de algum naufrago que ali pudesse estar desterrado. Em uma d'estas viagens tocou um dos pilotos na *ilha do Cirne*, já descoberta antes pelos portuguezes, e que depois tomou os nomes de *Mauricia* e *ilha de França*. A marinha ajudou a desalojar os francezes do Maranhão, em 1614 e 1615. D. Manuel de Menezes, capitaneando a nau *S. Julião*, encontrase com quatro galeões hollandezes no canal de Moçambique, e depois de longo combate, não querendo render-se, vara na ilha de Comoro (1616). Os nossos tomam o porto e fortaleza de *Soar* na costa da Arabia, em quanto Francisco de Miranda Henriques, com 4 galeões e 18 navios pequenos, defende o porto de Malaca de uma armada de 500 velas do Achem. Alguns portuguezes, marinheiros, saíram de Lisboa em duas caravelas, sob o commando do capitão gallego Bartholomeu Garcia de Nodal, em 1618, com destino de reconhecerem o estreito de *Le maire*, o de *Magalhães* e o cabo de *Horn*, o que conseguiram com felicidade, e proveito para a sciencia. Nuno Alvares Botelho derrota, junto a Malaca, a esquadra do Achem, de 250 navios, aprizionando entre outros a capitanea, que jogava cem canhões (1622). Depois, nos mares de Ormuz, após renhidos combates, des-

(1) F. M. Pinto: *Conquista do Pegú*.
(2) S. Luiz: *Indice Chronologico*.

barata uma armada anglo-hollandeza, mui superior em numero e bondade de vasos á portugueza (1624). Governava *Solor* em 1629; e a 5 de maio de 1632, tendo investido uma nau hollandeza com a pequena galeota que commandava, pegou o fogo no paiol da polvora d'aquella, e arrastou esta comsigo ao abysmo, morrendo assim o illustre restaurador das glorias portuguezas na Asia. Filippe IV de Hespanha, que ainda então reinava em Portugal, disse por essa occasião que, se já não trouxesse luto pela rainha de Polonia, sua tia, o havia tomar pela morte de Nuno Alvares; e deu o titulo de conde de S. Miguel ao primogenito d'este heroe.

Uma armada luso-hespanhola, levando por general D. Manuel de Menezes, e por almirante D. Francisco d'Almeida, na parte portugueza, e capitaneada superiormente por D. Fradique de Toledo, *capitão general da armada do mar Oceano* (titulo do primeiro almirante de Castella) recupera do poder dos hollandezes a cidade da Bahia (1625). Logo no seguinte anno, soffreu D. Manuel de Menezes, então já nomeado de propriedade general da armada portugueza, um horrivel temporal, perdendo-se com o seu galeão na costa de S. João da Luz, em França, acompanhado de mais seis embarcações, duas das quaes carregadas de riquezas da India; morreram n'este naufragio dous mil homens, a flor da marinha portugueza, e o seu almirante Antonio Moniz Barreto, segunda auctoridade naval do reino.

Ruy Calaça Borges, com sete caravelas, expulsa os hollandezes da ilha de Fernando de Noronha (1629). Uma esquadra hespano-lusa de vinte galeões e varios transportes, indo em soccorro de Pernambuco, encontra a esquadra hollandeza do almirante *Patry* (1631), e manobrando com acerto, e desenvolvendo coragem a par da intelligencia, os nossos levam Patry á ultima extremidade, o qual, para não ser prizioneiro, se lança ao mar, envolto no estandarte neerlandez, dizendo: «O oceano é o unico tumulo digno de um almirante batavo!»

Desde esta epocha até á completa restauração do Brazil, houveram combates navaes, todos os dias, entre hollandezes e portuguezes; e posto que em muitos d'elles se praticassem heroicas façanhas, dignas de memoria, não comportam estes artigos a longa enumeração de tantas acções.

Pedro Teixeira, portuguez, subiu o *Amazonas* desde o Pará até ao rio *Napo*, e continuando a navegar por este, chegou mui perto de *Quito*. Saiu do Pará em 1637, e voltou em 1639. N'este ultimo anno entrou no rio *Negro* o capitão Pedro da Costa Favella, portuguez tambem, e o primeiro que sulcou aquellas aguas. Ao mesmo tempo muitos compatriotas nossos eram mortos na esquadra peninsular, commandada por Oquendo, no canal de Inglaterra, sobre a qual o almirante *Tromp* vingou a desfeita do seu collega Patry.

D. Martinho, principe de Arracam, baptisado e creado em Gôa, serve por muitos annos nas armadas portuguezas da India, e alcança em 1646 a capitania de Gôa. Salvador Correia de Sá e Benevides recupera Angola do poder dos hollandezes (1648). Um portuguez, appellidado *Melgueiro*, mestre e piloto de um navio hollandez, dirige-se do Japão aos mares do polo arctico, ate 84 graus; passa entre a *Groenlandia* antiga e *Spitzberg*, e deixando á esquerda a *Scotia*, dirige-se a Portugal. Foi o primeiro navegador que chegou tão perto do polo, se dermos credito a um auctor estrangeiro, *mr. de Buache*. D. João de Eça combate e apriziona o corsario Cutiale, na costa do Malabar, em 1677. D. Antonio Manuel de Vilhena, patrão da galé capitanea de uma armada da ordem de Malta, combate contra dous navios de Tripoli (1680). Tendo apenas 21 annos de idade foi capitão de um dos navios mandados á conquista da Moréa. Falleceu em 1736, sendo grão-mestre da ordem; e durante o seu governo afugentou do Mediterraneo os barcos dos inficis. Já no fim do seculo XVII descobriram os portuguezes o aljofar e as perolas dos mares de Sofala, a trinta leguas da barra de Luabo.

Logo no principio do XVIII seculo entrou Portugal na *grande alliança* da Allemanha, Inglaterra e Hollanda contra a Hespanha; e em 1705 uma esquadra nossa, commandada por Gaspar da Costa d'Athaide; junta a outra ingleza, que capitaneava o cavalheiro Leake, derrotaram a armada franceza, que protegia os hespanhoes no cerco de Gibraltar, obrigando-os a levantar o dito cerco, com o que ficou pertencendo para sempre aquella praça á Gran-Bretanha. Quatro annos depois encontrâmos o mesmo Gaspar da Costa intitulado *general de batalha de mar*, sob o commando superior do conde do Rio Grande, *almirante da armada real*, escoltando, com outo navios de guerra, um comboio mercante de 97 embarcações para o Brazil. Em 1713 repetia na India as façanhas navaes dos Almeidas, o capitão-mór do mar José Pereira de Brito: acabava de queimar 82 navios inimigos, e quasi todas as povoações da costa de Canará, quando morreu, de doença, em Gôa. No seguinte anno foram destroçadas 5 palas e 12 galvetas, na barra de Chaul, por uma fragata portugueza de 34 peças. Commandava esta o *capitão de mar e guerra* Antonio de Sousa, tendo por immediatos os *capitães tenentes* Manuel Lobo de Faria, e Aleixo Pinto. Os vasos inimigos eram capitaneados pelo celebre pirata Angriá, uma especie de Barba-roxa do Oriente. Ainda em 1715 foi novamente batida a esquadra d'este pirata, pela nossa fragata *S. Francisco d'Assis*, ao mando do capitão de mar e guerra Manuel Lobato de Faria. Em 1717 teve logar o celebre combate naval contra os turcos, nas aguas de Matapan (Mediterraneo). Onze velas portuguezas e outras venezianas e pontificias, destroçaram 48 embarcações barbarescas, d'entre as quaes a capitanea jogava 110 canhões, e tinha 1:400 homens de tripulação. Distinguiu-se muito n'esta batalha o almirante portuguez conde de S. Vicente, immediato no commando ao general conde do Rio Grande, de quem acima fallamos.

José de Semedo Maia, commandante da nau *N. S. da Atalaya*, investe duas naus inglezas no porto de Cabinda, e arraza o forte que uns armadores d'aquella nação ahi tinham construido (1723). De volta ao castello da Mina, mette a pique uma fragata hollandeza, que andava roubando as nossas embarcações n'aquelles mares. Luiz de Mello Sampaio, *capitão general da armada de alto bordo dos estreitos de Ormuz e mar Roxo, e dos mares da India*, restaura Patte e Mombaça do poder dos Arabes (1728). Luiz Vieira Mattoso, o *fiscal da armada portugueza do estado da India*, afugenta do porto inglez de Bombaim a esquadra do pirata Angriá, salvando assim aquella colonia (1731). Pouco tempo depois começaram as nossas grandes explorações pelos rios da America portugueza. Em 1749 navegou uma expedição pelo Amazonas desde o Pará até ao rio *Madeira*, e por este até ás *Cachoeiras*; d'ahi pelo *Aporé* ou *Ithenes*, já em 1750, chegou a escolta ás minas de Matto-grosso tendo gasto nove mezes de viagem. Em 1774 e 1775 emprehende nova excursão pelo Amazonas e rio *Negro* o ouvidor Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio. Em

1791 começa a navegação do rio Araguaya, promovida pelo *chefe de esquadra da armada real* Tristão da Cunha e Menezes. Em 1797 parte o major Francisco Nunes a descobrir a communicação do rio Capim para o Piauhy.

A marinha portugueza começou a organisar-se como corpo militar regular no principio do seculo XVIII; crearam-se primeiro os capitães de mar e guerra; depois os capitaes-*tenentes*, os quaes, como se deprehende da propria designação, serviam de segundos áquelles; mais tarde os capitães de *fragata*, quando se construiram embarcações d'esta denominação; e ainda posteriormente os tenentes generaes de mar, chefes d'esquadra, e chefes de divisão. O posto de tenente general foi depois transformado em almirantes e vice-almirantes, e crearam-se os primeiros e segundos tenentes. Ao anno de 1761 ascendem os primeiros guarda-marinhas, que foram substituidos pelos *voluntarios* em 1774, e novamente organisados em uma companhia no anno de 1782. Creou-se uma *aula nautica* no Porto em 1764, que foi reformada com o titulo de *academia de marinha* em 1801, quando já existia outra academia de marinha em Lisboa, desde 1779, a qual foi reformada em 1790, e abolida em 1837, bem como a do Porto, quando se crearam as escolas polytechnicas em ambas as cidades. Em 1844 organisou-se em Lisboa a *escola naval*, á qual ficou annexa a *escola de construcção*, que existe com este nome desde 1824, e que havia sido creada com o titulo de *academia de construcção naval*, em 1796. Infelizmente, nem a organisação do corpo da armada, nem a creação e successivo aperfeiçoamento das escolas de marinha e construcção naval, obstaram á decadencia da nossa navegação, porque causas mais fortes actuavam sobre ella em sentido contrario!

Do seculo actual apenas temos a mencionar uma empreza digna dos navegadores portuguezes de outros tempos. Executaram-n'a alguns ousados maritimos do Algarve, repetindo a façanha de Diogo Botelho Pereira, ainda com menos conhecimentos nauticos do que o atrevido indiano. Alguns pescadores de Olhão, tendo por mestre Manuel Martins Garrocho, e por piloto Manuel de Oliveira Nobre, largam, em um pequeno cahique de pesca, para o Rio de Janeiro, levando a el-rei a nova da revolta do Algarve contra os francezes (1808). Aportaram á ilha da Madeira, e d'ahi chegaram a salvamento ao seu destino. A todos os homens da tripulação nomeou el-rei tenentes de marinha, e ao mestre e piloto deu além d'isso outros empregos e condecorações. A embarcação em que se aventuraram por tantas leguas de oceano, foi examinada com admiração por nacionaes e estrangeiros.

Dos combates navaes que tiveram logar durante as lutas civis dos nossos dias, não fallaremos, já porque muitos estrangeiros tiveram n'elles a mais gloriosa parte, já tambem porque são feridas que ainda gotejam sangue ... sangue portuguez derramado sem proveito do paiz!

E comtudo o valor nacional não se desmente nas poucas occasiões em que tem de ser posto á prova. Os nossos maritimos da guerra do rio da Prata, os que cortaram a linha da esquadra de Cochrane, alguns dos que combateram nas ilhas de Bayonna e no cabo de S. Vicente, ainda mostraram ao mundo que é possivel resuscitar a marinha portugueza!

Resuscitar! é a palavra; e deixemos as illusões áquelles felizes mortaes, que podem enganar-se com ellas, ou que o fingem, porque assim lhes convem.

Aonde acaba a grandeza das nossas navegações, e que já declinam tambem as hespanholas, começam as emprezas maritimas, em grande escala, dos bretões, batavos e francezes. Em outra serie de artigos esboçaremos os principaes vultos dos navegadores estrangeiros, ousados viajantes dos polos, da Oceania, e á roda do mundo, intrepidos almirantes, e sabios pesquizadores das maravilhas da natureza.

Terminâmos aqui este curto e imperfeitissimo trabalho (e ninguem melhor do que nós lhe conhece a imperfeição, pelas diligencias infructiferas que fizemos em cata de noticias e documentos!) Todavia cremos não ser perdido o tempo que com elle gastamos, pois que poderá aproveitar a um ou outro dos leitores, menos instruido n'este genero de estudos.

F. M. Bordalo.

OS CROATAS.

I.

Quando a raça maggiar, agitada pelas idéas proclamadas em 1848, se levantou contra as velhas instituições do imperio de Austria, ao qual a Hungria está unida, tentando reivindicar os antigos foros d'esta nação, e quicá promover a sua independencia definitiva; houve um povo, pouco numeroso sim, mas respeitavel e temivel pela energia de seu caracter, que dirigido e capitaneado por um soldado de rija tempera, o ban Jellachich, veiu em auxilio da casa de Augsbourg, ameaçada d'um grande desastre, prestando-lhe com lealdade, tenacidade e abnegação pouco vulgares os mais valiosos serviços: e pode dizer-se sem hyperbole que aos valorosos croatas se deveu em grande parte o resultado da porfiosa guerra sustentada com heroismo pelos hungaros, ou antes pelos maggiares, contra as forças do imperio austriaco.

Parece-nos pois que será lida com algum interesse a noticia, que vamos dar, d'esta raça, tão distincta pela sua coragem, como pelos seus costumes, e organisação politica.

A Croacia actualmente confina ao norte com a Esclavonia, ao occidente com o territorio dos dolenzi

e dos uskokes septentrionaes, ao meio dia com a Liburnia e a Morlaquia, ao oriente com a Turquia de Europa. Este paiz é em geral plano de norte a leste, mas montanhoso para o meio dia. Estas circumstancias do solo produzem extraordinaria modificação nos costumes e na indole dos habitantes. De feito os do banato, que habitam as terras chãs, não se assemelham aos do generalato, que vivem nas montanhas, parecendo dous povos differentes.

Os croatas são em geral affaveis, probos e serviçaes uns com os outros; mas têem como estrangeiros os seus visinhos, que não pertencem á mesma raça, considerando tambem quasi todos os outros povos como inimigos. Mansos com aquelles de quem se temem, tratam com desprezo, e com sobranceria aquelles de quem se não receiam.

A Croacia é pouco fertil, e por isso os croatas são pobres, e os seus costumes um pouco grosseiros, revelando o grande atrazamento da sua civilisação.

Os croatas abraçaram o christianismo no tempo do imperador Heraclius. São muito respeitadores da religião que professam, e ainda mais dos seus ministros.

Toda militar a raça croata não é muito propensa á superstição. Tambem são mui pouco instruidos; de sorte que nos croatas se realisa o antigo dictado latino: *Inter arma silent musae.*

Encontram-se ainda na Croacia alguns vestigios dos costumes patriarchaes; não é raro cinco ou seis familias viverem na maior harmonia, em uma casa extremamente limitada. O mais velho dos homens é o chefe absoluto, sob o nome de *gospodar*. É elle quem distribue os trabalhos, devendo todos obedecer-lhe fielmente. Sua esposa, ou á falta d'ella, a mulher mais idosa, vigia nas creanças. A mãe de cada uma d'estas não é licito infringir as ordens da *gospodina*, ou da staramaiko.

As mulheres moças são encarregadas dos trabalhos mais pezados; aos mancebos é especialmente confiada a cultura dos campos.

Tal é a docilidade dos filhos para com seus paes que raras vezes algum se atreverá a requestar uma rapariga, sem que obtenha o seu consentimento. Ordinariamente nos bailes campestres, que têem logar junto das igrejas, á saida da missa, é que se travam as relações amorosas

As nupcias celebram-se quasi sempre em dia de Santa Catharina. Outo dias antes da ceremonia, dous *zazivachi*, ou amigos do noivo, vão a cavallo avisar os convidados. Por parte da noiva fazem-se iguaes convites.

Na vespera do casamento, os principaes *szvati*, ou convidados do noivo, vão com este a casa da noiva, onde se occupam em preparar, com o auxilio das amigas d'aquella, o chapeu, ou corôa nupcial. A sua chegada é annunciada por uma descarga de fuzilaria.

No dia seguinte os *szvati* reunem-se a cavallo diante da casa do noivo, precedidos do *zastarink*, ou porta-estandarte, e de outros individuos que têem de desempenhar especiaes funcções. Se a casa da noiva é longe, de espaço a espaço fazem alto, reunindo-se, em circulo para comerem e beberem! Assim que se está proximo, um dos cavalleiros toma a dianteira, e leva á futura um lenço de seda branca, a que chamam *marama*. Ella não o acceita; e o embaixador volta, e o reparte por todos os companheiros, que ainda outra vez se reunem em circulo, e se põem a comer, dando-se por esta occasião muitos tiros de espingarda e pistolla.

Chegados á habitação da noiva, as amigas d'esta espetam na lança da bandeira do zastavink uma maçã, envolvida em uma corôa de flores. Depois d'isto os noivos ajoelham, para receberem a benção de seus paes. Em seguida toda a comitiva dirige-se á igreja. Então apeiam-se todos, menos dous homens, que são encarregados durante a ceremonia de segurar a bandeira, e os cavallos dos companheiros.

Assim que chega á sua nova casa, a desposada, para divertir as creanças, atira-lhes com uma porção de nozes e figos, sendo a ultima a apeiar-se: é-lhe porém permittido, querendo, usar do direito que lhe assiste de ajudar a apeiar-se o pae de seu marido. Depois abraça-o, assim como a todos os outros parentes.

Findo o jantar dansa-se. N'outro tempo executava-se em seguida a dansa das espadas, costume que foi abolido pelas desgraças que occasionava.

Á meia noute a kumi conduz ao leito nupcial os recemcasados. A noiva ajoelha diante d'ella, e ao mesmo tempo seu esposo tira-lhe a corôa da cabeça. Praticada esta ceremonia, a kumi retira-se, bem como as amigas da noiva.

No dia seguinte a noiva deve ser a primeira a levantar-se, para arranjar as casas, e pôr a meza. Depois, acompanhada dos *szvati* e do porta-estandarte, vae buscar agua fresca para lavar as mãos dos convidados.

Recomeçam immediatamente os festejos, que duram pelo menos dous dias, e quasi sempre se prolongam por outo.

As ceremonias que se usam nos baptisados dos filhos apresentam pouca novidade; e por isso passaremos ás que têem logar quando algum croata fallece.

Logo que a morte se verifica, o cura do districto é immediatamente advertido, afim de mandar dobrar todos os sinos. Esta formalidade é, no seu entender, indispensavel para salvação da alma, e para que saia mais depressa do purgatorio. Entretanto lavam o defuncto, amortalham-o, e deitam-o em cima de um tabuão; pondo-lhe nas mãos uma cruz singela, se era catholico, e dobrada, se pertencia ao rito grego. Depois vem os mais proximos parentes para em torno do cadaver, abraçando-o, e pranteando a sua perda. Um dos chefes de familia (porque, como já dissemos, em cada casa ha muitas vezes reunidas tres e quatro familias) pronuncia uma especie de oração funebre. Os amigos do morto pedem tambem a palavra cada um por sua vez, e com voz lugubre celebram as suas façanhas, ou as boas acções que praticára em vida. Seguidamente perguntam-lhe porque tão cedo abandonou sua mulher, seus filhos, seus amigos e seus camaradas; o que hão de fazer sua mulher e seus filhos, que não têem agora quem os sustente e proteja; como é que os seus camaradas hão de ir sem elle á caça e á guerra, etc.

A familia do morto vem então despedir-se d'elle, e é esta a parte mais tocante de todo o ceremonial. Finalmente chega o sacerdote, e logo que este apparece faz-se o mais profundo silencio. Recitadas algumas orações, o cadaver é mettido no caixão, sendo préviamente abraçado pelos assistentes, e conduzido á igreja proxima com o rosto descoberto. Os parentes abrem o cortejo, seguem-se as mulheres, e atraz os amigos. As mulheres vão, durante o transito, carpindo-se e celebrando, por entre prantos, nem sempre sinceros, as virtudes do defuncto.

Terminado o officio os concorrentes dão no morto o ultimo osculo; e fecha-se o caixão, que é então levado ao coval.

O mais extraordinario porém é que em quanto se preenchem os deveres funebres, em casa do fallecido se prepara lauto banquete para os proximos parentes, que muitas vezes, talvez para se esquecerem da perda que experimentaram, ou mitigarem o seu desgosto e a sua dôr, se embriagam completamente!

O trajar dos croatas das terras chãs é assás aceiado, e até elegante. Os homens usam o cabello curto; e os que se destinam á vida militar o penteam em tranças. Todos têem bigode. Trazem na cabeça um barrete escuro; e vestem, como os hungaros, uma pequena tunica.

As mulheres atam o cabello atraz, e em vez de toucado arranjam na cabeça com certa graça um lenço vermelho listado de branco. Usam camizola azul, saia de lã pardacenta, avental branco, e botinhas de couro amarello. A gravura representa uma mulher croata, vestida do modo que acabâmos de indicar.

No proximo numero daremos uma idéa da organisação da Croacia, militarmente considerada.

Bons exteriores com mau interior são hypocrisias; e este é o peccado que Deus mais aborrece, mais abomina, menos perdoa, e mais condemna.

A ESTATUA DE ESTANHO.

ROMANCE

I.

Os nevoeiros da tarde começavam de descer sobre os campos do condado de Mid-Lothian; via-se ao longe o mar allumiado pelos raios do sol poente, e ouviam-se a espaços echoar os buzios dos pastores, annunciando a volta dos rebanhos aos curraes.

A derradeira luta travada entre os partidarios de Eduardo e os de Cromwell, terminára com o desbarato do primeiro, deixando por toda a parte eloquentes e lugubres vestigios.

Casas queimadas, arvores cortadas, campos assolados, revelavam, aqui e além, a presença de um acampamento.

A maior parte das pessoas notaveis do condado, compromettidas no partido de Eduardo, ou se tinham visto obrigadas a homiziar-se, ou a fugir: assim pois os castellos e os solares achavam-se quasi totalmente desertos.

As mesmas estradas pareciam abandonadas; apenas de vez em quando passava um camponeo, regressando ao seu casal; ou alguns mercadores, tendo-se demorado mais do que lhes convinha, apressavam a marcha dos seus ronceiros vehiculos.

Entretanto um cavalleiro vinha de avistar-se na pequena planura que domina aquella parte do condado. Seguia um caminho, pouco frequentado, e meio obstruido pelas silvas, que o enredavam; mas o cavalleiro, que era ainda moço, parecia conhecer perfeitamente o terreno.

O fato que vestia era de panno verde de Lincoln, realmente muito bonito... em novo; mas agora mosqueado de nodoas e redes. Pendia-lhe dos hombros um capote de grosseira tela usada nas montanhas; os arreios do cavallo, outr'ora elegantes, como o fato de seu amo, denunciavam largo e aturado uso. Todavia, através d'essa especie de farrapos, que não deixavam duvida alguma sobre uma desastrosa mudança de fortuna, cavallo e cavalleiro conservavam certo ar de fidalguia, que não deixava confundil-os com quem quer que fosse, nem tão pouco consentia que se formasse d'elles desfavoravel opinião. Ambos evidentemente se sujeitavam resignados ao infortunio, sem renunciar á esperança de melhor porvir.

Chegando ao alto da encosta, o viajante lançou os olhos em torno, como quem procura um tecto conhecido. As suas vistas fixaram-se em uma casa de bella apparencia, que d'ali se descobria sobre a direita, cercada de bosques e de campos cultivados. As janellas estavam fechadas, como na maior parte das residencias convisinhas, e nem sombra de fumo se escapava das esguias chaminés. Este abandono pareceu alegrar o cavalleiro; apeiou-se, e segurando o cavallo pela redea, tomou por um atalho, e foi ter á morada do caseiro. Ahi parou novamente para prender o cavallo a uma arvore, atravessou cautelosamente um pequeno pateo deserto, e aproximou-se de uma janella, por onde podia observar o que se passava lá dentro.

Uma mulher já velha parecia entretida a cosinhar a ceia junto da chaminé. A pouca distancia estava o caseiro, amolando as compridas tesouras destinadas á tosquia dos carneiros. Depois de se certificar de que estavam sós, o viajante empurrou a porta, e entrou.

Á bulha dos seus passos, o caseiro voltou-se; mas como a escuridão não lhe permittisse ao principio conhecer o recemchegado, perguntou:

—Quem está ahi?

—Boas tardes, João Stamps, respondeu galhofeiramente o estranho.

A velha estremeceu ao ouvir-lhe a voz; levantou-se muito depressa, e como a claridade do lume, até então por ella encoberto, desse de chapa no recemvindo, conheceu-o logo, e bradou com as mãos postas:

—Ai! que é o nosso querido patrão!

—Sir Ricardo! repetiu o caseiro, erguendo-se tambem.

—É o nome que recebi de meu pae, Stamps, replicou o mancebo; mas na actualidade não convem que o profiras tão alto; e se algum amigo de Cromwell te ouvisse, Izabel, tratava logo de preparar a agulha para me cozer n'algum sacco de ruim sarapilheira.

—Santa Maria, mãe de Deus! não falle assim, senhor! redarguiu a caseira; e tu, João, fecha a porta, para que o nosso patrão possa descansar seguro, e comer á sua vontade.

—Olha, João, primeiro vae tratar do meu cavallo, tornou Ricardo; deixei-o prezo ao loureiro lá em baixo; uma pouca de cevada não lhe faria mal. Bem sabes que a vida de um cavalleiro está nas pernas do seu cavallo, principalmente quando tem de fugir, como eu.

O caseiro saíu prompto, e Izabel, puxando do pé do lar um escabello, obrigou o viajante a sentar-se. Depois aproximou-se d'elle para o ver melhor á claridade do lume, e correndo-lhe commovida a mão pela testa, disse:

—Santo Deus! e parece isto aquella creança que eu criei com o meu leite, e que todos apontavam como o rapaz mais formoso e mais esbelto de todo o condado? Vejam o que faz a guerra! Agora affigura-se um mendigo, com o fato roto, e desbotado das soalheiras e das chuvas!... É uma cousa que me custa muito, meu Ricardinho, vel-o assim; não posso conformar-me de maneira nenhuma, tão certo como eu ser christã!

—Ora vamos, deixemos tristezas, que não são pa-

ra agora! disse o moço lord, sorrindo para a sua ama de leite. A sorte favoreceu os cabeças-redondas; oh! mas aos cavalleiros tambem ha de chegar a sua vez! O que importa até então é livrar o pescoço das colleiras de linho; isto é o que eu conto fazer, tratando de fugir para bem longe, logo que houver concluido o negocio que aqui me trouxe.

—Fugir para longe! repetiu a velha. Com que então elles expulsaram o meu querido filho da terra em que nasceu, e onde jazem os seus antepassados?! Ah! Deus ha de castigal-os. Cá por mim protesto que nunca lhes hei de perdoar o mal, e os incommodos que fizerem passar a meu senhor e amo!

—Toma sentido, replicou o mancebo, com uma intonação, em que, através da ironia, se revelava mal disfarçado despeito; toma sentido, Izabel, não me dês um nome a que não tenho direito já! Ignoras que o dominio de Lennark foi entregue pelo protector a meu digno tio, sir Williams Croffort?

A velha encolheu os hombros, e redarguiu:

—Ah! bem tem custado isso áquelles que vos amam, e ao vosso sangue. Que sir Williams combatesse em partido differente d'aquelle em que se allistou o filho de seu irmão, emfim não admira; são cousas d'este tempo! Mas que se enriquecesse com os seus despojos, elle que tem uma tão grande alma; e de mais a mais sendo sua filha vossa promettida esposa, isso é que eu, por mais que diligenceie, não posso entender! Olhe, sir Ricardo, aqui ha cousa escondida, e muito escondida, seja o que fôr!

O joven cavalleiro não respondeu. Continuou com os olhos fitos no brazido, embalado por vago meditar. O semblante, ora se lhe illuminava de satisfação, ora parecia toldar-se-lhe das sombras da duvida e da desesperança. Afim ergueu a cabeça, e perguntou em voz baixa, e quasi com certo acanhamento, se sua prima Helena tinha vindo a Lennark, desde que o castello pertencia a sir Williams.

—Muitas vezes, com o pae, tornou Isabel; e sempre perguntam se tendes apparecido por aqui. Supponho mesmo que vos mandaram procurar no Haddington, onde julgavam que estaveis escondido: mas qual era a sua tenção? Só Deus o sabe. O conteiro velho quiz-nos metter em cabeça que era para serdes prezo, e entregue aos cabeças-redondas; porque a herança dos mortos sempre está mais segura do que a dos vivos. Se assim foi a sua alma o pagará! Eu porém não o acreditarei sem provas!

O mancebo pareceu não querer ouvir mais. Quaesquer que fossem os motivos de resentimento que tivesse contra sir Williams Croffort, as reminiscencias do ardente affecto que consagrára a sua prima Helena, contrabalançavam a lembrança da recente injustiça; e por isso cortando o dialogo, que tão dolorosas recordações lhe suscitava, perguntou a João, que n'aquelle momento chegava, onde poderia passar a noute com segurança.

O castello era o unico logar que estava a coberto da curiosidade dos moços do campo. Stamps tinha em seu poder as chaves: já se vê que, a não ser por intervenção do caseiro, ninguem podia ir ao castello, que se conservava completamente deshabitado; assim sir Ricardo não tinha que temer nem indiscrição, nem surpreza.

Foi bem forte a commoção com que o fugitivo atravessou aquelles aposentos tão cheios de recordações da sua infancia, e da sua nubilidade, e que não via ha tantos annos. O novo proprietario, sir Williams Croffort, mudára um pouco as disposições interiores e a mobilia. O mancebo correu as salas renovadas, sem querer fixar-se em nenhuma; e escolheu uma casa grande, que por ter compridas parteleiras junto das paredes, e n'ellas alguns livros roidos de traça, havia sido condecorada com o titulo pomposo de bibliotheca: mas na realidade a bibliotheca de Lennark era uma especie de guarda roupa, para onde se conduzira toda a mobilia primitiva. Existiam ali immensas poltronas estofadas, arcas de carvalho esculpido, antigas porcelanas, e um grande leito de columnas em espiral, sobre as quaes descansava um baldaquino guarnecido de sarja bordada. Ricardo mirava, attento e quasi enternecido, aquelles objectos, que estavam, pela maior parte, ligados a successos dos seus primeiros annos, quando ao reparar em uma grande estatua de estanho, collocada ao canto da bibliotheca, exclamou:

—Pela minha vida! aquella é a fada de prata!

Stamps levou respeitosamente a mão á testa como para simular uma saudação, e respondeu, abaixando a voz:

—Não ha duvida, milord, é a fada de prata; sir Williams foi quem a mandou para esta casa. Elle põe-se a rir quando lhe fallam nas grandes finezas que os Lennark lhe devem. Mas, se não me engano, a sua presença aqui é de bom agouro para milord; e estou bem certo que a fada não o ha de abandonar no infortunio.

Ricardo sorriu-se. A crença no poder occulto da mysteriosa imagem era tradicional em Lennark: contavam-se mil historias dos milagres operados por esta estatua, de que ninguem sabia a origem. De resto todas as casas nobres em Escocia tinham tambem sua protectora particular (meio termo entre santa e fada) a quem se attribuia a honra de cada acontecimento venturoso, e que a superstição popular considerava como padroeira especial.

Entretanto sir Ricardo estava muito fatigado para prolongar a conversa a similhante respeito. Declarou a Stamps que tinha mais somno, que vontade de comer; sem lhe dar tempo a compor a roupa, atirou-se para cima da cama, mesmo de botas e esporas; e depois de recommendar pela ultima vez o seu cavallo ao caseiro, deitou a cabeça no travesseiro, fechou os olhos, e adormeceu profundamente.

João retirou-se, resolvendo voltar depois dos moços estarem deitados; fechou as portas cuidadosamente, e dirigiu-se para casa.

Continúa.

OS VERDADEIROS RICOS.

Quem são os ricos n'este mundo? Os que têem muito? Não; porque quem tem muito, deseja mais, e quem deseja mais, falta-lhe o que deseja, e essa falta o faz pobre.

Houve n'este mundo um homem, diz Seneca, que depois de ter tudo, ainda desejou mais. Este declarou elle que foi Alexandre, mas com encarecimento falso, porque Alexandre nunca foi senhor de tudo. O senhor de tudo só foi Adão. Mas esse tambem o perdeu a sua pobreza, porque tendo tudo, ainda quiz mais do que tinha. De maneira que não é rico quem tem muito, ainda que seja tudo.

Pois quem é o verdadeiro rico? Aquelle que não quer nada, porque nenhuma cousa lhe falta. E esta é a verdadeira riqueza, com que Christo nos enriqueceu com a sua pobreza, ensinando-nos a não querer nada, como elle o não quiz.

CAUSAS DA COLORAÇÃO DOS MARES.

Pelas observações do sr. Ehrenberg, e pelas mais recentes ainda dos srs. Evenor Dupont e Montagne, verificou-se que as aguas do mar Roxo ou Vermelho se apresentam, em certas epochas do anno, coradas de vermelho por effeito do desenvolvimento, em quantidade prodigiosa, de algas microscopicas pertencentes a uma especie, que o primeiro d'estes sabios descreveu sob a denominação de *Trichodesmium erythraeum*.

Estas observações para assim dizer explicam-nos a coloração accidental das aguas do mar.

O sr. Mollien observou o anno passado (1853) que o mar da China apresentava em mui grande extensão as côres vermelha e amarella; e que este phenomeno se apresentava, não em continuidade, mas como em grandes manchas, separadas outras das outras por intervallos transparentes.

A côr vermelha predomina n'aquella parte do mar que mais propriamente se chama mar da China (Han-Hai), na que banha as costas da parte meridional da China áquem da ilha Formosa; em quanto que a côr amarella predomina ao norte da ilha, na parte que se conhece sob o nome de mar Amarello (Hong-Hai). A causa d'este phenomeno era desconhecida.

O sr. Mollien trouxe para França uma porção de agua corada, que havia recolhido n'um ponto em que o mar estava vermelho, durante o mez de setembro de 1854. Esta agua depuzera um sedimento de côr pardacenta que o sr. Dareste submetteu á observação microscopica, reconhecendo, depois do mais escrupuloso exame, que esse sedimento não continha particulas terreas, e que era formado unicamente pela aggregação de pequenas algas, quasi microscopicas, e mais ou menos alteradas, mas não tanto que o auctor as não pudesse reconhecer, e certificar que pertenciam á mesma especie que Ehrenberg descobrira no mar Vermelho. O sr. Montagne, auctoridade do maior pezo no ponto sujeito, confirmou a opinião indicada. Este ultimo recebeu, ha annos, exemplares da mesma alga, que lhe foram enviados de Ceylão pelo sr. *Thwaites*.

Assim pois o *trichodesmium erythraeum* encontra-se em quasi toda a extensão do mar do sul desde a Africa até á China; e esta pequena planta microscopica é uma das que occupam mais larga superficie no globo.

Tal é evidentemente a causa da côr vermelha acima mencionada. Será ella igualmente a causa da côr amarellenta que apresentam as aguas, sobre tudo ao norte da ilha Formosa? É possivel que assim seja, attenta a variabilidade de côr das algas. Entretanto não podemos ainda, por meio de observações directas e irrecusaveis, decidir esta questão interessante.

ECONOMIA DOMESTICA.

Composição de uma tinta similhante á da China.— Tomem-se seis partes de colla de peixe, que se dissolvem no dobro do seu pezo de agua a ferver; faz-se igualmente dissolver em duas partes de agua uma parte de succo de alcacuz; misturam-se as duas composições, e encorpora-se-lhe pouco a pouco, e por meio de espatula, uma parte de bom pó de marfim queimado. Effectuada a mistura, aquece-se a banho-maria, para lhe evaporar toda a agua.

Pode dar-se á massa, que é o resultado d'estas differentes operações, a forma que se julgar mais conveniente. A côr e a bondade d'esta tinta são comparaveis á melhor da China.

Receita de excellente tinta preta.—Quatro onças de pau de campeche, duas libras de noz de galha, doze canadas de agua de fonte fria. Ponham-se de infusão estas substancias em um vaso de grés por espaço de seis semanas. Accrescentem-se-lhes depois 6 onças de gomma arabica, 300 grammas de sulfato de ferro, 20 grammas de sulfato de cobre, e 6 onças de assucar candi igualmente em pó. Deixem-se ainda em infusão por espaço de quinze dias, tendo o cuidado de vascolejar de vez em quando; depois filtre-se, e engarrafe-se. Esta receita é de mr. Desert, mui acreditado fabricante de París.

Outra receita de tinta.—Tomem-se 50 litros de decocção de pau de campeche, e 500 grammas de chromato de potassa. Faça-se ferver o pau de campeche em quantidade de agua sufficiente para que uma decocção de 22 arrateis de pau produza 80 litros de liquido. Quando este liquido houver esfriado, junte-se-lhe o chromato de potassa, vascolejando-se com força. Esta tinta pode immediatamente empregar-se, e assevera o auctor que não oxyda as pennas metalicas, é inalteravel pelos acidos e pela agua, e não deposita sedimento ou pé algum.

BIBLIOGRAPHIA.

EUGENIO, ROMANCE MARITIMO POR F. M. BORDALO. 1854. 1 VOL. 8.°

Sendo os portuguezes naturalmente affeiçoados á profissão maritima, sendo as nossas chronicas navaes tão ricas de formosos episodios, e comprehendendo-se, para assim dizer, na historia da marinha portugueza os mais gloriosos fastos da nossa existencia politica, é para estranhar e sentir que o genero de litteratura, cultivado com tanta honra e lustre por Cooper e Marryat, nos estados-unidos e na Gran-Bretanha, mereça entre nós quasi que inteiro desprezo.

É realmente deploravel este facto, porque os prodigiosos descobrimentos, conquistas e explorações dos portuguezes, em diversas partes do mundo, offereciam, e offerecem ao que tentar com perseverança nacionalisar um genero tão aprazivel das boas-letras, como é o romance maritimo, o mais vasto e brilhante theatro.

O Eugenio, é até certo ponto, uma excepção á regra que observâmos, e um excellente ensaio, promettedor de mais acabadas composições

Impresso em 1846 no Rio de Janeiro, além de sair com grande copia de erros, devidos á impericia dos typographos, mui poucos exemplares haviam d'elle chegado á Europa.

A presente edição pode pois considerar-se um livro novo para Portugal, não só pelo motivo que apontamos, como pelas importantes e numerosas correcções, feitas com severo escrupulo pelo auctor no primitivo original.

Encerrados nas acanhadas proporções de um annuncio bibliographico, e constrangidos pelas circumstancias especiaes d'este semanario em relação ao sr. Bordalo, limitâmo-nos a recommendar o *Eugenio*; e folgaremos que o publico receba este mimoso livro com a acceitação que julgâmos sinceramente merecer; o que será de certo mais um incentivo para que o auctor não esmoreça no caminho encetado, e se anime a dotar as letras de outras obras igualmente dignas do seu elevado engenho.

Vende-se nas lojas do costume por 480 réis.

HESPANHA — CIDADE DE ELCHE.

O viajante que, dirigindo-se de Alicante para Murcia ou Carthagena, tem de atravessar um territorio em geral pouco accidentado, monotono e desaprazivel, debaixo de um sol abrazador, e sobre vehiculos pouco elegantes e incommodos, fica agradavelmente surprehendido, quando, ao aproximar-se da cidade de Elche a paizagem lhe offerece um aspecto original. Grandes matas de palmeiras povoam a campina e as encostas adjacentes; enormes cateiros e aloës guarnecem os vallados. Faltam apenas as caravanas e os camellos para que o forasteiro se julgue transportado ao Egypto; porque até as casas têem, em vez de telhados, terraços como nas cidades de Africa.

Se não fosse esta singularidade de sua situação talvez que Elche (*Illici*), posto que no tempo dos romanos gosasse das preeminencias de colonia, pouca attenção merecesse ao estrangeiro.

Não quer isto dizer que esta cidade seja em todo o ponto insignificante: por quanto Elche conta nada menos de 15:000 habitantes, distribuidos por 2:700 fogos. Tem algumas ruas e praças espaçosas e regulares, com soffrivel casaria, e seis fontes, das quaes uma é de marmore, jorrando a agua por vinte bicas.

Contam-se alem d'isso na mesma cidade tres igrejas parochiaes, dous conventos de frades (hoje desertos), um convento de freiras, e um hospital. De todas as igrejas a mais notavel é a de Santa Maria, cujo portal, fabricado de boa pedra, se distingue pela sua architectura caprichosa. A ponte, que o estampa representa, formada de dous robustos arcos, é uma obra segura, e não destituida de graça. Na praça de Santa Luiza encontram-se algumas inscripções antigas.

O trafego commercial da cidade de Elche é pouco importante: todavia exporta consideravel porção de tamaras, de excellente qualidade, e muita obra de palma.

NAVEGADORES ESTRANGEIROS.

I.

COLON. — CABOT. — VESPUCIO.

Acabando de resumir em um pequeno quadro as façanhas navaes dos portuguezes, vamos compilar em outra serie de artigos as arriscadas emprezas dos mais ousados navegadores estrangeiros, completando assim um estudo maritimo universal, nos limites de que uma folha periodica dispõe.

Depois das navegações, em grande parte duvidosas, dos escandinavos nos mares do norte, e das explorações dos portuguezes em volta do continente africano, a primeira façanha maritima dos tempos modernos, que a historia aponta, é a descoberta da America por Christovão Colon ou Colombo, genovez ao serviço de Castella.

Nenhum descobrimento importante foi ainda objecto de tão grande controversia como este. A honra de descobrir o novo mundo tem sido disputada a Colombo desde o seculo mesmo da empreza; e a inveja, que perseguiu tenazmente o ousado navegador durante a vida, tem por centenares de annos calumniado a sua memoria.

Quanto a nós, o grande erro em que laboram, tanto os cegos detractores de Colombo, como os seus enthusiasticos apologistas, é julgarem que elle *adivinhou* a existencia de um novo mundo. Colon era um espirito superior, um navegante destemido, conhecia a rotundidade do globo, suspeitava a existencia de antipodas, mas não saiu de Hespanha em busca de um novo continente, nem de ilhas desconhecidas; ía demandar a India pela costa occidental; foi a India que julgou descobrir quando na sua terceira viagem aporton ao continente da America; *India occidental* lhe chamou Colombo, e ainda hoje é vulgar essa denominação, e aos indigenas americanos se dá o nome de *indios*. Suppunha elle que a Asia se estendia muito mais para o oriente, e que ainda assim o mundo não era tão grande como depois se verificou. A America, estendendo-se quasi de polo a polo, foi um estorvo áquelle novo caminho da India, que o genovez cria ser mais breve do que dando volta ao cabo da Boa Esperança. Os hespanhoes desdenhavam a America, d'onde não tiravam as riquezas que os portuguezes achavam na Asia; por isso o proprio Colombo, e depois Cabot, Vespucio, Côrte-Real, Magalhães, e tantos outros diligenciaram expressamente achar uma passagem, atravez do novo continente, para as terras maravilhosas que Marco Polo descrevêra. Colon, descobrindo a *Hespanhola*, julgava avistar a ilha de *Cypango*, do nobre veneziano, e abordando á *Terra firme*, suppunha estar na *Tartaria*.

Nada d'isto, porém, diminue a gloria do ousado piloto, do profundo geographo, que tirou da configuração do globo a sabia conclusão de que devia haver terra e homens d'aquelle lado do oceano, embora, como dissemos, julgando mais acanhado o mundo, mas dando maiores proporções á Asia, pensasse encontrar a contra-costa do velho continente.

Diz-se que Colombo residiu por algum tempo na Islandia; e como parece fóra de duvida que os navegadores d'este paiz tiveram antigo conhecimento do norte da America, suspeitam muitos que elle adquiriu ali a certeza de que existia um novo mundo. Ha mesmo quem diga que o piloto portuguez Sanches, parente dá mulher de Colon, lhe confiára a noticia de uma terra que descobríra ao occidente, desgarrando-se dos Açores em consequencia de um temporal; o que era possivel, pois se Colon não descobre a America em 1492, logo passados outo annos, e por mero acaso, Cabral a tinha desencantado. Os Côrtes-Reaes, Cabot, e Vespucio, cada um por sua parte, disputam a Colon a gloria de haver tocado primeiro no continente americano, mas o que nenhum d'elles lhe pode contestar é, que foi o primeiro homem que saiu da Europa em busca de terras pelo rumo do occidente, e que cumpriu a promessa que fizera. Foram as Antilhas que achou, em vez do Japão que buscava, mas se não estivesse no caminho a desconhecida America, teria aportado ás ilhas da Oceania, ou da China. Ainda que os islandezes, e depois Côrte-Real e Homem houvessem visitado a parte septentrional da America, estas expedições nada quitam á gloria de Colombo; porque o figure foi demandar a terra muito mais ao sul, e nas viagens posteriores á descoberta ainda se apartou mais para o austro, isto é, em direcção contraria á que elles seguiram. A *adivinhação* de um novo mundo parece-nos só propria para thema de uma epopéa; não cabe nos limites da historia. Como assumpto epico não ha nenhum outro, dos tempos modernos, que possa emparelhar com elle; infelizmente os poemas que temos visto sobre o objecto estão todos abaixo da grandeza da acção. Possuimos inedita uma epopéa portugueza, intitulada *O Novo Mundo*, cujo auctor morreu desastrosamente sem lhe passar a ultima lima; são dez cantos em oitava rima. Como amostra do poema eis a estancia com que abre:

Eu canto o genovez, e a grande empreza
Que este heroe immortal tenta animoso,
Commettendo com placida firmeza
Novo caminho aos homens duvidoso:
Acção pasmosa e d'alta fortaleza,
Que faz eterno o nome glorioso
D'aquelle, que sulcando o mar profundo,
Deu ao mundo vetusto um novo mundo.

Não trataremos porém de poesia, nem de suppor, como diz Schiller, que Colon houvesse sonhado a existencia da America, e que Deus fizesse saír das aguas esta nova terra para que o genio não ficasse por mentiroso; não: vamos seguir o intelligente navegador em suas atrevidas expedições, tão gloriosas como pouco lucrativas para elle.

Colombo nasceu perto de Genova, em 1447. (1) Desde a infancia manifestou a mais decidida vocação pela vida do mar. Aos quatorze annos começou a embarcar, e aos quinze já commandava um navio de commercio no Mediterraneo. Em 1474 foi capitão-mór da armada genoveza, que esteve ao serviço de Luiz XI de França contra a Hespanha, contra esse mesmo paiz que, alguns annos depois, receberia d'elle um novo mundo! Mais tarde, combatendo contra uma embarcação veneziana, pegou o fogo em ambos os navios, e Colombo salvou-se a nado, alcançando a costa de Portugal. É a essa catastrophe que o genovez deveu a sua futura gloria.

Admittido no circulo dos intelligentes e ousados navegadores portuguezes, tidos então na conta dos mais habeis e atrevidos do mundo, (2) Christovão discutia com elles a possibilidade de encontrar um caminho que conduzisse directamente á India, sem dar a trabalhosa volta d'Africa. Tendo casado com a filha de Bartholomeu Perestrello, um dos descobridores da Madeira, passou áquella ilha, e ajudado pelos roteiros de seu sogro, começou a navegar para as Canarias, Açores e Guiné, augmentando a fortuna e os conhecimentos nauticos. Pedro Torrea, parente de sua mulher, lhe contou que havia encontrado a oeste de Porto Santo um madeiro trabalhado por mãos de homem, e outros navegantes disseram igualmente ter achado no mar pedaços de arvores desconhecidas, arrojadas por ventos de oeste. Estas observações fortificaram as suas conjecturas de que não devia estar muito longe a terra occidental, que contrapezasse o mundo conhecido, e que essa terra era a continuação da India, seguindo assim a opinião de Ctesias, Onesicrito, Plinio o naturalista, e outros antigos, que lhe assignavam uma extensão fabulosa, e ainda a de Marco Polo, que viajou pela Asia no seculo XIII, e que confirma aquellas exagerações, des-

(1) *Vida de Colon*, por seu filho D. Fernando. Amati: notas á *Historia da America* por W. Robertson. Mr. Hombron assigna a este nascimento a data de 1435 ou 1436. Outros finalmente referem-n'o ao anno 1441.

(2) Campe: *Historia do descobrimento da America*.

crevendo pomposamente o Cathay, Cypango, e tantos outros paizes desconhecidos na Europa. (1) Colombo dirigiu-se a Florença, e consultou sobre o objecto o sabio medico Polo, que ainda mais o animou para tentar o novo caminho da India; d'ahi, tendo rejeitado as suas propostas o senado de Genova, e a côrte de Lisboa, que o tomaram por um visionario, dirigiu-se a Fernando e Isabel, e com a tenacidade do homem emprehendedor, alcançou que lhe dessem tres pequenos barcos para se aventurar no oceano, tendo soffrido previamente grande numero de contrariedades.

A 3 de agosto de 1492 saíu de Palos a esquadrilha. O novo almirante e vice-rei de todos os mares e terras que descobrisse, embarcou na *Santa Maria*, barco sem coberta, que apenas á prôa e á popa tinha dous castellos onde se recolhesse a gente, e cujo *porte* não excedia a cem toneladas; o resto da expedição constava de duas embarcações ainda mais pequenas; a *Pinta*, que era commandada por Martim Pinzon, levando por piloto seu irmão Francisco Pinzon; e a *Ninha*, capitaneada por Yanez Pinzon. Levavam mantimentos para um anno.

O caracter do verdadeiro heroe não se desmentiu um só momento em Colon, durante aquella arriscada viagem, e em presença dos obstaculos de todo o genero que teve de vencer. Logo á saída das Canarias começou a sua gente a desanimar: eram ao todo noventa homens, se tanto, e só a impassibilidade do almirante pôde conseguir que fossem adiante. Impellidos pelo vento de leste, os marinheiros clamavam que lhes seria impossivel voltar á Hespanha se aquella direcção se não mudava nunca; assustados com a variação da agulha, seu quasi unico governo, julgavam correr para um abysmo certo e terrivel: por fim revoltaram-se decididamente, e tentaram pela força obrigar Colon a virar na volta da Europa, ou lançal-o ao mar. O heroe teve de ceder, mas alcançou dos amotinados que ainda o seguissem por mais tres dias, e que não apparecendo terra durante esse intervallo, abandonariam a empreza, e voltariam a Hespanha. (2) Colon confiava nos signaes da proximidade da costa, que foram pouco a pouco augmentando: passaros, arvores, e até a sonda achando fundo, lhe indicavam o exito feliz da empreza. Finalmente, ás dez horas da noute de 11 de outubro, distinguiram uma luz pela prôa, e pouco depois da meia noute gritaram de bordo da *Pinta*, que ía adiante: *Terra! terra!*

Que se figure a alegria de Colon e a confusão d'aquelles homens incredulos! Tinham diante de si uma ilha verdejante, como lhes promettêra o genovez; e ainda ignoravam, o que mais era, que a sua ousadia vinha de dotar a humanidade com um novo mundo, tão grande como o antigo!

Ao nascer do sol desembarcou aquelle punhado de aventureiros, ao som de musica guerreira, e com todo o apparato militar, diante dos indigenas admirados. Colon foi o primeiro europeu que pizou o novo mundo que acabava de descobrir. Todos beijaram aquella terra, pela qual tanto haviam suspirado; alçaram um crucifixo para darem graças a Deus do resultado da viagem, e tomaram posse do paiz pela corôa de Castella e de Leão, com todas as formalidades que os portuguezes costumavam observar em seus descobrimentos (3).

(1) Robertson. *Historia da America*.
(2) [illegible] *Hist. [illegible]*.
(3) D. Fernando Colon. *Historia* [illegible] Robertson. *Hist. da America*.

Mal pensavam os reis catholicos, n'esse momento, a tantas leguas de distancia, que alguns hespanhoes capitaneados por um aventureiro da Liguria, os estavam saudando senhores de tão ricas plagas, sobre a formosa ilha de S. Salvador!

O almirante pensou que esta era uma das ilhas situadas pelos geographos no vasto oceano indico, o que se vê dos seus proprios escriptos: seguiu descobrindo outras ilhas, e procurando sempre aonde haveria ouro, chegou a Porto Rico e a Cuba, depois ao Haity, a que deu o nome de *Hespanhola*. Posto que acreditasse estar muito perto do Cathay, descripto por Marco Polo, resolveu voltar á Europa em janeiro de 1493; e, passando incriveis trabalhos no mar, chegou á ilha de Santa Maria, uma dos Açores; entrou depois no Tejo, aonde foi muito bem recebido por el-rei de Portugal; e fundeou novamente em *Palos de muguer* a 15 de março, com sete mezes e onze dias de viagem.

Fernando e Isabel deram o nome de *Indias* ás regiões que vinham de ser descobertas, e concederam a Colon o titulo de vice-rei, hereditario na sua familia.

Pouco depois tornou o almirante a partir de Hespanha, com uma esquadra de 17 navios; e descobriu as ilhas Caraibes e a Jamaica. Na volta para a Europa tentou uma nova derrota, que lhe prolongou muito a viagem, reduzindo-o e á sua gente ao ultimo extremo, e ao perigo de morrerem de fome.

Fez terceira viagem, em 1498, navegando directamente ao sul até quasi ao equador, e d'ahi aproando a oeste, ainda com o projecto de encontrar a desejada passagem para as Indias orientaes, descobriu a ilha da Trindade, e depois a foz do Orinoco, e a costa conhecida actualmente com os nomes de Paria e Cumaná.

Ojeda, um dos hespanhoes que acompanharam Colombo na sua segunda viagem, aproveitou em 1499, a nova derrota do genovez, e seguido de um habil piloto florentino, chamado Americo Vespucio, percorreu a costa de Paria, sem adiantar nada na estrada dos descobrimentos. Americo, porém, na volta á Europa, escreveu a sua viagem com habilidade e elegancia, attribuindo a si a descoberta da *terra firme*, e o reconhecimento do novo continente, com o que alcançou roubar a Colon a gloria de dar o seu nome ao novo mundo. O genero humano, diz Robertson, deve lamentar-se de que esta injustiça recebesse a sancção do tempo, e que não possa ser reparada. Não se sabe, ao certo, em que anno se começou a dar o nome de America á quarta parte do mundo.

Americo Vespucio nasceu em Florença em 1451. Fez a sua primeira viagem ao novo mundo, em serviço da Hespanha, desde 20 de maio de 1497 até 15 de outubro de 1498. A 11 de maio de 1499 tornou a sair de Cadiz para o continente americano, aonde visitou as costas da Guiana e de Venezuela. Da sua terceira e quarta viagens, a soldo de Portugal, executadas entre 1501 e 1504, já fallamos em outro logar d'este semanario. (1) Americo voltou depois para o serviço de Castella, e ha quem diga que morreu na ilha Terceira, em 1514, commandando uma esquadra destinada a novas explorações no occidente, e a procurar o caminho para a India, que era tambem o pensamento favorito de Vespucio.

Ha, porém, ainda outro italiano, que disputa a estes dous a gloria de haver tocado primeiro no continente do novo mundo. É o veneziano João Cabot, ao

(1) Navegadores portuguezes V e VI

serviço da Gran-Bretanha, que, segundo o testemunho de muitos historiadores, aportou á terra de Labrador, no norte da America, em 1497.

Vamos copiar de Williams Robertson, auctor inglez, e como tal insuspeito no assumpto, algumas particularidades ácerca d'esta viagem. «Os inglezes, diz elle, que formavam o atrevido designio de seguir a esteira de Colon, não eram n'aquella epocha bastante habeis na arte de navegar para com bom resultado o executarem. As naus italianas, hespanholas e portuguezas, bem como as das cidades anseaticas, corriam os portos das mais remotas partes da Europa, em quanto os inglezes não ousavam perder de vista as suas ilhas, transportando de condado a condado, em pequenas barcas, as producções do paiz. O pavilhão de S. Jorge fluctuava raras vezes fóra dos estreitos mares que circumdam a Inglaterra, de modo que, antes do seculo XV, poucas vezes se via uma nau ingleza nos portos de Hespanha ou de Portugal, e só por meiados do seguinte seculo se atreveram os nossos navegantes a entrar no Mediterraneo. N'este estado de infancia da navegação ingleza, Henrique VII não podia confiar a seus proprios vassallos a direcção de um armamento destinado a descobrir paizes desconhecidos; deu pois o commando a João Cabot, aventureiro veneziano estabelecido em Bristol, e o auctorisou, assim como a seus tres filhos, para navegarem com pavilhão inglez, ao nordeste ou ao noroeste, em busca de regiões não occupadas por outra potencia christã (1).»

Cabot julgou que indo pelo noroeste procurar o Cathay, acharia um caminho mais curto do que aquelle que Colon diligenciava traçar pelo sudoeste; em maio de 1497 descobriu uma grande ilha, a que deu o nome de *Prima vista*, ou Terra nova, e a 24 de junho a ilha de *S. João*. Continuando a navegar para oeste tocou no continente da America, e veiu explorando a costa desde a terra de Labrador, em cincoenta e seis graus de latitude, até á Virginia, em 38, sem poder encontrar a desejada passagem para oeste. Desde a sua volta a Inglaterra não temos mais noticias de Cabot; seu filho, Sebastião, é que continuou estas viagens de descoberta. O leitor pode pois escolher o descobridor do continente americano entre o genovez, o veneziano ou o florentino, se não preferir o islandez, os nossos Côrte-Real, Homem ou Sanches... Não ha mundos para tantos descobridores!

Vamos concluir a respeito de Colombo. Ainda o velho almirante tentou quarta viagem em 1502, saindo de Cadiz no dia 9 de maio, com destino de encontrar o caminho do Oriente pelo sul da America. Compunha-se a sua frota de quatro embarcações, a maior das quaes não chegava a ser de setenta toneladas, muito roneeira, e quasi podre. Assim mesmo descobriu novas ilhas, e explorou grande parte da costa até ao golpho de Darien, buscando inutilmente a suspirada passagem, que estava reservada para Magalhães.

Christovão Colon voltou á Hespanha, e morreu em Valladolid, a 20 de maio de 1506, com cincoenta e nove annos de idade. Foi um dos maiores homens do seu seculo, e um dos primeiros navegadores do mundo.

F. M. Bordalo.

Louvar o esforço alheio é de alma nobre; é até por vezes um rigoroso dever de justiça.

(1) Hist. da America, vol. IV livro IX

OS CROATAS.

II.

No primeiro artigo demos succinta noticia dos costumes mais curiosos dos habitantes da Croacia propriamente dita. Agora forcejaremos por apresentar uma idéa, quanto ser possa, exacta da organisação politica da parte da Croacia chamada militar, organisação que não tem modêlo na Europa, nem talvez no mundo.

A Croacia militar é uma das provincias mais orientaes da Illyria; confina com a Turquia de Europa, e serve por aquelle lado de baluarte ás possessões austriacas. A proximidade de um povo, differente pelos costumes e pela religião, e sempre prestes a effectuar violentas depredações no territorio visinho, e a frequencia das molestias contagiosas na Turquia, obrigaram os croatas, desde seculos, a empunhar sempre as armas, já para se defenderem de quaesquer aggressões, já para evitarem a importação de perigosas enfermidades. D'aqui nasceu a necessidade de um regimen tão energico e severo que tivesse os croatas constantemente dispostos, e em boas condições, para combater com vantagem contra raças aliás mais numerosas, e igualmente aguerridas.

O croata deve estar prompto a pegar em armas, abandonando o lar domestico; assim este povo menos carece de magistrados que de officiaes que os saibam conduzir aos campos de batalha. O croata maneja com a mesma mão a espingarda e a charrua. Leis civis e criminaes não as conhece; para elle só existe a disciplina militar; lavra os seus campos, e executa os exercicios bellicos, á voz de commando.

A acção dos seus chefes abrange tudo; vigiam o modo de viver das familias, o emprego das riquezas, e a direcção da industria de cada um. N'uma palavra a Croacia militar parece-se com um vasto quartel, cujos habitantes não têem, e não podem ter actividade senão a que lhe communica o absoluto alvedrio dos seus superiores.

Este regimen, apesar de severo, dá aos croatas um caracter de orgulho que se não observa nos outros povos da Illyria. Intitulam-se a si proprios *homens de guerra, homens livres;* levariam muito a mal que

lhes chamassem paizanos; nem facilmente se sujeitariam á auctoridade de um homem, que não fosse militar.

A divisão politica é baseada sob idéas puramente militares; repartiram-na em seis regimentos, que correspondem a outros tantos districtos. Toda a população está allistada n'estes regimentos, porque as familias que a compõem foram primitivamente dotadas pelo soberano, que concedeu a cada uma certa quantidade de terras, em compensação do serviço pessoal que era obrigada a prestar, bem como os seus descendentes. Cada regimento comprehende cêrca de quarenta e cinco a cincoenta mil almas, repartidas por umas cem villas, aldeias ou logares, que constituem o districto de um regimento. Ha uma classe de individuos, que são burguezes, e não estão sujeitos a nenhum serviço militar; mas o seu numero é mui limitado, compondo-se apenas de estrangeiros domiciliados no paiz, ou de nobres privilegiados. Além das terras concedidas a cada familia, os regimentos receberam em bens de raiz uma dotação consideravel para supprir as despezas communs. Aquellas propriedades são inalienaveis, e nenhuma familia pode vender a porção que exceder as suas necessidades, sem licença do governo, que raras vezes se obtem.

As familias vivem reunidas, comem em commum, e vestem de pannos fabricados pelas mulheres do paiz. Cada casal tem sua cabana especial; mas os que pertencem á mesma aldeia, reunem-se ás horas da refeição. O mais velho dos homens é de ordinario o chefe e o économo d'estas familias assim reunidas, que o tratam com a maior deferencia.

Cada regimento é commandado por um coronel, que exerce ao mesmo tempo a auctoridade superior civil e militar. Reside sempre na povoação mais importante do districto, e é auxiliado nas suas funcções pelos capitães das doze companhias do regimento, que formam outros tantos districtos particulares.

Os capitães correspondem aos nossos administradores de concelho, assim como os coroneis aos governadores civis.

As companhias, que são apenas a associação de algumas aldeias, distinguem-se pelo nome da mais importante, fixando o capitão ahi residencia. Os tenentes e alferes, assim como os officiaes inferiores da companhia, estão repartidos pelas outras aldeias, onde exercem, sob a vigilancia do capitão, funcções analogas ás dos nossos regedores de parochia.

Os officiaes são juizes, no criminal como no civil. As faltas leves, pune-as immediatamente o chefe; mandando dar no delinquente vinte e cinco até cem bastonadas. Quando o delicto é mais grave, conduz-se o criminoso ao tribunal regimental, que é um verdadeiro conselho de guerra, composto do coronel, de varios officiaes, e mesmo de alguns sargentos e soldados. Este tribunal julga sem appellação todos os crimes a que não corresponde a pena de morte; e a sentença é executada logo. No caso em que tem logar a pena capital o processo é remettido a um tribunal superior, que reside em Agram, para ahi ser examinado. Se este confirma o julgamento, assim o communica ao primeiro tribunal, que manda executar a sentença; mas se a annulla, então instaura-se novo processo, sendo nomeados para esse effeito outros juizes.

Em materias civis, quaesquer contestações são elevadas ao conhecimento do tribunal da companhia, presidido pelo capitão; este tribunal decide a questão, ou remette o processo para o do regimento, caso exceda a sua alçada. A parte condemnada pode appellar para o tribunal regimental, e depois de segunda sentença é-lhe licito ainda dirigir-se ao de Agram, que julga ordinariamente em ultima instancia.

Todos os bens que pertencem aos regimentos, como terras, matas, moinhos etc, são administrados por officiaes escolhidos d'entre os do regimento, e que, por este motivo, se chamam officiaes économos. Todos os officiaes e officiaes inferiores recebem soldos, que lhes são pagos pelos fundos dos regimentos. O soldado croata esse não recebe pret, bastando-lhe para se sustentar e a sua familia o rendimento das terras que lhe são concedidas.

A Croacia militar pode em verdade considerar-se como o acampamento de um exercito sempre prestes a marchar para a guerra. A sua organisação é mui similhante á das legiões romanas, que se collocavam nas fronteiras, para as defender das invasões dos barbaros, e que recebiam do estado terras cujo producto era applicado á sustentação dos soldados e suas familias. Deve porém dizer-se que a organisação da Croacia é ainda, até certo ponto, mais severa.

Um tal regimen todavia só pode convir a povos pobres e semi-barbaros, cuja intelligencia e actividade carecem de ser dirigidas pela auctoridade dos chefes. É indubitavel tambem que similhante systema deve inutilisar toda a tentativa de aperfeiçoamento moral ou material, conservando as povoações a elle sujeitos n'um estado que não faz consideravel differença do barbarismo.

Eis, em poucas palavras, o que ha de mais interessante sobre a Croacia. Depois de 1848, epocha em que os croatas desenvolveram uma tão extraordinaria energia, a sua organisação politica foi um pouco melhorada: e é de esperar que a Austria a modifique successivamente, até a fazer entrar no direito commum.

A ESTATUA DE ESTANHO.

II.

Quando João entrou no pateo ouviu grande murmurinho de vozes. Á porta da cavallariça descobriam-se alguns vultos. De repente appareceu Isabel com uma lanterna na mão. João não póde então conter-se que não soltasse um grito de surpreza: acabava de reconhecer o velho mordomo de sir Williams.

—Por aqui, sr. Peters? exclamou o caseiro. Grande novidade temos... Deus queira que não seja triste!

—Pelo contrario, replicou o velho servo a rir; annuncio-te a chegada do patrão.

—Sir Croffort?

—Deve estar aqui dentro em poucos dias; eu vim para fazer preparar e acciar os aposentos... Dá-me as chaves do castello.

—As chaves! repetiu Stamps, um pouco perturbado. Desculpe, sr. Peters; mas, a proposito... primeiro ha de precisar comer alguma cousa.

—Nada, nada; depois trataremos d'isso... Dá-me as chaves, já te disse.

—É que... eu não sei... É preciso que as vá procurar... balbuciou Stamps, tão hallucinado que não reparava que as tinha enfiadas no braço.

O mordomo mostrou-lh'as, e quiz-lh'as tirar; mas o camponeo recuou, porfiando que era inutil abrir logo o castello, e gritando com quanta força podia á mãe, que puzesse a meza para o sr. Peters.

—Diabo de teimoso! Já te disse que quero abrir

os quartos para miss Helena! bradou o ancião, impaciente.

—Miss Helena... vem tambem! disse João, recuando um passo.

—Lá está com tua mãe; e não tarda por ahi... Anda, maluco, não me demores mais; depressa, as chaves!

E ia a deitar-lhe as mãos para lh'as arrancar; mas o caseiro continuava a recuar, gaguejando algumas desculpas: Quando o mordomo começava de zangar-se seriamente, miss Helena, saindo da cavallariça, disse:

—Deixa-o Peters; eu abrirei as portas. Vae tratar dos cavallos, e vigia que nada lhes falte. João, pega na tua lanterna, e segue-me.

Estas ordens foram dadas com modo tão laconico e imperioso que não admittiam replicas. O mordomo entrou pois para a cavallariça, e o caseiro seguiu cahisbaixo sua joven ama.

Calados um e outro dirigiram-se ao castello. Miss Helena deixou-o abrir a porta, fez-lhe signal que passasse adiante para a allumiar; depois fechou a porta, e bateu no hombro do seu guia: este estremeceu.

—Stamps, meu primo está aqui! disse miss Helena, commovida, e em voz baixa.

—Vosso primo! repetiu o rustico, fazendo-se de novas.

—Sei-o muito bem! tornou ella; acabo de ver na cavallariça um cavallo muito suado... As respostas evasivas de Isabel já me tinham feito suspeitar alguma cousa; aproximei-me, e reconhece nas chapas prateadas do freio as armas dos Lennark. Elle está aqui... Não me occultes nada; porque n'isso vae a sua vida!...

—Visto que miss Croffort julga... quero dizer, sabe... confessarei a verdade... Sir Ricardo chegou ha menos de uma hora... n'um estado que mettia dó.

—Não está elle ferido? acudiu com muito interesse a donzella.

—Nada, lá isso não... mas creio que vinha de muito longe... Apenas entrou, deitou-se, e adormeceu, de cansado...

—E aonde?

—Na bibliotheca.

Miss Helena abaixou a cabeça, como para reflectir; passado porém breve intervallo, disse:

—Muito bem: volta para casa... E entretem lá o Peters em quanto eu não te prevenir... Deixa-me ficar a lanterna... Adeus!

E n'estes termos foi conduzindo brandamente o caseiro para a porta, que este ouviu depois fechar a duas voltas.

A idéa de que seu primo estava ali, confiado á sua prudencia, causára ao principio em miss Helena uma especie de alegria febril. Destinada a sir Ricardo desde a infancia, alleiçoára-se-lhe sincera e estreitamente; em seus sonhos de donzella, conformes aos projectos de sua familia, o gentil primo tinha sempre uma parte interessante. Posteriormente, quando as paixões politicas separaram seu pae d'aquelle que ha tanto tempo considerava como o futuro companheiro da sua vida, resignára-se ás crueis necessidades do presente sem cousa alguma sacrificar do antigo affecto. De resto sir Croffort deixára-a a este respeito em ampla liberdade, não lhe fallando nunca de Ricardo, nem da união combinada. No primeiro momento, não lhe pareceu pois que houvesse inconveniente algum em tornar-se ella a guarda de seu primo, aproveitando esta situação especial para o reconciliar com seu pae: mas, reflectindo melhor, o negocio não se lhe affigurava tão facil. O silencio de seu pae não era auctorisação sufficiente para renovar relações, que estavam talvez rotas para sempre. A precipitação com que sir Croffort requerêra para si proprio os bens confiscados ao sobrinho, não era de certo um bom precedente. Helena devia provavelmente encontrar o ultimo em disposições pouco lisonjeiras relativamente a seu pae. A obediencia á vontade de sir Williams, que ignorava ainda, e o cuidado da propria dignidade, pareciam todavia oppor-se a que se apresentasse desde logo ao fugitivo.

Mas devia ella por isso abandonal-o á unica guarda de João Stamps e de Isabel, cuja imprudencia podia compromettel-o. O coração e a consciencia bradavam-lhe — não; e pareceu-lhe que conciliaria todos os seus deveres, communicando o succedido a sir Croffort, de quem esperaria a resposta, e velando entretanto sobre o proscripto, sem que se suspeitasse sequer que ella existia debaixo do mesmo tecto.

Logo que tomou esta resolução, apressou-se a escrever a seu pae, levou em mão propria a carta a Peters, recommendando-lhe que partisse ao romper do dia, e declarou que a velha Isabel lhe faria companhia no castello. João Stamps, com quem teve uma larga conferencia, prometteu não dizer cousa alguma a sir Ricardo; e feitas estas disposições preliminares, preparou-se, com certa commoção, para representar o papel de protectora.

Uma circumstancia especial favorecia as suas intenções: quando o resultado da lucta era ainda duvidoso, sir Croffort, receiando ser surprehendido por alguma partida de cavalleiros, mandára abrir certos caminhos que punham em communicação todos os quartos do castello, e davam logar a que, pelos subterraneos, se pudesse fugir para o campo. Era de resto uma cautela vulgar n'aquelles tempos de guerra civil; e a maior parte das residencias dos nobres estavam construidas de modo que facilitavam a fuga dos proprietarios, e proporcionavam segura acolheita aos foragidos.

Aproveitando, logo na manhã seguinte, a occasião em que Isabel saíra, tomou por corredores escusos, e chegou ao pé do aposento em que seu primo dormia.

Tinha-se arranjado uma porta mesmo no centro das parteleiras carregadas de velhos livros. Parou ali, e poz-se a escutar. Não se ouvia outra bulha, senão a da respiração forte e regular do fugitivo. Helena conservou-se algum tempo immovel, e com a cabeça inclinada; o coração arfava-lhe com violencia; occorreu-lhe o que João dissera na vespera: quiz ver que alteração haviam produzido em sir Ricardo tres annos de fadigas, de desgostos e de combates; finalmente não pôde resistir á curiosidade, e carregando sobre a mola occulta, a porta abriu-se vagarosamente.

O mancebo estava deitado vestido, no mesmo logar; mas as cortinas do antigo leito escondiam-no em parte. Aproximou-se miss Helena no bico do pé, e pôde observal-o inteiramente.

A primeira vista de olhos tranquillisou-a. Com quanto Ricardo estivesse um pouco mais magro, e as intemperies das marchas e dos acampamentos lhe houvessem bronzeado o semblante, o seu todo revelava vigorosa saude. Socegada a este respeito, não lhe succedeu outro tanto em relação ao seu trajar. Seu primo, envolvido n'aquelles miseraveis farrapos, no proprio castello de seus antepassados, inspirava-lhe sincera compaixão. Saíu, e voltou o mais depressa que lhe foi possivel, trazendo um fato elegante e

completo, que fôra buscar á guarda-roupa de seu irmão.

Na occasião em que o punha em cima de uma cadeira, sir Ricardo fez um movimento; assustada, dirigiu-se rapidamente para a porta secreta, e desappareceu; mas ainda chegou a ouvir um pequeno brado. O joven lord, meio estremunhado, julgára ver passar uma sombra. Sentou-se na cama, e olhou attentamente em torno de si. O aposento estava só. Os raios do sol, atravessando as cortinas, batiam de chapa na estatua de estanho, que parecia envolta em uma especie de nimbo mystico.

Sir Ricardo fitou os olhos n'esse simulacro, que, segundo a tradição, representára tão interessante papel na chronica da familia. Com quanto a idade e a experiencia o houvessem tornado menos credulo, não estava isento das antigas superstições a tal ponto que a presença d'aquelle palladio dos Lennark lhe não fizesse uma certa impressão. A sua fé infantil não desapparecêra inteiramente; e quando se encontrou, em circumstancias tão singulares, frente a frente com a fada, sentiu-se tomado de vaga esperança, e meio a brincar, meio serio, disse comsigo que talvez não lhe fosse desvantajoso recorrer á protecção da antiga estatua.

—A fallar a verdade! pensava o cavalleiro, mirando o fato todo roto, bastantes cousas tinha a pedir-lhe; mas por agora contentava-me com um corpeto decente, e uns calções sem redes. Nobre protectora dos meus antepassados, se tens alguns alfaiates ao teu serviço, encommenda-lhe um fato que possa sem vergonha vestir um nobre cavalleiro.

N'este momento, dando com os olhos na cadeira, que estava ao pé da estatua, soltou uma exclamação de surpreza. O fato, que pedira, estava ali, illuminado pelos mesmos raios de sol, que faziam brilhar a mysteriosa imagem.

Saltou da cama abaixo, correu á cadeira para se certificar da realidade. Era com effeito um vestuario novo e completo!

Estava-o ainda examinando quando João entrou. Perguntou-lhe se fôra elle que ali puzera aquelle fato.

—Eu! disse Stamps, arregalando os olhos, estupefacto; eu sabia cá onde o havia de ir buscar!

—Então entrou aqui alguem em quanto eu estive a dormir, redarguiu Lennark.

—Ninguem, milord, tornou o caseiro; posso jural-o, porque fechei eu mesmo a porta, e levei a chave, que dormiu comigo debaixo do travesseiro.

—Entretanto eu tenho a certeza de que vi, quando abri os olhos, uma especie de phantasma! exclamou Ricardo.

—Um phantasma! repetiu João, recuando aterrado.

—E affiguron-se-me que desapparecêra por aquella parede, ao lado da estatua.

—Deus seja comnosco! era ella de certo! disse Stamps.

—Querem ver, tornou o joven lord a rir, que pretendes convencer-me de que foi ella que me trouxe estes esplendidos vestidos, porque gracejando lh'os pedira!

—Milord pediu-lh'os? repetiu João.

—E n'esse mesmo momento os vi em rima da cadeira!

O camponeo convencido, disse que não havia duvida alguma de que fôra aquelle um novo prodigio da protectora dos Lennark. Cheio de fé na mysteriosa estatua, e ignorando as serventias secretas do castello, nem sequer lhe lembrou que tudo fosse devido a miss Helena, a qual sabia com toda a certeza estar aposentada no outro corpo do edificio.

A sua convicção, corroborada pelas antigas tradições da casa não se communicou completamente a sir Ricardo, mas lançou-lhe no espirito algumas duvidas. Entretanto não hesitou em vestir o fato que mão desconhecida lhe offerecêra; e depois de almoçar, e de indagar de João o estado das familias realistas d'aquellas visinhanças, com quem conservára relações, aproveitando a occasião em que os trabalhadores haviam partido para os campos, montou a cavallo afim de lhes fazer visita. A sua idéa era saber tambem se se haviam abandonado todos os projectos de resistencia; e n'esta hypothese, pedir-lhes os meios de embarcar para França.

O negocio era da maior urgencia; por quanto sir Ricardo estava envolvido no processo instaurado depois da derrota do partido em que militára, e fôra condemnado á morte, havendo ordem de se executar a sentença, sob o simples reconhecimento da identidade de pessoa.

Sir Ricardo demorou-se na sua excursão até á noute; quando voltou ao castello achou a casa, que escolhêra, transformada. Os moveis estavam cuidadosamente limpos; varios objectos de seu uso outr'ora tinham sido para ahi conduzidos, e devidamente collocados. Sobre os bufetes viam-se soberbas jarras de porcelana cheias de flores; na chaminé havia um excellente brazeiro, que alegrava e aquecia a vasta quadra.

Stamps, interrogado pelo amo, jurou que nada tinha feito, e alludiu novamente á estatua; mas sir Lennark fel-o calar, já um pouco descontente.

(Continúa.)

NAVIO COLOSSAL.

No mez de dezembro do anno proximamente findo lançou-se ao mar, dos estaleiros de Boston, nos estados unidos da America, um navio de proporções verdadeiramente colossaes.

Este navio tem quatro mastros, e chama-se *Great Republic* (grande republica). É do porte de 4:500 toneladas (60:750 quintaes), e a sua equipagem deve compor-se de cem pessoas.

Tem o *Great Republic* 325 pés de comprimento, 53 de bôca, e 39 de altura, contada da sobrequilha até á abertura da escotilha grande.

Sobre o convez está collocada uma machina de vapor movel, por meio da qual serão executadas as manobras mais pezadas.

A lancha grande, munida de um helice, está construida de sorte que, dado o caso de necessidade, poderá receber a seu bordo aquella machina, e até rebocar o proprio navio!

O *Great Republic* e o *Himalaya*, vapor de 3:600 toneladas, pertencente á companhia peninsular e oriental, são hoje os maiores vasos que surcam as aguas do oceano.

PRINCIPIOS NUTRITIVOS DOS DIVERSOS ALIMENTOS.

Os srs. Schlossberger e Kemp fizeram a analyse de um grande numero de substancias animaes e vegetaes, para determinar o seu valor nutritivo, deduzido sobre tudo, senão exclusivamente, da proporção de azote, que ellas contêem. Pareceu-nos mui

curiosa esta nota, e por isso nos apressâmos a publical-a. O leite da mulher foi tomado como typo, representando-se o seu valor alimenticio pelo numero 100.

Substancias animaes.

Leite humano	100
Leite de vacca	237
Queijos diversos	331 a 447
Enguia cozida	428
Ameijoas, idem	660
Presunto, cru	539
Presunto, cozido	807
Salmão, idem	710
Gemma de ovo	305
Pombo, cozido	755
Carneiro, idem	852
Vitella, idem	911
Carne de vacca, idem	942

Substancias vegetaes.

Arroz	81
Batatas	84
Nabos, centeio	106
Milho, cevada	125
Aveia	138
Pão alvo	142
Trigo	119 a 144
Cenouras	150
Pão de rala	166
Cogumellos	201 a 289
Hervilhas	239
Lentilhas	276
Feijões	283

EPHEMERIDES HISTORICAS.

MARÇO. 1

1517 — Descoberta do Yucatan pelos hespanhoes.

2

1587 — Lastimoso naufragio do galeão *Santo Alberto*, na costa do Natal.

3

1580 — Filippe II sáe de Madrid para vir tomar posse da corôa de Portugal.

300 — Imperando Diocleciano foram martyrisados em Evora S. Felix, e dous companheiros.

4

1604 — Morte de Jorge de Cabedo de Vasconcellos, erudito praxista portuguez.

5

1811 — Massena evacua as linhas de defeza de Lisboa.

6

1348 — Morte do famoso arcebispo de Braga D. Gonçalo Pereira.

7

1808 — Chega a familia real portugueza ao Rio de Janeiro.

8

1495 — Nasce em Montemor o Novo S. João de Deus, o grande patriarcha da hospitalidade, como lhe chama o *Anno Historico*.

9

1451 — Nascimento de Americo Vespucio, que deu o seu nome a uma das partes do mundo.

10

1727 — Morte de Newton.

11

222 — Assassinato do imperador Heliogabalo.

1557 — Antonio Galvão, tendo praticado illustres feitos de armas no Oriente, fallece no hospital de Lisboa, onde jazêra dezesete annos, havendo por unica recompensa dos seus eminentes serviços e honradez o desfavor e o desprezo da côrte.

12

1809 — Tomada de Chaves pelos francezes.

13

1778 — Luiz XVI notifica á Inglaterra o tratado que celebrára com os estados unidos.

14

1571 — Defendem-se os portuguezes em Gôa contra todo o poder do Hidalcão, que foi obrigado a retirar-se, depois de soffrer immensa perda.

15

1283 — Deposição de Pedro II, de Aragão, pelo papa.

16

1561 — O jesuita Gonçalo da Silveira, portuguez, morre martyrisado em Monomotapa.

17

32 — Nasce o imperador Nerva.

18

1654 — Chega a Lisboa a noticia de ser restaurada Pernambuco do poder dos hollandezes.

19

1563 — Edicto de Nantes em favor dos protestantes.

20

1665 — Batalha em Valença contra os hespanhoes.

21

1083 — Tomada de Roma pelo imperador Henrique IV.

22

1622 — Canonisação de S. Ignacio de Loyola, fundador da companhia de Jesus.

23

1808 — Madrid é occupada pelos francezes.

1542 — Antonio de Faria e Sousa entra á força de armas a cidade de Nauday, na China.

24

1660 — É conquistada pelos portuguezes a ilha de Balzar, junto da praça de Damão, na India.

25

1504 — O grande Duarte Pacheco Pereira, com 150 portuguezes, obra prodigios de valor em Cochim, contra as numerosas tropas do Çamorim.

26

1834 — Ataque de Santo Thyrso, cêrca do Porto.

27

1799 — É prezo o papa Pio VII por ordem do directorio.

28

1515 — Nasce Santa Thereza de Jesus, em Avila.

1799 — Os francezes occupam Florença.

29

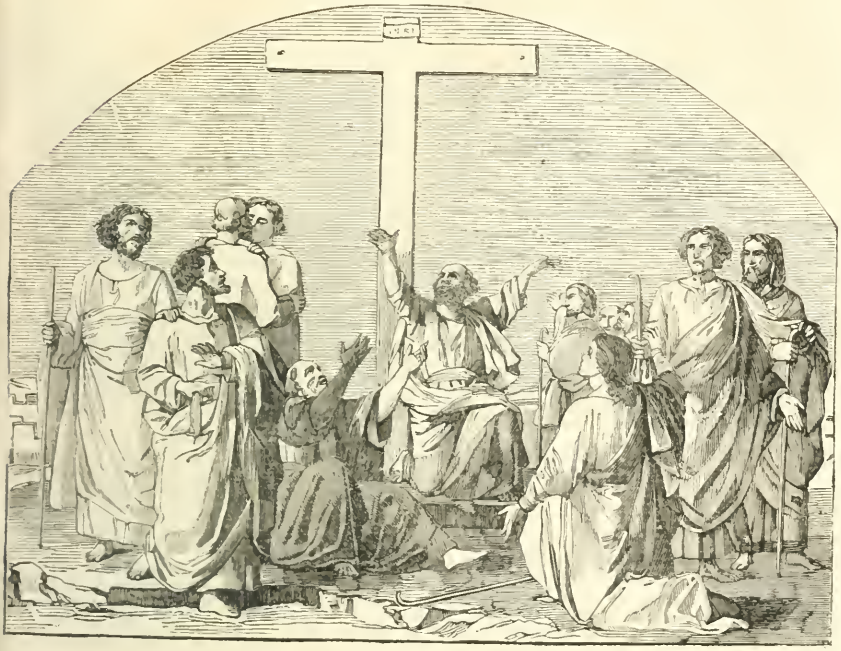
1607 — A fortaleza de Moçambique, de que era capitão D. Estevão d'Athaide, defende-se, poc espaço de mais de dous mezes, contra consideraveis forças navaes e terrestres dos hollandezes, que a final tiveram de abandonar a empreza, reembarcando nas suas naus, tendo porém antes lançado fogo á cidade.

30

1570 — Fallece em Lisboa D. João Bermudes, natural de Braga, patriarcha de Alexandria, o primeiro que houve na Ethiopia depois que lá entraram os portuguezes.

31

1815 — Murat proclama a independencia da Italia.



PARTIDA DOS APOSTOLOS.

O sacrificio está consummado. Para remir o genero humano o Filho do Homem acaba de expirar na cruz.

O divino Mestre já não está com os discipulos; radiante de graça, subiu ao seio de seu eterno pae.

Em quanto estavam sob a influencia e auctoridade da sua palavra, como haviam de elles apartar-se?

Com a morte do Mestre começou porém para elles uma vida nova.

São chegados os tempos, em que lhes cumpre ir por toda a terra prégar a doutrina que Jesus Christo lhes ensinára.

O Mestre voou á patria celeste; mas a sua caridade inflamma-lhes os corações singelos e crentes; em suas almas ha a sua coragem e a sua força; de seus labios as palavras sáem repassadas da eloquencia que só pode dar a verdade e a fé.

D'ora ávante cada discipulo será mestre tambem.

Cessem os gemidos, cessem os prantos junto do lenho do martyrio.

O dever, a santidade da missão os chama; e o mundo espera ancioso a nova doutrina.

Eil-os reunidos, pela derradeira vez, sobre o monte Calvario, em torno da cruz, convertida de instrumento que era do mais terrivel e affrontoso supplicio, em glorioso symbolo, e facho rutilante, que deve guiar as gerações á verdadeira terra da Promissão, como outr'ora a nuvem luminosa conduziu os israelitas atravez do deserto.

Entre elles está S. Pedro, aquelle que ha de presidir á Igreja de Deus.

Já os discipulos empunham o bordão do viajeiro; o caminho a seguir foi escolhido.

Um instante mais, e os doze apostolos renunciarão pelo resto de sua existencia terrestre á vida em commum, e á doce fraternidade que os ligava.

E descerão a montanha em doze direcções oppostas, e caminharão com confiança, com fervor, á conquista das almas, até o dia suspirado em que, á imitação de Jesus Christo, por premio de sua dedicação e de seus trabalhos, hão de receber a corôa do martyrio.

Eis o grandioso assumpto escolhido pelo sr. A. Gleyre, auctor do bello quadro, reproduzido na nossa gravura.

Foi de certo um elevado sentimento de arte o que inspirou a escolha d'esta scena, que se afasta dos logares communs em pintura religiosa.

Mas tambem, debaixo d'este ponto de vista, o assumpto offerecia immensas difficuldades de execução.

Para interessar, para commover, os mais seguros meios são, já o movimento, a paixão, o contraste, o brilho do colorido, como na representação dos mila-

gres, a prizão no jardim das oliveiras, a flagellação ou a crucifixão; já a graça, a belleza, como nas scenas em que se grupam o Menino Jesus, a Virgem, os anjos, e os pastores.

Mas prender a attenção, impressionar profundamente, representando apenas esses doze homens, similhantes como irmãos, singelos no trajar, nos gestos, nas physionomias, agitados interiormente de um só pensamento, era uma empreza gigante, em que o naufragio parecia inevitavel.

O successo todavia justificou o nobre arrojo do sr. Gleyre. O seu quadro, apresentado na exposição do Louvre em 1845, é considerado como um dos melhores que tem ali apparecido nos ultimos annos.

Louva-se unanimemente n'esta notavel composição a harmonia, a arte, a philosophia que respira: as posições são bem escolhidas; as expressões variadas; os semblantes dos apostolos revelam todos uma grande commoção interior, um profundo fervor, a sinceridade e a firmeza da fé. O desenho é de uma rara perfeição; nada esqueceu: tudo está tão acabado quanto convinha: sente-se o saber e o gosto nos menores detalhes. O mesmo colorido, agradavel e verdadeiro, comprova o bom juizo artistico do pintor, que evitou cuidadosamente destruir o bello effeito da unidade, amaneirando demasiadamente o desenho, ou dando-lhe uma côr excessivamente brilhante.

A QUESTÃO DO ORIENTE.

VI.

Por mais que o sultão mudasse de ministros, não melhorava o aspecto dos negocios. A difficuldade não estava na falta de homens intelligentes e activos para dar ás negociações o curso mais conveniente, e a solução mais prompta, mas sim na impossibilidade de achar meio de conciliação com quem não queria de modo algum conciliar-se.

Debalde pois se reorganisou o ministerio no dia 13 de maio, sendo encarregado Reschid pachá da pasta dos negocios estrangeiros, passando Mehemet-Ali pachá do grão-vizirato para a repartição da guerra, e confiando-se a Mustaphá pachá o cargo de grão-vizir. Em vão dirigiu Reschid pachá, dous dias depois, uma carta ao principe Menschikoff, pedindo-lhe que em attenção á importancia do objecto, e á dissolução e recomposição do gabinete, prorogasse por mais cinco dias o prazo por elle fixado para a resposta ao seu *ultimatum*, o qual expirára no dia 5.

A resposta do embaixador russiano foi tão desabrida quanto insultante. Dando-se por offendido com as dilações na satisfação das suas exigencias; increpando o governo ottomano por haver injuriado o czar, suspeitando mal dos seus votos em favor da igreja greco-russiana; declarou estar terminada a sua missão, e resolvida a sua partida juntamente com toda a legação. Concluia a nota, lançando sobre os ministros do sultão toda a responsabilidade pelas consequencias, que resultassem para a Turquia d'este rompimento.

Estavam finalmente a descoberto os planos da Russia. O teor d'este documento demonstrava exuberantemente, que o gabinete de S. Petersburgo só pretendia pretextos plausiveis para a aggressão armada. Depois d'aquella recusa tão formal a um pedido tão razoavel e justificado; depois de assim se patentear o proposito e ardor com que o enviado do czar procurava converter em injurias contra seu amo, não só todos os passos dos ministros do sultão, mas até as proprias razões de politica com que estes sustentavam e defendiam os direitos de soberania e independencia do imperio ottomano; depois de tantos outros antecedentes, que davam mais força a estas circumstancias, não era licito duvidar das intenções do imperador Nicolau relativamente á Turquia.

Entretanto o principe Menschikoff, para se collocar a si e ao seu monarcha n'uma posição mais sobranceira, tratou de affectar antes de partir um esforço de conciliação. Desistindo pois do tratado, e contentando-se com que as garantias exigidas fossem exaradas em uma nota, dirigiu-se n'este sentido ao governo ottomano, enviando-lhe o projecto da nota tal qual a pretendia. N'este documento introduzira o embaixador todas as clausulas do projecto do tratado; mas com tal habilidade e subtileza as elaborára, que o protectorado da Russia não ficava menos reconhecido, nem os compromissos da Turquia menos obrigatorios, porém sim mais disfarçados os sacrificios, que se impunham ao sultão.

Não se illudiu o divan com o artificio, antes pelo contrario todos os seus membros rejeitaram unanimes a nova proposta do enviado do czar, resolvendo todavia que por decretos (firmans) especiaes se confirmassem os privilegios concedidos pelos sultões aos diversos ritos christãos.

Apenas o principe Menschikoff teve conhecimento indirecto d'esta resolução, redigiu uma breve nota dizendo, que constando-lhe no momento da partida, que a Sublime Porta tinha tenção de proclamar uma garantia para o exercicio dos direitos espirituaes de que se acha investido o clero da igreja do Oriente, o que de facto fazia pôr em duvida a manutenção dos outros privilegios, que disfructa, «declarava que uma tal medida seria considerada pelo gabinete imperial como um acto hostil á Russia, e á sua religião.»

Sem esperar pela resposta, apresentou-se o principe em seguida no palacio do sultão, pedindo directamente, contra todas as praticas e formalidades do estylo, uma audiencia do soberano.

Não se accommodavam tantas diligencias para conseguir as pretendidas garantias com os modos irritantes por que se tratava a questão, com tantos insultos aos ministros, com tantas desattenções ao soberano, e com tão feras ameaças á nação. Comtudo esta contradicção explica-se perfeitamente. O gabinete de S. Petersburgo não queria o accórdo, como já fiz ver, por isso cuidava de o estorvar, não só pela propria natureza da exigencia, mas até pela violencia dos meios empregados para a obter. Mas queria armar-se de argumentos com que demonstrasse aos olhos da Europa as suas intenções pacificas, e com que justificasse o abuso da força. Todos os documentos officiaes do gabinete russiano, que posteriormente se redigiram, vêem em abono do que deixo dito, como ao diante se verá.

Apesar da maneira insolita por que fôra solicitada a audiencia, resolveu-se o sultão a receber o embaixador da Russia. Assim que este saíu do palacio imperial foi immediatamente ordenar os preparativos para a sua partida e de toda a legação russiana.

Apressou-se então o governo ottomano a informar officialmente as côrtes de Inglaterra, de França, de Austria e da Prussia, do resultado das negociações com a Russia. Em uma nota dirigida a estas quatro potencias em 26 de maio, Reschid pachá historiava resumidamente as razões que haviam impedido a Sublime Porta de satisfazer as exigencias russianas, e fazia conhecer, á vista do procedimento do principe

Menschikoff, e dos armamentos da Russia, a imperiosa necessidade em que se achava o sultão de se preparar para defender com as armas os seus direitos de soberano independente, e a integridade do seu imperio.

Poucos dias depois recebeu o ministro dos negocios estrangeiros uma carta do conde de Nesselrode, chanceller da Russia. O ministro de Nicolau I aproveitou-se habilmente dos suppostos esforços do principe Menschikoff para lançar sobre a Turquia toda a responsabilidade dos acontecimentos futuros, dizendo que este embaixador só se retirára depois de haver esgotado todos os meios possiveis de conciliação. Misturando algumas phrases amigaveis com repetidas ameaças disfarçadas em conselhos, terminava, declarando que «em poucas semanas as tropas receberiam ordem de passar as fronteiras do imperio, não para fazer a guerra, pois que repugna a S. M. emprehendel-a contra um soberano a quem sempre se comprazeu de considerar como um alliado sincero, mas sim para obter garantias materiaes até ao momento em que o governo ottomano, possuido de sentimentos mais justos, dê á Russia as garantias moraes, que debalde reclama ha dous annos por meio dos seus representantes em Constantinopla, e ultimamente por via do seu embaixador.»

A resposta do gabinete ottomano foi escripta com muita moderação, mas ao mesmo tempo com bastante firmeza e dignidade. N'ella alludia Reschid pachá ao decreto que o sultão acabava de assignar, pelo qual se confirmavam de novo os privilegios, direitos e immunidades de que estava de posse a igreja grega nos dominios turcos. Mostrava exuberantemente que o sultão não podia conceder outra garantia além d'esta, mas que estava resolvido a sustental-a, e fazer observar tudo quanto n'ella se continha. Ao mais respondia de um modo a todos os respeitos digno.

Esta carta foi expedida a 15 de junho. Um ou dous dias antes tinham chegado á bahia de Besika, situada ao pé do estreito dos Dardanellos, as esquadras ingleza e franceza.

Quando o principe Menschikoff chegou a Constantinopla, logo alguns membros do divan, presentindo pela arrogancia do embaixador a aproximação de acontecimentos graves, se dirigiram ao coronel Rose, então encarregado de negocios de Inglaterra na ausencia do ministro lord Strafford de Redcliffe, pedindo-lhe que mandasse chamar para as costas da Turquia a esquadra ingleza, que se achava em Malta. O encarregado de negocios deu conhecimento d'este desejo ao almirante Dundas; porém este, não se julgando auctorisado para similhante passo, recusou-se a annuir.

O gabinete das Tulherias, apenas conheceu a natureza das exigencias russianas, mandou immediatamente a sua esquadra do Mediterraneo para o archipelago grego. Entretanto o governo inglez aprovava o procedimento do almirante Dundas, e dava-lhe ordem para se conservar em Malta. Esta indifferença ou desacordo da Grã-Bretanha na presença de successos que a todos se antolhavam como precursores de gravissimas complicações para a Europa, foi interpretada de diversos modos pela imprensa periodica, tanto no reino unido como fora d'elle. Uns julgavam ver cegueira no gabinete inglez. Alliguravase a outros, que a sua inacção era receio de um compromettimento, que lhe acarretasse uma guerra com a Russia. E tambem não faltou quem explicasse esse procedimento por connivencia com os planos do autocrata.

Assim porém que foi apresentada no parlamento britannico a correspondencia official relativa á questão do oriente, cairam por terra todas aquellas interpretações.

Entre muitos documentos importantes, dos quaes não me permitte dar conta a estreiteza do espaço, appareceram varios officios de sir H. Seymour, embaixador de Inglaterra na côrte de S. Petersburgo. Nos primeiros d'estes officios, datados de janeiro de 1853, mez anterior áquelle em que o principe Menschikoff foi enviado a Constantinopla, referia o embaixador inglez ao seu governo as conversações que tivera com o imperador Nicolau a respeito da Turquia.

O czar, pretendendo demonstrar que o imperio ottomano estava chegado ao ponto da sua dissolução, tratava de convencer a sir H. Seymour da necessidade que tinham a Russia e a Grã-Bretanha de se prepararem e pôrem de accôrdo para o caso de se verificar aquelle acontecimento. «A Turquia,» dizia o imperador, «tem caído gradualmente em tal estado de decrepitude, que por mais que desejemos prolongar a existencia do enfermo, e peço-vos que acrediteis, que desejo tanto como vós, que elle continue a viver, póde morrer de repente, e ficar-nos nos braços, e nós não podemos resuscitar quem está morto. Se o imperio turco cair, cairá para nunca mais se levantar. E então não será melhor estar preparado para uma tal eventualidade, do que deixar as cousas expostas ao chãos, á confusão, e á certeza de uma guerra europea? Pois tudo isto deverá acompanhar a catastrophe, se ella vier inopinadamente, e antes que se tenha traçado algum plano ulterior.»

Respondendo ás objecções do embaixador inglez, que não julgava a Turquia em tão grande perigo, e que lhe parecia que ao seu governo repugnaria contrahir qualquer empenho sobre meras eventualidades, como repugnava á nação ingleza entrar em negocios de desconto sobre a successão de um antigo amigo e alliado, accrescentou o imperador: «Todavia é da maior importancia que nos entendâmos mutuamente, e que não nos deixemos surprehender pelos acontecimentos. Quero fallar-lhe como amigo e cavalheiro. Se conseguirmos, a Inglaterra e eu, chegar a um accôrdo a respeito d'este negocio, o resto pouco me importa; é indifferente para mim o que os outros fazem e pensam. Usando porém de franqueza, digo-lhe abertamente que se a Inglaterra pensa em se estabelecer um dia em Constantinopla, de modo algum consentirei n'isso. Não lhe attribuo similhantes intenções; entretanto n'estas occasiões é melhor fallar claramente. Pela minha parte estou tambem disposto a fazer promessa de me não estabelecer ali, como proprietario se entende; pois que como depositario, não digo que não. Póde succeder que as circumstancias me obriguem a occupar Constantinopla, se não se acharem as cousas prevenidas, se se deixar correr tudo ao acaso.»

O embaixador, depois de agradecer a franqueza d'estas declarações, e o desejo que o czar mostrava de obrar de accôrdo com a Inglaterra, disse que lhe parecia que o seu governo antes se prestaria a entrar em combinações tendentes a evitar similhante eventualidade, do que a ajustar arranjos para depois de ella ter logar.

O imperador, referindo-se a uma conversa que tivera a este respeito com o duque de Wellington, por occasião da sua viagem a Londres em 1844, repetiu o que então dissera, «que o que desejava era tomar medidas contra acontecimentos, que, em falta de ac-

côrdo antecipado, o poderiam obrigar a proceder de um modo contrario ás vistas do governo de sua magestade britannica.»

A conversa pouco mais se alongou: o czar pozlhe termo, pedindo a sir H. Seymour, que expozesse ao seu governo tudo quanto entre ambos se passára, e que lhe dissesse que elle estava prompto para acolher quaesquer communicações sobre esta questão.

(Continúa).

I. DE VILHENA BARBOSA.

A ANNUNCIAÇÃO DE NOSSA SENHORA.

Ecce ancilla domini, fiat mihi secundum verbum tuum.

EVANG. SEC. LUC. CAP. I.

Seis mezes eram passados depois de Isabel conceber, quando o Senhor enviou o anjo Gabriel á cidade de Nazareth na Galiléa. Ahi morava Maria, filha de Joaquim, desposada com José.

Observando o voto de castidade, jurado antes das nupcias, ambos contavam os seus dias em paz, santificando a vida com boas obras.

Era a hora em que o sol, declinando, se inflamma de abrazadas côres, e desce no horisonte entre nuvens de ouro e purpura; e em que as sombras, trepando dos valles cheios de silencio, vão anoutecer os cumes dos montes, e na qual o brando murmurio das aguas, unindo-se ao leve susurrar das ramas das arvores, e das hervas rentes dos campos, ligeiramente bafejadas pela viração da tarde, repassam a alma d'aquella contemplativa tristeza, que não doe, antes consola.

Terminados os trabalhos do dia, a Virgem tinha os olhos fitos nos risonhos declives das alturas, aonde está assentada Nazareth; e o seu espirito, quasi solto do véu terrestre, voava arrebatado pelos espaços de uma terna e profunda meditação. Todo o seu amor, e todos os seus extremos subiam para Deus. Embevecida, e abrindo-se candida de innocencia e fragrante de pureza, a alma fugia-lhe do mundo, sua prizão, para saudar as alegrias e a serenidade do céu, adorando as maravilhas e grandezas do Senhor.

Gabriel adiantou-se, e disse-lhe de repente: Deus te salve, Maria cheia de graça; o Senhor é comtigo; bemdita és tu entre as mulheres!

A vista extraordinaria de um anjo ella estremeceu de pejo, e discorria pensativa, que saudação seria esta. Gabriel continuou então: Não temas; és acceita aos olhos de Deus. Conceberás e darás á luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus; e este será grande, e será chamado Filho do Altissimo. O Senhor Deus lhe dará o throno de David, seu pae; elle reinará eternamente na casa de Jacob; e o seu reino nunca terá fim.

Cada vez mais suspensa, Maria replicou: Como pode ser isso, não conhecendo eu varão?

O anjo respondeu: O Espirito Santo, descerá sobre ti, e a virtude do Altissimo te cobrirá com a sua sombra. Por isso mesmo o santo, que ha de nascer de ti, será chamado Filho de Deus.

E segundo o costume dos enviados de Jehovah, para lhe dar um signal em confirmação das suas promessas, accrescentou: Ahi tens Isabel, tua parenta, que até concebeu na velhice; e este é o sexto mez da que se diz esteril, porque a Deus nada é impossivel!

Maria inclinou-se, e disse ao mensageiro celeste: Eis a escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra!

Desappareceu o anjo, e o Verbo fez-se carne para habitar entre nós [1].

L. A. REBELLO DA SILVA.

NAVEGADORES ESTRANGEIROS.

II.

(1500 a 1600).

Depois de Cabot haver aportado ao continente americano, e em quanto Colon e Vespucio exploravam igualmente a terra firme, outros navegadores saíam

[1] Fastos da Igreja Vol. I. pag. 178-180.

de varios portos da Europa a tentar novas descobertas n'aquelle mundo maravilhosamente achado. Vicente Yanez Pinzon, um dos companheiros do ousado genovez em 1492, foi o primeiro hespanhol que passou a linha equinocial, no anno 1500, mas não desembarcou em nenhum ponto ao sul do Amazonas. Herrera, Pedro Martyr, Robertson, Amati, e muitos outros auctores são conformes n'este ponto, contra o parecer de Southey, que lhe attribue a descoberta do Brazil. Pelo mesmo tempo Juan de la Cosa, outro habil piloto da escola de Colon, em companhia de Rodrigo de Bastidas, com dous navios hespanhoes, descobrem a terra firme desde o cabo Vela até ao golpho de Darien. Em 1501 passa Ovando á America, acompanhado de 32 naus; foi a primeira expedição em ponto grande, mandada áquellas partes pelos reis catholicos. Conta-se que, em 1504, alguns pescadores, arrojados por um temporal, descobriram o Canadá; mas as costas d'este paiz só foram reconhecidas, em 1508, por Thomaz Aubetr. Segundo o padre Cordeiro, na *Historia Insulana*, já ahi deviam ter aportado Côrte-Real e Martins Homem, pelos annos de 1462 ou 1463. Na mesma epocha da viagem de Aubetr, partiu novamente de Hespanha o ousado Vicente Yanez Pinzon, em companhia do portuguez João Dias de Solis, e descobriram a peninsula de Yucatan; d'ahi, continuando a navegar ao longo da costa, chegaram a 40 graus de latitude sul, d'onde regressaram para o norte, já em 1509. O valente navegador hespanhol, Ponce de Leon, descobre a Florida em 1512; e no seguinte anno Vasco Nunes de Balbóa, sem ser navegador, tem a fortuna de descobrir o oceano Pacifico, e ser o primeiro europeu que sulca as suas aguas, mettendo-se ao mar com espada e escudo, para tomar posse d'elle em nome dos reis de Castella. A morte sobre o cadafalso, no proprio logar das suas façanhas, foi o premio que este heroe recebeu dos importantes serviços que fez ao seu paiz!

Sebastião Cabot, filho, e companheiro de João Cabot, na viagem ao norte da America em 1497, esteve por alguns annos ao serviço de Hespanha; e voltando a Inglaterra em 1516, tomou o commando de uma expedição preparada por alguns negociantes de Bristol, e fez apparecer pela primeira vez a bandeira ingleza nos mares do sul da America. Este emprehendedor veneziano tentou depois, por tres vezes, encontrar a passagem do oriente pelo noroeste; e falhando estas diligencias procurou ainda um novo caminho pelo nordeste. A seu tempo veremos o resultado d'estes trabalhos, que elle dirigiu por meio de sabias instrucções, mas não executou pessoalmente.

Em 1517 começou o trafico infame da escravatura entre a Africa e a America, sendo mercadores genovezes os primeiros que conduziram de um a outro continente os desgraçados negros como objecto de commercio.

Outro piloto do tempo de Colon, o hespanhol Antonio Alaminos, sáe de Cuba em 1517, sob as ordens de Francisco Hernandez de Cordoba, reconhece toda a peninsula de Yucatan, e sendo perseguido barbaramente pelos indios em Potonchan, regressa a Havana; porém logo no seguinte anno, torna a seguir o mesmo rumo, para vingar a passada affronta, e descobrir novas terras. Grijalba, que commandava esta segunda expedição, ficou com a gloria de haver descoberto a Nova Hespanha, tornando immortal o seu nome, em prejuizo do habil Alaminos. Logo em 1519 voltou terceira vez, pela mesma derrota, este intelligente piloto, dirigindo a expedição commandada por Cortez contra o Mexico. Quanto ao conquistador da Nova Hespanha, se foi heroico general em terra, não foi menos atrevido e emprehendedor maritimo. Fez todas as diligencias por encontrar a passagem do mar do norte para o sul, explorando o golpho da Florida em 1525; e no seguinte anno descobriu a peninsula da California. Mal pensava Cortez que este paiz, desprezado por elle, continha em si mais ouro do que todo o Mexico, cujas riquezas o haviam deslumbrado!

Não podemos da mesma sorte incluir em o numero dos navegadores celebres aos dous heroicos descobridores do Perú e do Chili, porque Pizarro e Almagro chegaram a esses ricos paizes, atravessando o interior da America; porém um de seus companheiros, Francisco de Orellana, com cincoenta soldados, embarcando no rio Napo, em fevereiro de 1541, foi arrastado pela corrente para o Maranhão ou Amazonas, vindo saír ao oceano, com sete mezes de viagem, e tendo percorrido duas mil leguas de paizes desconhecidos. De volta á Hespanha elle inventou duas patranhas, que ainda hoje são acreditadas por muita gente: a existencia de *El Dorado* e da republica das amazonas.

Volvâmos porém ao anno de 1519. Em quanto Cortez desembarcava no Mexico, procurava Magalhães, e descobria emfim a desejada passagem para o mar do sul, (1) sendo reputado por todos os historiadores, nacionaes e estrangeiros, como o primeiro circumnavegador do globo, posto que não completasse o giro inteiro da terra, pelo motivo que apontamos, (2) mas sim El Cano e seus companheiros, que voltaram na *Victoria* a Hespanha. Mr. Freycinet attribue a estes aventureiros o descobrimento da ilha de Timor, em 1522; porém foram os portuguezes que ahi fizeram o primeiro estabelecimento. No mesmo anno avistou o piloto hespanhol João Bermudez as ilhas chamadas *Bermudas*, do nome do seu descobridor. Em 1524 Carvajal, hespanhol, é o segundo a passar o estreito de Magalhães, mas não fez nenhum descobrimento importante. Pelo mesmo tempo João Verazzani, florentino ao serviço de França, explora a America septentrional desde a Florida até á Terra Nova. Em 1528 Alvaro de Saavedra descobre a Nova Guiné, nos mares da Oceania. Em 1533 Hurtado e Grijalba encontram a ilha de S. Thomaz. Em 1542, descobre Gaetan as ilhas dos Reis e dos Jardins. Em 1543 explora Luiz Cabrillo o cabo Mendocino, na California; Alvarado entra no famoso rio Mississipi, da America do norte; e Villalobos descobre as ilhas Carolinas. Todos estes navegadores eram hespanhoes.

Em 1553 apparecem os nomes dos primeiros descobridores inglezes. Hugh Willougby, commandante de uma esquadrilha de duas naus e uma barca, dirigiu-se ao longo da costa da Noruega, e dobrou o cabo Norte; porém, sobrevindo uma forte tempestade, as embarcações se dispersaram. A nau de Willougby e a barca refugiaram-se em uma enseada da Laponia russa, aonde toda a gente que as tripulava morreu de frio, diz-se que tendo antes descoberto o *Spitzberg*. A outra nau, capitaneada por Chancelour entrou no mar Branco, e passou o inverno em Archangel, trazendo de volta a Inglaterra muitas noticias do grão-ducado de Moscovia (Russia), cujo nome era apenas conhecido no occidente da Europa. Os bretões proseguiram explorando estes mares de gelo, sempre diligenciando encontrar a passagem para a India, e chegaram até á embocadura do caudaloso rio Oby.

(1) Vide o num. 9 do presente volume

(2) Idem.

Em quanto se faziam estas explorações no circulo polar, e que os hespanhoes e os portuguezes tratavam de estender o christianismo ás plagas da India, da America, e até da China e do Japão, saíam as esquadras turcas de Constantinopla, tomavam a ilha de Chypre, e dispunham-se a descer o Mediterraneo, fazendo tremer o santo padre sobre o solio pontificio. Prégou-se pois na Europa uma nova cruzada religiosa, e em setembro de 1571 reuniu-se em Messina a esquadra christã, composta de 250 galeras, e tripulada por 50:000 homens, ás ordens do *generalissimo* D. João de Austria, irmão de Filippe II. O papa benzeu os estandartes das capitaneas, aonde embarcaram os celebres almirantes d'aquelle tempo, Doria, veneziano, marquez de Santa Cruz, hespanhol, e Colonna, dos estados pontificios. A esquadra turca ainda era maior; obedecia a Vehali, dey de Argel, e ao invencivel Ali-pachá, e fôra sempre victoriosa. Encontraram-se no golpho de Lepanto. As galés aferraram-se de parte a parte, os golpes eram desapiedados, travára-se uma lucta de morte. Ali expirou, Vehali fugiu, a esquadra das meia-luas foi destroçada, e o triumpho ficou a D. João de Austria. É notavel porém que caísse um prizioneiro christão, um só, em poder dos turcos, n'uma das galeras que se escapou para Argel: esse homem era Miguel Cervantes Saavedra, o immortal auctor de *D. Quixote*.

Os descobrimentos continuaram activamente. Mendana, hespanhol, descobre em 1575 o grupo das ilhas de *Salomão*. Martim Frobisher, maritimo inglez de reputação, visita em tres viagens successivas (1576 1577–1578) as costas inhospitaleiras da Groenlandia e de Labrador, e descobre o estreito do seu nome; ao mesmo tempo que outro compatriota seu, do mais subido merito, tentava seguir o trilho de Magalhães, e dar a volta á roda do mundo. Eram passados quasi sessenta annos sem que nenhum outro nauta emprehendesse a circumnavegação do globo, porém Francisco Drake cumpriu gloriosamente essa empreza. Explorou a costa da California, a ver se descobria outra passagem entre os dois mares, e chegou até 42 graus de latitude norte, d'onde o frio o fez retroceder. «Desde esta epocha, diz Robertson, creram os inglezes que nenhuma empreza podia resistir ao seu valor e á sua habilidade. Dirigiram-se a todos os mares conhecidos pelos navegantes d'aquelle seculo, e tornaram-se rivaes dos portuguezes, a nação mais celebre de então por seus brilhantes successos, e a mais acreditada na arte de navegar.» Drake descobre a *Nova Albion* e a ilhas *Elisabethides*, e depois de muitas viagens á America, e combates contra os hespanhoes, morre em Porto Bello, no anno de 1595.

Outros navegadores inglezes seguem a Drake. Em 1580 naufraga no cabo Bretão o intelligente e ousado Humphry Gilbert, que levava a mira em encontrar a passagem do noroeste, que elle tinha por certissima. Amadas e Barlow, em 1584, visitam a *Carolina do norte*, a *Virginia*, e varias ilhas da America septentrional. Davis, em 1585, descobre o estreito do seu nome, entre a Groenlandia e a terra de Cumberland; e em 1592 visita as ilhas *Malvinas*, que Magalhães descobríra provavelmente.

Thomás Cavendish passa o estreito de Magalhães em 1586, dá a volta á roda do mundo, sem fazer nenhum descobrimento, e vae morrer ao Brazil em 1591.

Por esta epocha começam as navegações dos hollandezes. O primeiro que se avança para o mar do sul e entra no estreito de Magalhães, é Sebald de Wert; toca de passagem no Chili, aporta ao Japão, e volta pelo cabo da Boa Esperança ao seu paiz, sem ter augmentado o catalogo das descobertas maritimas. A segunda expedição, partida da Hollanda em 1596, merece mais particular menção: era destinada a explorar os mares do norte.

No dia 18 de maio saíram dois navios do porto de Vlie; João Cornelisz Ryp commandava um d'elles; Heemskerke capitaneava o outro, e ia com este ultimo o chefe da expedição, Barensz, com o titulo de primeiro piloto. A 9 de junho descobriram em 74° 30′ uma ilha, a que deram nome *dos Ursos*, e a 19 uma outra ilha em 80° 11′ de latitude norte. No dia 29 separaram-se as duas embarcações, para buscarem novas terras a differentes rumos. Barensz e Heemskerke reconheceram a 17 de julho a *Nova-Zembla*.

Os gelos que se accumularam em roda da ilha esmagaram bem depressa o navio, que se abriu por differentes partes. Arrastando então para terra a lancha e os escaleres, estes desgraçados trataram de fazer barracas para passarem o inverno sobre a neve, e em continua vigia contra os ataques dos ursos brancos e das rapozas da mesma côr.

A 4 de novembro deixaram de ver inteiramente o sol, porém eram allumiados pela lua, que estava de continuo sobre o horisonte. Só a 24 de janeiro tornaram a contemplar o disco do astro do dia, e até 15 de abril soffreram um frio horroroso. A 14 de junho (1597) tendo desapparecido os gelos, velejaram na lancha e em outro barco, levando comsigo todas as provisões que lhes restavam. A 28 de julho encontraram na bahia de S. Lourenço duas barcas russas, que nenhum soccorro lhes prestaram; e tendo atravessado o estreito de Kara, dirigiram-se ao sul, em busca da costa da Russia. Um furioso vento norte separou as duas embarcações em a noite de 13 de agosto, mas tornaram-se a encontrar poucos dias depois na costa de oeste do mar Branco, e a 2 de setembro estavam em Koola. Por uma extraordinaria coincidencia achava-se ali o navio de Cornelisz Ryp, com o qual haviam saido da Hollanda, e a bordo d'elle regressaram á patria, apenas doze dos intrepidos navegantes, porque os outros haviam morrido de frio, incluido n'este numero o piloto Barensz.

Outro circumnavegador hollandez, Van-Noot, passou o estreito de Magalhães em 1598, tocou nas Filippinas, e voltou á Europa já no principio do seculo immediato, sem ter feito nenhuma descoberta, mas tendo batido e roubado os navios hespanhoes que encontrou. A esse tempo já os vasos batavos e bretões eram melhores do que os hespanhoes e portuguezes, então unidos sob a mesma bandeira, e perseguidos em todos os mares por piratas christãos e musulmanos. Os nossos carpinteiros já não faziam um navio esvelto, como os patachos de guerra neerlandezes; a artilharia, que saía das nossas fundições, mal podia medir-se com a dos herejes; e elles carregavam simultaneamente as suas naus de pimenta e de bala rasa, em quanto as nossas se abarrotavam somente de especieria.

O astro de Portugal sumia-se no occaso, ao passo que novas estrellas despontavam no oriente! E rastos luminosos de sciencia deixaram apoz si muitos d'esses sóes!... Seguiremos as orbitas dos mais brilhantes.

(Continúa.)

F. M. Bordado.

A ESTATUA DE ESTANHO.

III.

Nos dias seguintes renovaram-se as mesmas surprezas. Não somente mão invisivel velava sobre sir Ricardo, mas até os seus minimos desejos eram satisfeitos apenas os enunciava; e muitas vezes de modo que nem Stamps, nem Isabel podiam suspeitar como assim se fizera. O lord, com quanto houvesse zombado ao principio da explicação do caseiro, começava a sentir-se abalado, mau grado seu.

Bastantes vezes fitava os olhos n'aquella imagem singular; e, ou fosse por hallucinação, ou por effeito de um resto das superstições infantís, parecia-lhe achar o quer que é de animado na sua immobilidade.

Da sua parte, miss Helena, que recorrêra ao mysterio por prudencia, acabára por tomar-lhe decidido gosto. O papel de bemfazeja feiticeira deliciava-a, e entretinha-a na solidão em que vivia.

Acabava a gentil menina de entrar no corredor escuso, que conduzia á bibliotheca, para pôr em cima da carteira de seu primo lapis de côres, destinados a desenhar allegorias (era uma das occupações favoritas da nobreza elegante da epocha, e sir Ricardo exprimira na vespera certo pezar de não poder entregar-se a este exercicio); miss Helena ia mesmo a chegar á porta secreta, quando sentiu os passos de Ricardo.

O joven lord entrava então de feito na bibliotheca, seguido de Stamps, que parecia fazer-lhe observações.

—Mas, milord, estaes bem certo de que não correis perigo algum? dizia o caseiro. Não receiaes alguma entrega do tal capitão hollandez?

—Os Percotts asseveraram-me que elle já tinha passado para França muitos cavalleiros fugitivos, replicou sir Ricardo.

—Então milord está decidido a emigrar?

—Não ha outro remedio; das armas nada posso esperar. Fallei com todos os realistas do districto: embainharam as suas espadas, e guardam-nas para melhor occasião. Esperem elles aqui, pois que o podem fazer. Mas eu é que não devo ficar, porque me sairia caro o negocio...

—E aonde vae milord embarcar?

—Na angra pequena; a lancha ha-de-me ali ir buscar.

—E quando?

—Na maré d'esta noite.

Sentiu-se um pequeno arruido por detraz dos dous interlocutores, que voltaram a cabeça ao mesmo tempo.

—Que foi isto, milord? perguntou Stamps, assustado.

—Não sei, respondeu sir Ricardo, surprehendido: pareceu-me porém ouvir como um grito abafado.

—Milord tambem ouviu?

—Sim, ali, ao pé da estatua.

O caseiro travou do braço de seu amo, e disse em voz baixa:

—Milord, não foi senão a estatua: era capaz de o jurar!

—A estatua? historias!

—Tão certo como eu estar aqui!

—Mas se fosse, que tinha isso?

—Que tinha? Quem sabe se se escandalisará de procurardes outra protecção que não a d'ella!

—Ora vamos! tu parece-me que não andas bom de cabeça! tornou sir Ricardo. Trata de reunir tudo o que me pertence, e de arranjar a minha mala.

Dizendo isto o joven lord virou-se para a carteira, onde consultou alguns apontamentos que redigira na vespera; em quanto Stamps começava a ajuntar os objectos espalhados por cima dos moveis; mas fazia-o com vagar, e visivel repugnancia, repetindo que sir Ricardo ia escandalisar a poderosa protectora dos Lennark, e que ella nunca lhe perdoaria similhante offensa.

—Então que o diga claramente, bradou Ricardo, a rir-se.

Interrompeu-o o choque de um corpo mui leve caindo no chão. Virou-se, e viu aos pés da estatua um papel dobrado. Ergueu-o e abriu-o: continha estas unicas palavras, escriptas a lapis: *Ficae, eu o ordeno.*

O espanto de sir Ricardo só poderia então comparar-se ao terror manifestado por Stamps, que recuára até a outra extremidade da casa, e mirava o papel cabalistico com olhos pasmados. O joven lord, depois de scismar um momento d'onde lhe podia vir aquelle papel, pareceu desistir do intento de o comprehender, e disse em voz alta:

—Quem quer que sejas que velas sobre mim, eu te agradeço: estou prompto a obedecer-te, e vou immediatamente declarar ao Prescott que já não quero emigrar.

De feito, proferidas estas palavras, pegou no chapeu e na espada, e saiu acompanhado pelo caseiro.

Apenas miss Helena voltára ao seu quarto, veiu prevenil-a Isabel de que acabava de chegar o mordomo.

Trazia este um masso de papeis, dirigido por sir Croffort a sua filha. Abriu-o miss Helena immediatamente; entre varios diplomas officiaes, vinha a seguinte carta de sir Williams:

«Querida filha.

«Os documentos juntos explicar-te-hão a demora «da minha resposta. Foi preciso tempo para os soli«citar, e para os obter. Manda-os entregar a teu pri«mo, sir Ricardo, e depois parte immediatamente com «o Peters para Edimburgo.

«Teu pae que muito te preza

Williams Croffort.»

A donzella lançou os olhos para os papeis que acompanhavam a carta, e soltou um grito de alegria: era o perdão concedido a sir Ricardo pelo protector, e a restituição de todos os seus bens feita por sir Williams. Em uma cota escripta por este se declarava que os não reclamára na occasião do confisco senão para os poder conservar a seu sobrinho.

Miss Helena, delirante de contentamento, pegou n'uma luz, pois já havia anoutecido, e correu a bibliotheca. Quando a viu só é que se lembrou que seu primo tinha saido. Occorreu-lhe ao principio esperal-o, e ser ella propria a que lhe entregasse os dous preciosos documentos. Lembrou-lhe depois, que fazendo-se mensageira d'aquelle duplicado beneficio, pareceria solicitar o reconhecimento de sir Ricardo.

No primeiro transporte de alegria, poderia ser que o nobre cavalleiro não achasse outro meio de lhe agradecer senão o de offerecer-lhe o seu nome e a sua fortuna; mas quem sabe se mais tarde teria de arrepender-se d'esta especie de violencia feita ao seu coração! O mais prudente e o mais digno era pois dar-lhe tempo de reflectir, continuando envolta no mysterio a pessoa a quem devia tantas finezas.

Resignou-se portanto, custando-lhe sim, mas com firmeza. Renunciando ao prazer de presenciar a ale-

gria d'aquelle que tão estremecidamente amava, poz em cima da carteira os dous pergaminhos, e dirigiu-se para a passagem secreta.

Pouco depois entrou o joven lord na bibliotheca. Parecia vivamente preoccupado; deu duas voltas em roda do aposento, e depois dirigiu-se machinalmente á carteira, em cima da qual miss Helena deixára a luz que havia trazido do seu quarto. Os diplomas, escriptos em pergaminho, e com os competentes sêllos vermelhos, chamaram desde logo a sua attenção. Agitado de um favoravel presentimento, pegou-lhe com sobresalto: apenas lêra porém duas ou tres linhas solton uma exclamação de surpreza. A razão vacillou-lhe por um momento. Tornou a ler para verificar se se havia ou não enganado, examinou as assignaturas, e os sêllos; tudo estava na devida fórma. Mas quando observou a cota escripta pelo proprio punho de sir Croffort, todas as duvidas se lhe desvaneceram. O que julgára ter perdido em consequencia da guerra, restituia-lh'o a generosidade de um parente, que até então considerára como inimigo.

E sir Ricardo, que resistíra impavido a toda a especie de provações e desgostos, quasi succumbiu á commoção causada por um acto de tanta lealdade; arrasaram-se-lhe os olhos de lagrimas; agarrou nos pergaminhos, e voltando-se para a estatua de estanho, n'um impeto de sensibilidade apaixonada, exclamou:

—Ah! se é verdade que me proteges, e que te devo tudo quanto ha dias me ha succedido de afortunado, anjo, ou demonio, quem quer que sejas, acaba a tua obra! Restituiste-me a minha patria e os meus bens; faz com que eu possa readquirir aquillo que sómente dará valor a tudo isto; restitue-me o amor da mulher, que me havia sido promettida!

Respondeu-lhe um suspiro...mas suspiro de um coração que arfava de inusitada ternura. Sir Ricardo viu abrir-se mansamente uma porta; e sua interessante prima, com o semblante banhado em dulcissimo pranto, e os labios entre abertos por um meigo sorriso, veiu lançar-se-lhe nos braços.

Um mez depois, sir Ricardo e miss Helena contrahiam os doces laços do hymeneu na capella do castello, em presença de toda a familia. João Stamps, a quem nunca revelaram o segredo da porta secreta, ficou sempre persuadido de que tudo fôra devido á bemfazeja influencia da estatua de estanho; mas cada vez que se fallava n'isso, sir Ricardo olhava para lady Helena, e sorria-se.

CONSERVAÇÃO DOS INSTRUMENTOS ARATORIOS.

Todas as economias, por pequenas que sejam, tem sua importancia em agricultura. É por isso que se recommenda o seguinte processo, que é aliás mui simples, e de uma efficacia reconhecida.

Esfreguem-se, depois de haverem servido, os instrumentos e utensilios agricolas com um pedaço de panno de linho molhado em oleo siccativo quente. Seccando em pouco tempo, esse oleo fórma uma especie de capa de verniz sobre a madeira e sobre o ferro; penetrando a madeira, faz com que não rache, e a preserva da chuva e do sol, tão bem como a pintura. Do mesmo modo o ferro preparado não se oxyda. Cumpre que se empreguem unicamente os oleos de linhaça ou de noz, que são siccativos. O azeite de oliveira não convem, porque não secca.

EMPREGO VANTAJOSO DA FARINHA DE FAVAS.

A carestia dos cereaes, ameaçando a subsistencia das classes proletarias, torna interessantes todas aquellas tentativas que tem por fim o aproveitamento de substancias, que podem concorrer para baratear o preço das que mais ordinariamente servem á alimentação do povo.

A farinha de favas apparece agora muito recommendada em França para este fim.

Cumpre notar que a mistura da farinha de fava á de trigo não é cousa nova. Plinio, assevera que o uso d'esta farinha era mui commum na antiguidade.

Está demonstrado que a mistura da fava favorece a fermentação, dá elasticidade á massa, e torna o pão de um sabor muito agradavel.

O sr. Payen, diz que as favas são mais ricas em substancias azotadas e gordurentas que os cereaes, constituindo sem duvida um dos alimentos vegetaes mais completos.

Por observações escrupulosas conheceu-se tambem que é possivel preparar um pão bem amassado, de boa apparencia, e optimo gosto, com a addição de 10, 15 e 20 por cento da quantidade de trigo empregado.

É notorio que em Portugal não ha escacez de fava; e posto que seja muito procurada para o penso dos animaes, ainda assim o seu preço é bastante inferior ao do milho e dos outros cereaes. Parece-nos pois que não será desacertado aproveitar na panificação a farinha de fava, e mórmente da fava miuda; porque d'este modo se poderá fabricar em certas localidades pão consideravelmente mais barato do que o commum.

Aquelles senhores que quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura terão a bondade de o declarar, quanto antes, em Lisboa aos distribuidores; e nas provincias, aos respectivos correspondentes, ou *por carta franca* dirigida ao editor, e acompanhada de uma ordem da importancia da assignatura.

Preços, por anno 1$300 rs., por semestre 700 rs., avulso 30 rs. Para as provincias (franco de porte) por anno 1$570 rs., por semestre 830 rs.

Assigna-se para o Panorama: em Lisboa, na livraria do editor, A. J. Fernandes Lopes, rua do Ouro, n.os 227 e 228, e na do sr. Lavado, rua Augusta, n.º 8.

São correspondentes do editor: no Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; em Coimbra, o sr. A. H. Dardalhon; em Vianna do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximianno Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio do Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Bahia, a sr.ª Viuva Carvalho & F.º

FRANÇA — BOLSA DE PARÍS.

Antes da revolução de 1789 os negociantes da praça de París reuniam-se no palacio Mazarino. Posteriormente passaram a juntar-se na igreja dos frades menores, e no palacio real. Napoleão foi quem projectou a construcção de um edificio para a bolsa, tal como o exigia a grandeza da França então, e o objecto a que se destinava. Começou-se de feito a edificação d'este notavel monumento em 1806, concluindo-se em 1826. Serve elle ao mesmo tempo para os negocios da bolsa, e para séde do tribunal superior de commercio.

Tem o edificio a fórma de um parallelogrammo de 138 metros de comprimento sobre 82 de largura, decorado de sessenta e outo columnas de ordem corinthia, assentes sobre um envasamento de tres metros de altura. A das columnas é de 10 metros, e um de diametro.

O grande salão é ao nivel do solo, no centro do edificio; tem 25 metros de largura e 38 de comprimento; é bem illuminado e ventilado, e pode conter desafogadamente até duas mil pessoas. O pavimento é de marmore, e as muralhas guarnecidas de baixo-relevos, representando allegorias commerciaes. Em uma das extremidades do referido salão vêem-se os gabinetes dos agentes da bolsa e dos corretores de commercio. Tem outras salas á direita, e á esquerda a escadaria que conduz ao tribunal de commercio.

São dignas de attenção as pinturas que adornam os arcos da sala grande, devidas, na maxima parte, aos pinceis de Abel de Pujol e Meynier. No fundo da sala, que serve de tribunal de commercio, ha tambem formosissimas pinturas representando allegorias mui primorosas.

As horas que então destinadas para as transacções são da uma ás cinco da tarde; comtudo as galerias franqueam-se ao publico desde as nove da manhã.

A inspecção d'este edificio está a cargo de um commissario nomeado pelo ministro da fazenda.

O palacio da bolsa é considerado como um dos mais magestosos monumentos de Paris, chegando a rivalisar com a sumptuosa igreja da Magdalena.

UM JUDAS HERMAPHRODITO.

I.

É Pedro um rapaz,
D'alcunha o *Fragata*,
Mancebo capaz.

Que dá sóta e az
Nas cousas do mar.
Um peixe a nadar,
Que faz e concerta
Tarráfas, chinchôrros;
E tem mão tão certa,
Co'a fisga ao candeio,
Que os peixes, sem vel-os,
Espéta-os ao meio!
E barco, ou bateira,
Que vá de carreira,
Que á vela, que á vara,
(A remos, não digo,
Que é lá cousa rara):
Governa o *Fragata*
Melhor, do que *Alboni*
Um trilo, ou volata.
Honrado, valente;
Um bom coração...
E a Deus, mais temente
Do que elle, — isso não.
Se, o padre vigario
Lhe põe penitencia
Resar uma c'rôa,
Resou um rosario.
Esbelta figura...
D'idade na flor...
Bizarro, — perfeito...
Não ha mais que pôr.
Airoso barrete,
Mourisco gabão;
As bragas de neve...
Simpleza, mais não;
Seu todo compunham
De tal perfeição;
Que a vel-o — senhoras...
Rainhas, talvez,
Não uma olhadella,
Deitavam-lhe tres.
— Perdido d'amor,
O bom pescador,
Só via Rosinha,
Galante mocinha
Mui bem concertada,
Que o padre vigario
Chamava — afilhada:
E bôcas do mundo...
Ai! bôcas nefandas,
Que tudo em bolandas
Remechem, revolvem...
Que a muitos envolvem
Com falsos enredos;
Descobrem segredos!...
Diziam... não digo.
Mas digo, e direi:
Cachopa de lei,
Maior perfeição,
Até'li, mais não.
Se mouro, ou judeu,
De tantos agrados
Um só fôra seu,
Daria... eu sei lá!
Korans, e talmuds,
Imperios d'Allah!
— Mas, se elle, — o *Fragata*
Por ella morria,
Mais sol, nem mais lua,
Rosinha não via.
Amavam-se, é certo,
Mas, muito em segredo,
Que o padre o soubesse,
Os dous tinham medo.
Não, que elle não fosse
Bondoso pastor,
Dos pobres, amparo,
Maior defensor.
Mas, Pedro era pobre,
Rosinha estimada;
Que em casa de padre
Jamais faltou nada.
— Havia um maluco
Na terra, — em Aveiro,
Sobrinho direito
D'um mestre barbeiro;
Se reles navalha,
Má lingua, o primeiro;
Que a linda Rosinha,
Tambem pretendia.
Nem elle sabia
Nanaia — o maluco
Se amava, se não.
Quem diz, que patêtas
Tem lá coração!
Mas fez taes promessas,
Conselhos taes deu,
Que pôz d'as avessas
O tio, ao sandeu.
E, se este era parvo
Sem ser namorado,
Tornára-se agora
Um parvo quadrado.
— O tal *Cóspe-fóra*...
Ao rápa-cabello
Assim lhe chamavam,
E a alcunha fundavam,
Na grão demasia,
Com que elle cuspia;
Um diz, que era vicio,
Est'outro, que azia.
E vicio, ou molestia,
Que ao caso não vem;
É certo, porém,
Que o tal *Cóspe-fóra*,
Já vendo o desdem
Com que ella — Rosinha,
Nanaia tratava;
Na côla lh'andava.
E tanto espreitou,
E tanto indagou,
Que soube... pudéra!
Quem viu mexerico,
De pobre, ou de rico,
Occulto a barbeiro?
Ha tal, que dá novas
Colhidas a cheiro!
— De Pedro e Rosinha
Amores soubera;
E a bôca em cratéra
D'immundo volcão;
D'injurias, e cuspo
Se fez erupção!
Afim concluindo
Com este sermão:
«Oh vós, que m'ouvides
Rebôlo, navalhas,
Cortinas, toalhas,
Panninhos da barba,
E banha, e sabão:
Se d'esse *Cuícas*,
Se d'esse *Pé-fresco*,

Se o *Pesca-alforrécas*,
M'as não pagar bem,
Chamae-me tambem,
Gigante na lingua,
Em obras ninguem.
Dizei... sim, fallae;
Toalhas, cortinas
A pelle m'esfregae.
E vós, meu rebôlo,
Meu rosto amollae.
E vós — oh navalhas!
Viris instrumentos,
Que barbas, *a fio*
Rapastes aos centos;
Meu sceptro flammante,
Que ao buço primeiro,
Que eu fiz, inda a medo;
Gritastes: — ávante!
Serás um barbeiro!...
Se Pedro, o *Fragata*,
Ruim pescador,
Logrado não fôr,
Qual roda, tornae-vos,
De Santa Catharina,
E d'este pescoço,
Não fique nem osso,
Na tal dirandina!

II.

Porque seu melhor adorno
Agora o templo não tem?
Nem Senhor crucificado,
Nem santos vejo tambem!

Porque, o sol d'essas imagens
Alegral-o hoje não vem?
Tristes, rôxos véus, só vejo
Pendentes, aqui, além.

Incensos, festivos cantos,
Som de magua hoje os detem:
É que dôr maior não houve
O mundo p'ra maior bem.

Hora fatal s'aproxima,
Pranteia Jerusalem,
Vae nas trevas submergir-se
Pura estrella de Bethlem.

III.

Já tocam matracas,
Já maços apromptam
Rapazes, que contam
Á noute, na igreja,
As *trevas* bater,
A mais não poder.
Lá vejo o barbeiro,
Chamando, o primeiro
Gaiato d'Aveiro,
Fallar-lhe em segredo,
E dar-lhe dinheiro!
— E ranchos de povo
Já prestes caminham
Caminho da igreja,
Que as horas já vinham.
E os mais precavidos
De ha muito eram idos;
Que em dias de festa,
P'ra ter bom logar,
Convem madrugar.
Rosinha, e Fragata,
Na igreja tambem,
Pertinho, um do outro,
Em ledo entretem,
De ha muito se olhavam.

IV.

É noute. No templo patente,
Que mal se allumia, de luzes só quinze,
Ha cantos sentidos — innumera gente.
Da conta, que vae decrescente
Das luzes, — só brilha no meio a mais alta.
Sumiu-se. — Eil-o o templo, que é trevas sómente!

V.

E em chusma, os rapazes
Estrondo fazendo,
As trevas batendo.
E luz já traziam,
Inda elles batiam.
E os padres no côro,
De cannas armados,
Seus *cóques* vão dando
Nos mais descarados,
E a bulha findando.
— Officio acabado,
A mó se despeja,
Do povo, sem conto,
Que estava na igreja.
Eis, junto ao degrau,
Não sei de que altar,
O povo a cercar...
Zumzum, borborinho...
Sorrisos de mófa,
Com seu escarrinho!
Risadas no templo,
Murmurio tamanho...
O caso era estranho!
Se riso fazia,
A Pedro, e Rosinha,
Causava arrelia.
E foi, que ambos indo,
Officio já findo,
A pôr-se de pé,
Não houve de quê:
Que saia, e gabão
Pregados estão!
E puxa, que puxa,
E tão bem pregados,
Que, nem um nem outra,
Se dão despegados!
E puxa, que puxa,
E puxa a rasgar.
E saia, e gabão,
Rasgados lá vão,
De tanto puxar.
E Pedro, e Rosinha
Saíram corridos:
Elle ía raivando,
Rosinha, essa quasi
Perdêra os sentidos.
— O caso contado,
Vae sendo augmentado:
Pois diz o dictado:
«Quem conta seu conto
Augmenta-lhe um ponto.»
E conta d'aqui,
E conta d'ali:

Que certo, que vário,
O caso contaram
Ao padre vigario.
Oh bôca damnada,
Que foste dizer!
Rosinha, coitada,
Cuidava morrer;
Não, que elle — o vigario
De leve tocasse,
No caso fallasse;
Nem era preciso:
Pessoa de sizo,
Que viva comnosco,
Por dentro, e por fóra,
N'um dito, n'um gesto,
Nos lê, sem demora.
— O *Rapa-bigodes*
O caso assoalhava,
Que em mal commentava;
Dizendo-o, — ser obra,
Castigo de Deus,
Exemplo a judeus,
Que em santo logar,
Em vez d'adorar,
Vem só namorar. —
E baixos os olhos,
Em ar supplicante,
Por fóra mentia,
O tal meliante,
Por dentro sorria;
E a quem o ouvia,
Melhor persuadia.

VI.

O relogio não dá horas,
Os sinos emmudeceram;
Té as aves, em seus ninhos,
Seus cantares esqueceram.

Junta a igreja, gala a gala,
Já, seu throno guarneceram
Lindas jarras, flores, luzes,
E que todas s'accenderam.

Aromatica alcatifa
Pelo chão, vel-a estenderam,
E se mais pizada fôra,
Mais aromas recenderam.

Se mil annos, d'um tal dia,
Um a um se succederam,
Que de corações perdidos
A Jesus se não renderam!

As igrejas visitando
Anda gente, hoje, sem fim.
Quem viu quinta feira santa,
Que a não visse andar assim?

E já noute, infindo povo
Vel-o junto, sem motim.
Descoberto, de joelhos...
É pasmar! Mas não p'ra mim;

Que no seu andor, lá vejo,
Com seu manto carmezim,
Veneranda imagem, feita
D'um só tronco d'alecrim.

É do Senhor — *Ecce-homo* (1)
— E eu por vel-a tambem vim —
Procissão, — e a mais solemne,
Té mouros dirão, que sim.

VII.

Em erma viéla
Dous vultos, mais não,
Agora lá são.
Um posto, á janella,
Est'outro, no chão,
Que vultos serão?
Os dous, — elle e ella,
Rosinha, que a Pedro.
Por fina cordinha,
Às mãos lhe passava
Gentil condecinha;
Que *amendoas* levava,
Não digo a ninguem.
Que o padre as pagava.
Não digo tambem.

Pedro.

Ah *sôra* Rosinha,
Canté, se eu soubera
O méco, quem era,
Que os prégos pregou;
À fé de quem sou,
Que — sem mais barulho,
Lhe dava um *margulho*,
Baldeava-lhe o coiro,
Com'a quem, no rio,
Vasa o vertedoiro!

Rosinha.

Não ha de assim ser,
Meu Pedro: não ha de,
Sou d'outro par'cer.
Metter'st'em trabalhos,
Por quatro negalhos...

Pedro.

Negalhos! — Pois cuida...

Rosinha.

Eu cuido o que cuidas.
Que fôra mal feito,
Lá vir um sujeito,
Quem quer que elle seja,
Fazer-se atrevido;
E o que é mais, na igreja;
Merece castigo.

Pedro.

É o mesmo que eu digo,

Rosinha.

Mas vaes muito além.
Lição, que o escarmente,
E a nós, nos contente,
Dar mal, ficar bem...
Eis tudo.

Pedro.

Será.
Sua bôca o disse,
Calado estou já.

Rosinha.

Sei tudo. O *Nanaia*
Fallei-lhe inda agora,
Caíu, sem demora.

(1) Assim chamam em Aveiro ao Senhor da Canna Verde. — É imagem de grande devoção, e construida d'um só tronco de alecrim. O povo assim o affirma, e a Chorographia do padre Carvalho, se bem me lembro, confirma-o

Foi elle...
Pedro.
O maluco!
Rosinha.
Não, o *Cóspe-fóra.*
Peitára um gaiato,
Que ao bater das trevas,
Nos pregasse o fato...
Mas, deixa tu 'star,
Que as ha de pagar.
Pedro.
Como?
Rosinha.
Eu t'o digo.
—O Pedro, se o sabe,
Dizia eu commigo,
Alguma desgraça,
Quem diz, que não faça?
E á conta dos medos,
Forjei meus enredos...
—Caluda!... Vem gente...
Amanhã... Adeusinho...
Mas vem mais cedinho.

VIII.

Já se ouviu — *Gloria in excelsis.*
Alleluia já soou;
E nem sino, nem garrida,
Nem um só d'elles tocou!

Pois se as trevas já findaram.
Se luz nova já raiou,
Nem um toque d'alegria,
Em Aveiro resoou!

Inda não; que ao signal dado
Da *Matriz* tudo ficou;
E n'um tempo, agora tudo,
Tudo em cheio repicou (1).

D'essa alegre hora festiva
Olvidado inda não sou.
Commoções, que o berço dera
Inda o tempo as não levou.

Grossa pedra d'Alleluia,
Com que o lorpa carregou,
Ajoujado — de tão longe...
A vel-o cuido que estou!

IX.

E um Judas pendente,
Na corda dansava;
Ao som d'algazarra,
Que a plebe soltava.
E povo, e mais povo,
Se o caso era novo!
Que a *Judas*, Aveiro
Não era vezeiro (2).
—E o Judas bailando,
Um, já perguntando,
Aquelle explicando,
Em terras do reino
A usança ter visto.
—E juntas, dispersas,
Mil vozes diversas.
«Pois Judas é isto!»
—E a plebe, que ríra!
Se ao Judas, agora,
Deu tal vira-vira,
Que, quasi, o despíra!
Vozes.
—Caíram-lhe as calças!
«É Judas, sem alças»
—Espera — traz saia!
«Mas Judas é macho!...»
—Este é d'outra laia;
«Será macha-femea!»
—E n'isto, um gaiato
Doutor no pião,
Em péla, e bilharda,
Lhe chega um tição.
E o fogo s'ateia,
E o Judas rabeia:
Já bichas sibilam,
E se alto ribomba
O estoiro da bomba,
Tambem dão seus baques
Alguns trique-traques.

—

—E o Judas então,
Caído é no chão.
Gaiato.
—Caluda, rapazes!
Prestae-me attenção.
—E vel-o, que abríra
Pequena caixinha,
Que o Judas continha:
E d'ella, que tira
Papel, onde escriptos
Estão estes ditos:

—Come pão de milho e sémea,
Este Judas macha-femea,
De marido, e mulher tem
Seu fato: — de mais ninguem.
E quaes são sabéde agora:
Ella, e o mestre Cóspe-fóra! —

Geral gargalhada,
O povo soltava,
E o mestre fitava;
Que já d'abalada,
Veloz se *raspara*,
Ao som d'apupada.
Fragata sorria,
Rosinha tambem;
E já lhe dizia:
—Vingámo-nos bem.

O mestre fez queixas
Ao padre vigario.
Ouvida Rosinha,
Não disse o contrario;
E só, que o barbeiro
Zombára primeiro.
O padre zangou-se,
Primeiro ralhou,
Por fim perdoou;
Depois perguntou:

(1) Lembro-me, que quando eu era pequeno, assim se praticava em Aveiro. Hoje não sei se a usança ainda subsiste, porque ha 28 annos que lá não vou. Aquillo, sim, que era uma verdadeira *Alleluia*, de que ainda me recordo com saudade infantil, de todas a mais grata

(2) Assim era, na minha meninice. A usança do Judas, em sabbado d'Alleluia, era ali desconhecida; ou pelo menos o povo não a punha em pratica.

Padre.
Que idéa de Judas
Foi esta?—Onde a viste?
Que fóra d'Aveiro
Diriam saíste!
Rosinha.
Contou-me a visinha,
Que a festa, em Lisboa,
Seus Judas lá tinha:
De como os vestiam...
Do que lhes faziam...
E agora—padrinho,
Que sabe a verdade...
Negar-me, não ha de...
Pois elle... o Pedrinho...
Riquezas... não tem...
Bem sabe, o padrinho,
Se as tenho... tambem...
E depois...
Padre.
Depois?
Morreram as vaccas,
Ficaram os bois.
—O que Deus quizer,
Só isso ha de ser.—
E seja!—Que as paschoas
Alegres nos venham,
E taes se mantenham...
Rosinha.
Padrinho d'esta alma!
Que abrazo de calma!...
Padre.
«Silencio!—O *folar*,
Que este anno receba...
É teu... e... casar!
E Deus te abençoe...»
—E o padre a chorar!

Em autos conclusos,
Os casos confusos,
Eis claros estão.
Só falta dizer-vos,
Que o parvo *Nanaia*,
Que as calças, e saia,
Levára,—coitado,
Depois de ralhado,
Cuspido, tosado
P'lo mestre barbeiro,
Foi quem mais perdeu.
Em toda a questão,
Ou perde o vilão,
Ou perde o sandeu.

Mafra, 31 de março de 1855.

J. DA C. CASCAES.

NAVEGADORES ESTRANGEIROS.

III.

DESDE QUEIROZ ATÉ BOUGAINVILLE.

(SECULOS XVII E XVIII)

A testa dos navegadores do seculo XVII apparece Fernando de Queiroz, ou Pedro Fernandes de Queiroz, que uns dizem haver sido portuguez, outros hespanhol, e que servira de piloto com o celebre Mendana, quande este foi assassinado na ilha de Santa Cruz ou de Egmont, em 1595. Encarregado pelo governo iberico de descobrir um continente austral, de cuja existencia foi elle o primeiro a conceber a idéa, diz Cook, partiu de Callao a 21 de dezembro de 1605, com duas naus e um patacho, sob o commando superior de Luiz Paz de Torres. Governando a oes-sudoeste foram descobrindo diversas ilhas, que depois tem sido reconhecidas por outros navegadores, recebendo successivamente differentes nomes, até que chegaram á terra austral do *Espirito Santo*, á qual muito depois Bougainville chamou *archipelago das Grandes Cycladas*, e Cook denominou *Novas Hebridas*. As duas naus separaram-se á saída da bahia de S. Filippe e S. Thiago; e em quanto Queiroz voltava á Nova Hespanha, soffrendo faltas de agua e de mantimentos, Torres passava, o primeiro, entre a Nova Hollanda e a Nova Guiné, e dava para sempre o seu nome áquelle estreito. Em o numero das ilhas encontradas por Queiroz, conta-se a de Taiti ou Otahiti, a que elle deu o nome de *Sagitario*.

Tres annos antes explorava Gosnold o norte da America, reconhecendo a bahia de Massachusets, e varias ilhas do novo mundo. Os inglezes, que se não descuidavam então de visitar aquellas paragens, descobriram em 1607 a bahia de Chesapeake; e no mesmo anno começou o piloto Hudson uma longa viagem na direcção do polo arctico, dando o seu nome a um grande golpho, que designou com o titulo de bahia, diligenciando, como tantos outros navegadores, antes e depois d'elle, encontrar a suspirada passagem para o mar do sul. As suas explorações n'estes mares tempestuosos, por entre ilhas de gelo, que ameaçavam de contínuo os navios, estendeu-se até 1610. Logo no anno seguinte descobre João Mayen, hollandez, a ilha do seu nome, no mar Glacial; e outro batavo, Jorge Spilberg, enviado ás Molucas pelo estreito de Magalhães, em 1614, destroe uma esquadra hespanhola no Peru, e volta á Europa atravessando o grande oceano.

Dous navegadores da mesma nação, Le Maire e Schouten, partiram em junho de 1615 na direcção do sul da America. Tendo ardido no porto *Desejado*, um dos seus navios, o *Horn*, continuaram a viagem no que lhe restava, a *Concordia*, e descobriram o estreito de *Le Maire*, ao sul do estreito de Magalhães, e além ainda o cabo de Horn, costeando o qual passaram ao mar Pacifico. Em seguida deram vista de differentes ilhas desconhecidas até então, visitaram a Nova Bretanha, e a parte da Nova Guiné chamada hoje Nova Irlanda, e chegaram a Batavia em outubro de 1616. Ao mesmo tempo, em outro extremo do mundo, descobria Williams Baffin, navegador inglez, o mar do norte que tomou o seu nome. Durante os seguintes annos, varios exploradores hollandezes reconheciam as costas da Nova Hollanda: Nuyts, Witt, Carpenter, Edels, Hertog, e outros, deixaram os seus nomes a varios logares d'aquelle grande continente. O almirante L'Hermite, da mesma nação, fez uteis investigações nas visinhanças do cabo de Horn, e passou pelo estreito de Le Maire em 1624. Porém o grande navegador batavo d'aquelle seculo foi Abel Tasman, que deixou de si memoria eterna, descobrindo a terra de *Van-Diemen*, a *Nova Zelandia*, e muitas outras ilhas do mar do sul, pelos annos de 1642 e 1643. Só os gelos polares impediram que passasse ávante o intrepido nauta, desejoso de encontrar um continente austral. Em seguida outro conterraneo seu, o capitão Vries, descobre o estreito do seu nome, o golpho de Aniva, e a ilha da Com-

panhia, terminada ao norte pelo cabo *Kastricum*, nome do navio em que ia Vries.

Um intervallo de vinte annos separa d'estas ousadas navegações dos hollandezes os não menos importantes trabalhos maritimos de Cowley, piloto bretão, e de Dampier, seu joven companheiro de viagem. O primeiro reconheceu as ilhas Gallapagos, perto do equador, e outras a que deu differentes nomes, que já hoje não conservam; o segundo, em subsequentes expedições, descobriu as ilhas de *S. Mathias* e *Tempestuosa*, visitou a costa oriental da Nova Irlanda, e a costa meridional da Nova Bretanha, legando o seu nome ao estreito que separa esta ultima terra da Nova Guiné. Por este novo caminho vae encontrar as ilhas da *Corôa*, do *Vulcão* e outras; e termina a sua gloriosa carreira maritima acompanhando o almirante Wood-Roggers na passagem do cabo de Horn, e no reconhecimento de muitas ilhas do Pacifico. Apenas o nome de um navegador hespanhol, Francisco Padilla, apparece n'esta epocha em competencia com os dos batavos e bretões; e só um francez tambem, La Salle, que descobriu a *Luisiana*, em 1673. Um allemão, Kempfer, surge pela primeira vez na scena maritima, explorando cuidadosamente o Japão em 1692. Vlaming, hollandez, reconhece as ilhas de *S. Paulo* e de *Amsterdam*, que se suppõe já terem sido avistadas por outro batavo, o immortal Tasman.

E mais nada de importante apresenta o quadro das navegações europeas d'este seculo; o gosto pelos descobrimentos ia affrouxando, e só na segunda metade do seculo XVIII creou novo vigor. Então reappareceram valentes circumnavegadores, ousados exploradores das regiões polares, e tentou-se outra vez encontrar ao norte a passagem para o mar das Indias. Os russos começaram desde 1711 a fazerem-se conhecidos no mar, occupando as ilhas Kuriles, e como visinhos que são do polo arctico, emprehenderam d'ahi em diante muitas viagens de descoberta n'aquelles mares, occupando varias ilhas, e estendendo os limites do imperio por costas inhospitaleiras e portos quasi sempre gelados.

Em 1721 equiparam os hollandezes tres navios, destinados a explorar o mar do sul, sob o commando e direcção do almirante Roggewin. Tendo montado o cabo de Horn, e já em principios do seguinte anno, descobriram a ilha de *Paschoa*; as *Perniciosas*, ilhas baixas onde se perdeu um dos navios da expedição, as ilhas da *Aurora*, de *Vesperas*, o archipelago *Labyrinto*, o de *Bauman*, as ilhas *Solitaria*, *Recreação*, *Thienhoven*, *Groninque*, e mil outras, das quaes um grande numero ainda não foi de novo encontrado.

Behring, distincto navegador dinamarquez, ao serviço da Russia, descobre o mar a que deu o proprio nome, e o estreito tambem denominado de Behring, que separa a Asia da America, em 1728. As suas exploraçoes n'estes mares duraram alguns annos, e as descobertas que fez são numerosas. Pronchikoff, navegador moscovita, continúa a devassar estas regiões de eternos gelos, e reconhece a parte septentrional da Siberia. Lozier Bovet, com dous navios, parte para o oceano meridional em 1738, encarregado, pela companhia franceza das Indias orientaes, de procurar novas terras. No primeiro de janeiro de 1739 avistou uma ilha, em 54 graus de latitude sul; porém Cook suppõe que este pretendido paiz não fosse mais do que algum gelo fluctuante, pois que debalde o procurou quando visitava aquelles mares. Ao mesmo tempo continuava Laptief, navegador russo, a exploração da costa septentrional da Siberia; e no seguinte anno dava principio á sua famosa viagem o celebre Anson, inglez, que pouco adiantou em conhecimentos geographicos, mas cujos successos militares foram de nomeada.

Tschirikow, navegador moscovita, percorria em 1741 a costa da America russiana, e o seu nome foi dado a um cabo e a uma bahia d'aquella região por La Perouse, muito tempo depois. Middleton, bretão, descobre o canal de Fox, no mar Arctico, em 1742. Ellis explora a bahia de Hudson em 1747.

Desde então nenhuma empreza maritima se tentou até 1764, data da abertura de uma nova epocha de descobrimentos, que tem sido continuada quasi sem interrupção até aos nossos dias. Já não se procuram terras, meramente por curiosidade ou por ambição; commissões scientificas acompanham os nautas na exploração dos paizes desconhecidos, e a esphera do saber humano alarga-se ao cabo de cada uma d'estas viagens. Os nomes de Bougainville, Cook, La Perouse, Urville, Ross, Franklin, estão alliados a importantes descobertas de todos os generos; e alguns d'estes valentes navegadores foram victimas do seu amor pela sciencia, e morreram ás mãos dos barbaros como o seu nobre predecessor Fernando de Magalhães! A alguns dedicaremos n'este estudo um espaço maior do que temos dispensado a grande numero dos exploradores maritimos, e indicaremos ao leitor aonde pode buscar mais amplo conhecimento dos seus trabalhos uteis.

O comodoro inglez Byron enceta esta nova carreira de gloria scientifica. Saíndo das Dunas em 21 de junho de 1764, com dous navios, o *Golphinho* e o *Conquistador*, visita as ilhas Falkland (Malvinas), e penetra no mar do sul pelo estreito de Magalhães, determinando com exacção os contornos d'esta passagem de um para outro oceano. Em seguida descobre as ilhas do *Desapontamento*, que assim denominou por não poder communicar com ellas, quando o seu aspecto lhe promettia optimos refrescos; e vogando ao noroeste vae successivamente dando vista das ilhas do *rei Jorge*, do *principe de Galles*, do *duque de York*, e de *Byron*, até que, feito um giro inteiro em volta do globo, chega a Inglaterra no dia 9 de maio de 1766.

No mez de agosto seguinte tornou a partir o *Golphinho*, com outro novo companheiro, o *Andorinha*, commandados por Wallis e Carteret, em busca de aventuras maritimas no Pacifico. Tendo passado o estreito de Magalhães, os dous navios se separaram, e cada um dos capitães buscou a seu rumo novas descobertas. Wallis caminhou direito a oeste, em uma latitude tão elevada como nenhum antes d'elle navegára, mas não encontrou terra senão para dentro do tropico. Ahi descobriu ou reconheceu as ilhas de Pentecostes, da rainha Carlota, de Egmont, do duque de Glocester, do duque de Cumberland, de Jorge III (Taiti), Keppel, Wallis e muitas outras, e regressou a Inglaterra em maio de 1768. Carteret por sua parte descobre a ilha de *Pitcairn*, nome de um dos officiaes do *Andorinha*, a ilha do *bispo de Osnabruck*, reconhece o archipelago de *Santa Cruz* de Mendana, a que chama *Ilhas da rainha Carlota*, a ilha de Carteret e outras; faz um reconhecimento exacto do estreito que separa a Nova Irlanda da Nova Bretanha, ao qual dá o nome de *Canal de S. Jorge*; descobre outras ilhas a oeste da Nova Irlanda, taes como a *Nova Hanover*, *Portland* e *Almirantado*; e tendo concluido um trabalho geographico a respeito das Celebes, volta a Europa pelo cabo da Boa Espe-

rança, e fundea em Inglaterra no mez de março de 1769.

Logo depois d'estes dous illustres maritimos, a 5 de dezembro de 1766, partiu de Brest o primeiro circumnavegador francez, o celebre Bougainville, e a sua pittoresca viagem terminou no mesmo mez e anno que a de Carteret. Encarregado de entregar a um commissario hespanhol a posse das ilhas Malvinas, aonde os francezes tinham um estabelecimento desde 1764, e contra o qual reclamára o governo de Madrid, Bougainville embarcou na fragata *Desconfiada*, tocou no Rio de Janeiro e em Montevideu, passou ás Malvinas, aonde deu conta da sua commissão; e tendo-se reunido com a charrua *Estrella*, carregada de mantimentos e sobrecellentes para a expedição, cruzou o estreito de Magalhães, e navegando no mar occidental deu o nome de *Archipelago Perigoso* a um grande numero de ilhas baixas, que já provavelmente haviam sido vistas por Queiroz em 1606. Depois foi ancorar á ilha de Taiti, dando-lhe o nome de *Nova Cythera*, por se julgar transportado a um verdadeiro Eden de formosura. D'ahi foi reconhecendo muitas ilhas n'aquelle extenso oceano, parte das quaes já estavam descobertas, mas que receberam agora novas denominações; taes como o archipelago dos *Navegadores*, a ilha dos *Leprosos*, e as *Grandes Cyclades*. Tendo passado graves tribulações no golpho da *Luisiada*, e reconhecido uma numerosa porção de ilhas, ilhotes e restingas, voltou pelas Molucas e por Batavia ao cabo da Boa Esperança, e d'ahi a S. Maló, onde se terminou esta aventurosa viagem de dous annos e quatro mezes.

Bougainville havia nascido a 11 de novembro de 1729, e morreu a 31 de agosto de 1811, com o titulo de conde do imperio, dado por Napoleão. A narração da sua viagem á roda do mundo é escripta com muito gosto, e pode ler-se na collecção de viagens compiladas por Montemont, e por elle judiciosamente annotadas. É delicioso o quadro que ahi se encontra da ilha de Taiti, d'essa nova Cythera, onde o almirante Dupetit-Thouars plantou, não ha muitos annos, o pavilhão da França, como protectora de tão formoso paiz.

Anquetil, no seu *Resumo da historia universal* (volume XII) aprecia assim a viagem d'este illustre circumnavegador: «M. de Bougainville foi mandado por Luiz XV, com dous navios, a fazer novas descobertas, e *procurar para a geographia conhecimentos uteis á humanidade*. Este ousado, activo e intelligente navegador applicou-se principalmente a fixar com exactidão a posição de cada logar, a confirmar as observações dos antigos descobridores, ou a rectificar os erros commettidos por elles, a traçar os contornos das costas maritimas, descrever fielmente as marcas de reconhecimento das terras, indicar a direcção das correntes, os baixos e recifes, as variações das marés e dos ventos, e tudo que pudesse favorecer ou contrariar a navegação em mares até então desconhecidos.»

Antes que Bougainville regressasse a França d'esta sua viagem á roda do mundo, já havia saído de Inglaterra com o mesmo destino o celebre e infeliz Cook. No seguinte capitulo nos occuparemos d'este circumnavegador, um dos maritimos modernos que mais valiosos serviços prestou á sciencia.

(Continúa).

F. M. Bordalo.

GOMMA ELASTICA.

A gomma elastica, ou caoutchouc, é o succo de varios vegetaes de especies differentes; mas os que fornecem a maior quantidade da que se consome na Europa, são a figueira elastica *(ficus elastica)* do reino de Nepaul, no Indostão, e a *Hevæa Guyanensis*, arbusto da America meridional.

A *Ficus elastica* cria-se nas grandes estufas da Europa, sendo aqui muito estimada pelo effeito ornamental da sua folhagem. A *Hevæa Guyanensis*, que se assemelha muito a uma planta bastante conhecida dos amadores, a *Hoya bella*, nada apresenta de verdadeiramente notavel. No seu paiz natal alcança algumas vezes proporções colossaes.

É notorio a quão diversos usos se applica hoje a gomma elastica, conhecida no commercio pelo nome de caoutchouc. A gutta-percha, substancia de natureza quasi identica, parece querer disputar-lhe a preferencia: entretanto o que pode asseverar-se é que tanto a gomma elastica como a gutta-percha tem hoje immensas applicações na industria.

Os omaguas, grande nação da Amazonia, temivel na guerra, é a quem se deve o primeiro emprego da gomma elastica. O mesmo methodo que elles usavam, segue-se ainda hoje com pouca differença.

Faz-se uma incisão profunda no tronco da arvore da gomma-elastica, a que no Brazil chamam *pau seringa*, denominando *seringueiros* os que extrahem esta preciosa substancia. Por aquella incisão vae escorrendo o succo leitoso da planta, que os indigenas recolhem em vaso apropriado.

Obtida porção de gomma passam a fabricar os objectos de que carecem pelo seguinte modo.

Um individuo, segurando no molde do objecto, que pretende fazer, (ordinariamente de barro), immerge-o na caldeira em que está a gomma elastica; depois expõe-o ao fumo produzido por madeira resinosa verde. A gomma solidifica-se immediatamente, formando sobre o molde uma camada mui tenue: para lhe augmentar a expessura repetem a operação, quantas vezes lhes parece conveniente. E obtido o resultado que desejam quebram o molde; assim manipulam infinidade de objectos, com maior ou menor perfeição, conforme a habilidade dos obreiros, e dos modêlos empregados.

A estampa representa alguns negros executando diversos trabalhos de gomma elastica, em uma roça da provincia do Pará, no florescente imperio do Brazil.

CORSEGA — VISTA DE AJACCIO.

A Corsega é uma ilha importante do Mediterraneo, celebre por ter sido patria do maior capitão d'este seculo.

Pouco se sabe dos seus primitivos habitantes. Por uma inscripção encontrada em Roma no anno de 1715 consta que Lucio Scipião, filho de Cornelio Scipião, no anno 494 da fundação d'aquella cidade, se apoderára da Corsega e outras ilhas do Mediterraneo, expulsando d'ellas os carthaginezes, que disputavam com os indigenas a sua posse.

Plinio conta na ilha trinta e tres cidades ou villas: Strabão indicou algumas, e Ptolomeu enumerou-as completamente, designando além d'isto, os rios, os cabos etc. Diodoro de Sicilia diz que no seu tempo a população não excedia de 30:000 almas, o que é difficil de conciliar com o numero de cidades citadas por Plinio e Ptolomeu.

Entre as povoações habitadas pelos romanos as mais importantes parece terem sido Aleria, e Mariana, fundada por Mario. E são de feito estes pontos os unicos, por assim dizer, em que se encontram fragmentos de antigas esculpturas, algumas inscripções, medalhas e pedras gravadas, indicando a dominação romana.

Os godos succederam aos romanos na posse da Corsega, e depois os papas. Em 598 S. Gregorio o grande ordenou a Pedro, bispo de Aleria, que construisse ali uma basilica e um baptisterio, como refere Baronio. Quando os serracenos devastaram as costas da Italia, arrancaram esta ilha do poder dos soberanos pontifices, e a assolaram. Successivamente assenhorearam-se d'ella Pepino, Carlos Magno, e seus filhos, os pizanos e os genovezes. A estes dous ultimos povos é que a Corsega deve a construcção da maxima parte das suas igrejas, conventos, e principaes monumentos.

Os genovezes foram senhores da Corsega até o reinado de Luiz XV, durante o qual, em 1768, a cederam á França, fatigados da guerra que lhes moviam os habitantes desde meio seculo, e na qual se distinguiram com especialidade Cecaldi, Gafforio e Paoli. Gafforio foi morto á traição, cêrca da cidade de Corte, que tomára aos genovezes. Paoli em vão tentou resistir aos francezes, e foi morrer a Inglaterra, cujo governo chamára em auxilio da causa que defendia. Em 1796 os francezes retomaram a Corsega, e de então para cá nunca ella deixou de lhe pertencer.

As principaes cidades modernas da Corsega são Corte, situada no centro da ilha, no confluente dos dous rios que nascem no monte Rotondo, ponto mais elevado da ilha. Importante pela sua posição geographica não o é menos pela parte que tem tomado nas guerras intestinas: era a capital da ilha antes dos genovezes transferirem a séde do governo para Bastia. É construida em amphitheatro; tem boa casaria, um vasto quartel, e uma cidadella, edificada sobre um cabeço, que dominando a cidade, varre com o fogo de suas baterias a unica estrada que existe entre Ajaccio e Bastia. O termo de Corte é pouco ex-

tenso e limitado por todos os lados por montanhas graniticas.

Bastia, que é a terra mais rica de toda a ilha, foi a capital no tempo dos genovezes; está situada na base no cabo Corso, na costa oriental, em frente da ilha de Elba. É bem edificada, e tem um optimo porto. Os seus monumentos mais curiosos são a cidadella, algumas das igrejas, no estylo da renascença italiana, e um theatro. É séde de uma sub-perfeitura, e de um tribunal civil.

Ao meio dia do cantão de Vico, apenas notavel pelo seu estabelecimento de banhos de aguas mineraes, abre-se um golfo magnifico, que faz recordar, em ponto pequeno, o de Napoles; é o porto ou rada de Ajaccio. Esta ultima cidade, patria do famoso Napoleão I, ergue-se nas margens do mar, ao septentrião do golfo; sendo presentemente capital do departamento da Corsega. É melhor edificada que Bastia, mas mais pequena.

Incendiada no decimo seculo pelos serracenos, abandonada depois pelos habitantes, esta cidade era primitivamente situada mais longe, no fundo do golfo, onde ainda se encontram bastantes ruinas; reconstruida mais tarde no sitio em que hoje se acha, foi fortificada no decimo sexto seculo pelo marechal de Termes, a quem se devem tambem as obras da cidadella e das muralhas, que fecham a povoação ao sul. Os caes são excellentes, havendo proximo do desembarque uma grande praça, que é onde se faz o mercado. A vista que damos no presente numero é tomada das alturas que dominam a cidade ao norte.

E Ajaccio estancia mui aprazivel: no seu termo produzem-se bellos vinhos.

No fundo do golfo de Ajaccio ha um pequeno forte sobre uma imminencia: um pouco mais longe vê-se a torre de Capitello, construida pelos genovezes, e na qual, em o anno de 1793, Napoleão, chefe de batalhão de guardas nacionaes, sustentou um pequeno sitio contra os insurreccionados, então senhores de Ajaccio. Tendo partido de Bastia a bordo de uma fragata, acompanhado de um representante do povo, com o fim de sujeitar esta cidade á auctoridade franceza, tratou de tomar posse da torre de Capitello com uma chalupa guarnecida por cincoenta homens; mas como o estado do mar não lhe permittisse communicar com a fragata, viu-se obrigado a fortificar-se na torre, defendendo-se ahi contra os rebeldes, que a final reduziu á obediencia.

As outras povoações são menos consideraveis, e abstemo-nos de as indicar, porque não é nosso intento fazer uma descripção completa da Corsega.

Foi sempre mui pouco activa a industria d'esta ilha, reduzindo-se, nos antigos tempos, quasi que á extracção de rezinas, e á criação de gado lanigero. Tambem colhiam os corsos muito mel e muita cêra.

Actualmente os corsos não estão mais adiantados. Da lã parda das ovelhas fabricam grosseiros tecidos, de que se vestem os habitantes dos campos, e das pelles curtidas fazem odres em que envazilham o vinho, e mesmo a agua. Não usam carros, nem outros veiculos d'esta especie, porque não lh'os permittem os caminhos ingremes que lhes servem de estradas.

Bastia é o porto onde se faz o commercio de vinho e de courama, sendo d'ali exportados estes productos por pequenos navios procedentes das costas de França e Italia, que em retorno conduzem a maior parte dos generos de consumo na ilha.

Calcula-se a população da Corsega em 190:000 habitantes, pouco mais ou menos.

A QUESTÃO DO ORIENTE.

VII.

Em meiados de fevereiro recebeu sir Hamilton Seymour um officio de lord J. Russel. Era a resposta ao que o imperador Nicolau propozera. Não considera o ministro inglez o estado da Turquia tão assustador como se inculca. Fazendo allusão ás questões, que ali se têem levantado ultimamente ácerca dos logares santos e do Montenegro, diz que essas questões, posto que encerrem difficuldades, são estranhas aos negocios interiores do paiz, sendo mais concernentes á Russia, á França, e á Austria do que á propria Turquia: «de sorte que não existe motivo sufficiente para se declarar ao sultão que não se acha em estado de manter a paz no interior, ou de conservar as relações amigaveis com os seus visinhos.» Citando varios exemplos historicos, como os arranjos concluidos entre a França e Inglaterra para o caso da successão de Hespanha por morte de Carlos II, para provar que a dissolução do imperio ottomano é uma cousa inteiramente differente, pois que no primeiro caso previa-se um acontecimento proximo e inevitavel, em quanto que no segundo ha apenas uma eventualidade, que pode levar vinte, cincoenta, ou cem annos para se realisar, conclue que «em taes circumstancias seria pouco compativel com as disposições amigaveis, que animam o imperador da Russia, não menos que sua magestade a rainha da Grã-Bretanha para com o sultão, dispôr d'ante mão das provincias que lhe pertencem.» Faz ver que qualquer arranjo n'este sentido «tenderia indubitavelmente a accelerar a eventualidade a que se deseja prover.» Observa que não seria um procedimento leal occultar á Austria e á França o accôrdo que se tomasse, e além d'isto que o segredo não era conducente ao fim a que se propunham, o de evitar uma guerra europea. Por outro lado mostra, que, dando-se áquellas potencias o devido conhecimento da transacção, o segredo não se conservaria por muito tempo, e d'aqui resultaria assustarem e alienarem de si o animo do sultão, ao mesmo tempo que se excitavam contra elle todos os seus inimigos. «D'est'arte se faria nascer e tomar incremento essa anarchia, que se receia, e então a grande previdencia dos amigos do enfermo seria a causa da sua morte.» Para demonstrar quão pouco respeitados são os compromissos d'este genero, logo que se levanta uma forte tentação de os violar, cita o exemplo da guerra da successão de Hespanha. Diz que a posição do imperador da Russia, como depositario de Constantinopla, seria exposta a muitos perigos, «tanto por causa da ambição de longa data do seu povo, como por motivo das rivalidades da Europa; que o proprietario definitivo, qualquer que fosse, não se resignaria á vida inerte e indolente dos descendentes de Mahomet II; sendo certo que parece naturalmente destinada uma grande influencia sobre os negocios da Europa para o senhor de Constantinopla, possuidor das chaves do Mediterraneo e do mar Negro.» Lord J. Russel terminava o seu officio com as seguintes palavras: «Por este modo surgiria necessariamente uma luta europea dos meios empregados para a conjurar; pois que nem a Inglaterra, nem a França, nem provavelmente a Austria consentiriam, que a Russia tomasse definitivamente posse de Constantinopla.»

Este despacho chegou a S. Petersburgo em 19 de fevereiro. No dia seguinte, encontrando-se sir H. Seymour com o imperador n'um sarau dado pela grã-

duqueza, esposa do grão-duque herdeiro, perguntou-lhe o czar pela resposta do seu governo. O embaixador, respondendo que a recebêra, accrescentou que ella era tal qual lh'a fizera esperar.

Então o imperador exclamou: «Sinto saber isso, mas creio que o seu governo não comprehendeu bem o meu fim. Estou menos impaciente por saber o que se ha de fazer assim que o enfermo morrer, do que por determinar com a Inglaterra o que se não ha de fazer quando este successo tiver logar.»

Ponderou o embaixador, entre outras razões, que não via motivo para julgar o doente em artigos de morte, excepto se lhe sobrevier alguma crise imprevista. Mas que n'este caso o seu governo, desejoso de que o enfermo continue a existir, e attribuindo iguaes desejos a sua magestade imperial, conta com o seu generoso concurso para evitar a catastrophe.

«Pois se o seu governo crê, que a Turquia conserva alguns elementos de vida, digo-lhe então que tem recebido informações inexactas. Torno a repetir-lhe, o doente morre, e nós de modo algum podemos permittir que um tal acontecimento nos tome de surpreza. É necessario que cheguemos a um accôrdo, e estou convencido que chegariamos a elle se eu tivesse sómente dez minutos de conversação com os seus ministros, com lord Aberdeen, por exemplo, que me conhece tão bem, e que deposita em mim tão inteira confiança, quanta eu n'elle tenho. E não perca de vista, que eu não pretendo um tratado, nem um protocolo; desejo simplesmente um accôrdo em geral. Entre pessoas de bem basta isto; e n'este caso estou seguro que haveria tão grande confiança da parte dos ministros da rainha como da minha parte. Por hoje fiquemos aqui, mas venha amanhã; e todas as vezes que julgar que uma conversação comigo póde contribuir para nos entendermos sobre um ponto, qualquer que seja, faça-me saber que me deseja fallar.»

Sir H. Seymour concluia o officio em que dava conta d'esta conversação importante com as seguintes observações:

«Não pode haver duvida de que um soberano, que insiste com tanta pertinacia na opinião de que um estado visinho está proximo a derrocar-se, deixe de ter pensado e resolvido, que está chegado o momento, não de esperar a sua dissolução, mas de a provocar. Julguei então, como julgo agora, que não se teria concebido uma tal hypothese, se não existíra alguma intelligencia, talvez em geral, mas em todo o caso intima, entre a Russia e a Austria. Suppondo que as minhas suspeitas são fundadas, o fim do imperador é fazer entrar o governo da rainha, conjuntamente com os gabinetes de S. Petersburgo e Vienna, n'um plano de partilha da Turquia, excluindo a França d'este arranjo.»

Este officio era datado de 21 de fevereiro de 1853. No dia seguinte dirigiu sir H. Seymour outro despacho ao seu governo, em que lhe participava o que acabava de passar com o imperador por occasião de lhe ir mostrar o officio de lord J. Russel.

O czar interrompeu por vezes a leitura d'este documento para fazer algumas observações. Na primeira insistindo em que o imperio ottomano estava proximo a caír, disse que «este acontecimento podia ser arretado de um momento para outro por uma guerra estrangeira, ou pela luta do velho partido turco com o das novas e superficiaes reformas francezas; ou mesmo por uma insurreição dos christãos, que é sabido estarem impacientissimos por sacudir o jugo mahomedano.» Quanto a primeira causa, accrescentou «que tinha bastante fundamento para a assignalar, pois que se não tivera embargado a marcha victoriosa do general Diebitsch em 1829, a auctoridade do sultão teria acabado.» Em seguida recordou ao embaixador, que, quando a Turquia se viu invadida pelos exercitos do pachá do Egypto «elle czar, e só elle, se apressou a soccorrer o sultão.»

N'outra interrupção da leitura observou o imperador, que «o governo da rainha não parecia estar convencido de que o seu principal objecto era obter do governo de sua magestade britannica qualquer declaração, ou mesmo qualquer opinião a respeito do que deve ser interdicto no caso de uma queda repentina do imperio turco.»

A isto respondeu o embaixador: «Vossa magestade é tão benigno, que talvez não tenha duvida em explicar as suas proprias idéas a respeito d'essa politica negativa.» Sua magestade (escreve sir H. Seymour) hesitou por algum tempo em responder-me, mas a final disse: «Pois bem, ha muitas cousas que eu nunca tolerarei; e vou começar por nós proprios. Nunca hei de tolerar a occupação permanente de Constantinopla pelos russos. Dito isto, accrescentarei que Constantinopla nunca será occupada pela Inglaterra, nem pela França, nem por outra qualquer grande nação. Além d'isso nunca permittirei que se tente reconstituir o imperio bysantino, nem que se pretenda dar á Grecia uma extensão tal, que possa vir a ser um estado poderoso. Ainda menos permitto a desmembração da Turquia em pequenas republicas, asylos dos Kossuths, dos Mazzinis, e dos outros revolucionarios da Europa. Antes quero romper uma guerra, e sustental-a em quanto puder dispor de um homem e de um fuzil, do que sujeitar-me a qualquer d'esses arranjos. Eis aqui algumas das minhas idéas; agora communique-me algumas das suas em troca.»

O embaixador recordou ao czar as seguranças dadas pela Inglaterra de nunca tentar possuir Constantinopla, e ao mesmo tempo lhe fez ver a aversão que tinha o seu governo de entrar em arranjos eventuaes. Instado porém de novo para se explicar, disse:

«Pois bem, senhor, direi alguma cousa, posto que as minhas idéas podem não convir a vossa magestade, nem ao governo da rainha: entretanto o que é bom de homem para homem, é muitas vezes um bom systema de estado para estado. O que succederia se, na eventualidade de alguma catastrophe na Turquia, a Russia e a Inglaterra declarassem, que não permittiriam a potencia alguma tomar posse d'estas provincias? Havia de ficar o territorio como debaixo de sêllo até que algum arranjo amigavel determinasse a sua adjudicação?»

«Não direi que uma tal situação seja impossivel, observou o imperador, mas convenho que é bastante difficil. Na Turquia não ha elementos de governo provincial ou communal, e então veriamos os turcos atacando os christãos, estes caíndo sobre os turcos, e os christãos dos differentes ritos ás bulhas entre si: n'uma palavra, veriamos o chaos e a anarchia.»

«Senhor, exclamou o embaixador, se vossa magestade me permitte fallar com franqueza, direi que a grande differença que ha entre nós consiste em que vossa magestade continúa a insistir na queda da Turquia, e nos arranjos para a intervenção antes e depois da queda, e nós, pelo contrario, pensámos em manter a Turquia tal qual esta, e nas precauções, que são necessarias para impedir que a sua condição peore.»

«Ah! replicou o imperador, é isso mesmo o que

o chanceller me diz sem cessar; mas qualquer dia acontecerá a catastrophe, e nos achará desprevenidos.» Depois passando a fallar da França, continuou: «Deus me defenda de accusar alguem injustamente, mas dão-se circumstancias, tanto em Constantinopla como no Montenegro, que são extremamente suspeitas. Affiguram-se-me as cousas, como se o governo francez se esforçasse para nos pôr a todos em conflicto no Oriente, esperando por este meio chegar melhor aos seus fins. Um dos seus projectos é, sem duvida, a posse de Tunis.» Proseguindo, disse: «Que não o preoccupava a politica, que a França julgasse conveniente seguir nos negocios do Oriente, e que, havia pouco mais de um mez, fizera constar ao sultão, que se este solicitasse o seu auxilio para resistir ás ameaças da França, estava inteiramente á sua disposição.» O imperador tornou então a repetir, que o que só queria era combinar-se com a Inglaterra, «não para decidir tudo o que se faria, mas sim para determinar tudo o que não se havia de fazer;» repetindo tambem que do mais não se importava.

O embaixador, desejoso como elle diz, de saber se haveria algum accôrdo entre os gabinetes de S. Petersburgo e de Vienna, fez a seguinte observação:

«Mas vossa magestade esqueceu-se da Austria. Actualmente todas estas questões do Oriente a interessam muito de perto; e ha de esperar, sem duvida, ser consultada.»

«Oh! replicou o imperador com grande surpreza do ministro inglez, deve saber, que quando eu fallo da Russia, fallo tambem da Austria. O que convem a uma convem a outra. Os nossos interesses a respeito da Turquia são perfeitamente identicos.»

Posto que sir H. Seymour desejasse fazer mais algumas perguntas a este respeito não se atreveu a isso. A conversação recaíu então sobre o ponto do officio de lord J. Russel, em que diz: «Tanto por causa da ambição de longa data do seu povo etc. O czar pediu explicação d'esta phrase, a que o embaixador satisfez, dizendo que lord J. Russel não alludia á ambição de sua magestade, mas sim á que nutre o seu povo; e para justificação da phrase, recordou-lhe uma passagem de uma carta confidencial do imperador Alexandre para lord Castlereagh, escripta em 1822, e na qual este soberano dizia: «Que era o unico russo, que resistia ás vistas dos seus subditos sobre a Turquia, resultando-lhe d'este antagonismo a perda da popularidade.»

«Tem razão, lembro-me muito bem dos acontecimentos a que meu irmão fazia allusão. É verdade, que a imperatriz Catharina se deixava possuir de toda a sorte de visões de ambição; mas não é menos verdade, que os seus descendentes não participam inteiramente das mesmas idéas. Bem sabe como me comporto para com o sultão. Este senhor viola para comigo a sua palavra escripta; obra de uma maneira, que me é extremamente desagradavel, e eu contento-me de mandar um embaixador a Constantinopla para pedir reparação. É indubitavel que se eu quizesse teria mandado um exercito, cousa alguma o poderia impedir; porém contentei-me de fazer algum apparato de forças, que provará que não quero ser ludibriado.»

O embaixador, louvando esta moderação, e exhortando-o a proseguir n'ella, tratou de desculpar o governo ottomano dos procedimentos de que o czar se queixava; e terminou lembrando «que o perigo não estava actualmente na Turquia, mas sim no espirito revolucionario, que rebentou na Europa em 1848, e que ainda está minando por baixo da terra em muitos paizes. N'isto é que está o perigo, e uma guerra com a Turquia será, sem questão, o signal do rompimento de novas explosões na Italia, na Hungria, e n'outras partes. Bem vemos o que se passa em Milão.»

O imperador, em vez de responder a esta intimidação, passou a fallar do Montenegro, approvando o proceder da Austria relativamente a este paiz, condemnando o comportamento dos turcos, e mostrando a sua sympathia «por um povo como os montenegrinos tão energicamente afferrados á sua religião, e que por tanto tempo têem defendido o seu territorio contra os turcos.»

Ás desculpas com que o embaixador procurou justificar ou attenuar o procedimento dos turcos no Montenegro, respondeu o czar:

«Digo-lhe francamente que se Omer pachá fizesse qualquer tentativa para exterminar este povo, e provocasse assim uma insurreição geral dos christãos, o sultão, segundo todas as probabilidades, perderia o seu throno, e n'este caso cairia para nunca mais se levantar. Desejaria sustentar a sua auctoridade, mas se a perder, acabou para todo o sempre. O imperio turco é um d'esses estados, que a civilisação tolera, porém que não reconstrue.»

Continuando, disse que «na eventualidade da dissolução do imperio ottomano, pensava que podia ser menos difficil do que geralmente se acreditava, chegar a um arranjo territorial satisfactorio. Os principados são com effeito um estado independente sob a minha protecção; isto pode continuar assim. A Servia pode tomar igual forma de governo, e a Bulgaria da mesma maneira. Não ha razão, me parece, para que esta provincia não forme um estado independente. Quanto ao Egypto comprehendo perfeitamente a importancia, que este paiz tem para a Inglaterra. O que posso dizer é que, se na eventualidade d'uma partilha da successão ottomana, pela queda d'este imperio, os inglezes tomassem posse do Egypto, não tinha objecções a fazer. A respeito de Candia, digo outro tanto. Esta ilha pode convir á Inglaterra, e não sei porque não ha de ser uma possessão ingleza.»

«Como eu não queria, escreve o embaixador para o seu governo, que o imperador imaginasse, que um servidor publico da Inglaterra se deixava seduzir por uma tal proposta, respondi unicamente, que sempre tive para mim, que as vistas da Inglaterra sobre o Egypto não passavam além do desejo de assegurar prompta e facil communicação entre a India ingleza e a mãe patria.»

O imperador acabou a conversação, expressando a sua ardente affeição pela rainha Victoria, e o seu respeito pelos actuaes conselheiros d'esta soberana; e pedindo ao embaixador, «que convide o seu governo para tornar a escrever sobre este assumpto, porém mais cabalmente, e sem hesitação.»

O officio de sir Hamilton Seymour, em que se narrava esta conversa, terminava dizendo, «que tinha a consciencia de se ter esquecido dos termos precisos de que se serviu o imperador, quando fallou a respeito da politica commercial, que se devia seguir logo que a cidade de Constantinopla deixasse de estar em poder dos turcos. Porém o fundo da observação era que a Inglaterra e a Russia tinham commum interesse em prover ao mais facil accesso entre o mar Negro e o Mediterraneo.»

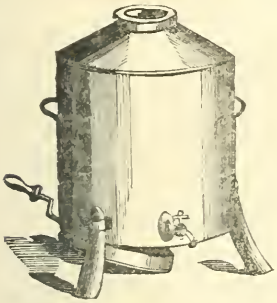
(Continúa.)

I. DE VILHENA BARBOSA.

FABRICAÇÃO ECONOMICA DE CERVEJA.

O apparelho, que representa a gravura, é devido ao engenho de Godard, chimico industrial, e tem por fim facilitar a fabricação da cerveja.

Cada quartola de cem garrafas assevera-se que pode importar em 1$800 réis, pouco mais ou menos; é um preço extremamente modico, que proporciona ás familias menos abastadas o uso de uma bebida mui hygienica e agradavel: de mais a mais, com o apparelho de Godard, a fabricação da cerveja é tão facil, que até pode commodamente fazer-se em qualquer casa.



Compõe-se o referido apparelho, que poderá muito bem construir-se em algumas das excellentes fabricas de Lisboa ou Porto, de uma caldeira de folha de flandres, cobre ou ferro estanhado, passando-lhe pelo meio um cylindro; ao fundo do cylindro adapta-se, por meio de certas peças de ferro, uma especie de prato tambem de ferro, no qual se accende o carvão, atiçando-se o fogo pela bôca do cylindro, que fica destapada; no interior da caldeira ha um ralo, para evitar que se entupa a torneira, por onde deve extrahir-se o liquido. Este apparelho é assente sobre tres pés, e tem uma tampa, que collocada em seu logar, apenas deixa descoberta a bôca do cylindro, como já dissemos.

Para fazer 100 litros de cerveja é mister: 1.º deitar 60 litros de agua na caldeira; 2.º em seguida misturar-lhe a quantidade de substancias indicada nas receitas usuaes; 3.º fechar o apparelho com a respectiva tampa; 4.º accender convenientemente o lume, sendo preferivel o carvão grosso de sepa.

Uma hora depois, pouco mais ou menos, a agua levanta fervura; deixa-se ferver hora e meia, depois decanta-se, vasando-se o liquido na quartola. Deitam-se novamente na caldeira 50 litros de agua; faz-se ferver esta por espaço de uma hora; decanta-se tambem, e passa-se para a quartola, juntando-lhe então a porção de assucar conveniente.

Devem sempre conservar-se dous ou tres litros de liquido, pelo menos, para dissolver o fermento que se deita na quartola, e para a encher, á medida que a fermentação se vae operando.

Terminada esta, cumpre transportar a quartola para logar subterraneo, sendo possivel, afim de que experimente mudança de temperatura.

No dia seguinte põe-se-lhe a competente torneira, e por meio d'ella se tiram duas ou tres garrafas de cerveja, e procede-se á clarificação, com boa colla de peixe, que se deita pelo batoque, agitando-a violentamente com um pau; enche-se novamente com a cerveja que se havia tirado, e deixa-se em repouso pelo menos dous dias; depois pode engarrafar-se com segurança.

LAGO DE ENXOFRE.

No *Southerner Californian* encontra-se a seguinte descripção de um lago de enxofre, descoberto no territorio de Utah (California). E's como se exprime a este respeito o descobridor d'esta maravilha natural, o sr. Carvalho.

«O nosso interprete indio disse-me que nas immediações de Corn-Creek, a distancia de 33 milhas de Filimore, existia um lago de enxofre.

«Logo depois de almoço puzemo-nos a caminho em busca do lago prodigioso.

«Saímos da estrada, e a distancia de duas milhas e meia do campo, na direcção sul-sudoeste, descobrimos o lago.

«O gaz hydrogenio sulfuroso que d'elle se exhalava era tão forte, que por alguns momentos nos entonteceu a cabeça.

«O valle, ou antes a bacia, tem perto de uma milha de diametro, e toda a sua superficie está coberta d'uma crosta composta de enxofre e de alumen fortemente impregnados de acido sulfurico.

«Ouvimos distinctamente um arruido subterraneo, que muitos dos nossos attribuiram a fogos interiores: mas escavando no sitio d'onde parecia provir a bulha, vimos erguer-se um jorro de agua com cêrca de dezouto pollegadas de altura. Esta agua estava um pouco misturada de acido sulfurico, formado pela acção volcanica; o arruido que tinhamos ouvido era causado pela evaporação d'este gaz. Em alguns pontos via-se grande quantidade de enxofre, e em outros encontrava-se pedra hume.

«Caminhando sobre aquella crosta o pezo do corpo fazia-a ceder como se tivera pouca expessura.

«A pouca distancia do lago crescem pinheiros e cedros de consideraveis dimensões. Mas nas margens não se conhece o menor vestigio de vegetação; as collinas a oeste são compostas de carbonato de cal, produzido pelos fogos subterraneos.»

EXEMPLO LOUVAVEL.

A um grande principe de Italia pediu um ecclesiastico seu vassallo que lhe fizesse mercê de certa igreja.

E quanto rende essa igreja? perguntou o principe. Serenissimo, responden o pretendente, rende oitocentos até mil escudos. Bem está, não é muito o rendimento. E quantos freguezes tem? tornou o principe a perguntar. E como o pretendente dissesse que não sabia, o despacho com ultimo e severa resolução foi este. E vós sabeis a conta dos escudos que haveis de comer, e não sabeis o numero ás almas que haveis de curar? Pois não sois digno de ter igreja, nem de apparecer diante de mim; ide-vos embora.

Oxalá que todos os que fazem similhantes provimentos fizessem este exame: e que ao menos o fizessem os que os pretendem, e são providos.

VIEIRA, SERMÕES, VII.

NAVEGADORES ESTRANGEIROS.

IV.

DE COOK A LA PEYROUSE.

(1768-1788).

Jacques Cook, nasceu em Marton, pequena villa do condado de York, em Inglaterra, a 27 de outubro de 1728; seus paes eram pobres servos do campo. Aos treze annos de idade, Jacques era caixeiro de uma mercearia, porém desgostoso d'este modo de vida, embarcou como moço e depois como marinheiro em um navio mercante. Em 1755, sendo já contra-mestre, passou a servir na marinha real, em consequencia de haver rebentado a guerra entre a França e a Grã-Bretanha. Em 1759 foi nomeado mestre de uma fragata, e depois empregado como engenheiro de marinha no Canadá e na Terra Nova. Uma vocação decidida o impellia para o estudo das mathematicas; e quando, á volta de Wallis e Carteret, se procurou um homem capaz de desempenhar, com aproveitamento para a sciencia, uma nova viagem á roda do mundo, a escolha recaíu em Cook, que então recebeu a patente de tenente de marinha, com o commando do navio *Diligencia (Endeavour)*. A 26 de agosto de 1768 fez-se á vela de Plymouth, para esta primeira viagem, que depois foi seguida por outras duas de circumnavegação, igualmente sob o seu commando; e a 13 de setembro deu fundo no porto do Funchal.

«A ilha da Madeira (diz o proprio Cook) que tem proximamente 55 milhas inglezas de comprido sobre 10 de largo, foi descoberta em 1419 por Gonçalves Zarco; e é *sem fundamento* que se diz que havia sido descoberta por um inglez, chamado Machin.» É um valioso testemunho, totalmente insuspeito, para oppor aos novelleiros do amante de Harfet.

Os diarios das viagens de Cook são escriptos com muita elegancia, e apresentam bellas descripções dos logares visitados, e curiosas noticias dos productos naturaes d'esses paizes. A Madeira parece ter agradado muito ao sabio navegador, pois que se occupa d'ella largamente. Do Funchal seguiu o *Endeavour* para Tenerife, e d'ahi para o Rio de Janeiro. Continuando a costear o sul da America, deu vista da Terra do Fogo, examinou cuidadosamente o estreito de Le Maire, e dobrando o cabo de Horn, passou para o mar occidental. Em abril de 1769 estava na ilha de Taiti, e em junho observava a passagem do planeta Venus sobre o disco do sol, que era um dos principaes objectos d'aquella viagem. Depois de reconhecer muitas ilhas nos mares do sul, passou entre as duas que compõem a Nova Zelandia, e chamou a este passo *Estreito de Cook*. Demorando-se bastante tempo entre os nossos antipodas, só partiu para a Nova Hollanda a 31 de março de 1770; e deu o nome de *Botany-Bay* (Bahia Botanica) a um porto da Nova Galles do sul, que é a parte oriental da Australia. Em seguida denominou *Port Jackson* ao que hoje se chama *Sidney*, e é capital d'aquella vasta colonia, que n'este momento lucta por se libertar do dominio inglez. Visitou depois a Nova Guiné, a ilha de Timor, e muitas outras, e voltou a Inglaterra pelo cabo da Boa Esperança. Ventilava-se então com muito enthusiasmo, entre os sabios, a grande questão geographica de haver ou não haver um continente austral, que equilibrasse as terras arcticas; e querendo o governo inglez fixar este ponto scientifico, encarregou a Cook de fazer um novo giro á roda do globo, mas na mais alta latitude meridional que fosse possivel.

A 13 de julho de 1772 largou de Plymouth o capitão Cook a bordo do *Resolução*, acompanhado do *Aventura*, que era capitaneado por Tobias Furneaux, ex-tenente de Wallis. Dirigiram-se ao cabo da Boa Esperança, e d'ahi procuraram intrepidamente as regiões polares. Em 67° de latitude sul, viram-se rodeados de ilhas de gelo, soffriam intenso frio, e corriam os maiores perigos, sem comtudo darem vista do procurado continente. Velejaram pois para a Nova Zelandia, e d'ahi para Taiti, reconhecendo muitas das ilhas que Bongainville havia descoberto, e ás quaes o navegador inglez deu novas denominações. Tendo-se separado os dous navios, Cook tentou de novo com o seu o caminho do polo, e chegou a 71 graus sul, onde a neve lhe não deixou passar ávante, mas não avistou a desejada terra. D'ahi voltou a Taiti, paraizo d'aquelles mares, reconhecendo ainda novas ilhas, entre as quaes as Novas Hebridas, que, segundo dissemos, não são outras senão a *Australia do Espirito Santo* de Queiroz. Em seguida descobriu a maior ilha do Pacifico, depois da Nova Zelandia, á qual chamou *Nova Caledonia*, e a pequena ilha de *Norfolk*, então deserta, e depois povoada por marinheiros inglezes. Atravessando para o continente da America, dobrou o cabo de Horn, e entrou no Atlantico, sempre conservando-se em uma latitude elevada. Descobriu a ilha *Georgia*, e reconheceu muitas outras, e a final deu o nome de *Thulé austral* a uma costa, a mais meridional que avistou, em 59° de latitude. Ainda depois deu vista de outros logares, em menores latitudes, taes como a *Terra de Sandwich*, que o descobridor duvidou affirmar se era um grupo de ilhas ou a ponta de um continente, as ilhas da *Candelaria*, e o promontorio *Montagu*; verificou a não existencia do cabo da *Circumcisão* de Bouvet, e depois de um giro inteiro em volta do polo, convenceu-se de que não havia continente austral, pelo menos até aonde os gelos permittam a navegação. De volta á Europa, soube no cabo da Boa Esperança que o capitão Furneaux e o *Aventura* já tinham regressado á patria, e chegou a Inglaterra a 29 de julho de 1775, tendo percorrido vinte mil leguas de mar, isto é, quasi tres vezes a circumferencia da terra.

Ainda terceira vez saíu ao mar este intrepido navegador. O seu destino era procurar ao norte a occulta passagem para a India, e determinar os limites da Asia e da America por aquelle lado, depois de explorar de novo os mares do sul. A 12 de julho de 1776 fez-se de vela a bordo da mesma corveta *Resolução*, em que fizera a anterior viagem, e seguido da *Descoberta*, navio de tresentas toneladas comprado a um particular pelo almirantado. O commando d'esta embarcação foi dado ao capitão Clerke, que fôra segundo da *Resolução*.

Depois de tocarem no cabo da Boa Esperança, e fazerem importantes reconhecimentos geographicos nos mares do sul, por onde se demoraram todo o anno de 1777, volveram ao rumo do norte no principio de 1778, e descobriram as ilhas de *Sandwich*, que tão fataes tinham de ser a Cook! D'ahi procuraram a costa occidental da America, e começando em a Nova Albion, aonde tinha chegado Drake, reconheceram mais de mil leguas de costa ainda não explorada, na direcção do norte, até ao cabo Gelado, em 70 graus de latitude, e aproando á Asia, descobriram o cabo Oriental, situado em 65° 46′ de latitude septentrional, verificando a aproximação dos

dous continentes, do velho e do novo mundo, objecto ainda então duvidoso. Regressaram d'ahi ao archipelago de Sandwich, aonde em resultado de uma querella com os naturaes da ilha de Owhyhée, o grande capitão Cook foi traiçoeiramente assassinado pelas costas. (1779) Ouçâmos King, successor do infeliz navegador no commando da *Resolução*, e que escreveu a ultima parte da relação d'esta viagem: «Assim terminou a sua carreira o grande homem que commandava a nossa expedição! (exclama elle) Depois de uma vida abrilhantada por emprezas tão maravilhosas e felizes, não se pode dizer que a sua morte fosse prematura. Tinha vivido bastante para dar á execução os nobres projectos, a que a natureza o destinára, e se foi roubado ao descanso e aos prazeres, que seriam o fructo de seus immensos trabalhos, nada faltou á sua gloria.»

Cumpre aqui registrar o testemunho de homenagem prestado por uma grande nação ao genio de Cook. Na epocha das hostilidades entre a França e a Inglaterra, em 1778, ordenou o governo de París a todos os navios da sua nação que deixassem passar livremente a *Descoberta* e a *Resolução*, quando encontrassem estas embarcações, e que longe de as tratar como inimigas, lhes fornecessem todos os soccorros de que pudessem carecer; pois que, trabalhando o capitão Cook por alargar a esphera dos conhecimentos humanos, devia ser considerado como amigo de todas as nações da Europa!

Em quanto porém o capitão Cook executava estas importantes viagens, outros navegadores de não vulgar merecimento exploravam diversos mares e regiões pouco conhecidas ainda, creando para si gloriosa nomeada, e para a sciencia proveitosos subsidios. Logo no anno de 1769 foi a Nova Zelandia visitada por Surville, francez de nação; e em 1770 o russo Liaikhof aportava ás ilhas da Nova Siberia, que já tinham sido avistadas em 1711.

Para apresentarmos o genio de Cook em todo o seu brilhantismo, não quizemos interromper a serie das suas viagens; porém já antes da morte do illustre bretão um outro navegador celebre havia sido assassinado pelos barbaros d'aquelle mundo novissimo. Foi Marion, commandante das embarcações francezas *Mascarin* e *Castries*, que tendo dobrado o cabo da Boa Esperança, e descoberto varias ilhas em grande latitude meridional, veiu ser devorado, com mais vinte e sete homens das suas equipagens, pelos cannibaes da Nova Zelandia; talvez em vingança dos maus tratos que lhes dera o capitão Surville, dous annos antes. Crozet, que substituiu Marion no commando da expedição, e Duclesmer, que capitaneava o outro navio, fizeram uma matança horrivel n'aquelles selvagens, e incendiaram-lhes todas as povoações da beira-mar; depois seguiram ainda por algum tempo o rumo do sul, e voltaram á ilha de França em 1772. Ao mesmo tempo o vice-almirante Kerguelin, tambem francez, descobria a terra do seu nome, ou *da Desolação*; Hearne visitava o mar polar arctico, subindo até uma consideravel latitude; Saint-Allouarn enxergava um archipelago, que primeiro teve o nome do descobridor, e passou depois a chamar-se *de Bonaparte*; e Bonecheo, navegador hespanhol, encontrava a ilha *Narciza*.

Vancouver, distincto nauta britannico, começou em 1773, pela descoberta das ilhas de Chatam, no Pacifico, a longa serie dos seus importantes trabalhos maritimos; e no mesmo anno outros navegadores inglezes, Filipps e lord Malgrave, exploraram o oceano glacial arctico. Quadra, hespanhol, descencantou a ilha do seu nome, nos mares da quinta parte do mundo, em 1775. No mesmo anno o inglez Forrest visita a Nova Guiné, e é o primeiro a dar noticias exactas sobre os habitantes e as producções d'aquelle paiz. Maurele descobriu a ilha de S. Agostinho e outras, em 1781. Marshall e Gilbert descobrem dous archipelagos no mar Pacifico, aos quaes impoem os seus nomes. (1783) E, quasi pelo mesmo tempo, o inglez Jorge Bligh, encontra diversas ilhas na proximidade da Nova Zelandia e estreito de Torres.

Finalmente La Peyrouse começa a sua desgraçada viagem á roda do mundo no dia 1.º de agosto de 1785. Como Magalhães, Marion e Cook, este novo circumnavegador tinha de acabar n'aquellas distantes ilhas da Oceania. Das equipagens da fragata *Bussola*, que elle commandava, e da *Astrolabio*, capitaneada por Langle, sob as suas immediatas ordens, nem um só homem volveu á Europa.

João Francisco Galaup de La Peyrouse, nasceu em Alby no anno de 1741. Depois de passar quasi toda a vida em viagens e combates maritimos, foi escolhido para dirigir uma expedição scientifica a varios pontos do globo, sendo então chefe de esquadra da marinha franceza. Saíu de Brest, e tocando nas ilhas da Madeira e de Tenerife, dirigiu o rumo para a costa do Brazil, dobrou o cabo de Horn, e começou a visitar differentes ilhas da Oceania. Do archipelago de Sandwich aproou ao norte da America, e navegando até uma alta latitude deu o nome de *Porto dos Francezes*, a uma bahia, aonde teve de se demorar algum tempo para concertar os navios, e aonde perdeu 21 homens da sua tripulação em dous escaleres que o mar engulliu.

Depois de varias explorações n'esta costa, atravessou o oceano occidental em direcção á China, e no principio do anno 1787 estava fundeado em Macau. D'ahi passou ao mar do Japão, á costa da Tartaria, e descobriu o *Estreito de La Peyrouse* entre Jesso e Oku-Jesso; visitou a peninsula de Kamtschatka, e dirigindo-se de novo para o hemisferio austral, percorreu aquella parte do grande oceano equatorial, onde existe uma zona de 12 a 15 graus de extensão de norte a sul, e de 140 graus de leste a oeste, semeada de ilhas, que é, sobre o globo terrestre, a imagem da via lactea no céu. Chegado á ilha de Maouna, passa pelo desgosto de ver assassinado o capitão Langle, e mais onze de seus companheiros, e feridos gravemente outros vinte; e afastando-se d'estes selvagens, toca ainda em muitas outras ilhas, e chega a *Botany-Bay* em principio de 1788. D'ahi é datado o ultimo officio d'este celebre navegador para o ministerio da marinha.

Só quarenta annos depois foram encontrados os restos dos dous navios d'esta expedição, no fundo da bahia de Manevae, ilha de Vanikoro. Segundo as informações dos selvagens a *Bussola* e o *Astrolabio*, tinham ali naufragado em uma noute escura, e havendo-se salvado a nado a maior parte das tripulações, armaram um pequeno barco, dentro do qual se aventuraram de novo sobre as aguas. O destino d'esta embarcação ignora-se completamente!

La Peyrouse ficou, provavelmente, sepultado nas vagas. E se voltasse á França o que lhe succederia? Não se afiava então a hacha niveladora de Robespierre para cortar todas as cabeças que excediam a craveira da mediocridade?... O circumnavegador seria, talvez, decapitado sobre o cadafalso. Melhor foi assim!

F. M. Bordalo.

LÃ EXTRAHIDA DAS FOLHAS DOS PINHEIROS.

Ha cincoenta annos a esta parte a sociedade tem-se enriquecido com uma multidão de productos naturaes, de que até então não fazia uso algum.

Recordaremos como os mais importantes, pela generalisação do seu emprego, o caout-chouc, ou gomma elastica, o guano, e mais recentemente ainda, a gutta-percha; agora apresenta-se um novo producto, que parece destinado a prestar bons e uteis serviços.

Existem nas cercanias de Breslau, em uma propriedade, que se denomina *prado Humboldt*, dous estabelecimentos mui notaveis; um é uma fabrica, na qual as folhas dos pinheiros são convertidas em uma especie de algodão ou lã; no outro a agua, que servira á manipulação d'esta lã vegetal é utilisada sob a forma de banhos hygienicos. Estes dous estabelecimentos foram organisados sob a direcção de mr. Pannewitz, que é um dos inspectores geraes das matas da Prussia, e inventor de um processo chimico, por meio do qual se obtem uma bella substancia filamentosa das folhas ponteagudas do pinheiro. Deu-se a esta substancia o nome de *Holzwolle*, ou lã de madeira, porque se parece com a lã ordinaria, podendo preparar-se e tecer-se como esta.

O pinheiro de Escocia *(pinus sylvestris)* dá este novo producto. Se o emprego das suas folhas se generalisar, já se vê que o *pinus sylvestris* será objecto de mais cuidadosa cultura do que até aqui, em muitos paizes.

As folhas lineares dos pinheiros, e das coniferas em geral, compõem-se de um tecido de fibras extremamente finas e tenaces, envolvidas por tennes pelliculas de uma substancia resinosa. Dissolvendo esta substancia pelo processo de cocção, e com o auxilio de certos reagentes chimicos, consegue-se separar-lhe as fibras, laval-as, e extrahir-lhes todas as materias estranhas. Segundo o methodo que se empregar assim o producto obtido poderá applicar-se a tecidos grosseiros, ou para encher colchões, estofar trastes, etc.

Na Allemanha tem-se tirado optimo resultado de encher os colchões e travesseiros das camas com esta lã. Nos hospitaes de Vienna, Berlim e Breslau estão já em uso ha annos, reconhecendo-lhe a experiencia muitas vantagens; sendo as principaes, obstar ao desenvolvimento dos insectos parasitas, e o agradavel aroma, que derrama.

Verificou-se tambem que um colchão de lã de pinho ficava mais barato no fim de cinco annos que uma enxerga; por isso que a esta tem de se renovar todos os annos a palha. Saem tres vezes mais baratos que os colchões de clina; prescindindo-se da circumstancia mui attendivel de não crearem persovejos, e outros insectos.

Esta lã, como dissemos, é susceptivel de se fiar e tecer. A mais fina dá um fio similhante ao do linho, e igualmente forte; depois de fiada, tecida e cardada, o estofo que se obtem pode empregar-se em tapetes, cobertores, etc.

Durante a preparação d'esta lã forma-se um oleo etheriforme, de aroma mui activo, e de côr esverdeada, que exposto á luz solar toma uma côr alaranjada; mas que subtrahido a essa influencia, reassume a primitiva. Quando se rectifica torna-se tão incolor como a agua; differindo comtudo da essencia de terebenthina que se extrahe da mesma arvore. Emprega-se com excellentes resultados nas affecções gottosas e rheumatismaes, nas feridas, e tambem em certos casos de tumores cutaneos. Rectificado entra na preparação das lacas para as melhores qualidades de verniz: é tão bom para a illuminação como o azeite de oliveira, e dissolve o caout-chouc completamente, e em pouco tempo.

Agora diremos duas palavras ácerca dos banhos. Reconhecendo-se que a applicação externa do liquido que restava depois da cocção das folhas tinha vantajosos resultados, annexou-se á fabrica um estabelecimento de banhos. Aquelle liquido é esverdeado, e segundo o processo empregado, gelatinoso, balsamico, ou acido.

Quando se pretende tornar os banhos mais energicos dissolve-se no mesmo liquido uma certa quantidade do extracto obtido da distillação do oleo de que acima fallamos. Faz-se além d'isto engrossar o proprio liquido, concentrando-o; e vende-se assim, em vasos tapados, ás pessoas que desejam tomar o banho em suas proprias casas.

Ha já nove annos que funcciona o estabelecimento de banhos a que nos referimos, e desde então tem crescido constantemente, com a reputação da sua efficacia, o numero dos concorrentes, e os interesses do proprietario.

Mas não é só na Allemanha que se tem reconhecido a vantagem d'este novo producto.

Em Hollanda estabeleceu-se ha pouco tempo uma fabrica de lã vegetal e de oleo empyreumatico. Esta fabrica, fundada em Bennekom pelo cavalheiro Nemeyer de Rosenthal, e dirigida por mr. Panhorst, já consomme mais de 1:200 arrateis de folhas de pinheiro por dia. O preço por que a fabrica compra cada arratel regula por 4 réis.

São muitos os terrenos que temos desaproveitados, e condemnados a uma esterilidade desoladora; se os povoassemos de pinheiros, não só o estado sanitario de muitas localidades melhoraria espantosamente, mas até seria uma nova grande riqueza com que assim se dotava a nossa patria.

A descoberta da lã vegetal, que se attribue a Weiss de Zuchmantel (Silesia austriaca) tornaria ainda mais preciosas essas novas matas, como pode imaginar-se.

Entregámos estas reflexões á consideração dos nossos agricultores.

BIBLIOGRAPHIA.

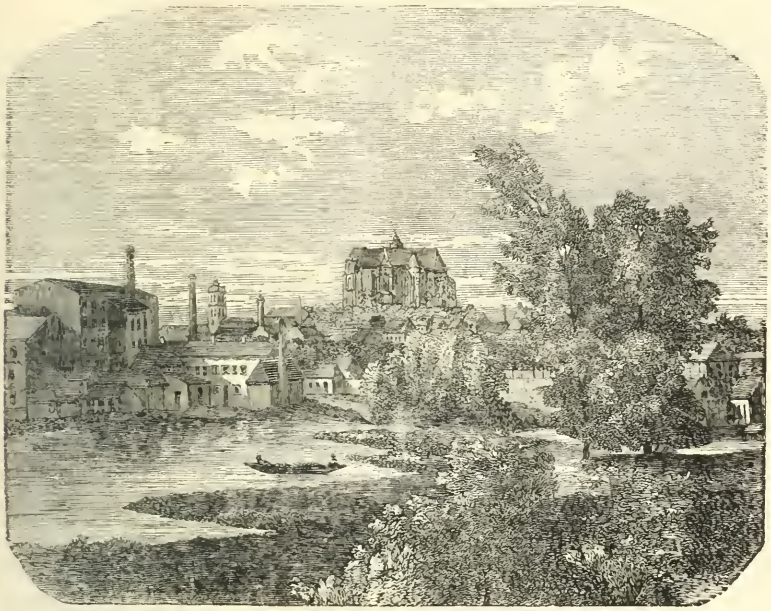
O HOMEM DE OURO (CONTINUAÇÃO DOS HOMENS DE MARMORE) DRAMA EM 3 ACTOS, PELO SR. J. DA S. MENDES LEAL JUNIOR. LISBOA, 1855.

O HOMEM DE OURO, recebido com applauso na scena, vem buscar na publicidade da imprensa occasião para novo triumpho. E nós crêmos que ninguem se negará a segar a palma que o auctor merece por este seu recente trabalho, que não é de certo indigno da sua alta reputação como poeta dramatico.

Oxalá que a promessa que o sr. Mendes Leal Junior faz no elegante e conceituoso prologo do *Homem de Ouro*, se realise brevemente, e possâmos ver concluida a brilhante trilogia moral, de que aquelle drama é a segunda parte, e *Os Homens de Marmore* a primeira.

É a presente edição, impressa em bom typo e papel, acompanhada de um extenso juizo critico, escripto pelo sr. Ernesto Biester.

O drama *Homem de Ouro* vende-se na livraria do editor d'este semanario, e em casa dos seus correspondentes, tanto em Lisboa, como nas provincias, ultramar, e estrangeiro. Preço, brochado, 300 réis.



FRANÇA — CIDADE DE SANTO QUINTINO.

A cidade de Santo Quintino, condecorada no tempo dos romanos com o titulo de *Augusta Viromanduorum*, era, no seculo III, uma das principaes cidades da Gallia. A sua situação no encruzamento de cinco estradas romanas, partindo de Soissons, de Reims, de Bavai, de Cambrais e Amiens, tornava-a centro de operações estrategicas e administrativas. Havia ali uma especie de convento juridico, e os seus visinhos gosavam dos foros e regalias de cidadãos romanos. Aquelle tribunal chamava-se *pretorio*, e á sua presença foi conduzido Quintino, mancebo de familia nobre, accusado de ter profanado a religião da metropole, e de ultrajar a magestade dos imperadores. Rictius Varrus, prefeito das Gallias, depois de ter feito soffrer a Quintino os mais crueis tormentos para o obrigar a sacrificar aos idolos, cansado da constancia inabalavel do santo martyr, mandou-lhe cortar a cabeça a 31 de outubro de 302, ordenando que o seu cadaver fosse lançado ao Somme.

A historia da paixão de Santo Quintino foi escripta nos primeiros tempos da era christã: a bibliotheca imperial de Paris possue varios manuscriptos antiquissimos a similhante respeito, e na bibliotheca de Santo Quintino encontra-se um outro manuscripto, menos antigo é certo, mas mais curioso pela profusão de ricas e bem conservadas illuminuras, que n'elle se admiram.

Era Santo Quintino mui opulenta de antigos monumentos, que pela maior parte teem desapparecido, ou destruidos pela acção corrosiva do tempo, ou demolidos para se construirem em seu logar edificios que a civilisação moderna tornou indispensaveis, ou finalmente para se alargarem as ruas ou praças, que pejavam, com prejuizo da salubridade publica.

Todavia ainda lhe restam alguns, que provam a sua prosapia politica, e dão alto testemunho da cultura e industria de seus filhos. Estas excellentes qualidades tem-nas elles sabido manter, em alto grau, devendo-lhes Santo Quintino o conservar ainda hoje a sua supremacia commercial entre as cidades do norte da França.

Já no seculo XIII Santo Quintino se distinguia pelas suas manufacturas de pannos de differentes especies. Jaques Arpin introduziu n'esta cidade em 1803 o processo da fiação do algodão. Muitos outros abraçaram o seu exemplo. Desde então as fabricas de lãsinhas, de rendas e outros tecidos por meio de teares á Jacquard, as fiações de lã, as fabricas de assucar indigena, têem desenvolvido e augmentado espantosamente o trafico commercial de tão industriosa povoação.

Releva confessar que este incremento foi tambem favorecido e facilitado pela demolição das antigas muralhas: pelo canal do Escalda, que pondo em communicação directa esta cidade com as minas de carvão de pedra do norte da França e da Belgica, lhe permittem haver por preços mui modicos um tão precioso alimento das industrias modernas; finalmente,

em 1850, pela conclusão do caminho de ferro de Creil a Santo Quintino, o qual liga a ultima cidade com a capital, e com as principaes vias ferreas de França.

De todos os lados se têem successivamente erguido, como por encanto, bairros novos; e no sitio que occupavam os antigos baluartes e os fossos vêem-se hoje bellas fabricas de fiação e tecidos, e outros estabelecimentos e manufacturas, que constituem Santo Quintino uma das mais industriosas e florescentes cidades da França.

Nas immediações de Santo Quintino houve, em 1557, uma sanguinolenta batalha entre os francezes, commandados pelo celebre condestavel de Montmorency, e os hespanhoes, dirigidos pelo duque de Saboya, na qual os primeiros foram completamente desbaratados, do que lhes resultou a perda da cidade, immediatamente occupada pelos ultimos.

NAVEGADORES ESTRANGEIROS.

V.

(1789 — 1827.)

Acabava La Peyrouse de visitar a costa noroeste da America, com vistas puramente scientificas, quando Dixon aportou aos mesmos logares, em execução porém de planos commerciaes. O bretão poz nomes differentes a todas as enseadas e cabos que o francez acabava de baptisar, e que já antes Cook denominára de outro modo. Seguiu-se outro inglez, o capitão Meares, tambem mercante, a explorar estas paragens, em 1789, e segundo a relação da sua viagem, os habitantes d'esta parte do mundo devem considerar-se como canibaes. Entretanto já o capitão Hunter, navegando a um rumo opposto, costeava a Terra de Van-Diemen ou Tasmania, do nome do seu descobridor, e Cox fazia descobertas na ilha *Maria*, ao sueste da mesma terra. Mackenzie, inglez, tambem voga este anno em direcção ás terras polares, varias das quaes reconhece, e descobre o rio que ainda hoje conserva o seu nome. Edward Edwards descobre muitas ilhas nos mares do sul, em 1790; e no seguinte anno muitos outros navegadores, espalhados por toda a superficie do oceano, enriquecem a sciencia com importantes descobrimentos. Os mais notaveis d'estes nautas foram o francez Marchand, que reconheceu as ilhas de Noukahiva, onde os seus compatriotas tormaram mais tarde um estabelecimento para degradados; o americano Ingraham, que percorreu os mesmos mares; o inglez Vancouver, famoso pelo reconhecimento minucioso que fez da costa noroeste da America; o hespanhol Malespina, que dos seus trabalhos nauticos só obteve perseguições na côrte; Portlock, explorador tambem da contra costa do novo mundo; e o general Entrecasteaux, que indo em busca de La Peyrouse, descobriu varias ilhas nos mares do sul, e reconheceu toda a costa occidental da Nova Caledonia. Hanson, King e Hayes exploram estas mesmas paragens nos seguintes annos; e Dell, capitão do *Fancy*, segue o mesmo rumo em 1795. Varios baleiros e pescadores de phocas fazem diversas descobertas, por essa epocha, nos mares da Australia; e Gambier, almirante inglez, enxerga as ilhas do seu nome, em 1797, as quaes, e outras muitas, são visitadas de novo, com pouco intervallo de tempo, pelo navegador Wilson. O cirurgião Bass, descobre o estreito que tomou o seu nome, e que separa a Nova Hollanda da Tasmania, e faz, em companhia do tenente Flinders, a circumnavegação completa e detalhada da Terra de Van-Diemen, pelos annos de 1797 e 1798.

Aqui terminam os descobrimentos maritimos do seculo XVIII, mas já antes que elle fechasse o seu giro, tinha saído de França o capitão Baudin, a 17 de outubro de 1800, para inaugurar as novas descobertas do seculo XIX. Napoleão o encarregou de explorar as regiões austraes, confiando-lhe para esse fim o commando das corvetas *Geographo* e *Naturalista*. Seguindo pelo cabo da Boa Esperança á ilha de França, ás Molucas, e a Timor, passou Baudin a reconhecer a Nova Hollanda, aonde visitou logares ainda desconhecidos dos europeus, dando o nome de *Terra de Napoleão* á costa sudoeste do continente, nome que os inglezes lhe não conservaram. Este illustre navegador veiu morrer, de doença, á ilha de Timor, a 2 de setembro de 1803, e o capitão Milius, que o substituiu no commando, voltou a França com as duas corvetas, em 1804, tendo percorrido dezesete mil leguas de oceano.

N'este mesmo anno, Crozer, capitão americano, descobre a ilha de Oualan, a que dá o nome de *Strong*: esta ilha está isolada a igual distancia dos archipelagos Marshal e Gilbert, e das ilhas Carolinas. Krusenstern, navegador russo, explora os mares boreaes e o oceano equatorial, por esse mesmo tempo; e Lewis e Clarke, sondam o Missuri, e verificam a origem do Columbia.

Em 1805 ganha Nelson a famosa batalha de Trafalgar, e morre entre os louros da victoria. Horacio Nelson nasceu em 1758, e serviu sob as ordens do comodoro Phipps, encarregado de descobertas no polo do norte, onde alcançou o posto de tenente: depois, sendo capitão, distinguiu-se na guerra contra os francezes, e perdeu um olho na tomada de Calvi. Em 1796, sendo já comodoro, perdeu um braço no infructuoso ataque que deu a Tenerife; e pouco depois ajudou o almirante Jervis a vencer a esquadra hespanhola no cabo de S. Vicente, o que lhe valeu o posto de contra-almirante. Destruindo a esquadra franceza, em Aboukir, obteve o titulo de barão do Nilo; e finalmente, junto ao cabo de Trafalgar, tendo encontrado reunidas as esquadras franceza e hespanhola, ao mando de Villeneuve e Gravina, aniquilou-as completamente, e expirou no fim da batalha, com a perda do braço que lhe restava.

Não fazemos menção especial de outros distinctos almirantes d'este tempo, como Suffren, Jervis, Collingwood, da mesma forma que em outras epochas não tratamos de Patry, Tromp e mais guerreiros maritimos, pois que estes valentes militares nada contribuiram para o progresso dos conhecimentos humanos. Nelson é uma excepção, é um vulto gigantesco dos tempos modernos, e os seus primeiros passos na carreira maritima foram dirigidos ás descobertas polares. Se não houvesse rebentado a guerra com tal encarniçamento, quem sabe se Nelson se tornaria rival de Cook no campo dos descobrimentos. O signal que fez á esquadra no momento de se travar a peleja em Trafalgar, mostra, pela sua singeleza, o genio do almirante. Ninguem ignora essa sublime e concisa allocução: « A Inglaterra espera que cada um faça o seu dever. » (*England expects every man will do his duty.*)

Ás sanguinolentas batalhas do tempo de Napoleão, que arruinaram a marinha franceza, e destruiram a hespanhola e a dinamarqueza, seguiu-se um grande invento que tinha de mudar a face da tacti-

ca naval: foi a applicação das machinas de vapor á navegação. No mez de outubro de 1807 lançou-se ao mar, em New-York, o primeiro barco de vapor, construido pelo americano Fulton; e acreditado bem depressa o novo invento, foi em seguida applicado á marinha de guerra, e hoje constitue a sua mais importante parte. Ainda não se deu o caso de um grande combate naval entre barcos movidos a vapor, d'onde se pudessem deduzir os preceitos para este genero de batalhas, mas pode-se bem avaliar que o choque será tremendo, e maior a suffocação entre o fumo da artilharia e o do carvão de pedra.

Voltemos aos navegadores do presente seculo. Bristow, inglez, descobre em 1806 as ilhas Auckland. Em quanto o americano David Porter explorava, pelos annos de 1813 e seguintes, os mares da Oceania, King, inglez, destinava-se a percorrer cuidadosamente as costas da Nova Hollanda; e em 1817 saía de Toulon a corveta *Urania*, commandada por Freycinet, para fazer o giro do globo, determinar a configuração do nosso planeta, e os elementos do magnetismo terrestre no hemispherio austral. Esta viagem era destinada a examinar certos phenomenos meteorologicos, com preferencia a estudos geographicos. Dobrando o cabo da Boa Esperança, Freycinet chega á Nova Hollanda, percorre Timor, as Molucas, as Filippinas, as Carolinas e outras ilhas, passa ao mar oriental pelo cabo de Horn, e vem naufragar á bahia Franceza das ilhas Malvinas, sem comtudo perecer nenhum homem da tripulação.

Um navio americano os recebeu, e conduziu ao Rio de Janeiro, d'onde voltaram a França em 1820.

Em 1818 encarregou o governo britannico ao capitão Ross, a cujas ordens ia o celebre Parry, o reconhecimento da costa septentrional da America; tendo explorado a bahia de Baffin, os intelligentes navegadores chegaram até 77 graus de latitude, e voltaram a Inglaterra. Logo no seguinte anno tornou Parry, commandando uma expedição, encarregada de continuar os trabalhos de Ross, e chegou mais perto do polo do que nenhum anterior viajante. Teve de invernar entre aquelles horriveis gelos, e só regressou á patria em 1820. Terceira e quarta vez tentou Parry o caminho do polo, em busca da passagem para o mar occidental, e Franklin, que o acompanhava, determinou os limites septentrionaes da America. N'estas longas e penosas viagens descobriu muitas ilhas, portos e enseadas. A Russia enviou em 1819 uma expedição para fazer novas pesquizas nas proximidades do opposto polo, e o capitão Bellinghausen foi encarregado de a dirigir. Este navegador chegou a 70 graus de latitude sul, descobriu as ilhas de *Alexandre I* e *Paulo I*, (cuja descoberta outros attribuem a Simonoff, tambem moscovita, em 1821) e voltou a Cronstadt sem trazer mais subsidios á geographia. O capitão inglez Smith deu vista das ilhas que denominou *New-South-Shetland*, em 1819; e pelo mesmo tempo fez importantes reconhecimentos para dentro do circulo polar arctico o capitão russo Kotzbue.

O anno de 1821 presenceou importantes trabalhos nauticos, tanto nos mares do norte como nos do sul. Scoresbey descobre o estreito do seu nome, e a ilha de Liverpool no mar Glacial; Wrangel determina os limites da Asia, Powell descobre novas ilhas em alta latitude meridional; Simonoff faz varias descobertas nas mesmas paragens; Weddell reconhece as *Orcades austraes*, e é este o navegador que diz haver chegado á latitude de 71° sul, do que duvida o sabio D'Urville. Em 1822 visita Humphrey duas ilhas, a uma das quaes dá o seu nome, e á outra chama *Good-Hope* (Boa Esperança), nome do navio que commandava.

E n'esse mesmo anno começa a importante viagem do capitão Duperrey na corveta *La Coquille*, d'onde as sciencias e a navegação tiraram importantes resultados. Dumont d'Urville, tão celebre depois, acompanhava Duperrey n'esta viagem á roda do mundo. A corveta passou o estreito de Le Maire, e começou uma serie de descobertas e reconhecimentos de ilhas no mar Pacifico; visitou a Australia, as Molucas, Batavia, e regressando á Europa pelo cabo da Boa Esperança, chegou a Toulon em 1825. Quasi pelo mesmo tempo, eram visitadas algumas das novas ilhas que Duperrey achára no mar occidental, pelos navegadores John Bell e David Clerk, em diversas expedições.

O infeliz Franklin, de cuja morte entre os esquimós ainda ha pouco tivemos a fatal certeza, emprehendeu, em 1825, segunda viagem ao polo norte. Richardson, e o capitão Back, tambem depois muito celebre por seus trabalhos nauticos, acompanham Franklin nas explorações da zona frigida. Beekey continúa esta serie de esforços por descobrir a passagem para o grande oceano; visita, em 1826, a costa septentrional do paiz dos esquimós, além do circulo polar; e volta com a certeza de que ha passagem do Atlantico para o Pacifico, na força do verão, quando os gelos deixam livre aquelle mar.

N'esse mesmo anno partiu Dumont d'Urville, para a sua segunda viagem de circumnavegação, e primeira por elle dirigida. As descobertas d'este illustre maritimo occuparão um espaço, relativamente maior do que temos consagrado a outros navegadores, no seguinte e ultimo capitulo d'este estudo.

Por agora vamos concluir o presente artigo com a noticia da derradeira batalha naval, em ponto grande, dos modernos tempos.

A 20 de outubro de 1827 forçou o porto de Navarino, na Moréa, uma esquadra anglo-franceza-russa, que defendia a liberdade da Grecia contra o poder do sultão, representado n'aquelle porto por uma esquadra turco-egypcia de 3 naus, 20 fragatas, 26 corvetas, 12 brigues e 5 brulotes, ao mando de Ibrahim pachá. A frota alliada compunha-se de 10 naus, 10 fragatas e outros navios menores, sob o commando em chefe do almirante Codrington, inglez, a cujas ordens se achavam, como mais modernos na patente, os almirantes russo e francez, o conde de Heiden, e o de Rigny. O combate durou poucas horas; a armada do crescente ardeu quasi toda, o seu almirante foi o proprio a lançar o fogo á capitanea, quando já não esperava vencer, despregando n'essa occasião todas as suas bandeiras e galhardetes. Os vencedores tiveram tambem consideraveis perdas; e pode dizer-se que o valor pessoal não exaltou nem abateu nenhuma das nacionalidades representadas em Navarino.

F. M. Bordalo.

BANHOS E LAVADOUROS PUBLICOS

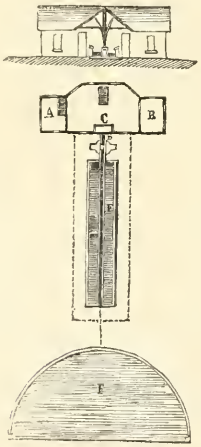
O aceio, assim nas pessoas, como nas habitações nas officinas, nas cidades, e geralmente em todos os logares em que se ache accumulado grande numero de individuos, é considerado pelos hygienistas como o meio mais efficaz, ou antes o unico, de attenuar os effeitos, e até impedir a invasão e o desenvolvimento

d'essas epidemias, que tão terriveis vestigios deixam na sua passagem.

D'aqui a multiplicidade de estabelecimentos de banhos, que se encontram nas principaes cidades da Europa, com o louvavel fim de crear nas povoações, e nas classes mais immundas d'estas, o agradavel e salutifero habito do accio. Com effeito o desaccio repagna á vista e ao olfacto, e é origem de infinidade de enfermidades.

Infelizmente por ora poucos estabelecimentos de banhos se contam em Lisboa; n'isto parece que a nossa capital se compraz de manter-se n'um estacionamento deploravel. Todavia cumpre confessar que se vae reconhecendo a necessidade e vantagens dos banhos, que em alguns hospitaes se acham já em exercicio as competentes salas, e que em breve se abrirá ao publico um magnifico estabelecimento d'este genero, construido a expensas da municipalidade e da santa casa da misericordia.

Isto porém não basta; cumpria que em varias freguezias se fundassem casas de banhos, embora não fossem edificios sumptuosos, em que os menos abastados pudessem aproveitar-se, com facilidade e economia, dos grandes beneficios que os banhos, mesmo os de agua simples, fazem á saude.



A gravura representa o desenho e planta de uma casa de banhos, que pode servir ao mesmo tempo para a lavagem e barrela da roupa.

A é a casa para os banhos; *B* o quarto do guarda, e deposito dos utensilios e do combustivel; *C* o logar em que se fazem as barrelas á roupa; *D* a fonte d'onde provém a agua para os banhos, para os tanques de lavagem, *E*, e para o grande tanque, *F*. A divisão interior pode ser alterada sem inconveniente; dividindo-se, por exemplo, a casa destinada aos banhos em dous repartimentos, um para homens, outro para mulheres, com entradas independentes.

Uma casa de banhos, por este systema, pouco mais ou menos, sendo os tanques de bom tijolo, revestidos de cimento hydraulico, e incluindo os apparelhos e utensilios indispensaveis, custaria uma somma mui insignificante, e podia prestar grande serviço á salubridade publica.

POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA (1).

II.

DOMINGOS DOS REIS QUITA,

NA ARCADIA — ALCINO MICENIO.

1728—1770.

I.

Os maiores engenhos da Arcadia foram pouco felizes.

Exceptuando o Diniz, e algum outro, não dos mais notaveis, pagaram todos o seu tributo á adversidade.

Coroado com os louros de Horacio, o Garção passou das estreitezas da indigencia para as maguas e solidões de um carcere.

Com as palmas de Theocrito, o Quita, apesar da indole mais benevola e pacifica, nunca obteve dos poderosos senão esquecimento, ou falsas promessas, talvez peiores, porque illudem com a esperança, e depois tornam doloroso o desengano.

A douta sociedade pranteou no Menalo o luto do grande lyrico, sepultado nas prizões de estado, e até commetteu a indesculpavel fraqueza de celebrar os seus perseguidores!

De que lhe serviu chorar as penas do Garção, e interceder por elle nos brandos e disfarçados queixumes da musa bucolica?

De que lhe valeu pedir a Virgilio as delicadas allusões da ecloga laudativa, e confiar o arrabil de Menalca á esplendida vocação do Quita?

O captivo continuou a gemer sem se deshonrar com as supplicas; e os poetas, seus irmãos em Apolo, e seus amigos no trato domestico, quando souberam um dia que as portas do carcere se tinham aberto para elle, souberam tambem que fôra só para esconder debaixo da terra mais esta victima do poder ciumento e inexoravel, que a ferro e fogo regenerava um povo decaido, e uma formula incapaz de reassumir as forças e o prestigio da idade viril!

O marquez de Pombal, como Richelieu e Colbert, (exemplares de que não tirava os olhos) fez-se Mecenas das artes por orgulho, mas sem verdadeira inclinação.

Não ignorava que o seu esplendor illumina as epochas e os reinados; e na tentativa de reconstruir pelos alicerces o edificio vacillante da monarchia velha, advertiu que a estatua de Minerva faria formosa vista, ornando-lhe o frontispicio.

Estendeu, pois, o braço, e derrubou o idolo jesuitico. Suscitou o *Novo Methodo de Estudar* para que ficassem indeleveis os seus capitulos de accusação á famosa companhia, desterrada ao mesmo tempo da côrte, das aulas, dos pulpitos e da patria; e feito isto, ditando a reforma da universidade, e a das escolas, e secularisadas as sciencias e as letras, deu a sua tarefa por concluida, e a sua vingança por consummada.

Foi um atrevido rasgo, não ha duvida; mas era o primeiro, e por desgraça o ministro não passou adiante. Despiu-se a roupeta de santo Ignacio á instrucção classica; e para lhe tapar a nudez, poz-se-lhe nos hombros o pallio dos cesares. Baniu-se o sacerdocio, e o seu logar foi occupado pelo imperio.

Eis a revolução. Para o marquez era tudo; para as letras pouco significava em estimulo e liberdade!

(1) O estudo litterario sobre P. A. Corrêa Garção, primeiro d'esta serie, publicou-se no volume IX, pag. 330, 338, 347 e 355

A toga, se a alguns respeitos opprimia menos o pensamento, por tendencia e interesse de classe, armava-se de suspeições e desconfianças, cujo alvo, por ser diverso, não deixava de ser igualmente fatal.

Sebastião José de Carvalho, similhante a todos os genios despoticos, não gostava de nenhuma superioridade. Ao lado da realeza, em que se cortejava a si mesmo, não queria nada. As cabeças, que se erguiam acima do livel marcado, ou o offuscavam, ou o offendiam!

Contra os fidalgos empregou os carceres da Junqueira, e os supplicios de Belêm; para os poetas, que a lisonja não curvára, inventou o silencio do Garção; e com os vates, que muita luz poderia tornar admirados e preponderantes, fez-se esquecido, ou indifferente.

Excepção quasi unica, é provavel que a becca tanto aproveitasse, pelo menos, ao Diniz como os vôos do estro pindarico, e os chistes mordazes do seu *Hyssope*.

Aos outros deixou-os em paz, no meio dos rebanhos ideaes, acceitando-lhes as congratulações, mostrando-lhes agradavel rosto, e nos dias magnanimos, (julgâmos que foi um) vindo de passeio ao Menalo, aonde Tytiros, Mopsos, e Menalcas, lhe affogaram as phrases pomposas em diluvios de metros e allusões encomiasticas.

Mas por mais doces á vaidade do Mecenas, que as compuzessem, nada renderam em favores e protecção para os auctores. Se pobres e desprezados eram antes, assim ficaram!

O grande marquez não se interessava senão pelas suas obras e pelas suas creaturas. A Arcadia tinha surgido do impulso de outros homens, e o ministro interiormente condemnou-a a viver e a acabar como nascêra, quer dizer só.

Depois, entre os socios, havia quem poetasse com a rijeza estoica do Garção, e exemplos d'estes pareciam perigosos, e quasi attentatorios.

Portanto, supprimiu o Garção, guardou o Diniz para os epithalamios, e deixou ao Quita, e a todos, como os achára, desvalidos, indigentes e mal apreciados.

Podia ser peior!

D'este desamparo para com os individuos, como era de suppor, resentiu-se a sociedade.

Auxiliada, os seus esforços é de crer que chegassem longe, e fossem efficazes. Posta de parte pelo governo, e separada do povo pela austeridade classica, andou de vagar, alcançou pequena altura, e depois de amadurecer alguns fructos, caíu de sêcca no meio de um deserto.

Estava ali o nucleo de uma verdadeira academia, se o ministro omnipotente roubasse duas, ou tres horas aos cuidados da ambição; infelizmente, pouco seguro no gosto, e desaffeiçoado aos rasgos de imaginação e á cultura mais fina do espirito, o marquez, contentando-se com a reforma da universidade, conservou em branco esta pagina da sua cópia de Richelieu.

Nem pensões, nem estimação, nem mercês para as letras! Só depois da sua queda, o duque de Lafões, melhor inspirado, emprehendeu o que elle nem traçára; e levantou com o seu exito uma forte accusação á memoria de Sebastião José de Carvalho, que dispondo do *posso, quero e mando*, o não applicou a illustrar o poder, como lhe recommendavam os exemplos de fóra, e as necessidades intellectuaes do reino.

Julgaria o secretario do despacho universario, que a gloria de Augusto e de Luiz XIV padecesse com a protecção, dispensada aos escriptores e poetas, que immortalisaram as duas epochas? Homens da valia do Garção, do Quita, perdia o estado em os galardoar, como em Roma e França se premiaram os Virgilios e Horacios, os Boileaus e Molieres, honrando-os, ainda mais a amizade e estimação do monarcha, do que as graças e favores, que os distinguiram?

Nos successores do marquez seria natural a negligencia; mas em um reformador, que aspirava a abrir novos caminhos em todas as provincias do saber e da governação, custa a explicar! Não se percebe mesmo, senão attribuindo-a ao ciume exaltado de todas as superioridades, e sobre tudo á falta de gosto e de amenidade, defeitos que precipitaram muitas vezes o ministro, tornando incompleto o seu genio. O estylo pezado, dogmatico e violento dos seus escriptos, é a fiel estampa do caracter, que retratam os seus actos audazes, mas crueis. N'aquella alma, se houvesse um raio de luz mais suave, como o que brilhou sobre o coração dos Medicis, a par dos erros e oppressões, poderia a verdade registar uma iniciativa mais ampla e illustrada.

Desgraçadamente não succedeu assim. O longo periodo de absoluto predominio do ministro de D. José, se conta engenhos distinctos, e tem jus a ensoberbecer-se de algumas obras esmeradas, deve-o á vontade tenaz mas desajudada de poucos individuos, aos quaes a omnipotencia governativa sempre virou as costas como inuteis, ou tratou com desabrimento.

Quando observâmos d'onde partiram os obstaculos que atravessaram, as luctas comsigo e com a má fortuna, que eram obrigados a sustentar, só nos admirâmos da constancia varonil, e da vocação invencivel, com que se adiantaram por uma estrada incerta, e cheia de tantos espinhos.

Se os sabios das famosas academias de D. João V, tão palacianos e engommados nas suas prosas aulicas, e nos seus versos entumecidos, encontrassem metade dos rigores, que os arcades superaram, podia-se jurar que as estantes das livrarias estariam alliviadas de centos de volumes incommodos, e só notaveis pela sua obesidade pedantesca.

Não lançâmos uma censura geral, por isso mesmo injusta e mentirosa; nem condemnâmos cegamente, entre tantos livros deploraveis, alguns trabalhos de merito incontestado; mas com affouteza assegurâmos que o Garção e o Quita, elles só, foram mais poetas do que todos os rouxinoes bastardos da *Pheniz*, e do que todos os viveiros cantantes das innumeraveis sociedades, fundadas em honra e gloria das silvas, dos acrostichos, e de mil puerilidades similhantes.

O que faltou aos pobres arcades para melhorarem a tentativa de restauração litteraria, que emprehenderam, foi a boa sombra de um rei, que visse pelos seus olhos, e prezasse a gloria de se engrandecer com a sua magnificencia a favor das artes.

D. João V era o monarcha mais proprio para isso; e se viessem acaso nos seus dias, é de esperar que algumas das tenças abarcadas pelos parasitas da côrte teriam soccorrido a indigencia de homens dignos pelo caracter e talento.

O Garção não tremeria então pela bolsa na vespera do S. João, o seu ermo da Fonte Santa escaparia ás penhoras, e o seu ultimo suspiro não seria exhalado nas amarguras de um carcere!

O Quita acabaria em honesta abundancia; e Francisco Dias Gomes encontraria um braço valedor. O que provavelmente aconteceia era haver dous Camões no paço. O auctor do Hyssope, com a veia comica na-

tural do seu engenho, ou desthronava o algoz metrico do padre confessor Fr. Martinho, ou pelo menos o coegia a repartir com um competidor feliz as gargalhadas regias do seu augusto patrono. E como não riria el-rei das jovialidades rivaes dos seus dous poetas beccas! Que felizes horas, que deleitosas sestas no meio d'elles!

Sua magestade prezava-se de entendedor, e não carregava a viseira, se a lisonja lhe chamava o Salomão portuguez. O *Pinto Renascido* conhecia esta secreta entrada do seu coração, e quando os bolsos se lhe seccavam, nunca bateu debalde a ella. Muitos rolos de dez moedas mitigaram as maguas dos seus memoriaes rimados. Assim Diogo de Mendonça fosse menos esquecido!

(Continúa).

L. A. Rebello da Silva.

A POESIA E A PROSA.

De quantas formas se não reveste essa idéa innata, e até certo ponto familiar a todos os povos, e em todos os tempos, de uma duplice influencia que preside aos destinos da terra? O principio do mal, luctando com o principio do bem, é como o Protheu da fabula, uma idéa cambiante, fugitiva e caprichosa, assumindo ora a gravidade que lhe prestam as crenças e as tradições, ora o phantastico e imaginoso das lendas populares; aqui é o anjo e o demonio; mais longe, o vicio e a virtude; acolá, o genio do mal e o genio do bem disputando entre si a posse de um predominio.

Real ou illusorio, austero ou ridente, positivo ou ideal, surgindo d'entre voluptuosas nuvens de perfumes orientaes, ou pairando melancolico e pensativo sobre as geladas tristezas do norte, vemos sempre este pensamento fixo avultar nas religiões, solidificar-se em estatuas nas mythologias, obter cultos e altares ainda nas paragens mais remotas e antipathicas.

As litteraturas, reflexo mais ou menos pallido, mais ou menos brilhante das tradições e das crenças, revelam na sua propria essencia a presença d'aquelles dous principios, d'onde se expandem, para de novo convergirem, todos os seus esplendores.

Ainda mais, a representação sonora da idéa, a palavra, nas suas diversas combinações, resume em si a manifestação dos dous principios rivaes. As linguagens, que traduzem para o espirito e para o coração, em mil gradações phonicas, sempre novas, e sempre variadas, até o mais duvidoso scintillar de uma idéa ou de um affecto, as linguagens que retratam da natureza até os proprios mysterios, e que ás regiões do impossivel vão até photographar ainda o que apenas a imaginação pode conceber, as linguagens não desmentem a sua origem, não já d'arbitrarias convenções, senão que indeclinavelmente dependentes do modo de existir e de pensar de cada povo. Nas linguagens, como na palavra, reconhece-se aquella duplice influencia irreconciliavel, sob as differentes formas que os tempos lhe tem successivamente imposto.

A fé, adversaria implacavel da duvida, fulminaria a analyse, se ousasse reduzir ás proporções da vulgaridade, e medisse com a geometria desapaixonada do raciocinio, o que é por sua natureza insondavel e sublime. Entre a esperança e o desengano, resume-se uma barreira, que lhes veda o aproximarem-se; jámais se fundiriam n'uma só as duas essencias irreconciliaveis. Uma absorveria a outra. O encantamento do amor exclue do odio até o menor vislumbre. E se assim é, que muito, que a incarnação verbal, sol que se transmitte para a vida e para o mundo, o que só pertence á espiritualidade, se resinta d'isso mesmo que o espirito reconhece?

D'ahi procede a lucta interminavel entre a poesia e a prosa. É ainda outra modificação d'essas duas entidades adversas, inseparaveis na propria desunião.

A poesia tende para as alturas impenetraveis, onde se originou o portentoso e divinal pensamento da creação. A prosa, tomando a natureza para uma autopsia inqualificavel, examina á luz baça e mortiça do positivismo cada um dos seus pormenores, não para glorificar o auctor de um tal complexo de harmonias, mas para materialisar o que em si recendia suavemente á imaginação. A poesia, é o enthusiasmo; a prosa, o egoismo. O enthusiasmo, gera a dedicação; o egoismo, é inferior ao instincto que regula a vida dos animaes. A poesia prefere a honra ao dever; a virtude, á moral; o bello, ao bom. A prosa calcula, reflecte, vacilla, e não resolve, sem que da idéa tenha fugido algum calor que porventura ainda lhe restava, quando se apropriou d'ella para a especulação e para as considerações de interesse individual. A poesia é a generosidade; a prosa é a prudencia reservada. O que para a primeira é um prodigio, para a segunda não passa de um acontecimento trivial. Aquella, ama; esta desconfia; uma crê, a outra duvida. Lá, esperança illimitada; aqui, desenganos sem fim. Ali o pensamento é mystico; aqui, tornaram-no sceptico os calculadores esforços da razão. Na poesia, um nada, é tudo; na prosa, tudo é o nada.

A briza que segreda pelas folhagens do arvoredo ao descaír da tarde, abrange um universo de inspirações poeticas; o compasso que mede os valores é a base de todas as controversias prosaicas. A caridade, tal como o christianismo a desenhou, domina o primeiro plano quando o painel é obra do poeta; a aridez implacavel do algarismo, inflexivelmente verdadeira, rege todas as meditações praticas d'aquelle que protestou contra o idealismo. Quando a lua prateá as solidões do mar, o poeta as povoa segundo os impulsos da propria vocação. Para o que o não é, a vida é o livro do deve e ha de haver, livido como um cadaver, e frio como um crédor. Uma gota de orvalho, val diamantes para um; para o outro os diamantes deixariam de ter apreço, se não valessem dinheiro. N'uma papoula vê um a purpura dos prados; n'um lichen uma floresta microscopica, mas tão completa de perfeições no seu tanto, como as mais vastas selvas do globo. O homem da prosa, olha, e não vê; falla, e não diz; e assim passa galvanisado e insensivel pelas opulencias que se não sommam nem diminuem; assim vae correndo desapercebido por entre as maravilhas que não comprehende, sem desviar a attenção do *eu*, que para elle é tudo, sem declinar para fóra de si e do seu rumo, por um momento apenas, a sua actividade, sem escutar os gorgeios que alegram os bosques, tal é o estrondo da propria importancia que nada mais lhe deixa ouvir; e assim, cego, surdo, tacito, indifferente, sem perder um milesimo de minuto, porque o tempo é o valor, imperturbavel, corre, vae, desapparece. Se pára alguma vez é para mercadejar; se repousa é por conveniencia, e para logo proseguir n'aquella carreira fatidica e monotona, que a nada attende, e que assim se perpetua, até que a resistencia acabe por lhe distrahir

as forças, e succumba por fim, cedendo á aniquilação universal. Esse tal, é o homem locomotiva: é o waggon da humanidade, é a prosa personificada, é o coração pedreneira, é o espirito materia. Viveu? Pareceu-lhe ter vivido. Sentiu? nunca. Amou? por instincto. Creu? em si. Ouviu? uma unica palavra: era o «caminha, caminha.» Que fez? foi. Aonde? sumir-se nos golphãos do esquecimento. Gosou? a sua natureza, não era para gosar. Desejou? talvez. O que? que todos fossem como elle. Cumpriram-se os seus desejos? Em parte estavam elles cumpridos, antes mesmo de os haver concebido.

E o homem de excepção que andava herborisando no seio da natureza, e no recolhimento de inspiradas meditações as imagens risonhas que lhe enfeiticavam a vida, onde jaz?

Pertencia á natureza, ficou com ella.

Assim como o canto do rouxinol não é das cidades, as flores não desabrocham na tempestade, os cordeiros não vão avelludar as arcias ardentes do deserto, as abelhas não levam doçuras, mel e fragrancias para os gelos dos polos: assim elle, o homem poesia, se identificou com a poesia de Deus, com o sol dos campos, com o luar dos estios, com o matiz das flores, com os murmurios das fontes, com os mythos da natureza, com as lampadas solitarias do mosteiro, com as andorinhas da primavera, com as alegrias da vindima com as tradições da aldeia, com o verdejar dos montes com os repiques do campanario campestre, com as saudades do presbyterio, com as cantigas do lavrador, e com as trovas do pegureiro.

Não morreu. Eil-o, ali, bem presente, bem vivo ainda, entre a mãe que embala, e o filhinho que dorme. Além, entre o operario que trabalha, e a materia rude que tenta resistir-lhe aos esforços. Mais longe, entre a mocidade patriotica, que defende palmo a palmo a terra onde nasceu, e as fauces de bronze que vomitam as balas do inimigo. Não morreu. Revive; a sua memoria é abençoada, o seu coração ama ainda, como outr'ora amára. E o seu amor é multiplicativo.

Não ouvis a endeixa maviosa que além faz palpitar de prazer, de amor e de saudade a donzella que, de olhos fitos na extensão das aguas, conta as horas pelos soffrimentos, na ausencia do escolhido do seu coração? É elle, é o homem da poesia, que na ausencia, como na presença d'aquelle por quem ella suspira, a pode amar tambem, sem provocar o ciume. É elle, que ficou ahi no mundo das harmonias, porque de todas ellas compoz o creador a sua essencia. Onde jaz? O que era da terra, á terra volveu. Hoje, é o salgueiro que se lhe está debruçando por sobre a sepultura, para se ir mirar no regato que lá vae descuidado, como o poeta, a deter-se de pedrinha em pedrinha, e de flor em flor. O que era da terra pois, tornou á terra, para d'ahi ir ainda bracejar para os céus e para a immensidade. O que não era da terra, o mais de que constava o ser do homem-espirito, por ahi anda, peregrinando amorosamente de familia em familia, acolhido por todas como parente, de povo em povo, de seculo em seculo, de geração em geração, sempre hospedado com reconhecimento, sempre abençoado como um beneficio da Providencia.

Eis a poesia viva e rediviva; além era a prosa, já morta mesmo durante a vida. Entre uma e outra, que abysmo!

Na versatilidade do espirito humano, se encontram as duas phases, diversamente influentes, que imprimem desigual feição a existencia. Entre o conhecido e o desconhecido mesmo, não permanece aquella mesma dissimilhança? O amanhã, é a esperança, é o futuro, é a alvorada de um novo dia, que ainda envolto nas trevas em que se occulta, já promette, já surri ao coração, já n'elle vae a alma anciosa espraiar-se em ignotos contentamentos: em quanto o hoje, é o positivo, é a arvore a que a noute roubou a verdura, é a flor que já deu de si o fructo que devia dar, é a pagina que se leu, e que a curiosidade volta para ir esparecer-se na seguinte; é em fim a prosa, porque a prosa é real, e positiva, não tem mysterios, não gosa maravilhas, não enfeitiça, antes converte em desconsolo, e desfolha desapiedadamente os jubilos de uma espiritual vegetação, sempre verde, com que o espirito folga de sonhar.

Entre os dous principios combatentes, e estas duas influencias, não só litterarias, senão tambem sociaes e predominantes na maneira de ser de todos os homens, ha muita analogia, a nosso ver.

O genio do bem, o espirito benevolo e carinhoso, é a poesia. O principio do mal, se não é a prosa, e a prosa a sua manifestação mais aproximada.

O primeiro, pela magia de que é fadado, comporia de amarguras favos deliciosos. O ultimo de paraizos faria infernos, se tivesse imaginação.

LUIZ FILIPPE LEITE

A VIDA HUMANA.

Toda a vida humana por mais religiosa que o seja, se não trouxer sempre diante dos olhos o fim para que nasceu, é navio sem norte, é cego sem guia, é dia sem sol, é noute sem estrellas, é republica sem lei, é labyrinto sem fio, é armada sem farol, e exercito sem bandeira; emfim, é vontade ás escuras sem luz do entendimento que lhe mostre o mal e o bem, e lhe dite o que ha de querer, ou fugir. Que logar mais religioso e mais santo (para que não vamos mais longe) que este mesmo côro? Que exercicio mais agradavel a Deus que a oração e de muitos? Que orações mais approvadas que as de que se compõe o officio divino ditadas pelo Espirito Santo? Que compostura, que modestia, que harmonia do canto, que pausas do silencio, que retrato de um côro de anjos no céu, como este na terra? E bastará toda esta união de pessoas, de vozes, de corações para fazer consonancia aos ouvidos de Deus? Se os olhos não estiveram postos no fim para que elle nos creou, não bastara. Porque, sendo as nossas orações um dos principaes actos de religião, e nas religiões o mais frequente, não só de dia, mas de noute; se n'ellas faltar a consideração do fim para que nascemos, será o mesmo que se á musica faltasse o compasso, com que as vozes, em logar de fazerem harmonia, offenderiam os ouvidos, e seriam dissonancia, confusão e tumulto.

PADRE A. VIEIRA.

VERDADEIRA CIDADE FLUCTUANTE.

O filho do celebre engenheiro francez Brunel, sob cuja direcção se fez a admiravel obra do *tunnel* de Londres, está construindo em Inglaterra um navio enorme, que terá tres vezes o comprimento das naus de linha de primeira ordem.

Este portentoso barco ha de ser todo de ferro, reunindo os tres meios de propulsão conhecidos: por quanto uma grande machina de vapor porá em movimento um systema de rodas, como nos vapores communs, e um helice. O apparelho é de grandeza e desenvolvimento proporcionados ás dimensões do navio, compondo-se de quatro grandes mastros verticaes, sem fallar no do gurupez.

Não se sabe ainda o nome d'este prodigio de construcção naval, nem quando começará de surcar os mares tão gigantesca nave!

EPHEMERIDES HISTORICAS.

ABRIL 1

1767 — São expulsos os jesuitas de Hespanha, reinando Carlos III.

2

1576 — Morre D. Diogo de Gouvêa, um dos theologos que el-rei D. João III mandou ao concilio de Trento.

1555 — Tomada de Sienna por Cosme de Medicis.

1814 — O senado de França proclama a deposição de Napoleão.

3

1491 — Celebra-se a primeira missa na costa occidental da Africa, recentemente descoberta pelos portuguezes, recebendo por esta occasião as aguas do baptismo o regulo do Sogno e seu filho.

4

1603 — Morte da famosa Isabel de Inglaterra, filha de Anna Bolena e de Henrique VIII.

5

1250 — S. Luiz, rei de França, é reduzido ao captiveiro.

6

1648 — Gennaro Annesio entrega Napoles aos hespanhoes.

1520 — Morre o celebre pintor Raphael Sanzio d'Urbino.

7

1541 — Parte para a India, na armada de Martim Affonso de Sousa, S. Francisco Xavier.

8

1341 — Petrarcha é coroado no capitolio.

217 — Assassinato do imperador Caracalla.

9

1589 — Thomé de Sousa Coutinho tomá e arrasa a cidade de Mandra, na India.

10

1306 — Tomada de Pistoia pelos florentinos e luquezes.

11

1713 — Tratado de Utrecht, que poz termo á guerra da successão em Hespanha.

12

1204 — Segunda tomada de Constantinopla pelos latinos.

13

1600 — O Cunhale, terrivel corsario, inimigo dos portuguezes, é vencido por André Furtado de Mendonça, e degolado em Gôa.

14

70 — S. Sylvestre, arcebispo de Braga, é martyrisado, com alguns companheiros, quando ia dar sepultura ao corpo de S. Victor.

15

1205 — Desbarato do imperador Balduino pelos bulgaros.

16

1596 — Tomada de Calais pelos hespanhoes.

1199 — Morte de Ricardo, coração de leão, rei de Inglaterra.

17

1355 — O doge de Veneza Marino Faliero é decapitado em Veneza, tendo de idade 76 annos.

1582 — Fallece em Marrocos Fr. Thomé de Jesus, auctor do excellente livro *Trabalhos de Jesus*.

18

1797 — Os francezes, dirigidos por Hoche, passam o Rheno, e derrotam os austriacos.

19

1649 — Batalha dos Guararapes, a poucas leguas de Pernambuco, entre os hollandezes e os portuguezes, na qual os primeiros, depois de crúa peleja, foram totalmente desbaratados.

20

1675 — Fallece em Lisboa o jesuita Balthasar Telles, auctor da *Chronica da Companhia de Jesus*.

1814 — Parte Napoleão para a ilha de Elba.

21

1142 — Morte de Abailard, aos 63 annos de idade.

22

1794 — Malesherbes, advogado de Luiz XVI, é guilhotinado em Paris, tendo 67 annos.

23

1564 — Nascimento de Shakespeare.

24

1500 — Os mouros assaltam com grande furia a praça de Marzagão, e são repellidos com perda enorme pelos portuguezes.

25

1185 — Nasce o principe D. Affonso, depois rei de Portugal, segundo d'este nome.

26

1821 — Parte D. João VI do Rio de Janeiro para Lisboa.

1538 — Francisco Pizarro destroça os parciaes de Almagro, cêrca de Cuzco.

27

1530 — Morte do poeta latino Sannazaro.

28

1755 — Grande tremor de terra em Quito, america meridional.

29

1589 — Lastimoso naufragio do galeão *S. Thomé*, no qual perderam a vida muitos portuguezes e entre elles o illustre D. Paulo de Lima.

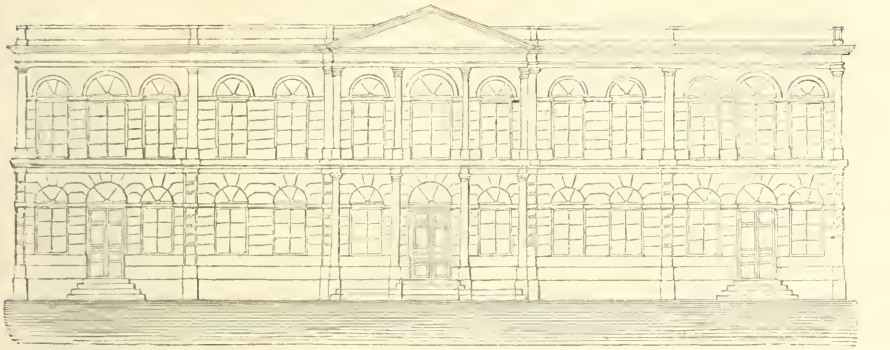
30

1524 — Morte de Bayard, o cavalleiro *sem temor e sem mancha*.

NAVIOS FORRADOS DE GOMMA-ELASTICA.

Todos os dias se multiplica a applicação do caoutchouc ou gomma-elastica a differentes industrias. Ultimamente propõe-se em França forrar de laminas de caoutchouc, devidamente preparadas, o fundo dos navios, no que até agora se empregavam folhas de cobre, ou da liga a que chamam metal amarello.

Affiança-se que a gomma-elastica não se altera como os metaes, e reune todas as condições que podem desejar-se para o fim indicado. Mais um incentivo cremos nós que é este para que o governo portuguez promova em grande escala a colheita da gomma-elastica, nas matas das nossas possessões africanas.



LISBOA — NOVO ESTABELECIMENTO DE BANHOS.

A nossa capital vae finalmente possuir um estabelecimento de banhos digno d'ella, e do fim a que deve ser applicado. Já era tempo. A salubridade publica exigia-o imperiosamente; de feito as pequenas casas de banhos que por ahi havia estavam bem longe de preencher todas as indicações da hygiene. O novo estabelecimento de banhos portanto satisfaz, em parte, a uma necessidade reconhecida geralmente. Não basta ainda, para o que deve ser, n'este genero, uma das mais formosas cidades do mundo; mas releva confessar que é bello principio este de execução de um pensamento altamente humanitario e civilisador.

O novo estabelecimento de banhos está situado junto ao largo de S. Paulo, no bêco do Carvalho, para onde deita a fachada principal. Tem esta de comprimento 135 palmos, 83 de fundo do lado leste, 78 do lado oeste, e 47 de altura desde o nivel da calçada até o cume do frontão. D'aquelle lado confina com um predio bastante alto, e d'este com um armazem, pertencente ao forte de S. Paulo.

Pena foi que um tão elegante edificio fosse erigir-se em sitio escuso, quando era digno de ornar uma praça razoada. N'este ponto prevaleceu a idéa da economia, porquanto o terreno em que se está construindo pertence ao estado, que o cedeu gratuitamente á santa casa da misericordia de Lisboa, por conta de quem correm as despezas da obra. Felizmente, se o pensamento de economia, até certo ponto exagerado, produziu o inconveniente que apontamos, e que aliás não é pequeno, em uma cidade pouco abundante de monumentos de regular architectura, é mister declarar, em abono da verdade, que não amesquinhou a construcção, considerada isoladamente; porque os materiaes que se buscaram são optimos, e as decorações de um estylo singelo, mas de bom gosto.

O estabelecimento de banhos de S. Paulo é destinado a ministrar banhos mineraes, conduzindo-se para este local as afamadas aguas sulfureas, que tebentem proximo ao arsenal de marinha. Tambem haverá ali banhos de agua doce, e de agua salgada quando se julguem convenientes.

No centro do pavimento terreo ha um reservatorio para agua sulfurea; os camarins de banhos estão dispostos em tres andares, dando-lhes serventia outras tantas galerias, que se aguentam sobre columnas de ferro, collocadas na prumada das quatro faces do reservatorio.

A parte leste do edificio contém diversos tanques, e a machina de vapor, por força da qual se ha de elevar, tanto a agua sulfurea, como a agua doce, na temperatura que se requerer, aos tanques superiores, d'onde deve ser distribuida por tubos para as differentes tinas.

São cincoenta e nove as tinas; vinte e quatro destinadas ao serviço das pessoas pobres; e as restantes trinta e cinco ao das que satisfizerem a quantia indicada na competente tabella. Das tinas quatorze são enterradas, vinte e outo de zinco, e dezesete de pedra liós. As differentes officinas consta-nos estarem distribuidas do modo mais conveniente; sabemos tambem que se não poupam despezas para que, tanto a mobilia como o serviço interno, correspondam dignamente aos fins que se tiveram em vista na fundação d'este importante estabelecimento. É muito folgaremos que assim aconteça; porque n'isto, como em muitas outras cousas, a verdadeira economia não consiste em gastar pouco, mas em gastar o necessario com acerto.

Começou-se a construcção do novo estabelecimento de banhos em 17 de abril de 1854; vae muito adiantada, e deve concluir-se dentro em mui poucos mezes. O risco é do dignissimo architecto da camara municipal, o sr. Pézerat. A este cavalheiro devemos o desenho, que mandamos gravar, e apresentámos n'este numero, bem como uma primorosa planta, e os mais precisos esclarecimentos para a confecção d'este pequeno artigo. Cordealmente lhe agradecemos tão fino obsequio, folgando de ter esta occasião de prestar ao sr. Pézerat um humilde tributo

da elevada consideração, de que se torna crédor pelo seu relevante merito.

A QUESTÃO DO ORIENTE.

VIII.

Vendo o imperador Nicolau a resistencia do governo britannico em acceder ás suas propostas, fez redigir um *memorandum*, em que procurava combater e desfazer todos os argumentos apresentados pelos ministros da rainha Victoria, com o fim de os trazer ao desejado accôrdo.

Não permittindo a estreiteza do espaço, que se copie na sua integra este interessante documento, transcreverei sómente um paragrapho, que vem corroborar o que n'outro logar disse ácerca da solicitude e habilidade com que o gabinete de S. Petersburgo se tem sabido aproveitar dos erros commettidos pela politica ingleza e franceza na Turquia, que por muitas vezes lhe tem fornecido pretextos para a sua intervenção n'este paiz.

«O gabinete inglez, (diz o memorandum), á vista da incerteza e caducidade do actual estado de cousas na Turquia, exprime o desejo de que se use para com a Porta da maior longanimidade. O imperador tem a consciencia de nunca haver obrado de outra maneira. O gabinete inglez convém n'isto, e dirige ao imperador, relativamente ás numerosas provas de moderação, que até hoje tem dado, elogios que sua magestade todavia não acceita, por quanto a este respeito não tem feito mais do que obedecer ás suas imperiosas convicções. Mas para que o imperador possa continuar a concorrer para este systema de longanimidade, e abster-se de todas as demonstrações, e de toda a linguagem peremptorias, é mister que similhante systema seja seguido igualmente por todas as potencias ao mesmo tempo. A França adoptou outro muito diverso. Foi por meio de ameaças que alcançou permissão, contra a letra dos tratados, para fazer entrar nos Dardanellos um navio de guerra. Foi pela bôca do canhão, que apresentou por duas vezes as suas reclamações e exigencias de indemnisação, primeiro em Tripoli, e depois em Constantinopla. Foi ainda por meio da intimidação que, na contestação sobre os logares santos, conduziu as cousas a annullar-se o decreto e as solemnes promessas feitas ao imperador pelo sultão. A Inglaterra guardou completo silencio na presença de todos estes actos de prepotencia. Nem offereceu á Porta o seu apoio, nem fez observações ao governo francez. A consequencia está pois clara. A Porta deverá necessariamente ter concluido de tudo isto, que só da França é que tem tudo a esperar, e tudo a temer; e que em quanto á Austria e á Russia póde impunemente illudir as suas reclamações. É por este motivo que a Russia e a Austria, a fim de obter justiça, se têem visto a seu turno, e a seu pezar, obrigadas a empregar a intimidação, pois que tratam com um governo, que não cede senão na presença de uma acção peremptoria; e d'est'arte pela sua propria culpa, ou antes pela dos que anteriormente a têem enfraquecido, a Porta é impellida para um caminho que a enfraquece ainda muito mais. Trate portanto a Inglaterra de lhe fazer ouvir a voz da razão. Deixe de se unir com a França contra as justas reclamações da Russia, e fuja de apoiar as resistencias do governo ottomano. Seja a primeira a persuadil-o a tratar os seus subditos christãos, como a propria Inglaterra julga essencial, com mais equidade e humanidade. Será este o mais seguro meio de poupar ao imperador a obrigação de se prevalecer na Turquia dos seus direitos de protecção tradicional, de que não faz uso sem pezar seu, e de afastar indefinidamente a crise, que o imperador e sua magestade a rainha desejam igualmente evitar.»

Sir H. Seymour, enviando para o seu governo uma cópia d'este documento, expressava-se a respeito d'elle no seu officio de 9 de março de 1853 da seguinte maneira: «Parece-me ver no *memorandum* imperial tres pontos perfeitamente estabelecidos: a existencia de alguma combinação particular entre as duas côrtes imperiaes a respeito da Turquia, a promessa do imperador Nicolau de não tomar posse, nem mesmo estabelecer-se em Constantinopla, assim como de não entrar em especie alguma de arranjo relativo a quaesquer medidas, que se devam tomar na eventualidade da queda do imperio ottomano, sem um accôrdo preliminar com o governo de sua magestade.

«Dando como facto certo e presentemente averiguado a existencia de um accôrdo ou de um contrato entre os dous imperadores relativamente aos negocios turcos, é da mais alta importancia conhecer a extensão dos compromissos entre ambos pactuados. Em quanto ao modo por que se concluiram taes compromissos, julgo que pouca duvida póde haver. Lançaram-se as bases certamente em algumas das reuniões de soberanos, que tiveram logar no outomno passado, e depois deu seguimento ao negocio, provavelmente, o barão de Meyendorff, ministro da Russia na côrte de Austria, o qual passou o inverno em S. Petersburgo, e ainda aqui se acha.»

No dia seguinte (10 de março) officiava novamente sir H. Seymour ao seu governo, participando-lhe o que se passára n'uma conferencia, que tivera com o conde de Nesselrode, e a pedido d'este. O chanceller da Russia, julgando, que o embaixador britannico não comprehendêra bem o *memorandum*, desejou explicar-lhe algumas passagens. Chegando áquella, que acima transcrevemos, disse que «tudo o que se pretendia era que o governo inglez, reconhecendo a magnanimidade e os sentimentos de justiça do imperador, fizesse alguns esforços para esclarecer o governo francez ácerca da falsa direcção em que o empenhou mr. de Lavalette (1).»

A isto respondeu o embaixador, que assim obrára o seu governo, não só n'esta occasião, mas em muitas outras. E para confirmar esta asserção passou a ler-lhe um extracto de um officio de lord J. Russel de 28 de janeiro para lord Cowley, embaixador da Grã-Bretanha em Paris. Sir H. Seymour teve a singular previdencia de copiar e levar comsigo para S. Petersburgo periodos d'aquelle despacho, que tão a proposito serviam agora para justificar a politica britannica da censura, que se lhe fazia no *memorandum*.

Mostrou-se o conde de Nesselrode muito satisfeito de que o gabinete inglez tivesse dado tão bons conselhos ao governo francez; dizendo que «sentia não ter ha mais tempo em seu poder uma prova tão concludente do partido, que o ministro dos negocios estrangeiros de sua magestade britannica tomára na questão dos logares santos.»

O conde de Clarendon, que substituíra lord J. Russel no ministerio dos negocios estrangeiros, respondeu ao *memorandum* no seu officio de 23 de março,

(1) Foi o embaixador francez, que concluiu a ultima transacção com a Turquia relativa aos logares santos.

dirigido a sir H. Seymour. Este documento é tão importante pelas observações e declarações que n'elle se fazem, e sobre tudo pela opinião, que lhe serve de remate, que julgo não dever resistir á tentação de lhe dar aqui logar na sua quasi totalidade.

«O governo da rainha, diz lord Clarendon, persevera na opinião de que a Turquia ainda possue elementos vitaes; e julga que os recentes successos têem provado a exactidão do parecer consignado no officio do meu predecessor, de que não ha razão sufficiente para se declarar ao sultão, que é incapaz de manter a paz no interior, ou de conservar relações amigaveis com seus visinhos. O governo da Grã-Bretanha soube por conseguinte com sincera satisfação, que o imperador se considera mais interessado do que a propria Inglaterra em prevenir uma catastrophe na Turquia, pois está convencida de que da politica seguida por sua magestade imperial para com este paiz depende a acceleração ou o adiamento indefinido de um acontecimento, que todas as potencias da Europa têem interesse em conjurar.

«Está persuadido o governo da rainha de que cousa alguma é mais propria para fazer precipitar esse acontecimento do que a constante predicção da sua proximidade; que nenhuma circumstancia póde ser mais fatal á vitalidade da Turquia do que a presumpção da sua decadencia rapida e inevitavel; e que se a opinião do czar, de que os dias do imperio turco estão contados, se fizesse notoria, succederia a sua queda muito mais cedo do que sua magestade imperial parece presumir. Porém, na supposição de que, por causas inevitaveis, tenha logar a catastrophe, o governo da rainha participa inteiramente da opinião do imperador, de que a occupação de Constantinopla por uma ou outra das grandes potencias seria incompativel com a manutenção da paz da Europa, e que portanto essa occupação deve ser julgada d'uma vez para sempre como impossivel; participa da opinião de que não existem elementos para a reconstrucção do imperio bysantino; de que a má administração systematica da Grecia não anima a estender-lhe o territorio, e de que, como não existem materiaes para o governo provincial ou communal, a anarchia seria o resultado do abandono das provincias turcas a si proprias, ou a auctorisação que lhes pudesse ser dada para se constituirem em republicas distinctas... Crê o governo da rainha, que não está no poder das combinações humanas a faculdade de dominar os acontecimentos, e que nenhum arranjo poderá conservar-se em segredo. Seria isto, na opinião do governo da rainha, o signal para se urdirem intrigas de toda a especie, e para rebentar a revolta no meio dos subditos christãos do sultão. Esforçar-se-ia então cada potencia e cada partido para assegurar os seus interesses no futuro, e a dissolução do imperio turco seria precedida de um estado de anarchia, que aggravaria todas as difficuldades, se é que não tornasse impossivel a solução pacifica da questão. A unica maneira de chegar a uma tal solução seria um congresso europeu. Mas este proprio recurso é mais um motivo para que se deseje a manutenção da actual ordem de cousas na Turquia; pois que o governo da rainha não póde pensar sem inquietação nos ciumes, que se desenvolveriam, na impossibilidade de conciliar as diversas ambições, e os interesses divergentes, que seriam postos em lucta, e na certeza de que os tratados de 1815 seriam susceptiveis de revisão, podendo succeder que a França se resolvesse a correr os azares de uma guerra europea para se livrar de obrigações que considera como offensivas á honra nacional, e que, impostas por inimigos victoriosos, são para ella constante origem de irritação. O principal objecto, que o governo da rainha tem em vista, aquelle a que se têem dirigido, e hão de dirigir todos os seus esforços, é a manutenção da paz. Deseja sustentar o imperio turco, por effeito da sua convicção de que não se póde levantar no oriente questão alguma importante, sem que se torne em fonte de desordens para o occidente, e de que todas as grandes potencias do occidente assumirão um caracter revolucionario, e emprehenderão uma revisão completa do systema social, para a qual os governos continentaes não estão de certo preparados.»

Este ultimo periodo póde ser considerado como uma ameaça, como um meio de tirar ao imperador Nicolau a vontade de provocar ou apressar um acontecimento, cujas consequencias poderão ser tão funestas para toda a Europa. Entretanto quem não se contentar com as razões mais faceis de attingir; quem não se der por satisfeito com as primeiras interpretações, que nos occorrem ao entendimento; quem tiver apreciado philosophicamente os acontecimentos, que ainda não vão longe, e sem que os visse pelo prisma das suas opiniões, e atravez dos seus desejos, achará sem duvida n'aquellas palavras do ministro britannico uma profunda opinião, embora de envolta com uma ameaça.

Em 15 de abril escrevia o conde de Clarendon a sir H. Seymour, dizendo, que «o governo de sua magestade não via utilidade em prolongar uma correspondencia sobre questão em que se haviam entendido perfeitamente; e portanto, o que me resta a dizer-lhe é, que o governo de sua magestade vê com prazer que o imperador considera a queda do imperio turco uma eventualidade incerta e remota, e que nenhuma crise torna imminente esta queda.»

Cinco dias depois, e antes que chegasse ao seu destino o despacho, que continha o periodo acima, dirigia sir H. Seymour ao conde de Clarendon um officio, em que referia a conversação, que tivera com o imperador no dia 18, por occasião de ser convidado a jantar no paço.

Mostrava-se o czar muito satisfeito «por ver as relações das duas côrtes repousando agora sobre melhor base, pois que se tinham entendido perfeitamente ácerca de pontos que, se ficassem em duvida, poderiam dar logar a desintelligencias.» Declarando que os compromissos por elle tomados seriam obrigatorios para o seu successor, disse: «As minhas intenções acham-se presentemente consignadas em *memoranduns*, que existem, e tudo quanto n'elles tenho promettido será cumprido por meu filho, se as mudanças de que se trata succederem no seu reinado, com o mesmo zêlo e solicitude, que tem mostrado seu pae.»

Depois de ter repetido que a queda do imperio ottomano, por mais que se desejasse afastal-a, não podia deixar de considerar-se proxima, insistindo ao mesmo tempo nas vexações, que soffre a população christã da Turquia, accrescentou que as ultimas participações que recebêra de Constantinopla davam as negociações sem terem adiantado passo algum satisfactorio; e então declarou que se até ali não fizera mover uma só nau, nem um unico regimento, não era por consideração para com o sultão, nem por motivos de economia; porem que não queria ser ludibriado, e se os turcos não cedessem á razão, teriam de ceder á aproximação de um perigo.»

Esta correspondencia entre as duas côrtes pouco mais se estendeu. As passagens que d'ella copiamos

dão sufficiente fundamento para se formar um juizo seguro da origem e fins da questão do Oriente, e da politica ingleza n'esta importante pendencia.

(Continúa).

I. DE VILHENA BARBOSA.

NAVEGADORES ESTRANGEIROS.

VI.

CONTEMPORANEOS.

Julio Sebastião Cesar Dumont d'Urville nasceu a 23 de maio de 1790, em Condé-sur-Noreau, departamento de Calvados. Em 1808 era aspirante de marinha; em 1812 foi promovido a tenente; em 1814 principiou a sua carreira maritima, acompanhando de Sicilia para França a familia Orleans. Em 1818 coadjuvou o capitão Gautier, encarregado de levantar as plantas das costas do Mediterraneo, e do mar Negro. De 1822 a 1825 serviu como immediato ao capitão Duperrey, na viagem, que mencionamos, á roda do mundo, e na qual percorreu vinte e quatro mil leguas de mar. Em 1826 foi encarregado de dirigir uma nova viagem de circumnavegação, e de procurar noticias de La Peyrouse, e de seus desgraçados companheiros. Saíu de Toulon a 25 de abril, a bordo da corveta *Astrolabio*, a mesma onde fizera a primeira viagem de circumnavegação com Duperrey, e cujo nome fôra mudado para *Astrolabio*, em honra do navio de La Peyrouse; dobrou o cabo da Boa Esperança, e chegou á Nova Hollanda, tendo soffrido contínuos temporaes. D'ahi passou a explorar as costas da Nova Zelandia, da Nova Guiné, da Terra de Van-Diemen, e de muitas ilhas, até que encontrou em Vanikoro os destroços das embarcações de La Peyrouse. Visitou ainda as Molucas, as Celebes, e outros archipelagos do Pacifico, e voltou a França, depois de vinte e cinco mil leguas de navegação, fundeando em Marselha a 25 de março de 1829.

Depois da revolução de 1830, foi d'Urville encarregado de conduzir o rei Carlos X para longe do seu paiz, commissão delicada, que elle cumpriu com dignidade; e dedicou-se nos seguintes annos á publicação das suas viagens, em cujas relações se acha sempre o util a par do agradavel.

A 7 de setembro de 1837 deixou d'Urville novamente a França, para emprehender terceira viagem á roda do mundo, e ao polo sul. A mesma corveta *Astrolabio* foi confiada ao contra-almirante Dumont, chefe da expedição, e outra corveta, a *Zelosa*, que a devia seguir, teve por commandante o capitão Jaquinot. Os dous navios passaram com felicidade o estreito de Magalhães, e aproando corajosamente ao sul encontraram um immenso banco de gelo, por 65 graus de latitude, que os não deixou passar ávante.

Eis como Dumont d'Urville descreve este maravilhoso espectaculo:

«Severo e grandioso, acima de toda a expressão, embevece a alma, ao mesmo tempo que enche o coração de um terror involuntario. Em nenhum outro logar o homem sente tão vivamente a convicção do pouco que vale. É um mundo novo que tem diante dos olhos; mas um mundo inerte, lugubre e silencioso, que ameaça de aniquilar o fraco mortal. Ali, se tivesse a desgraça de ficar abandonado, nenhum recurso, nenhuma consolação, nenhum raio de esperança lhe adoçaria os ultimos momentos, e o homem deveria applicar a si a famosa inscripção da porta do inferno de Dante: «*Lasciati ogni esperanza, voi ch'entrate.*»

Depois de um mez de prizão entre os gelos, conseguiram as corvetas abrir caminho até uma nova costa, com altas montanhas, a que deram o nome de *Terra de Luiz Filippe*, e voltando a climas menos asperos, visitaram muitos dos archipelagos d'entre os tropicos. Em *Hobart-Town* encontrou d'Urville ao capitão Biscoe, que acabava de descobrir a terra de *Enderby*, nas regiões austraes, o que o resolveu a tentar nova expedição ao polo sul. Largando d'este ponto no 1.° de janeiro de 1840, teve a fortuna de descobrir outra costa, situada em 66° 30′ de latitude, a que chamou *Terra de Adelia*, do nome de sua esposa; e em seguida uma segunda costa, que denominou de *Clarie*. Voltando d'entre os solitarios gelos, estes corajosos navegadores traziam quasi a certeza de haver surprehendido a mysteriosa posição do polo magnetico; e engolfando-se de novo no grande oceano reconheceram muitas ilhas, e fizeram importantes observações scientificas.

Finalmente, depois de andadas outras vinte e cinco mil leguas maritimas, cortado sete vezes o equador, e penetrado por duas vezes no circulo polar austral, chegaram as corvetas a Toulon, durante a noute de 6 para 7 de novembro de 1840. Tendo escapado a tão diversos perigos em todos os mares, o almirante d'Urville veiu morrer no dia 8 de maio de 1842, no caminho de ferro de París a Versailles, em resultado de uma explosão da machina de vapor. Toda a sua familia pereceu com elle, dentro do mesmo wagon: uma esposa adorada, e um filho. Os restos, quasi reduzidos a cinzas, d'estes desgraçados, foram sepultados com pompa no cemiterio do Monte Parnaso, e ahi se ergueu mais tarde um monumento á memoria do Cook francez.

Sabios de todas as classes se tem alliado n'estes ultimos tempos aos grandes navegadores, para estudarem os paizes que a ousadia maritima vae descobrindo nas oppostas direcções de cada um dos polos. Estas conquistas pacificas da sciencia, não deslumbram o vulgo como as emprezas guerreiras de outro tempo, porque lhes falta o restrugir das armas; mas, na verdade, os perigos não são menores para os modernos martyres da sciencia, do que para os antigos conquistadores. Vede Forster como se embrenha entre os gelos do sul, para marcar o cabo da *Possessão*, e a terra de *Clarence*, (1828) ao mesmo tempo que Ross, devassando as neves do Arctico, reconhece as costas do mar Boreal. Já é sobre um navio a vapor e á vela, que este illustre navegador emprehende a campanha polar desde 1829 até 1832. O governo britannico que o julgeu perdido, como de feito se perdêra a embarcação que o conduzia, mandou o capitão Back em sua busca, o qual, de passagem, fez novas descobertas n'aquelles mares.

Biscoe começou as suas viagens de exploração ao polo austral no anno de 1831, e além da *Terra de Enderby*, de que já fallamos, descobriu a *Terra de Graham*, a ilha *Adelaide* e muitas outras entre os gelos do antarctico. Morell, americano, volta, pelo mesmo tempo, da sua viagem á roda do mundo, tendo feito novos reconhecimentos no Pacifico; e Brag explora o Spitzberg e outras regiões do circulo arctico (1).

(1) A interessante relação da viagem de Brag encontra-se no II e III volumes do Panorama.

O bem conhecido almirante francez Dupetit-Thouars, fez uma viagem de circumnavegação a bordo da fragata *Venus* desde 1836 até 1839, durante a qual reconheceu a posição de muitas ilhas do mar Pacifico, e fez numerosas observações meteorologicas, magneticas e physicas. Goubie Junior, capitão do navio mercante *Bombaim*, de Bordeaux, executou igualmente uma viagem em roda do mundo, desde 1838 a 1840, com vistas puramente commerciaes. Identica rotação fez o baliciro *Dunkerquois*, capitaneado por Lecozanner, de 1839 a 1840. Balleny, capitão inglez, descobre as ilhas do seu nome, em 67° sul; (1839) e Fabvre, commandante da corveta *Recherche*, chega a 80 graus norte, e lança ferro em Magdalena-bay, um dos logares mais tristes, mais selvagens e pictorescos do Spitzberg. Ao mesmo tempo, dous navegadores francezes, Fabvre e d'Urville, buscavam, nas extremidades oppostas do globo, novas luzes sobre o systema do mundo.

Peter Dease e Thomaz Simpson proclamam-se os descobridores da passagem ao noroeste para as Indias, buscada durante mais de tresentos annos, apesar de que Beckey já antes affirmára a existencia da dita passagem; é ao anno de 1839 que se refere este resultado inutil; dizemos inutil, porque a navegação por aquelle lado é impossivel a maior parte do anno, e sempre mais trabalhosa do que pelo cabo de Horn. O capitão Charles Wilkes, americano, julgou haver resolvido o outro grande problema da existencia ou não existencia do continente austral, e denominou *Continente antarctico* a uma terra que descobriu entre os gelos. O navegador que se aproximou mais do polo austral foi comtudo o inglez James Ross; elle deu o nome de *Terra Victoria* a uma costa que descobriu por 70 graus de latitude, em 1841, e vencendo obstaculos sobrehumanos, chegou por entre ilhas de gelo até 78° 4′ de latitude sul!

De então para cá são pouco importantes os descobrimentos maritimos, e Franklin é o navegador mais nomeado, pela sua mysteriosa desapparição; as noticias das ultimas viagens ao polo, muitas d'ellas em busca do illustre nauta, estão ainda frescas na memoria dos leitores, para haver de as repetir aqui, além de que é facil encontral-as nos jornaes contemporaneos.

Se o nome de algum navegador celebre deixou de figurar n'estes apontamentos, uma tal omissão só deve ser attribuida á pressa com que foram escriptos; e desculpem o compilador, que não teve, nem podia ter, pretenções de resumir em tão poucas paginas, uma historia de centenares de volumes.

F. M. Bordalo.

POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA.

II.

DOMINGOS DOS REIS QUITA.

NA ARCADIA — ALCINO MICENIO

1728—1770.

II.

No esboço intentado para darmos idéa do engenho do Garção, traçamos o quadro resumido das letras, quando se fundou a Arcadia, apreciando, em geral, as causas que encurtaram a sua influencia sobre o gosto.

Não repetiremos, pois, o que já foi dito.

Cada um dos arcades escolheu a sua provincia, e administrou-a com a severidade de um proconsul, intimando as regras, e propondo os exemplos. Foi, portanto, verdadeiramente uma restauração classica, intolerante e exclusiva como todas as restaurações. Quem examina as obras críticas de Candido Lusitano pasma dos acanhados ambitos, em que elle não duvida encerrar a lingua e as manifestações da arte, e faz juizo immediatamente do alcance, que podia ter similhante escola.

O que valeu sempre mais do que os preceitos, foram os ensaios de alguns poetas; as odes horacianas do Garção, e as eclogas do Quita. Os vôos lyricos do Diniz subindo mais desassombrados contradiziam algum tanto as sentenças do codigo poetico!

Os tempos tinham corrido, porém, tão avessos a castidade das musas, e os vicios dos versejadores por tal modo lhes haviam deturpado a belleza, que certo excesso na reforma mais devia perdoar-se, que sentir-se, ou estranhar-se.

Era cedo ainda para a poesia, que nasce da inspiração nacional, e com ella se arrebata a verdadeiras innovações de idéas e de formas.

O dogma da imitação escravisava ambos os campos. As estremas nos dous imperios tocavam-se pela crença commum de se reputar sabido e inventado tudo, suppondo quasi um sacrilegio qualquer arrojo mais audaz.

Acima das regras cujo respeito se inculcava, não havia nada. Uns obedeciam a *Aristoteles*, a *Horacio*, e a *Vida*. Outros adoravam com fervor os idolos da renascença italiana. Emfim a plebe dos metrificadores depravados seguia as tradições de Marino e Gongora, alteradas em toda a distancia que vae dos inventores ás cópias.

Estes artigos eram inabalaveis na religião de todos. As discordias suscitavam-se unicamente sobre a preferencia das auctoridades abraçadas por cada seita.

Os puritanos estavam com o mestre de Alexandre, e com o valido de Mecenas. Os do meio termo pactuavam com os continuadores da restauração classica da Italia. Mais numerosos e insoffridos, os vates dos outeiros e abbadessados, representavam a corrupção triumphante das agudezas pueris, dos equivocos ridiculos, dos conceitos preciosos e exoticos, e das combinações refinadas e absurdas.

Ja se vê qual seria n'esta lucta a bandeira da Arcadia. Manteve a reacção em nome do Olympo greco-romano. Boas espadas, os seus criticos saiam a campo, e cortavam sem piedade. Engenhos felizmente dotados, muitos dos seus poetas, condemnando o erro, e ensinando uma lei austera, ergueram monumentos dignos do seu nome, e da fama dos modelos, que proclamavam.

Sem estimulos, fizeram voto de morrerem sobre as armas até vencerem; e se acabaram primeiro do que a campanha, é de toda a justiça reconhecer que a morte veiu encontral-os firmes, cada um no posto, que sustentava.

Um livro, bastante curioso, mandado escrever segundo se julga pelo marquez de Pombal para combater o ensino dos jesuitas, seus inimigos capitaes, faz a pintura exacta do atrazo geral, e dos principios que dominavam o espirito dos reformadores. É o verdadeiro methodo de estudar do padre Verney.

Depois de percorrer os generos cultivados no seu

tempo, e de flagellar os abusos, entra nos dominios da poetica, e põe as bases da restauração litteraria.

N'esta parte, deve confessar-se, é menos feliz, do que na censura. Separadas algumas regras, que o juizo critico apontou sempre em todas as epochas, o mais rasteja atraz da imitação humilde dos antigos, sem nunca se elevar a uma só d'aquellas vistas, d'onde se descobrem largos horisontes e novos pontos.

De tantos thesouros, que offerecem as tradições nacionaes á inspiração; de tantas riquezas, que o sentir e crer dos seculos robustos de Portugal patenteiam ao imaginador, nenhum lhe deu nos olhos ou mereceu proveitosa observação.

Reputa regenerada a poesia, depoi sda exposição dos preceitos, pela escrupulosa servidão aos moldes classicos. Feito isto fica tranquillo, e absolve o resto!

A theoria dos arcades, pouco mais ou menos, era a mesma. A unica differença consistia em que na pratica sabiam cobrir com as magnificencias do talento as pobrezas da invenção, e o captiveiro das formas.

Como Virgilio tinha escripto dez eclogas, nenhum pastor do Menalo se atreveu a exceder o numero. Na ode Horacio e Pindaro foram typos absolutos para o Diniz e o Garção.

A *Filis e Demophonte*, poema tragico do padre Chagas, vê-se castigada em Verney com toda a severidade, não pelo que apresenta de excentrico e depravado; mas pelas liberdades, que tomou contra as inviolaveis unidades da epopéa.

Os mesmos *Lusiadas* não escapam á ira do censor. Comparar-se Camões a Homero equivale a uma blasphemia, capaz de aterrar no Olympo as divindades tutelares das letras, e no sacro monte as musas e Apollo. Camões peccou, não nos lapsos que lhe notâmos, e que são nodoas apenas do esplendido sol do seu engenho; mas nos atrevimentos e isenções, em que se libertou da craveira das poeticas auctorisadas!

Depois d'esta immolação, verificada de sangue frio, e voutade firme, nas aras da reforma, qual dos poetas evitaria os gumes da critica, e as varas da correcção? Se o Camões, victima das suspeições jesuiticas, não alcançou a misericordia dos novos Minos, o que seria dos vates menores, collocados a tamanha distancia d'elle?

Do que temos exposto a conclusão parece facil. Queria-se melhorar, mas em vez de progredir, retrogradou-se. Principiada pela reacção, e era natural, mas sem forças inventivas, a regeneração das arcades nunca pôde passar da consagração do anachronismo.

Excommungaram-se os delirios da phantasia, as subtilezas e enredos metricos, e as aberrações em que se consumiam as tentativas dos versejadores da decadencia. Sentença justissima! Mas ensinando o caminho a seguir, e as entradas para o novo Parnaso, os criticos não saíam dos porticos de Roma e da Grecia, naturalisando apenas, e a custo, as obras primas da inspiração moderna.

D'ahi provém, que a douta sociedade prestou verdadeiro serviço como interprete do gosto e da razão, expurgando as letras, e desterrando do seio d'ellas todos os monstros; mas quando se arrisca a mais, e procura dictar as leis da segunda renascença, cedem-lhe os hombros com o pezo, os olhos turvam-se-lhe, e não acha seguro, senão refugiada á sombra das poeticas em desuso. O melhor emprego do talento, a seu ver, era a imitação, com os traslados a vista, do que a antiga arte nos deixou, grande e bello, creando por si mesma, e inspirando-se no sentimento das nações, que lhe deveram mais de metade de sua gloria.

III.

Entre os homens notaveis d'este periodo, um dos que muito concorreram para illustrarem a sabia corporação foi Domingos dos Reis Quita, cujos principios humildes lhe exaltam mais ainda a nobreza do engenho, e as qualidades do coração.

Amigo particular do Garção, mas por indole menos rispido e severo, gosou-se da affeição do ermita da Fonte Santa, e provavelmente o ajudou por varias vezes a fechar aquelles engraçados sonetos de poeta horaciano, em que figura a luzidia calva do padre Delfim, e a famosa rebeca, alegria das festas e fogueiras do S. João.

Nascido a 6 de janeiro de 1728, dous annos antes de Salomão Gesner, o Theocrito da Suissa, seus paes arruinados pelas adversidades do commercio, não tiveram para o receber senão um berço pobre, e cercado de tristezas.

José Fernandes Quita contratava em pannos brancos, e sete annos depois de lhe nascer este filho, viu-se obrigado a deixal-o ao collo das meiguices maternas, entre as lagrimas de uma viuvez antecipada, avivadas ainda pelas maguas da indigencia.

Mais seis irmãos compunham a familia, e redobravam os cuidados da desditosa esposa, para a qual já não eram pequeno tormento as saudades da ausencia, e o quadro da orphandade de tantas creanças, confiadas unicamente á sua protecção, e á de Deus.

Por alguns annos houve noticias do pae, e as remessas, mandadas da America, aonde passára, eram os soccorros, com que a disvelada mãe acudia ás despezas mais urgentes da casa, e á boa educação, em que se esmerava para com seus filhos.

Um dia, porém, cessaram os auxilios e as cartas, e com ellas repentinamente desappareceram os meios de supprir as precisões da vida.

Maria Rozaria achou-se de todo viuva, e nas duras estreitezas, a que a miseria a vinculava, teve de quebrar por votos e propositos para attender primeiro aos gemidos da fome de sete creanças inteiramente desamparadas.

Aonde a indigencia aperta não ha logar senão para ella. As faculdades do engenho, e os dotes da alma madrugaram pois debalde em Domingos dos Reis. Foi necessario sacrifical-os á necessidade.

Aos treze annos, apesar da facil comprehensão, e do juizo perspicaz, que desde a idade juvenil inculcavam o que o futuro lhe reservava, a infeliz mãe, carregada de obrigações, foi constrangida a suffocar o orgulho e as esperanças do seu amor, applicando-o a uma profissão mechanica, para se alliviar um pouco do grande pezo da familia, e proporcionar ao filho honrado modo de subsistir.

Entrou logo como aprendiz de cabelleireiro; mas a felicidade do engenho luctava com a humildade do officio. A viveza das suas respostas, e a descripção dos seus ditos eram o enlevo dos frequentadores da loja; e as horas, que podia furtar sem prejuizo ao seu trabalho, empregava-as na lição dos livros bons.

Quem n'estes curtos ocios o buscasse, ía encontral-o meditando e relendo as obras de Camões e de Francisco Rodrigues Lobo, os auctores que estimou sempre mais, e que na realidade mais se elevam na poesia portugueza.

Em mocidade tenra, e desajudado de todos os conselhos, repassou-se gradualmente das bellezas de pensamento e de estylo, que elles encerram; e ornando o espirito com os trechos, que o exaltavam, conseguiu retel-os pela maior parte na memoria, tiran-

do de ambos, o traço, a côr, e o mimo, que admirâmos nas suas composições.

Antes de ter lido as poeticas, então apontadas como guias infalliveis, e quasi como unica inspiração; antes de conhecer as regras assignadas aos differentes generos, Quita, a sós comsigo e com os seus modelos, principiou a entregar-se á vocação, fazendo versos, e recatando-os com tanto susto, como se os primeiros clarões da imaginação constituissem graves delictos.

A ecloga de *Alcino*, tentada ainda na puericia, apesar da inexperiencia, já deixa sentir a suavidade e abundancia, que depois enriqueceram o estro do poeta.

A desconfiança de si, e a modestia, que tanto realce deu ao seu talento, levaram-o a occultar os bellos ensaios da adolescencia com um cuidado igual, ao que a mediocridade vaidosa emprega para alardear producções informes.

Muitos annos cultivou a poesia, e favorecido entrou na familiaridade das musas, sem que os amigos mais intimos nem sonhassem, que elle era capaz de rimar uma decima, ou uma quadra.

As vezes lia-lhes os seus versos, mas sempre atribuindo-os a auctor supposto, que fingia ser um religioso dos conventos das ilhas. Foi preciso, que o soneto

Benigno amor os impios que te offendem,

viesse descobrir parte do segredo. A final as suspeitas converteram-se em certezas n'um divertimento, dado na Moita, na quinta de Santo Antonio.

Ahi, o engenho do Quita revelou-se em todo o seu vigor, e desde então caíram os véus do anonymo, com que, por excesso de modestia, tanto tempo se escondêra dos louvores.

D'aquelle dia em diante, os cultores da poesia saudaram mais um irmão em Apollo, e os que não o conheciam senão de nome, desejaram conhecel-o pessoalmente. Da obscura loja, aonde largos annos a pobreza tinha encarcerado este grande talento, digno de applauso, passou elle nos braços de sinceros admiradores para as fadigas da vida das letras, servindo-lhe de corôa os proprios esforços para se occultar.

A adversidade, entretanto, ainda não se mostrava branda com elle. Cioso dos elogios, que animavam o novo poeta, parece que se comprazia em lh'os fazer amargos, negando-lhe a paz e a serenidade, que se alcançam na mediocridade dos bens, mas que os espinhos da necessidade não permittem.

No meio das ovações, que o exaltavam, Domingos dos Reis pensou as estreitezas da indigencia extrema; e para não desistir do caminho encetado, foi-lhe preciso chamar em seu auxilio todas as forças d'alma, e escorar-se n'ellas para não ceder á crueldade da fortuna.

Não a venceu, porém: mas oppoz-lhe até ao ultimo suspiro aquella inteireza, prezada pelo Garção, como a primeira qualidade do homem probo, como timbre e gloria da virtude, conscia do seu poder.

Um dos homens, que desde o principio applaudiram o estro de Quita, foi José Antonio de Brito, cujos sentimentos nunca se desmentiram. Desejoso de concorrer para melhorar as circumstancias do poeta, informou das suas prendas o conde de S. Lourenço, habilitado apreciador dos merecimentos litterarios, e conseguiu que o douto fidalgo quizesse ouvir os versos, cuja suavidade attrahia os cultores das musas.

Logo da primeira conversação, ficou o conde tão satisfeito da penetração e viveza do Quita, que depois de confirmar como justa a fama publica, tratou por todos os modos de lhe significar a sua estima, a qual depressa se mudou em amizade e affectuosa protecção.

As calamidades da epocha, e o quinhão que o conde teve n'ellas, foram as que impediram o poeta de colher o fructo, que devia esperar de tão agradaveis relações.

Entre os cabeças da nobreza que o marquez de Pombal designára como perigosos, o conde de S. Lourenço pela sua capacidade não podia ser esquecido; e o implacavel ministro, apenas se lhe proporcionou o ensejo, não se demorou em fechar sobre elle com o maior rigor as portas da prizão da Junqueira, o que n'aquelle tempo equivalia a chumbar sobre um vivo a campa de uma sepultura!

Separados assim, o poeta perdeu da vista, mas não da memoria do coração, o seu primeiro protector; e tornou a sentir o mesmo desamparo, em que só por momentos deixou de gemer durante a sua vida.

Mas os desgostos domesticos, por mais pungentes, não alteravam n'elle o amor do estudo e a inclinação poetica. Longe de affrouxar, redobrou o esforço. Para não desmerecer da reputação, que lhe tinham grangeado os seus ensaios, desvelou-se em supprir a falta de educação litteraria á custa de penosos e constantes trabalhos. Sem mestres, e soccorrido só pela firmeza da vontade, applicou-se ás linguas vivas, e dentro em pouco as obras primas das litteraturas franceza, castelhana e italiana, ficaram sendo para elle tão familiares, como os livros portuguezes. Não podendo ler os auctores gregos e latinos no original formou idéa proxima das suas bellezas, recorrendo ás mais acabadas versões. D'esta maneira poliu o gosto, esmerou a critica, e fortaleceu por meio de thesouros escolhidos os dotes naturaes do seu feliz engenho. Meditando as regras, e confrontando-as com os modelos, conseguiu crear estylo proprio, e percorrer o estadio de Theocrito e Virgilio, a distancia dos mestres, mas sempre igual aos mais louvados entre os modernos. N'esta lucta com um genero, que na simplicidade mesma encerra a maior difficuldade, o Quita exceden a todos os nossos bucolicos antigos, exceptuando talvez Rodrigues Lobo, em alguns trechos, e Bernardim Ribeiro em varios toques de sentimento, que só a paixão inspira.

Continua.

L. A. Rebello da Silva.

PROCESSO PARA TORNAR A MADEIRA MENOS COMBUSTIVEL.

Por mais expedientes que se hajam lembrado, a experiencia tem vindo demonstrar a impossibilidade, ou, pelo menos, a grande difficuldade, de tornar a madeira absolutamente incombustivel. Para que comtudo se incendeie com menos rapidez é necessario impregnal-a de uma dissolução salina, que fixando-se na sua superficie a ponha a abrigo do contacto do ar. Se se tratasse sómente de operar em ponto pequeno, o melhor methodo seria o seguinte:

Mergulhar a madeira n'uma dissolução quente de phosphato de soda ou de phosphato de potassa, de borato de ammoniaco ou de borato de potassa; deixal-a esfriar, e depois empregal-a, pintando-a desde logo com tinta desfeita em colla forte.

Querendo-se porém preparar madeira em quantidade maior, o processo mais economico e mais conveniente a todos os respeitos consiste em mergulhal-a n'uma dissolução bem quente de alumen, deixal-a ahi esfriar, e depois, logo que se acha concluido o trabalho que com ella se pretendeu fazer, pintal-a do modo que acima se indicou.

INDIFFERENÇA E MORTE!

> J'ai passé comme une fleur, j'ai seché comme l'herbe des champs. Pourquoi la lumiere a-t-elle été donnée à un miserable, et la vie á ceux, qui sont dans l'amertume du cœur?!
>
> JOB

Ultimo arranco d'indiff'rença gelido,
Elisa, escuta d'este peito meu,
Pungente queixa, que em sorrir sarcastico
Ahi t'envia quem por ti morreu!

Ai!—dos teus labios o sorrir angelico
Fallou-me ao peito de prazer, de amor;
Mal eu pensava, que um sorriso perfido
Roubar-me vinha d'esta vida a flor!

Julguei-te um anjo nos meus sonhos candidos,
Julguei-te pura qual ninguem te crê,
Mulher traidora, que em atroz perjurio,
Roubaste ao peito do prazer a fé.

Eu era a louca mariposa timida,
Que o fado improbo attrahindo á luz,
Encontra a morte n'essa chamma fervida,
Que a innocente co'o fulgor seduz.

E tu, Elisa, foste a chamma perfida,
Que a mariposa sem ter dó queimou;
Hoje só resta meu cadaver livido,
Que esta alma ardente por te amar—murchou!

Ai! de que serve n'este mundo improbo
Entre tormentos sem amor passar,
Se a crença ardente n'um sorriso magico
Fugiu-me d'alma p'ra não mais voltar?!

Ai! n'este mundo de passar ephemero
Meus dias fogem n'um penar cruel:
Em taça cheia de veneno putrido
Libei sem forças d'amargura o fel.

Debalde os risos d'esse mundo sordido
Folguedos venham a mostrar-me aqui;
Gritam debalde co'essa voz magnifica,
—Não me seduzem,—p'ra gosar morri!!...

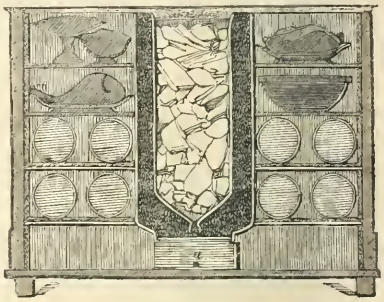
Abril de 1853.

A. DE BARRETO.

HYMNOS DA IGREJA CATHOLICA.

Os hymnos cantados pela Igreja nas suas varias e magestosas solemnidades são, na maxima parte, de remotissima data, e alguns d'elles de origem duvidosa ou desconhecida. O *Te Deum* foi obra de Santo Ambrosio. O *Lauda Sion Salvatorem* foi composto por S. Thomaz d'Aquino. O *Salve Regina* é attribuido ao papa Innocencio III: as ultimas palavras *O clemens! ó pia! ó dulcis Virgo Maria* (ó clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria) foram accrescentadas por S. Bernardo.

O hymno *Alma Redemptoris Mater* foi composto por Hermano Contiactur, frade benedictino. O *Vexilla Regis* já se cantava no tempo das cruzadas. O cantico *Regina coeli*, que se repete pela paschoa, foi legado aos fieis pelo papa Gregorio Magno, que o compoz logo depois de uma visão milagrosa. O hymno para a festa de S. Pedro e S. Paulo attribue-se a Boecio; finalmente os hymnos do breviario parisiense foram quasi todos composição do conego Santeuil.



GELEIRAS PARA USO DOMESTICO.

A gravura representa o modêlo de uma geleira economica, modernamente adoptada em París, e de um emprego reconhecidamente vantajoso.

Qualquer marceneiro, dotado de certa intelligencia e gosto, póde fabricar este pequeno, e até elegante movel. Consta a geleira domestica e economica de uma especie de armario de duas portas, dividido interiormente em tres repartimentos, sendo os dous lateraes guarnecidos de prateleiras. No repartimento central colloca-se um boião de grés de grandeza proporcionada, terminando em fórma conica, e com um pequeno orificio no fundo: este boião deve estar mettido dentro de uma caixa maior de madeira ordinaria, enchendo-se os vãos que ficarem entre esta e aquelle de carvão bem moido. A agua resultante da fusão successiva do gelo, saindo pelo orificio do boião, atravessa a camada de carvão pulverisado, e sáe perfeitamente purificada no reservatorio inferior, d'onde póde extrahir-se quando se queira beber, por meio da competente torneira (a).

N'esta geleira conserva-se sempre uma porção de neve para todas as applicações que se lhe pretender dar, que não são poucas actualmente, tanto na economia domestica, como na medicina, e na hygiene. Ao mesmo tempo obtem-se por este singelo apparelho agua magnifica já distillada. As prateleiras, de que estão providas as divisões lateraes do armario, permittem igualmente que se resfriem as viandas e liquidos que se desejarem apresentar na mesa, no estado de maior frialidade possivel.

Em um clima como o nosso, que attinge em certas epochas do anno um grau de calor quasi insupportavel, as neveiras domesticas devem ser de uso muito proveitoso e agradavel. Accresce a modicidade do custo, que se calcula não exceder, sendo fabricadas de boa madeira, a uns 8 a 9$000 réis.

FRANÇA — PALACIO DE JUSTIÇA DE PARIS.

O palacio de justiça, outr'ora palacio da municipalidade, foi construido ou consideravelmente reparado no reinado de Roberto, filho de Hugo Capeto, no anno 1000. Alguns dos successores de Roberto o augmentaram bastante, contando-se entre aquelles S. Luiz. Attribuem-se a este monarcha as salas inferiores, debaixo do grande salão denominado dos *passos perdidos*. Uma das referidas salas distingue-se ainda pelo nome de *cozinha de S. Luiz;* assim como, o pavimento superior ao local do tribunal de appellação (cassation) se chamou por muito tempo *aposento de S. Luiz*. Depois d'este principe Filippe o formoso reedificou em 1313 quasi inteiramente o palacio, ou pelo menos fez-lhe notaveis accrescentamentos. Habitou-o Carlos V, e foi residencia real até 1431, anno em que Carlos VII resolveu passar para o Louvre.

O palacio de justiça, considerado no seu conjuncto, participa da architectura dos differentes seculos, em que foi construido, reedificado e accrescentado. Para o lado da rua do Relogio tem duas grandes torres redondas, proximas uma da outra, e terminadas por cupulas cónicas; um pouco mais distante vê-se outra torre do mesmo genero. Banhavam-nas ao sopé as aguas do rio Sena, antes da construcção da mencionada rua. A torre quadragular, que se ergue no angulo do palacio que deita para a praça das Flores, parece remontar ao anno 1370. N'esta ultima torre havia um sino que só tocava para annunciar o nascimento ou o obito dos reis ou de seus filhos primogenitos. A unica excepção a esta regra deu-se no dia de S. Bartholomeu, de horrorosa memoria.

A sala dos passos perdidos é uma das maiores da França; tem setenta e quatro metros de comprimento sobre vinte e oito de largura. Interiormente esta dividida com columnas e arcos, em nove naves. Aquellas columnas e arcos sustentam a immensa abobada, que é de pedra. N'esta enorme sala, de bella architectura dorica, observa-se o singelo monumen-

to erigido em 1822 a Malesherbes, um dos ministros e corajosos defensores do desafortunado Luiz XVI.

A fachada principal do palacio, que é a que a nossa gravura representa, tem na frente um vasto pateo, cerrado com gradaria de ferro, em que se abrem tres magnificas portas. No centro da fachada ha uma escadaria pela qual se sobe ao andar nobre, a que dão serventia tres elegantes porticos; ao lado da escada vêem-se duas amplas arcadas, conduzindo uma d'ellas ao tribunal de policia correccional, e a outra á cadeia publica. O centro da fachada é decorado com quatro columnas doricas; correndo na parte superior uma formosa balaustrada, na qual estão collocadas sobre airosos pedestaes quatro estatuas allegoricas, representando a força, a prudencia, a abundancia e a justiça. Ao meio vê-se um relogio soberbo.

A vastidão do edificio, a riqueza dos materiaes de que é construido, a sua antiguidade, e até as tradições que a elle andam ligadas, tornam o palacio de justiça um dos monumentos mais importantes e curiosos da famosa capital do imperio francez.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO-VERDE.

A lua do mel. — A polygamia. — A gravidez, e Valerio. — Mr. Pimping, e Kadé. — Bolama, e um documento furtado pelos inglezes. — O cynismo d'um methodista. — Consequencias de uma seducção. — O primeiro elo da cadeia dos crimes.

Ondotó e Kiangi viveram muito satisfeitos nos primeiros tempos. A lua do mel durou muitos mezes, e até annos. Kiangi era modesta, meiga e laboriosa: se algum defeito lhe notavam era sómente uma timidez excessiva, que não estava de accôrdo com os costumes publicos, que repugnava ás praticas da sociedade no meio da qual vivia (não é assim que se diz em linguagem de periodicos lá em Lisboa?). Ondotó era arranjado, pacifico, e tão extremoso por sua joven mulher, que não se envergonhava de *descer* de sua dignidade ajudando-a nos trabalhos que são aqui exclusivamente reservados ás mulheres, e que o homem julga que o deshonrariam se os fizesse. Ella era tão attenta e cuidadosa por seu marido, e tão sisuda, que não consentia aos seus iguaes o menor gracejo, e menos ainda um equivoco sequer de um branco: se lhe diziam algum, abaixava os olhos, calava-se, e o desgosto apparecia-lhe tão vivo no semblante, que ninguem se atrevia a continuar. Na Europa chama-se a isto *affectação;* mas aqui, apesar de nossos costumes livres um pouco de mais, respeitavam-n'a muito por isso mesmo. Ondotó, esse não via senão pelos olhos d'ella, consultava sempre a sua vontade, e os seus menores desejos eram para elle uma lei. N'uma palavra, a cabana de Ondotó era a unica em Bissau, onde se não viam *noivas,* e comtudo podia ter bastantes.

— *Noivas!* o que é lá isso? Entre nós sei o que ella exprime, e se me não engano, já lh'a tenho visto empregar n'essa mesma accepção; mas agora essas *noivas,* fallando-se de um homem casado, reclamam explicação, que lhe peço.

— E eu que estou muito prompto a dar-lh'a. Já se não lembra que lhe disse que a polygamia é um direito dos homens n'esta terra, e que as mulheres tambem gosam d'elle. Agora que lh'o repeti, aposto que já sabe o que são as taes *noivas;* comtudo para me comprehender melhor devo dar-lhe uma idéa do que são, e como se usa do direito de polygamia n'estas afortunadas terras.. que só sabem que pertencem a uma nação europea pela bandeira que tremula n'aquelle baluarte.

O homem cuida que não existe sobre a terra senão para satisfazer todas as suas paixões; e por a sua natural soberba está persuadido que tudo o que está abaixo d'elle não tem existencia senão para isso. Ora a mulher considera-a elle muito abaixo de si. Na satisfação de seus appetites é que faz consistir a sua felicidade, porque não tem da outra vida senão idéas confusas e contradictorias; e não deixa de saber que nasceu para ser feliz. Engana-se por excesso de bruteza e de ignorancia, como na Europa se enganam por excesso de sciencia, e dizem que de civilisação. É uma cousa esta que me admira. Realmente não posso combinar como causas tão oppostas possam produzir os mesmos effeitos.

— Se quizesse dar-se ao trabalho de examinar a questão que se lhe apresenta, conheceria que se engana, e que d'esse engano é que nasce a sua confusão. Não são causas differentes que produzem os mesmos resultados entre os selvagens papeis, e os homens da falsa civilisação; a causa é a mesma, a falta de religião, ou a religião do demonio. Aqui é a soberba quem os arrasta á adoração de Satanaz, quer nos idolos, quer em si mesmos; lá na Europa é a soberba quem os arrasta á negação de Deus, e á adoração de Satanaz, quer em si mesmos, quer n'um idolo *aereo* que não se parece com o Deus dos *escolasticos,* o que na giria d'estes *civilisadores,* quer dizer christãos. Os meios de chegar a estes resultados é que são diversos; mas esses meios são um accidente, como o são tambem o trajo dos papeis europeus e o dos de Guiné, o que não obsta a que tenham os mesmos desejos, e o mesmo procedimento, e mostrem uma tal similhança de costumes, que se não fosse a differença da côr facilmente se confundiriam.

— Tenho entendido. Agora posso continuar com a minha explicação.

— O homem que *amarrou panno* a uma bajude, não perde o direito de amarral-o a quantas mais queira, salva a restricção que já deixei feita; e todas essas que se seguem á primeira, vão-se chamando *noivas,* para se distinguirem da que chamarei mulher, que conserva a primazia com o titulo de *dona-casa,* que é o nome grumete. A *dona-casa* governa todas as *noivas,* e tem, com o privilegio de cosinhar para ellas e para o marido commum, a obrigação de vigial-as para não serem infieis, reprehendel-as e castigal-as tambem quando commettem alguma falta grave, ou atraiçoam o sultão.

Tanto a dona-casa como as noivas tem o direito de gostarem de quantos homens quizerem, e de fallar-lhes, com tanto que não seja na cabana do marido e sultão, porque n'esse caso são rigorosamente punidas e expulsas, e o cumplice fica escravo do homem que foi atraiçoado; porém sendo no campo não tem ellas penalidade alguma, nem elle tambem, mas ficam-lhe as outras chamando *cadella,* nome tão affrontoso, que preferem correr o risco do castigo a gosarem por esse meio da impunidade (se posso empregar esta palavra, que bem conheço não ser appropriada): mas as mais das vezes, se alguma cousa lhes não embarga que digam o nome de seu corrêu, allegam que foi em casa d'este, e então ficam desembaraçadas. Elle é que póde temer alguma cousa do ciume do que foi trahido, se não tem forças para atemorisar o seu rival.

Era isto que se não via em casa de Ondotó, não obstante que as suas riquezas lhe permittiam ter muitas *noivas*; pois são essas riquezas as que deter-

minam o numero das mulheres que póde ter na sua casa. Se póde manter muitas, recebe muitas no seu harem; senão, não.

Uma só cousa affligia os dous esposos: havia quasi tres annos que estavam unidos, e ainda Kiangi não tinha podido mostrar a Ondotó um penhor de sua mutua ternura; o que ella sentia com tamanha sinceridade quanto era grande o amor que tinha a seu marido. Mas que remedio? Um pobre gentio não conhece as consoladoras esperanças que o christianismo faz nascer no coração da esposa que se acha no caso de Kiangi, e por isso não tinha a quem recorrer para pedir consolações n'essa afflicção.

Já o sol tinha por tres vezes passado por cima da arvore sagrada do ilheu dos feitiços (hoje do Rei) em rapido caminho para o paiz dos brancos; e outras tantas havia recuado pressuroso para fugir aos frios que as neves e as geadas amontoam por sobre o colmo que cobre as cabanas dos pallidos habitantes d'aquelle paiz: outros tantos cintos o delgado e esbelto coqueiro tinha ajuntado a seu corpo de gentil magestade, quando finalmente se declarou a gravidez de Kiangi; e com ella chegou essa occasião em que a mulher se offerece ás nossas vistas como um ente d'um ordem superior, e se lhe tributam por isso os respeitos e as attenções, que os selvagens lhes não recusam, e que muitos suppostos civilisados indignamente lhes regateam.

Este acontecimento foi motivo de festejo para a aldeia, pois todos quizeram tomar parte no regosijo da joven familia, o que teve logar no dia em que os paes de Kiangi lhe fizeram presente de tres bonitos lenços de seda (1) para cobrir o seio; mas essa circumstancia não alterou em cousa alguma o seu modo de viver, porque, com quanto só d'esse dia em diante é que as mulheres papeis se julgam ter perdido o privilegio de raparigas, ella não quiz mais conserval-o desde que se uniu a Ondotó (2).

Quando a gravidez se mostrou adiantada, e que por isso era já custoso a Kiangi dar grandes caminhadas, Ondotó não quiz mais que ella fizesse os trabalhos mais violentos que tinha de costume: era elle quem levava, umas vezes a Safi, outras a Bissau, os objectos que íam para a feira, que n'esses dous sitios se faz todos os dias; os ovos, a fructa, o leite, a caça, o arroz, o milho etc. para trazer em troca o tabaco, a polvora, o ferro, o sal, as bandas, e tudo o mais de que precisavam para o arranjo de sua casa. A sua demora, porém, era curtissima; parece que chorava os momentos que era obrigado a estar longe d'ella. A feira acaba ordinariamente ás nove horas da manhã, e ás dez já elle estava na cabana, d'onde não havia forças humanas que o arrancassem. Dir-se-ia ao vel-o tão cheio d'extremos, que não queria que seu filho fosse visto por outros olhos antes que os seus o vissem, nem queria tão pouco que Kiangi recebesse de mãos estranhas os cuidados, que tanto o filho como a mãe haviam de reclamar bem depressa.

Assim se passaram tres mezes, mas esta ventura, estas delicadezas não duraram muitos mais. Nas suas viagens a Bissau travou Ondotó conhecimento com o celebre Valerio, grumete ladino e turbulento, de que já n'outra parte d'estes estudos fallei, que tinha aprendido em Portugal a odiar o nome portuguez. (1) Quando regressou a Bissau, Valerio fez-se embarcadiço, e fez muitas viagens a Lisboa, porque ainda n'esse tempo havia grande trafico entre Guiné e a côrte, (2) trafico que hoje não existe; e já sabia por isso demais para querer ser aqui o primeiro, mas não bastante para conter a sua ambição nos limites da moral e da justiça.

Muitas vezes tinha Valerio convidado Ondotó a ir a sua casa, mas sempre este se tinha recusado a isso: um presentimento parecia advertil-o de que assim que puzesse uma vez os pés em casa d'este homem, da sua fugiria para sempre a ventura; e de seu coração o amor de Kiangi, a paz, a bondade e as virtudes que o adornavam, e o faziam bemquisto dos naturaes para quem era um objecto de legitimo orgulho, e dos brancos que lh'o apontavam por modelo.

Comtudo chegou um dia em que, não podendo resistir a tanta importunação, decidiu-se Ondotó a acompanhar Valerio, fazendo ao mesmo tempo firme tenção lá comsigo de se demorar o menos tempo possivel, e calculando que com a visita que lhe ía fazer tanto contra vontade poria termo a esta perseguição que chegava a incommodal-o. Valerio deixou conhecer quanto estimava a visita que lhe arrancou, dizendo que era pela honra que n'isso recebia, e pela consideração que ella lhe dava para com os papeis; mas a verdadeira causa era mui outra, como se verá pela continuação d'esta historia.

Agora vae começar a desenrolar-se o drama. Vae apparecer em scena uma nova personagem, que representa n'ella um papel importante.

Achava-se n'essa occasião na cabana de Valerio, esperando por elle, mr. Pimping, inglez de nação, methodista cheio de hypocrisia, e negreiro desalmado, que era quem mais lucrava com as especulações da escravatura; como elle fazia isto não é facil saber-se, mas as suas vantagens eram mui grandes, com quanto n'esse tempo não estivesse ainda o que se chama estabelecido, e fosse antes uma especie de commissario volante, e póde affoutamente dizer-se que era o maior dos especuladores, ao ver o luxo e o confortavel das casas em que vivia, pois tinha mais d'uma, tinha-a em tres ou quatro pontos de commercio. Foi só depois de 1815 que fundeou aqui; e então não custou muito a saber-se como elle se arranjava.

O bom do methodista exigia dos capitães dos navios negreiros uma parte nos lucros da especulação como premio das informações que lhes dava sobre o *genero*, e o melhor logar do embarque, informações que eram exactissimas. Se elles accediam á proposta, bem ia, a carregação fazia-se, e os negros chegavam a salvo; se recusavam, Pimping recebia pe-

(1) Os paes da joven casada, por antigo costume, devem dar-lhe no dia em que se annuncia a sua gravidez um panno ou lenço d'algodão, que ella estende sobre o peito como um babadeiro, atando as pontas superiores ao pescoço, e as inferiores atraz das costas, abraçando a cintura. Algumas trazem-no pendente só pelas pontas superiores. Os pretos ricos adoptaram ha poucos annos a esta parte dar um ou mais lenços de seda, que levam ali os francezes e inglezes. É uma conquista que fez a civilisação.

(2) Este privilegio consiste em andarem com o seio descoberto, não obstante usarem do panno ao redor do corpo desde que conhecem varão.

(1) Desde o marquez de Pombal tem o governo portuguez mandado buscar mancebos para se instruirem nas escolas do reino á custa do estado, ainda em 1840, e posteriormente, segundo essas praticas, de que as colonias não tiram proveito, mas de que a metropole tem colhido muitos inconvenientes. Onde está o lado vantajoso d'ellas? Eu não o vejo.

(2) As transacções de Portugal, e especialmente de Lisboa, com a costa eram tão importantes que no anno de 1806, quando já iam em muita decadencia, o valor das mercadorias ali importadas foi de 131 892$ reis, o manifestado para o pagamento dos direitos, quanto seria o real? Hoje passam 3 annos e mais sem lá apparecer um navio nosso!

las suas informações o que lhe davam, e nem por isso eram ellas menos exactas; mas tinha então o cuidado de abrir a sua papelleira, escrever algumas linhas para Gambia, ou Serra-Leoa, e o navio, carregação, e tripulação, encontravam poucos dias depois da saída um navio de guerra inglez que os convidava a mudarem de derrota, e que com toda a cortezia os acompanhava até Serra-Leoa, para que não se enganassem no caminho.

N'este caso, o horror que o seu coração methodista resentia ao ver que se traficava em carne humana obrigava-o a um acto que repugnava aos seus sentimentos de *gentleman*, porque talvez se dissesse que abusava da confiança que n'elle se havia depositado; e só o podia consolar a lembrança de que a honra da Grã-Bretanha, e a de sua *religion*, estavam interessadas em que acabasse este nefando trafico. E no primeiro caso, os malvados negreiros tinham-no enganado, asseverando-lhe que íam carregar a um ponto, quando realmente tinham ido fazel-o a outro, e que se dirigiam, v. g., para Cuba, quando tinham dito que íam para a Bahia.

Tal era o homem, de quem as acções estavam em perfeita harmonia, com o nome, que Ondotó ía ver pela primeira vez. Não era facil achar reunida uma peior companhia. Ambos anhelavam preverter a Ondotó, cada qual para seus fins.

Esta primeira visita passou-se como se passam todas as visitas nas condições em que esta foi feita: com reserva e frieza da parte de Ondotó, com muita affabilidade, e muito francezismo da parte de Valerio, e com monosyllabos *intencionados* da de mr. Pimping, que a final saíu com Ondotó a pretexto de vêr Bandim, e mais alguns pontos que ainda não tinha tido tempo d'examinar, mas na realidade para conversar com Ondotó, e captivar a sua benevolencia; o que não lhe custou a conseguir durante o passeio, que foi longo e animado por a conversação, a que o inglez fingiu ao principio que se prestava por ter necessidade de informações, e depois por um encanto irresistivel que encontrava em Ondotó, e que lhe fazia tornar-se mais communicativo do que costumam sel-o os homens do seu paiz. O certo é que, quando se separaram, Pimping e Ondotó já estavam os melhores amigos do mundo, e tanto que o inglez offereceu a sua casa ao joven papel.

Passaram-se tempos; as relações tornaram-se mais frequentes, porque o homem do norte procurava as occasiões de se fazer encontrado com Ondotó; e quando lhe pareceu occasião, fallou-lhe na necessidade que tinha de alguns animaes e passaros da Costa, para mandar para Inglaterra, e que os pagavam bem; e como Ondotó passava pelo melhor caçador d'aquellas paragens, e elle tinha empenho em que os animaes estivessem vivos e sãos, por isso lhe fazia esta encommenda. Ondotó acceitou com reconhecimento; ella facilitava-lhe meios de dar alguns mimos a Kiangi.

A caçada fez-se. Constava de alguns *marabús*, cuja cauda fornece as mais bellas plumas para adornarem a cabeça das elegantes da Europa; *gangas*, o *flamingo*, a ligeira *gazella*, o lindo *sinsim*, *fritambás*, um *bufalo*, *ratos de mangue*; o *fidalgo* de rostò caiado, o *mané* de focinho de cão, e um *orango-tango*, com um *porco-espinho*; *cardeaes*, *secretarios*, *picaflores*, *pombos* de Guiné, *periquitos* de *golla*, e um *gron-real*; o que tudo se apressou Ondotó a levar a mr. Pimping, que lhos pagou generosamente com duas bellas espingardas inglezas, ferro, uma lata grande com optima polvora, muita munição, collares de sangue, de coral, de girofle e de rosa, alguns lenços de seda, um bello panno de Gambia, e dous mais somenos

Ondotó estava contentissimo com o que se lhe deu; todas estas lindas cousas eram destinadas para a sua querida Kiangi, e haviam de tornal-a muito mais formosa do que já era. O pobre selvagem não cabia em si, e não cessava d'encarecer, com uma alegria infantil, o muito que estava agradecido ao inglez, que se estava rindo por dentro, por lhe parecer que tinha seguro o papel: abriu a sua papelleira de mogno de Guiné, e tirou d'uma gavetinha um fio de alambres que entregou a Ondotó de luvas, recommendando-lhe que fosse de vez em quando fazer suas caçadas. O pretinho ao receber o dom de Pimping agarrou-lhe da mão, que levou aos labios por um impulso irreflectido de sinceridade; Ondotó era ingenuo, mas estava tratando com um grande velhaco, a quem vinha n'esse mesmo instante um outro de reforço.

Á entrada da porta appareceu Valerio, que ainda chegou a vêr a acção de Ondotó, e que ficou admirado dos sentimentos que aquelle transporte revelava. Cumprimentou Pimping, e dirigiu-se a Ondotó, mas este mal que o viu tomou logo um aspecto de frieza e desgosto, que offenderia qualquer outro, e que Valerio não percebeu, isto é, não se deu por entendido. A conversação tornou-se geral: Valerio fallou do ultimo carregamento de escravos que saiu no brigue americano *Day-spring*, o dono da casa começou um dialogo com elle, dirigindo-se repetidas vezes a Ondotó, que apenas respondia ás perguntas que se lhe faziam, como quem não gostava do assumpto.

Assim se passou algum tempo, e Valerio pediu *as onze*. (1) Á voz de Pimping que deu as suas ordens a uma escrava, appareceu poucos minutos depois uma rapariga balanta trazendo uma bandeja com duas compoteiras de doce de vidro lapidado, imitando o cristal, copos de caliz, e de agua, uma garrafa branca com aguardente, que poz em cima da meza de jantar, com uma quartinha de barro vermelho como coral: esta rapariga dispoz tudo para se servirem as pessoas que se achavam conversando. Esta balanta representava os seus 19 ou 20 annos, era alta, de porte esbelto, e muito bem feita; trazia o panno amarrado na cintura, e vinha completamente nua d'ahi para cima, porém ornada de collares de variegadas côres, e braceletes de contas de ouro e coraes, com argolões de ouro: era bella como uma Venus de ebano; brincava-lhe o sorriso nos labios, que meio-abertos deixavam ver duas fieiras de bellos dentes, brancos como perolas; refulgia-lhe a lubricidade nos olhos, e a desenvoltura dirigia todos os seus gestos e meneios. Tal era a Hebe d'este Jupiter da Grã-Bretanha.

(Continúa.)

J. M. DE SOUSA MONTEIRO.

O louvor é o verdadeiro premio da virtude; alimenta as sciencias, e aperfeiçôa as artes; é estimulo para grandes emprezas; é o remate da maior fortuna, e o diadema da maior prosperidade.

---

(1) É uma comida entre o almoço e o jantar, que corresponde ao *luncheon*, e que tem este nome em Guiné, d'onde veiu para Cabo Verde.

POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA.

II.

DOMINGOS DOS REIS QUITA,

NA ARCADIA — ALCINO MICENIO.

1728—1770.

IV.

Na epocha, em que se fundou a Arcadia, (1756) contando Quita trinta e dous annos de idade, mereceu pela sua reputação ser aclamado entre os alumnos, que se propunham a regeneração do gosto.

Todos sabem que no seu começo a douta sociedade timbrou tanto em se mostrar severa na escolha dos talentos que incorporava, como em manter a rigidez das regras que estabelecia.

Domingos dos Reis, assistindo ás conferencias publicas e particulares, em que os mais eruditos dos seus consocios discutiam as bases da restauração, veiu a conhecer em breve o que lhe faltava para tornar ainda mais fecunda a sua vocação.

Incansavel e inabalavel nos seus propositos, quasi que renovou segunda vez as primeiras fadigas da educação litteraria, que tinha traçado a si mesmo com improbo trabalho.

Entrando na mais elevada esphera das theorias, penetrou dentro em pouco o sentido das poeticas mais nebulosas, e deduziu dos auctores insignes exemplos e modelos para as confirmar, ou rebater.

Com o soccorro de traducções elegantes meditou Aristoteles, e sobrou-lhe ainda o valor para se embrenhar no labyrinto das opiniões e conjecturas dos commentadores do famoso critico de Stagira.

A par d'estes estudos, capazes de desanimarem a mais tenaz vontade, sobre tudo em idade feita para colher, e não para semear os fructos da intelligencia, revolvia com assidua mão as obras dos melhores poetas gregos e latinos, allemães e inglezes.

Não foi perdido o tempo consagrado a tão vasta elaboração; porque o resultado correspondeu ás esperanças; mas é innegavel, tambem, que outro engenho menos feliz, ou mais impaciente, consumiria as forças n'esta lucta, e saíria d'ella mutilado, tímido e quasi esteril.

Não se alteram impunemente as leis da fecundação intellectual. A excessiva erudição torna-se tão perigosa, como a ignorancia, quando se procura repentina e confusamente, sem conceder ao entendimento o espaço preciso para amadurecer nas sazões proprias, e classificar os valiosos subsidios, de que se apossa.

De mais o culto rigoroso dos codigos de Aristoteles, de Horacio, de Boileau e de outros, já pela indole das doutrinas, já pela interpretação fanatica de algumas escolas, a nada menos tendia, do que a assustar a imaginação, e a paralisar a invenção. Desprezando quanto se afastava do restricto circulo da imitação classica, e impondo o preceito de não admittir senão as côres e as machinas das decorações pagãs, dava-se a poesia aquelle ar constrangido e falso, que a fazia estrangeira na sua patria, separando-a dos sentimentos e affectos populares.

Quita, e com elle todos os arcades peccaram n'isto, como adiante observaremos; mas o que perderam em rasgos espontaneos, e em nacionalidade de inspiração quasi que o resgatavam com a pureza e correcção das formas, e com as graças castigadas do estylo, accommodado sempre aos generos.

Este serviço absolve-os da culpa de demasiada austeridade, com que sopearam o proprio genio, elevando a arte para as fidalguias e requintes cortezãos, motivo da ruina da douta sociedade; e causa do desapego e indifferença, com que o povo a puniu de o ter posto de parte, e ás suas tradições mais queridas.

Domingos dos Reis, segundo nos informam as escaças noticias, que restam da sua vida, nasceu critico tão perspicaz, como vate amavel e suave. O seu tacto para apreciar os escriptores, que mais conversava, e apontar nos seus livros os logares cunhados com a belleza da idéa, ou com a formosura da forma, era admiravel.

Os toques, quasi imperceptiveis, que são as tintas finas, e os combiantes delicadissimos dos grandes poetas, nunca lhe escaparam na comparação dos mestres.

Possuia o penetrante volver d'olhos, e a ditosa sensibilidade do gosto, que em um só relancear, e quasi em subita revelação, patenteiam ao verdadeiro critico o segredo das graças e dos lapsos de uma producção dada; segredo que nem o melhor auctor muitas vezes consegue arrancar ao ciume esquivo das musas, embora seja seu valido.

Esta qualidade, que nos asseguram d'elle, podia presuppor-se já pelo exame aos seus escriptos.

Não se alcança o desenho firme, a côr ignal e limpida, e a phrase singela e graciosa, que ornam a maior parte das composições do Quita, senão por meio de longa e reflectida concentração critica.

A phantasia livre e inexperiente voa mais alto, e arroja-se destemida a maiores encontros; mas paga as sublimidades e innovações do primeiro impeto com as nodoas de frequentes quedas, e com as escabrosidades e desalinho proprios da facilidade cega. Se os antigos não limassem tantos annos verso a verso, e phrase por phrase as suas paginas immortaes, e se a frescura do ar natal lhes não conservasse ha tantos seculos a belleza magestosa, essas obras primas teriam caído do seu pedestal, em vez de receberem novos louros de cada geração que passa, de cada seita ou escola, que as contempla.

Longe, de certo, da perfeição virgiliana, e do buril maravilhoso de Horacio, os ensaios dos arcades sustentam-se entre nós pelos mesmos merecimentos. No Garção, no Quita, e no Diniz, o que mais se louva é a sobriedade casta, e o gosto attico com que moderam até o esplendor das riquezas, para que a parte não deslumbre o todo, e a verdadeira unidade da obra, não seja confundida, nem cortada.

Sobre tudo, nos dous primeiros, bem examinados poucas vezes se descobrirá um verso de mais, uma imagem imperfeita, um traço errado ou um descuido, que faça mentir o genero, ou lhe desforme as proporções.

A razão é simples. Qualquer d'elles, sem ser creador, nem inventor, na mais ampla significação do termo, era senhor da forma, dispunha dos segredos mais reconditos da arte e do gosto, e estava no caso de conter o pensamento sujeitando-o aos moldes, em que desejava configural-o.

Se não subiam ás maiores alturas nunca baixavam tambem de golpe, chegando sempre aonde queriam sem cansaço. Eis o que raramente succede ás imaginações brilhantes e fervidas, que não sabem reprimir-se. Arrebatam-se, alteiam-se; mas ao lado de um vôo sublime, ou de um rasgo magnifico encontram-se as manchas da precipitação, e os precipicios de uma phantasia delirante.

Para Quita a crítica nunca foi a satyra. As suas composições nunca se contaminaram de termos licenciosos, nem admittiram phrases acerbas e desabridas. Quantos o conheceram são unanimes em atestarem a sua aversão aos escriptos mordazes.

Na sua bôca andava frequentemente a censura de taes auctores. «A satyra (dizia elle) é a linguagem da inveja, porque retrata a malevolencia, e não a crítica. O escriptor, que se estriba n'ella, como não poupa os vivos, nem perdoa aos mortos, é aborrecido de todos, e compra demasiado caro o temor que infunde nos pusillanimes. Se os seus costumes forem menos puros, verberando os alheios, provoca duplicados odios, tornando mais sensivel o quadro da propria devassidão. Similhante ao espadachim julga facil acommetter e injuriar os homens circumspectos, mas ás vezes morre com as mesmas armas, que lhes apontou ao peito.»

Este horror ao abuso de uma qualidade intellectual, que, dentro dos limites naturaes, longe de afeiar, torna leve e engraçado o estylo, era em Domingos dos Reis tão profundo e sincero, que apesar de desafiado por insulsos aristarchos, ou por emulos atrevidos, nunca desceu a medir-se com elles em desairosos pugilatos. Notando-lhe alguns amigos, como excessiva paciencia, o que só era desprezo pelos contendores, redarguiu com um conceito judicioso, que assás mostra não lhe faltarem forças, mas só vontade, para aniquilar os detractores, até no terreno em que o buscavam, do qual se retirava, julgando-o indigno da sua penna.

«O satyrico (exclamou) que lacera a virtude e o talento está em risco de ser tratado como os rapazes inconsiderados e malignos, que acoçando os cães, acabam fugindo, depois de mordidos cruelmente. Quem vive de deprimir os outros assemelha-se ao macaco, porque todo o seu empenho consiste em fazer rir á custa alheia; não duvidando mesmo concorrer da sua parte com um bom quinhão de hilaridade para reanimar as bobices, que por fim chegam a aborrecer!»

Firme n'estes principios ninguem o viu nunca descomedir-se: e antes, era sempre incansavel em aconselhar a vantagem de se desprezarem as altercações indecentes, nas quaes os combatentes tornados em espectaculo dos ociosos, perdem no meio das rizadas a estimação, e desauctorisam o caracter.

Debalde, certos zoilos, roidos de inveja, soltando-se contra a sua musa, procuraram desassocegar a ditosa paz do seu espirito; o silencio respondeu sempre ás satyras petulantes.

Embora lhe lançassem em rosto, como desaire, a humildade do nascimento, e a baixeza, d'onde subira com tanto brio; embora aguçassem ironias e disparassem chistes offensivos para lhe menoscabarem o engenho, e offuscarem o merito, Quita não se desviava um momento para calar as cigarras importunas; deixava-as entregues a si, e vingava-se produzindo novas obras, que apresentava depois de corridas pela mais escrupulosa lima.

Só uma vez, resentido com a venenosa allusão de um satyrico, rompeu a mudez no meio dos seus intimos.

Conscio de que valia, e do que soubera fazer-se á custa de sacrificios, e de nobres rasgos de vontade, ergueu um dia a cabeça, e olhou direito para a meia nobreza insolente, que imaginava diminuir-lhe o conceito, apontando com escarneo para a pobreza e obscuridade, de que o poeta se levantára.

«Sim, observou amargamente, eu sou esse que dizem; mas se perguntasse aos meus accusadores, como sustentam o lustre dos nomes herdados, em quantos d'elles não responderia a vileza das acções, e a insignificancia da pessoa? A minha geração é plebeia; o que posso merecer devo-o a mim; porém não acabam muitos por onde eu começo? Nascer fidalgo e rico é acaso; tornar-se notavel pelo merito, só a nobreza de alma o faz. A fidalguia herdada logo degenera se o filho decáe da elevação moral, que illustrou avós e paes!»

Foi talvez a unica vez, em que um doesto abalou a serenidade do seu animo. Os queixumes, que uma affronta bruta lhe arrancou, não se repetiram.

Reflectindo mais de vagar, Domingos dos Reis, é provavel que entendesse, que a censura dos pelões enfronhados lançada contra o seu berço, encerrava o maior titulo de respeito e de gloria para o coração e para o engenho do poeta. Elle, mechanico, e ainda hontem perdido em uma loja, fundava tambem a sua nobreza, e ornava-a de brazões eternos.

Seguro da superioridade intellectual podia alçar a fronte a par das mais altas; e quando os herdeiros das genealogias historicas morreram na sepultura, o nome do pobre cabelleireiro, atravessando incolume as idades e o esquecimento, chega á nossa epocha estimado pelos cultores da arte, e por todos os que prezam a fama dos talentos patrios.

Quita, na vida intima, foi ameno de trato, cordeal nas affeições, sincero nas palavras, e modesto sem affectação.

Muito parecido, até n'isto, com o celebre Gesner, o seu engenho era realçado pelas qualidades moraes, que o esmaltavam. Um caracter affavel, uma alma generosa, e costumes simplices, enriqueciam as outras prendas, com que a natureza e o estudo o tinham brindado.

Os louvores não o desvaneciam. A delicadeza do gosto, a agudeza do juizo, e a elevação do engenho, encontravam-se n'elle em proporções felizes. O seu voto sempre exposto singelamente, acatava a verdade, e nunca a occultou. O que sentia, dizia-o sem disfarce, nem azedume. As dissimulações e artificios irritavam-o.

Urbano e leal na convivencia publica e domestica poucos pagaram com igual fidelidade as dividas da gratidão. Entre elle e os seus amigos (poucos e escolhidos) nem a separação, nem a ausencia, nem a adversidade ou os perigos, romperam os laços depois de uma vez atados, ou o fizeram mudar de rosto.

É d'elle o conceituoso dito, com que se recusou a ler um dos tratados sobre a *Amizade*, e exclamou: «Estes livros são inuteis, porque não emendam os homens falsos, e para os bons e sinceros nunca foram necessarios!»

A suavidade da indole, excluindo a menor sombra de aspereza, tornava summamente aprazivel a sua intimidade. A memoria do beneficio recebido nunca se apagava do seu coração; e com verdadeiro jubilo lembrava e agradecia sempre affectuosamente.

Devoto, sem hypocrisia, religioso sem superstição, e instruido sem soberba, a todos inspirava o desejo de o tratarem de perto, crescendo a estimação, que o honrava universalmente.

A sua conversação, jovial e distrahida com naturalidade, era abundante e agradavel. Graças ás copiosas leituras, e a uma feliz reminiscencia, sem esforço, e segundo pediam os assumptos, podia matisar o discurso de anecdotas historicas, e de trechos interessantes dos melhores poetas e prosadores. A moderação e o acerto com que sabia conter-se, acom-

modando as citações ás pessoas e ás cousas, e escapando á nota de pedantismo, ou de fastio, eram o resultado de uma razão perspicaz, e de um grande e fino tacto.

Fallando e compondo, nunca perdia o objecto de vista, nem errava os traços, ou as tintas. Senhor de si, e da idéa, não se excedia, nem se entregava a fugazes impetos. Seria menor o effeito, mas o triumpho com certeza era mais solido e legitimo.

(Continúa.)

L. A. Rebello da Silva.

VERSOS A . . .

Et qu'est-ce que l'amour? Ah! prêt à le nommer
Ma bouche en le niant craindrait de blasphemer.
Lui seul est au dessus de tout mot qui l'exprime,
Eclair brillant et pur du feu qui vous anime,
Char de feu qui, vivans, nous porte au rang des dieux!
Rayon! foudre des sens! inextinguible flamme
Qui fond deux coeurs mortels et n'en fait plus qu'une âme!
Il est... il serait tout, s'il ne devait finir!
Si le coeur d'un mortel le pouvait contenir,
Ou si, semblable au feu dont Dieu fit son emblème,
Sa flamme en s'exhalant ne l'étouffait lui-même.

Lamartine — Harmonias

Vae-te! oh! vae sombra mentida
Para nunca mais volver;
Vae-te, — deixa-me na vida,
Que esse teu estranho ser
Fatal sempre me tem sido,
E mais fatal me ha de ser!

Nunca mais, agora não,
Me verás aos pés rendido
Dar-te inteiro o coração.
Nunca mais, pallida sombra,
Porque elle, afflicto e ulcerado
Dos martyrios que lhe deste,
Com a tua vista se assombra,
E de ti foge atterrado.
Ai! com que fogo te amou
Esse que tu desprezaste,
E por tuas mãos sem dó
Dentro do peito quebraste!
Has de sentil-o — bem sei,
Quando longe de meu lado
O remorso concentrado
Te disser quanto te amei!

Qual era a sinistra mão
Que para ti me impellia?
Perdido e cego não via,
Que era esse um fulgor vão
Que no horisonte luzia?
Crente a vista repousava
Na luz clara, intensa, bella
Que para a terra manava
Da face da meiga estrella,
E que minh'alma innundava
D'essa etherea e doce chamma
Que a vida e razão inflamma
No ardente fogo de amor.
Deixei-me cegar por ella!
Quanto, e como então vivia
Ao grato e doce clarão
D'essa que assim me perdia...
Não sei — ai! mas sei que um dia,
N'uma hora de maldição,
Não vi mais no firmamento,
O seu mentido clarão!
Perdido n'esse momento,
Fugi sem norte, e sem tino:
Mas quem foge ao seu destino?
. . . . . .
. . . . . .
N'uma d'estas noites placidas,
Em que as estrellas fulgentes,
Reflectem vivida luz,
Á flôr das aguas dormentes;
Em que o rouxinol traduz,
Nas inspiradas endeixas,
As suas sentidas queixas,
D'entre as balseiras virentes,
Quando respira no ar,
Do monte que o matto veste,
Aquelle perfume agreste,
Que é tão grato de aspirar:
Quando emfim a natureza,
No seu mais pleno fulgor,
Ergue a Deus o hymno eterno
De graças, de paz, de amor!
Eu, na minh'alma abatida,
Procurava, mas em vão,
Uma só nota do canto
Immenso da creação!

Debalde encontrar buscava
N'aquella ardente anciedade,
Em que o peito arqueja e cansa,
No passado — uma saudade,
No porvir — uma esperança!
Debalde a vista alongava
Pelo céu onde as estrellas
Resplandeciam tão bellas...
Em meu peito arido e morto
Nem um só reflexo d'ellas
Suave compenetrava.
Cansado, exangue, absorto,
Sem luz, sem norte e sem tino
Proseguia o meu destino.
Quando ao chegar um instante,
Em que afflicto a vista erguia,
Dei com teu bello semblante,
Pallido, triste, abatido,
Que para mim se volvia
Saudoso e compadecido.
Oh! tão fundo sentimento
Brilhava nos olhos teus,
Que ao vêr-te n'esse momento
Quem te não dissera um anjo
Do céu á terra descido,
E que volve arrependido
Outra vez aos pés de Deus!
Lá na extrema do horisonte
Vinha então rompendo a lua;
Melancholica a luz sua
O teu semblante innundou,
E nunca no prado ou monte,
A sua face formosa
Outra tão pallida rosa
De um reflexo illuminou.

Contemplava-te perdido,
De amor, d'espr'ança e de gosto.
Quando teu languido rosto
Pouco a pouco se animou,
E que a tua voz plangente,

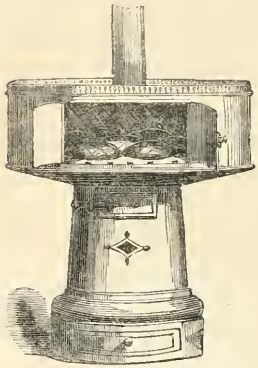
Murmurando ao meu ouvido,
De novo um amor ardente
Outra vez me protestou.
Hesitava em crêr-te ainda,
Mas o pobre coração,
Quando se vê na desgraça,
Encontra a crença tão linda!...
A plenos tragos a taça
D'esse philtro enganador
Ancioso esgotava então,
Sem me lembrar que no fundo,
Estava o fel da traição.

. . . . . .

Vae-te—adeus, pallida sombra,
Vae—porque este coração,
Hoje afflicto e ulcerado,
Com a tua vista se assombra,
E de ti foge aterrado.

Janeiro de 1855.

R. de Bulhão Pato.



FORNO ECONOMICO E PORTATIL.

O apparelho, representado no desenho que vae á frente d'estas linhas, offerece extraordinarias vantagens, servindo principalmente para cozer o pão, e outras substancias alimentares.

N'este forno, que é de elegante apparencia, o compartimento destinado a receber o pão e os outros alimentos, para ahi receberem o grau de cozedura conveniente, não está sujeito a nenhum dos inconvenientes dos actuaes fornos, dando pelo contrario as maiores garantias de accio e commodidade.

O calor é regulado conforme se pretende; de sorte que este forno satisfaz a todas as exigencias da padaria e da pastellaria, sendo tambem de utilissimo emprego para a preparação das conservas de fructas, de legumes etc. por meio da dessiccação.

Pela sua forma, póde este forno constituir um excellente calorifero, collocando-se em qualquer casa de jantar, officina etc. Deve accrescentar-se que n'este singelo apparelho podem fazer-se diversos compartimentos, já para ter sempre agua quente, já para aquecer as differentes viandas, já para assados. A irradiação do calor em torno do apparelho, por uma parte, e a circulação por outra são taes, que não se conhece calorifero mais energico, e mais economico.

O desenho dispensa qualquer descripção, pela sua clareza. A capacidade do forno economico é limitada pela applicação, que se lhe pretender dar; póde ser um pequeno apparelho para uso domestico, ou um grande forno para quarteis militares, grandes officinas, ou navios de guerra de alto bordo.

Construido todo de folha de ferro e ferro coado não nos parece que apresente difficuldades, insuperaveis á capacidade dos nossos artistas serralheiros; assim estamos convencidos que poderiam, nas grandes serralherias e fundições de ferro de Lisboa ou Porto, fazer-se d'estes fornos, por preços mui razoaveis, e com grande vantagem publica.

O DIAMANTE ESTRELLA DO SUL.

O sr. Halphen, da cidade de París, recebeu recentemente do Brasil um diamante verdadeiramente extraordinario, pelas suas dimensões, e pela pureza da sua forma cristallina. Os lapidarios, a quem foi mostrado, deram-lhe o nome de *estrella do sul*.

Este diamante peza 52 grammas, 275, e foi encontrado, segundo se diz, por uma preta, empregada na lavra das minas de Boganem, um dos districtos da provincia de Minas Geraes. É o diamante maior que tem apparecido na Europa, proveniente do Brazil

Os mais notaveis diamantes que se conhecem são o do imperador da Russia, o do grão-duque de Toscana, o Regente, e o ko-hi-noor, que houve occasião de admirar na exposição de Londres em 1851. Todos estes diamantes são originarios da India.

O valor de pedras similhantes varia muito, segundo as circumstancias, e é todo convencional. O que se conhece pela denominação de Regente foi avaliado em 8 milhões de francos, ou 1.440:000$000 réis, pouco mais ou menos, nos inventarios da corôa em 1848, e o ko-hi-noor esse cedeu-o o governo inglez á companhia das Indias por 6 milhões de francos ou 1.080:000$000 réis, calculando, em um e outro caso, o franco por 180 réis da nossa moeda.

O magnifico diamante do sr. Halphen deve figurar na exposição universal, que vae dentro em poucos dias começar em París.

MINAS DE FERRO E CARVÃO DE PEDRA EM PORTUGAL.

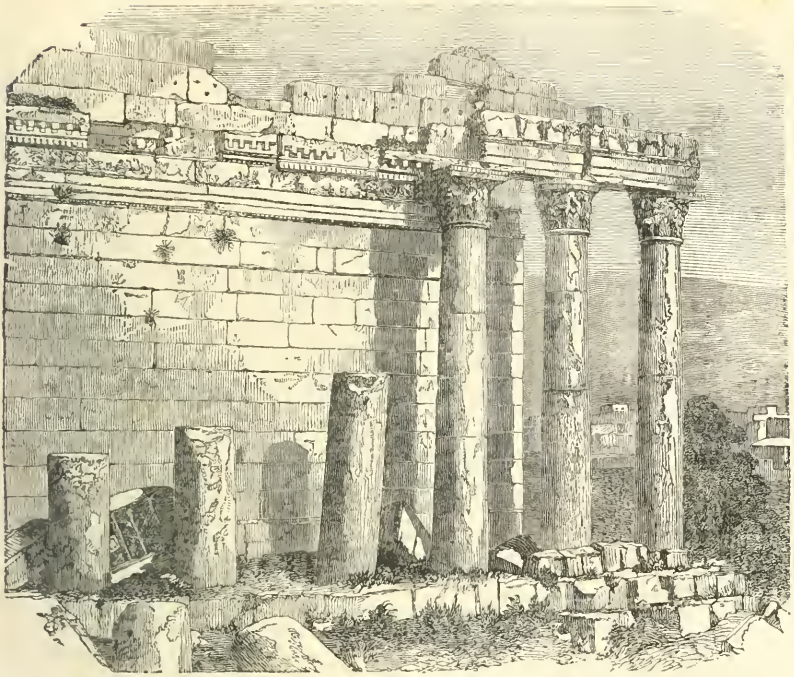
Entre Porto de Moz e Leiria acabam de descobrir-se algumas minas de ferro e de carvão de pedra, que, segundo as informações dos peritos, são importantissimas. É uma nova riqueza para este paiz, de que elle póde auferir incalculaveis vantagens. A construcção dos caminhos de ferro tornar-se-ha assim muito mais economica, havendo no reino o ferro para os carrís, e o carvão para consumo das machinas locomotoras. Assevera-se que o carvão e o ferro d'estas minas são da melhor qualidade.

BIBLIOGRAPHIA.

RUDIMENTOS DE ECONOMIA POLITICA PARA USO DAS ESCOLAS, POR F. A. MARQUES PEREIRA.—LISBOA 1855.

Acaba de publicar-se este pequeno tratado, n'um volume de 80 paginas, em typo miudo. Contém a exposição methodica dos principios elementares da sciencia economica, que a ninguem é licito hoje ignorar. Recommendâmos a sua leitura.

Acha-se á venda na livraria do Editor d'este semanario, rua Aurea, n.os 227 e 228, e em casa de seus correspondentes, assim em Lisboa, como nas provincias, ultramar, e estrangeiro. Preço 200 réis.



RUINAS DE BALBECK.

Entre Damasco e Tripoli da Syria, no valle do Libano, chamado El-Bequa (outr'ora *Coelesyria*) erguem-se as ruinas de Heliopolis, ou Balbeck, como hoje lhe chamam. Em parte alguma do mundo se encontram tão altos testemunhos da perfeição a que se elevaram certas artes na antiguidade.

Quem contempla os restos gigantes d'esta cidade famosa, por entre os quaes como que estão encovadas as habitações miseraveis e mesquinhas de alguns pobres arabes, recua espavorido, curva-se humilhado perante a magnitude, o arrojo, e a maravilhosa execução de tantos objectos que de todos os lados se lhe ostentam á vista. Os grandes meios que a industria actualmente possue quasi parecem insufficientes para crear os prodigios que a arte antiga semeou com profusão no vasto recinto da velha cidade.

A origem de tantos monumentos como os de que existem em Balbeck as ruinas, e taes como o templo do Sol, representado na gravura, obra unica porventura no seu genero, está envolta nas mais profundas trevas. Espanta encontrar-se raras vezes nos historiadores o nome de uma cidade que devia de ser muito importante para conter tão preciosos edificios. A tradição popular attribue a sua construcção a Salomão. Mas segundo os auctores romanos elles remontam sómente á epocha de Antonino o pio. João de Antioquia refere que este imperador mandára edificar na cidade de Heliopolis, perto do monte Libano, um templo, que passava por ser uma das maravilhas do mundo. Estas palavras do historiador referem-se sem duvida ao templo de Jupiter que ainda resta de pé. A respeito porém dos outros monumentos nenhuma noticia tem sido possivel obter.

Concluiremos, extractando de uma relação modernissima as palavras com que um viajante resume as suas impressões:

«N'este bello clima as noutes são quasi tão claras como o dia. Similhante a um véu de transparente nebrina o crepusculo abate-se sobre a campina, ao pôr do sol. A lua ergue-se então serena n'um horisonte limpido. É esta a occasião mais favoravel para contemplar as ruinas, de certa distancia. N'esta meia luz vaporosa desapparecem os vestigios das mutilações obradas pela mão dos homens e pela acção do tempo. A pequena collina povoada de templos surge resplandecente no seio da noute: os raios da lua e os movimentos das sombras animam as columnas, e lhes restituem mocidade e formosura. Em torno é tudo silencio; e a alma, solta de todo o pensamento estranho, póde esquecer por momentos a miseria da moderna Balbeck, para phantasiar todos os esplendores de Heliopolis.»

POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA.

II.

DOMINGOS DOS REIS QUITA,

NA ARCADIA — ALCINO MIGENIO.

1728—1770.

V.

As injustiças da fortuna, sempre deshumana com elle, nunca lhe perturbaram o espirito.

Assim como dissimulava os aggravos proprios, e encobria os defeitos alheios com bondade, do mesmo modo tolerava sem queixume as ingratidões da sorte.

Incapaz de ciume, ou de paixão rasteira, embora visse passar orgulhosos e premiados os que lhe eram inferiores, nunca os labios se lhe abriram para o estranhar. A inveja não achava guarida no seu coração.

Quando algum se offendia, com motivo, de que as recompensas só pertencessem a homens obscuros, e ás vezes pouco dignos, em quanto o cego poder que as repartia, deixava sem estimulo, e quasi sem abrigo talentos merecedores de todas as distincções, sorrindo-se com summa tranquillidade replicava: «Satisfaço-me com pouco; e sou feliz, porque não tenho ambição, nem espero nada. Em todas as occasiões, em que me luziu alguma illusão de melhorar, não tardou que me saísse logo vã.»

E era assim.

Promovido ao arcebispado de Braga o sr. D. Gaspar, intentou o vate refugiar-se á sombra do seu amparo, a ver se enganava a sua constante adversidade.

O principe correspondia ao sangue real, que lhe girava nas veias, e ainda hoje duram entre os velhos as memorias do seu fausto e munificencia.

Amigo e protector das letras, fazendo certa ostentação de estimar e remunerar os bons engenhos, a sua casa nunca se fechou aos pouco ditosos, que o imploravam.

Tudo mostrava, pois, risonha face aos desejos do poeta. Informado das suas qualidades e das suas prendas, D. Gaspar inclinava-se a recebel-o; e já os mais intimos do Quita lhe davam os parabens, e elle os acceitava menos receioso, quando a desgraça acudiu repentinamente, e desmentiu de uma vez as mais fundadas esperanças.

Um falso devoto, d'esses que disfarçam a perversidade com as exterioridades de mentirosa austeridade, para não perderem o lanço de molestar, abusando da indole facil do prelado, e dos seus escrupulos, capacitou-o de que se admittisse a Domingos dos Reis entre os seus familiares, arriscaria sua alteza o seu socego a dissabores, causados pela conhecida viveza do poeta.

Os ouvidos do credulo principe deram entrada ás malevolas suggestões, e depois de meio concedido, foi retirado o favor sob pretextos especiosos!

É de crer que a alma do infeliz, a quem se frustrava uma doce illusão, padecesse cruelmente; mas se foi intensa, e profunda a sua magua, consumiu-a comsigo, e sempre que lhe caía a proposito a occasião de fallar do arcebispo, não se lhe ouviam senão palavras de sincero respeito e obsequio, venerando as virtudes, e esquecendo o aggravo.

Consagrando-lhe em 1770 aquelle delicado idyllio, que principia:

> Celebremos cantando rude avena
> O grão pastor do Cavado frondoso.

deu a ultima prova da sua generosidade.

Diz-se, que o arcebispo, lendo os louvores do Quita, manifestára signaes de arrependimento. Entretanto este sentimento, se existiu, foi tão esteril como a protecção, com que lhe tinham acenado em seu nome. D. Gaspar olvidou depressa a pobreza e o merito do cantor no meio das pompas das suas festas religiosas, e da alegria dos seus banquetes e caçadas.

Outro poderoso, omnipotente no governo, porque era o verdadeiro rei, o conde de Oeiras, depois marquez de Pombal, nunca passou de sorrisos em favor do Quita. Avaliava-lhe o talento, prezava-o, e promettia despachal-o; mas os dias e os annos correram em vão, e os projectos do Mecenas ficaram em palavras. Debalde repetia Domingos dos Reis os seus mimos poeticos, exaltando irmãos e filhos do ministro valido; este nunca achou emprego, nem occasião para o attender. O Diniz foi mais ditoso. A ira do bispo d'Elvas, e a scena comica, a que ella deu logar, renderam-lhe mais com o *Hyssope*, do que os seus arrebatados vôos lyricos. Por mais, que solemnisasse em idyllios, odes, e sonetos os feitos illustres do marquez, e por mais desvalido e necessitado, que se pintasse a si mesmo, clamava a surdos, e o dia de o libertarem da indigencia nunca raiou.

Sebastião José de Carvalho nunca teve uma hora disponivel para contentar a modesta supplica de um engenho honrado e desambicioso. Entretinha-se tanto com os fidalgos, com os jesuitas, e com as famosas companhias do Brazil!...

O que os principes e os estadistas não fizeram, devendo-o aos brios da nação, e ao respeito da propria fama, praticou-o a caridade de uma senhora, mais digna do que elles de entender e consolar as tribulações de uma afflicta e elevada alma.

O terramoto de 1755, assolando a capital, deixou o Quita sem casa, sem vestidos, e sem nenhum abrigo. O seu unico amparo, o seu conforto era a viva fé, que punha em Deus; e a esperança, com que o chamava. Foi ouvido. Faltando-lhe tudo, não precisou de cousa alguma. O excesso dos seus males, e o espectaculo da sua pobreza commoveram o animo generoso de D. Thereza Aboim, e proporcionaram-lhe n'ella o protector, que buscára inutilmente por salas e paços tantos annos.

Desde então, nunca mais experimentou precisões, nem se viu obrigado a chorar, a occultas, as acerbas estreitezas da miseria. O menor appetite, que lhe adivinhassem, era promptamente satisfeito.

Mas o desgraçado, mesmo no vigor dos annos, media já o caminho do sepulchro. A compleição delicada, e a saude melindrosa, que as privações nobremente supportadas tinham deteriorado muito, tornaram-no propenso a uma molestia, para que não ha salvação possivel.

Deu-lhe a morte o primeiro rebate em 1761; assaltando-o, acompanhada de todos os symptomas e padecimentos da phtisica pulmonar, parecia adiantar-se tão rapida, que receiaram ao principio, que n'este primeiro ataque acabassem as forças do enfermo, baldados os esforços da sciencia, e os cuidados da amizade.

Em trance tão triste apurou-se a bondade de D. Thereza, exaltando-se a ponto de dever inculcar-se para modelo ás mais virtuosas.

Compadecida, velou as noutes á cabeceira do moribundo, administrando-lhe os remedios, alentando-lhe os espiritos, e quasi que reanimando-o á custa de affabilidades e disvelos.

Seu marido, o doutor Balthasar Tara, não menos

caritativo, e medico habil, luctava ao mesmo passo com a doença, repellindo-a nas suas traições, e disputando-lhe com a energia de todos os poderes da alma e do saber a vida do amigo, que no meio da consternação geral quasi se mostrava indifferente á existencia, e inteiramente desapegado das illusões e vaidades mundanas.

Finalmente, e quasi por milagre, a enfermidade recuou depois de um anno de combate; mas aos olhos experimentados do facultativo, por se afastar um pouco, não cessára o perigo. Havia uma tregua, e não uma cura completa. Cedo ou tarde, tinha de voltar a morte em busca da victima, que lhe ficára designada. O que a sciencia e a affeição reunidas podiam conseguir era retardar esse momento. E obtiveram-o!

Os ataques repetiram-se, e em 1767 tornou a temer-se, que o golpe mortal não viesse longe.

A molestia latente consumia-lhe o vigor, abrindo facil accesso a novas e contínuas affecções. A mesma paciencia inalteravel, o mesmo zèlo cordial, da parte de D. Thereza, e de seu esposo, ainda uma vez salvaram a vida ao poeta, que se desfazia em extremos para retribuir a estranhos tão íntimos e solicitos, os cuidados que só no seio da familia se alcançam, quando a ternura inspira a vigilancia, fazendo suaves as maiores fadigas.

Quasi resuscitado, Domingos dos Reis deveu abaixo de Deus os dias, que depois contou á sabedoria do facultativo, e aos disvelos da enfermeira.

Este affecto desinteressado, filho de corações sinceros, vingou-o da injustiça do mundo; e nas occasiões da maior afflicção, deu-lhe, o que só elle possue, a serenidade, e as consolações do mais provado carinho. No idyllio, intitulado a *Amizade*, o Quita avivou os sentimentos, que a memoria de tamanhas obrigações sempre grava nos peitos bem formados, consagrando, affectuoso e agradecido, os nomes dos protectores, que a grande experiencia da adversidade lhe mostrara mais amoraveis, se é possivel, do que o sangue da sua alma, encontrando n'elles mais do que irmãos, amigos!

No interior domestico, as suas virtudes correspondiam ás qualidades do espirito. Terno e dedicado, os respeitos e sacrificios para collocar sua mãe fóra do alcance das precisões, que tantas vezes o cortaram a elle, provam bem até aonde chegavam a sua confiança na Providencia, e a vehemencia do seu amor filial.

Cheia de annos, e carregada de achaques, a desamparada viuva, arrastava as suas maguas debaixo do tecto hospitaleiro de seu genro Antonio José Cota, ao qual sobravam os desejos, mas escaceavam os meios para a rodear dos cuidados, que exige imperiosamente uma velhice melindrosa.

Domingos dos Reis, por alliviar o cunhado, e ao mesmo tempo para assistir a sua mãe enferma com os carinhos, que mais dilatam a vida n'aquellas idades, do que os curativos esmerados, resolveu tomar casa propria separando-se dos beneficos protectores, que sentiram, e recusavam admittir a ausencia. Vendo-o decidido, e conhecendo que lhe faltavam as posses para a empreza, um amigo do poeta representou-lhe o perigo, e aconselhou-o a desistir. Quita sorriu-se, e respondeu: «A Providencia é a minha esperança, e n'ella me fundo. Não assiste a todas as creaturas de Deus, andando com os animaes, voando com os passaros, nadando com os peixes, correndo com os rios, luzindo com as estrellas, e vegetando com as plantas? O mesmo poder, que os favorece, me ha de valer a mim.» E de feito assim succedeu. Nada lhes faltou a ambos até elle fechar os olhos! O prazo é que foi curto.

A 13 de julho de 1770 foi morar para as casas novas, e quarenta dias depois, em 22 de agosto, amanheceu com a doença, que o havia de levar, e da qual logo desconfiou o doutor Tara. Acudindo, sem demora, e vendo que o amigo peiorava, trouxe-o para casa no dia seguinte, meio desenganado já da inutilidade dos remedios.

Como o perigo crescia a cada instante, e os signaes de morte se apresentavam cada vez mais pronunciados, decidiu-se o medico a declarar-lhe o verdadeiro estado, procurando minorar-lhe o terror com a segurança das palavras. Longe de soçobrar, o espirito do poeta elevou-se!

Ouviu a noticia com socegado semblante, testemunho da serenidade da alma, e agradecendo-a, pediu immediatamente os soccorros espirituaes, conforto certo da jornada, dando a si proprio os parabens de estar por pouco a pena do seu desterro e captiveiro.

Foram-lhe administrados os sacramentos, edificando-se os circumstantes com a devoção e conformidade do moribundo, cujas faculdades, superiores ás ancias da molestia, velaram n'aquelle consumido corpo, até a alma voar com o ultimo suspiro.

O luto da perda proxima cobria o rosto dos amigos, e as lagrimas rebentavam-lhes insoffridas pelos olhos. Só elle, contricto e firme, consolava a todos com phrases carinhosas, exultando com o alvoroço de se desligar do mundo, e descansar por fim dos seus trabalhos.

A voz e a vista sumiram-se-lhe com os derradeiros alentos, e no mesmo dia 26 de agosto, em que recebêra os sacramentos, rendeu o espirito ao Creador, pelas quatro horas da tarde, sem dôr, nem agonia sensivel, na idade de quarenta e dous annos e sete mezes.

Pousando-lhe, a morte não o desfigurou. Caíu, um como doce véu de somno sobre as suas feições, conservando-lhes o aprazivel aspecto, de que as animava a formosa alma, que acabava de subir aos pés do throno de Deus.

A tristeza dos amigos, que tinham lidado tanto para lhe alongar os dias, os prantos da desditosa mãe cujos cabellos brancos vinha ensanguentar esta segunda corôa de espinhos, e os sinceros pezares dos amadores das letras, formaram o cortejo de maguas e saudade, que mereciam as suas virtudes.

Sepultado sem pompa, mas com decencia, a boa memoria do seu talento e qualidades é o epitaphio que lhe resta. Desattendido dos poderosos, mimoso dos engenhos distinctos da epocha, e geralmente prezado pelo seu caracter, Domingos dos Reis Quita, rompeu e encerrou a sua carreira sem perder da vista uma só vez nem os deveres do coração, ou as obrigações, impostas pela arte aos que a estimam.

Levantando-se da mais humilde condição a poder de fadigas e sacrificios, e maltratado constantemente pela má fortuna, teve sempre a primeira na lembrança para ser modesto, e a segunda debaixo dos pés com invencivel inteireza do animo.

No seu peito o thesouro de nobreza moral era tamanho, que lhe sobrava para enriquecer os invejosos e soberbos, que imaginavam abatel-o, recordando a obscuridade, d'onde se levantára.

O que é feito d'elles, das suas jerarchias, e das suas opulencias? Apagaram-se como illusões que eram no pó do sepulchro. Mas do poeta ainda sobrevive e permanece tudo o que a immortalidade respeita, e a admiração consagra.

Esse pobre cabelleireiro, alvo dos motejos e desprezos dos peões fidalgos, que não possuiam mais illustração, que a das certidões dos seus baptismos, vingou-se d'elles, negando-lhes mesmo a triste honra de se eternisarem nos versos vehementes de uma satyra. Entregou-os a si proprios; e em quanto o seu nome atravessa as idades, o d'elles mergulha no esquecimento!

Passemos agora ao exame critico das obras.

(Continúa).

L. A. Rebello da Silva.

A QUESTÃO DO ORIENTE.

IX.

Assim que se apresentou ao parlamento britannico essa importante correspondencia, de que extractei as principaes passagens, ficou explicada a politica do gabinete inglez, e plenamente justificada das variadas accusações, que se lhe faziam ácerca da sua falta de acção na presença de successos que tanto pareciam reclamal-a.

Sabendo officialmente os planos da Russia sobre a Turquia, e antevendo por conseguinte o fim a que se dirigiam as exigencias russianas, o gabinete britannico não queria, sem duvida, apressar os acontecimentos, nem ingerir-se precipitadamente na questão, de modo que se pudesse suppôr que elle aggravava as difficuldades por imprudencia, ou por interesses particulares.

Se não era possivel afastar a lucta, que se preparava, convinha muito aos ministros da Grã-Bretanha não só esquivarem-se a uma tão grande responsabilidade, mas tambem, e principalmente, deixar a França pronunciar-se, e assim por seu livre alvedrio encaminhar-se para a alliança ingleza, e ao mesmo tempo dar logar a formar-se e manifestar-se em Inglaterra a opinião publica, a fim de que o governo, parecendo obrar por seu impulso, adquirisse a necessaria força moral para requerer ao paiz os sacrificios, que uma guerra de tanta magnitude forçosamente havia de exigir.

Foi provavelmente em resultado d'esta politica, que o embaixador inglez junto da Sublime Porta se achava com licença em Inglaterra na occasião da chegada do principe Menschikoff a Constantinopla, e durante a maior parte do curso das negociações, que ali dirigiu. Foi, a meu ver, pelo mesmo motivo, que o governo inglez deixou á França a iniciativa em enviar forças navaes para as visinhanças dos mares da Turquia, ordenando ao seu almirante que se conservasse em Malta, em quanto que a esquadra franceza navegava no rumo do archipelago grego.

Pouco tardou porém que as duas esquadras recebessem ordem de ir lançar ferro na bahia de Besika, á entrada do estreito dos Dardanellos. Era esta uma medida de precaução de urgente necessidade á vista dos preparativos navaes, que se faziam em Sebastopol com incrivel actividade, e da grande accumulação de tropas russianas sobre as fronteiras dos principados danubianos.

A este tempo as intenções da Russia não eram só conhecidas pela correspondencia acima alludida. A nota do conde de Nesselrode a Reschid pachá, immediata á saída do principe Menschikoff de Constantinopla, era tão explicita ácerca da firme resolução em que se achava o imperador Nicolau de mandar occupar os principados, que não podia haver duvida, nem sobre o resultado de taes armamentos, nem sobre a propinquidade da sua intervenção. Todavia o gabinete de S. Petersburgo, ordenando aos seus exercitos que atravessassem o Pruth, e occupassem os principados, apresentou como razão d'este passo a chegada das esquadras ingleza e franceza á bahia de Besika.

A invasão dos principados (3 de julho) deu logar a uma correspondencia diplomatica bastantemente energica e animada entre os gabinetes de S. Petersburgo, de París e de Londres, na qual o primeiro d'estes tratou sempre de justificar aquella aggressão com o fundamento de que a presença das esquadras das duas potencias occidentaes junto á entrada dos Dardanellos era uma quebra dos tratados, e uma ameaça feita á Russia. Nas notas e circulares dos governos francez e inglez demonstrava-se que nenhum tratado se oppunha á estada das duas esquadras na bahia de Besika, cujas aguas eram tão livres como as de qualquer ancoradouro do Mediterraneo, em quanto que tratados especiaes vedavam aos russos a entrada nos principados sem o consentimento do sultão. Além d'isto, recordando que a nota em que o conde de Nesselrode dizia a Reschid pachá «que dentro de poucos semanas receberiam ordem as tropas russianas de atravessar a fronteira do imperio,» tinha a data de 31 de maio, e que a esquadra anglo-franceza surgíra na bahia de Besika em meiado de junho, faziam ver que a ameaça partíra de S. Petersburgo, e não das potencias occidentaes.

O sultão limitou-se a publicar um protesto contra a invasão dos principados, e a enviar forças consideraveis para as margens do Danubio, pondo todas as praças em pé de guerra; depois do que mandou a Vienna, onde se achavam reunidos em conferencia para tratar da questão representantes de Inglaterra, França, Austria e Prussia, um projecto de nota, contendo todas as garantias, que julgava poder conceder aos seus subditos christãos sem quebra dos seus direitos e da sua dignidade.

Em quanto a conferencia de Vienna fazia esforços mais ou menos sinceros para trazer a um accôrdo as duas partes dissidentes, completava-se a occupação dos principados pelos exercitos russianos, estabelecia-se n'elles a auctoridade do czar plena e absoluta, e concentravam-se grandes massas de tropa sobre a margem esquerda do Danubio.

No principio de outubro appareceu um manifesto do sultão com a declaração de guerra á Russia; e pouco tempo depois, frustrada mais uma tentativa de conciliação, e tendo-se recusado o imperador Nicolau a acceder á intimação que lhe fôra feita pela conferencia de Vienna para evacuar os principados, romperam as hostilidades entre o exercito turco, capitaneado por Omer pachá, e as tropas russianas, commandadas pelo principe Gortschakoff.

Ao mesmo tempo, porém, que troava o canhão sobre as margens do Danubio, e que os turcos colhiam louros nos campos d'Oltenitza, rebentava a revolução nas provincias gregas do imperio ottomano. O movimento insurreccionario preparado d'antemão pelos agentes da Russia, agora por elles impellido, e pouco depois auxiliado, ainda que indirectamente, pelo rei Othão e seu governo, estendeu-se com rapidez do Epiro á Albania, e da Thessalia á Macedonia. Na propria capital da Turquia manifestou-se na população grega uma tal agitação, que infundiu no governo serios receios pela conservação da

tranquillidade, resolvendo-o a recorrer ao auxilio das duas potencias occidentaes. A esquadra anglo-franceza deixou então a bahia de Besika, passou os Dardanellos, e foi dar fundo em frente de Constantinopla, e em diversas paragens do Bosphoro.

A este passo seguiu-se de perto o rompimento de relações da Inglaterra e França com a Russia, e o tratado d'alliança offensiva e defensiva entre as duas primeiras, e a Turquia.

D'est'arte começou, e desde logo assumiu proporções mais colossaes a guerra do Oriente; e aqui terminarei a minha tarefa, pois que só me propuz a dar uma succinta idéa da origem e desenvolvimento da questão do Oriente, que serviu de pretexto a essa tremenda lucta, que ahi está travada.

Os successos da guerra, acompanhados mesmo das suas particularidades mais minuciosas, são geralmente conhecidos. Apregoa-os a imprensa por quasi todos os cantos da terra, e onde as suas vozes não penetram leva-os a tradição de bôca em bôca, pois que mais ou menos ninguem é indifferente a essa grande contenda. Porém a analyse dos factos em relação ás suas causas, e aos diversos interesses, que representam, ou que a elles se vem ligar; a apreciação philosophica dos acontecimentos relativamente á sua influencia no andamento e resultado da lucta, e nos progressos geraes da civilisação, constituem materia tão grave, que abrange tantas relações, que demanda tão grande desenvolvimento, que não é, sem duvida, para ser tratada dentro dos limites acanhados de um jornal, obrigado pelo seu programma á variedade de assumptos.

Entretanto não concluirei sem fazer algumas breves considerações, umas para resumir aqui idéas já consignadas em diversos logares d'este artigo, e do que o precedeu sobre os imperios bysantino e ottomano; e outras para consignar novas idéas, que aclarem e fundamentem algumas opiniões, que n'este escripto expressei menos motivadas, e que são mais controversas.

A Russia aspira desde Pedro o grande ao dominio universal. A sua ambição, por mais excessiva que pareça, não é tão louca e infundada quanto á primeira vista se póde julgar. A sua grandeza e população; a immensidade dos seus recursos actuaes, e a vastidão dos ainda não explorados; a sua posição geographica, abraçando a Europa desde o Baltico até ao mar Negro, e estendendo longos braços pela Asia e pela America; a sua visinhança com dous grandes imperios, um quasi chegado ao ultimo periodo da decadencia das nações, e vivendo já uma vida emprestada e facticia; outro composto de elementos heterogeneos, que ainda ha pouco romperam em lucta, e que a um forte impulso estranho poderão ser abalados, desunidos, e impellidos uns contra os outros, acabando por destruir a sua unidade; a sua forma de governo patriarchal, que accumula sobre uma só fronte todo o poder temporal e espiritual; o seu estado de civilisação appropriado a reunir em torno de uma vontade unica tantas nacionalidades differentes, e a dar a essa vontade toda a força de acção de que ha mister; a tendencia natural dos povos do norte para procurar vida mais commoda em climas menos asperos, e mais favorecidos da natureza; as antigas tradições da historia; as modernas conquistas dos ultimos czars; e finalmente a maneira por que tem sido posto em pratica com os mais felizes resultados o testamento de Pedro I, que traçou n'elle a seus successores as diversas veredas, por onde deviam conduzir o seu imperio nascente ao dominio universal, todas estas circumstancias, se não dão bom fundamento ás visões exageradas da ambição moscovita, auctorisam-as até certo ponto, ou pelo menos lhes servem de desculpa.

A Europa tem para oppôr a esta ambição desmesurada, é bem verdade, não só milhões de braços dispostos a defender a todo o transe a sua independencia, mas tambem os incalculaveis recursos, que lhe provêem do grande desenvolvimento da sua civilisação, ou seja em relação á intelligencia humana, ou relativamente aos espantosos progressos da industria. Ainda mais do que tudo isto tem para lhe oppôr a força colossal d'essas idéas regeneradoras, que são um effeito da actual civilisação, e simultaneamente um elemento do seu poder, e um poderoso instrumento dos seus progressos futuros.

Mas comtudo, por mais que estas condições de força venham pezar na balança dos destinos da Europa, não poderão obstar a que a lucta seja muito longa e porfiosa, e cheia de phases arriscadas para a prosperidade de muitos povos, para a solidez de alguns thronos, e para a independencia de muitos estados; porque n'essa guerra, que por ora se chama do Oriente, vae envolver-se o combate de vida ou morte dos dous principios politicos, que desde os fins do seculo passado pelejam encarniçadamente, conquistando ou defendendo o terreno palmo a palmo.

A questão por conseguinte tem proporções tão vastas, que contendem com todos os povos, e relações tão extensas que abrangem todos os interesses sociaes. É uma illusão presumir que n'ella só interessam as nações actualmente belligerantes, a Russia pelos seus projectos de conquista, a Turquia pela sua conservação, a França e a Inglaterra pelo desejo de humilharem e enfraquecerem uma rival, que ambas encontram a miudo erguida e opposta a muitas de suas pretenções; uma rival que as contraria muitas vezes no presente, e que as ameaça seriamente no futuro.

Illudem-se os que julgam que a Grã-Bretanha e a França são arrastadas para esta lucta por simples caprichos, ou tão sómente por uma querella de influencias, ou mesmo ainda só para conjurar os perigos, que a Russia faz correr á primeira nas suas possessões da India, e no seu grande celleiro dos principados danubianos; e á segunda na sua propria organisação social. Seja qual for o grau de compromettimento dos seus interesses como grandes potencias, ambas estão naturalmente associadas á causa dos mais povos pela communidade dos perigos, com que o engrandecimento e ambição da Russia ameaçam toda a Europa.

Deve-se convir, não ha duvida, em que a Inglaterra e a França têem concorrido poderosamente para o actual estado de cousas. A rapidez da decadencia da Turquia não é obra unicamente das intrigas e influencia russianas, nem tão sómente o effeito natural do correr dos seculos sobre a vida dos imperios. Essa decadencia tem sido abreviada por muitos erros politicos das duas potencias occidentaes, e pelo abuso da força, que a seu turno têem feito para com o enfraquecido imperio, que ambas têem humilhado e debilitado, todas as vezes que pretendem explorar na sua fraqueza e humilhação qualquer vantagem particular; e que tratam de suster e alentar, quando o vêem proximo a sumir-se sob as azas gigantescas da aguia moscovita.

Mas se isto é muito para a responsabilidade moral das duas nações do occidente ante a moderna civilisação, e perante a Europa, é, certamente, de pou-

co ou nenhum valor na presença da lucta que está travada, diante dos interesses que n'ella se vão empenhar, e em frente dos acontecimentos, que o futuro ainda guarda em si, mas que a intelligencia prevê.

A influencia que outr'ora exerceu no mundo a queda do imperio bysantino, apesar de toda a sua grandeza, não póde comparar-se com a que hoje exerceria a dissolução do imperio ottomano. Senhor de Constantinopla Mahomet II, toda a christandade tremeu ante o crescente musulmano; e se o poderoso imperio d'Allemanha, e com elle o resto da Europa foram salvos da espada do conquistador, deveram a salvação primeiro á inercia e erros de um general ottomano, e depois ao rasgo de generosa audacia de um rei da Polonia. E todavia Constantinopla era hoje elemento de muito maior força em poder de uma nação, que sem saír dos seus limites domina em tres das cinco partes do mundo, e que sem passar além dos mares, que lhe banham o solo, impera como senhora no Baltico, e no mar Negro, no mar d'Azof, no mar Branco, e no mar Caspio.

Esta guerra não é filha, póde dizer-se, de uma ambição individual como a muita gente parecerá: a ambição que a move tem muito maior vulto. O individuo que a personalisa é impellido, além dos seus proprios estimulos por toda uma nação já poderosissima, mas que se crê chamada a destinos ainda mais altos.

I. DE VILHENA BARBOSA.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO-VERDE.

A lua do mel. — A polygamia. — A gravidez. e Valerio. — Mr. Pimping, e Kadé. — Bolama, e um documento furtado pelos inglezes. — O cynismo d'um methodista. — Consequencias de uma seducção. — O primeiro elo da cadeia dos crimes.

Pimping tomou uma colher de doce, encheu um caliz de aguardente que offereceu a Ondotó, e como este recusasse, bebeu-o elle, e em cima um copo d'agua: Valerio encheu um d'estes do licôr tão querido dos papeis e grumetes, e emborcou-o nas guellas, fazendo depois ouvir o *hé-hé* guttural com que festejam a fortaleza da bebida alcoolica.

Isto interrompeu a conversação, e Ondotó approveitou a interrupção para despedir-se de Pimping com cordialidade; e tomando de sobre uma cadeira a seu lado os artigos de que tinha feito um pacotinho, as espingardas e os pannos, passou rapidamente, e com ar desdenhoso por diante de Valerio, fazendo-lhe uma ligeira inclinação de cabeça, desceu com precipitação a escada exterior, que conduzia a um pateo fechado, onde algumas negras descascavam arroz, e cochiam milho em pilões, passou por meio d'ellas, e saíu para a rua.

Valerio ergueu-se da cadeira, chegou-se a uma janella, que deitava para o pateo, e vendo que Ondotó nem olhava para traz, disse para dentro a Pimping, que se não tinha mechido da sua cadeira de balouço:

— Olha o gato bravo! Corre que nem um branco a fugir do tigre no matto.... Não sei que mal fiz a este bruto indomavel, que mostra talvez sem querer tanto gosto de ver-me, como ás suas tripas!

— Elle sabe suas cousas. Olha, se elle não gosta de te ver não é pelo mal que lhe fiz.

— Já lh'as teria mostrado para me pagar de seu desprezo, que me *affronta* o coração, se não me lembrasse que preciso d'elle para levar por diante planos quasi tão velhos como eu, e a que tenho tamanho amor, como tenho a isto que aqui está, dizia elle batendo em si com as mãos abertas.

— Mas então o que é isso que esperas d'elle?

— É um segredo que nem a mim mesmo quero contar. Por em quanto não me sae do peito. As paredes tem ouvidos, e a *camisa é chocalheira*.

— Oh! pois não, meu prudente amigo! cuidas que não adivinhei já o teu segredo? lembra-te que fallas comigo, e que sou inglez. Estamos muito costumados a enganar para que nos possam enganar facilmente. Não me digas nada, que tambem te não quereria ouvir; mas fica na certeza de que o tal teu segredo ha muito já que o não é para mim.

Valerio estremeceu como se de repente lhe apparecesse um cavallo marinho; mas depressa tornou a si; e respondeu:

— Pensa o que quizeres, que tambem te não pergunto nada. E sabes porque? porque estou convencido de que *o homem não deve fallar senão para enganar mais facilmente os outros homens*.

— Bravo, Valerio! cada vez melhor. Pareces mesmo educado na Grã-Bretanha, e que tiveste por mestre a lord Castlereagh! Mas tornando a Ondotó; não sei que diabo fizeste á tua finura que ainda não pudeste domestical-o.

— Meu pobre Pimping, já te não lembras de que são os meus planos que tem feito a posição em que te achas com este selvagem, e que te deram a sua amisade?... Mas, olha que eu conheço-o por dentro e por fora. Nada conseguiremos d'elle, nem tu, nem eu, se não fizermos jogar outros machinismos. É um meio-christão, com suas idéas fradescas, todo enfronhado em honra, em moral e em justiça, que não poderás vencer se o quizeres levar só pelo engodo do interesse. Por ahi não fazes nada. Bichos quantos quizeres, mas o principal... o fino... tira d'ahi o sentido.

— *Goddam!* pois eu havia de perder uns poucos de centos de patacas que lhe dei por um ridiculo *of worms assortment*, que, deveras te digo, não sei o que fazer d'elle? é impossivel.

— *Redondo como um bótom*. É isso mesmo. Digo-to eu.

— A fallar a verdade não estava já sem meu susto assim que ainda agora vi a insensibilidade com que ouviu o que nós lhe diziamos, tal qual como se fosse um *hearer rock's*. Mas o que hei de fazer.

— Dar exercicio ao teu nome. Ser branco, ou ser balanta quem já o foi tanto tempo, isso que importa? Venham os fins, que os meios todos são bons. Se estás por isso, metto mãos á obra; se não, arranjate lá como poderes, que eu com isso nada tenho.

— Temos por ahi alguma das tuas... realmente és um grande *knave*. Dou-te carta branca. Faze o que quizeres.

— Isso é que é responder bem. Deixa o negocio por minha conta.

Obtida assim auctorisação plena do vassallo de S. M. B. o rei George III, dirigiu-se Valerio á joven balanta:

— Viste este papel que acaba de saír d'aqui? Que te pareceu? Gostaste d'elle?

— Bi! que pergunta! Que me havia de parecer? Um homem como são todos.

— Muito bem respondido. Uma *dona-casa* não deve fallar d'outra maneira diante do senhor. Ouve-me, Kadé, pódes ser sincera. Não era essa a resposta que nós esperavamos, porque bem sabes para que o meu amigo te metteu em sua casa. Bem conheci nos teus modos que gostaste de Ondotó. Mas já ago-

ra, quer gostasses quer não, para nós é o mesmo. Se gostaste, melhor para ti, senão gostaste, finge que sim, porque sempre o proveito é teu. Agora sabes o que nós queremos, e terás um par de patacas e um fio de coraes em paga. Estás contente?

—Nho Valerio tem cousas! *esse cazu cá nhô tafa-me.*

—E porque não, ajuntou Pimping? receber por um modo ou receber por outro, tudo é receber. Pódes ir para dentro. Sabes o que de ti queremos, é quanto basta; se não...

A balanta saíu d'ali saltando de contente; acabava de se lhe propor um negocio em que ganhava por dous lados. Ella considerava lá comsigo que, embora os brancos dissessem que não, ha occasiões em que *honra e proveito* cabem n'um sacco, muito bem.

Já dei o retrato de Kadé, mas não a fiz ainda conhecida, o que não deixa de ser conveniente, quando para mais não fosse, para completar a descripção ou retrato moral de mr. Pimping, que tinha ficado incompleto, narrando ao mesmo tempo uma parte da vida intima do maior numero de aventureiros que aqui vem residir, prejudicando tanto os interesses geraes de Portugal, como os particulares dos portuguezes que aqui residem.

Esta Kadé era o que são geralmente as mulheres balantas; dissoluta, esperta, sem vergonha, e uma ladra refinada, zelosa observante dos usos e tradições de sua tribu, vendia encantos seus e alheios, e se podia lançar a mão sobre alguma cousa dos compradores tomava-o por accrescimo ao preço da venda; e Pimping, não só fechava os olhos a isso, mas levava a sua attenciosa condescendencia até a convidar para sua casa os capitães e sobre cargas dos navios que iam carregar de *marfim preto*: com o que lucrava a sua meação na mercancia da balanta, mas por meio d'ella conseguia entrar nos segredos da especulação negreira, para os fins que já ficam ditos. A sua casa era pois uma feitoria d'especie ainda não conhecida antes d'elle, e que depois só raras vezes, e por mui pouco tempo se tem deixado vêr: parecia esta casa o reino do balanta em miniatura.

Mas como se achava esta preta em casa d'um rigido sectario de Whittefield, e á testa do seu estabelecimento?

Kadé tinha tido, nos balantas, relações intimas com um francez, commissario volante de uma casa de commercio de Goréa, que ao cabo de alguns mezes morreu desastradamente. Consta que elle possuia alguma cousa, mas nada appareceu, e suspeita-se que ella se constituiu sua herdeira forçada com grande sentimento do rei, que ainda o teve maior quando viu que não podia pôr as mãos na negrinha, que se passou a tempo para o reino de Antula, onde se deu por bajude entrando ella mesma em casa de uma mestra. Foi aqui que B... negociante portuguez d'esta povoação, já morto ha annos, a viu e pediu-a para amarrar panno; mas como no dia do exame se queixou de ter sido enganado, e as queixas se provaram justas, foi a sr.ª Kadé mui bem surrada, segundo as leis pretas, até confessar a sua falta, e declarar o cumplice.

A negrinha disse tudo com pressa de que acabasse o tão doloroso interrogatorio que lhe faziam: e em consequencia cessou este, mas foi expulsa da casa de B... e este quite dos presentes e mais obrigações do ajuste que tinha feito com ella, que por sua parte foi obrigada a trazer panno d'ali em diante, e ao mesmo tempo declarada livre, e com o pleno direito de dispor de si mesmo quizesse.

Depois d'este acontecimento passou-se Kadé para Bandim, d'onde vinha frequentes vezes a Bissau para fazer os seus negocios. N'uma d'estas occasiões encontrou Pimping, que a levou a sua casa, e desde então ficou frequentando muito o inglez.

Pimping conheceu pelo trato e convivencia com ella as qualidades que possuia, e de que elle podia tirar muito partido; isto, e talvez as relações de parentesco entre os balantas, por meio das quaes podia mui facilmente abrir um commercio de sal, e por meio d'este fazer boas transacções em Geba, o levaram a lançar mão d'ella. Com effeito, eram apenas passadas poucas semanas, e Kadé estava de portas adentro com mr. Pimping, e o que mais é, dirigindo e governando a sua casa. Com que condições se fez este pacto, é facil de adivinhal-o ao ver-se o que ambos faziam, e que fica dito. O inglez não se achou mal com isso; ficou rico, embora infamado.

Mas o que lhe importava a elle uma reprovação, que considerava *fossil* e *anachronica?* A balanta servia-lhe de chamariz; as suas travessuras, por mais de uma fórma, eram-lhe fonte de rendimentos; o mais que importava? não valia a pena de fallar-se n'isso. E quando lhe constava que se faziam d'elle más ausencias, respondia: «É a inveja de não poderem fazer o mesmo, que os faz fallar. Tomaram elles uma Kadé, que ainda haviam de fazer mais que eu.»

Volto agora á historia de Anna de Santa.

Os dous interlocutores ficaram ainda calados alguns minutos, a olhar um para o outro. No pateo cessára tambem o som cadenciado dos paus que caiam no pilão em tempos alternados e successivos, e todas as negras alvoroçadas tinham largado o seu trabalho para virem fazer roda a Kadé, que posta no meio d'ellas, lhes fallava baixo, mas com voz animada. O que lhes dizia não se podia ouvir; e aquelles rostos africanos, costumados pelo terror á dissimulação, e comprimidos tanto pela acção reverberada, como pela immediata de um sol ardente, e borbulhando agua por todos os póros, exprimiam com a curiosidade tantos sentimentos diversos e até contradictorios, que só pelo jogo tão mobil de suas feições não se podia adivinhar cousa alguma do que n'ellas se passava.

Na sala, o silencio era completo, podia ouvir-se voar uma mosca.

O que occupava o pensamento d'estes dous homens, a quem reunia a identidade dos genios e da moral, a quem dividia um mesmo interesse egoista; e que, parecendo amigos, se aborreciam o mais cordialmente que lhes era possivel? Não sei; mas não podia ser cousa boa. Por um phenomeno psychologico de impossivel explicação, mas que se dá mui frequentemente para que possa entrar em duvida; o que cada um estava pensando comsigo mesmo tinha uma ligação tão intima com o que occupava a alma do outro, que ambos se respondiam em voz baixa, e completavam mutuamente o pensamento.

Valerio é que rompeu o silencio, dirigindo-se a mr. Pimping. Quem o ouvisse diria que suas palavras continuavam, em voz alta, a formula de uma idéa que tinha desabrochado, e se desenvolvêra interiormente.

—Deves de estar contente, meu Pimping. Tiveste Ondotó em tua casa, aqui; ganhaste sua confiança, e provavelmente contas que mais dia menos dia vir-te-ha *pedir terra* (1).

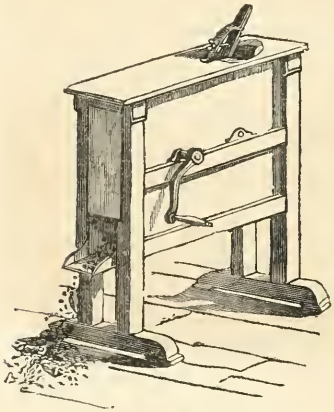
(1) Expressão popular, que importa o mesmo que *humilhar-se*, aceitar todas as condições por duras que sejam

—E porque não? Olha, tu deixaste-te cegar pela aversão que tens ao pobre preto, e até já me tem lembrado que ha um luxo de finura na conspiração que preparas contra elle, e em que queres por força que represente um papel a minha *kept-woman*. N'uma palavra, parece-me que já estás muito *weakened* para conduzir uma intriga *double faced*. Senão dize-me, responde-me á pergunta que já te fiz; porque não tens podido angariar a amizade d'este rapaz que é teu meio-compatriota?

—Provavelmente porque não quero. «Terra e aguardente cada qual toma a que póde comprar.» Assim é a presumpção; toma a que quizeres, tens bem com que pagal-a. Estou velho, estou tonto, é isso o que queres dizer com a tua sem-ceremonia e soberba britannica; mas isso é só ha poucas semanas para cá, não é assim?...

(Continúa.)

J. M. de Sousa Monteiro.



DEBULHADOR MECHANICO.

Differentes machinas e instrumentos se tem inventado para effectuar de um modo rapido e economico a debulha do milho. Em Portugal este trabalho effectua-se de ordinario por meio de um mangoal ou malho. Quanto seja imperfeito, dispendioso e demorado similhante processo comprehende-se perfeitamente sem ser necessario demonstral-o. Todavia os nossos lavradores não se resolvem a abandonar o antigo systema; e talvez que a repugnancia que patenteam claramente em adoptar os processos agricolas lá fóra recebidos com grande acceitação, provenha, assim da falta de um estabelecimento em que se experimentem as novas machinas com que a industria está constantemente dotando a agricultura, como da carestia, e difficuldade de obter alguma d'essas machinas.

A que a nossa gravura representa nem é difficil de alcançar, attenta a frequencia de communicações entre Portugal e França, podendo até construir-se no nosso paiz; nem é cara, absolutamente fallando, porque o seu custo não excederá de dezouto a vinte mil réis da nossa moeda.

O debulhador mechanico, de que damos o desenho, foi inventado por mr. Hallié, fabricante em Bordeus, que mereceu por elle uma medalha de prata, na exposição regional de 1854. É de forma mui singela: interiormente tem collocados dous discos de ferro, guarnecido um d'elles de puas, e girando em sentido opposto; para se pôrem em movimento emprega-se uma pequena manivella. As maçarocas introduzem-se pela parte superior do apparelho, por uma abertura ali praticada, como se póde observar na estampa.

Um rapaz ou uma mulher bastam para dar movimento á machina; outra mulher ou rapaz deve de estar continuamente introduzindo no recipiente superior as maçarocas de milho previamente descamizadas. O debulhador mechanico póde debulhar por dia até tres alqueires de milho.

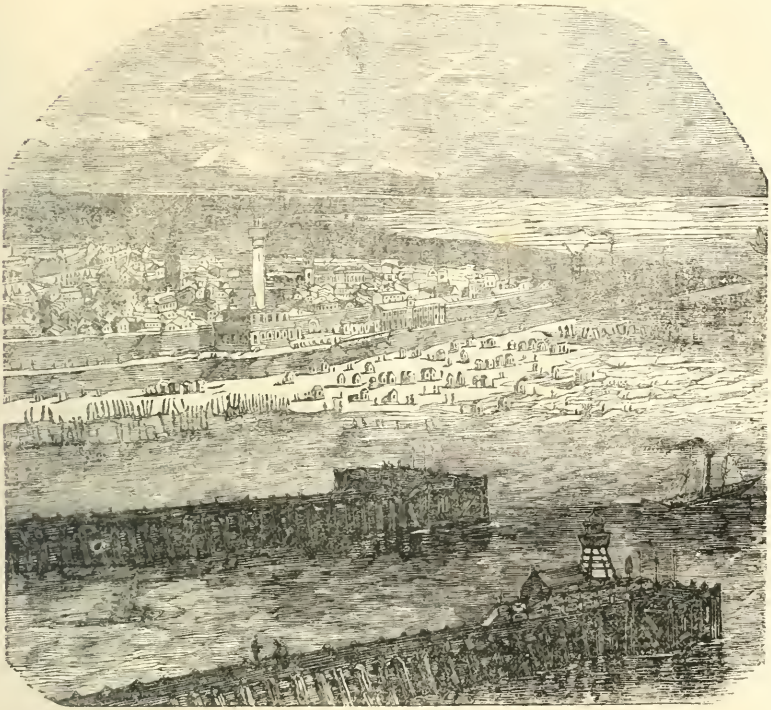
O QUE É A ALMA.

Já que somos tão corporaes, e damos tanto credito aos olhos; os mesmos olhos quero que nos digam e que nos confessem o que é a alma. Quereis ver o que é uma alma? Olhae para um corpo sem alma. Se aquelle corpo era de um sabio, onde estão as sciencias? Foram-se com a alma, porque eram suas. A rhetorica, a poesia, a philosophia, as mathematicas, a theologia, a jurisprudencia, aquellas razões tão fortes, aquelles discursos tão deduzidos, aquellas sentenças tão vivas, aquelles pensamentos tão sublimes, aquelles, escriptos humanos e divinos, que admirâmos, e excedem a admiração; tudo isto era a alma.

Se o corpo é de um artifice, quem fazia viver as taboas e os marmores? Quem amollecia o ferro, quem derretia os bronzes, quem dava nova forma e novo ser á mesma natureza? Quem ensinou n'aquelle corpo regras ao fogo, fecundidade á terra, caminhos ao mar, obediencia aos ventos, e a unir as distancias do universo, e metter o mundo venal em uma praça? A alma. Se o corpo morto é de um soldado, a ordem dos exercitos, a disposição dos arraiaes, a fabrica dos muros, os engenhos, e machinas bellicas, o valor, a bizarria, a audacia, a constancia, a honra, a victoria, o levar na lamina de uma espada a vida propria e a morte alheia; quem fazia tudo isto? A alma. Se o corpo é d'um principe, a magestade, o dominio, a moderação no prospero, a serenidade no adverso, a vigilancia, a prudencia, a justiça, todas as outras virtudes politicas com que o mundo se governa. De quem eram governadas e de quem eram? Da alma. Se o corpo é de um santo; a humildade, a paciencia, a temperança, a caridade, o zêlo, a contemplação altissima das cousas divinas; os extasis, os raptos, subido o mesmo pezo do corpo, e suspendido no ar; que maravilha! Mas isto é alma.

Finalmente os mesmos vicios nossos nos dizem o que ella é. Uma cobiça que nunca se farta, uma ambição, que sempre aspira, um desejo, que nunca aquieta, uma capacidade, que todo o mundo a não enche, como a de Alexandre, uma altiveza como a de Adão, que não se contenta menos que com ser Deus. Tudo isto que vemos com os nossos olhos, é aquelle espirito sublime, ardente, grande, immenso, a alma. Até a mesma formosura, que parece dote proprio do corpo, e tanto arrebata, e captiva os sentidos humanos, aquella graça, aquella proporção, aquella suavidade de côr, aquelle ar, aquelle brio, aquella vida; que é tudo senão alma?

Vieira, sermões, II.



BELGICA — OSTENDE.

Ostende, no seculo IX era apenas uma aldeia; mas já no seculo XI começou de ser nomeado e buscado o seu porto. Em 1445 Filippe o bom mandou-o aprofundar e alargar, cingindo toda a povoação de muralhas. Comtudo Ostende só foi fortificada regularmente no anno de 1583 pelo principe de Orange, famoso caudilho dos hollandezes sublevados. O sitio de tres annos que estes sustentaram, de 1601 a 1604, contra o archiduque Alberto, foi um dos mais memoraveis de que a historia faz menção; 72:000 sitiados ahi pereceram, e a perda dos hespanhoes foi ainda mais consideravel. N'este celeberrimo sitio dispararam-se cêrca de 300:000 tiros de artilharia, cujo estrondo se ouvia em Londres. Quando capitulou, Ostende era litteralmente um montão de ruinas. Entregou-se a praça ao general Ambrosio Spinola, a 14 de setembro de 1604. Foi de novo tomada em 1706, e cedida em 1715 ao imperador de Allemanha Carlos VI, que lhe abriu uma nova era de prosperidade, creando uma companhia das Indias. Em 1734 a companhia foi dissolvida, e dez annos depois, após rigoroso sitio de dezoito dias, Luiz XV destruiu novamente a cidade. Retomaram-na os francezes, em 1794.

Situada na extremidade de uma planicie, Ostende é presentemente defendida por fortificações de origem não mui remota. A sua população não deve ser inferior a 12:000 habitantes.

A unica parte de Ostende edificada á moderna, sob um plano sufficientemente regular, e a que chamam *cidade nova*, é obra do imperador Joseph II, a quem esta praça maritima deve importantes melhoramentos, mórmente quanto ao porto.

Não ha em Ostende edificio que mereça a qualificação de monumento, a não ser os paços da municipalidade, fabrica magestosa, reparada em 1711 das ruinas que lhe havia causado o sitio de 1706. As muralhas, e, com especialidade, as que deitam para o lado do mar, formam o mais agradavel passeio. Junto d'aquellas ha uma columna bastante alta, no cirado da qual se allumia um farol, para segurança dos navios que demandam o porto de noute. De dia fazem-se ali os signaes mediante uma bandeira. Fluctuando esta no alto da torre indica a enchente da maré; desfraldada de alguma das janellas mostra a preamar; e quando nem n'estas, nem n'aquelle apparecem as côres nacionaes mostra-se que é a hora da vasante.

O porto de Ostende, consideravelmente melhorado nos ultimos tempos, abrange uma superficie de 64:000 metros quadrados, e reune todas as condi-

ções desejaveis em um ancoradouro de navios mercantes. Todavia o seu accesso não é de todo isento do perigo, e por occasião de grandes temporaes bem lastimosos naufragios tem logar na costa adjacente. Isto não obsta que o porto de Ostende seja frequentado por navios de todas as nações e portes, desde os pequenos barcos de cabotagem até os elegantes *clipers* de 500 e 600 toneladas.

O VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

I.

Ainda ha bem pouco tempo que a pedra tumular encerrou as cinzas de João Baptista de Almeida Garrett. O tempo decorrido, se tem valido já para a sua memoria muitos seculos de posteridade, não póde fazer que as letras patrias deixassem o lucto em que as envolveu a perda irreparavel d'aquelle genio fecundo e original. Opprime-nos uma grande dor, mas conforta-nos uma invejavel consolação. Perdemos o homem grande, mas tivemos a ventura de nascer na sua idade, e de admirar ainda vivo aquelle que a posteridade saudará pelos gloriosos monumentos que levantou a Portugal. É um orgulho generoso este que devemos sentir todos os que assistimos á esplendida alvorada d'aquelle genio, ao robustecer d'aquelle choupo gigante, ao quebrar d'aquelle vaso de eleição em que a Providencia se comprazeu de encerrar todas as graças da imaginação, e todas as formosuras do talento.

A posteridade terá para o admirar um livro, e uma pedra funeraria. Nós vimol-o passar rico de inspiração, radiante de gloria, e cercado em vida por esta aureola formosa que a inveja não póde nunca de todo annuvear. É saudoso o admirar já tombada no chão a arvore gigante, cuja folhagem assombreou os que lhe pousaram em redor. Mas quanto não é mais grato o contemplal-a em pé, agitando a rama viridente, florejando e sorrindo graças e primores, e entestando soberba com as nuvens de um céu meridional!

Assistimos quasi com o poeta á creação dos seus poemas mais sublimes. Entramos com o orador no forum publico quando ía a resuscitar na tribuna popular a nobreza e a facilidade dos antigos oradores. Ha em nós o orgulho legitimo de que elle pertenceu á nossa propria geração. Podemos quasi reclamar para nós mesmos a gloria de seus tacitos collaboradores. Não ha nenhum de nós que não tivesse com o poeta illustre mais de uma nobre ligação e affinidade. A uns revelou na convivencia escolastica dos primeiros annos o genio que brincava ainda, exercitando-se, nos primeiros cantos de uma musa facil, e que insculpia descuidoso entre os censeiraes do Mondego a primeira letra da sua inscripção na lapida das grandes e raras intelligencias nacionaes. A outros prendia-o a confraternidade dos enthusiasmos politicos e do civismo juvenil na aurora da liberdade. Com estes uniam-no as recordações de uma trabalhada emigração, e o mesmo pão do exilio repartido em terras estrangeiras. Com aquelles haviam-no estreitado os laços da gloria commum nos tempos em que o poeta tomára á similhança de Camões, em prol da sua patria, n'uma das mãos a lyra dos cantos nacionaes, e na outra a espingarda do voluntario; nos tempos em que um dos monarchas do talento desceêra a arrolar-se, sob as bandeiras do imperador, ao lado dos mais humildes conscriptos da liberdade.

Quando uma idéa nova tem de ser diffundida pela Providencia n'um povo só ou por toda a humanidade, nasce um homem que a formúla na creação do genio, e que a propaga pela fascinação da palavra eloquente. Ha o que quer que seja de fatal e de despotico em todas as revoluções operadas pelo talento. Um homem só pelo influxo da idéa que representa, e pela magestade do genio que revela, impera sobre as multidões, e impõe-lhes a nobre servidão a uma idéa nova que as turbas congregadas nunca poderiam descobrir. E que esplendida, que formosa não é esta dominação pacifica das intelligencias superiores sobre o commum das demais intelligencias! Que jugo tão brando, e tão facil de acceitar! Que vigor de talento para conceber; que omnipotencia de palavra para convencer e generalisar. Um homem novo surge de repente no meio do seu paiz. A principio lampeja uns fulgores indecisos que já allumiam, sem deslumbrar. O luzeiro resplende mais vivo, e faísca centelhas que fascinam. Mais tarde é o sol, que se levanta quasi sem aurora, e que offusca nas ondas da sua luz purissima os talentos inferiores que apenas bruxuleavam na penumbra. Este homem chama-se Garrett. Diante d'elle as convenções poeticas retiram-se envergonhadas, e a arte verdadeira esvoaça em torno d'elle, affagando-o como o seu dilecto, e inspirando-o como o seu evangelisador. É elle quem inaugura para as letras portuguezas o seculo XIX, como quasi ao mesmo tempo este seculo nasce para o povo portuguez com o primeiro brado da revolução e da liberdade. As camenas pagãs é elle que as torna profanas sem as desauctorar, erguendo sobre as aras da poesia restaurada a melancolia e a castidade da musa christã e nacional.

Não foi apenas um poeta que no meio das pompas funebres e das ceremonias mortuarias desceu ao tumulo. Foi uma epocha que se encerrou. Não foram as suas exequias as que a pompa mundanal doura e solemnisa n'um dia, para que no seguinte o pó da terra as venha embaciar. Com prestitos luzidos entrega a vaidade o feretro dos poderosos, e vem o esquecimento recebel-o á orla do sepulchro. Incensos queimam-se aos opulentos, e a memoria d'elles apaga-se no derradeiro branquejar do fumo. Orações recita-as a voz da adulação, e refuta-as o silencio da posteridade. As lagrimas não preservam o nome dos obscuros, de que o ignorem para sempre os seculos vindouros. Nas exequias do poeta celebrava-se já a apotheose de uma litteratura que começava a pertencer á historia, quando o poeta morrendo principiava a viver para a posteridade e para a gloria.

II.

João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, visconde de Almeida Garrett, nasceu na cidade do Porto a 4 de fevereiro de 1798. Foi filho de Antonio Bernardo da Silva Garrett, fidalgo cavalleiro da casa real, e sellador-mór da alfandega d'aquella cidade. A sua familia de origem irlandeza viera emigrada do seu paiz por motivos religiosos, e se estabelecêra em Hespanha, d'onde veiu a Portugal no sequito da rainha D. Marianna d'Austria, mulher d'el-rei D. José. Levada depois aquella familia, não sabemos por que accidentes da fortuna, ás ilhas dos Açores, ali viu a luz o pae do poeta; e vindo Antonio Bernardo para o Porto casou ali com D. Anna Augusta de Almeida Leitão, filha de José Bento Leitão, honrado e

rico negociante e deputado da companhia dos vinhos do Alto-Douro.

Incitado pelo talento, que já como que se lhe sazonava na idade pueril, e ajudado por uma esmerada educação, fructo dos carinhos e das solicitudes paternas, o poeta insigne annunciava desde os primeiros annos o vigor de uma intelligencia excepcional e d'uma precoce imaginação, que haviam de assegurar-lhe mais ao diante um logar de honra no primeiro plano dos talentos nacionaes, e dal-o como rival a muitos dos mais predilectos das musas nas litteraturas estrangeiras.

A invasão franceza veiu surprehender o poeta quasi ao soltar-se das faxas infantís, e ao aventurar os primeiros passos na educação domestica, que formava sem o saber uma gloria de mais para o paiz, e um nome illustre para uma remota posteridade.

Singular circumstancia que aproxima os destinos de Camões, e os d'aquelle que mais de dous seculos depois lhe havia de cantar o nome e os infortunios, e glorificar, como o epico dos Lusiadas, os fastos e as grandezas de Portugal. A morte de Camões coincidiu, com poucos annos de differença, com o funeral da nacionalidade, vencida por Castella. O berço do sr. Garrett, quasi que foi embalado ao som dos canhões francezes, troando em Portugal para annunciar ao mundo o termo da independencia nacional, assoberbada e proscripta pela cobiça de Napoleão. Camões morreu com a monarchia; cantor de glorias immortaes, não lhe devia sobreviver, porque o seu estro ardente, bellicoso, e patriotico não se dobraria a entoar nas exequias de Portugal o epicedio das nossas glorias. O sr. Garrett nasceu n'uma quadra tormentosa e revolucionaria, assaltou-o logo ao sair do berço a invasão e a conquista, como aquelle, que estava predestinado a ser o poeta da revolução, e como quem deveria desde o primeiro alvorecer da vida acostumar-se ás saudades do lar domestico, e ás angustias da expatriação.

A tomada do Porto pelos francezes em 1809, obrigou a familia do sr. Garrett a buscar em Lisboa, e logo depois na ilha Terceira, um asylo mais seguro contra a insolencia das aguias imperiaes.

Chegado aos Açores, o sr. Garrett bem depressa ali achou um homem cheio de virtudes e de talentos, que lhe dirigisse e aperfeiçoasse a educação litteraria, e que lhe servisse como de guia nos severos estudos em que o futuro poeta ía familiarisar a sua imaginação com os mais selectos modelos litterarios da antiguidade classica. Era aquelle homem o bispo resignatario de Malaca, D. Fr. Alexandre da Sagrada Familia, tio paterno do poeta.

Verificou-se no visconde de Almeida Garrett uma excepção feliz á lei, que parece presidir aos primeiros annos dos homens notaveis pela intelligencia e pelo saber.

De muitos homens que a humanidade inteira reverencia hoje como titulos de gloria universal, se conta, que foram nos annos infantís mais propensos ás travessuras da puericia do que por affeição inclinados á cultura da intelligencia. Quasi sempre aos grandes poetas, por lhe encarecer as maravilhas do engenho, se compraz a fama posthuma em lhes descrever os primeiros annos da existencia perdidos para a instrucção e para a gloria. De Byron se sabe que era nos tempos da sua infancia rebelde ás severidades dos pedagogos. Parece que a estes grandes espiritos, que a Providencia affeiçoou como vasos de eleição para que viessem depois a conter e a espirar de si os mais finos perfumes da inspiração poetica, os deixa a natureza como que em pousío muitos annos, quasi que para se desforrarem de antemão na ociosidade e na indolencia, das amarguras e das penas, que formam sempre o cortejo de todas as imaginações ardentes, e por assim dizer sobrenaturaes. Chega o prazo marcado pela Providencia, e no terrão que parecia arido e maninho, passa benefico o bafejo do estro, e onde ninguem suspeitava ás vezes nem um homem apto para o trafego da vida commum, surge de repente mais que um homem, porque se alevanta um poeta, e mais do que um poeta, porque nasce uma litteratura inteira.

O respeitavel prelado conheceu em seu sobrinho a affeição natural aos bons estudos, e desde então, por seus conselhos e esclarecida direcção, lhe facilitou a convivencia das musas antigas e modernas, por modo que o joven alumno em pouco tempo veiu a dispor de seguro e amplo cabedal de letras classicas, sem as quaes é quasi impossivel que um poeta, por superior que seja o seu talento, alcance jámais as qualidades que distinguem o verdadeiro engenho do incorrecto improvisador de lôas ou do inculto fazedor de fugitivas trovas e cantares.

Assim no remanso domestico chegou o sr. Garrett ao despontar da adolescencia, decorrendo-lhe os annos, não entre os brincos e folguedos infantís, senão em grave conversação e frequencia com as musas gregas e romanas, e com os mais auctorisados escriptores das modernas litteraturas, como de quem, já amadurecido o talento na aurora da existencia, se preparava d'antemão para inscrever um nome justamente glorioso a par dos nomes tão populares de Gil Vicente e de Camões.

Veiu por aquelles tempos a vagar a mitra de Angra, e foi com ella condecorado D. Fr. Alexandre da Sagrada Familia. Agora se abria com esta promoção do tio, uma carreira honrosa e lucrativa para o sr. Garrett. Era natural, que o bispo, ligado á Igreja pela ordem religiosa em que primeiro militára, e pelo episcopado a que subiu depois, desejasse aproveitar para o serviço da religião o talento superior, que já então, de certo, se manifestava claramente no futuro cantor de *D. Branca*. Levado pela piedosa ambição de que se não perdesse nas mundanidades do seculo uma intelligencia tão privilegiada, alcançou o bispo para o sobrinho, um dos beneficios da ordem de Christo. Tomou o poeta ordens menores, e dispoz-se tudo para que viesse depois, professando n'aquella religiosa milicia, a seguir o estado ecclesiastico, para que entretanto não tinha decidida vocação. Chegando, porém, o anno de 1816, e entrando o poeta a frequentar o curso juridico da universidade de Coimbra, renunciou o beneficio, provavelmente com grande sentimento do velho prelado, que esperava a essas horas fazel-o um dia figurar entre os mais subtís decretalistas do seu seculo.

Applicado ao estudo do direito na faculdade de leis, o talento do sr. Garrett não se desmentiu nas provas academicas.

Não foi o sr. Garrett um d'estes alumnos que na sobranceira da sua indole, assoprados pela immodestia dos talentos mediocres, tem por desaire á poesia o cultivo das sciencias e o estudo da severa erudição. Assim como o bom Ferreira havia dito ao cardeal infante D. Henrique:

Não fazem damno as musas aos doutores,
Antes ajuda a suas letras dão
E com ellas merecem mais favores
Que em tudo cabem, para tudo são.

O sr. Garrett entendeu, que não fazia damno a austeridade e seccura dos doutores á amenidade das camenas. Entendeu, ao revez do que hoje é dogma entre versejadores ruins, que a sciencia não mata a inspiração, e que o poeta sem deslustrar a sua prosapia e gerarchia, e sem profanar a sacerdocio do Parnaso, podia e devia temperar os vôos da imaginação pelos raciocinios da sciencia. Hoje é quasi timbre de vates o ignorar a cartilha da instrucção elementar, e desprezar com um sobrecenho ridiculo os poetas da idade aurea das letras antigas. De modo que nem os que assim pensam ser poetas, ficam sendo poetas, senão que nem vêem nunca a ser cidadãos prestantes e uteis á republica nos seus mais humildes exercicios e misteres.

O sr. Garrett cursou com exemplar assiduidade e applicação o primeiro anno juridico, e fazendo acto e não sendo premiado como esperava, ficou em tanta maneira despeitado da injustiça contra elle commettida, que no anno seguinte, para provar a quanto alcançava a sua poderosa intelligencia, e para se desforrar do aggravo recebido, se foi matricular no primeiro anno do curso mathematico e philosophico. Os estudos eram ali, sem duvida, mais graves e demandavam talento mais seguro. As concepções e os raciocinios rigorosos da geometria e da analyse algebrica exigiam um espirito mais atilado e mais profundo do que as subtilezas, mais de convenção e de artificio, da jurisprudencia dos romanos. Apesar do firme intento em que o sr. Garrett persistia de abandonar a faculdade juridica, as intimações e os conselhos paternos o fizeram revogar a sua primeira resolução, voltando a cursar leis no segundo anno d'aquella faculdade.

Ao passo que o raciocinio se patenteava arguto e vigoroso, e a comprehensão rapida e segura para as aridas questões da jurisprudencia, a phantasia do poeta começava de florejar, com os applausos dos seus companheiros academicos, os primores e formosuras, que a modestia, propria do genio no seu desabrochar, havia até então no seio da familia recatado á curiosidade dos estranhos.

Como succedeu a Antonio Ferreira, a Camões, a Sá de Miranda e a Bernardes, as musas perfilharam solemnemente o raro engenho do sr. Garrett entre os salgueiros do Mondego. Coimbra deve antes a sua principal reputação a haver sido quasi sempre a segunda patria dos poetas portuguezes, do que a ter sido por muitos seculos a metropole e o emporio das sciencias em Portugal. Parece que os talentos poeticos hão mister de receberem no Mondego a investidura da inspiração. É como se fôra ali o Permesso de Portugal, e como se as musas nacionaes se deliciassem em vaguear melancolicas na amenidade d'aquelles sitios, elegendo para sua Castalia a saudosissima *fonte dos amores*.

(*Continúa.*)

J. M. Latino Coelho.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO-VERDE.

A lua do mel. — A polygamia. — A gravidez, e Valerio. — Mr Pimping, e Kade. — Bolama, e um documento furtado pelos inglezes. — O cynismo d'um methodista. — Consequencias de uma sedução. — O primeiro elo da cadeia dos crimes.

Ha quantos annos chegaste aqui para negociar por conta de mr. Soulthebuyer? quantas excursões fizeste aos bijagós por ordem de lord Rend-all? quantas mil piastras gastaste, antes de me conheceres, para obter aquelle papelinho, que eu te arranjei em poucos dias pela bagatellá de cem patacas, que dei de tua conta ao S... d'esta praça?

—Isso é verdade. Se não fosses tu, está-me parecendo que nunca elle me viria ás mãos. (1) A esta hora está elle tendo a honra de achar-se em poder do principal secretario d'estado do nosso *most graeious sovereign...*

God save the king, ajuntou com uma expressão hypocrita, curvando a cabeça e cruzando as mãos sobre o peito. Depois apertou nas suas brancas e esguias mãos as cobreadas e callosas de Valerio, saudindo-as tres vezes; em quanto este sem corresponder a esta pressão amigavel contrahia os musculos do rosto d'um certo modo, que parecia dizer: A mim não me embaças tu.

É da propria Kadé, que sei todas estas particularidades. Acabando a sua conversação com as pretas, introduziu-se no quarto de dormir de Pimping, d'onde via tudo, por a fresta das duas meias portas, e ouvia perfeitamente o que se estava dizendo, porque apenas a separava da sala um tabique a meia altura da parede, conforme o modo de construcção n'estes climas tão calidos.

Ella desconfiava de Valerio, e quiz certificar-se do que havia.

Este foi á porta da entrada, viu que no pateo estava tudo nos seus postos, seguiu á do quarto de cama que puxou para si, depois de lançar uma olhadella para dentro para ver se lá estava alguem; e aproximando-se de Pimping, disse-lhe a meia voz:

Tens na tua mão a doação de Bolama, que vocês tem tanto empenho em chamar-lhe sua, e com ella perderam os portuguezes, que odeio de morte, a possibilidade de a conservarem. Agora é provavel que a Inglaterra tomará melhor as suas medidas para não se renovarem os desastres que ha 16 annos tingiram no sangue inglez, derramado ás mãos dos selvagens, a bandeira de S. Jorge. (2) Ambos conseguimos o que desejavamos, mas eu ainda não estou contente, ainda quero mais, e muito mais... E tu que sabes que o meu odio não póde cevar-se em quanto estiver á sombra d'esta bandeira branca das quinas; que não desprezo meio nenhum que me possa conduzir á satisfação dos meus desejos, devias conhecer que sei

(1) Ainda em 1844 passava por certo em Bissau que da secretaria do governo d'aquella praça tinha sido roubado por peitas e intrigas inglezas o titulo original da doação da ilha de Bolama, feita aos portuguezes pelo rei de Guinal-a, em 1601.

Ao mandar este artigo para a imprensa, devo acrescentar á nota acima, que fui informado por pessoa de muito credito, que este documento original apparecêra (em 1852), e que tinha sido mandado para Lisboa. Ignoro o que ha n'isto de verdade. Será o pretendido furto uma fabula? Comprariam os inglezes uma cópia, quando cuidavam pagar um anthographo? Seria traição a traidor? Não estou habilitado a responder.

(2) Uma associação ingleza, protegida por baixo de mão pelo governo da Inglaterra, a nossa mais antiga e fiel alliada, mandou em 1792 occupar a ilha de Bolama (sendo o coronel Finellay governador da possessão ingleza de Gambia, que obteve do mesmo modo), que lhe fazia muita conta por causa das optimas madeiras de construcção etc., de que ali ha muitos e extensos bosques. Os naturaes porém esperaram a occasião das aguas, e quando viram os casacas vermelhas bem prostrados com as febres, fizeram n'elles uma mortandade horrorosa; depois do que mandaram canôas a Bissau convidar o governador para vir tornar a tomar conta da ilha em nome da rainha de Portugal, e guardal-a melhor para o futuro. A recommendação foi perdida, mas não me queixo d'elle, nem do governador de Cabo Verde. Não seria depois d'este facto, e da inutilidade das reclamações de Finellay, que os inglezes procurassem furtar o documento para assim justificarem a prioridade de posse e occupação que allegam, e o direito de cessão feita por um rei preto estranho?

empregar os meios na medida necessaria ao meu fim, mas sómente os que me podem conduzir a elle.

—Já confessei o que devia á tua habilidade, e nem por pensamentos quero pôl-a em duvida.

—Sim, mas acabas de chamar-me tonto. Ora pois, não te esqueças de que sei querer o que quero. Os portuguezes são os tyrannos da minha patria; escravisaram-nos, opprimem-nos, desprezam-nos... hei de vingar-me! Por fortuna minha, não é preciso empregar grandes esforços: ainda que são muito preversos, tambem são muito ineptos, e espero antes de morrer vel-os fóra d'aquellas muralhas, d'onde com a sua artilharia nos põe o pé no pescoço a todos...

—*Very well, very well*, meu bravo. Conta que te não ha de faltar polvora e bala, dinheiro e espingardas.

—Então que esperaes? porque não vem isso que ha tanto tempo nos promettes? Era melhor mais obras e menos fanfarronadas. De lingua comprida e mãos curtas estou já farto. Se os taes ingrezes fossem gente...

—Mas não são, e por isso esperas que expulsos os portuguezes, não te custará muito ver-te livre de nós. Estás enganado, meu amiguinho, a cousa comnosco ha de ser mais seria, porque a Grã-Bretanha tem muita força...

—E os ingrezes muito amor á aguardente. Bem sabes que todos estes pretos odeiam os teus compatriotas, e que não é para os terem por senhores que poderão tomar armas contra os portuguezes. Nós bem vemos o que fazeis em Gambia e Serra-Leôa. Não temos navios, as nossas canoas são pequenas, faltam-nos as companhias de soldados; mas temos exercitos de carneiradas; não temos canhões, nem espingardas; mas temos hervas e azagaias. Parece-me que em summa as forças estão bem equilibradas. Que achas?

—O que acho é que não devemos estar a renhir, pois somos e devemos ser amigos. Podes ter a certeza de que assim que o côrso for expulso de França, e com elle acabar o nefando systema continental, na primeira aberta que tivermos, havemos de tomar Bolama aos teus inimigos, que não sabem tirar proveito das riquezas que possuem; e se teu plano estiver maduro, havemos tambem d'expulsal-os d'aqui.

—Porque o não fazeis já? que tem lá isso de côrso, e de systema continental com Bolama, e Bissau?

—Não entendes nada de politica, e não posso estar aqui a explicar-to. Fallemos n'outra cousa. Venha outra vez Ondotó á balha.

—Pois venha; e n'esse caso, onde está a tua esperteza que ainda não podes contar com elle?

—Não posso! Está quasi, quasi agarradinho...

—Para as caçadas, não duvido; para o mais, *nieles*. Já to disse, e digo-to outra vez; este Ondotó é meio papel e meio christão, nem que lhe dês tudo o que tens nos teus armazens não consegues d'elle nada: mas deixa-me cá, e prometto-te que ha de ser teu, como diziam d'antes os frades capuchos que é do diabo a alma que caiu no peccado.

Ao terminar este dialogo não pude conter-me que não dissesse: O africano e o europeu eram dignos um do outro, e ambos mereciam um logar distincto entre os heroes das commoções que tem agitado a Europa. Estou curioso de saber quem era este mr. Pimping, e porque veiu para Bissau. O que sabe d'elle?

—Bem pouco, que não cheguei a conhecel-o; mas contar-lhe-hei o que se dizia d'elle quando aqui cheguei.

Chegaram aos ouvidos do governador algumas vozes desfavoraveis a Pimping, que foi chamado á praça á presença do governador, e houve entre elles uma conversação pouco mais ou menos assim:

Governador. Quem é o senhor?

Pimping. Um inglez, e christão methodista. Tive a ventura de ouvir a *verdadeira doutrina evangelica* da bôca dos apostolos do Senhor Wesley e Whittefield, (1) quando ainda trabalhavam unidos a bem da *regeneração universal*. Recebi por as mãos d'elles o *espirito de Deus* entre accessos epilepticos, e no meio de dores cruelissimas, que foram o meu purgatorio. Conheci felizmente que as boas obras, essa invenção do papismo, que estraga e agua os prazeres e a vida do homem, são inspiradas por Satanaz para nos levar ao peccado. Agora tenho a certeza de que já não entra em mim o peccado, e que posso fazer o que quizer, porque Deus predestinou-me para o céu.

Gov. Doutrina commoda para os que a seguem, mas tão immoral, como perniciosa. O principe regente nosso senhor não a consente nos seus estados, e eu por minha parte ver-me-hei na necessidade de observar muito o sr., porque d'essas doutrinas a ser um grande malvado só falta a occasião e a utilidade do crime.

Pimp. Nada, não. Isso não passa de argumentos papistas, que a intolerancia dos frades tem mettido na cabeça dos portuguezes e hespanhoes, e que a inquisição faz acreditar por meio das fogueiras. (2) Todos os meus pensamentos, agora que estou regenerado, são santos, e por tanto santas serão as acções que elles dirigirem.

Gov. Não sei então porque o sr. veiu para uma terra onde ha frades e inquisição, podendo ficar na Inglaterra onde não ha nada d'isso. Porque deixou o seu paiz? que motivo o forçou a saír de Gambia?

Pimp. Não ha fanatismo na Inglaterra! Isso é o que v. s.ª diz, mas não é assim. Aqui estou eu que fugi de lá por causa dos tratamentos horriveis que soffria das igrejas não-conformistas, e das perseguições dos agentes do governo. Eu não podia prégar a nossa doutrina santa sem que tivesse de soffrer um diluvio de cacos, ossos de animaes, immundicies, e quanto podia chegar ás mãos dos malvados, que nos perseguiam de terra em terra; acompanhando as suas acções brutaes com um ruido infernal de gru-

(1) Estes dous ministros da igreja anglicana crearam esta seita em 1729, quando ainda frequentavam a universidade de Oxford, para condemnarem os vicios de seus collegas, no ministerio da mesma igreja, e limparem-na dos absurdos e contradicções que notavam entre suas doutrinas em these, e suas doutrinas applicadas. Desde que as boas obras são inuteis para a salvação, recommendal-as é um absurdo, e uma limitação aos direitos da humanidade; e o que veiu dizer Whittefield contra Wesley e o anglicanismo, mostrando que se eram inuteis as boas obras é porque havia uma predestinação, tanto para o bem como para o mal, que as obras boas pretendiam contrariar; eram a tentativa de revolta contra Deus, e por tanto outros tantos peccados: Wesley ficou na doutrina da inefficacia e inutilidade das boas obras, como no principio da seita creada entre ambos, quando só pretendiam reformar o clero anglicano, e regenerar o mundo. Estes fanaticos regeneram-se fazendo cabriolas e tregeitos, e dando uivos e gritos, como os epilepticos.

(2) Quando leio as furiosas declamações de certos catholicos contra a inquisição de Hespanha e Portugal, e a enumeração das fogueiras que accendeu, e das victimas que fez; e comparo isso com o silencio prudente que guardam sobre as inquisições dos herejes e protestantes, das fogueiras que accenderam, e das victimas que fizeram; lembro-me perguntar a mim mesmo, que nome se deve dar ao filho que vitupera sua mãe por defeitos, que não quer ver nos estranhos? Accrescendo que as inquisições protestantes e hereticas eram ecclesiasticas, e armas de ataque; e as de Hespanha e Portugal seculares, e armas de defeza: aquellas, queimavam os que não queriam mudar de religião; e estas, os que tinham mudado, e faziam proselytos para revolucionar os estados. A lealdade de taes escriptores, e o seu catholicismo é bem problematico!

nhidos para abafarem a nossa voz, se ousavamos querer fazer frente á tempestade. Como nos negavam á protecção, e não precisava de ser martyr para salvar-me, decidi-me a ir para Gambia, cuidando que teria mais liberdade para prégar a minha religião: mas qual?!

No domingo seguinte ao da minha chegada, fui ao templo e prégui sobre o evangelho do dia, que era o das bemaventuranças; mas apenas tinha acabado recebi mesmo nas escadas do pulpito ordem para me apresentar ao sr. governador. Apenas s. ex.ª me viu, começou a injuriar a minha doutrina, chamando-lhe *infernal*, e gritando muito que não consentiria nunca, em quanto fosse governador, que eu prégasse tão escandalosa novidade, porque tinha obrigação de defender a supremacia ecclesiastica de sua magestade; e que sómente me deixaria, se eu tinha licença de s. ex.ª o secretario d'estado para as colonias.

Debalde lhe representei mui respeitosamente que eu não atacava a supremacia de sua muito graciosa magestade prégando o evangelho *como eu o entendia;* a nada o bruto se moveu. Se quer prégar, me disse elle, ha de ser cousa que n'esta colonia estejâmos acostumados a ouvir. Ou essa doutrina methodista leva o povo inglez ao céu, ou não; no primeiro caso, já elle tem cinco estradas que conduzem para lá: conte bem, a do reverendo Butter, a do doutor Hog, a do ministro Pettifogger, do doutor Meddler, e a da igreja estabelecida pela lei; parece-me que são cinco, e já não fallo de uns poucos de fanaticos papistas que se reunem na capella do sr. Holyman, sobre os quaes faço a vista grossa, porque são os melhores subditos que tem sua magestade: se não leva ao céu a sua religião, então nem quero mais ouvir fallar n'ella: ou é inutil, ou perniciosa, sr. Pimping. Se quer prégar, seja o que ensina qualquer d'estas, do contrario póde voltar pelo mesmo caminho por onde veiu. E eu, vendo isto, tomei a resolução de aggregar-me á igreja de Pettifogger, em quanto se me não proporcionava occasião de fugir a esta perseguição brutal.

Gov. Mas isso é uma indecencia. O que vós fizestes foi uma verdadeira velhacada; transigistes com a vossa consciencia, prégando uma doutrina em que não acreditaveis.

Pimp. Isso não é tanto assim. O que dizia o governador de Gambia não deixava de ser exacto até certo ponto. Eu tanto me salvo prégando a minha religião, como prégando qualquer outra: todas as religiões levam ao céu, posto que por caminhos differentes.

Gov. Não posso convir n'isso, porque a verdade é uma só, e ella não póde estar ao mesmo tempo entre os que dizem sim, os que dizem não, e os que dizem talvez.

Pimp. A verdade e uma só, tambem só uma religião é a verdadeira; mas qual é? eu por mim entendo que é a mais tangivel, a mais lucrativa.

O governador cortou o fio á conversação, admirado do cinismo do tal methodista, que despediu com bastante seccura.

Este facto que o proprio interessado não se cansava de contar, mostra bem claramente o que era Pimping. Agora parece-me que poderei continuar a minha historia.

(Continúa.)

J. M. DE SOUSA MONTEIRO.

DIGNIDADE DAS FUNCÇÕES DO PROFESSOR PRIMARIO.

> Celui-là qui est maître de l'éducation, peut changer la face du monde.
>
> LEIBNITZ.

Lembrou-se alguem de derivar a palavra mestre, em latim *magister*, d'estas duas: *magis—ter; mais tres vezes.* Só por si este achado salvaria os creditos das etymologias e dos etymologistas, perante este modo de ver com que na actualidade se encara tudo progressivamente. A etymologia, com tal derivação, mostrou que tambem sabe olhar para traz e para diante ao mesmo tempo. *Respicit et prospicit*, como o Jano dos pagãos.

E assim é; por quanto, mais que os outros tres vezes deve ser aquelle que se enobrece com o titulo de mestre. As considerações todas que sobre a dignidade do magisterio se possam fazer, resumem-se n'esta trilogia de superioridade.

Mais que os outros em robustez, saude e conhecimento dos meios de conserval-a. Dá-o a temperança, dá-o o contentamento, dão-no os bons costumes, assim como da saude nasce o contentamento que muito concorre para manter a pureza dos costumes. *Mens sana in corpore sano.*

Mais que os outros em saber. Adquire-se pelo estudo aprimorado (no mestre deve haver mesmo luxo de estudo) das materias que tiver de ensinar, e pelo conhecimento de muitas outras que tem analogia com as que professa.

Mais que os outros em moralidade. O estudo, a applicação, e um regimen de todo o ponto hygienico, ajudarão a perpetuar-lhe os bons sentimentos, e desenvolver-lhe, cada vez mais, os germens moraes, que a Providencia lhe tiver a elle, como a todos os homens, depositado no coração.

Com a primeira superioridade sobrelevará na educação physica.

Com a segunda, na intellectual.

Com a terceira, na moral.

Uma quarta superioridade tem de coroar as mais com que o mestre se distingue já. É a de ser mestre de si mesmo, quero dizer, superior, quanto humanamente possivel, ás proprias fraquezas, superior a pensamentos reprehensiveis, superior a omissões imperdoaveis.

O mestre que souber dominar-se a si mesmo, dominará pelo exemplo, e dominará pela palavra.

O dominio que tem de exercer, é o do coração, para tornar multiplicativa e fecunda a propria moralidade. É o dominio do espirito para dar auctoridade ás boas doutrinas que mandar aos espiritos, cuja cultura lhe for confiada, e para depois os dirigir pelas vias da sã dialectica e do raciocinio. Este dominio, sobremaneira suave, mas nem por isso menos poderoso, é tambem o dominio dos sentidos; é o bom exemplo; é a demonstração permanente que a sua existencia deve estar dando, do quanto influe para a felicidade e para os gosos intimos, a conservação das forças physicas, a moderação que exclue e proscreve excessos, e a alegria resultante de todo este complexo de harmonias individuaes.

E o pensamento do mestre se revelará nas suas palavras; as suas palavras retratarão fielmente o interior do seu coração; todo elle será, não o desmentimento, mas a traducção viva de quanto disser: e o que elle disser, será evangelho religioso e social, como o evangelho quer, e como a sociedade precisa que effectivamente seja.

«Depois do pensamento e da palavra de Deus, nada é maior que o pensamento e a palavra do homem!» disse em nossos dias um espirito altamente illustrado. (1) A mais nobre manifestação do pensamento e da palavra do homem, dizemos nós, está cifrada no verdadeiro instituidor primario.

Portanto, não bastam os conhecimentos que se chamam instrumentaes, como são os da grammatica, da arithmetica, dos processos didacticos, etc., para qualquer homem se chamar mestre.

Não; o homem em quem a sociedade depositou tantas prerogativas, não é, nem tem direito de ser um homem vulgar. O homem a quem uma familia confia as suas esperanças, o seu esteio futuro, o herdeiro das suas virtudes, do seu bom nome e da sua benção, não poderia ser, nem teria direito de ser um homem commum.

O seu ministerio é moral; missão de grave responsabilidade, o seu encargo; exerce uma funcção social, e o estado considera-o como um empregado civil, de quem espera cooperação efficaz no negocio dos negocios, qual é o de encaminhar o povo para a felicidade.

Bem longe de pretendermos rebaixar as profissões mechanicas, entendemos que ha grande injustiça quando se não conceituam, com a consideração que merecem, a resignação, a laboriosidade, o esforço e a virtude mesmo que ellas demandam na sua pratica e exercicio; mas a profissão do magisterio, meio termo entre o sacerdocio e a magistratura, deve representar pelo trabalho as honradas fadigas do operario; pela sciencia e pela vocação, o primeiro elemento civilisador d'este seculo.

É a escola como o portico do templo, observou judiciosamente um dos mais distinctos pedagogos contemporaneos; e com razão o disse; por quanto o professor primario predispõe e prepara a infancia para a educação religiosa. A esphera da sua missão, não se circumsreve aos limites do lar domestico; ao mesmo tempo, sacerdote e pae de familias, o instituidor no seu ministerio providencial é a synthese d'aquellas duas auctoridades, em que se concentram as relações da familia, e dos povos.

A abnegação, o desinteresse, o sacrificio mesmo que é mister fazer-se da vida inteira, para preencher condignamente este sacerdocio da civilisação, estão dando o mais claro testemunho do quanto aquelle desempenho se baséa na virtude. Mas as compensações? e o que ha n'este mundo que não as tenha? qual é a dôr para que a Providencia não compuzesse um balsamo? qual é a tristeza para que a celestial solicitude não guardasse uma consolação?

Modesto nas fallas, singelo no trajar; adorado pelos visinhos, destemido para as maledicencias, galvanisado para as invejas, robusto nas forças; nos contentamentos ainda tão moço, como na primavera da vida; na perseverança tão forte como nos dias de mais vigor; com a bôca cheia de riso, e o coração perfumado de esperança, não vêdes um ancião, a quem todos cedem o logar nas festas da aldeia, a quem todas amam como ao pae de uma grande familia, a quem as criancinhas se achegam como para as caricias maternaes?

É o mestre primario. Duas gerações se desentranham em reconhecimento á bondade com que lhes alumiou as escuridões da intelligencia. Juram nas suas palavras; e a sua palavra revive e florece, e fructifica tambem nas boas obras que fez produzir.

(1) Discurso de mr. Dupanloup, bispo de Orleans, recitado o anno passado na sua admissão na academia franceza

Longe do tumultuar d'essa atmosphera de trovoadas, onde se agitam os grandes interesses, e se preparam as grandes ruinas, onde se jogam as reputações, em quanto a modestia se definha obscura e desprezada, elle, o desconhecido depositario dos futuros destinos da patria, vive feliz no asylo que a sua boa estrella lhe deparou.

Toda a existencia d'aquelle espirito evangelisador foi um tecido de beneficios; tudo para elle, foram outras tantas occasiões de aperfeiçoar-se. Ter de ensinar, era-lhe estimulo para mais estudo; da applicação constante, lhe provinham novas forças, e valor para o cumprimento dos deveres; da obrigação invariavel de tornar melhores os filhos da sua adopção, lhe nasciam cada vez mais generosas tendencias para a perfeição e para a virtude.

E depois, como se lhe apresentava o genero humano? Na sua phase mais angelica; na quadra da innocencia; e do regaço da pobreza, que tambem é outra innocencia, recebia elle essas almas candidas afim de lhas dotar e enriquecer. Constituido protector de tanta fragilidade, oraculo de tanta ignorancia ingenua, prevenia de longe muito precipicio, disseminava muita moralidade, soccorria muita penuria, aplanava muita aridez no stadio d'aquellas existencias, que fortalecia com a luz e calor do ensino, apenas entradas na aurora da vida.

A dignidade das suas funcções, mede-se pela profundeza da sua responsabilidade. O merecimento dos serviços não se peza pelos salarios; pelo contrario, está em razão directa do desinteresse. A publica estimação é moeda que se não concede arbitrariamente. A opinião publica é sempre justa; e que maior prova de estima, para o professor, do que a confiança que geralmente se lhe tributa?

Mr. De Gerando, (1) querendo tornar bem sensiveis os testemunhos de estimação que um grande numero de amigos da humanidade tem dado aos esforços do magisterio, exprime-se em termos taes, que seria imperdoavel alterar uma só das suas phrases, ou modificar de qualquer maneira a sua convicção.

«Todos os espiritos verdadeiramente humanitarios, diz elle, tem mostrado que consideram o magisterio como um dos meios mais poderosos de fazer bem aos homens. Desde o seculo passado, na Allemanha, foi o respeitavel conego de Rochow, o conde de Bucqoy, dotando a Saxonia e a Bohemia de generosas instituições para a educação primaria; foi o illustre Campe, que ao mesmo tempo trabalhava para a infancia e para os instituidores; foram os Zerrenner, os Willmser, e tantos mais, publicando tratados, instrucções e manuaes para os mestres de escolas elementares; foi o veneravel cura Demeter, criando um methodo para o ensino, e dando regras para a disciplina escolar; foi o zeloso Dinter, que de instituidor primario que era, se tornou, pelo plano de melhoramentos que fez para as escolas ruraes, o guia dos seus collegas. Foram na Inglaterra os doutores Bell e Lancaster, rivalisando em zêlo, para simplificarem os processos do ensino, e tornarem a sua influencia benefica muito mais extensiva. Na Suissa, foi o excellente Pestalozzi, que dedicou a vida inteira ao nobre empenho de melhorar a educação em todas as classes, desde as primeiras instrucções ministradas pela mãe, até a essa que serve de introducção ás sciencias, e dá o maior desenvolvimento á intelligencia para os ulteriores exercicios e applicações; foi mr. de Fellemberge, esse amigo tão sincero da humanidade,

(1) Cours normal des instituteurs primaires

que erigiu no meio dos vastos estabelecimentos de Hofwil uma escola normal para os instituidores primarios, e uma escola rural, para os filhos dos camponezes, cuja direcção tão acertadamente lhe imprimiu. Em França, foi, no fim do seculo XVIII, o respeitavel conego Lasalle que estabeleceu um instituto especial para a direcção das escolas primarias, que creou o methodo simultaneo, e que pelo espaço de vinte annos luctou contra todas as difficuldades e obstaculos, para fazer triumphar a santa causa da instrucção elementar. Em nossos dias, é o abbade Gaultier, essa boa alma, que passou toda a vida entre crianças, concentrando n'ellas tudo o que n'ella havia de affectuoso, sempre a ensinar, não se cansando, nem descansando nunca, voltando-se de todo o coração á amizade que consagrava aos professores, alumiando-os com o conselho, e exhortando-os com a propria benevolencia. É Liancourt, de saudosa memoria, cujo espirito comprehendia na sua vastidão e solicitude, todos os interesses da humanidade, as precisões do pobre, os padecimentos do enfermo, a consolação dos encarcerados, a propagação da vaccina, e o desenvolvimento da educação industrial, fundando a expensas proprias verdadeiras escolas-modelos, e que, onde quer que se trate de promover os progressos d'estas instituições no solo francez, se encontrará sempre a tomar a parte mais decidida n'esses esforços. São os homens mais eminentes nas sciencias, que pelos seus escriptos e diligencias, preparam e favorecem taes progressos; são aquellas numerosas, e bemditas associações de bons cidadãos, que na Hollanda, na Inglaterra, na Escocia, na Irlanda, em todos os cantões da Suissa, em Florença e nos Estados-Unidos da America se tem formado para a diffusão das luzes, para a multiplicação dos incentivos do magisterio. Que suffragios! Que testemunhos, tributados á importancia de tão nobre missão! »

Na peninsula espiritos dos mais illustrados, e corações da mais acrysolada philantropia se tem dedicado generosamente a resolver as questões do ensino primario, a transformar em flores e suavidade, muitas difficuldades e espinhos que as antigas praxes do ensino apresentavam.

Mas, se é grato para o homem que abraçou esta vocação, saber que se acham ligados ao ministerio do ensino, nomes d'aquelles com que mais se ennobrecem os fastos litterarios de cada nação; se é gloriosa a aristocracia do magisterio primario; se para contentar ambições louvaveis, e excitar novos brios é efficaz a consideração do apreço em que os grandes homens tiveram em todo o tempo as lides do ensino elementar; ainda, acima de todas essas razões, que depõem pela dignidade do magisterio, está, segundo cremos, uma que a todas as outras corrobora, e que por si só persuadiria, sem o auxilio de alheios exemplos: é a satisfação da consciencia, que jámais desampara aquelle que sacrificou a sua propria individualidade ao mais sagrado de todos os interesses sociaes, á educação publica.

LUIZ FILIPPE LEITE.

COMO SE CASTIGAVAM OS MALDIZENTES NA POLONIA.

Antigamente quando, n'aquelle paiz, alguem era convencido de calumniador, a lei impunha-lhe a obrigação de comparecer em uma praça publica, e ahi, diante de todo o povo, e postas as mãos no chão, devia ladrar como um cão por espaço de um quarto de hora.

COMO SE SÁE EM TERRA NO CEARÁ.

Nas praias arenosas do Ceará a forte resaca do mar não permitte que os barcos, canoas ou escaleres abiquem em terra, sem o risco de se fazerem pedaços. Á falta de pontes solidamente construidas, e na impossibilidade de as levantar em alguns pontos, imaginou-se um meio de effectuar com segurança o desembarque das pessoas, que frequentam aquellas paragens. Não honra elle muito de certo a humanidade de quem o achou; consiste n'um estrado com quatro braços, sobre o qual está pregada solidamente uma especie de cadeira; quatro negros a levantam aos hombros, e entrando na agua com passo firme, seguem até o logar em que paira o escaler, d'onde devem receber o passageiro. Raras vezes succede haver algum desastre; e geralmente o viajante salta em terra são e escorreito, posto que quasi sempre, como era de suppor, encharcado. A este singular vehiculo aquatico chamam no Ceará *paviola*. Não é elle porém exclusivo do imperio do Brazil; na nossa Africa occidental a resaca, que ali tem o nome de *calêma*, torna-o muitas vezes indispensavel. A este proposito veja-se o que escreveu o sr. F. M. Bordalo, no volume XI d'este semanario, paginas 223.

A estampa dá uma perfeita idéa da construcção da *paviola* do Ceará, ou *estrado*, como lhe chamam nas nossas possessões africanas.

O HYPOCRITA.

O hypocrita é santo pintado; tem as mãos postas, mas não ora; o livro na mão, mas não lê; os olhos no chão, mas não se desestima. É hypocrita o mercador que dá esmola em publico, e leva usuras em occulto; é hypocrita a viuva, que sae mui sisuda no gesto e habito, e dentro em casa vive como ella quer; é hypocrita o sacerdote, que sendo pontual e miudo nos ritos e cerimonias, é devasso nos costumes; é hypocrita o julgador, que onde falta a esperança do interesse, é rigido observador do direito; é hypocrita o prelado, que diz que faz o seu officio por zêlo da honra e gloria de Deus, não sendo senão pela honra e gloria propria; hypocrita é o que não emenda em si o que reprehende nos outros; o que cala como humilde, não calando senão como ignorante; o que dá como liberal, não dando senão como avarento solicitador das suas pretenções; o que jejua como abstinente, não se abstendo senão como miseravel.

P. BERNARDES, NOVA FLORESTA.

HESPANHA — CASTEL-FOLLIT.

A sete leguas, pouco mais ou menos, ao sudoeste de Campredon, sobre o Fluvia, na provincia da Catalunha, avistam-se em um cabeço abrupto, e apparentemente inaccessivel, as ruinas da povoação de Castel-Follit. É mui pittoresca a fórma das rochas que constituem a elevação em que está assente aquelle triste monumento das desgraçadas discordias civis que ensanguentaram o reino visinho ha poucos annos. Dão uma idéa aquellas rochas dos tubos de orgão da caverna de Staffa, na ilha do mesmo nome, que é uma das Hebrides, ou ilhas occidentaes da Escocia, de que se deu noticia no volume primeiro da primeira serie d'este semanario, pagina 143.

A região adjacente é um terreno totalmente vulcanisado, e os geologos o consideram como a principal séde dos phenomenos vulcanicos que contribuiram para a formação da cordilheira dos Pyrenéos.

É difficil averiguar a origem do nome d'esta povoação catalã; ha diversas opiniões; sendo a mais verosimil a que o deriva de *Castellum fultum*, castello fortificado. E de feito a posição de Castel-Follit era a mais propria para n'ella se construirem d'essas pequenas torres ou atalaias de que n'outras eras estava coberta toda a peninsula.

Apesar porém do selvatico e grandioso aspecto d'aquelle paiz, Castel-Follit não seria conhecida nem nomeada fóra da provincia a que pertence se não foram essas desastradas contestações a que acima nos referimos.

Na campanha dos carlistas contra os constituicio-

naes em 1832, os habitantes de Castel-Follit, a exemplo dos de Seio de Urgel e de Balaguer, seguiram o partido de D. Carlos. No fim do mez de outubro seguinte o famoso chefe constitucional Mina, assenhoreando-se da povoação, mandou-a incendiar, e demolir até os alicerces o castello que ali havia.

O proprio Mina refere este successo n'um boletim concebido n'estes termos:

«A villa é um deserto. As casas, o castello não existem; e para lembrar ás outras povoações o fim tragico que devem esperar a suas loucas tentativas, se, dando ouvidos a perfidas suggestões, ousarem tomar armas, e reunir-se aos inimigos do bem publico, na mais visivel parte de uma das muralhas que ficou de pé, mandei pôr esta inscripção: *Aqui foi Castel-Follit: aprendei, ó cidades da Hespanha, n'este exemplo, a não auxiliar os inimigos da patria.*

IGNOTO DEO.

TRADIÇÃO PORTUGUEZA.

I.

A CÔRTE DE AFFONSO V.

São passados quatro seculos sobre os successos que vamos narrar. Os corações que então palpitavam de amor, de ambição ou de orgulho esfriaram ha muito, e dos soffrimentos, das dôres, das agonias d'esses homens ninguem já cura hoje. Os principaes personagens d'este mysterioso drama, devem á elevada posição que o destino lhes assignou na escala social, a vantagem de seus nomes haverem chegado até nós, em citações passageiras de alguns chronistas; se tivessem nascido na humilde condição do romancista, que tenta agora applicar o galvanismo a seus mirrados cadaveres, fôra impossivel salval-os da podridão do olvido. Só Deus, porém, teria força para resuscitar o homem, animado do fogo das paixões que o dominaram; ao escriptor, que em breve será pó, como os seus heroes, apenas resta o poder de lhes emprestar uma vida ficticia, pondo em movimento as sombras dos que repousam na eternidade.

O sol de um formoso dia de agosto de 1447, inundava de calor e luz o palacio da Alcaçova, no castello de Lisboa, aonde se festejavam duas bodas reaes, e dava de chapa sobre o povo, que se apinhava no terreiro contiguo, para fruir o seu quinhão de prazer n'aquelle folguedo.

E não era a arraya miuda quem menos gosava. Não podia, é certo, subir a grande escadaria do atrio, e invadir as ricas salas do palacio, cuja entrada guardavam cuidadosamente os archeiros; mas contentava-se em admirar os lindos pannos de Flandres, os tapetes e colchas de razos e de brocado, que pendiam das janellas; as figuras tecidas, bordadas em vulto, que forravam a varanda do andar nobre, onde eram os aposentos d'el-rei; e as lhamas de ouro e prata, que guarneciam o pavimento superior, em cujas salas houvera sarau na vespera. O povo extasiava-se perante todo aquelle luzimento, que era fructo do seu suor, apanhava as flores que damas desdenhosas deixavam caír da mão, quando assomavam aos balrões, embriagava-se com os sons discordes das charamelas, adufes, trombetas e outros instrumentos em guerra com a harmonia, e para mostrar o seu contentamento, e alliar-se mais estreitamente á festa real, soltava enthusiasticos vivas ao rei, ao regente, e aos noivos, e formava dansas, acompanhadas de gaitas e paudeiros, cantava, berrava e tripudiava em vertiginoso delirio.

Lá dentro a alegria era menos ruidosa, e, ainda assim, menos sincera. Por entre as flores da festa nupcial, escondiam-se, como as viboras, odios rancorosos, projectos de vingança, pequenas invejas de grandes, que em menos de dous annos íam rebentar com estrondo, cobrir de sangue o paiz, povoar as terras do exilio, e diminuir o apoucado numero dos homens probos, leaes e desinteressados do paiz. Entrae. Não vêdes o ar triste com que se recosta no espaldar d'essa cadeira de veludo cramesim, um homem ainda robusto pela idade, mas já quebrado pelo desgosto, e como que presagiando desgraça maior? E junto a elle, de pé, e encostado á espada, sua unica esperança, não observaes esse outro cavalleiro, cujos olhos faíscam chammas de colera, e que parece abafado pelas telas do paço, como quem só nos campos de batalha costuma respirar livre? É o infante D. Pedro, duque de Coimbra, e regente do reino durante a menoridade de Affonso V, e o seu fiel amigo D. Alvaro Vaz de Almada, conde de Avranches, e alcaide-mór de Lisboa; ambos esforçados batalhadores, ambos conhecidos por suas viagens em toda a Europa, e, d'ahi a pouco, ambos martyres no sitio da Alfarrobeira! Perto d'elles, apenas se vêem tres mancebos passeiando, D. Jayme, D. João e D. Pedro, dignos filhos do regente, que obtiveram em tenra idade, mais por suas virtudes do que pelo berço em que nasceram, um o chapeu cardinalicio, outro a regencia do reino de Chypre, outro o estoque de condestavel, o mestrado de Aviz, e depois a corôa de Aragão, dando todos claras provas de prudencia, de saber e de valor. O resto da côrte afastava-se do infante, que estava para largar a regencia, como o povo fugiria do contacto de um leproso ou de um judeu. As dissenções politicas dos nossos partidos de hoje, não dão a medida d'estes implacaveis odios de familia, que se apoiavam em diversas parcialidades de nobres e prelados, e ás vezes no auxilio do estrangeiro, sem que o povo tomasse parte na contenda. Posto que não tenhâmos intenção de desenvolver a ampla intriga d'essa epocha fatal da nossa historia, é comtudo necessario apresentar ao leitor os principaes vultos da côrte de Affonso V, onde tem de se passar algumas das scenas d'esta legenda; e por isso o convidâmos a deixar a camara aonde pousa o sabio regente e seus melhores amigos, para contemplar os outros grupos, que formam os altos relevos d'esse quadro, repugnante em parte, posto que moldurado em ouro e pedraria.

O centro da conspiração contra o regente ahi está na varanda dos aposentos reaes, representado nas pessoas do duque de Bragança, bastardo de D. João I, do conde de Ourem, seu filho, do arcebispo de Lisboa, e de alguns outros fidalgos de menos nomeada. Todos haviam sido partidarios da regencia de D. Leonor, viuva de D. Duarte, a favor da qual saíram a campo, porém vencidos pelo infante D. Pedro, não bastou um generoso perdão para lhes desarmar o odio injusto contra o vencedor. Contando insinuar-se no animo do novo rei, apenas entrado na adolescencia, os conjurados saboreavam de antemão o prazer de uma vingança ignobil sobre o homem mais honrado e talentoso de toda a Hespanha.

Na sala do docel estava a parte neutral da côrte, rodeando os principes de Portugal, todos ainda jo-

vens, exceptuado sómente o veneravel infante D. Henrique, digno irmão do duque de Coimbra, do infante santo, que morrêra poucos annos antes nas prizões de Fez, do fallecido rei D. Duarte, do tambem finado condestavel D. João, e da preclara duqueza de Borgonha, D. Isabel.

Nenhum rei da christandade teve mais heroica prole do que D. João, o mestre de Aviz. Cavalleiros como seu pae, instruidos como nenhum outro principe europeu, os filhos legitimos do soberano popular viveram para a gloria do seu paiz, e morreram por ella.

Dissemos que na sala do docel estavam os moços principes de Portugal: eram elles el-rei D. Affonso V, que contava apenas quinze annos de idade, mas em cujo rosto, ainda imberbe, transparecia a magestade real e aquella vontade immutavel, que mais tarde lhe foi fatal; D. Isabel, sua prima e desposada, da mesma idade que el-rei, e filha do infante regente; suas irmãs, D. Leonor, D. Catharina e D. Joanna, ainda meninas; seu irmão D. Fernando, cujo consorcio com D. Brites, ou Beatriz, filha do infante D. João, se celebrava n'esse dia; e D. Isabel, tambem filha do infante (morto havia cinco annos), que, á mesma hora do consorcio de sua irmã mais nova, desposava por procuração a el-rei D. João II de Castella, representado em Lisboa pelo seu embaixador D. Garcia Sanches de Valladolid.

É notavel que estas duas irmãs, casadas no mesmo dia, deram o ser aos dous grandes monarchas, cujos nomes estão vinculados á descoberta das Indias orientaes e occidentaes. Do consorcio de D. Isabel com D. João de Castella nasceu a rainha Isabel a Catholica, e a união de D. Brites com D. Fernando deu a Portugal o rei D. Manuel.

Festejava-se nos paços da Alcaçova esta dupla boda, como mencionamos, e uma pleiade de fidalgos moços, e de formosas donas e donzellas cercavam as desposadas, e alongavam os olhos até ao throno, onde brevemente se ía collocar outra cadeira para a nova e infeliz rainha, e d'onde mais tarde tinha de descer a primeira chuva de titulos de nobreza sobre Portugal, chuva que foi engrossando de então para cá, até se tornar uma torrente em nossos dias.

Ahi estavam em embrião os primeiros condes de Abrantes, de Olivença, de Arganil (bispo de Coimbra), da Feira, de Cantanhede, da Atalaia, de Penela, de Valença, de Loulé, de Penamacor, de Caminha, de Faro, de Monsanto, de Marialva, de Mira, de Villa Real, de Atouguia, o primeiro visconde que houve em Portugal (de villa nova da Cerveira), o primeiro barão (de Alvito), o primeiro marquez (de Valença), os marquezes de Villa Real, Monte-mór, e Villa Viçosa, o duque de Guimarães, primogenito de Bragança; e ao lado de D. Diogo da Silva, que tambem depois foi conde de Portalegre, notava-se um mancebo, que então passava por ser modêlo dos mais gentís cortezãos, e o mais avisado de todos os fidalgos do seu tempo. Ao braço de João de Menezes da Silva (era este o nome do mancebo) encostava-se uma linda senhora de vinte e tres annos de idade, que era tida pela mais formosa mulher de toda a Hespanha (dizem as memorias da epocha); chamava-se ella D. Beatriz da Silva, irmã, como João de Menezes, do futuro conde de Portalegre; porém a estes dous reservava-lhes o céu outra corôa mais fulgente que as da nobreza, outros titulos que a realeza não póde dar.

Aos curiosos de genealogias, diremos, fundados no testemunho de Duarte Nunes de Leão e de outros não menos conspicuos escriptores, que estes tres irmãos haviam nascido do consorcio de Ayres Gomes da Silva, alcaide-mór de Campo-maior e Ouguella, com D. Isabel de Menezes, filha do conde D. Pedro de Menezes, primeiro capitão de Ceuta. Agora, aos que apreciam mais as perfeições do corpo e da alma, do que a extirpe e os titulos de cada um, vamos offerecer os retratos d'estes dous irmãos no sangue e na desgraça, que acabaram por buscar a consolação aonde só póde encontrar-se, no seio immenso de Deus.

Todos os chronistas são conformes em celebrar a peregrina belleza da filha de Ayres da Silva, e as mil graças com que a natureza a dotára: nem a estatuaria nem a pintura reproduziram nunca uma santa nem sonharam uma deusa, que possuisse o todo harmonioso d'esta encantadora donzella. D. Beatriz era mais alta do que baixa, em relação ao commum das estaturas meridionaes; alva como poucas hespanholas, e airosa como nenhuma outra mulher; a garça real invejar-lhe-ía o colo, um annel lhe serviria de cinto, e uma creança não calçaria os seus pantufos dourados. Beijar-lhe a mão causava vertigens. De uma côr indefinida, uma das mil variantes do castanho, os olhos pareciam mais ou menos claros, conforme a disposição da luz a que eram observados; mas sempre maviosos, posto que não amortecidos, agradavam igualmente ao fanatico pelos olhos pretos, ao sectario dos azues, ao proselito dos verdes, ao admirador dos pardos, a todos emfim, porque aquelles olhos magicos tinham o condão de combinar todos os gostos, pareciam creados para fundir em uma só todas as seitas do bello, como esses genios cuja palavra eloquente arrastra apoz si as turbas, reunindo n'um pensamento commum as opiniões disparatadas dos corrilhos. Os cabellos e pestanas sedosas, as sobrancelhas ramudas, tinham a mesma côr cambiante dos olhos; o nariz parecia talhado expressamente para não perturbar a harmonia do rosto; e a bôca, ciosa dos lindos dentes, occultava o seu esmalte por dous beiços côr de romã. Uma pallidez graciosa lhe velava de continuo o roseo assetinado das faces, e mesmo sob o mais amavel sorriso se conhecia que a linda dama guardava cuidadosamente um segredo, talvez um mysterio de amor. Galanteios dos mais formosos mancebos, propostas de casamento dos mais nobres senhores, tudo engeitára Beatriz, e parecia disposta a recusar mesmo uma corôa real. Seria, como nenhuma outra donzella da côrte, mas não desdenhosa, já fôra innocente origem de varios duellos entre alguns dos fidalgos que a requestavam, e a essa causa attribuiam muitos a sua habitual tristeza; porém, se assim era, porque não remediava o mal, preferindo um dos seus adoradores?...

João de Menezes da Silva era, n'essa epocha, o antipoda de sua irmã a respeito de alegria. Quasi da mesma idade que Beatriz, cortejado pelas mais bellas donas da côrte, fazendo palpitar mais de um coração virginal, o esbelto e valente mancebo ainda não sentíra o que é o amor; adivinhava-o, comtudo, e as suas idéas romanescas faziam-lhe presentir um futuro de desgraças para quando chegasse o dia de se abandonar á paixão de uma mulher digna d'elle. Em quanto porém não soava essa hora, D. João passava o tempo em saraus, em galanteios, e ás vezes em alguma briga com os irmãos, noivos ou maridos das suas damas; ninguem melhor do que elle dansava a *alta* e a *baixa*, o baile *mourisco* e o *vilão*, que até nas salas do paço se executavam, nem dizia mais finos conceitos ao ouvido das esquivas (que nunca o eram para D. João); da mesma forma ninguem so-

peava melhor um cavallo, nem monteava mais desembaraçadamente o javalí. Os homens tinham-lhe inveja, as damas morriam por elle.

Estes dous irmãos, cuja mutua amizade todos exaltavam, íam agora separar-se. D. Beatriz, acompanhava a Castella a nova rainha D. Isabel, como sua dona de honor, e João de Menezes ficava em Lisboa, com projectos de ir *metter lança em Africa* logo que houvesse outra expedição aos Algarves de além-mar, o que se esperava para breve.

O dia do casamento era tambem o da partida para a princeza D. Isabel, e poucas horas restavam já agora áquelle carinhoso amor fraternal dos filhos de Ayres da Silva... depois só teriam a saudade da ausencia, até ao tumulo.

Chegou emfim a noite, e tratou-se do embarque da rainha, que ía atravessar o rio em um bergantim real, para seguir por Alemtejo até Tordezilhas, aonde estava a côrte de Castella. O prestito poz-se em movimento dos paços da Alcaçova para o caes da Ribeira, precedido dos arautos, reis d'armas e passavantes, e de cem alabardeiros, que abriam caminho por entre o povo apinhado nas ruas do transito, e ao estrondo de mil fogos d'artificio. Seguiam-se os senhores da côrte em duas alas, com tochas accesas, depois o rei, o regente, os infantes, as princezas e o embaixador de Castella, todos a pé, e silenciosos, e por ultimo D. Guiomar de Castro, condessa d'Atouguia, que ía acompanhar a princeza até á fronteira de Hespanha, e as donas de honor que a seguiam a Castella. Alguns alabardeiros e immenso povo precipitavam-se atraz da real comitiva, como uma torrente despenhada dos alturas do castello sobre as ribas do Tejo.

Em quanto sobre a ponte de madeira, armada á pressa para o embarque de D. Isabel, se despedia a joven princeza de seus reaes parentes, com as lagrimas que uma tal separação pedia, estreitavam-se em um ultimo adeus, no terreiro contiguo, (onde el-rei D. Manuel levantou depois novos paços) os irmãos do conde de Portalegre.

—Eu, que sou homem, choro, Beatriz; e tu, mimosa donzella, não tens uma lagrima para dar a este momento de angustia?

—Oh! tu não adivinhas a força que tem a alma de uma mulher! Não choro, não, e sinto-me morrer n'esta hora!

—Adeus, irmã.

—Adeus, meu João... adeus!

—Espera!... Um beijo por despedida...

—Um beijo? Sim... um beijo ardente!...

Beatriz lançou os braços á roda do pescoço de seu irmão; mas logo recuando, mais pallida do que nunca, e tremula e convulsa, exclamou:

—Oh! não... não... não!...

E precipitou-se para a ponte, desapparecendo immediatamente entre as pessoas do sequito real.

—Meu Deus! que terá ella?—murmurou João de Menezes, pregado no mesmo logar, como por uma força superior—sempre acreditei que um amor occulto causava aquella tristeza de Beatriz, e agora mais certo estou que esconde um segredo mortal... Porém fugir de mim?... Que tenho eu com os seus amores! Devem de ser honestos, como convem á filha de nossos paes, ao sangue de Menezes e de Silvas.

O mancebo fugia de um pensamento que, a seu pezar, lhe apparecia confuso, mas horrivel! Só o arrancou d'esta melancolica abstracção o som da artilharia, salvando ao largar da ponte o bergantim real, que tambem conduzia Beatriz. Correu para o rio, a dizer adeus, ainda uma vez, áquella irmã querida, porém os vivas do povo e o estrondo dos tiros cobriam-lhe a voz; nem o bergantim já pôde ver, que se sumia entre nuvens de fumo; e quando, por ultima recordação, contemplava a esteira que apoz si deixára o barco, vieram ondas invejosas desfazer-lhe a illusão, e o Tejo ficou tranquillo, como se não acabasse de separar para sempre dous entes que se adoravam.

(Continúa).

F. M. Bordalo.

LITTERATURA ALLEMÃ.

TIECK.

Ouve na regeneração da litteratura allemã tres epochas distinctas de que tres homens representam o caracter e as tendencias. A primeira é uma epocha de crítica, de esforços generosos, de tentativas de creação; Lessing é o seu guia, o seu apostolo. A segunda começa pelos fins do seculo ultimo; a crítica sabia de Lessing tinha produzido sazonados fructos; a Allemanha em pouco espaço de tempo tinha dado um grande passo. A arte apresenta-se em toda a sua pureza e sublime elevação. Goethe é o monarca d'esta litteratura nacional, que havia tardado tanto tempo a nascer, mas que de repente brilha com tanto fulgor. A seu lado Schiller, o nobre poeta, escreve no ardor da exaltação esses dramas em que a natureza do homem se idealisa, esses bellos dramas aonde as graças das formas antigas se casam com tanta harmonia com o romanticismo dos tempos modernos. Alguns annos depois apparece outro poeta, que respeitando com veneração a gloria de Goethe e de Schiller, tenta caminhar por uma senda diversa da que haviam seguido esses dous poetas distinctos, e procura dar ao genio romantico da sua nação maior impulso do que até então havia recebido. Com elle caminhavam de mãos dadas Frederico e Guilherme Schlegel, dous homens de sciencia e de gosto, que suscitaram tantas idéas novas; e Frederico de Hardenberg, mais conhecido pelo nome de Novalis, pobre poeta, a quem a morte não deu tempo para acabar uma producção admiravel.

Estes quatro grandes escriptores, estes quatro irmãos em poesia, romperam os diques em que o genio austero de Goethe havia reprezado o romanticismo, e franquearam-lhe larga carreira. Para sustentarem as suas theorias recorreram aos passados seculos. Traduziram Shakspeare, e louvaram Calderon; a India patenteou-lhes os occultos thesouros de seus mythos, e a idade media encantou-os pelo sentimento íntimo, singeleza e candura de suas composições.

Então, a Allemanha, que ainda hoje em dia celebra religiosamente o anniversario da reforma, ficou estupefacta ao ver apparecer esses escriptos onde só se engrandecia a arte catholica, essas poesias que se diriam todas inspiradas pelos antigos Minnelieder, ou filhas da contemplação dos quadros de igreja allemães e italianos, remontando de Hemmling e Wohlgemuth até Perugino e Giotto. As *Horas*, jornal fundado por Schiller, a *Gazeta universal de Litteratura*, o *Atheneu*, a *Crítica* e o *Museu allemão*, foram seguidamente os orgãos principaes d'esta nova associação; e em quanto que os dous irmãos Schlegel publicavam n'estes jornaes as suas críticas e aprecia-

ções sobre as obras de Goethe, Schiller e Lessing, Tieck trabalhava em popularisar, por meio das suas poesias, as mesmas idéas que a crítica desenvolvia em theoria.

Para bem comprehender Tieck e a dupla influencia que elle exerceu sobre a litteratura allemã, é necessario distinguir n'elle dous homens: o poeta, e o romancista. O poeta é um joven ingenuo, credulo, caprichoso, cuja imaginação fertil se exparze, ora atravez das phantasias de Ariosto, ora nas lendas piedosas dos mosteiros da meia idade. Vive no meio da natureza como no meio de um mundo encantado. Com a sua vara magica na mão toca tudo o que encontra, e anima tudo quanto toca.

Ha para elle no balancear das arvores, no murmurar do arroio, nos suspiros do zephiro, uma linguagem mysteriosa que só elle comprehende. Não receieis que elle uma só vez se isole, porque apenas transpõe o limiar da sua pacifica morada, assim que pisa a orla do prado ou o declive da montanha, tudo em torno d'elle entoa um concerto de vozes aereas, risonhas ou gemedouras, segundo que a sua alma está propensa á alegria ou á tristeza.

Para elle, assim como para o seu amigo Novalis, todos os seres vivos ou inanimados se prendem ao homem por um laço imperceptivel; os ramos das arvores curvam-se sobre a sua cabeça para o acompanharem na dôr; as flores o contemplam sorrindo, as mesmas pedras se enternecem com as suas lagrimas. O homem é o typo mais perfeito da creação, e a natureza é a sua irmã, a sua amante favorita.

Tal é Tieck o poeta, o auctor de Genoveva e de Fortunatus, sempre disposto a cantar, sempre accessivel ao enthusiasmo, ingenuo como uma donzella, feliz como uma creança, feliz sobre tudo por poder esquecer-se largas horas no seio de seus sonhos favoritos, e correr livre aonde o chama a sua phantasia, hoje aos romances de Hespanha, amanhã ás balladas do norte.

Depois do poeta vem o romancista, que é um homem bem diverso; tem o scepticismo no olhar, e a ironia nos labios. Vae-se pelo mundo, não para cantar os seus sonetos religiosos, ou os seus hymnos de amor, mas para observar de mais perto os vicios dos homens e os seus ridiculos. Todos os seus quadros da vida íntima são tão verdadeiros como os de Fielding, e recheados de satyras *humoristicas*, no genero de Swift. Desgraçada da figura pedantesca do conselheiro de estado que se lhe apresenta cerimonioso! desgraçadas das tolas pretenções de dinheiro ou de nobreza, das vaidades de *parvenu*, que elle depare no seu caminho! Não se cansa em lançar contra elles a invectiva ou o anathema, mas cobre-os de tal sarcasmo, de um ridiculo tão acerbo, que as infelizes victimas antes quereriam mil vezes pagar um avultado resgate, do que verem-se por tal modo daguerreotypadas e expostas á irrisão publica. Ha, nos dous generos de obras de Tieck, nos seus dramas e nas suas novellas, uma tamanha differença de indole que se não póde facilmente explicar. Tieck deve ser considerado como um homem sujeito constantemente a duas influencias oppostas, conservando sempre para cada uma d'ellas um orgão distincto, uma faculdade diversa. Todo o sentimento de amor, toda a idéa verdadeira fazem-o poeta; as paixões más e os ridiculos tornam-o romancista. Mas, na palheta em que mistura as côres risonhas e graciosas, com que tão bem sabe colorir e infeitar seus bellos sonhos, e seus palacios phantasticos, não estende nunca as côres sombrias e taciturnas com que costuma offuscar o gabinete do homem de côrte, ou o salão da dama de alta gerarchia.

Tieck traduz as suas crenças piedosas em formosas imagens illuminadas, ornadas de arabescos e grinaldes de flores, taes como se vêem nos livros antigos; e, das torpezas e miserias que observa, faz essas figuras grotescas, á maneira de Hogarth e Teniers. Assim, a ironia que transluz nas suas novellas, provém mais de um sentimento secreto que elle occulta, e que, quanto ao fundo, é bem diverso do que parece sêl-o. Não é a ironia de qualquer espirito superficial, que não busca mais do que divertir-se com um sarcasmo, e rir-se de um ridiculo; é a ironia de uma alma triste, abalada na sua crença, que se consola na dor com uma exclamação de riso em vez de se consolar com lagrimas; é a ironia do homem que não consente que os indifferentes observem e devassem os desgostos que o pungem, e que vae pelo mundo trajando de gala; mas, se o vento consegue erguer a ponta do vestido, descortina-se logo por baixo o crepe, e a chaga que sangra ainda.

A vida de Tieck não offerece nenhum d'esses acontecimentos extraordinarios, que quasi sempre assignalam a sorte dos grandes poetas. Foi uma vida desde muito cedo consagrada inteiramente ao estudo, e ao culto da arte, e apenas amenisada por algumas viagens.

(Continúa.)

G. C.

COMMERCIO DE FRUCTAS EXOTICAS EM LONDRES.

O commercio das fructas é importantissimo na famosa capital da Grã-Bretanha. O dos ananazes começou ha doze annos, e já ali se importam cêrca de 200:000 em cada anno. Os melões e outras fructas vão-lhe de Portugal e de Hespanha; mas o ramo mais interessante é sem duvida as laranjas e limões; d'aquella deliciosa fructa importa Londres mais de 60 milhões cada anno; afóra 15 milhões de limões e cidras. No seu transporte empregam-se 240 navios. Deve aqui notar-se que a maxima parte das laranjas e limões que se consomem em Inglaterra vão de Portugal e das ilhas dos Açôres.

OS CADOZETES.

Os cadozetes ou cobitis são uns pequenos peixes que se criam em quasi todos os rios da Europa, e Pallas póde encontral-os tambem na Siberia. Pertencem os cadozetes ou cobitis, que Linneo denomina *Cobitis*, e os francezes chamam *Loches*, á classe dos *abdominaes* segundo Cuvier no seu *Quadro elementar da historia natural dos animaes*. Distinguem-se differentes especies de cadozetes, que vem mencionadas no referido *Quadro*. (1) A primeira *(cobitis)* tem o

(1) Ha uma excellente traducção d'esta obra, por Antonio de Almeida, impressa em Londres 1815, 2 v. 8.°

corpo alongado, quasi todo igual, mucoso, e com escamas mui pouco visiveis; a cabeça pequena; os olhos no alto d'esta; quatro a seis raios na membrana dos ouvidos; os operculos de uma só peça, fechados inferiormente; e uma barbatana dorsal.

A segunda *(cobitis barbatula)* tem seis barbilhões; a cabeça comprimida, e sem espinhos; o corpo medirá tres a quatro pollegadas de comprimento.

A terceira *(cobitis tænia)* tem seis barbilhões tambem, um espinho debaixo do olho, o corpo malhado, prefere viver debaixo das pedras do fundo e margens dos rios.

A quarta *(cobitis fossilis)* tem outo barbilhões; e um espinho debaixo do olho; é a especie maior, porque chega a medir doze a quatorze pollegadas em comprimento.

São estes peixes mui vorazes, tendo por principal alimentação os vermes e insectos aquaticos. A sua carne é, em geral, saborosa, e de facil digestão, posto que um pouco gordurenta.

A nossa gravura representa um individuo da especie *cobitis tænia*, que é a que os francezes chamam *loche de rivière*; na já citada obra puzeram-lhe a denominação portugueza de *cadozete espinhoso dos rios*.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO-VERDE.

A lua do mel.—A polygamia.—A gravidez, e Valerio.—Mr. Pimping, e Kadé.—Bolama, e um documento furtado pelos inglezes.—O cynismo d'um methodista.—Consequencias de uma seducção.—O primeiro elo da cadeia dos crimes.

Passaram-se algumas semanas, e Ondotó appareceu no fim d'ellas com a segunda caçada, constante de diversos animaes dos bosques para as menageries de sua magestade britannica, que, conforme o ajuste, deviam ser entregues a mr. Pimping, que se esqueceu de lhe pagar. Valerio estava presente, e com o filho da *Great Britain* espraiou-se em exagerados elogios á habilidade, valor e destreza do caçador, e á belleza, e boa qualidade da caça, que consistia n'um porco-espinho, um casal de tigres, e outro de onças etc., e pediram a Ondotó que contasse o modo como realisou esta caçada, o que elle fez com a volubilidade e energia de phrase proprias da sua nação.

Então Valerio passou habilmente a tratar dos perigos que correm os commissarios da escravatura, o que exige que n'aquelle serviço sómente se empreguem os homens valorosos, affeitos aos trabalhos, e ferteis em recursos, e que o torna por isso digno de só por guerreiros ser exercido; mas tendo o cuidado de nunca se dirigir directamente a Ondotó para não parecer que o convidava a isso. Depois passou a enumerar as vantagens que tiram estes commissarios de suas excursões, a influencia de que gosam e as riquezas que amontoam; dizendo isto, ía negligentemente desdobrando algumas peças de lindos tecidos de côres, que estavam amontoadas sobre a meza de jantar, manuseava alguns collares de coral, de missanga e avelorios, que tambem por ali estavam em pequenos pacotes; mas como quem obrava sem reflexão, e só porque não podia estar quieto em quanto fallava, e machinalmente pegava e largava os objectos que tinha diante de si. Era como um dialogo entre Valerio e Pimping, a que este respondia, sem que nenhum d'elles parecesse que reparava n'aquelle que os estava ouvindo.

Serviu-se o almoço, que Ondotó foi convidado a partilhar, o que acceitou; e no qual não faltaram as garrafas de Champanhe e Bordeus, que os dous amigos repartiram entre si, offerecendo um copo a Ondotó que ao principio recusou. Mas as instancias foram tantas que acceitou um copo de Champanhe, depois um de Bordeus, outro de Madeira, e por fim d'estufa: este agradou muito a Ondotó.

Algumas fructas seccas, servidas a proposito, chamaram novas libações: e quando Ondotó já estava bastante perturbado, fizeram apparecer Kadé, que veiu com aguardente, misturada com agua salgada e agua raz, como se vende ordinariamente aos pretos; e das mãos d'ella beben Ondotó o toxico que lhe ía roubar não a vida, mas o que é mil vezes mais precioso, a honra e a innocencia.

Os dous propuzeram-lhe então, mesmo diante de Kadé, que de proposito se conservou defronte de Ondotó cobrindo-o com olhares ardentes, uma parte na especulação de um proximo carregamento d'escravos que Pimping ía fazer com a bandeira dos Estados Unidos, encarecendo-lhe as vantagens que podia obter, associando-se-lhes.

Ondotó resistia. O amor de Kiangi, o estado em que ella se achava em vesperas de ser mãe, o horror que tinha a estas caçadas de seres humanos, que só pela traição podiam realisar-se com facilidade; ou que era necessario emprehender empregando a violencia, arrojando-se a emprezas perigosas e crueis, que só pelo ferro e o fogo se podiam effeituar, deixando por vestigios torrentes de sangue, e montões de cinzas quentes, eram as razões que balbuciava para se oppor á especulação proposta. Balbuciava estas razões, porque estava pouco seguro da cabeça? porque os olhos e a semi-nudez de Kadé o tinham começado a magnetisar? ou porque o demonio da cubiça lhe ía soprando o appetite de possuir cousas tão bonitas como as que tinha diante dos olhos, entre as quaes brilhavam alguns montinhos de patacas, e de moedas de 10 réis, que pareciam acabadas de cunhar, tanto era o que luziam? quem sabe?! O coração do homem é um abysmo insondavel.

Quando o viu já titubeando na sua resolução, Valerio fez signal a Pimping para não insistir mais: este lembrou-se então de que negocios urgentes o chamavam á praça a fallar com o governador; e saiu, pedindo a Valerio e Ondotó que não se incommodassem, pois demorava-se pouco: Valerio, assim que Pimping saíu, fingiu tambem algum negocio que o obrigava a retirar-se, e desappareceu; quanto a Ondotó, esse não tinha já inteira consciencia do que fazia, nem d'onde estava, e ficou só com Kadé, que se conservava sempre defronte d'elle com as mãos debaixo dos braços; como o gato que espreita o rato para se lhe lançar em cima e devoral-o.

Assim que se viu só com o papel Kadé chegou-se a elle, mas este repelliu-a; comtudo ella taes traças empregou que o infeliz foi vencido quasi sem luctar, e ardendo n'uma labareda criminosa, esqueceu-se da esposa que amava, da qualidade da mulher a quem sacrificava seu amor tão casto, do logar onde estava, e não viu o grosseiro laço que lhe armaram, e em que caía....

Ondotó foi criminoso diante de Deus, e diante dos homens, porque não está no poder d'estes alterar por leis facticias o sacrosanto principio da moral estabelecido por as leis eternas—enganam-se grosseiramente os que o pensam! a voz incorruptivel da consciencia, e a anarchia traduzida em factos não deixam de vingar a verdade, e castigar o sacrilegio. A lei papel não condemna o crime que commetteu, porém a lei familiar, n'isso mais de accôrdo com a eterna mo-

ral, punc-o, distinguindo o acto e o logar em que se faz, pela mancha á casa e offensa ao dono d'ella: distincção que só se póde explicar pela razão acima dita.

O desgraçado julgou-se feliz saborcando venenosos deleites, e comtudo bem pouco tempo lhe durou a illusão. A forte commoção que sentiu restituíra já, ao menos em parte, a lucidez a seu espirito; e apenas se deu conta do que tinha passado, que os remorsos e a vergonha lhe atenazaram o coração, e comtudo ainda não suspeitava sequer o perigo que lhe ía caír! Já repellia de si com desprezo a miseravel que o seduzíra, quando Pimping entrou na sala acompanhado de alguns grumetes, e deu um grito como se o horrorisára o que via, e que lhe denunciava o crime que se acabára de commetter.

Affigure-se a confusão de Ondotó ao ver entrar toda aquella gente, e olhando para si, e para a sua cumplice! Ainda que se condemnava a si mesmo, ainda que já desprezava Kadé, não se esqueceu do perigo que ella corria; olhando para ella, e vendo-a ao parecer cheia de vergonha, e mesmo de terror pelo castigo em que tinha incorrido, não se atreveu a lembrar-se de si com quanto soubesse que, pelas leis tradicionaes da familia papel, estava desde este momento escravo de Pimping, que podia como tal dispor d'elle, ou impor-lhe as mais duras condições pelo seu resgate; e só viu que a balanta era uma victima destinada ao cruel supplicio do *passapau*, e devia depois ser ignominiosamente expulsa d'aquella casa. Ondotó deixou-se caír sobre uma cadeira atormentado pela idéa de que elle era o algoz d'aquella pobre mulher.

Pimping corre para elle cheio de colera, e diz-lhe: Levanta-te, escravo, e vae buscar o chicote. Quero que de tuas mãos receba essa desgraçada as primicias do castigo que merece: e como Ondotó, entregue todo a seus dolorosos remorsos, opprimido pelas mais negras idéas, não ouvia, nem dava accôrdo de si, o brutal inglez chegou-se a elle, e deu-lhe com a ponta do pé em signal de desprezo, repetindo aquellas terriveis palavras, que então calaram até ao coração do infeliz como um frio e acicalado punhal. Ondotó saltou como uma onça, deu um rugido como o do tigre no meio da noute, lançou-se de um pulo sobre Pimping, e apertou-o entre seus nervosos braços para o estrangular.

Os grumetes correram todos sobre Ondotó, de cujas mãos arrancaram o inglez semi-morto de medo e raiva, e amarraram-no fortemente; pondo-o defronte de Pimping, que se sentou na sua cadeira á voltaire, como póde sentar-se um juiz no seu tribunal para julgar o réu que tem diante de si. Vendo Ondotó bem seguro, e que já não tinha que temer d'elle, mandou Pimping que amarrassem tambem Kadé no pateo para onde a levaram por ordem d'elle, e dando uma risadinha de ferocidade satisfeita, fallou assim ao seu novo escravo, saíndo-lhe as palavras da bôca, assim como saem as gotas d'agua d'um filtro:

—Ondotó, és meu escravo: eu posso obrigar-te a tomar o chicote e a seres o instrumento da minha vingança sobre a tua cumplice, que lá está esperando no pateo a surra que merece pelo crime que ambos commettestes; e depois d'isso vender-te por 60 patacas (é o valor venal d'um escravo peça)...

—Podes vender-me, a mim que devo um dia reinar em Antula, é o teu direito, é o que dizem as nossas leis tradicionaes. Podes tambem retalhar-me o corpo com esse instrumento vil, que ao passo que corta as carnes, rasga e ennodóa a alma; o que tu não podes fazer, é obrigar-me a ser vil aos meus proprios olhos, é constituir-me verdugo d'essa infeliz, que por minha culpa está debaixo da tua torpe vingança, porque não sou nenhum branco rico, nem nenhum capitão de negreiros para te pagar em boas patacas o preço do crime que ambos commettemos. Não, isso não o conseguirás tu nunca de mim.

—Miseravel!... cão de negro... balbuciou o honrado filho de Albion, roxo pela colera, como uma beterraba de conserva; e lançou-se sobre Ondotó que nem pestanejou.

N'este tempo entrou Valerio como se não soubesse nada do que se tinha passado, e que elle mesmo planeára; metteu-se de permeio entre Pimping e Ondotó segurando aquelle, e conduzindo-o ao seu logar. Ondotó baixou os olhos d'envergonhado, e fez-se fulo de vergonha. No entretanto Valerio e Pimping fallavam a meia voz, mas com gesto agitado; Pimping foi pouco a pouco abaixando o tom, e depois de algum tempo de silencio, durante o qual só Valerio fallava, dirigiu-se a Ondotó n'estes termos:

—Cuidas que me faltam os meios de quebrar-te essa vontade de ferro, e dobrar-te como cera á minha vontade, ainda mais dura que a tua? como te enganas! Eu podia mandar-te surrar, e mais a ella. A ella primeiro, e depois a ti para te martyrisar na alma e no corpo, como a mim me martyrisaste; mas quero seguir os conselhos da amisade, quero ser generoso, ouvindo o que para te desculpar me diz este honrado grumete. Mas o castigo que te destino nem por isso é menos forte: vou mandar dizer a Kiangi que te achei em crime com a minha *dona-casa*, e que por isso ficaste meu captivo. Vou tambem tratar de vender-te a algum dos habitantes d'esta povoação, para que a tua familia te veja escravo; para que te vejam carregando cadeias esses que te estimavam, e tambem os teus compatriotas, principalmente aquelles que te olhavam como guerreiro e seu futuro rei, e a quem mui brevemente havia de governar. Que te parece? não sou generoso?

Ondotó estremeceu diante d'esta ameaça. Perder o amor de sua esposa; ser escravo, e por tal causa, na presença d'aquelles que o tinham estimado tanto! ser escravo de algum negociante, ou algum official da guarnição, ou mesmo d'algum outro escravo, dos que ali ha que tambem possuem escravos, era peior que a morte. Se ao menos fosse para uma terra d'ali bem distante onde ninguem o conhecesse, onde elle não conhecesse ninguem... Toda a sua altivez, a sua exaltação febril desappareceu, como a chamma, que subindo aos ares n'um arrojado esforço, se aniquila esmagada por uma chuva d'agosto. Os olhos encheram-se-lhe de nevoa; os joelhos vergaram-lhe; e caíu por terra sem sentidos...

Fevereiro de 1851.

J. M. DE SOUSA MONTEIRO.

A INVEJA E OS PORTUGUEZES.

Luzir portuguez entre portuguezes, e muito menos luzir com a sua luz, é cousa muito difficultosa na nossa terra.

Que foi Affonso de Albuquerque no Oriente? Que foi um Duarte Pacheco? Que foi um D. João de Castro? Que foi um Nuno da Cunha, e tantos outros heroes famosos, senão uns astros e planetas lucidissimos, que assim como allumiaram, com estupendo resplandor, aquelle glorioso seculo, assim escureceram todos os passados?

Depois de voarem nas azas da fama por todo o mun-

do estes astros de nossa nação, onde foram parar, quando chegaram a ella? Um vereis privado com infamia do governo, outro prezo, e morto em um hospital, outro retirado e mudo em um deserto, e o melhor livrado de todos, o que se mandou sepultar nas ondas do oceano, encommendando aos ventos levassem á sua patria as ultimas vozes com que d'ella se despedia: *Ingrata patria non possidebis ossa mea.*

Oh! patria tão naturalmente amada, como naturalmente incredula! Que filhos tão grandes e tão illustres terias, se assim como nascem de ti, não nascêra juntamente, e com elles a *inveja*, que os afoga no mesmo nascimento, e os não deixa luzir, nem crescer.

VIEIRA, SERMÕES, XII.

EPHEMERIDES HISTORICAS.

MAIO 1

305—Abdicação de Diocleciano.
1769—Nascimento de lord Wellington.

2

1604—Morte de Duarte Nunes de Leão, auctor das *Chronicas dos reis de Portugal.*
1493—Alexandre VI reparte o mundo a descobrir entre as corôas de Portugal e Hespanha.
1808—Sublevação do povo madrileno contra os francezes.

3

1518—Descobrimento da Nova-Hespanha.

4

1848—A assembléa nacional em França proclama a republica.

5

1249—S. Luiz, rei de França, é resgatado do poder dos mouros, mediante a somma de cem mil libras, e a restituição de Damietta.

6

1527—O condestavel de Bourbon toma, saqueia e incendia Roma, sendo papa Clemente VII.

7

1717—Chega a París Pedro o grande, imperador da Russia.

8

1144—Instituição da ordem da ala por D. Affonso Henriques.

9

1573—Henrique III é eleito rei de Polonia.

10

1794—Isabel, irmã do infeliz monarca Luiz XVI, é guilhotinada em París.
1831—Acção da Calheta, na ilha de S. Miguel.

11

1621—Acclamação de Filippe IV em Madrid.

12

1656—Os portuguezes são obrigados a capitular em Colombo, e perdem a ilha de Ceylão.

13

1653—Morre com 60 annos de idade Jacinto Freire de Andrade, natural de Beja, bem conhecido auctor da vida do celebre D. João de Castro, vice-rei da India.

14

1503—Entrada de Gonçalo de Cordova, em Napoles.
1796—Tomada de Milão por Massena.

15

1645—Tomada de Leicester pelo exercito de Carlos I.

16

1770—Consorcio de Maria Antonieta com Luiz XVI.

17

1110—Conquista de Beyrouth por Balduino I, rei de Jerusalem.

18

1822—O general Iturbide é acclamado imperador do Mexico.
1291—Tomada de S. João d'Acre pelos serracenos.

19

1347—Nicolau Rienzi é eleito tribuno em Roma.
1296—O papa Celestino V é assassinado na prizão.

20

1647—Levantamento em Palermo contra os hespanhoes.
1357—Morte d'elrei D. Affonso IV.

21

1527—Nascimento de Filippe II d'Hespanha, filho de Carlos V e de Isabel.

22

1849—O general Romarino, é fulizado em Turim, depois da batalha de Novara, em que os piemontezes foram desbaratados pelos austriacos, atribuindo-se este desastre em parte a traição do mesmo general.

23

1803—É assassinado Paulo I, imperador da Russia.

24

1707—Nascimento do grande Linneo.

25

1846—O actual imperador dos francezes consegue evadir-se do castello de Ham, onde fôra encarcerado.

26

1806—Napoleão I é coroado rei de Italia.

27

237—Gordiano é nomeado imperador pelo senado.
1610—Ravaillac, assassino de Henrique IV é esquartejado em París.

28

1547—Morte de Henrique VIII, rei de Inglaterra.

29

1177—Os milanezes derrotam Frederico barba-roxa, perto de Como.
1415—Deposição e encarceramento do papa João XXIII.

30

1778—Morte de Voltaire, na idade de 84 annos.

31

1413—Surpreza de Roma por Ladislau, rei de Napoles.
1809—Morte do compositor Hayden, e do general francez Lannes.

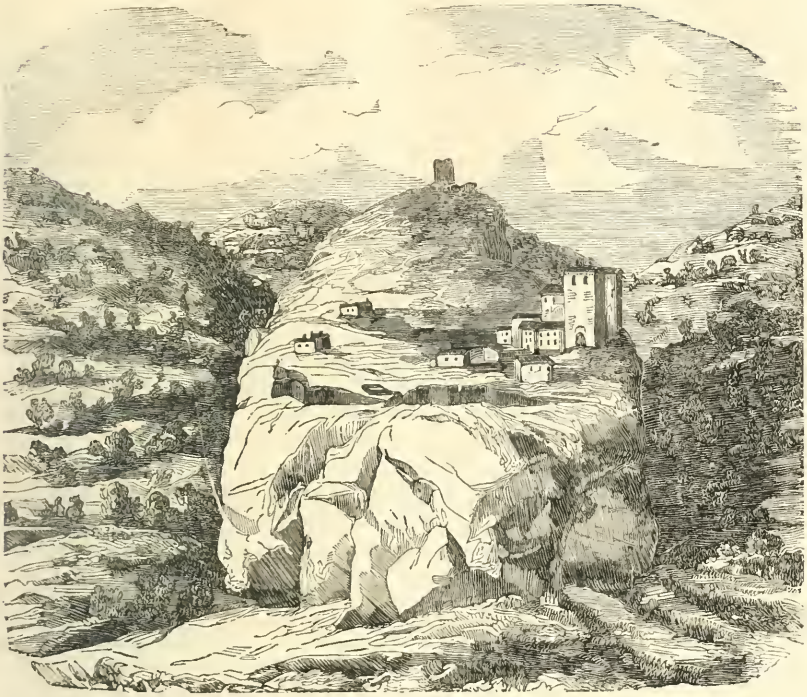
BIBLIOGRAPHIA.

MEMORIAS DE LITTERATURA CONTEMPORANEA, PELO SR. A. P. LOPES DE MENDONÇA. 1 vol. de 8.º fr. com 400 paginas . . . . . Rs. 720

FASTOS DA IGREJA — VIDA DE JESUS CHRISTO, PELO SR. L. A. REBELLO DA SILVA. Vol. II, PARTE I. 1 folh. de 156 paginas em 8.º fr. . . . . Rs. 240

MEDICINA LEGAL DE SÉDILLOT, TRADUZIDA E ANNOTADA PELO SR. DR. A. J. DE LIMA LEITÃO. 2.ª edição correcta e accrescentada. 1.º vol. 8.º fr. . . Rs. 600

As obras acima indicadas acham-se já á venda na livraria do editor A. J. Fernandes Lopes, rua Aurea, n.os 227 e 228. Vendem-se igualmente nas provincias, ultramar e estrangeiro em casa dos correspondentes do editor.



HESPANHA — A VILLA DE PENHA.

Na provincia de Navarra, a nove leguas da sua capital e a duas leguas de Merindad de Sanguensa, se encontra pela parte do sul a fragosa serra de Penha, que se levanta do meio de formosas campinas, que a rodeiam pelo norte e pelo sul; e quasi na sua maior altura, pelo lado de éste, se vê, levantado do terreno circumjacente talvez oitenta metros, um disforme penedo, ou antes uma montanha, isolada entre as imminencias que pertencem á mesma cordilheira, povoadas de frondosos arvoredos. Este serro enorme tem novecentos metros de comprimento do norte a sul, e trezentos na sua maior largura de éste a oeste. Sobre tão elevada posição edificaram os antigos navarros uma povoação. O seu fim foi talvez acolher-se a um ponto em que facilmente pudessem defender-se das aggressões de qualquer genero. E realmente era impossivel escolher melhor: porque a situação da villa de Penha é verdadeiramente formidavel.

Nos primitivos tempos habitavam aquelle serro isolado mais de oitocentas almas, e a villa de Penha era defendida, não só pela natureza, como tambem por um castello ou torre circular, e alguns pequenos baluartes, cujos restos ainda existem, e podem observar-se na gravura.

Hoje tem apenas uns doze fogos, em outras tantas casas, incluindo a do cura, que é de boa fabrica São os habitantes da villa de Penha mui pobres; entretanto resignados se sujeitam a viver n'aquelle sitio, agreste e frigidissimo em quasi todo o anno, sem parecer desejarem a conversação dos povos commarcãos, e cultivando com grande difficuldade um solo ingrato. A unica cousa que interrompe a monotonia do seu triste viver é a visita dos viajantes, assim nacionaes, como estrangeiros, que todos, se acertam de passar ali proximo, não deixam de subir ao afamado cabeço, que é sem duvida uma das curiosidades naturaes mais notaveis de toda a Navarra.

O VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

III.

Nos primeiros annos de frequencia na universidade, o sr. Garrett passou por um estudante de não commum talento, sem que ninguem adivinhasse que estava ali tambem o poeta, que depois e tão cedo havia de honrar, resuscitando-as, as verdadeiras musas portuguezas. No terceiro ou quarto anno um acontecimento doloroso para a universidade veiu dar occasião para que se revelasse o que até então havia escapado á noticia da academia. Um cathedratico, o doutor Fortuna, veiu n'aquelle anno a fallecer. Era o

professor em extremo popular entre a mocidade academica. O sr. Garrett tomou d'ahi pretexto para lamentar-lhe a morte, e celebrar-lhe o saber e as virtudes em uma composição elegiaca, que tornando-se logo conhecida, a todos patenteou o talento de seu auctor, e lhe augurou desde logo um futuro auspicioso na poesia nacional. Á semelhança de Cervantes, que dera os primeiros indicios do seu genio n'uma poesia elegiaca, o sr. Garrett erguia-se poeta de sobre a lousa, onde fôra pagar a um mestre seu os affectuosos respeitos do discipulo.

Pouco depois a tragedia *Xerxes* foi a primeira composição mais grave em que o sr. Garrett manifestou o quanto era, e o para que valia, e poderia valer um dia, um estro predestinado pela Providencia a effectuar a mais larga e bem succedida revolução até hoje effectuada na litteratura nacional. Aquella obra dramatica, em que o talento original do poeta se podia já seguramente rastrear, atravez dos moldes classicos e das fórmas copiadas, que n'ella predominavam, nunca do theatro academico, onde se representou, saíu á luz da imprensa; com o que nos veiu a faltar um documento valioso, ao qual, como a um padrão dos primeiros annos do poeta, houvessem de comparar-se as obras de maior vulto que depois de pouco tempo, e ainda na adolescencia, o sr. Garrett produziu e publicou.

A fórma dramatica era a que de preferencia se casava com as aspirações juvenis, e com a vocação que o sr. Garrett sentia incitar-lhe os brios de poeta. A epocha justificava em certa maneira aquella sua predilecção. Crendo-se já fadado para legar á posteridade o seu nome estampado no frontispicio de grandes obras, como que desdenhava, seguindo o rasto dos talentos mediocres, medir as suas forças, apenas nos certames da poesia lyrica, e experimentar o vigor do seu pincel e o brilho do seu primoroso colorido na miniatura do poema erotico, ou na paizagem facil da ecloga e do idyllio. A epopéa heroica, como a entendiam e a prescreviam em regras impossiveis, e em exemplos infelizes, os praxistas da rhetorica e os pallidos imitadores da musa antiga, era para o talento um caminho infamado de tantos desastres recentes, e tão cortado de maus passos, que só a mediocridade se tentaria a ceifar louros transitorios e enganadores, copiando servilmente os exemplos inimitaveis da antiguidade classica. A lyrica tinha sido cultivada largamente, e com succedimento por vezes glorioso, por muitos dos mais eminentes discipulos da Arcadia. Só o drama heroico parecêra intimidar os talentos d'aquella memoravel escola de poetas. Na brilhante pleiade de vates, que haviam illustrado os fins do seculo XVIII, como que se perderam as tradições da Melpomene portugueza, e o povo que fundára o theatro peninsular e insufflára uma vida nova na litteratura dramatica de toda a Europa, passava sem desforço pelo opprobrio de presenciar, indolente e preguiçoso, a fecundidade com que as musas dramaticas enriqueciam por aquelles tempos a litteratura europêa, e principalmente a italiana e a franceza.

O sr. Garrett deveria pois eleger o theatro para ser o primeiro campo das suas glorias litterarias. Voltaire e Alfieri, fazendo servir os assumptos classicos á propagação das novas idéas liberaes e philosophicas, e polindo a rudeza da antiga fórma tragica pela suavidade e elegancia da musa cortezã, deveriam incitar muitas vezes a phantasia do sr. Garrett a que preenchesse, n'uma litteratura tão opulenta como a nossa, a lacuna com que a deslustrava a carencia quasi absoluta de um moderno theatro nacional.

Espirito altamente liberal e philosophico, o sr. Garrett não poderia já n'aquella idade haver escapado á propaganda das modernas idéas sociaes, nem permanecer estranho á agitação patriotica, que preludiava já, nos animos virís e nas intelligencias esclarecidas, a revolução popular que pouco depois iniciou a Portugal nos enthusiasmos da liberdade. A tragedia devia tentar o genio do poeta, não só pela difficuldade do genero, senão tambem por ser a formula mais popular e mais accommodada ás expansões de patriotismo e de liberdade. Sob a apparencia innocente de uma fabula entretecida para enlevar o espirito, a tragedia prestava a illudir mais facilmente a censura do pensamento, e a intolerancia inquisitorial do governo absoluto. A tragedia falla ás paixões politicas pela allusão e pelo simile, quando a imprensa se cala sobre os assumptos publicos, e quando a tribuna não tem sido ainda inaugurada pela revolução; ou depois que a tem ermado a proscripção das liberdades. A historia é então a allegoria do presente. Os heroes vem, auctorisados pelas immunidades da poesia, flagellar pela espalda os tyrannos, que o pamphleto não póde verberar no rosto, nem a philippica sentencear e punir do alto da tribuna nacional. Lucrecia, caíndo ensanguentada na scena, é a accusação da tyrannia. Bruto, tapando os olhos, para não ver a cabeça de seu filho destroncada pela secure do lictor, é a apotheose das virtudes democraticas. Catão expirando em Utica é o protesto eloquente com que a liberdade succumbe, execrando o nome dos oppressores. A tragedia, parecendo deliciar apenas a imaginação, fere-a primeiro a ella, mas repercute o golpe no coração. Se falla aos instinctos poeticos, accende ao mesmo tempo as paixões da multidão. Eschines e Sophocles mantinham, pela força imperativa do seu genio, as tradições em que se cifrava o patriotismo hellenico, e robusteciam pelos exemplos historicos, animados pela acção da scena, as crenças populares e os brios guerreiros da sua gente. Nos tempos modernos o cothurno sobrelevou na sua alta missão civilisadora e patriotica ás mil outras fórmas do pensamento litterario. As tragedias de Voltaire e de Alfieri, inspiradas pela idéa revolucionaria do seculo passado, tem direito a reclamar para si os titulos de uma valiosa collaboração na empreza de vindicar contra os oppressores os direitos imprescriptiveis da humanidade.

Por isso o sr. Garrett, depois de escripta a sua tragedia *Xerxes*, não descontinuou de cultivar o theatro heroico, e escreveu em 1819 a sua *Lucrecia*, que só se tornou publica por haver sido representada por estudantes no pequeno theatro de Coimbra. D'aquella composição dramatica ainda restam alguns fragmentos, em que ha alguns versos notaveis pela sua energia e sonoridade. Tanto a *Lucrecia*, como o *Xerxes* provavam que o poeta, ainda erudito seguidor das musas classicas e dos seus mais notaveis imitadores entre os modernos, não havia pela propria meditação proscripto as convenções da arte aristotelica, para voar, emancipado de rotineiros preceptistas, ao saber de uma inspiração original e espontanea.

É condão, ainda das mais privilegiadas intelligencias, que primeiro trilhem pela imitação as sendas conhecidas, antes de elevarem-se acima dos modêlos, para adivinhar novos horisontes e aspectos novos na arte e na litteratura. Primeiro ha de o pintor pasmar diante das obras dos grandes mestres, antes que ouse trasladar para a téla os primores da sua propria imaginativa. Precisa o genio, por fecundo e opulento, que o haja Deus affeiçoado, de estudar a idéa do bello, concreta nas fórmas sensiveis e conhe-

cidas, antes de a descobrir á luz da propria phantasia no mundo subjectivo e intelligivel. Por isso os primeiros cantos do sr. Garrett denunciam uma lyra temperada pelos tons dominantes na poesia, que era ainda popular nos primeiros annos do poeta.

O sr. Garrett, nascêra para improvisar sem interrupção a nova litteratura da sua patria sobre as ruinas da Arcadia, onde cessára havia pouco de vibrar a voz sympathica de Bocage, o mais imaginoso e o mais canoro de todos os seus representantes e pastores. O sr. Garrett pagou á musa classica, que morria, os ultimos respeitos que se devem a uma realeza gloriosa que está prestes a expirar.

A *Mérope*, que o poeta começou a escrever depois de compostas as duas tragedias já citadas, e que depois a imprensa divulgou, diz-nol-o o proprio auctor, foi calcada sobre as tragedias que do mesmo nome nos deixaram Alfieri e Maffei, e são, segundo as suas proprias reflexões, *um mero reflexo* d'aquelles tragicos italianos. Póde dizer-se que aquellas primeiras tragedias, foram como que os *estudos do antigo*, com que o cantor de *D. Branca* e de *Camões* industriava o pincel no colorido e no debuxo, para depois, nos quadros da sua mais primorosa e original *maneira de pintar*, temperar e corrigir a fogosa liberdade da palheta romantica pela elegancia mesurada, e pela simpleza e harmonia do cinzel greco-romano.

(Continúa.)

J. M. Latino Coelho.

IGNOTO DEO.

TRADIÇÃO PORTUGUEZA.

II.

A INFANTA D. LEONOR.

Quatro annos eram passados, dia a dia, depois que estivemos com o leitor nos nobres paços da Alcaçova, quando uma solemnidade similhante á que presenceamos então, tinha logar n'aquelle mesmo palacio. Que differença, porém, no aspecto da côrte d'Affonso V.

O infante D. Pedro morto, seus filhos e partidarios foragidos, e D. Isabel, posto que coroada rainha, exposta á vingança dos novos privados, os inimigos de seu pae, que por fim conseguiram envenenal-a, se não errou a voz do povo; eis o quadro lutuoso da epocha, que se seguiu á sabia regencia do duque de Coimbra.

Havia, porém, sarau nos paços do Castello, em a noute de 9 de agosto de 1451, para festejar os esponsaes que, n'esse dia, acabavam de celebrar-se entre D. Leonor, filha de D. Duarte, e Frederico III, imperador de Allemanha.

Affonso V já não era então a creança que vimos nas bodas de D. Isabel e D. Brites. Alto e robusto, a sua magestosa presença inculcava mais idade do que na realidade tinha. Naturalmente lhano e de facil accesso, o moço rei patenteava, comtudo, nos gestos e nas palavras o sêllo de uma verdadeira superioridade. Como guerreiro, mostrou depois que era um dos melhores cavalleiros do seu tempo, e o sobrenome que os contemporaneos lhe deram, recorda á posteridade as proezas do *Africano;* como estudioso, todos sabem que D. Affonso reuniu nos paços d'Evora uma livraria soffrivel para aquella epocha, que foi muito dado ás sciencias e favorecedor dos sabios, e que fallava a lingua portugueza com tal fluidez e correcção, que sempre suas fallas pareciam estudadas. Magnanimo, como nenhum outro soberano, o filho de D. Duarte queria mostrar aos embaixadores do cesar o que era a côrte de Portugal em toda a sua pompa, o ouro que cobria os seus navegadores e guerreiros d'Africa, e que a alliança solicitada havia tanto tempo pelo imperador, não nobilitava uma princeza do seu sangue, a irmã de Affonso V.

O casamento fôra contratado em Napoles, na presença de Affonso o sabio, rei de Sicilia e de Aragão, pelo doutor João Fernandes da Silveira, primeiro barão de Alvito, embaixador de Portugal; e da parte de Frederico III pelo bispo de Trieste, o barão Jorge de Vellesdorff, e Miguel Phullendorff, secretario do imperador. Concluido o contrato em 10 de dezembro de 1450, vieram a Portugal, no seguinte anno, dous capellães do imperial noivo, para celebrarem os desposorios com a infanta D. Leonor em seu nome, por palavras de presente, como já os emissarios tinham feito em Napoles por palavras de futuro, e acompanharem a nova imperatriz a Roma, onde deviam ter logar as benções e a coroação.

Na grande sala do pavimento superior do paço, forrada de marroquim dourado, com reposteiros de damasco vermelho agaloados de ouro, e amplamente illuminada por grossos brandões de cêra, enfileirados ao longo das paredes, estavam muitos dos fidalgos que mencionamos no precedente capitulo; os embaixadores de Allemanha, Jacob Motz e Nicolau Valrensteyn; o infante D. Henrique; a rainha D. Isabel, que era um anjo de belleza, mas a quem consumia uma occulta doença; o infante D. Fernando, então duque de Beja e Salvaterra, condestavel do reino, e grão-mestre de Santiago, que amadurecia o projecto, dado pouco depois á execução, de ir ganhar gloria como soldado na praça de Ceuta; D. Brites, sua esposa; el-rei D. Affonso V, e suas irmãs, D. Leonor, D. Catharina e D. Joanna. A musica tocava sem cessar, a dansa agitava-se, posto que com certa gravidade propria do logar, as mezas preparavam-se para a ceia; emfim estava o sarau em pleno brilho.

No meio, porém, d'aquella ruidosa alegria, um vulto sinistro appareceu na grande sala. O reposteiro da entrada principal franzindo-se para um lado, deu passagem a um homem ainda moço, mas de figura cadaverica, trajando gibão de damasco alvacento com passamanes de prata, e segurando na mão uma gorra de veludo preto, onde se via esculpida uma ara com a letra IGNOTO DEO!... Ninguem conheceria n'esse homem o gentil mancebo de ha quatro annos, João de Menezes da Silva; como já ninguem se lembrava na côrte d'aquella estrella formosissima que a abrilhantára outr'ora, D. Beatriz da Silva.

Um fidalgo se apartou do grupo dos embaixadores e ministros para ir ao encontro do recemchegado: era o conde de Portalegre.

—Que é isso, irmão; vens á festa real trajando côres de penitente, e com rosto de beguino?

—Cumpro o meu fado! E mostrou ao irmão a inscripção da sua gorra.

—Ai, João, que te não percam os altos pensamentos que os livros tem arreigado n'essa cabeça mais de escolar que de cavalleiro!... Tudo tens esquecido por esse *ignoto deo,* até a irmã, tão querida, ainda ha pouco, de teu coração, a pobre Beatriz!

—Esquecel-a, a infeliz, que, como eu, tem o seu *ignoto deo*... oh! não!... Crê-me, Diogo, nossa boa irmã soffre muito, arde n'uma paixão que a consome.

—Mas não me pedes novas d'ella?...

—Que? Chegaram noticias de Toledo? Falla, falla...

—Bem más, irmão; a filha do bom infante D. João odeia a filha de nossos paes.

E o conde narrou circumstanciadamente o que soubera de Castella a respeito de sua irmã. A rainha D. Isabel tinha-a preza em Tordezilhas, por causa das brigas que cada dia se travavam entre os senhores da côrte, pretendentes á sua mão ou ao seu amor; como se a pobre fosse culpada da formosura que Deus lhe dera, quando nem por gestos nem por palavras, animava nenhum dos competidores com a mais longiqua esperança, nem auctorisava ninguem a fazer-se seu campeão!

João de Menezes estremeceu; passou-lhe novamente pela cabeça aquella idéa sinistra, que não lhe chegou aos labios, mas que o horrorisou, no cáes da Ribeira:

—Vou escrever-lhe, disse elle a D. Diogo; felizmente que Beatriz aprendeu tambem essa divina arte, desconhecida a tantas das presumpçosas que ahi estão; contar-me-ha os seus males, e, fé em Deus, havemos encontrar-lhe remedio; ainda que fosse necessario perder a honra de acompanhar a imperatriz D. Leonor, e ir pessoalmente a Castella reptar quem quer que sustentasse a injustiça d'essa rainha desleal.»

Concluindo estas palavras, D. João afastou-se do conde, como quem ía meditar sobre o assumpto; mas é que o ar lhe faltava, porque na força do enthusiasmo pronunciára um nome que lhe escaldava os beiços, como a imagem representada por elle lhe abrazava o coração, e lhe desvairava a cabeça.

Caminhou para o docel, impellido por força irresistivel, e beijou as mãos d'el-rei, da rainha, e das tres infantas; quando se retirou para o outro lado da sala, estava tremulo como o criminoso diante do juiz, como o assassino ante o cadaver da victima.

Porém João de Menezes não tinha faltas de que accusar-se: criminoso só o podia ser no foro intimo da consciencia; assassino era, mas de si mesmo.

O mancebo contemplava em extasis uma d'aquellas tres graças, molduradas em formoso arco de flores, que servia como de sobrecéu ás suas almofadas de brocado de ouro. Frescas do viço da mocidade, as irmãs de D. Affonso V, formavam um grupo similhante ao das filhas do regente, que hoje se admira na galleria de Versailles; os rostos mimosos e fascinadores que aquelles retratos copiam, não menos voluptuosos do que as rosas que lhe tecem a cercadura, dão idéa do quadro que o mancebo tinha diante dos olhos na epocha a que nos referimos.

D. Joanna, que apenas entrava na idade dos doze annos, já mostrava na mobilidade das feições, no rasgado dos olhos, no sorriso provocador, o que seria a futura rainha de Castella, a amante de D. Beltrão de la Cueva, de quem o pudico D. Antonio Caetano de Sousa não pôde eximir-se a dizer que era «mais desenvolta do que convinha á sua real pessoa.»

D. Catharina, de uma belleza mais classica, possuía aos quinze annos todos os attractivos da mulher; o que não evitou que morresse solteira, depois de contratada para casar por duas vezes.

A mais formosa das tres, porém, era D. Leonor, a desposada de Frederico III, que completára dezesete annos de idade; risonha epocha da vida, quando a saude, a riqueza, o grau e a formosura, cercam de uma aureola brilhante o rosto virginal da donzella.

Cabellos louros-castanhos, descendo em graciosas espiraes, afagavam o rosto oval de D. Leonor, que não era deslumbrante de alvura, mas cuja pelle fina, liza e transparente, como que deixava ver a circulação do puro sangue que se ía transmittir á casa de Austria; seus olhos lascivos, nem verdes nem azues, mas oscilando entre as duas côres, como o mar durante a bonança, promettiam inexauriveis gosos áquelle sobre quem se fixassem com amor. Este rosto appetitoso alteava-se garhosamente em um nariz digno da estatuaria grega; e terminava tão seductora physionomia a bôca mais de beijar, que nunca beiços rosados entre-abriram para deixar ver tão lindo marfim de dentes. A estatura da princeza era um pouco acima do usual, mas nem por isso o corpo tinha menos flexibilidade, ou seus meneios careciam de donaire. Trajava a côr purpurea dos cesares, em cujo throno ía sentar-se, e a corôa de diamantes que lhe cingia a fronte, terminava em um pequeno globo, insignia do imperio, feito do primeiro ouro que trouxeram a Portugal os exploradores da Guiné.

Todo entregue á contemplação das mil perfeições de Leonor, o irmão do conde de Portalegre não via o circulo de aulicos que se estreitava em roda d'elle, uns soletrando o distico da sua gorra, outros procurando ler-lhe no rosto o nome da mysteriosa divindade; e ali permaneceria toda a noute se a travessa Joanna não chamasse a attenção da imperatriz, sua irmã, para o alvo da admiração geral. D. Leonor córou levemente ao encarar com o adorador de um deus ignoto, e, talvez para disfarçar a sua perturbação, porque cria ter adivinhado o segredo do mancebo, ergueu-se vagarosamente, e apoiando com languidez o seu bem torneado braço sobre o debil braço de Joanna, caminhou para o meio da sala, onde estavam em grupo, como dissemos, muitos homens da côrte.

—Senhor almirante, quando estará prompta a armada, que deve conduzir-nos a Italia? perguntou a graciosa imperatriz, em meio do silencio dos cortezãos, provavelmente com o intuito de afastar de D. João as vistas impertinentes d'aquelles homens.

—Imperial senhora, respondeu submissamente Pedro Rodrigues de Castro, que servia o cargo de almirante pelo ultimo dos Peçanhas, então residente no Algarve, são grandes as difficuldades com que temos a luctar para pôr de verga d'alto uma frota de dez naus, as maiores e as mais luzidas que nunca saíram de Lisboa; mas no principio de outubro espero que possam largar do Tejo.

—Não vos esqueça, Gomes Eannes d'Azurara, continuou D. Leonor, voltando-se para outro cortezão, de fazer chronica dos successos d'esta armada, quando concluirdes a dos descobrimentos de Guiné, em que andaes occupado.

—O senhor bispo Nicolau, que presente está, respondeu o chronista-mór do reino, apontando para um dos embaixadores de Frederico, já me prometteu escrever em latim a narração d'estas festas reaes e da viagem até Allemanha; sabedor, como sua reverendissima é, fal-o-ha muito melhor do que um pobre leigo, como eu.

—Não, amigo; interrompeu o infante D. Henrique, que se aproximára do grupo, não consentirei que em minha presença uses de falsas modestias, como não permittiria que outros menosprezassem as tuas letras; podes, de fronte erguida, apresentar á Europa os primeiros capitulos da tua chronica de Africa...

—Escriptos sob a direcção e insinuações de vossa alteza, apressou-se a addicionar o guarda-mór da torre do Tombo.

—Em Portugal não faltam os engenhos, nem a

cultura necessaria, disse beatificamente o bispo allemão; e quando os principes são protectores das letras, o talento desenvolve-se grandiosamente á sombra do throno.

—Aqui tendes, proseguiu o infante designando a João de Menezes, outro Vasco de Lobeira, para fazer novellas de cavallarias e amores.

—Senhor, o Amadis de Gaula é inimitavel! balbuciou D. João, tremendo de se tornar o alvo das attenções, quando ali estava o *ignoto deo* dos seus sonhos.

—Sois dos que nos acompanham a Roma, sr. D. João, disse a imperatriz com placidez; não podeis achar melhor ensejo para delinear um d'esses livros do que na viagem que vamos fazer: podeis ser ao mesmo tempo auctor e heroe do romance.

João de Menezes sentia-se desfallecer; mas aquella gente sem alma estava ali toda para lhe interpretar o menor gesto; era necessario ter coragem para se não trahir; porém soffria cruelmente, e aquella tortura não era supportavel por muito tempo. Em boa hora começaram os sacabuxas e charamelas a convidar os senhores e damas da côrte para uma nova volta de dansa; o grupo desmanchou-se, e Menezes aproveitou a occasião para se retirar ao vão de uma janella, d'onde aspirava o ar fresco da noute, e adormecia o pensamento com a vista das aguas, que se balouçavam melancolicamente, lá em baixo, no seu leito profundo.

D. Leonor, sentando-se na cadeira de veludo, em cujo espaldar se viam esculpidas as insignias do imperio, com a cabeça cingida da corôa dos cesares, e envolta no manto de purpura e arminhos, olhou com tristeza para o pobre trovador, e disse comsigo mesmo:

—É um louco, que póde perder-se, e perder-me... mas, sobre tudo, é muito desgraçado!... E eu?...

Esta interrogação annuviou o rosto da princeza; a resposta não lhe veiu aos labios.

Entretanto o descuidoso mancebo de outro tempo, que uma paixão occulta consumia agora, apoiando a face na mão, e o cotovelo no peitoril da janella, pensava assim:

—Pobre coração, que tanto te agitas, e não estalas, e não acabas por uma vez com estes delirios do pensamento, com esta paixão que todos devem ignorar, que nem mesmo quero que se suspeite... ai, coração, com quanto fogo a amas, e has de amal-a, ainda vendo-a nos braços de outro! E ella não terá adivinhado este amor? Nunca o saberá?... É impossivel que eu me não tenha trahido! E vou seguil-a a Roma, á Allemanha; hei de vel-a unida a outro homem!... E sacrifico a um amor sem esperanças o socego de toda uma existencia, as mais nobres aspirações do coração!... Oh! Beatriz! minha boa irmã, é necessario salvar-te, em quanto eu mesmo me não perco. Corro a Toledo; estarei de volta em breves dias. A esquadra só parte em outubro, e a minha presença em Castella valerá de muito mais do que uma correspondencia tardia.

Cruzando a sala, com passos desiguaes, e olhando a furto para Leonor, o mancebo desappareceu por detraz das pregas do reposteiro.

Com os primeiros raios do sol cessára o ruido nos paços da Alcaçova, por haver terminado o sarau; e começava na ribeira das naus a azafama dos carpinteiros e calafates na empreitada de promptificar as dez naus, que haviam conduzir a Leonor a infanta-imperatriz. A mesma hora um ligeiro barco atravessava o Tejo, conduzindo a Aldeia Gallega o nosso João de Menezes da Silva, que ia a Toledo saber as causas da desgraça de sua irmã, a formosa Beatriz.

(Continúa.)

F. M. Bornato.

SPHYNGE DE DÉLOS.

A sphynge, que a gravura representa, foi encontrada entre as ruinas de que abunda a ilha de Délos.

Esta ilha, consagrada pelo culto universal da Grecia, possuia grande numero de monumentos, de que hoje restam apenas despojos informes.

Alguns fragmentos menos deteriorados porém foram conduzidos para o museu de Egina; sendo de certo um dos mais importantes esta estatua.

Bem se conhece que não foi ella concluida, mas apenas esboçada; entretanto mesmo assim reconhece-se no precioso marmore o cunho dos grandes mestres. Toda a figura exprime com energia o contraste das fórmas que a tradição attribuia ás sphynges. A escolha dos movimentos e a delicadeza do modelado são admiraveis de harmonia, de graças e de força.

É inutil procurar a interpretação da sphynge no culto das divindades especialmente veneradas em Délos. A sphynge não pertencia á religião de Apollo e de Diana, mas ao Egypto. Os sacerdotes d'esta ultima região tinham feito da figura humana junta ao corpo de um leão, a personificação, o symbolo da Minerva egypcia, a imagem da força ligada á sabedoria, da intelligencia e do poder divinos, manifestando-se simultaneamente na creação. Os gregos adoptaram esta allegoria, e tornaram-a o symbolo da sabedoria suprema que se revela unicamente áquelles que sabem penetrar os seus segredos.

A sciencia dos primitivos tempos exprimia-se em aphorismos concisos, e cobria com a capa de verdadeiros enigmas, indecifraveis para o vulgo, as idéas mais elevadas, e as mais preciosas descobertas.

Affigura-se-nos que a estatua, cujo desenho apresentámos, pertence a uma epocha em que a antiga tradição ainda se não havia apagado. A sphynge, isolada, não era de certo decoração monumental; tinha

por si só significação e importancia. Talvez que cerrasse a entrada do santuario em que só eram admittidos os iniciados. O vaso sobre o qual está encostada confirma até certo ponto esta opinião.

LITTERATURA ALLEMÃ.

TIECK.

Nasceu Tieck em Berlim, a 31 de maio de 1773. Os seus estudos dirigiram-se cedo para a litteratura antiga e moderna. Frequentou alternadamente as universidades de Halle, de Goettingue e d'Erlangnen; depois voltou a Berlim, e entregou-se activamente aos trabalhos litterarios. Bem depressa se despertou n'elle o gosto pelas viagens, e já em 1797 o encontrâmos em Iena, recebido como irmão por Novalis, e pelos dous Schlegel; em 1798 em Hamburgo, onde casou com a filha de um parocho protestante; em 1801, e 1802 em Dresda, publicando com Augusto Schlegel o *Almanak das musas*. Tres annos mais tarde parte para Roma, acompanhado de seu irmão Frederico, que adquiriu certa celebridade como esculptor. Passou dezoito mezes na Italia, e não voltou d'ali senão depois de ter estudado com amor as obras d'arte das diversas escolas, e compulsado os numerosos manuscriptos da poesia antiga allemã que encerra a bibliotheca do Vaticano. Em 1806 veiu residir perto de Francfort sobre o Oder. Em 1818 partiu para Inglaterra, onde foi recebido com a maior distincção por todas as celebridades litterarias da Europa. Em 1819 estabeleceu-se em Dresda com sua familia, agraciado com o titulo honorifico de conselheiro da côrte, e nomeado director do theatro, com o ordenado de 600 thalers.

«Foi ali que eu o visitei (diz o sr. X. Marmier, a quem devemos estas noticias) haverá dous annos, morando elle na praça de Altenmarkt, n'uma d'essas antigas casas allemãs, que poderá muito bem ter pertencido a alguns dos antigos Meistersanger, cujo genio tão habilmente soube reproduzir. Ha algum tempo, acha-se enfermo de uma paralysia, que lhe veda o livre uso das pernas; mas a cabeça ainda se conserva cheia de vida e mocidade. Muitas vezes o contemplei com encanto nas suas reuniões intimas, a que se dignava admittir-me, e n'esses famosos serões aonde todos se apressavam a concorrer para assistir ás suas leituras tão celebradas em toda a Allemanha. Estou convencido que nunca me poderei esquecer da nobre e bella expressão da sua physionomia de poeta, nem tão pouco dos clarões do genio que transluziam no seu olhar.»

Seria difficil dar conta exacta de todas as producções de Tieck; limitar-nos-hemos a indicar as principaes em cada genero.

As suas primeiras obras foram os romances *Abdallah* e *William Lovel*. Escreveu-os na idade de vinte annos, e n'elles se reconhece todo o fogo de uma imaginação ardente, os rasgos de uma alma de mancebo, na idade em que as crenças começam a vacillar, em que o mundo apparece pela primeira vez despido do seu prestigio, e em que a duvida principia a atormentar o homem.

Dous annos depois Tieck deu á luz as viagens de Sternbald: é um joven pintor de imaginação risonha e graciosa, de coração candido e sincero, que deixa sua patria, a Allemanha, para ir a Italia estudar a natureza, e os quadros dos grandes mestres; e que, fazendo a sua humilde viagem com o bordão de peregrino na mão, e o sacco ás costas, sem encontrar grandes perigos, sem lhe succeder nenhuma aventura tragica, nos interessa, em qualquer dos pensamentos que o preoccupam, e nos minimos successos da sua vida. Admira-se n'este romance uma graça de colorido, uma suavidade de sentimentos, que lhe dão um realce inexplicavel.

Em dous annos, Tieck tinha feito grandes progressos; o estudo e a reflexão haviam modificado muito as luctas tempestuosas de sua alma, de que *William Lovel* é a imagem energica; o amor da arte consolava-o das suas primeiras decepções; a poesia esvoaçava em torno d'elle para suavisar as dores do seu coração opprimido; o genio do bem levava de vencida o genio do mal.

O *Phantasus*, que Tieck publicou em 1815, é uma collecção de peças dramaticas alternadas com dissertações e estudos sobre a arte; de maneira, que cada pedaço de poesia está habilmente collocado para servir de texto ou exemplo áquelles estudos. É um systema de publicação mui instructivo, que já por varias vezes tem sido usado, mas que Tieck soube accommodar com rara felicidade; foi, d'entre as outras suas obras, a que obteve maiores applausos, e que os allemães nunca se cansam de ler.

Apoz estas obras de esthetica, seguiu-se uma longa serie de novellas, ás quaes Tieck deve em grande parte a sua reputação. Todos os annos publicava regularmente duas; uma na *Urania* de Leipsick, outra no *Nowellenkranz* de Berlim. Era a consoada com que costumava brindar o publico allemão. O editor que as imprimia, o gravador que as enriquecia de vinhetas, o jornalista que as commentava, e o honrado burguez que as comprava para as ler á noute a sua familia reunida em torno do fogão, estavam já habituados a esta fecundidade periodica de Tieck.

Entre os romances publicados por Tieck, todos os annos no mez de dezembro, ha muitos, que se podem classificar como modêlos de imaginação e de veia poetica. Citarei entre outros, *Os Viajantes*, novella mui graciosa, repassada de sentimento e de espirito; *As Alegrias e os soffrimentos de um musico*, *A Vida do Poeta*, etc.

Tieck tambem tratou em um dos seus romances um assumpto portuguez, e esboçou-o com as brilhantes côres, com que seu pincel divino sabia retocar os seus melhores quadros: a *Morte do Poeta*. É a historia do nosso Luiz de Camões contada com um enthusiasmo, com uma graça de estylo e tal riqueza de imagens, que difficilmente se poderiam descrever, e avaliar todas as suas bellezas nos acanhados e estreitos limites de uns apontamentos biographicos (1).

As suas obras poeticas nem são menos ricas, nem menos variadas. É n'ellas que se depara com o immenso drama *Octavianus*, em que toda a idade media se vê fielmente retratada com os seus costumes ingenuos, seus castos amores, as suas piedosas superstições, seus reis cavalleiros, e seus soldados que se tornam reis. É ahi que encontrâmos o drama de *Genovera de Brabante*, formosa lenda, que Tieck conta com a maior candura e simplicidade. Ahi tambem vemos o poema *Fortunatus*, filho valido do destino; e muitas outras peças graciosas, que Tieck imitou dos contos das fadas, entre as quaes indicaremos o *Gato de botas*, o *Barba-azul*, o *Mundo revirado*, o *Chapelinho escarlate*. Esta ultima tem tido sempre

(1) Consta-nos que pessoa competente vae emprehender a versão d'esta novella. Estimâmos muito poder dar esta noticia a nossos leitores, porque reputâmos similhante trabalho como um mimoso presente feito á nossa litteratura.

grande voga em Allemanha; mas, fallando a verdade, não é uma peça dramatica, a menos que não queirâmos consideral-a como uma allegoria.

Nunca em Allemanha se pensou em pôr esta peça em scena, não obstante Goethe ter feito representar as *Aves* de Aristophanes; comtudo, n'este pequeno drama ha uma serie de scenas admiraveis pela ingenuidade e singeleza. O monologo do lobo, e o seu dialogo com o cão valem bem as bellas paginas da novella dos *Dous cães* de Cervantes!

Além d'estas obras dramaticas, Tieck publicou mais tres volumes de poesias lyricas, nos quaes se encontra a manifestação esplendida dos seus superiores dotes como poeta imaginoso, e como litterato de consciencia.

A maravilhosa actividade de Tieck não se limitou exclusivamente a estas obras de imaginação. A Allemanha deve-lhe tambem a melhor traducção que possue do Dom Quixote, a traducção das obras de Green, de Marlowe, e de outros poetas anteriores a Shakspeare, precedida de um longo e profundo estudo sobre estes poetas e suas obras. Deve-lhe igualmente um excellente trabalho sobre os Minnelieder da Suabia, a publicação de varias peças do antigo theatro allemão; as obras do philosopho Sholger, que emprehendeu conjuntamente com o seu amigo Raumur; a das obras de Lenz, Novallis, e Kleist, tres poetas tão interessantes pelo genio com que a natureza os havia dotado, como pelo seu infortunio: pois o primeiro enlouqueceu, o segundo morreu de dissabores, e o terceiro suicidou-se.

Assim terminou, ainda ha bem pouco tempo, a larga vida d'esse homem tão distincto, a quem a Allemanha consagrou sempre a maior veneração, e dedica hoje uma especie de culto.

G. C.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

RELAÇÕES ENTRE O POVO E O SOBERANO NO SECULO XV.

Nas côrtes, que se celebraram em Lisboa em fevereiro de 1498 para decidir sobre a conveniencia da partida d'el-rei D. Manuel, e da rainha D. Isabel para Castella, a fim de ahi serem jurados principes herdeiros d'aquelles reinos, trataram-se varios outros assumptos, depois de resolvida a questão principal.

Os tres estados aproveitaram a occasião para requerer á corôa algumas concessões, entre outras a abolição das sizas e da maior parte das coutadas, dizendo a respeito d'estas: «Que ho povo recebe muito dãuo por nos regnos haver muitas coutadas, e officiaes dellas, polo que reservando algumas para desporto delRei, lhe pedem descoute has outras, ficando guardadas has coutadas das pessoas particulares.»

Recusou el-rei acceder ao primeiro pedido, allegando muitas razões de utilidade publica. Ao segundo satisfez na fórma requerida.

Tambem as côrtes representaram contra o uso dos facultativos receitarem em latim, pedindo que fossem prohibidos de o fazer, ao que el-rei deferiu, impondo multas e perda do officio, tanto aos facultativos que contraviessem as novas determinações, como aos boticarios que aviassem taes receitas.

O mais singular, porém, de todos os requerimentos que estas côrtes dirigiram ao soberano foi para que diminuisse o numero dos seus criados. O pedido era concebido n'estes termos: «Que não trouxesse tantos officiaes e moradores, e hos quizesse reduzir a menos conto.»

El-rei respondeu: «Hos mais dos nossos moradores forão criados delRei meu Senhor e primo, hos quaes não podemos deixar de agasalhar, porque seria crueza fazermos ho contrario, hos outros são de nossa caza, com outros que nos recrecerão, de que nos não podemos excusar: mas posto que nosso desejo seja fazer a todos mercê, por disso levarmos grande gosto, com tudo daqui por diante folgaremos de continuar na melhor maneira, que podermos.»

O requerimento dá prova exuberante do modo por que o povo velava pelos seus interesses e direitos, e mostra a liberdade com que então se fallava ao soberano. A resposta d'este tambem dá solemne testemunho da benignidade do nosso governo, e da consideração em que o povo era tido pelo monarcha, n'uma epocha em que os populares eram tratados em quasi toda a Europa mais como escravos do que como homens livres.

Julgo que em nenhuma outra monarchia d'esse tempo ousaria alguem, isoladamente ou em corporação, requerer ao rei a reforma da sua casa, a diminuição da sua familia. Mas o que sem duvida se póde affirmar é que fóra de Portugal nenhum soberano toleraria similhante ingerencia nos seus negocios domesticos, ou pelo menos nenhum se escusaria nem mais urbanamente, nem de uma maneira mais propria para consignar aquella ingerencia como um direito popular.

Entretanto para se avaliar o procedimento das côrtes é necessario saber as razões, que lhe serviram de fundamento. Fazel-as-hei conhecer, dando uma noticia das pessoas de que se compunha a familia d'el-rei D. Manuel, ou que recebiam do seu patrimonio, no começo do anno de 1518, e a da rainha D. Maria, sua segunda mulher, ao tempo do seu fallecimento.

Cavalleiros do conselho 369. N'este numero entravam todos os officiaes móres e menores, bem como os camareiros, aios, e guarda-roupas do principe e infantes. Escudeiros fidalgos 109; moços fidalgos 200; outros moços 8; escudeiros 43; moços da camara 138; capellães 33; medicos e cirurgiões 6.

A rainha D. Maria tinha 12 capellães, e 16 moços da capella; 27 damas, entrando a camareira; 7 moças da camara; 11 criadas de outras denominações; 25 officiaes móres e menores; 3 reposteiros de camas; 8 homens da camara; 43 moços da camara; 6 porteiros; 15 reposteiros; 13 moços da estribeira; 7 officiaes mechanicos (ourives, alfaiate, sapateiro, etc.); 9 officiaes da cosinha (cosinheiro mór, e menores, porteiros, etc.)

Em tempo de D. João III ainda cresceu muito o numero dos familiares e empregados do paço, pois que só a capella d'este monarcha contava 148 capellães e 123 moços. A casa de seu irmão, o infante D. Luiz, constava de 36 capellães, 11 moços da capella, 27 fidalgos cavalleiros, 12 fidalgos escudeiros, 22 moços fidalgos, 22 cavalleiros fidalgos, 80 cavalleiros, 32 escudeiros fidalgos, 46 escudeiros, 7 medicos e cirurgiões, 1 monteiro a cavallo, 203 moços da camara, 8 porteiros da camara, 26 reposteiros, 8 trombetas, 9 moços do monte, 36 moços da estribeira, 5 cosinheiros, 2 moços da copa, 1 moço da fazenda, 1 official do thesouro, 6 homens da mantieiria, 2 do armador mór, 2 do guarda reposte, 6 varredores, 5 moços da caça, 2 armeiros, 1 regueifeira, 1 lavandeira e 1 varredeira; ao todo 632. Os officiaes

móres e menores vão incluidos nos cavalleiros e escudeiros.

As casas dos infantes D. Duarte e D. Fernando, tambem irmãos d'el-rei D. João III, compunham-se, a primeira de 191 pessoas, e a segunda de 206.

Todavia, por mais avultadas que pareçam estas sommas, é certo que ficam ainda muito áquem da totalidade dos criados d'el-rei D. João V. O auctor da *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, tratando da jornada d'aquelle soberano á fronteira do Alemtejo, por occasião do encontro das duas familias reaes de Hespanha e Portugal, e troca das princezas do Brazil e Asturias, que tiveram logar no Caia, diz o seguinte: «Todos os coches e berlindas da casa real eram tirados por frizões. Seguiam-se cento e trinta seges da familia da casa real, que haviam ido servindo em diversas occupações n'esta jornada; sendo tão numerosa, que basta dizer que na cavallariça havia mais de novecentos e sessenta criados, sómente pertencentes a ella, que mantia mais de mil seiscentas e quarenta bestas. E não fallando nos criados de fôro nobre, senão de reposteiros, moços da prata, e outros similhantes, passavam de seiscentos e setenta, deixando á parte os officiaes menores da casa real, e outros similhantes, quarenta e tantos moços da camara, medicos, cirurgiões, clerigos, criados particulares, e outras muitas pessoas do serviço nobre da casa real, porque não é nossa tenção entrar a descrever a magnificencia, riqueza e profusão d'este ditoso dia, mas sómente dar uma idéa do que foi aquella jornada, para satisfazer aos curiosos.»

Quem vê o palacio real das Vendas Novas, feito expressamente para n'elle pernoutar el-rei D. João V e sua familia por occasião d'aquella viagem, fica absorto diante de um tal edificio. Não póde comprehender para que fossem necessarios aposentos tão vastos, tão grandes salas, tanta infinidade de quartos, que mais parecem dormitorios de um convento, cozinhas de tal capacidade, que bem á vontade se podia fazer n'ellas o jantar para um numeroso exercito, e cavallariças onde hoje se podia accommodar toda a nossa cavallaria. Porém quando se lê na citada obra a relação das pessoas, que acompanharam el-rei, tanto da sua familia, como da côrte, além de quinhentos soldados de cavallo, acha-se então a explicação do enigma.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A DRAINAGEM E SUA UTILIDADE.

Drainagem, vocabulo francez, que não tem correspondente na nossa lingua, é a operação pela qual se procura ás chuvas e ás fontes um escoamento facil através do solo, até uma profundidade e distancia em que não podem ser nocivas. Chamam tambem os francezes *drains* aos regos ou vallas abertas para o escoamento das aguas; e, por extensão, dá-se o mesmo nome aos tubos de barro que hoje se empregam geralmente em vez dos meios antigamente usados.

A *drainagem*, enxugando as terras encharcadas, frias, humidas e argilosas evita as estagnações e fermentações putridas, causas notorias de emanações insalubres, de affecções climatericas e de vegetações parasiticas. Augmenta ao mesmo tempo, e necessariamente, a quantidade, a qualidade e o valor dos productos do solo.

Comprehender-se-ha facilmente a influencia da *drainagem* sobre a salubridade e as condições climatericas, quando se reflectir: 1.° que a agua estagnada impede que o calor penetre o solo, esfriando-o por consequencia; 2.° que a sua evaporação resfria consideravelmente as terras, pois que é sabido que a agua não póde evaporar-se sem roubar aos corpos circumjacentes grande parte do seu calor; 3.° que a humidade do solo neutralisa o benefico effeito dos orvalhos, que se não formam em superficies polidas, mas sim em terrenos divididos em partes tenuissimas, e que apresentam grande numero de faces, como a areia, o terriço etc.; 4.° que a presença da agua no solo augmenta o effeito da refracção, causa essencial do esfriamento dos corpos durante as noutes serenas e as neblinas, que tão perniciosas são ás plantas; 5.° por meio da drainagem as chuvas fazem descer ao interior da terra o calor da superficie; 6.° finalmente a drainagem, impregnando de um estado medio de humidade as camadas inferiores do solo, attenua o resultado da falta de chuvas no verão.

Os effeitos da drainagem sobre a economia agricola e domestica não são menos importantes que os seus effeitos sobre a salubridade e o clima. Elevando a temperatura media do solo, e restituindo a plenitude de sua acção fecundante ao calor solar, ao ar, aos orvalhos e ás chuvas outomnaes, apressa o amadurecimento dos fructos, e melhora-os consideravelmente.

Além d'isto a drainagem regularisa o regimen das aguas, e tirando-lhes as propriedades nocivas, converte-as em effeitos uteis. Equivale tambem a um aprofundamento do solo, proporcionando-lhe o conveniente grau de divisão e de humidade. Diminue por esse motivo as despezas de amanho, pois que o resultado que por meio d'ella se obtem equivale ao que se procura alcançar mediante uma serie de trabalhos difficeis e dispendiosos sempre.

Fazendo cessar a estagnação das aguas, a drainagem previne a fermentação que apodrece as raizes, e produz substancias perniciosas para as plantas. Diminue igualmente a mortalidade do gado, que adquire nas pastagens humidas numerosas enfermidades, mórmente affecções pulmonares; e previne a multiplicação dos insectos que o martyrisam.

Os resultados economicos da drainagem são consideraveis, compensando largamente as despezas que occasiona. As colheitas muitas vezes duplicam e outras triplicam.

Uma serie de experiencias rigorosas tem demonstrado a exactidão d'estas informações; e os mais habeis agricultores, assim francezes como inglezes, não hesitam em reconhecer francamente as enormes vantagens que similhante systema proporciona.

O custo da drainagem nas localidades em que o preço da mão de obra é regular, ou modico, varía em França, segundo as circumstancias, entre 140 e 240 francos por hectare, sendo 70 francos, proximamente, o custo dos tubos de barro. Deve comtudo notar-se que é possivel, havendo bom methodo e boa direcção nos trabalhos, reduzir estas despezas ao minimo.

O Senhor não fará accepção de pessoa contra o pobre, e elle attenderá a deprecação do offendido.

Não desprezará os rogos do orfão; nem a viuva, se derramar voz de gemido.

Acaso não correm as lagrimas em fio á viuva pelas faces abaixo, e não clama ella contra aquelle que lhas fez derramar? Porque ellas do rosto da viuva sobem até o céu, e o Senhor que a ouve não gostará de a ver chorar.

ECCLES. XXXVI, 16 A 19.

HESPANHA — MURCIA.

Murcia, cidade capital da provincia do mesmo nome em Hespanha, é uma das mais importantes povoações da monarchia visinha. Está assentada em uma deliciosa campina, cortada pelo rio Segura, que uma magnifica ponte atravessa, communicando as duas margens. É a posição d'esta cidade o mais aprazivel que póde imaginar-se; e o seu termo rico de todos os fructos dos climas meridionaes.

As ruas de Murcia são muito largas, limpas, bem calçadas, e convenientemente illuminadas de noute, distinguindo-se entre todas a que chamam de *Traperia*. Contém formosos edificios, e no da cathedral varios monumentos apreciaveis de architectura antiga. Ao lado direito do altar-mór estão, em uma urna de pedra, o coração e as entranhas de D. Affonso o sabio. Os orgãos e as cadeiras do côro são obras do presente seculo, e mui dignas de ver-se. O paço episcopal é o melhor talvez de toda a Hespanha.

Tem Murcia numerosas escolas de instrucção primaria e secundaria, aulas de mathematica, desenho e architectura, e uma soberba casa para venda de cereaes. Os campos adjacentes a Murcia, a que ali chamam *Huerta*, são os mais formosos e mais ferteis de toda a peninsula; estes campos medem cinco leguas em comprimento e tres em largura, calculando-se os seus productos agricolas em outo mil contos de réis da nossa moeda, aproximadamente. A *Huerta* de Murcia é regada pelas aguas tomadas da chamada Contraparada, obra admiravel pela sua solidez e altura, que excede de 90 pés; ignora-se a sua antiguidade, e só se sabe que existia já no tempo dos arabes. O trafego commercial de Murcia é importantissimo, mórmente em cereaes. Recentemente aclimaram-se ali a seda da China e a cochonilha, com grande vantagem publica e particular.

Fica Murcia entre 3° 10' de longitude, e 37° 48' de latitude, a 11 leguas ao norte de Carthagena, e 75 ao sueste de Madrid. A sua população excede hoje a 35:000 almas.

O VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

IV.

Em 1820 a revolução iniciou a Portugal no culto ardente e apaixonado da liberdade. A revolução que dera desde París a volta pela Europa, a revolução que desde os seus primeiros lampejos em França illuminára em toda a parte os espiritos esclarecidos e os corações insoffridos e patrioticos, entrou solemnemente na nossa terra, e inaugurou entre acclamações enthusiasticas e em meio de triumphos incruentos o seu primeiro e curto noviciado. A monarchia velha, condemnada pelas theorias da republica franceza, e desprestigiada em Portugal pela desidia e pela covardia dos seus primeiros representantes, cedeu diante

da revolução, que reclamava a soberania, não pelo clamor das classes populares, senão pela voz imperiosa do exercito e de muitos dos seus caudilhos, que se haviam associado á conjuração de alguns homens decididos das jerarchias superiores da sociedade.

A revolução mandára prégar em toda a Europa a liberdade e a renovação social ao som do canhão dos exercitos republicanos. A Portugal só haviam chegado os echos moribundos da revolução, quando um soldado feliz a havia desde alguns annos algemado. A França por muitos annos inoculára nas velhas nações da Europa o espirito das suas instituições e o contagio das suas idéas pela invasão dos seus conscriptos. Adoçára sempre a conquista dos territorios pela alforria politica dos cidadãos. A conquista significára para a republica o baptismo revolucionario dos paizes invadidos; os seus generaes e os seus exercitos levavam a guerra aos monarchas, e a rehabilitação social aos povos opprimidos pelo despotismo.

Quando a França nos enviava as suas legiões, era o sôpro da revolução que ainda as impellia para as nossas fronteiras; mas as aguias que marchavam na sua frente significavam que a França renunciára ao apostolado da liberdade para se entregar ao delirio da conquista. A invasão franceza não queria dizer já, como nos tempos da republica, que a França nos convidava pela intimação das armas a commungarmos no culto democratico; significava apenas que o vencedor da Europa colligada apagava dos nossos pendões as quinas venerandas, para estampar-lhe no campo profanado o brazão das suas victorias; e annullava com a irrupção dos seus exercitos os nossos feitos de sete seculos para reduzir a antiga metropole das conquistas orientaes á condição opprobriosa de um departamento do seu imperio. Trocava a degradação pela degradação, a tyrannia pela tyrannia. Espedaçava um throno, onde o despotismo tinha ainda ao menos o esplendor das glorias herdadas, e o prestigio da tradição dynastica, para lhe substituir um despotismo improvisado e forasteiro. A nação ergueu-se e protestou contra a arrogancia do estrangeiro. Desamparado pelo monarcha, apesar do seu desvalimento e orfandade, o povo ousou reptar o vencedor de cem batalhas, e David de um novo e mais temeroso Goliath, saíu a campo a combatel-o. O povo que não pudera associar-se á revolução e á republica indignou-se de venerar a reacção e o imperio. Os destinos haviam-lhe impedido de assistir livre á apotheose momentanea da liberdade europea, não lhe consentiu o patriotismo e o pundonor que assistisse escravo no territorio sagrado da patria á insultuosa apotheose do absolutismo estrangeiro.

O rei fugira deixando subditos em Portugal; a guerra nacional despertou-os um dia soldados. Não havia exercito organisado, e o povo, insurgindo-se, improvisou-o nos recontros e nas batalhas. Não havia finanças, supprin-as a dedicação; não havia caudilhos determinados, e as phalanges portuguezas batalharam ao grito de patria, que é nos trances angustiosos das nações, e nas quadras nefastas de desamparo nacional como que o general invisivel, mas prestigioso, que dirige o povo nos dias terriveis do seu enthusiasmo e do seu furor aos grandes commettimentos patrioticos, e ás difficultosas emprezas nacionaes.

Um povo que se não invileceu até á indifferença, e que se não degradou até ao materialismo, ha mister de um elemento moral que lhe dê vida, e que lhe mantenha a inspiração. A inspiração de um povo chama-se na paz a liberdade; a vida de uma nação chama-se na guerra a gloria. Um povo, a quem roubam a liberdade no forum publico, e que não protesta pela insurreição contra a violação da sua dignidade politica, é um povo que está prestes a sumir-se na lista das nações. Um povo, que no campo da batalha não freme de enthusiasmo, e se não enleva no espiritualismo das glorias nacionaes, é um povo que se offerece em almoeda á cubiça dos estrangeiros.

A nação portugueza armou-se contra Napoleão. Durante seis annos foi a gloria o seu enthusiasmo, e a liberdade esqueceu, offuscada pelos clarões esplendidos da gloria. Os cidadãos cubiçaram os louros marciaes, e não tiveram tempo de invejar as corôas civicas de carvalho. Preoccupados generosamente da patria commum os portuguezes deslembraram a sua rehabilitação de cidadãos. Veiu a paz depois das batalhas e das victorias; as reliquias dos exercitos voltaram a pizar o solo nacional, desaffrontado da violação dos estrangeiros. Os cidadãos haviam defendido a patria; ella estava livre da dominação estranha; mas elles estavam como d'antes assoberbados ao antigo despotismo. O soldado, pendurando os seus tropheus na cabana da aldeia, despidas as armas vencedoras para volver aos misteres e aos trabalhos da paz, abdicando a dignidade militar, entrava de novo na servidão commum, e depois de ter collaborado n'uma pagina gloriosa da historia nacional, achava no reverso a ignominia de outros não menos insolentes estrangeiros, governando a Portugal, e encontrava em recompensa das suas fadigas a oppressão da velha monarchia, o privilegio insolente das classes privilegiadas, o desprezo dos seus direitos, o assassinato juridico de Gomes Freire e dos seus associados, abrindo a carreira á sanguinolenta justiça politica, que infamou por tantos annos a decrepidez e a agonia do absolutismo.

A gloria brilhou ainda no seio da patria, e illuminou os festejos publicos que celebravam a victoria das armas nacionaes e a vindicação de Portugal contra a arrogancia de Napoleão. Os louros esfolharam-se, os disticos sumiram-se nos arcos triumphaes. Os hymnos perderam-se com os seus ultimos echos. As lyras dos vates patrioticos voltaram ao silencio depois do cansaço de tantas glorias. A velha monarchia fôra evocada á vida por uma resurreição ephemera. Despregou-se-lhe a purpura com que lhe haviam occultado as chagas para a saudarem nos dias do triumpho. Caíu-lhe o laurel que lhe assentára na fronte a gloria nacional. O Lazaro appareceu então na sua hediondez. Os homens mais patriotas e mais illustrados envergonharam-se de que Portugal assistisse durante trinta annos á queda e á renovação das instituições e dos costumes, sem aproveitar as conquistas da civilisação politica, e sem tirar nenhum proveitoso ensinamento d'estas grandes theses humanitarias, debatidas pela eloquencia e pelas bayonetas nas assembléas politicas e nos campos de batalha. Portugal era então quasi o unico paiz da Europa culta, onde a liberdade não tivesse estancado ao menos um momento. Era como um trecho da idade media encravado por um contrasenso historico em pleno seculo decimo nono.

A revolução tornou-se necessariamente sympathica aos homens que na flor da juventude, na cultura das letras, no fervor das innovações, e na sua justa e patriotica indignação contra o despotismo d'aquelles tempos, achavam sobejos motivos para saudar a liberdade, como um numen que elles haviam acatado sempre de longe, a que, entre os receios da per-

seguição, haviam sempre confessado, e a que íam agora render homenagens publicas e solemnes sem o temor das proscripções politicas, e sem o terror das censuras e das punições inquisitoriaes. Pollulavam na universidade e nas escolas, como sempre, os proselytos e os evangelisadores da reformação politica. Corações juvenis, abriam-se nas suas ágapes secretas a todos os affectos do patriotismo, e a todos os sentimentos de pundonor civico e de dignidade nacional. Espiritos illuminados, haviam antegostado nas suas leituras íntimas e nas suas mutuas confidencias, os deleites da liberdade. Consciencias immaculadas, como são as da adolescencia, escandalisava-os a degradação da patria, o abandono da côrte, a insolencia dos estrangeiros, o cumulo dos abusos inveterados. Doía-lhes n'alma que Portugal fosse de dia para dia contrahindo moralmente as suas fronteiras e figurando no mappa da Europa como uma colonia do Brazil, assoberbada opprobriosamente por um proconsul da Grã-Bretanha. Affrontava-os a idéa de que só em Portugal a arvore centenaria do despotismo erguesse ainda o tronco carcomido, sem que, a exemplo de todos os povos do continente, o sôpro da revolução lhe viesse açoutar e destroncar a ramada, e quebrar a haste que em vão aprofundava as raizes no solo outr'ora glorioso da monarchia cavalleirosa e conquistadora.

O sr. Garrett, na primavera dos annos, n'esta quadra risonha em que o coração pulsa quasi sempre generoso e romanesco, invocando o amor e saudando a liberdade, poz o seu talento e o seu esforço ao serviço das novas idéas politicas, e offereceu á patria libertada como que as primicias do seu engenho lyrico, e foi então o Pindaro da revolução, como mais tarde na Terceira havia de ser o inspirado Tyrteu das phalanges liberaes.

A universidade festejou o advento da liberdade. Como é sempre d'uso n'estes momentos de enthusiasmo, em que se julga a revolução consolidada, e impossivel para sempre o desforço da reacção, os prosadores e os poetas vieram celebrar em justas academicas o que então se chamava e se cria ser a regeneração de Portugal. Na sala dos capellos da universidade recitou o sr. Garrett uma ode, ou antes discurso em verso, em que o estylo proprio do poeta e os dotes caracteristicos do seu talento puderam já transluzir mais livremente do que nas suas precedentes composições, porque cantava um assumpto novo para Portugal, e porque para mover os animos dos seus concidadãos o poeta só tinha de inspirar-se na sua intima convicção e nos sentimentos puramente nacionaes. Cantando a liberdade moderna, a sua musa podia correr mais solta de imitação e menos timida na innovação e na originalidade. Cantando o patriotismo, o poeta havia de ser necessariamente mais portuguez do que nos seus primeiros ensaios metricos, moldados segundo os rigorosos estatutos até então vigentes no Parnaso.

(Continúa.)

J. M. Latino Coelho.

IGNOTO DEO.

TRADIÇÃO PORTUGUEZA.

III.

OS VOTOS DE CASTIDADE.

Começava o mez de setembro de 1451. Toledo, a formosa capital, e residencia então da côrte de Castella, jazia submersa na tristeza, e os seus moradores accusavam a rainha Isabel de uma atroz injustiça para com a mais linda e a mais modesta das suas donas de honor. Todos os nobres estavam promptos a saír a campo em defeza da virtude d'aquella offendida donzella, mas não achavam competidores, porque a calumnia tinha partido de outras damas, invejosas das mil perfeições de D. Beatriz da Silva, e com essas não havia que quebrar lanças.

Tres dias eram passados depois que a gentil portugueza fôra fechada em estreito e escuro desvão, sem lhe darem nenhum alimento, nem uma sede de agua, quando entrou na cidade um cavalleiro portuguez, que vinha de longe vingar a affronta feita ao nobre sangue de Menezes e Silva. Era D. João. Apenas chegado a Toledo, dirigiu-se ao palacio real, a impetrar uma audiencia da orgulhosa rainha de Castella, e resolvido a luctar até ao ultimo sôpro de vida pela liberdade de sua querida irmã.

D. Isabel conhecia o mancebo da côrte de Portugal; estimára sempre a Beatriz, e cedêra á intriga das invejosas donas, primeiro com reprehensões severas, depois com mais asperos castigos, porque ellas lhe figuravam a donzella como motora de todas as rixas e duellos que haviam innundado de sangue as ruas de Toledo. Vendo, porém, o abatido rosto de D. João, e lembrada da amizade que sempre lhe consagrára a sua fiel dama, resolveu logo dar a liberdade a Beatriz, ordenando comtudo que no mesmo dia saísse de Castella.

Com que impaciencia esperou D. João de Menezes a execução d'aquella ordem; porém quando contava estreitar nos braços a irmã adorada, recebeu d'ella um bilhete concebido n'estes termos:

«João. Acabo de saber que chegaste a Toledo, e alcançaste salvar-me da morte cruel que me estava preparada, e cuja aproximação já sentia; mas não te verei, mais, querido irmão, porque n'este isolamento fiz voto de perpetua castidade, e dedicar-me-hei sómente a Deus, no mosteiro de S. Domingos o Real, cujas portas a rainha permitte que se me abram. Volta a Lisboa, e cuida em que esse *ignoto deo* a quem adoras, não murche a tua felicidade na terra, e te faça perder a salvação eterna. Beatriz.»

—Não me quer ver! bradou D. João, acabando de ler a missiva: ao cabo de quatro annos de ausencia fugir de seu irmão, para se encerrar perpetuamente em um mosteiro!... Meu Deus! meu Deus! Se eu adivinharia! Se a desgraça é ainda maior do que a suppõe o mundo! —E as lagrimas corriam em fio pelos sulcos que a paixão cavára no rosto do mancebo.

—Vou escrever-lhe, disse emfim, depois de larga pausa; confessar-lhe-hei o mysterio dos meus amores, e exigirei que me conte o seu, porque ella tambem occulta um segredo... estou certissimo!

E João de Menezes traçou á pressa estas linhas:

«Beatriz do meu coração. Vou revelar-te o mysterio d'esta ara consagrada a um deus occulto. Ha dous annos que perdi a alegria, e que me sinto morrer, porque ousei levantar os olhos para muito alto, e cravar a vista na radiante imagem do sol. Querida irmã, eu adoro em segredo a formosa Leonor, a filha dos nossos reis, a futura esposa do cesar; eu, simples cavalleiro, atrevi-me a amar uma princeza, e nada é capaz de me arrancar do coração este louco amor! Ella creio que já o percebeu, mas finge ignoral-o... Póde-o fazer, que é mulher, e não ama! Mas eu, imaginas acaso as torturas que passo cada dia, cada momento que estou ao pé d'ella? E com-

tudo como me julgaria feliz se pudesse estar sempre ao seu lado!... Sabes o meu segredo, Beatriz; vês que esta vida de tormentos não póde ser longa, e que a morte tem de rematar em breve o martyrio; porém tu, que és um complexo de virtudes e de belleza, porque vaes sepultar-te entre as paredes de triste convento, quando podias dar a felicidade a um dos muitos que te adoram, escolhendo esposo digno do teu amor?... Ah! Beatriz, occultas um segredo que te mata lentamente, e eu quero partilhar as tuas dores, e se for possivel dar-lhe ainda remedio. Exijo que me confesses esse segredo; bem sabes que fica depositado em um coração leal.—João.»

Em quanto o desgraçado fidalgo espera anhelante pela resposta ao bilhete que se acaba de lêr, vamos nós ao convento de S. Domingos, na mesma cidade de Toledo, observar o effeito que produz aquella leitura sobre a nova reclusa, que, no habito secular, passará trinta annos n'este mosteiro «fazendo vida santissima, diz Nunes de Leão, e de muita abstinencia e grande exemplo,» preparando-se para estreitar ainda mais os laços religiosos com o divino esposo.

Depois de tantos soffrimentos, e de ter opposto a resignação á fome, á sede, aos maus tratos, e ás vozes da calumnia que maculavam a sua reputação, Beatriz encerrada em pequena cella, com os olhos cheios de lagrimas, mas ainda formosos, lia a affectuosa carta de seu irmão. Chegando ás ultimas palavras, o rosto da donzella tornava-se ora pallido ora vermelho, porque o sangue corria-lhe desordenado entre a cabeça e o coração; o peito parecia que lhe estalava. Aquella alma que aspirava a um mundo melhor, não tinha podido quebrar de todo os laços terrestres. Contava triumphar, com a ajuda da Virgem, que lhe apparecêra no carcere, mas bem via que ainda não era chegada a hora de attingir a perfeição; faltavam a arrancar profundas raizes, d'estas que o maior vendaval não desarreiga, e que só o tempo tem poder de consumir.

—Mal sabes o que pedes, infeliz! exclamou ella por fim, unindo as mãos, como em fervorosa prece. Não basta para consumir-te a seiva da vida essa louca paixão por uma mulher que não póde pertencer-te, queres ainda devassar os segredos d'este coração, que é um abysmo, que faria de tua irmã, da filha de nosso honrado pae, a maior das peccadoras, a mais vil das mulheres, o espanto do mundo, se uma voz de cima a não segurasse á beira do precipicio, e se as provações que Deus lhe enviou, pela sua ineffavel bondade, não mostrassem claramente á alma transviada que ainda era tempo para o arrependimento!... Não te verei mais, não, unico ser a quem tenho adorado, unico esposo que o meu coração escolheria, se Deus o permittisse, e a cuja imagem só posso antepor a imagem do proprio Deus, pois que só elle me póde fazer esquecer de ti!... Exiges uma resposta? Tel-a-has, mas breve e derradeira. Coragem, meu Senhor!

E Beatriz sentou-se junto a uma tosca meza, e escreveu:

—Meu João...

—Meu?... não! proferiu dolorosamente a virgem, e rasgou o papel aonde havia lançado aquellas duas palavras. Depois começou outra carta n'estes termos:

«João. A nossa separação quer Deus que seja eterna... aí, nem mesmo na presença do justo juiz devemos encontrar-nos! Um mosteiro será o meu tumulo em vida, um habito de freira a minha mortalha. Se tu pudesses, como eu, fugir do mundo, e abraçar-te com a cruz do redemptor, que do alto do Golgotha proclamou o nada das vaidades humanas?... Mas não, sê feliz no seculo; porém abate a ara do *ignoto deo*, porque Deus só ha um, não desconhecido, porque d'elle dão testemunho o céu, o mar, a terra, toda a creação, e só a esse se devem erguer altares. Adeus, irmão, adeus para sempre... para sempre.—Beatriz.»

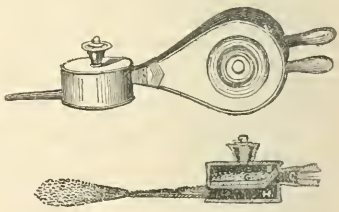
Calculae a afflicção do bom Menezes ao receber este bilhete. Não era uma confissão franca, mas era uma revelação bem clara da causa que motivára os desgostos de Beatriz. Aquelle horrivel pensamento que ha quatro annos lhe vagueava na mente, confuso, indefinido, tomava agora as proporções da realidade, e fixava-se de uma maneira indelevel na cabeça do mancebo, para acabar de lhe torturar o coração, já tão ulcerado pelo amor sem esperança! Que faria o desgraçado? Contaria ao conde de Portalegre o segredo de sua irmã? Não, que era augmentar o numero dos infelizes, sem diminuir as amarguras de ninguem.

João de Menezes leu e releu a carta de Beatriz; aquellas palavras cheias de unção evangelica estiveram quasi a fazel-o largar o mundo, e ir esconder-se no convento de Nossa Senhora de Guadalupe, de frades jeronymos, aonde já tinha passado alguns dias, porém dias risonhos, sem idéa de clausurar-se. E Leonor?... deixar de a ver ainda uma vez! O infeliz não podia tanto. Fez voto de castidade, já que não lhe era dado esposar a unica mulher que amára, mas não teve força para arrancar da gorra o altar do Deus ignoto.

Partiu de Toledo no mesmo dia; e ao apparecer de novo na côrte de Portugal, todos perguntavam se o filho de Ayres da Silva, voltava de alguma peregrinação á Terra Santa, ou se, pelo contrario, fizera pacto com Satanaz, e o acompanhára nas entranhas da terra em busca de metaes preciosos.

(Continúa).

F. M. Bordalo.



MOLESTIA DAS VINHAS.

Tem-se proposto muitos meios para prevenir ou curar a enfermidade que, sob o nome de *oidium tuckeri*, tem atacado os nossos ricos districtos vinhateiros; mas de nenhum ha a experiencia demonstrado resultados mais vantajosos que os obtidos pela enxofragem.

A sociedade imperial horticola de França, n'um relatorio elaborado por M. Bossin, de accôrdo com a commissão nomeada pelo ministro de agricultura e do commercio, reconheceu que a enxofragem a sêcco era o unico methodo curativo ou preventivo que offerecia probabilidades de bom resultado.

Os proprietarios de vinhas de Thomery usaram da enxofragem, e os seus predios não soffreram prejuizo algum; pelo contrario produziram optimos e copiosos fructos.

Os vinhateiros de Thomery repetem a operação da enxofragem tres vezes. A primeira, antes da afloração; a segunda, quando os bagos da uva estão da grossura de chumbo de caça (escomilha); a terceira, quando os mesmos bagos começam a pintar, antes de amadurecido o fructo.

A flôr de enxofre deve chegar a todas as parras e cachos de cada cepa. A melhor occasião para operar parece ser o meio do dia, quando o calor é mais intenso; mas em Thomery usam de ordinario enxofrar as vinhas de manhã e á noute; talvez porque a estas horas o pó levanta menos, e não incommoda tanto os trabalhadores.

A gravura representa o apparelho com que devem enxofrar-se as cepas atacadas; é uma especie de folle, de construcção mui simples: a clareza da estampa dispensa-nos de mais miuda descripção. Em Lisboa, no estabelecimento do distincto artista João Ferreira da Silva Junior, ao Corpo Santo, construem-se d'estes apparelhos com toda a perfeição, e cremos que por preços modicos.

Ignorâmos se em Portugal se tem praticado a enxofragem, e o seu resultado; em todo o caso cumpre não só ensaiar esta como quaesquer outras indicações, que, pelo menos, possam attenuar os funestos effeitos da desastrosa molestia que ataca as nossas vinhas, ameaçando a fortuna publica e particular.

A IDEOGRAPHIA.

Na fraternidade o symbolo em que se acham cifradas as mais nobres aspirações da philantropia.

As antipathicas barreiras que entre os homens têem levantado as differenças das raças, a variedade das religiões, o heterogeneo dos costumes, a desproporção da fortunas, a desigualdade dos climas, a distincção dos interesses, o longinquo dos mares, o opposto das temperaturas, a antithese geographica de povos para povos, de tribus para tribus; a toda essa hereditaia repugnancia, já resultado dos naturaes elemento, já filha de preconceitos tradicionaes, ou originada por mil causas diversas, mas nem por isso menos peniciosas, se têem opposto corajosamente os esforços da nova philosophia, annunciada pelo evangelho.

A fraterúdade é proclamada pela sciencia, moldada pela industria; inspira as bellas-artes, expande-se com a navegação, corre com o vapor, vôa com a electricidade, desentranha do seio da terra mil recursos providencias, manifesta-se pela opinião, diffunde-se pela palavra sonham-na os humanitarios, revelam-na os progresos da humanidade, e vae triumphar nos braços da propria religião que a tomou por divisa, que lhe insuflou o primeiro halito vivificador, e que a envion á conquista do amor universal, cujas tendencias generosas são para unir entre si, e estreitar com indissoluveis laços os membros dispersos da familia humana

Eis a fraterúdade a que o christianismo chamou amor do proximo. Eis o pensamento com que a escola, que tomou por base o christianismo, coroou os dous bellos pricipios: liberdade e igualdade. Eis a ultima expresso d'essa tríade harmonica, em que se resumem os suffragios progressivos da geração actual.

Esse desiderandum sublime de conciliação e de amor para todos, escripto em cada consciencia pela mão de Deus, depositado em todos os corações para, um dia, germinar com o mesmo calor, aspirar a mesma luz, e completar o plano magnifico da bondade suprema, esse pensamento fecundo ora latente, ora esplendido e rasgado, progride sempre, e vae descrevendo a orbita que lhe foi traçada nas regiões do infinito.

É a luz sem sombra, o astro sem occaso, o dia sem noute, a primavera sem inverno, a alegria sem tristezas, o abraço que ha de terminar para sempre ainda os mais leves assomos de passadas dissensões.

Para que a revolução pacifica das idéas venha a tomar posse incruenta do que de direito lhe pertença; para que os chamados direitos da força cedam o logar ás victorias da civilisação, é indispensavel, que cada um comprehenda a missão de que foi investido, e que a actividade collectiva, centralisando a importancia das vocações individuaes, empregue a grande influencia de que póde dispor.

Aos monumentos erguidos pelo orgulho, succedam os que caracterisam as necessidades d'estes dias de transição. Entendam-se todos, amem-se todos, que as asperezas do trabalho se lhes transformarão em suavidades.

E a grande obra do futuro, lidada a pedra e pedra, cavada a palmo e palmo, tem de elevar-se tão alto que todos a vejam, surgindo por fim desassombrada dos despenhadeiros que ameaçavam de minar-lhe a base, e das voragens que se abriam para lhe engulir os obreiros.

É mister que a humanidade não estacione, meditando contemplativa cada maravilha que evocar. É preciso, e insistimos n'isto, que cada homem, desde que reconhecer o caminho para que foi chamado, não hesite nem um momento em avançar para a frente, ainda que essa resolução importe o sacrificio.

Mas, se no empenho que se propõe cada individuo e cada nação, vae tanto para o interesse commum, que não seria, se todos os povos, sem excepção, dessem as mãos para o complemento do edificio da sociabilidade universal?

Que não seria, se todos se entendessem, se todos instantaneamente se pudessem abrazar no mesmo ardor, obedecer á voz da convicção em igual accôrdo, discutir a mesma questão, resolver, pôr mãos á obra, completar, recomeçar novo empenho, e não cansar nem descansar na escala dos melhoramentos materiaes e intellectuaes.

Os inventos que têem mudado a face do mundo moderno, ainda não tocaram a meta das necessidades d'este seculo, e ainda mais dos que estão por vir, apesar mesmo da celeridade e do multiplicativo que os caracterisa.

A vida é curta para a realisação de um projecto que exceda os limites da vulgaridade. Concebeu-se, desejou-se, aperfeiçoou-se, perfez-se. A idéa que incarnára, revestindo formulas sensiveis, sobrenada ao ambiente que a viu tomar corpo; tenta elevar-se, forceja por soltar-se das prizões que a circumscrevem a certo e determinado canto da terra, adeja, desfere o vôo, quer percorrer o globo, pousar em toda a parte, sem se deter em parte alguma, mas onde quer que a leve a mysteriosa carreira que a impelle, espalhar para todos os ventos a boa doutrina que encerra; porém, em breve, descendo das alturas a que se remontára, parece ir precipitar-se por vezes nos golphãos do esquecimento; outras, rastejando improductiva, arrastra inutilmente uma existencia duvi-

dosa; mais longe, refoge de certas paragens, onde mais conviria que predominasse; ali, hesita, além desconhecem-na; acolá, correspondem aggressivamente ao beneficio que a conduzira; uns engeitam-na por não estarem ainda preparados para a receber; outros pela carencia absoluta de cultura intellectual com que ella germine; a maior parte, embaçados pelo desconhecido e estranheza da forma que a reveste, voltam-lhe as costas, e não a acceitam, porque não a entendem. E a pobre idéa lá vae ser condemnada a hibernar, talvez seculos e seculos, antes que lhe seja dado penetrar com as franquias de emissaria de paz, e com os foros de cosmopolita, como de primeiro a fadaram tão auspiciosamente.

E como esta, quantas? E a que todas essas em si abrange, a da fraternisação do genero humano para a mesma communhão de interesses... retardada, comprimida; desenvolvendo-se a custo, onde mais urgia que medrasse; ou cedendo ao mortifero influxo de um estiolamento indefinivel.

Particularisando factos, e passando do immenso estadio das generalidades, por onde a alma folga de doudejar, ainda mesmo convencida de não o devassar todo, tentaremos fixar a attenção que, porventura, até aqui nos seguisse, conducente para um ponto essencialmente positivo, a despeito da sua natureza imaginosa.

Basta-lhe a sua condição de facto, e como tal, merece analysado, pelos espiritos que se prezam de acolher com jubilo todas as tentativas, mais ou menos ousadas, que para aquelle alvo, ainda que remoto, sejam dirigidas pelos que ainda crêem, e ainda perseveram em esperar.

Registaremos portanto aqui um trabalho, de um dos espiritos mais humanitariamente illustrados da Peninsula; trabalho em que transluz essa vigorosa esperança a que os timidos se contentaram de chamar utopia, e em que já se vão iniciando até os que d'antes mais se desvaneciam de incredulos.

Não nos permitte a estreiteza do espaço fazer tão conhecida como o merecia, a *memoria* do sr. D. Sinibaldo de Mas, «sobre a possibilidade e facilidade de formar uma escripta geral, por meio da qual se pudessem entender todos os povos da terra mutuamente, mesmo sem conhecerem alheios idiomas.»

Prestariamos devida homenagem ao intuito que delineou a IDEOGRAPHIA do sr. Mas, analysando capitulo por capitulo, pagina por pagina aquella producção de uma idéa expansiva, e eminentemente fautora da realisação do principio de fraternidade futura.

Limitar-nos-hemos, todavia, a extractar o que o distincto litterato e politico hespanhol, D. Buenaventura Carlos Aribau, disse no seu jornal *El Corresponsal*, saudando a apparição d'aquelle escripto.

«O objecto da *ideographia* é combinar um methodo de escripta, que, prescindindo de toda e qualquer relação com os sons de que se compõe a linguagem oral, seja entendida e traduzida por cada um, na sua propria lingua, á similhança das notas musicaes, que se executam do mesmo modo em todas as nações, e dos algarismos arabigos, que sendo, como são, representados por linhas identicas, se exprimem pelo orgão vocal de tantas maneiras, quantas são as infinitas diversidades de linguas que fallam, onde quer que se haja introduzido aquelle maravilhoso systema numerico.

«A idéa não é inteiramente nova; já antecedentemente se haviam feito varias tentativas para conseguir um resultado que sem duvida alguma produziria uma revolução na rapida e extensa communicação das idéas. — Se eu tivesse menos idade, ou se mais desoccupado trouxesse o animo, (escrevia Leibnitz a Rémond de Monfort) e com o auxilio de alguns mancebos dedicados, havia de traçar um quadro geral, em que todas as idéas do entendimento se veriam reduzidas a formulas de calculo, do que resultaria uma especie de lingua ou escripta universal, mui diversa de quantas até aqui se têem projectado.

«O philosopho saxonio não daria realmente grande importancia á polygraphia do abbade Tritemio, na qual a applicação de certos algarismos, por meio de occultas correspondencias, anda envolta em sonhos cabalisticos dos mais extravagantes. Porém Leibnitz, trabalhando, segundo parece, nos ultimos annos da sua vida, n'um systema fundado n'uma ordem algebrica, a que tinha já posto o nome de alphabeto universal dos pensamentos humanos, talvez tivesse já conhecimento da obra que em 1648 publicou o bispo inglez Wilzing, com o titulo de *An essay towards a real character and philosophical language*, onde classificava todas as palavras, não pela ordem alphabetica, mas pela ordem logica, tanto nos objectos materiaes, como nas concepções puramente metaphysicas; e indicava as divisões e subdivisões por meio de cifras arabigas, e signaes de convenção. Esta obra, continuada depois, e illustrada pelo dr. Kook, lê-se ainda com prazer; e desde então recebeu esta arte em projecto o nome de *pasigraph.a*, (escripta para todos) nome que tem conservado até hoje.

«Posteriormente o abbade Changeux, discipulo de Diderot e de d'Alembert, e auctor do tratado dos extremos, sem elevar as suas indagações a grande altura, imaginou alguns meios tão singelos como engenhosos; e nos fins do seculo passado, o major Maimieux, homem de entendimento vivaz e de notavel agudeza, abriu um curso publico de pasigraphia, e imprimiu em francez e allemão uma demonstração do seu methodo. De então para cá temos visto renovada repetidas vezes a questão em periodicos scientificos, e segundo nos consta, deve existir em certa academia da nossa Hespanha um trabalho sobre o assumpto, de cujo merito não podemos julgar.

«O sr. Mas teve porém opportunidade de ver, por experiencia propria, reduzido á pratica, um systema ideographico já diffundido n'uma grande parte do globo, e que se vae multiplicando cada vez mais ao commercio dos fructos da industria e ao engenho. Entre os diversos povos que visitou, e cujas linguas e recursos mentaes estudou com esmero, teve occasião de testemunhar como a escriptura chineza, que, como é sabido, não tem relação algum com os sons das palavras, se decifra não sómente n'aquelle imperio, onde ha dialectos que entre si tem mui pouca relação, senão tambem no Japão e em Anam, cujas linguas dominantes são inteiramente desconnexas, e tão distantes umas das outras, como póde ser a latina para a hebraica.»

É preciso advertir porém, que o sytema ideographico do sr. D. Sinibaldo, não tem menor relação com os caracteres graphicos dos chis.

«Depois de tantos esforços frustrados, que apenas têem produzido o esteril effeito de prederem momentaneamente uma vaga attenção, podermos esperar melhor exito a favor d'esta nova tentativa, que se apresenta animosa e franca, mas despio de pretenções? O certo é, que apesar de quanto se tem escripto e dito sobre a pasigraphia, poucos proselytos têem feito

os seus zelosos propagadores. Não admira. Em quasi todas as emprezas difficeis tem succedido o mesmo. Uns, como que adivinhando por um presentimento sobrenatural descobrimentos que assombrariam a sua epocha, e que seculos depois vieram a verificar-se; outros, procedendo a tentativas pouco felizes á primeira vista, porém fecundas depois em resultados, porque nunca são perdidas para a humanidade, ainda mesmo que tarde germinem, floreçam e fructifiquem as sementes esparzidas, ou de proposito, ou por acaso no solo da intelligencia. Se d'esta gloria participará o sr. Mas, é prognostico que não nos atrevemos a aventurar; porém, um virá que realise a grande idéa, e este será o que inventar um systema facil e completo que satisfaça a anciedade em que o mundo se sente de alargar a esphera e estreitar os laços das suas relações ideaes.

«Eis a tendencia universal dos espiritos, a mira da politica, o instincto do commercio que vae avassallando a terra, n'uma palavra a necessidade, o destino social. Cada melhoramento que se consegue nos systemas materiaes e moraes de communicação, é um passo que se dá n'esta carreira.

«Esteve por muitos annos a Europa occidental de posse de um beneficio similhante, quando era commum o uso da lingua latina, estendida pelas conquistas dos romanos, adoptada pela Igreja, e conservada pelas sciencias e pelas altas relações do trato civil e internacional. Não ha duvida que entre as vantagens obtidas na formação e ennobrecimento das linguas modernas, que nasceram á mercê do isolamento dos povos, e a pouco e pouco se elevaram a dominar exclusivamente no campo das idéas, houve inconvenientes, que não têem sido de todo compensados. Desde logo se traduziram, imitaram e mutilaram as obras da veneravel antiguidade; crearam-se, multiplicaram-se ao infinito, e revestiram mil fórmas differentes os pensamentos novos; colligiram-se os principios e maximas dispersas, e d'essa coordenação se constituiram em corpos de sciencia; levantaram-se grandes engenhos, animados ou pelo amor á propagação das luzes, ou pelo desejo de popularisar a vulgarisação das sciencias, até esse tempo enclausuradas no recinto das universidades. E assim foi desapparecendo lentamente a lingua do Lacio, e as altas verdades foram sendo reveladas em falla vulgar; as luzes tizeram-se communs a todos, como era de justiça. Porem esta democracia litteraria, que então triumphou, e que realmente pôde produzir felizes resultados em materia de artes e usos communs da vida civil, dentro de uma mesma nação, não participou de igual utilidade para a propagação dos conhecimentos na mais ampla esphera do mundo civilisado.

«As sciencias, é verdade que se diffundiram; porém, tanto ganharam em extensão, quanto perderam em intensidade; cresceu o numero dos homens instruidos, ao passo que minguou o dos doutos: houve menos pedantes, porém mais presumpçosos: leram-se mais livros, mas não se aprofundaram: escreveu-se muito; mas bom, pouco.

«Perderam-se os grandes modelos de eloquencia, de poesia e de estylo historico, que em vão se substituem por traducções imperfeitas, e que difficilmente se imitam com bom exito. Mas, prescindindo d'estas ultimas considerações, a maior desvantagem de se ter desterrado a lingua latina, é, que, ao passo que as sciencias se têem feito extensivas á generalidade, esta mesma generalidade se não estende senão a um só paiz. Se Newton tivesse escripto em inglez, Leibnitz em allemão, Descartes em francez, não haveria sido tão rapido e universal o effeito que suas obras produziram, no tempo em que de todo em todo se não tinha abandonado o culto da lingua latina.

Teriam tido, o que é mais provavel, a sorte das de João Baptista Vico, apenas conhecidas um seculo depois da sua morte. As correspondencias entre os sabios, as communicações reciprocas das academias eram então faceis e expeditas; existia de facto a pasigraphia e até a pasilalia; pois se entendiam, assim fallando, como escrevendo, ao passo, que, agora, quanto mais se propaga a illustração em povos diversos, se um moço quer adquirir os meios de se achar continuamente ao nivel dos conhecimentos, e beber a instrucção nas suas fontes primitivas; quantos annos não tem de consumir no estudo das linguas, isto é, a adquirir palavras, em vez de idéas?

«Repetimos que é uma necessidade social recuperar com vantagem este beneficio que a humanidade perdeu: temos muita fé nos esforços da mente humana. Se para lograr o intento se quizesse escolher e generalisar algumas das linguas já existentes, era a nosso ver, mau caminho. Prescindimos das rivalidades nacionaes, que opporiam forte obstaculo, quando, no actual estado da sociedade, a conquista é impossivel, e as geraes tendencias são para um federalismo universal. As linguas actuaes, e quantas tem existido, formadas em epochas mais ou menos rudes, umas na infancia, outras em principios de renascimento, complicadas na sua estructura, inçadas de irregularidades, de anomalias, de idiotismos, e, por conseguinte inexactas, pobres na expressão de certas idéas, luxosamente prodigas na de outras, e difficeis de serem aprendidas pela immensidade de excepções em que abundam, não preenchem a idéa que concebemos de uma lingua merecedora de ser universalmente adoptada, simples, constante e inflexivel nas regras, philosophica na construcção, methodica na nomenclatura.

«Não pretende o sr. Mas formar esta lingua; restringe-se á escripta; prescinde dos orgãos vocaes e auriculares; aproveita só a intuição, e julga ter com isto evitado uma gravissima difficuldade. Poder-se-ía combinar a linguagem vocal com a escripta, de maneira que esta fosse, não sómente uma representação immediata da idéa, se não que tivesse a sua correspondencia phonica, que lhe servisse de guia, de comprovação e de auxilio para a memoria? Talvez se conseguisse!»

Agora, depois de havermos cedido a palavra, como deviamos, ao erudito compatriota do sr. D. Sinibaldo Mas, permittir-nos-hemos ainda algumas breves reflexões sobre o trabalho do esclarecido diplomata.

A formação de um novo idioma fallado, por mais razoavel que o imaginemos, por mais compativeis que sejam as condições sobre que se basear, posto ser ardua, não parece impossivel. Deveria, para ser perfeito, participar de certa infallibilidade que distingue as sciencias exactas.

E concluido que fosse, fecharia a cupula mais arrojada, que jámais se ideou, para rematar o amplo edificio das harmonias sociaes.

Fóra a antithese da torre da confusão, de que resam as escripturas. Mas se é dado ao entendimento planear, e até certo ponto concluir, essa magestosa projecção, ser-lhe-ha igualmente concedido, o poder de a traduzir para a vida e para a realidade?

Eis o que duvidámos, apesar de ultra-utopistas.

A introducção d'uma lingua universal julgamol-a impossivel.

O que o não é, e o tempo o demonstrará, é a vulgarisação da arte de fixar os pensamentos por uma representação graphica, comprehensivel a todas as nações, e que lhes sirva de lingua commum escripta, do mesmo modo que os algarismos e signaes arithmeticos, ou os da musica são vulgares a todos os povos da Europa.

A ideographia é uma necessidade da civilisação. Ha cincoenta annos pareceria um delirio fallar-se em telegraphia electrica submarina; d'aqui a cincoenta annos as communicações entre os diversos povos talvez sejam quasi todas ideographicas.

As obras sobre artes e sciencias terão de ser traduzidas n'aquella escripta que só falla aos olhos.

A instrucção preliminar de cada povo tem de comprehender a ideographia, assim como a estenographia entra no programma da primeira instrucção, já em alguns paizes.

Refuta o auctor da *memoria*, de que nos occupâmos, a opinião dos que pretendem que o estudo de um systema ideographico, suppondo que vinha a estabelecer-se, havia de ser tão longo e tão difficil, que mais simples fôra escolher uma lingua viva qualquer, a franceza por exemplo, para a constituir intermediaria ou geral para todas as nações.

Folgâmos de o acreditar.

Esta idéa tem em si o que quer que seja de maternal, porque, realisada ella, devem d'ahi resultar outras muitas com a mesma feição de prestimo e valia.

Além d'isso, os homens estarão tanto mais perto de comprehenderem que são todos irmãos, quanto mais se reproduzirem os vinculos da sociabilidade.

LUIZ FILIPPE LEITE.

ALEXANDRE CSOMA.

Blumembach, em um dos seus cursos na universidade de Goettingen, teve occasião de dizer que seria possivel encontrar no oriente a origem dos hungaros.

Entre os discipulos do famoso sabio encontrava-se um mancebo chamado Csoma, natural da aldeia de Koros na Transylvania, que estudava medicina. As palavras de Blumembach fizeram subita e profunda impressão no seu espirito.

Pouco tempo depois do seu regresso á Transylvania, partiu para o oriente, desprovido de meios pecuniarios, viajando a pé, vivendo algum tempo da sua clinica medica, mas as mais das vezes de esmolas, e desempenhando pela energia da sua vontade uma empreza para a execução da qual se julgavam indispensaveis immensos recursos.

Csoma atravessou a Turquia d'Europa, o Egypto, a Syria, e a Persia. Chegou a Lahore na companhia de dous officiaes francezes de Kunjet-Sing, os generaes Allard e Ventura, que encontrára no caminho. A sua obsequiosa intervenção deveu ser-lhe permittido visitar a Cachemira. Internando-se n'este paiz penetrou até Leh, capital do Ladak; e aqui travou relações intimas de amizade com Moorcroft, que o auxiliou com toda a sua influencia, e o incitou a emprehender o estudo da lingua thibetana. Posteriormente foi residir em um mosteiro buhdico de Kanoum, no valle do alto Setledge, onde esteve quatro annos com o fim especial de terminar, coadjuvado por um sabio lama, os seus estudos budhicos.

Considera-se geralmente Csoma como o fundador do estudo do thibetano, sendo o unico europeu que d'elle se occupou na India. Publicou em o anno de 1834, na cidade de Calcutá, um diccionario e uma grammatica para uso d'aquelles que pretendem instruir-se n'este idioma. Foi tambem o auctor de uma analyse do *Kah gyour*, publicada no tomo XX da collecção scientifica intitulada *Asiatic researches*.

Falleceu Csoma no mez de abril de 1842, em Darjiling, no Nepal, quando se dispunha a voltar ao Thibet, para ahi continuar os seus laboriosos estudos philologicos.

NOVA ESPINGARDA.

Acaba de experimentar-se em Inglaterra, na escola de artilharia de Hythe, uma espingarda ou carabina de nova invenção, com a qual podem disparar-se sessenta tiros em sete minutos. Parece que se verificou por uma larga serie de ensaios que no numero de sessenta tiros quarenta e sete tocavam o alvo. É um terrivel instrumento de destruição este, que vem augmentar o immenso catalogo dos que os homens têem inventado para se matarem uns aos outros.

RECTIFICAÇÃO.

Na primeira parte da biographia do sr. visconde de Almeida Garrett, publicada a pagina 162, escreveu-se por equivoco D. Maria Anna de Austria em vez de *D. Maria Anna Victoria*, filha de D. Filippe V de Hespanha; e na data do nascimento do sr. Garrett poz-se 1798, devendo ser 1799.

Aquelles senhores que quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura terão a bondade de o declarar, quanto antes, em Lisboa aos distribuidores; e nas provincias, aos respectivos correspondentes, ou *por carta franca* dirigida ao editor, e acompanhada de uma ordem da importancia da assignatura.

Preços, por anno 1$300 rs., por semestre 700 rs., avulso 30 rs. Para as provincias (franco de porte) por anno 1$570 rs., por semestre 830 rs.

Assigna-se para o Panorama: em Lisboa, na livraria do editor, A. J. Fernandes Lopes, rua do Ouro, n.os 227 e 228, na do sr. Lavado, rua Augusta, n.° 8, e na do sr. C. J. Brabo, rua do Ouro, n.° 212.

São correspondentes do editor: no Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; em Coimbra, o sr. A. H. Dardalhon; em Vianna do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximianno Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio do Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Bahia, a sr.ª Viuva Carvalho & F.°; Maranhão, o sr. J. A. da Silva Guimarães.

INGLATERRA—PALACIO DE WINDSOR.

A historia do palacio de Windsor, famosa residencia dos monarchas da Grã-Bretanha, começa em Guilherme o *conquistador*. Herdeiro do throno de Eduardo foi-lhe facil apoderar-se das terras dadas pelo piedoso principe ao abbade de Westminster. Então os campos e os prados convisinhos foram convertidos n'uma vasta floresta em que o conquistador estabeleceu o seu antro. Seu terceiro filho Henrique Beauclerc augmentou a residencia real, cingindo-a de muralhas. No tempo de Estevão, neto de Guilherme, Windsor era a segunda fortaleza do reino. Henrique II lá congregou o parlamento, a que assistiram não só os barões inglezes, mas tambem o rei de Escocia e seu irmão. Constando que Ricardo *coração de leão* fôra aleivosamente detido na Austria, João *sem terra* apossou-se do castello, onde foi sitiado pelos barões sublevados, os quaes não puderam tomar a praça, mas obrigaram todavia o principe a assignar em 1215 a *Magna Charta*, palladium das liberdades inglezas. Eduardo III, que nascêra n'esta morada valida dos Plantagenetes, quiz tornal-a um dos mais bellos palacios da Europa: para esse fim fez empregar nas obras muitos milhares de operarios por espaço de dezouto annos.

A capella de S. Jorge, specimen soberbissimo da architectura do seculo XV, foi construida por Eduardo de York. Ricardo Beauchamp, bispo de Salisbury, fallecido em 1481, dera o debuxo d'ella; mas foi Reginaldo Bray quem a concluiu. O edificio proximo da entrada das salas de cerimonia foi mandada construir por Henrique VII. Henrique VIII reedificou a grande portada; e Isabel erigiu a galeria do seu nome, que é uma das melhores peças da architectura d'aquella epocha, bem como o magnifico terraço chamado do *norte*.

Jorge III mandou reparar a capella de S. Jorge, e no tempo de seu successor (em 1824) começaram os trabalhos de restauração do monumento.

Tem-se gasto n'este empenho mais de vinte e um milhões de libras. Interiormente é o palacio de Windsor sumptuosamente mobilado: ás terças, quintas e sextas feiras de cada semana admitte-se o publico a visitar os aposentos de apparato, ornados de uma serie de retratos de Van-Dick e Lawrence, e muitos quadros historicos de Rubens, e outros grandes mestres. O que comtudo mais attrahe a attenção é a capella de S. Jorge, verdadeiro primor de arte. Descansam ali os despojos mortaes de Eduardo IV, Henrique VI, Henrique VIII e Carlos I. Na capella de Beaufort repousam os cadaveres de Jorge III, Jorge IV, Guilherme IV, e outros membros da familia de Hanovre.

O ponto de vista que se gosa do alto da torre redonda é extensissimo, mas o que se disfructa do terraço de Isabel é ainda mais aprazivel. D'ali, dominando os gigantescos arvoredos do parque, que escondem as casas da povoação, os olhos alongam-se por sobre as torres de Eton, até ás collinas azuladas, que emmolduram a graciosa paizagem recamada de verdura, e cortada pelo Tamisa, que rola as suas aguas argentadas por entre prados verdejantes, matas cerradas, louras searas, e formosos jardins.

No mez de março de 1833 um incendio ameaçou destruir este grandioso monumento, sagrado por sete seculos de tradições historicas. Felizmente apenas foi consumida pelas chammas uma das torres, salvando-se toda a mobilia n'ella existente. A perda occasionada pelo sinistro calcula-se porém na somma de tresentos e vinte contos de réis da nossa moeda!

IGNOTO DEO.

TRADIÇÃO PORTUGUEZA.

IV.

A VIAGEM DA IMPERATRIZ.

Grossas nuvens se acastellavam no poente, rasgando-se a espaços em fitas de fogo; o Tejo dormia, mas roncava nas praias de além, como o scelerado cujo espirito se agita sonhando na maldade que ha de seguir o seu acordar; porém Lisboa adornava-se de todas as suas galas, o povo corria as ruas com dansas e tangeres, e uma vistosa frota com as bandeiras de Portugal e do imperio, com flamulas e galhardetes de mil côres, balouçava-se garbosamente sobre as aguas quietas, mas turvas do rio.

Era o dia 20 de outubro do mesmo anno 1431 em que se passaram os successos dos dous anteriores capitulos, e para tal dia fôra destinado o embarque da imperatriz D. Leonor. Ás onze horas da manhã saíu dos paços da Alcaçova toda a real comitiva, com direcção á cathedral, onde havia missa solemne. El-rei D. Affonso V levava de rédea o cavallo em que montava a imperatriz, e da mesma forma o infante D. Fernando guiava aquelle que conduzia a rainha; D. Henrique dirigia o ginete em que cavalgava a infanta D. Catharina, e o marquez de Valença cuidava da graciosa infanta D. Joanna. O resto da côrte, a pé, seguia a real familia. De todas as janellas, guarnecidas de formosas damas, pendiam ricas alcatifas, e os archeiros mal podiam abrir caminho para o cortejo por entre as ondas do povo, que corria a contemplar pela ultima vez o lindo rosto de D. Leonor.

Ouvida a missa de pontifical, que celebrou o arcebispo de Lisboa D. Martinho Vaz da Costa, despediu-se a imperatriz de sua cunhada, a rainha D. Isabel, que, por muito incommodada, não póde ir a pé até ao cáes da Ribeira, como toda a mais comitiva. D. Leonor começou então a derramar sentidas lagrimas, e a scena tocante da despedida communicou o pranto aos olhos de todos os assistentes.

Tendo atravessado a longa ponte de madeira, fabricada sobre toneis, expressamente para este embarque, e junto á qual se via atracada a nau capitaina, a imperatriz voltou-se ainda uma vez para os principes, a dizer-lhe o ultimo adeus; porém querendo em seguida embarcar, pois que a luz dos olhos começava a faltar-lhe n'aquelle transe do apartamento, envolveram-se-lhe os pés no manto imperial, e teria caído ao mar, se mão vigorosa e prompta a não enlaçasse rapidamente pela cintura.

Ao grito unisono de terror que saíu de milhares de bócas, quando a imperatriz resvalou para o abysmo succedeu o silencio da estupefacção, vendo-a logo salva do perigo, e todos se voltaram com inveja para o feliz mortal, que tivera tamanha dita. D. Leonor mandou-lhe o mais terno sorriso de agradecimento, e deu-lhe a mão a beijar... a mimosa mão de uma formosissima donzella de dezesete annos, imperatriz que ella não fosse! O salvador da infanta fôra João de Menezes da Silva.

—Leonor, maguaste-te? perguntou Affonso V, correndo em soccorro de sua irmã.

—Oh! não, respondeu ella, este cavalleiro segurou-me muito a tempo. E abriu os labios em novo sorriso, que penetrou até ao coração de Menezes. Só perdi um sapato, continuou ella, designando com o dedo um pequeno objecto que deslisava pela corrente do rio, brilhando como uma estrella em céu caliginoso: cil-o lá vae.

Ao concluir estas palavras a princeza, sentiu-se nas aguas o baque de um corpo pezado, e o povo atonito viu um homem nadando com vigor na direcção do indicado objecto. O leitor adivinha de certo quem era o louco que se arrojava ao mar em busca do pantufo imperial.

Houve um momento de silencio. Depois começaram alguns a murmurar em voz baixa; e o almirante mandou um esquife da nau a prestar soccorro ao nadador. A esposa de Frederico III virou-se insensivelmente para D. Joanna, que estava a seu lado, e disse-lhe a meia voz:

—Ai, Joanna, que homem aquelle!

—Vale mais do que um imperador, respondeu ella, com um tom pouco em harmonia com a sua tenra idade; e continuou: Casam-nos com um principe que não conhecemos, e exigem de nós amor!...

D. Joanna ria com tal desdem, como se já fosse a mãe da *excellente senhora*, quando o povo lhe chamava a *Beltraneja*, a adultera!

João da Silva não quiz utilisar-se do barco que voára em seu auxilio. Como, mais tarde, Camões nas aguas do Mecon, salvando o seu immortal poema, o amante de Leonor nadava com um dos braços, e alçava o outro acima das vagas, segurando na mão um sapato de razo cramezim, avivado de canutilho de ouro pela parte superior. Chegado á ponte, saltou ligeiramente sobre as pranchas forradas de damasco, e ajoelhando diante da gentil imperatriz, apresentou-lhe o breve e gracioso pantufo sobre as dobras da gorra, onde brilhava em letras de prata o fatal *ignoto deo!*

D. Leonor empallideceu ainda mais do que no momento do perigo, mas disse-lhe com graça senhoril:

—Guardae-o, D. João; assim molhado far-me-ía mal calçal-o.

O cavalleiro apertou-o contra o peito, como um talisman; e de envolta com os outros senhores do sequito da imperatriz, embarcou na nau capitaina.

A procella ameaçadora que encegrecia os horisontes, rebentou então com furor. Toda a côrte desappareceu da Ribeira, e o marquez de Valença, capitão-mór da armada, tratou de precaver as naus contra algum desastre que pudesse sobrevir. A capitaina, que tinha a seu bordo tão precioso deposito, afastou-se logo da ponte, segurando-se em distancia da terra com todos os seus ferros no fundo; as outras nove embarcações seguiram-lhe o exemplo. Á noute accenderam-se faróes, sobre os quaes se fixavam de continuo todos os olhos da real familia e dos cortezãos, atravez das vidraças do palacio da Alcaçova;

e posto que a borrasca redobrasse de força a cada momento, a vigilancia dos mestres e da maruja foi tão grande, e tão acertadas providencias se deram, que nenhuma das naus soffreu o menor desarranjo.

Muitos dias passou a armada no Tejo, sem que o mau tempo lhe permittisse saír a barra, e só a 12 de novembro pôde emfim velejar para o seu destino. Ainda assim a tormenta não cessára de todo, apenas dera alguma tregua, e investindo de novo com a armada na bôca do Mediterraneo, dispersou as naus que, a muito custo, se puderam reunir em Ceuta a 5 de dezembro. D'ahi, sempre açoutada pelos temporaes, entre repellões de vento duro e serras de mar encontrado, e tendo combatido contra tres naus e duas galés de piratas perto de Marselha, chegou emfim a desolada frota a ancorar no porto de Leorne, a 2 de fevereiro de 1452.

Com que prazer afferraram a terra os lassos viajantes! Apenas um, d'entre tantos, desejára tornar eterno aquelle trajecto maritimo; e, quem sabe, talvez outro, uma fraca senhora, apesar de todos os incommodos que soffrêra, achasse que vinha cedo a hora de desembarcar na Italia.

Tudo estava preparado para receber dignamente a nova imperatriz de Allemanha. De Leorne marchou a comitiva para Sena, capital da republica do mesmo nome, a cujas portas veiu receber a D. Leonor o imperador Frederico III, Ladislau, rei de Hungria, seu irmão o archiduque Alberto, e outros principes, nobres e letrados, entrando no numero d'estes o celebre Eneas Silvius, nascido n'esta mesma cidade, e que depois foi papa sob o nome de Pio II. O embaixador portuguez em Roma, Luiz Gonçalves Malafaia, tambem acompanhava o imperador, bem como varios enviados do Santo Padre. O concurso de povo nas ruas era immenso: já n'aquelle tempo os republicanos folgavam de admirar a purpura dos cesares, e os ornatos dos cortezãos! Uma inscripção monumental ficou lembrando aos vindouros a grande honra que a republica recebêra de ter dentro de seus muros o herdeiro de Carlos Magno.

Frederico contava então 36 annos; tinha um ar agradavel, unido a uma presença magestosa. Isento de paixões fogosas, e de todo o genero de excessos, sobrio na comida até quasi ao ponto de viver em jejum continuado, de costumes simples como qualquer burguez do seu imperio, o esposo de Leonor inculcava ser muito mais joven do que na realidade era, e tinha uma physionomia sympathica. Posto que, no futuro, elle desenvolvesse largos planos de ambição, e intrigasse para estender os limites do imperio, e deixar a corôa a seu filho Maximiliano, é certo que ao submetter-se á dolorosa amputação de uma perna ulcerada, já na idade provecta, exclamou: «Val mais um camponez com saude do que um imperador doente!»

A formosa infanta de Portugal agradou muito a Frederico, e suppõe-se que o bondoso imperador nunca soube que a seguia um amante apaixonado. As damas que a acompanhavam tambem foram conquistando corações de italianos e tudescos, apesar de toda a reserva que lhes recommendava a cada hora a camareira-mór, D. Brites de Menezes, condessa de Villa Real, e parenta de D. João.

De Sena caminharam para Roma, aonde eram esperados por treze cardeaes, clerezia, e os magistrados da cidade, encarregados pelo papa de cumprimentar os cesares, e preceder-lhe a marcha até á igreja de S. Pedro. O marquez de Valença, filho do duque de Bragança, que já conheciamos sob o titulo de conde de Ourem, tendo feito entrega do precioso thesouro que el-rei confiára á sua guarda, havia tomado differente caminho de Sena para Roma; porém o bispo de Coimbra, Luiz Gonçalves Malafaia, D. Lopo d'Almeida, Pedro Vaz de Mello, João de Menezes da Silva, e outros portuguezes íam encorporados no sequito imperial.

Seguiremos a D. Lopo d'Almeida, que depois foi conde de Abrantes, na descripção das ceremonias de benções e coroação em Roma. Elle as escreveu miudamente em carta dirigida a el-rei D. Affonso, que se encontra nas *Proras á Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*.

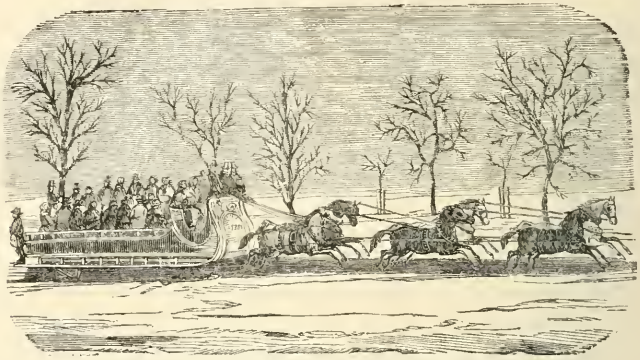
Quinta feira, 13 de março, a hora de terça, se foi o santo padre Nicolau V á igreja de S. Pedro, apparelhado em pontifical, e seguido de muitos cardeaes e prelados. Já ahi o esperava Frederico III, com o embaixador de Portugal, e varios condes e senhores allemães. Depois chegou a imperatriz, acompanhada pelo rei de Hungria e de Bohemia, pelo archiduque Alberto, e os fidalgos portuguezes; e logo o imperador se foi vestir de capa, alva, amicto, estola e manipulo, como um sacerdote; seu irmão, de manto comprido de escarlata, forrado de arminhos, com a corôa imperial na mão, que era toda de diamantes e aljofares, precedia agora o cesar, e antes d'elle vinha o duque de Baviera com o globo de ouro, tendo em cima uma pequena cruz do mesmo metal; um conde do imperio com o aureo sceptro; outro com uma corôa menor, tambem de ouro e pedras preciosas; e o mestre de cerimonias com a espada do imperador, cuja bainha era da maior riqueza. Frederico e Leonor ajoelharam ante o papa, beijaram-lhe o pé e a mão, e Nicolau beijou na face o imperador. Depois das rezas do ritual, benzeu este os anneis que deu aos noivos, fez-lhe as perguntas do estylo, e mandou que se beijassem. Em seguida coroou o imperador com a corôa menor, e deu-lhe de novo a beijar o pé e a mão. D. Leonor assistia á ceremonia vestida em uma cotta de cramezim, e opa de brocado pardo, toucada com uma crispina rica, e cingida por um tecido de brocado branco. Os senhores portuguezes foram tratados pelos cardeaes e pelo papa com mil distincções, e n'este acto designaram-lhes logares entre os bispos e os condes.

No domingo seguinte, 16, teve logar a ceremonia da coroação solemne dos cesares, na mesma igreja de S. Pedro. Começaram por vestir ao imperador a sobrepeliz e o capello de conego, pois ficava com essa dignidade na dita igreja; e depois soltando ao seu traje usual subiu Frederico á capella-mór, aonde já o esperava o santo padre, em quanto D. Leonor entrava no templo, e a faziam parar no meio da nave, para ser ungida na espadoa e no braço e mão direitos. A imperatriz ia em cabello, apenas enfeitado por um fio de ouro, e acompanhada por Ladislau e dous cardeaes. Tendo revestido uma cotta de cramezim, foi tambem sentar-se na capella-mór. Então começou a missa, e antes do evangelho collocou o papa pela sua mão as corôas do imperio romano sobre as cabeças de Frederico e Leonor. Depois deu ao imperador a espada, que elle brandiu sete vezes, e em seguida cingiu-lh'a, e collocou-lhe nas mãos o sceptro e o globo de ouro. Acabada a missa deu-lhe agua ás mãos o marquez de Valença, e todos se retiraram a seus aposentos, sendo D. Leonor a primeira a sair, e atravessando a cidade com a corôa na cabeça, ao som de enthusiasticos vivas do povo romano. No domingo da paixão, 23 de março, partiram os imperiaes conjuges para Napoles, aonde os segui-

ram os fidalgos portuguezes que acompanharam desde Lisboa a D. Leonor, com excepção de um só, o irmão do conde de Portalegre, que desappareceu n'essa occasião, sem que ninguem soubesse novas d'elle. A imperatriz tremeu a principio pela vida do infeliz mancebo, mas avaliando a importancia das obrigações que contrahíra perante Deus e os homens, esqueceu aquelle louco amor, e foi uma digna esposa do imperador dos romanos.

(Continúa.)

F. M. Bordalo.



TRENÓ-OMNIBUS AMERICANO.

Estranhos ao immenso trafico commercial, que opulenta os estados unidos da America do norte, imperfeita idéa podemos formar do que é aquelle páiz elevado hoje pelas suas instituições a um grau de prosperidade e grandeza tal que o fazem emparelhar, senão sobrepujar, as maiores e mais adiantadas nações da velha Europa.

O que espanta, porém, mais n'aquella republica a muitos respeitos excepcional, é a variedade e multiplicidade dos seus meios de transporte. Aqui são os caminhos de ferro, cruzando-se em todos os sentidos, e levando a riqueza com a vida aos sertões e ás selvas outr'ora impenetraveis; além são centenares de vapores, transportando em rios, que semelham mares interiores pela vastidão, e pela cópia de aguas, milhares de passageiros, e innumeras mercadorias preciosas aos grandes fócos de consumo; acolá vemos correndo pelas ruas das cidades uma multidão de carros, carruagens, tilburys, caleches, de todos os feitios e dimensões, dando ás povoações uma animação que não têem muitas das mais importantes capitaes da Europa.

É um grande povo realmente o americano! Assim nós não vissemos, a par de tanta grandeza, muita miseria e degradação; ao lado de instituições liberrimas, a escravidão mais horrorosa!

Muito longe nos levaria a consideração detida de tão estranhos e revoltantes contrastes, que é mister que desappareçam; aliás, germens de corrupção e de ruina, a sociedade que tolera as graves injustiças e indignidades que revelam, perecerá irremissivelmente. Mas nem o espaço nos sobra, nem a occasião é a mais propria; e por isso voltaremos ao objecto da gravura.

Representa esta um *trenó-omnibus:* nos nossos climas temperados desconhece-se, felizmente, o prestimo de similhantes vehiculos: ali, porém, não acontece o mesmo; por quanto n'uma parte do anno gela como nas regiões mais frigidas do norte da Europa.

Quando a terra está envolta em immenso sudario, é que começam de usar-se os trenós, pois os outros meios de transporte conhecidos não podem então satisfazer, sem grave perigo, a mania, ou antes a necessidade de movimento, que carecterisa, para assim dizer, os americanos do norte.

São os trenós-omnibus uma especie de carros enormes, tendo em vez de rodas *rastos* de ferro, como representa o desenho. Estes trenós conduzem grande numero de pessoas de cada vez. São tirados por duas, tres ou mais parelhas de valentes cavallos, que de muito habituados, correm sobre o gelo com uma velocidade espantosa. Para evitar que algum peão desprevenido seja victima do trenó-omnibus, cada cavallo leva nos jaezes innumeros guizos de diversos tamanhos: de sorte que a aproximação de um carro d'este genero é sempre annunciada pelo estrondo de milhares de guizos, que na verdade não devem fazer mui agradavel consonancia!

POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA.

II.

DOMINGOS DOS REIS QUITA.

NA ARCADIA — ALCINO MICENIO.

1728 — 1770.

VI.

A Arcadia, já o dissemos, aperfeiçoou, mas não inventou. Não cabia nas suas forças ir além da epocha. Seria injusto, pois, julgal-a em virtude de principios, que não conheceu, ou exigir o que não dependia da sua vontade.

Fundada com o intuito de regenerar o corrompido culto das antigas musas, respeitava em Ferreira, Sá de Miranda, e Camões os mestres do grande seculo de Portugal, e não admittia que o bello e o sublime pudessem encontrar-se fóra d'elles, ou dos mo-

delos romanos, cuja imitação cuidadosamente introduziram.

A obra tentada pela douta sociedade limitou-se, por tanto, a uma simples restauração, e quem ignora, que as restaurações de ordinario, olhando muito para o passado, são por indole pouco affeiçoadas a innovações perigosas, ou a rasgos aventurosos?

Depois do codigo de Boileau, traduzido pelo conde da Ericeira, depois de Racine e de Voltaire, cuja dictadura foi proclamada como unica lei salutar, os melhores engenhos portuguezes só aspiraram a compor idylios pelas regras de Fontenelle, tragedias como a Phedro e a Zaira, eclogas pelos moldes de Virgilio, odes e epistolas conformes aos exemplares de Horacio. D'ahi por diante eram as columnas de Hercules, e os oceanos tenebrosos; nenhum d'aquelles pilotos se atreveria a devassal-os!

E que atrevesse! O proprio Byron, altivo e audaz, cincoenta annos antes, se ousasse escalar o Parnaso, espavorindo as meigas ovelhas do Menalo com as tôrvas apparições de Child Harold, ou de Lara, pagaria logo a pena de tamanho desacato. Solemnemente exorcismado pelas academias, e talvez que entregue mesmo ao braço paternal de alguma inquisição, havia de recolher os espectros da sua imaginação, ou sujeitar-se ao castigo, devido a um Luthero da religião litteraria. Por muito menos padeceu o Cid de Corneille; e se o velho auctor de Cina teve de ajoelhar-se perante as ordenações de Aristoteles, nascendo gigante, é duvidoso que outros ficassem de pé, não sendo elle!

Já se vê que, entrando no exame das obras do Quita, havemos de regular-nos pelas leis poeticas, em vigor então, como na historia politica seriamos obrigados a comparar as instituições e os homens em presença dos acontecimentos.

Querer que o seculo XV seja o seculo XVIII, ou que as idéas actuaes condemnem os que desappareceram antes d'ellas se desenvolverem, seria exigir o impossivel, e sanccionar o absurdo.

A crítica, que deseja ser sincera, deve a cada epocha o que lhe pertence, e não a julga separada dos merecimentos, que a illustraram, e dos serviços que prestou.

De José Agostinho podia requerer-se o que o Garção e o Quita nem ousariam prever. A razão é facil. O primeiro encontrou-se, com a reforma victoriosa; os segundos nunca descobriram mais horisonte, do que as perspectivas uniformes da imitação classica em toda a parte.

Por isso o nosso officio se reduz ao exame imparcial da superioridade, ou da inferioridade da manifestação poetica, contempladas as idéas que a inspiraram, e os preceitos sustentados com fervor por cada escola. Se nos apartassemos d'este caminho, e condemnassemos sem razão, estas rudes observações seriam tudo, menos a apreciação exacta que tentamos fazer, embora a falta de forças engane o bom proposito.

Os seculos entram na carreira do mundo com a sua divisa propria, e exprimem as necessidades moraes da sua organisação. É quasi sempre acontece, que, prevalecendo na formula politica o principio de auctoridade, esta a pouco e pouco invade e domina as letras.

Em Roma os Virgilios e Horacios representam a ultima geração da republica, modificada pelas influencias de Augusto e de Mecenas. É a epocha da preponderancia geral da imitação grega, que as seitas philosophicas tinham preparado.

Em França, o grande cyclo, que Boileau subjuga em nome de Aristoteles e da epistola aos Pizões, saiu das derradeiras luctas da monarchia pura de Richelieu contra os privilegios da nobreza, arvorando na poesia a mesma bandeira de obediencia, que no paço, e perante Luiz XIV inclinava a cabeça audaciosa dos Condés e Montmorencys.

Entre nós, com o poder absoluto do marquez de Pombal, e a sua vontade decidida de restaurar o esplendor da corôa, derivando os progressos, não da acção collectiva do paiz, mas da iniciativa despotica do governo, as artes, a historia e o estudo não podiam significar senão o captiveiro das formas á orthodoxia classica.

Encarregou-se a Arcadia de realçar com lustre esta feição, e desempenhou-se com exito da empreza. Nos seus cantos resuscitam purificadas as mesmas tradições, que o ministro levantou dos envilecimentos fradescos e plebeus, ao passo que por mão do algoz as vingava dos desacatos da aristocracia.

O sceptro de Affonso VI, partido aos pés dos fidalgos e do povo, foi a acha d'armas com que o valido de D. José I feriu na cabeça as arrogancias poderosas, que sonhavam hombrear com o throno, tornando-o feudatario das suas ambições, e cumplice nos seus desregramentos.

VII.

O talento do Quita accommodava-se mais á doçura da ecloga, e á scena viçosa do idylio, do que ás expansões vehementes da ode.

Entretanto as suas tentativas n'este genero, em que o precipicio está visinho do triumpho, não foram obscuras.

A musa moderna perdeu o segredo dos raptos admiraveis, que ennobreciam a lyrica dos hebreus, e os canticos de Pindaro. Acanhou-se mais a scena: o sol que illuminava o estro de Moysés e das filhas de Israel apagou-se a meio nas lagrimas dolorosas da humanidade; e só por intervallos o enthusiasmo dos periodos de provação, exaltando o espirito dos padres da Igreja, ergueu ao céu os ultimos hymnos verdadeiramente inspirados.

Na pausa do estudo, e na serena composição do gabinete, é difficil fingir delirios da alma, que sobe de esphera em esphera, sempre suspensa e enebriada perante a magnificencia da acção, que immortalisa.

O cantico do mar vermelho, o hymno de Debora, e os rasgos de Tirteu, nasceram do deslumbramento de successos portentosos. Nenhuma regra os sujeitou; nenhum exemplo os prendia; a voz rompeu do coração; a poesia trasbordou do vaso, e levantando-se como perfume precioso, exprimiu em figuras grandiosas as vivas sensações, que a admiração e as paixões entalhavam no peito aos vates.

Por isso a expressão alteia; por isso aos pensamentos arrojados seguem logo outros ainda mais fogosos; por isso a phrase harmoniosa veste de côres esplendidas a imagem, e esta arremessando-se altiva parece desprezar a terra com gracioso desalinho.

Assim alça a voz divina a estrophe hebraica, assim desfere o seu vôo o carme grego; e só a grande distancia os tem podido acompanhar o engenho dos poetas, que em linguas menos perfeitas, e mais ou menos prezas dos vinculos impostos, se abalançaram a ensaiar os seus poderes, em lucta desigual com o genio da antiguidade.

Ao Quita nem os assumptos, nem a indole consentiam os atrevimentos, que grangearam a corôa dos

mais insignes cantores. Nas outo odes que nos deixou podem louvar-se bellos trechos, mas de curto em curto espaço o seu fervor desanima do primeiro impeto, e o enthusiasmo desfallece-lhe. A imagem receiosa da propria ousadia desmaia na altura, a que se expoz. O poeta vacilla na sua tripode, e em vez de se entregar ao furor divino, que sempre o devia agitar, tenta comprimir a chamma, que accendeu. Para conter os transportes, sacrifica o calor e a viveza, descobrindo a arte, e suffocando a inspiração. Lembra-se do *Deus in nobis, agitante calescimus illo,* mas treme de perder de vista os limites naturaes, a que está affeito, e para volver a elles mais depressa, abaixa a idéa, e escurece a locução.

Na ode á princeza do Brazil, (depois D. Maria I) encontram-se estrophes que honrariam o estro do Diniz; mas, quando se espera que o vate, crescendo em ardor á medida que a carreira se despede, arroje novos impetos, e ceda a maiores transportes, vemol-o suspender-se, e esfriar de repente, caíndo em logares communs cem vezes empregados.

Assim ouvil-o-hemos exclamar ao principio:

Tu, sublime clemencia, que derogas
O terrivel decreto
No throno da vingança promulgado;
Ardente caridade, que rebates
Da implacavel desgraça as crueis settas
Com rutilante escudo;
Que alimentas a teus virgineos peitos
A misera indigencia...

E logo esquecido do vigor da allegoria christã, vel-o-hemos adiante recorrer ás imitações da mythologia, proseguindo:

Calem no fundo imperio de Neptuno
Ao brado de meus hymnos
Os nús tritões as retorcidas trompas;
E deponham a barbara fereza
De meu canto attrahidos
O Caucaso arrogante, o Tauro insano. (!)

Em outro canto dedicado ao conde de Lippe, brilham formas dignas da elevação do genero, e é justo confessal-o, o tom altiloquo desmente-se menos:

O campo marcial deixa coberto
De lacerados corpos moribundos,
Olha a formosa Lysia sacudindo
Teu jugo insupportavel.
Vê, como a solta mão tinge no sangue
De teus tyrannos, avidos ministros;
Como os leões soberbos precipita
Do alto de seus muros.
Mas a teus numerosos combatentes
De estranhas forças o soccorro ajunta:
Exhala em arrogantes improperios
O inextinguivel odio,
E sobre as nossas cinzas, inda quentes,
Sobre reparos destroçados
Vem lançar de teus bronzes retumbantes
O raio sanguinoso.

São figuras grandiosas estas; e a viva expressão dos furores da guerra, coroados de funestos relampagos, resôa com brio na tuba heroica. Em todas as estrophes circula o enthusiasmo, dourando-as d'aquelle sol que é o fogo vivificante da verdadeira lyrica.

Moldando a idéa com primor, a phrase atreve-se com ella aos espaços, aonde se eleva só a inspiração. De certo não póde competir com o estylo impetuoso que anima os extasis de Pindaro, nem se arrebata na mesma vehemencia desordenada, mas elegante; porém, aproximando-se do modelo horaciano veste os pensamentos com nobreza e pompa, adequadas á magestade do assumpto.

João Baptista Rousseau, nas odes sobre a cegueira do seculo, e sobre a paz, parece ter sido o exemplar que o Quita se propoz; e deve declarar-se, que celebrando argumentos bastantes vezes tratados, o poeta arcade aproveita com destreza as perspectivas, e executando com exito n'esta obra o preceito da concisão nervosa, não fica atraz dos emulos contemporaneos, nem deslustra com imitações triviaes os mestres, que tomou para guias com judiciosa critica.

Composta em louvor do conde de Oeiras, a terceira ode está longe das qualidades, que recommendam as estrophes ao conde de Lippe. Não sei o que tem a lisonja, mas é preciso rara vocação para que o elogio forçado não descore a poesia. Pelos seus dotes, e pelos seus actos o marquez de Pombal offerecia mais de um aspecto favoravel ás musas; e sem baixeza podiam ellas desferir brilhantes rasgos, e traçar acabados paineis.

Desgraçadamente o Quita não os descobriu; e perdendo-se em adulações vulgares, accusa pobreza de invenção, e falta de alento. Vê-se bem, que a mente lucta sobre posse, e que frio e mudo o coração se nega a acompanhal-a. Quem sabe se a sombra de alguma victima do implacavel ministro, passando pelos olhos ao vate, veiu empanar com tristeza queixosa os frouxos luzeiros, de que em vão procurava tirar uma viva chamma?

Ás vezes, a imagem forceja por nascer, mas some-se logo que desponta. É o que lhe succede, quando exclama:

Este gallião, que põe na onda atlantica
A firme prôa, a popa audaz na indica,
Não diremos, que experto
Reges tu só com portentoso acerto?

Mas, descaíndo logo eil-o já por terra na seguinte estrophe:

Não confessâmos, que Neptuno pavido
Teme as que fundas officinas nauticas,
E Pallas desprezada
Domina aos seus dous thronos elevada?

O gosto, a forma e a idéa padecem juntos n'esta poesia balbuciante e confusa.

Comparadas as bellezas, que citamos, com este trecho, e outros não soccorridos do estro, patenteia-se um certo enleio, e a clara desconfiança de si e do assumpto.

Quanto mais alto e desassombrado se não levanta o Diniz, até nas odes em que menos se esmerou! O proprio Quita, applaudindo a gloria do humilde berço do Messias em Bethlem, com que vigor e uncção não solta o canto, e quanto se não desvia do assustado e incerto vôo da ode antecedente!

Vinde batendo as azas luminosas,
Espiritos celestes;
A minha alma accendei de um santo fogo,
Regei a minha lyra,
Sobre ella derramae alegres hymnos.

Fazei que minha humilde voz terrena
Com som, que mova as penhas,
O nome do Senhor exalte e louve:
Do Senhor, que piedoso
Muda os terriveis tempestuosos ventos
Em viração suave,
E os bramidos das ondas arrogantes
Em placido silencio:
Baixam os olhos tímidos os anjos,
Vem, como humilde servo,
Habitar uma tosca e pobre lapa
Na morada terrestre.

Esta invocação, roubando á harpa de Sion alguns dos sons, engrandece com temperado esplendor o prodigioso successo, que deu a luz ao mundo.

Aqui, o poeta crê e sente, e o verso pinta os raptos da sua alma. Na ode ao conde de Oeiras, percebe-se a repugnancia íntima, que se occulta, que deseja desmentir-se, mas que não chega a fingir a fugosa admiração, que exalta o rasgo lyrico.

Que differença do magestoso portico, quasi sacerdotal, que orna a ode ao Natal, para a estudada interrogação com que rompe o elogio do ministro:

Dize, ó conde immortal, que força insolita
Move em giro perenne a esphera rapida
De teus mil pensamentos,
Que excedem os mortaes atrevimentos?
Larga o sceptro trisulco o undoso Jupiter,
E busca alto pego o leito placido:
O mesmo Nilo vago
Procura inerte somnolento lago.

A segunda estrophe, posto que um pouco adormecida, resgata nos dous ultimos versos a tumida trivialidade dos primeiros; mas a pergunta ao conde, que forma o exordio, querendo arremedar a apostrophe ardente dos antigos, como fica a immensa distancia d'elles!

Aquella esphera de mil pensamentos, girando sem descanso com força insolita, será acaso uma d'essas figuras, que bafejadas pelo sopro da inspiração creadora, atravessam victoriosas e applaudidas por meio dos tempos?

Dirigindo-se tambem ao conde de Oeiras, e commemorando o seu despacho, eis como o Diniz alçou o canto:

Se do inachio instrumento
As aureas cordas firo;
Se abrindo as brancas plumas, cruzo o vento;
E em remontado giro,
A esphera scintillante
Guio das odes o esquadrão brilhante;
Não busco a pompa de uma vã grandeza,
Não soberba riqueza:
Seus falsos resplendores
Do Parnaso idolatre a plebe rude;
Que os sublimes louvores,
Que a sacra Clio inspira
Na que eterna me faz thebana lyra
São tributo de solida virtude.

Este exordio, sim, podiam invejal-o Rousseau, e Lebrun; e o mesmo cantor das isthmicas e das olympicas não se empobrecia, adoptando-o. Como as imagens se precipitam com gracioso impeto, e entretanto debaixo d'este desalinho apparente, que bem calculada gradação, e que profunda combinação!

Que pompa na phrase; que magestade na idéa: e que relevo pela habil collocação!

O Quita, para mostrar o espanto dos homens diante do seu heroe, em duas estrophes desfallecidas arrasta o enthusiasmo com veia indigente:

Se em honra de Licurgo, o grego oraculo
A proferir chegou da sacra tripode,
Que dubio não sabia,
Se numen, ou immortal o chamaria:
A respeito de ti, ministro heroico,
Se ouvirá á lusa gente a mesma duvida:
Sem vacillar alçará
A teu nome immortal eterna ara.

O Diniz, expondo o mesmo pensamento na ode ao conde de Oeiras, exclama:

Talvez suspensas no futuro as gentes
Neguem fé a meu hymno,
Porque o vulgo prophano
Faz de Aganippe o sumptuoso erario
Aos vicios tributario.
Vós, porém, oh correntes
Do Tamisa e Danubio cristallino,
Qu'eu d'um brilhante engano
Não esmalto a verdade
Testemunhas sereis em toda a idade [1].

Mais adiante se póde levar o paralello; mas de que serviria? Na lyrica não é que Domingos dos Reis sobresaiu. Antonio Diniz leva-lhe infinita vantagem.

Se nos demoramos no exame de varias odes d'um poeta, bucolico por excellencia, foi para ficar mais determinada esta feição da sua physionomia, ainda pouco observada, e para não se tratarem com desprezo absoluto os seus ensaios em um genero, que honra mesmo os que succumbem, tão arriscado é!

D'estas tentativas do Quita restam-nos, como obras dignas de acceitação, a ode II, ao conde de Lippe, a IV que solemnisa o nascimento do Salvador, e a VI que celebra o perigo d'el-rei D. José na conspiração dos fidalgos, aonde, entre outros lances bem traçados, se encontram os seguintes versos:

Os pezados sepulcros abalando
As cinzas dos antigos portuguezes,
Impacientes vingança estão clamando:
Vós, Nunos, Albuquerques, vós, Menezes,
Erguei as testas frias e myrrhadas,
Inda tintas de sangue, em triste pranto
Do rosto banhareis as cans honradas.
Levantae os intrepidos semblantes,
Que mostrastes na mais guerreira empreza,
Cheios de pó, de furia arrogantes,
Vede a fidelidade portugueza
Gemer envolta em horridos desdouros:
Sim, vede a mão da infame rebeldia
Arrancar-lhe da fronte os sacros louros.

Em todo este trecho, e no seguinte, brilha a energia, a correcção, e tal vigor, que attestam grandes poderes, sobre tudo não sendo decidida a vocação lyrica.

É bella, embora não seja original, a atrevida figura, que, perante a consternação do desacato á magestade humana, levanta do seu tumulo os velhos e gloriosos soldados d'Africa e da India, os Menezes, os Albuquerques, os Pachecos!...

[1] Poesias de Antonio Diniz da Cruz e Silva. tom. V ode V

Assim se realçam os vates de engenho solido até nas emprezas menos accommodadas aos seus dotes!

(Continúa.)

L. A. Rebello da Silva.

GUERRA ÁS DEMANDAS.

Ha em França, no departamento d'Ardéche, uma pequena communa (municipalidade) de 500 almas, pouco mais ou menos, que o conselho de um velho camponez tem livrado, ha cêrca de quinze annos, da terrivel praga das demandas.

«Se todos reflectissem bem, dizia o honrado ancião, nos sacrificios de honra, de saude, de tempo e de dinheiro que nos obriga a fazer a mania das demandas, verificariam que a nossa communa paga, sem o pensar de certo, um pezadissimo tributo, ao qual todavia póde mui facilmente eximir-se.

«Avaliando com moderação o que nos custa a nossa contumacia, e muitas vezes a nossa má fé tambem, poderiamos economisar, usando de probidade, e vivendo na mais perfeita harmonia, 2:000 francos (320$000 réis) um anno por outro!

«Ora não seriamos nós muito mais felizes, se empregassemos esta somma, sustentando e vestindo annualmente na nossa povoação pequena, mas não miseravel, dez velhos indigentes?»

Outo dias depois d'esta pratica, que teve logar em 1840, a quasi totalidade dos habitantes da tal communa assignavam, com grande alegria do respeitavel ancião, uma escriptura de sociedade na qual se exaravam as seguintes memoraveis clausulas.

1.ª Que tres *anciãos* da communa, accedendo aos desejos manifestados por seus patricios, se obrigam a julgar segundo os principios da equidade natural, as leis da honra, e os dictames da consciencia, todas as contestações que forem sujeitas ao seu conhecimento e arbitragem.

2.ª Que os signatarios se obrigam solemnemente a não apresentar perante os tribunaes litigio algum sem que o objecto d'elle haja sido submettido á apreciação do conselho dos anciãos, e obtido o assentimento d'estes.

3.ª Que a falta de cumprimento de qualquer das condições exaradas na escriptura de sociedade por parte de um signatario, importava a sua exclusão; sendo esta circumstancia levada ao conhecimento do povo, pela inserção do nome do excluido em uma taboleta, que será affixada nos logares mais publicos e do estylo.

4.ª Que a exclusão, ou simplesmente a não participação na sociedade, importa a pena que deriva do dever dos societarios; e vem a ser: «Para os que são razoaveis, e se conciliam, sacrificios obsequiosos de toda a especie; para os irreconciliaveis e rabulistas, nem favor, nem contemplação, salvo aquelle que não póde negar-se sem se merecer o epitheto de deshumano.»

Os principios d'esta sociedade verdadeiramente phylanthropica produziram o excellente resultado que era de esperar.

Desde a epocha da sua fundação na pequena communa, que assim deu um tão sublime exemplo de moralidade e de bom senso, a harmonia tem sido inalteravel, e nem um facto sequer ha vindo desmentir as previsões humanitarias do bom e intelligente camponez.

Oxalá que uma idéa tão eminentemente moral se puzesse geralmente em pratica! Quantos desgostos, quantas desgraças, quantos escandalos se não poupariam á sociedade? quantas desuniões de umas familias com outras, e dos membros da mesma familia entre si, se não evitariam assim?

ESTATISTICA DA FRANÇA.

Nasceram em França, no anno de 1832, 965:080 creanças, sendo 70:000 filhos naturaes. Falleceram 810:695 pessoas. A duração media da vida calcula-se ser actualmente de 36 annos e 7 mezes. A população total da França, que era em 1820 de 30.451:187 almas; em 1831, de 32.560:934; em 1836, de 33.540:910; em 1841, de 34.230:178; em 1851, de 35.783:000; excede presentemente 36 milhões, não contando a Argelia, nem as demais colonias.

Sómente na cidade de Paris nasceram, em 1833, 34:049 creanças, sendo 16:603 do sexo feminino, e 17:446 do sexo masculino: o numero de filhos naturaes subiu a 10:833. Falleceram no mesmo periodo 34:262 pessoas, sendo 16:792 do sexo masculino, e 17:470 do sexo feminino. Celebraram-se na famosa capital, n'aquelle anno, 11:574 casamentos. Um dos individuos fallecidos completára a idade de 105 annos e 9 mezes. Á enfermidade das bexigas succumbiram 495 pessoas.

Horror ao primeiro que póde sentir, quanto mais dizer, essa espirituosa blasphemia: «Deu-nos Deus a palavra para occultarmos o pensamento.»

Aquelles senhores que quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura terão a bondade de o declarar, quanto antes, em Lisboa aos distribuidores; e nas provincias, aos respectivos correspondentes, ou *por carta franca* dirigida ao editor, e acompanhada de uma ordem da importancia da assignatura.

Preços, por anno 1$300 rs., por semestre 700 rs., avulso 30 rs. Para as provincias (franco de porte) por anno 1$570 rs., por semestre 830 rs.

Assigna-se para o Panorama: em Lisboa, na livraria do editor, A. J. Fernandes Lopes, rua do Ouro, n.os 227 e 228, na do sr. Lavado, rua Augusta, n.º 8, e na do sr. C. J. Brabo, rua do Ouro, n.º 212.

São correspondentes do editor: no Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; em Coimbra, o sr. A. H. Dardalhon; em Vianna do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximiano Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio do Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Bahia, a sr.ª Viuva Carvalho & F.º; Maranhão, o sr. J. A. da Silva Guimarães.

SUISSA — CASTELLO DE OSTENSTEIN.

O cantão dos Grisões, se é um dos mais favorecidos pela natureza, é tambem um dos mais ricos em recordações do feudalismo. Só no valle de Domleschg, notavel pelos accidentes naturaes, existem mais de vinte castellos, a maior parte em ruinas, cujo aspecto se harmonisa perfeitamente com a forma selvatica d'aquella região singular.

O castello de Ostenstein é um dos mais vastos e dos mais bem conservados. Pertenceu n'outro tempo a um dos ramos da familia de Werdenberg, o ramo dos sargans, cujo pendão foi arvorado nas suas muralhas pelo genro do barão de Waz, o cavalheiro Rudolfo, a quem aquelle legára o solar de Ortenstein.

Este Rudolfo teve por filho João de Werdenberg, que commandava as tropas austriacas na batalha de Næfels (9 de agosto de 1388) na qual alguns centos de suissos de Glaris desbarataram os austriacos dez vezes mais fortes em numero.

Werdenberg da sua fidelidade á casa d'Austria não colheu em resultado as recompensas que esperava. Depois do desastre de Nælels bem quizera reconciliar-se com os suissos: preferira a vida singela de Glaris á ruinosa magnificencia da côrte: mas a Suissa sabia toda que elle tinha sido um inimigo perfido; e por isso não podia acreditar que pudesse ser depois um amigo fiel. Ligou-se pois de novo com os duques austriacos, e o systema de vida que adoptou arruinou-o completamente; hypothecou ou vendeu os seus melhores bens, e doze annos depois da batalha de Næfels, João de Wardenberg falleceu no castello de Ortenstein em 1400.

IGNOTO DEO.

TRADIÇÃO PORTUGUEZA.

V.

O BEATO FREI AMADOR.

Alguns annos tinham decorrido apoz dos successos narrados no precedente capitulo d'esta singela historia, quando chegou a Roma o bispo de Evora e da Guarda, D. Garcia de Menezes, o qual, trocando o baculo pela espada, ía por capitão-mór de uma frota, enviada contra os turcos por D. Affonso V, a pedido do papa Xisto IV. O prelado guerreiro, que tão miseravelmente veiu a acabar n'uma cisterna do castello de Palmella, em resultado das conjurações da nobreza contra D. João II, estava ainda então no vigor da idade, e, reunindo o saber á valentia, acumulava com as funcções militares as de diplomata junto á côrte do Vaticano. O pontifice recebeu-o como convinha a um homem da cathegoria do bispo, e depois de larga conferencia a respeito dos negocios politicos e religiosos, fallou-lhe de um monge portuguez que ha muito tempo residia na capital do orbe catholico, e que da ermida de S. Pedro Montorio havia feito um mosteiro da Observancia, onde pas-

sava vida exemplar, compunha livros de cousas espirituaes.

D. Garcia viu logo que se tratava do celebre Frei Amador, ou Amadeu, cujo livro de revelações a respeito do estado da Igreja e a mudança da religião dos reinos e dos reis, tanto estrondo havia feito em toda a Europa, dando pasto a complicadas discussões em que se empenharam muitos theologos, uns contra, outros a favor das suas doutrinas: resolveu pois ir visitar aquelle monge, que a Igreja beatificou mais tarde, apesar das censuras de tantos homens doutos, que classificaram a sua obra, não como parto do espirito illuminado de um servo de Deus, mas como aborto da phantasia de um visionario impostor.

Chegado o bispo a S. Pedro, correu a recebel-o o beato frei Amadeu; mas posto que a idade, a meditação, e as macerações tivessem sulcado de profundas rugas a fronte do ermitão, e que o seu corpo estivesse envolto em burel pardo-escuro, e seus pés calçados em grosseiros sócos de pau, como elle estabelecêra para os frades da nova congregação, chamados *amadeus*, do nome do seu instituidor, nem por isso D. Garcia, que era filho de D. Duarte de Menezes, conde de Vianna, deixou logo de reconhecer no monge seu primo João de Menezes da Silva.

Depois de unidos em estreito abraço, com as lagrimas nos olhos, os dous primos fallaram largamente dos seus parentes e amigos, e por fim João de Menezes contou em poucas palavras a sua sentida historia, desde o momento em que abandonára o sequito da imperatriz. A ceremonia do casamento, que lhe roubára a ultima esperança, desfazendo a derradeira das illusões que lhe alimentavam a vida, impressionou-o de tal forma que resolveu buscar a morte longe da vista d'aquelle *ignoto deo*, cujo culto lhe era defezo pela religião e pela sociedade. Vagueando na Italia, julgou ouvir uma voz que o aconselhava a buscar no claustro o unico balsamo para as feridas do coração; Menezes seguiu essa voz, trocou por humilde saial o seu gibão da côrte, e filiou-se na ordem do patriarcha S. Francisco; porém os laços que o prendiam ao mundo eram ainda tão fortes que o nome que tomou no claustro foi o de *Amador*, convertido depois pelos frades em Amadeu. Começou então a castigar em si, com asperas penitencias, o delirio da antiga paixão, e voltando a Roma, aonde já ninguem o conhecia, fundou o primeiro convento de frades amadeus, que se foi estendendo por toda a Italia, onde chegou a ter vinte mosteiros da ordem.

Não póde D. Garcia convencer seu primo a abandonar aquelle retiro, e voltar á côrte de Portugal; João de Menezes resolvêra passar o resto dos dias na aspereza da clausula e da penitencia, a exemplo do que praticára sua irmã, D. Beatriz, que continuava uma vida religiosa no mosteiro de S. Domingos em Toledo. O bispo voltou pois a Napoles, aonde deixára a armada do seu commando, e frei Amador proseguiu no desempenho da missão evangelica a que se havia dedicado.

Um dia, porém, que o beato Amadeu revolvia uma arca, aonde de envolta com os seus escriptos theologicos se achavam alguns objectos profanos, velhas recordações do seu tempo de cortezão, encontrou o que menos desejaria encontrar, o que talvez suppunha não possuir já: aquelle pantufo de D. Leonor, que elle foi buscar á corrente do Tejo! O primeiro movimento, irreflectido, do monge, foi apertar o sapato entre as mãos, e beijal-o com ardor; mas em seguida lembraram-lhe os seus votos, recordou-se de que a imperatriz estava morta desde 1467, e correndo ao brazeiro da cella queimou, até ficar em cinzas, aquelle testemunho do seu peccado; depois, na mesma arca, buscou umas asperas disciplinas, e ajoelhando diante de um crucifixo, rasgou as proprias carnes com o açonte...

Castigava a sua ultima saudade do mundo.

EPILOGO.

Tem-me dito, como censura, que todas as minhas historias acabam em mortes; mas eu não sei que haja historia que possa terminar de outra maneira, pois que o fim da vida é o passamento. A verdade é esta:

Em 1482, no mosteiro de Santa Maria da Paz, em Milão, falleceu o beato frei Amador; ahi ficou sepultado, e, segundo a opinião de muitos, d'ahi obra espantosos milagres.

Dous annos depois instituiu sua irmã, D. Beatriz, uma nova ordem religiosa, da Conceição de Nossa Senhora, que começou nos paços de Galiana em Toledo, com auctorisação de Isabel a catholica, pois que D. Isabel de Portugal já era morta, a esse tempo; e aquella santa senhora, que fôra um modêlo de formosura, e inveja das outras damas, soror Beatriz, acabou com 66 annos de idade, na mesma capital, em 1490.

«E é muito de considerar os chamamentos que Deus faz aos homens: (diz D. N. de Leão) que um fidalgo mancebo muito gentil homem e loução, e que tinha todos seus pensamentos no mundo; e uma dama de tão extremada belleza, e tão desejada de tantos grandes, com que ella pudera vir a ter grande estado: e tão illustres, e irmãos ambos, na flôr de suas idades, em reinos estranhos fossem instituidores de duas ordens de religião, renunciando o mundo por ganharem o céu.»

Acabou-se pois a lenda dos filhos de Ayres da Silva; elles intercedam na celestial morada pelos benignos leitores, e pelo pobre auctor d'estas singelas paginas.

Lisboa, 20 de abril de 1855.

F. M. Bordalo.

O VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

V.

A primeira obra impressa do sr. Garrett foi quasi contemporanea dos primeiros dias da liberdade de imprensa em Portugal. É o *Retrato de Venus*, publicado em Coimbra em 1821, e de que são já hoje mui raros os exemplares, por não se haver nunca feito d'elle uma segunda edição.

O *Retrato de Venus* é, na ordem chronologica, o primeiro ensaio, que de maior vulto o sr. Garrett tentou fóra do genero tragico em que havia celebrado a sua estreia.

Ainda que publicado sómente em 1821, diz-nos o poeta em uma nota, que o *Retrato de Venus* fôra escripto aos dezesete annos. Pobre de invenção para aspirar ás honras de um poema acabado e de uma composição original e bella, o *Retrato de Venus* demonstra já, na valentia e na sonoridade dos seus versos, no florido e animado do seu estylo, e nas galas e bizarrias da sua linguagem verdadeiramente portugueza e classica, o que havia de vir a ser o vate, quando deixando de hesitar entre a escola sympathica de Elmano, e a musa correcta, mas aspera de Fi-

linto, se abandonasse á inspiração propria, e desdenhados os «aureos numes de Ascreu» se elevasse até o ideal e o melancolico da poesia verdadeiramente nacional e christã.

O *Retrato de Venus* é na sua composição e no seu desenho, nas tintas e no claro escuro um esboceto, uma reminiscencia da poesia arcadiana. Relevam-n'o aqui e acolá alguns toques philosophicos, e algumas allusões politicas, alguns trechos de sonora e vehemente declamação denunciam que o poeta saíu ás vezes do campo neutro da Arcadia, da abstracção innocente dos Elpinos e dos Menalcas, para se inspirar de relance e ainda timidamente na escola voltairiana, que o absolutismo e a inquisição tornavam ainda n'aquelle tempo um contrabando arriscado em Portugal.

O *Retrato de Venus*, se o houvermos de classificar pelas convenções da escola a que pertence, não se sabe de certo em que cathegoria o havemos de filiar. Tem ares de poema, na sua maior parte, didactico, se bem que, para não mentir ao titulo, o abrilhante em algumas passagens, um colorido erotico, em que o proprio Catullo não julgaria muito guardados os fóros da castidade. O poema foi evidentemente escripto para celebrar as maravilhas da pintura, e para caracterisar a traços largos as diversas escolas e os mais insignes artistas que desde Zeuxis e Apelles fizeram da pintura a poesia das fórmas e das côres. A mãe dos Amores entra no poema como o pretexto de uma descripção. A deusa de Paphos occupa o meio do quadro, para que em redor lhe revoem os pintores illustres, cuja enumeração e elogio descairía porventura no trivial e no commum, se desprendidos de toda a fabula, houvessem de reduzir-se a um indice chronologico, disfarçado nas pompas do verso hendecasyllabo.

Toda a traça do poemeto se resume a uma historia simplicissima. São os amores de Venus e de Adonis; são os reparos que se fazem no Olympo, sobre estas infracções da fidelidade conjugal; são os maliciosos commentarios dos numes, e principalmente das deusas que, como mulheres, sorriem e se deliciam com os desvarios da sua formosissima rival, e com os infortunios do marido; são os zêlos ardentes de Marte, que se indigna com ter por seu rival um moço imberbe e afeminado; são os melindres offendidos de Vulcano, que, por dar uma satisfação, como diriamos hoje, á opinião publica, lá vae, symbolo dos maridos pacientes, e que são sempre os ultimos a comprehender os escandalos da sua casa, coxeando e arrastrando-se em busca da infiel. A consorte leviana anda naturalmente por vergeis de Gnido libando os encantos do amor illegal, e prodigalisando ao mancebo afortunado os mimos e caricias, sonegados á brutezа do deus ferreiro. É preciso esconder Adonis e poupal-o ao desforço dos numes irritados. São as Graças, que por ordem sua lhe ficam de atalaia nos rosaes de Paphos, e a deusa pondo a bom recado o seu timido favorito, sobe ao Olympo a conjurar com a eloquencia da seducção a tempestade que a sua ausencia apparelhára na mansão dos immortaes.

Paphos é, porém, terra muito vulgar para abrigo de namorados. Está na carta geographica dos deuses, e não ha ninguem no Olympo que lhe não saiba mais ou menos o caminho. Venus transporta Adonis para uma ilha remota e desconhecida. Está assente em mar nunca sulcado, para além do cabo das Tormentas. Os deuses gregos, que segundo a mythologia poetica, não são dos mais avisados em geographia moderna, não poderão de certo agora desencantar na ilha ignota o paradeiro do criminoso amante. Mas a pobre Venus não póde assistir, como quizera, dia e noute, ao lado do predilecto do seu amor. É mister que furte ás vezes o coração aos delirios e aos extasis da sua paixão illicita, para disfarçar, apresentando-se no Olympo, a vehemencia dos seus desejos e a voluptuosidade do seu amor. Mas n'essas horas de ausencia, o pobre Adonis terá o retrato d'ella, para a estar contemplando, para estar, nos seus transportes d'alma, mitigando saudades, e ideando requebros novos, e anhelando novos deleites, e suspirando prazeres nunca d'antes sentidos nem gostados. Cupido vôa com a sua guarda de honra de alados amorinhos a discorrer o mundo, em demanda de pintores para reproduzirem na tela o transumpto de todas as perfeições e de todos os encantos da Cyprina. Todas as escolas accorrem a este convite erotico. As palhetas brotam novas tintas, e os pinceis vibram de novo nas mãos dos artistas de todos os seculos, e a inspiração e a voluptuosidade aguçam-lhes o estro, encendem-lhes os corações para que possam pela mais poderosa de todas as artes, copiar em obras humanas o divino ideal da gentileza e da volupia.

A invocação á natureza denuncia logo ao abrir do primeiro canto a pretenção philosophica e materialista, propria d'aquelle tempo, e perdoavel na curta idade do poeta. O sr. Garrett havia bebido na litteratura antiga. Elle proprio, nas notas ao primeiro canto, cita como o seu modêlo dos primeiros versos a Lucrecio, o poeta naturalista, o poeta que teve o raro engenho de tornar magestoso o atheismo, e ideal a impiedade de Epicuro.

O que no *Retrato de Venus* ha de amoroso é calcado sobre os modêlos classicos. O amor é ali puramente carnal. A arte é com poucas excepções na antiguidade, antes a cópia idealisada da natureza physica, do que a traducção dos typos intelligiveis. As estatuas de Praxiteles e de Phidias, são correctas no desenho, e admiraveis no primor de execução; mas atravez dos contornos do Jupiter olympico e da celebrada Venus do estatuario grego, não ressumbra esta animação phantastica, este *quid* immaterial, que releva e quasi divinisa a figura sublime de Moysés, sob o cinzel de Miguel Angelo. A arte antiga abaixa a representação dos entes sobrenaturaes até ás proporções da belleza terrenal e humana. A arte moderna, pelo contrario, tende a idealisar os sentimentos, e a levantar as creaturas acima do nivel do natural e do commum. Na arte antiga os deuses descem a conviver entre os homens, imitando-lhes a estatura e copiando-lhes as paixões. Na arte moderna os homens como que despem os envoltorios materiaes, e a alma purificada revôa nas phantasticas regiões do infinito. As Lesbias e as Cynthias de Horacio e de Propercio convidam pela exposição mundana dos seus encantos physicos ás bacchanaes do amor. A Julia de Lamartine, a Ophelia de Shakespeare, associam pelo contrario o pudor ao sentimento, e imprimem á voluptuosidade dos sentidos o travo da tristeza e o amargor da melancolia. Na poesia antiga o amor é uma orgia. Na moderna é muitas vezes um martyrio. As mulheres que a musa antiga vae copiar á natureza, cinge-lhes apenas a tunica vaporosa, unge-lhes as tranças soltas em essencias voluptuarias, engrinalda-lhes a fronte lasciva de capellas odoriferas, recosta-as languidas e impudicas nos triclinios dos banquetes, e no meio do seu triumpho momentaneo, dá-lhes por sceptro a taça de Falerno, e completa as seducções de Venus pelos delirios de Lyêo. A lyra moderna endeusa a mulher, para fazer do amor um culto. Com-

prazia-se o poeta romano em celebrar a mulher no tumulto dos festins, e no esplendor e na publicidade da corrupção antiga. O poeta de hoje suspira amores nas melancolicas soidões, nas ruinas desertas do mosteiro, nas torres derrocadas do castello, na floresta onde as arvores entoam, ramalhando, um canto lugubre, nas serranias, onde os vapores do crepusculo desenham imagens phantasticas e imitam apparições preternaturaes. A poesia erotica dos antigos é quasi sempre jubilosa como o *evohé* de uma orgia, porque celebra o prazer. A de hoje é quasi sempre melancolica e plangente, porque se inspira na saudade.

O *Retrato de Venus* resente-se do materialismo da escola em que se filia. Percebe-se-lhe em varios trechos, na sonoridade e na cadencia dos seus versos, que o sr. Garrett modulava os seus cantos pela animação um pouco affectada, e pelo numero de algum modo amaneirado da musa bocagiana. Mas a predilecção pelas palavras menos triviaes e alatinadas, pelas vozes archaicas, a abundancia das phrases quinhentistas, e o esmero classico na maneira de dizer, estão a cada passo trahindo no poeta um leitor assiduo e um apaixonado imitador de Francisco Manuel. Mas em meio d'esta conscienciosa imitação dos vates, que então dividiam entre si a soberania das letras patrias, adivinha-se a originalidade do sentir, e percebe-se o poeta que, rendendo preito ás convenções e ás formulas poeticas dos seus tempos, começa já de retemperar o engenho na inspiração do seculo em que tinha de florecer.

Como não é formosa a voluptuaria languidez da mãe dos Amores, suspirando nos braços do seu dilecto! Que perfume erotico, que suavidade e que ternura não espira de si a meiga Venus, desenhada com as tintas ideaes que o sr. Garrett sabe ainda, depois de tão lidadas e gastas, extrahir da palheta greco-romana!

Nas languidas pupillas lhe transluze
O prazer divinal que a opprime e anceia;
Nos inflammados beijos, nas caricias,
No palpitar do seio voluptuoso,
No lascivo apertar dos braços niveos,
Nos olhos em que a luz quasi se extingue,
Na interrompida voz que balbucia,
Nos derradeiros ais que desfallecem...
Quem do prazer não reconhece a deusa
No excesso do prazer quasi expirando?
Sorri-lhe ao lado o filho de travesso,
E d'entre o myrtho as candidas pombinhas
C'o estremecido arrulho a dona imitam.

A descripção da ilha deliciosa, onde Venus esconde o objecto dos seus illicitos amores, prova que o sr. Garrett podia já entrar em competencia com os mais imaginosos paizagistas da antiga e da moderna poesia.

Jaz muito além do tormentorio cabo,
(Sempiterno brazão da lusa gloria)
Em não sabido mar, jamais sulcado.
Ilha aprazivel, deliciosa e breve
A mão dos homens, destruidora e barbara
Mimos da creação não lhe estragára.
A seu grado crescia o bosque, a selva;
Vecejava sem leis o prado ameno;
D'alvas pedrinhas pelo leito amigo
Se espreguiçava o peregrino arroio,
Sem temer que impia mão ouse perversa
No brando curso interromper-lhe as aguas.
Prezas não gemem fugitivas Nayas,
Nem Dryades gentis feridas choram:
Sem arte a natureza era ainda a mesma.
No mais escuro do copado bosque
Ternas suspiram maviosas rôlas
E em mais alegres sons, prazer mais ledo,
A meiga ave de amor no arrulho exprime.
Outro vivente algum a aura fagueira
Não ousa respirar. Silencio eterno
Impera na soidão, dobra-lhe encantos.

Desde os versos finaes do primeiro canto até quasi ao meio do quarto e ultimo, decorre uma enumeração de todos os pintores, que illustraram a arte antiga, e que desde o renascimento das boas artes formaram as differentes escolas, desde Cimabué, o patriarcha e primeiro restaurador na idade media, até á escola portugueza, se escola se póde dizer que tem formado os cultores da pintura em Portugal.

A verdadeira poesia, deixada a trilha didascalica, que seguiu no segundo e no terceiro canto, reapparece, quando os amores escoltando de todos os angulos da Europa os artistas inspirados, os conduzem até ao delicioso retiro onde a densa de Gnido recata o seu amante ao ciume e á malevolencia dos immortaes. É Venus, é o typo ideal da formosura, quem se apresenta por modêlo á inspiração de todos os pintores, ao debuxo e ás tintas de todas as escolas. É agora que o poemeto justifica o titulo, e que deixando de ser uma dissertação historica e artistica em versos cadenciosos e valentes, attinge rapidamente e n'um esboceto apenas assombreado as proporções de uma concepção original e imaginosa.

Assim lhes falla a carinhosa Venus:
«Vinde ó filhus, que um nome tão suave
«Vossos dotes merecem; vinde: e a empreza,
«Que na mente revolvo, effeituae-me.
«Não mando, peço... (Ah! de uma bella o rogo
«Quanto mais vale, que uma lei de um nume!)
«Retratae-me, ó pintores.» N'isto a deusa
O mimoso sendal, já pouco avaro
Do thesouro, despiu. Quantas bellezas,
Que divinos encantos não descobrem,
Não pesquisam, não vêem avidos olhos!
Sonhos da phantasia, ah! não sois nada!
Guindado imaginar, ideal belleza,
É pouco o vôo, limitado o arrojo;
Não tenteis franquear mysterios tantos.
Cae das mãos o pincel sem que o percebam
Aos pintores na vista embevecidos;
No olympo os deuses, ignorando a causa
De insolito prazer sentem banhar-se.
A natureza inteira revolveu-se;
Sonhada, pythagorica harmonia
Nas espheras soou mais branda e doce.
Aos entes todos pelas veias lavra
O incentivo do gosto; gemem ternas,
Que ha pouco uivaram, pelo bosque as feras;
Arrulharam de amor meigas pombinhas.
. . . . . .
Ah! muitas vezes não descubras, Venus,
Magos encantos; ou verás que em breve
A força de prazer se extingue o mundo.

(Continúa).

J. M. Latino Coelho.

WILLIAM COWPER.

A nossa gravura representa a habitação de William Cowper, um dos mais illustres, e ao mesmo tempo mais modestos poetas da Inglaterra.

Nasceu Cowper em Berkhampstead, em 1732, cursando com distincção na idade juvenil os estudos necessarios para desempenhar as funcções de um emprego que andava na sua familia, o de secretario da camara dos lords.

Entretanto, quando foi chegada a occasião de exercer o cargo, que lhe estava destinado, sendo prevenido de que devia dirigir algumas palavras á illustre assembléa, de tal susto se deixou tomar, que renunciou para sempre á carreira administrativa, em que aliás podia adiantar-se rapidamente.

Não faltou quem alcunhasse a timidez de Cowper de fraqueza de espirito, e outros lhe deram por motivo certo accesso de loucura. É certo que a sua razão esteve algum tempo como vacillante, tendo de o confiar aos disvelos do doutor Cotton de Saint-Albans. «É esta uma nova prova, diz um dos seus biographos, de que o genio não dista quasi sempre muito da loucura!» Esta observação comtudo não é justa, e póde ser perigosa. A serenidade, a pureza, e a força da intelligencia são, pelo contrario, os caracteres mais essenciaes do genio. Homero, Virgilio, Horacio, Shakspeare, Milton, Corneille, Racine, Molière, n'uma palavra todos os poetas realmente superiores, foram homens dotados de elevada razão.

Em 1765 Cowper, restabelecido completamente, foi habitar a cidade de Huntingdon, onde conheceu a familia do reverendo Unwin, estreitando com ella relações que só haviam de terminar com a vida. A morte arrebatou em breve o reverendo Unwin, em consequencia da queda que dera de um cavallo abaixo. Cowper foi então residir para Olney, a convite do reverendo João Newton, ministro da parochia d'aquelle nome.

Escreveu William Cowper, além de outras obras de menos importancia, os bellos poemas intitulados a *Esperança*, a *Charidade* e a *Conversação*, e uma traducção de Homero, ainda hoje muito apreciada dos inglezes pela correcção, elegancia e fidelidade.

Os modicissimos bens que lhe haviam deixado seus paes suppriam as modestas aspirações e desejos do excellente Cowper; e foi por isso talvez, que, desprezando offertas vantajosas que se lhe fizeram para a impressão das suas obras, só se resolveu a publical-as quando já passava dos quarenta annos.

Falleceu William Cowper no anno de 1800, no condado de Suffolk, em Deheram.

A sua memoria é ainda hoje venerada em Inglaterra como a de um poeta que reunia aos elevados dotes do espirito, a um talento transcendente, e extraordinaria lição, as qualidades mais amoraveis, e a virtude mais acrisolada.

POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA.

II.

DOMINGOS DOS REIS QUITA,

NA ARCADIA — ALCINO MICENIO.

1728—1770.

VIII.

Uma elegia, uma canção, e a epistola ao conde de Oeiras abonam a curiosidade com que o poeta se exercitou em outros generos.

Consagrada a deplorar a morte de José Antonio de Brito, a elegia em alguns trechos exprime a intima saudade d'aquelle amigo, a quem o poeta deveu os primeiros estimulos, que alentaram o seu talento, quando principiou a revelar-se.

A tristeza da perda, e a memoria das obrigações contrahidas, inspiram-o. O seu coração fiel e sensivel não mente.

Pena é que Domingos dos Reis, compondo-se pelos modelos, estendesse o véu da allegoria pastoril sobre a pallidez da dôr, esquecido de que as lagrimas correndo livres, e os gemidos soluçando alto, não desfeiam, ornam a belleza da elegia funebre.

Coberta de luto, soltos os cabellos, e de joelhos sobre a campa, não representará melhor a magua, do que disfarçada em trajos que não são seus, e per-

dida por brenhas imaginarias? Diante da morte só Deus é grande, e a saudade. Todos os artificios se calam no tumulo. Ali só ha logar para a voz que chora, para o desengano e a resignação. O mais esquece e passa.

Phrases ocas, figuras e combinações forçadas são defeitos, e não virtudes; porque accusam timidez de sentimento, e pouca energia na commoção.

Mas os arcades tinham como principio a sujeição, e o Quita não era dos mais animosos para romper com ella, e seguir unicamente os impulsos do talento. Por isso a sua elegia se resente da affectação, esfriando em rodeios os grandes lances, que a sua natural suavidade, entregue a si, não deixaria de alcançar.

Aquelles pastores de comedia, aquellas ovelhas impertinentes, que vagueam, balindo, pelas faldas dos outeiros; e por fim aquelles satyros, que vão pulando pelas selvas, interrompendo sinceros lamentos, até na scena de fingidas lastimas haviam de repugnar; mas introduzidos no campo christão, aonde repousam cinzas queridas, tornam-se insupportaveis.

É odioso vel-os, no meio do canto, que pranteia a separação que roubou ao poeta metade da sua alma! Nunca se desviou tanto a arte da natureza!

E assim mesmo, como o engenho do Quita se vinga apenas rasga qualquer aberta, por onde escape aos faunos e aos Melibeus do seu cansado Menalo! Acompanhando com a saudade o espirito do amigo além da terra, que meiga ternura anima os seus versos!

E vós, alma gentil, por quem saudosos
Os tristes olhos meus estão chorando,
Do feliz bem de ver-vos desejosos:
Vós, que a luz de outro sol estaes gosando,
E sobre outra verdura, outras boninas,
Á sombra de outros freixos descansando:
Vós que pizaes ditosa outras campinas,
Outros montes, e valles, e estaes vendo
De outras fontes as aguas cristallinas
. . . . . .
Vivei lá sem nos ver, alma ditosa,
Em quanto o certo fim se não apressa
Da nossa vida triste e trabalhosa.

A imitação do estylo de Camões é muito visivel aqui.

O primeiro terceto respira uma suave tristeza, que seduz; mas os seguintes, com a forçada allegoria pastoril, perdem grande parte do agrado.

Continuar a ficção buccolica, mesmo depois que o espirito, solto das prizões do mundo, voou para a morada sublime, é levar longe de mais a obediencia á servidão classica.

Accresce até que as regras em vigor não impediam o vate de apreveitar o maravilhoso moderno como o Dante e o Petrarcha o tinham ensinado, pondo de lado os arvoredos e relvas dos elysios, verdadeira aberração do gosto.

Preferindo as estafadas machinas mythologicas, o Quita feriu o senso moral, sacrificou a luz mysteriosa, que o dogma christão derrama sobre o terrivel problema da eternidade; perdeu as delicadezas do sentimento, proporcionadas pelo assumpto, caindo em logares communs tantas vezes empregados.

A canção corresponde melhor á sua indole, e póde reputar-se uma das suas obras mais limadas. Apropriando os rasgos melodiosos do cantor de Ignez, talvez com alguns toques de maior doçura, o poeta com finas côres e traços esmerados descreve-nos as ancias e saudades do amor.

As inquietações da ausencia, a que outro vate chamou com primor, amarguras doces; a imagem do objecto amado presente sempre aos olhos da alma, e ainda mais viva na distancia; e os cuidados de um captiveiro, em que são rozas as algemas, cujo termo a esperança não deixa desejar; todas as incertezas, e as mil contradicções, em que a vida namorada se enleva, brilham, fogem, e tornam a voltar no breve painel d'esta linda poesia, cheias de mimo, e graciosas, ora abrindo o sorriso sobre uma lagrima, ora pousando a esperança sobre um raio d'aquelle esplendido sol, que allumia as primeiras, e tão queridas, illusões da mocidade, e do coração. Umas vezes, o pincel correndo lembra algumas das melindrosas miniaturas, em que a musa do Petrarcha tornou divinas as perfeições de Beatriz; outras, a phantasia, rica de florescencia, e não cabendo nos limites da paixão, desata o vôo, e nasce de repente uma paizagem encantadora.

É para lamentar, que Domingos dos Reis se não applicasse mais a cultivar estes poemetos a que sabia dar infinito relevo, acabando-os com admiravel correcção. Eis alguns trechos: veja-se como o exordio natural e sentido dispõe para o queixume terno que havemos de escutar:

Ao pensamento vinde, meus cuidados
Vinde, minha gostosa companhia,
Tão amaveis, que, quando mais lembrados,
Mais minha gloria sois, minha alegria.
Doce emprego, recreio delicioso
Das largas horas, em que vivo ausente
Da soberana luz, por quem ancioso
Ora suspiro triste, ora contente.
Doces, doces cuidados, que á memoria
Me trazeis n'um momento tanta gloria!

Segue-se um trecho, em que as graças do estylo unidas á elegancia das imagens, pintam o delirio apaixonado do amante, recordando feição por feição a formosura, que suspiram os seus olhos, e que, longe, ou perto, sempre lhe mora n'alma. Poucas vezes, em traços tão rapidos, se delinearia vulto mais seductor:

Que vivamente eston na conjectura
Aquelles graciosos olhos vendo,
Que movendo-se cheios de ternura,
Mil segredos de amor me estão dizendo.
Os dourados cabellos, que voando
Representam do sol os resplandores,
Aquella gentil bôca, que calando
Me diz n'um só suspiro mil amores;
Aquella formosura incomparavel
Mais que tudo a meus olhos agradavel.

Passando, depois a narrar os tormentos da saudade, e as maguas da ausencia exclama o poeta:

Oh, mal haja o poder do injusto fado,
Que me traz de teus olhos separado!
Vem ver-me no deserto d'esta praia,
Aonde por ti vivo suspirando;
Vem, Tircéa, que á sombra d'esta faia
Em amor estaremos praticando.
Aqui verás o sol na agua esconder-se,
Esmaltando de rouxo os horisontes,
Scintillar as estrellas, e só ver-se

A mal distincta luz nos altos montes:
Tronco aqui não verás, nem branca areia,
Em que o teu doce nome se não leia.

O quadro fugitivo do pôr da tarde, acabado em quatro versos, é tão natural que parece que os olhos estão vendo a frescura das arvores, e o rumurejar das folhas com a viração, que parece ouvir-se a pancada lenta do mar desenrolando nas praias as ondas preguiçosas, e divisarem-se os clarões affogueados do occaso inflammando ao longe os horisontes esfumados, aonde o azul do céu se junta ao azul das vagas. E logo alçando a vista para a parte aonde começam já as sombras, como é verdadeiro aquelle tremulo scintillar das primeiras estrellas, e o dia esmorecendo frouxo e mal distincto nos mais altos cumes, em quanto a escuridão e a melancolia, crescendo pelos valles, anoutecem successivamente os ultimos clarões crepusculares!

E uma paizagem que lembra o cinzel virgiliano, e aquella expressão visivel, que fecha a ecloga I do pastor de Mantua:

Et jam summa procul villarum culmina fumant,
Majoresque cadunt altis de montibus umbræ.

O fecho da canção não mostra menos arte e delicadeza. Variando com destreza os tons, e retratando nas rapidas transições a inquietação febril do amor, que se consola de um cuidado no grato pungir d'outro cuidado, o vate accrescenta:

Quantas vezes entre estes arvoredos
Proferindo o teu nome a voz levanto
A chamar-te: estes asperos rochedos
Me ajudam condoidos do meu pranto!
E quantas entre idéas enganosas
Se me está vivamente figurando
Que te digo mil queixas amorosas,
Que me estás com branduras consolando,
Que me juras de ser sempre constante,
Que eu te affirmo de ser eterno amante!

A epistola é dirigida ao conde de Ocíras, e postas as bellezas de parte, sem offensa póde chamar-se um memorial em tercetos.

A mão da desgraça devia pezar bem rigorosa sobre o poeta, para elle, forçada ou voluntariamente, e em termos tão humildes, implorar a compaixão de um ministro!

Apesar d'isso, contemplando a figura austera do Garção, e o seu animo igual na constancia aos infortunios, custa a desculpar esta fraqueza de um engenho illustre.

Para ver desprezadas as supplicas, e ficar sempre esquecido na pasta do marquez, não valia a pena curvar a tantas lisonjas um espirito, que honraria o despacho, em vez de se honrar com elle. Quem merece muito acceita pouco, e não pede nunca.

A mendicidade litteraria é de todas a mais lastimosa, porque avilta ao acaso uma corôa preciosa, que vem de Deus; e por mais que padeçam, aquelles que este diadema ornou, são obrigados a manterem a realeza intellectual, pura de baixezas, e a lembrar-se de que devem conta d'ella ás gerações futuras.

Entretanto estranhando, como pede a razão, o esquecimento do respeito proprio, é justiça accrescentarmos, que na epistola ao conde de Ocíras ha formosos versos, e imagens cheias de energia.

A pobreza e o desamparo, que tinham cercado o vate de miserias, e o combatiam de maguas incessantes, estão representados com pintura feliz em tercetos dignos de melhor assumpto.

Levantando-se do leito da dôr, e buscando em torno de si um abrigo, ou uma leve esperança, o Quita lamenta não haver encontrado senão o rosto ameaçador da adversidade, sempre certa em o perseguir. É então que a firmeza lhe desmaia, que a voz se ergue quasi chorosa, e que a sua mão se estende, mas debalde (!) a protecção do dispensador dos beneficios regios.

Eis as queixas, que parece não terem chegado nunca aos ouvidos do valido; ou que o acharam insensivel, como antes, se porventura as escutou:

Depois, que unida á minha sorte escura,
A fria mão da pallida doença
Dispara sobre mim a frecha dura.
Aberto já me tinha a chaga intensa.
Já sobre os turvos olhos me corria
Da feia, e negra morte a nuvem densa.
. . . . . .
Mas ponderae a barbara inclemencia,
Com que pelos cabellos arrastado,
Me traz a triste, sordida indigencia.
. . . . . .
Com vacillantes, mal seguros passos,
Movo apenas o corpo enfraquecido,
Que em vão para o trabalho agita os braços,
Qual passarinho implume, que perdido,
Tem os providos paes, e sem sustento
Geme no ninho já desfallecido.

De que serviram estes sentidos metros, e a petição recheada de louvores, em que invocava a piedade do ministro?

Se a caridade de uma familia virtuosa o não tomasse nos braços, e não o soccorresse, quando muito, alcançaria, a preço de novas adulações, um talher na meza do marquez, ou uma chavena de chá nos seus serões!

Tinha lá tempo o grande estadista para mitigar a penuria de um poeta, reduzido a pedir-lhe pão?!

Apartemos a vista de similhante episodio, desgraçadamente bastante usual, em todas, e n'aquella epoca, que assim mesmo talvez não fosse a mais avarenta de auxilios e estimulos para as letras e sciencias.

São antigas chagas, e incuraveis, desde remotas eras.

Parece que a Providencia, quando concede muito ao espirito, de proposito abre livre entrada aos revezes e amarguras, para que o homem tenha sempre no coração um espinho, que o advirta, desenganando-o de que até a maior altura humana não é senão baixeza, illusão, ou precipicio.

IX.

Uma collecção de sonetos, e a silva ao terramoto de novembro de 1755, juntamente com as quatro tragedias Astarto, Megara, Hermione, e Castro, completam as obras, que nos deixou o Quita, não incluindo as poesias bucolicas.

Diremos d'ellas rapidamente, porque temos pressa de chegar com o cantor de Lycore ás viçosas campinas, aonde aquelle engenho terno se deleitava, modulando a flauta pastoril dos Tytiros e Menalcas.

Foi o maior brazão do seu talento; e com motivo citaram os arcades e o velho Filinto, ainda do fundo do desterro, os melodiosos versos, em que revi-

vem as paizagens de Theocrito, e a suavidade de Virgilio.

Nos sonetos, Domingos dos Reis, como o Diniz, eleva-se pouco, e fica muito longe do primor de Bocage, inimitavel n'este genero.

Falta-lhe a finura de traço, que possuia o traductor de Ovidio, e o condão particular com que sabia dar alma ao pequeno quadro das suas bellas miniaturas, quer fossem retratos comicos, quer pintassem n'um relance os delirios da paixão, ou as maviosas saudades do amor.

Entretanto, por não hombrearem com as obras acabadas de Elmano, não são para desprezar os sonetos do Quita. Se a imitação visivel do estylo de Camões, e uma certa frouxidão lhe debota a côr original, enfraquecendo o conceito, não póde negar-se, que apresenta alguns, que muitos poetas applaudidos não engeitariam.

Mais escolha, e mais imparcialidade n'ella aproveitaria melhor á memoria dos vates, que a ostentação de colligir quanto escreveram, só com o fim de engrossar volumes.

É nos sonetos, sobre tudo, que este erro apparece peior, tornando-se insupportavel a monotonia das eternas enfiadas de poemas de quatorze versos, quasi sempre afinados pela mesma nota, e passando os optimos desapercebidos no tropel.

O que valem para a reputação de Antonio Diniz as tres centurias, que alagam o primeiro tomo das suas obras? De que prestam á gloria de Domingos dos Reis os setenta e seis sonetos, bons, mediocres e pessimos, que mal entendido escrupulo levou os editores a estamparem?

Poucos, mas selectos modêlos bastariam para abonarem a aptidão e o gosto, poupando-se aos leitores trabalhosas peregrinações por uma verdadeira charneca de consoantes, e aos poetas o triste estendal das pobrezas, ainda as mais reconditas das suas horas de ocio.

Na silva ao terramoto, a invocação é commum, e só principia a tomar calor quando o vate exclama para Deus:

Assisti-me no empenho, em que prosigo;
Aos pezarosos echos do meu canto
O alto furor da tua graça inspira
Para que eu cantar possa ao som do pranto.

Sem nos determos com a impropriedade da phrase no terceiro d'estes versos, ou com a pallidez prosaica do primeiro, notaremos como feliz a expressão echos pezarosos que anima o segundo, e a idéa indicada no quarto, posto que esteja apenas esboçada. O mais, até á descripção da catastrophe, não se levanta do trivial, e a obra não ganharia pouco se começasse aonde abre o painel da assolação.

Esse sim tem lances de mestre ás vezes. Estremece-se em alguns passos diante de medonho espectaculo, que reproduz. Sente-se, vê-se em outros a terrivel angustia d'aquella hora. Eis alguns rasgos, tirados ao acaso:

. . . . . .
Quando a terra as entranhas revolvendo,
Com forte impulso, com estrondo horrendo
Dentro em seus proprios ambitos se abala;
E em medonhas gargantas toda estala;
Move-se o monte, move-se a cidade,
Como as ondas na grande tempestade,
Da imminencia da terra se despenha
Em pedaços desfeita a tosca penha;
Rodam uns para o valle, e vão matando
O rebanho, que andava ali pastando:
Ficam outros abertos e estalados
Na destroçada rocha debruçados;
. . . . . .
Cáem os templos, os porticos se abatem,
Os muros com os muros se combatem;
O edificio, que foi mais levantado
Mais horroroso acaba destroçado,
E aos homens este estrago, esta desgraça
A uns sepulta, a outros despedaça.

Apesar do effeito desagradavel, que faz o martellar das rimas batendo no ouvido os consoantes a dous e dous, e de incorrecções pouco desculpaveis, ha viveza e relevo n'este trecho, como em outros se póde louvar sem favor o quadro dos padecimentos moraes no meio das ruinas e do luto de um successo repentino e doloroso.

Se a lima a corresse mais de vagar, esta poesia, reduzida nas proporções, e apurada nas idéas e no estylo, seria uma das melhores do Quita.

Assim mesmo imperfeita não desmente o seu talento.

(Continúa.)

L. A. Rebello da Silva.

Tem cuidado de adquirires bom nome; porque este será para ti um bem mais estavel do que mil thesouros grandes e preciosos.

Aquelles senhores que quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura terão a bondade de o declarar, quanto antes, em Lisboa aos distribuidores; e nas provincias, aos respectivos correspondentes, ou *por carta franca* dirigida ao editor, e acompanhada de uma ordem da importancia da assignatura.

Preços, por anno 1$300 rs., por semestre 700 rs., avulso 30 rs. Para as provincias (franco de porte) por anno 1$570 rs., por semestre 830 rs.

Assigna-se para o Panorama: em Lisboa, na livraria do editor, A. J. Fernandes Lopes, rua do Ouro, n.os 227 e 228, na do sr. Lavado, rua Augusta, n.º 8, e na do sr. C. J. Brabo, rua do Ouro, n.º 212.

São correspondentes do editor: no Porto, o sr. A. R. da Cruz Continho; em Coimbra, o sr. A. H. Dardalhon; em Vianna do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximianno Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio do Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Bahia, a sr.ª Viuva Carvalho & F.º; Maranhão, o sr. J. A. da Silva Guimarães.

CRIMÉA — BALAKLAVA.

Os espantosos successos d'essa tremenda lucta que esta travada no Oriente têem tornado interessantes quantas noticias se referem ao paiz em que a guerra se acha mais accesa, e tem assumido um caracter mais grave, pela grandeza dos meios de defeza e de ataque que ali se hão empregado, e porque se suppõe, não sem algum fundamento, que o resultado da campanha da Criméa deve terminar, pelo menos, a primeira phase da presente guerra, em que estão empenhadas as maiores e mais poderosas nações do mundo. Balaklava, sem a guerra, seria talvez quasi desconhecida no occidente da Europa. Hoje, porém, não acontece assim; porque, como todos sabem, este ponto foi, depois da batalha do Alma, occupado pelos inglezes, que pelo seu porto recebem provisões de bôca e de guerra, construindo posteriormente, para maior facilidade do serviço, um caminho de ferro da povoação até o acampamento, em frente das muralhas de Sebastopol.

Para que porém o leitor fique fazendo uma idéa do que é Balaklava, extractaremos da excellente obra do principe Demidoff sobre a Criméa o que este conspicuo escriptor diz acerca do logar tão habilmente aproveitado pelos generaes do exercito anglo-francez.

«Entre o convento de S. Jorge e Balaklava o caminho segue as sinuosidades do terreno até a formosa aldeia de Hadikoué. Então ostenta-se aos olhos o valle de Balaklava, matizado de jardins e de risonhos vergeis: inclinado para o sul o valle vae descendo até as margens de uma bacia natural cercada de altas montanhas, na qual o mar penetra por estreita garganta; estaes no porto de Balaklava, fundeadouro sem duvida seguro para grande numero de navios, que ahi poderiam encontrar admiravel abrigo.

«Situada na costa oriental do porto esta pequena cidade não tem commercio algum; a população, composta de gregos, occupa-se na lavra dos campos... Os antigos conheciam Balaklava sob o nome de Simbolon, ou Cimbalon. Strabão cita-a como dependencia de Chersoneso, e sem reflectir nas difficuldades de execução, o illustre geographo assevera que o porto de Simbolon estava ligado ao de Chersoneso por meio de uma grande muralha. Esta muralha devia de ser obra prodigiosa, ou o auctor a suppozesse erigida em terra, ou sobre as aguas. O que não padece duvida é que este ancoradouro artificial foi primeiramente descoberto e aproveitado pelos gregos. Mais tarde os genovezes, que não eram homens que esperdiçassem o que outros não sabiam aproveitar, apoderaram-se d'esta enseada, edificando no monte que fecha a entrada da parte de leste uma vasta fortaleza, cujas ruinas ainda subsistem; e é talvez d'essa epocha que data o nome actual da cidade, que dizem se deriva de *bella chiave*. É verdade que outros etymologistas pretendem reivindicar a origem tartara, dizendo que este nome vem da voz *Balocich* que significa *paiz*: mas que importa o nome ao que é apenas uma ruina?

«Balaklava compõe-se de um amalgama de casas bastante arruinadas, e de recintos mal defendidos por muralhas meio demolidas; uma rua principal guarnecida de lojas desertas, uma igreja, e o quartel do chefe de batalhão grego, eis apenas o que póde mencionar-se n'esta pequena colonia de arnautas.»

Pela narração insuspeita de Demidoff bem se vê que Balaklava não mereceria chamar a attenção da Europa se não fossem os recentes successos da guerra, que, crêmos nós, não haverá ninguem que não tenha seguido attentamente.

DESCRIPÇÃO E RECORDAÇÕES HISTORICAS DO PAÇO E QUINTA DE QUELUZ.

Acabadas as obras que o infante D. Pedro mandára fazer em Queluz, costumava elle passar, com toda a familia real, n'este sitio os dias, que lá grandemente festejava, de S. João e S. Pedro, e, desde meado de julho até fins de setembro, a sazão das caçadas de perdizes na contada que d'ali se estendia para a parte de Caxias; prolongando, n'alguns annos, por mais mez e meio, a sua estada n'aquella quinta, onde no restante do tempo ía de ordinario uma vez por semana.

Consistiam aquellas festas primeiramente em funcções de igreja, nas quaes as admiraveis producções dos mais insignes compositores de musica religiosa que sinalaram aquella epocha, Scarlati, Leo, Vinci, Porpora, Durante, Pergolezi, Marcello, Jomelli e Perez, superlativamente regidas por este, ou pelo não menos habil e imaginativo (1) mestre de capella João Cordeiro da Silva, eram executadas com refinado esmero pelos melhores musicos que até então ouvíra e admirára a nossa côrte, sobrepujando a todos o tiple Caffarelli, o contralto Geziello, o baixo profundo Pucci e o tenor Raff, brilhando tambem ali, com o esmalte do talento, não menos grato aos ouvidos, e que tanto singularisou Vieira, e se foi então generalisando nos nossos oradores sagrados, de pintar os objectos por meio dos sons, creando pela harmonia imitativa expressões vigorosas dos sentimentos d'alma, a verdade e viveza de imagens dos padres Gabriel Ferreira do Rego, e Manuel de Macedo; a delicadeza e força de raciocinio de Frei Joaquim de Santa Clara; a eloquencia maviosa e pathetica do modesto (2) Frei Luiz do Monte Carmello; o genio ardente e o colorido energico de Frei Joaquim Forjaz e de Frei José de Santa Rita Durão, ambos enriquecidos de toda a flôr da mais bella oratoria e poesia; e a boa e bem accionada expressiva do inimitavel, e a todas as capacidades accessivel e acceito, Frei João Jacinto.

Nas tardes d'estas solemnidades, e segundo o uso mourisco, que ainda vaga entre nós, de casar exercicios espirituaes com outros quasi marciaes nas grandes festas do campo, haviam cavalhadas, ou touros, divertimentos mui saborosos a el-rei D. José e ao infante D. Pedro, e que o bom valido de ambos, e a todos amavel, marquez de Marialva serenamente dirigia, tanto em razão do seu cargo, de estribeiro-mór, e pela sua pericia na arte da picaria, (que elle com o favor real fizera reflorecer em Portugal por via de Bartholomeu Bertholdo, trazido de Hespanha pelo conde d'Obidos) como pelas tradições que conservava da maneira com que na côrte antiga se faziam estes jogos, que elle ensaiava, e em que por vezes entrava, tendo parte n'elles o agigantado Antonio Xavier, por antiphrase chamado *o Antonico*, e outros excellentes picadores, com quem concorriam alguns filhos do marquez, um dos quaes foi, annos depois, n'uma d'estas carreiras, por imprudencia sua, arrebatado da saude á morte em presença de seu pae e d'aquelles principes (1).

Depois de anoutecer, illuminava-se a fachada do paço para o lado do jardim, que tambem era allumiado, assim como o parque; e havia algum entretimento musical; terminando alta noute, por um vistoso fogo de artificio, que se repetia nos anniversarios dos nascimentos d'el-rei e do infante, estes festejos, em que o rigor da etiqueta era algum tanto adoçado, e que, por isto, e pela variedade e magnificencia dos espectaculos, attrahiam muitas pessoas differentemente notaveis, que os annos vão enrolando em deslembrança, entre as quaes avultava o nosso mais famoso estadista, que os embates de paixões contrarias não permittiram que fosse pelos seus actos e á luz da razão julgado imparcialmente pelos seus coevos, e que a luz da historia, que allumia os heroes, mostrasse até aqui no seu verdadeiro ponto de vista aos vindouros.

Offerecendo-me esta concorrencia campo de fixar em toda essa gente muita e não vulgar o pensamento dos meus leitores, passarei a traçar aqui as diversas figuras do meu painel com rasgos tirados dos toques d'alguns bons pintores que as retrataram ao vivo, (2) n'uma como revista, ou vista panoramica, que vou fazer, do ultimo d'aquelles luzidos ajuntamentos que houve no memoravel e actuoso reinado de que se trata; representando-as no ponto (que me pareceu mais vantajoso para as pôr em perspectiva) em que as pessoas reaes recebiam os obsequios d'aquella assembléa matizada de tantas e tão differentes côres; quadro historico, que assim como, ainda que saia bem, não póde, pela declaração que acabo de fazer, vangloriar-me, como Byron, de pintar bem o que não vi, tão pouco deve ser envolto com o tropel que vemos de *Memorias*, de cousas que todos sabem, e de *Retratos* que se não parecem com ninguem.

Tinha-se atermado com a luz do dia 29 de junho de 1772 uma das mais gostosas corridas de touros que se viram em Queluz, e já o povo galhofeiro, esquecido de que tinha que lidar a vida no outro dia, se apinhoava na area onde incommodamente havia lograr o para elle unico recreio nocturno, em quanto a gente grada, com menos effusão d'alma, enchia a espaçosa *Sala das Serenatas*, quando n'ella entrou, e foi occupar com brilhante acompanhamento o estrado levantado, quasi no tôpo, onde depois assentava o throno nas audiencias da rainha D. Carlota Joaquina, a familia real, que então se compunha das

(1) Dizem Perez desmaiou por ver n'uma das metras uma nódoa vermelha, que lhe pareceu de sangue, e que depois se viu que era de azarolo. João Cordeiro attribuia uma febre catarral que teve a impressão do vento que a excellente condeça da Ribeira Grande D. Marianna d'Almeida, que era sua discipula, lhe fizera, virando rapidamente a uma lição as folhas d'um caderno de musica.

(2) Este douto e virtuoso carmelita descalço não quiz, por sua humildade do coração, aceitar o cargo de confessor da princeza, depois rainha D. Maria I.

(1) Alludo ao triste fim do conde dos Arcos D. Manuel José de Menezes, victima da cornada de um touro, que elle correu no largo do Paço da Murteira.

(2) Alem das recordações que eu tinha de muitas cousas que na minha mocidade me contaram no proprio logar em que se passou a scena que vou pintar varias pessoas de bom juizo que a ella tinham sido presentes, tirei não poucos esclarecimentos das correspondencias do conde de Clermont d'Amboise, então embaixador de França em Lisboa, com a sua côrte

pessoas seguintes: el-rei D. José, mais avelhantado pelas molestias, que pelos annos, mas ainda desempenado e magestosamente airoso, encobrindo, debaixo da pompa e apparencia de felicidade, que causam tantas invejas, as amarguras interiores, que o vulgo dos homens não lê nos semblantes, e que desde o principio do seu governo lhe pungiam o coração: (1) a rainha D. Marianna Victoria, em cujas formas, d'antes engraçadas sem belleza, e então já damnificadas pelo tempo, se viam marcadas a decisão e a firmeza, unidas á vivacidade castelhana, e á tocante urbanidade dos Bourbons: a formosa, suavemente senhoril, e já pensativa princeza D. Maria Francisca, cercada dos tres fructos do seu consorcio, o principe D. José, dotado de uma belleza afeminada que não condizia com o seu animo varonil, e a linda infanta D. Marianna Victoria, que trazia sempre o coração no rosto, ambos cortados em flôr, e o infante D. João, tenro na idade e compleição, que havia de succeder a sua mãe no throno: a infanta D. Marianna Josefa, segunda filha d'el-rei, na qual, em vez das attractivas graças exteriores do corpo reluziam a bondade interior da alma, e um grande talento para a pintura e para a musica: a infanta D. Maria Francisca Benedicta, muito mais gentil, alegre e desembaraçada, que a princeza sua irmã mais velha, com cujo primogenito, que tinha apenas metade da sua idade, casou, debaixo de mui tristes auspicios (2), d'ali a cinco annos, e só foi desposada onze: finalmente o infante D. Pedro, irmão e genro d'el-rei, e em contrario d'este, desornado de dons e prendas brilhantes, e até desataviado no trajo, mas (por me servir da phrase com que um historiador nosso pintou outro infante) (3) *domestico, lhano e chão;* ajuntando-se n'elle estas e outras boas qualidades e muitas virtudes privadas com algumas maneiras e preoccupações inurbanas, que lhe davam visos de um homem bom do povo.

Logo que aquellas altas personagens entraram na *Sala das Serenatas*, adiantou-se a todos em cumprimental-as o corpo diplomatico, composto do nuncio Conti, ultimo descendente de uma familia do antigo patriciado romano, e sobrinho de Innocencio XII, que tambem foi nuncio em Portugal, onde aquelle prelado, entendido, bem intencionado, e largo de condição, grangeou a estimação do marquez de Pombal e de toda a côrte: (1) do marquez de Almodovar, embaixador e grande d'Hespanha, mui curto dos nós, e mais dado aos prazeres que aos negocios, d'onde um dos seus collegas veiu a dizer que elle levava aqui a vida regalada d'uma duqueza italiana: de mr. Walpole, embaixador d'Inglaterra, que, pelas suas maneiras insinuantes, era tratado pelo primeiro ministro com mais agasalho e agrado que o antecessor d'aquelle representante britannico mr. Littleton, homem de espirito, saber e graça, mas a quem a natureza deu um exterior frio, e que fallava com uma lenteza fastidiosa e ridicula: do cavalheiro Lebzelten, ministro d'Austria, geralmente bemquisto, e tão prudente informador, que deu, em officio secretissimo e cifrado, á sua côrte a noticia, que ella conjuntamente teve por todas as gazetas, do grande terremoto de Lisboa: de mr. de John, ministro de Dinamarca, pobre como Job, e, por cumulo de miseria, vaidoso como um pavão: do conde Macedonio ministro de Napoles, pessoa mui sisuda, mui doce no trato, e muito amada e considerada de todos: do conde Marini, ministro de Sardenha, diplomata lido e fino, que todavia não foi então mais feliz na sua negociação do casamento do principe D. José com uma princeza sarda, do que na sua mediação em 1766 para evitar a quebra da nossa côrte com a de Roma: de mr. Saurin, ministro de Hollanda, espirituoso, e de boa companhia, com o senão de ser apertado de mãos, (1) e mui feliz ao jogo: do barão de Stockler, ministro apreciavel, e gratuito da Prussia, que, por esta circumstancia, e pelas poucas relações que então havia entre aquelle reino e o nosso, se esqueceu n'uma occasião de que tinha aqui um agente politico: de mr. de Montigny, encarregado de negocios de França na ausencia do embaixador marquez de Clermont d'Amboise, e contrariamente a este, e a não poucos dos seus compatriotas, muito justo ponderador das cousas, e (o que nos francezes é raro) fallando mui bem portuguez: e, por fim, do sociavel mr. Kantzow, agente geral da Suecia, que n'um tempo ins avel, e n'uma carreira em que os empregados tão frequentemente mudam de terra, se conservou por mais de meio seculo no mesmo posto, e o deixou como que vinculado á sua familia. Em seguimento d'estes chefes de missões vinham o fino abbade Antonini, e o sincero conego Consalvi, o primeiro auditor e o segundo abreviador da nunciatura, ambos bem vistos na côrte: o cavalheiro Lardizabal secretario e verdadeiro director da embaixada d'Hespanha; e mr. Hort, consul de Inglaterra, que, sem caracter diplomatico, zelava com tanta intelligencia como dignidade os interesses do seu paiz, e a quem as suas continuas e mui singulares distracções, de que em vão procurou corrigir-se, davam por vezes um ar brusco e altivo que o seu bom natural desmentia (2).

Detraz da familia real estava a discreta duqueza d'Abrantes D. Anna de Lorena, camareira-mór da

(1) Metastasio, em cujos lindos versos se encontram tantas [illegible], disse, com elegante juizo, na sua bella lingua, o engrandecimento que me suggeriu estas reflexões, e que Metastasio Phidias e Euripides [illegible] bons dramaticos, como philosophos [illegible] a tachar exprimido em grego, o que passo a citar:

Si a ciascun l'interno affano
Si leggesse in fronte scritto
Quanto [illegible] che ne fa farsi
Chi far debbe pietà

(2) Este [illegible] ultimos dias da vida d'el-rei D. José, e a [illegible] para na [illegible] real, [illegible] aquella [illegible] foi [illegible] toda armada para se oppor a [illegible] ou, da [illegible] princeza herdeira [illegible] mo anno [illegible] actuaes [illegible] a côrte [illegible] filho mais velho.

(3) [illegible] D. João [illegible] infante D. Duarte.

(1) O marquez [illegible] Almodovar faz uma [illegible] [illegible] natura [illegible] estimavel pelado por ter sido [illegible] que lhe estimavam o [illegible] de uma princeza de França [illegible]

(1) Este diplomata, que era tão gotoso como avaro, comprou de mesas com um [illegible] consular do mesmo estofo um porco ao qual com frequentes sangrias tiravam o sangue para d'elle fazerem chouriços, e que em breve tempo morreu extenuado.

(2) Contava-se d'este consul, entre milhares de distracções que parecem incriveis, as duas curiosas anecdotas seguintes: Indo elle um dia visitar mr. Saurin, e figurando-se-lhe durante a visita que era elle quem em sua casa recebia aquelle ministro, e sua companheira, passado algum tempo, começou a infastial-o tanto como a sua [illegible] principiou a ser pesada ao visitado, que, estando morto por jantar, [illegible] para offerecer ao hospede [illegible] levantou-se [illegible] da sala um criado, que como pelo seu [illegible] a quem pedia que o levasse d'aquelle pegamaes, que elle pomplamente fez [illegible] gargalhou por perceber o engano, que [illegible] que fosse para sua casa. Outra vez visitando a condessa-mãe da Ranha, que ha muito [illegible] tinha encarregado [illegible] com grande [illegible] noticias do marido, que elle não tinha conhecido, e respondendo ella, que felizmente [illegible] perguntou elle [illegible] a mesma [illegible]?

rainha, e a marqueza de Villa Flôr, camareira-mór da princeza, e aia de seus filhos, unicas senhoras que ali faziam côrte, por não costumarem as damas ir n'estes dias a Queluz; seguiam-se o sr. D. João, filho natural do infante D. Francisco, legitimado por graça d'el-rei D. João V, e que, sem ser homem de mar, nem de marca, era mordomo-mór d'el-rei e da rainha, e chefe nominal da marinha, vesguendo no sentido moral, como no physico; os quatro camaristas d'el-rei, que eram o nobre, doce, e sympathico marquez de Marialva, digno chefe de uma familia popular e beneficente, o manhoso marquez d'Angeja, que da privança com el-rei fazia escudo contra as iras do potente ministro, e degrau para subir sobre a ruina d'elle; o velho marquez d'Alvito, a quem a natureza compensou a escacez de certos dons com um gesto grave, serio e decoroso, que, pelo respeito que infundia em todos, mostrava o muito que com elle se suppre, e a carencia, ou vazio, que com elle se enche; e o moço e garboso conde do Prado, que pouco antes defendêra el-rei contra a furia de um rustico insensato, e assalvajado: (1) os cinco veadores da rainha; o conde de Val de Reis, seu estribeiro-mór, e que, com uma angelical mansidão se não lembrava de nada e tinha medo de tudo; o conde d'Azambuja, seu irmão, muito teimoso, e tão pouco brando, que os bahianos, que elle governou, lhe deram o sobrenome de *onça;* o conde d'Aveiras, dado ao mister de governar os novos carrinhos ligeiros d'arruar, que a moda introduzira então em Portugal, e que, ao dizer da rainha, era o seu forte, e o seu fraco; o visconde de Villa Nova da Cerveira D. Thomaz Xavier de Lima, mui lido, liso, probo, isento e generoso, qualidades que cinco annos depois o elevaram ao poder, e que, ainda mal, foram frequentemente neutralisadas pela sua grande indecisão, filha da desconfiança que elle tinha de si mesmo, e pela sua nimia boa fé nascida da falta de conhecimento dos homens; e o gotoso marquez de Fronteira, que com os seus finos e subtis epigrammas censurou successivamente com muito sal, e bastante siso, duas administrações oppostas; cerrando esta fila cortezan os tres camaristas, então de serviço ao infante, (2) o conde de Povolide, e D. Vasco Manuel da Camara, que no paço puderam, em tanta paz, esquecer o mundo, e esquecer-lhe, e o conde da Ponte, homem de letras e de côrte, mui notavel pela originalidade de seus pensamentos, e pela facilidade com que sabia pintar uma situação com um dito.

Ao lado d'el-rei assistiam-lhe immotos o suave e timido cardeal patriarcha, seu amigo desde a infancia, e instrumento e victima, rara vez recalcitrante, das desforras reformativas com que o marquez de Pombal, no seu furor anti-jesuitico, se vingava de algumas opposições da curia romana, e o ainda mais medroso e malleavel, mas menos limpo de coração, cardeal da Cunha, verdadeiro catavento politico, impellido pelo sôpro da fortuna, e em quem o potente ministro, por uma illusão que reconheceu tarde, accumulou um sem numero de empregos e dignidades. A estas eminencias agachadas seguia-se o, em letras e animo, eminentissimamente superior a ellas, principal Almeida, que tinha officiado a missa, e não estava vestido de vermelho por ter fallado claro. Abaixo d'este prelado, viam-se os seus collegas Botelho, mui conhecido pelos seus motejos e versos satyricos, Vasconcellos, cuja falta de prendas de corpo e de animo estava bem caracterisada na alcunha que lhe puzeram de *principal podre,* e Gonçalves da Camara, que tambem era companheiro d'este no jogo d'el-rei, com a differença de não ir, como elle, mesquinhamente emparelhado por especulação com o hollandez João Bus.

No espaço entre o estrado occupado pela familia real, e a porta que abre para o corredor contiguo, estavam os officiaes-móres e menores, e outras pessoas empregadas no serviço do paço formando diversos grupos, onde se via o sagazmente picante conde de Rezende de punhos espetados, e apertado como um punho, fazendo trocadilhos de palavras para que as suas pudessem ser tomadas em dous sentidos; o jovial e engraçado mestre-sala D. Antão d'Almada; o vesgo monteiro-mór, sem letras, mas desbancando em tretas todos os innumeros ciganos que acoutava no seu palacio da calçada do Combro; o surdissimo conde de Soure, provedor da casa das obras, casado com a excellente filha dos marquezes de Marialva D. Maria José dos Santos e Menezes, cuja engraçada formosura foi com o nome de *Marcia Bella* celebrada nas primeiras modinhas finas portuguezas que por esse tempo compoz e depois publicou sob o pseudoanonymo de Lereno o doutor Caldas Barbosa; o quasi invisivel e ignoto védor conde de Redondo, sem maneiras finas, mas com qualidades optimas, todo mettido por dentro e sumido na humilde occupação de trabalhador do seu jardim, em quanto sua bella, espirituosa, e em tudo estimavel esposa, pela graça e elegancia com que fazia as honras da sua casa a uma companhia de pessoas escolhidas, contribuia, para urbanisar e civilisar a nossa côrte; o esmoller-mór Frei Manuel de Mendonça, que, em contraposição a esta dama, sustentava ardidamente, contra todos os elementos de civilisação que nos íam policiando e polindo, a triste reputação que os seus confrades tinham de dizer parvoices; o então bispo de Penafiel, onde nunca foi, e depois arcebispo de Thessalonica, onde não podia ir, D. Frei Ignacio de S. Caetano, confessor da princeza, a quem, mais com mau modo, que com sciencia, tirava os escrupulos, e que, por não poder deixar, ou não querer perder este habito, tratava a todos com a mesma grosseria; Frei Mathias da Conceição, confessor d'el-rei e do principe, tendo e dando-se mui pouca importancia, inoffensivo, e macio; o chamado *Grillo-mór* tão valente reformador dos seus frades, como tremente confessor da rainha, e que, para não ir ao paço, a fim de se não comprometter, quando ella não estava bem com o famoso ministro, obrigou, estando em perfeita saude, um cirurgião a mandal-o sarjar, sacramentar e ungir; Frei José Mayne, mui instruido amigo e confessor do infante, e a cujo esclarecido e fervente zêlo se devem as bellas collecções scientificas, litterarias e artisticas, e outras preciosidades que a nossa academia achou no bello edificio que a munificencia real lhe franqueou, e que d'antes era a casa principal dos religiosos terceiros de Jesus; o desembargador José Alberto Leitão, corregedor do crime da corte e casa, magistrado limpo de mãos e de respeitos; Mauricio José Teixeira de Carvalho, homem mui honrado e, d'aquelles em quem o desejo de bem servir e a muita rotina, suppre em muitas occasiões ao juizo; Pedro José da Silva Botelho, thesoureiro do bolsinho, que com o mais apurado gosto tinha a direcção da musica; Estevão Pinto de Mo-

(1) Alludo ao caso, pouco antes acontecido junto á porta dos *Nós* em Villa Viçosa de um carreteiro louco que, querendo dar com um pau em el-rei D. José, descarregou com tanta força o golpe, que o conde do Prado aparou, que lhe quebrou um annel de brilhantes que trazia no dedo.

(2) O erudito conde de S. Lourenço, outro camarista do infante, estava a esse tempo prezo.

raes Sarmento, guarda-joias e tapeçarias, que na sua larga carreira justificou amplamente a inteira confiança que n'elle tinha posto el-rei; Miguel Franzini, mestre de mathematica do principe, contando ao facil medico Matta a resposta que acabava de dar a um reposteiro que lhe perguntou se por Veneza passava o Danubio; (1) e finalmente o original Felicianno Marques Perdigão, mestre de escripta do principe e do infante D. João, murmurando em voz baixa com o sisudo Antonio Domingues do Paço, mestre de ler, e com o guarda-roupa João Lucas de Barros, que dava themas para os sermões burlescos de Bento Antonio, da pertinacia d'aquelle joven infante em não querer escrever o nome da rainha sua avó sem y. Feliz tempo em que uma questão de orthographia occupava as attenções dos homens da côrte com o mesmo ardor com que hoje se discutem questões não menos problematicas de economia politica nas assembléas legislativas. (2) Vendo-se por ultimo tambem ali n'um grupo o doutor Manuel da Silva Moreira Paisinho, que, não sendo bem fallante, era um dos medicos mais habeis e atinados, e o doutor Felicianno Antonio de Oliveira, que, sem ser tão feliz na arte de curar, passava pelo melhor conversador, talento particular que entre nós e em toda parte, se perdeu, como muitas outras velhices: Antonio José Soares, cirurgião-mór, Pedro Alvellos, destro e expertissimo operador, e Manuel Constancio, que em Portugal foi no seu tempo o pae da anatomia. O nosso primeiro estatuario Machado, e Francisco Vieira, a quem o seu incontestavel talento artistico tinha feito pintor da camara, o seu amor conjugal fez poeta d'agua doce; e o beneficiado Vaz Velho, capellão d'el-rei, e que não tornando depois da morte d'este a acompanhar a familia real nas suas jornadas, dizia: Eu já fui o *padre Vaz*, hoje sou o *padre fica*.

No grande espaço que havia desde o meio até ao fim da sala em que as pessoas reaes recebiam esta numerosa companhia, estavam repartidas pelos varios grupos ali formados muitas notabilidades de diversas profissões e ordens. Da magistratura, de que o infante era grande honrador, viam-se o seu, pelo predicamento, e não pelos predicados, conspicuo secretario do estado João d'Oliveira Leite de Barros, e o esperto e experimentado José Ricalde Pereira de Castro, pessoa mui influente na casa do Infantado, aos quaes, além d'aquellas provas de confiança que lhes dera, fazia, cuido que em attenção a serem ecclesiasticos, a ainda maior e em todo o sentido mais graciosa mercê de os ter em conta de santos; os a todos os respeitos mais sisudos e mui habeis jurisconsultos Bartholomeu José Nunes Cardoso Geraldes, secretario do estado da rainha, e o irmão d'elle Francisco Antonio Marques Giraldes, a quem o chefe do ministerio não só estimava, mas respeitava muito; Gonçalo José da Silveira Preto, que a um profundo e variado saber e a uma grande pratica de negocios unia uma clareza de idéas e de expressões que fazia um perfeito contraste com o mais que pessimo talho de letra que tinha, e que fazia que as suas informações e consultas cansassem os olhos e as paciencias nas diversas repartições onde iam; João Xavier Telles, que sobre os seus vastos conhecimentos juridicos, tinha o dom, então rarissimo entre nos, de fallar quasi todas as linguas; e Antonio Cardoso Seara, que se tinha distinguido como lente de leis, e que o infante estimava pela sua amenidade e pureza de costumes. A carreira militar, em que o conde de Lippe e a campanha de 1782 tinham formado tantos officiaes distinctos, estava ali apenas representada pelo velho general marquez de Tancos, pelo rigido Macklean, governador das armas da côrte e provincia da Extremadura, e pelos principes de Reuss e Mecklembourg e o altissimo conde de Oyenhausen, que seu cunhado D. Pedro de Almeida dizia que havia de ir a enterrar n'um corredor, pelo major Berman, cujo grande nariz abriu a veia poetica de Nicolau Tolentino (1) e por mui poucos militares portuguezes de pequeno vulto, estando então a maior parte d'elles empregada nas nossas fronteiras ameaçadas de guerra, ou guerreando no Brazil. Uma outra milicia, já a esse tempo quasi que puramente de nome, a ordem que ainda se chamava de Malta, de que o infante tinha sido grão-prior, estava tambem ali mui bem figurada em trajo apaizanado pelo pacato balio Duarte de Sousa, mui bem visto d'aquelle principe, e pelo pachorrento commendador Vilhena que correu quasi toda a Europa casualmente.

As boas letras que sempre tiveram cabimento nos paços, e as sciencias naturaes que n'aquelle reinado se aclimaram no nosso paiz, estavam n'esta assembléa symbolisadas por José Isidoro Olivieri, reitor do novo e real Collegio dos Nobres, mui distincto humanista, rico de tradições de instrucção classica da escola paduana, onde tinha sido professor de latinidade; e Domingos Vandelli, que o Dioscorides do norte, Carlos Linneu, tinha inculcado ao nosso governo como um eximio naturalista.

Tambem n'aquella sala as musas portuguezas, bem que estremecidas com o injusto e cruel encarceramento do poeta preeminente a todos os do seu tempo, Garção, que, em delicadeza, podia rivalisar com Horacio, presentavam uma pleyada poetica em que brilhavam Diniz, imitador de Anacreonte e de Pindaro; Gonzaga, que com graça natural e ingenuo pincel fez os mais lindos paineis da belleza e dos amores; José Basilio da Gama, que no genero descriptivo, e na pureza da linguagem poz o risco por cima de todos os vates do seu tempo; João Xavier de Mattos, que, devendo mais á sua natural disposição do que aos seus estudos, agrada pela doçura da sua versificação, e pela singeleza com que pinta as madrugadas, os rios, os tempos, e outras magestosas e invariaveis scenas da natureza; e outros gentis pastores, que as sete irmãs enlouraram, da Arcadia lisbonense; o nosso jovialissimo e tão popular Nicolau Tolentino d'Almeida, já empossado e captivo da cadeira de rhetorica contra a qual elle tanto declamou nos seus versos; Antonio Ribeiro dos Santos, ainda mui moço, e já conhecido por algumas poesias impregnadas de sensibilidade, e cheias de harmonia, que o faziam emulo de Ferreira; José Anastacio da Cunha, tão bom mathematico, como poeta, bem que a sua phrase não seja sempre portugueza castiça; o fluente Paulino Cabral, o faceto padre Braz, o amo-

(1) «Quando de la sai ainda não tinha passado.»

(2) A mania de questionar não digo sobre letras, mas sobre palavras, ainda não tinha passado de todo ha vinte e nove annos; pois que, quando em maio de 1826 se tratou no Rio de Janeiro da confecção da carta constitucional portugueza, gastaram os ministros não menos de quatro dias em discutir quem havia de escrever aquelle documento, e se n'elle se devia dizer que fôra registado no *livro competente*, ou no competente livro.

(1) Este poeta, vendo pela primeira vez nos seus primeiros annos o extraordinario nariz d'aquelle official suisso compoz a seguinte quadra ate hoje inedita:

Inda Berman discorria
Pelas côrtes estrangeiras,
E ja nas nossas fronteiras
Parte d'elle apparecia

Versos que aquelle a quem eram dirigidos, por não saber a lingua, tomou por um grande comprimento

roso Caldas, o mordaz Lobo; Mathias José Dias Azedo, Theotonio Gomes de Carvalho, Curvo Semedo, e os dous Malhões, que tinham uma solida erudição, entremeiada de todas as flores e elegancias das musas mais amenas e risonhas.

Finalmente, n'um vão da sala, onde, quando havia serenatas, se collocavam os musicos, estava o marquez de Pombal, e os seus tres collegas, o talentoso, intelligente e expedito de negocios José de Seabra da Silva, seu ajudante; o velho, enfermo, e automatico D. Luiz da Cunha, sobrinho do celebre estadista do mesmo nome e appellido; e o honrado, zeloso, independente, e assomado Martinho de Mello e Castro, que fôra chamado para o governo por especial escolha do soberano; travando a primeira d'estas personagens conversação com o sabio, e em todas as materias primaz, D. Frei Manuel de Cenaculo, então bispo de Beja, vogal da junta de providencia litteraria, e director da educação do principe, e o grave, quasi que diria austero, profundamente douto, ou antes thesouro inexhausto de sciencia, João Pereira Ramos, procurador geral da corôa, honra da universidade e da toga, e que, para me servir de uma expressão de Cicero, era a propria lei fallando. Mui de proposito deixei para o fim o retrato moral do famoso ministro (cujo nome lá por fóra anda a par do de Camões) por isso que as suas feições mal podem ser pintadas de corrida no fio da gente que acabo de descrever n'esta revista.

Era elle assás erudito, e dotado de uma eloquencia natural, fallando, que contrastava com o estylo asiatico e diffuso dos seus escriptos; tinha uma energia de caracter que seduzia e dominava todas as pessoas que o cercavam, e uma firmeza e constancia que o faziam seguir com coragem, luctando com os maiores obstaculos, e com permanencia nos seus sentimentos, todos os seus designios. Seguindo as pizadas de Richelieu, Mazarino e Alberoni, parecia-se com o primeiro na altivez e implacabilidade, com o segundo na subtileza e na astucia, e com o terceiro na obstinação e na audacia. Dirigindo com mão firme os negocios interiores e exteriores d'este paiz, tinha tambem a penetração de espirito necessaria para conhecer e escolher os homens de que se havia de servir, e para aproveitar as occasiões favoraveis para conseguir os seus fins. Apesar da violencia de suas paixões, tinha elle, quando lhe convinha, força para as domar e mostrar-se imperturbavel e senhor de si. Simples no seu porte, polido em suas maneiras, agradavel e até jovial na conversação, tinha para cumulo de felicidade este ministro uma excellente constituição physica, que cousa alguma podia alterar ou sacudir, d'onde vinha que elle, quasi octogenario, fazia, por se ver n'aquella idade tão são de corpo e de espirito, vastos projectos que seus filhos difficilmente poderiam ver executados, e concluidos. A prensa, e a opinião oral dos differentes partidos, rara vez justa, e sempre apaixonada, usou largamente do seu direito com relação ao marquez de Pombal, que sendo tido pelo principe de Metternich em conta de nimiamente liberal, era por Laffayete julgado um quasi tyranno, bem que consummado estadista. Estes juizos oppostos de dous homens de diverso sentir explicam-se mui bem considerando que cada um d'estes homens via aquelle ministro pelos seus prismas; o que porém se não entende e custa a crer é que incensem a sua memoria homens que elle, se viesse outenta annos mais tarde, haviam, se o não matassem primeiro, arder em fogueiras, como succedeu ao pobre e demente padre Malagrida. A verdade, porém, que é a alma da historia, quer que se diga, que foi Pombal quem ergueu d'entre ruinas, e amplificou Lisboa; que a universidade, onde as sciencias que então ali se ensinavam eram cultivadas sem ardor nem discernimento, foi por elle senão perfeitamente, ao menos grandemente reformada; que elle fundou collegios e aulas onde a nobreza, o exercito, a armada e o commercio aprenderam a ser uteis ao rei, á patria e a si: que foi elle que, pela boa organisação que deu a todas as diversas estações, estabeleceu uma excellente escola de empregados publicos; que elle povoou os tribunaes de homens do mais alto conselho; que dotou o paiz de mui sabias leis, e que, até certo ponto, protegeu a agricultura; que animou as artes, e a bem dizer creou e defendeu as nossas manufacturas, bafejando todos os generos de industria; que a elle se deve a organisação do nosso exercito, a segurança e melhoramento das nossas colonias, e a resurreição da nossa marinha; que foi elle quem estabeleceu o melhor systema de arrecadação das rendas publicas, ao qual ainda hoje se agarram os seus successores para não caírem; finalmente, (o que para mim vale mais que tudo isto), que foi elle um defensor acerrimo da independencia nacional e da integridade da nossa monarchia, que elle com uma força d'animo admiravel e admirada dos seus proprios inimigos, defendeu sem o auxilio da nossa antiga alliada, contra as ameaças de Hespanha e de França, estando já ás portas da sua morte politica. A historia dirá se os ministros que depois d'elle tivemos, sendo mais favorecidos pelas luzes do seculo, preencheram melhor que elle os votos do paiz. A fidelidade e imparcialidade com que escrevo pedem que eu, depois de pintar tão bellas feições, não encubra a grande macula que sobre o marquez de Pombal deitaram as cruas execuções, que se fizeram no principio do seu ministerio, e a oppressão que durante todo elle soffreram as nossas liberdades religiosas, litterarias e politicas. Mas quem negará que muitos dos seus successores, fazendo-nos as mesmas subtracções, não nos deram em troca o menor beneficio? Mas, quem negará que alguns d'estes excessos foram provocados pela relaxação em que o marquez achou Portugal, e que muitos dos seus successores subtrahiram, sem causa, aquellas mesmas liberdades, não dando em troca cousa alguma?

A um signal dado por el-rei, transformou-se a sala de recepção em theatro; e debaixo da direcção do já quasi cego David Perez, representou-se a peça de Metastasio intitulada *Il Parnaso confuso*, posta em musica por Gluck, depois da qual houve um grande fogo de artificio.

MARQUEZ DE REZENDE.

HYGIENE.

DO USO DA FLANELLA SOBRE A PELLE.

No meio das alterações atmosphericas do nosso clima, e especialmente durante a estação actual, (1) através das constantes variações de temperatura a que todos estão forçosamente sujeitos, é indispensavel e urgente recorrer a algum meio preservativo; ora o melhor, o mais commodo é incontestavelmente o uso da camisa de flanella sobre a pelle.

Todos os que já de ha muito fazem uso da flanella conhecem necessariamente os seus bons resulta-

(1) O illustre auctor escrevia em novembro de 1854.

dos; mas os que a não usam carecem, sem duvida, para poderem apreciar toda a utilidade d'esta precaução hygienica, de uma pequena explicação.

A lã isola, para assim dizer, os corpos a que serve de envolucro; isto é tão verdade que o melhor meio de conservar gelo, durante os mais calmosos dias do verão, é embrulhal-o n'uma pouca de lã; assim com a precaução mais proficua para conservar agradavel calor á roupa recentemente engommada, é envolvel-a n'um cobertor, ou n'um bocado de flanella.

Como todos os corpos vivos produzem calor, e a lã conserva, e *abafa* esse calor, já se vê que previne os resfriamentos, e todos os accidentes que podem occasionar. A flanella, porém, tem ainda sobre os tecidos impermeaveis uma enorme, e preciosa vantagem; aspira e recebe a transpiração que se fórma mais ou menos abundantemente na superficie do corpo, deixando comtudo passar o ar necessario para que a pelle conserve todas as condições indispensaveis á bôa hygiene.

Ao contrario de muitos medicos todas as vezes que Récamier, meu venerando mestre, aconselhava o uso da camiza de flanella, não se esquecia de recommendar que sómente se trouxesse de dia. Effectivamente trazendo vestida a flanella noute e dia renunciasse a metade das suas apreciabilissimas vantagens. Usa-se da camiza de flanella sobre a pelle para que fiquemos ao abrigo das variações de temperatura. Ora, na cama, não se experimenta nenhuma d'estas variações: o meio é sempre o mesmo, as mesmas sensações, o mesmo calor! Logo para que havemos de conservar vestida a camiza preservadora? Conservando-a, neutralisâmos-lhe os bons effeitos; o corpo identifica-se de tal sorte com esta segunda pelle artificial, que se torna quasi tão friorento e impressionavel como ella.

Entretanto, a nossa constituicção fragil não consente mudanças subitas, como de salto. Não devemos, sem muitas cautellas, romper com certos habitos; por consequencia não pretendo de modo algum que as pessoas que comprehenderem o valor do meu conselho se conformem com elle sem circumspecção, despindo já esta noute a camiza de flanella que usam continuamente ha muitos annos.

Dr. J. Massé.

NOVA CALEDONIA.

O grupo de ilhas da Nova Caledonia, de que os francezes tomaram posse ha pouco tempo, é situado entre 20 a 23 graus de latitude sul e 161 a 166 graus de longitude este de Paris. A ilha principal tem cêrca de 100 leguas de comprimento sobre 15 a 20 de largo; é cortada em toda a sua extensão por uma cordilheira de montanhas fragosas; a vegetação é verdadeiramente tropical. Encontram-se n estas ilhas o coqueiro, a arvore do pão, a bananeira, a larangeira e a canna de assucar. Tambem ali se acham batatas communs e inhames em muita quantidade. Os mares da Nova Caledonia são mui piscosos. Os habitantes são negros, têem o cabello mui crespo, e parecem bastante robustos. Os homens cortam a barba, e as mulheres usam o cabello mui curto. São anthropophagos. As casas construem-nas de troncos de arvores, cobrindo-as de folhas seccas, á maneira de cortiços. Navegam em canoas feitas de dous troncos de arvores tambem. Cook avaliou, no anno de 1774, a população d'estas ilhas em 70:000 habitantes; é de presumir porém, que em similhante calculo haja alguma exageração.

THOMÁS MOORE.

Thomás Moore nasceu em 1779 na cidade de Dublin; seu pae, apesar de não ser abastado dos bens da fortuna, esmerou-se em lhe dar uma educação excellente. Foi no collegio da Trindade que se revelou a sua decidida vocação litteraria, mórmente para as representações scenicas. Comtudo, em despeito do talento que tão cedo manifestára o moço Moore, as honras universitarias eram-lhe interdictas; a carreira do fôro era a unica accessivel a um catholico pobre e irlandez, e por isso, completos os dezoito annos, partiu para Londres a fim de proseguir os seus estudos no Templo, para poder ser admittido a advogar.

Moore pertencia pelo berço á democracia, víra muitos dos seus amigos succumbirem no empenho de resuscitar a Irlanda; e todavia o mancebo sentia-se impellido para o mundo, para os seus successos deslumbrantes, e para os seus prazeres faceis. Lamentava profundamente a servidão da sua patria, e a miseria dos seus patricios; mas as paixões arrastavam-n'o para os saraus luxuosos, e para as glorias ephemeras que dispensam os poderosos da terra. Poeta e artista apropriou os estylos rusticos que ouvíra pelas choupanas e pelos campos da Irlanda, a versos graciosos, que pintam as delicias da patria, provocam a compaixão dos seus infortunios, e celebram a memoria dos seus heroes; mas estes cantos patrioticos abriram-lhe de par em par os paços dos vencedores; as taças enramadas de flores dos festins inebriaram-n'o, e Moore tornou-se o valido da aristocracia ingleza.

As suas *Melodias*, adaptadas ás cantigas populares da Irlanda, compostas de ordinario de tres coplas, serão sempre a seu mais formoso brazão litterario. A Irlanda e o seu bardo tornaram-se da moda. Buscado dos grandes, corypheu obrigado de todos os festins, apresentado ao principe regente, protegido por lord Moura, contou Moore demasiado nas promessas dos seus Mecenas; porque, depois de larga demora, só pôde obter o logar de fiscal das prezas nas Bermudas.

Nem o clima, nem os habitantes, nem as funcções de similhante logar convinham a Thomás Moore; e por isso pouco tempo se demorou n'aquella colonia, e deixando um serventuario para o substituir, regressou a Inglaterra, onde o esperavam saudosos.

Então terminou e publicou as *Melodias nacionaes*, que foram acolhidas com universal applauso. Casou depois, e retirou-se para o campo, mas em breve fez imprimir a sua *Lalla Rook*, em tres episodios. Pelo manuscripto d'esta mimosa producção recebeu 3:000 libras, ou 13:500$000 réis da nossa moeda. Dous opusculos politicos a *Pequena Posta* e a *Familia Fudge* tiveram geral acceitação. Estava preparando a vida de Speridan, e outras obras, quando de subito foi citado perante o tribunal de *Doctor's Commons* para pagar a importancia de uma riquissima preza de que o seu serventuario nas Bermudas se havia apropriado. Sem meios para satisfazer de repente a larga somma que lhe exigiam, descorçoado por este repentino desastre, perdida a serenidade do animo, rejeitou os auxilios, aliás insufficientes, que lhe offereceram amigos e livreiros, sendo constrangido a expatriar-se. A vida desde então corren-lhe peza-

(Casa onde nasceu Thomás Moore.)

da e triste, estranho contraste dos primeiros annos da sua gloria, e depois de ter perdido a estremecida esposa, uma filha adorada, um filho, a quem lord Byron legára as suas memorias, o poeta, inconsolavel, sobrevivendo á sua musa elegante e facil, finou-se no mez de fevereiro de 1852.

EPHEMERIDES HISTORICAS.

JUNHO 1

1533 — Anna Bolena é coroada rainha de Inglaterra.
1800 — Primeiros ensaios da vaccina por Jenner.

2

1442 — Tomada de Napoles por Affonso V de Aragão.
1525 — Francisco I rei de França chega a Madrid prizioneiro.
1793 — Proscripção dos Girondinos.

3

1588 — A esquadra hispano-portugueza, denominada *invencivel*, é dispersada e destruida por um temporal.
1803 — Occupação do Hanovre por Mortier.

4

1249 — Luiz IX desembarca no Egypto.
1796 — Victoria ganha por Jourdan sobre os austriacos em Altenkirchen.

5

1520 — Revolta das communidades de Castella dirigida pelo celebre Padilha.

6

1548 — Fallece em Gôa o honrado vice-rei da India D. João de Castro.
1808 — José Bonaparte é proclamado rei de Hespanha.
1762 — Morte do famoso navegador inglez Jorge Anson.

7

217 — Derrota do imperador Macrino por Heliogabalo.

8

1668 — A junta ecclesiastica declara nullo o casamento de D. Affonso VI rei de Portugal.

9

68 — Morte do imperador Nero.
1517 — Fallece em Camaraiz Duarte Galvão chronista-mór do reino, e embaixador de D. Manuel ao imperador da Abyssinia.

10

1585 — Declaração de Henrique de Navarra contra a liga.

11

1672 — Nasce Pedro o grande, czar da Russia.

12

1418 — Os parisienses levantam-se em favor de Isabel de Baviera, matando grande numero de partidarios dos Armagnacs.
1360 — Nasce o grande condestavel do reino D. Nuno Alvares Pereira.

13

1848 — Sublevação em Paris dirigida por Ledru Rollin e Luiz Blanc, e vencida pelo general Changarnier.
1769 — Submette-se a ilha de Corsega á França.

14

451 — O celebre Attila é desbaratado cêrca de Châlons sobre o Marne.

15

1099 — Jerusalem é tomada pelos cruzados commandados por Godofredo de Bouillon.

16

1846 — Eleição do papa Pio IX, que actualmente preside á Igreja catholica.

17

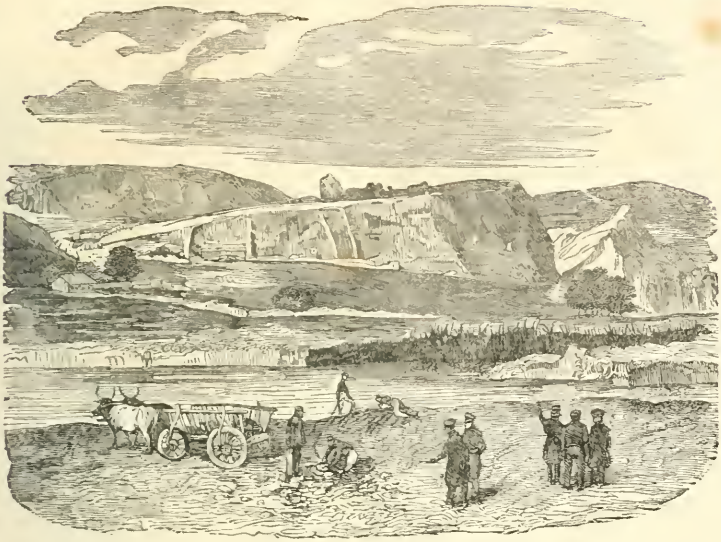
1690 — Morte de J. Sobiesky, rei de Polonia.
1589 — Conquista de Angola.

18

1849 — As tropas russas unem-se ás austriacas, contra os hungaros sublevados.

19

1790 — São abolidas pela assembléa nacional de França todas as distincções da nobreza.



CRIMÉA—INKERMAN.

Inkerman é um logarejo insignificante na famosa peninsula em que hoje se peleja essa lucta de gigantes que traz a Europa suspensa e absorta. Nas suas immediações deu-se ainda não ha muito uma das mais sanguinolentas e das mais disputadas batalhas da presente guerra no Oriente; esta circumstancia deu celebridade a um sitio que sem ella não a teria de certo, e seria totalmente indifferente para o leitor.

O illustre principe Demidoff, auctor de uma obra interessantissima, que temos citado com o devido elogio, diz que a historia da Criméa sómente nos apresenta ácerca de Inkerman noções bastante vagas. Na opinião de alguns sabios chronistas, nos antigos tempos da Grecia, Inkerman achava-se em estado florescente sob o nome de Theodosia; outros pretendem que ella seja a Stenos da geographia dos gregos. Pallas, pelo contrario, parece disposto a acreditar que os genovezes foram os primeiros que se estabeleceram nas fragosas margens do Tchernaya.

A este rio, cujas aguas foram canalisadas para Sebastopol, chamam os russos *Tchorhaia-Retchka* (rio negro).

Da antiga povoação comtudo apenas restam algumas torres e paredes meio demolidas, e um grande numero de pequenas grutas alinhadas no flanco abrupto da montanha.

Os habitantes de Sebastopol, ou outros pontos da Criméa, quando por ali acertam de fazer jornada, evitam cuidadosamente demorar-se nos casebres de Inkerman, porque receiam, e com fundamento, a influencia malefica dos terrenos alagadiços que lhe são convisinhos.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

A EPOCHA D'EL-REI D. MANUEL.

O reinado do monarca a quem a posteridade deu o titulo de *Afortunado*, constitue uma das epochas mais notaveis da historia de Portugal, importante para o estudo, e importantissima para a gloria do paiz.

A necessidade de estender com a lança em punho o solo da monarchia nascente, essas longas e porfiosas guerras, que os reis da dynastia Affonsina tiveram a sustentar contra os mouros, fizeram duros e selvagens os costumes d'esses primeiros tempos. O soberano e o povo viviam, por assim dizer, nos campos de batalha. Nenhuma gloria, que não fosse a militar, era então ambicionada e querida.

Desprezadas as artes, caidos em triste abandono todos os ramos da industria, a guerra é que absorvia todas as attenções, que excitava todos os espiritos, que estimulava as ambições, e que dava emprego a todos os braços. A guerra era a verba principal da despeza publica, e a seu turno a grande fonte de receita para o estado.

Esse viver inquieto, e esse descuido quasi absoluto pela industria, trouxeram de envolta com a aspereza de costumes uma frugalidade obrigada. O luxo era inteiramente desconhecido. Ainda quando a singeleza de costumes não o repellisse, obstava-lhe a falta das artes, e a pobreza publica. Quem visitar o castello de Guimarães, berço venerando do nosso primeiro rei, verá na estreiteza e humildade dos paços do conde D. Henrique e da rainha D. Thereza a prova mais authentica do viver sem fausto d'estes sobe-

ranos. O estado de ruina em que se acham os aposentos reaes deixa formar uma idéa muito aproximada do que foram n'esse tempo.

Depois, quando os nossos reis, não vendo no solo de Portugal mais terras para conquistar a mouros, foram disputar aos filhos de Agar o senhorio d'Africa; quando as primeiras tentativas de navegação além das costas do paiz, e o contacto com os estrangeiros nos ía pouco a pouco civilisando, vieram as discordias intestinas, senão embargar, pelo menos entorpecer o passo á civilisação. E quando o rei popular, a quem a historia conferiu o epitheto de *principe perfeito*, travando com a aristocracia lucta de vida ou morte, descarregou o derradeiro golpe no feudalismo, com que apagou o facho das guerras civis, vieram então as impressões de tão grave conflicto, que custou a vida a dous principes, lançar tristeza na côrte durante o resto do reinado de D. João II, tristeza que se augmentou ainda pelo tragico fim do principe herdeiro, filho unico do soberano.

Foi n'estas circumstancias, que surgiu uma epocha inteiramente nova para Portugal, que nos deu novas condições de vida, e que estabeleceu para todo o mundo novissimas relações sociaes.

Essa epocha foi a d'el-rei D. Manuel. Desassombrado d'esse espirito de resistencia, que até ali arcára peito a peito com o poder real, este soberano, ajudado da sua boa estrella, engrandeceu o paiz, e fez brilhar a sua côrte com toda a sorte de esplendores. A fortuna conduziu o seu pavilhão atravez de mares ainda não devassados, abriu-lhe as portas da India, franqueou-lhe as praias da America, e vasou-lhe nos cofres o ouro, os diamantes, as perolas e as especiarias da Asia, e do novo mundo.

O commercio renasceu, desenvolveu-se, organisou-se em bases solidas, e deu impulso e estimulo a algumas industrias. Em pouco tempo foi Lisboa o emporio universal. Então a riqueza originou o luxo, e este creou ou deu incremento e lustre ás boas artes.

Todo este brilho foi reflectir-se na litteratura, que se elevou e fulgurou como se elevára e fulgurára a gloria das armas. Em quanto Vasco da Gama ensinava á Europa o caminho da India; em quanto Pedro Alvares Cabral rasgava o véu que nos occultava o Brazil; em quanto João da Nova descobria a ilha de Santa Helena, Tristão da Cunha as de Ascenção e as outras que lhe tomaram o nome, D. Lourenço d'Almeida a de Ceylão, Abreu as Molucas, Rui Pereira Coutinho a de Madagascar; em quanto D. Francisco d'Almeida, Affonso d'Albuquerque, e tantos outros valentes capitães, plantavam na Asia, na Africa, e na America a arvore da civilisação europea; escreviam Duarte Galvão e Ruy de Pina as chronicas de nossos reis: preparavam-se João de Barros, Diogo do Couto, e Damião de Goes para eternisar com a sua elegante penna a ousadia d'aquelles navegadores, e as proezas d'aquelles guerreiros; creava Gil Vicente o theatro; desenvolviam-se os talentos de Sá de Miranda, que em breve deviam dar impulso á comedia classica, formando uma nova escola; e finalmente Bernardim Ribeiro, traçando no Parnaso lusitano a senda, que mais tarde devia trilhar ufano o immortal cantor das glorias de Portugal, cantava amores e *saudades* na sua lyra melancolica.

E o genio da poesia não só inspirou o apaixonado Bernardim; adejou tambem sobre a fronte, que concebeu a traça do grandioso monumento da descoberta da India; e dirigiu o escopro, que versejou, elegante e ousado, cinzelando no duro marmore tantas estatuas e emblemas, tão engraçados e variados arabescos, rendas de tamanho esmero, silvados de tanto primor.

A epocha de D. Manuel, resplandecente de toda a casta de venturas, está retratada bem ao natural nos padrões, que nos legou da sua existencia. No mosteiro e torre de Belém, nas capellas imperfeitas da Batalha, no templo de Thomar acha-se escripta toda a chronica gloriosa do monarca afortunado.

Os emblemas e divisas graciosamente esculpidos no primeiro narram-nos essas emprezas gigantescas, que assombraram o mundo, que abriram de par em par as portas á moderna civilisação, a essa civilisação, que pouco a pouco tem posto em contacto todos os povos; a essa civilisação, que em nossos dias fez desapparecer as distancias para a expressão do pensamento e para a rapidez da acção, e que em breve fará de todas as nações uma familia, unida por laços de reciprocos interesses, e de intima convivencia.

Esses mil historiados relevos, essas delicadas silvas e formosas flores por todos profusamente espalhados, mostram-nos a florecencia das artes e da litteratura; revelam-nos um periodo de mais brandura no trato, de mais suavidade nos costumes, de mais tranquillidade nos espiritos, e de mais gosos e commodidades na vida. Finalmente toda essa infinita variedade de brincados desenhos fallam-nos da alegre côrte de D. Manuel, dos esplendidos saraus do paço, dos autos de Gil Vicente, da affabilidade das damas, e da cortezia e galanteio dos cavalleiros.

Não possuiam pois os nossos monarchas até ao fim do seculo XV habitação digna da realeza. O que nos resta do palacio d'Evora, e o que nos referem varios escriptores ácerca dos paços da Alcaçova, dentro do castello de Lisboa, e dos da Moeda, onde hoje se vê o Limoeiro, dão-nos uma idéa muito mesquinha d'essas residencias reaes, tanto a respeito de vastidão, como de magnificencia. O paço de S. Thomé, no sitio onde actualmente se acha o *arco das Damas*, e o de Santos Velhos, eram ainda inferiores áquelles. Foi portanto D. Manuel quem construiu o primeiro palacio com proporções adequadas á magestade de um monarcha.

Os paços da Ribeira, aos quaes Filippe II accrescentou um elegante torreão, que se espelhava nas aguas do Tejo, se não sobresaiam pela belleza da architectura, avultavam comtudo pela sua vastidão. Aos de Cintra deu a grandeza, que ora têem, augmentando muito as obras com que el-rei D. João I melhorára e aformoseára aquelle palacio de origem arabe.

No interior dos aposentos reaes operou-se tambem mudança igual á que se introduzíra nos costumes. A singeleza e austeridade, que até ali se retratavam nos salões, nos moveis, e nas alfaias, succedeu mais esmero nas decorações, maior elegancia nos ornatos. Os artefactos da India, e os que a Europa nos mandava em troca d'estes, vieram adornar profusamente as regias camaras. Vestiu-se a nudez das paredes de bellos pannos de raz, vindos de Flandres. Occultaram-se os humildes tijolos do pavimento com alcatifas da Persia, e cobriram-se os bufetes de porcelanas e vasos de prata de exquisitos lavores e formosos esmaltes. Finalmente todas estas galas eram realçadas pelo brilho de continuas festas, pela alegria de uma côrte folgazã, e pelo reflexo da gloria de nossas armas, que refulgiam simultaneamente na Asia, na Africa, e na America.

Estas poucas linhas consagradas á epocha mais importante, sem duvida, mais gloriosa e mais poetica da historia de Portugal, não têem por fim desenhar-lhe as feições, nem mesmo traçar os contornos d'es-

se quadro grandioso. Servem simplesmente para mostrar quão interessante é o estudo d'este periodo, considerado em todas as suas relações. Levado pois d'esta idéa, parece-me util divulgar o seguinte documento que interessa bastante á historia dos costumes d'aquella epocha.

Essa relação das alfaias que se continham na guarda-roupa d'elrei D. Manuel, deixa ver, guardadas as attenções aos tempos, o luxo e magnificencia de que usava este soberano. E note-se que todos estes objectos eram do seu uso particular, além de que tinha dado a sua filha, a infanta D. Beatriz, por occasião do seu casamento com o duque de Saboia, grande copia de ricas alfaias, e uma baixella de prata, composta de 118 peças, que pezavam perto de mil e setecentos marcos, mais preciosa ainda pelos primores artisticos, do que pelo valor intrinseco.

N'uma epocha em que o trigo valia de 15 a 20 réis o alqueire, e em que se mandava pôr em marcha um esquadrão de cavallaria para acompanhar de um ponto do reino para outro a quantia de trinta mil réis, aquella guarda-roupa encerrava uma grande riqueza.

Se se comparar a profusão de alguns objectos com o mesquinho numero de outros, conhecer-se-hão alguns novos usos, que se iam introduzindo, assim como o combate de um luxo nascente com a singeleza de costumes, que iam passando.

Relação do que continha a guarda-roupa d'el-rei D. Manoel.

D. João por graça de Deus Rey de Portugal e dos Algarves, daquem e dalem mar em Africa, Senhor de Guiné e da conquista, navegação, comercio de Ethiopia, Arabia, Persia e da India. A quantos esta minha carta de quitação virem faço saber, que eu mandei tomar conta a Pero Carvalho, Fidalgo de minha Casa, do que recebeu da Guarda Roupa delRey meu Senhor e Padre, que santa groria haja, em onze mezes que começarão a desanove dias do mez de Dezembro do anno de 520, e acabarão a vinte e um dias de Novembro de 521; e pela arrecadação de sua conta se mostra receber estas cousas abaixo declaradas; a saber: dous aneis douro com pedras: huma onça sete oitavas e vinte grãos daljofre: uma arquelha de seda branca com lavores douro: sincoenta e outo adagas: hum agomil de prata: quatro açucareiros de prata: huma aredoma de prata: huma almarasa de prata: sincoenta e tres adargas: hum apito douro e prata: desoito arcas: huma almofada de veludo cremesim: sincoenta e duas lanças dámourisca: duzentos satenta e sete botoens douro: duas bacias de barbear de prata: hum bernagal de prata: cento satenta e hum barretes de veludo e pano: hum brazeiro de prata: sinco bacios de servir de prata: dous bacios d'agua ás mãos de prata dourados: quatro bacios de pé de prata: dous barrios de prata: huma boceta de prata: sattenta bandeirinhas de tafetá: nove bolsas de sortes: seis bacamartes: huma bandeja marchetada de raiz daljofre: dous bedeis: noventa e sinco contas douro, as outenta e sinco com ambar e dez sem elle: seis canudos douro: quatro pares de cerelhas dolanda: huma chamarra de veludo: duas cruzes douro: quatro colchetes douro: duas cintas despada com guarnição douro: outo castiçaes de prata: sinco colheres de prata: huma campainha de prata: sattenta e quatro chapeos de sortes: tres copas de prata: huma caldeirinha de prata: cacoulas tres de prata: sattenta e sinco cintas lavradas de fio douro guarnecidas douro e prata: sette camizas mouriscas: sattenta e huma camisas de vestir: quarenta e tres cordoens de costas, que servem na mourisca: oito cordoens dadargas: sassenta e sette escapellinhos da mourisca: huns cordoens de cavallo com sua topeteira: outo coifas de rede douro: vinte e outo espadas guarnecidas douro e prata: quarenta e dous estoques, os dous guarnecidos douro esmaltados, e os quarenta guarnecidos de cobre dourado: descalfador de prata huma: duas escudelas de prata: hum espelho de prata de dous lumes: hum escrittorio de prata anilado: dous escudos da India: hum ferro douro esmaltado, que tem huma pedra: sattenta e oito fotas de seda, e pano: cento noventa e nove fundas de pano, que servem em terçados e espadas: tres forros de Doras de tafetá: quatro forros de pelotes de pano: huma guarnição douro para sapatos: huma guarnição douro de garrotea: sinco garfos de prata: huma garrafa de prata: trinta gorras de veludo e pano: corenta guarniçoes de retrós para adargas: quatro guarniçoes douro postas em terçados: desasseis livros de rezar com guarnições douro alguns delles: trinta e tres lençoes; huma maçam douro e ambar: hum anel douro: sessenta e quatro pares de mangas de damasco e setim da mourisca: tres mochilas de seda: duas mezas, huma dellas marchetada de prata: quatro nominas: cento e duas varas e meya de pano chantar: duzentas oitenta e quatro pontas douro: huma porta paz douro: huma peça dambar e ouro: quatro punhares, os tres guarnecidos douro, e hum de prata: duas panellas de prata: hum pucaro de prata: huma pocira de prata: quatro porcelanas da China de prata: quatorze penteadores: quatro peças de pano Florentin: settenta e huma de pano de Malines: sincoenta e seis penachos de sortes: duas peças de pano de guardalate: hum pelote de setim: outro pelote de damasco: hum relicario douro esmaltado com huma reliquia: huma rezinga de prata: trinta e seis sombreiros de sortes: hum tachinho de prata: tres tavoletas douro: corenta e sinco tailins guarnecidos douro: sette terçados guarnecidos douro: desanove toucas, e toalhas, que servem de toucas: humas tesouras de prata de espesvitar: trintas toalhas de sortes: hum talabarte de ouro lavrado de fio dourado e guarniçom douro: vinte terçados guarnecidos de prata: vinte e seis covados e meyo de veludo roxo: sinco xareis de seda: vinte e dous lambeis: e outras cousas meudas contendas na dita arrecadação, que recebeo, se mostra despender per mandados del-Rey meu Senhor e Padre, que Santa groria haja, e meus, sem me ficar devendo como se mostra pela dita arrecadação, que foi vista per D. João da Silva, Conde de Portalegre Mordomo Mór de minha Casa; e por tanto dou por quite e livre ao dito Pero Carvalho, e a seus herdeiros e successores, que nunca em tempo algum por ello sejão requeridos, nem demandados, por assi ter dado conta com entrega como dito he. E mando ao Mordomo Mór de minha Casa, Provedor Mór de meus contos, a todos Corregedores, Juizes, e Justiças, a que o conhecimento pertencer, que assi o cumprão, e guardem sem lhe nello ser posto duvida, nem embargo; e para sua guarda e minha lembrança lhe foi dada esta minha carta de quitação por mim assignada, e asseellada do meu sêllo pendente. Feita em Evora a onze de Maio. Bertolameu Gonsalves a fez anno de Nosso Senhor Jesu Christo de mil e quinhentos e trinta e sinco annos: Digo descalfadores de prata hum, e não faça duvida no borrado e riscado, e entrelinha, onde diz hum, porque se fez por verdade.

El-Rey.

TABELLA DAS DIFFERENTES MOEDAS, CORRENTES NO REINO, QUE SE

METAL.	DENOMINAÇÃO DAS MOEDAS.	VALOR EM RÉIS.	PEZO ONÇ.	OIT.	GR.
OURO DE 22 QUILATES.	Moeda	4$800	0	3	0
	Meia Moeda	2$400	0	1	36
	Quarto de Moeda (*Quartinho*)	1$200	0	0	54
	Cruzado Novo	480	0	0	21 $\frac{3}{5}$
	Dobrão	24$000	1	7	0
	Meio Dobrão	12$000	0	7	36
	Dobra de 8 Escudos (*Dobra*)	12$800	1	0	0
	Dobra de 4 Escudos (*Peça*)	6$400	0	4	0
	Dobra de 2 Escudos (*Meia Peça*)	3$200	0	2	0
	Escudo	1$600	0	1	0
	Meio Escudo	800	0	0	36
	Quarto de Escudo (*Cruzado*)	400	0	0	18

NOTAS. (1) A casa da moeda do Porto foi restabelecida por carta regia de 18 de junho de 1688. A da Bahia, fundada por lei de 8 de março de 1694, segunda vez se mandou abrir por provisão do conselho ultramarino de 18 de março de 1714. A do Rio de Janeiro, transferida de Pernambuco, estabeleceu-se definitivamente por C. R. de 31 de janeiro de 1702. A de Minas Geraes foi instituida por C. R. de 19 de março de 1720. A moeda cunhada n'estas differentes casas distinguia-se pelas iniciaes P. B. R. ou M. com que era marcada.

(2) Os retratos para a nova moeda fabricada em virtude d'esta lei foram feitos por Antonio Mangin, abridor geral da casa da moeda de Lisboa, sobre os desenhos do insigne Vieira Lusitano. Mangin era francez de nação, nascido em 1690, e veiu a fallecer no anno de 1772.

OBSERVAÇÕES. Para evitar o cerceio da moeda ordenou el-rei, por lei de 29 de novembro de 1732, que mais se não lavrassem Dobras de 12$800 réis, *nem outra alguma moeda que excedesse o valor de* 6$400 *réis*, prohibindo tambem que se cunhassem de 4$800 réis, *pela confusão e enganos que podiam causar*, e que assim em todas as de ouro que já corriam, como nas que de novo se lavrassem se usasse da mesma sarrilha que tinham as de prata.

A cunhagem das Peças e Meias Peças, Escudos e Meios Escudos, Quartinhos e Cruzados Novos continuou, *com o mesmo pezo e valor*, nos reinados dos senhores D. José, D. Maria I e D. João VI até ao anno de 1821.

A lei de 6 de março de 1822 elevando o valor do marco de ouro em moeda a 120$000 réis, determi-

VIAGEM PICTORESCA Á RODA DO MUNDO E AOS DOUS POLOS.

SECÇÃO I.

Partida. — O Douro. Cidade do Porto. — O mar do norte. O Suada e Copenhague. O Baltico e Stockolmo. — A proximação do polo arctico. — Passagem do noroeste. — Entrada no oceano Pacifico.

Quem ha que se não lembrasse um dia de abandonar a terra natal, para correr sobre as vagas em busca dos paizes longiquos, cujas maravilhas tem ouvido descrever pomposamente? Quem não sonhou, ao menos uma vez na vida, com a vegetação tropical, recendente de arômas, em meio de uma eterna primavera, ou não entreviu, n'um momento de extasis, o espectaculo melancolico e solemne de uma aurora boreal, nos silenciosos gêlos polares? Ninguem, por certo. E, todavia, sôa a hora da partida, aproxima-se a occasião de realisar o phantasiado projecto, que tantos gôsos promettia em imaginação, porém occorre a idéa prosaica do conforto domestico que se vae perder, ergue-se o phantasma dos perigos e incommodos da viagem, desde o naufragio até ao enjôo, e fica-se em terra, vendo com prazer afastar-se do porto o navio em que tencionavamos embarcar! A tentação passou, é verdade, mas ha de voltar: não ha coração tão frio que deixe de palpitar, escutando a narração do viajante que recolhe de longa peregrinação, queimado pelo sol do equador, ou enregelado pela athmosphera do polo, que pinta ao vivo os prodigios das terras que percorreu, dos mares que sulcou, taes como nunca os haveis sonhado, nem sob a influencia do opio, nem mesmo no delirio da febre! O desejo de partir alevantar-se-ha de novo no vosso espirito, mais energico ainda; e só a prosa d'esta vida calculada e methodica que se arrasta no mundo convencional, que torna o homem indolente, estupido e fraco, impedirá que entrouxeis as malas, e digaes adeus a estes logares tão conhecidos, a estas physionomias sempre as mesmas, a este ar que os vossos pulmões repellem, a este céu so-

CUNHARAM EM PORTUGAL E NO BRAZIL NO REINADO DO SR. D. JOÃO V.

DISPOSIÇÃO LEGISLATIVA.	LOCALIDADE.	REFERENCIA AS EST. DO T. IV DA HIST. GENERAL. DA CASA REAL.
Regimento da casa da moeda de 9 de setembro de 1686, mandado observar pelo sr. D. Pedro II, e lei do mesmo soberano de 4 de agosto de 1688.	Nas casas da moeda de Lisboa, Porto, Bahia, Rio de Janeiro, e Villa Rica de Minas Geraes (1).	Estampa V, n.° 160 « n.° 161
Ordem do conselho da fazenda, de 29 de outubro de 1718.	Lisboa, Rio de Janeiro, e Villa Rica.	Estampa V. n.° 171 « n.° 172
Ordem do conselho ultramarino. Anno 1721.	Villa Rica.	« n.° 173 « n.° 174
Lei de 4 de abril de 1722 (2).	Lisboa, Bahia, Rio de Janeiro, e Villa Rica.	Estampa Z, n.° 183 « n.° 184 « n.° 186 « n.° 185 « n.° 187
Carta regia de 8 de fevereiro de 1730.	Villa Rica de Minas Geraes.	Estampa A A n.° 188

nou que as Peças ficassem valendo 7$500 réis, e as Meias Peças 3$750 réis, e que de futuro unicamente se lavrassem d'estas duas especies, cessando de ter curso legal outras quaesquer moedas que até então se tivessem cunhado. Estas disposições foram confirmadas por lei de 24 de novembro de 1823, a que se deu força e vigor por alvará de 5 de junho de 1824.

Com a promulgação da lei de 24 de abril de 1833, pela qual se estabeleceu a fórma, pezo, valor e denominação das moedas *decimaes* de ouro e prata, não deixaram de ter curso legal as Peças e Meias Peças, cuja amoedação foi continuando, pelo que toca ás primeiras, até ao anno de 1837, com os cunhos porém de 1834, em attenção ás disposições d'aquella lei. A cunhagem das Meias Peças cessou inteiramente no anno de 1833.

Por decretos de 3 de março e 21 de abril de 1847 foi elevado o valor legal das Peças a 8$000 réis, e o das Meias Peças a 4$000 réis, saíndo assim o marco de ouro em moeda a 128$000 réis, valor que lhe fixou a lei de 15 de fevereiro de 1851.

Com o referido valor de 8$000 réis, se lavraram ainda no dito anno de 1847, na casa da moeda de Lisboa, 809 Peças, com os cunhos de 1834.

Finalmente pelo artigo 2.° da lei novissima de 29 de julho de 1854, continuam as Peças a ser recebidas como moeda legal, e com o mesmo valor de 8$000 réis, *com tanto que tenham o pezo de* $17^{gm},188$ (3^{ct} $68^{ct}\frac{94}{10}$) e as Meias Peças com o valor de 4$000 réis, *com tanto que tenham o pezo de* $7^{gm},094$ (1^{ct} $70^{ct}\frac{47}{1}$). A tolerancia ficou sendo, além d'isso, de 2 por mil em umas e outras.

(Continúa.)

---

bre cujo horisonte se eleva todas as noutes, invariavelmente, a estrella do norte!

Se houvesse um meio de combinar a commodidade domestica com o brilhante espectaculo das variadas scenas da natureza, ter-se-ía resolvido um grande problema... não é assim, amigo leitor? Pois encontraste o homem que obrará esse milagre. Sou eu. Sentado na tua cadeira á Voltaire, repoltreado em macio sophá; ou mesmo estendido no teu leito de pennas, podes acompanhar-me n'um giro á roda do mundo: mostrar-te-hei diversissimos paizes, sem que te queime o sol dos tropicos, nem te gele o frio dos circulos polares; sem teres a temer borrascas, tufões, escólhos, nem mesmo o incommodativo enjôo... só se te enjoarem as palavras do officioso guia!

Vem, sem receio, bondoso leitor. Embarquem tambem, minhas senhoras, que nem um tólho se amarrotará da vossa saia de damasco, não rasgareis as preciosas rendas que vos adornam tão graciosamente o vestido, nem se hão de desmanchar os *bandós* do vosso perfumado cabello. Esquecei os bailes, o theatro, o infesado arvoredo do passeio, as flores e fructos que tendes cuidadosamente cerrados em ardentes estufas: vereis essas mesmas flores e fructos, com mais viço, com melhor sabor e aroma, crescendo ao ar livre, quasi sem cultura. Com que prazer vos recliná reis á sombra das mangueiras e caneleiras, aspirando o perfume suavissimo d'aquellas selvas embalsamadas; saboreando o delicado mangustão, o mimoso ananaz, ou o agro-doce bompite, ao som das endeixas de passaros de mil côres, que vos são desconhecidos, e que esmaltam o cocar da elegante palmeira onde pousam, ostentando o brilho de matizada plumagem, e desfructando a tepida aragem da tarde. A noute vereis o céu recamar-se de estrellas, que vos apresentam novas e não sonhadas constellações; e balouçando-vos em elastica rede, um somno delicioso vos serrará as palpebras. Se vos agradam mais espectaculos de outra ordem, contemplareis o mar, ora embalado pela brisa, ora açoutado pelo bulcão, mas sempre magestoso; penetrareis n'esses palmares da Asia onde ruge o leão e o tigre, onde assobia a

serpente; cruzareis os desertos d'Africa e as suas lagôas, onde em vez de cisnes se banham hippopotamos; transporeis as cordilheiras da America; vereis por toda a parte a industria do homem, conquistando a terra aos outros animaes da creação, e deixando apenas em poder dos ursos e phoças essas phantasticas cidades de alabastro, que a mão de Deus collocou na visinhança do polo.

Notareis as diversas raças da especie humana: o gigante patagão contrastando com o pigmeu da Laponia; a côr retinta do negro de Zanzibar dando mais realce á alvura do europeu; o chim de olhos obliquos, e a circassiana de olhar ardente; o japonez de nariz achatado, o indio côr de avelã, o malaio de tez cobreada, o taitiano macilento; e admirareis a diversidade de vestuarios, de usos, de religiões e governos; a differença de climas, de temperaturas, de vegetação; a mulher aqui rainha, além escrava; o homem que compra e vende o seu similhante: tudo que forma, em fim, o mozaico do universo.

Vedes aquelle esbelto barco, que além se balouça graciosamente sobre as aguas? É o *Protheu*, de systema mixto, que á vela e a vapor nos ha de levar aos confins do mundo. Nada ha a receiar quanto á sua solidez, e asseguro-vos que é andador como poucos navios. Saltemos ao escaler, leitor, e voguemos para o *Protheu*.

Olha como se espelha a pureza d'este céu de maio nas mansas aguas do Tejo; que bello tempo para começar uma viagem! O ferro está a pique; o canudo corôa-se do seu penacho de fumo negro e revolto; o panno está prompto a largar... Eia pois; venha acima a ancora, caça gaveas, iça a bajarrona, e o helice que se volva em espiraes rapidissimas.

Adeus Lisboa... adeus Tejo... *Au revoir!*

Observa como a agua salta e espuma na prôa, abrindo-nos forçado caminho; como bate os flancos do navio, diligenceando esmagal-o; como se estorce em convulsões de impotente raiva na esteira que deixâmos pela pôpa! Parece que a terra, as casas, as arvores, os homens fogem rapidamente de nós. D'aqui a pouco as mais altas montanhas se nos figurarão como uma mancha escura no horisonte, e o mar em toda a sua magestade se desenrolará diante de nós.

Vamos dar um giro á roda do mundo, aproximando-nos de cada um dos polos; mas não seguiremos a derrota d'este ou d'aquelle circumnavegador;

Por mares nunca d'antes navegados

passaremos ao noroeste da America, façanha debalde tentada ha mais de tres seculos; e depois de correr todo o oceano Pacifico até ao polo austral, volveremos pelo mar da India ao Atlantico, regressando ao ponto da partida.

Lá ficam pela pôpa as Berlengas; eis a embocadura do Mondego; sigâmos para a barra do Douro, que é o nosso primeiro porto de escala. A segunda cidade do reino é pouco conhecida dos portuguezes do meio-dia; não será pois desagradavel ao leitor fazer-lhe uma pequena visita. Além de que temos de nos prover do excellente vinho do Douro, muito necessario nas regiões polares, segundo affirmam os navegadores d'aquellas frigidas paragens.

A barra do Porto apresenta uma perspectiva magnifica. Deixando á esquerda o castello de S. João da Foz, e o farol de Nossa Senhora da Luz, e á direita o temivel cabedello, entrâmos nas aguas do Douro, que se estorcem por entre as risonhas montanhas que lhe talharam o leito. Aqui está Miragaia, sitio immortalisado pelo lindo poemeto do sempre chorado Garrett, e na outra margem do rio a antiga villa, d'onde é fama que nasceu o nome de Portugal. No fundo vê-se a celebrada serra do Pilar, e a elegante ponte pensil; a cidade elevando-se como em socalcos sobre a encosta da esquerda, os mastros de muitos navios, e as velas de innumeros barcos que fazem a navegação do Douro. Se quereis abraçar n'um volver d'olhos a situação topographica do paiz, subi á formosa torre dos clerigos, que d'ahi enxergareis um quadro verdadeiramente magestoso. É o rio, que atravessa o terreno vinhateiro, e lambendo os cáes da cidade vae misturar-se com as aguas do oceano; são as romanticas campinas do Minho; os logares historicos de Monte-Pedral, Antas, Bomfim, Cobêllo e tantos outros, que recordam as scenas heroicas e tristes de guerra fratricida; as collinas da Sé e da Victoria; cruzes, campanarios, casaria; e sobretudo um movimento na população, como não encontraes em Lisboa. Para aproveitar o pouco tempo que aqui nos demorâmos, ide á praça Nova (hoje praça de D. Pedro) visitar o palacete da municipalidade; e se tendes a bossa de antiquario pedi que vos mostrem o foral da cidade, e o primeiro auto de vereação da camara, e travareis conhecimento com os nossos avós de ha muitos seculos. Galgae a ladeira da Sé, e ao lado da tosca, mas provecta fachada do castello episcopal, encontrareis a colossal morada do bispo, que as bombas arruinaram antes de se lhe haver collocado a ultima pedra. Na cathedral admirareis uma capella forrada de prata, obra custosa pela materia e mais ainda pelo exquisito lavor, e um quadro da Virgem attribuido a Raphael de Urbino. Porém não busqueis no caminho que conduz ao velho templo, aquelle arco de Sant'Anna, de que falla o rival de Camões; passou por ahi o nivel da civilisação, o flagelo da demolimania, e apenas, por milagre, ficaram de pé as janellinhas d'onde conversavam as duas boas amigas, Gertrudinhas e Anninhas. Visitae as igrejas do Carmo e de Cedofeita; a Lapa, onde jaz o coração de D. Pedro; a Trindade, recentemente concluida; a antiquissima parochia de S. Pedro de Miragaia; os espaçosos templos de Santo Ildefonso e Santo Antonio; os dous mosteiros de São Bento. Contemplae o hospital da Misericordia, que, se estivesse prompto de todo, seria um dos maiores da Europa: e tantos outros hospicios; e a medonha cadeia da Relação, de sinistra memoria; os cemiterios, os quarteis, a bibliotheca, o museu, o passeio de S. Lazaro, o alegre sitio das Fontainhas, a praça do commercio, o magnifico theatro de S. João, a escola polytechnica; e recommendo-vos que, atravessando o Douro, trepeis até á serra do Pilar, onde um espectaculo sublime vos espera.

Se a hora solemne do crepusculo vos surprehender n'essa altura, como me surprehendeu um dia, junto das pedras do templo solitario, que as balas não respeitaram; ao lado das baterias e fossos, que recordam uma heroica defeza; tendo diante dos olhos a cidade que se debruça sobre o rio em verdejantes collinas, e une a si Villa Nova de Gaia pelos fios da ponte suspensa; certo que a vossa alma se repassará de suave melancolia, e que bem a custo vos apartareis d'esse logar.

Longa, porém, é a viagem que emprehendemos, e convém demorar pouco nos portos de escala para chegarmos ás regiões do Arctico no pequeno estio que lhes coube em partilha. Deixemos pois o Douro. Em breve diremos adeus á ultima terra de Portugal, na embocadura do Minho. Costeiemos a Gallizza; cruze-se a temerosa bahia de Biscaya, e enxer-

gando o farol de Ouessant, aproêmos ao canal da Mancha, em busca do mar do Norte.

(Continúa.)

F. M. Bordalo.

EXPULSÃO DOS JUDEUS EM 1492.

Resoavam ainda nas ruas de Granada, e nas abobadas dos templos de novo consagrados ao christianismo os canticos de gloria com que se celebrava o triumpho da religião; quando a mesma mão que assignára o tratado de Santa Fé, tão liberal e generosa com os vencidos musulmanos, firmava um edicto pelo qual eram condemnadas á expatriação, á miseria, ao desespero e á morte milhares de familias que haviam nascido e vivido em Hespanha. Referimo-nos ao famoso edicto expedido a 31 de março, ordenando que todos os judeus não baptisados saissem do reino e dominios no prefixo termo de quatro mezes, em cujo prazo lhes era permittido vender, escambar ou alienar todos os seus bens moveis e de raiz: prohibia-se-lhes, porém, que levassem do reino ouro, prata, ou qualquer especie de moeda.

Esta dura e cruel providencia contra os israelitas, tão contraria ao caracter compassivo e humano da bondosa Isabel, e tão contradictoria com as generosas concessões que o proprio Fernando acabava de outhorgar na sua capitulação aos mahometanos, devia ser irremissivelmente executada e cumprida, sob pena de confisco de todos os bens, e com expressa ordem a todos os vassallos de não acolherem, passado o dito prazo, em suas casas, nem soccorrerem, nem auxiliarem de modo algum a qualquer judeu. Em virtude d'esta determinação, os desgraçados hebreus prepararam-se para fazer o penoso sacrificio de abandonar a patria em que elles e seus filhos haviam nascido, a terra que cobria os ossos de seus paes e avós, os lares em que haviam vivido ao abrigo da lei, e o solo a que, como os seus mais remotos progenitores, estavam ligados, para buscar a casaso, em nações estranhas, uma hospitalidade, que não costumava conceder-se a os da sua raça, um canto em que pudessem occultar a ignominia com que eram expulsos dos dominios hespanhoes. O terrivel inquisidor Torquemada dardejava sobre elles as armas espirituaes de que estava provido, e por outro edicto de abril prohibia aos fieis todo o trato e relações, e ainda dar mantimento aos descendentes de Juda, passados os quatro mezes. Não havia compaixão para a raça judaica; contra ella prégava o clero nos templos e nas praças, e os doutores rabinos recorriam tambem á predica para exhortar os seus a manter-se firmes na religião de Moysés, e a soffrer com animo seguro a prova terrivel a que o Deus dos seus maiores expunha as suas crenças. Assim o comprehendeu esse povo indomito e teimoso, pois quasi todos preferiram a expatriação ao baptismo. Antes de cumprir o edicto, iam, como succedeu em Segovia, aos cemiterios, em que jaziam os despojos mortaes de seus paes, e ali passavam dias inteiros carpindo se sobre as lousas dos sepulchros, e desfazendo se em ternos lamentos.

Era natural que, resolvidos para sempre a abandonar os seus lares, aproveitassem a faculdade que o edicto lhes dava para salvar os restos da sua opulencia, e alienar seus bens. Porém a irrevogabilidade do prazo os obrigava a vender mal as suas propriedades, pois que, como em taes casos acontece sempre, ninguem queria comprar senão por baixo preço, e o chronista Bernaldez nos diz que elle mesmo vira dar uma casa por um jumento, e uma vinha por um pouco de panno. Por outra parte, como lhes era prohibido conduzir ouro, prata e moeda cunhada, e só se lhes permittia transferir os seus haveres em letras de cambio, cresciam as difficuldades para o transporte de suas riquezas, e assim padeciam uma perda enorme. Em taes circumstancias, chegado o prazo da partida, muitos recorreram ao arbitrio de cozer moedas nos vestidos, nos apparelhos e chaireis das cavalgaduras, outros engoliam-nas, e as mulheres escondiam-nas onde o decoro não nos permitte declarar.

Findo o prazo viram-se as estradas da Hespanha coalhadas de judeus, velhos, moços e creanças, homens e mulheres, orfãos e enfermos, uns montados em jumentos e mulas, muitos a pé, dando principio á sua peregrinação, e excitando já o dó dos proprios hespanhoes que os aborreciam. «A humanidade, diz um escriptor hespanhol dos nossos dias, não póde com effeito deixar de apiedar-se, ao imaginar aquelle miseravel rebanho errante e desvalido, alongando os olhos para os sitios aonde deixavam as mais gratas recordações, onde descansavam os ossos de seus maiores, soltando profundos suspiros e sentidas queixas contra os seus perseguidores.»

Embarcaram para diversas partes, e em differentes pontos.

Os que passaram a Africa e terras de Fez, confiados em que achariam bom acolhimento entre os muitos correligionarios que ali contavam, foram os que experimentaram sorte mais desastrada. Accommettidos pelas tribus ferozes do deserto, não só foram despojados até do que levavam mais escondido, senão que aquelles barbaros sem Deus e sem lei rasgavam o ventre ás mulheres, que suspeitavam, ou talvez sabiam, que tinham engolido algum ouro, e juntando ao latrocinio e á crueldade a mais brutal concupiscencia, violavam as esposas e as filhas na presença dos desventurados e indefezos esposos e paes. Muitos d'aquelles infelizes puderam voltar ao porto christão de Ercilla, que na costa de Africa mantinham os portuguezes, aonde consentiram em receber o baptismo com a condição de os deixarem regressar á terra natal. Outros tomaram o rumo de Italia, e não póde dizer-se que fossem menores os trabalhos e privações que lá passaram. «Em grande parte, pereceram de fome,» diz um escriptor genovez, testemunha da sua chegada a Genova: «as mães que apenas tinham forças para suster-se, traziam nos braços os famintos filhinhos, e morriam com elles... Não me deterei em pintar a crueldade e avareza dos patrões dos barcos que os transportavam de Hespanha, os quaes assassinaram muitos para saciar a sua cubiça, e obrigaram outros a vender os filhos para pagar as despezas da viagem. Chegaram a Genova em bandos, mas não lhes consentiram demorar-se ali por muito tempo... Podiam tomar se por espectros; tão macerados e cadavericos traziam os semblantes, e tão sumidos os olhos! não se distinguiam dos mortos senão na faculdade de mover-se, que apenas conservavam...» Os que foram para Napoles, em resultado de irem apinhoados em pequenos e immundos barcos, levaram comsigo uma enfermidade maligna, que fez muitas victimas em Napoles e em toda a Italia.

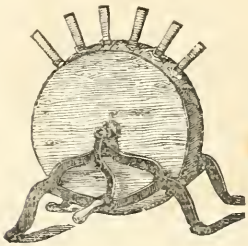
Não se enganaram menos miseravelmente os que preferiram recolher-se a Portugal, confiados nas informações que lhes haviam dado. El-rei D. João II concedeu com effeito licença para que entrassem no

reino até seiscentas familias, pagando todavia outo escudos de ouro pela hospedagem, e sob condição de que, findo certo prazo, haviam de saír de seus dominios, ou ser considerados escravos. Mas logo, com pretexto de haverem excedido os refugiados aquelle numero, declarou escravos os que não pagassem o imposto, e mandou os mais para as ilhas desertas, chamadas então dos *Lagartos*, aonde contava que seguramente pereceriam. Seu cunhado e successor D. Manuel não foi menos duro e cruel com os que ficaram, obrigando-os a escolher entre a escravidão e o baptismo, e arrastando-os por força aos templos, o que fazia com que muitos provocassem de acinte as iras do monarca, até se tornarem merecedores da morte, que recebiam como allivio das suas tribulações, ou a procuravam por suas proprias mãos, ou se lançavam em poços para se não sujeitarem a uma lei imposta pela violencia.

Espalharam-se outros pela Grecia, Turquia e varias regiões do Levante, e outros estabeleceram-se em França e Inglaterra. «Ainda hoje,» diz um escriptor inglez, «recitam suas orações em lingua hespanhola n'algumas synagogas de Londres, e os judeus modernos recordam com vivo interesse a Hespanha, como terra querida de seus paes, e illustrada pelas mais gloriosas tradições.»

(Continúa.)

D. Modesto Lafuente.



ECONOMIA DOMESTICA.

MACHINA DE LIMPAR FACAS.

Nas grandes hospedarias e nos navios que se empregam constantemente no transporte de passageiros carecia-se de ha muito d'um instrumento pelo qual se conseguisse limpar facas e garfos, sem estragar os cabos de marfim ou osso, e dando aos ferros todo o aceio e polimento desejavel. A machina que a gravura representa satisfaz plenamente aos fins indicados, alcançando-se por meio d'ella uma economia real, que não é pequena.

Nem só nas hospedarias e nos navios de transporte convem uma similhante machina; nos hospitaes e outros estabelecimentos publicos, a sua introducção importa um verdadeiro beneficio, e um melhoramento importante, pelo que respeita á perfeição e celeridade do serviço.

Estas machinas, elegantes, portateis, e mui solidas, não fazem bulha que incommode, nem deixam saír poeira, podem ser collocadas onde se quizer, e pulem de tal sorte as facas, que as mais velhas parecem novas. Um rapaz póde limpar e polir, sem se cansar, dez facas em menos de um minuto. É notorio que os cabos de marfim se embaciam e sujam com o calor da mão, quando os limpam. Mas na machina basta apenas tocar-lhes; conservam-se pois muito mais tempo, e as folhas duram tambem mais do que areiadas de outro qualquer modo.

Estas machinas não são susceptiveis de se quebrar, e com mui pequeno dispendio se póde substituir, uma ou duas vezes por anno, o pó de polir.

A sua efficacia reconhecida, e grande solidez, as tornam um movel necessario.

O seu uso é mui facil; basta introduzir as facas, pelas folhas, nas aberturas para este effeito destinadas, e dar algumas voltas á manivella, para as facas saírem brilhantes como novas sem se gastarem, nem sujarem nos cabos.

Em Inglaterra só na construcção de taes machinas se empregam mais de 50 operarios; e a experiencia todos os dias confirma a utilidade do seu emprego.

As machinas para areiar 5 facas ou garfos ao mesmo tempo vendem-se por 12$000 réis, pouco mais ou menos, em París, nas officinas de S. Charles & Companhia.

EPHEMERIDES HISTORICAS.

JUNHO 20

1762 — Declaração de guerra da França a Portugal.
1451 — Os florentinos são expulsos do territorio de Veneza.
1837 — Sobe ao throno a actual rainha de Inglaterra.

21

1792 — O povo prende Luiz XVI nas Tulherias.

22

1527 — Morte de Machiaveli.
1648 — Cromwell é nomeado vice-rei de Irlanda.
1812 — Napoleão I declara guerra á Russia.

23

964 — Tomada de Roma pelo imperador Othão I.
1828 — O sr. D. Miguel é reconhecido rei de Portugal pelos tres estados.
1832 — Parte dos Açores a expedição, capitaneada pelo sr. D. Pedro IV, que se destinava á reconquista das nossas liberdades constitucionaes.

24

1839 — Batalha de Nisib, ganha por Ibrahim pachá, filho do celebre pachá do Egypto Mahommed Ali, contra os turcos.
69 — Morte do imperador Vespasiano.

25

1081 — Eleição do anti-papa Guiberto.
1813 — Batalha de Tolosa entre o exercito luso-britannico e as tropas francezas.

26

1245 — Concilio de Lyão presidido por Innocencio IV.
1541 — Francisco Pizarro, o conquistador do Perú, é assassinado por Almagro.

27

1706 — Entra em Madrid o exercito portuguez commandado pelo marquez das Minas.

28

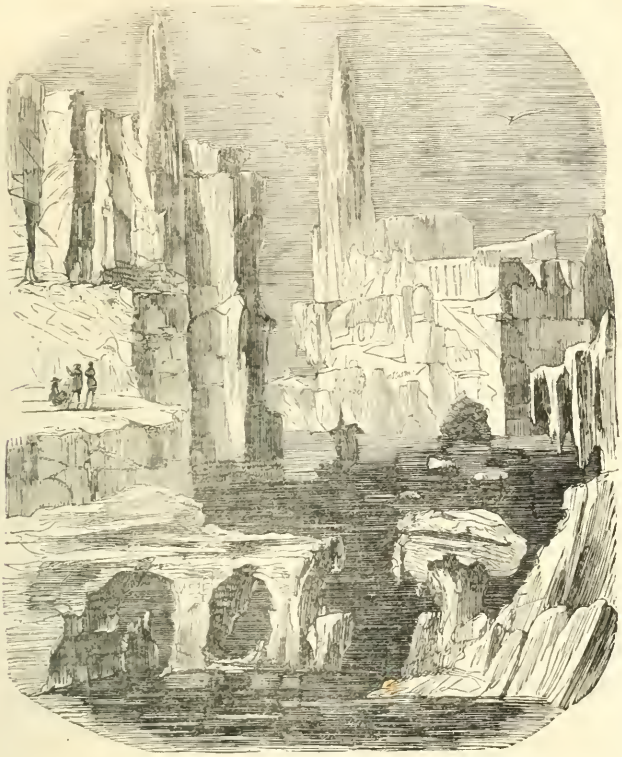
1797 — Os francezes apoderam-se da ilha de Corfú.

29

1235 — Tomada de Cordova por D. Fernando I, o santo.

30

1094 — Conquista de Valencia pelo famoso Cid.
1520 — Morte de Montezuma, imperador do Mexico.



UMA VISTA DAS REGIÕES POLARES.

VIAGEM PICTORESCA Á RODA DO MUNDO E AOS DOUS POLOS.

SECÇÃO I.

Partida. — O Douro. Cidade do Porto. — O mar do norte. O Sunda e Copenhague. O Baltico e Stockolmo. — Aproximação do polo arctico. — Passagem do noroeste. — Entrada no oceano Pacifico.

Antes de investirmos com os gelos do polo é mister repousar em terra amiga, e prover de novas vitualhas a despensa do *Prothcu*. Não iremos a nenhum dos portos de França ou de Inglaterra, porque esses logares são demasiadamente conhecidos do leitor, pelas repetidas relações de innumeros viajantes: porem, entranhando-nos no mar do Norte, agora livre de borrascas, por haver passado a estação invernosa, demandemos a peninsula de Jutland, a antiga Chersoneso cimbrica, e dobrando a sua aguda ponta septentrional, o cabo de Skagen, entremos no Cattegat, que banha as costas da Suecia e da Dinamarca. D'estes logares, hoje pacificos, e que contemplam de braços cruzados, e armas em descanso, a passagem das esquadras do occidente, que vão levar a guerra aos seus visinhos, sairam outr'ora aquelles terriveis normandos, que impozeram o seu nome a uma provincia de França, assolaram Paris, conquistaram a Grã-Bretanha, infestaram as costas de Hespanha e de Italia, descobriram a Islandia e a Groenlandia, e reconheceram, provavelmente, o norte do continente americano.

O Cattegat communica com o mar Baltico por tres estreitas passagens, das quaes a mais frequentada é a de Sunda, entre a costa da Suecia e a ilha dinamarqueza de Seeland; por essa entraremos, e pagando no porto de Elseneur o direito a que, por consenso unanime de todas as nações, são obrigados os navios mercantes que se dirigem ao Baltico, visitemos na mesma ilha de Seeland a formosa cidade de Copenhague, que é ao mesmo tempo a capital, a melhor praça de guerra, e o principal arsenal da Dinamarca.

Situada sobre um optimo porto, bem defendida

por extensas linhas de fortificação, e uma vasta cidadella, a cidade de Copenhague attrahe as sympathias do viajante. Ruas excellentes, palacios soberbos, igrejas, uma antiga universidade, bibliothecas, theatros, fabricas e estaleiros de construcção; e em meio da grandeza dos edificios uma população de 120:000 almas, que se agita: eis a perspectiva da capital de Dinamarca. E comtudo o seu poder maritimo caíu no principio d'este seculo. A esquadra dinamarqueza pagou a alliança do seu rei com o imperador Napoleão contra a Grã-Bretanha. A principal fonte de receita do paiz é o imposto de que fallamos, que pagam os navios na passagem do Sunda, e do grande e pequeno Belt; o que ascende a mais de um milhão de cruzados annualmente, visto que não se póde entrar no Baltico sem passar pelas aguas da Dinamarca. Parece que a Providencia quiz livrar a Europa de ser surprehendida pelo gigante do norte, estreitando-lhe a saída maritima pelas duas extremidades do colossal imperio: aqui, tem o rei de Dinamarca, guardando as passagens do Baltico para o mar do Norte; além confiou as chaves do mar Negro ao sultão da Turquia, que no estreito do Bosphoro, com um pé na Europa e outro na Asia, vigia a passagem para o Mediterraneo.

O Baltico, depois de banhar o Jutland, o Holstein, e as ilhas de Dinamarca; os dous ducados de Mecklemburgo, que confinam com o Holstein; a Prussia oriental e a Pomerania; a grande ilha de Gothland e costa da Suecia, encontra a peninsula de Finlandia, e divide-se em dous braços de mar: um que se entranha para o norte até quasi ao circulo polar, com o nome de golpho de Bothnia; outro que corre direito a leste, com a denominação de golpho de Finlandia, no fundo do qual está S. Petersburgo, tendo por sentinella avançada a formidavel Cronstadt. No Baltico não ha marés.

A esquadra alliada, que bloqueia os portos da Russia, não permitte que nos aproximemos a esses logares, indigitados para theatro de grandes façanhas; encostando-nos pois á costa da Suecia, tanto quanto o permitte a aspera cinta de ilhotes e restingas, defeza natural do paiz em caso de guerra; e passando o estreito de Calmar, que separa a cidade d'este nome da ilha de Œland, voguemos para Stockolmo, atravez de um labyrinto inextricavel de ilhas de todos os tamanhos, com o soccorro de um piloto da costa, sem o que ser-nos-ía impossivel saír d'este archipelago de doze leguas, cortado de innumeros canaes, que se torcem em complicadissimas voltas.

A capital da Suecia foi edificada sobre differentes ilhas, unidas por solidas pontes, á similhança de Veneza. O seu porto, cuja entrada defendem temerosos rochedos, é todavia bastante amplo e seguro. A formosura da cidade propriamente dita briga com a miseria dos arrabaldes. Ali vêem-se templos sumptuosos, palacios, um arsenal consideravel, fabricas, escolas, e outros ricos estabelecimentos; aqui toscas cabanas, dessiminadas por entre duros penhascos, e apenas algum breve jardim a esmaltar a paizagem. Comtudo a Suecia, depois mesmo de haver perdido a Finlandia, que caíu em poder do autocrata, ainda fórma com a Norwega um reino muito mais importante do que a Dinamarca, e que só lhe é inferior na aspereza do clima.

Todavia, este paiz, que soffre seis mezes de inverno, quatro dos quaes coberto de permanente neve; cujos rios gelam todos os annos, e com elles o mar que a vista alcança até ao distante horisonte; que supporta, n'essa estação, intenso frio, em dias apenas de seis horas; quasi que não conhece agora a noute, porque no estio o crepusculo da tarde acaba quando o da madrugada está para começar. O verão apparece de repente, sem que a primavera o preceda, e um sol abrazador faz desabrochar instantaneamente uma vegetação luxuriante. Vêde como as paizagens do norte se tornam então magnificas. Contemplae esses campos e prados de um verde desconhecido no meio-dia da Europa, e os castellos pictorescos que se erguem á beira-mar sobre rochas de granito côr de rosa, de porphyro vermelho ou claro, cercados de grandes arvores rezinosas, de pinheiros gigantescos, e de pyramidaes abétos. As ilhas, que precedem a costa, parecem ramalhetes perdidos sobre as ondas. Na região glacial, como nos tropicos, os aspectos da natureza são inteiramente novos para o homem dos climas temperados. É preciso ver as diversas zonas para apreciar essas differenças.

É tempo, porém, de deixar o Baltico, volver pelo Sunda ao Cattegat e ao Oceano, e aproar ao norte, em demanda da ponta meridional da Groenlandia, que nos ha de servir de balisa para a navegação polar. Começam a apparecer em grande numero as phocas e baleias, principaes habitantes d'estes mares, que arrojam a agua a grande altura em espumosos repuxos; eis a primeira avalanche que se aproxima, como vedeta das neves do Arctico; lá está a terra que procurâmos, pobrissima de vegetação, e coroada de eternos gelos. Marcando o cabo da Desolação, demos a pôpa á Groenlandia, e entestando com o cabo Walsingham, da terra de Cumberland, vamos sulcando o temeroso estreito de Davis.

Aqui se encurva a bahia Merchant; além surge o cabo Roper; estas aguas já são do mar de Baffin.

Coragem, amigo leitor! Vamos investir com o estreito de Lancaster; passaremos o canal de Barrow; costearemos aś ilhas de Parry, umas solidas e fixas, outras quebradiças e errantes; e buscaremos emfim a passagem que Beckey, Dease, Simpson, e Mac-Clure, julgaram ter descoberto, em differentes explorações.

Entretanto reconheçâmos esta melancolica região, a Boothia Felix, onde invernou o capitão Ross, e que apesar da alta latitude em que jaz, tem habitantes da raça humana. Observa, leitor, um d'esses esquimós, coberto de grande japona com capuz, formada de duplas pelles; calçado de botas felpudas, e cujos calções de gamo acabam de lhe dar a apparencia de uma fera. Apesar d'isso, o selvagem que tendes diante dos olhos é manso, e pensa mais em adornar-se de pelles de phoca e de arminho, ou em fabricar colares de ossos dos animaes que apanha, do que em fazer-vos o menor damno.

O maior inimigo do homem n'estas paragens, cá vem aproximando-se á beira d'esta ilha de gelo, que nos fica no caminho: é o urso branco!... Como a sua carne nos parecerá saborosa n'este deserto, se o pudermos matar! Fogo contra o monstro do polo... eil-o prostrado; e os echos da solidão repetem de montanha em montanha o estampido do tiro.

Não avançaremos mais para o Arctico, em busca do continente, que o capitão Brag assegura ter enxergado além dos 87 graus de latitude; mas, inclinando para oeste, entranhemos-nos n'esse estreito canal, que une o Atlantico com o Pacifico, d'entre cujos gelos retrocedeu ainda ha pouco o intrepido Mac-Clure depois de se haver julgado perdido sem remedio. Confiados no auxilio divino, tentemos, os primeiros, a grande empreza, reputada até hoje como superior ao esforço humano.

Não te assustes, leitor complacente, que nos tens seguido em tão difficil senda, sem experimentar o menor revez, não te assustes com a vista d'essas formidaveis ilhas de gelo, que vagueiam em torno de nós: a Providencia ha de livrar-nos do seu contacto, que nos esmagaria de certo; nem tremas vendo resvalar, sobre essas superficies cristalinas, enormes madeiros que, inflammados pela violencia da fricção, erguem fugazes chammas no meio de perpetua neve. Deixa que estalem com sinistro ruido essas massas de gelo, rotas talvez pela força de um extraordinario calor: mais facil nos será a derrota por entre os fragmentos de uma grande ilha, do que tendo de rodeal-a em toda a sua extensão. Entre as imagens da morte que nos cercam, surgem ás vezes maravilhosos artefactos da natureza. Olha essa prodigiosa avalanche, brocada pelas aguas em todo o seu comprimento, apresentando o aspecto de um *tunnel* ou galeria subterranea, forrada interiormente de lapislazuli, e figurando no exterior a portada de uma cathedral gothica, fabricada do mais puro alabastro. Vê mais longe essa torre de esmeralda, inclinada como a de Pisa, mais fulgente que as de Nankin, cujos arabescos parecem recortados por mãos de fadas. Aqui, um ilhote vermelho, similhante a soberbo banco de coral; ali, outra molle gigantesca, que parece marmore negro, como se fôra o sarcophago do genio guardador do polo, morto de despeito pela audacia dos navegadores modernos. O gelo polar toma todas as côres do arco Iris, imita todos os caprichos da architectura: não apresenta, como geralmente se suppõe, uma perspectiva monotona de serras de cristal.

O caminho torna-se cada vez mais estreito; os obstaculos amontoam-se n'esta passagem, encontrada ha alguns annos, mas ainda não transposta até hoje. Comprimida pela avalanche, a agua murmura e esbraveja nos apertados canaes por onde póde escoar-se. Um raio de sol tibio vem da orla do horisonte, correndo sobre a superficie polida do gelo, mas sem força para aquecer esta região onde reina o frio da morte!...

De joelhos, leitor. Descobrâmos a fronte, que por aqui devem ter ficado as ossadas de mais de um navegador, cuja sorte nos é desconhecida. Oremos pelo eterno repouso dos nossos compatriotas Gaspar e Miguel Côrte-Real; de John Franklin e seus companheiros, que morreram de fome e de frio, depois de chegarem aos ultimos excessos do cannibalismo, segundo as noticias que d'elles alcançou John Arat; e de tantos outros, cujos baixeis ficaram entalados entre os gelos, ou naufragaram n'estas tenebrosas plagas, e que serviram de pasto á voracidade dos ursos e dos rangiferos, se é que os seus cadaveres se não conservam sobre a neve, isentos de putrefacção.

Voguemos com toda a força da machina de vapor, com todas as velas largas, antes que a longa estação invernosa comece, e que tenhâmos de passar muitos mezes sobre a costa septentrional da America russa. Enfiemos por entre esses dous continentes que oscilam, em quanto se não reunem em um só, pois nos esmagariam n'essa fatal aproximação.

Parabens! parabens! companheiros de viagem! Lá se divisa terra da Asia. É a inhospitaleira costa da Siberia. Abracemo-nos, que somos os primeiros a passar pelo norte da America de um para outro oceano... E, Deus louvado, sem perigo e sem fadiga!!

Se não fora o inverno que começa a intrincheirar-se em inexpugnaveis baluartes de gelo, executariamos ainda outra façanha, mostrariamos ao mundo a passagem do nordeste, buscada em vão por Cabot, como acabâmos de lhe franquear a do noroeste! Costeando a Siberia do oriente para o occidente, regressariamos á Europa pelo cabo Norte; e seriamos tambem os primeiros a percorrer este caminho, se é fabulosa, como geralmente se suppõe, a viagem do hespanhol Lourenço Ferrer Maldonado, que disse ter passado do Atlantico para o Pacifico, pelo norte do continente europeu, em 1588.

O mez de agosto toca o seu termo. É mister procurar um clima mais temperado, e fugir das avalanches que nos rodeiam, mais altas do que os mastros do navio. Derivemos para o sul. A corrente que nos afasta do polo, talvez porque já ali se accumulam grandes massas de gelo, ajuda o *Protheu* na sua derrota para o estreito de Behring.

Eis o cabo Oriental, descoberto por Cook; estamos entre os dous mundos, onde elles mais se aproximam. Diante de nós estende-se a cadeia das ilhas Aleotinas, que descrevem um arco de circulo desde a Asia ata á America em altura de 50 a 55 graus de latitude norte. O gelo desappareceu. Costeiemos a peninsula de Kamtchatka e o archipelago das Korillas; e apesar dos estorvos que possa oppor-nos um governo desconfiado, visitaremos o celebrado imperio do Japão.

(Continúa).

F. M. Bordalo

AS GRAÇAS DO MUNDO.

Que são os despachos senão um sim de patrocinados, e um não de benemeritos? Ou haveis de pretender arrimado ao favor alheio, ou não vos ha de valer o merecimento proprio. D'aquelle animal chamado pela sua luzente variedade stelio, diz Salomão, que fazendo das paredes arrimo para subir, habita nos palacios dos monarcas: *stelio manibus nititur, et moratur in domibus regum*: ditoso animal! que a aguia occupe o alto dos edificios mais soberbos, sua agilidade o merece, e sua generosidade o pede; porém que o stelio, animal sem azas, chegue a lograr o posto mais superior dos palacios? Como póde subir a tanta altura, se não vôa! porque se não vôa arrima-se: *manibus nititur;* e mais lhe importa o arrimo, que lhe poderão importar os vôos: a aguia com todas suas azas achar-se-ha nos melhores cumes. Quem quizer altear-se muito, ainda que vôe menos, procure arrimar-se mais.

Que são os postos, senão subidas, cujos degraus se vencem a quedas? Quando o demonio offereceu as dignidades mais luzidas a Christo, logo metteu por condição, que havia de caír ajoelhado diante d'elle. Que sem caír não ha levantar no mundo, custosos altos a que se não póde chegar sem quedas! Haveis de caír diante do principe, haveis de caír diante do privado, haveis de caír diante dos ministros, e quando pretendeis aventajar-vos a outros, andaes humilde beijando a mão a muitos, e o peior é que muitas vezes, depois de tanto caír, esses mesmos que adorastes em logar de vos darem a mão para que subaes, vos dão de mão para que não cheguei, e elles ficam tantas vezes adorados, e vós caídos por uma vez.

Padre Antonio de Sá — Sermões

TABELLA DAS DIFFERENTES MOEDAS, CORRENTES NO REINO, QUE SE

METAL.	DENOMINAÇÃO DAS MOEDAS.	VALOR EM RÉIS.	PEZO ONÇ.	OIT.	GR.
PRATA DE 11 DINHEIROS.	Cruzado Novo	480	0	4	59
	Doze Vintens	240	0	2	29
	Seis Vintens	120	0	1	14
	Tostão	100	0	1	0
	Tres Vintens	60	0	0	43
	Meio Tostão	50	0	0	36
	Vintem	20	0	0	17

OBSERVAÇÕES. Nos ultimos annos do reinado do sr. D. João V soffreram estas moedas muita diminuição no pezo, pois que sendo até ahi cunhadas na razão de 6$400 réis o marco, já em 1747 e 1750 o foram na razão de 7$500 réis.

Da estatistica da casa da moeda de Lisboa, publicada em 1852, se deixa ver que a cunhagem dos Cruzados Novos cessou no anno de 1837. A das moedas de Doze Vintens, interrompida no anno de 1826,

COBRE.	Dez Réis	10			
	Cinco Réis	5			
	Tres Réis	3			
	Real e Meio	1 ½			

OBSERVAÇÕES. A cunhagem d'estas ultimas moedas acabou logo nos primeiros annos do reinado do

O mappa das moedas que se cunharam em Portugal no reinado do sr. D. João V, cuja publicação se conclue n'este numero, é obra do sr. Jorge Cesar de Figaniére, auctor da *Bibliographia historica portugueza*, livro conscienciosamente escripto, e de um auxilio immenso para os estudiosos da historia patria.

Limitado nas dimensões e no plano este trabalho sabemos que custou ao sr. Figaniére aturadas investigações; estando n'elle representados todos os factos, e apontadas as differentes peças de legislação com o escrupulo e exactidão de que o distincto escriptor deu tão largas provas na sua *Bibliographia*.

Agradecemos cordealmente ao sr. Figaniére o valioso offerecimento do seu interessante *mappa*; e muito folgaremos que continue a honrar as columnas d'este semanario com o fructo das suas laboriosas locubrações.

ESTATUA GREGA.

A estatua, ou antes o baixo-relevo, que a gravura representa fielmente, foi encontrado no templo de Jupiter olympico, em uma das pesquizas feitas por ordem e sob a intelligente direcção da expedição scientifica franceza na Moréa.

O sr. Raoul Rochette, distincto archeologo, em um relatorio que dirigiu, em 30 de abril de 1831, á academia das sciencias de París, deu-nos os seguintes esclarecimentos sobre este precioso fragmento da arte antiga, que escapára á attenção de Pausanias, e que se deve na verdade ás investigações e ao ardor infatigavel dos artistas francezes:

«É, diz o sr. Rochette, uma figura de Minerva em baixo-relevo, que não soffreu estrago algum, e que parece á vossa commissão um fragmento de primeira ordem.

«A deusa está sentada em um rochedo, ao qual

CUNHARAM EM PORTUGAL E NO BRAZIL NO REINADO DO SR. D. JOÃO V.

DISPOSIÇÃO LEGISLATIVA.	LOCALIDADE.	REFERENCIA ÁS EST. DO T. IV DA HIST. GENEAL. DA CASA REAL.
Regimento da casa da moeda de 9 de setembro de 1686, e lei de 4 de agosto de 1688.	Lisboa e Porto.	Estampa V, n.° 176 « n.° 177 « n.° 178 Estampa X, n.° 163 « n.° 162 « n.° 164 « n.° 165
em que falleceu o sr. D. João VI e lhe succedeu o sr. D. Pedro IV, só foi renovada em 1829, 1830 e 1833. A das moedas de Seis e Tres Vintens continuou ainda em 1828, 1829, 1830 e 1832. A dos Tostões, suspensa em 1825, foi apenas renovada em 1828, 1829 e 1830; a dos Meios Tostões n'estes ultimos dous annos. Das de Vintem ainda em 1769 se cunharam 31:300, no reinado do sr. D. José, e 9:907 em 1800, na regencia do sr. D. João VI.		
Alvará do sr. D. Pedro II de 17 de fevereiro de 1699.	Lisboa.	Est. X e AA, n. 167 e 189 » n. 168 e 190 » n. 169 e 191 Est. X, n. 170
sr. D. João V. Das de Tres réis ainda no seculo actual se lavraram 123:363 em 1804, e 1:065 em 1819.		

apoia tambem a mão esquerda; na direita, cruzada por baixo do peito, tinha um ramo, provavelmente de oliveira: e segundo todas as presumpções, este ramo, que apresentava a outra figura que lhe ficava em fronte, e que não podia ser senão Hercules, era fabricado de bronze. Encontrou-se de feito no antigo solo uma folha de oliveira de metal dourado, que naturalmente fazia parte d'aquelle ramo; e a escolha de similhante arvore tinha sem duvida relação com a tradição celebrada por Pindaro, que attribuia a Hercules a introducção na Grecia da oliveira sylvestre, e em virtude da qual se serviam de um ramo d'esta arvore para as primeiras corôas olympicas.

NOVA TRADUCÇÃO DOS LUSIADAS.

A culta Allemanha acaba de dar um novo testemunho do cuidado com que ali se cultiva o estudo das litteraturas meridionaes, e da acceitação que lhe merece a famosa epopéa em que se celebram as nossas glorias.

Havia uma elegante traducção allemã dos *Lusiadas* de Camões: este trabalho, devido á penna do illustre poeta Donner, concorreu de certo para tornar, para assim dizer, populares na Europa central, as estancias patrioticas do cantor de Ignez e do Gama. Buscada com empenho a edição d'este livro, apesar de se haver extrahido grande cópia de exemplares, tornára-se pouco vulgar.

Por este motivo, e porque alguns estudiosos do nosso formoso idioma taxavam de menos fiel aquella versão, reclamava-se geralmente um novo trabalho, que plenamente satisfizesse ao desejo que tinham os amadores da litteratura portugueza de conhecer o poema do Camões melhor do que pela versão, aliás estimavel, de Donner.

O sr. F. Boosh Arkossy acaba de saciar a publica expectação, dando á luz uma nova traducção dos Lusiadas, que foi impressa em Leipsik, e é precedida de uma larga e erudita introducção historica, e ornada dos retratos de Camões e Vasco da Goma.

Consta-nos que á obra do sr. Boosh falta a elegancia e o mimo de linguagem e de versificação que distingue a versão do sr. Donner; em compensação porém é de uma fidelidade e correcção escrupulosa, o que lhe dá sobre aquella uma vantagem immensa.

É com o maior prazer que communicâmos esta noticia, sentindo ao mesmo tempo que tão escaço seja o nosso trato com a Allemanha, onde a litteratura portugueza é muito apreciada.

Esperâmos que a linha de vapores que vae estabelecer-se entre Hamburgo e Lisboa ha de acabar com este isolamento em que vivemos do centro da Europa, creando relações, que não podem deixar de influir mui poderosa e vantajosamente no nosso progresso.

VIADUCTO DE CRUMLIN.

No condado de Galles, em Inglaterra, concluiu-se ha poucas semanas um viaducto com o nome que precede estas linhas, sobre o caminho de ferro de oeste, o qual merece ser citado como uma das obras mais gigantescas e primorosas d'este genero. A sua extensão total excede a 1:500 palmos portuguezes; sendo sustentado por quatorze pilares de 300 palmos de altura. Por baixo d'este enorme viaducto corre uma outra via-ferrea e um excellente canal.

ESBOCETOS DE TYPOGRAPHIA HUMANA.

V.

O CRITIQUEIRO (1).

Depois de fôfo Pedante,
Quem seguir deve primeiro,
Senão garrulo, vaidoso,
O mordente Critiqueiro?
—Prégador de vão conceito,
Democrito, a novo geito,
Que de tudo ri, desdenha,
Desentranhando-se em petas
Ao compasso de caretas:
Que mancha, com vil pilheria,
Acção mais nobre, mais seria;
Energumeno invejoso
D'alheia reputação,
Que nem bom, nem mau respeita,
A tudo pondo senão:
Cuja lingua é sujo hyssope
Banhado em maledicencia,
Com que de continuo asperge
Obras d'arte, e de sciencia;
Grão censor, falla papudo,
Nada entende, masca em tudo.
—Que approva,—*por compaixão*.
Rejeita, sem discussão;
Zombando d'escripto alheio,
Porque seu não tem, nem meio;
Salvo semsabor pastel,
D'uma resma de papel,
De scenas ruim catalogo,
Em estafado dialogo,
Que diz, *regrada* comedia,
Pelas maximas d'Horacio,
Como prova n'um prefacio,
Ou par'cer, que deu d'um drama,
(Que o critico farellorio,
Pertence ao Conservatorio):
Reprovando-o, porque chama,
Immoralmente—néné,
A uma creança de mamma:
E que *cego*,-sem respeito,
As priscas auctoridades,
Seu auctor *nescio* faltára,
A regra das *unidades!*
—No theatro portuguez,
De que é pessimo freguez,
Dando voto sem criterio:
Já, sentado na platéa,
Desdenhoso, semi-serio,
Soltando chalaça e meia;
Ou, no *gratis* camarote,
Babando magro dichote,
Contra peça, contra actores;
Se comedia—é chocarrice,
E se drama—parvoice.
Notando, o que julga falta,
Ao visinho espectador;
Em pausada voz, mais alta,
Porque o ouçam em redor,
E d'ouvil-o, o conceituem,
Em vez d'asno—entendedor.

Ri da velha fidalguia,
Moteja alheios arminhos,
E mostra seus pergaminhos.
Zombeteia a nuvem densa,
Harta praga de barões;
Maior, que na esphera immensa
Bando infesto de saltões;
E no sediço gracejo,
Seu anhelante desejo
Com disfarce occulta, esconde,
Té que o pretendido ensejo
Chega alfim, e sáe visconde!
—Falla então dos seus parentes,
De todos conta uma historia,
Vem todos á palmatoria;
Honra, virtude não poupa,
O maligno *fraca-roupa;*
A familia põe de rastos,
Um por fôna, outro por gastos:
Ora acerta, agora mente,
Mas de *nobre* uma costella,
Acha em toda a parentela!
—Senão quando, marcha prestes,
Barba feita, luva branca;
Em semi-garridas vestes,
Traja fato domingueiro;
Pende-lhe o habito do peito,
Como chapa d'aguadeiro;
E a saltos de gafanhoto,
Olhos, bôca, um só tregeito.
Eil-o aprôa, vae direito,
A' das *graças* residencia,
E busca sua excellencia.
—E o ministro louvaminha,
Em comprida ladainha,
Chama-lhe Colbert, Pombal,
Da patria vivo fanal,
Esfarrapa-se em mesuras,
O gigante das censuras!
Mas não sáe, sem dizer mal;
Que mesmo n'adulação,
O Critiqueiro não póde
Mentir ao caracter—não;
Assim, ao mesmo que exalta,
Lhe põe logo alguma falta.
Como esgalgado mollosso,
Que a lambida mão já morde,
Se lhe nega mais um osso!

São damninhos animaes
Os da raça critiqueira;
Em dous typos principaes,
Divido-os, d'esta maneira:
O *Critiqueiro-palhaço*...
(De quem tendes, mais d'um traço,
N'esse esboço mal pintado,
Que vou dar-vos retocado):
O Critiqueiro-palhaço,
Faz de lérias calhamaço,
Que espalha, por toda a parte,
Ora á tôa, ora com arte;
E diga verdade, ou péta,
Onde está *lê a gazeta;*
E, vilão papel de bôbo
Seja, o que elle representa,
Embora;—se a turba attenta,
Já d'ouvil-o boquí-aberta,
Logo ri,—que o dito envolva,
Cousa falsa, ou cousa certa,
Attrahir, dizendo mal,
Eis a bossa do animal.

(1) Os quatro primeiros, a saber: o Lamina, o Janota, o Alfarrabista, e o Pedante, foram publicados na Revista Universal Lisbonense.

—Assim, moça de má vida,
De luzes-luzes envolta,
Que passeia, vae á solta,
Em requebros, sem medida,
Dando cóca ás attenções,
Malferindo corações:
Que festeja ao pôr em scena,
E depois logo envenena.

Na segunda classe vem
O *Critiqueiro-pantufo;*
Que, se mal só diz tambem,
Notaveis differenças tem.
Um—aquelle, mais *espalha*,
A folgar sómente ralha:
Este não:—segue outro rumo:
Falla pouco,—tom mais serio:
Corpo em rigoroso aprumo;
Diplomatico *toilete*,
Mais tezo que um canivete,
Ou de cópas um valete;
Colete, gravata branca,
Alta, larga, mais que sanca,
De salão, em torno ao tecto.
Em saber, qual no vestido
Antes parvo, que discreto.
—Nutrem-se de igual desejo,
Os dous bandos critiqueiros:
Tem aquelles mais despejo,
São estes mais disfarceiros.
Fallam, como que obrigados,
Só depois de perguntados.
Em quanto discutem, fallam
Os outros,—ouvem e calam.
Deixam-nos dizer primeiro.
E como tendo pensado,
Seu par'ecer *auctorisado*,
Dão sómente, em derradeiro.
—Como fogo d'artificio,
Pondo termo ao arraial,
Ou, na scena arlequineira
Combate,—salto mortal.
E o Critiqueiro-pantufo,
Levantando os cotovelos,
Como quem dá novellos,
Ou tambor tocando um rufo,
Solta a veia mal lizente,
E com falla intermittente,
Pinga, a pinga o mordaz sumo
Derramando sobre o assumpto.
O auctor pôe um defunto.
Mais que os outros deshumano,
Não diz bem, nem por engano!
—E se algum, mais razoavel,
Nota o pouco, que o contenta,
Tudo quanto se apresenta:
Sorri, mencia-se um pouco,
Como quem diz—pobre louco!
E depois, com do fingido,
Responde todo espremido:
«Que quer-em?—Se estes senhores
A quem praz chamar-se auctores,
Fazem sempre umas taes obras,
Mas... tão feias, com'as cobras!
Letras, hoje em Portugal...
Só gordas!... por nem o mal
N'isso, os magros collarinhos
Puxa, afaga, e se remira:
Como sabio, mais da marca,
Impondo-se, a quem o ouvira.
D'artes, letras, e sciencia,
Auctores, obras maldiz:
Nem a mestres dá respeito,
Quem jámais fôra aprendiz.
—Assim gaiatos da rua,
Que, por nada terem proprio,
A cidade tem por sua;
Jogam pedras, á vidraça.
E no alheio prejuizo,
Que não sentem—acham graça.

D'um, e d'outro Critiqueiro
A feição essencial,
Já se vê, que é dizer mal.
Mas, o Palhaço faz rir:
É como antigo jogral,
Não de reis, nem de fidalgos.
É de todos a quem falla,
Quer na rua, quer na sala.
O Critiqueiro-pantufo,
É mais fófo, mais *tartufo:*
O outro—livre, picaresco:
Este sonso, pedantesco...
Diplomatico—fradesco.
Aquelle—farfante burro,
Traz aviso da patada
No roncar do crebro zurro;
Mula de physico—est'outro,
Mula, d'estas que faz—him!
Escoucinha, sem motim.
—Quer fanfarrão, quer arteiro,
Mais manhoso, ou mais sendeiro,
Figas! figas!—Critiqueiro.

Julho de 1853.

J. da C. Cascaes

EXPULSÃO DOS JUDEUS EM 1492.

Ainda se não fixou, nem já agora será facil fixar com exactidão, o numero de judeus não baptisados, que, em consequencia do famoso decreto, sairam n'aquelle anno, de Hespanha. Fazem-no alguns subir a 800:000; outros reduzem-no a metade, e outros a muito menos ainda. N'esta diversidade de calculos, parece-nos que nada perdemos em adoptar o que o limita á menor somma, e que bem podemos seguir o que nos deixou expressamente consignado o chronista Bernaldez, historiador contemporaneo, testemunha e actor n'aquella grande catastrophe do povo hebreu-hispano, o qual reduz a 35 ou 36:000 as familias de judeus não conversos que havia em Hespanha ao tempo da expulsão, que comprehenderiam uns 170 a 180:000 individuos

Mas em todo o caso não ha de julgar-se da conveniencia ou desconveniencia d'aquella terrivel lei pelo numero de pessoas, ou pela maior ou menor despovoação que soffrêra o reino, já bastante dizimado pelas guerras e pelo desgoverno dos reinados anteriores, senão pela qualidade dos expulsos. N'esse sentido não pode deixar de qualificar-se de prejudicial para os interesses materiaes da Hespanha a saída violenta e repentina de uma classe numerosa, que se distinguia pela sua actividade, e pela sua habilidade e intelligencia para o exercicio das artes, da industria e do commercio. A expulsão dos judeus foi pois um golpe mortal que destruiu em Hespanha estas fontes da riqueza publica, para que fossem fecundar outros climas, e engrandecer estranhas regiões. Assim não nos espanta que, chegando á Turquia os judeus

expulsos do territorio hespanhol, o imperador Bajazeto, que fazia uma vantajosa idéa do rei Fernando, exclamasse: *Chamaes politico a um rei que empobrece a sua terra, e enriquece a nossa?* Erro em verdade mui vulgar n'aquelle tempo, em que o ouro e a prata constituiam a riqueza das nações; e sem duvida d'elle participou Fernando, crendo que remediava o mal, prohibindo-lhes a extracção d'aquelles preciosos metaes, e não attendendo a que levavam comsigo a verdadeira riqueza, que era a sua industria e a sua actividade e intelligencia mercantil.

Está visto que a expulsão dos judeus fôra economicamente prejudicial aos interesses do estado; mas infringiriam aquelles esclarecidos monarcas (Fernando e Isabel) as leis da nação, ou faltariam ás da humanidade, n'aquella violenta medida? Merecia aquella severidade a raça judaica? Ou que causas impelliram o politico Fernando e a piedosa Isabel a publicar tão crua ordenança contra os desventurados descendentes de Israel?

Repelliremos desde já como calumniosa a especie por alguns modernos escriptores apresentada, e em nenhum documento baseada, de attribuir a expulsão dos hebreus ás cubiçosas vistas dos soberanos, e ao desejo de apoderar-se de suas riquezas e haveres. Similhante pensamento, sobre ser indigno de tão grandes monarcas, e opposto á sua indole e caracter, nem sequer achamos que passasse pela imaginação dos proprios judeus; e a unica clausula do edicto em que pretende fundar-se, a prohibição de exportar a prata e o ouro, não era mais do que o cumprimento de uma lei geral, por duas vezes sanccionada nas côrtes do reino. Talvez não fosse impossivel descobrir no edicto uma prova de pouca gratidão para com individuos, que ainda que odiados, menosprezados e perseguidos, e devendo suppor-se impellidos pelo engodo do ganho e da usura, tinham feito innegaveis serviços aos monarcas na ultima guerra, e contribuido para o seu triumpho, abastecendo os exercitos de munições e vitualhas, a ponto de não deixarem nada a desejar á profunda solicitude da rainha Isabel.

Uma causa mais forte que todas estas considerações moveu pois os nossos monarcas a publicar o famoso decreto, e esta causa não foi outra senão o exagerado espirito religioso dos hespanhoes d'aquelle tempo, e que em muitos, póde bem dizer-se com franqueza, era verdadeiro fanatismo; que produziu annos depois a expulsão dos judeus de varias nações da Europa, com circumstancias mais atrozes ainda que na nossa. No capitulo III d'este livro fizemos uma resenha da historia da raça hebraica em a nossa Hespanha, e demonstramos a inimisade e o odio nacional que contra ella acharam enraizados Fernando e Isabel na occasião de subirem ao throno: odio e inimisade que se haviam manifestado nas leis das côrtes, nas pragmaticas dos reis, nos tumultos populares. O rancor não se havia extinguido; conservava-se vivo na opinião publica, excitava-o o clero e os inquisidores; e estabelecida a Inquisição contra os judeus, via-se proxima como consequencia quasi natural, e tão depressa cessassem os cuidados da guerra, uma perseguição geral, que devia de rebentar de um modo ou de outro. Insistiu-se em persuadir os reis, (e não era o inquisidor Torquemada o menos acerrimo n'este empenho), que os judeus não baptisados seduziam os conversos e os obrigavam a judaisar, e que o seu trato com os christãos era uma causa perenne de perversão. Recordavam-lhes o desacato commettido em Segovia no principio do seculo, uma conjuração que em 1445 se lhes attribuiu em Toledo para minar de polvora as ruas por onde havia de passar a procissão de *Corpus*, o roubo e supplicio de um menino christão em Valladolid em 1452, o quasi igual successo em Sepulveda no anno de 1468, outro similhante em 1489 na villa de Guardia, provincia da Mancha, e outras anecdotas d'este genero, juntamente com os casos de envenenamento que se haviam imputado aos medicos e boticarios judeus; dando-se-lhes a entender que não haviam renunciado á perpetração d'estes crimes.

Assim no prefacio ou discurso que precedia o edicto, exprimiam-se os monarcas nos seguintes termos:

«Sabeis ou saber deveis que pois fomos informados que ha ou havia em nossos reinos alguns maus christãos que judaísavam de nossa santa fé catholica, para o que concorria muito o trato dos judeus com os christãos... e outrosim temos procurado e dado ordem para que se faça inquisição em nossos reinos e senhorios, a qual como sabeis ha mais de doze annos que se tem feito e se faz, e por ella se tem encontrado muitos culpados, segundo é notorio, e nos foi declarado pelos inquisidores e outras muitas pessoas religiosas, ecclesiasticas e seculares; e consta e parece ser tanto o damno que aos christãos se segue e tem seguido da participação, conversação e communicação que têem tido e têem com os judeus, os quaes procuram sempre, por quantas vias e maneiras podem, desviar da nossa santa fé catholica aos fieis christãos etc. etc.»

Os monarcas castelhanos, sanccionando tão dura providencia, seguiram ou obedeceram ao espirito do povo, deram credito ás accusações, prestaram ouvidos aos excitamentos ou conselhos dos inquisidores, e outras pessoas fanaticas, e creram que não era grande abuso de auctoridade desterrar aos que a opinião publica proscrevia. Não nos atrevemos a affirmar que por parte de Fernando houvesse algum outro fim politico, e que talvez a elle lhe não pezasse da collisão em que o tinham posto. Porém, pelo que respeita a Isabel, temos a firme convicção de que em materias d'esta especie, animada como sempre das mais puras intenções e bons desejos, não fizera mais que sujeitar o seu juizo, em conformidade com os preceitos piedosos em que havia sido creada, aos directores da sua consciencia, em quem suppunha sciencia e discrição para bem a aconselharem e dirigirem nos negocios tocantes á religião e á fé, de sorte que se erros havia nas resoluções de Isabel como rainha, os mesmos erros provinham de virtude propria, e da ignorancia ou do fanatismo, ou da intenção de outros.

Taes foram em nossa opinião as causas do famoso decreto de proscripção e desterro dos judeus, que embora damnoso na ordem economica, duro, deshumano, desnecessario talvez, e mesmo não de todo justificado, era reclamado pelo espirito publico; se alguns então o reprovavam, ninguem francamente o contradizia; era uma consequencia de antipathias seculares e de odios encanecidos; estava nas idéas exageradas da epocha, e veiu a ser util debaixo do ponto de vista da unidade religiosa, tão necessaria para garantia da unidade politica (1).

D. Modesto Lafuente.

(1) Extrahido da Historia general de España. Esta obra do sr. Lafuente, tem merecido largos elogios da imprensa no reino visinho, e e sem contestação uma das mais importantes publicadas na peninsula durante os ultimos annos. Os dez primeiros volumes acham-se á venda na livraria do sr Lavado, rua Augusta, n.º 8.

UM CAFÉ EM BAÏDAR.

A nossa gravura representa um café em Baidar, pequena povoação da Taurida ou Criméa. É uma especie de telheiro, guarnecido de singela tarimba ou bancada, sobre a qual estão sentados varios tartaros, fumando tranquillamente em enormes cachimbos ao uso do oriente. Um ancião respeitavel, encostado a comprida vara, parece estar praticando com parte dos freguezes, que figuram prestar muita attenção ás suas palavras. O serviço é feito por um pequeno tartaro, que distribue em torno, aos pacificos musulmanos, já o tabaco para encherem os cachimbos, já pequenas chavenas cheias a trasbordar da estimada infusão.

Vivendo cá na extrema do occidente não podemos fazer uma idéa exacta da importancia, que tem um café nas povoações orientaes, mórmente quando os habitantes professam o islamismo. Prohibidos pelo preceito de Mahomet do uso do vinho ou outras bebidas espirituosas, o café é para elles um recurso, e um prazer, a que nem os pobres e desvalidos renunciam facilmente. Já se vê pois que aquelles individuos que não podem preparar esta saborosa bebida na propria casa, buscam um sitio, onde a tomem á sua vontade, tendo além d'isso a vantagem inapreciavel de encontrar ahi não poucas vezes pessoas com quem estão ligados pelas relações de visinhança ou de amizade. D'aqui a multiplicidade dos *botequins* e dos *cafés* no oriente. Baïdar, mais é uma aldeiola mesquinha, conta uns poucos, é verdade que de tão simples construcção como o que a gravura representa.

Não se cuide, porém, que é sómente por mesquinha economia que os tartaros edificam os seus *botequins*, ou os estabelecem em casas abertas ao ar livre. Os orientaes são em geral contemplativos, e altos apreciadores das scenas da natureza, assim não admira que elles prefiram a grosseira tarimba, d'onde podem disfructar aprazíveis paizagens, e gosar o fresco da tarde, a molles coxins em *botequins-estufas*, á similhança dos que nós usâmos.

E de feito, em poucas partes da Criméa, similhante systema podia ter mais justificada applicação, do que em Baidar. Para chegar á villa atravessam-se lindas estradas bordadas de arvores gigantescas; e em toda a peninsula não ha ponto em que a natureza apresente bellezas mais severas, e tal magestade de perspectivas. Sobre isto tudo imagine-se que no valle de Baïdar estão accumuladas nada menos de onze aldeias, como engastadas em lindos vergeis e magnificos pomares, sobresaíndo, e dominando-os a virente copa de soberbas nogueiras, e a escura folhagem dos robles, que são os mais altos e os mais robustos que se encontram em toda a Criméa, e por entre os quaes serpeia o rio Tchornaia-Retchka, bastante celebre na historia contemporanea.

Com as aguas d'este rio, que foi, como já dissemos em outra parte, canalisado pelos engenheiros russos, se abastecem os differentes diques da famosa Sebastopol.

Cabe aqui notar que, contra o uso dos demais musulmanos, os tartaros da Criméa estabelecem os seus cemiterios em qualquer encosta arida e pedregosa, não plantando no recinto consagrado aos mortos arvores, ou mesmo especie alguma de arbustos. Uma pedra lisa e de qualidade schistosa, erguida a prumo sobre a sepultura, é o unico signal que indica o logar de jazida.

VIAGEM PICTORESCA Á RODA DO MUNDO E AOS DOUS POLOS.

SECÇÃO II.

O Japão. — A China. — As Filippinas. — Manilla. — Bornéu. — Os piratas malaios. — Corta-se a linha no estreito de Macassar. — Celebes. — As Molucas. — Timor. — Nova Guiné. — Nova Hollanda. — O grande oceano Equatorial. — A ilha de Taiti.

Se a ilha de Cypango, que Marco Polo visitou em 1269, é uma das que constituem o imperio do Japão, segue-se que foi aquelle nobre veneziano o primeiro viajante da Europa que aportou ao referido imperio; aliás cabe aos portuguezes a gloria d'este descobrimento, em 1542, posto que ahi fossem arrojados por um temporal, e não em busca de novas terras, com designio determinado, como succedeu com a navegação da India, de Malaca e da China. É certo, porém, que os portos do Japão estiveram exclusivamente abertos ao nosso commercio por longo tempo, e que foram portuguezes os primeiros missionarios que introduziram a religião christã n'este longinquo paiz, muitos dos quaes obtiveram o martyrio, quando os japonezes quebraram comnusco todo o genero de relações.

Das ilhas que compõem este famoso estado a principal é a denominada Niphon. Uma cinta de rochedos, sobre os quaes se quebra com furia o mar, quasi sempre tempestuoso n'estas paragens, bloqueia a maior parte do paiz, torna muito difficil a sua aproximação, e como que separa o Japão do resto do mundo. A natureza prodigalisou cegamente os seus thesouros a estes remotos logares, de uma riqueza fabulosa, mas em compensação expol-os a continuos tremores de terra. Encontram-se aqui, ao lado de abundantes minas de metaes preciosos, as crateras de vulcões em perpetua ebullição, como, na ordem moral, se acham entre o povo japonez as maiores virtudes a par dos mais feios vicios. Os homens são baixos, morenos, reforçados, e, em geral, repugnantes; tanto elles como as mulheres usam de opas de seda ou algodão, tanto mais compridas quanto maior é a cathegoria de quem as veste. Os templos dos seus idolos são quasi todos sumptuosos, e collocados nas mais formosas imminencias; porém as casas particulares, que não têem janellas para a rua, são de pessima apparencia, e mesmo no interior não têem genero algum de *comfort*. O estado tem dous chefes supremos, um politico outro religioso, além de muitos principes secundarios, magistrados, nobres e sacerdotes. O frio do inverno é excessivo no Japão, e da mesma sorte experimenta um calor intenso no estio. Chove e troveja quasi todos os dias n'este archipelago. A cidade de Jedo é a sua capital.

Fernão Mendes Pinto e S. Francisco Xavier foram dos primeiros portuguezes que devassaram o Japão. Seguiu-se depois a expulsão dos jesuitas, e de todos os europeus, á excepção dos hollandezes, que para terem feitoria em um dos portos do imperio, se sujeitaram ás mais aviltantes condições. Chegou a tal ponto a barbaridade d'estes insulanos, que até os naufragos estrangeiros tem sido por elles cruelmente assassinados; porém uma nova era desponta para este povo, porque as esquadras da Russia, dos estados-unidos, da França e da Gran-Bretanha, mostrando além de todas as razões de humanidade, a *suprema ratio* da sua artilharia, têem entabolado negociações com o governo japonez para que os seus portos se abram ao livre commercio de todas as nações.

Não aconselho, porém, ao leitor, que se demore muitas horas em terra, visto que os protocolos ainda não estão assignados. Compre alguns d'esses ricos objectos de porcelana, que a não encontra mais fina n'outra parte do mundo, assim como não achará algures tão brilhante matiz de charão. E larguemos da bahia de Nangasacki, soltando o rumo para a China.

Mau será se o tufão nos apanha n'estes mares! Sabeis o que é o tufão? É a prova da maior ira de Deus!... Porém a estação vae adiantada, para havermos de temer a sua furia.

Eis-nos em frente da ponta meridional da peninsula de Coréa; para o norte engolpha-se o mar Amarello; para o sul estende-se o mar da China, propriamente dito. Escolhei qual dos portos d'este vasto imperio pretendeis visitar, (isto é, d'entre os que estão abertos ao commercio europeu, ou em poder de estrangeiros) pois que em qualquer d'elles vos serão patentes o caracter, costumes, religião, e extravagantes especialidades d'este povo singular. O mysterioso véu que desfigurava o imperio do Cathay, começou a adelgaçar-se roçando pelos saquiteis de ouro dos commerciantes portuguezes, e foi despedaçado junto aos muros de Nankin pela metralha da Gran-Bretanha. A revolução politica e religiosa que hoje lavra na China, é talvez o principio da transformação d'esse povo, que, mais tarde ou mais cedo, tem de se assimilhar com as outras nações civilisadas do mundo. O governo despotico de tantos seculos, tem tornado o caracter dos chins servil e traiçoeiro; sempre com o sorriso nos labios, os vassallos do celestial imperador enganam o europeu em todo o genero de relações, e se puderem cravar-lhe-hão um taifó pelas costas. O castigo das bastonadas, do qual nem os primeiros mandarins estão isentos, abastardeou completamente esta raça de homens, aliás intelligentes e activos. Desconhecendo a santidade do evangelho, e adulterando as sabias doutrinas de Confucio, os grandes tornaram-se idolatras, e apenas conservam o uso de alguns preceitos moraes do famoso mestre; os pequenos fizeram-se pagãos da seita de Boudha, a quem elles chamam Fo, e seguem os erros d'essa religião indiana. A habilidade dos chinezes não ha ninguem que a desconheça; são igualmente diligentes na cultura das terras; e entre as obras publicas de que tem decorado o paiz, devem mencionar-se os magnificos canaes e pontes, que tanto facilitam o commercio interno, e os soberbos pagodes onde se adora o *Tien* por intervenção de diversos idolos. Quanto aos palacios encantados de Pekin e á celebrada muralha da Tartaria, deixo aos herdeiros de Marco Polo, de Fernão Mendes, de Gutzlaf, e de outros não menos veridicos narradores, o cuidado de vos descreverem as suas maravilhas.

Aonde queres desembarcar, amigo leitor? Em Shanghae encontras um aggregado de palacios constituindo o bairro europeu, obra do commercio inglez; porém a revolta tem progredido por esse lado do imperio, e ainda não ha muito tempo que os marinheiros francezes, indo em auxilio dos tartaros, foram batidos pelos insurgentes. Será prudente, pois, o evitarmos este porto. Em Amoy, Fuchaw ou Ningpó não vale a pena de ancorar, porque são povoações muito mais insignificantes do que Shanghae. Se queres ver a bandeira portugueza fluctuando n'estas regiões, aproemos a Macau; se pretendes achar em pequena ilha, ha pouco deserta, uma miniatura de Londres, volvâmos para Hong Kong... Ah, preferes visitar Cantão? Pois bem. Passemos o estreito de Fou-Kian, que divide a ilha Formosa do continente chi-

nez, e inclinando para o sudueste encontraremos a bôca do rio Tigre. Tapa os ouvidos para não ensurdeceres no meio d'esta gritaria que resôa de milhares de barcos; extasia-te ante esse movimento, como não viste igual em nenhum outro ponto do globo.

Tens lido muito a respeito da China, querido leitor, não é verdade? Pois então avalia por ti mesmo as bondades e defeitos da civilisação chineza, e darás razão a quem a tiver. Entretanto tomaremos chá preto, compraremos alguns preciosos artefactos de porcelana, de marfim, de madre perola, de filagrana de prata e de ouro, que em parte alguma se fabricam melhor; prover-nos-hemos de peças de seda e de nankin, e de outras seductoras curiosidades do celestial imperio. Toma conta em não fumar opio, que é vicio difficil de desarreigar.

Quando quizeres deixaremos a China. O vasto oceano Pacifico, com seus mil archipelagos, por tantos seculos occultos aos europeus, nos está convidando a ver novas maravilhas, inteiramente desconhecidas da maior parte dos homens. Ao frio polar, que soffremos ainda ha pouco, succederá uma deliciosa temperatura, porque a aragem do mar refresca o clima de fogo que se estende de um a outro tropico.

Demandemos as ilhas Filippinas, principio d'essa longa successão de archipelagos que matizam o grande oceano Equatorial até ao opposto continente da America. Tomaremos o necessario combustivel para a machina, e fumaremos excellentes charutos de Manilla. Largue-se a ancora junto á ilha de Luçon, e visite-se a capital d'esta importante colonia, conquistada para a corôa de Hespanha por Miguel Lopes, em 1571. A sua principal população compõe-se de indios, sujeitos ao leão de Castella, e as casas em que habitam são quasi todas de madeira, por causa dos frequentes tremores de terra que agitam este solo. Os arredores de Manilla são deliciosos, e a estrada que conduz d'esta capital a Cavite, segunda cidade das Filippinas, apresenta as mais romanticas perspectivas que é possivel imaginar. Todas as familias hespanholas que ahi se acham estabelecidas, tem carruagem sua, porque os cavallos são de uma barateza sem igual. Manilla é talvez a cidade mais bem situada de todo o globo, diz La Peyrouse. Corta-a pelo meio um rio navegavel, que vem desaguar em uma extensa bahia. Os comestiveis e o tabaco encontram-se aqui pelo mais infimo preço. A terra não se recusa a genero algum de cultura. O seu clima é quente e humido, mas não insalubre. A união entre raças disparatadas faz que nos rostos dos habitantes se não encontre uma côr definida, uma feição caracteristica. A par de innumeras ruinas, que se enxergam a cada passo, admiram-se magnificos conventos e igrejas ricamente adornadas, como as fabricavam por toda a parte os senhores do Mexico e do Perú. Manilla é séde de um arcebispado e de uma universidade. Ninguem póde visitar esta ilha sem lhe ficar affeiçoado. A população das Filippinas, segundo os mais modernos calculos, sobe a seis milhões de almas.

Reconheçámos de passagem a ilha de Bornéu, uma das maiores da Oceania, cujos ferozes habitantes mal consentem aos europeus passar além do litoral. O seu clima ardente é temperado por chuvas periodicas e pelo reparador vento do mar, mas ainda assim o paiz é doentio, por causa dos muitos pantanos que contém. Diz-se que o interior da ilha é cortado por uma cadeia de montanhas, ricas em cristaes, diamantes, ouro, cobre e ferro, e que ao sobpé d'ella existe um grande lago, d'onde nascem diversos rios. Não tentaremos, porém, examinar de perto a importancia d'esses thesouros, porque além da ferocidade dos indigenas, as florestas e lagôas da ilha são povoadas de serpentes. Se quereis educar um orang-otango para vos servir á meza, comprae-o aqui, que vol-o darão muito em conta, ainda mesmo que seja quasi do tamanho de um homem.

N'estes mares é preciso estar álerta contra os piratas malaios. Vedes aquella canôa, muito comprida e estreita, que voga para nós com a força de cem remos? É uma embarcação de salteadores e assassinos. Afastal-os-hemos mostrando-lhe apenas a nossa artilharia; mas se nos apanhassem descuidados, prolongariam, sem ruido, o seu ligeiro barco com o costado do *Protheu*, e duzentos homens armados de crizes, saltariam na tolda como uma alcatéa de tigres, degolando sem piedade toda a tripulação até ao ultimo homem.

(Continúa.)

F. M. Bordalo.

A JUSTIÇA NA ARGELIA.

BU-AKAS-BEN-ACHUR.

Ha no Ferdj-Vah (a E. de Constantina) um cheik chamado Bu-Akas-Ben-Achur, nome antiquissimo que está ligado á historia das dynastias arabes e barberescas do Ibn-khaldum.

Bu-Akas, conhecido tambem por Bu-Djenni (o homem do punhal) é a mais perfeita personificação do typo arabe. Os seus ascendentes conquistaram o Ferdj-Vah (paiz formoso) e agora reina n'esta comarca, cuja conquista tem sabido firmar por meio da mais energica administração.

O cheik Mohammed-Ben, emissario do marechal Vallée, governador geral da Argelia na epocha em que se passaram os successos que referimos, resolveu Bu-Akas a entrar em negociações com a França, em resultado das quaes realisou a sua submissão, enviando em signal d'ella ao commandante geral de Constantina um excellente cavallo de Gada, e obrigando-se ao pagamento de um tributo annual.

Apesar da sinceridade com que Bu-Akas acceitou os seus novos compromissos até agora não desmentidos, negou-se constantemente a ir a Constantina, pretextando certo juramento, que lh'o estorvava, ás mais instantes solicitações das auctoridades francezas, que desejavam receber cordealmente o poderoso vassallo, cuja amizade tinham em tanta conta. Porém Bu-Akas receiava que o retivessem prizioneiro, e esta era na realidade a causa da sua teimosa negativa.

O tributo de que fizemos acima menção, e que satisfaz annualmente Bu-Akas ao governador de Constantina, consiste em 80:000 francos: e todos os annos, depois da colheita, no mesmo dia e á mesma hora exactamente, entram pelas portas da cidade os camellos de Bu-Akas, carregados com a somma apontada, sem que nunca se encontrasse de menos um só real.

Bu-Akas tem agora quarenta e nove annos, e traja como os kabylas, isto é, usa como elles um albornoz, que prende á cintura com um cinto de couro, e á cabeça com um fino cordão de seda verde. Traz enfiado no mesmo cinto um par de pistollas, um alfange kabyla, e uma formosa adaga de cabo negro.

Marcha sempre após de um negro, que o precede em guisa de correio, e que lhe conduz a clavina,

acompanhando-o ao lado constantemente o seu cão favorito, precioso lebreu que Abu-Akas tem na maior estimação.

Quando alguma das doze tribus sobre que Abu-Akas domina recebe damno ou offensa de outra, não é mister ao cheik mover-se; basta-lhe mandar o seu negro ao aduar, capital da tribu offensora; mostra este ao chefe a espingarda de Bu-Akas, e a offensa recebe immediatamente a reparação mais completa.

A fama religiosa de Bu-Akas corre parelhas com a politica. Sustenta á sua custa duzentos a tresentos tolbas que ensinam o alcorão a seu povo. Todo o peregrino que se dirige á Meka, e passa por Ferdj-Vah, recebe o equivalente a tres francos, e a mais obsequiosa hospitalidade em todo o tempo que queira demorar-se nos dominios do cheik. Mas se lhe consta que algum pseudo-peregrino abusa da caridade do seu povo, manda-o conduzir á sua presença, e castigar a fraude com cincoenta bastonadas nas plantas dos pés.

Reune as vezes á meza Bu-Akas mais de tresentas pessoas, a quem faz as honras da casa de um modo patriarchal, vigiando que os seus escravos nada deixem a desejar aos hospedes, em torno dos quaes passeia elle com o bastão na mão. Se alguma cousa fica do banquete, come então Bu-Akas, mas sempre em ultimo logar.

Os dominios de Bu-Akas estendem-se de Milah a Rabue, e desde a extremidade sul do Rabur até duas leguas de Gigelli.

Quando o governador de Constantina, unica pessoa cuja superioridade Bu-Akas reconhece, lhe recommenda algum viajante, conforme a cathegoria d'este, ou os termos da recommendação, assim lhe entrega a sua espingarda, o seu cão ou o seu punhal. Se o viajante recebe a espingarda deve pol-a a tiracollo; se o cão, cumpre-lhe conduzil-o por um cordão; se o punhal, ha de enfial-o no cinto, e com um ou outro d'estes preciosos talismans, cada um dos quaes dá direito a determinadas honras e acolhimento, póde percorrer as tribus sujeitas á auctoridade de Bu-Akas sem receio, ou transtorno algum; e o que é melhor, tendo comida e alojamento gratuito, privilegio que compete á qualidade de hospede protegido por Bu-Akas. Quando o viajante quer saír do Ferdj-Vah, entrega o punhal, a espingarda ou o cão ao primeiro arabe, que encontra; e este abandonando casa ou lavoura, se n'ella se occupava, familia e quanto tem n'este mundo, toma a respeitada reliquia, e corre a depol-a nas mãos do temido cheik.

Assim a adaga de cabo negro é mui conhecida, e tão conhecida que mereceu a Bu-Akas a alcunha de Bu-Denni (homem do punhal); com ella corta Bu-Akas as cabeças, quando alguma vez, para mais prompto effeito da justiça, julga dever fazel-o pessoalmente.

Quando este chefe tomou a direcção do paiz, achava-se elle infestado por infinidade de ladrões; porém Bu-Akas é homem que consegue quanto quer, e os ladrões desappareceram, porque assim o quiz o cheik, que para o conseguir se valeu de um meio engenhoso. Disfarçado em commerciante percorria o paiz, e de vez em quando deixava caír um duro, que não perdia de vista. Um duro perdido logo encontra dono, não só em Africa, senão tambem em qualquer terra do mundo; mas o desafortunado, em cuja algibeira se encontrava o duro, era immediatamente decapitado pelo algoz, que disfarçado tambem acompanhava n'estas excursões Bu-Akas. Este systema surtiu o melhor effeito; de sorte que dizem os arabes que uma creança de dez annos póde agora recorrer toda a comarca com uma corôa de ouro e de diamantes na cabeça, sem que na vasta extensão do Ferdj-Vah haja quem se atreva a roubar-lh'a. Felizes subditos de Bu-Akas!

O cheik respeita extraordinariamente as mulheres: e é costume n'aquelle paiz, sempre que homens e mulheres se encontram em um caminho, arredarem-se aquelles para estas passarem adiante. A menor falta ás considerações devidas ao bello sexo é punida immediatamente.

Querendo um dia o cheik saber a opinião que d'elle formavam as mulheres da sua patria, aproveitou o ensejo de encontrar no caminho do Vuad-Ferd uma formosa arabe, e acercou-se d'ella, dirigindo-lhe alguns galanteios.

—Arreda-te; sem duvida não conheces os perigos que corres, lhe disse com a gravidade de uma rainha.

Mas como Bu-Akas insistisse em a importunar, a gentil musulmana accrescentou:

—Imprudente! tão de longe vens, que ignoras achar-te nos estados da homem do negro punhal, aonde as mulheres são respeitadas?

Como havemos dito é Bu-Akas eminentemente religioso, satisfazendo com a maior regularidade ás preces e abluções que o rito marca. Tem quatro mulheres, como o permitte o alcorão; duas na sua tenda de Ferdj-Vah, e duas no harem.

O cheik Bu-Akas, como Pedro Leroux, classifica no mesmo grau criminal o roubo e o adulterio, sendo inexoravel com estes delictos.

Tendo certo dia um habitante de Ferdj-Vah surprehendido sua mulher com um amante, conduziu os dous criminosos perante Bu-Akas, que logo mandou decapitar o adultero; mas indo-se a executar a mesma sentença na mulher, esta pareceu sem duvida mui formosa a seu marido, que pediu clemencia para a culpada.

—Tu mesmo degolarás agora tua mulher, lhe disse o inflexivel cheik, entregando ao marido o seu punhal; eu te darei outra: mas se preferes que ella viva, viverá; porém morrerás tu em seu logar: porque o crime deve ser expiado. Escolhe!...

Hesitou um instante o marido, que a final resolveu degolar sua mulher, com approvação de Bu-Akas.

Certo dia Bu-Akas, o homem do negro punhal, que bem podiamos chamar o *justiceiro*, ouviu dizer que o cadi de uma das doze tribus proferia sentenças dignas do rei Salomão; e qual outro Aaroun-al-Raschid, quiz julgar por si mesmo da realidade do que lhe haviam asseverado. Em consequencia d'isto, como simples viajante, sem armas, nem distinctivo algum de auctoridade, parte para a tribu possuidora de tão maravilhoso juiz, montado n'um cavallo de raça, que não revelava comtudo no apparelho o poderoso chefe a quem pertencia.

Era casualmente o dia da chegada do cheik á tribu mencionada, dia de feira, e por consequencia dia de audiencia. E não apparecia! Em tudo protege Mafoma os seus servidores! Quando apontava á entrada da povoação, um mendigo coxo, agarrando-se-lhe ao albornoz, pediu-lhe esmola como o pobre a S. Martinho. Soccorreu-o Bu-Akas com a liberalidade de um bom musulmano; mas o mendigo não lhe soltava o albornoz.

—Que me queres? disse-lhe Bu-Akas. Pediste-me esmola; já te satisfiz.

—Sim, redarguiu o coxo; mas o alcorão não diz sómente «darás esmola ao teu irmão;» mas tambem «faz por teu irmão quanto puderes fazer.»

—Então, que queres que te eu faça?

—Podes evitar que eu, pobre reptil, vá a rastos, e seja atropellado por homens e camellos, por entre os quaes terei de caminhar se chegar ao povoado, cousa mui difficil hoje.

—E como has de evital-o?

—Levando-me á garupa até á praça do mercado aonde desejo estar.

—Seja, disse Bu-Akas, ajudando o coxo a subir á garupa, o que a final póde conseguir-se, mas com bastante difficuldade; e assim atravessaram as ruas da povoação, excitando a geral curiosidade.

(Continúa).

CÔR LACTEA DO MAR.

O sr. Grafton Chapman chamou recentemente a attenção da academia das sciencias de Paris sobre a coloração insolita que observára no mar, e que dava á agua a apparencia de leite. O sr. Dareste, por esta occasião, provou que muitas observações do mesmo genero se encontravam nos diarios das viagens maritimas. «Estes phenomenos, diz elle, são muito mais frequentes que as colorações vermelhas, manifestando-se especialmente nos mares intertropicaes. Parecem sobretudo mui frequentes no golfo de Guiné e no golfo Arabico; a maxima parte das observações colhidas refere-se áquellas duas localidades. Na ultima está averiguado que o phenomeno fôra conhecido dos antigos, mais de um seculo antes da era Christã. É de presumir que seja produzido por causas diversas, como a dos mares vermelhos e a dos mares de côr sanguinea. Todavia, no maior numero dos casos, como no da memoria do sr. Grafton Chapman, manifestou-se ao mesmo tempo que a phosphorecencia; póde pois fundadamente suppôr-se que é produzido pelos proprios animalculos phosphorescentes.

Nas bellas experiencias feitas em Bolonha pelo sr. Quatrefages, este sabio reconheceu que os noctilucos que produzem este phenomeno não soltam sempre chispas vivas e brilhantes, e que, em determinadas circumstancias, esta luz é substituida por uma claridade fixa e pouco intensa, que dá aos referidos animalculos certa côr estranquiçada. E por isso não admira que, apresentando-se elles em enormes cardumes, possam tingir as aguas do mar, n'uma extensão consideravel, da côr do leite.

Comtudo parece que nem só os noctilucos gosam de tal propriedade. Na observação do sr. Crafton Chapman os animalculos productores da coloração alvacenta e da phosphorecencia suppõe elle serem animaes aggregados, provavelmente *salpas e pyrosomos.*

«Finalmente, accrescenta o sr. Dareste, da mesma fórma que tentei demonstral-o pelo que respeita á coloração vermelha, estas côres esbranquiçadas ou lacteas observam-se frequentemente, e quasi sempre nas mesmas paragens.»

O illustre naturalista conclue citando em abono da opinião que sustenta o exemplo succedido nas proximidades das ilhas de Cabo Verde, segundo a relação da viagem da *Venus*, por Dupetit-Thours. N'estas circumstancias a côr alterada da agua foi attribuida á presença de pequenos animalculos ou molluscos a que os inglezes chamam *squid*. Das diversas observações feitas n'estas viagens colhe-se que as aguas apresentando a côr lactea ou outra são limitadas, e não mudam de situação de uma maneira muito sensivel

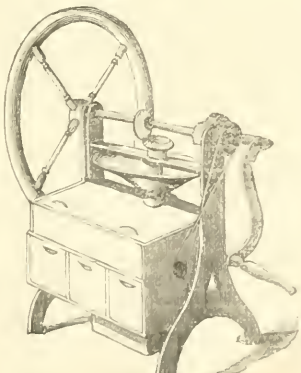
PENDÃO E CALDEIRA INSIGNIAS DE NOBREZA.

O pendão e a caldeira eram as insignias e distinctivos dos ricos-homens desde o tempo dos godos até o seculo XV, em que de todo se extinguiu este titulo da antiga nobreza, substituido por outros, que actualmente venerâmos. Pelo pendão se mostrava o poder e auctoridade de alistarem os seus vassallos, para a guerra; pela caldeira, que no mesmo pendão ou estandartes estava pintada, queriam dizer que tinham muitos bens, munições de bôca e dinheiros para lhes pagar e os manter. E d'aqui a phrase *guisar caldeira*, por dar mantimento aos soldados. Em as historias de Hespanha e Portugal lemos, que os reis instituiam os ricos-homens dando-lhes o *pendão* e a *caldeira;* o que parece denota não pintura, mas realidade d'esta mysteriosa e honrada insignia. Na celebre igreja, e antiquissima, de Santa Maria de Saboroso, que hoje se acha na freguezia de Barcos, para onde o titulo se mudou já nos fins do seculo XIII, se encontram notaveis campas com insignias militares, e algumas nos mostram caldeiras penduradas, e suspensas de lanças, que nas ditas campas se acham esculpidas.

VITERBO—ELUCIDARIO.

SUBMERSÃO DE 75 GEIRAS DE TERRENOS.

Na communa ou concelho de Arnaess, Noruega, a 17 de setembro de 1854, um terreno de 75 geiras de extensão abateu 122 metros. Compunha-se, pela maior parte, de prados artificiaes. Nunca ali acontecêra cousa similhante. O estrondo causado pela submersão das terras ouviu-se a distancia de 17 leguas. Em diversos pontos do solo abatido rebentaram repuxos de agua de quatro a cinco pés de altura. Na occasião do successo nem a temperatura do ar, nem o tempo, que estava mui sereno, soffreram a mais pequena alteração.



NOVO MOINHO MOVEL.

A estampa representa um novo moinho movel, de braço, e com peneiro, inventado por Dean e Evans. Esta pequena e elegante machina póde moer e pe-

neirar por hora nove a dez litros de cereaes, como o trigo, o milho, a cevada etc.

Póde ter a caixa do moinho cêrca de 90 centimetros de largo sobre 60 de fundo. No *gargalo* (cuvette) deita-se o grão que tem de ser moido pelo *veio* noix) do mesmo modo que acontece nos moinhos de café.

A manivella que faz mover o volante ao mesmo tempo que as duas rodas angulares, que põem em acção o veio, imprime igualmente o movimento ao peneiro, por meio de duas engrenagens e duas roldanas de pau, ás quaes se ajusta uma correia. O grão moido entra no peneiro, que é dividido em tres grossuras de sedas, e a farinha cae então no ultimo repartimento. Póde-se, querendo, retirar o grão, peneirado de tres grossuras differentes, e tornal-o a deitar no gargalo, apertando depois o veio com a competente chave de registo, conseguindo-se assim que a farinha tenha toda a finura e pureza que se deseje.

Ha uma outra pequena machina, devida ao engenho de Grandjouan, que custa em París uns 9$000 réis, com a qual se podem obter farinhas ainda mais finas; sendo porém o trabalho mais violento de moagem feito na machina de Dean e Evans.

São estes os instrumentos mais baratos que a industria póde fornecer hoje ás familias, principalmente ás que vivem nos campos, para as quaes seria realmente economica e vantajosa a sua adopção.

O systema de construcção do novo moinho movel é mui simples, e por isso não nos resta duvida alguma de que as nossas fabricas de fundição de ferro estão completamente habilitadas, não só para os fazer, como tambem para os apresentar no mercado por um preço modicissimo.

Vimos recommendado na passada crise dos cereaes o estabelecimento de moinhos a vapor nas immediações do Porto, como um meio que devia concorrer para baratear o preço do milho, com que, quasi exclusivamente, se sustentam os habitantes do norte do reino.

Sem contestar a utilidade de taes estabelecimentos de moagem a vapor, parece-nos que não seria desconveniente nem desacertado introduzir do estrangeiro, ou fabricar no paiz, como se entendesse melhor, os novos moinhos de Dean e Evans, que têem sido reputados pelos homens mais competentes em França e Inglaterra, como uma invenção verdadeiramente util, e de uma applicação vantajosissima.

EXPLORAÇÃO DO INTERIOR D'AFRICA.

I.

OS POVOS MARAVES.

Frequentes vezes em diversas obras temos encontrado largas e pomposas relações de algumas viagens de exploração feitas por aventureiros inglezes, francezes e de outras nações ao interior da Africa, que é de todas as partes do mundo a menos conhecida talvez ainda hoje; omittindo-se n'ellas, ou fallando-se apenas de passagem, nas que têem sido emprehendidas por portuguezes.

E todavia é certo que, mórmente nos ultimos annos, temos acompanhado, de um modo que nos não deslustra, as nações que marcham á frente da civilisação, no louvavel zêlo com que se occupam do estudo serio e meditado dos grandes e difficeis problemas que offerece a geographia e a topographia d'aquellas remotas regiões. Que escriptores estranhos fossem réus d'aquella injustiça, não era para estranhar; mas que os proprios nacionaes incorressem na mesma omissão, é o que custa a comprehender, e não póde mesmo explicar-se senão por uma especie de lepra moral que inficciona toda a sociedade portugueza, aggravando as causas deprimentes que actuam de longa data sobre ella.

Desgraçado systema é este de exaltarmos até o enthusiasmo feitos, ainda os menos importantes, praticados por estranhos, menosprezando os trabalhos dos corajosos exploradores luso-africanos, dos quaes alguns têem pago com a vida o seu amor pela sciencia, ou a sua obediencia a ordens superiores. Não será isto desconsiderarmo-nos nós mesmos aos olhos da Europa, que aliás nos contempla com sympathia, e reconhece com gratidão os serviços prestados pelos do nosso sangue á causa da civilisação universal?

Estas reflexões foram-nos suggeridas pelo apparecimento do *Diario da expedição portugueza*, dirigida ao *Muata Cazembe* nos annos de 1831 e 1832. É um grosso volume, ornado de numerosas estampas e um mappa illustrativo, e seguido de varias notas, esclarecimentos e confrontações com os relatorios de outros exploradores recentissimos (1).

A expedição, a que o livro diz respeito, tinha por fim estabelecer solidas relações de amizade e commercio com o Muata Cazembe, poderoso regulo africano, cujos dominios se calcula estarem a meio caminho entre as costas occidental e oriental de Africa; esta missão fôra no anno de 1798 confiada ao intelligente doutor Lacerda, cujo diario só se publicou muitos annos depois nos *Annaes maritimos e coloniaes*.

Depois de incriveis privações por territorios povoados de cafres, na maior parte ferozes ou ladrões, recolheu a expedição a Tete, d'onde partíra, cruelmente diminuida, e sem ter conseguido o objecto a que se havia dirigido. Entretanto, o diario que ultimamente saíu á luz, é já um excellente resultado, e póde ser um auxilio precioso, quando o governo da metropole se decida a voltar para as nossas possessões africanas a attenção divertida porventura para assumptos de menos momentosa importancia.

É certo que ao sr. major Gamitto, redactor do diario a que nos referimos, faltavam, (e elle ingenuamente o confessa) certas habilitações necessarias a quem explora scientificamente qualquer paiz ou região. Como, porém, em compensação d'aquella falta, aliás sensivel, o sr. Gamitto, auxiliado pelos seus conhecimentos praticos, e por um espirito de investigação bastante pronunciado, dá-nos no seu livro a minuciosa narração dos costumes e instituições dos povos que visitou, descreve com cuidado o aspecto geral do paiz, aponta os accidentes topographicos mais notaveis, e finalmente apresenta alguns alvitres que não são para desprezar, quando se trate deveras de civilisar as vastas possessões que ainda nos restam, e que são um testemunho eloquente da gloria dos nossos antepassados, e da nossa imprevidencia politica actual.

D'aquella obra, que, em nosso entender, é a mais noticiosa que de ha annos a esta parte se tem publicado em similhante genero, tomaremos alguns tre-

(1) O Muata Cazembe e os povos maraves, chevas, muizas, muembas, lundas e outros da Africa austral. Diario da expedição portugueza commandada pelo major Monteiro, e dirigida aquelle imperador nos annos de 1831 e 1832, redigido pelo major A. C. P. Gamitto. Lisboa, Imprensa Nacional. 1854. 1 vol. de 500 paginas em 8.° fr. com 20 estampas, e um mappa

chos, que nos pareceram mais curiosos, dando-lhes todavia outra redacção, mais conforme com a indole d'este semanario, e mais em harmonia com o fim que nos propomos, que é vulgarisar as noticias n'ella contidas.

Divide o sr. Gamitto os povos africanos, que tratou e viu na sua viagem, em cinco grandes grupos ou familias principaes, que são os maraves, os chévas, os muizas, os muembas e os lundas.

N'este primeiro artigo trataremos dos povos maraves.

O territorio conhecido hoje pelo nome de Marave confina ao poente com o regato Chombue, que o divide dos chévas; ao nascente com a torrente Mucâcâmue, que o separa dos dominios portuguezes do districto de Tete; ao norte com os bòròros e màganjas; e ao S. com o rio Zambeze, que o divide dos munhaes do Monomatapa, e com as terras portuguezas do districto acima indicado.

É impossivel calcular a extensão superficial d'este territorio; mas o sr. Gamitto suppõe que deve ser mui consideravel, asseverando que na parte em que o atravessára a expedição, que não foi na sua maior largura, tinha umas cincoenta e nove leguas.

Antigamente era esta região dividida em dous estados; munhaes e maraves; hoje, porém, estes povos têem tomado diversas denominações. Chamam-se maraves, propriamente ditos, os que deixâmos referidos. Boróros os que povoam a margem esquerda do Zambeze, e confinam com as terras do districto de Quilimane, e a O. com o rio Chire. Entre estes e a Lupáta estão os màganjas; d'ahi para o norte pela costa até cabo Delgado, habitam os macúas. Ao poente dos maraves até ao rio Aruàngoa, vivem os chévas, e ao nascente d'estes, e junto á foz d'aquelle rio, acham-se os sengas, e entre estes e as terras portuguezas da esquerda do Zambeze estão os mogoas. Ao nascente dos macúas, e na margem do rio ou lago Nhanja estão os mujaus, ou angúros. Todos estes povos são, porém, independentes uns dos outros, posto que pertençam á raça marave, e tenham os mesmos usos, costumes, linguagem, etc.

Em geral o paiz dos maraves é muito cortado de rios, abundante de aguas, e atravessado por continuas cordilheiras e altas serranias, que este povo prefere para n'ellas construir as suas povoações, tendo apenas nos valles pequenas aldeiolas, que lhes servem como de vigias ou postos avançados.

O clima é agradavel na estação do estio; isto é, de maio a setembro; na estação chuvosa o sol é ardente.

Posto que na infancia da civilisação os maraves têem uma organisação politica regular e accommodada aos habitos das raças cafres.

O chefe da nação marave tem o titulo de *unde;* as suas ordens são executadas sem replica nem objecção em todos os pontos do territorio onde a sua auctoridade é reconhecida: mas não decide o unde negocio algum importante sem ouvir um conselho, composto em geral de anciãos. Este conselho raras vezes se congrega em sessão secreta; reune-se de ordinario debaixo de uma grande arvore, que ha na Muzinda (nome da povoação em que reside o *mambo* ou *fumo*) ao tronco da qual se encosta o unde, sentado; sentando-se tambem em torno d'elle, assim os membros do conselho, como todos aquelles que requerem assistir á audiencia. A povoação em que reside o unde chama-se *Muzinda-a-Unde.*

Todo o paiz marave é dividido em provincias de maior ou menor extensão, governadas por *mambos,* e estas subdividem-se em districtos cujos chefes são os *fumos.* Nem o unde, nem os fumos usam da insignia alguma; a maior parte das vezes andam cobertos com uma pelle, ou com uma nhanda, especie de panno feito do entrecasco de certa arvore.

O governo dos maraves é hereditario e despotico; porém o systema de successão que seguem é singularissimo; porque não é o filho que succede ao pae na posse e administração dos seus estados, senão o sobrinho filho de irmã, e nunca de irmão, e na falta d'este, o irmão do morto.

Não se cuide comtudo que a mudança de um mambo ou fumo se realisa sempre pacificamente; pelo contrario é rarissimo que assim aconteça. De ordinario ao fallecimento de um d'aquelles regulos segue-se uma guerra em que tomam parte muitas das provincias, e que ás vezes sómente termina quando é totalmente aniquilado um dos partidos contendores.

Quando os fumos estão em guerra os mambos, a quem são subordinados, não se intromettem n'ella, e no fim recebem um tributo; se um dos fumos foi morto, e o seu logar usurpado pelo seu adversario, este, pagando tambem um tributo ao mambo, fica reconhecido na posse legal do seu districto. Por similhante systema já se vê quão frequentes e terriveis serão as guerras entre as differentes provincias em que se divide o territorio marave.

Este povo não tem legislação escripta; todas as suas leis são tradicionaes. Os casos julgados servem de regra nos processos futuros; as leis, porém, relativas aos crimes de feitiçaria, adulterio, latrocinio, e homicidio são invariaveis.

Como todos os povos cafres não têem os maraves systema de guerra regular; a disciplina é-lhes inteiramente desconhecida. Caminham para a campanha armados de arcos, flechas envenenadas, azagaias, machadinhas e facas; chegando á frente do inimigo soltam estrepitosos alaridos, e começam de disparar flechas, não largando o abrigo das arvores, ou outros objectos que os defendam. Não tem capitães; cada um combate como quer, e da fórma que lhe parece mais conveniente, attendendo sómente á sua conservação.

Não emprehendem os maraves a guerra sem consultarem os seus gangas. Ganga, ou surjão, (voz talvez derivada da palavra portugueza cirurgião) é o que adivinha, por meio de suppostos sortilegios ou encantamentos.

N'estes charlatães põem os maraves toda a confiança. Se o successo é feliz, os gangas attribuem-o a si exclusivamente; e se, pelo contrario, é adverso, criminam alguem pela quebra dos extravagantes preceitos que costumam impôr, os quaes consistem ordinariamente na abstinencia de certas comidas, na de cohabitação com pessoa de differente sexo, etc. etc.

Não se conhece a este povo outro culto mais do que uma grosseira idolatria. Crêem comtudo na existencia de um poder supremo e invisivel, na transmigração da alma, ou metempsycose, e attribuem aos *muzimos,* ou almas dos seus antepassados, todo o bem ou mal que lhes succede. Todas as calamidades publicas são attribuidas á falta de offertas e primicias aos muzimos, e as particulares lançadas á conta de feiticeiros; pelo que n'estes casos recorrem aos gangas, que não deixam nunca de confirmar a suspeita, pronunciando alguem. Uma molestia prolongada; um desastre, a morte subita, são acontecimentos pelos quaes consultam o ganga, que depois de indagar toda a vida do indiciado, vae por ella saber quaes as pessoas com quem tem tido desavenças ou inimizade,

e as mais fracas d'estas são por elle escolhidas e declaradas feiticeiras (*fite* ou *muroi*); em consequencia do que são logo citadas, e tornadas responsaveis pela cura do enfermo e reparação do mal; não podendo, ou não querendo fazel-o, são obrigadas a justificar-se pelo *muave*. Depois diremos como se realisa esta especie de justificação, digna em tudo de taes povos.

Como já dissemos os maraves crêem na immortalidade da alma, que, na opinião d'estes barbaros, depois de solta das prizões terrenas, passa para o corpo de um irracional; as almas dos que viveram santamente no mundo (muzimos) passam para as cobras chamadas inhamezarumbo, e as dos maus ficam errantes, e sem abrigo, e passam, ou para o corpo do quadrupede, chamado canduè, animal parecido com a rapoza, e cujo regougar lugubre o faz considerar de mau agouro; ou para o de outro quadrupede chamado *tica*, que nas terras portuguezas chamam *quizumba* (*canis aureus* ou *chacal* dos naturalistas).

Crêem os maraves que tanto as boas como as más almas exigem primicias de tudo quanto os seus descendentes possuem, aliás castigam-nos mettendo-se-lhes no corpo, que não abandonam sem promessas feitas ao som de tambores e cantigas, que o possesso acompanha, dansando até cair desfallecido pelo excesso da dansa; porém, recuperadas as forças, recomeça tão violento exercicio; e se acontece morrer n'essa occasião, é porque, dizem elles, commetteu culpa grave, e o muzimo implacavel só se satisfez com a morte do criminoso.

Se succede o contrario, é porque se contentou com as offertas, que constam ordinariamente de *pombe*, gallinhas, milho, legumes; mas tudo preparado, e em estado de se comer. Annualmente, no tempo das colheitas, vão levar aos muzimos as primicias d'ellas, que depositam no *tenge*, ou cemiterio, o qual sempre é um bosque ou matta, que elles respeitam como sagrado.

N'estes bosques onde jazem os mortos é prohibido cortar qualquer arvore, e muito menos matar qualquer animal, seja qual for a sua especie, porque em tudo e em todos se julga existir uma alma ou muzimo.

(Continúa.)

EPHEMERIDES HISTORICAS.

JULHO 1

1801 — Declaração da independencia do Haiti.

2

1035 — Morte de Roberto do Diabo.

3

1670 — Morte do celebre Monk.

323 — Derrota de Licinius por Constantino perto de Andrinople.

4

936 — Morte do imperador de Allemanha Henrique I.

1830 — Tomada da cidadella de Argel pelo marechal Bourmont.

5

1770 — Os russos destroem a esquadra turca em Tchesme.

1531 — Alexandre de Médicis é declarado chefe da republica de Florença.

6

1533 — Morte do famoso Ariosto, auctor do *Orlando Furioso*.

1446 — Desbarato de Carlos de Gonzaga pelos venezianos.

1809 — Napoleão I manda prender o pontifice Pio VII.

7

1810 — Os inglezes apoderam-se da ilha de Bourbon.

1647 — O povo de Napoles, opprimido de tributos, subleva-se contra os hespanhoes, elegendo para seu chefe a Thomaz Aniello (Mazzaniello).

8

1832 — A expedição constitucional commandada pelo sr. D. Pedro IV, desembarca sem resistencia nas praias do Mindelo.

9

1762 — Catharina II é acclamada imperatriz da Russia.

1846 — Tomam os americanos do norte S. Francisco da California.

10

138 — Morte do imperador Adriano.

1184 — O exercito sarraceno é desbaratado, quasi sem combater, em frente de Sautarem por D. Affonso Henriques.

11

1799 — Batalha de Aboukir.

1709 — Batalha de Pultawa em que os suecos, commandados por Carlos XII, foram derrotados pelos russos que capitaneava o grande Pedro I.

12

1735 — Tomada de Trapani pelos hespanhoes.

13

1842 — Morre o duque de Orleans, filho do ultimo rei dos francezes Luiz Filippe, em consequencia da queda de um carrinho.

14

1024 — Morte do imperador de Allemanha Henrique II.

1836 — Incendio do edificio, que fôra palacio da inquisição, em que então estavam estabelecidas as repartições do thesouro, e que hoje é o sumptuoso theatro de D. Maria II em Lisboa.

15

1579 — Fallece em Lisboa, com 70 annos de idade, o jesuita Simão Rodrigues, de triste memoria.

1410 — Os cavalleiros teutonicos são destroçados pelos polacos.

16

1668 — Fundação da congregação do Oratorio.

17

1347 — Assassinato de Jaques Artevelle em Gand.

1841 — Coroação do actual imperador do Brazil o sr. D. Pedro II.

18

1630 — Mantua é saqueada pelos imperiaes.

19

1836 — Morte do notavel publicista Armand Carrel, em consequencia do ferimento que lhe fizera em duello Emilio de Girardin.

20

1180 — Victoria naval alcançada por D. Ruas Roupinho, junto ao cabo de Espichel.

21

1773 — Extincção da companhia de Jesus pelo papa Clemente XIV (Ganganelli).

1831 — É acclamado rei dos belgas o principe Leopoldo de Saxe Cobourg.

ESTATUAS COLOSSAES NA ILHA DAS PASCOAS.

VIAGEM PICTORESCA Á RODA DO MUNDO E AOS DOUS POLOS.

SECÇÃO II.

O Japão. — A China. — As Filippinas. — Manilla. — Bornéu. — Os piratas malaios. — Corta-se a linha no estreito de Macassar. — Celebes. — As Molucas. — Timor. — Nova Guine. — Nova Hollanda. — O grande oceano Equatorial. — A ilha de Taiti

Eis-nos cortando o equador no estreito de Macassar. Bornéu já fica longe pela alheta de estibordo; e por bombordo da prôa apparece-nos a ilha de Celebes. Ancoremos na rada de Macassar, á beira da qual se estende a cidade do mesmo nome, capital das possessões hollandezas n'estas paragens. A povoação divide-se em duas partes distinctas: o bairro malaio e o bairro hollandez. Este, compõe-se de ruas largas, bem alinhadas, e cortadas em angulos rectos; a principal é um verdadeiro bazar, onde se encontra uma immensa variedade de industrias.

A ilha de Celebes compõe-se de quatro peninsulas, ligadas por pequenos isthmos, e separadas por tres profundas bahias. Alguns ribeiros a cortam em differentes direcções, por entre montanhas de phantastica apparencia, e banhando os pés de arvores singulares. No meio de formosas paizagens, vê-se crescer n'este solo abençoado a mais variada collecção de saborosos fructos, e flores de embriagantes aromas. A camphora, o sandalo, a pimenta, a teca, o cedro, a noz moscada, o cravo da India, dão ainda maior riqueza a Celebes do que as suas minas de ouro, ferro e cobre, do que os preciosos cristaes que coroam as suas montanhas. Concluiremos, quanto a esta ilha, citando as palavras de Rienzi: «O faizão dourado, o ádem, o ganso, as rolas, as gallinhas e pombos (diz o elegante escriptor) encontram-se aqui em grande abundancia, e por preço modico, bem como o peixe de mar e o d'agua doce. As chuvas frequentes e o ardor do sol equatorial dão a toda a vegetação uma tal fecundidade, uma graça, uma verdura, um vigor desconhecidos em nossos tristes climas; os animaes multiplicam-se rapidamente, os passaros encantam os ouvidos, os insectos deslumbram a vista, e os peixes descrevem circulos de ouro, de rubis, de saphira e de opala sobre a esmeralda das aguas.»

Não examinaremos detidamente o archipelago das Molucas, antigo theatro da gloria portugueza, e rico manancial de lucrativo commercio, que herdaram de nós os hollandezes. Contemplemos de longe essas duas ilhas, famosas nos fastos da nossa historia:

> Assombroso Tidor, Ternate ardente,
> Que embalsamando estão o céu fervente.

E inclinando para o austro, tocaremos em Timor, unico padrão de gloria que conservámos na quinta parte do mundo. A capital do nosso estabelecimento é Dilly, na costa do norte: insignificante povoação, que cáe em ruinas. Os hollandezes possuem ao sul a cidade de Cupão, florescente como todas as colonias d'este povo commercial. O paiz é montanhoso, e posto que cortado por varios rios, escaço de agua po-

tavel; o seu clima é humido e doentio. Devemos evitar o orvalho e o ardor do sol. O aspecto da ilha não denuncia a sua insalubridade: muita vegetação, excellente pau de sandalo, especiarias, a arvore do pão, que ahi se encontra a cada passo, e com dimensões gigantescas, a mandioca, o café, o betel, que se masca em toda a India e China como tabaco, os ninhos de passaros, que exporta para o celestial imperio, minas de cobre em abundancia, taes são as riquezas de Timor, quasi inteiramente desaproveitadas pelos portuguezes de hoje. A maior parte dos habitantes d'este extenso paiz são negros e mestiços, porém a principal cultura está confiada a colonos chins, sob a direcção dos poucos europeus aqui estabelecidos.

Passando pelo estreito de Torres, entre a Nova Guiné e a Nova Hollanda, digâmos algumas palavras ácerca d'estes dous paizes, antes de nos enredarmos no labyrinto de archipelagos, que se estende ao sul do equador por toda a largura do Grande oceano.

A ilha que os hespanhoes denominaram Nova Guiné, em vista da côr negra dos seus habitantes, é povoada por uma raça particular de homens, a que chamâmos *papuas*. N'isso se distingue ella das outras ilhas da Oceania, com as quaes partilha a fertilidade do solo. A Australia, porém, ou Nova Hollanda, impressionou vivamente os seus primeiros visitadores, porque tudo que ahi observaram lhes pareceu differente do que haviam encontrado nas outras partes do mundo. A natureza caprichou em desprezar n'esta grande ilha, a maior do globo, ou antes, n'este terceiro continente, as regras que a si mesmo se impoz no resto do orbe. Vêem-se ali cerejas com o caroço para fóra; um animal monstruoso, direito como uma estaca, mas com cabeça de coelho; outro do tamanho de um gato, com olhos e pelle de toupeira, porém com cabeça e pés de pato; uma especie de papagaio com pernas de gaivota; o celebre kangorú, cuja pequena cabeça está em desproporção com o corpo e com a extensão da cauda; um quadromano similhante a uma lebre, mas com a particularidade de poder voar! Até os cães da Nova Hollanda differem dos nossos em não ladrarem. Nos seus rios e ensoadas encontram-se cisnes pretos, tartarugas verdes, e rans azues; crocodilos, tubarões e outros peixes vorazes, entre os quaes um que salta em terra, ajudado por formidaveis barbatanas.

A botanica tem sido consideravelmente enriquecida pelas numerosas plantas descobertas na Australia, e todavia os europeus pouco tem explorado o sertão d'este mundo novissimo. Nas suas costas, visitadas successivamente pelos mais celebres navegadores modernos, erguem se hoje sumptuosas cidades ao lado de riquissimas minas, que rivalisam com as da California. Milhares de aventureiros correm todos os annos a augmentar a população dos estabelecimentos inglezes da Nova Galles do Sul (costa oriental da Australia), e as linhas de vapores tem posto este longiquo paiz em communicação immediata com a Europa. Sidney, a capital da colonia britannica, que talvez brevemente seja a séde de um governo independente, dos estados unidos da Oceania, é uma cidade rica e populosa, cujo engrandecimento tem sido rapido e assombroso n'estes ultimos tempos.

Os indigenas d'esta região são da raça dos negros, preguiçosos, desconfiados e immundos; usam de ossos passados pelas cartilagens do nariz, e esfregam o corpo com azeite de peixe, o que produz um cheiro repugnantissimo para os europeus. Quando um d'estes selvagens tem escolhido a mulher que lhe convem para esposa, espera-a no campo, derriba-a ás pauladas, e leva-a para casa.... que singular maneira de patentear o amor!....

Saindo do mar de Coral, e deixando pela pópa o archipelago de La Peyrouse, onde se perdeu o intrepido circumnavegador francez, e o archipelago dos Navegadores, descoberto por Bougainville, aprocmos ás ilhas da Sociedade ou de Taití, e d'entre ellas busquemos, para repousar alguns dias, e tomar refrescos, a formosa insula *Sagitaria* de Queiroz, a *Nova Cythera* de Bougainville, a *Taiti* das rainhas Pomarés.

Quem, tendo lido as enthusiasticas narrações dos primeiros exploradores de Taití, não arderá em desejos de visitar este eden, que a chamada civilisação tem diligenceado transformar n'um inferno!?... Olha, amigo leitor, como se elevam em amphitheatro essas engraçadas montanhas, cobertas de frondoso arvoredo, que não deixa perceber a arida nudez dos rochedos; admira esse magestoso pico, cujo cimo isolado se corôa de vegetação, e que parece de longe uma pyramide gigantesca, ornada de grinaldas verdejantes pela mão de habil armador; contempla as planicies entrecortadas de prados e risonhas selvas; e toda a beira-mar plantada de bananeiras, coqueiros, e outras arvores carregadas de fructo, sombreando as graciosas cabanas dos insulares; vê essa soberba cascata, que se precipita escumando do alto de erguido monte; pasma da abundante variedade de productos naturaes, que se te apresenta aos olhos em toda a extensão da ilha, e confessa que nem se podem sonhar taes maravilhas nas pobres campinas da Europa!

Das pirogas que nos cercam erguem-se os braços de muitos homens robustos e airosos, offerecendo-nos côcos, bananas, e outros fructos e viandas do paiz: e acompanham-n'os formosas mulheres, que, segundo a opinião de Bougainville, não cedem na graça do rosto ao maior numero das européas, e excedem a todas ellas na belleza do corpo. Seus olhos, accrescenta Cook, são cheios de expressão, ou scintillantes de fogo, ou maviosamente doces; seus dentes, quasi sem excepção, muito iguaes e alvissimos; e o seu halito perfeitamente puro.

Todos os fructos de que se alimentam os taitianos, são producções espontaneas da natureza, ou dependem apenas de uma singela cultura; de fórma que se póde reputar este povo isento do anathema geral que impõe ao homem «comer o pão com o suor do rosto.» Affaveis e civis os encontraram os primeiros navegadores que descobriram as suas praias, posto que o estado primitivo da natureza em que viviam lhes não fizesse suspeitar a idéa do que fosse indecencia, e que todos os seus desejos e paixões se satisfizessem em publico, sem o menor escrupulo. Esta felicidade descreve poeticamente Deslandes nos seguintes versos:

Sous ce ciel éthéré, sur ces jeunes rivages,
Les maisons sont sans murs, les toits sont des feuillages
L'air avec ses parfums rend le sommeil plus doux;
Les freres et les soeurs, et l'epouse et l'époux,
Sur un sol que jamais n'ont foulé les reptiles,
Ont des jours enchanteurs et des nuits plus tranquilles.
Ont des fêtes, des jeux, ont la paix et l'amour,
Et tous les vrais plaisirs enchantent leur sejour.

Não se encontram em Taití animaes venenosos, nem os impertinentes insectos que infestam os paizes tropicaes. O clima é muito saudavel; e apesar de situada na zona torrida, esta ilha não soffre calores excessivos. Differentes dos povos selvagens, os tai-

tianos não encarregam as mulheres do trabalho da cultura: o bello sexo vive na ociosidade, e só trata de agradar aos homens. Antes que os inglezes transportassem a Taití a semente do *spleen*, o prazer era a principal occupação d'estes insulares, costumados ao repouso e á paz.

O christianismo tem abalado o uso da polygamia, outr'ora geral na ilha, onde o amor era a paixão predominante, e conseguiu extinguir a barbara usança dos sacrificios humanos. Mas em troca quantos males levaram os europeus áquelle paraizo terrestre, á flôr da Oceania?... Basta a syphilis que elles ahi introduziram, para marcar a sua passagem como calamitosa para aquelle povo, além de muitas perdas moraes em seus innocentes costumes!

Os taitianos são valentes e sinceros, sem reserva, e incapazes de uma perfidia; nada inclinados á vingança, nem á crueldade. De estatura um pouco acima do commum dos europeus, os seus movimentos revelam ligeireza e vigor, as suas maneiras são agradaveis e nobres. Foi-lhes fatal o contacto dos povos civilisados: primeiro com as missões inglezas, depois com o protectorado da França.

Imaginaste nunca que, entre os milhares de ilhas que esmaltam o vasto oceano Equatorial, se encontraria este Elysio? No meio de tão risonhas collinas tereis saudades do aspecto severo das nossas montanhas?... Só se a idéa da patria, a lembrança de um objecto querido que lá vos ficou, tiver força para velar tantas bellezas, cerrando-vos os olhos corporaes.

O pavilhão francez fluctua hoje sobre os estados da rainha Pomaré, mas a Nova Cythera ainda é um eden como appareceu a Queiroz, a Bougainville, a Wallis, a La Peyrouse, a Cook! Esta rival da ilha de Calipso, ou antes esta realisação do sonho mythologico, não abdicou o seu justo titulo de rainha do Pacifico!... Examinae miudamente todos os encantos que encerra, e achareis que vale mais do que a pittoresca Italia, a romantica Andaluzia, e o fabuloso Oriente!

Custa-vos por certo ter de deixar este paraizo? Porém a nossa viagem não termina aqui. É mister seguir em busca de outros paizes; teremos ainda muito que ver e que admirar, antes de volver a Lisboa.

Lisboa! Quanto mais longe de ti nos achâmos, mais querida és para nós! O prisma, atravez do qual se enxerga a patria, aviva tanto mais as côres dos campos da nossa infancia, quanto mais nos alongâmos d'elles! É que foi ahi que vimos o primeiro alvorecer do dia; foi ahi que as mais santas affeições nos embalaram; foi ahi que apertamos os dous laços do amor e da familia!... Lisboa, minha terra natal, quantas vezes tenho desejado fugir para sempre do teu seio; e quantas mais vezes, distante das tuas ribas, tenho suspirado por te ver, desdenhando outra qualquer ventura!... Ainda que desamorada sempre es mãe: e um filho não renega sua mãe!...

(Continúa.)

F. M. Bordaro.

A JUSTIÇA NA ARGELIA.

BU-AKAS-BEN-ACHUR.

—Então é aqui que desejas ficar? disse Bu-Akas ao coxo.

—Sim, redarguiu este.

—N'esse caso, apeia-te.

—Apeia-te tu primeiro.

—Se é para te ajudar, convenho.

—Não. É para que me largues o teu cavallo.

—E para que hei de eu largar-te o meu cavallo?

—Porque é meu, e isto pela simples razão que o preciso.

—Ora essa tem que ver!

—Escuta e reflecte, disse o coxo.

—Escuto, e reflectirei.

—Nós estamos na tribu do cadí justo.

—Bem sei.

—É natural que queiras demandar-me perante elle.

—É muito provavel.

—Julgas tu que vendo-nos o cadí aos dous, a ti com excellentes pernas, que Deus destinou para caminhadas e fadigas, e a mim coxo e aleijado, julgas tu, repito, que elle não ha de suppôr que o cavallo pertence áquelle a quem é indispensavel para viajar?

—Se tal suppozer, deixará de ser o cadí justo, respondeu Bu-Akas.

—Chamam-lhe o cadí justo, acudiu o coxo a rir; mas ainda ninguem se lembrou de lhe chamar o cadí infallivel.

—Ora pois! disse comsigo Bu-Akas, batendo o pé no chão; aqui tenho uma excellente occasião de avaliar por mim mesmo o afamado juiz; vamos lá ter com o cadí, disse a cheik ao coxo.

E Bu-Akas, abrindo caminho, conduziu pela redea o seu cavallo, sobre o qual ía repoltreado orgulhosamente o malicioso coxo. Quando chegou cêrca do tribunal, o juiz, segundo o costume arabe, estava publicamente administrando justiça.

Dous outros julgamentos estavam pendentes, que naturalmente deviam resolver-se antes do negocio dos nossos litigantes. Bu-Akas misturou-se com os espectadores, e poz-se em observação. A primeira demanda era entre um taleb e um aldeião, um sabio e um pobre trabalhador.

Tratava-se da mulher do sabio, que o trabalhador havia roubado, sustentando agora que era a sua propria mulher. Comtudo nem a um nem a outro reconhecia a mulher por seu marido, e isto tornava um pouco difficil a solução de tão singular disputa. Ouviu o cadí a ambas as partes, e reflectindo um momento, disse: Deixae-me a vossa mulher, e voltae ámanhã. Retiraram-se com effeito o sabio e o trabalhador cada um para sua banda.

Seguia-se um segundo litigio que tinha logar entre um carniceiro e um vendilhão de azeite; um e outro traziam em suas pessoas claros vestigios do mister a que se dedicavam.

Disse o carniceiro: Comprei a este homem uma garrafa de azeite, e para pagar o importe metti a mão na algibeira, e tirei para fóra um punhado de differentes moedas, cuja vista tentou de certo o azeiteiro, que estendeu a mão para as agarrar; mas como não m'as pudesse tirar, segurou-me o braço; gritei *aqui d'el-rei!* e apesar d'isso não quiz soltar-me, e aqui vimos, para que nos faças justiça; eu com o meu dinheiro na mão, e elle sem querer desprender-me o braço. Juro por Mafoma que este homem mente, asseverando que eu lhe furtára o seu dinheiro; porque o dinheiro que aqui trago é meu, e muito meu.

—Que dizes tu a isto? perguntou o cadí ao azeiteiro.

—Digo, senhor, que este homem chegou-se a mim para ajustar uma garrafa de azeite. Cheia a medida, disse-me: Tens troco de uma moeda de ouro? Metti a mão na algibeira para verificar a troca, e puz na chão um punhado de moedas que d'ella tirára. N'isto

lança a mão ao dinheiro e á garrafa de azeite; eu deitei-me a elle, e puz-me a gritar? É um maroto, senhor, que sem embargo dos meus gritos e ameaças não quiz restituir-me o meu dinheiro; pelo que aqui o trago para que justiça seja feita. Juro por Mafoma, senhor cadí, que mente este velhaco, dizendo que o dinheiro é seu, porque é meu, e muito meu.

Fez o juiz repetir segunda vez a querella e a defeza a ambos os litigantes, que não variaram um ponto da primeira exposição. Reflectindo então um instante, disse-lhes:

—Deixae-me o dinheiro, e voltae ámanhã.

O carniceiro entregou o dinheiro ao juiz, e tanto elle como o seu contrario se retiraram em oppostas direcções.

Era chegada a vez do cheik e do mendigo coxo.

—Senhor cadí, disse Abu-Akas; chegava hoje a esta povoação com a idéa de comprar na feira algumas mercadorias que quero levar para a minha terra, que é d'aqui muito longe. Tendo encontrado este coxo, que me pediu esmola, e me rogou o trouxesse á garupa, porque, dizia elle, receava ser atropellado por homens e bestas antes de chegar á praça do mercado, dei-lhe esmola, e prestei-me a trazel-o á garupa. Na praça, porém, não quiz apear-se, dizendo que o meu cavallo era seu; e como o ameaçasse com a justiça, teve a audacia de me retrucar «que o cadí era homem muito rasoavel para pôr em duvida que o cavallo pertencia áquelle que mais o necessitava para viajar.» Eis o acontecido em toda a sinceridade.

—Senhor cadí, respondeu o coxo, vinha tratar dos meus negocios n'este mercado, no mesmo cavallo que este homem tem o desaforo de disputar-me; eis quando á entrada da povoação o encontro estendido no chão, e tão fraco que me metteu dó. Cheguei-me a elle, e perguntei-lhe se sentia algum incommodo. «O que eu tenho, me respondeu, é um cansaço que não posso nem bolir-me. Estou extenuado de fadiga, e se tu me não ajudares, não poderei chegar á feira. Leva-me até á praça, e ali me apearei, pedindo a Mafoma que te conceda tudo quanto possas desejar. Julgae do meu espanto, quando chegados ao sitio que indicára, manda apear-me, dizendo que era seu o cavallo? De sorte que resolvi recorrer a vós, senhor cadí, para que castigueis a absurda e criminosa pretensão d'este ingrato. Por Mafoma juro que é a verdade pura quanto acabo de relatar.

O cadí obrigou-os a repetir a sua tenção, e a final disse-lhes:

—Deixae em meu poder o cavallo, e volvei ámanhã.

Encarregou-se o cadí do cavallo, e saudou Abu-Akas e o coxo, que se retiraram.

Não só os interessados, mas tambem uma turbamulta de curiosos acudiram no dia seguinte ao tribunal. Era muita a concorrencia, e todos esperavam com anciedade ouvir as sentenças do Salomão arabe.

Assim que appareceu o cadí, fez-se o mais respeitoso e profundo silencio. Estava aberto o tribunal.

—Toma a tua mulher, disse ao taleb, aqui a tens; leva-a, porque te pertence. Dae cincoenta bastonadas nas plantas dos pés a este homem (apontando para o trabalhador que disputava a mulher ao sabio). Esta sentença foi executada immediatamente na presença de todos os circumstantes.

Aproximaram-se então o carniceiro e o vendilhão de azeite.

—Aqui tens o teu dinheiro, porque é teu; tu tiraste-o da tua algibeira, e nunca pertenceu a outro, disse ao carniceiro, restituindo-lhe o dinheiro. Agora (accrescentou fallando com os executores) dêem cincoenta bastonadas nas plantas dos pés do azeiteiro.

A sentença cumpriu-se pontualmente.

Chamou em seguida aos dous litigantes, que no dia anterior pleiteavam sobre o mesmo cavallo; Bu-Akas e o coxo acercaram-se do cadí.

—Estaes ahi, disse elle, reparando nos dous.

—Sim, senhor juiz, responderam ambos ao mesmo tempo.

—Conhecerias tu o teu cavallo estando no meio de outros vinte? perguntou o cadí a Bu-Akas.

—Como os meus dedos, respondeu o cheik.

—E tu?

—Sem duvida nenhuma, redarguiu o coxo.

—Então vem comigo, disse para Bu-Akas.

Foram ambos, com effeito, e o ultimo conheceu promptamente o seu cavallo entre uma porção de outros.

—Vae para o tribunal; e manda-me cá o teu adversario.

Desempenhada esta commissão por Bu-Akas, chegou o coxo com quanta rapidez lhe permittia o aleijão. Mas se as pernas eram más, tinha uma vista de lynce, e assim tambem immediatamente indicou entre os vinte o disputado cavallo.

—Bem, disse o juiz; agora vamos para o tribunal.

Chegado ali sentou-se no seu coxim de esteira, cruzou as pernas, accendeu o cachimbo, e todos se puzeram attentos a ouvir a sentença que ía proferir em assumpto tão difficil e melindroso. A impaciencia era extrema. Ao cabo de cinco minutos, disse o cadí a Bu-Akas:

—Vae buscar o teu cavallo, porque é realmente teu. Agora dêem cincoenta bastonadas nas costas d'este homem, e indicou aos executores o coxo.

O defeito physico d'este obrigára o cadí, como homem justo que era, a mudar o logar da applicação da pena, que soffreu incontinenti o experto aleijado, que tão ingratamente queria pagar os beneficios do nosso bom Bu-Akas.

Quando o cadí voltava para casa encontrou Bu-Akas, que o esperava já com o seu cavallo.

—Estás contente? lhe disse aquelle.

—Não, cadí, porque me maravilha o teu singular systema juridico; e desejo saber que especie de inspiração te guia para administrar justiça; pois, para te fallar com franqueza, estou persuadido que nos outros dous não procedeste com a mesma equidade que no meu negocio. Quero, meu amigo, promptas explicações; porque sabe agora que eu não sou commerciante, nem viajo por diversão. Sou Bu-Akas, cheik do Ferdj-Vah, que ouvindo fallar a teu respeito, quiz avaliar por mim mesmo o motivo porque te chamam o cadí justo.

Prosternou-se o cadí, cruzando os braços em signal de profundo respeito, e quiz beijar as mãos do cheik; mas este não lh'o consentiu, e tornou:

—Vamos; quero saber porque a mulher era do sabio e não do trabalhador: porque o dinheiro pertencia ao carniceiro; e mesmo como adivinhaste que o cavallo era meu. Dize.

—Não ha nada mais simples. Não viste que tive uma noute comigo a mulher, o dinheiro e o cavallo?

—Sim.

—Pois bem; á meia noute, pretextando que tinha que fazer, chamei a mulher, e disse-lhe: «Limpa o meu tinteiro, e prepara-o, porque, tenho mui-

to que escrever.» E a mulher, que provavelmente tem praticado a mesma operação cem vezes, pegou no tinteiro, limpou-o, deitou-lhe nova tinta, collocou-o no seu logar, e tudo com tal perfeição, que disse comigo: «Se fosses mulher do trabalhador, não arranjarias por este modo o meu tinteiro: logo és mulher do sabio, e não do outro.»

—Seja, disse Bu-Akas, inclinando a cabeça em signal de assentimento. Estou convencido em quanto á mulher; agora em quanto ao dinheiro?

—Ora pois! não reparaste como o azeiteiro estava todo sujo de nodoas, e tinha as mãos a escorrer em oleo?

—Reparei.

—Peguei no dinheiro, e metti-o em um vaso cheio de agua. Examinei a agua esta manhã, e posso asseverar-te que nem uma só particula de azeite sobrenadava á superficie: e então reflecti: «Este dinheiro é do carniceiro e não do outro, aliás estaria engordurado, e o azeite, pouco que fosse, havia de vir á flôr da agua.»

Inclinou novamente Bu-Akas a cabeça, convencido da solidez do raciocinio. Porém retrucou; e o meu cavallo?

—Posso affiançar-te que estive bem afflicto até esta manhã, porque não encontrava um só indicio para me guiar na investigação da verdade.

—O que? pois o coxo conheceu o cavallo?

—Se conheceu! Tão promptamente, e com tanta segurança como tu.

—Então como pudeste saber a quem elle pertencia.

—Quando vos levei ao pé do cavallo não era para saber se tu ou o coxo o conhecieis: mas para observar se o cavallo conhecia a algum dos dous. Quando te acercaste d'elle, relinchou o animal; mas quando se chegou o coxo, poz-se a bufar; e eu então disse com os meus botões: «Este cavallo é do que tem pernas rijas, e não do coxo; e restitui-te o cavallo.

—Bu-Akas reflectiu um pedaço, e a final disse ao cadi.

—Allah é comtigo. Tu devias ser o cheik, e eu occupar o teu logar; porém, assim como estou convencido de que merecias ser o cheik, não tenho a certeza de que pudesse substituir-te dignamente. Mafoma te conserve em sua guarda.

EXPLORAÇÃO DO INTERIOR D'AFRICA.

I.

OS POVOS MARAVES.

É grande a influencia dos gangas sobre estes povos, ainda na infancia da civilisação; o que a respeito d'elles dissemos, basta a comproval-o; mas muito maior é ainda o poder moral do *chissumpe*. O que seja *chissumpe* é o que o sr. Gamitto nos explica no seu *Diario*.

O *chissumpe* é uma especie de propheta, ou ganga-mór; domina grande trato de terreno, que disfructa sem pagar pensão alguma, e recebe tributos de todos os regulos, exigindo-lh'os quando mais lhe convem. Crêem os maraves que é invisivel e immortal; para o consultarem, porem, empregam o seguinte meio.

Ha um individuo, intitulado *Fumo-à-chissumpe* (confidente do chissumpe) cuja dignidade é hereditaria. Este confidente, recebe as suas ordens, transmitte-as aos que consultam o propheta, põe e recebe tributos etc. É respeitado como o proprio chissumpe, e realmente, na maior parte dos casos, o chissumpe invisivel e o confidente são uma e a mesma pessoa.

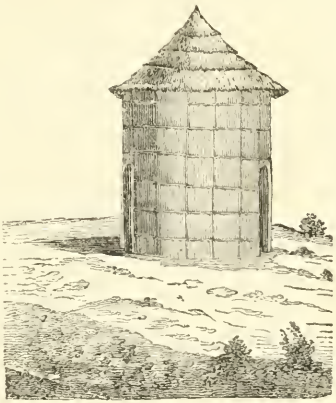
Como todos os oraculos as suas respostas são sempre concebidas em termos taes que se prestam a diversas interpretações!

Grande rendimento aufere o chissumpe dos charlatães que frequentemente concorrem a supplicar-lhe a concessão do dom da prophecia, o que elle não recusa, mediante a competente paga, que é maior ou menor, conforme as posses dos pretendentes.

Na muzinda (povoação) do chissumpe ha mulheres, havidas e reconhecidas como suas, sendo queimadas com os seus cumplices se as convencem do crime de adulterio.

A natural bruteza d'estes povos tem perpetuado tão grosseiras superstições, e muitas outras praticas igualmente absurdas que nos conta o sr. Gamitto.

Afastando os olhos de tão triste quadro, continuemos no nosso proposito, descrevendo as habitações dos maraves, objecto da gravura.



Chamam elles a essas habitações nhumbas; são redondas, do feitio dos moinhos de vento em Portugal, mas muito mais pequenas, tendo as maiores apenas dez palmos de diametro. A sua construcção é mui simples. Formam um circulo de estacas, cravadas no chão com o intervallo de dous palmos de uma a outra; e os vãos enchem-nos de caniços, atados por dentro e por fóra com filamentos que extrahem da casca de certa arvore (màrúzi). O tecto é feito de bambús, e coberto de colmo, depois de assente, e bem seguro ao corpo inferior da casa; a final abrem-lhe duas portas fronteiras uma á outra. Em quatro dias levantam um predio, e não admira! No centro da nhumba fazem os maraves uma lareira circular de terra amassada, em que cosinham e conservam sempre lume. Uma lupaça (especie de esteira) uma panella de barro, uma cabaça, uma *banda*, ou gral de pau, duas gamellas, uma enchada, além de outros mais insignificantes utensilios, eis em que consiste toda a mobilia de uma nhumba marave.

(Continúa.)

POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA.

II.

DOMINGOS DOS REIS QUITA,

NA ARCADIA — ALCINO MICENIO.

1728—1770.

X.

Passemos as fronteiras, que nos separam do genero buccolico, e entremos com o Quita nos dominios, que elle sem vaidade podia chamar seus. Acharemos ahi completa a mudança.

Nos outros ensaios observamos, que a vontade, forçando a arte, mas desajudada de vocação, ficou mais vezes vencida, que vencedora. Nos quadros campestres é o contrario.

O engenho do poeta respira espairecido e sente-se desassombrado. As suas campinas, tapetadas de relvas e flores, convidam-nos alegres e viçosas. As arvores penduram os ramos sedentos sobre as aguas, e estas fogem debruçadas entre margens de verdura.

Mais adiante, o rebanho, por baixo de copadas sombras, descansa dos ardores do sol. Ao longe, na collina, alvejam as rusticas paredes de um casal; e no viso do outeiro distante enrola-se o fumo, subindo da choupana, escondida entre os ulmeiros.

O murmurio da fonte, nas concavidades de um penhasco, acompanha as modulações da flauta pastoril, e as queixas do amor, ou os risos das pastoras, misturam-se com os trinadas e gorgeios das aves, ora pousadas em torno, ora roçando com a ponta da aza as hervas rentes, que a briza acama!

Se o poeta confiasse na viveza imaginosa que em tantas occasiões lhe inspirou delicados paineis, prendendo-se menos com os modelos classicos, as suas eclogas não teriam que invejar.

Desenhadas, não pelas paginas mortas dos livros, mas pela risonha imagem da natureza, as scenas do seu pincêl, rivalisariam com as de Gesner, e exprimindo a travessura galante da physionomia portugueza, arrebatariam mais o leitor, exhalando aquelle perfume fino, que é o segredo da poesia natal, e o principal condão do seu encanto.

Mas o espirito do Quita receiava as novidades. Saír das veredas batidas, pizadas pelos mestres, era a seu ver uma temeridade perigosa.

Não admira, pois, que mesmo nas obras, em que o talento, conscio dos seus poderes, podia mostrar-se forte e independente, elle preferisse a servidão aos moldes latinos, e aos exemplos dos auctores da renascença.

Jurando nas palavras de Ferreira e Sá de Miranda, e não se desviando dos antigos traslados, fia seguro de não assustar as opiniões da escola reinante. Do resto não se preoccupava. Guardadas as regras, a harmonia do verso, e uma escolha feliz dos trechos de Theocrito, de Virgilio, ou dos arcades modernos bastavam para recommendar a ecloga ao applauso dos arbitros do gosto. Ninguem pedia mais, e deve accrescentar-se, n'aquelle tempo ninguem ousaria mais.

Para fazer exacta idéa da influencia dos preceitos e sufficiente ler as reflexões que Meliseu Cylenio estampou como prologo das poesias campezinas. Este passaporte obrigado da sua entrada nos reinos de Apollo, diz tudo.

As satyras disparadas por Bocage contra o desditoso dr. França, descrevendo-lhe a cabelleira amarella e rapada, os olhos vesgos, e o artelho esburgado, se foram injustas como desafogo de Elmano, pouco escandalisam tomadas como principio da expiação devida por Meliseu aos leitores, victimas innocentes das suas devoções horacianas, e do prurido impertinente de ostentar erudição.

Antonio Diniz, escriptor de muito maior vulto, em duas dissertações recitadas na Arcadia, no mez de setembro de 1757, tratando do estylo das eclogas, se não enfada adoçando pela amenidade a aridez da crítica, nem por isso rompe com as balizas impostas ou se eleva muito acima dos acanhados horisontes do dr. França.

Ambos repetem (um melhor, outro peior) as lições das poeticas vigentes, arriscando sobre a origem e objecto do genero pastoril observações tão curtas, que fariam sorrir hoje o primeiro, se pudesse ver o que a arte, depois de livre, se atreveu a commetter!

Meliseu, auctor de versos buccolicos, accusadores da sua memoria, se contemplasse a revolução dos que chamaria peralvilhos das letras, varado de pasmo, iria pedir logo ao funereo Bernardes o alaude das nenias para chorar inconsolavel uma lamentação sobre a sepultura dos seus Aristos e Chromis.

Mais homem a todos os respeitos, Elpino, depois de tomar o pulso á innovação, e de medir as forças, é mais do que provavel, que transformasse o Hyssope em um segundo *Beppo*, e que riscasse de suas odes os delirios fingidos, e as figuras empoladas, para deferir mais elevados vôos competindo com as estrophes luminosas de Hugo!

Em todo o caso é certo, que nenhum dos dous descobriu na ecloga mais do que a reproducção da arte antiga; e em vez de aconselhar maior variedade de vistas e rodeios, ou de propor uma poetica menos servil, que remoçasse o genero, disfarçando-lhe a monotonia, cada um d'elles insiste pelo contrario em preconisar os modelos gregos e latinos, e as cópias dos modernos mais louvados.

Aconteceu portanto o que devia esperar-se.

Os pastores de meias de seda e surrões de veludo, debaixo de azinheiras pintadas, fallaram como cortezãos, que eram.

Os rebanhos de papel mettidos em perspectiva, e as Lycores recortadas pelas Amarylis de Virgilio nem um instante fingem a verdade, que fugiu d'elles.

A scena, salvos poucos rasgos, quer represente brenhas ou campos, quer figure manhãs ou tardes, quer descreva tempestades, ou dias serenos, recorda sempre mais ou menos os trechos apontados como exemplares da perfeição!

Por mais bello que o verso cáia da penna dos imitadores, e por mais destros, que elles sejam em unir as partes do seu mosaico, a falta de individualidade e de inspiração espontanea desanima e descora tudo.

A luz nos seus quadros é amortecida. As figuras, movem-se deixando apercebe r o fio, que as puxa, e a mão do poeta, que as agita.

Aquellas arvores, aquellas aguas, e aquelle sol, não são as nossas, e o que é peior não são já tambem as de Theocrito e Virgilio.

Os cabreiros e os guardadores discorrem bem de tudo, menos do campo, dos seus trabalhos, e das suas fadigas socegadas.

Ouvindo-os, conhece-se que são mascarados, e não pastores; e que os sitios, aonde conversam, nunca tal foram terras de pastos, nem lesirias, nem charnecas, mas sim um agazalhado e regalado quarto de escrever, que o auctor, graças a alguns borrões de theatro e a muitos volumes abertos e marcados, teve a bondade insigne de mandar que acceitassemos por campinas e logares rusticos!

As seifas, as debulhas, as lavras, e as vindimas, todas as festas e usanças do monte e do casal, apenas mereceram aos mais atilados dous ou tres versos em memoria; mas fazer com ellas o fundo do quadro, corando de tintas naturaes e alegres o poema, Deus nos livre! Seria quebrar a solemne tradição d'aquelles dialogos e monologos, recheados de sentenças ou de altercações pueris!

Como um auctor grego fez a descripção famosa da taça de pau, triste da collecção de eclogas, que omittisse o episodio de rigor com variações ao mesmo assumpto!

Como os pastores de Virgilio vão á cidade, e contam o que lá ouviram, passagem livre aos cabreiros portuguezes para repetir o mesmo!

O que não imitaram do grande poeta latino, e o que os romanos prezaram sobre tudo foi o seu vivo sentimento das formosuras da natureza; e a simplicidade sublime, com que a interpreta e sabe reproduzir!

Nas paizagens de Virgilio revê-se a Italia e as suas afortunadas campinas, com o esplendido sol, que doura as vagas azuladas do mar que a banha.

Na maior parte das descripções dos nossos buccolicos, quasi nada do que se desenha vive, ou parece verdadeiro.

Desde os primeiros versos esfria o coração, e no meio, já se lucta com o enfado de vêr estrangeiros e cousas de fóra, querendo-se intrometter á força no conchego do nosso lar aldeão, aonde o cepo estala na fogueira, e um bom lume chispa debaixo da marmita, allumiando as faces cheias e vermelhas dos trabalhadores, sentados ao brazido, espertando o somno, ou enchugando a chuva!

Mas para sermos justos é preciso exceptuar o Quita, e Rodrigues Lobo em alguns poemas e prosas, da severidade d'este juizo.

Qualquer d'elles tinha muito de seu, com que ornasse sem constrangimento a decoração das eclogas; e quando ambos se querem lembrar da terra e dos costumes, a arte obediente, segue-os; e cria esboços, e mesmo pinturas excellentes.

Ferreira e Sá de Miranda, captivos das regras, e cegos admiradores do passado, só por acaso encontram alguma verdadeira vista do campo, ou se afastam da imitação servil para o animado theatro da natureza.

Muito melhor buccolico do que o auctor das famosas cartas em quintilhas, Ferreira procura imitar a singeleza de Theocrito, e o colorido campestre de Virgilio; na contextura dramatica liga com destreza a exposição, o nexo, e desenvolvimento; mas se em diversos passos imita com felicidade a expressão affectuosa, e a melancolia suave, que forma o claro-escuro das composições do Mantuano, e se raramente excede as proporções razoaveis assignadas a taes poemas, não cansando a attenção, ainda fica longe comtudo do ideal, que podia propor-se, e da verdade de paizagens e de costumes, que devia attender.

Escrevendo as suas eclogas mais estimadas em castelhano, nas duas que deixou em portuguez, Sá de Miranda não desafinou a musa nacional do estrangeirismo com que a offendeu.

Embora a scena represente sempre os nossos campos, e elle se esforçe por emparelhar com os emulos modernos, nem conseguiu revestir os situs da formosa côr dos nossos climas, nem o ajudou o gosto, para se applicar a proposito as delicadezas do poeta grego, e do cantor latino, que tinha presentes.

Os seus pastores, sentenciosos e pedantes, fallam como cortezãos descontentes, ou desenganados: e uns parecem Catões de aldeia, e os outros Senecas rusticos, segundo a expressão de um escriptor nosso contemporaneo.

Nos matos queixam-se, disputam, e tratam d'amores, com a gravidade austera de um congresso de philosophos.

Os axiomas de moral e os ditos engenhosos enxertam-se com enfadonha prolixidade nos seus idyllios, e á descomedida extensão, em que se dilata, junta-se o fastio da apparente ostentação de combinações metricas, que ainda vem tornar mais pezada a sua leitura.

Entretanto, em um ou outro logar, admiram-se tiradas, dignas de louvor pela simplicidade graciosa, e pela vivacidade dos sentimentos.

Tal é a seguinte descripção, que pode competir com os trechos mais approvados do genero:

De leite e sangue empolado
O bezerrinho viçoso
Vae brincando pelo prado,
Depois tira prezuiçoso
Ora o carro, ora o arado.
Dos dias, e do trabalho
O saltar d'antes lhe esquece,
Já não é o que era almalho,
E vende-se para o talho
O boi velho que enfraquece.

Infelizmente bellezas d'este realce não são communs nos ensaios pastoris de Sá de Miranda, nos quaes a monotonia prevalece.

Se nos fosse licito notar manchas no radioso sol de Camões, as mais sensiveis encontrar-se-iam nas suas eclogas.

O engenho do cantor do Gama não baixava facilmente ao singelo e ao simples, como o gosto mais seguro de Virgilio.

Os defeitos dos poemas campestres de Bernardes, não os evitam os de Camões; mas o poeta do Lima talvez o exceda em alguns logares, como não é inferior em partes, antes vence, o auctor da Eneida, cujas imitações esmeradas da musa grega, e sobre tudo de Theocrito, mereceram os louvores da sua epocha, e os applausos da posteridade.

E não admira! De Bernardes a Luiz de Camoes, vae a distancia, que distingue o genio do talento, mas isso não obsta para que a inclinação do primeiro não ganhe decidida vantagem sobre a curiosidade, pouco reflectida, que muitas vezes levou o auctor dos Lusiadas a compor sobre todos os assumptos, e em todos os generos.

Na resenha, que fez dos escriptores buccolicos portuguezes e estranhos, o Diniz só concedeu a palma a Ronsard em França, a Garcilasso em Hespanha, e a custo a dá tambem a Rodrigues Lobo em Portugal, encarecendo com motivo a prudencia com que se resguardou do vicio dos equivocos e agudezas, das alliterações, antithesis, e acrosticos, introduzidos pela depravada escola dos sectarios de D. Luiz da Gongora.

Entretanto, embora as eclogas não possam rivalisar com as poesias entresachadas nas bellas prosas da *Primavera* de Lobo, resgatam as nodoas, que podem apontar-se; e de certo não desmentem as qualidades essenciaes exigidas de taes poemas.

Nas suas paginas ha pinturas vivas e quadros fieis de sitios e de costumes; e a natureza, bem interpretada, apresenta-se quasi sempre enfeitada de galas

meridionaes, e não se confunde com as cópias frias e inertes dos livros.

Pena foi, que o poeta não desse largas á sua facilidade, seguindo mais a imaginação, e menos os modelos!

(Continúa.)

L. A. Rebello da Silva.

TER INIMIGOS É FELICIDADE E NÃO DESGRAÇA.

Todos os bens ou sejam da natureza, ou da graça, são beneficios de Deus; e a ninguem concedeu Deus esses beneficios sem a pensão de ter inimigos. Molino e miseravel aquelle que os não teve. Ter inimigos parece um genero de desgraça; mas não os ter é indicio certo de outra maior. Ouçâmos a Seneca não como mestre da estoica, mas como estoico da côrte romana. Uma das mais notaveis sentenças d'este grande philosopho é: «Miserum te judico, quia non fuisti miser.» Eu te julgo por infeliz e desgraçado, porquê nunca o foste. Este porque, antes de explicado, é difficultoso; mas depois de explicado, muito mais. Como pôde um homem ser desgraçado, porque o não é? Porque ha desgraças tão honradas, que tel-as ou padecel-as é ventura: não as ter, nem as padecer é desgraça. E esta, de que fallava Seneca, qual era? Elle se explicou: «Transiisti sine adversario vitam.» Foste tão mofino, que passaste toda a vida sem ter inimigos. Não ter inimigos, tem-se por felicidade; mas é uma tal felicidade, que é melhor a desgraça de os ter, que a ventura de os não ter. Pôde haver maior desgraça, que não ter um homem bem algum digno de inveja?

Themistocles em seus primeiros annos andava muito triste: perguntado pela causa, sendo amado e estimado, como era, de toda a Grecia, respondeu: Por isso mesmo. Signal é o ver-me amado de todos, que ainda não tenho feito acção tão honrada, que me grangeasse inimigos. Assim foi. Cresceu Themistocles, e com elle a fama de suas victorias: e não destruia tantos exercitos de inimigos na campanha, quantos se levantavam contra elle na patria.

Para que vejam os odiados ou pensionados do odio, se se devem prezar, ou offender de ter inimigos. Aquelles inimigos eram as trombetas da fama de Themistocles: e os vossos são testemunhas em causa propria de vos ter dado Deus os bens que lhes negou a elles.

Vieira, Sermões, II.

CAMINHOS PORTATEIS DE MADEIRA.

Empregam-se em Inglaterra, n'um grande numero de propriedades ruraes, caminhos portateis de madeira, cuja idéa primaria parece dever-se a Croskill. Esta especie de caminhos presta relevantissimos serviços: construem-se na parte da propriedade em que haja transportes consideraveis a fazer; concluido o trabalho n'um ponto, levantam-se, e estabelecem-se em outro logar. Consistem simplesmente em carrís ou pranchas (rails) de pinho bem secco de quinze pés de comprido, guarnecidos superiormente de laminas de ferro, entalhados uns nos outros, e collocados em duas linhas parallelas, na distancia conveniente.

Um só cavallo basta, e não admira, para conduzir cargas que em caminhos ordinarios nem cinco ou seis cavallos poderiam sequer arrastar.

O emprego d'estes caminhos permitte reduzir consideravelmente o numero dos animaes de tiro, e augmentar o do gado para talho.

Tinha-se ao principio imaginado uma pequena machina para virar os carros, quando chegavam á extremidade do caminho, e era necessario que voltassem ao mesmo ponto da partida: mas obtem-se igual resultado de um modo mais simples, construindo-se os carros (wagons) de sorte que os cavallos possam tiral-os de um ou de outro lado. Mr. Marshall, membro do parlamento britannico, e grande proprietario, mandou construir um caminho d'este systema, cuja importancia, apesar de avultada, pôde reembolsar no espaço de um anno sómente, mettendo em linha de conta a economia que do seu emprego obtivera. Mr. Marsball não hesita declarar que esta invenção é uma das que interessam mais fortemente á agricultura.

(Amigo das Sciencias).

EPHEMERIDES HISTORICAS.

JULHO 22

1739 — Derrota dos imperiaes em Krotzka pelos turcos.

1705 — Annexação da Escocia á Inglaterra propriamente dita.

23

1318 — Termina a sua existencia politica a republica de Padua.

1798 — Entra o exercito francez, commandado por Napoleão Bonaparte, no Cairo.

24

1558 — Morte do infante D. Carlos, filho do famoso Filippe II de Hespanha.

1794 — Morre guilhotinado o mavioso poeta André Chénier.

25

1535 — Tomada da Goletta por Carlos V.

1593 — Abjura Henrique IV o calvinismo em Saint-Dinis.

26

1417 — Deposição do papa Benedicto XIII.

1581 — As provincias unidas dos Paizes Baixos declaram-se independentes da Hespanha.

27

1809 — Batalha de Talavera entre o exercito francez e as tropas luso-inglezas.

28

754 — O pontifice Estevão II sagra Pepino rei das Gallias.

1794 — Robespierre, o famoso tribuno, é executado em París.

1737 — Tomada de Niza aos turcos pelos imperiaes.

29

1499 — Entra a barra de Lisboa, regressando do descobrimento da India, o grande D. Vasco da Gama.

30

1830 — Carlos X é expulso de França.

1784 — Morte do philosopho Diderot, um dos auctores da Encyclopedia.

31

1750 — Morte do magnanimo monarcha portuguez D. João V.

1808 — Desembarca nas praias da Figueira o exercito inglez commandado por lord Wellington.

ALLEMANHA — CASA DA MOEDA EM MUNICH.

De todas as capitaes da Europa a cidade de Munich é talvez a que tem passado por uma transformação mais extraordinaria desde o começo d'este seculo.

A maxima parte dos seus edificios publicos foram construidos desde 1820 até 1834; e alguns ainda estão por concluir.

O rei Luiz, de Baviera, não satisfeito de edificar palacios para a familia real, para as artes, para as sciencias, para a industria, e igrejas para todos os cultos, mandou restaurar a maior parte dos monumentos levantados pelos seus predecessores.

Releva, porém, confessar que n'este empenho o soberano-artista seguiu com vigor, perseverança e gosto singulares o systema seguido pelo seu antecessor o rei Maximiliano I.

A casa da moeda de Munich, foi construida no reinado do primeiro monarca da Baviera, em 1573, no Hofgraben, para servir de arena de torneios e justas. Foi este um dos monumentos publicos cuja restauração se ordenou ultimamente, sendo commettida a direcção artistica dos trabalhos ao celebre architecto Gaertner.

O edificio realmente merece ser visitado, não só pela sua capacidade e architectura, como pelas preciosidades que encerra.

Os cunhos das moedas que ali se batem foram em grande parte gravados por Voigt. É digna de espe-

cial exame a collecção de thalers cunhados por ordem do rei Luiz para o estudo da historia da Baviera, bem como a das novas moedas gregas.

A gravura representa o pateo interior; é um vasto parallelogrammo, guarnecido de tres galerias de arcadas, que dão serventia aos aposentos interiores, gabinetes de experiencias, salas de trabalho etc. Em quanto á administração do estabelecimento nada temos que mencionar, senão que se distingue pela boa ordem e disposição das officinas, prompta e excellente execução do serviço, que ali é feito com a pontualidade e intelligencia que em geral caracterisa a raça allemã.

O VOADOR.

1709—1724.

1.

O relogio da cathedral de Lisboa acaba de dar pausadamente as doze badaladas da meia noute, e todos os sinos da cidade prorompem a um tempo no mais festival repique.

Porque se agita o bronze sagrado no alto dos campanarios a essa hora fatidica da noute, no momento predilecto das bruxas e dos lobis-homens?.... É pôrque terminou o dia 4 de agosto, e começa o dia de Nossa Senhora das Neves, destinado para a nocturna *procissão dos Ferrôlhos*.

Eis-aqui a origem d'essa solemnidade religiosa, desempenho de um voto, que se cumpria ainda ha poucos annos, e que acabou... como tudo acaba entre nós (1).

A peste assolava a capital, e quasi todos os seus habitantes haviam fugido para longe d'ella; os poucos, porém, que ficaram, confiando sobre tudo no auxilio divino, voltaram-se para a Mãe de Deus, a virgem protectora dos afflictos, que nunca abandona os que invocam o seu nome com fé viva. Reuniu-se a camara em vereação extraordinaria, presidida pelo cidadão D. Julianes da Costa, no dia 18 de janeiro de 1599, e ahi assentaram os dignos camaristas que «A cidade faria voto a Nossa Senhora da Penha de França de lhe erigir uma decente capella, com seu retabulo, e dar-lhe um bom ornamento, bem como de lhe fazer annualmente uma procissão, logo que a santa virgem alcançasse de seu bento filho a extincção da peste que devastava Lisboa. O presidente e vereadores promettiam mais, por uma vez sómente, acompanhar descalços a mesma procissão, que sairia pela manhã muito cedo da igreja e real casa de S. Antonio, levando a imagem da Senhora para a sua capella de Cabeça d'Alperche (Penha de França). E estatuiram, finalmente, que, em cada anno, se faria a procissão no mesmo dia em que se fizesse a primeira.»

O povo, por seus procuradores, approvou a promessa da cidade, orçando em cinco ou seis mil cruzados, *e mais não*, as despezas da capella, retabulo, e paramentos; e el-rei confirmou o voto, e mandou que aquelle dinheiro saísse do rendimento das carnes e real d'agua.

A primeira procissão teve logar no mesmo anno, a 5 de agosto, pela madrugada; depois saía logo que dava meia noute, o que era tão poetico como a missa do Gallo: porém a camara municipal acabou com esta antigualha.

E agora os administradores dos bairros prohibiram as fogueiras de S. João..... Estamos quasi um povo civilisado!

Voltando, porém, á procissão dos Ferrôlhos, seria curioso saber por que se lhe deu tal nome. O sr. Tullio, laborioso investigador de antigualhas, que escreveu sobre o assumpto na *Revista Universal*, diz ter lembrança de haver lido algures que, assim se lhe chamou popularmente, porque saíndo a procissão de S. Antonio á meia noute, íam os devotos caminho da sé accordando uns aos outros, batendo-lhe ás portas; e que até já em procissão continuavam a fazer o mesmo, para convocar os que quizessem acompanhal-os, ou resar de suas janellas.

Nós ouvimos ainda outra versão, que é a seguinte. Os rapazes que, em grande numero, acompanhavam a procissão, íam pelas ruas do transito batendo ás portas de todas as casas, cujas janellas estavam fechadas, para perturbarem o somno dos moradores pouco devotos, resultando d'este repetido *tocar no ferrôlho* o nome da procissão. É mais um osso que dámos a roer aos antiquarios, submettendo á sua analyse esta grave questão; e agora prosigámos a nossa historia

Era pois a noute de 4 para 5 de agosto de 1709. Os sinos repicavam festivalmente, como dissemos; e as janellas do largo de S. Antonio da Sé abriam-se successivamente, desenhando as luzes nas paredes de cada casa as sombras alongadas de vultos humanos. As portas da igreja girando sobre os quicios davam saída aos personagens da procissão, que a custo rompiam por entre as alas do povo, agglomerado desde o anoutecer nas escadas e adro do templo. Algumas confrarias acompanhavam a devota imagem de Nossa Senhora, que ía no seu andor todo luzente de galas, aos hombros de quatro fidalgos, ou magistrados. O senado da camara, o juiz e o escrivão do povo, os mesteres e bandeiras dos officios, emfim, toda a casa dos Vinte-e-quatro, seguiam o andor; depois caminhava a clerezia e o palio, e fechava o prestito uma guarda de honra, com sua banda militar na frente.

Porém o que mais attrahia as attenções do povo, que acompanhava a procissão, era um penitente que, arrastando grilhões, e curvado debaixo do andor, ia fazendo um susurro immenso com o roçar dos ferros pelas pedras, similhante ao ruido que fariam muitos ferrôlhos.....

Quem sabe se é esta a origem do nome da procissão, pois que era vulgar a devoção de penitentes agrilhoados?... Eis um terceiro alvitre!

Vá á commissão de archeologos.

Os cirios que os devotos levavam na mão illuminavam sufficientemente as ruas do transito, para que

(1) Estava composto ha tempo o presente artigo, e entregue já na redacção do Panorama, quando, na Imprensa e Lei de 2 do corrente (agosto) se publicou sobre o assumpto um outro artigo, do qual copiámos os seguintes periodos:

«Consta-nos que pelas activas diligencias da irmandade de S. João Baptista e Nossa Senhora de Penha de França, se fará este anno a antiga procissão, vulgarmente chamada dos *ferrôlhos*, que ha vinte e tantos não sahia.

«A irmandade, fundando-se no cumprimento d'estes deveres, requereu á exm.ª camara municipal de Lisboa que, visto não haver motivo para que se houvesse nos annos anteriores quebrado este uso, se continuasse agora.

«A camara, em vista das allegações irrecusaveis contidas no requerimento da irmandade, recorreu para s. em.ª o sr. cardeal patriarcha, a fim de commutar este voto, o que lhe foi deferido; devendo porém, no dia 5 do corrente, mandar celebrar na igreja da Penha uma missa solemne, a que deverá assistir.

«Satisfeito por esta fórma o voto da cidade, resolveu a irmandade, por devoção, fazer a procissão no domingo 12 do corrente, vindo a imagem da Senhora de Penha de França para a real igreja de Santo Antonio no sabbado 11, onde estará á veneração dos fieis que ali a quizerem visitar; e voltará para sua casa no domingo de tarde, acompanhada pelas irmandades das parochias por onde tem de passar, e de uma guarda com musica, etc.»

se pudessem distinguir as feições áquella hora adiantada da noute; porém era impossivel ver o rosto do penitente, mesmo para os que íam mais perto d'elle, porque lhe cobria a cabeça um capuz de grosseiro panno cinzento, e apenas se lhe enxergavam por baixo da veste e das calças do mesmo estofo, os pés nus e delicados, que logo aos primeiros passos se feriram com o roçar das algemas, e o contacto das pedras soltas da rua.

Um clerigo ainda moço, que desempenhava as funcções de mestre de cerimonias n'este religioso acto, acercava-se do andor cada vez que parava a procissão, com o fim ostensivo de substituir por outros os devotos que cansavam no pio exercicio de conduzir a Imagem; porém não deixava de aproveitar o ensejo para dirigir confidencialmente algumas palavras ao agrilhoado, em voz tão sumida, que ninguem podia escutal-as, por mais que apurasse o ouvido.

E de feito, um dos cavalheiros que pegára ao andor logo no principio do transito, e que era mais desconfiado do que os outros, talvez em razão do seu cargo de corregedor do crime, notou immediatamente aquella mysteriosa intelligencia entre o penitente e o mestre de cerimonias; com o olhar de lince do juiz adivinhou que, n'aquellas relações, havia alguma cousa de extraordinario; e tornou-se todo elle ouvidos, como costuma dizer-se, na diligencia de apanhar alguma palavra que pudesse escapar ao moço clerigo. Quando chegou a sua vez de largar o andor, e que trocou a forqueta pela vara que lhe apresentou um meirinho, o nosso magistrado mergulhou um olhar curioso sob o estrado da devota Imagem, e ía talvez ficar senhor do segredo, quando o padre, que lhe adivinhou a intenção, atravessando rapidamente por ante elle, puxou com força para o rosto do penitente o capuz que escorregava da cabeça, e disse-lhe em voz baixa algumas palavras.

O corregedor ouviu um suspiro abafado do penitente, e só póde perceber que o mestre de cerimonias lhe recommendava coragem. A procissão proseguiu lentamente o seu caminho, porém o magistrado não se arredou mais do andor.

Desconfiado, a seu turno, do entremettido devoto, o joven ecclesiastico fictou-o com disfarce, e estremeceu reconhecendo-o. O corregador sorriu-se, e assucarando a voz quanto lhe foi possivel: — Pobre penitente! exclamou, como leva os pés ensanguentados. Depois voltando-se para o padre: — Conhece-o? lhe perguntou como por demais.

O clerigo recobrou logo todo o seu sangue frio, como homem corajoso que era: e respondeu com a maior placidez: — Não o conheço, sr. corregedor.

E em seguida, para evitar nova pergunta do esperto magistrado, resolveu-se elle mesmo a interrogal-o.

— Não julgava, continuou o clerigo, que o sr. Caetano José da Silva Sotto Maior fosse tão devoto de Nossa Senhora! sempre tão perto do andor!...

— Amigo Bartholomeu Lourenço de Gusmão, replicou o juiz, sempre com ar de bonhomia, mas accentuando o nome, sobre nome e appellido do padre, como elle tambem fizera a seu respeito; bem sabe quantas historias escandalosas se inventam por ahi, e se contam, em desabono do pobre *Camões do Rocio!* Quero desarmar a calumnia, mostrando a minha piedade diante de todo este povo.

— Quem póde duvidar dos sentimentos religiosos de um amigo d'el-rei? E então de um monarca como D. João V (que Deus guarde,) a melhor columna da Igreja!

E dizendo estas lisongeiras palavras, o mestre de cerimonias afastou-se para vigiar pela ordem da procissão, não perdendo comtudo de vista nem o astuto corregedor nem o penitente.

— Não me enganas, meu padre *passarola*, resmungou o Camões; e chegou-se ainda mais para o andor.

Já passava da uma hora quando o prestito entrou na ermida, vistosamente adereçada e illuminada, que ía receber a milagrosa imagem da Senhora, e ainda o corregedor nada adiantára com as suas curiosas investigações. Chegando o andor á capella-mór, pegou o mestre de cerimonias na mão do penitente, e foi collocal-o junto ao altar, para assistir á missa que se ía dizer, em cumprimento do voto da cidade; e logo que o sacrificio incruento se consumou, guiando de novo o desconhecido, introduziu-o por uma pequena porta que dava para a sacristia, e galgando com elle os degraus de uma estreita e ingreme escada, entraram n'um quarto sem luz, onde o padre exclamou:

— Finalmente, estamos salvos!

— Eu morro de cansaço, respondeu-lhe uma voz fraca.

E sentiram-se caír no pavimento os pezados grilhões do penitente.

— Ainda um momento de paciencia e de isolamento, e já volto a tratar de ti.

Proferindo estas palavras, o clerigo saíu do aposento, fechou a porta á chave, desceu a quatro e quatro os perigosos degraus da escada, e appareceu de novo na capella-mór, sem que se lhe notasse no rosto o menor signal d'emoção. Encontrando, porém, n'aquelle recinto, os olhos perspicazes do Camões do Rocio, que se fixavam tenazmente sobre os seus, não se achou com forças de parar o golpe, e voltou-se com devoção, ao menos na apparencia, para o celebrante que dirigia uma edificativa pratica ao auditorio.

Depois começou o povo a escoar-se silenciosamente pelo portal da ermida. O padre Bartholomeu, que era o capellão de Nossa Senhora da Penha de França, e habitava ali mesmo, aguardava impaciente que saísse o ultimo devoto, para mandar cerrar os cancellos pelo sacristão, quando sentiu que lhe tocavam de leve no hombro.

— Ainda aqui, sr. corregedor? disse o clerigo voltando-se, não sem um ligeiro estremecimento... que devoção!

— Devoção e curiosidade, respondeu Sotto Maior no tom mais natural.

Um novo tremor accommetteu o clerigo, e não teve animo de replicar.

— Ámanhã... logo, para melhor dizer, por volta das dez horas, venho fazer-lhe uma visita, continuou o magistrado.

Bartholomeu sentiu uma especie de calafrio, e permaneceu silencioso.

— Como lhe disse, tornou ainda o juiz, dous motivos: devoção e curiosidade...

— Estou sempre ás suas ordens, resolveu-se emfim o padre a responder, interrompendo-o; porque já tinha architectado um plano de defeza contra as astucias do corregedor.

O Camões, que percebêra a momentanea perturbação do clerigo, proseguiu:

— Tenho que pagar a Nossa Senhora uma promessa que lhe fiz ha dias, atravessando o Tejo em um pequeno barco, quando soprava o mais furioso vento palmellão.

—É muito justo; não se deve faltar ao cumprimento de uma divida tão sagrada. Eis-ahi pelo que toca á devoção. Agora...

—Quanto á curiosidade?...

—Justamente, balbuciou o padre, reprimindo a custo o terror.

—Desejo ver a sua machina aerostatica, a *passarola*, que vae fazer subir aos ares na presença d'elrei... quando será isso?

—D'aqui a tres dias, se o tempo o permittir.

—Concede-me então, meu reverendo, que a examine ámanhã, isto é, logo?

—Com todo o gosto.

—Bem; adeus... A proposito, o penitente fica aqui?

—Sim, senhor; é sacristão da capella.

—Tambem o poderei ver?...

—D'aqui a algumas horas, de certo; por ora deve estar muito fatigado.

—Então, até logo, padre Bartholomeu.

Já não restava na igreja mais do que o sacristão, que dormia em pé com as chaves pendentes. O clerigo acompanhou até á porta o seu curioso interlocutor, e quando o viu afastar-se em companhia de uma duzia de meirinhos, cerrou rapidamente os batentes, chamou o sacristão tantas vezes quantas foi necessario para o accordar, ordenou-lhe que trancasse a porta, que apagasse as luzes, e que lhe fosse fallar antes de deitar-se; depois correu para a sacristia, e sumiu-se pela escada de que ha pouco fallamos.

(Continúa.)

F. M. Bordalo.

POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA.

II.

DOMINGOS DOS REIS QUITA,

NA ARCADIA — ALCINO MICENIO.

1728—1770.

XI.

Aonde nasceu o poema buccolico? Quem foram os seus inventores? Eis duas perguntas a que não é facil responder.

Naturalmente o idyllio viu a luz nas regiões mais adequadas pelas circumstancias poeticas e musicaes; e camponezes dotados de imaginação e harmonioso ouvido foram os primeiros, que lhe deram ser e forma.

É o que se collige do exame dos factos, e da comparação dos auctores.

A Sicilia passou sempre por ter sido o verdadeiro berço da ecloga, e a razão de Vossio em abono d'esta opinião não parece de todo inconcludente. O dialecto vulgar da ilha era o dorico, e n'este se escreveram exclusivamente as buccolicas gregas.

Mas o que se póde affiançar é que na Tinacria existiam desde tempos remotos os modelos e os primores do genero, que as imitações latinas invocam e applaudem.

Virgilio e Horacio apontam a Ausonia como patria da buccolica romana, e os criticos reconhecem que foi já tarde que ella appareceu e brilhou nas duas litteraturas antigas.

Os ocios dos pastores e as festas rusticas inspiravam as cantigas dialogadas e os monologos, *agrestem musam*, conforme a expressão de Lucrecio, em que os cabreiros e lavradores se entretinham descansando das fadigas do arado.

Os versos fascenninos, usados nas ceifas e vindimas, dão ares de uma especie de poesia pastoril, e assemelham-se bastante ao *carmen amœbeum*.

Esta foi provavelmente a origem da ecloga natural, d'aquella que nasceu espontanea junto da choupana, entre os balidos do rebanho, e as modulações da flauta campesina.

A outra, o poema culto e artificioso, não se remonta a tão alto; e póde attribuir-se talvez á epocha de Cyro, e aos cantos de Stezichoro, no qual Eliano quer que principie o genero.

Outros só começam a aprecial-o de Theocrito em diante.

O gosto predominante do seculo em que este floreceu, aproximava-se muito nas feições do seculo em que Horacio, elogiando o delicado engenho de Virgilio, exclamava a respeito das buccolicas:

Molle atque facetum
Virgilio annuerunt gaudentes rura camenæ.

No tempo dos Ptolomeus, bem parecido ao de Augusto, o coração ressequido e sangrado pela contínua lucta, procurava com ancia, mesmo nos prazeres intellectuaes, o socego venturoso, e a solidão agradavel dos campos, desejando respirar um momento desafogado e satisfeito.

O espectaculo das discordias presentes offerecia-se tão doloroso, que os olhos fugiam com alegria para os viçosos prados e para as matas escuras, aonde os pastores syracusanos, e os Menalcas da Italia, coroando de boninas e flores silvestres as suas Daphnis, discantavam preguiçosamente recostados na relva, descuidados do mundo, e entregues só aos zelos e esperanças do amor.

Era tão grande a corrupção, que o espirito achava allivio, e se consolava, abraçando a innocencia dos costumes ideaes dos Tytiros e Palemons de Virgilio, ou escutando os brandos queixumes e disputas dos pastores de Theocrito e Moscho.

Venit de glande Menalca! diz Virgilio, explicando com uma só phrase a procedencia e o caracter dos personagens das suas scenas.

Aquelles camponezes que fallam nas suas eclogas, e nas do poeta siciliano, na physionomia, e na linguagem são verdadeiros camponezes de Tarento e de Mantua; e a arte, polindo o mais agreste, na sua rusticidade conserva-lhes todavia o sufficiente para elles accusarem a sua indole, e não perderem as feições proprias.

Rapin e Marmontel, nas definições mesquinhas que estabelecem, esqueceram isto para se lembrarem só de peias e restricções, que, sendo seguidas, roubariam mais de metade dos seus foros e liberdades ao genero.

Não só ordenaram, que a serenidade fosse absoluta nos dominios do idyllio, e proscreveram por viciosas todas as pinturas, que a pudessem perturbar; mas, passando além com as paixões infelizes e violentas excluiram até os trabalhos pezados, desterrando ceifeiros e pescadores, por não guardarem a castidade e a pureza devidas á idade d'ouro!

Confirmada esta sentença, quaes seriam os poemas campestres de Theocrito, e de Virgilio, que se absolvessem do novo indice expurgatorio? Os pastores de ambos são homens, e participam das fraquezas do mundo. Ciumentos, vingativos, e alguns até viciosos, não encerram as suas fadigas em uma só pro-

fissão, mas tratam de todos os trabalhos das lavras e do monte.

Não contentes ainda os architectos de poeticas, a pretexto de salvar a unidade do painel, prohibiram mais que a ecloga se occupasse das cousas da cidade, ou alludisse a ellas, quando o exemplo dos mestres ensina o contrario.

Nas obras de Theocrito e Virgilio Syracusa e Roma formam sempre o fundo do quadro, e os regalos, opulencias, e desgraças da capital recordam-se e lastimam-se a cada passo nos dialogos.

O poeta da Eneida oppõe Melibeu fugitivo a Tytiro venturoso por conservar a herança paterna, e a imagem luctuosa da ultima discordia civil domina a sua pintura, e produz as maiores bellezas que a ornam.

O fanatismo dos criticos chegou a ponto que Heine, em um accesso de rigor implacavel, até castiga o mesmo Virgilio, destroncando sem commiseração das collecções das buccolicas todas as eclogas que não póde estreitar nos seus moldes, e condemnando estas por um motivo, e aquellas por outro, e não deixando intactas senão quatro, proclamadas as unicas perfeitas, e dignas de imitação, já se sabe em virtude de que principios!

Entre nós a poesia buccolica, desde o seculo XVI, cresceu, tomou vulto, e veiu a exercer bastante influencia.

Raro será o poeta de alguma fama, por mais esquerda que sentisse a musa para as simplicidades campesinas, que não tentasse um, ou mais ensaios, copiando dos gregos, dos latinos, e dos italianos!

Por infelicidade a invenção e a originalidade pouco os favoreciam. Uns querendo imitar á força as graças rusticas de Theocrito caíram em rasteiros e rudes, em quanto outros, julgando facil repetir as concisas imagens de Virgilio, perdendo o exemplo de vista, aviltaram o modelo em trocadilhos semsabores, e insipidas parodias!

Bernardim Ribeiro, no seu estylo singelo, em que a affectação desponta apenas como leve sombra, é o escriptor nosso, que mais falla ao coração, e que sabe dar á sua phrase o sabor aldeão e natural, sem por isso deixar de mostrar, aonde se precisa, um travo fino, que esperta o paladar.

Em outro aspecto, Rodrigues Lobo não lhe cede, matizando com escolha as paizagens, tirando muitas d'ellas das formosuras da natureza viva, e não dos livros, e figurando nos seus pastores homens de juizo são, que não são doutores, e que entram em cena no logar proprio, fallando só do que devem saber, e conservando sempre a côr e as idéas da vida que representam.

XII.

A Arcadia, arvorando o estandarte da restauração classica, e dedicando-se a apurar a observancia dos preceitos, já se vê aonde iria buscar as regras, que impoz á ecloga.

Os seus horisontes limitavam-se aos da antiga arte; a sua divisa era a resistencia contra as novidades, e por isso pouco admira, que não tirasse os olhos dos buccolicos latinos, e dos modelos adoptados por elle.

A definição do genero correspondia a idéa formada d'elle.

A ecloga, na poetica do seculo XVIII, reduzia-se á pintura dos costumes campestres, e devia retratar a felicidade dos pastores, a innocencia de costumes, e as occupações de uma vida socegada, empregando imagens insinuantes, e descrevendo a natureza fertil, no meio da profusão das suas riquezas.

As fronteiras acabavam aonde se fechava o circulo da imitação; e a realidade idealisada ficava de fóra.

Para ser applaudido n'estas composições, o poeta carecia de memoria e de certo gosto para se recordar a proposito dos rasgos de Virgilio, e dos modernos da mesma escola, e para os ajustar á sua obra.

Os pastores, que podia metter, traziam já physionomias conhecidas e quasi officiaes, inclinações determinadas, e até palavras calculadas.

A vida campestre não se esboçava, interpretando a natureza, as paixões, e os costumes. As leis da critica tinham regulado tudo de antemão, e a pretexto de guardar a fabulosa innocencia da idade de ouro, prescreviam a monotonia, chamando-lhe simplicidade! Verneí, o precursor da reacção classica d'este periodo, quando chega ao idyllio, no seu livro do *Verdadeiro Methodo de Estudar*, censura a variedade de versos introduzida por Camões, e queixa-se de se perder assim a ingenuidade e a moderação.

Antonio Diniz alarga-se mais, e não reputando leve a empreza de escrever no genero buccolico com elegancia e propriedade, passa a enumerar as prendas para sobresair n'elle. Vê-se, que apreccia melhor do que Verneí as difficuldades, e que não trata quasi de resto como elle os engenhos que as vencem com louvor.

Traçar uma scena campestre, como as de hoje, em que as formosuras de um sitio viçoso, ou a belleza severa de uma paizagem magestosa occupem o fundo; collocar n'esta scena verdadeira a existencia rural com os accidentes e paixões, que a modificam, e não como em sonhado painel a desfiguravam as arcadias correndo atraz da fabulosa idade de ouro, é comparativamente mais facil, do que inspirar-se de descripções mortas, voltando costas á realidade, e preferindo o colorido magro de um genero falso, e as suas prizões á liberdade sensata, e ás tintas vivas da interpretação desassombrada e ampla.

O estylo era tudo na antiga ecloga. Affectuoso, singelo e fluido, devia encobrir a pobreza da invenção e da idéa, reanimando a insipidez dos lamentos amorosos, e das queixas dos pastores.

Evitando phrases baixas, e figuras triviaes, não podia exceder a mais delicada medida sem cair logo no vicio contrario, mascarando de cabreiros cortezãos espirituosos!

Se copiava da indole dos aldeões, e não adoçava o retrato, a critica offendia-se, condemnando o esboço como sordido e desprezivel!

Elpino fortifica-se n'estes dous reductos, e d'elles vareja sem descanso os tristes Corydons, e os lastimosos Melibeus, heroes de bornal e varapau, que certo buccolico do tempo tinha a indiscrição de querer apresentar no recinto perfumado das academias, cujo Menalo era uma camara forrada de sedas, e cujas selvas e asperezas se encontrariam, quando muito, nos paineis, que as ornavam!

De certo, com as proporções impostas ao idyllio, e á ecloga, nada mais repugnante, do que a affectação rustica de palavras vulgares e vis, e de acções grosseiras e triviaes; e que Diniz as reprehendia com motivo asseguram-o os proprios versos do patrono do estylo selvagem, citados pelo malicioso poeta do hyssope para corroborar o corpo de delicto.

Sigâmos esta curiosa aberração!

Um vaqueiro chamado Nuno accorda o seu amigo,

e vendo-o enfadado por lhe ter quebrado o somno, exclama:

Com mui pouco te quebrantas;
E se o houvesse presumido,
Não te vinha erguer das mantas:
Mas estarás aborrido,
Que inda agora te levantas!

O outro pastor, digno Mopso d'este Menalca, responde á proposta de irem juntos vêr as sementeiras, com igual brutalidade:

Hei de ir, porque hei de dar rega,
E deitar á gelva o macho,
Que lhe dei honte uma esfrega;
E vêr os homens do sacho;
E hei de pôr outros na cega.

O honrado Nuno fustiga-o então deveras, e conclue por esta sentenciosa observação:

Por Deus que quem tanto havia
De fazer, estar de borco
Na cama até alto dia,
A ressonar como um porco,
Foi boa calassaria!

Imagine-se o effeito de similhante poesia nos ouvidos cultos dos socios de Elpino, dos laureados de Apollo e das musas! É provavel, que o riso fosse mais curto, que a indignação.

Mas eram as regras da Arcadia innocentes de todo n'este ridiculo absurdo?

O genero falso, tão inculcado, e a escravidão imposta aos buccolicos, não arrastariam necessariamente a um de dous fataes extremos, ao rustico dialogo do vaqueiro Nuno, ou aos requintes alindados, e finezas semsabores dos Tytiros e Dametas mais peritos no chamado estylo simples?

Eis a causa porque desfallecem em arena tão breve engenhos, que sem esforço podem com as maiores emprezas.

Para não caír aos primeiros passos, e atravessar por entre as malhas complicadas d'esta rede de minucias pueris era preciso possuir vocação especial, e ao mesmo tempo dispor de certa medida de dicção e colorido. A demasia da opulencia não prejudicava menos do que a pobreza.

O Quita estava no caso. Tinha os dotes adequados, e por inclinação temia os rasgos atrevidos, e os assumptos arriscados.

E o segredo da superioridade, que tem na ecloga, alcançada de tão poucos.

O seu engenho cabia sem violencia no estreito molde das regras, e como o de Camões não aspirava continuamente a excedel-o!

(Continúa).

L. A. Rebello da Silva.

NOTAS SOBRE O MAR D'AZOF E O MAR PUTRIDO.

I.

A primeira inspecção de um mappa da Criméa Taurida dos antigos) vê-se que esta peninsula, que mais parece um appendice extraordinario do que uma parte integrante da Europa, boja pelo mar Negro dentro na forma de um quadrilatero, correspondendo os seus angulos aos quatro pontos cardeaes. Porém, o angulo oriental tem um desenvolvimento tal que desmancha a regularidade do quadrilatero, e por si constitue segunda peninsula, que na antiguidade foi separada da Criméa propriamente dita por uma larga cortadura, defendida com muralhas e pequenas torres. É a peninsula Trachea, hoje denominada de Kertch, territorio do reino do Ponto, famoso na historia pelas proezas de seu rei, o illustre adversario dos romanos, Mithridates Eupator.

A Criméa está pegada á Europa na sua extremidade do norte pela lingueta ou isthmo de Perekop. Toda a porção no angulo septentrional da peninsula e desde o mesmo isthmo até o estreito de Yenikalé foi rota e invadida pelas ondas da alagôa ou *Palus Meotis* (hoje mar d'Azof) deixando uma aggregação infecta de aguas em geral estagnadas, que só têem communicação com esse mar pela apertada garganta ou estreito de Ghenitch; considerada já no tempo dos antigos geographos gregos foco de pestilencia, mereceu-lhes o nome de mar Podre *(Mare Putridum)* e actualmente por outro analogo, Sivach, o nomeiam os povos que frequentam suas praias inhospitas.

Nas margens do mar Putrido ou Sivach e nas visinhanças de isthmo de Perekop se encontram principalmentes as lagôas salgadiças, d'onde em tempos normaes e pacificos se extrahe não somente todo o sal que se consome na Criméa, mas tambem as quantidades infinitamente mais consideraveis que abastecem d'este genero as provincias da Russia meridional, e se exportam para a Moldavia, a Valaquia e outros territorios do Danubio. A cidade de Perekop, posto que pequena, parece que exclusivamente se fundou em razão do transito d'esta mercadoria, occupando um terreno escalvado e esteril; pelas suas portas (escreve o acreditado viajante Lyall) passam annualmente vinte mil carradas de sal para as provincias meridionaes da Russia.

Alguns d'esses charcos seccam com os grandes calores do verão, e n'esta epocha do anno offerecem á vista uma vasta superficie coberta de camadas de sal cristallisado; os principaes estão proximos de Perekop, sendo dous os mais importantes, Staroé-Osero (lago velho) e Krasnoé-Osero (lago vermelho.) N'estes, como em todos os que ha n'outros pontos da peninsula, forma-se o sal desde o meiado de junho até agosto; o calor faz evaporar a agua e accelera a condensação dos principios salinos. Tiram-se com pás de pau os acervos de sal que se formaram, e a pouca profundidade e a solidez do terreno facilitam a entrada de pezados transportes puxados a bois, que se carregam dentro das mesmas lagôas. Com os mesmos meios de conducção levam os habitantes da Criméa, durante a estação sêcca, o sal que assim colhem até á Polonia, sem fallar nos governos visinhos; e chega a exportar-se em grande quantidade pela via maritima para a Anatolia e para Constantinopla.

Da mesma maneira que o Sivach todos os lagos salgados são para a Criméa outros tantos focos de infecção, e á sua funesta influencia se hão de attribuir as febres intermittentes, como geralmente se observa em todas as comarcas onde ha marinhas.

Ainda ninguem attingiu de um modo positivo as causas da existencia d'essas immensas quantidades de agua salgada no interior das terras; a olho commum é que tendo o mar coberto em tempos remotos esses plainos de nivel mui baixo, os lagos seriam então calhetas e angras onde o rolo das ondas formára bancos de areias e limos amontoados do fundo do mar: quando o nivel abaixou em virtude de um phenomeno acontecido em varias localidades, fi-

cavam aquelles bancos descobertos e em secco, e as caldeiras das angras separadas do mar apresentaram-se como ainda hoje se vêem; e a evaporação é tão consideravel que deixa cristallisar o sal em cavidades vastas e pouco fundas. Pareceria que estas marinhas exploradas desde tempo immemorial iriam minguando successivamente; comtudo não se lhes nota diminuição sensivel, e por isso se conjectura com algum fundamento que essas alagôas encerram mananciaes salgados, e por isso não se esgotam. Se existem essas fontes ou communicações submarinas, nenhum movimento particular, nenhuma corrente na superficie das aguas as indica.

O Sivach parece dever a sua origem ás aguas que produziram os lagos salgados, dos quaes só differe por ter conservado, mediante o estreito de Gihenitch, communicação com o mar d'Azof; os ventos de leste e do norte, que n'este são em extremo violentos, impellem vagalhões immensos que no impeto da agitação arrojam areias sobre a costa oriental da Criméa. Quando o nivel do mar era mais alto, aquelles ventos teriam feito um banco comprido ou pontal a certa distancia da costa e parallelo á mesma pelo recuar das ondas. Esse banco, agora descoberto porque o nivel do mar baixou, é a lingua de terra, descripta nas cartas com o nome de flecha d'Arabat, cuja origem é attestada pela sua forma e costa rasa e arceiata ao oriente, bem como pela sua elevação uniforme e pouco consideravel. Póde razoavelmente suppor-se que o Sivach seria hoje um grande lago salgado se não tivesse conservado communicação directa com o mar d'Azof pela estreita passagem que já nomeamos, e que todavia não dá sufficiente circulação ás suas aguas para preserval-as da putrefacção que até bem longe exhala no verão e outono o mau cheiro, de que proveiu o nome de mar Putrido, que os antigos lhe puzeram.

O mar d'Azof é fechado da banda da Europa pela flecha ou pontal de Arabat que o separa do Sivach, e pela peninsula de Kertch, ao norte pelo territorio russo que os nogaes habitam, e alargando-se desde a Criméa até a embocadura do Don, o rio caudal que serve de limite entre a Europa e a Asia, cercam-no por esta banda as costas asiaticas russianas, povoadas pelos cossacos denominados do mar Negro. Tira o nome moderno da cidade d'Azof (*Fanais* dos gregos) situada n'um dos principaes braços do Don e á sua foz, e que tem sido centro de activo commercio, acha-se hoje com o porto quasi entulhado: é uma continuação da parte septentrional do mar Negro, communicando este pelo estreito de Yenikalé (o medonho bosphoro cimmerio da antiguidade), que aparta o angulo oriental da Criméa da provincia do Caucaso, e tambem se denomina estreito de Kaffa, de Kertch, e de Taman, pelos motivos que se deprehenderão do seguimento d'este artigo.

Não são os lagos das marinhas os unicos phenomenos singulares d'estas regiões. A peninsula de Kertch e a ilha de Taman, entre as quaes corre o estreito, possuem em diversos logares mananciaes abundantes de petroleo, e voragens que vomitam por vezes lodo salgado de mistura com grande quantidade de gaz. Muitos d'estes pégos acham-se actualmente seccos; pelo contrario outros estão em plena actividade e continuam a extravasar ondas de um liquido lodacento, que siem borbulhando por causa da abundancia de gaz que vem misturado.

Além dos que eram anteriormente conhecidos, e muitos dos quaes, como deixamos dito, seccaram depois, rebentou em o mez de fevereiro de 1794 um vulcão novo e da mesma especie. Esta erupção foi acompanhada de circumstancias que deram que entender aos homens scientificos; o douto Pallas, que visitou as localidades logo depois do facto, considerou-o tão notavel que o relatou circumstanciadamente.

O logar da erupção era uma pequena cova na corôa de uma eminencia onde costumavam conservar-se por muito tempo as aguas das neves e da chuva. A explosão foi temerosa, com estrondo parecido ao trovão, e simultaneamente jorrou da terra um repucho de fogo, que durou meia hora acompanhado de fumo negro e denso, o qual, ainda muito depois de extincta a chamma, continuou bem como a forte ebullição que despedia as ondas lodosas a grande distancia da cratera. Desde então não cessou de transvasar este liquido crasso, porém lentamente; e tem formado muitas enxurradas que do cimo da collina se espalharam irregularmente na planicie. Na opinião do douto Pallas, a massa de lodo brotada d'aquelle boqueirão podia orçar-se em mais de cem mil toezas cubicas. Em julho do mesmo anno de 1794 os enxurros tinham seccado, e a abertura do vulcão esteve tapada com o lodo tambem secco, e de modo que se podia passar por cima sem risco; mas, o cachão que se ouvia ferver nas entranhas do monte provava que não estavam tão pacificas como a superficie.

D'ahi a annos em 1799 outro vulcão lodoso originava novo phenomeno não menos extraordinario: aos 5 de setembro, apoz um grande rumor subterraneo, acompanhado de trovão espantoso, surgiu do mar d'Azof, defronte de Temiouk, uma ilha, medindo de circumferencia obra de cem toezas, cujo centro parecia lançar lama, e por uma erupção vulcanica foi de subito coberta de fego e fumo. No anno seguinte não appareciam vestigios de tal ilha, ou porque fosse desfeita pelas vagas, ou se afundasse no mar tão espontaneamente como saíra.

N'este paiz, onde no espaço de um anno surgem e desapparecem ilhas, tambem por vezes se tem visto abaterem-se e abysmarem-se sobre a sua base montanhas inteiras; exemplo o que assim aconteceu nas cercanias de Kutekukoy no dia 10 de fevereiro de 1784. Do vertice de um monte baixava um ribeiro, tendo cavado o leito no declive escarpado. A 10 de fevereiro começou a terra a abrir-se e separar-se formando duas enormes fendas em que absorveu todo o ribeiro, que até ali fazia moer duas azenhas. No entanto, a terra continuava a gretar-se cada vez mais, e os tartaros amedrontados por estes signaes singulares desampararam as vivendas, levando adiante de si os gados tambem espavoridos. Alta noite sentiu-se um estrondo horroroso; toda a assomada da montanha na extensão de uma milha e largura de 320 a 360 braças, despegou-se da base, e abateu sob o seu pezo. Este desmoronamento, que levou muitos dias, abriu um fosso de nove braças de fundo, no qual ficaram o espigão grande da montanha e duas cristas pequenas parallelas da rocha viva; á medida que uma parte da encosta se despegava da ossada do monte, toda a massa pezava na mesma proporção sobre a sua base, e a praia avançou pelo mar dentro n'um circuito de quasi 90 braças. Muitas casas e quintas sitas na ladeira da montanha para esta parte sumiram-se no cataclysmo bem como muitas terras de semeadura.

Mas, tão imprevidentes como os habitantes do Vesuvio, que passada a torrente da lava occupam outra vez o chão havia pouco invadido pelo fluxo incandescente, os tartaros donos das casas submergidas foram assentar novas habitações, sem cuidar de

futuras repetições do phenomeno, nos proprios locaes donde os expulsára o flagello.

(Continúa.)

EXPLORAÇÃO DO INTERIOR D'AFRICA.

I.

OS POVOS MARAVES.

É realmente desolador o quadro que o sr. Gamitto traça da situação moral dos povos maraves.

As suas idéas religiosas reduzem-se a absurdas crenças nos artificios de ridiculos gangas e adivinhos; não têem amor algum ao trabalho, bem pelo contrario olham-no com a maior aversão, passando o tempo quasi em absoluta ociosidade, toques de instrumentos, e folguedos; não têem respeito nem confiança nos que os governam: só a superstição e o medo os contém.

Os milandos (demandas) são continuos, e poucas vezes as partes se conformam com as sentenças proferidas, recorrendo, na maxima parte dos casos, a vias de facto, e decidindo-os á flecha, o que os seus maioraes não procuram evitar, antes estimam, e até promovem, porque d'ahi lhes vem interesse.

Maus cidadãos, contemplam indifferentes as publicas calamidades; maus maridos, vendem as mulheres, e consentem o adulterio, se d'elle podem auferir lucro; maus paes, abandonam, matam e vendem os filhos por qualquer bagatella; maus filhos, desprezam aquelles que lhes deram o ser sem o menor escrupulo.

Infelizmente isto que se observa em nações sertanejas é quasi o mesmo que se está vendo em muitas povoações da costa occidental e oriental de Africa, cujos habitantes vivem, em geral, entregues á crapula mais vergonhosa, praticando superstições não menos ridiculas que as dos cafres visinhos. A missão evangelica é o unico meio de pôr côbro a similhantes desordens. Cremos, que na auctoridade ha todo o desejo de a promover; desgraçadamente o clero portuguez, que tanto se illustrou outr'ora nas missões de ultramar, não parece resolvido a segar para a religião a vasta messe de almas que se estão perdendo nas nossas vastissimas possessões africanas!

Não se cuide que os maraves, relegados totalmente da civilisação, e epilogo de todos os vicios e manhas de que é susceptivel a raça humana, são inteiramente destituidos de capacidade. Não é assim. As pessimas qualidades que distinguem estes cafres mais devem attribuir-se ao abandono em que se acham, e a ignorancia em que jazem sepultados, que a perversidade de indole, ou acanhez de intelligencia.

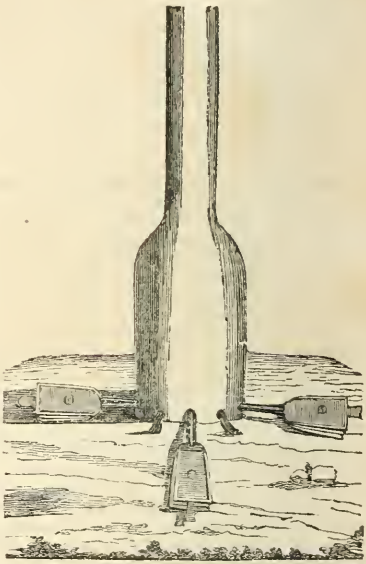
Os maraves são susceptiveis de civilisação; e o emprego perseverante do meio que apontamos, contâmos que havia de produzir excellentes fructos.

No que, em geral, os maraves excedem talvez todos os cafres d'aquellas regiões é na habilidade manual. Desconhecem todos os processos empregados pela industria europêa, e todavia fabricam os diversos objectos de que carecem com uma perfeição que espanta.

Em prova d'esta asserção basta observar o modo por que preparam o ferro.

É tradição que os territorios da Africa oriental abundam em minas de toda a especie de metaes, ainda mesmo dos que se consideram mais preciosos, como são o ouro e a prata. Dizemos *tradição*, porque não consta que se fizesse a similhante respeito qualquer trabalho de exploração regular, como aliás era indispensavel, para conhecer o numero e força dos depositos mineraes.

Do ferro, comtudo, independentemente do exame scientifico que julgâmos urgentissimo, é licito affirmar que existe grande cópia; porque não só o asseveram unisonos todos os viajantes, como porque é incontestavel que os cafres d'elle fabricam grande numero de objectos, como são armas, instrumentos aratorios, etc. e colhem-no de certo n'aquelles sertões, pois não consta que o recebam de fóra.



(Forja marave.)

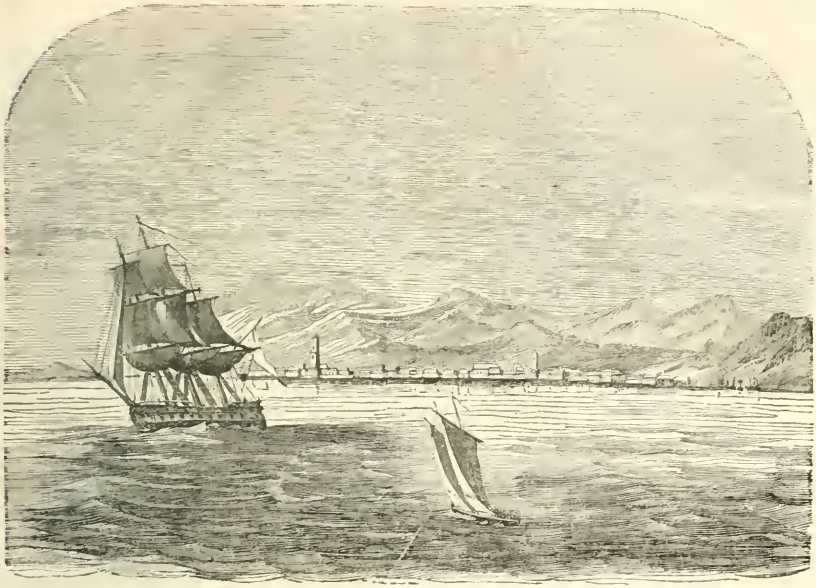
Eis como o sr. Gamitto descreve o methodo que os maraves usam para preparar e manipular o ferro. Depois de o apanharem, no que não encontram difficuldade, apparecendo ali este metal á superficie da terra, lançam-o em um tubo feito de barro, da altura de quarenta palmos com um de diametro, tendo a parte inferior cheia de carvão, que depois de acceso, assopram com folles feitos de pelle de cabra á similhança dos que empregam os nossos caldeireiros.

O ferro sae por uns buracos abertos na base do tubo; e assim vão tirando o metal derretido, que empregam nas suas obras. Os instrumentos de que se servem são um folle; uma pedra que lhes serve de bigorna; outra mais pequena de martello, e dous paus que substituem a tenaz; e com esta ferramenta, diz o nosso explorador, que executam todos os trabalhos com perfeição admiravel!

A nossa gravura representa uma forja marave completa.

(Continúa.)

Feliz aquelle que, depois de uma longa carreira, conserva ainda assás de vigor e de vontade para ser prestavel á humanidade.



ILHA DE TENERIFFE.

O formoso archipelago das Canarias, de que os hespanhoes se apossaram em 1405, e que hoje constitue uma das suas mais interessantes provincias de ultramar, compõe-se de sete grandes ilhas, que são: Palma, Ferro, Goméra, Teneriffe, Grande Canaria, Fortaventura e Lançarote; e outras mais pequenas; a saber: Graciosa, Rocca, Allegranza, Santa Clara, Infierno e Lobos.

De todas estas ilhas, porém, a mais importante sem contestação alguma é a de Teneriffe.

Ponto de escala de grande numero de linhas de vapores, isenta até hoje dos flagellos que têem visitado a nossa ilha da Madeira, ameaçando-lhe total ruina, a ilha de Teneriffe tem visto prosperar o seu commercio, estenderem-se as suas relações com os differentes povos da terra, augmentar-se a extensão das suas lavouras, e até prosperarem as suas manufacturas, que já hoje podem dizer-se de algum vulto, e finalmente crescer rapidamente em opulencia e em riqueza.

Fica Teneriffe ao S. da ilha dos Selvagens, a O. da Grande Canaria, ao NE. de Goméra, e a E. de Palma. Mede umas 18 leguas de comprimento sobre 8 a 9 de largura; e comprehende uma população que se calcula ser actualmente superior a 80:000 habitantes.

As cidades principaes da ilha de Teneriffe são Santa Cruz (capital), Laguna, e Oratava; além d'estas povoações contem a mesma ilha muitos outros logares, aldeias e villas.

Laguna foi antigamente a capital d'esta ilha; mas tendo as erupções do volcão de Teneriffe entulhado o porto de Guarachico, o melhor que ali havia, foi mister fundar uma nova cidade, e d'aqui vem a origem de Santa Cruz, cuja edificação remonta ao principio do seculo passado.

É Santa Cruz uma cidade bem construida, elegante e aceiada, com excellentes estabelecimentos publicos, e alguns magnificos templos.

O seu delicioso clima, que alguns preferem ao da nossa Madeira, attrahe-lhe grande numero de forasteiros, mórmente inglezes.

São os canarienses, e muito especialmente os habitantes de Santa Cruz, de agradavel trato, e em extremo hospitaleiros.

Chamavam os antigos ás Canarias *Athlantides*, *Hesperides*, *Elysias* ou *Fortunadas*. Os primitivos habitadores do archipelago denominavam-se *guanchos*; pouco se sabe, porém, da historia d'este povo.

Abstemo-nos de fallar no famoso pico, porque a este respeito se ha de publicar n'um dos proximos numeros uma excellente descripção (acompanhada da competente gravura) devida á penna facil do nosso assiduo collaborador o sr. F. M. Bordalo.

A estampa que dâmos no presente numero representa a vista geral do porto e cidade de Santa Cruz.

Os inimigos são nossos aios, que nos fazem andar a recado e sobre aviso, sem lhe pagarmos seu trabalho. São freio de nossos vicios, fazem apertar a redea a nossos appetites, porque nos podem ver e accusar.

VIAGEM PITTORESCA A RODA DO MUNDO E AOS DOUS POLOS.

SECÇÃO III.

Archipelagos do mar Pacifico. — A colonia de Pitcairn. — Estatuas colossaes da ilha de Pascoa. — A ilha de João Fernandes e o seu Robinson. — Cabo de Horn. — O polo antarctico.

Novas ilhas nos apparecem successivamente n'esta facha intertropical, dando idéa de que houve outr'ora aqui um grande continente. De muitas d'estas ilhas é perigosa a aproximação, porque as cingem temerosos bancos de coral; algumas carecem de portos abrigados, e outras, finalmente, não foram ainda exploradas de espaço, e Deus sabe que mysterios em si occultam. Obliquando sempre para o sul, em demanda da ponta meridional da America, vamos dar vista da ilha de Pitcairn, descoberta por Carteret em 1767, e habitada hoje por uma singular colonia.

A equipagem de um navio inglez, que navegava de Taití para as Antilhas em 1789, revoltou-se contra o capitão e piloto, no alto mar, metteu-os em uma lancha, abandonando-os ao furor das ondas, e desappareceu com o navio. Perseguidos por ordem do governo, alguns dos amotinados vieram a soffrer a pena de morte em Inglaterra, outros voltaram ao archipelago da Sociedade, onde foram mortos, e nove, finalmente, que restavam da tripulação, tendo roubado algumas mulheres d'aquelle archipelago, partiram em busca de uma ilha deshabitada em que pudessem estabelecer-se. Passaram vinte annos sem que se ouvisse fallar de taes homens. Ao cabo, porém, d'este tempo, um navio inglez que se aproximou casualmente da ilha de Pitcairn, foi visitado por homens que fallavam o idioma do seu paiz: eram os filhos dos marinheiros revoltados e das mulheres taitianas, robustos moços de seis pés d'altura, e de bella presença. Tinham optimas plantações de coqueiros, bananeiras e inhame, e possuiam muitos porcos, cabras e aves domesticas. Um velho marinheiro tinha servido de magistrado e sacerdote, cumulativamente, em a nova colonia, onde se rezavam piedosas preces antes e depois da comida. Logo que esta noticia chegou a Inglaterra, tratou-se de enviar aos colonos os precisos utensilios de lavoura, e livros religiosos e instructivos; porém são poucos os navios que visitam a ilha, por causa dos recifes que a cercam.

Seguindo proximamente o mesmo rumo, vamos encontrar a ilha de Pascoa, tambem pouco frequentada, por identica rasão, e pela escacez de agua potavel e de lenha, que ainda a torna inferior a Pitcairn. Os seus habitantes vem a nado trocar commosco batatas, cana d'assucar e bananas, por pedaços de ferro e outras bagatelas, que elles tem em subido preço. O rosto d'estes insulares é côr de cobre muito claro, mas pintam-no de branco e vermelho, e apresentam orelhas disformes, atravessando-as com rôlos de folhas d'arvores. O mais curioso, porém, que ha a ver n'esta ilha, e que surprehendeu muito os seus descobridores, é a serie de estatuas colossaes, de grosseira esculptura, que ahi se encontram, quando em nenhuma outra ilha da Oceania se depara com taes monumentos. Cook e La Peyrouse fallam muito d'estas estatuas, e a estampa que ajuntâmos dá perfeita idéa d'ellas (1).

Já perto da costa occidental da America, avistamos a ilha de João Fernandes, descoberta por um portuguez d'este nome, em fins do seculo XVI, segundo é fama, e celebre pela residencia de Alexandre Selkirk, marinheiro escocez, que ahi viveu solitario durante alguns annos, e cujas aventuras deram origem ao bem conhecido livro de *Robinson Crusoé*. Eis como se conta esta tocante historia.

Selkirk era mestre a bordo do navio inglez *Cinco-portos*, com cujo capitão andava em desintelligencia, quando passaram á vista da ilha de João Fernandes, em 1705. Farto já de aturar *master* Stradling, o escocez preferiu ficar só n'aquelle rochedo, e pediu que o lançassem em terra. Nenhuma proposta podia ser mais bem recebida pelo capitão; immediatamente fez arrear o bote, para o qual desceu o pobre Alexandre; deu-lhe uma espingarda, polvora, balas, tabaco, uma enchada, uma biblia, e outros objectos; disse-lhe adeus, e mandou vogar a embarcação para a ilha. Quando ella voltou a bordo, deixando Selkirk na praia, o *Cinco-portos* mareou convenientemente, e seguiu a sua viagem. D'ahi a pouco perdeu-se, morrendo o capitão e quasi toda a equipagem. Entretanto o marinheiro solitario caçava para se sustentar, e construia para si uma singela habitação de troncos e folhas d'arvores, o sufficiente n'aquelle excellente clima. Habituado á monotonia de seu novo viver, Selkirk considerava-se quasi feliz, procurando na Biblia as passagens mais consoladoras, quando aportaram á ilha dous navios hespanhoes. Estes, porém, estavam em guerra com os inglezes, e o nosso Robinson tratou de evitar o encontro dos seus hospedes, o que todavia lhe foi impossivel. Os hespanhoes fizeram-lhe fogo, mas elle fugiu para um bosque, escondendo-se entre as folhas de uma arvore, até que as embarcações desafferraram do porto. Emfim, no anno de 1709, dous navios inglezes commandados por Woodes Roggers, e tendo por primeiro piloto o celebre navegador Guilherme Dampier, appareceram o fogo que Selkirk allumiava todas as noites para pedir soccorro, e salvaram d'aquella solidão o seu compatriota e camarada.

Deixando a ilha de João Fernandes, o *Prothcu* dá vista da Patagonia, costeia o archipelago da Mãe de Deus, passa a bôca occidental do estreito de Magalhães, e dobra o cabo de Horn, prôa do Novo-mundo, como o cabo da Boa Esperança, é prôa do antigo continente, segundo a feliz expressão de Alexandre Dumas.

E pois que estamos em janeiro, verão no hemispherio austral, vamos investir com os gelos do polo antarctico, buscando augmentar o catalogo das descobertas nos mares do sul, que immortalisaram os nomes de Queiroz, Tasman, Weddel, Cook, Kerguelen, Smith, Wilkes, Biscoe, D'Urville e Ross. Descobrindo as ilhas da Candelaria e a terra de Sandwich, entre 57 e 58 graus de latitude austral, diz o capitão Cook: «A natureza condemnou estes logares a um frio perpetuo; aqui jámais se sente o calor benefico do sol; e não conheço, em lingua humana, termos que exprimam quanto é horrivel e selvagem o seu aspecto. Se são taes as terras que havemos descoberto, o que se poderá esperar das que jazem mais ao sul?»

Dumont d'Urville, achando além dos 63 graus a terra de Luiz Filippe, esteve um mez prizioneiro entre os gelos, e descreveu assim essas medonhas ilhas fluctuantes, que estiveram a ponto de lhe esmagar o navio: «A côr mais vulgar d'estas massas de gelo é o cinzento, em consequencia de uma nebrina quasi permanente que as reveste; mas se succede levantar-

(1) Veja-se a gravura estampada no n.º 31 d'este volume

se esta nevoa, e que os raios do sol possam illuminar a scena, apparecem então os maravilhosos effeitos da miragem. Dir-se-ía uma grande cidade, destacando d'entre a geada os palacios, as fortificações e os campanarios que a decoram. Ás vezes mesmo crer-se-ía ter diante dos olhos uma bonita aldeia, com seus castellos, suas arvores, e suas risonhas selvas, tudo salpicado de neve. O silencio o mais profundo reina em meio d'estas planicies geladas, e só dão idéa da vida alguns passaros girando sem ruido, e as baleias cujo halito surdo e lugubre rompe a intervallos esta penosa monotonia.»

Biscoe não encontrou na terra de Enderby nem gente, nem vegetação alguma, isto já para dentro do circulo polar antarctico. Imagine o que veria James Clark Ross na terra Victoria, em muito maior latitude!

Cercados de montanhas de gelo, mais altas do que o tope dos nossos mastros, vamos demandando o cabo da Descoberta, na terra Adelia, que appareceu a D'Urville em 1840. Bandos de aves aquaticas vôam em roda de nós, e grande numero de phocas agitam as aguas que o *Protheu* vae sulcando. Cada uma d'essas ilhas de cristal apresenta uma configuração particular: do alto d'esta despenha-se um ribeiro, que tomba em espumosa cascata sobre o mar; aquella eleva-se aprumada para o céu, como um obelisco; est'outra agita-se sobre as vagas como abalada por um vulcão. Que espectaculo brilhante o de uma aurora austral n'estas paragens! O céu rasgando-se em fitas de fogo multicores, dá um colorido phantastico áquellas regiões semi-mortas, e cruza o terror com a alegria no coração do observador.

Navegando sempre para o sul, novas barreiras de neve, não já ilhas soltas, mas grandes massas agglomeradas, se atravessam diante de nós. Como, porém, se enxerga um estreito canal entre dous altos paredões de gelo, tentaremos por ahi passar além da terra Adelia, e mesmo, se fôr possivel, além dos ultimos marcos austraes plantados até hoje pelos homens.

Os aspecto das visinhanças do polo antarctico é mais horrivel do que o do seu antipoda: aqui é o verdadeiro imperio da morte. Tudo é mudo em volte de nós!

Eis-nos em 80 graus de latitude; e o caminho das aguas está inteiramente cortado por altas montanhas. Posto que não enxerguemos mais do que gelo, a configuração d'estas serras induz a crer que formam uma verdadeira terra, talvez o continente antarctico, tão procurado ha tres seculos, e que mais de um navegador já suppoz ter achado. Como é provavel que elle exista, para contrapezar as terras do Arctico, daremos a este novo paiz, suppondo que não é de gelo, a denominação de *Terra do Protheu*, em honra do nosso excellente navio; chamaremos bahia da *Imaginação* a essa parte que mais recolhe para o sul, baptisando igualmente com os nomes de cabo do *Sonho* e morro da *Idealidade* as duas pontas que fecham esta angra. Todo o resto das enseadas, cabos, picos e ilhotes que estão á vista, ficam á disposição das amaveis leitoras e benevolos leitores para lhes darem os nomes que forem mais do seu agrado.

E agora, deixando pela popa estes sinistros logares, dirijâmo-nos a visitar os nossos antipodas, d'onde prosegoiremos a torna-viagem para a Europa.

(Continúa.)

F. M. Bordalo.

POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA.

II.

DOMINGOS DOS REIS QUITA,

NA ARCADIA — ALCINO MICENIO.

1728—1770.

XIII.

Passemos agora a examinar de mais perto a lucta do poeta com as difficuldades, e ao mesmo passo iremos assignalando os logares em que brilha a sua imaginação, e se manifesta a originalidade da invenção.

O Quita deixou-nos treze eclogas e dezenove idyllios, sem contar o drama pastoril de Lycore, dividido em tres actos, uma das composições mais formosas d'este genero.

Em todos os seus poemas campestres é clara a imitação de Virgilio, e da escola moderna classica; mas transparecem já toques visiveis da suavidade de Gesner, e da sua maneira pittoresca de representar as bellezas naturaes.

Entretanto, as poesias buccolicas de Domingos dos Reis não são isentas de defeitos, nem se podem apontar como primores absolutos.

Se muitas vezes é feliz na expressão dos episodios, e na configuração das scenas campezinas, e se possue a delicada arte de as dispor com agrado, formando quadros interessantes, falta-lhe não poucas a unidade da idéa e do desenho, e nem sempre se percebe qual foi o objecto que se propoz.

Esta imperfeição é commum tambem a Theocrito e a Virgilio; mas, seguindo com mais cuidado os exemplos de Gesner, poderia evital-a, deixando de imitar até nos erros os latinos.

Separando-se por vocação e estudo do plano dos antigos, Gesner conseguê triumphar sem custo da monotonia, precipicio quasi inevitavel do genero; e pintando os bosques, as aguas, e o céu, fia-se mais nos olhos e nas sensações, do que nos roteiros cem vezes percorridos das poeticas e dos livros.

Nos caracteres e costumes dos pastores, unindo a singeleza á profunda analyse do coração humano, soube ser discreto e sobrio, desviando-se tanto das subtilezas intrincadas dos buccolicos italianos e francezes, quanto se afasta das restricções pueris dos criticos, tendentes a circumscrever a esphera da invenção, tornando os camponezes ideaes a excepção insipida de todos os sentimentos e paixões.

Porque não bebeu o Quita com mais desafogo n'esta fonte, e não remoçou os idyllios da Arcadia nas aguas de uma verdadeira juventude?

As cordas que fere o Theocrito suisso todas se encontram na natureza, e as notas que lhes correspondem são as mais puras, e as que geram commoções mais vivas e sinceras.

Em quanto existir o mundo o amor paterno, a ternura filial, a amizade, e o enlevo conjugal, hão de sempre ser os laços indissoluveis, que liguem o homem á sociedade; e o poeta, que nos seus cantos suscitar estas doces imagens, com as risonhas virtudes, que são a sua alegria, sem orgulho póde dizer-se um grande mestre.

As graças ingenuas da simplicidade não diminuem antes augmentam ao drama intimo o seu effeito.

A prova está nos idyllios de Gesner.

Que branda luz, e que meiga melancolia não illuminam os seus quadros!

Que verdade não realça em rasgos bellissimos a lindeza desaffectada das suas descripções, e a frescura dos sitios bem escolhidos, em que nos abre a scena!

Infelizmente o Quita aproximou-se mais de Virgilio, que de Gesner; e por isso o canto lhe desmaia em muitas occasiões, causado de repetir com variações conhecidas o mesmo motivo.

Depois (inconsequencia notavel!) como a extensão permittida era tão curta, que em poucos passos se alcança toda, o poeta naturalisa sem escrupulo os assumptos menos buccolicos, e não duvida introduzil-os no recinto vedado ás preoccupações politicas, e ás especulações philosophicas.

As inverosimilhanças, que nascem d'esta violenta inversão, apparecem palpaveis!

Os cabreiros e vaqueiros esquecem-se de si, dos seus rebanhos, e das copadas arvores, que os abrigam, e principiam a discorrer como graves ministros ácerca das inquietações do tempo, gizando reformas, e affagando lisonjas.

Os pasmatorios do largo das Chagas e os sebastianistas da gazeta, apupados com tanto sal nas satyras do Tolentino, pouco lhes cedem em loquacidade novelleira.

Tudo sáe contrahido e falso.

As expressões brigam com os factos. Os caracteres desmentem-se; e a illusão descoberta, prolongando-se, converte em lisonja metrificada o dialogo pastoril. O que poderiam significar, como obras buccolicas, essas eclogas, cujo assumpto, como o da IV de Quita, é celebrar na Arcadia a preservação da vida d'el-rei D. José no attentado dos fidalgos; como a V, que trata só do natalicio do principe D. José, ou como a VI, que toda se consome em elogios ao despacho do conde de Oeiras?

Bastarão os exordios, e algumas tintas campestres para lhes assegurar a unidade, a côr, e a physionomia proprias?

Um ou outro lance feliz, esta ou aquella pintura delicada, absolverão o todo, e farão poetico e adequado, o que nasceu forçado, e repugnante á indole da musa dos bosques?

Virgilio praticou o mesmo?

De certo! Mas de que modo, e com que pruma!

Quando Tytiro e Melibeu se queixám dos furores da guerra civil, um venturoso, outro desherdado, a allusão politica entra como accessorio, e longe de destruir, confirma a verosimilhança.

A discordia não incendeia só as cidades. Solta e ebria de sangue, e coroada de tempestades calca aos pés as searas meio ceifadas, os cachos maduros para a vindima, e as mais gratas esperanças do lavrador.

Nos logares aonde antes se escutava a flauta rustica, resoa bravo combate a trombeta dos exercitos; e as socegadas campinas, aonde ha pouco o luar adormecia sobre as relvas, estirando as sombras dos troncos e das ramas, agora o sol erguendo-se por cima das collinas só desponta sobre ossadas, cinzas e ruinas!

Se o argumento da IV ecloga do Mantuano comemora o natalicio de um principe, ou ainda mais alto ascende, abalançando-se, nas azas do enthusiasmo lyrico, á visão futura, os criticos illustrados concordam todos qualificando o poema, como uma bella excrecencia do genero, embora em um berço de flores se disfarce a intenção politica do poeta!

Se Virgilio se eleva na VI ecloga, e sobe ás sublimes especulações dos systemas philosophicos, para explicar a origem das cousas, e a formação do universo, logo toma a desculpa no principio:

Cynthius aurem
Vellit et admonuit: Pastorem, Tityre, pingues,
Pascere oportet oves, deductum dicere carmen.

e desenhando a scena e os personagens d'ella, por uma formosa imitação do modelo grego, conserva a verosimilhança pastoril, tornando naturaes, na bôca do galhofeiro Sileno, as opiniões, que seriam inopportunas, proferidas por pastores.

Assim é que Virgilio conciliava as suas excursões com a unidade e o caracter peculiar do poema.

Os modernos, seus imitadores, contentaram-se com registar o exemplo, e saindo apoz o mestre, perderam-se do centro, em que deviam ter a vista, e para o qual, com destreza rara, o Mantuano tende sempre, por mais caprichosos, que alongue os seus rodeios.

Domingos dos Reis, abusando como os outros vates classicos das liberdades ensinadas pelo amigo de Mecenas, desvaira-se com frequencia affeiçoando ao molde restricto da buccolica, argumentos que elle rejeita, e que sem lhe alegrar os horisontes, a tornam pezada, ou pueril.

Temos sido severos na critica geral da obra poetica de um dos cantores mais distinctos da Arcadia, e não nos arrependemos.

Agora é tempo de indicar tambem as qualidades, e de insistir nas bellezas e merecimentos, que grangearam a Domingos dos Reis a sua reputação legitima.

Os defeitos, que lhe notamos, procedem de duas causas, da epocha em que viveu, e das circumstancias, em que se manifestou, que não estava na sua mão vencer de todo.

A falta de estudos serios na idade propria, e a necessidade de a supprir depois á custa de leituras variadas, e pouco digeridas fazia-se-lhe sentir em mais de uma occasião.

Apesar da sagacidade do juizo, e da delicadeza do gosto, sempre que se encontra com uma difficuldade grande, ou que se vê mettido em um passo mais arriscado vacilla, e desconfiando de si soccorre-se aos livros, para encostado a elles se esquivar do perigo, fugindo para a cópia. O rigor das regras, e a intolerancia dos dictadores academicos, que as applicavam, constituiam outro embaraço não menos grave para um animo timido, e um engenho pouco viril.

Aonde paravam os vestigios dos emulos e dos modelos a pagina do codigo poetico achava-se aberta, e a imaginação e mais a arte, sob pena de publica estranheza, eram obrigadas a inclinar-se, e a obedecer.

O mesmo Gesner, sujeito a tantas peias é possivel que desanimasse, se não se decidisse a romper por uma vez com todas ellas, e com os zelosos fiscaes da sua observancia, acto de resolução que o genio do Quita era incapaz de comprehender, e muito menos de executar.

Esmerado, comedido e correcto, aspirando só a agradar, e limando muito os versos para isso, o seu talento modesto lembra muito o lago sereno e abrigado, que reflecte na superficie espelhada os objectos, que o cercam, e que não se enfurecendo nunca diante do sopro das tormentas, deixa de apresentar as grandiosas vistas e o espectaculo sublime da ira dos elementos!

Eis o que pede a razão que se diga, e o que importa attender sempre, quando se aprecia um auctor, collocado, como o Quita, no meio de um periodo de reacção.

Exigir d'elle o que nem o seculo, nem as suas fa-

culdades comportavam seria mais do que injustiça, era calcar os principios e os deveres da crítica.

(Continúa.)

L. A. Rebello da Silva.

BAIXO-RELEVO ANTIGO.

Poucas regiões haverá no mundo em que se encontrem tão preciosos monumentos da arte antiga como a Moréa, essa grande peninsula mais conhecida pelo nome de Peloponeso. E por esta circumstancia tambem talvez nenhuma tenha sido tão cuidadosamente visitada por architectos e archeologos. De todos os trabalhos de exploração nenhum conhecemos, porém, que possa comparar-se ao que foi desempenhado por uma commissão franceza nomeada *ad hoc*. O seu relatorio, esplendidamente impresso por Firmin Didot, acaba de publicar-se, e é do seu tomo III que copiámos o desenho que precede estas linhas, representando um baixo-relevo encontrado em Sicyone. Seria difficil explicar o sentido ou conhecer o auctor d'este interessante monumentinho; entretanto é incontestavel que remonta aos melhores tempos da esculptura.

NOTAS SOBRE O MAR D'AZOF E O MAR PUTRIDO.

II.

O caudaloso Don (*Tanais* da antiguidade) que sáe do lago Ivan-Ozero na Russia meridional, governo ou provincia de Tula, vem no longo curso de 254 leguas de 20 ao grau, separando a Europa da Asia, desaguar no mar d'Azof; no golpho que ahi fórma estão situadas as duas cidades mais importantes d'este mar, por sua população e commercio. Taganrog e Mariopol. O nome da primeira foi bem conhecido em Lisboa quando Portugal carecia de importar cereaes para seu consumo; no terreiro eram preferidos os trigos de Taganrog aos de Odessa em razão da limpeza do grão, purissimo de sementes estranhas, e da abundancia de farinha excellente que produziam.

Aproveitaremos agora a recentissima informação do capitão tenente Lallement, que commanda um navio da divisão naval franceza que percorre o mar d'Azof.

«A entrada do golpho formado pelo Don é marcada pelo cabo Bielosarai ao norte e o cabo Obris ao sul; este ultimo, de terras mui rasas, deve ser costeado ao largo a distancia de 18 milhas, e a perder-se de vista, para evitar com segurança os dois bancos de Helena e Dolyaia, que partindo do pontal Obris se prolongam, o primeiro na direcção de oes-sudoeste, e o segundo ao noroeste na do cabo Bielosarai, deixando entre a sua extremidade e o mesmo cabo uma passagem de 10 milhas quando muito. Os navios que vão a Taganrog ou a qualquer outro porto do golpho devem demandar a terra do Bielosarai, o qual se distingue mediante um pharol de 80 pés d'altura, erecto na lingueta de areia que termina a ponta do cabo; acham-se 14 pés d'agua mesmo a seis ou sete amarras para leste da sobredita lingueta; póde-se prolongar o navio com a terra sem perigo a uma milha de distancia até Mariopol.

Exactamente no ponto onde a costa, que desde Bielosarai corre ao nornordeste, volta subitamente para leste, vem desaguar o pequeno rio de Kalmiousse, na margem direita do qual tem seu assento Mariopol, que é talvez a maior escala de trigos que os russos estabeleceram no mar d'Azof para acudir ás precisões das suas tropas na Criméa.

Uma parte d'esta cidade eleva-se em socalcos no declive escarpado, na altura de 45 a 50 braças; outra parte prolonga no chão plano as suas bem alinhadas e espaçosas ruas, interceptadas em angulo como todas as cidades de construcção moderna. O Kalmiousse teria largueza e fundo para servir de porto a embarcações que demandassem 7 a 8 pés de agua, se não tivesse a foz obstruida por um banco de areia, em que se navega apenas em 3 pés d'agua; tem por affluente uma ribeira que rodeia a cidade ao norte, e formaria em caso necessario uma boa defeza militar.

Deita-se ancora em frente de Mariopol com 13 ou 14 pés d'agua, e bom fundo de areia lodosa, a distancia da praia obra de nove amarras.

Ainda que pareça que a corrente do Kalmiousse deveria formar baixios junto á sua foz, demanda-se mais facilmente a cidade do lado do rio que da parte sudoeste. Pude fundear com a *Gairota* em dez pés de fundo e tão somente a cinco amarras ao sul quarta de S. E. d'aquella foz; e podia disparar d'ahi os meus obuzes sobre qualquer parte da cidade.

Largando de Mariopol nada estorva seguir mui proximo da costa até á povoação de Kirpi, tendo o cuidado de dar resguardo ás ilhotas d'areia, que demoram defronte de Liapina, e parecem formadas pelo entulho que o rio carreia, atirado para leste pelo mar de sudoeste, unico que algum tanto se encapella n'estas paragens. É necessario depois metter prôa a les-sueste para livrar do banco de Kivaia, que se estende seis milhas pelo menos ao sudoeste e ao poente da ribanceira em que está situada Norvica, e que é o prolongamento submarino da mesma ponta de Kivaia. Até Norvica póde-se chegar mais perto de terra do que em outra parte do golpho de Don. Passa-se depois á vista de Platava na margem esquerda de um ribeiro, e que de longe tem por balisa uma igreja; mas d'ahi por diante os baixos de Beglith, de Talstaia, e de Petrochina, que não são mais do

que aggregações de areias, que não deixam aproximar da terra menos de tres milhas qualquer navio que demande fundo de 11 a 12 pés: cumpre mesmo afastar da costa a distancia de 4 ou 5 milhas ao chegar ao baixo de Petrochina até estar na linha norte e sul com o cabo que lhe dá o nome, e onde campeia uma grande povoação.

Descobre-se então, a oito milhas a N.N.E. o cabo Taganrog, e toda a parte da cidade edificada no lado do mesmo cabo que olha para o sul. Os navios de grande porte deitam ferro n'este sitio com um fundo que varia, segundo a estação e o vento, de 10 a 18 pés d'agua! Bem é de perceber a difficuldade de apresentar uma tabella aproximativa de sondas de uma localidade sujeita a taes variações; só cumpre notar que as maiores aguas tem logar no fim de maio quando se derretem as neves, e as aguas mortas são na segunda quinzena de agosto quando muitos ribeiros se acham seccos; n'esta epocha as aguas baixam muitos pés em toda a extensão do mar d'Azof, e a barra ou estreito de Kertch difficilmente permitte passagem a embarcação de mais de dez pés d'agua.

Além d'isso a caldeira de Taganrog em todas as estações sobe ou desce sensivelmente conforme sopra o vento de leste ou de oeste: conforme o fundo que se achar n'este ancoradouro, que se póde chamar a grande enseada de Taganrog, se julgará se convem seguir para a cidade, e n'este caso se fará rumo de N.E. virando cautelosamente por estibordo todas as vezes que a sonda accusar diminuição um pouco repentina de fundo.

Conseguir-se-ha d'este modo passar o cabo de Taganrog ao N. O. quarta de N. e encontrar-se-ha um fundo quasi uniforme. Fazendo rumo ao norte estase no leito cavado pelo curso do Sambek, aproximando-se quanto o permitte o porte do navio.

Demais d'isso, sendo o fundo de vasa molle, não ha perigo em encalhar, e só deve evitar-se ser tomado de sobresalto n'essa posição por alguma das subitas baixas d'agua de que acima fallamos, e que os ventos fortes de nordeste infallivelmente produzem, correndo-se n'esse caso o risco de ficar mettido no lodo por muitos dias e até por muitas semanas.

O cabo Taganrog fórma um angulo recto, com um lado para o sul e outro para leste: na ponta d'este promontorio, que por consequencia é virado ao sueste, acha-se uma ilhota rasa, que em aguas mortas pega com a terra firme: chamam-lhe Pcherpaka (tartaruga). Quasi toda a cidade está edificada no cimo da ribanceira: mas, em baixo no lado oriental d'esta ha um terreno chão com perto de 180 braças de largura, de que fizeram um cáes muito bem conservado, e no qual se levantam duas ordens de armazens a que deitamos fogo em 3 de junho ultimo.

Do ancoradouro de Taganrog avistam-se a 10 milhas de distancia os terrenos baixos e alagadiços que terminam o golpho, entre os quaes desagua o Don por cinco bôcas. Não foi possivel ir ávante nenhum dos nossos navios, e a exploração de toda essa parte interessante do mar d'Azof só poderá ser feita em barcos.

Na margem meridional do golpho do Don, e quasi fronteira a Taganrog jaz a pequena cidade de Magaritorka, cuja notavel igreja se divisa de muito longe no meio das terras baixas, e serve de balisa para a cabeça do baixo Gretcherkoi, que se dilata oito milhas para o noroeste do cabo Ptchimburgsk. Tendo tomado por marca a referida igreja ao S. 25° E. e a cathedral de Taganrog ao N. 41° L. achar-nos-hemos no ponto preciso, onde os russos tinham collocado uma balisa negra para indicar o fim do baixo, e póde seguir-se de mui perto a costa até á ponta de Sazanitikoi que se estende a 2 milhas para o nordeste da aldeia de Nemnora.

Os navios que só requerem, como a *Gaivota*, dez pés d'agua podem continuar a prolongar-se com a costa deixando á sua direita um largo banco de areia e de conchas, cuja parte mais elevada fórma uma ilha tambem de areia, e que segue obra de 12 milhas a O. N. O. de Sazanitikoi. Da ponta d'este banco, onde tambem estava d'antes uma balisa preta, marca-se a igreja de Platora na costa do norte ao N. 30° E. e a igreja de Sazanitikoi ao sul 51° E. Quando se passa este banco vê-se a bahia de Gheisk, onde o pouco fundo não permitte entrar, e na praia occidental d'ella a nova aldeia do mesmo nome, onde os armazens e propriedades do governo tiveram a mesma sorte dos de Mariopol.

Fundea-se em frente de Gheisk ao noroeste da cidade com 14 pés d'agua e fundo de areia misturada com vasa, e póde-se costear a terra até o cabo Obris, que fórma a entrada do sul no golpho do Don, e que se reconhece por um monticulo. A partir d'esse cabo prolongam-se a oes-sudoeste e noroeste, distancia de quasi 18 milhas, os dois bancos de Helena e Dolicaia, de que fallei ao começar a descripção d'esta curiosa parte do mar d'Azof.»

O VOADOR.

1709—1724.

II.

Da antiga capella da Penha de França, aonde conduzimos o leitor no fim do anterior capitulo, e que desabou por occasião do terramoto de 1755, nenhum vestigio resta no mosteiro que hoje se vê n'aquelle mesmo logar. A primitiva fabrica, erguida nos fins do seculo XVI, com o producto das esmolas dos fieis, solicitadas por um soldado d'Africa, principiou com acanhadas dimensões. Prizioneiro em Alcacerquibir, o devoto guerreiro fez voto de levantar uma ermida sob a invocação da Senhora da Penha de França, se escapasse ás algemas da escravidão; e logo que voltou á patria cumpriu a promessa.

Engrandecida depois pelos dinheiros da cidade, como dissemos a proposito do voto de 1599, a capella attingíra um soffrivel grau de esplendor no anno de 1709, em que começa a nossa historia. (1) A igreja em si era pequena mas alegre, e a sua capella-mór attestava em custosos ornatos a piedade dos burguezes de Lisboa. Na sacristia havia um monstruoso lagarto, como ainda hoje ali se vê, e muitos d'esses quadros da infancia da arte, votados por pobres naufragos á Mãe dos afflictos, que mostram todavia, em traços rudes e com grosseiras tintas, o horror de uma tormenta e os perigos do mar.

Pelo lado do norte flanqueava o edificio uma esbelta torre; e ao nivel do tecto, na direcção do sul, estendia-se um vasto terraço, que communicava com o templo por meio da escada da sacristia, que já conhecemos, e com a rua por outra escada mais larga e arejada, que vinha desembocar em uma porta, aberta no muro contiguo ao adro da igreja. Por bai-

(1) A capella já de ha muito pertencia aos eremitas de Santo Agostinho, que lhe annexaram um convento; porém nós estamos escrevendo um romance extra-historico, e não uma chronica. *(Satisfação do auctor aos eruditos.)*

xo d'este terraço era a casa do capellão, que tambem tinha duas serventias. Compunham-se os seus aposentos de uma saleta, uma alcova, cosinha, e outro quarto onde dormia o sacristão; das janellas disfructava o reverendo uma vista deliciosa, e vivendo em paz com a consciencia, devia-se considerar feliz n'aquella solidão.

As dez horas da manhã appareceu, como promettêra, o Camões do Rocio, á porta da ermida; e o sacristão, correndo á saleta do padre Bartholomeu, annunciou-lhe a chegada do corregedor do crime. O clerigo dormíra pouco e mal, estava pallido e abatido; mas, apesar d'isso, fez um esforço sobre si, e ergueu-se da cadeira, dizendo:

—Conduz o ministro ao terraço; e não te esqueças da recommendação que te fiz esta noute. Quanto menos palavras, melhor, porque o sr. juiz é muito ladino.

O sacristão saiu promettendo discrição na lingua, e patenteando-a nos olhos, pois nem sequer pareceu notar que estava alguem no quarto, além do capellão.

De facto outra pessoa se enxergava em um dos angulos d'aquelle aposento. Era um rapaz de doze annos, ou uma menina de quinze? Eis o que seria difficil adivinhar á primeira vista. O cabello negro e curto, e o vestuario todo masculino indicavam um mancebo; porém a linda physionomia, as mãos e os pés delicados, pareciam denunciar uma dama disfarçada. Bartholomeu aproximou-se da creança, logo que o sacristão se sumiu, beijou-a na fronte, e disse-lhe com voz tremula, mas sem aspereza:

—Fecha cuidadosamente a porta, e não abras sem sentir o signal convencionado.

Quando o clerigo transpoz o limiar da porta, a formosa creatura deu duas voltas á chave, e caíu sobre uma cadeira, cedendo á fadiga do corpo, mas patenteando nos olhos a resolução de um espirito energico.

Devia ser aquelle o penitente da procissão dos ferrôlhos; é porém certo que, no momento de assomar ao terraço o padre Bartholomeu, perguntava o corregedor quem era o penitente dos grilhões, e se estava ali; e o sacristão interrogado, respondia com o maior sangue-frio: «Está aqui, senhor, sou eu.»

O bom do clerigo não póde suster o riso, e escondeu-se atraz da porta para ouvir a continuação do dialogo.

—Tu! disse o Camões, depois de examinar a alentada figura do sacristão, tu! não póde ser. Elle era mais baixo e mais delicado.

—Era eu, senhor, replicou com a mesma fleugma o manigrepo.

—Brincas comigo? Não vejo eu esses pés de cotovelos, quando os do outro...

—Eram estes, senhor.

O Camões recuou um passo, desorientado pela placidez do seu interlocutor; mas occorreu-lhe logo uma feliz idéa:

—Descalça, disse elle, esses sapatos de legua e meia, e veremos se tens os pés feridos como os tinha o penitente.

Para este caso imprevisto não estava preparado o sacristão; era um ponto omisso nas suas instrucções; e tudo estaria perdido, se o padre não saísse immediatamente do seu esconderijo.

—Temos a ceremonia de lava-pés! exclamou elle ainda da porta, quando já o sacristão se dispunha a sacar os chapins.—Oh! sr. corregedor, não estamos em sabbado de alleluia!

—Diabo! murmurou o Camões, meio envergonhado; adiemos o assumpto.

Bartholomeu, a quem não convinha tambem a continuação d'aquella conversa, aproveitou-se do soliloquio do magistrado para mandar retirar o sacristão; e logo, com o desembaraço de um habil machinista, junto á desfaçatez do charlatão, começou a descrever o seu famoso invento.

—Eis-aqui, disse elle, a minha barca, com a qual me proponho a andar pelo ar, da mesma sorte e com mais brevidade do que se andasse por terra ou por mar, como tudo expliquei no meu requerimento a sua magestade. Em cima temos o velame, para o caso de se encontrar vento favoravel, e aqui o leme, para dar a precisa direcção á machina, segundo a vontade do artifice piloto. Estas azas que pendem da barca, evitarão que ella cáia á banda; os folles, que vê, supprirão a falta do vento; e dentro d'estes globos metallicos vae o *segredo* attractivo. D'aqui a tres dias verá el-rei com os seus proprios olhos, e toda a côrte e o povo de Lisboa, que o padre *passarola*, como por ahi me chamam os ignorantes e os invejosos, ou o padre *voador*, como os fanaticos da inquisição me appellidam, verá toda essa gente, que dotei o meu paiz, e o genero humano, com a mais importante descoberta, qual é a rapidez das communicações, pois que d'esta fórma se poderão caminhar duzentas e tresentas leguas por dia.

Bartholomeu Lourenço enthusiasmára-se de tal maneira, fallando do seu invento, que todas as outras idéas se lhe varreram da memoria; porém o Camões do Rocio, que não acreditava nos promettidos resultados da nova machina, teria rido do pobre clerigo a bom rir, se uma suspeita lhe não esvoaçasse pela mente.

—Meu voador, dizia o faceto magistrado comsigo mesmo, creio que continúas a mangar comigo, fingindo-te enthusiasmado por esses arames, e por essas esteiras, com cujo auxilio promettes ir visitar o sol e a lua... mas não has de enganar-me. Bem me lembro do falso penitente, que me mandaste em logar do verdadeiro; porém descansa, que os beleguins e os espiões ainda se não acabaram.

Durante este curto monologo, o padre caminhára para um angulo do terraço, aonde se via outra machina mais pequena e mais simples. O corregedor, que só então viu este segundo balão, accrescentou, em voz alta, e com ar zombeteiro:

—Olá! parece que a passarola não é esteril; ahi temos uma filha sua.

A estas palavras do Camões, o sabio inventor do aerostato desceu das alturas da imaginação, em cujas azas rompia mais velozmente os ares do que esperava fazel-o na sua machina, com quanto muito confiasse n'ella; e topando com o espirito frivolo do corregedor, respondeu com melancolico sorriso:

—Dentro da grande barca espero eu correr as sete partidas do mundo; mas é com o pequeno balão que farei a experiencia nos paços d'el-rei. Seria difficil desmanchar e tornar a montar aquella; por isso aqui ficará até que se resolva a primeira expedição, a que hei de aventurar-me com mais dez companheiros.

—Não serei eu de certo nenhum d'elles! murmurou baixinho o Camões; e accrescentou depois em voz alta:—No dia 8 vae sósinho, padre Bartholomeu?

—Só. Quem se atreveria a acompanhar-me? Colombo achou bem poucos que o seguissem á descoberta do novo mundo, e esses mesmos revoltaram-se

no caminho contra o grande homem!... E mais era n'um elemento conhecido que iam navegar! A fabula de Icaro, as azas de João Baptista Dante, as machinas aereas de Cook, não são precedentes animadores para qualquer se arrojar ao espaço, sem ter visto claramente a possibilidade e pouco risco da empreza.

—Está doudo! pensou o bom do corregedor.

—Agora, accrescentou elle, dando um pequeno embrulho ao padre, aqui está a promessa em que lhe fallei: são outenta cruzados para uma nova corôa da Virgem. E não me esquecerei de relatar a sua magestade tudo que acabo de ver. El-rei ha de esperar com impaciencia pelo dia da ascensão. Receba os meus parabens, padre Gusmão, e adeus.

—Permitta-me que o acompanhe até á porta...

—Não é necessario; basta o sacristão... o penitente.

—Está muito dorido dos pés; talvez fosse descansar. Eu guio o sr. corregedor.

E precedendo o Camões, desceu a longa escada que conduzia do terraço ao adro da ermida, aonde muitos basbaques estavam contemplando com pasmo e terror a parte da machina que se enxergava no alto.

Depois de fazer uma profunda venia ao amigo d'el-rei, subiu o capellão a mesma escada até meia altura; volveu á esquerda por um corredor escuro, e achou-se á porta do quarto aonde deixára a creança. Bateu como os nós dos dedos seis pancadas, com intervallos de duas a duas, depois assoviou de uma maneira particular, e a porta abriu-se docemente.

O rosto do sabio estava afogueado, e as lagrimas que corriam por outras faces que roçaram pelas suas, foram como o orvalho benefico que tomba do céu sobre o areal abrazado pelos raios de um sol intenso.

(Continúa.)

F. M. Bordalo.

UTILIDADE DAS TOUPEIRAS.

É extraordinario o encarniçamento com que os camponezes procuram e destroem as toupeiras. E todavia os estragos que causam nos campos estes pequenos animaes são bem insignificantes comparados com os serviços que prestam.

A toupeira, diz o sr. Pouchet, é essencialmente insectivora; e apesar de tudo o que se tem dito, é innegavel que não roe a raiz de nenhum vegetal. Sobre mais de 200 toupeiras que aquelle zoologo dissecou, com o intuito de esclarecer este assumpto, em nenhuma encontrou vestigios de plantas, achando-lhe aliás os estomagos repletos de fragmentos de insectos.

Importa que os agricultores saibam, que este pequeno insectivoro é de uma voracidade extrema. M. Flourens teve occasião de verificar que as toupeiras expiravam se porventura aconteceia ficarem um dia sem comer. Esta voracidade, accrescenta M. Pouchet, dá a medida dos serviços que este animal póde prestar á agricultura, libertando a terra de uma multidão de insectos nocivos. A toupeira não abre as suas tocas ramificadas debaixo do chão senão para buscar no seu trajecto os diversos animalculos de que se alimenta: tal é o fim da sua laboriosa vida. Se estivesse um dia sem encontrar sustento n'um campo, perceceria. Assim toda a vez que o lavrador vê as toupeiras persistir em suas terras é que as raizes dos vegetaes lá lhe offerecem abundante pasto; e acredite-se que o mammifero compensa largamente o estrago que faz revolvendo o solo pelo numero de insectos que devora.

Estes factos são de tal evidencia que hoje em certos paizes os agricultores compram toupeiras para as deitarem nas vinhas quando percebem que as raizes estão atacadas de insectos que cumpre aniquilar.

AGARICO PHOSPHORECENTE.

Um botanico celebre, cuja perda recente a sciencia deplora, deu o seu nome a esta producção vegetal d'um effeito tão maravilhoso. O *agarico Gardneri* nasce nas profundas solidões de Goyaz, Brazil. Os habitantes d'esta provincia remota conhecem-o pela denominação de *flôr de côco*, porque a colhem em uma especie de palmeira. Póde ser aproveitado, como se aproveitam nas mesmas regiões varios coleópteros luminosos. Alguns agaricos phosphorecentes, juntos n'um quarto, dão luz sufficiente para se poder ler. Deve-se ao reverendo Berkley a descripção mais completa d'esta prodigiosa planta. De resto parece que o agarico luminoso não se encontra unicamente no Brazil, porque M. Drummond descobriu já na Australia uma especie de cugumello que gosa das mesmas propriedades.

BIBLIOGRAPHIA.

A CRUZ, DRAMA PELO SR. LUIZ DE VASCONCELLOS DE AZEVEDO E SILVA — UM QUADRO DA VIDA, DRAMA PELO SR. ERNESTO BIESTER.

Acabam de saír á luz estes dous dramas, enriquecidos, o primeiro, de um juizo critico pelo sr. Francisco Maria Bordalo, e o segundo, precedido de um prologo pelo sr. Luiz Augusto Rebello da Silva, e seguido de uma analyse critica pelo sr. Antonio Pedro Lopes de Mendonça.

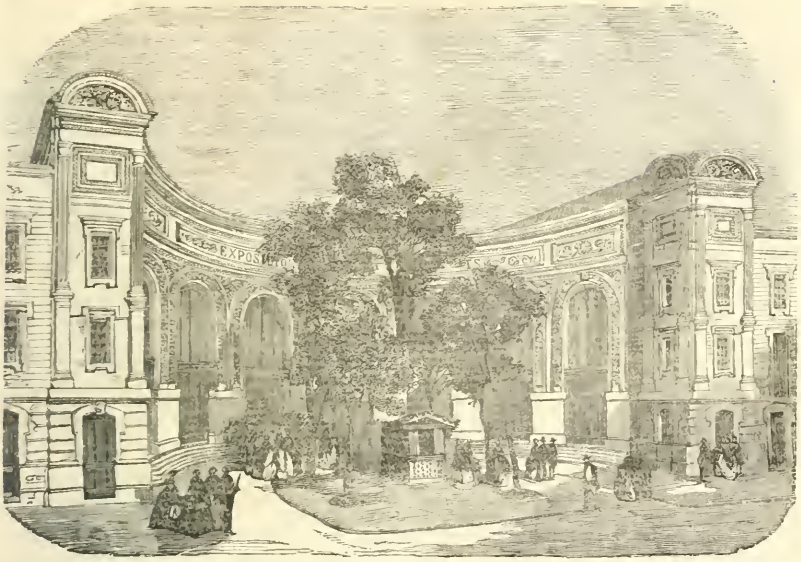
A edição é feita com limpeza e correcção; e cada drama fórma um bonito volume de oitavo francez, brochado.

Estreia de um escriptor conhecido nas lides da imprensa politica e litteraria, a *Cruz* representou-se com applauso no theatro de D. Maria II em 18 de março de 1849.

Um Quadro da Vida, representado com acceitação no mesmo theatro em 29 de outubro de 1854, não é a primeira producção dramatica do sr. Ernesto Biester; mas é já um trabalho importante, que dá a medida do que póde valer o auctor, se não lhe faltarem estimulos.

Recommendando os dramas indicados, folgaremos que os auctores consigam, na prova a que agora os submettem, confirmar o triumpho alcançado na scena.

Acham-se á venda estes dramas na livraria do editor, que o é tambem d'este semanario, rua Aurea, n.os 227 e 228. Em Lisboa vendem-se igualmente na livraria do sr. Lavado, rua Augusta, n.º 8, e na de Bravo, rua Aurea, n.º 212. Nas provincias, ultramar e estrangeiro em casa dos correspondentes do editor, cujos nomes podem lêr-se em varios numeros d'esta folha. Preço da *Cruz*, 320 rs. e do *Quadro da Vida*, 480 rs.



EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS—BELLAS ARTES.

A exposição universal dos productos de bellas artes não tem logar no edificio chamado exclusivamente *palacio da industria*; mas n'uma grande construcção provisoria, erigida expressamente para o fim proposto.

A entrada principal para os salões da exposição de bellas artes deita para a avenida Montaigne, na extremidade da parte do rio.

A fachada do monumento tem uns outenta metros de largura; o centro é cortado n'um hemicyclo de cincoenta metros de abertura, guarnecido á direita e esquerda de dous corpos rectangulares. Na parte semi-circular abrem-se sete arcadas, envidraçadas, lendo-se no friso superior, em letras de ouro, as palavras: Exposição universal de Paris.

Mais altos que este hemicyclo, os corpos lateraes que acompanham a avenida Montaigne, compõem-se de um pavimento ao nivel da calçada, uma especie de sobreloja, e um primeiro andar, decorado de um frontão circular apoiado sobre pilastras elegantemente estriadas.

A segunda entrada publica do palacio das bellas artes, que deita para a rua Marbeuf, é tambem reintrante como a da avenida Montaigne: mas ali a fórma semi-circular foi substituida pela linha recta. Tres portaes mais singelos dão por aquelle lado accesso as differentes salas e galerias.

As arcadas da avenida Montaigne, levantadas do solo a altura de sete degraus, abrem-se sobre um immenso vestibulo, nas extremidades do qual começam duas amplas escadarias, que conduzem ás galerias lateraes, onde estão expostos os desenhos, aguarellas e gravuras, etc. Varios quadros da escola norueguense ornam este vestibulo, do qual se entra nas outras salas, dispostas em toda a largura do edificio, e divididas em sete secções transversaes.

São cinco as salas collocadas parallelamente ao vestibulo. No meio está a sala dos bavaros; a primeira á esquerda é a dos italianos; a segunda do mesmo lado, é a dos neerlandezes, maior em dobro que a reservada á Italia. O primeiro espaço, á direita da sala da Baviera, é consagrado aos austriacos. O segundo, no mesmo alinhamento, pertence á Inglaterra, cujos vastos dominios, cobrindo seis das secções transversaes, acabam onde começa a ultima galeria junto ao vestibulo da rua Marbeuf.

No centro da segunda secção, contigua á de Baviera, encontra-se a escola prussiana. A terceira divisão é reservada em parte á peninsula hespanhola, tocando ao norte com a da Inglaterra, e ao meio dia com a da Belgica, que se segue n'este ponto á dos Paizes Baixos.

A vasta quadra em que então se penetra é o primeiro salão francez. Segue-se o segundo salão da França, que é de dimensão igual ao da peninsula, que os inglezes e os belgas flanqueiam nas extremidades; logo depois encontra-se a terceira sala destinada á escola franceza.

A setima e ultima secção, d'onde se passa para o vestibulo correspondente á rua Marbeuf, constitue, para assim dizer, a grande galeria franceza. Á direita d'esta galeria ha uma serventia para a exposição especial das esculpturas, que aliás foram repartidas, tanto quanto foi possivel, pelas outras salas. A gravura representa a entrada do edificio provisorio da exposição, que deita para a avenida Montaigne.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

CARTAS ESCRIPTAS EM 1787.

Começámos n'este numero do *Panorama* a publicação das noticias da viagem de Beckford a Portugal, aonde as riquezas e o trato agradavel lhe grangearam a amizade de fidalgos influentes, proporcionando ao seu talento observador e descriptivo a occasião propicia de retratar do vivo, e em vulto, as principaes figuras da côrte da rainha D. Maria I.

O quadro, que o viajante inglez traçou da sociedade portugueza mais illustre, no ultimo quartel do seculo XVIII, dous annos antes de rebentar em Paris a revolução franceza, que depois, crescendo como um incendio, invadiu as fronteiras de todos os estados, não se limita só a ser curiosa, é instrutiva, e segundo cremos tambem é unica.

A não ser nas informações diplomaticas dos ministros estrangeiros difficultosamente se encontrará uma pintura mais completa e animada das idéas, costumes, e cultura do nosso paiz, em um periodo, que apesar de proximo, para nós se tornou dos menos conhecidos e estudados.

Beckford escreveu com desenfado, e sem ostentação, deixando correr a penna á medida que a veia crítica o inspirava.

Tratando de igual a igual com os primeiros titulos, e admittido á intimidade das casas nobres, viu tudo pelos seus olhos, e pouco poderia escapar á penetração e viveza de que foi dotado.

O paço e a côrte, o clero e o povo, resáem nos seus paineis com a physionomia que lhes era natural. Os personagens, que nos offerece, respiram e movem-se diante de nós com a maior verdade individual. E o esboço dos logares e paizagens, em que as scenas se representam, nada deixa a desejar quanto á expressão e propriedade.

Logo se conhece que tudo aquillo é nosso, e não podia ser de outrem.

A malicia do auctor brilha com graça nos toques finos e ligeiros, com que levanta em relevo uma feição comica, ou com que oppõe á gravidade dos actores o ridiculo da posição, falsa ou jovial, em que os descobre.

No mais, deve louvar-se a sua escrupulosa fidelidade, e grande benevolencia pela nação, e pelos amigos, que soube conservar.

Beckford, cavalheiro a todos os respeitos, nunca abusa da confiança, que lhe abriu com hospitalidade as portas dos palacios dos fidalgos, e as camaras menos accessiveis dos ministros. Sabe tornar-se divertido e interessante sem se aviltar ás fabulas e calumnias, de que outros, por ingratos, não duvidaram servir-se, imaginando realçar os livros a preço de imposturas e escandalos.

O merecimento da obra provém d'ella mesma; e como é provavel que da sua leitura se gere a curiosidade de apreciar de perto o escriptor, aqui apontaremos rapidamente as noticias, que pudemos obter ácerca do opulento inglez, quasi naturalisado portuguez pelo seu amor á terra e aos moradores.

O viajante, de que tratâmos, era filho d'aquelle espirituoso William Beckford, que sendo lord maire de Londres com resolução rara dirigiu a Jorge III, em 1770, as severas queixas do povo contra o seu governo.

Este acto de valor, nada commum, mesmo em Inglaterra, e sobre tudo n'aquelle seculo, levou os cidadãos da capital a perpetuarem a boa memoria do magistrado, erguendo-lhe na casa da camara a audaciosa estatua, que sustenta no braço erguido a famosa falla origem da sua popularidade.

Grandes riquezas, e a importancia que ellas quasi sempre dão, unidas a um caracter vigoroso e respeitavel, tinham determinado a eleição de William; e parece que o conceito publico, nunca desmentido, o acompanhou até á sepultura, á qual desceu em idade de pouco adiantada, deixando por universal herdeiro dos seus immensos bens, reputados em cem mil libras esterlinas de rendimento annual, a seu filho unico, ainda menor, que é o mesmo, que veiu a Portugal em 1787, e veremos estimado dos fidalgos, e bemquisto até dos plebeus, graças ao condão que possuia de saber insinuar-se.

O alicerce principal das riquezas de Beckford eram as suas valiosas propriedades coloniaes, situadas na Jamaica.

A educação, em que se esmeraram os cuidados de seu pae, dirigida com acerto, desenvolveu as prendas de um engenho dotado de grandes poderes litterarios, e o que menos vulgar é, soccorrido do tacto subtil, e do gosto mimoso, tão essenciaes para ser juiz competente e delicado apreciador dos primores das artes.

Concluidos os seus estudos, o mancebo, notavel pela magnificencia do seu trato, e pelos grandes talentos, com que realçava, foi olhado como um dos cavalheiros mais distinctos da Gran-Bretanha, e a sua alliança invejada pelos orgulhosos fidalgos da antiga e poderosa aristocracia, que ali continúa com sabedoria as tradições politicas do senado romano.

A sua escolha não se demorou. Em 5 de maio de 1783 Beckford ligava a sua sorte, e offerecia os seus thesouros, á formosa e seductora Margarida Gordon, filha do conde Aboyne, par de Escocia, e n'este doce enlace abençoado por todas as venturas cifrava o jubilo e a esperança da sua mocidade.

Mas os mais felizes e opulentos estão expostos, como os pobres e humildes, aos mesmos rigores da fortuna.

No maior auge das prosperidades alcança-os de ordinario o golpe, e quasi sempre acontece, que vae direito ao coração, abrindo as feridas incuraveis, que sangram sempre, porque o espinho da saudade nunca as deixa cicatrizar.

Passados tres annos, quando os laços do amor conjugal, se é possivel, estavam mais apertados, a esposa de Beckford, foi arrancada de repente aos estremos de seu marido, e sepulton comsigo no tumulo todas as alegrias, que o ditoso consorcio havia feito nascer.

Dando á luz o segundo fructo da sua união, Susana Euphemia, depois duqueza de Hamilton em Escocia, de Brandon em Inglaterra, e de Chatellerant em França, lady Margarida não pôde resistir aos effeitos de um parto desastroso, e expirou nos braços de seu marido. A magua d'este foi sincera e longa; e a vista dos logares, que lhe recordavam os serenos dias, tão curtos! do seu amor tranquillo, tornou-se-lhe insupportavel. Para não ceder á intima e desesperada tristeza, que o consumia, separou-se, pois, de suas filhas, e deixou a Inglaterra, procurando o allivio d'ella nas variadas sensações de uma viagem extensa, tentada na peninsula hispanica, e bem propria pela diversidade do clima e dos costumes para o distrahir da sua dor. Executou o projecto, em 1787, e começando pelo reino de Portugal, aportou a Lisboa, seguindo directamente de Falmouth.

Apesar do tempo, e da inquietação, com que de

proposito queria sobresaltar-se, a sombra querida da esposa, não se lhe apagava da alma, e até no meio dos prazeres e regosijos o vemos de repente desviar-se para enchugar as lagrimas, que lhe arranca a suave imagem sempre viva no fundo do seu peito.

A carta XVII é uma prova do que dizemos.

Admittido a beijar a mão da rainha, e a assistir com a côrte a um festejo, o observador interrompe-se de subito para nos descobrir a nodoa indelevel, que lhe pizava o coração.

A similhança casual, que se lhe figurou achar entre o rosto da condeça de Lumiares e o da esposa que chorava foi quanto bastou para logo se commover e arrebatar! Por mais que tente conter-se, foge-lhe dos labios a verdade; e por fim nem elle mesmo lucta já para a esconder. Ouçâmol-o:

«O conde de Sampaio, camarista de semana, ajoelhou, e offereceu assim o chá á rainha. Depois d'esta ceremonia, porque tudo é ceremonioso n'esta côrte cheia de ostentação, annunciou-se o fogo de artificio, e as reaes victimas acompanhadas das suas victimas entraram em outra sala. A marqueza de Marialva, suas filhas, e a condeça moça de Lumiares, vieram para o aposento aonde eu me achava, e apossaram-se das janellas. Sete ou onto rodas de fogo, e outros tantos valverdes collossaes começaram a arder, lançando admiraveis foguetes por todos os lados, com grande alegria da condeça de Lumiares, que não conta ainda mais de dezeseis annos, e já é casada ha quatro. A sua jovialidade quasi infantil, e as louras madeiras, que se annelavam, emmoldurando as faces risonhas e vivas de côr, fizeram-me lembrar tanto da pobre Margarida, que a sua vista me infundia a mais terna melancolia. O estado interessante em que se achava, ainda augmentou a illusão; e em quanto ella, sentada á sacada, me apparecia por vezes envolta no clarão azulado dos foguetes que subiam silvando e estalavam no ar, eu estremecia, como se um espectro surgisse de repente, e dava por mim com os olhos banhados em lagrimas.»

Nos fins de 1787 Beckford passou a Hespanha, e escreveu ácerca d'esta segunda viagem outra collecção de curiosas cartas.

Depois recolheu-se á patria, e lá residiu, ora em Londres, ora na sumptuosa abbadia de Fontill, morada de principes, que a sua inclinação ás novidades e ao esplendor o decidiram a enriquecer de magnificas obras no estylo gothico da renascença.

Em 1794 uma accusação grave, que se julga provada, obrigou-o a saír precipitadamente da Gran-Bretanha, refugiando-se em Portugal, para onde o attrahiam os laços da convivencia anterior, e as sympathias pessoaes.

Então é que edificou em Cintra, n'um dos pontos mais pittorescos, a casa de recreio de Monserrate, sumptuoso capricho de uma imaginação que sabia crear e desejar.

O marquez de Marialva estimava o opulento inglez, e em casa d'este fidalgo, tão distincto pelo sangue e pela cortezia, é que elle avaliára o conchego amavel e a benevolencia íntima da hospitalidade portugueza.

Sabedor da causa que forçára o amigo a expatriar-se, e do processo que o ameaçava na sua terra, o marquez não poupou diligencias com o principe D. João, para o resolver a interpor a sua protecção, recommendando a Jorge III o negocio de Beckford, e alcançando, como a final obteve, do governo britannico, a promessa do mais completo esquecimento.

Em testemunho da sua gratidão o estrangeiro pediu licença para offerecer á rainha quatro soberbos lustres de filagrana de ouro, destinados a ornarem a capella real; mas a soberana recusou, entendendo que não ficava airosa a sua corôa, acceitando de um particular presente de tanta valia!

Beckford, tendo vivido alguns annos em Portugal, requereu o titulo de visconde, e pediu a mão de uma filha natural da casa de Marialva, segundo se crê; porém a sua qualidade de estrangeiro, e a religião protestante que professava, não lhe permittiram obter nem uma nem outra cousa.

O fausto oriental do seu trato pessoal eclipsava já a grandeza do throno, e conselheiros menos prudentes insinuaram a necessidade de o constranger a abreviar a sua residencia.

Seguiu-se esta perniciosa opinião, e o opulento proprietario, contra vontade e muito a seu pezar, teve de deixar o paiz, que desejára adoptar para patria, transportando para elle as suas immensas riquezas.

Voltando por França e Italia, e assignalando por toda a parte a sua passagem, Beckford recolheu-se a Inglaterra; e em Fontill, aonde morava quasi todo o anno, ostentou as posses da magnificencia, e o gosto delicado com que sabia utilisar os seus thesouros.

Em poucos annos a abbadia tornou-se uma verdadeira maravilha. O portico, no estylo gothico moderno, é reputado um portento architectonico.

A primeira sala, que se encontra logo á entrada, com 68 pés de comprimento e 78 em altura, apresenta-nos o tecto de carvalho, lavrado em molduras, e ornado de brazões á moda antiga.

Tres janellas com vidraças de côres, e de volta ponteaguda como as das cathedraes da meia idade, coam a luz, para a soberba escada, por onde se communica para o octogono.

Este não terá talvez igual nas obras d'arte, devidas á bolsa de um particular.

Do centro a vista domina-se de cima de 138 pés de alto, e abraça os pontos mais pittorescos, recreiando-se, e admirando sem cessar.

A torre de 276 pés, d'onde se descobrem umas poucas de leguas em redor, custou a Beckford sommas incalculaveis.

No momento, em que já arremeçava a sua corôa de ameias á altura em que havia de ficar, pegou-lhe fogo, e abrazou-se. Outro desanimaria, e as ruinas enegrecidas testemunhariam longo tempo o desalento; mas Beckford não cedia assim.

Apenando todos os carros e viaturas do districto, a ponto de suspender os trabalhos ruraes, principiou a reedificar com maior vigor ainda.

Dia e noute andaram na obra para mais de 460 jornaleiros, revezando-se aos quartos, e nos rigorosos serões do inverno, pendurando-se dos andaimes com fachos nas mãos, faziam ver ao caminhante, que passava a distancia, o espectaculo quasi phantastico das luzes, fugindo, brilhando, e sumindo-se de novo, suspensas em alturas desconformes, no meio da espessa treva das noutes tormentosas!

O parque em volta do castello abrangia sete milhas de circumferencia; mas a disposição do terreno era tal que podiam andar-se vinte e uma sem volver segunda vez ás mesmas alamedas.

As arvores e os arbustos correspondiam. Desde a mais humilde planta dos Alpes até á mais rara flôr dos Tropicos, tudo ali se encontrava.

Beckford, antes de cerrar os olhos ainda teve a satisfação de receber em sua casa a neta de D. João VI,

a rainha D. Maria II, quando veiu a Londres aguardar que a espada dos portuguezes fieis á sua casa lhe restituisse a corôa dos seus reinos usurpados.

A abbadia de Fontill, depois da morte do proprietario, vendeu-se em hasta publica; e um capitalista, M. Farquhar, foi quem a arrematou por tresentas e quarenta mil libras esterlinas (1).

Eis o que pudemos apurar ácerca do homem singular, que tantos annos viveu entre nós, e até ao ultimo suspiro nos consagrou amisade e dedicação.

No meio dos primores d'arte, que ennobreciam o seu palacio, os objectos que recordavam a sua longa residencia em Portugal occupavam o primeiro logar; e na sua instructiva conversação eram frequentes as saudades, com que o fastuoso inglez confessava ter sido constrangido a separar-se do nosso brando clima, e dos lindos olhos, que o levariam a esquecer a patria, se mesquinhas invejas lhe não cortassem os desejos, e não o afastassem para sempre.

L. A. Rebello da Silva.

CARTA I.

PASSEIO A PALHAVÃ.

30 de maio de 1787.

Horne induziu-me, bem contra minha vontade, a acompanhal-o na sua sege portugueza á residencia dos filhos bastardos de D. João V em Palhavã, em vez de proseguir as minhas costumadas excursões pela beiramar. É detestavel a estrada até aquelle magnifico jardim, nem conheço outra mais infestada de mendigos, cães, moscas e mosquitos. A quinta, pertencente ao marquez de Louriçal, fica n'uma cova, e o basto arvoredo que a cerca nem passagem deixa á viração do ar; por isso eu abafava á sua sombra.

Um grande espaço plano da banda da frontaria da casa de campo está occupado com tristonhos labyrintos de murta tosquiada, de que surgem altas pyramides, no desprezivel estylo hollandez do que foi plantado pelo rei Guilherme em Kensington, e arrancado ha annos pelo rei Jorge III. Para lá d'esta brenha intrincada ha extensos carreiros de perenne verdura sombria, litteralmente e com grande propriedade denominados ruas, mais apertadas, com maior formalidade, e não menos pulverulentas do que High-Holborn. Tomei d'ahi para uns canteiros de hortaliças e plantas aromaticas de regadio, fechados por uns caniçados mui limpos que engrinaldavam mui perfeitas e virentes rosas, de todo livres de insectos e polilha, dignas de se espargirem nos leitos ou metter no seio de Lais, Aspasia, ou lady.... Bem sei eu o enthusiasmo com que toda a pessoa de bom gosto se deleita n'estas amaveis flores; e quanto a miudo e em versos harmoniosos foram pelo Ariosto celebradas. E não tem lady.... um camarim pintado todo de rosas? Porventura não as esfolha no seu banho, e de nenhumas outras flores enfeita os seus idolos? Quem lhe contestará esse direito?

Em quanto eu estava poeticamente embevecido nas rosas, Horne travou conversação com um tal mestre de picaria anglo-portuguez, da casa de suas altezas bastardas, o qual trazia sua cabelleira mui composta e bem polvilhada, lustroso espadim de punho de prata, toda a andaina do fato de côr carmezim, e era dotado de uma guapa e bojuda pança. Com a mão direita na abertura do colete e a outra em acção de tomar a pitada, encarecia a piedade, temperança, e pureza de vida de seus augustos amos, que viviam retirados do mundo, em perfeito estado de socego, aborrecendo companhias profanas, nem sequer olhando para as mulheres.

Curioso de ver a vivenda d'estes sisudos regios enxertos, entrei no palacio; nem um insecto se bolia, nem se ouvia o mais leve susurro. Os aposentos principaes consistiam n'uma serie de salas de tectos altos, magestosas, e forradas uniformemente de damasco carmezim escuro; o topo de cada uma era coberto por um pezado docel de veludo lavrado; da direita e esquerda estavam enfileiradas immensas poltronas dos mesmos materiaes: nada de espelhos, de pinturas, dourados, ou decoração, nada mais do que monotona tapeçaria; até as mezas tapavam pannos de veludo franjados, no gosto d'aquelles que as nossas viuvas ricas usavam antigamente para arreiarem seu toucador. Basta a vista das mezas assim tapadas para fazer suar a gente; e não posso atinar como o diabo tentou os portuguezes a buscar moda tão sediça.

Este gosto de vestir saias ás commodas e bancas é geralmente havido aqui por bonito, ao menos nos aposentos reaes. Em Queluz nenhuma meza de jogo ou de jantar escapou; e suspeito que não poucos vestidos velhos da côrte foram desmanchados para fornecerem aquelles atavios; ha-os de todas as côres, lisos ou florcados, com ramagens campezinas, ou esplendidamente recamados. Não assim em Palhavã, onde só predomina o carmezim, tingindo sem rival todos os objectos com a sua regia côr opaca. Arrumadas á parede entre duas das sobreditas mezas estão duas poltronas para suas altezas, e defronte uma ordem de cadeiras para os reverendos em Christo, que de tempo a tempo têem a honra da admissão.

Quanto póde a força da educação! Que esforços não demandaria da parte das aias, escudeiros, e camaristas abafar todas as vividas e generosas sensações no animo dos principes que educavam, violentar a natureza humana sujeitando-a aos habitos de uma realeza sem poder! A magestade sem dominio é de todas a carga mais pezada. Um soberano achará em que se occupe; tem a escolha do bem ou do mal; porém, principes como os de Palhavã sem mando nem influencia, que nada mais tem a manter do que uma imaginaria grandeza, bocejarão com o espirito hebetado, e no andar do tempo se mostrarão tão ceremoniosos e inanimados como as pyramides de buxo enfezado em seus jardins. Quanto mais felizes foram os rapazes que o rei João entendeu que não devia reconhecer, e que não são pouco numerosos, porque o piedoso monarcha «largo como os seus dominios espalhava a imagem e similhança do seu creador pela terra.» Talvez que esses, em quanto seus irmãos bocejam inertes debaixo de enferrujados doceis, passem a vida zangarreando em suas violas nos ranchos vadios e descuidosos passeios ao luar, ou saracoteando-se no alegre fandango, ou gosando do profundo somno, das iguarias campestres, e das ga-

(1) Os primores encerrados na abbadia de Fontill, mesmo em Inglaterra, que é a nação das aristocracias e das opulencias, deslumbraram os mais experimentados amadores.

Porcelanas rarissimas; quadros de preço; trastes de ouro maciço, de ebano, e de tartaruga; quanto á arte pode conceber e a riqueza adquirir, ornavam os aposentos de Berkford.

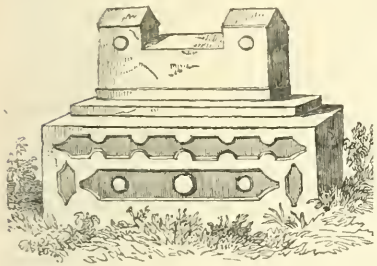
Quando se annunciou a venda, tres concorrentes disputaram a compra, encarecendo, a cada qual mais, o valor da propriedade. Eram o duque de Wellington, o conde Grosvenor, e o marquez de Hertford. Nenhum póde chegar ao preço. O marquez consolava-se, dizendo: «Só o rei deve possuir este castello: um particular não sei como ha de viver aqui!»

lhofas, revestidos do caracter de curas d'alguma festiva povoação rural.

Folguei de ver-me fóra do palacio; o silencio, a luz fraca desalentavam-me, e n'uma atmosphera restricta, impregnada do cheiro de alfazema queimada, quasi desfallecia. Estou sequioso de ar. Nem é cousa que mova espanto; póde uma pessoa achar-se tão bem na cama com um esquentador, como dentro de uma sege portugueza com o corpulento Horne, que ostenta a volumosa barriga, ataviada n'esta estação com um colete de brilhantes lentejoulas. Forçoso me é partir para Cintra, ou morrer abafado!

(Continúa.)

. . .



OS JUDEUS CARAÍTAS DA CRIMÉA.

(FRAGMENTO).

Os thalmudistas fazem remontar a origem d'estes sectarios ao outavo seculo da era christã; mas os caraítas attribuem-se uma antiguidade muito mais remota, dizendo que o seu scisma começára muito antes da destruição do primeiro Templo. A etymologia do seu nome, que alguns derivam da palavra *kara*, escriptura, é um pouco duvidosa. Pelo que respeita á sua crença, differe ella da dos hebreus, em que rejeitam absolutamente o thalmud e toda a sorte de tradições ou commentarios rabbinicos, cingindo-se á letra simples da lei, tal como foi dictada por Moysés. Á imitação dos musulmanos, que reputam como um acto de piedade transcrever o alcorão, impõem-se o preceito de copiar, ao menos uma vez na vida, o Antigo Testamento, começando no livro de Josué: o Pentateucho conserva-se á parte, e unicamente n'uma versão impressa para uso das aulas.

Algumas outras dissimilhanças na lithurgia, o modo da circumcisão, o regimen alimentar, bem como os graus de parentesco relativamente aos casamentos, estabelecem uma linha de demarcação profunda entre estes sectarios e os rabbinos, que se dizem ortholoxos.

São os caraítas mui pouco numerosos. Encontram-se principalmente no Egypto, na Volhynia, na Lithuania, e até na Hollanda. Em Constantinopla contam-se umas quarenta familias d'elles, com synagoga particular no arrabalde de Khas-Keuí. O seu numero na Russia meridional, não póde calcular-se em mais de 2:000, comprehendendo as familias estabelecidas em Odessa e nos arredores de Kherson, bem como as colonias de Kosloff e de Theodosia.

Todos os viajantes dão testemunho da honradez e probidade proverbiaes dos caraítas. Em toda a parte a sua palavra equivale a uma obrigação escripta.

Hospitaleiros, affaveis, aferrados á sua fé sem intolerancia, distinguem-se ainda dos seus correligionarios pelo constante aceio nas pessoas e habitações. Singelas, mas commodas e bem construidas, as suas casas dividem-se, como as dos musulmanos, em duas partes, a interior, reservada para as mulheres; e a exterior, onde o chefe da familia dorme, fuma, e recebe as visitas. O trajar dos caraítas differe pouco do dos tartaros, dos quaes adoptaram os barretes de feltro forrados de lã exteriormente; trazem porém todos barbas compridas, ao revez dos musulmanos em que a barba crescida é um privilegio concedido á jerarchia ou á idade.

Os desterrados de todos os tempos comprazem-se sempre em representar em torno de si a imagem da patria, que têem gravada no coração. Descendo de Thifut-Kalé (povoação cingida de muralhas, e habitada exclusivamente por estes judeus) caminho do sul, encontra-se um pequeno espaço assombreado por arvores seculares. Chamam-lhe os caraítas *valle de Josaphat;* é ali que fizeram o seu cemiterio. E em tal conta têem elles a conservação d'este asylo, recordação da antiga terra natal, que todas as vezes que os antigos khans pretendiam extorquir-lhes dinheiro ou presentes, bastava-lhes espalhar o boato da destruição proxima das arvores de Josaphat, a pretexto de falta de madeira de construcção ou lenha: então a pequena colonia sobresaltava-se, e os mais pobres traziam a sua offerta para evitar o sacrilegio.

Uma vereda tortuosa conduz ao centro do acanhado valle, povoado de tumulos de pedra mui alva, contrastando com o verde escuro da folhagem. O numero das sepulturas diz-se que sobe a quatro mil. Quatro mil mortos para um milhar, quando muito, de vivos! Quantas gerações não têem dado o seu contingente para o funebre recinto.

A maxima parte dos tumulos estão collocados aos lados da vereda, e os outros quasi que amontoados á sombra das arvores. A fórma é quasi invariavel. Comtudo os sarcophagos que parecem mais antigos distinguem-se por seu estylo severo; outros são sobrepujados de uma pedra á maneira de torre, como nos mausoleus gregos; mas nos dos caraítas repetida nas duas extremidades. Pallas chama-lhes *tumulos bicornes;* d'elles damos um transumpto na gravura. Todos são cheios de inscripções hebraicas; as mais antigas têem a data dos annos 1249 e 1252 da nossa era.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ACCLAMAÇÃO D'EL-REI O SENHOR D. PEDRO V.

Desde que succedeu no throno el-rei o senhor D. Pedro V, têem vogado diversas opiniões ácerca da coroação dos nossos reis. Concordando todas em que esta ceremonia deixou de ter logar depois que o malaventurado rei D. Sebastião se perdeu, arrastando na sua ruina as glorias e independencia de Portugal, diversificam nas razões por que se não tem repetido aquella solemnidade. Entretanto todas essas opiniões são inteiramente destituidas de fundamento, pois que os nossos monarchas nunca tiveram coroação.

Embora se leia em algum chronista, que D. Affon-

so Henriques, nas côrtes de Lamego, em seguida ao acto da sua acclamação, travára de uma corôa de ouro, que se dizia ter pertencido aos reis godos, e a collocára sobre a fronte; um justo criterio leva a crer, que nem o proprio fundador da monarchia fez uso d'esta ceremonia. Pondo mesmo de parte a historia inverosimil da tal corôa de ouro, triste despojo do infeliz D. Rodrigo, ultimo rei godo, não é crivel que os immediatos successores de D. Affonso Henriques deixassem de seguir o seu exemplo n'uma ceremonia tão solemne para a realeza, e que forçosamente havia de lisonjear a nova dynastia. E comtudo nenhuma chronica faz menção de que D. Sancho I, ou os soberanos que lhe succederam, usassem de similhante pratica, tratando todas, e algumas com minuciosa individuação, das ceremonias usadas por occasião da morte e levantamento dos nossos reis.

Nas ceremonias pois da acclamação consiste a grande solemnidade com que entre nós se inaugura um reinado. Esta festa nacional, a primeira de uma monarchia, quaesquer que sejam as instituições por que se governe, pois que n'esse acto se representa a consagração solemne de todos os direitos, e a alliança íntima de todos os poderes, esta festa, repetimos, foi sempre feita em publico, não sob as abobadas de um templo, ou entre as paredes de uma sala, mas sim n'uma praça, ao ar livre, em presença de todo o povo, grandes e pequenos, ricos e pobres, para que todos pudessem ouvir nas palavras com que o soberano jurava guardar *os bons costumes, privilegios, graças, mercês, liberdades e franquezas* do povo portuguez, e no juramento de obediencia e fidelidade dos representantes da nação, o compromisso authentico de concorrerem todos mutuamente, unidos pelos estreitos vinculos da religião e da communidade de interesses, para a felicidade da patria.

Depois da acclamação da rainha D. Maria I, em 1777, nunca mais presenciou Lisboa esta solemnidade. A d'el-rei D. João VI em 1818 teve logar no Rio de Janeiro. Seu filho o senhor D. Pedro IV não a teve, por ser um reinado transitorio em consequencia da sua abdicação. A da senhora D. Maria II tambem se não praticou pelos sabidos motivos, que anticiparam a epocha da sua maioridade, cobrindo a nação de lucto e dôr.

É portanto depois de oitenta e outo annos que se apresenta a primeira occasião para se celebrar uma festividade nacional, que data da fundação da monarchia, que se prende a mil recordações gloriosas, e mais do que tudo isto, que consagra e perpetua esse direito popular, que em o nosso paiz deu origem simultaneamente á festividade e á monarchia.

A coroação é a festa do soberano. A acclamação é a grande solemnidade do povo. Aquella symbolisa um principio caduco. Esta representa esse principio vivificador, que nos fez outr'ora grandes e poderosos, respeitados e temidos; esse principio que a moderna civilisação tem restaurado e affeiçoado aos seus progressos.

E será solemnisada a inauguração do reinado do senhor D. Pedro V com as ceremonias da acclamação, ou simplesmente com o acto do juramento real perante o corpo legislativo?

Entendemos que estas solemnidades não se excluem uma á outra, antes pelo contrario cremos firmemente que ambas se unem e harmonisam n'um laço moral e politico em proveito da nação e da monarchia.

A carta constitucional, determinando que o rei, *antes de ser acclamado*, prestará na mão do presidente da camara dos pares, reunidas ambas as camaras, o juramento, cuja formula designa em seguida, não só acceita, mas estatue a ceremonia da acclamação.

A differença relativamente a esta solemnidade que a carta estabelece, consiste em que nos tempos anteriores a acclamação tinha logar assim que um principe succedia na corôa, qualquer que fosse a sua idade, como aconteceu por morte d'el-rei D. Duarte e de D. João III, em que foram acclamados D. Affonso V, e D. Sebastião, sendo levados nos braços dos seus camareiros, e agora ha de ser a acclamação precedida do acto do juramento do rei em sessão real, e por conseguinte depois de completar a maioridade.

Póde a acclamação ser feita em acto contínuo ao juramento, pois que a carta não trata do logar e da maneira por que se ha de celebrar aquella ceremonia. Esse cuidado, como o de outras grandes festividades nacionaes, deixa-o ao poder executivo. D'aquelle modo satisfaz-se a lei, mas não se preenchem os altos fins d'essas solemnidades, que serviram como de baptismo ás instituições, e que ficam servindo como de sacramento que as consagra perante a divindade, como de unção que as santifica e torna respeitaveis aos olhos do povo.

A acclamação do senhor D. Pedro V feita no recinto de um salão, e na presença de um auditorio limitado em numero pela estreiteza do logar, e fechado a muitas classes pelas exigencias dos programmas, perde toda a magestade e toda a significação d'essas grandes solemnidades que alçaram ao throno de Portugal o filho do conde D. Henrique, o mestre d'Aviz, e o outavo duque de Bragança.

Em todos os tempos se tem reconhecido, que as instituições humanas, por mais justas e santas que sejam, precisam de fórmas exteriores adaptadas a conciliar-lhes o respeito das turbas, esse sentimento de veneração, que na maioria do povo se lhe infiltra n'alma mais por meio dos objectos, que lhe deslumbram ou encantam a vista, deixando-lhe recordações duradouras, do que por palavras, que comprehende mal, ou que difficilmente retem na memoria. Assim vemos em todos os ritos, e sob todos os systemas de governo os principios religioso e governativo revestidos de formulas, mais ou menos singelas, mas sempre apparatosas, segundo os costumes publicos, e em proporção do desenvolvimento industrial. Assim vemos essas formulas converterem-se em costumes, e logo estes servindo de base aos principios. É d'est'arte que as instituições se auctorisam, se perpetuam, e correspondem aos seus fins. É com esta doutrina sempre em vista, que o legislador deve procurar quanto for possivel satisfazer as novas exigencias da civilisação sem comprometter a existencia das instituições. É difficil, não ha duvida, harmonisar as idéas e as necessidades, que o desenvolvimento do entendimento humano e o progresso civilisador vão creando, com instituições modeladas por idéas ás vezes oppostas, e preparadas para outras necessidades. É difficil, mas não impossivel. Senão que o diga a Inglaterra, onde uma alta sabedoria tem conseguido dotar o paiz moral e physicamente com os variados beneficios da moderna civilisação sem derrubar as suas velhas instituições, sem desacatar o que n'ellas ha de venerando, antes pelo contrario augmentando-lhes o prestigio pelo modo por que as modifica, pelo respeito com que lhes toca, e pelo desvelo com que guarda muitas antigas usanças, que parecem inuteis ou irrisorias aos que olham superficialmente para as cousas, apreciando-as por um só lado, mas que servem para muito, ou pela venerabilidade que prestam

as instituições, ou pelo respeito e presistencia que dão aos costumes publicos.

Affiguram-se extravagantes ou singulares a muitos estrangeiros, que visitam Londres, as festas e ceremonial com que esta cidade celebra a eleição do seu lord maire, e lhe dá posse do emprego. Pois é da pratica constante d'este uso, e de muitos outros analogos, conjuntamente com as mais circumstancias acima referidas, que a Inglaterra tira a subida vantagem de ter costumes estabelecidos e acatados, instituições enraizadas nos costumes, e virtudes publicas por fructo das instituições.

N'outros paizes, que não será necessario nomear, mas que bem avultam pela sua grandeza, ou pela grandeza da verdade, fizeram-se das instituições artigos de moda; proscreveram-se quasi todas ou muitas das suas antigas usanças, umas por decrepitas, outras por anomalas; mas o resultado ahi está, e a comparação é bem triste. N'esses paizes a instabilidade tem desauctorisado as instituições; o descredito das instituições tem enfraquecido o poder; a fraqueza do poder tem corrompido ou deixado corromper os costumes.

Se a annullação e perda de todas as noções de respeito e venerabilidade é uma justa consequencia d'aquelles males, será innegavel que tudo o que se fizer em taes paizes tendente a levantar, fortalecer e conservar similhantes noções, serão outros tantos passos para a regeneração d'esse corpo social.

Não nos permittem os limites do jornal para que estamos escrevendo fazer a comparação para o effeito moral das ceremonias da acclamação, como se têem praticado até hoje entre nós, com as que a estreiteza do logar póde deixar fazer na sala da sessão real (1).

Não é uma funcção que pedimos de mais para divertimento do publico. É a conservação de uma grande solemnidade nacional, que em nome de muitos e respeitaveis interesses requeremos aos poderes do estado.

I. DE VILHENA BARBOSA.

VIAGEM PITTORESCA A RODA DO MUNDO E AOS DOUS POLOS.

SECÇÃO IV.

Nova Zelandia. Os antipodas. — Mar da India. A ilha de França. — Paulo e Virginia. — Cabo da Boa Esperança. — Santa Helena. — Ascenção. A caixa da posta. — Passagem do Equador. — O pico de Teneriffe. — Terra!!....

Eis-nos á vista da Nova Zelandia. N'este momento, complacente leitor companheiro de viagem, estás com os pés virados para os pés dos teus amigos de Portugal, e com a cabeça em opposição com as d'elles. Se entendes, como eu, que tudo no nosso paiz anda ás vessas desde muito tempo, consola-te agora, porque estás ás direitas a respeito d'elle. Aqui começa o inverno no mez de maio, a primavera em setembro, o verão em novembro, e o outono em março. Quando lá é noute temos aqui a luz do sol a aluminar-nos; estamos em trevas quando lá brilha o dia. Todo o volume da terra nos separa da patria.

Não nos demoraremos n'estas paragens, porque, segundo a opinião do intelligente Dumont d'Urville, em nenhuma outra parte do mundo os ventos reinam com tanta furia, como sobre as costas da Nova Zelandia: mas nem por isso deixaremos do contemplar as physionomias de alguns dos nossos antipodas.

Aproximemo-nos da peninsula de Banks, que já vogam para nós algumas canoas, guarnecidas de naturaes do paiz. São homens vigorosos e bem feitos, mas que parecem mais trigueiros do que na realidade são, por se untarem com azeite de peixe e ocre. As mulheres, mais baixas comparativamente do que os homens, passariam, em geral, por bonitas entre as européas. Os primeiros viajantes que fallaram d'este povo, pintam-no com côres carregadas, e é fóra de duvida que todo elle tem um singular appetite pela carne humana; porém encontra-se no seu gremio a probidade, a generosidade e outras virtudes, a par de implacaveis idéas de vingança contra os seus inimigos. Vêde como riem os novos-zelandezes que estão diante de nós, arremedando os gestos que fazemos; mais longe outros saltam, ao som de grosseiras flautas, e saudam-se reciprocamente esfregando os narizes uns contra os outros.

Passando pelo estreito de Cook, que separa Tavai-Ponnamou de Ika-na-Mawi, as duas grandes ilhas que constituem a Nova-Zelandia, e transpondo, alguns dias depois, o canal de Bass que divide a Australia da Terra de Van-Diemen, entremos n'esse famoso mar da India, que banha as mais ricas plagas do Oriente, e toca em tres das cinco partes do mundo.

Tendo avistado os rochedos do S. Paulo e Amsterdam, aproemos ás ilhas Mascarenhas, e d'entre ellas escolhâmos para repousar alguns dias a graciosa ilha de França, ou Mauricia, como lhe chamam os inglezes, seus actuaes possuidores. Bernardin de Saint Pierre tornou para sempre celebre este logar, com o seu precioso livro de Paulo e Virginia. Elle nos servirá de guia na ilha de França.

Fundeiemos em Porto-Luiz, e precavendo o navio contra os furacões que devastam esta ilha e a de Bourbon, saltemos sobre as praias d'este afortunado paiz, onde reina uma eterna primavera. As suas altas montanhas estão cobertas de arvores sempre verdes, esmaltadas todo o anno de fructos ou de flores; seus valles sulcados por numerosos rios mostram abundantes plantações de café, canna d'assucar, tabaco, algodão, noz moscada, cravo da India e anil, que trepam por engraçadas collinas a entestar com vetustas florestas. Sobre o lado oriental da montanha que se ergue por traz de Porto-Luiz, se viam outr'ora as cabanas de madame de la Tour e de Margarida; perto da ilha de Ambar, reconhecereis a *passagem do Saint-Geran*, em cujos cachopos se perdeu o navio que trazia da Europa a desgraçada Virginia; mais adiante o *cabo Desgraçado*, que o Saint-Geran não póde dobrar, na vespera da tempestade que o despedaçou contra os rochedos, quando tentava entrar no porto; ali a *bahia do tumulo*, onde se encontrou o cadaver da graciosa menina, pudicamente envolvido em areia: e perto da igreja de Pamplemousses, pelo lado occidental, podeis ainda adivinhar a sepultura dos dous amantes, que ahi foram enterrados, com intervallo de dous mezes, ao pé de uma moita de bambu, muito querida de Paulo e de Virginia.

Seja-nos permittido traduzir para aqui as elegantes palavras de Bernardin de Saint-Pierre, que pintam tanto ao vivo o horroroso naufragio, causador do infortunio d'estes dous entes.

«Ás nove horas da manhã, ouvia-se um ruido espantoso para o lado do mar, como se torrentes de agua, despenhando-se das montanhas, fizessem côro

(1) Veja-se a pag. 9 do 3.º vol. da 3.ª serie (anno de 1837) a descripção das ceremonias da acclamação d'el-rei D. João IV.

com o bramido do raio. Todos clamaram: Eis o furacão! E no mesmo instante uma terrivel ventanía sacudiu a cerração que encobria a ilha de Ambar e o seu canal. O Saint-Geran appareceu então, com a tolda coberta de gente, com as vergas e mastaréus arreados, bandeira colhida, quatro amarras pela prôa e uma pela pôpa. Estava fundeado entre a ilha de Ambar e a terra, áquem da linha de recifes que cerca a ilha de França, linha que elle transpozera passando por onde nenhum outro navio ainda havia passado. Aproando ao mar, as ondas erguiam-lhe a prôa até mostrar a quilha, e n'esses momentos desapparecia a pôpa, como se estivesse submergida. N'esta posição, impellido para terra pelo mar e pelo vento, era igualmente impossivel ao navio saír por onde tinha entrado ou encalhar na praia, d'onde o separavam temiveis baixios. Cada vaga que vinha quebrar-se sobre a costa, avançava bramindo até ao fundo das enseadas, e arrojava pedras a cincoenta pés de distancia pela terra dentro; depois, recuando, descobria uma grande porção de praia, e arrastava apoz si com sinistro fragor quantos calhaus ali encontrava. O mar, batido pelo vento, engrossava a cada instante, e todo o canal comprehendido entre esta ilha e a ilha do Ambar não era mais que um vasto lençol de alva escuma, sulcado de vagas negras e profundas. A escuma elevava-se a mais de seis pés d'altura, accumulando-se, no fundo das abras, e o vento que lhe varria a superficie, lançava-a por cima do declive da praia a meia legua de distancia. Estes innumeros flocos brancos, correndo horisontalmente até ao sobpé das montanhas, pareciam neve que saíra do mar. O horisonte mostrava todos os signaes de uma duradoura tempestade, e confundia o céu com as aguas. Nuvens medonhas atravessavam o zenith com a ligeireza de um passaro, outras pareciam immoveis como grandes rochedos. Não se via nenhum pedaço azul do firmamento; um clarão pallido e tetrico alumiava unicamente a terra, o mar e o céu.

«Com o arfar do navio succedeu o que se receiava. As amarras da prôa rebentaram; e como não tinha mais nada que o segurasse, foi varar sobre os rochedos a sessenta braças da praia. Todos soltaram um grito doloroso. Paulo fa lançar-se ao mar, quando eu o segurei pelo braço: — Meu filho, lhe disse, queres morrer? — Soccorrel-a ou morrer, exclamou elle. — Como o desespero lhe offuscava a razão, Domingos e eu lhe atamos á cintura uma longa corda, cuja extremidade nos ficou na mão. Paulo avançou para o Saint-Geran, ora nadando, ora caminhando sobre os recifes. Esperava chegar junto d'elle, porque as ondas movendo-se irregularmente deixavam ás vezes o navio quasi em secco, de maneira que se poderia andar a pé em torno do seu costado; mas logo depois, voltando com maior furia, cobriam-n'o de enormes massas de agua, que lhe faziam erguer toda a prôa, e sacudiam para a praia o desgraçado Paulo, com as pernas em sangue, o peito ferido, e meio afogado. Porém logo que o mancebo recuperava o uso dos sentidos, tornava com mais ardor para a embarcação, que o mar começava a despedaçar. A equipagem, desesperando de outra salvação, precipitava-se nas aguas, agarrando-se a vergas, a taboas, a capoeiras, a mezas e a barris. Viu-se então um objecto digno de eterna lastima: uma menina, que, da grinalda da pôpa do Saint-Geran, estendia os braços para aquelle que tanto se esforçava por chegar junto d'ella. Era Virginia. Reconheceêra o amante pela sua intrepidez. A vista d'esta amavel creatura, exposta a tão horrivel perigo, encheu-nos de tristeza e de desespero. Virginia, com ar nobre e de plena segurança, agitava as mãos, como a dizer-nos um eterno adeus. Todos os marinheiros se tinham lançado ao mar; só restava um sobre o convez; estava inteiramente nu, e era musculoso como Hercules. Aproximou-se de Virginia com respeito; nós o vimos ajoelhar ante a donzella, e esforçar-se mesmo por lhe arrancar os vestidos; mas ella repellindo-o com dignidade, afastou a vista do marinheiro. Então ouviram-se os gritos repetidos dos espectadores, clamando: — Salvae-a, não a deixeis! — Porém n'esse momento uma serra de mar de espantosa grandeza, rebentou entre a ilha de Ambar e a costa, e avançou rugindo para o navio, a quem ameaçava com seu bojo negro, franjado de escuma. Vendo-a, o marinheiro atirou-se ás vagas; e Virginia, comprehendendo que para ella a morte era inevitavel, segurou com uma das mãos o vestido, pousou a outra sobre o coração, e erguendo seus olhos serenos, parecia um anjo que fa voar para os céus!»

. . . . . .

Partâmos da ilha de França, e iremos descansar d'aqui a alguns dias na colonia do Cabo.

(Continúa.)

F. M. Bordalo.

OBRAS DE LORD BYRON.

As obras de lord Byron têem feito o giro do mundo, saudadas sempre com a universal estimação; pareceu-nos pois que não seria fóra de proposito, antes teria certa curiosidade para alguns leitores, a seguinte nota colhida de informações authenticas, que se encontram na edição completa das obras do sublime vate britannico, impressa em París, no anno de 1837.

Nota das sommas que lord Byron recebeu de mr. Murray pelo original das seguintes obras.

	Libras
Child Harold, Liv. I e II	600
» » III.	1:575
» » IV.	2:200
Giaour	525
Noiva d'Ahydos	525
Corsario	525
Lara	700
Sitio de Corynthe	525
Parisina	525
Lamentos de Tasso	315
Manfredo	315
Beppo	525
D. Juan, Liv. I e II	1:525
» » III, IV e V	1:525
Doge de Veneza	1:050
Sardanapalo, Caím e Foscari	1:000
Mazzeppa	525
Prizioneiro de Chillon	525
Miscellaneas	450
Horas de ocio, Poetas inglezes e crítiqueiros escocezes, Céu e Terra, etc.	3:885
	19:340
A vida do grande poeta devida á penna elegante de Thomás Moore custou ao editor.	4:200
	23:540
Réis. . .	105:930$000

UMA VISTA DE TENERIFFE.

VIAGEM PITTORESCA A RODA DO MUNDO E AOS DOUS POLOS.

SECÇÃO IV.

Nova Zelandia. Os antipodas. — Mar da India. A ilha de França. — Paulo e Virginia. — Cabo da Boa Esperança. — Santa Helena. — Ascensão. A caixa da posta. — Passagem do Equador. — O pico de Teneriffe. — Terra!!.

Eis ali o gigante Adamastor, immortalisado pelos versos de Camões. Está diante de nós esse tormentoso cabo, a cuja descoberta se acham vinculados os nomes de Pero d'Alemquer, Bartholomeu Dias, João Infante, e Vasco da Gama, e que recorda ao mesmo tempo o triste fim de D. Francisco d'Almeida e Manuel de Sousa de Sepulveda. Eil-o, o cabo da Boa Esperança, onde fluctua o pavilhão de Santo André sobre uma formosa cidade ingleza, no meio de ferozes tribus de hottentotes. Um coração portuguez palpita com mais força ao aproximar d'este temeroso promontorio, que tanta gloria e tanta desdita lhe recorda!

Conta Herodoto, que uma esquadra phenicia, equipada por Neco, rei do Egypto, saiu de um porto do mar Roxo (cêrca de 604 annos antes da era de Christo) e que dobrando o cabo meridional da Africa, volveu, depois de tres annos de viagem, pelo estreito de Gades á embocadura do Nilo. Se a noticia fosse

verdadeira, lá se ía a gloria dos pilotos portuguezes como descobridores do cabo. E Plinio o naturalista ainda pretende que Eudoxio de Sirico executou tambem esta perigosa navegação, seguindo a derrota dos phenicios, isto é, em sentido inverso á viagem de Pero d'Alemquer. Não existe, porém, nenhum documento comprovativo d'estas navegações; e Strabão que, por um lado, attribue essa falta ao ciume dos phenicios e carthaginezes, que guardariam a noticia dos seus descobrimentos, não só como um mysterio de commercio, mas como um segredo de estado, duvida elle proprio, por outro lado, de similhantes viagens, pois que confessa não conhecer a verdadeira configuração da parte meridional da Africa. Polibio, um dos historiadores mais serios da antiguidade, e que escreveu muito depois das fabuladas viagens dos phenicios e de Eudoxio, tambem ignorava se a Africa era cercada de mar pelo sul, ou se se estendia até ao polo; e Ptolomeu ainda levou mais longe o erro, affirmando que a peninsula africana avançava até ao polo, e que se ía alargando n'essa direcção; porém este mesmo erro do celebre geographo prova que elle não acreditava nas circumnavegações a que nos referimos. Parece por tanto averiguado que foram os nossos que determinaram a verdadeira configuração da Africa, e que sulcaram, os primeiros, essa parte do oceano que se estende para o sul do cabo Tormentorio.

Larguemos ancora diante da cidade, que se recosta n'essa amena collina, entre alcantiladas serranias. Receberemos carvão, compraremos refrescos para o resto da viagem, e não hão de esquecer algumas caixas de vinho de Constança, que é excellente. No primeiro volume da primeira serie do *Panorama* encontra-se uma descripção da cidade do Cabo, para a qual remettemos os leitores.

Deixando o porto, e vogando já no oceano Athlantico, que divide a Africa da America, busquemos esse rochedo isolado que o moderno Prometheu fez para sempre celebre. A ilha de Santa Helena é o cume de uma montanha immensa, de origem vulcanica, saíndo fóra das aguas como um oasis d'este deserto. Apontamol-a tão sómente ao leitor, dispensando qualquer perticularidade ácerca de um logar de nomeada historica.

Mais alguns dias de navegação, e avistaremos a ilha de Ascensão, de feio aspecto e solo esteril. Antigamente era moda, na volta das Indias, vir refrescar ao seu porto, que é na verdade excellente, e cada navio inscrevia o seu nome, e qualquer particularidade que o commandante quizesse fazer saber aos que o seguissem n'este ancoradouro, deixando o registro fechado dentro d'uma garrafa, como já encontrava os de seus predecessores. Por isso chamavam á ilha d'Ascensão a *Caixa da posta*. Dumont d'Urville aperfeiçoou um estabelecimento similhante no estreito de Magalhães.

Vamos passar a linha pela ultima vez, n'esta viagem, e faremos a festa que é de uso executar-se quando saímos da patria, e que cortámos o equinocial em direcção ao sul. É um innocente brinquedo, que, todavia, já tem por muitas vezes acabado em tragedia. Expliquemos em poucas palavras este phenomeno, em quanto se preparam as figuras do auto a bordo do *Protheu*.

A festa da passagem da linha tem por fim arrancar áquelles que nunca saíram do hemispherio em que nasceram, alguma pitança em proveito dos velhos navegadores d'áquem e d'além do equador; é uma especie de *patente*, como pagam os *calouros* nas escolas. Ora como succede, ás vezes, que um dos novatos não queira exibir os *conquibus*, ou não tenha real de seu, é então martyrisado pelos veteranos; segue-se a resistencia, e brilham as facas á luz do sol, entre as fracas taboas de um navio, que se balança n'aquelle abysmo incommensuravel. A bordo, porém, do *Protheu*, não ha que receiar desgraça, porque toda a tripulação passou já n'esta mesma viagem a linha equinocial, como o leitor se lembrará. Faz-se a festa, simplesmente pela festa, e pela alegria de estar proximo o regresso á patria.

A um apito do contra-mestre carregam-se todas as velas, e apparecem na prôa os actores d'esta comedia maritima. Um membrudo grumete de côr amulatada, com metade do corpo nú, e tocando uma trombeta, precede o cortejo de Neptuno. Segue-se a guarda de corpo do mesmo deus, composta de marinheiros armados, e que, por um costume immemorial, traja sempre á mahometana: depois vem um juiz e o seu escrivão, um barbeiro e o seu aprendiz, um padre e o respectivo sacristão, quatro meirinhos, e o diabo com sua grande cauda e vestuario de pelles de carneiro. Todos estes personagens, inuteis no caso especial do *Protheu*, têem graves obrigações a desempenhar no commum dos casos da passagem da linha; são elles os encarregados de prender, sentencear, barbear, confessar, e atazanar os novatos. Fecha o cortejo o proprio deus dos mares, acompanhado de seus filhos, sobre um carro triumphal. Chegados á tolda, Neptuno occupa o logar do commando, e começa a dar vozes de manobras disparatadas; um dos seus guardas vae tomar conta do timão; outros postam-se de sentinella aos officiaes do navio; e o sacristão apresenta uma bandeja aos passageiros, sobre a qual cáem voluntarias esmolas. Depois como não ha ninguem a sentencear, o juiz e o sacerdote largam a beca e a batina, e ficando em trajos de mulher dão as mãos ao barbeiro e ao aprendiz, e começam uma dansa extravagante, ao som de varios instrumentos discordes, que surgem da escotilha grande, tangidos por inexperientes tocadores.

Agora, minhas senhoras, se quereis tambem aproveitar a musica, podemos dar uma volta de polka ou de walsa, e vereis como é agradavel este exercicio sobre a tolda de um navio, que caminha dez milhas por hora, impellido pela força do vapor.

Só nos resta tocar em um porto de escala antes de voltarmos ao Tejo, para se cumprir o programma d'esta longa viagem, traçado por nós em imaginação, antes de convidarmos os leitores a acompanhar-nos. Essa ultima estação será a ilha de Teneriffe.

O grupo de ilhas a que pertence Teneriffe, que a mais remota antiguidade conheceu pelos nomes de Athlantides e Hesperides, Elysias ou Fortunadas, e que hoje se chama *Canarias*, é de todos os archipelagos do Athlantico o primeiro que a Europa conheceu, e quasi o unico, por muitos seculos, de que o mundo teve noticia. Os phenicios e os carthaginezes visitaram estas ilhas, que criam ser a extremidade occidental do mundo; alguns homens da Mauritania lhe augmentaram a população; depois vieram os normandos e hespanhoes, mais tarde os portuguezes, e ao cabo de longa contestação ficou o senhorio das Canarias á corôa de Castella, aonde se tem conservado até hoje.

A ancora do *Protheu* cáe pezadamente no fundo do amplo porto de Teneriffe. A cidade de Santa Cruz estende-se pela beira-mar; mostrando-nos suas torres, cupolas e sotéas, e mais além ergue-se o famoso

pico de Teyde, que se avista do mar a quarenta leguas de distancia! Faremos uma ascensão a esta altissima montanha, e seja esse o ultimo trabalho, em que nos acompanhe o complacente leitor.

Saíndo de Santa Cruz com direcção a Laguna, encontra-se durante uma legua caminho regular, posto que já em subida; depois seguem-se montanhas asperas, e já não ha mais do que o trilho para guiar o viajante. Chegando, porém, ás proximidades da capital, descobrem-se magnificas plantações, e o paiz toma um aspecto risonho. Laguna é uma cidade formosa e aceiada como Santa Cruz, mas contém menos população do que esta. Seguindo por uma senda difficil, atravessando mesmo alguns leitos de torrentes, alcançámos *Agua Garcia*, um dos sitios mais pittorescos da ilha, e o unico aonde se encontra agua n'esta trabalhosa ascensão. Continuando a subir, e descobrindo sempre povoações pequenas mas engraçadas, e as celebres vinhas da parte occidental da ilha, vamos tambem conversando com esbeltas raparigas, que a cada passo se encontram no transito, e que nos pedem esmola sorrindo com graça, até chegarmos a repousar na pobre estalagem do logar de *Matanza*, assim chamado pelo destroço que ahi soffreram os hespanhoes ás mãos dos guanchos.

De Matanza a Victoria o caminho é de difficil accesso, mas orlado de vinhas. Victoria é uma povoação insignificante, e o seu nome deriva-se da vingança que ali tomaram os hespanhoes da precedente desfeita. Encontram-se n'esta senda muitos nichos, abrigando imagens de santos, venerados pelo povo; e depois, a meia encosta de uma formosa collina, deparámos com a cidade de Orotava, cercada de lindas casas de campo e de arvoredo. Não visitaremos o seu extenso jardim botanico, porque todo o vigor das pernas nos será necessario mais acima, para galgarmos até ao pico; dormiremos na unica hospedaria do logar, e logo que amanheça proseguiremos a marcha.

D'aqui para cima a vegetação começa a ser menos vigorosa, e o caminho cada vez peior; assim chegámos á *região das nuvens*, d'onde já se não vê, quasi nunca, o paiz que fica para baixo, nem o mar. Alguns raios de sol penetrando por entre as nuvens, nos mostram apparições phantasticas. A caça é abundante n'estes sitios. Eis-nos emfim na povoação mais alta da ilha; e ao seu lado o magestoso pico, destacando da planicie arida de *Canadas*, onde já não se encontra nenhum signal de vegetação. Subindo sempre, e cada vez com mais custo, alcançámos a *Estancia dos Inglezes*. Massas de basalto agglomeradas pela natureza, formam ali o unico abrigo para viajantes fatigados; e pois que não ha outro, n'esse passaremos a noite. O frio já incommoda muito n'este deserto, mil e seiscentas toezas acima do nivel do mar.

Ao romper do dia dirigimo-nos vagarosamente até *Alta Vista*, e tornámos a descansar. Depois observámos a gruta denominada *Cueva de las nieves*, onde se encontra agua gelada todo o anno; e ao cabo de uma penosa subida por entre as asperezas da montanha, descobrimos o *Pilão*, especie de pão de assucar, e ponto culminante da serra. Para attingir agora o topo do cóne, servir-nos-hemos tanto dos pés como das mãos; pararemos de momento em momento para tomar a respiração, e para vedar o sangue que nos rebenta do nariz. Eis o cume da montanha, com a sua cratera, d'onde se exhalam vapores sulphurosos; as nuvens rodeam lá em baixo a base do pico de Teyde, e rompendo-se aqui e acolá deixam ver as ilhas visinhas, como pequenos pontos na amplidão do oceano. O calor, porém, incommoda sobre maneira n'este ardente logar. Desçâmos, muito mais depressa do que subimos, e voltando a Santa Cruz, embarquemos de novo no *Prothen*, e soltemos o rumo para Portugal.

—Terra!—brada o gageiro, quatro dias depois de deixarmos Tenerifie.

Terra!! É o vocabulo que tem feito pulsar maior numero de corações com mais sincera alegria.

Terra! E terra da patria!!!... Lá está o cabo da Roca, e a serra de Cintra, Cascaes, S. Julião, Belem... Lisboa!

Parabens, companheiros de viagem, chegamos a salvamento.

Desculpae-nos, amigo leitor. Perdão, minhas senhoras, se não fui sempre cortez como devia... *Au revoir!*

F. M. Bordalo.

POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA.

II.

DOMINGOS DOS REIS QUITA,

NA ARCADIA — ALCINO MICENIO.

1728—1770.

XIV.

Separando das treze eclogas compostas por Domingos dos Reis, as que versam sobre assumptos menos proprios, as que ficam são perfeitas pela alinação campestre, pela suavidade ingenua do estylo, e pela graça do dialogo. Nas bellezas descriptivas podem honrar qualquer litteratura, mesmo apesar dos lapsos, que já observamos.

Se a interpretação da arte não é tão rasgada e ampla, como se desejaria, segundo o tempo, e conforme a escola, parece-nos das mais soccorridas.

São verdadeiras buccolicas; lendo-as respira-se o ar do campo, e dilatá-se o coração.

Se o fundo se não illumina da meiga e reflexiva contemplação, que realça tanto nos poemas de Virgilio, apresenta comtudo toques dignos de elogio, e a expressão adequada ás vezes alcança pintar em uma phrase, como a do pastor de Mantua.

As imagens não forçadas quadram aos interlocutores, e tiradas dos usos e costumes da aldeia, caracterisam o painel.

Daremos um exemplo, colhido na I ecloga, entre Umbrino e Licore, cujo assumpto são as queixas e ciumes da apaixonada pastora, tentando em vão a ternura de Umbrino, e accusando-o de estar prezo em outros laços.

É elle quem responde:

Não, pastora; do monstro sanguinoso
D'esse nume cruel, amor profano
Fujo mais assustado, e temeroso
Que a fugaz cerva do sabujo insano.
É todo o meu disvelo, e meu cuidado
Brandos versos cantar, e que da relva
Se farte na campina o manso gado
Á fresca solidão da verde selva:
Os regatos do monte despenhados,
Que banham murmurando as tenras flores,
Os freixos de parreiras enredados
O meu recreio são, os meus amores.

Eis uma descripção, que nos foge ao de leve pelos olhos, e entretanto entalha-se na memoria pelo relevo mimoso em que foi aberta.

A ecloga III, consagrada a cantar o presepe de Bethlem, a despeito da allusão, que em partes a esmorece, offerece-nos trechos de fina e agradavel poesia.

O dialogo passa entre o Quita, no seu nome arcadico de Alcino Micenio, e o beneficiado José Dias Pereira, no de Silvano Ericino.

O objecto é celebrar a aurora da redempção, e encarecer as futuras venturas do mundo, desde que veiu a allumial-o a estrella de Jacob.

Sem baixar a cópia servil nota-se-lhe em alguns logares a sombra da IV ecloga de Virgilio; mas se não se eleva tanto, sustenta talvez mais o tom pastoril.

Agora ouçâmos:

Silvano.

Vê, como vem no horisonte
A roxa aurora rompendo;
Nunca vi que apparecesse
Nem tão bella, nem tão cedo!

Alcino.

Que alegre manhã, Silvano!
Nunca um dia tão sereno
Lá dos altos horisontes
Desceu sobre estes outeiros.

Silvano.

Olha tu, como respira
O zephyro no arvoredo.
Que apenas menea os ramos
De miudo aljofar cobertos.

Alcino.

E quasi aos céus sobre a aldeia
Se está em nuvens erguendo
O fumo, sem que o perturbe
A incerta furia dos ventos
. . . . . .
Não vês aquelle alto choupo,
Que estava crestado e secco
Do fogo de um fatal raio,
Como vae reverdecendo?
E a mesma vide, a que os laços
O estrago tinha desfeito,
Já lançada aos verdes ramos
O abraça em novo enleio!

Estas fugitivas imagens têem colorido rustico; e mostram logo, que não saíram das paginas mortas dos livros, mas da penetrante sensação das galas da natureza. Idéas e palavras concordam com a ficção, e concorrem para a realçar.

Outro quadro, igualmente expressivo e ligeiro, attrahe logo a vista por entre os desprezos de Aulisa, e as supplicas de Daphnes na ecloga IX, intitulada Daphnes.

Falla o pastor:

Aulisa, d'onde corres, a quem levas
Estas grinaldas, e festões de flores
Tu de purpureas rosas coroada!
Adonde com ornatos tão festivos
Alegre moves apressada os passos?
Agora, que as cabeças inclinando
Estão com a calma ardente as dormideiras,
E á fresca sombra está dos arvoredos
O preguiçoso gado ruminando?

E na ecloga VII, dedicada á restauração do commercio pelo conde de Oeiras, como o exordio está moldado com graça, e descreve com viveza a triste e sombria entrada do inverno!

Á maneira da ecloga VI de Virgilio, porém com menos arte e verosimilhança, Dalmido, rodeado de pastores, e coroado de cãs, expõe a Silvio os beneficios do ministro, encarecendo e terminando por uma verdadeira apotheose; é o que esfria o interesse, e rouba ao poema a singeleza rustica, e o fino sabor dos primeiros versos.

A exposição, porém, resgata os defeitos, e apregoa a decidida vocação do Quita. Eil-a:

Pelas serras a neve branquejava,
O ribeiro gelado não corria,
O sol, que já dos valles se apartava
Uma nuvem o mostrava, outra o cobria:
Os cordeiros atraz das mães balando
Se andavam pelas mattas abrigando:
Os ventos tão furiosos assopravam,
Que as rochas parecia que abalavam:
Remavam para a praia os pescadores,
Recolhiam-se ás choças os pastores;
Quando já na cabana de Dalmido
Uns visinhos pastores se ajuntavam;
Onde os serões do inverno desabrido
Em saborosa pratica passavam.

Segue-se a descripção da pessoa de Dalmido, e do logar da scena, e nada tem que invejar ás mais elogiadas:

É Dalmido de idade em decadencia,
Mas de animo robusto e esforçado,
Largamente ensinado da experiencia
E a climas mui diversos costumado.
Tem despovoado o alto da cabeça,
A barba quasi branca, mas espessa;
É venerando, alegre de semblante
E de antigas historias abundante.

Sentados, os pastores rodeavam
Uns seccos troncos vivamente ardendo,
Concavos tarros uns formando estavam.
E cestinhos de canna outros tecendo.
E o bom velho no seu usado assento
Todo entregue a seu sabio pensamento.
Na mão, em que o cajado sustentava,
A respeitavel face reclinava.
. . . . . .

Em outro aspecto não é menos apreciavel o talento do Quita. Na ecloga X, toda allegorica, e destinada a pintar as perseguições, que a inveja lhe movia, e a inteireza de animo, com que as supportava, o estylo engrandece-se naturalmente, acompanhando o pensamento sem todavia deslisar da simplicidade da buccolica.

De certo cabiam ali melhor os assentos melancolicos da elegia, e a composição, desembaraçada de véus inuteis, caminharia mais livre e desafogada; mas isso não obsta a que se louvem n'ella trechos inspirados pela commoção sincera, e lances que os mestres se não envergonhariam de perfilhar.

O exordio, accommodado á magua do poeta, rompe de subito, e entra logo no coração do assumpto:

Meu rafeiro fiel, unico resto
Dos bens, que me entregou a avara sorte,

Fujâmos d'esta selva, onde a desgraça
Me traz pelos cabellos arrastado:
Vem cá, fiel Melampo, que amoroso
Me estás com mil afagos festejando,
Por me estar em meus males consolando;
Fujâmos d'estes campos, que a inveja
Tem com seu negro bafo invenenado.
Aqui as plantas fructo não produzem:
Aqui antes de abrir as flores murcham;
E se a semente o lavrador derrama,
Morre affogada da importuna gramma.

Nas queixas, que depois levanta, retrata-se a dor, e a phrase exprime-a sem violencia, e com energia:

Tudo em fim já perdi, já me não resta
Nem sequer uma sombra de esperança,
Com que este pensamento engane.
Vede nas garras do faminto lobo
As formosas, as unicas ovelhas
Que o destino cruel me consentia.
. . . . . .
Vede emfim d'estas miseras colméas
Uns enxames fugidos, outros mortos,
E de um raio abrazada a pobre choça!
Que mais póde ferir-me o duro fado?
. . . . . .
Do nosso Maioral eu era amado,
Vós me fizestes d'elle aborrecido:
Fartae-vos...já me vedes abatido,
Já, crueis inimigos, me estaes vendo
Tal como a debil vide, que lhe falta
O robusto e alto tronco, a que se arrime.

Em todas as outras eclogas podem apontar-se rasgos nada inferiores aos que citamos; mas nos idyllios, é aonde talvez brilham mais ainda os dotes do poeta.

A visinhança de Gesner, que provavelmente consultava, não parece estranha a alguns toques; e as reminiscencias de Theocrito e de Virgilio, menos pautadas, acodem a proposito, e alegram o quadro.

O que póde estranhar-se n'elles é a mesma insistencia imprudente em forçar a allusões e allegorias de pessoas e de cousas recentes, que sempre desfiguram a unidade, destingindo as côres do poema, e descobrindo que aquelles campos e aquellas scenas estão longe da realidade, e dos verdadeiros costumes pastoris!

A exposição do idyllio II abre com a frescura de uma manhã de abril. Sente-se logo d'ali o deleite e o ar vivo das nossas risonhas alvoradas.

É uma descripção do inverno, mas do inverno dos nossos climas, em que o dia madruga dourado de sol esplendido, e delicioso de serenidade:

Como vem no horisonte descobrindo
A aurora a roxa fronte!
Oh, como alegre e bella se vem rindo!
Sobre o florido monte
Nova luz, novo orvalho hoje derrame
Que a buliçosa rama
Como aljofar guarnece
E mais que o cristal pouco resplandece.

Que frondosos estão no inverno frio
Os verdes arvoredos!
Como pura a corrente d'este rio
Sobre os lisos penedos
Em branca e crespa escuma vae quebrando,
E as ondas espalhando
Em cristalinas veias
Lambe em remanso placido as areias!

No III idyllio não é menos bella a descripção, por onde rompe:

Sobre uma densa nuvem prateada,
Onde por entre globos resplandece
O rosado esplendor da madrugada,
Do mais alto do céu Hymeneu desce:
A seu lado conduz o deus menino,
E na dextra sustenta a sacra tocha.
Já nas margens do Tejo cristalino,
Entra no bosque ás nupcias consagrado.
Pelo florido prado,
Largando aljava e settas,
Voa brincando a turba dos amores,
Tal como as esmaltadas borboletas
Batendo as leves azas sobre as flores.
Um pezado no tronco de um loureiro
Curva o flexivel ramo, forcejando
Para se ver nas aguas de um ribeiro.
Outro mil giros dando
Disputa com o zephyro ligeiro
Beijar a fresca rosa
Que começa a mostrar a côr formosa:
Em quanto espalham flores no terreno
As nymphas do sagrado bosque ameno.

XV.

Não alongaremos as citações.

As que apresentamos bastam para se fazer idéa do estylo e do gosto do poeta.

Concluiremos, resumindo com brevidade o conceito, que nos merece o drama pastoril de *Licore*, modelado pelos primores da escola italiana, e uma das mais correctas e inspiradas composições do Quita.

Das outras peças não se tratará agora, ficam reservadas para a occasião, em que ha de apreciar-se o theatro da Arcadia, a sua theoria, e a influencia que exerceu.

O nosso poeta escreveu quatro tragedias *Astarto*, *Megara*, *Hermione e Ignez de Castro*, e se a execução correspondesse ao acerto na escolha do assumpto, juntaria á corôa de buccolico os louros de Corneille, e as palmas de Racine. Mas acha-se tão longe d'elles, que nem sensata comparação admitte!

N'esta manifestação da arte o unico arcade capaz de a cultivar, de não succumbir, era o Garção se quizesse aproveitar a veia feliz, de que era dotado, alargando mais o quadro da comedia.

Entretanto a *Licore* de Domingos dos Reis promette tanto, que se depois não viessem desmentil-a os exemplos, havia de alimentar uma illusão; e a crítica teria de reprehender como desalento o que hoje deplora como falta de prudencia.

Se as quatro peças não existissem para desengano, havia de haver muito quem julgasse que se perdêra no Quita um auctor dramatico de vulto!

Em presença d'ellas só admira que uma vez pudesse tanto, e que tão debil ficasse depois nos mais ensaios.

No drama pastoril a fabula é adequada; a exposição natural e sobria; o desenvolvimento bem conduzido, e o desenlace verosimil e de effeito.

Os caracteres estão desenhados com firmeza, e concordam com as pessoas, e com as paixões que expressam.

O estylo simples, mas ornado, accommoda-se aos lances, e reflecte ficlmente, com as proprias côres, os sentimentos e as maguas.

Como prova transcreveremos apenas um só trecho, que o poeta poz na bôca de *Licore*, no momento em que o pezo insupportavel das adversidades a obrigam a curvar-se inclinada á dôr:

Ah triste velho!
Deixa, fiel ministro, que primeiro
Em tanta dôr console um pae maguado.
. . . . . .
Oh céus! a voz me falta... Pae afflicto,
D'este logar odioso te separa,
Não accrescentes minhas agonias...
Ah! não vejam meus olhos lacrimosos,
Ao levantar do ferro a ferir prompto
Teu rosto desmaiar, e solto em pranto,
Gemidos exhalar de angustias cheio.
Foge, velho infeliz, eu t'o supplico
Por aquelle suave amor paterno,
Que o desolado coração te abraza.
Adeus, meu pae, adeus, em paz te fica;
Pela ultima vez, os braços abre
A esta amada, moribunda filha.

Aqui encerrâmos o nosso estudo. Depois do Garção e do Diniz, o poeta de maior engenho n'este periodo é o Quita.

Se não iguala, ou não excede em alguns ramos os dous fundadores da restauração classica, não são os poderes do espirito, é força da vontade, que o desfallece.

Como buccolico, Domingos dos Reis póde contar-se sem favor ao lado de Rodrigues Lobo, entre os antigos, e do mavioso cantor de *Marilia de Dirceo* entre os modernos. João Xavier de Mattos segue-o, mas a distancia.

L. A. Rebello da Silva.

O VOADOR.

1709—1724.

III.

Apenas começava a alvorada do dia 8 de agosto, quando já os altos do Castello, da Trindade, de Santa Catharina e do Carmo se coroavam de immenso povo, que descia apressadamente pelas ruas tortuosas da cidade em direcção ao Terreiro do Paço, reunindo-se com a gente que desembocava das travessas, como rios caudalosos que ainda engrossam mais com o subsidio de ribeiros confluentes. Pelas margens do Tejo, do oriente e do occidente, tambem corriam muitos homens e mulheres para aquella grande praça, onde se ia dar um espectaculo novo para Portugal e para todo o mundo. O fidalgo, o burguez e o operario, as mulheres com creanças ao colo e pela mão, os estrangeiros residentes em Lisboa, toda a população, emfim, da capital, buscava logar no extenso largo, no cáes adjacente, nas janellas da alfandega e da casa da India, e nos barcos sem numero que cobriam as aguas até grande distancia da praia, para verem a primeira ascensão aerostatica dos tempos modernos, que realisaria as fabulas de Dedalo e de seu filho.

Por volta das nove horas principiaram tambem a guarnecer-se as janellas do palacio real com as damas e senhores da côrte, os membros do corpo diplomatico estrangeiro, os empregados da casa, e diversos convidados; e ás dez horas appareceu no eirado do famoso torreão do paço el-rei D. João V, gentil mancebo de vinte annos, toda a real familia, os secretarios de estado, e officiaes-móres de palacio.

No pateo da casa da India estava o padre Bartholomeu preparando o aerostato, que era de papelão, e tinha ligado a si por cordões um cesto de vime. O voador lançava fogo a uma porção de palha por baixo do balão, e respondia com desembaraço ás pessoas que o interpellavam ácerca da machina. Bartholomeu Lourenço, que apenas contava trinta e dous annos de idade, ainda parecia mais joven n'este momento, pela animação que lhe prestava o enthusiasmo. O beneficiado Francisco Leitão Ferreira, então prior do Loreto, animava-o com palavras de amigo, como douto que era, e despido de inveja; ao passo que o inquisidor geral, a quem a ignorancia, e talvez a maldade, indispunham contra a nova machina e contra o seu auctor, meneava a cabeça com fingido desdem e mal occulta colera, observando os preparativos da ascensão. O Camões do Rocio, que tambem ali se achava, assestando a luneta na direcção da passarola, sorria-se ironicamente d'aquella armadilha. Alexandre de Gusmão, irmão do inventor, e que depois se mostrou tão fino diplomata, apesar de ser ainda creança n'esta epocha já calculava os desgostos e contrariedades que supportaria o pobre Bartholomeu, da parte dos invejosos e fanaticos. Encostado a uma columna do torreão, fallava a meia voz sobre o assumpto com tres de seus irmãos, um d'elles frade carmelita e o mais afamado prégador de Lisboa, e dous professos da companhia de Jesus.

Pouco afastado d'este grupo estava outro de gente mui diversa. Eram os poetas folgazãos da epocha, entre os quaes sobresaía, pelo estrondo das gargalhadas que soltava, o celebre Thomaz Pinto Brandão, auctor do *Pinto renascido*

Por todos os lados do extenso pateo se commentava a nova invenção de andar pelos ares, e, força é confessal-o, quasi todos se riam, com mais ou menos disfarce, da machina e do artifice!

Quando o padre declarou que estava prompto o balão para subir, disse-lhe o beneficiado Leitão com algum receio: — Vê lá, Bartholomeu, se estás certo de ser bem succedido na empreza; el-rei e todo o povo tem os olhos fitos em ti n'este momento.

— Estou certissimo, respondeu o sabio. Não fiz eu, na villa de Santos, repetidas experiencias, posto que em menor escala? A sciencia não engana os que a procuram com fé.

— Pois tem fé n'essa passarola? Crê que ha de voar com ella? interrompeu o inquisidor-mór, accentuando as palavras com modo chocarreiro, mas vibrando um olhar ferino sobre Bartholomeu Lourenço.

— Creio, tenho fé, sem duvida, replicou o douto padre, que farei voar este barco, e até a inquisição e os inquisidores todos, se necessario fosse.

A estas audaciosas palavras, Alexandre de Gusmão segurou com força a cabeça, murmurando: — Desgraçado irmão, estás perdido!

O carmelita esconden o rosto com uma ponta do habito, como se o sol o incommodasse, e os jesuitas carregaram para os olhos os seus grandes chapéus.

A raiva do inquisidor geral não prorompeu em palavras, concentrou-se, fazendo subir o sangue a purpurear-lhe as taces, e dando á sua physionomia um colorido apoplectico.

Em quanto esta scena, que promettia fataes resultados, se passava junto á machina, fazia-se um gran-

de silencio no grupo dos poetas, e o Pinto Brandão improvisava a meia voz a seguinte decima:

Esta maroma escondida,
Que abala toda a cidade;
Esta mentida verdade,
Ou esta duvida crida;
Esta exhalação nascida
No portuguez firmamento;
Este nunca visto invento
Do padre Bartholomeu.
Assim fôra santo eu
Como elle é cousa de vento.

Esta semsaboria foi muito applaudida, como o são sempre os improvisos chocarreiros dos vates bufões. Todo o grupo bateu as palmas com alegria; e se Bartholomeu de Gusmão não deu por isso, foi porque estava muito entretido com a sua machina, e nem já do inquisidor se lembrava... quem sabe, talvez nem mesmo do penitente da procissão dos ferrôlhos!

Entre tantos incredulos, havia um homem poderoso que confiava no muito saber do padre: este generoso protector era o marquez de Fontes, que n'esse mesmo momento advogava a sua causa junto d'el-rei.

D. João V estava sobre o eirado do torreão que terminava o palacio pelo lado do mar, como dissemos, e espraiava a vista sobre essas ondas de povo que se chocavam em toda a amplidão da praça até ao opposto edificio da alfandega. Nos dous lados, do norte e do poente, que o palacio real occupava, viam-se brilhar lindos olhos meridionaes e rostos de seductor colorido; para o sul o cáes e as aguas matizavam-se das côres variegadas do trajo popular, e do outro lado do torreão da casa da India, apinhava-se muita mais gente na Ribeira das naus e pela margem do rio até além do Côrte-Real.

—Subirá finalmente o homem? perguntou o rei duvidoso.

—Estou certo que sim, apressou-se a responder o marquez de Fontes; para confusão de invejosos e de pedantes; e o valimento d'el-rei o recompensará de tantas fadigas e desgostos.

—Bem sabes que lhe concedemos mais do que nos pedia no seu requerimento. Queria para si o uso exclusivo da machina, mas sem propôr as indispensaveis garantias: nós taxamos a pena de morte para os infractores, e lá se exarou essa clausula no alvará de privilegio. Além d'isso promettemos-lhe uma cadeira de mathematica na universidade de Coimbra, com seiscentos mil réis de ordenado, e a primeira dignidade que vagar nas collegiadas de Barcellos ou de Santarem... Veremos se elle as ganha!

—Lá sobe, senhor... vede... é pasmoso!

El-rei, seguindo com a vista a direcção que lhe indicava o marquez, ficou pasmado d'aquelle surprehendente espectaculo. O globo elevava-se magestosamente do pateo da casa da India, e Bartholomeu, sentado no cesto de vime, animava o fogo que ia entre elle e o balão, sulcando os ares como um cometa. Subiu, inclinando-se para o angulo sudoeste do torreão, porque soprava com força o vento noroeste; porém, chegando a altura da sala dos Embaixadores, quando o povo todo, boquiaberto e arquejante, ia romper em applausos ao maravilhoso invento, a machina roçou por uma cornija do edificio; como era fragil rompeu-se logo, e o balão desceu suavemente sobre o mesmo logar d'onde tinha voado.

No meio do silencio occasionado por este accidente, uma voz forte retumbou no meio da praça, clamando: Justiça!... E d'entre a multidão saíu um velho, que ajoelhando perto do torreão, ergueu as mãos para el-rei, e bradou de novo: Justiça!

Todos sabem que D. João V ouvia benignamente, a qualquer hora, o ultimo dos seus vassallos: estranhou pois que este homem o viesse interromper no meio das experiencias aerostaticas, quando podia fallar-lhe em occasião mais opportuna; mas nem por isso deixou de o mandar subir ao eirado do palacio. A attenção popular voltou-se, como era de crer, da machina para este inexperado successo.

Bartholomeu Lourenço, que estremecêra ao som da voz do ancião, aproveitou este momento em que o esqueciam, e abandonando a machina no meio do pateo, afastou-se a passos largos da casa da India. Dos poucos que o viram partir tão bruscamente uns pensaram que fugia envergonhado por se haver malogrado a ascensão, outros suppunham que ia procurar os meios de repetir a experiencia; porém o Camões do Rocio julgou diversamente de todos elles, e foi quem adivinhou! Correu logo para o paço, aonde tinha entrada franca. Na larga escadaria do torreão encontrou o inquisidor geral, a quem o instincto do mal guiava de certo, e ambos chegaram ao eirado no momento em que o alludido velho, que vestia como um abastado burguez, se lançava aos pés d'el-rei, derramando pungentes lagrimas.

—Falla livremente, disse-lhe D. João, com ar bondoso.

—Senhor! balbuciou o velho, ha tres dias que me roubaram uma filha, a minha querida Marianna, o meu unico thesouro! Ha tres dias que clamo: Justiça! nos tribunaes, em casa dos juizes, aos pés dos aguazis... e minha filha não apparece, nem se descobre o seu roubador ou o seu assassino!... Só me faltava implorar a justiça, a piedade d'el-rei... Eisme, senhor, prostrado: tende compaixão de um pobre velho, de um misero pae, a quem nenhuma outra consolação resta no mundo, se não poder abraçar a sua filha!

—Que dizes a isto, Sotto-Maior?

—Digo, senhor, respondeu o Camões, que penso ter descoberto, n'este mesmo momento, o perpetrador do crime.

—Ah! sr. corregedor, diga, diga quem é o malvado... e onde está, onde está Marianna?

—Se vossa magestade o permitte irei interrogar sobre o assumpto o nosso voador.

—Que póde ter o padre Gusmão de commum com esse rapto? atalhou o marquez de Fontes.

—Tudo! bradou com voz de trovão o inquisidor. Acaba de fugir da casa da India, com tal pressa que até abandonou a sua infernal armadilha. É um herege... tem pacto com Satanaz. Oh! eu vou mandar já os familiares do santo officio apoderarem-se do sacrilego feiticeiro.

—Obremos com prudencia, replicou com voz melifluа o Camões; o homem é capellão de Nossa Senhora da Penha de França, e mora no proprio edificio da ermida. Prender um ecclesiastico, e dentro do templo, é uma cousa muito seria. Por isso pedia a vossa magestade para me encarregar d'esta missão.

—Por ser delicada? atalhou el-rei com sorriso malicioso. Pois bem, vae, e obra como melhor te parecer. Eu creio que o padre Bartholomeu não se mettia a roubar donzellas; e mais elle que não pensa em mais do que nos seus passeios aerios! Mas toma sempre cuidado não te pregue alguma peça. Olha que elle é esperto...

—Tambem eu, senhor, me prézo de não ser dos mais lorpas.

—É verdade; mas lembra-te do saloio que te trouxe amarrado para a cidade.

O Camões fez-se vermelho até á raiz do cabello; cortejou humildemente o rei, e desceu as escadas do torreão.

A esse tempo fazia signal o inquisidor a um dos seus esbirros, que logo correu a receber as ordens do santo prelado. E dez minutos depois dirigia-se para Cabeça d'Alperche uma duzia d'estes filhos dilectos de S. Domingos, com ordem de cercarem a ermida, e não deixarem saír do seu recinto pessoa alguma.

El-rei despediu o ancião, dizendo-lhe com magestade:—Vae, bom velho; descansa, que justiça te será feita.

E o pae de Marianna, beijando a mão do soberano, saíu do paço.

É tempo de voltarmos á Penha de França.

(Continúa.)

F. M. Bordalo.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

CARTA II.

JARDIM BOTANICO. AÇAFATAS DO PAÇO.

31 de maio de 1787.

Debalde chamo pelas nuvens que me cubram e por nevoeiros que me envolvam. Não podeis formar adequada idéa do continuo deslumbramento que nos ofúsca a vista n'este afamado clima. Lisboa é de todo o mundo o sitio mais apto para se exclamar: «Abriga-me da pomposa claridade do dia!» mas achar o abrigo não é cousa facil. Nem aqui ha mattinhas de pinheiros como em as classicas quintas italianas, nem os tremulos choupos e folhudos castanheiros que cobrem as planicies da Lombardia. O arvoredo nos arredores mais proximos d'esta capital consta, com bem poucas excepções, de larangeiras anãs e cinzentas oliveiras.

Estava eu determinado a não bolir pé fóra da sombra do meu toldo; mas de tarde, tendo afrouxado algum tanto o extremo ardor do sol, o velho Horne (que parece que ainda não lhe nasceu o dente do siso) conseguiu mover-me a passeiar no jardim botanico, onde não é raro encontrar certos animaes de pouca idade e do genero feminino, chamados em portuguez açafatas, especie entre a camareira e a dama de honor. A rainha fizera o favor de levar comsigo para as Caldas as mais feias; e as que ficaram tem rasgados olhos pretos em que scintillam amorosas tendencias, uma exuberante trança de cabello azevichado, e beicinhos da côr das rosas. Tudo isto não constitue uma belleza perfeita, nem eu quero dizer isso, só quero que fiqueis sabendo que as nymphas de que fallo são as flores do rancho da rainha, e que ella tem na sua comitiva, pelo menos, quatro ou cinco duzias mais d'essas damas dotadas de bócas grandes, olhinhos franzidos e tez morena.

Não me achando assás habilitado para florear cumprimentos em lingua portugueza, dirigi principalmente a conversação a uma irlandeza d'olhos azues, amavel rapariga de quinze a dezeseis annos, recem-casada com um official das alfandegas de sua magestade. O marido foi a uma romaria a Nossa Senhora do Cabo, e a senhorita espaneja-se no jardim botanico com as damas do paço e um rancho de sopranos que lhe ensinam a gargantear e a fallar italiano: bem digna é de se lhe ensinar o que cada um sabe: o seu cabello de uma mimosa côr de castanha e as suas bellas feições e fórmas gregas fazem notavel contraste com a pelle morena e madeixas pretas das suas companheiras; parece um ente sobrenatural que se evade ao longo das alamedas, deixando muito atraz os bojudos sopranos e as mal amanhadas açafatas em pasmaceira á vista da sua agilidade.

O jardim é bastante agradavel, situado n'uma eminencia, cheio de arvores frondosas carregadas de flores; acima das suas mais altas copas eleva-se um soberbo e espaçoso terraço com balaustradas de marmore de lustrosa alvura e d'um singular molde oriental. N'este paiz desenham sem escolha, mas o lavor da obra é mui puro e perfeito. Nunca vi balaustres melhor cinzelados do que os da escadaria que conduz ao terraço grande.

Esta ampla superficie é dividida em repartimentos oblongos de marmore, contendo variedades, em pouca abundancia, de heliotropios, aloes, geranios, rosas da China, e das plantas mais communs das nossas estufas: tão pezadas divisões produzem desagradavel effeito; fazem lembrar um cemiterio, e causaram-me uma impressão como se os habitantes defuntos do palacio adjacente brotassem do chão na fórma de espinheiros, figueiras da India, louçãos azevinhos, e pimenteiras.

O terraço terá mil e quinhentos passos de comprido; tres copiosas fontes lhe dão um ar de frescura bastante augmentado pela ondulação de grandes acacias, expostas em virtude da sua situação elevada a toda a brisa que sopra da foz do Tejo, cujas bellas aguas azuladas se descobrem com bom effeito atravez da movediça ramagem.

A senhorita ingleza e o vosso fiel correspondente correram como creanças ao longo do terraço, e quando fatigados repousaram á sombra de um grupo de gigantes aloes brazilicos junto de uma das fontes. A porção fusca da companhia de passeantes separou-se do seu principal guarda, um guapo clerigo moço, para observarem todas as excursões e descansos de nós outros gente branca.

Era já tarde, e havia alguns minutos que se tinha posto o sol quando me despedi. Os olhos pretos e os olhos azues pareceram-me horrivelmente ciosos uns dos outros. Receio que a minha juvenil e espirituosa companheira tenha soffrido alguma cousa por ter sido mais esperta que as açafatas, e que a beliscassem com alguns remoques quando a companhia se recolhesse pelos escuros e intrincados passadiços que dão serventia do paço d'Ajuda para os jardins. Ruim lembrança deixar assim uma bella e joven creatura em mãos de altivas e despoticas mulheres, que tão inferiores lhe são em polidez e formosura! Aposto que teriam o especial cuidado de encher os ouvidos de marido com suspeitas menos caridosas do que as inspirações da Senhora do Cabo.

(Continúa.)

FABRICAS DE PAPEL NOS ESTADOS-UNIDOS.

Ha nos estados-unidos da America 750 fabricas de papel em exercicio, as quaes produzem, termo medio, em cada anno 270 milhões de libras de papel. Para manufacturar esta enorme massa de productos foi necessario empregar 105 milhões de libras de trapo!!

UM CASAMENTO EM CEYLÃO.

Os velhos celibatarios, homens ou mulheres, são mui raros na ilha de Ceylão. A razão é talvez serem os laços da vida conjugal mui pouco rigorosos n'este paiz: o divorcio é facilimo; comtudo a mulher separada do marido não póde contrahir outras nupcias sem que elle tenha feito a escolha de uma nova esposa.

Logo que um mancebo chega á idade do dezouto a vinte annos seu pae trata de procurar-lhe um partido conveniente. Troca algumas visitas com o pae da menina que deseja dar-lhe por mulher, e se fica satisfeito do que observa, diz ao filho que trate de introduzir-se, sob qualquer pretexto que seja, em casa da noiva. O futuro esposo não deve apresentar-se-lhe com o seu verdadeiro nome; nem tão pouco proferir qualquer palavra que dê a entender as suas intenções, as suas esperanças ou os seus receios. De resto elle está ligado pela palavra que den seu pae; e-lhe mister contentar-se, aliás fica sujeito a um processo por diffamação.

O dia feliz ou fatal do consorcio é fixado por um astrologo; á hora propicia o mancebo, acompanhado dos seus parentes e amigos, encaminha-se para a casa da futura esposa. No seu seguimento leva muitos moços carregados de provisões, e particularmente quatro homens com uma grande cesta, que contém não só exquisitos manjares, mas tambem uma peça de panno branco, uma especie de corpeto de tecido de riscas azues e encarnadas, joias e louçaínhas, cuja quantidade e riqueza variam segundo a fortuna da familia. Quando o marido é pobre pede-as emprestadas para figurarem apenas n'aquelle acto.

O cortejo chega sempre á bóca da noute: está preparado um pavilhão para o receber, onde se acham tambem reunidos os parentes da desposada. No meio do pavilhão, cujo chão está juncado de esteiras, os homens de cada uma das duas sociedades assentam-se em torno de um grande caldeiro de arroz, e de folhas de palmeira cheias de gulodices de toda a especie: as damas fazem o mesmo no interior da casa.

Depois da refeição, o esposo entra em casa, aproxima-se da noiva, atira-lhe com algumas bolinhas feitas de arroz cozido em leite de coco, offerece-lhe a peça de panno branco, as joias e os enfeites. A companhia passa a noute palestrando, e no dia seguinte a noiva, acompanhada do noivo, é conduzida á casa paterna, onde devem ter logar as ceremonias sacramentaes do casamento.

O dote da mulher consiste de ordinario em mobilia de casa e em gados, e mui raras vezes em bens de raiz. Alguns viajantes referem um uso mui estranho na verdade, que consiste em permittir-se que uma mulher tenha sete maridos ao mesmo tempo, com tanto que sejam irmãos!

HISTORIA DA INQUISIÇÃO EM PORTUGAL.

(FRAGMENTO DO II VOLUME—INEDITO.)

Nomeado inquisidor-mór o infante, (1539) expediram-se ordens a D. Pedro Mascarenhas para que assim o communicasse ao pontifice, dando as razões, ou antes os pretextos, que para isso houvera. Longe de deverem os christãos-novos receiar uma recrudescencia de perseguição, no entender da côrte de Lisboa, o moço arcebispo ao mesmo tempo que ía restabelecer a conveniente severidade para com os maus, dava aos bons, pelas suas virtudes e elevada jerarchia, garantias de segurança. Por esta nomeação, porém, tornava-se mais urgente a necessidade de soltar os braços á Inquisição, e sobre tudo de tirar os poderes de revisão final concedidos ao nuncio, visto que seria absurdo haver em Portugal quem pudesse alterar as decisões de um inquisidor-mór irmão do proprio monarcha, e que se considerava como primaz das Hespanhas. Para fundamentar melhor as suas pretenções, el-rei transmittia ao embaixador a relação circumstanciada dos attentados contra a fé que os christãos-novos estavam praticando para que a apresentasse ao papa. Mas, ou porque esses factos fossem de pura invenção, ou porque, como el-rei affirmava, os conversos tivessem sido trahidos e denunciados por alguns de seus proprios irmãos, cujas traições não convinha se houvessem de suspeitar ou descobrir, é certo que se recommendava a D. Pedro Mascarenhas pedisse ao pontifice inviolavel segredo ácerca d'aquellas revelações, e rasgasse as respectivas notas logo que lh'as tivesse communicado (1).

As difficuldades com que o agente portuguez em Roma tinha de luctar eram grandes, assim porque a curia mostrava decisivas tendencias para favorecer os christãos-novos, como por outras circumstancias. Irritavam o papa as resistencias e artificios que empregava a côrte de Portugal para evitar a extorsão das duas decimas nas rendas ecclesiasticas, ou para, ao menos, ter quinhão na preza (2). Por outro lado, nomeando-se o infante inquisidor-mór, tinha-se previsto e calculado uma collisão com o nuncio, que desse fundamento plausivel a expulsar este (3), e Capodiferro não podia ignoral-o, nem deixar de augmentar a irritação da sua côrte prevenindo-a contra D. Henrique. Entretanto, posto que homem de poucas letras, D. Pedro Mascarenhas era uma intelligencia superior, que sabia apreciar as cousas e os homens, e saír com vantagem das luctas em que se empenhava. Caracter, ao que parece, recto e desinteressado, tinha a qualidade de alguns estadistas, que, collocados em logares eminentes no meio de uma sociedade e de uma epocha pervertidas, se aproveitam da corrupção para realisarem os seus intuitos sem se corromperem a si proprios; caracteres, cuja triste e suprema crença deve ser um profundo desprezo do genero humano. Residíra já em Roma tempo sufficiente para avaliar bem a curia pontificia, e a idéa que fazia d'ella era extremamente desfavoravel. Na sua opinião, para bem negociar com Paulo III, não havia outro meio senão fazer-lhe crer que ganhava no negocio (1), e por isso tinha aconselhado a el-rei, na questão das decimas, que não puzesse obstaculo a uma extorsão que só recaía sobre o clero, com tanto que parte da preza revertesse em beneficio do fisco, arbitrio que fôra acceito, embora a transacção não chegasse depois a concluir-se com todas as condições que o embaixador desejava (2). Assim entendêra tambem desde logo que seria impossivel tirar-se ao nuncio o direito de revista nos processos da Inquisição, por ser prerogativa grandemente rendosa, e de que o papa se não despojaria senão por mais avultados lucros (3). A sua regra para prognosticar a solução dos negocios em Roma era saber quem dava mais. Dotado do talento de physionomista, tantas vezes util na vida aos que o possuem, lia no rosto do papa qualidades de espirito que lhe repugnavam profundamente, mas n'essa mesma repugnancia tinha incentivo para sempre estar prevenido em tudo quanto com elle tratava (4). Convencido de que onde reina a venalidade só a corrupção póde dar o triumpho, obtinha da sua côrte os meios de corromper, e empregava esses meios como quaesquer outros. Tentava tudo e a todos. Nem a propria reputação de Simonetta, cuja probidade severa parecia excluir quaesquer esperanças, o fez recuar. Acaso não cria n'ella. A influencia d'este prelado e a de Ghinucci eram as que mais temia. Importava-lhe compral-os. Recebidas de Lisboa as sommas necessarias, tentou Simonetta por intervenção de Santiquatro. Repellida a offerta pelo pobre velho, esperou confiado que alguma precisão instante lhe trouxesse o arrependimento da honestidade. Não tardou este. N'um apuro pecuniario Simonetta lamentou-se de ter perdido a offerta espontanea do embaixador; mas a offerta não tardou a ser renovada por diverso canal, e foi acceita. Ha o que quer que seja infernal nas ironicas desculpas com que D. Pedro Mascarenhas narra ao seu principe a prostituição d'aquellas cãs. «Entre os cardeaes—diz elle—Simonetta era tido pelo mais severo na distribuição da justiça. Como tal o collocou o papa no logar que occupa: como tal o consulta e a Ghinucci em todos os negocios mais ou menos graves. Estes foram os trances que passei com elle. O que fez não se toma em Roma por maldade, nem se estranha, porque é o costume da terra. Não me espanta por isso o valimento que teve aqui Duarte da Paz, tendo-lhes dado a comer tantos cruzados e portuguezes (5).» Depois de referir a triste victoria que obtivera, annunciava outras mais ou menos faceis. «Trabalho—proseguia elle—por a-

(1) Minuta de carta a D. Pedro Mascarenhas, na G. 13. M. 8. N. 6.

(2) Esta negociação complicada entreteve quasi exclusivamente no 1.º semestre de 1539 o embaixador Mascarenhas, cujos habeis esforços foram em parte frustrados pela impericia dos ministros de D. João III. Consulte-se a sua curiosa correspondencia, de que existe grande parte na Bibliotheca da Ajuda e algumas cartas na Torre do Tombo.

(3) «esta emleição... do infante.. senão pera com elle poder mylhor deytar desse Reyno o nuncyo: » Carta de D. Pedro Mascarenhas, de 21 de setembro de 1539, na Correspond. orig. de D. Pedro Mascarenhas, f. 132 v. e 133.

(1) «tudo o que V. A. quiser negociar bem com este papa ade ser pondolhe seu enteresse diante: » Carta de D. Pedro Mascarenhas de 21 de junho, na Correspond. orig. f. 93.

(2) Tudo se fará como lhe nom tocarem no seu enteresse. E V. A. d'este pam de seu compadre deixe ao afilhado levar a parte que quiser, com tanto que a de V. A. nom seja mais pequena, e nom queira ser mais piadoso da fazenda eceresiastica do que ho he seu propio dono e vigairo universal: » Ibid.

(3) «tirando o nucio nom aver dentender nella (na Inquisição): ho quall se nom fará enquanto ahi ouver nucio d'esse reino em vida deste papa, porque lhe vae nisso seu enteresse, e que elle nom alarga senão por outro tall ou maior.» Ibid.

(4) «guardará o papa o primeyro que tem feyto pela *composyçam* que tem recebida, *senom ouver outro lanço mayor sobre mim*.» Id. Ibid. f. 101 v. — «Com esta mando a V. A. uma medalha em que o papa está tirado pelo natural bem ao proprio para que veija a filosomia deste principe com quem negocêa, a esperança que de sy promette, e quanta razão tenho de desejar que V. A. m'acupe em qualquer outro serviço por mais trabalhoso que seya, e me tire daqueste, em que o não posso servir sem doença da alma e do corpo.» Ibid.

(5) O portuguez era uma moeda de ouro d'aquelle tempo.

mansar Ghinucci, não para me servir, mas para não me empecer. Está mais pacifico, e promessas não faltam. Se lhe pudesse fazer devorar alguns cruzados, faria bom serviço a vossa alteza. Não desespero d'isso, porque sei os usos de Roma. Comecei a encetar os dous mil cruzados que vossa alteza me mandou dar para taes obras, e não creio que me fundisse mal a despeza, nem que damne no porvir. Fie-se vossa alteza da minha má consciencia, crendo que sou menos escaço da propria fazenda do que da fazenda real (1). » Com um agente d'estes, o negocio da Inquisição teria n'aquella conjunctura ganhado muito se, como dissemos, a questão das duas decimas não absorvesse quasi inteiramente as attenções de D. Pedro Mascarenhas, e não lhe repugnasse, conforme se deprehende da sua correspondencia, tratar de um assumpto enredado de interminaveis debates juridicos, que a sua alta intelligencia devia condemnar, embora não ousasse manifestal-o.

O principal, ou, pelo menos, um dos principaes fins com que o infante se collocára á frente do tribunal da fé fôra, conforme vimos, estabelecer collisões que tornassem necessaria a remoção de Capodiferro. Apenas revestido da dignidade de inquisidor-mór, D. Henrique nomeou novos membros para o conselho da Inquisição. Foram estes Ruy Gomes Pinheiro, depois bispo de Angra, e o augustiniano Fr. João Soares, tambem posteriormente elevado á cadeira episcopal de Coimbra (2). A escolha de Fr. João Soares era a luva que desde logo o infante arremeçava ao nuncio, ou, para melhor dizer, á côrte de Roma, onde aquelle frade era assás mal visto. Nas instrucções dadas por ordem de Paulo III a um dos successores de Jeronymo Ricenati, a indole, as opiniões e os costumes do novo membro do conselho geral são descriptas de modo não demasiadamente lisongeiro. « O confessor d'el-rei, Fr. João Soares— diz-se ahi — é um frade de poucas letras, mas de grande audacia e em extremo ambicioso. As suas opiniões são pessimas, e elle publico inimigo da sé apostolica, do que não duvida gabar-se, como refinado hereje que é. Todos o conhecem por tal, menos o rei, por cujo temor, e porque com pretexto da confissão obtem d'elle a solução de muitos negocios, todos o acatam. É homem perigoso, e de vida dissoluta. O paço serve-lhe de convento (3). » O doutor João de Mello, um dos primeiros membros do conselho nomeados pelo bispo de Ceuta, e que mais de uma vez substituíra o inquisidor-geral nos seus impedimentos, achava-se então delegado da Inquisição em Lisboa. Creada desde logo pelo infante uma Inquisição permanente na capital, João de Mello, que se distinguia pelo seu espirito intolerante, e que d'elle continuou a dar provas, foi collocado á frente do novo tribunal. Esta nomeação feria mais particularmente Capodiferro, porque n'aquella conjunctura um successo, talvez de antemão preparado com esse intuito, tinha feito romper as hostilidades entre o inquisidor e o nuncio.

Ayres Vaz era um medico do paço, christão-novo (1), cujo irmão Salvador Vaz entrára como pagem no serviço de Jeronymo Ricenati logo depois da chegada d'este a Lisboa. Ganhára o nuncio extrema affeição ao pagem, e tanto o pae como o irmão do moço Salvador se haviam tornado intimos e commensaes de Capodiferro. Não limitava Ayres Vaz os seus estudos á medicina: tinha-se dedicado tambem á astronomia, sciencia cujos cultores n'aquella epocha facilmente caíam nos desvarios da astrologia judiciaria, e Ayres Vaz deixou-se embuir da mania de propheta. Em geral na Europa a astrologia suppunha-se uma cousa seria. Em Roma dominava mais que em parte nenhuma esta superstição, e, segundo a phrase expressiva de um escriptor contemporaneo, raro era o cardeal que para comprar uma carga de lenha não consultava astrologos e feiticeiros. O proprio papa tinha fé implicita na influencia dos astros, e nas predicções astrologicas (2). Ayres Vaz começára por fazer predicções á rainha D. Catharina: depois, subindo mais alto, fizera predicções politicas a el-rei. Entre outras cousas, por occasião d'uma eclipse, prophetisára a morte de um principe, e a prophecia tinha-se realisado no mais velho dos dous filhos que restavam a D. João III de todos os que até ahi tivera (3). Offerecendo ao monarcha novos vaticinios, Ayres Vaz, provavelmente mal visto já pela triste predicção da morte do principe, annunciava prosperos successos, mas confessava que as illações tiradas do aspecto dos astros não tinham absoluta certeza; porque Deus, os arcanos de cuja mente não é dado ao homem perscrutar, muitas vezes annullava as influencias sidereas. Com este correctivo os vaticinios astrologicos podiam ser e eram loucura, porém não impiedade. Entretanto uma cópia do papel, dirigido pelo pobre medico a el-rei sobre taes assumptos, foi cair nas mãos do inquisidor João de Mello. Chamado por este ao seu tribunal, Ayres Vaz confessou ser auctor d'aquelle escripto, posto que ahi houvessem introduzido alguns periodos que não eram seus. Assignou-lhe o inquisidor dia para vir defender-se do crime d'herezia que commettêra. Na conjunctura aprazada apresentou-se Ayres Vaz no tribunal, rodeado de livros, prompto a mostrar os fundamentos scientificos dos seus vaticinios, e a orthodoxia das suas opiniões. Era difficil o primeiro empenho, mas facil o segundo, visto que elle submettêra tudo aos decretos inescrutaveis da Providencia, e para se defender podia invocar o exemplo do chefe supremo da Igreja. Subitamente, porém, um notario apostolico entrou no aposento, e interrompendo a solemnidade do acto intregou ao inquisidor um papel. Era uma intimação pela qual o nuncio avocava a si o julgamento d'aquella causa, e ordenava que o inquisidor fosse assistir a elle, levando comsigo os theologos que deviam disputar com Ayres Vaz, entre os quaes figurava Fr. João Soares. Tinha o astrologo preparado este desfecho, mas o notario antecipára a hora. O physico pretendia primeiramente dar uma severa lição aos theologos. Teve, porém, de retirar-se, porque o inquisidor, cujas esperanças eram outras, fingiu obedecer sem resistencia aos preceitos do legado apostolico (4).

(1) Carta de D. Pedro Mascarenhas de 20 de junho de 1539 na Corresp. orig. f. 104 e v. Numa carta posterior (2 de dezembro de 1539) fallando da morte de Simonetta, o embaixador mostra a sua magoa, apresentando uma ponderação singular: «E o pior foi perder V. A. aquelle servidor que já lhe estava comprado.» Ibid. f. 199 v.

(2) Sousa, De Orig. Inquisit. p. 13. Ruy Gomes e Fr. João Soares intitulavam-se effectivamente *do conselho e deputados da santa Inquisição* a 22 de agosto de 1539. Processo de Ayres Vaz. Processo da Inquis. de Lisboa, N.º 17 719, no Arch. Nac.

(3) Instruzzione data al Coadjutore di Bergamo. Symm. T. 12, p. 12 e seg.

(1) Nem do processo de Ayres Vaz, nem dos documentos diplomaticos relativos a esta questão, consta que elle fosse christão-novo. Consta, porem, que o era de uma carta de D. Christovão de Castro, a f. 289 da Correspond. orig. de D. Pedro Mascarenhas.

(2) Ranke, Die Roemischen Paepste. 1 Band, 3 B. (Paul III) Mendes, 191.

(3) O principe D. Filippe, fallecido a 29 de abril de 1539 com seis annos de idade.

(4) Todas estas particularidades são extrahidas do processo.

Passavam-se estas cousas nos meiados de junho, quando a nomeação do infante para substituir o bispo de Ceuta estava já resolvida. Contava por isso João de Mello com o desforço. Foi o primeiro passo para elle collocarem-no á frente da Inquisição de Lisboa; mas o seu orgulho exigia-o mais completo. Aos autos do interrompido processo ajuntaram-se os votos dos theologos mestre Olmedo, Fr. João Soares, Fr. Jeronymo de Padilha, Fr. Luiz de Montoia e Fr. Francisco de Villafranca. Eram frades mais ou menos influentes na côrte. O escripto fôra unanimemente julgado por elles heretico. Revestido o infante da nova magistratura, um dos seus primeiros actos foi, portanto, ordenar a prizão de Ayres Vaz, que os officiaes do cardeal D. Affonso, arcebispo de Lisboa, arrastaram aos carceres do Aljube. A lucta estava encetada. O nuncio, que debalde tentára obstar á prizão, mandou intimar o infante D. Henrique para que lhe entregasse o processo, e o cardeal D. Affonso para que soltasse o prezo; mas o promotor da Inquisição deu por suspeito o nuncio, que recusou a suspeição. Posto que este tratasse o infante de pseudo-inquisidor, o infante appellou para a sancta sé, appellação que Capodiferro igualmente rejeitou. Os textos de direito canonico e dos praxistas voavam de parte a parte (1). Era um drama em que o excesso do ridiculo só se temperava pela terrivel perspectiva de uma fogueira para o pobre astrologo, se na refrega entre o agente do papa e os infantes, estes, que tinham a força material, não cedessem ás ameaças dos interdictos, cousa pouco provavel, visto que o intuito da nomeação de D. Henrique fôra causar um escandalo que desse em resultado a saída de Ricenati.

E o escandalo aproveitou-se. El-rei, que o fanatismo tornava instrumento cego d'estas vergonhosas contendas, escreveu uma carta ao seu ministro em Roma para que exigisse do papa o desaggravo dos infantes, desaggravo que consistia na revocação do nuncio. A narrativa do successo, como se póde suppôr, foi exagerada n'aquella carta, e os factos carregados com sombrias côres. Queixava-se D. João III sobre tudo de haver Capodiferro procedido n'aquelle caso sem o prevenir, e de ter inhibido officialmente o infante de usar do seu officio, negando a legitimidade de uma nomeação feita por elle rei. Ordenava a D. Pedro que dissesse ao papa, como advertencia propria, que se não retirasse o nuncio, este seria expulso, até para evitar alguma commoção popular; e rompendo, emfim, um silencio que D. João III dizia ter guardado por excesso de delicadeza para com o pontifice, accusava o delegado apostolico de todo o genero de corrupções, e de ser pelo seu procedimento immoral em Lisboa o opprobrio da côrte de Roma (2).

Tal era o estado a que as cousas tinham chegado; taes as tristes consequencias dos erros commettidos por um principe ignorante e fanatico, dominado por frades e por hypocritas, e que tomára por principal mister de rei perseguir a porção mais rica e mais industriosa dos proprios subditos, embora tragando affrontas, arruinando o paiz, abrindo o campo a todo o genero de immoralidades, calumniando o christianismo, e desobedecendo aos preceitos da tolerancia e da caridade evangelicas. Se Capodiferro, movido por paixões cegas, desacatára dous prelados e principes, não tinha elle, por paixões igualmente ignobeis, envilecido de antemão o episcopado solliciitando a Inquisição, tribunal que, sendo uma verdadeira delegação pontificia, cerceava n'uma das suas funcções mais importantes a auctoridade dos bispos? A fonte d'onde dimanava o poder do inquisidor geral era a mesma d'onde derivava o do nuncio. Se a bulla de 23 de maio de 1536 attribuia ao primeiro a magistratura superior no julgamento dos que deslisavam da fé, o breve de 9 de janeiro de 1537 e as instrucções officiaes que se lhe haviam dado por occasião da sua vinda a Portugal auctorisavam o segundo para proceder como procedêra, e ainda para ir mais longe. Podia ter sido violento e descortez, mas não exorbitára do seu direito; e se a dignidade real fôra indirectamente humilhada n'aquelle conflicto, D. João III só tinha a queixar-se de si, que preparára os elementos de tantos desconcertos.

A. Herculano.

(1) Processo original de Ayres Vaz, N.º 13:186 e 17:749 dos Processos da Inquisição de Lisboa, l. cit.

(1) Processo de Ayres Vaz, l. cit.

(2) Minuta de carta a D. Pedro Mascarenhas, sem data. Correspond. orig. f. 67 v. e seg.

O VOADOR.

1709—1724.

IV.

Em quanto no Terreiro do Paço se passavam os successos que acabâmos de narrar com o possivel laconismo, estava Marianna (que o leitor já reconheceu de certo no penitente da procissão dos ferrôlhos) contemplando do terraço da ermida da Penha o gracioso panorama que se desenrolava ante seus olhos. Eram todas essas brancas povoações que matizam os campos d'além do Tejo, e que se estendem pela margem esquerda do rio, coroadas pela sertaneja Palmella, que campeia sobre ellas como um castello feudal entre as aldeias do senhorio. Eram as formosas quintas de Chellas e de Arroios, esmaltando de flôres e fructos as mais verdejantes collinas. Ao longe uma faxa de altas serranias, até á distante Cintra, que erguia para o céu os campanarios da Pena e as ameias do castello mourisco. A seus pés, descendo para o valle, a casaria da cidade, em confuso labyrinto; e lá em baixo, junto aos paços reaes, aquella multidão de gente que cercava o homem, a quem tudo sacrificára a linda observadora.

Marianna entrava apenas na florida idade dos dezouto annos. Filha do honrado mercieiro Chrispiniano de Salles, vivia com elle e com uma velha criada que lhe servia de mãe, em uma modesta casa ao pé do Arco do Limoeiro. Bartholomeu Lourenço, que contava os seus trinta e dous annos, como dissemos, mas que era um homem de agradavel presença, soube inspirar a Marianna tão louca paixão que a joven não via no mundo mais do que o formoso clerigo, apesar de conhecer que esse amor era a perdição da sua alma na eternidade, e a quebra da sua honra e da sua honestidade n'esta vida. O padre, cego tambem de amor e de desejos, via a imagem da donzella entre os seus livros de sciencia, entre os planos das suas machinas, e, n'um momento de completa allucinação, induziu a virgem a deixar o tecto paterno, e a fugir com elle, aproveitando para esta evasão a noute dos Ferrôlhos, quando toda a familia estava na igreja de S. Antonio. Escapando ás pesquizas do pae e da velha criada, que a procuravam em todo o recinto do templo, Marianna entrou na sacristia, disfarçou-se em trajo de penitente, e foi collocar-se debaixo do andor. O resto da historia, até ao ponto em que o Voa-

dor fugiu do Terreiro do Paço, já nós o esboçamos nos precedentes capitulos d'esta veridica chronica.

Seriam onze horas da manhã quando Bartholomeu se apresentou pallido e suffocado no terraço da Penha, aonde o aguardava Marianna.—Aprompta-te, bradou elle, ainda da porta, com voz tremula: vamos deixar Lisboa... talvez para sempre! Os esbirros não tardam ahi, e é preciso que nos não encontrem.

E começou a preparar a maravilhosa barca, que o Camões havia examinado; accendeu um grande fogo; revolveu os globos metalicos; passou revista ao velame; poz em ordem a bussola, o astrolabio, as cartas, os compassos e outros instrumentos; mandou buscar por Marianna alguns comestiveis; e esperou que o balão estivesse em estado de subir.

Marianna, vestida como um escolar, serena e formosa como um anjo, via aquelles preparos sem comprehender de que se tratava; e o padre, que a contemplou um momento, ia perdendo a coragem, com remorsos de sacrificar a pobre menina: porém lançando ao acaso um relancear de olhos sobre a estreita senda que conduzia á ermida, viu os familiares da inquisição que subiam apressados para o alto da montanha, e atraz d'elles o corregedor do crime, com uma grande cauda de esbirros. Todo o seu vigor usual lhe voltou.

—Mãos á obra, bradou elle animado, em dez minutos poderemos voar, e estaremos salvos!

E começou de assoprar o lume, com os grandes foles da machina; depois examinou o balão, e repetiu:—Estamos salvos!

Tal era a attenção que dava ao trabalho, que não sentiu passos na escada da communicação exterior, nem viu um homem que appareceu em seguida entre os umbraes da porta.

Marianna, que voltava da beira do terraço, aterrada por ver tantos esbirros cercando o edificio por todos os lados, estacou na presença d'aquelle homem de gesto prazenteiro, que endireitava com delicadeza os seus custosos punhos de renda, e afagava com graça os copos do espadim.

—Ora graças a Deus, que encontrei o penitente! disse o Camões do Rocio ao enxergar o lindo rosto de Marianna; e com o mais gracioso sorriso, tirou o chapéu, e fez uma mesura de côrte.

Nem a voz do corregedor teve poder para distrahir Bartholomeu do seu trabalho.

O galanteador magistrado pouco ou nada se lhe den d'aquella desattenção, e chegando-se para a filha do honrado Chrispiniano, pegou-lhe attenciosamente na mão, e com a mais delicada cortezia *tocou* com os beiços nos seus lindos dedos.

A joven ficou silenciosa e immovel.

—Olá, temos jogo de sisudos?

Nem o echo respondeu ás palavras do corregedor-poeta.

—Direi pois a que vim, sr. padre Bartholomeu. A um doutor em canones, como vossa reverendissima, não será necessario citar mais do que o titulo XVIII, § 3.º do livro quinto das ordenações, que trata de...

—Marianna, bradou Gusmão com voz apressada, mas firme, embarca.

E a menina obedeceu áquella ordem, sem fazer reflexão alguma; e sentou-se na unica cadeira que existia na passarola.

—Temos muito tempo para o interrogatorio do padre, disse comsigo o Camões; vamos por ora entretendo com a rapariga... que é bem boa. Muito melhor peixe do que o Voador!

Como se vê, o Camões do Rocio já era *calembouvista*, no principio do seculo XVIII; porém estava atrazadissimo em physica, e era incredulo a respeito de aerostatos, como os leitores têem observado. Não viu nenhum perigo em saltar para dentro da barca, e foi collocar-se ao pé de Marianna.

—Diga-me, perguntou elle, mais como namorado do que como juiz, a menina não é filha do sr. Chrispiniano de Salles?

—É Marianna, não tenha duvida, sr. corregedor do crime, e eu sou Bartholomeu Lourenço de Gusmão, o Voador, infelizmente para vós!

Dizendo estas palavras, o capellão deu um pulo para dentro do navio aerio, cortou com ligeireza os cordões que o prendiam ao terraço, e no mesmo instante a machina subiu airosa para o céu, abrindo as suas longas azas como um passaro gigante.

—Estaes em meu poder, sr. juiz, bradou com orgulho o clerigo.

—Misericordia! clamou o magistrado... Quem acode... quem acode... aqui d'el-rei!

—Aqui de Deus! respondeu solemnemente o padre. As justiças d'el-rei estão lá em baixo; vêde como parecem pequenos os seus agentes, observados d'aqui; mirae n'esses espelhos como tremem ante o poder da sciencia, que é uma emanação da omnipotencia do Senhor!

—Que mal lhe fiz eu, padre?

—Nenhum, aliás era chegado o momento da expiação e do castigo. Ouça, e resolva com promptidão.

—Como estâmos longe da terra!...

—Nós vamos deixar Portugal. Com o vento que sopra é provavel que a barca vá caír na Andaluzia, ou talvez no Mediterraneo...

—E póde-se morrer afogado?...

—Póde; ou mesmo despedaçando-se na queda, ou devorado pelas feras da Africa...

—Senhor Deus, tende compaixão do vosso servo!

—Se não quer ir mais longe, tambem póde ficar em Lisboa. Olhe eu vou soltar as velas para passar sobre o Tejo; ainda tem cinco minutos: segure-se a esta especie de chapéu de sol, é um pára-quedas, que o levará lá abaixo a salvamento.

—O padre, pois eu hei de confiar-me unicamente a esta umbrela por esses ares?

—É aviar, amigo, que já passamos o Castello.

—Assegura-me que não quebrarei as pernas?

—Nunca o sr. corregedor andou em melhor viatura... Vamos, largue-se, que d'aqui a um momento seria tarde.

E empurrando o Camões para fóra da machina, viu descer lentamente o pobre magistrado, que soltava agudissimos ais, agarrado com ambas as mãos ao pára-quedas.

Entre as acclamações do povo, que nada comprehendia do que se passava, mas que achava divertido o espectaculo, pousou a final o Camões, são e salvo, sobre uma das torres da sé.

Bartholomeu e Marianna seguiram para o sueste; o Tejo figurava-se-lhes um fio de prata entre o verde dos campos, que as casas matizavam como boninas. A final perdeu-se de vista a passarola, por traz da serra da Arrabida.

. . . . . .

Setenta e quatro annos depois d'esta ascensão, aperfeiçoaram os irmãos Montgolfiers, em França, a machina de Bartholomeu Lourenço, portuguez-brazileiro, e proclamaram-se descobridores do aerostato.

(Continúa.)

F. M. Bordaio.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

CARTA III.

BISPO DO ALGARVE. ARCOS DAS AGUAS LIVRES. MARQUEZ DE MARIALVA.

3 de junho de 1787.

Fomos por especial convite ao real convento das Necessidades, pertencente aos congregados, ver a ceremonia da sagração do bispo do Algarve, padre d'esta casa; estivemos collocados defronte do altar n'uma tribuna atulhada de figurões de lustrosos trajos, pessoas relacionadas com o novo prelado. O pavimento estava alcatifado com ricos tapetes e coxins de veludo, onde se podia ajoelhar muito bem; mas, não obstante esta commodidade pensei que a ceremonia nunca acabava. Havia um excessivo esplendor de cruzes, thuribulos, mitras e baculos, em contínuo movimento, porque varios bispos assistiram com toda a sua pompa.

A musica, que era extremamente simples e pathetica, parecia commover profundamente os fidalgos que ficaram ao pé de mim, pois que mostravam semblantes compungidos e batiam nos peitos, como quem se considerava o que a maior parte d'elles são miseraveis peccadores. Sentindo-me opprimido pelo calor e pelo sermão, effectuei a minha retirada da esplendida tribuna sorrateira e caladamente, e passei para o jardim por alguns corredores estreitos, tão quentes como tubos de chaminé. Mas isto era sómente mudar de uma scena de formalidades e encerro para outra. Eu almejava por ar, e a fim de gosar d'este beneficio evadi-me por uma portinha para o silvestre e despejado valle d'Alcantara. Tudo ahi estava solitario, ouvindo-se o zumbido das abelhas, e as frescas virações sopravam da entrada do Tejo por cima das copadas larangeiras dos pomares. O susurro refrigerante da agua nas azenhas parecia dar-me vida nova.

Arrostei com o ardor, e encaminhei-me para aquella parte do valle que atravessa o enorme aqueducto que tantas vezes tendes ouvido mencionar como o edificio mais colossal do seu genero na Europa. Tem uma só ordem de arcos ponteagudos, e o principal galgando um rapido ribeiro mede quasi 250 pés d'altura. A ponte de Garde e de Caserta tem varias arcadas umas sobre outras que dividindo a attenção a desvia da grandeza do todo. Mas n'este aqueducto é a vastidão e n'uma fieira de arcos que infunde assombro. Sentei-me no fragmento de um penedo debaixo do arco grande, e olhei para aquella abobada lá tanto acima de mim com certa impressão de respeito não de todo desacompanhada de temor, como se o edificio que eu contemplava fosse obra de um algum ente incommensuravel dotado de força gigante, a quem desse a teneta de andar saracoteando n'essa manhã por cima da sua construcção, e por capricho bruto me reduzisse a impalpaveis atomos.

Perto do sitio onde me sentei havia alguns cerrados cheios de canas da altura de onze ou doze pés, cujas folhas viçosas, agitadas pela viração, faziam perenne susurro; gostei d'este murmurio que me acalentava n'um estado de repouso bem necessario depois das fadigas de trepar por alcantis e precipicios.

Logo que recolhi do passeio, Horne levou-me a jantar com elle, e depois ao palacio de Marialva a fim de pagar uma visita ao grão-prior. O pateo cheio de mesquinhas seges recordou-me a entrada de uma casa de posta em França; lembrança que não foi desvanecida pelo aspecto de volumosos montes de estrume, por entre os quaes não andamos pequeno espaço até á escadaria principal, tendo empeçado n'uma porca que ali retouçava com sua numerosa progenie fugindo por entre as nossas pernas com queixosos grunhidos.

Esta bulha annunciou a nossa chegada, vindo receber-nos o grão-prior, e seu sobrinho, o abbade velho, e um tropel de criados; todas as principaes familias portuguezas são infestadas de bandos d'estes, em geral, desfavorecidos dependentes, e ninguem mais que os Marialvas, que distribuem diariamente tresentas rações, pelo menos, de arroz e outros comestiveis a tão avidos devoradores.

O grão-prior desataviado de seus habitos prelaticios fez as honras da casa, e nos conduziu promptamente a todos os aposentos, e ao picadeiro, onde o marquez velho, seu irmão, posto que de idade bastante avançada, ostenta os primores da mais consummada picaria. Parece ter decidido gosto pelos relogios de parede, bussolas e pendulas; contei nada menos de dez no seu quarto de cama, quatro ou cinco em plena oscillação dando estrondosos assobios; tocavam e davam horas, porque eram as seis em ponto, quando eu seguia o meu conductor subindo e descendo meia duzia de lanços d'escada até uma sala forrada de damasco desbotado.

No centro d'este antiguado aposento havia uma meza atulhada de raridades postas ali por ostentação; curiosas obras de conchas, crucifixos de marfim, modelos de navios, xaireis bordados de pennas, e Deus sabe quantas cousas mais, tudo recendendo a camphora de um modo capaz de tombar um homem.

Quando nós olhavamos com grande applicação tapando o nariz com os lenços appareceu o conde V..., vice-rei do Algarve, de grande uniforme verde e agaloado, e de pernas lárgas, fazendo tregeitos como a quem tinha acontecido algum accidente desagradavel. Comtudo, estava na melhor disposição, e era o novo bispo que com muita complacencia recebeu, assim que se fez conhecer, os nossos cumprimentos.

A conversação sustentou-se coxeando intercalada de variedade de idiomas, hespanhol, italiano, portuguez, francez e inglez, todos por seu turno em rapida successão. Os assumptos d'esta salgalbada polyglotta foram as magnificencias e piedade do rei D. João V, o pezar pela extincção dos jesuitas, e o inverso pela morte do marquez de Pombal, á memoria do qual o bispo consagra pouco menos do que a execração. Este fluxo de eloquencia era acompanhado pelas mais extravagantes e ridiculas visagens que eu tenho observado, com uma chuva de perdigotos, porque o vice-rei tendo contínua humidade de bóca baba-se a cada syllaba. Comtudo, não se deve decidir de salto pelas apparencias exteriores. Este personagem bahão e manhoso é um distincto estadista e habil empregado, preeminente entre os poucos que tem prestado serviços e dado provas de vigor e capacidade.

Para evadir-me ás enfadonhas narrações que me escandeciam os ouvidos refugiei-me ao pé de um cravo, ao qual cantava, fazendo ao mesmo tempo acompanhamento, o Polycarpo, um dos primeiros tenores da real capella. Meio corridas as cortinas da porta de um escuro quarto contiguo, deixaram-me entrever um transitorio vislumbre da pessoa de D. Henriqueta de L..., irmã de D. Pedro, adiantando-se n'um momento e retirando-se logo n'outro, desejosa de aproximar-se e examinar as nossas figuras estra-

nhas, porém, não se aventurando a entrar na sala na ausencia de sua mãe; pareceu-me uma interessante menina com olhos de uma languidez feiticeira: do que ouço dizer a seu respeito só divisei uma figura pallida, evaporavel como as que a phantasia nos finge ás vezes em sonhos. Um grupo de amaveis creanças, suas irmãs creiu eu, sentavam-se no chão a seus pés, similhando genios occultos parcialmente nas dobras dos cortinados n'alguns bellos quadros allegoricos de Rubens ou de Paulo Veronense.

Aproximada a noute brilharam as luzes nas torrinhas, terrados, e por toda a parte da singular mistura de que é composto este palacio com parecenças de mourisco; metade da familia occupava-se a rezar a ladainha, outra metade em venetas e brincos, talvez de natureza pouco edificante; as monotonas vibrações da guitarra acompanhadas do ameno e brando susurro das vozes femininas entoando modinhas, tambem formavam uma extraordinaria posto que não desagradavel combinação de sons. Escutava eu com avidez, quando o clarão de archotes e a bulha d'agua batida dos remos nos attrahiram ás varandas a tempo de presencear uma procissão que de maravilha se terá visto desde o tempo de Noé; duvido que a sua arca abrangesse uma collecção de animaes mais heterogenea do que saíu de um escaler de cincoenta remos, d'onde desembarcaram o velho marquez de M... e seu filho D. José, acompanhados de um enxame de musicos, poetas, toureiros, lacaios, frades, anões, e rapazes de ambos os sexos, phantasiosamente vestidos.

Parece que todo o rancho voltava de uma romaria a certo santo da outra banda do Tejo. Primeiro saltou um anão corcovado assoprando uma pequena e chiadora trombeta, logo em seguida um par de capitães de guias apparentemente commandados por um personagem fanfarrão, velho e burlesco, de uniforme apparatoso, e que me disseram ter representado a parte de uma especie de brigadeiro geral n'uma casta de ilha; se fosse a Barataria, Sancho o teria cedo despojado do cargo; porque, a acreditar a chronica escandalosa de Lisboa, de raro apparece um truão mais impudente, parasita e ratoneiro.

Logo nos calcanhares d'estes vinham com affectada gravidade um frade de aspecto selvagem, alto como Sansão, e mais dous capuchinhos pezadamente carregados ignoro com que provisões; apoz dos frades um boticario muito magro e descorado, todo vestido de preto, completamente correspondendo em gestos e trajo á figura que cada um imagina do senhor Apuntador no Gil Braz; seguia-o um orate improvisador que nos disparava um esguicho de versos ao passar debaixo das sacadas a que estavamos encostados. Difficultosamente se podia ouvir no confuso tumulto de aguadeiros e criados de servir com gaiolas de passaros, lanternas, cabazes de fructa, e capellas de flores, caminhando aos saltos, com grande deleite de um bando de rapazes, que para melhor arremedarem os habitantes dos céus traziam azas resplandecentes e ondeantes pegadas aos hombros rosados. Alguns d'estes anjinhos de comedia eram extremamente lindos, e tinham o cabello encaracolado com muita elegancia.

O marquez velho é loucamente amigo d'elles; com elle estão noite e dia, e assim participa de todas as vantagens que uma constituição physica decadente póde tirar do folego juvenil e innoxio; o patriarcha dos Marialvas tem seguido este regimen ha muitos annos, e tambem alguns outros que serão custosos de acreditar. Tendo uma facilidade mais que romana para engolir immensa profusão de golodices, e dando sempre campo a novo provimento, é enorme a comida que eu vi estendida na meza para elle. Ninguem me acreditaria em inglaterra se pelo miudo a referisse; dê-se largas á imaginação sobre tudo o que póde conceber-se em materia de gula, e nenhuma hypothese excederá a realidade.

Logo que todo o conteudo, quer do reino animal, quer do vegetal, existente no escaler principal e em mais tres ou quatro lanchas da comitiva foi depositado nas respectivas tocas, cantos e poleiros, recebi convite do velho marquez para participar de uma merenda no seu aposento. Estou bem certo que na falta menos de cincoenta criados faziam o serviço da meza; e além de meia duzia de tochas, que eram levadas por estado adiante de nós, para mais de cem velas de cera estavam accesas ao longo das camaras, de mistura com perfumadores e caçoilas que diffundiam mui agradavel aroma.

Achei o dono de toda esta magnificencia mui cortez, lhano e affavel. Ha uma urbanidade e genio alegre expresso no seu olhar, voz e gestos, que immediatamente predispõe a seu favor, e justifica a geral popularidade de que gosa, e o affectuoso nome de pae com que a rainha e real familia frequentemente o tratam. Todas as graças da corôa se tem accumulado na sua pessoa, tanto pelo actual como pelos precedentes soberanos, fluxo de prosperidade não interrompido nem mesmo durante o grande *viziriato* do marquez de Pombal. «Procedei como julgardes mais acertado com toda a outra nobreza (costumava dizer o rei D. José ao seu formidavel ministro), mas livrae-vos de intrometter-vos com o marquez de Marialva.»

Em consequencia d'esta decidida predilecção o palacio de Marialva veiu a ser em muitos casos uma especie de ponto de reunião, um asylo para os opprimidos, e seu dono em mais d'uma occasião um escudo contra os raios de tão poderoso ministro. As recordações d'esse tempo parece estarem ainda vivas, por quanto o cordeal respeito e filial affecto, que eu vi tributar ao velho marquez são na verdade notaveis; os seus mais leves movimentos de olhos eram obedecidos, aquelles a quem se dirigiam mostravam-se gratos e animados; seus filhos, o marquez de Tancos e D. José de Menezes, nunca se chegavam a offerecer-lhe alguma cousa sem ajoelharem; o conde de Villa Verde, herdeiro da grande casa d'Angeja, e o *vice-rei* do Algarve, ambos de pé no circulo que se formára á roda d'elle, recebiam uma palavra sua benigna ou affavel com o mesmo fervoroso agradecimento dos cortezãos que dependem dos sorrisos e favor de seus soberanos. Por muito tempo me lembrarão as gratas sensações de que me penetrou esta scena de reciproca benevolencia; afigurou-se-me um escambo de amigaveis sentimentos, benevolencia dispensada sem artificio nem affectação, e protecção recebida sem maligna ou abjecta vileza.

Quão preferivel é um governo patriarchal d'esta natureza ás deslavadas theorias que sophistas pedantes desejariam estabelecer, e que, se fossem avante os seus interesseiros e atheistas deliriòs, solapariam os melhores e mais seguros esteios da sociedade! Quando os paes cessarem de ser venerados por seus filhos, e se não conhecerem os sentimentos de agradecida subordinação n'aquelles de idade ou condição, que carecem de amparo e auxilio, em breve os reis cessarão de reinar, e as republicas de ser governadas pelos conselhos da experiencia, a anarchia, a rapina, a carnagem percorrerão a superficie da terra,

e a morada dos demonios será transferida do inferno para o nosso desventurado planeta!

Continua . . .

OS PENEDOS DE BRIMHAM.

No Yorkshire, (Inglaterra) a algumas leguas de Kipley, na estrada de Patley-Bridge, vêem-se alguns grupos de penedos de fórma singular, conhecidos sob o nome de *Brimham rocks*. Estes grupos, espalhados irregularmente em um espaço de cêrca de quarenta geiras, dão testemunho não equivoco de alguma grande commoção natural. Todavia os archeologos consideram estas pedras colossaes como monumentos celticos. Tal hypothese não está em harmonia com o facto geralmente conhecido de que as pedras druidicas foram transportadas de longe para os logares em que actualmente se encontram: era esta, segundo parece, uma das condições essenciaes de sua consagração. Por outra parte, os *Brimham rocks* não apresentam em sua fórma e disposição nenhum dos caracteres que offerecem constantemente os monumentos a que pretendem assimilhal-os. O que não admitte duvida, porém, é que estas pedras foram trabalhadas com grosseiros instrumentos. Algumas têem no cume outros penedos menores oscillantes. A que representa a nossa gravura, que M. Hayman Rooke não hesita em alcunhar de idolo, assenta em um pedestal cortado á maneira de hexagono. Outro rochedo, a que chamam a *peça grande*, dá sons cavernosos em uma das extremidades, dizendo-se qualquer cousa em voz baixa n'uma especie de nicho cavado da parte opposta. Outro finalmente, posto n'uma collina altissima, e que o povo denomina *pedra do meio dia*, projecta a sua sombra, no meio do dia, sobre uma choupana proxima. Todos os annos, na noute de S. João, desde tempo immemorial, accende-se uma fogueira ao pé do rochedo, e este costume não é dos menores indicios que têem os archeologos para attribuir aos *Brimham rocks* antiga applicação religiosa.

A HERANÇA DO CHANCELLER, COMEDIA EM 3 ACTOS E EM VERSO, PELO SR. JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL JUNIOR. 1 VOL. 8.° BR.

Esta nova comedia, producção do illustre auctor dos *Homens de Marmore*, e de tantas outras obras primorosas, escripta expressamente para se representar no theatro de D. Maria II, no dia 16 de setembro proximo, anniversario de sua magestade el-rei o senhor D. Pedro V, achar-se-ha á venda no dia 15, na livraria do editor, rua do Ouro, n.os 227 e 228, e na de Lavado, rua Augusta, n.° 8. Nas provincias, ultramar e estrangeiro poderá procurar-se em casa dos correspondentes do Panorama. Preço 400 réis.

EPHEMERIDES HISTORICAS.

AGOSTO 1

1498 — Descoberta do continente da America por Christovão Colombo.
1589 — Jacques Clemente assassina Henrique III de França.
1600 — Morre em Coimbra o famoso escriptor portuguez Amador Arraes.

2

1648 — Derrota dos realistas irlandezes em Bathmines.
1830 — Carlos X abdica a corôa de França no duque de Angouleme, e este no duque de Bordeus.
1830 — Rosas é nomeado dictador pelos argentinos.

3

1792 — Luiz XVI é accusado de conspirador.
1792 — Morte do celebre fabricante inglez Ricardo Arkwright.

4

1704 — Gibraltar é tomada pelos inglezes.

5

1435 — Derrota naval da armada aragoneza pelos genovezes.

6

1840 — É prezo em Bolonha o actual imperador dos francezes.

7

1628 — Fundação do convento do Bussaco, da extincta ordem dos carmelitas descalços.

8

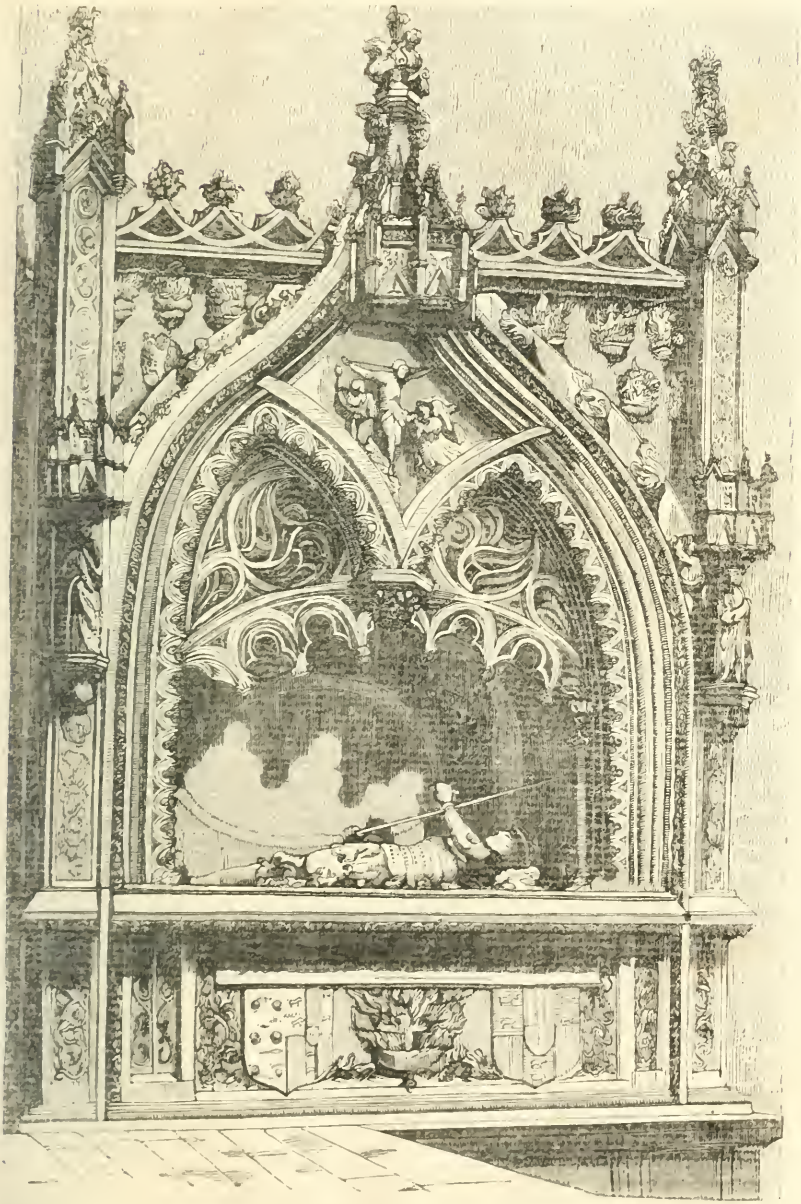
1827 — Morte de Canning.
1822 — Fallece perto de Reggio o poeta inglez Shelley.

9

1805 — Ligam-se a Austria, Inglaterra e Russia contra a França.
1412 — Derrota dos hungaros em la Motta por C. Malatesti.

10

1506 — Tristão da Cunha descobre a grande ilha de Madagascar.
1557 — Os francezes são derrotados pelos hespanhoes em Santo Quintino.



TUMULO DE D. DUARTE DE MENEZES

TUMULO DE D. DUARTE DE MENEZES.

Em todo o reino talvez se não depare mais formoso specimen de architectura tumular que o monumento representado na estampa, erigido pela condessa de Vianna, D. Isabel de Castro, á memoria de seu marido o illustre D. Duarte de Menezes, esclarecido tronco dos senhores condes de Tarouca, primeiro capitão de Alcacer Ceguer, que depois de obradas prodigiosas façanhas, perdeu a vida, para salvar a do rei D. Affonso V, combatendo valorosamente na serra de Benacojó.

No meio do soberbo sarcophago está a figura do heroe deitado, e vestido de armas brancas, empunhando a espada.

Cumpre, porém, advertir que o esplendido monumento não contém os despojos do grande capitão, mas sómente, em um pequeno vão, um dente, que a referida sua esposa tinha guardado.

Admira-se esta soberba amostra de architectura na igreja do extincto convento de S. Francisco de Santarem, onde tambem se encontram outros preciosos tumulos.

A estampa, executada pelo sr. Coelho, como todas as gravuras publicadas n'este semanario, dispensa-nos de fazer mais miuda descripção.

APONTAMENTOS ESTATISTICOS (1).

(LISBOA — SECULO XVI).

I.

No meio da moderna sociedade, profundamente agitada pelo desejo de inquirir tudo, e saber tudo, e onde todos pensam e fallam emittindo voto a respeito de tudo, não póde ninguem guardar profundo silencio; que fôra isso pouco menos do que um delicto. Se fallecem cabedal de luzes e tempo para grandes commettimentos litterarios, o remedio é fazer o que eu faço: limitar o tributo da palavra e os pruridos ou as velleidades de escriptor a pequenos e insignificantes trabalhos, a brevissimos apontamentos de canhenho. E não ha de, por isso só, ingeitar-se a qualquer collaborador, e desagradecer-se-lhe a oblata sincera e generosa.

Bem humilde, e sem importancia parece ser a occupação de britar e amontoar pedra junto á estrada, que uns projectaram, e outros fazem transitavel; e comtudo o britador de pedra é um obreiro, obscuro mas benemerito, da civilisação, da riqueza e prosperidade dos povos.

Escrever, pois, artigos, ou apontamentos volantes, adequados pelo menos para tirarem d'apuros o compaginador de qualquer periodico, é uma cousa que tem suas parecenças com britar pedra. As typographias, na ordem litteraria, como as estradas na ordem economica, são um instrumento de permutação, um agente da riqueza intellectual e moral da sociedade.

Mas podem dizer-me, que apinhoar as columnas d'um hebdomadario, mais recreativo do que scientifico, com cifras estatisticas, sêccas e duras como o cascalho do *macadame*, e de mais a mais cifras *fosseis*, é o mesmo que levantar nas villas e aldeias do reino um espantalho á timidez do leitor, e dar em terra com a empreza. Não o nego, antes o confesso boamente. Mas, já que vim a este ponto, seja-me licito dizer duas palavras á conta de desculpa.

Os periodicos não têem, é natural que não tenham, não devem ter só leitores apaixonados do romance e da poesia. D'elles, creio eu, uns são velhos, outros moços; uns, tendendo e recuando sempre para o passado, não vêem na sociedade e nas suas instituições, por mais vetustas que sejam, rugas que as afeiem; outros, esvoaçando e pairando sempre pelas regiões da idealidade, sofregos do futuro, cuidam, talvez, que todas as instituições antigas se metamorphosearam, como os cabellos de Medusa, em serpentes, que podem petrificar o encanto que olha para ellas; uns desilludidos das bemaventuranças terrestres que imaginaram, e que viram fugir-lhes, como a agua dos labios sedentos de Tantalo, sentem, de ha muito, apagados no coração todos os fogos da mocidade; outros, rejuvenecendo na ebriedade delirante dos triumphos, marcham, talvez, de conquista, esquecidos de que ámanhã abdicarão o sceptro d'uma realeza tão fugaz, como as esperanças e juramentos de lealdade, em que se ella funda.

D'elles, uns, acostumados ao concerto e harmonia de pensamento, ao intuito moral que caracterisa os Fenelon, Bernardin de Saint-Pierre, e Aimé-Martin, sympathisarão menos com as paginas, por mais brilhantes que sejam, de qualquer livro onde suspeitem o producto d'uma inspiração multiplice, uma volubilidade apaixonada de romancista; outros, porventura, porão de parte, até, a propria «Allemanha» da sr.ª de Stael para embeberem a alma, toda, no «Dom João» ou no «Fausto,» porque Byron ou Goethe poderia modelar-lhes melhor a ambição dos gosos sensuaes, que os allucina, ou a vaidade do talento que os ensoberbece.

D'elles, uns... mas para que hei de eu continuar?

Como cavouqueiro litterario que sou, não pertenço a uns nem a outros; não tenho nem peço voz activa nem passiva nas questões da arte ou da sciencia. Leio o primeiro livro ou papel que me vem á mão, porque não leio senão fortuitamente, e — ainda mal — para matar tempo.

Se o acaso me depara, por exemplo, no Panorama o «Conde Soberano de Castella» é o mesmo que topar com um thesouro immenso de preciosidades, com um monumento magestoso, cujas magnificencias intimam ao meu coração o culto do bello. Mas o meu enthusiasmo não diminue, quando o poeta e economista, perfumada a imaginação por fragrantes flores colhidas nos vergeis de Lerma, me conduz a um banquete do seculo X. Sem ser gastronomo, sinto luzirem-me os olhos pelas inguias de Valencia, pelas trutas d'Alberche, pelos arenques de Bermeo, pelas deliciosas lampreias de Sevilha e Alcantara, pelos delicados salmões de Castro de Ordiales, pelas saborosas lagostas de Santander, pelas passas d'Alicante, laranjas de Tangere, limões doces de Fez, tamaras de Tunes, romãs de Granada, figos do Algarve, uvas de Schiraz, amoras de Murcia, e amendoas de Ibi.

Quando vejo no «Monge de Cister» o doutor Mater-Galla-Asinipedes, tenteando como em jogo de cabra-cega, e esbarrando em todas as paredes, em vesperas de levar nas pousadeiras dous pontapés do bêsp-

(1) Accedendo aos nossos rogos, o sr. João Maria Nogueira, antigo collaborador d'este semanario, não podendo desde já proceder a certas averiguações e estudos, que julgava indispensaveis para dar ao trabalho que nos havia promettido sobre a Lisboa do seculo XVI todo o desenvolvimento desejavel, teve a bondade de nos enviar para serem publicados a serie de artigos que hoje começamos. Com serem simples *apontamentos*, como lhes chama o auctor, cremos que o leitor encontrará n'elles informações e noticias mui curiosas, e que difficilmente acharia em outra parte.

teiro, confesso que, ainda que esteja sósinho, desato a rir ás gargalhadas. Ao contemplar o monge, estremeço como se, para comprehender bem a sublimidade da tormenta, me puzessem no meio da solidão immensa dos mares, e eu visse inovelarem-se e enfurecerem-se as ondas que haviam de tragar-me. No íntimo terror dos grandes infortunios e desconcertos que angustiaram o coração de Fr. Vasco, ha um prazer mysterioso, indefinivel, que enleia e arrebata o espirito, quer este conheça e aprecie, quer ignore ou desame as divinas manifestações da arte.

São para mim, já se vê, summamente interessantes as paginas que me abalam tanto, mas declaro que o são igualmente as do mesmo livro quando deparo ahi com o numero de palmos que tinha a Rua Nova, formosa rua da Lisboa antiga, ou com o numero de almuinheiros de Val-verde, tecelões, vidreiros, calafates da Ribeira, e outros mesteiraes, que íam na procissão de Corpus-Christi.

Não sei qual inveje mais aos auctores d'estes livros, e aos de outros similhantes: se o conhecimento dos factos, que foram desentranhar dos riquissimos jazigos da historia, e que depois facetaram e poliram, como pedras preciosas que ficariam sem valor e perdidas debaixo do pó dos archivos?—se o talento, essa potencia de manifestação, que, por assim dizer, os divinisa?

Que decidam os litteratos: se o sentimento val mais do que os conhecimentos, a poesia, a arte mais do que a sciencia. Por mim admiro ambas; mas desejára notas e mais notas demostrativas da exactidão das descripções que encontro em taes livros. Se essas notas fundissem volumes, tanto melhor. Se não os comprassem as mulheres, compral-os-íam os estatistas, principalmente agora, que elles vão surgindo por ahi em cardumes, e por tal signal que vão fazendo á sciencia tão maus tractos, que a obrigam (coitada!) a desatinar em quasi tudo, em que a mettem.

Releve-me o leitor a diffusão inutil e enfadosa d'estas linhas, já que não póde agradecer-me a novidade que lhe dei de que só o illitterato póde, nas suas leituras, conciliar a esthetica e a estatistica.

(Continúa.)

João Maria Nogueira.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

CARTA IV.

PROCISSÃO DO CORPO DE DEUS DA PATRIARCHAL.

7 de junho de 1787

Atroadores repiques de sinos, bellicoso arruido de tambores, e agudos toques de trombeta me puzeram fóra da cama ao alvorecer o dia. Segundo o grau de devoção que possuis acho que não ignorareis que é hoje o dia da festa do Corpo de Deus. Estava meio disposto a ficar em casa folheando uma curiosa collecção de chronicas portuguezas que o grão prior d'Aviz me mandára; porém tinha ouvido maravilhas taes da esperada procissão que não pude resistir a tomar algum incommodo afim de presencea-la.

Todos se haviam posto em movimento antes que eu saísse, e as ruas do suburbio onde habito, bem como as da cidade que segui encaminhando-me á sé patriarchal, estão inteiramente desertas; parece que passou um ramo de peste pela grande praça do commercio e os estabelecimentos mercantis e fiscaes da bolsa e casa da India, porque até os vadios, os vareedores de ruas, e mesmo os mendigos na ultima phase da decrepitude abalaram manquejando para o logar da scena. Só ficaram nas ruas desamparadas uns poucos de miseraveis cães vagabundos e estropeados, e não vi nas janellas individuos humanos, á excessão de meia duzia de creanças tinhosas choramingando porque os deixaram em casa.

O borborinho da multidão apinhoada á roda da patriarchal ouvia-se muito antes de lá chegar avançando difficultosamente entre as fileiras dos soldados formados em ordem de batalha. Ao voltar um angulo escurecido pela sombra dos altos edificios do seminario contiguo á patriarchal descobrimos as casas, lojas e palacios, convertido tudo em pavilhões, forradas d'alto a baixo de damasco encarnado, tapeçarias, cobertores de seda e colxas de franjas reluzindo com ouro. Julguei achar-me no meio do acampamento do grão-mogol, tão pomposamente descripto por Bernier. Em especial a frontaria do templo estava armada com toda a sumptuosidade; esta fachada levanta-se de um espaçoso adro de lanços de escadaria, que estava coberto de archeiros da guarda real com suas ricas fardas multicores, e d'uma infinidade de padres trazendo luzidas e diversas bandeiras de seda pintada; rebanhos de frades macilentos, de habitos brancos, pardos, e pretos, vinham saíndo de envolta e successivamente, como bandos de perús levados ao mercado.

Demorando-se fastidiosamente esta parte do espectaculo religioso, aborreci-me, e deixando o balcão onde estavamos mais á vontade, entrei na igreja. Celebrou-se missa pontifical com pompa magestosa; subiam ao ar nuvens de incenso, numerosos cirios faziam rutilar mais os diamantes da custodia elevada pelas tremulas e devotas mãos do patriarcha.

Antes de acabada a ceremonia, ganhei a minha janella para gosar da plena vista da procissão do Sacramento. Tudo era espectação e silencio no povo. A guarda real se enfileirou de ambos os lados do adro em frente da porta da igreja; e por fim um chuveiro de flores annunciou que se aproximava o patriarcha trazendo a custodia debaixo de um rico palio, cercado dos grandes da côrte, e precedido por uma longa serie de personagens mitrados, de mãos postas em acto de oração, com suas vestes purpureas roçando pela terra, trazendo os seus assistentes os baculos e outras insignias da dignidade prelaticia.

A procissão desceu vagarosamente os degraus do adro ao som dos canticos e do rebombo distante das salvas d'artilheria, sumiu-se n'uma larga rua, toda decorada de luzidas armações, e deixou-me os sentidos enleiados e os olhos offuscados, como se acabasse de despertar de uma visão de esplendor celestial. N'este momento tenho a cabeça azoinada e os ouvidos a zunir com a bulha confusa dos sons, sinos, vozes, echos dos tiros de canhão prolongados pelos montes e diffundidos pela superficie do Tejo.

CARTA V.

CASA DE CAMPO E BANQUETE DE MR. S***

A DONZELLA TRAGICA.

11 de junho de 1787

Hoje fomos convidados a jantar no campo, na quinta de um cavalheiro, que tem uma carga de nomes, os quaes pronunciados com o mau accento portuguez soam como uma expectoração.

O nosso agazalhador hospedeiro é irlandez de origem; gaba-se de uma estatura de 72 pollegadas, pro-

porcional largura de costado, rosto vermelho, pernas herculeas, e todos os attributos exteriores, pelo menos, d'aquella raça emprehendedora, que não poucas vezes alcança a fortuna de casar com riqueza. Haverá um anno ou dous que se arranjou com uma opulenta herdeira braziliense, e acha-se agora senhor de vastas propriedades, e de uma nedia e acaçapada mulher com uma cabeça que arremeda a do Holophernes das tapeçarias antigas, e uns hombros que representam muito bem a figura de grandes pratos. Pobre creatura! Para maior certeza de que não é nenhuma Venus nem Hebe, tem beiços grossos e voz de machacaz, e notei-lhe algumas disposições para hydropica; comtudo, os seus risos são frequentes e esperdiçados; anda agarrada ao marido com a maior perseverança.

Mr. S*** é um caracter singular, não acceita emprego civil ou militar, e blazona de certa franqueza mordaz, que segundo eu penso ha de desagradar muito n'este paiz, onde a independencia, quer de bens da fortuna quer de opinião, é raras vezes ou nunca tolerada. Este cavalheiro gosta da ostentação na meza; sessenta pratos se me afigurou que seriam pelo menos, outo d'elles de fumegantes assados, além de toda a casta de guizado á franceza, á ingleza e á portugueza. A sobremeza apresentava-se como um modelo de fortificação; a principal empada-torre afouto-me a dizer que tinha tres pés de altura perpendicular. A companhia não correspondia nem no numero, nem na consideração ao esplendor do banquete. Se não tivesse ficado ao pé de mim, por felicidade, miss Sill e Bezerra eu teria morrido de enfadamento.

Uma sisuda donzella, com portentosas sobrancelhas, e olhar que exprobrava á porção masculina da assembléa a sua desattenção, era a unica dama do paço que Mr. S*** havia convidado.

Eu esperava achar-me com todo o rancho do meu conhecimento tomado no jardim botanico, e acompanhal-o pelas vinhas e pomares d'esta casa de campo; mas ai de mim que não estava fadado para tão recreativa excursão! A tragica donzella, que me constou ter sido infeliz nas suas ternas inclinações, aproveitou-se do meu braço, e nunca o desamparou em um longo passeio pelas extensas fazendas de Mr. S***. Conversamos em italiano, e dissemos aos passaros que cantavam, aos regatos que susurravam, lindissimas cousas n'uma prosa estonteada, rapsodia de trechos de operas e cantatas, do *Amintas* do Tasso, e do *Adonis* de Marini.

O sol acabava de dourar com seus ultimos raios os distantes rochedos de Cintra; o ar tornava-se balsamico; nas veredas por entre as vinhas medrava a herva viçosa, e milhares de flores reanimavam-se com o rocio da tarde. Deixando á senhora o trilho estreito que dá serventia pelo meio d'estes dominios ruraes, caminhei a seu lado por uma regueira bem guarnecida de ortigas, acanthos, e piteiras anãs, arranhando-me e esfolando-me a cada passo. Esta penitencia, e a logração que eu sentia mais vivamente tiraram-me um tanto do meu genio jovial; pezava-me ter passado uma tarde deliciosa em tão mesquinha sociedade, e ter lacerado as minhas pernas para tão pouco resultado. Quanto eu teria gosado passeando com a joven irlandeza por estes odoriferos atalhos entre festões de folhagem vecejante e de vides pampinosas, não prezas a ramos esgalhados ou a tanchões como em França e na Suissa, mas trepando por leves cannas a outo e a dez pés de altura!

Podeis imaginar que prezo d'azas como eu estava nenhuma inclinação sentia para prolongar um passeio, que já era sobejamente estirado. Esquivei-me ao chá e ao jogo do voltarete, fiz uma grave reverencia á grave donzella, e recolhi-me a casa antes que me assaltasse completa melancolia.

CARTA VI.

CONVENTO DE BELEM. NOUTE DA VESPERA DE SANTO ANTONIO.

12 de junho de 1787.

Passamos o dia em Belem inteiramente como em reunião de familia com toda a legião dos Marialvas. Alguns reverendos padres, não sei de que communidade, lhes tinham mandado uma immensa quantidade de sopa muito espessa, glutinosa e azeitada, porção da qual, segundo parece, costumam os devotos engolir na vespera da festa de Santo Antonio.

Depois de uma refeição que foi servida debaixo de um toldo estendido sobre um dos terraços, logo que o pude fazer airosamente escapuli-me da roda dos fidalgos e senhoras, dos anões, frades, bobos, toureiros, e capellães, para visitar o proximo mosteiro. Subi os grandes lanços construidos a expensas da infanta D. Catharina, rainha viuva de Carlos II, e tendo percorrido os claustros de D. Manuel examinei a livraria, que está longe de achar-se na melhor ordem e aceio.

Os espaçosos e altos claustros apresentam uma notavel extensão de arcadas, que posto que não sejam do mais puro estylo attrahem a vista pelos seus ornatos d'arabescos delicadamente lavrados, e pela phantastica côr arruivada da pedra. O dormitorio, para o qual tem serventia uma linha quasi interminavel de cellas, mede em comprimento 500 pés folgados. Cada janella tem seu commodo descanso, onde os monges se encostam á vontade e desfructam a vista do rio.

N'uma pequena e escura casa de thesouro, que por uma escada de caracol communica com a parte do edificio que a tradição designa como habitação do rei D. Manuel, quando em certas epochas religiosas do anno se retirava a este recinto, mostraram-me á luz de velas algumas alfaias extremamente curiosas, e em especial uma custodia feita em 1506 do mais puro ouro de Quiloa; não ha cousa mais bella como specimen do bem trabalhado lavor gothico do que esta complicada peça esmaltada e com mui leves esteios e pinaculos cinzelados, tendo os doze apostolos em seus nichos debaixo de pavilhões, formados por milhares de voltas e ramificações.

D'este sombrio recanto fui conduzido á igreja, uma das maiores de Portugal, vasta, magestosa e phantastica como o interior do templo de Jerusalem, segundo o tenho visto representado n'algumas antigas biblias allemãs. Comtudo, pouco havia nos altares ou monumentos digno de miuda investigação.

Já era escuro quando sai da grande portada, e achei o terreiro em frente alumiado com a luz coruscante de um renque de fogueiras á beira do Tejo. A custo alcancei a minha carruagem sem ser chamuscado por buscapés e bombas, e desejei ver-me fóra no momento em que entrára, por quanto estourou um foguete mesmo debaixo dos focinhos dos meus machos, que os espantou terrivelmente.

Se por milagre me não acalentasse Santo Antonio esperava não pregar olho em toda a noute, tamanho era o estrondo do fogo artificial, das lavaredas estridentes das fogueiras, das gaitadas das bozinas em louvor da festa d'amanhã, 555.º anniversario do me-

moravel dia em que o santo querido de Lisboa passou em placido transito aos gosos do paraizo; vi a sua imagem á porta de quasi todas as casas e até das barracas d'esta populosa capital, collocada em altar e adereçada com profusão de velas de cera e de flores.

Continúa.) . . .

O VOADOR.

PARTE II.

V.

Dez annos depois da maravilhosa evasão do padre Bartholomeu, reputado n'esse tempo magico e feiticeiro pelo povo e pela inquisição, ouvia-se a voz eloquente do inventor dos aerostatos prégando os dogmas da religião christã, do alto da cadeira da verdade, nos principaes templos de Lisboa, e até na real capella!... Em dez annos tudo esquece, ou parece esquecer. Durante esse longo periodo conseguíra Alexandre de Gusmão açaimar successivamente todos os inimigos de Bartholomeu. Mesmo das côrtes estrangeiras, por onde andava em serviço d'el-rei, preparava o fino diplomata a rehabilitação do sabio ecclesiastico, e o seu regresso á patria. O proprio chefe da Igreja catholica escreveu á inquisição de Lisboa, exigindo o perdão do Voador... mas perdoar não é esquecer, como dizia Luiz XIV, e a inquisição nunca esquecia. Entretanto consentiu na volta do padre a Lisboa, e deixou-o exercitar o seu sagrado ministerio, com a condição, porém, de não tornar a subir aos ares. D. João V mesmo, a pedido de Alexandre de Gusmão, se encarregou de amaciar o Camões do Rocio, e disse-lhe um dia:

—Lembras-te de uma celebre anedocta, que concluiu por me provares que el-rei não manda de telhas acima?

—Perfeitamente, meu senhor.

—Pois torna a ter applicação. Como o padre Bartholomeu Lourenço já não tem quem o accuse pelo crime de rapto, pois que o pae de Marianna foi pleitear a sua causa para o tribunal de Deus, nós lhe perdoaremos a offensa que te fez, e o perigo em que te collocou, porque tudo isso se passou além dos telhados.

O Camões riu-se contra vontade da esperteza d'el-rei, e tambem fingiu que esquecia.

Em 1719 foi Bartholomeu chamado ao reino, nomeado fidalgo capellão da casa real, e começou a fazer-se celebre como orador sagrado. Muitos dos seus sermões acham-se impressos, bem como um engenhoso opusculo, escripto por elle em portuguez e em latim, que tem por titulo: — *Varios modos de esgotar sem gente as naus que fazem agua.* Quando, no seguinte anno, se instituiu a academia real de historia portugueza, foi elle nomeado socio effectivo, e de seus trabalhos academicos se acha noticia nas respectivas *Memorias*, correspondentes ao anno de 1723.

Parecia pois que uma velhice socegada aguardava o douto varão... mas não succedeu assim. Novos trabalhos se lhe apparelhavam em Lisboa, quando menos devia receial-os!

Antes, porém, de encetarmos este ultimo episodio da historia do Voador, cumpre recuar até ao mez de agosto de 1709, e buscar no mar e na terra a celebre passarola, que vimos esconder-se por detraz dos severos cabeços da Arrabida.

A noute surprehendeu os aereos viajantes já para além da atmosphera da patria. Ao amanhecer do dia 10, tendo-se aproximado mais da terra, Bartholomeu e Marianna enxergaram os minaretes da Alhambra; mas a violencia do vento não lhes consentiu que baixassem sobre a senhoril Granada. Passando á montanha das Alpuxarras, as aguas do Mediterraneo lhes appareceram, reflectindo o azul do céu, apenas aqui e ali sombreádas pelas velas de diversos navios, que pareciam aves maritimas, olhadas d'aquella altura. O Voador, que não tinha o menor desejo de ir parar a Argel, onde perderia a amante e a propria liberdade, resolveu-se a descer sobre as vagas, contando com o soccorro da primeira embarcação que o avistasse. Expulsando successivamente o gaz, fez declinar o balão a pouco e pouco, e chegou sem accidente á superficie do Mediterraneo. Como previra, um bote destacou logo em seu auxilio, da embarcação que mais perto se achava, e os aeronautas foram recebidos a bordo de uma galé da ordem de S. João de Jerusalem, que os conduziu á ilha de Malta. Era então gran-chanceller da ordem e chefe da lingua de Castella e Portugal o celebre D. Antonio Manuel de Vilhena, o qual recebeu cordealmente os seus infelizes conterraneos; porém estes occultaram-lhe, por prudencia, o verdadeiro motivo da sua viagem, e o sexo de Marianna. Bartholomeu deu conta do seu invento ao nobre cavalleiro, e accrescentou que fazendo uma experiencia aerostatica em Lisboa, fôra o balão impellido pelo vento com tal força que viera caír no Mediterraneo.

A nova machina e o seu artifice foi por muitos dias o objecto da conversação entre os cavalleiros de Malta, porém um successo de mais interesse para a ordem, veiu depois fazer esquecer o balão e os aereonautas. Era um corsario argelino, carregado de immensa riqueza, que vinha de ser aprizionado e conduzido a Valetta.

Entre os captivos d'esta embarcação vinham duas mulatas, escravas de um portuguez que morrêra prizioneiro em Argel; as pobres mulheres, passando de senhor para senhor, tinham chegado ao poder do capitão do corsario. Livres agora pelo esforço dos cavalleiros do Hospital, Aurelia e Thomazia encontraram um protector no padre Bartholomeu, que as chamou para si, com o consentimento do grão-mestre. As duas pardas tinham nascido na villa, hoje cidade, de Santos, no Brazil, onde igualmente tivera o berço o nosso Voador, e usavam do appellido de Salema, que era o do seu primeiro dono. Com o producto do trabalho d'estas mulheres, e o pouco dinheiro que adquiria, dando lições de mathematica aos mancebos que pretendiam servir sob o pendão da ordem, o padre Bartholomeu vivia em socego n'uma pequena casa da cidade velha, onde nada faltava á boa Marianna, e aonde elle mesmo se julgaria feliz, se houvesse bem duradouro para este homem, a quem a desgraça não cansava de perseguir!

Uma das pardas, Thomazia, confessára ingenuamente ao seu protector que, dentro em poucos mezes, seria mãe; resultado da violencia que com ella usára o corsario, morto mais tarde no combate com os maltezes; e como o periodo annunciado pela mulata coincidia aproximadamente com uma similhante declaração de Marianna, o Voador resolveu-se a confiar ás Salemas o seu segredo, e Thomazia encarregou-se de assumir igualmente o titulo de mãe para com o futuro filho de Marianna.

Com intervallo de poucos dias de uma á outra, nasceram duas meninas, ambas formosas, mas de diversa belleza. Rosalia, a filha de Bartholomeu, era bran-

ca de neve, tinha cabellos louros, olhos do mais puro azul celeste; Isabel, a filha do corsario, era trigueira, dardejava raios das negras pupillas, e veiu a ter graciosos cabellos castanhos, naturalmente annelados. Porém Marianna não chegou a gosar das doçuras da maternidade: abriu-se-lhe a sepultura junto ao berço da filhinha.

Bartholomeu Lourenço ficou inconsolavel, e não podendo supportar a vista d'aquelle logar, onde recebêra tão duro golpe, decidiu-se a abandonar Malta, e ir viajar pela Europa. Como possuía uma pequena casa e quinta na villa d'Alcacer do Sal, cedeu essa propriedade ás Salemas, que partiram para Lisboa na primeira opportunidade, acompanhadas das duas meninas.

Os ares da Hespanha não convinham ao padre Gusmão. Era preciso fugir do santo officio. Dirigiu-se pois a Inglaterra, e d'ahi a França, onde encontrou seu irmão Alexandre, como secretario da embaixada, em 1714. Desde essa data começaram as diligencias para ser novamente admittido em Portugal o sabio Voador, o que a final se conseguiu passados cinco annos.

Bem recebido em Lisboa, como dissemos, o inventor do aerostato não fallou mais de machinas nem de experiencias, para não avivar a memoria da sua milagrosa hegira. Vivia tranquillamente na côrte, d'onde saía apenas algumas vezes para cruzar o Tejo, e ir até Alcacer examinar as suas propriedades; visitava de caminho as Salemas, e não se esquecia de abraçar a sua afilhada, a graciosa Rosalia.

O que, porém, Bartholomeu ignorava era que a sua reputação de magico e feiticeiro passára para as mulatas, a ponto de já se ter fallado entre o povo de Alcacer em lançar fogo á sua habitação. Diziam que aquella menina tão branca, a quem Thomazia chamava filha, fôra de certo roubada no berço pelas bruxas maldictas; e comparando-a com Isabel, accrescentavam: Está um anjo e um demonio entre as mesmas paredes... que obras de iniquidade se não farão ali!

De feito, as Salemas assás instruidas pelas sabias lições de Gusmão, fallavam muitas vezes em astronomia, explicando o movimento dos astros e os nomes das diversas constellações; davam acertados conselhos sobre a cultura das terras; curavam varias doenças melhor do que os medicos; e parece que, em fim, tentaram metter-se a adivinhar... pelo menos muita gente as ía consultar em segredo, e a horas mortas da noute.

Estavam as cousas n'este estado, quando Rosalia, que ainda não completára quinze annos de idade, se resolveu a entrar n'um convento, preparando-se para ser freira. Bartholomeu não se oppoz áquella resolução, e transportando-se a Alcacer, estabeleceu por alguns dias a sua residencia em casa das Salemas, para tratar elle proprio dos necessarios arranjos para a admissão da noviça. O leitor vae ver no seguinte e ultimo capitulo d'esta historia, como se originou d'este innocente passo a grande catastrophe que fez baquear o Voador!

(Continúa.)

F. M. Bordalo.

TELEGRAPHOS.

Já no anno de 1839 (1) se deu n'este semanario uma breve idéa da descoberta, então mui recente, do telegrapho electrico. Mas o telegrapho, que então descrevemos, representava a arte na sua infancia. Além de serem muitos os aperfeiçoamentos, que se têem feito a este instrumento, são ainda muito mais numerosos os serviços sociaes, a que elle se tem applicado. Nos primeiros annos d'esta descoberta ninguem previu a fecundidade das suas applicações.

Decretado ha poucos dias em Portugal o estabelecimento d'este admiravel meio de communicação, a lei será brevemente, segundo devemos crer, convertida em facto. Não nos parece, pois, fóra de proposito continuar hoje em uma serie de artigos as informações, que o Panorama começou a dar aos seus leitores em 1839. Insistiremos menos no que toca á descripção technica do telegrapho, em que pouco nos deteremos, e sómente como ponto de mera curiosidade, do que na enumeração das vantagens, que o publico e os particulares podem tirar da sua introducção. Estas vantagens dependem em grande parte da natureza dos regulamentos administrativos, que dirigem o serviço dos telegraphos. É um meio de transmissão, que não só abrange toda a esphera dos interesses economicos, mas que póde estender-se a interesses de outra ordem, e ampliar-se ás transacções mais communs e mais íntimas da sociedade. Por isso, segundo a acção administrativa for influida d'um espirito ou de liberalidade, ou de desconfiança e restricção, assim será maior ou menor a utilidade da telegraphia electrica. Esta verdade sobresaírá da comparação ou differença dos systemas, que n'este ponto seguem as nações mais adiantadas.

Precederemos d'uma succinta introducção sobre a origem, mechanismo, e propagação do telegrapho aereo, cuja insufficiencia conduziu á descoberta do electrico, este trabalho, que é compilado dos escriptos e noticias mais recentes na materia.

Claudio Chappe era filho de um dos administradores dos bens da corôa em Ruão, e sobrinho do padre Chappe de Auteroche, que a sua devoção á sciencia tornou celebre, e que, enviado pela academia das sciencias aos desertos da California para observar a passagem de Venus sobre o disco do sol, pereceu lá victima do clima d'esses paizes. Claudio Chappe tinha nascido em Brûlon, no departamento da Sarthe. Filho segundo de uma familia numerosa ordenou-se. Tinha obtido em Bagnolet, junto a Provins, um beneficio muito rendoso, que lhe fornecia meios de se entregar á sua vocação para as indagações da physica. Na idade de 20 annos, fazia já parte da sociedade philomatica, que n'essa epocha começava a tomar muita importancia.

Embargou-o nos seus trabalhos a revolução franceza. Perdeu o seu beneficio, e voltou para Brûlon para o seio da sua familia, onde tornou a ajuntar-se com quatro irmãos seus, tres dos quaes acabavam tambem de perder os seus empregos. N'estas circumstancias veiu-lhe á idéa aproveitar-se de alguns ensaios, que remontavam aos primeiros annos da sua vida, esperando poder tirar partido, em interesse da sua familia, de uma especie de divertimento, que lhe tinha proporcionado distracções na mocidade.

O padre Chappe tinha sido educado n'um seminario perto de Angers, em quanto seus irmãos eram alumnos internos n'uma casa de educação a meia legua do seminario. Para divertir as tristezas da separação e da solidão tinha imaginado uma maneira de corresponder-se com elles. Uma regua de pau, girando sobre um eixo, e sustentando nas extremidades duas reguas moveis metade mais pequenas, era o in-

(1) Panorama, tom. 3.º n.º 133.

strumento, que lhe tinha servido para trocar alguns pensamentos com seus irmãos. Obtinham-se pelas diversas posições d'estas reguas 192 signaes, que era facil distinguir com um oculo de ver ao longe. Claudio Chappe pensou, que se poderia tirar um certo partido d'estes signaes, applicando-os em escala extensa ás relações do governo com as villas e cidades do interior e da fronteira. Propoz portanto a seus irmãos aperfeiçoar este meio de correspondencia, e offerecel-o depois ao governo. Fez adoptar o plano á sua familia, e decidiu os irmãos a ajudal-o nas suas indagações.

O systema das reguas moveis, que tinha funccionado excellentemente, quando se tratava só de uma correspondencia entre dous pontos, topou com difficuldades invenciveis, quando se quiz multiplicar as estações. O inventor renunciou portanto a esta combinação para ensaiar a electricidade. Nos seus trabalhos de physica tinha-se occupado o padre Chappe principalmente da electricidade, e este agente parecia satisfazer tão bem a todas as condições do problema telegraphico, que por si mesmos se recommendavam ensaios d'esta natureza. Mas as despezas, que elles occasionavam, cresceram tanto que foi necessario a Chappe vender todos os instrumentos do seu gabinete de physica, ao passo que, por outro lado, estas tentativas, executadas necessariamente com a electricidade estatica, não podiam produzir nenhum resultado vantajoso.

Foi então que Chappe assentou definitivamente em servir-se de um corpo opaco, isolado na atmosphera, e que, pela sua apparição e desapparição successiva, indicava o instante preciso, em que se havia de marcar a cifra designada por dous pendulos collocados nas duas estações, e perfeitamente concordes entre si. Por este meio foi possivel entabolar uma correspondencia regular, e com grande promptidão, a tres leguas de distancia. Estes resultados foram perfeitamente verificados por experiencias especiaes, cujo auto ainda existe, experiencias executadas na presença dos officiaes municipaes, e dos notaveis do sitio, no solar de Brûlon.

Munido d'este auto veiu o padre Chappe a París por fins de 1791, e, depois de bastantes difficuldades e passos, obteve licença para levantar um dos seus telegraphos no pequeno pavilhão da esquerda da barreira da Estrella. Auxiliavam-no dous de seus irmãos n'estas experiencias, que davam os melhores resultados. Mas uma noute invadiram o pavilhão e roubaram o telegrapho muitos homens mascarados

Esta desapparição mysteriosa da sua machina, que nunca foi bem explicada, desanimou os inventores, e esfriou-lhes o zêlo. Teriam provavelmente renunciado para sempre á sua empreza a não ser um acontecimento, que veiu restituir lhes um raio de esperança. O mais velho dos irmãos Chappe foi nomeado membro da assemblea legislativa pelo departamento da Sarthe. Contando com o credito do novo deputado, o padre Chappe voltou a París, e obteve auctorisação para estabelecer outro telegrapho na bella tapada, que Lepelletier de Saint-Fargeau possuia em Menilmontant. Este novo apparelho consistia n'um grande quadro de fórma rectangular, que apresentava muitas superficies de côres differentes, e cujo eixo girava de sorte, que essas superficies appareciam e desappareciam a vontade. Não era ainda, como se vê, o telegrapho actual: todavia é a disposição, que serviu de modelo ao telegrapho aerio, que ainda agora está em uso na Inglaterra e na Suecia.

Os irmãos Chappe trabalhavam com ardor em aperfeiçoar e regularisar o jogo d'este instrumento, quando uma manhã, no momento, em que entravam na tapada, viram correr para elles o jardineiro todo espantado, gritando-lhes que fugissem. E que o povo se tinha inquietado com o jogo perpetuo d'aquelles signaes: vira n'elles o que quer que fosse de machinação suspeita, suspeitára uma correspondencia secreta com o rei e os outros prezos do Templo, puzera fogo a machina, e ameaçava lançar tambem os machinistas nas chammas. Os irmãos Chappe retiraram-se consternados.

Comtudo Claudio Chappe não se deixou abater. Quiz proseguir até o fim uma descoberta, cujo primeiro pensamento lhe pertencia. Pela terceira vez pediu auctorisação para estabelecer á sua custa novas machinas, e obteve-a graças ao credito de seu irmão deputado. Dispoz portanto tres postos, um dos quaes foi collocado em Menilmontant, o outro em Ecouen, aldeia a cinco leguas de París, e o terceiro em Saint-Martin-du-Tertre, a quatro leguas d'Ecouen. N'esta epocha é que foram assentadas entre os irmãos Chappe as disposições e combinações do telegrapho actual. Pela primeira vez se puzeram então em pratica o mechanismo das tres reguas moveis, e o vocabulario que se refere a estes signaes.

Logo que os empregados do telegrapho se acharam convenientemente exercitados em todas as manobras da linha, requereu o inventor ao governo um exame publico do seu apparelho. Decorreu um anno sem resposta ao requerimento. N'outros tempos teria talvez sido indefinido este retardamento, e o projecto de Chappe sepultado nas papeleiras de um ministerio, seria talvez esquecido para sempre. Mas n'uma epocha, em que muitos exercitos, dispersos sobre diversos pontos do territorio, tinham necessidade de poder communicar livre e rapidamente entre si, um agente de correspondencia precioso a tantos respeitos devia chamar a attenção dos depositarios da auctoridade publica. Um deputado, chamado Romme, que tinha algumas noções das sciencias, descobriu a exposição de Chappe nos archivos da commissão de instrucção publica. Abalado pela lucidez d'esse trabalho, e comprehendendo a sua importancia, assignalou-o á commissão com elogios. Nomeado relator do projecto, subiu Romme á tribuna em 4 de abril de 1793 com a memoria de Chappe na mão, e obteve da convenção que se consagrasse ao ensaio d'esse systema telegraphico uma somma de 6:000 francos.

As experiencias fizeram-se aos 12 de julho seguinte. Dannou e Lakanal, commissarios da convenção, estavam presentes com Abraham Chappe em Saint-Martin, um dos postos extremos; Arbogast e outros deputados achavam-se com o padre Chappe em Menilmontant. As experiencias duraram tres dias. Transmittiram-se a distancia de 7 leguas todos os despachos com precisão e promptidão extraordinaria. De volta a París os commissarios fizeram á convenção um relatorio, que determinou a assembléa a ordenar sem detença o estabelecimento de uma linha telegraphica. O padre Chappe foi encarregado de organisar essa primeira linha; e a convenção julgou que devia por essa occasião honral-o com o titulo, pouco euphonico, de *engenheiro telegrapho*.

Duraram mais d'um anno os trabalhos para a construcção d'essa linha, que foi inaugurada pelo annuncio de uma victoria. Na sessão de 30 de novembro de 1794 trouxe Carnot á convenção a nova, expedida pelo telegrapho, da tomada de Condé aos aus-

triacos. No mesmo instante romperam os applausos em todos os bancos da assembléa. A convenção transmittiu immediatamente esta resposta: «O exercito do norte bem-mereceu da patria.» Enviou ao mesmo tempo um decreto, mudando o nome de Condé no de *Nord-Libre*. Despacho, resposta, e decreto foram transmittidos com tal promptidão, que os inimigos creram que a propria convenção celebrava as suas sessões no meio do exercito.

Em 1798 construiu-se a linha de Strasburgo. Em 1799 começou o directorio a linha do meio-dia, que parou em Dijon, e não foi posta immediatamente em actividade. Em 1805 decretou Napoleão a linha de París a Milão. A de Lyão a Toulon foi construida no tempo da restauração. Todas estas linhas foram organisadas pelos irmãos Chappe.

O padre Chappe morreu no tempo do imperio. Apoz um jantar de sabios, em que os convivas se tinham animado um tanto, deixou-se caír n'um poço, que não tinha enxergado. Teve o fim do astrologo da fabula, com o qual não deixou de ter alguma parecença durante a vida. Quando se entra no cemiterio de leste (París) divisa-se em um canto retirado um monumento mui simples, que por todo emblema contém um telegrapho de fundição: é o jazigo do padre Chappe. Os homens não levantaram outro monumento á sua memoria; mas bastará este na sua simplicidade eloquente para recordar o nome do sabio laborioso e modesto, cuja vida não deixou de ter influencia nos destinos contemporaneos.

(Continúa.) O. M.

BIBLIOGRAPHIA.

O QUADRO DE ENEAS, CARTA, PELO SR. ANTONIO MANUEL DA FONSECA.

Recommendâmos a leitura d'este opusculo do sr. Fonseca, dirigido a todos os redactores da imprensa periodica portugueza, e contendo a resposta que aquelle nosso, aliás distinctissimo, pintor, dá ás accusações e criticas que lhe têem sido dirigidas ácerca do seu grande quadro de Eneas. É este interessante trabalho ornado de duas gravuras em cobre.

ALMANACH DE LEMBRANÇAS PARA 1856.

Recebemos este curioso livrinho, que recommendâmos com o maior prazer, porque temos a convicção de que tão interessante obra cada vez se vae tornando mais digna, assim dos conhecimentos e illustração do seu auctor o sr. dr. Alexandre Magno de Castilho, como do fim a que se destina.

EPHEMERIDES HISTORICAS.

AGOSTO 11

1829—Batalha da villa da Praia da Victoria, entre as tropas do sr. D. Miguel, e as forças constitucionaes commandadas pelo sr. duque da Terceira, então conde de Villa Flor.

12

1762—Tomada da Havana pelos inglezes.

13

1849—Conclusão da guerra da Hungria.

1447—Morte de Visconti, duque de Milão.

1521—Tomada do Mexico por Fernando Cortez.

14

1844—Os francezes commandados pelo marechal Bugeaud derrotam os marroquinos em Isly.

15

1185—Tomada de Thessalonica pelos sicilianos.

1648—Tomada da cidade de S. Paulo de Loanda aos hollandezes.

1449—Instituição da santa casa da misericordia de Lisboa.

16

1717—Os imperiaes desbaratam os turcos em frente de Belgrado.

1812—Batalha de Smolenko.

17

1789—Morte de Frederico II o *Grande*, rei da Prussia.

18

1572—Casamento de Henrique IV com Margarida de Valois.

19

1772—É promulgada uma nova constituição por Gustavo III de Suecia.

20

1400—Deposição do imperador Venceslau pelos principes do Imperio.

21

1600—Tomada de Chambery por Henrique IV.

1831—Malograda sublevação do regimento de infantaria n.º 4 em Lisboa, a favor da carta constitucional.

22

1791—Terrivel insurreição dos negros na ilha de S. Domingos.

23

1791—Fallece em París a condessa de Lamothe, que deu origem ao processo do collar da Rainha, assumpto de um dos romances de Alexandre Dumas.

24

409—Tomada de Roma por Alarico.

1471—Expugnação e tomada da cidade de Arzilla em Africa por D. Affonso V.

25

1580—D. Antonio, prior do Crato, pretendente ao throno de Portugal é desbaratado pelos hespanhoes, no sitio de Alcantara, cêrca de Lisboa.

26

1635—Fallece em Madrid o famoso poeta Lope de Vega, o qual assevera-se ter composto mais de 1800 peças de theatro.

27

1793—Os inglezes occupam Toulon em França.

28

1810—Tomada de Almeida pelo general Massena.

29

1315—Uguccione faz levantar o sitio de Florença.

30

1483—Morte de Luiz XI de França.

1595—Absolvição plena concedida pelo papa a Henrique IV.

31

1535—Tomada de Azamor na Barbaria pelos portuguezes.

1839—Convenção de Vergara, entre o general Espartero, hoje duque de Victoria, e o general Maroto, esta convenção poz termo á guerra da successão em Hespanha.

YUCATAN—BOLONCHEN.

Bolonchen é uma aldeiola situada a pequena distancia das minas de Chunhuhu e de Ytsimpo, no Yucatan. O seu nome deriva-se de dous vocabulos da lingua maya, e significa os *nove poços*. Com effeito desde tempos immemoriaes nove poços têem servido a saciar a sede da numerosa população que vive n'estas regiões aridas. A origem d'estes preciosos reservatorios ainda ha pouco era desconhecida, bem como a das cidades em ruina que cobrem aquelle solo. O cuidado das auctoridades municipaes de Bolonchen quasi consiste só em conservar os nove poços no melhor estado. Apesar da sua vigilancia, a agua escacea durante sete ou outo mezes do anno, vendo-se então os habitantes constrangidos a abastecer-se d'ella no fundo de uma grande gruta ou furna, d'ali meia legua.

Tem a vasta furna um nome hespanhol, a *Senhora escondida*, e certa lenda popular faz d'ella residencia de uma menina que se subtrahia obstinadamente ás vistas de sua mãe. Foi em 1841 que M. Stephens e seu habil companheiro, M. Caterwood, visitaram esta gruta respeitavel. A sua profundidade total não é

menor de 210 pés, e chegando á tosca escada que conduz ao fundo, ainda restam uns 60 a 80 pés, que é mister descer cautelosamente sobre troncos de arvores nem sequer desbastados. A largura dos rusticos degraus é de 12 pés pouco mais ou menos. Conta-se em Bolonchen uma multidão de catastrophes succedidas n'esta perigosissima descida. Chegando-se ao fundo, estalactites gigantescas, e pedras enormes sobrepostas com regularidade, põem este enorme antro, pela sua estructura colossal, em harmonia com as vastas cidades, que se suppõe terem existido no Yucatan. Esta caverna communica com outra gruta de mais difficil accesso que, por passagens tortuosas e irregulares, se diz conduzir á fonte dos nove poços.

COROAÇÃO DOS REIS DE PORTUGAL (1).

Nas vesperas da maioridade de el-rei o sr. D. Pedro V pareceu-nos que não seria fóra de proposito colligir algumas memorias, que se encontram nas chronicas e noticias historicas, ácerca da solemnidade, com que sempre foi costume levantar os soberanos portuguezes desde a fundação da monarchia.

Os tempos mudaram, e com elles as idéas e os costumes; mas, apesar de muitas das ceremonias então usadas não caberem hoje na esphera das actuaes instituições, entendemos que nem todas mereciam caír no esquecimento. Ha n'ellas mais de um exemplo digno de menção, e como recordações de veneranda antiguidade justificam o interesse que podem excitar.

A grandeza, de que o throno se rodeava em taes occasiões, nascia, não do desejo de ostentar esteril pompa, mas do pensamento politico de ligar logo do começo o monarcha aos subditos, obrigando-os reciprocamente por um acto publico, revestido das circumstancias mais proprias para infundir respeito.

O motivo por que a religião nas grandes festividades não duvidou fallar á imaginação e aos sentidos é o mesmo que de certo determinou as magnificencias empregadas na coroação dos reis desde remotas eras. Os factos, pelo menos, auctorisam-nos a suppol-o.

Examinando as alterações do ceremonial nas diversas epochas vê-se que concordam com o successivo desenvolvimento, que foi adquirindo a formula monarchica, á medida que declina a preponderancia das classes nobres, e que se estreitam entre o principe e o povo os laços de amor e confiança.

Mas entremos no assumpto, e o leitor ajuizará por si.

As ceremonias, usadas na coroação dos reis godos eram solemnes e augustas; e quando Brandão nos descreve a maneira, por que foi jurado Sancho I, fere logo a vista a côr moderna do quadro, e é preciso pouco para se conhecer, que o auctor, afastando-se dos antigos monumentos, adopta uma versão que os costumes e a historia repellem ambos.

A verdade é mais bella. O que se acha decretado no codigo wisigothico, talvez o unico seguido no começo da monarchia; as disposições dos concilios toledanos; e as praticas do reino leonez, são conformes todas em provar que n'aquelles seculos a magestade humana invocava sempre a protecção divina, cobrindo-se com ella no acto de subir ao throno, cadeira da mais excelsa magistratura.

(1) Este artigo devia publicar-se antes do fausstissimo dia 16 de setembro, o que não pode acontecer por circumstancias independentes da vontade do auctor.

No prefacio do *Liber Judicum* (fuero jusgo) ordena-se que o rei seja eleito pelos bispos, pelos magnatas, e pelo povo. Na lei III diz-se, que, antes de empunhar o sceptro, o monarcha deve jurar o codigo wisigothico; e na lei IX manda-se que os prelados o sagrem e abençoem.

Encontram-se analogas determinações em muitos concilios toledanos; e o costume de ungir o rei conservou-se em Leão, por longo tempo, como consta das chronicas e documentos.

Ha mais! O capitulo XVII do ritual de Silos, intitulando-se do modo de *abençoar e coroar o rei*, confirma a larga parte concedida á Igreja n'estes autos. Faltam, bem o sabemos, relações contemporaneas e exactas; mas a visinhança dos dous reinos, e a plausivel opinião, de que a muitos respeitos foram communs as leis e os costumes, tendo Portugal saído do mesmo tronco, animam a conjectura, que arriscamos, condemnando a traducção moderna, que nos deixou do facto o escriptor da *Monarchia Lusitana*.

Dadas estas informações indispensaveis, passaremos a expor o que devia observar-se n'estes dias de jubilo e festivo applauso, cingindo-nos á letra dos rituaes, e ás noticias dos chronistas, que fizeram memoria d'elles.

Quando se lança os olhos para essas epochas, que tão distantes nos ficam já, e dos fragmentos, que restam, se procura restituir algum dos aspectos da sua vida guerreira, mas inspirada de nobres crenças, uma especie de saudade consoladora passa pelo coração, e parece alliviar a tristeza das inquietações presentes.

As sociedades na infancia compensam a rudeza pela ingenuidade dos sentimentos. Se absolutamente não são melhores, são mais sinceras, e menos corrompidas, do que as sociedades, que aprenderam em uma existencia longa os segredos da hypocrisia, e a venenosa dissimulação, que ousa até dourar os vicios!

I.

«No anno de 1135 o rei de Leão Affonso VII entrou na capital com a rainha Berengera sua mulher, com a infanta D. Sancha, sua irmã, e com o rei de Navarra D. Garcia.

«Concorreu tambem ali grande ajuntamento de monges e clerigos, e innumeravel povo, que vinha ver as festas, e ouvir fallar a palavra de Deus!

«No primeiro dia d'este vistoso concilio reuniram-se magnatas e populares no templo de Santa Maria, de accôrdo com o soberano, e trataram de tudo o que lhes suggeriu a clemencia de Jesus Christo para encaminhar a saudavel fim a alma dos fieis.

«No segundo, em que Igreja celebrava o advento do Espirito Santo, os arcebispos e bispos, os abbades, ricos-homens e cavalleiros, os cavalleiros villãos e a plebe tornaram a congregar-se na cathedral, resolvendo proclamar imperador a el-rei Affonso VII, visto obedecerem-lhe o rei D. Garcia, o principe sarraceno Zafadola, o conde Raymundo de Barcelona, o conde Affonso de Tolosa, e muitos outros condes e senhores de França e Gascunha.

«Invocado, pois, o divino auxilio assim o decretaram, estando presente o rei de Navarra, e a infanta irmã d'el-rei; e apresentando-se logo este revestido de uma opa riquissima, puzeram-lhe na cabeça uma corôa de ouro fino cravejada de pedras, e mettendo-lhe o sceptro na mão, conduziram-o em procissão ao altar de Santa Maria.

«O rei de Navarra levava o imperador pelo braço direito, e o bispo de Leão pelo esquerdo; atraz se-

guiam em luzido prestito os outros bispos, abbades, fidalgos, cantando o *Te Deum laudamus*, e repetindo a acclamação de «Viva D. Affonso imperador!» Depois do monarcha receber as bençãos celebrou-se missa de festa, e acabada ella voltaram todos para suas casas a descansar.

«O imperador mandou preparar então um banquete esplendido nos seus paços, aonde condes e senhores foram os ministros que serviram á meza dos reis. Mandou igualmente largos presentes aos prelados e abbades, e distribuiu pelos pobres avultadas sommas em esmolas de comida e vestuario.

«No terceiro dia o imperador com os do seu conselho occuparam-se no palacio dos negocios do reino, e de toda a Hespanha, ditando foros, e costumes para o bom governo d'elles, e fazendo leis que restaurassem a agricultura e a prosperidade das villas assoladas pelas guerras que tinham abrazado os povos.» (1)

Affonso VII viveu nos dias de Affonso Henriques, seu primo; e mais de uma vez, nos recontros da fronteira, os cavalleiros leonezes quebraram as lanças no escudo dos robustos campeadores da independencia portugueza.

As ceremonias da coroação do filho de D. Urraca, como as refere o relator quasi coevo das suas acções, é mais do que provavel que fossem as mesmas, que se observaram na exaltação de Affonso I, e seus successores, no primeiro periodo, porque estão em harmonia com o texto das leis, e com as rubricas dos antigos rituaes.

A proporção que a nação ia envelhecendo, e que as idéas se modificavam com os usos, os formularios vão-se alterando pouco a pouco, e as figuras que a principio estavam mais na sombra começam a avultar, e acabam representando um papel que nunca mais esquece.

Alludimos á magistratura e ao terceiro braço, que mal podiam apparecer nos annos de Sancho I e Affonso II, mas que de D. Diniz até D. João I reconquistam grande influencia, e caracterisam vigorosamente a sua physionomia.

Nos tempos mais proximos á fundação da monarchia, ainda que o principio hereditario prevalecesse, obliterando inteiramente o electivo, este era recordado de longe no ceremonial, como costume de remotas epochas.

Os guerreiros asperos e indomaveis já não erguiam sobre os broqueis outro soldado como elles, proclamando-o chefe no meio do arraial semeado de cadaveres; mas a tradição, fiel a esses dias de lucta e de gloria, não se esquece facilmente d'elles, e gravalhes a feição fugitiva em alguns dos episodios da coroação.

O rei por muito tempo assentou ainda o diadema sobre o elmo de cavalleiro; e até D. João II, a nobreza quasi que nem encobria a orgulhosa idéa de o reputar apenas como primeiro entre os seus iguaes. Foi necessario feril-a duas vezes na cabeça e no coração para a trazer ao seu logar. Costumada a ser tudo, e a fazer seu dependente o soberano em muitos casos, custou-lhe a convencer-se de que acima d'ella estava a lei e o monarcha!

O sr. Alexandre Herculano, traçando com mão de mestre o quadro historico da tomada de Silves, abre a scena pela solemne exaltação de Sancho I, e sem hesitar um momento restitue á ceremonia as antigas côres, de que a destingiu Brandão.

(1) Chronica Adefonsi Imperat. apud. Berganza — ANTIGUIDADES DE HESPANHA Parte II, pag 601

As fontes citadas pelo auctor da *Historia de Portugal*, pelo critico severo, e consciencioso das origens da meia idade portugueza, são as mesmas que temos invocado, e que ainda vamos produzir.

Seja-nos licito, pois, á sombra da auctoridade d'este nome, e firmados nos argumentos que ministram os documentos desenhar do vivo um d'esses autos: descrevendo-o como elle devia ser, e não pintando-o como o lapso dos annos o desfigurou depois.

Póde succeder, que seja engano, e que a verdade appareça n'outra parte: mas em quanto a questão não se esclarecer de novas provas, resta-nos a satisfação de errarmos em excellente companhia, se fôr erro a nossa hypothese! Eis a versão, que os dados historicos auctorisam.

Apenas cerrava os olhos o soberano reinante o seu successor tomava logo sobre os hombros o pezo do governo, expedindo aos bispos e magnatas as participações convenientes, e cobrindo-se de luto carregado.

A almafega e o burel substituiam as côres alegres, os recamos, e as bordaduras das vestes; e a voz lugubre dos sinos da cathedral dava o signal de dôr a todos os outros templos.

Depois seguia-se a solemnidade da coroação, que era ao mesmo tempo uma grande festividade religiosa. Ornava-se a igreja, e tornavam a apparecer os trajos de gala. Os bispos e prelados com as suas apparatosas vestiduras passavam por entre as armaduras refulgentes dos cavalleiros, e os tabardos variegados dos officiaes do palacio, cruzavam-se com as garnachas e capas roçagantes dos sobre-juizes, e com os habitos monacaes. A povoação acudia ás ruas e praças, e vinha encher de alegria e ruido os logares ainda ha pouco sombrios e desertos.

A procissão de auto saía lentamente da sé, e encaminhava-se ao alcacer. Companha-se dos arcebispos e bispos, dos abbades bentos e cistercienses, e dos conegos do cabido. Os ricos-homens com os donzeis montados nos seus cavallos de batalha, acompanhavam o prestito. O rei apenas apontavam ao terreiro exterior da alcaçova descia logo, e vinha curvar-se diante do metropolita de Braga, que o abençoava em uma curta e fervorosa oração. Depois, levando á direita e á esquerda dous bispos, revestidos de ricos pallios, sobre os quaes pendiam reliquias preciosas, e no meio da clerezia ornada de casulas, o principe dirigia-se á cathedral com passos vagarosos. Iam adiante d'elle o livro dos Santos Evangelhos, e duas cruzes alçadas que os thuribularios não cessavam de incensar, queimando aromas de grande preço. Os sacerdotes e os monges estendiam-se em alas até onde os senhores e cavalleiros fechavam o cortejo. Um dos côros entoava o *Ecce mitto Angelum meum*, e o outro respondia: *Israel si me audieris*. Atraz de todos vinha o povo.

Chegados ás portas do templo o arcebispo saudava o principe, repetindo outra breve oração, em que pedia a Deus o auxilio da sua graça para o reinado que ia começar, para que fosse prospero e ditoso; e assim que entrava na igreja o clero levantava a bella antiphona *Domine salvum fac regem!* em quanto o metropolita tornava a invocar o Senhor dos imperios, rogando-lhe que livrasse o soberano de todos os perigos e adversidades, e lhe concedesse a paz da Igreja para merecer a paz eterna.

Era então, que o principe, defronte do côro, despia as armas brancas, e a sobreveste, e que no meio dos dous bispos subia os degraus do altar, alcatifados de ricos tapetes, e cobertos de um docel soberbo.

Ahi, prostrando-se com a face no chão, e os braços em cruz, juntamente com os prelados, e presbyteros, ouvia as curtas litanias, que o resto do clero psalmeava no côro, implorando em seu favor a intercessão dos doze apostolos, dos martyres e dos confessores.

No fim d'ellas erguia-se o metropolita, e dirigia-lhe em voz alta estas perguntas: Quereis guardar a santa religião de nossos avós, observando-a com boas obras?

Sim, respondia o novo monarcha. Sereis o defensor da Igreja e dos seus ministros? Regereis o reino que vos concedeu o favor de Deus, guardando justiça a todos como fizeram vossos paes, e vossos avós? Sim! replicava o principe, accrescentando mais que seria fiel em guardar a firmeza dos foros de seus subditos, e empenhando para isso as forças, e os meios que a Providencia lhe dispensasse.

Então virando-se o metropolita para o povo exclamava: Quereis para vosso rei este principe, e juraes obedecer-lhe segundo a palavra do apostolo? E o clero e a multidão respondiam por uma acclamação immensa: 'Queremos! Assim seja!'

Esta primeira parte da ceremonia encerrava-se com a oração rezada por um dos bispos, depois de se inclinar reverentemente.

Na supplica, que elevava ao Altissimo, o prelado rogava-lhe que ornasse o monarcha, que ía reinar, com o sceptro sublime de David, e lhe concedesse a paz e sabedoria de Salomão, para governar o seu povo felizmente, para se gosar de dias largos e ditosos, e para ser admirado entre os outros reis pela magnanimidade do seu animo, e a justiça das suas obras.

N'este meio tempo resoavam fóra as trombetas e atabales, e prolongavam-se estrondosas as acclamações populares, como echo festivo da saudação unanime da cathedral.

Seguia-se a unção, administrada pelo metropolita, assistido dos outros prelados. Começava pelas mãos, dizendo o arcebispo: «Ungidas sejam tuas palmas de oleo santo, como as dos reis e dos prophetas, e do mesmo modo que Samuel ungiu a David. O Senhor te abençoe, e te faça bom e recto soberano d'estes reinos que te deu, para n'elle o servires, regendo com justiça.» E proseguindo na sua deprecação ajuntava logo: «Deus omnipotente lançae os olhos sobre este glorioso rei, e assim como por vós Abraham, Isaac, e Jacob foram bemditos, defendei-o dos perigos, e concedei-lhe o conforto espiritual da vossa graça. Favorecei-o com os orvalhos do céu, e a uberdade da terra, para que a abundancia reine com elle, e debaixo do seu sceptro tenha a patria saude e contentamento para que a paz interior seja mantida, e o esplendor da corôa refulga como luz clarissima. Deus omnipotente fazei que elle se torne fortissimo protector da sua terra, consolador das igrejas e mosteiros, triumphador dos inimigos, espanto e castigo das gentes pagãs e rebeldes. Que os grandes e os pequenos o amem e venerem como piedoso, magnanimo e justiceiro; e nasçam da sua geração outros reis que na successão dos tempos sejam a gloria da monarchia, e mereçam a eterna beatitude!»

Depois d'esta oração o metropolita ungia-lhe a cabeça, o peito, as espaduas e as juntas, dizendo: «Esta é a unção de rei que te dou com oleo bento em nome do Padre, do Filho, e do Espirito Santo!» e proseguindo, pronunciava outra fervorosa reza, pedindo ao Altissimo que abençoasse no seu throno o novo principe e lhe fosse propicio, para que as suas armas saíssem victoriosas de todos os encontros, a sua corôa fosse corôa de justiça e piedade, e o seu coração ardendo em fé e virtudes sempre se desviasse do mal, e acertasse com o bem.

Seguia-se cingir-lhe o arcebispo a espada, exclamando: «Eis a espada dos teus reinos, que recebes de minhas mãos indignas para com ella os regeres com valor e fidelidade!» Vestindo-lhe d'ahi as armas e o pallio, e mettendo-lhe o annel no dedo, accrescentava: «Recebe o annel da tua dignidade, e sirva-te de signal na fé.»

Entregando-lhe o sceptro e o baculo dizia: «Acceita a vara da virtude!» e inclinando-se para lhe pousar o diadema na cabeça, concluia: «Recebe a corôa dos teus reinos!»

Immediatamente lançavam-se as bençãos finaes, que eram as seguintes, decretadas desde os tempos do synodo: «Bemdito sejas de Deus. Elle te defenda e sustente, e assim como te fez rei te conceda a felicidade na terra, e a bemaventurança no céu. O clero e o povo, que te acclamaram de sua livre vontade, sejam os esteios do teu imperio, para que Deus te conte largos e ditosos dias.»

Com a corôa na fronte, e o sceptro na mão o novo rei descia então os degraus do altar, no meio dos bispos, e era conduzido em côro ao throno, cantando os sacerdotes: *Desiderium animæ ejus tribuisti ei Domine!*

O metropolitano dizia depois: «Senta-te e permanece! Este solio é teu por successão paterna e direito hereditario!»

Assim que o principe se tinha assentado, o arcebispo continuava: «Confirme-te Deus no throno, e Jesus Christo, Rei dos Reis, e Senhor dos Senhores te faça reinar comsigo eternamente no reino da gloria.»

Ditas estas palavras dava-lhe o osculo de paz, e todo o ajuntamento religioso, congratulando-se ao som dos instrumentos, levantava o canto do hymno: *Te Deum laudamus!*

O arcebispo celebrava missa solemne, e a ceremonia finalisava por novas e ardentes supplicas ao Altissimo, implorando em beneficio do soberano e da monarchia a sua clemencia e misericordia (1).

Terminada a funcção religiosa no templo todo o prestito se dirigia de novo ao alcacer, compondo uma formosa comitiva.

O rei caminhava no meio dos bispos e abbades, dos mestres das ordens militares, dos ricos-homens e infanções; os ecclesiasticos em mulas possantes ricamente ajaezadas, os nobres seculares em formosos corseis, trazendo após si os vigorosos ginetes de batalha montados por donzeis imberbes, e segundo sua riqueza maior ou menor numero de cavalleiros e escudeiros, que seguiam o seu pendão. Os homens d'armas da mercê de cada um acompanhavam-os com as suas lorigas de couro, e as azevans, ou lanças curtas encostadas no hombro.

Chegado aos paços acastellados o novo rei assentava-se no seu throno. O alferes-mór á direita levantava tendido o estandarte, ou signa real. O mordomo-mór, o meirinho da curia, o mordomo-menor, o chanceller e os mais officiaes da côrte rodeavam o soberano, que em toda a pompa e estado passava a

(1) Antigo ritual do mosteiro de Silos, acabado de compor no anno de 1052 por Bartholomeu presbytero, abbade de S. Prudencio.— Apud Berganza, Ant. de Hesp.— Append. Secção III, cap. XVII, pag. 681 a 684. Este ritual abreviou os outros mais antigos, que existiam antes, mas na substancia conservou todas as ceremonias usadas no tempo dos godos.

receber dos grandes vassallos o preito e menagem pelas terras da corôa.

Os meirinhos ou adiantados das provincias, os alcaides mores, os mestres das ordens, e os mais senhores prestavam successivamente o seu juramento nas mãos do monarcha: os meirinhos protestando fazer respeitar a justiça e os foros do reino e a suprema auctoridade real.

Os alcaides, recebendo a investidura dos castellos, obrigando-se a defendel-os até á morte, e a não os entregar senão ao rei, ou a quem elle mandasse, e promettendo mais servir na guerra com um numero certo de lanças segundo as tenças, que tinham da corôa, e a acolher o principe ou os seus successores nos castellos, quando a elles chegassem.

Os mestres do Templo e das outras ordens, e os perceptores, ou commendatarios faziam igualmente preito e menagem em nome de seus irmãos, assim como os senhores, que possuiam bens da corôa.

Acabada a ceremonia, descia o rei do seu throno, e assomando aos eirados do alcacer, recebia as estrepitosas acclamações dos nobres e do povo, vivo testemunho do amor de seus companheiros na guerra, e de todos os filhos da terra portugueza que ía governar.

Um banquete solemne rematava na sala d'armas, segundo os costumes da epocha, os jubilos e as fadigas d'este dia. O rei era servido pelos seus officiaes, e os pagens traziam nas mãos as tochas que illuminavam a vasta quadra, aonde tomavam assento os prelados, os ricos-homens, e os fidalgos, a quem o seu nascimento conferia esta honra como um direito.

Os escanções enchiam as taças; os menestreis tocavam as suas harpas, orgãos e doçainas, e os jograes multiplicavam para recreio dos convidados os seus arremedilhos, saltos e gracejos.

Depois tudo caía no silencio, e se alguem velava ainda na alcaçova adormecida com as suas galas de festa era só o novo rei, que os cuidados como espinhos não deixavam descansar.

(Continúa.)

L. A. Rebello da Silva.

O VOADOR.

PARTE II.

VI.

Era no mez de setembro de 1724.

Por esse tempo estava de juiz de fóra em Aldeia Gallega um tal Jeronymo de Cetem, especie de Camões do Rocio, se não em fazer versos, pelo menos no modo de vida folgasão e pouco orthodoxo que levava. Passeiando um dia pela villa, avistou cinco mulheres que vinham fazendo grande algazarra; e como lhe parecesse gente desordenada, apertou o passo, e foi encontrar-se com ellas, saudando-as sem ceremonia. Qual não foi, porém, a sua alegria ao deparar com um antigo conhecimento no meio d'aquelle grupo palrador!

—Que fortuna, sr.ª Brazia Rodrigues, exclamou o juiz de fóra, fazendo uma mesura ridicula á mais idosa e roliça das matronas;—é um milagre encontral-a fóra da sua quinta d'este lado do Tejo, ou da sua casa nas varandas do Terreiro do Paço. E então como vem bem acompanhada!

—É verdade, sr. juiz, saí hoje do cortiço para ir até Alcacer entregar a seus parentes esta minha amiga, que se vae metter freira.

Jeronymo encarou com a alludida pessoa, e ficou pasmado da sua formosura.

—Que pena, disse elle depois de detido exame, tão linda e tão moça querer já fugir do mundo. Olhe que não é tão feio como o pintam!

—É por sua livre vontade que vae servir a Deus, apressou-se a responder a tia Brazia. Como esta não as ha de certo no convento de Odivellas.

—Alcacer não é muito longe, respondeu sentenciosamente o maganão do juiz.

—Bem nos podia v. m.ce mandar embargar tres seges, continuou a honrada matrona, que nos conduzissem ao menos até Setubal; depois iremos embarcadas.

—Sinto o maior prazer em poder-lhes prestar esse pequeno obsequio; como, porém, é necessario tempo para se procurarem as seges, peço-lhes que jantem comigo.

—Com todo o gosto, respondeu por todas a Brazia.

—Pois vamos, que já está a dar meio dia; deve estar prompta a comida.

Jeronymo de Cetem desconfiava de tão numerosa sociedade, sem saber mesmo por que. Durante o jantar, que foi bastante alegre e sem etiqueta, tratou elle de indagar o verdadeiro motivo d'aquella jornada; mas, apesar de toda a sua esperteza, não póde obter das mulheres mais do que a promessa de voltarem a Aldeia Gallega no fim de tres ou quatro dias.

Isto passava-se a 14 de setembro, e até ao dia 23 não teve Jeronymo noticia alguma das mulheres. Lembrou-lhe então de ir dar uma volta pela quinta de Brazia Rodrigues, para saber noticias suas, e dirigindo-se com effeito para aquelle lado, avistou ainda de longe a propria Brazia, sentada junto ao portão.

—Por cá, senhora Brazia, bradou logo o juiz, muito admirado: suppunha-a mais distante de Aldeia Gallega! E as suas companheiras, que feito é d'ellas?

—Ah! senhor, foram para Lisboa... porém sente-se, que hade vir cansado.

—Não se resolveu então a acompanhal-as?

—Eu, por não me metter em embrulhadas, apartei-me da sociedade, e voltei para casa.

—Embrulhadas! repetiu insensivelmente o juiz cinco vezes consecutivas. E endireitou-se, como um cão que deu com o rasto da caça.—Ora conte-me isso, sr.ª Brazia.

—Não posso... não devo...

—Olhe que eu sou de segredo, bem sabe... creio que já lhe dei as mais decisivas provas de discrição, e que ninguem até hoje...

—É verdade, respondeu a mulher suspirando, o sr. Jeronymo de Cetem é muito honrado.

—Certamente; apesar de que não era essa a opinião de seu defunto marido.

—Pobre André Rodrigues, murmurou Brazia soluçando, Deus lhe falle n'alma!

—Ora pois, conte-me então o que fizeram e o que tencionam fazer as suas amigas.

—Se me promette inviolavel segredo!...

—Diga, diga, sr.ª Brazia; a sua confidencia cáe n'um poço sem fundo.

—Pois então saberá... mas segredo!...

—É como se o contasse a estas arvores.

—Aquella menina que quer ser freira... e é um anjo bento a pobre! é filha de uma das Salemas, a

quem chamam as feiticeiras em Alcacer... não eu, que as julgo boas mulheres e tementes a Deus. Costumam confiar-me a pequena, de tempos a tempos, para passar alguns dias n'esta quinta; e agora mandaram-n'a despedir-se de mim, porque vae entrar no convento; porém uma d'aquellas minhas companheiras, a mais alta, ruiva...

—Bem me lembro, que se chama...

—Annica Rosa.

—Justamente; Annica Rosa. E então?

—Agora é que é o mais grave, e eu não sei se...

—Pois não me conhece!?

—Diz bem, sr. juiz; perdoe, sr. Jeronymo.

—Já me não chama *seu* Jeronymo, como ha dez annos... Ora pois, paciencia! Mas vamos adiante.

—Annica Rosa está ligada com outras mulheres e um homem, que querem enfeitiçar el-rei, para que deixe D. Paula d'Odivellas, e tome amores com esta freirinha que viu, a Rosalia, a qual dizem ser filha do padre Bartholomeu Lourenço...

—Do Voador?...

—Esse mesmo.

—E será elle o homem que anda mettido na tal trama?

—Não sei, mas é de crer.

—Oh! se o padre Voador está de dentro, então o negocio ha de ser intrincado!

Brazia continuou:—Fomos consultar as Salemas, sem lhe dizer de quem se tratava, porque talvez ellas não consentissem que a Rosalia substituisse a D. Paula. Informadas, porém, do assumpto, disseram que para enfeitiçarem um homem era necessario que lhe trouxessem algum objecto que houvesse tido contacto physico com elle. As minhas companheiras foram pois prevenir a Lisboa o tal homem, e eu recolhi-me para casa.

—Fez mal, porque poderiamos saber o resto; principalmente o nome do homem. Assim mesmo: estou aqui, estou corregedor... e depois, veremos.

O juiz correu para fóra da quinta, apesar das vozes de Brazia, que lhe pedia a explicação das ultimas palavras. Parou em casa o tempo necessario para mudar de fato, embargou uma falua, e veiu direito ao Terreiro do Paço.

Esta teia que se urdia nas trevas, e á qual era absolutamente estranho o padre Bartholomeu, ía enredal-o entre os seus fios, e servir aos planos traiçoeiros dos inimigos do sabio machinista e letrado. A inquisição não perderia o ensejo de mostrar que se lembrava ainda das imprudentes palavras do Voador... porém acompanhemos o juiz de fóra.

Entrando nas ante-salas do paço, o nosso Jeronymo procurou por um collega seu, o sr. João Marques Bacalhau, pessoa de credito junto a el-rei. Encontrou-o logo, e confiou-lhe o segredo que vinha de descobrir: Bacalhau não se demorou em transmittir a el-rei a confidencia, e D. João V ordenou que, no seguinte dia, pela manhã, comparecesse o juiz de fóra em casa do cardeal da Cunha, e que em presença do mesmo Bacalhau, e de Nuno da Silva Telles fizesse por escripto a sua declaração, e adduzisse as provas que pudesse obter até esse momento, sendo em seguida acarcado com Brazia Rodrigues.

Ás dez horas da manhã do dia 24 teve logar o depoimento e a acareação, segundo as ordens d'el-rei, e a mulher declarou mais que lhe constava terem passado as suas tres companheiras e um homem para Alcacer, n'esse mesmo dia, de madrugada. Determinou-se logo a prizão das Salemas, e de quem se achasse em sua casa, e foram encarregados d'esta diligencia os dous juizes Cetem e Bacalhau, coadjuvados pelos officiaes da inquisição.

Brazia ficou solta e livre.

Chegando a Alcacer as justiças d'el-rei e do santo officio, que repartiam entre si a preza, buscaram logo a pousada das mulatas. Bartholomeu Lourenço, que voltava de acompanhar Rosalia ao convento, foi capturado pelo unico crime de se achar em casa das broxas, apesar dos seus protestos de que não conhecia as tres mulheres accusadas de quererem enfeitiçar o rei; e sendo confiado á guarda de varios familiares da inquisição, seguiu logo para Lisboa, em direcção aos carceres do Rocio. Estava finalmente em poder do santo officio!

Os juizes trataram de interrogar as duas Salemas, Isabel, Annica Rosa, e as suas duas cumplices, que negaram absolutamente todos os maleficios que lhes imputavam; porém o Bacalhau entendeu que havia um meio expedito de arrancar as confissões aos culpados, e mandou açoutar as mulheres junto ao pelourinho da villa.

Então Isabel, a formosa joven, cujo orgulho se revoltava contra similhante castigo, offereceu-se aos juizes para dizer toda a verdade, se lhe perdoassem a ella e a sua mãe. Os magistrados exultaram com a proposta, e prometteram tudo, reservando-se o direito de faltarem á sua palavra, se assim fosse necessario.

Isabel contou então que as lições do padre Bartholomeu é que tinham induzido sua mãe e Aurelia a dedicarem-se á feiticeria, e que suppunha ser elle um grande magico pelas conversas que lhe ouvíra. Que não sabia se o Voador estava conloiado com as tres mulheres d'Aldeia Gallega, mas que era certo tratarem ellas de enfeitiçar um homem, para o que traziam n'uma condessa (e mostrou-a) ingredientes para a evocação do espirito maligno.

Os esbirros lançaram-se sobre a condessa, e acharam dentro d'ella peitos de perdizes e de gallinhas abocanhados, bocados de marmelada meios-comidos, uma atadura e almofadinha com sangue, quarenta moedas em ouro, e muito boas joias; e no fundo de um alforge um caco com estereo humano (1).

Que mais era necessario para convencer aquelles abalisados jurisconsultos da existencia do crime de feiticeria? O tormento concluiria a obra, fazendo declarar aos culpados que o enfeitiçado era el-rei!

Jeronymo de Cetem levou para sua casa a joven Isabel... por caridade, para não estar confundida com aquella má gente. Sua mãe, apesar da promessa dos juizes, foi conduzida com as outras mulheres aos carceres da inquisição.

Durante o transito dizia o Bacalhau para o seu collega:—A Ordenação é clara n'este ponto: «Qualquer pessoa que, em circulo, ou fóra d'elle, ou em encruzilhada invocar espiritos diabolicos, ou der a alguma pessoa a comer ou a beber qualquer cousa para querer bem ou mal a outrem, ou outrem a elle, morra por isso morte natural.» (2)

—Assim as mulheres, respondeu Jeronymo, têem a sua conta justa.

—E o padre tambem, accrescentou o chefe dos officiaes do santo officio.

—Hade-se-lhe fazer a diligencia para que todos tenham o seu quinhão, concluiu, sorrindo-se, o Bacalhau.

(1) A lista dos ingredientes para a evocação é copiada de D. Bernardo de Santa Maria, vigario da Cartuxa. Não seguimos em tudo, porém, a sua narração, pelo motivo que já apontamos em outra nota d'este romance.

(2) Ordenação Filippina. Livro V. titulo 3.º, § 1.

No dia 25, pela tarde, chegou a Lisboa a escolta, que conduzia o padre Voador, e as portas de uma masmorra do santo officio se fecharam em seguida sobre o sabio e infeliz Gusmão. Porém um homem da sua tempera não se deixava abater por qualquer revez; com quarenta e sete annos de idade conservava o vigor do mancebo. Isolado no carcere, meditou sobre a sua posição actual, e concluiu que os inquisidores o não deixariam saír d'ali, só se fosse a caminho da fogueira. Era pois necessario tomar uma resolução, mas rapida e decisiva. O padre reflexionou ainda alguns minutos, e depois começou a gritar como tomado de dôres, porem sentindo aproximarem-se do seu quarto os passos de alguem, do carcereiro provavelmente, poz-se a gemer como se caísse em grande abatimento. O familiar encarregado da guarda d'aquella prizão tinha com effeito sentido a lamuria do encarcerado, e vinha soccorrel-o. Entrou, fechou por dentro a porta, e dirigiu-se ao padre, perguntando-lhe o que tinha e de que carecia. Bartholomeu respondeu que lhe faltava o ar, que queria chegar ás grades para respirar melhor, mas que se não podia erguer do chão, onde estava deitado, por causa do abatimento em que se achava, que se transmittíra do moral ao physico. O carcereiro, que não era dos peiores d'aquella santa casa, largou as chaves da mão, e curvou-se até ás lages para levantar o clerigo, porém este, rapido como o pensamento, cavalgou sobre aquelle, apertando-lhe o pescoço entre os joelhos, como em uma tenaz, e lançando mão das ponderosas chaves dos carceres, ameaçou com a morte o pobre familiar se tentasse soltar um só grito. De uma aba da sotana clerical ageitou uma mordaça para a bôca do pobre official do santo officio, despiu-lhe o trajo inquisitorial, e amarrou-o de pés e mãos a uma argola que estava no fundo do quarto. Depois trocou o seu fato pelo do ex-carcereiro, abriu a porta, tornou a fechal-a pela parte de fóra, caminhou desassombrado pelos corredores, cuja topographia decorára, entrando poucas horas antes no palacio, e d'ahi a poucos minutos atravessava o Rocio, dirigindo-se ao convento do Carmo, e esperava pela noute para se evadir de Lisboa.

Seu irmão, Frei João de Santa Maria, o excellente prégador que ja apresentamos ao leitor, escondeu Bartholomeu na sua cella, e tratou desde logo de preparar a fuga. N'essa noute, porém, não foi possivel effectuar-se, e no dia seguinte vieram chamar o carmelita da parte da inquisição, para dar noticias do Voador. Frei João respondeu que ignorava o seu paradeiro, e aquella gente commetteu o erro de ameaçar o frade com uma busca no convento. Elle fingiu não se temer de cousa alguma, e regressou immediatamente ao Carmo. Na sua cella havia livros que o santo officio condemnava, havia vasos e retortas para combinações chimicas, esboços de machinas de sua invenção, em que trabalhava... Estava perdido se tudo isto se descobria! Uma vez que corria este risco, e que seu irmão ia expatriar-se, tomou a resolução de acompanhal-o, e para essa noute foi fixada definitivamente a partida.

— Oh! se eu tivesse o meu aerostato, como nós iriamos commodamente! Foi a resposta de Bartholomeu a Frei João.

Entretanto interrogavam as mulheres ácerca do plano de evadir-se o reu, e exigiam-lhes, sob pena de serem mettidas a tormento, o nome do homem que as induzira áquelle crime, e que as acompanhava nas expedições a Alcacer. Uma das prezas, Annica Rosa, sabendo que Bartholomeu se evadira, declarou que era elle o auctor de toda a trama, para fazer de sua filha a amante do rei.

Maria Soares e Violante Gomes (as outras duas cumplices) confirmaram o dito, contra o qual protestaram debalde as duas mulatas. D. João V perdoou a todas a pena de morte, commutando-a em açoutes com baraço e pregão na cidade, e degredo perpetuo para o Brazil; mas sempre quiz ver que tal era a amante que lhe queriam impor. É fama que a virtuosa Rosalia lhe não desagradou de todo, pois que a mandou transferir para o convento das Claras de Lisboa.

Jeronymo de Cetem não se enganára nos seus calculos; obteve por premio da denuncia a correição de Vianna. Isabel acompanhou-o para o Minho; em quanto Thomasia e Aurelia viam de novo a sua boa terra de S. Paulo, e as outras tres degradadas iam vivendo no Maranhão.

No sequestro a que se procedeu nos bens do Voador, logo que elle fugiu da prizão, encontrou-se entre os seus papeis um exemplar do *Coran*, annotado por elle mesmo!... A santa inquisição de certo queimava vivo o reverendo, se o torna a apanhar ás mãos.

De um relatorio do proprio Frei João de Santa Maria, irmão, e socio na fuga do nosso heroe, vamos tomar o epilogo d'esta historia:

«A 26 de setembro, pela noute, fugiu d'esta cidade o voador Bartholomeu, e tomando a estrada de Loures por passos e caminhos montuosos, foi a Vallada, e passando á vista de Muge, seguiu o caminho de Montargil e Aviz, estrada de Arronches; atravessou o rio Caia; e levando o designio de entrar em Madrid, sobreveiu-lhe um accidente, que se tornou em febre maligna, da qual morreu em Toledo, no hospital da misericordia, sobre a madrugada de 18 de novembro, e jaz enterrado na parochial igreja de S. Romão da dita cidade.» (1)

F. M. Bordalo.

Sr. redactor. — Um joven poeta brazileiro, o sr. A. Marques Rodrigues enviou-me esses specimens das suas primeiras tentativas, deixando ao meu arbitrio a sua publicação. Entendo que revelam um bello talento; e por isso v. me faria especial mercê imprimindo-as nas columnas do Panorama.

As imperfeições de phrase e de metro que uma ou outra vez mancham esses versos podia eu tel-as corrigido; mas devendo em tal caso, pela necessidade da rima, substituir versos meus aos do auctor, seria facil que o estylo desdissesse ahi do resto da composição, e similhante desigualdade não seria senão a troca de uma imperfeição por outra. Abstive-me, portanto, de correcções que só serviriam para esconder um feliz defeito, a inexperiencia, ou antes a impaciencia ardente da mocidade.

Não sei se me engano, porque ha muitos annos que outros estudos me distrahiram do culto das musas; mas parece-me que no sr. Marques Rodrigues terá em breve o Brazil mais um poeta distincto. Antevel-o é para mim altamente aprazivel; porque folgo com tudo o que póde contribuir para a grandeza e gloria de um paiz no qual tenho como escriptor encontrado tanta benevolencia como a que posso dever aos meus proprios concidadãos.

1 de setembro de 1855.

A. Herculano.

---

(1) É copiado, quasi textualmente, de uma memoria de F. F. de Carvalho, impressa nas actas da academia das sciencias.

NOVE DE DEZEMBRO.

Ei fu. Siccome immobile;
Dato il mortal respiro,
Stette la spoglia immemore
Orba di tanto spiro;
Così percossa, attonita
La terra al nunzio sta.

MANZONI.

Vem colher os goivos funebres,
Filha do céu, ó Poesia,
Que o cantor mimoso, ingenuo,
Garrett, o rei da harmonia,
Já não solta a voz etherea;
Ai tristes de nós... morreu!

Portugal, desfeito em lagrimas,
Chora o filho bem amado,
Que herdou de Camões a gloria;
E o mundo, que o vê prostrado,
Vê que a morte rasga a purpura
Que ao genio Deus concedeu!

Lá dentro do negro tumulo
A cruel esmaga ufana
Os mantos, o sceptro, o gladio:
Que é sorte da raça humana
O guerreiro e o homem pavido
Ir todos morder o chão!

Mas não póde ao sacro genio
As mãos lançar atrevida:
É de Deus a chamma limpida,
Que o genio desprende em vida,
Que deslumbra a terra attonita,
Que lança eterno clarão.

Assim pois a Fama aligera
De Garrett exalta o nome,
E diz: «Que de palmas viridas,
Grinaldas, alto renome
Colheu em honra da patria
Que orgulhosa o viu nascer!

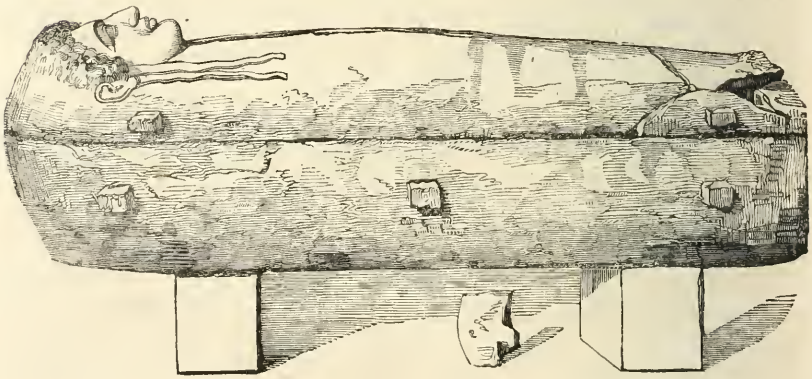
Foi elle que á virgem timida
Canções de amor descantava,
E de avós o culto egregio
Na lyra eburnea sagrava,
E brandos, celestes canticos,
Celestes a mais não ser!

Calçando o cothurno tragico,
Pranteou na patria scena
De *Sousa* a cruel catastrophe;
Assim como em tuba amena
Cantára de *Branca* as maguas,
A belleza e o casto amor.

E a *Camões*, vate grandiloco,
Em versos cantou ousado,
E, vendo a feliz audacia,
Não sabe o mundo espantado
Qual dos dous foi mais esplendido,
Quem foi o melhor cantor!

Maranhão—1855.

A. MARQUES RODRIGUES.



SARCOPHAGO PHENICIO.

Nota-se nas galerias de antiguidades asiaticas do Louvre, um sarcophago de marmore, cuja parte inferior foi escavada com o maior esmero para receber o cadaver; em torno da parte escavada fizeram um entalho sobre o qual acerta perfeitamente uma especie de tampa, que é convexa, e tem do lado mais largo um busto de mulher esculpido em alto relevo; a cabeça é ornada de tres ordens de anneis de cabello, pintados de azul ferrete; quatro compridas madeixas onduladas lhe descem para os hombros. A tampa póde ser facilmente levantada, porque tem quatro azas feitas de pedra tambem; a peça inferior apresenta seis das taes azas; o orificio auricular do lado esquerdo está aberto em toda a grossura da pedra. Talvez que esta abertura se fizesse com o intuito de segredar preces aos ouvidos da pessoa cujos restos mortaes devia encerrar o sarcophago.

Este monumento, descoberto por M. Pórétie, cêrca de Tripoli de Phenicia, offerece certas analogias com os tumulos egypcios executados durante a vigesima sexta dynastia, isto é, no sexto e setimo seculos antes de Jesus Christo; mas a cabeça tem um caracter que não é de sorte alguma egypcio, e que encontrando-se nas eras da mais alta antiguidade grega, nos faz presumir que este singularissimo sarcophago, é talvez dos primeiros specimens conhecidos da arte egypcia.

HESPANHA—TOLEDO.

É Toledo uma das mais antigas e famosas cidades de toda a peninsula hespanhola; e só a origem do seu nome tem dado que fazer a muitos archeologos e esmerilhadores de etymologias, querendo até alguns que Toledo venha da voz hebraica *Toledoth*, que significa *gerações*, pelas muitas que da Asia suppuzeram ter vindo povoal-a alguns seculos antes de Jesus Christo!

Está Toledo edificada sobre um cerro escalvado, cingindo-a o rio Tejo por todos os lados, menos da parte septentrional. Fica em 41 graus de latitude, demorando-lhe ao norte Madrid na distancia de doze leguas, e arredada da fresca e deleitosa Aranjuez obra de sete a outo leguas ao poente.

Teve esta cidade o titulo de imperial, que recebeu de Affonso VI quando a libertou do poder dos mouros.

Poucas povoações da Peninsula hispanica tem tão notavelmente figurado nos fastos da sua historia. Residencia de muitos e grandes monarchas ali foi a scena de alguns dos feitos e successos que elles celebram. Em Toledo se reuniram tambem dezesete concilios, e a sua Igreja disputa a primazia á nossa diocese archiepiscopal de Braga; os motivos em que se fundam as pretenções da Igreja toletana contra as da Igreja braccharense não podemos n'este logar expol-os, porque o espaço não nol-o permitte.

Não consiste, porém, a gloria de Toledo sómente nas suas tradições politicas e religiosas. Esta cidade é um documento do esplendor a que chegaram as boas artes nas Hespanhas. Provam-o, não só o grande numero dos monumentos, que se contém no seu recinto, como a immensidade de quadros, esculpturas, e outros objectos primorosos que existem, assim nos templos, como nas galerias publicas.

Entre os edificios merece o primeiro logar a cathedral, cuja construcção primitiva parece ter começado ou findado no anno de 587, como se deprehende de uma preciosa inscripção descoberta em 1581 por D. João Baptista Perez. Só a relação do que contém este templo de architectura gothica seria objecto de um arrezoado volume. Não é comtudo a cathedral o unico templo sumptuoso de Toledo; outros ha, que se lhe cedem facilmente a preeminencia, merecem todavia ser visitados, como a igreja de S. Domingos, a igreja dos capuchinhos, a de S. João da Penitencia, e outras. O antigo alcaçar, reedificado no seculo passado, o magnifico palacio archiepiscopal, o hospital de S. João Baptista, e muitos outros edificios que poderiamos citar, não esquecendo as duas pontes soberbas lançadas sobre o Tejo, provam a alta prozapia de Toledo, e a sua antiga importancia.

Nobilitou-se igualmente esta povoação pelo trabalho industrial; eram conhecidas e mui apreciadas em toda a parte as armas fabricadas em Toledo; mas nem só armas de guerra se manufacturavam n'esta cidade, senão tambem tecidos de seda, damascos, velados, arraz, e toda a sorte de objectos de passamaneria; e em tão larga copia que alimentavam um extenso e lucrativo commercio. Todas estas vantagens quasi inteiramente desappareceram; á sombra dos louros conquistados em outras eras Toledo tem repousado descuidosa, em quanto outras de suas irmãs trabalharam, e se enriqueceram. E de esperar, porém, que, terminada a desastrosa cadeia de dissenções civis que tem ensanguentado a visinha monarchia, Toledo (que hoje apenas encerra uns 30:000 habitantes quando ha tres seculos contava mais de 100:000) saiba reconquistar a perdida supremacia.

JOGOS, FESTAS, E ESPECTACULOS ANTIGOS.

I.

INTRODUCÇÃO.

O theatro, e geralmente as outras recreações religiosas, populares e guerreiras da meia idade, tiveram quasi todas o mesmo berço. Em França, na Italia, na Hespanha, e em Portugal, se examinarmos de perto a sua origem, acharemos que foi commum em grande parte, e que elementos muito similhantes constituiram os variados espectaculos, que em Athenas captivaram a inconstancia de uma nação voluvel, e em Roma distrahiram a perigosa ociosidade da plebe.

Nas duas sociedades, a antiga e a moderna, a imaginação pouco se afasta de certos typos, e guardadas as differenças essenciaes desenvolve-se em phases quasi identicas. O christianismo, lei espiritual e humana, proscrevendo desde o começo as cruezas dos amphitheatros, e as obscenidades dos tablados mimicos, debalde lucta por longo tempo; e a final, para vencer, é obrigado a substituir por scenas devotas, e autos licitos os abusos que condemnava no paganismo.

Assim mesmo não foram poucos os que sobreviveram; e buscando a ascendencia de algumas profissões, e de alguns costumes, iremos encontral-a, aonde menos se espera, nos jogos dos circos, e nas representações dos antigos theatros, que se modificaram com os seculos, mas que apesar de gastas conservam ainda feições assás caracteristicas para lhes denunciar a procedencia.

Uma breve noticia é sufficiente para o mostrar. Antes de penetrar no periodo especial, a que dedicâmos este estudo, não parecerá inutil, nem sobejo, levantarmos um canto do véu, e corrermos os olhos pelo passado grego e romano. A digressão, embora curta, nem por isso deixará de ser proveitosa e agradavel.

Na Grecia, os cantos epicos precederam a invenção dramatica. Nas grandes solemnidades religiosas e nacionaes encontrâmos os rhapsodos ou arnodes, como seculos depois veremos os menestreis, e até os jograes, nas côrtes dos principes, e nas opulentas abbadias, arremedando em grosseiro esboço mimico as acções notaveis, celebradas nos poemas.

Antes de Thespis, e da LXI olympiada já se abriam concursos poeticos, e os rhapsodos mais destros, em porfia honrosa, disputavam n'elles a palma da justa. O assumpto d'estes certames quasi sempre eram trechos escolhidos das obras de Homero, e os premios reduziam-se no principio a um cordeiro, talvez como symbolo de innocencia e de candura.

Parece, que os Homerides (assim os denominavam) não exerciam a sua arte inteiramente isentos de preceitos, e que na maneira de recitar se acompanhavam de inflexões e gestos, que lembravam de longe a declamação dramatica. Considerando-os talvez por este motivo como acessores dos poetas, Platão, no seu Tratado da Republica (Liv. II), colloca os arnodes ao lado dos choreutas e comediantes.

Fundado o theatro, e abraçando no seu progresso as principaes cidades, nem por isso os rhapsodos cedem á torrente, e se retiram. Luctam corpo a corpo com a nova arte, e para se melhorarem, sustentando o agrado dos seus cantos, roubam á scena alguns dos meios, de que ella se valia para seduzir. Na CXVI olympiada alcançam auctorisação de Demetrio Phalereu para subir á scena, e ahi representam á maneira dos actores, não só as poesias de Homero, como as de Hesiodo, Archiloco, e outros! Pouco a pouco foi-se obliterando a antiga designação de rhapsodos, e as denominações mais exactas de representantes, ou actores, substituiram-a. A palavra tinha deixado de corresponder ao facto, e a mudança do nome depressa indicou a modificação.

O oriente fiel depositario das tradições ainda hoje conserva a memoria da recitação epica acompanhada de gestos, de sons, e de trajos adequados aos assumptos e ás figuras.

No diario da sua missão á côrte da Persia (de 1807-1811) refere Mr. Sheridan, que em um soberbo festim, a que assistiu em Schiraz, appareceram, segundo o uso da terra, diversos bailarinos e menestreis. Um jogral, acabando de imitar com a bôca um repucho bastante ridiculo, saíu, e tornou a entrar na sala com as faces caiadas para figurar o demonio, que é branco na opinião dos persas. Depois declamou assim caracterisado dous ou tres fragmentos da antiga epopéa do Shah-Nameh, ajudando a voz com a acção e tons apropriados ao papel.

Naturalmente d'esta fórma é que os rhapsodos cantavam os episodios da Illiada, e da Odysséa, e que na idade media se recitavam nos banquetes dos senhores os trechos selectos das canções de *gestes*.

Mr. Magnin aprovando a conjectura, accrescenta um exemplo, que serve de a confirmar. «Existe (diz o distincto escriptor) uma Biblia manuscripta, em verso francez, dos fins do seculo XIII, na qual os passos mais interessantes da Escriptura, como a historia de Joseph, e a de Moysés, salvo das aguas, estão dispostas de modo, que se prestam a passar-se da leitura ao canto, e talvez d'este para a acção. Os logares mais patheticos encontram-se no fim da pagina postos em musica, e pelas margens vêem-se rubricas, similhantes a esta — *Judas cantando*.

«Este exemplo não é unico. Nos seculos XIII, XIV e XV acharemos bastantes obras compostas em fórma epica, como o velho conto em verso de *Aucassin e de Nicolette*, nos quaes certos lances do dialogo estão tirados com notação musical, mostrando destinarem-se ao canto, e talvez á representação por um, ou mais figurantes.»

Na India, por occasião do Ram-Lila (o anno novo), ou festa de Rama, numerosos actores representam só por accionados as scenas principaes do Ramayana, uma das grandes epopéas nacionaes, em quanto o côro dos brahmanes, do alto de uma tribuna, recita em alta voz os versos correspondentes.

Em algumas terras a festividade abrevia-se limitando-se a queimar o manequin gigantesco de Ravana entre apupos de alegria; mas em outras seguem-se os ritos á risca, e o poema é representado com rigoroso escrupulo.

No anno de 1825, o rajá de Benarés esmerou-se na pompa e solemnidade com que dirigiu as ceremonias. Gastaram-se vinte e tres dias em ler a traducção do Ramayana, que monta quasi a vinte cinco mil versos, e a cada incidente, que o permittia, os figurantes uniam o gesto á voz do côro.

O papel de Sita, esposada de Rama, e os de seus irmãos, eram desempenhados por meninos ricamente vestidos, com o rosto pintado de azul e amarello. Actores, de mascaras, representavam os personagens de Rama, do Bugio Hanoman, e outros de igual natureza. Os Rakchass, ou genios maus, assim como os gigantes viam-se representados por figuras enormes de vime com braços immensos, e semblantes espantosos. As decorações usadas não cediam em illu-

são ás dos theatros europeus; e para nada se omittir até os machinismos trabalharam em imitações e visualidades.

Estas circumstancias, notadas nos povos mais antigos, ou mais fieis ás tradições o que provam?

Nos rhapsodos gregos, não descobriremos sem esforço os verdadeiros antepassados d'esses menestreis tão prezados de toda a idade media; e na sua degeneração, quando declinam do canto para a mimica theatral, será difficil achar a remota origem d'esses histriões, ou mimos que foram o recreio saboroso dos reis e nobres, que embainhando a espada, e encostando a lança voltavam a descansar em festejos e folias das fadigas de luctas quasi permanentes?

Dos passos da Escriptura e dos dialogos postos em musica, para a declamação devota, ou para a recitação profana dos jograes, aos autos e mysterios representados depois, a distancia é muito menor do que se julga, assim como os accionados figurativos das historias do antigo e novo Testamento, acompanhados de palavras, ou sem ellas, que apparecem nos espectaculos chamados *pageants* pelos inglezes, incluiram provavelmente o que os velhos diplomas designam entre nós pela denominação assás vaga e incerta de *arremedilhos*, conformes na essencia ao que os costumes immoveis da India ainda hoje conservam em uma das maiores pompas religiosas, a representação mimica do Ramayana!

II.

O exame dos usos scenicos da antiguidade ainda nos ministrará outras analogias não menos importantes.

De ordinario, para nós, a arte grega cifra-se toda no esplendor da sua poesia inimitavel, nas graças e perfeições da sua estatuaria, ainda não excedida, e nos primores tragicos e comicos das admiraveis invenções dramaticas, que immortalisam os nomes de Eschilo, de Sophocles e de Euripedes, de Aristophanes e de Menandro.

A grandeza d'estas manifestações na idade aurea da cultura hellenica deslumbra os olhos; e a magestade das representações e solemnidades religiosas e nacionaes, attrahindo toda a attenção a si desvia-a dos jogos mais humildes e obscuros, com que o povo se distrahia, e que os opulentos não desprezavam quando queriam duplicar o recreio dos convivas nos seus banquetes e festejos.

Se as Barons e Talmás foram herdeiros e successores naturaes dos actores de Athenas, e dos Roscius de Roma, os jograes e histriões da idade media podiam, talvez com igual direito, ligar tambem as suas habilidades ás de typos quasi identicos, applaudidos com fervor nas praças ou nas salas cheias de ruido, aonde se apinhava a plebe, ou se inebriavam de delicias os poderosos!

Em todos os tempos os homens são os mesmos. Variam as exterioridades, modificam-se mais ou menos profundamente as idéas e os costumes, as civilisações exercem a sua influencia irresistivel; mas no fundo o coração humano, se o souberem interrogar, responderá sempre do mesmo modo; e o que mais novo, e mais distante se julgar das antigas epochas, arrancado o involucro moderno, patenteará logo a remota origem.

Os gregos não se limitavam só ás dansas e aos cantos serios. Amigos da variedade, e voluveis como a borboleta, o seu gosto fino e inconstante desejava apurar-se muitas vezes com o picante dos estimulos.

Os bailados, que as operas dos athenienses de París nos offerecem como flores de cada estação dramatica, como phantasias unicas da sua caprichosa e desvairada imaginação, eram conhecidos da cidade de Minerva, e até o proprio Aristophanes não duvida introduzil-os nas combinações das suas peças, para engrossar a risada ás zombarias.

Os córos de rãs, de vespas, e de passaros, que o auctor da comedia das Nuvens apresentou no theatro de Baccho pouco teriam que invejar á republica dos vegetaes, e ao reino dos peixes, de que se ornam certas magicas modernas, mais dignas de lastima, que de censura, porque estão abaixo d'ella!

A differença entre o passado e a actualidade é só que Aristophanes foi um grande mestre, e que os parodistas, por fortuna d'elles, acabarão anonymos!

Os gregos possuiram dansas comicas, com que satyrisavam os aleijões physicos, e os vicios moraes, escarnecendo-os sob o véu diaphano de parodias, em que figuravam os animaes como actores.

A do *grou*, por exemplo, de que trata Pollux, (Liv. IV, cap. 14) e que os nomenclatores confundiram sempre com a dansa dedalia, imitando as evoluções com que estas aves nescias em bandos numerosos seguem uma, que as precede, não levaria em vista castigar por uma allusão espirituosa a estupida servidão do vulgo a influencias pouco dignas de o captivar?

Havia mais a dansa dos *abutres*, executada sobre andas, a da *coruja*, e a do *mocho;* mas quem penetrou em Aristophanes o sentido dos córos de animaes, de que entreteceu algumas das suas obras, parece-nos que acceitará a idéa, de que os nomes, e as figuras de certo encobriam a allegoria satyrica, aliás justificada pela indole dos espectadores.

A dança da *raposa*, de que em França houve uma procissão com o mesmo titulo no tempo de Filippe Bello, e a do *leão* entravam igualmente no quadro da choreographia popular da Grecia. É a razão por que o poeta Magnés baptisou tres peças com as designações exoticas de comedia das rãs, comedia das aves, e comedia dos mosquitos, sem causar admiração, nem espanto. Ha muito que se estava affeito a estas allusões malignas.

Depois de contrafazer os animaes, os inventores das dansas deram um passo adiante, e passaram a imitar os homens. Dos bailados das *corujas* e *mochos* fizeram sem custo a transição para a representação dos satyros, paus, cyclopes e centauros!

E por tal modo era violenta a execução d'esta ultima, que se dansava ao som do canto, composto por Lasus de Hermione, no meio de vasos e mezas, que Luciano (De Saltatione, cap. 48) affirma que de proposito se deixou caír em desuso, não a figurando senão os camponezes.

Julgaes que estes ensaios ainda rudes de imitação comica eram desempenhados por actores mudos, e que o leão, o abestruz, o macaco, e a grou limitavam os seus exercicios a saltos e posições ridiculas? Não.

As dansas, que notamos, foram acompanhadas de palavras; a raposa e o mocho das farças choreographicas fallavam a lingua do fabolario de Esopo. O apologo em acção dialogava como o apologo escripto; e o drama satyrico, um dos tres generos capitaes do theatro grego, d'ahi procedeu.

A dansa, meio lasciva meio burlesca, usada nas festas de Ceres e Baccho durante as ceifas e as vindimas; os pans de pés cabruns, os satyros de cabeça e barbas de bode, e as variedades numerosas de bacchantes, que entravam nos córos phallicos e diony-

siacos, executavam os bailados joviaes e fogosos, comprehendidos debaixo da denominação geral de *Sicinis*.

Thespis, e seus successores, quando converteram os coros dithyrambicos em coros tragicos desterraram os pans e os satyros para as festas bucolicas; mas os devotos de Baccho mostraram-se tão saudosos pelas divindades capripedes, que não houve remedio senão tornal-as a naturalisar, quebrando-lhes o exilio.

Um dos contemporaneos de Eschylo Pratinas encarregou-se da restauração, e cousa rara venceu a difficuldade sem se indispor com os dous partidos!

Para satisfação commum resolveu-se que depois de representadas as tragedias subisse á scena uma peça mais pequena em que os silenos, os pans, e os satyros, formando o côro, tomavam campo á vontade para as suas travessuras.

Assim terminou o notavel pleito, ficando a musa tragica de posse das honras maximas, e conservando a *Sicinis* o seu logar disputado; como na comedia veremos a *Cordace* manter o seu posto depois de ter dado origem á festiva Thalia, tão applaudida dos maliciosos athenienses.

A imitação dos animaes era o modo disfarçado de provocar o riso sem escarnecer directamente da dignidade humana. A dansa *cordace* foi o terceiro passo da satyra, que fazendo-se mais audaz, já se atreve a contrafazer os homens, ridiculisando as figuras que se prestavam ao escarneo pelos seus vicios, ou deformidades.

As cabeças calvas, as faces assopradas e rubicundas, os ventres obesos e as pernas delgadas, eram os typos representados de preferencia n'estas farças mimicas, que não perdoavam a nenhum defeito, idealisando assim a figura brutesca dos silenos, e depois a voracidade dos parasitas.

O escravo ebrio, e a velha tonta de vinho, antes de Phrynicus os introduzir nas suas peças, já desafiavam o riso dos espectadores nos movimentos da mimica satyrica.

Como as quedas repetidas serviam de excitantes á alegria da plebe, quiz-se por todos os meios esgotar a veia. O jogo do odre, d'onde veiu o nome de *Ascolias* a certas festas de Baccho, celebradas nas aldeias, era a diversão mimosa dos camponezes. Quem se sustentava mais tempo sobre a pelle entumecida e untada de azeite, recebia em premio o odre cheio, e proclamava-se vencedor.

N'estes dias os aldeãos moços com as faces ungidas de fezes de vinho trepavam aos carros, e de lá choviam os motejos e as chufas sobre os ouvintes, juntando ás vezes os mais maliciosos aos seus repentes a recitação de diatribes em verso contra cidadãos conhecidos.

Do uso continuo de similhantes folguedos depressa nasceu uma arte; e as carretas, que passeavam de uma villa para outra, tornaram famosas estas jogralidades ruraes.

Na LIII olympiada um dos burgos da Icaria prometteu recompensas ao auctor da follia mais digna de applauso, chamando-lhe comedia. Houve competidores; e Susarion, sobresaindo, mereceu a cesta de figos, e a amphora de vinho destinadas ao concorrente mais feliz.

Comparando os bailados antigos, e as scenas burlescas dos carros dos habitantes da Icaria com as primeiras tentativas da arte dramatica na meia idade, quem negará a estreita intimidade que parece existir entre ellas e os momos e chacotas, que os nossos maiores empregavam a miudo para celebrar quaesquer successos auspiciosos?

As dansas que saíam a receber os monarchas portuguezes á entrada das terras, ou que fam no acompanhamento das procissões e prestitos de gala, se não foram exactamente as mesmas, que applaudia o povo de Athenas, eram comtudo autos mimicos, com allusões directas ao regosijo que as occupava, e unindo algumas vezes tambem a palavra ao accionado, como nos festejos feitos no reinado de D. João II por occasião do casamento de seu filho, o principe D. Affonso.

Quer viessem como tradições dos antigos usos, e atravessassem as idades para chegar desfiguradas aos seculos XIII, XIV e XV, quer fossem apenas uma simples transplantação dos costumes de outras nações modernas (como parece mais natural) é certo, que desde a epocha venturosa de D. João I achâmos vestigios sensiveis d'estas recreações, estimadas em Roma e Athenas, e que provavelmente resistiriam melhor á invasão dos barbaros, e ás trevas da decadencia, do que as musas delicadas da Tragedia e da Comedia.

Não anticipemos, porém. Ha ainda outras circumstancias a apontar, crédoras de attenção.

(Continúa.)

L. A. Rebello da Silva.

APONTAMENTOS ESTATISTICOS.

(LISBOA — SECULO XVI).

II.

Não sei até que ponto possa crer-se que os inqueritos e trabalhos estatisticos coincidem com um certo grau de prosperidade publica, ou com uma certa propensão do governo do estado para as reformas administrativas e sociaes. Entre nós — que eu saiba — deu-se aquella coincidencia em mais de um reinado.

Não me propondo, porém, n'estes apontamentos, coordenar noticias para um esboço historico da estatistica em Portugal, posso pretermittir as *inquirições geraes*, que em 1220 e 1258 foram o cadastro, o grande inventario do patrimonio nacional, trabalho importantissimo, por que D. Affonso II e D. Affonso III intentaram extirpar os abusos, que se haviam introduzido na administração da fazenda publica.

De D. Fernando li eu algures, que não publicára a sua famosa lei das sesmarias, senão depois de mandar proceder a um inquerito, em que se computaram as terras de sementadura, que havia no reino, grandissima parte das quaes se achou que estavam em mato bravio e devolutas.

Podia mencionar, com relação a outros reinados, iniciativas de grande alcance, de caracter administrativo e estatistico, que revelam o talento economico dos monarcas, a que são attribuidas. Mas n'estes apontamentos, a que, talvez, um dia terei de dar maiores proporções, para signalar bem as pessoas que em Portugal têem feito serviço ou desserviço á estatistica, não devo distrahir-me muito do meu intento principal, que é escrever algumas palavras ácerca da população de Lisboa no seculo XVI.

Varios escriptores fixam n'este seculo o periodo do florecimento commercial do paiz. Manifestára-se então uma tendencia muito pronunciada para as inves-

tigações numericas (1), e a ella se deve o recenseamento geral da população, que chegou a effeituar-se em cinco provincias do reino, e que ainda hoje póde consultar-se na Torre do Tombo.

Não estou convencido, todavia, de que houvesse entre nós durante o seculo XVI verdadeira prosperidade nacional, porque essa não se concebe que exista sem adequada direcção do trabalho do povo, sem o exercicio e aperfeiçoamento das industrias, que o mantêem e enriquecem, facilitando-lhe as condições da vida e os meios de cumprir os deveres e encargos sociaes, e, finalmente, sem amplissima liberdade e segurança pessoal, que deve ser o alvo constante da solicitude e boa vontade, tanto dos que sabem governar bem, como dos que não sabem menos ser bem governados.

Ora, parece-me que n'aquelle periodo abundam os factos negativos d'uma prosperidade crescente, e os symptomas inequivocos d'uma decadencia rapida e inevitavel.

A par das especiarias e preciosidades, que as nossas naus traziam das conquistas, a inhabilidade da nossa agricultura era tanta, e as esterilidades das colheitas tão ordinarias; vinham tão frequentes visitar-nos as fomes, e, como se este terrivel açoute do céu não bastasse, era tamanho o desatino com que o governo deixava, e a povoação, a flôr da povoação portugueza ía morrer em Asia e Africa, ora submersa pelas procellas, ora colhida por multidão immensa de barbaros, ora albergada em (2) hospitaes, onde nem a administração nem a medicina podiam ou sabiam fazer o seu officio; ora arrastando-se por essas fortalezas inuteis e dispendiosas, onde a miseria abatia e dizimava os nossos soldados; eram tantas as larguezas e desperdicios, tão voraz a (3) *agiotagem*, a que por aquelles tempos chamaram *os cambios*, e que então como em nossos dias, como sempre, como em toda a parte, ha de ser um cancro roedor da fazenda publica; ía crescendo e recrudescendo tanto a intolerancia religiosa, e perseguindo tanta gente activa e illustrada; eram, digo, tão poderosas as causas destructivas da população e, consequentemente, da riqueza, que póde dizer-se que não havia — já no reinado de D. Manuel e D. João III — ouropel bastante para occultar um grande e incessante trabalho de dissolução, que minava o corpo do estado, e cujas funestas consequencias foram, pouco depois, o perdimento da nacionalidade portugueza.

Entretanto estabeleçâmos um ponto de partida, para avaliarmos o numero de habitantes de Lisboa.

O academico J. J. Soares de Barros affirma (4) que esta cidade, em 1417, contava 63:750 habitantes. Comparados com o numero de 18 mil visinhos, ou 100 mil pessoas calculado por Christovão Rodrigues de Oliveira com relação ao anno de 1551, resulta uma differença tão pequena, que a população, se em rigor não póde dizer-se que se conservára estacionaria, não duplicaria em menos de $2\frac{1}{3}$ seculos, a serem constantes e igualmente activas as causas do retardamento, que noto. E não deve isto fazer estranheza a quem sabe quanto foram frequentes as pestes e as fomes no seculo XVI, e como, principalmente as ultimas, desfalcam as povoações.

As vagas que o flagello da guerra e da peste abre nos registos civis preenche-as o numero proporcionalmente maior de casamentos prolificos, que se lhe segue; mas a depressão physica, o retrogradamento, a degeneração moral, produzidos já pelas fomes periodicas, já pela falta constante da alimentação necessaria, a que uma agricultura inepta não póde acudir, são menos sanaveis, e de consequencias muito mais graves, porque esta calamidade tem um poder de destruição incomparavelmente mais energico e duradouro do que nenhuma outra. Entre as causas, que limitam o numero e a actividade util das pessoas, e contrariam directa e poderosamente o desenvolvimento physico e moral das populações, não ha nem uma que acanhe tanto as superiores faculdades do homem, e que seja tão propria para impressionar de terrores a intelligencia e a imaginação d'um povo.

Podia dar aqui noticia de mais de uma fome horrorosa, mas bastará a descripção, que Fr. Luiz de Sousa faz da de 1522, onde estão tanto ao vivo retratadas as feições d'este flagello, que o leitor ha de agradecer-me as proprias palavras do inimitavel chronista: «(1) Os pobres acudião todos a Lisboa arrastando comsigo suas tristes familias, persuadidos da força da necessidade, que poderião achar remedio, onde estavão o rey e os grandes. Mas aconteciâo casos lastimosos: Muytos cahião e ficavão mortos, e sem sepultura pollos caminhos, de fracos e desalentados. Os que chegavão a Lisboa pareciam desenterrados, pallidos nos sembrantes, debiles e sem força nos membros. Dinheiro não o aceitavão de esmola, porque não achavão que comprar com elle. Só pão queriam: e este não havia quem o desse.»

Na presença de causas tão destruidoras da vida, e a bem dizer, tão constantes, não podia a população de Lisboa, e em geral a do reino, crescer até o numero que imaginaram os admiradores do seculo XVI.

Vejâmos, porém, na sua totalidade os numeros relativos a esta cidade, e depois da exposição d'elles por parochias conheceremos o seu valor estatistico.

(Continúa.)

João Maria Nogueira.

(1) C. R. 30 dezembro 1512. Alv. 17 julho 1527. Alv. 12. e Off. 23 maio 1530. C. R. 18 maio 1537, e outros diplomas. — J. P. Ribeiro. Add. á Synop.

(2) Dous mil era o numero de soldados, que ordinariamente o governo mandava para a India todos os annos. Transportavam-os tres naus. Chegavam a morrer em cada nau, durante a viagem, 300 e mais pessoas. No hospital a mortalidade d'esta pobre gente subia ás vezes a mais de 600. De inverno não era raro ver, lá nas conquistas, os soldados mendigando pelas ruas e portarias dos conventos. — V. Sold. Prat. de D. do Couto, e Not. de Port. de M. S de Faria.

(3) D. João III nas côrtes de Almeirim (1544) rogou aos procuradores das cidades e villas, que *em nome do pouco miudo* o quizessem servir com 200 mil cruzados. Um dos fundamentos do pedido era o deverem-se em Flandres e nas feiras de Castella 1.976.000 cruzados, que iam correndo a cambio a tão altos preços, que segundo diz Fr. Luiz de Sousa que se colligia d'uma carta do Feitor de Flandes, *se dobrava o dinheiro em 4 annos.* — Ann. de D. João III. Mem. e Doc public. por A. Herculano.

(4) Mem. Econ. da A. R. das Scienc. T. 1.

(1) Ann. de D. João III.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

CARTA VII.

IGREJA DE SANTO ANTONIO. SERMÃO DE FR. JOÃO JACINTO. CONVENTO DA CARTUXA.

13 de junho de 1787.

Dormi melhor do que esperava; o santo foi propicio; alta noute entibiou o ardor de seus devotos e as chammas de suas fogueiras um chuvisco vernal, que rumorejava agradavelmente esta manhã por entre as parreiras do meu quintal. As nuvens dispersaram-se pelas outo horas, e ás nove quando eu subia as escadas do adro da nova igreja, edificada no

proprio local da casa em que Santo Antonio nascêra, resplandecia o sol com todo o seu brilho.

Não te posso dizer bem se este edificio me recordou o magnifico santuario de Padua, que ha cinco annos n'este mesmo dia fez na minha imaginação uma impressão tão viva. Aqui não ha constellações de alampadas aureas suspensas do forro lavrado da mysteriosa abobada em lustrosas correntes, nem arcarias de alabastro, nem marmores esculpidos. A igreja estriba-se em duás ficiras de pilastras, de cantaria bem lavrada, mas de mesquinhas proporções. Sobre o altar-mór, onde estava a venerada imagem no meio de brilhantes luzes, avultava um docel de veludo bordado. Esta armação com ricas franjas e borlas marca o logar onde foi o quarto do santo; e recebe uma suave claridade de uma serie de janellas altas com suas guarnições de douradura burnida.

Muitas caras largas sobresaíam petulantes d'entre a turba do vulgo profano no portal do templo; e todos dirigiam os olhos para o seu enthusiastico patricio; mas não era para ser mirado assim o seu sisudo semblante.

A ceremonia foi extremamente pomposa. Um prelado da primeira jerarchia officiava com um troço consideravel de padres da real capella ao som de buliçosas contradansas e minuetes, mais proprias para excitar uma dansa de patuscos na copa dos banhos thermaes do que para dirigir os movimentos de um pontifice e seus assistentes.

Depois de muita musica mediocre, vocal e instrumental, executada a galope no mais rapido alegro, subiu ao pulpito Fr. João Jacinto, famoso prégador, elevou as mãos e os olhos, e despediu uma torrente de phrases sonoras em louvor de Santo Antonio. O que não daria eu por uma tal voz! Alcançaria de uns aos outros confins da terra de Israel!

O padre indubitavelmente era dotado de grande vigor de elocução, e não tinha aquelle accento nasal, lamentoso e hypocrita, tão commum na recita dos sermões dos frades. Tratou os reis, tetrarchas e conquistadores com indizivel desprezo, reduziu a pó os seus palacios e fortalezas, os seus exercitos a formigas, as suas vestes imperiaes a teias d'aranha, e incutiu em todo o auditorio, excepto os maliciosos hereges da porta, perfeita convicção da superioridade de Santo Antonio sobre todos aquelles objectos de uma erronea e impia admiração.

«Felizes (exclamou o prégador) eram esses tempos gothicos, falsamente denominados tempos de barbarie e ignorancia, em que os corações dos homens, não corrompidos pela allucinadora bebida da philosophia, se abriam ás palavras de verdade que manavam, como o mel, das bôcas dos santos e confessores, taes como as que distillavam os labios de Antonio.

«O espirito do Altissimo baixou sobre elle quando concebeu a sublime intenção de penetrar nas mais turbulentas partes da Europa, desafiando a inclemencia das estações e a malicia dos homens, e espalhando entre nações sem lei as sementes da graça e do arrependimento.

«Ali está, meus irmãos, a porta por onde elle saíu. Não o vedes vestido como menino do côro, sorrindo com todas as graças da innocencia, e distribuindo com suas mãos infantis a um grupo de esqualidos rapazinhos a porção de alimento, que acabava de receber de sua mãe?

«Antonio, desde a primeira aurora de sua existencia, viveu para os outros e não para si. Desprezou até o excesso da meditação, e em vez de se retirar a uma cella pacifica lançou-se no mundo, desajudado e desprotegido, alçando o estandarte da cruz em meio de perigos e tumulto, apaziguando discordias tanto publicas como domesticas, exhortando com risco de sua vida os assassinos e salteadores a fazerem restituições, e os avarentos armados, que guardam seus cofres com espadas sanguinosas, a abrirem seus corações e suas mãos ás minguas da viuva e do orphão.

«Antonio sempre poz a mira na corôa do martyrio, e muito tempo nutriu o ardente desejo de passar a Marrocos, e expor-se á furia do seu fanatico e cruel monarcha; mas a obediencia aos superiores o deteve no momento do embarque; fez sacrificio até d'esta mui louvavel e gloriosa ambição; atravessa a Hespanha, vae a Assis, abraça a rigida ordem do grande S. Francisco, e continúa até os seus derradeiros momentos a ministrar consolação aos desemparados, fortalecendo as suas esperanças no céu, e confirmando a fé dos vacillantes por uma serie de prodigios. Os mortos resuscitavam, os enfermos saravam, o mar abonançava a um aceno de Santo Antonio; até as ordens mais inferiores na escala da creação eram attrahidas por sua eloquencia sobrehumana e davam mostras de sensibilidade; os peixes nadavam em cardumes para ouvir a palavra de Deus; e para convencer os obstinados e aquelles maldictos, cujos corações as falsas razões mundanas tinham endurecido, as mulas e os animaes ainda os mais recalcitrantes ajoelhavam quando Antonio elevava nas mãos a hostia consagrada, e reconheciam a presença da divindade.»

Acabado o sermão, começaram a chiar novamente as rebecas com redobrado vigor, e eu aborrecido de tão intempestiva leveza, retirei-me agastado para casa. Esta tenue nuvem de enfadamento dissipou-se em breve pela amavel presença do bom prior de Aviz, como o qual não existe talvez no mundo um caracter mais benigno e evangelico, que glorifique Deus com menos ostentação, e tenha uma benevolencia mais sincera para com o proximo. Este excellente prelado tinha gasto a manhã, não em assistir a ceremonias pomposas, mas em consolar os enfermos, e remediar os indigentes, subindo aos seus miseraveis aposentos a ministrar soccorros em louvor do santo, cuja festa se celebrava, e cuja reputação da pratica de toda a casta de actos de caridade se tem transmittido de paes a filhos entre os habitantes da cidade por uma longa serie de gerações.

A nossa conversação não foi de natureza tal que me inclinasse a abandonar pompas e vaidades. Hesitei se veria a procissão que se esperava que passasse pelas principaes ruas da cidade, e acompanhado do meu reverendissimo amigo fui gosar da serenidade da tarde na praia de Belem. Fiz alto ao passar pelo palacio de Marialva, e levamos comnosco D. Pedro e o seu aio, o velho abbade, que propoz uma visita ao convento da Cartuxa de Laveiras.

Em meia hora quasi estavamos sentados á vista da igreja, que faz frente para os jardins e quinta real de Caxias; fomos introduzidos n'um vasto e silencioso quadrangulo; alguns espectros d'aquella ordem monachal se escoam pelos claustros, que se ramificam d'este pateo. No meio ha uma fonte de marmore, sombreada por pyramides de buxo tosqueado, e em redor sete ou outo pequenas capellas, uma das quaes contém a imagem incarnada do Salvador na mais tremenda agonia de sua Paixão, a qual se figura coberta de contusões e sangue coalhado.

Quando nos occupavamos a examinar esta imagem

tão propria, alguns monges por ordem do seu superior se juntaram ao pé de nós; um d'elles, interessante e bem apessoado, attrahiu a minha attenção pela profunda melancolia retratada nas suas feições. Tendo-me informado, soube que apenas contava vinte e dous annos de idade, que era de illustre ascendencia, e dotado de viveza e talento; mas a causa immediata de ter procurado esta morada de quietação e de austeridades repugnava ao grão prior o communical-a.

Não pude deixar de observar, tendo diante de mim a victima novel, e contemplando a luz vespertina que coava pelas arcadas do quadrangulo, quantos occasos do sol verosimilmente elle teria de ver desperdiçar seus luzeiros sobre estas paredes, e quão enfadosa serie de annos essa a que se sacrificou, consumida com toda a probabilidade dentro d'este recinto. Os olhos do bondoso prior humedeceram-se de lagrimas, Verdeil estremeceu de horror, e o abbade, olvidando o supersticioso papel que geralmente representa nos logares santificados, prorompeu em vehementes exclamações contra a tolerancia de sacrificios humanos, e de permittir que renunciem o mundo mancebos ainda incapazes de fazerem devida apreciação de suas maguas ou vantagens. Quanto a D. Pedro a sua compleição melancolica recebeu um supplemento de tristeza á vista dos objectos que o rodeavam. O vento frio que soprava de uma casa de abobada, onde os padres se enterram, e cujo pavimento dá um som cavo quando se anda, lhe incutiu terror. Era a primeira vez que entrava n'um convento cartuxo, e, com admiração minha, mostrava ignorar as austeridades da ordem.

Tinha-se posto o sol antes de voltarmos á nossa carruagem, e na conversação em todo o caminho até casa ressumbravam as impressões que nos inspirára a scena que presenciamos.

(Continúa.) . . .

TELEGRAPHOS.

A descoberta do telegrapho francez produziu vivissima sensação na Europa. Adoptaram-no Italia e Hespanha. Mas nos paizes septentrionaes como as nevoas proprias d'esses climas fazem difficilmente visiveis os signaes alongados, preferiram os postigos moveis, cujas combinações pela sua muita variedade proporcionam uma multidão de signaes. O proprio Chappe tinha por algum tempo empregado esse mesmo mechanismo, e os telegraphos de Inglaterra e Suecia são construidos segundo elle.

A descoberta franceza diffundiu-se mais lentamente pela Allemanha. Bergstrasser retalhou, mutilou o telegrapho francez, e fez d'elle uma machina informe, que não póde nunca ser empregada. Esquadrinhava todas as razões possiveis para enganar os seus compatriotas ácerca do merito da invenção franceza, e por vezes acertava com argumentos singulares, dizendo em uma obra dedicada ao imperador Francisco II: « Penso que os francezes não empregam o seu telegrapho senão para intentos politicos: servem-se d'elle para divertir os parisienses que com os olhos fixos incessantemente sobre a machina, dizem: *Anda, não anda*. É uma aberta de que se aproveitam para desviar a attenção da Europa, e chegar insensivelmente aos seus fins. » A Allemanha não fez conta de razões tão convincentes, porque o telegrapho de Chappe é o unico apparelho aereo, que hoje funcciona nos seus estados.

O telegrapho aereo esteve a ponto de installar-se na Turquia. O embaixador ottomano requisitou ao governo francez por parte do seu soberano um modelo de telegrapho. Remetteram-se os apparelhos: mas ninguem em Constantinopla conseguiu fazel-os trabalhar.

A descoberta de Chappe deparou no Egypto mais serio acolhimento: a linha telegraphica erecta por Mehemet-Ali funcciona ali muito bem: as noticias do Cairo recebem-se em Alexandria em 40 minutos por meio de 19 estações.

A telegraphia encontrou mais difficuldades na Russia, onde a final se estabeleceram duas linhas, uma de outo postos entre S. Petersburgo e Cronstadt em 1834, e outra de 148 postos entre S. Petersburgo e Varsovia em 1838.

A linha telegraphica de Varsovia é a mais extensa da Europa: tem 300 leguas de comprimento. A organisação d'ella é inteiramente militar. Cada um dos postos contém um quarto de dormir, uma cosinha, duas cocheiras, uma cava, um pateo espaçoso, um jardim, e um poço, com quatro empregados de serviço.

Vamos agora expor em resumo o mechanismo do telegrapho de Chappe, e os principios em que assenta o seu vocabulario.

O que propriamente se chama telegrapho, ou a parte da machina que fórma os signaes, compõe-se de tres ramos moveis; um ramo principal de quatro metros de comprimento, chamado *regulador*, e dous ramos pequenos do comprimento de um metro chamados *indicadores* ou *azas*. O regulador está fixado pelo meio a um mastro, que se levanta acima do tecto da casinhola, onde está postado o estacionario, ou empregado no serviço do telegrapho. Estes ramos moveis são dispostos em fórma de taboinhas de janella, isto é, compostos d'um quadro estreito, cujo intervallo está cheio de laminas delgadas, inclinadas umas por cima das outras. Esta disposição tem a vantagem de dar ás peças uma grande ligeireza: tambem lhes permitte resistir aos ventos, e combater os maus effeitos da luz. Os ramos moveis são pintados de preto, para que destaquem com mais vigor no fundo do céu. O ajuntamento d'estas tres peças fórma um mechanismo unico, levantado no espaço, e sustentado por um só ponto de apoio — a extremidade do mastro, em volta do qual póde girar livremente. As peças do telegrapho movem-se com o auxilio de cordas de latão. Estas cordas communicam na casinhola com outro telegrapho, que é a reproducção abreviada do telegrapho exterior. Este segundo apparelho é que o empregado manobra: o telegrapho posto por cima do tecto não faz senão repetir os movimentos impressos directamente á machina interior.

O regulador é susceptivel de tomar quatro posições; vertical, horisontal, obliqua da direita á esquerda, e obliqua da esquerda á direita. As azas podem formar com o regulador angulos rectos, agudos, ou obtusos. Estes signaes são claros, faceis de avistar, faceis de escrever; é impossivel confundil-os.

Vamos agora ás convenções e principios, que regulam a formação dos signaes. Os irmãos Chappe decidiram, que nenhum signal se formaria sobre o regulador tanto o posto na situação horisontal, como na perpendicular: os signaes não são válidos, senão quando são formados sobre o regulador collocado obliquamente. Tambem decidiram que nenhum signal teria validade, e não deveria por conseguinte ser escripto e repetido, senão quando, sendo formado sobre uma

das obliquas, o transportassem assim formado ou á horisontal ou á vertical. Assim o vigia, que vê formar o signal nota-o para se preparar a repetil-o, mas não o escreve: apenas o vê dirigir á horisontal, ou á vertical, fica certo que o signal é bom, repete-o então, e nota-o. Chama-se a esta operação, *certificar* um signal. Este modo de operar tem por fim marcar bem ao empregado de serviço qual é, no meio de todos os movimentos successivos das peças do telegrapho, o signal definitivo, a que elle deve attender para reproduzil-o.

As diversas posições, que podem tomar o regulador e as azas, dão 49 signaes differentes; mas cada signal póde adquirir um valor duplicado, segundo for transportado á horisontal ou á vertical: assim 49 signaes podem receber 98 significações, partindo da obliqua da direita, para serem affixados horisontal ou verticalmente. Applicando a mesma regra á obliqua da esquerda, temos ao todo 196 signaes. Os irmãos Chappe assentaram que ametade d'estes 196 signaes seria destinada ao serviço dos despachos, e a outra ametade á policia da linha, isto é, aos avisos e indicações a dar aos empregados telegraphicos. Os 98 signaes formados sobre a obliqua da direita servem para a composição dos despachos; os 98 signaes formados sobre a obliqua da esquerda para o regulamento da linha.

Como é que estes differentes signaes podem transmittir a expressão do pensamento? Os irmãos Chappe destinaram 92 dos signaes da obliqua da direita para representar a serie dos 92 numeros, desde 1 até 92; depois compozeram um vocabulario de 92 paginas, cada pagina do qual contém 92 palavras. Ajustou-se que o primeiro signal dado pelo telegrapho indicará a pagina do vocabulario, e que o segundo signal indicará o numero contido n'essa pagina, que corresponde á palavra do despacho. D'esta sorte póde-se, por meio de dous signaes, exprimir 8:464 palavras. Este é o *vocabulario das palavras*.

Comtudo 8:464 palavras seriam insufficientes para traduzir todos os pensamentos, e responder aos casos imprevistos. Por outro lado ha idéas, que devem repetir-se frequentemente no curso da correspondencia. Compoz-se pois um segundo vocabulario, que se chama *vocabulario das phrases*. É formado, como o precedente, de 92 paginas contendo cada uma 97 phrases, ou membros de phrases, o que produz 8:464 idéas. Estas phrases applicam-se particularmente á marinha e ao exercito. Bem entendido que para se servir d'este vocabulario deve o telegrapho dar tres signaes: o primeiro para indicar que se trata do vocabulario das phrases; o segundo para indicar a pagina do vocabulario; e o terceiro para o numero d'essa pagina. Creou-se, emfim, assentando nos mesmos principios, um outro vocabulario, chamado *geographico*, que contém a designação dos logares.

Desde 1830 ampliaram-se muito e refundiram-se em um só os tres vocabularios de Chappe. As phrases e as palavras dispozeram-se n'uma ordem mais simples, que facilita consideravelmente a composição e traducção dos despachos. E para desconcertar observações indiscretas tem a administração o cuidado de mudar amiudo a chave do vocabulario.

Quanto aos 192 signaes, destinados simplesmente á policia da linha, e que são conhecidos de todos os empregados do telegrapho, exprimem elles os avisos, que transmitte a administração, a urgencia, o fim, o destino do despacho, os suetos de hora e meia hora, o erro commettido n'um signal, a ausencia d'um empregado, n'uma palavra, todos os casos previstos desde a ausencia ou demora do empregado até á destruição do telegrapho por vento ou raio. Os avisos d'esta natureza percorrem a linha com a rapidez do relampago, e a administração é informada n'um abrir e fechar de olhos do obstaculo, que encontrou o despacho, e do logar preciso onde parou.

(Continúa.) O. M.

FORJA PORTATIL.

Ha uma multidão de pequenas machinas e apparelhos, que entre nós são quasi só conhecidos pelo nome, ou pelos artigos dos jornaes, e todavia não são dignos de tamanha desattenção, porque poderiam aqui ser tão prestadíos como a experiencia illustrada tem provado que o são lá fóra.

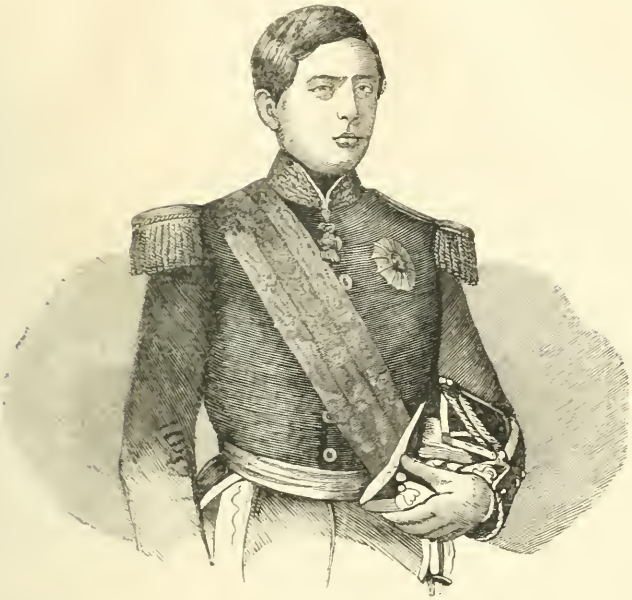
A forja-portatil do fabricante francez Maigne está destinada a prestar utilissimos serviços nas grandes propriedades ruraes, e nas pequenas povoações isoladas dos centros da industria, podendo, por meio d'ella, proceder-se a uma infinidade de reparos nos instrumentos aratorios e de trabalho, poupando assim maiores despezas, e economisando o tempo, que é um capital valiosissimo.

É a forja-postatil de mui simples construcção e tão simples, que a simples inspecção da gravura basta para comprehender todo o seu mechanismo; cumprindo declarar que é toda de ferro, guarnecido de couro na parte superior e inferior; todas as peças de ferragem são mui faceis, assim de construir, como de concertar, o que constitue ainda outra vantagem preciosa. O custo da forja-portatel completa calcula-se em 10 a 12$000 réis.

BIBLIOGRAPHIA.

HERANÇA DO CHANCELLER, COMEDIA EM 3 ACTOS, PELO SR. MENDES LEAL JUNIOR.

Acha-se á venda esta primorosa producção do illustre auctor dos *Homens de Marmore*, no theatro de D. Maria II, na livraria do editor rua Aurea. n.os 227 e 228, e na do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8. Nas provincias, ultramar e estrangeiro poderá procurar-se em casa dos correspondentes do Panorama. Preço 400 réis.



SUA MAGESTADE EL-REI O SENHOR D. PEDRO V.

O senhor D. Pedro d'Alcantara Maria Fernando Miguel Rafael Gabriel Gonzaga Xavier João Antonio Leopoldo Victor Francisco de Assis Julio Amelio, quinto do nome, e trigesimo na serie dos reis de Portugal, grão cruz das ordens militares portuguezas, duque de Saxe Coburgo Gotha, grão cruz do Cruzeiro do Brazil, cavalleiro do Tosão de Ouro de Hespanha, grão cruz de Leopoldo da Belgica, do Leão Neerlandez, da Aguia Negra da Russia, de Santo Estevão de Hungria, de Ernesto Pio de Saxonia, do Falcão Branco de Saxe-Weimar, da Corôa de Saxonia, da Legião de Honra de França, de S. Fernando de Napoles, e da Annunciada de Sardenha; nasceu no paço das Necessidades a 16 de setembro de 1837, sendo jurado pelas córtes principe real em 26 de janeiro de 1838.

Desde os annos tenros revelou o senhor D. Pedro uma intelligencia superior, sendo a sua educação litteraria confiada a habilissimos mestres sob a direcção suprema de seus augustos paes a senhora D. Maria II, de saudosa memoria, e o senhor D. Fernando II, que acaba de exercer a regencia do reino com tão singular prudencia e tino.

Portugal e a Europa tiveram occasião ainda ha pouco de admirar o resultado de tantos desvelos, fructificados pela nunca assás louvada applicação e talentos do nosso joven monarcha.

Corria o mez de novembro de 1853; e tudo parecia indicar que, apagados os odios civis, Portugal ía a final desfructar uma situação normal, podendo então desenvolver os seus grandes recursos economicos, e caminhar desassombrado na estrada do progresso. Um successo tão inesperado como fatal veiu porém sepultar este paiz no mais profundo sentimento, fazendo conceber sobre o nosso futuro tristissimas apprehensões: é que a senhora D. Maria II, depois de uma operação difficil, entregára a alma ao Creador, no meio dos prantos de uma nação, que apesar de dividida em partidos, venerava unanime n'aquella augusta rainha o symbolo das mais raras virtudes.

Passada a primeira impressão de magua, que foi sincera e profundissima, os portuguezes ergueram os olhos para o throno, e esperaram confiados, porque n'elle ía sentar-se um principe cujas sublimes qualidades auguravam um digno successor dos soberanos mais excellentes que têem reinado n'esta heroica terra de Portugal, um D. Diniz, o *Lavrador*, um D. João I, de *Boa Memoria*, um D. Duarte, o *Sabio*.

Como, porém, ainda não fosse chegada a epocha

marcada pela lei fundamental para sua magestade assumir as redeas do governo, seu magnanimo pae, conformando-se com os desejos por sua virtuosa esposa muitas vezes manifestados, solicitou dos corpos legislativos, em cumprimento da mesma lei, licença para que o senhor D. Pedro pudesse visitar as principaes côrtes da Europa, com o fim de aperfeiçoar e completar a sua educação politica largamente adiantada na lição dos livros.

Com effeito no mez de maio de 1854 saíu de Lisboa o senhor D. Pedro, acompanhado de seu serenissimo irmão o senhor infante D. Luiz Filippe, a bordo do vapor de guerra *Mindello*. Dirigiu-se primeiro a Inglaterra, passou depois a Bruxellas, visitou a Hollanda, a Prussia, a Austria, e a patria de seu venerando pae, Saxe Coburgo Gotha; quando tencionava partir para París, declarou-se a cholera-morbus n'esta cidade, limitando por isso a sua viagem em França á visita ao acampamento de Bolonha, onde sua magestade imperial Napoleão III, com todas as demonstrações do mais alto apreço e sympathia, recebeu o nosso esperançoso monarcha, que regressou a Lisboa em setembro do mesmo anno.

Em 30 de maio do corrente emprehendeu o senhor D. Pedro segunda viagem, para complemento da primeira, percorrendo a França, de norte a sul, uma parte da Italia e da Suissa, voltando de novo á Belgica, e terminando em Inglaterra, onde, pela terceira vez, visitou sua magestade a rainha Victoria, que então estava residindo na ilha de White.

As dimensões d'este artigo não nos permittem fazer larga descripção do modo por que sua magestade o senhor D. Pedro V foi recebido na sua viagem, ou antes verdadeira excursão triumphal, ás differentes côrtes da Europa. Bastará dizer que sua magestade soube pelos seus vastissimos conhecimentos e egregios dotes grangear o respeito, e a admiração universaes.

Sua magestade regressou á capital dos seus reinos em 14 de agosto. Trinta e tres dias depois as salvas de artilharia e as acclamações do povo annunciavam, na capital e em todo o reino, que terminára a pacifica e iniciadora regencia do senhor D. Fernando II, e começava o reinado do senhor D. Pedro V.

De todos os pontos do reino, a despeito dos terrores da epidemia que infelizmente tem devastado algumas das nossas povoações, correram milhares de familias a presenciar as festas que se celebraram pela inauguração d'este auspicioso reinado.

Além da população propria, que é avultada, calcula-se que mais de sessenta mil pessoas se achavam n'esta capital nos dias 16, 17 e 18 do mez proximo findo! E comtudo, n'um tão extraordinario concurso de gente não houve um só desgosto a lamentar, mostrando assim o povo pela sua civilisação que é digno de ser livre e feliz, sob os auspicios de um soberano, a quem todos os portuguezes desejâmos longos annos de existencia para gloria d'este reino, que se na carta geographica occupa um pequeno espaço, já assombrou o mundo pelos espantosos feitos de muitos de seus generosos filhos.

JOGOS, FESTAS, E ESPECTACULOS ANTIGOS.

III.

Quando se estuda a antiguidade de mais perto encontram-se em grande numero os artistas secundarios, que por modicos preços distrahiam o povo nas praças e ruas.

Primeiro notavam-se os musicos ambulantes, successores dos homerides, que percorriam as cidades cantando fragmentos de odes e epopéas.

Depois dos auletes, ou citharides, vinham os bailarins, não menos frequentes nos logares publicos. Aristophanes apresenta-nos uma dansarina d'esta qualidade, ainda menina, bem parecida ás alméas, que no Cairo ostentam a flexibilidade dos seus gyros defronte da mesquita de Hassan.

Nos largos, afóra os cantores e dansarinos, abundava a relé dos histriões. Desde os ventrilocos até aos acrobatas nenhum faltava. Parmenon imitava o grunhir do porco. Theodoro figurava o som pezado das rodas hydraulicas. Havia quem fingisse o coaxar da rã, e o cacarejar da gallinha. Os animaes tambem serviam de espectaculo. É ao que allude Pindaro, quando diz com o rifão nacional, «para os meninos o bugio, que se lhes mostra, é sempre o mais bonito!»

Os combates de gallos, antes de alterarem a fleugma insular dos opulentos jogadores britannicos, já excitavam a curiosidade e os votos dos athenienses. A lucta entre as codornizes não era menos procurada, e todas as classes se deleitavam assistindo a estas pugnas.

Pindaro falla d'ellas (olympiada XII); mas parece que no seu tempo eram ainda espectaculo reservado só para os ricos da aristocracia. Com o tempo desceu dos jardins vedados até á praça, e a plebe acolhen-o com alvoroço.

Para as pelejas dos volateis armava-se um estrado em quadro no meio do theatro; e os gallos, sujeitos á dicta estimulante dos athletas, encontravam-se com redobrado ardor, armados de esporões de cobre.

Plinio, tratando dos duellos d'estes campeões emplumados, que víra em Pergamo, e que tinham logar na arena publica, não se esquece de os assimilhar aos combates dos gladiadores. Os gallos mais prezados eram os de Tanagra na Beocia, e depois os de Mélos e Chalcis.

O animal vencido reputava-se escravo do vencedor, e passava para o dono d'este. Em um camafeu antigo observa-se um agonothete distribuindo palmas e corôas aos gallos victoriosos, o que indica serem os vaidosos bipedes a parodia graciosa das luctas athleticas, e por isso constituirem uma especie de divertimento em que havia um tanto de dramatico.

Mas estes jogos ainda se podem dizer nobilissimos em presença de muitos outros!

Nos annos de Aristophanes, de Isocrates, e de Theophrasto, a concorrencia dos charlatães, adivinhos, e prestigiadores era tal, que entupiam quasi as ruas.

Abundavam os pelotiqueiros. Demado, o atheniense, exclamava: «As espadas lacedemonias são tão curtas, que um dos nossos arlequins é capaz de as sumir nas mãos!» Theodoro e Euryclides foram tão notaveis n'esta profissão, que os Orites levantaram no seu theatro uma estatua de bronze, com um pequeno disco, em louvor do primeiro, em quanto os athenienses, não querendo ceder-lhes, puzeram o vulto do segundo no theatro de Baccho a curta distancia do de Eschylo!

Chegou o abuso a ponto, que as magestosas scenas, aonde se representavam os primores da Thalia e da Melpomene grega foram invadidas e infamadas pelos chocarreiros. Talvez que ali mesmo os saltimbancos pulassem sobre os odres, e sobre a corda bamba; mas o que não soffre duvida, é que no mesmo logar d'onde a voz applaudida dos grandes actores fazia ouvir a poesia sublime de Eschylo, ou

de Sophocles, ousaram histriões vilissimos offerecer a parodia boçal dos seus espectaculos de titires!

Cousa notavel, o povo mais espirituoso do mundo antigo adorava os gestos contorcidos dos bonecos, movidos por fios, como em Paris os amadores desprezavam a scena classica para ir bater palmas ao tablado das *Marionnettes!*

Quando Socrates perguntava ao farçante Filippe qual era a sua esperança com similhante brinco, o truão respondia ajuizadamente: «Confio nos parvos. Elles é que me sustentam e aos meus bonecos!»

Dos funambulos antigos, taes como os descreve Aristoteles (De Mundo, cap. VI) aos *Fantoccini* de Roma e de Florença a distancia é tão pequena que mal se vê!

Mas ainda não parava aqui a variada collecção de bobos e histriões, que armavam á bolsa dos athenienses ainda os menos abastados.

Actores ambulantes, jograes, e farçantes divertiam a plebe por modicos preços nas ruas, ou na orchestra dos theatros, isto é, na parte situada abaixo do proscenio, e mais proxima do espectador.

Os que representavam nos largos e becos eram propriamente os chamados *planes*, pelotiqueiros publicos, de que os poetas comicos se não esquecem nos seus quadros satyricos.

No tempo de Filippe de Macedonia os truões tinham crescido a ponto de formar uma corporação, que se reunia no templo de Hercules, denominada «os sessenta.»

Os ditos chistosos, com que alegravam os seus auditorios foram tão prezados, que Filippe lhes enviou um talento, somma comparativamente avultada, pedindo ao mesmo tempo, que o brindassem remettendo-lhe por escripto todas as agudezas e lances espirituosos da sua assembléa.

Os comediantes compunham igualmente uma confraria, de que Baccho era o padroeiro, e usavam da designação de *artistas dionysiacos*, subdividindo-se em distinctas e numerosas sociedades.

Os que entravam nas representações solemnes, cooperando para os concursos tragicos, comicos, ou satyricos, gosavam de grande conceito, e foram sempre reputados benemeritos. Não é raro ver em Athenas os actores de tragedia e de comedia incumbidos de embaixadas e missões. Os histriões, e os farçantes não.

Excluidos da scena, aonde os primeiros exerciam funcções consideradas como nacionaes e religiosas, a vileza da profissão recaía sobre os individuos. A sua ambição limitava-se ao dinheiro, que podiam extorquir aos ouvintes, ou aos espectadores, e a corôa honrosa da arte nunca premiava o seu talento por maior que fosse.

Entretanto, quasi por uma especie de compensação, é esta classe subalterna a que sobrevive! Precursores de Thespis e do theatro nacional, depois de elle expirar permanecem largo tempo na posse do gosto e dos applausos publicos; os seus jogos perpetuam-se; e a idade media, sem o saber, confirma nos jograes os herdeiros dos antigos mimos, como louva nos menestreis os successores dos auletes e citharides!

IV.

Os mimos foram mais antigos do que a sua denominação; esta só apparece sendo archonte Euclides, e abrangia dous sentidos.

A mesma palavra significava as peças curtas e joviaes que constituiam um ramo bastardo da arte; e comprehendia ao mesmo passo os actores, que as executavam.

Como obra litteraria esta especie de entremezes, inspirados pela veia folgazã e solta, carecia da elevação, da regularidade, e da pureza de fórmas com que sobresaíam os tres generos de dramas classicos.

Creadas quasi ao acaso pela phantasia mais caprichosa estas obras verdadeiramente populares revelavam o vigor e a mobilidade do genio grego.

Os representantes, que as interpretavam, não eram menos independentes no seu engenho e na maneira de as dizer.

Alguns, similhantes aos actores repentistas dos theatros plebeus de Italia, bordavam de graecejos espontaneos e de jogralidades a urdidura das scenas, infundindo-lhes, mesmo no palco, a alma, a vida, e o calor. Outros, limitando-se á execução dos papeis escriptos, contentavam-se com a fiel e perfeita imitação.

Os primeiros podiam levar as suas genealogias artisticas até aquelles farçantes, que, segundo Pollux, improvisavam de cima das mezas os episodios comicos e heroicos, ao som dos córos dionysiacos, e com o progresso dos annos, as proporções, e o assumpto d'estes concisos dramas não se alargaram muito.

Sozibio, escrevendo na epocha de Ptolomeu Philadelpho, assegura que os mimos (peças) improvisados, pouco saíam do trilho batido.

Era quasi sempre um ladrão de fructa colhido em flagrante, com a mão no roubo, ou um medico pedante, carregado como uma azemola de phrases campanudas e citações esdruxulas.

Estas farças repentinas, inventadas no tablado, dissimulavam a pobreza do fundo á custa dos chistes e accionados do histrião, e assim coavam a sua existencia ephemera entre risos, silvos, e applausos de platéas tumultuosas.

Os mimos escriptos variavam muito. De ordinario compunham-se em verso, e cantavam-se com acompanhamento de flautas. As denominações, por que eram designados, nasciam da fórma, ou da indole da peça; e d'ellas é que tambem tiravam os seus nomes particulares os actores mais peritos, e que realçavam mais.

Havia por exemplo os mimos ethologos, famosos sobre tudo em Alexandria, que se dedicavam á pintura dos costumes, mas dos costumes baixos e corrompidos.

Havia os biologos, que faziam alarde de representar a vida humana; e alguns criticos querem que o tentassem com a soltura e atrevimento da antiga comedia.

Os cinedologos avivavam com gestos as acções e os dialogos mais obscenos.

Ainda contemplados sob outro aspecto os mimos classificavam-se pelos trajos, com que vinham caracterisados.

Assim o phallophoro sicyoniano, verdadeiro typo dos mimos primitivos, apresentava-se sem mascara, e com o rosto mascarrado de ferrugem, ou coberto de pelliculas de papyro. Este comediante de Sicyone, é o mesmo que em Roma veremos transformar-se em *planipes*, para depois, na meia idade, captivar os auditorios com os ditos populares do arlequim de Bergamo!

Os ithyphallos differençavam-se em usar de mascara. A que traziam figurava o rosto de um ebrio. As mangas roxas desciam-lhes a cobrir a mão; a tunica bipartida, metade variegada de assanhadas côres, e uma longa capa, que lhes chegava ao calcanhar, rematava o trajo invariavel.

Como os phallophoros representavam na orches-

tra dos grandes theatros. Entrando pela porta principal, caminhavam calados até ao meio da orchestra, e ahi voltando-se de subito para a scena exclamavam: «Arredae-vos! deixae passar o deus! Elle está de pé e direito, e quer passagem livre!»

As parodias tambem foram assás estimadas na Grecia; e houve-as de todas as qualidades.

Eudicus, mimo celebre, distinguia-se pela sua destreza em arremedar os luctadores e os combatentes do pugilato. Strato de Tarento era eximio em contrafazer os poetas dithyrambicos, e Oenonas não o era menos em ridicularisar os citharides.

Foi elle quem contrafez a Polyphemo silvando gorgeios e trinados de rouxinol, e ao Ulysses, depois do naufragio, gaguejando o dialecto mascavado da patria do solecismo.

Hegenion de Thase elevou a parodia á scena, revestindo-a quasi das dimensões de comedia, na epocha em que ardia mais accesa a guerra do Peloponeso.

Não diremos, que a arte dos mimos, dos jograes, e dos truões da Grecia passou inteira e completa para a meia idade, usurpando foros de cidade em todas as nações; de certo não! O instincto dramatico é de todas as idades, e de todos os povos, e negal-o equivaleria a negar a acção espontanea, que o espirito humano exerce, e que é facil assignalar em todas as manifestações da arte.

Quando lançâmos os olhos para o passado, e lhe avivâmos algumas das côres e dos rasgos não levâmos em mente circumscrever ao circulo que elle abraça todas as invenções. Seria absurdo, além de falso.

Nem tudo o que se parece nos costumes modernos com os usos da antiguidade póde attribuir-se a imitação.

Os celtas e os godos tiveram os seus cantos, e as suas pirrhicas sem precisarem moldar-se pelos carmes dos irmãos Arvales, ou pelas dansas dos sacerdotes Salios.

As sociedades não se transformam por cópia. Na obra lenta e gradual da sua organisação, ou da sua decomposição, a par do que esquecem, ou rejeitam, o que mais importa é advertir o que acceitaram, apropriando-o ás necessidades physicas e intellectuaes.

Querer que tudo proceda dos velhos tempos significa ignorar a lei da espontaneidade, a força creadora dos elementos, d'onde deriva a physionomia original, e a iniciativa social do progresso humano. É ligar, como no supplicio de Mezencio, o vivo ao morto, e suppor em ambos a mesma immobilidade!

Mas tambem não póde desprezar-se, sem erro grave, e pelo mesmo motivo, a combinação de outra lei, não menos activa e geral: a lei da tradição, em virtude da qual as idéas anteriores sempre entram com a sua parte no presente, modificando-o.

Determinar a verdadeira proporção, em que as duas se encontram, e descobrir o modo por que concorrem, eis a suprema difficuldade, e muitas vezes o precipicio inevitavel da critica, ainda a mais sagaz!

Na historia do espirito tudo se prende, e se compenetra. Os factos geram-se dos factos. Se o christianismo, revolução moral immensa, revolveu as bazes da arte, e mudou o alicerce politico, não foi repentino o seu esforço, nem a victoria saín rapida e immediata.

Antes do triumpho passou pela obscuridade, pelas provações, e pela lucta. A braços com o polytheismo, e com as superstições enraizadas n'elle, não cortou de um golpe unico tronco e ramos. Prevaleceu temporisando, transigindo!

O paganismo antigo corrente, antes de se confundir e perder na renovação christã, conserva-se tanto tempo separado e distincto, que não é possivel seguir a reforma, e aprecial-a sem o encontrar a cada passo.

Nas cousas intellectuaes, além d'isto, ha outra circumstancia digna de attenção. É a lei das analogias.

«Dadas condições similhantes (diz um auctor recente) e no grau de civilisação correlativo os phenomenos litterarios caracterisam-se d'um modo quasi constante. Na historia poetica as phases succedem-se *como na geologia as camadas da mesma formação*, segundo a expressão de Mr. Ampere, que é ao mesmo tempo uma bella imagem.

«Se desconhecessemos as origens do theatro moderno, estudando as do drama grego e romano, não poderiamos arriscar algumas conjecturas ácerca dos rudimentos da arte, e adivinhar até certo ponto como e quando se desenvolveu?

«Felizmente não carecemos d'isso. Os subsidios, que ha, chegam para ajuizar do estado da imitação dramatica na meia idade; porém, no meio das trevas de epochas remotas e confusas, quem deseja orientar-se para não se ver transviado a cada instante, precisa de saber os caminhos, que trilhou a antiguidade para os não errar, e necessita do seu auxilio para pezar as razões de analogia, e poder extremar as solidas das que o não são, ou das que, illudindo á primeira vista, não passam de falsas similhanças.»

Estas observações de um escriptor douto, e dos mais competentes, (1) merecem todo o conceito, e fôra mais do que imprudencia deixar de as ter presentes.

As idéas e crenças da idade media, e a sua influencia sobre a indole dos modernos povos, e sobre a physionomia peculiar da arte christã, estão bem distantes por certo do pensamento, que animava as duas grandes sociedades, que dominaram o mundo antigo com a intelligencia, e pela espada; mas quando se deixam de lado os periodos de esplendor da scena de Eschylo e de Sophocles para entrar no exame dos espectaculos mais humildes, as festas, os jogos, e os dramas populares tomam de repente outro ar, e outro rosto; o que de longe parecia totalmente diverso, ao pé acha-se muito menos estranho, as analogias saltam á vista, e é preciso de proposito querer cerrar os olhos para não ver como as duas epochas, e as duas civilisações se desenvolvem, seguindo no começo quasi os mesmos passos!

É o que se procurou notar na concisa noticia, que acaba de se ler sobre as origens do drama plebeu, e sobre as recreações do povo nas praças das cidades gregas.

É o que igualmente se verá na curta descripção, que vae tentar-se ácerca de Roma, e dos espectaculos, com que uma politica sagaz não cessava de amortecer o ardor e a ociosidade d'esses proletarios inquietos, que de um dia para o outro, se bem medissem as suas forças, podiam subverter em um terremoto espantoso o laborioso edificio de tantos seculos, a obra de tão robustos e gloriosos capitães!

L. A. Rebello da Silva.

---

(1) Devemos ao excellente livro, publicado por Mr. Charles Magnin em 1838, sobre as *Origens do Theatro Moderno*, muitos

APPARELHO DE MERGULHADOR.

A gravura representa um mergulhador, trabalhando no fundo do rio Sena, defendido com o novo apparelho inventado pelo sr. de Saint-Simon Sicard. Consiste este em um fato inteiriço, impermeavel, ligado ao capacete, que preserva a cabeça, com um circulo de metal justo ao pescoço. O capacete tem no sitio dos olhos dous grandes vidros ovaes. Mas toda a novidade n'este apparelho está em uma especie de caixa que o mergulhador traz ás costas; dous tubos de gutta-percha, saíndo da parte posterior do capacete, adaptam-se á superior da caixa: um fornece ao mergulhador o ar necessario á existencia durante os trabalhos sub-marinos; o outro serve para absorver o acido carbonico evolvido, que vae depois entrar em um repartimento da caixa.

Por meio de uma chaveta de cobre o mergulhador póde abrir ou fechar os registros da caixa, regulando assim commodamente as funcções do mechanismo.

Fizeram-se muitas experiencias com este apparelho, que parece preencher completamente o seu fim. Em uma d'ellas o mergulhador conservou-se debaixo de agua, a 5 metros de profundidade, mais de 35 minutos, percorrendo em todos os sentidos um espaço de 40 metros, sem que soffresse o mais insignificante incommodo.

dos factos, e não poucas das reflexões, de que se compoe este capitulo. Sem um guia tão esclarecido, e tão senhor do terreno e mais que provavel que não nos abalançariamos a este estudo previo.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

CARTA VIII.

CURIOSAS VISITAS. PADRE THEODORO D'ALMEIDA. MENSAGEM DE FREIRAS. THEATRO DA RUA DOS CONDES. ARCEBISPO DE THESSALONICA. MODINHAS BRAZILEIRAS. PHANTASIAS.

17 de junho de 1787.

Coube-me hoje a sorte de receber uma curiosa serie de visitas. O primeiro foi Pombal, que parecia gasto por excesso de prazeres e pelas noutadas, mas que se apresenta com um agrado e modos elegantes, não muito communs n'este paiz. Posto que seja um dos mais ricos proprietarios de fazendas no reino, de rendimento de cento e vinte mil cruzados por anno, quiz metter-me na cabeça que seu defunto pae, o açoute e terror das casas mais nobres de Portugal, o unico administrador do real erario por muitos annos, não obstante isso fallecêra em circumstancias apuradas, carregado de dividas que contrahira para manter a dignidade do seu cargo.

O immediato que me honrou com a sua visita foi o juiz da conservatoria ingleza, João Telles, ramo, não sei bem se legitimo se espurio, da casa dos Penalvas; este sujeito, que ascendeu a um dos eminentes logares da magistratura só pela força da sua capacidade, é dotado de um estylo de expressão original e nervoso, que me trouxe á idéa lord Thurlow; mas, a todo o seu vigor de caracter e de dicção reune a flexibilidade e ardileza da serpente; e aquelles que não póde levar de assalto está certo de vencel-os com algumas astuciosas descargas de lisonjas e blandicias.

Logo que elle se retirou veiu um par de frades com um cestinho de doces mettidos em papel de lavores, dadiva de uma abbadessa fidalga, supplicando-me o dote para duas lindas donzellas que iam ser esposas de Christo n'um convento dos suburbios.

Apenas os tinha despedido entrou o padre Theodoro de Almeida com outro de seus confrades: quasi que só se lhe viam as alvas dos olhos; nem o original doutor Vèsgo do Foote era capaz de os revirar com maior sciencia.

Prestei a maxima attenção ao seraphico discurso do padre Theodoro, não sendo para desprezar tão excellente opportunidade de ouvir um specimen, de primeiro lote, da geringonça hypocrita. Inda bem os frades não tinham sido conduzidos ao patamal da escada com o devida ceremonia, annunciou-se a chegada de monsenhor Aguilar, um dos prelados da sé patriarchal; o qual me confirmou na opinião que eu tinha formado do padre Theodoro. Ninguem poderá accusar de hypocrisia o monsenhor Aguilar; ao contrario é de rasgada franqueza, e trata a igreja d'onde lhe provém pingue mantença, não como patroa, mas como humilde companheira, assumpto e alvo constante dos seus sarcasmos. Em Portugal, ainda no corrente anno de 1787, tal proceder é doudice, e receio-lhe qualquer dia severa perseguição.

Ao tomar pacificamente uma chavena de chá fezmos erguer uma estrondosa bulha na rua, e correndo á sacada achamos apinhada a sordida relé de velhas furias, rapazes e maltrapilhos, tendo á frente meia duzia de tambores, e uns poucos de pretos de vestias escarlates assoprando trombetas com extraordinaria vehemencia, e apontando-as directamente para a casa. Maravilhou-me este modo de assediar uma porta como as muralhas de Jerichó; e recuando um pouco para não ser chamuscado por um foguete que

zuniu obra de uma pollegada adiante do meu nariz, vi entrar um creado trazendo em salva de prata um crucifixo, e uma delicadissima mensagem das freiras do mosteiro do Sacramento, que mandavam a sua musica com pandeiros e fogo do ar convidar-nos para rasgada funcção no seu convento em honra á festividade do Coração de Jesus. Na verdade que estas funcções de igreja começavam a perder para mim grande parte do attractivo que lhes dera a novidade: estava já um tanto farto de motetes e kyrie eleisons, de incenso, bandejas de doces, e de sermões.

Aquelle heretico Verdeil, para quem valeria quasi tanto estar no inferno como n'este céu empachado, não descansou em quanto não deu comigo no theatro da Rua dos Condes afim de dissipar com um pouco de ar profano os vapores de tamanha santidade. O drama causou-me mais enfado que divertimento. O theatro é baixo e acanhado, e os actores, porque não ha actrizes, são inferiores a todo o criterio.

Tendo as ordens absolutas da rainha afastado do palco scenico as mulheres, os papeis attinentes a estas são representados por mancebos. Julgae que agradavel effeito esta metamorphose produzirá, especialmente nos bailarinos. Ali se vê uma robusta pastora trajando as candidas vestes virginaes, de macia barba azulada e prominente clavicula, colher flôres com um punho capaz de derrubar o gigante Goliath, e um rancho de leiteiras, seguindo as suas enormes pégadas, aos pontapés ás saias a cada passo. Taes meneios e saltos desconcertados, taes tregeitos de olhos, nunca eu tinha visto, nem espero tornar a ver na minha vida.

Estavamos cordealmente enfastiados do espectaculo, inda bem não chegava ao meio da peça; e como a noute era serena e agradavel tentou-nos a dar um passeio até á grande praça do palacio, que recebia a frouxa claridade das luzes nos aposentos reaes, abertas todas as janellas para entrar a viração. O arcebispo confessor de S. M. ostentava n'uma das sacadas o seu volumoso vulto: da classe de homens rusticos este personagem, agora mui importante, veiu a ser soldado raso, d'ahi passou a cabo de esquadra, de cabo de esquadra a frade, e n'esta ultima profissão deu tantas provas de tolerancia e bom genio que o marquez de Pombal, topando com elle por uma das casualidades que se esquivam a todos os calculos, julgou-o sufficientemente astuto, jovial e ignorante para fazel-o innoxio e accommodado confessor de S. M. então princeza do Brazil; pela accessão d'esta senhora ao throno foi despachado arcebispo *in partibus*, e inquisidor-mór; é a primeira mola do actual governo portuguez. Nunca vi um sujeito mais obstinado e obtuso: parece ungir-se todo com o oleo do contentamento (banhar-se em agua de rosas), folgar e engordar a despeito da critica situação dos negocios n'este reino, e dos justos receios de todos seus verdadeiros patriotas que temem vel-o recair outra vez na triste condição de provincia hespanhola.

N'uma janella, immediatamente por cima da luzidia testa de sua reverendissima, divisamos as duas formosas irmãs Lacerdas, damas de honor da rainha, acenando com as mãos a convidar-nos: era incentivo bastante para galgarmos vastos lanços de escadas até o seu aposento, que se achava atulhado de sobrinhos, sobrinhas e primos, apinhando-se em torno de duas jovens mui elegantes, as quaes, acompanhadas de seu mestre de canto, um frade baixo e quadrado e de olhos verdes, garganteavam modinhas brazileiras.

Quem nunca ouviu este original genero de musica ignorará para sempre as mais feiticeiras melodias que tem existido desde o tempo dos sybaritas. Consistem em languidos e interrompidos compassos como se faltasse o folego por excesso de inlevo, e a alma anhelasse unir-se a outra alma identica de algum objecto querido. Com infantil desleixo insinuam-se no coração antes de haver tempo de o fortificar contra a sua voluptuosa influencia; imaginaes saborear leite, e o veneno da sensualidade vae calando no mais intimo da existencia: pelo menos assim succede áquelles que sentem o poder dos sons harmoniosos; porém, não respondo n'este caso pelos animaes do norte phleugmaticos e duros de ouvido.

Uma ou duas horas correram quasi imperceptivelmente no deleitoso delirio que aquellas notas de sereia inspiravam, e não foi sem magua que eu vi a companhia dispersa, e o encanto desfeito. As donas do aposento, tendo recebido aviso para assistirem á ceia de S. M., fizeram-nos uma mesura com o maior donaire e desappareceram.

De caminho para nossa casa encontramos o Viatico, acompanhado de vividas luzes, levado em procissão a fazer a algum enfermo a visita de despedida; o esperançoso fidalgo moço conde de Villa Nova (depois marquez d'Abrantes) precedia a umbella, de capa encarnada, e tangendo uma campainha de prata. Nunca falha a estes acompanhamentos, e passa a flôr da mocidade n'este singular beaterio; ainda não houve amante mais cioso da sua namorada do que este ingenuo mancebo o é da sua campainha; não lhe soffre o animo que as vibrações d'esta sejam obra de outra pessoa; os mezarios parochiaes do extenso e populoso bairro onde está situado o seu palacio consentem n'este capricho por attenção ao seu nascimento e opulencia, e de certo não podiam escolher mais assiduo porta-campainha. A toda a hora e faça o tempo que fizer está prompto a desempenhar este bento ministerio; nas trevas de alta noute, no mais intenso calor do dia, ou subindo ou descendo, quer a uma espelunca, quer a um sotão, lá vae onde se requer um auxilio espiritual d'esta natureza.

Por vezes se tem observado que taes cousas não se hão de levar á conta de manias: cada pessoa tem a sua teneta que segue como póde, e que prefere a tudo. As delicias do velho marquez de Marialva consistem em jantar entre os seus dous aparadores de prata; as do marquez seu filho em esperar muito tempo pela rainha; e as do conde de Villa Nova em annunciar com a sua campainha a todos os fieis crentes a aproximação da celeste magestade. A actual teneta do rabiscador d'estas extravagancias são as modinhas, e sob a sua influencia acha-se meio tentado a dar á vela para o Brazil, terra natal d'aquellas feiticeiras composições, a viver em choças, taes como as descreve Parny na sua breve e agradavel viagem, balouçar-se em macas, ou retouçar em macias esteiras, cercado de bandos de juvenis menestreis diffundindo a espaços o perfume dos jarmins e das rosas.

(Continúa.) . . .

TELEGRAPHOS.

Cincoenta annos de experiencia tem mostrado sufficientemente toda a extensão dos serviços, que se tiram da telegraphia aerea. Esta telegraphia tem comtudo imperfeições, que devemos signalar. Os signaes transmittem-se atravez da atmosphera: estão

por conseguinte sujeitos a todos os accidentes e vicissitudes atmosphericas. Paralisam o jogo do telegrapho aereo os nevoeiros, as chuvas abundantes, o fumo, o reflexo-especular, as cerrações da manhã, e da tarde. Claudio Chappe tinha verificado, que, no seu tempo, o telegrapho não podia funccionar perfeitamente senão 2:190 horas durante o anno, isto é, 6 horas por dia, termo medio. Todavia aperfeiçoamentos posteriores attenuaram muito a verdade d'estas observações de Chappe.

O vicio fundamental da telegraphia aerea consiste na privação de signaes durante a noute. De inverno está o telegrapho aereo condemnado á immobilidade durante 16 horas em cada 24. Em maio e setembro não póde funccionar senão 12 horas, e nos dias mais longos do estio tambem repousa 8 horas. Por isso todos os despachos, que se trazem ao ministerio depois de sol posto, são forçadamente differidos para o outro dia. Ainda que então dependesse d'ahi a salvação de um exercito, ainda que o estado estivesse em perigo, e a revolta tivesse arvorado o seu estandarte triumphante nas ruas ensanguentadas, nenhum poder humano teria força para arrancar o telegrapho ao seu repouso fatal. Fecha as azas ás primeiras sombras da noute, e dorme como um servo preguiçoso até o nascer da aurora. E n'esse meio tempo de que importancia não teria sido em tantos lances da historia de algumas nações a existencia de uma boa telegraphia nocturna! Suspende-se com o aproximar da noute um tumulto, uma revolução, ou uma batalha, e n'essas horas de silencio e de tregua tem a auctoridade publica tempo de organisar as suas medidas. As massas dormem, os chefes devem velar; e se o telegrapho velasse como elles, a coberto da sombra protectora da noute voariam as ordens dos chefes a todas as direcções com a rapidez do pensamento; e no outro dia quando o sol subisse ao horisonte a defensa estaria prestes ou o ataque concertado.

Os dados fornecidos pela sciencia mostram sob um outro aspecto as vantagens da telegraphia nocturna. Ensina-nos a meteorologia que as noutes limpidas são mais frequentes do que os dias serenos. Quasi todos os phenomenos atmosphericos, que, de dia, contrariam a transmissão dos signaes, de noute perdem a influencia. Os rios, os bosques, os pantanos deixam de subministrar vapores até o nascer do sol. Não ha então reflexo-especular, e os nevoeiros cáem com o crepusculo. A noute abaixa os vapores, que o sol tinha levantado, e durante ella não lançam nuvens de fumo as villas, as aldeias, as fabricas, as officinas. O resfriamento da noute precipita, na verdade, a agua diffundida em vapor pela atmosphera, e resolve-a em um nevoeiro ligeiro; mas este phenomeno passa-se a alguns pés unicamente acima do solo, e não chega nunca á altura das regiões telegraphicas. Demais d'isto note-se que succedem quasi sempre a dias chuvosos noutes serenas, e *vice versa*. Suppondo, pois, a telegraphia nocturna estabelecida conjuntamente com a telegraphia diurna, fóra difficil decorrer o intervallo de 24 horas sem deixar alguns momentos favoraveis á passagem dos signaes.

Estas vantagens da telegraphia nocturna foram bem apreciadas. Ha 30 annos, que se tentam ensaios para a crear. Quasi todos se tem mallogrado pela difficuldade de deparar um combustivel apropriado. Era mister um combustivel, que desse luz com intensidade bastante para não perder nada do seu brilho apesar da distancia dos postos telegraphicos, distancia equivalente a 3 leguas francezas, termo medio. Era preciso que o brilho da luz permanecesse invariavel toda a noute sem necessidade ou de alimento ou de reparação; que a chamma resistisse á impetuosidade dos ventos e correntes atmosphericas, que varrem as alturas; e que, em fim, seguisse sem vacillar os ramos do telegrapho quando postos em movimento.

Apresentaram inconvenientes a maior parte dos combustiveis, que se experimentaram. D'entre elles o gaz truvejante, isto é, a combinação explosiva dos gazes hydrogenio e oxygenio, foi ensaiada na epocha em que Napoleão armava o campo de Bolonha, e preparava um desembarque em Inglaterra. As experiencias feitas na costa da Mancha deram bellissimos resultados. O volume da luz era enorme; o telegrapho brilhava no meio da obscuridade das noutes como uma estrella destacada dos céus; mas visto que o manejo d'esta mistura explosiva podia causar accidentes terriveis renunciaram ao uso d'ella.

Insoluvel nas outras partes da Europa, o problema da telegraphia nocturna está entretanto ha mais de onze annos resolvido na Russia, onde a linha telegraphica de Varsovia a Cronstadt estabelecida por M. Chatau funcciona tão bem de noute como de dia, empregando como combustivel unico o azeite, e arrostando as chuvas, a violencia dos ventos, e os movimentos mais rapidos do telegrapho. Mas a lentura nos progressos da telegraphia aerea, e a insufficiencia d'esta, juntamente com a rapidez e o bom successo dos ensaios feitos para applicar a electricidade á transmissão dos signaes, conduziram ao estabelecimento definitivo do telegrapho electrico.

Telegraphia electrica nos Estados-Unidos da America do norte.

Um viajante inglez, mr. Vatkin, publicou recentemente em Inglaterra uma obra interessante ácerca dos diversos estados da União americana; e esta obra contém a respeito da telegraphia electrica algumas informações curiosas, que vamos reproduzir.

«O telegrapho electro-magnetico, diz mr. Vatkin, tem operado uma revolução em toda a parte, mas nenhum paiz tem experimentado os seus effeitos como a America; nenhum outro possue uma linha telegraphica tão comprida, nem póde gabar-se de tanta regularidade na transmissão dos despachos. Entre nós a telegraphia tem até o presente sido antes o instrumento da *bolsa*, a escrava dos commerciantes e dos ricos, do que um agente universal empregado por todas as classes da população.

«Vi com interesse as grandes alcandoras vermelhas ou brancas, sobrepujadas por isoladores, ligadas entre si por compridas linhas de fios telegraphicos, e plantadas como arvores nas ruas principaes de Nova-York, de Boston, de Philadelphia, e de Baltimore. Através das florestas, longe de toda a plaga roteada, ao longo dos caminhos que sáem em linha recta dos bosques atravessando muitas milhas havia simples alcandoras, e um só fio pequeno lançando-se ao longe no espaço; havia fios por baixo e por cima dos rios, através das campinas, e sobre as montanhas. Especie de peão da civilisação caminha por toda a parte na dianteira da população o fio telegraphico simples, subindo ao preço de 20 a 30 libras por milha.

«Ha agora nos Estados-Unidos mais de 11:000 milhas de linha telegraphica (*ha mais de 15 mil*). Podeis transmittir um despacho de Quebec a Montreal no norte, e a Nova-Orleans no meio dia (distancia de 2:000 milhas, ou de 4:000, ida e volta) e tereis a resposta em perto de duas horas, mettendo tudo em

conta. Podeis escrever pelo telegrapho de Nova-York para Fundo-do-Lago no Wisconsim (distancia telegraphica de 1:500 milhas, ou 3:000, ida e volta) e receber a resposta dentro de uma hora. Na America servem-se do telegrapho para vender, para comprar, para encommendar uma cama nas hospedarias, para mandar vir de casa roupa lavada, e para todas as necessidades domesticas de urgencia: é como que uma varinha de condão, por cujo meio podem fallar e conversar parentes e amigos distantes, como se estiveram á janella ou á porta da rua. A bordo do barco de vapor do lago Erié, em que íamos de passagem, pedia-me uma mulher velha, mãe de um trabalhador do Wisconsim, que me informasse eu se o telegrapho ia até Fundo-do-Lago. Tinha a velha vindo só de algum logar remoto do Maine, e ía a Fundo-do-Lago juntar-se com seu filho; desejava escrever-lhe pelo telegrapho de Novo-Buffalo, na costa oriental do lago Michigan, para que viesse vel-a em Chicago. Ora, Novo-Buffalo está separado de Chicago por 60 milhas de agua, e Fundo-do-Lago está 350 milhas ao norte de Chicago. Fundo-do-Lago é um logar creado de hontem, e para o que respeita a negocios já está a poucos minutos de Nova-York, Boston, ou Philadelphia...

«O ponto de vista mais importante d'esta questão é a connexão do telegrapho com a imprensa. Ha na America perto de 2:500 jornaes diarios, semanarios, ou de outra periodicidade. A circulação total d'estes jornaes é, por um calculo medio, de um milhão de exemplares por dia. Vede agora o resultado do baixo preço do telegrapho. O barco de vapor, que vem de Inglaterra, chega a Nova-York, por exemplo, ás duas horas; e ás quatro menos um quarto são impressos e postos em circulação em Nova-York nos 30:000 numeros dos jornaes da tarde os principaes artigos de noticias. Em duas horas são as mesmas noticias transmittidas, impressas, e vão circulando por todas as partes da União onde ha um telegrapho, e um jornal quotidiano... As communicações telegraphicas não são excedidas senão pela diffusão da luz, e como n'este bello phenomeno da natureza a rapidez do progresso conduz á universalidade, toda a confederação americana, onde quer que cheguemos, é d'esta sorte, e ao mesmo tempo, impressionada dos mesmos factos, deplora as mesmas desgraças, regosija-se dos mesmos successos, e discute no mesmo dia as mesmas novas politicas.»

A telegraphia nos Estados-Unidos presta-se de dia para dia a novas applicações. Os commerciantes e fabricantes da confederação recorrem muito a este meio de correspondencia. Diz o *Builder*, jornal inglez especial, que ha em Nova-York um fabricante, que do seu escriptorio situado em um bairro da cidade se corresponde por meio de um apparelho electrico com as suas officinas situadas n'outro. Os proprietarios das casas, ao longo das quaes passa o fio electrico, consentiram sem difficuldade n'esta servidão.

Os pontos mais afastados, que ata o telegrapho, são Quebec e Nova-Orleans, que distam um do outro 4:800 kilometros. Quando as linhas, que vão unir a California com o Atlantico, e Terra-Nova com o continente americano, forem completadas, S. Francisco ficará em communicação com S. João, que separam da Irlanda 5 dias de travessa sómente. Calcula, pois, o *Builder*, que se poderão transmittir noticias do oceano Pacifico á Europa, e *vice versa*, em perto de seis dias.

O. M.

(Continua.)

A REVISTA NOCTURNA.

(IMITAÇÃO DE ZEDLITZ.)

A meia noute, quando todos dormem,
E ladra á lua o solitario cão,
Ouvem-se rufos: um tambor estranho
Accorda os mortos que enterrados são!

Das negras campas apressadas surgem
Hostes guerreiras, que tiveram fim:
A caixa rufa repetidos rufos,
Retumba ao longe o marcial clarim.

Da Italia bella nos fecundos campos,
Da Russia fria no terreno atroz,
No Egypto ardente, na briosa Hespanha
Repetem echos do instrumento a voz!

Os bravos formam as tremendas filas,
Que ao peito incutem natural pavor:
Não correm, voam, os corseis fogosos,
Que a espora incita ao desmedido ardor.

Os alvos craneos ao luar reluzem;
Tremem pennachos que formosos são;
As armas tinem; os cavallos rincham,
Mastigam freios, escarvando o chão.

Entre mil vivas, o pasmoso chefe
Eis que da campa resurgindo vem:
Não traz divisas no casaco branco,
Move impassivel o corsel que tem.

Seguem-no ao lado os marechaes valentes,
Que a morte arrostram, que não tem temor:
Ney destemido na refrega intensa,
Murat fervendo em marcial ardor.

Erguem soldados as luzentes armas:
Beijando a terra o pavilhão está,
E o chefe exclama: «A denodada França
Eterna gloria nas nações terá!»

É a revista que o moderno Cesar
Passa aos guerreiros que enterrados são:
A meia noute, quando todos dormem,
E ladra á lua o solitario cão!

Pernambuco — 1855.

A. MARQUES RODRIGUES.

ILLUSTRAÇÃO
LUSO-BRAZILEIRA.

Sob este titulo vae o editor d'este semanario publicar com a brevidade possivel um periodico, em grande formato, segundo o systema das *Illustrações* franceza e ingleza, guardadas as devidas proporções.

No seguinte numero daremos o prospecto circumstanciado da *Illustração Luso-Brazileira*, pedindo, desde já, para uma empreza de tanto alcance, e até de honra nacional, a protecção de todos os que prezam as nossas cousas.

VISTA DE ISCHELL—PALACIO PALACHINI.

O archiducado de Austria compõe-se de dous governos distinctos: um comprehende o territorio a leste do Enns, é a Baixa Austria; o outro, o territorio a oeste do mesmo rio, é a Alta Austria. Este ultimo governo abrange a maior parte do antigo arcebispado de Saltzburgo, e por conseguinte a região pittoresca conhecida sob o nome de Saltzkamergut.

Esta região é um dedalo de pequenas cordilheiras de montanhas povoadas de pinhaes, emmoldurando amenos e ridentes valles, formosos lagos, e preciosas fontes de aguas thermaes.

Perto d'uma d'essas fontes ergue-se donosamente a pequena cidade de Ischell, celebre pelas conferencias diplomaticas que ali tem tido logar.

Ischell é situada ao fundo de uma especie de bahia. Nas collinas circumvisinhas levantaram-se novas casas, e elegantes edificios, uns particulares, outros destinados aos estrangeiros, ornam todo o valle. Póde citar-se com um dos mais vastos e apparatosos o palacio Palachini, que occupa o segundo plano da gravura.

Os contornos de Ischell merecem ser visitados. Com rasão o Saltzkamergut é considerado como o Oberland da Allemanha. Os lagos de Fraukirchen, de Wolfgangersee, de Kunklersee, de Vordaer-Gosace, de Sec-Aus e de Imgebung dão áquelle abençoado torrão uma frescura agreste que encanta, e como asserena o espirito. Não se espere, porém, aqui um referver de aguas em cachão como na Suissa: com excepção das catadupas de Fraunfall perto de Gmunden, de Saltyberg e de Chorins perto de Ischell, de Waltibach em Halstadt, as fontes não apresentam nenhum movimento sensivel; parece burbulharem do seio fecundo da terra, reflectindo em suas aguas espelhadas as collinas coroadas de pinheiros e de carvalhos. Não se encontram no Saltzkamergut, nem os graciosos *chalets*, nem os costumes pittorescos do Oberland; tudo ahi tem uma physionomia menos nova, uma côr mais igual, mas um pouco desbotada. Ali, o poema heroico e a egloga; aqui o idyllio gracioso, mas um pouco monotono.

A saida de Ischell costeia-se o Germunden, rio de que se não podem vencer as repentinas differenças de nivel senão por meio de planos inclinados, sobre os quaes os barcos são arrastados como nas cachoeiras do novo mundo. Descem assim carregados de madeira ou de sal.

A população das cercanias do Germunden reside em casas bem reparadas, annunciando, no seu trajar e no seu porte, uma honesta abastança.

N'uma cousa se parece, porém, Ischell com uma grande parte do nosso Portugal, isto é, no que ali chamam estradas; mas que o não são tal, porque não póde dar-se similhante nome a carreiros mal gradados com declividades incriveis; de sorte que para as subidas é mister reforçar as parelhas dos cavallos com juntas de vigorosos bois, e nas descidas *entravar* as rodas dos carros.

VIAGENS NO MINHO

(FRAGMENTO.)

A FALPERRA.

«A Falperra! a Falperra!» Scismava eu, porque divisavamos umas alturas por entre os ulmeiros do campo de S. João encaminhando-nos para a ponte do Déste, ao saír de Braga caminho de Guimarães. As encostas que se íam elevando em frente de nós eram para mim um d'esses sitios dos quaes o viajante não se aproxima sem que lhe bata mais rapido o coração; porque as narrativas de vagas tradições, ou de factos positivos, ligados á idéa d'esses logares, nos deixaram no espirito vestigios profundos e duradouros. A Falperra é, como as gargantas penhascosas do Alfaval, ao descer pelas quebradas orientaes da serra d'Ossa para as margens pittorescas do Odgebe, ou como os antigos pinhaes da Azambuja, de que só restam memorias, um logar de romagem para os pios crentes das lendas de salteadores.

Acercando-me da Falperra da realidade, a minha Falperra ideal alevantava-se-me no espirito como gigante disforme; como um Nemrod de granito, caçador infatigavel de viandantes, rociando de continuo os duros membros com o sangue das victimas, acalentando-se com os gemidos dos moribundos, amando ouvir nos recéssos das suas cavernas o tinir do ouro e os debates vehementos sobre o repartir das prezas. Era uma Falperra sombria, carrancuda, grandiosa a que eu possuia, e que dentro de pouco ía afferir pela real. E por isso scismava ao transpor a ponte do Déste, e o coração me pulava com desusada energia.

Leitor, possam os dias da tua vida estar assignalados no livro do destino com tinta menos negra do que os meus! Possa a tua sina não ser como a minha, a dos grandes desapontamentos! A breve distancia das margens do Déste os pés dos nossos cavallos começaram a galgar as primeiras ondulações do terreno. Os raios do sol nascente, resvalando pelos cimos dos outeiros, íam desenhando em relevo os accidentes do solo, as sinuosidades das encostas, até ahi indecisas no crepusculo matutino, com o duro contraste das massas de luz e de sombras. A estrada que seguiamos, pulverulenta e malgradada, trepava em voltas pelo chão ladeirento, deixando á direita um d'esses valles pittorescos e amenos, que o Entre-Douro-e-Minho atira aos pés dos viajantes com a desperdiçada profusão de morgado opulento. Ao cabo d'essa curta subida um dos nossos companheiros paron apontando para uma leve depressão do terreno para onde a estrada vergava colleando depois por uma ladeira não muito ingreme. Esta depressão, que se prolongava, gradualmente mais profunda, até o valle, era a primeira estação da via-sacra de terrores tradicionaes que tinhamos de percorrer. Debalde, porém, quiz possuir-me do sentimento que a tradição exigia de mim. Era preciso esforço sobrehumano para ter medo d'aquelle valle pacifico e ridenta onde por entre o arvoredo se viam aqui e acolá alvejar os casebres dos pobres e honestos cultivadores, ao passo que o ruido confuso da população de Braga, até ahi silenciosa, vinha já murmurejar bem distincta em nossos ouvidos d'envolta com a toada dos sinos, que na santimonial metropole estrepitam de sol a sol. Repugnava-me acreditar as scenas de expoliação e ate de sangue passadas n'aquelle logar e que com imperturbavel seriedade nos referia o nosso companheiro. Não comprehendia como os crimes das solidões e só das solidões podiam vir aninhar-se á beira das cidades. As idéas baralhavam-se-me. E comtudo, cumpria ceder á evidencia. Não houve uma só voz que deixasse de confirmar a veracidade do narrador.

«Mas é singular! — dizia eu — O brado de afflicção das victimas creio que soaria até debaixo das abobadas da velha cathedral. Como se tolerava isto? Que faziam os habitantes de Braga?»

Levantando os olhos ao céu com um meneio sublime de compuncção, o nosso companheiro, braguez e clerigo, respondeu mellifluamente: «Rezavam!»

A resposta era peremptoria. Calei-me, e continuamos a subir por um chão calvo, coberto de detritos da schistos. Pelas encostas até a cumiada dos montes que íamos costeando só se descortinavam leves ondulações, e a côr pardacenta e uniforme do solo dava a essas eminencias, sem uma fraga, sem uma aresta, sem um precipicio toleravel, o aspecto da mais sublime trivialidade. Debalde alongava os olhos pela senda tortuosa onde os pés dos homens e as torrentes do inverno tinham produzido em miniatura todos os accidentes e anfractuosidades, que á natureza esquecêra gravar na modesta cordilheira de cabeços que deixavamos á esquerda. Nada mais via do que a refracção dos raios ardentes do sol batendo no chão esbranquiçado, e os rolos de pó que se alevantavam debaixo dos pés dos cavallos. A pouco e pouco o trilho de cabras que seguiamos, e cuja alcunha d'estrada altamente calumniosa nós acceitáramos sem discussão, começou a serpear para o viso dos outeiros. Considerava aquellas collinas schistosas como os contra-fortes da montanha, e esperava poder em breve saudar da assomada as aflorações graniticas, as agulhas dos cerros, as matas de carvalhos e medronheiros curvadas sobre as portellas ao cabo das valleiras sombrias. Revocava involuntariamente ao espirito a imagem das descidas solemnemente melancolicas do Trivim para a Lousã, e concentrava-me para aspirar de novo os attrahentes terrores com que havia um anno me embriagára esse immenso arcobotante das serranias da Estrella. Enlevado n'aquella imagem nem a calma crescente nem a poeira ennovellada que nos suffocava me impedia de apertar o passo ao cavallo para quanto antes chegar ao viso da eminencia. E cheguei. Se os novelleiros e dramaturgos não houvessem feito um consumo horroroso de maldicções teria n'aquelle momento exclamado: maldicção! Conteve-me o pudor masculino, o pudor que nos ensina a evitar o ridiculo. Além do viso descobria-se um vasto horisonte. Aos pés ficavam-me as vertentes orientaes da cordilheira, um pouco mais anfractuosas do que as que subíramos. Lá em baixo via-se um valle coberto de milharaes e retalhado pelos renques de castanheiros e choupos enredados de videiras. Iamos descer da Falperra. Não havia outra. Cumpria resignar-me. Em vão quizera luctar com a verdade inexoravel dos factos. Ai! Ao descer os recostos das collinas a alma dera-me em terra. O meu ideal, o meu sonho tinha inteiramente passado!

A Falperra é um solecismo de artigo de fundo e uma mentira de orçamento; é a negação do *constet sibi* de Horacio: é Othelo de barrete branco junto á chaminé da *Vitella de Ouro* na rua de S. João em Braga: é Frederico o grande a puxar o boi bento na procissão de Corpus de S. Victouro: é um boletim de Nicolau, o papa-tsar; é o governo representativo com a centralisação administrativa: é tudo quanto ha mais falso, mais absurdo, mais estupida-

mente impossivel. Quando se tem o tremendo nome de Falperra tem-se deveres graves que cumprir. Que és tu, Falperra da realidade, com os teus outeirinhos mal distinctos como a effigie de moeda safada, com o teu manto de schistos quebrados, com a tua abstenção absoluta de agulhas graniticas, de fojos escuros, de precipicios aprumados, de matos sombrios, de algares tortuosos; que és tu, senão a prolação atravez dos seculos do monte de cacos velhos que se accumula á porta de uma olaria?

No meio do desalento misturado de indignação que em mim gerára o transpor aquellas alturas, veiu consolar-me um sentimento de vingança satisfeita. Dormem alguns soldados n'um corpo de guarda no cimo da supposta serra e á beira da estrada, em quanto duas patrulhas passeiam lentamente nos dous pendores oppostos. A Falperra das tradições, dos terrores dantescos não existe, e essa indecente Falperra, acervo de cousas ineptas como a actual lei dos foraes, equipararam-na á pacifica e humilde rua de povoado; dobraram-lhe a cerviz sob os pés de poucos soldados. E foi justiça; justiça plena. Oh montanhas da Beira, oh serranias do alto Vouga e do alto Mondego, se a tanto se atrevem, que vão plantar as tendas de guerra no topo das vossas fragas; que patrulhem por cima dos vossos pincaros e á borda dos vossas valleiras; que façam de vós, se podem, a prosa chata e villã das ruas de qualquer cidade!

O que é certo é que, passado o primeiro impeto de despeito por ter achado em logar da Falperra a sua caricatura, o espirito vae-se involuntariamente embrenhando em cogitações severas e tristes. N'esta cousa inqualificavel, que se dizia accumulada ás portas de Braga por uma legião de escaravelhos paleontologicos, roubava-se e assassinava-se ha poucos annos. É um facto historico que a tradição conserva, e de que ainda porventura existem sobradas testemunhas e victimas. Mas o que póde isso provar a favor da supposta montanha? Nada, absolutamente nada. O que prova é a decadencia nacional; prova que vem de longe as corrupções d'este seculo, e que até o salteador estava já de ha muito desmoralisado. Corromperam uma classe nobre e poetica, os infanções modernos, os Goesto-Anzures da futura aristocracia encostando-os aos bofetes administrativos, encaixilhando-os na casinha fiscal, aninhando-os nos antros judiciaes. Depois, quando os regios desagrados do absolutismo, ou as revoluções liberaes e o patriotismo esfaimado dos partidos victoriosos os submetteram de novo aos influxos do seu primitivo destino, elles levaram para a vida anti-social e poetica os vicios tacanhos da sociedade e da prosa. Envileceram-se, desnaturaram-se. É a unica explicação sensata da existencia de salteadores na Falperra. Quem te diria, illustre Schiller, que no momento em que no teu immortal *Die Rauber* revelavas ao mundo attonito o sublime, o ideal, o quasi divino do viver mysterioso do salteador, havia homens, que, semelhantes ás mulheres de Babylonia, se prostituiam desvalijando passageiros sobre esta serra de presepe sem se envergonharem de ouvir ao longe, trazido nas lufadas do vento, o ruido importuno dos cem sinos discordes de Braga, e em vez do rebombo da procella accumulada sobre as agulhas dos cerros, o estrepito do *Zé-Pereira*, pio invento da santinonia bracharense para afugentar da Jerusalem minhota os pedreiros-livres e o diabo? Quem te diria, oh Schiller, que no teu proprio tempo se passavam taes cousas n'um ponto do globo, que, ao menos geographicamente, pertence á civilisação e á Europa?

Se não se explicar pela decadencia e desmoralisação do paiz esta grande indecencia montanistica, a historia da Falperra ficará sendo uma oração sem verbo, um syllogismo sem maior, um homem d'estado com probidade politica, um *oidium Tuckeri*, uma camara de deputados com senso-commum, um d'aquelles phenomenos, em summa, que, ultrapassando a nossa comprehensão, desmentem a mais elevada sciencia, e diante dos quaes o entendimento humano se humilha no seu nada, murmurando *só Deus é grande!* E as paginas d'essa historia falperrina escreveram-se á vista do Bom Jesus do Monte, do Golgotha das artes plasticas, onde se alevantam as tres cruzes da architectura, da esculptura e da pintura: sitio rodeado do terror que geram atrozes e dilatados supplicios, onde, no seio de uma natureza ridente, no meio das bellas e puras obras da creação, a mão impia do homem escreve ha cem annos na pedra, no pau, no barro e na tela insolitas blasphemias contra a poesia das artes, que, como a poesia da palavra, é santa porque vem do Senhor; onde o Christo, arrastado de novo ao Calvario, se acha convertido em actor de uma nunca vista dansa macabra de mau gosto e de ignorancia. Foi, sim, a par d'essa Gethsemani de todo o artista, de todo o poeta que ali sobe, e cujo coração verte sangue ante o espectaculo de tantos sacrilegios, que a Falperra teve a pretensão estulta e caricata de ser a Selva-Negra, a Calabria, ou a Serra-Morena da nossa terra?

non ut placidis coeant immitia, non ut
Serpentes avibus geminentur.

Nunca na minha vida senti tentação tão forte de commetter uma illegalidade e uma violencia. Por tres vezes esteve a sair-me da bôca uma ordem ao arrieiro para me metter na mala a Falperra. Levala-ía comigo para Lisboa, e receberia cada vez que para ella volvesse os olhos uma lição salutar contra os impetos da vaidade. Dir-me-ía a cada momento a Falperra o que são e o que valem as reputações em Portugal.

. . . . . .

Guimarães, 11 de agosto de 1854.

A. Herculano.

TELEGRAPHOS.

TELEGRAPHIA ELECTRICA NA INGLATERRA.

A maior parte das linhas, que funccionam hoje nos caminhos de ferro inglezes, foram creadas por mr. Wheatstone. Tendo este celebre physico descoberto que a promptidão do relampago é tal que elle póde n'um segundo fazer outo vezes o giro do globo, as suas bellas experiencias suggeriram-lhe a idéa de applicar o principio da electricidade ás communicações telegraphicas.

O telegrapho de agulhas, hoje substituido em Inglaterra ao de quadrante, consta de duas agulhas ambas fixadas no centro de um circulo. São postas em movimento por duas manivellas, que empunha o operador. Por um processo, que seria longo descrever, o movimento communicado as manivellas, estabelece ou interrompe a corrente electrica, e d'este modo póde a agulha tomar sobre a circumferencia do circulo as posições, que se desejarem. Estas duas agulhas e os seus quadrantes estão fixados na cortina anterior d'uma especie de boceta grande, que aos olhos dá parecenças de um tumulo antigo, e são movidas

mediante a corrente electrica pelas duas manivellas. Ha outra manivella, que faz tocar uma campainha, a qual serve a excitar a attenção do empregado. Certas posições, que se fazem tomar ás duas agulhas, são outros tantos signaes, cada um dos quaes designa uma letra, e assim se fórma o alphabeto do telegrapho.

Estas agulhas são movidas por rapazes de 15 ou 16 annos com uma rapidez, que custa a seguir com a vista; e durante o seu trabalho os rapazes conversam, riem, occupam-se de quanto se passa em roda d'elles, sem nunca se enganarem na execução dos signaes do vocabulario, chegando mesmo, durante a expedição de um recado ou correspondencia, a soltarem *á partes* telegraphicos, e a acompanharem o despacho, que estão transcrevendo, com gracejos dirigidos aos seus camaradas do outro telegrapho, com que se estão correspondendo, e dos quaes os separam dezenas de leguas.

É uma cousa curiosa observar o conhecimento, que, pelo habito d'esta communicação mental, vem a travar os jovens empregados do telegrapho com os seus correspondentes das outras estações. Tão bem estabelecida está entre elles esta especie de intimidade, que aos primeiros movimentos das agulhas sabem reconhecer qual dos seus camaradas invisiveis se dispõe a escrever-lhes. Não é raro ouvir a um dos empregados da estação de Londres, quando nota os movimentos do seu apparelho, que começa a ser impellido pelo telegrapho de Manchester, esta exclamação: «Ah! lá volta Jorge!» Jorge é o nome de um empregado na estação de Manchester.

Ás vezes outro empregado do telegrapho de Londres, vendo as primeiras oscillações das suas agulhas movidas pelo fluido electrico da estação de Liverpool, toma o seu logar com um ar de contrariedade e de mau humor, dizendo: «Vamos... é outra vez aquelle bruto de João, que lá está em baixo!» João é o nome de um empregado na estação de Liverpool. Estabelecem-se assim estes sentimentos de antipathia entre empregados de differentes estações distribuidas na mesma linha, e o azedume chega entre elles a ponto de obrigarem a administração telegraphica a separal-os. Aconteceu isto recentemente na linha de Londres a Birmingham, onde dous rapazes estavam continuamente occupados a altercar e a trocar injurias pelo telegrapho.

A administração ingleza poz desde os primeiros annos o telegrapho electrico á disposição do publico. A *companhia do telegrapho electrico*, que em Inglaterra tem o monopolio de todas as communicações telegraphicas, está encarregada da execução d'este serviço. As correspondencias do governo effectuam-se, como as do publico, por meio do escriptorio central da companhia, e é só por deferencia que o governo obtem a prioridade para a transmissão dos seus despachos.

O *telegrapho electrico central* de Londres está situado na rua Lothbury em frente do muro exterior do Banco. Quem entra no estabelecimento, topa logo com a grande sala geral allumiada pela parte superior, e contendo tres gallerias sobrepostas. No meio da sala reina uma meza comprida dividida, por cortinas verdes, em seis repartimentos ou estantes para escrever. E ali que o publico é admittido a escrever as communicações destinadas para ser expedidas pelo telegrapho. Os recados ou mensagens devem ser inscriptos n'uma folha de papel de cartão, de que quasi metade está já cheia por um formulario impresso, com espaços em branco para receber o nome e morada da pessoa que escreve, d'aquella a quem se dirige a communicação, o preço do recado e da resposta, a data e hora da recepção do despacho, e em fim a data e hora, em que começou, e terminou a transmissão.

Á medida que se vão escrevendo, passam as mensagens, uma após outra, por um postigo de vidraças a um quarto pequeno chamado *escriptorio de registo*. No escriptorio de registo toma-se nota das mensagens, marcam-se com um numero de ordem, e o empregado, que acabou de registal-as mette-as n'uma pequena caixa, e puxa o cordão de uma campainha. No mesmo instante passa a caixa rapidamente por uma especie de chaminé de pau, e transporta o seu conteudo á *sala dos instrumentos* na parte superior do edificio.

A *sala dos instrumentos* é uma camara bastante grande, onde se acham dispostos outo apparelhos telegraphicos destinados a transmittir as mensagens a differentes direcções. Cada um d'estes apparelhos tem os nomes de 6 ou 8 estações, com as quaes se corresponde, e basta um só empregado para o serviço de tres apparelhos.

Quando são chegadas ao andar dos instrumentos as differentes mensagens, collocam-nas sobre o apparelho, que deve expedil-as, e o rapaz encarregado d'este trabalho mette logo mãos á obra. Começa, fazendo tocar, mediante a corrente electrica, uma campainha pequena, a qual serve de despertador simultaneo a todas as estações da linha. Mas com quanto attrábia assim a attenção dos agentes postados em cada uma das estações, o soido das campainhas cessa em todos os pontos quasi immediatamente, excepto na estação, para cujo nome o rapaz dirige a agulha indicadora. A este signal o agente d'essa estação fica sabendo, que a mensagem, proxima a chegar, só a elle é dirigida, e, mediante um signal correspondente, participa á estação de Londres, que está no seu posto, prestes a receber a communicação annunciada. O rapaz da estação de Londres empunha então com ambas as mãos as manivellas, que fazem mover as agulhas, e põe-se a transcrever o despacho, fazendo manobrar rapidamente por maneiras diversas esta empunhadura, que imprime ás suas agulhas e ás do seu correspondente movimentos sacudidos, designando tal ou tal letra do alphabeto electrico. Recebida a mensagem na estação, onde d'esta fórma é enviada, copiam-na, e immediatamente a leva ao seu destino um carteiro, aggregado ao estabelecimento.

Os despachos expedidos das differentes estações do reino, e dirigidos a Londres, são recebidos na mesma *sala dos instrumentos*, d'onde acabâmos de ver partir uma mensagem. A manobra para a recepção é tão simples como a da remessa. Estão dous empregados diante do apparelho, que transmitte o despacho. Um d'elles lê as palavras á medida que se apresentam, e dicta-as ao seu companheiro. O acto de as dictar é tão rapido, que a penna tem difficuldade em seguil-o. Quando não foi bem comprehendida uma palavra, o empregado informa d'isto o seu correspondente por meio de um signal particular, e o correspondente torna a começar. Terminado o despacho, o que o recebeu relê o manuscripto, para certificar-se de se não haver commettido erro. Notam-se a hora e o minuto da recepção; assigna-se a cópia, e desce ao escriptorio de registo, onde é transcripta, e por fim enviada ao seu destino por um carteiro.

Independente da transmissão das mensagens particulares, a *companhia do telegrapho electrico* tem estabelecido, no centro das principaes villas e cida-

des do reino, escriptorios onde se podem receber, e d'onde se podem expedir para todas as outras estações informações e communicações de differente natureza. Ha em cada uma d'essas estações uma sala para os assignantes, onde se affixam sobre quadros, á proporção que vão chegando, todas as informações de interesse publico ou commercial, como o curso da praça do commercio, os preços dos differentes mercados, o preço corrente das mercadorias nos principaes centros fabrís, o estado do mar e da atmosphera, colhido ás 9 da manhã nos diversos postos, a chegada e partida dos navios, os sinistros maritimos, as noticias dos divertimentos e do parlamento, as noticias geraes etc. As communicações d'esta natureza são confiadas, no estabelecimento central de Londres, a uma repartição especial denominada *repartição das noticias*, distincta da *repartição das mensagens particulares*, e que toma por tarefa exclusiva fornecer noticias aos gabinetes de assignatura ou leitura de Edimburgo, Glasgow, Liverpool, Leeds, Manchester, Hull, Newcastle etc. As sete horas da manhã são levados todos os jornaes de Londres ao chefe d'esta repartição, que extrahe d'elles, para serem transmittidas em resumo ás differentes estações. Os jornaes d'estes differentes sitios esperam para se metterem na prensa a chegada dos despachos electricos, e é assim que o negociante de Manchester recebe, ás 8 da manhã, noticias, que o caminho de ferro lhe não traria senão ás 2 menos um quarto, e que não chegariam a Edimburgo, por esta mesma via, senão ás 9 e meia da tarde. A maior parte dos jornaes da provincia assignam no telegrapho de Londres para receberem instantaneamente as noticias do dia. Resulta-lhes d'ahi um avanço notavel aos da capital.

Continúa. O. M.

Casa em que nasceu Burger

BURGER.

Gottfried Augusto Burger, poeta allemão, auctor de balladas celebres, nasceu a 1 de janeiro de 1748, em Wolmerswende (Prussia). Nos primeiros annos nenhuma disposição mostrava para o estudo; o latim esse detestava-o. Mas assim que se tratava de poesia inflammava-se-lhe a imaginação. Os seus biographos contam que fôra expulso da escola de Aschersleben por ter composto um epigramma contra um dos seus condiscipulos.

A mocidade gastou-a em devassidões de toda a sorte; mas depois emendou-se, e travou relações com alguns litteratos de merecimento, por influencia dos quaes obteve um emprego de conselheiro de justiça em Altengleichen (Saxe). Foi n'esta povoação que compoz em 1773 a sua melhor obra, *Lenora*.

Burger tres vezes foi casado. Havia alguns annos que estava viuvo da sua primeira mulher, que havia celebrado em seus versos sob o nome poetico de *Molly*; eis que, uma bella manhã, lhe vão levar ao seu gabinete de trabalho uma carta. Abre-a Burger: era uma epistola em verso, e assignada por uma senhora distincta, Elisa Hahn, que, enthusiasmada das poesias de Burger, lhe offerecia, sem o conhecer, a mão e o coração. A aventura era um pouco romanesca. O auctor de *Lenora* respondeu que faria uma loucura em casar com poeta, cuja fortuna consistia apenas em muitas... dividas. Mas a donzella insistiu, e Burger cedeu e casou; passado um anno teve de divorciar-se!

As obras de Burger formam 8 volumes. Não se cuide, comtudo, que todas as composições de Burger são escriptas sob a inspiração lugubre de *Lenora* e do *Caçador feroz*; pois muitas das poesias d'este distincto vate allemão estão cheias de risonhas imagens, e respiram a mais franca alegria.

APONTAMENTOS ESTATISTICOS.

(LISBOA—SECULO XVI).

III.

D'uma resenha dos logares do reino, que deputavam procuradores a côrtes, archivada na Torre do Tombo, e impressa com as Memorias do sr. visconde de Santarem, vê-se que Lisboa contava:

No anno de 1535

Visinhos na villa.	13:010
» no termo.	4:024
Total. . .	17:034

Outo annos antes havia D. João III ordenado ao escrivão da sua camara, que tirasse uma relação exacta do povo de Lisboa. Henrique da Motta, cumprindo o que el-rei lhe ordenára, achou:

Fogos na cidade e arrabaldes.	14:014
» no termo.	4:034
Total. . .	18:048

Resulta dos dous numeramentos uma differença, para menos, de 1:004 fogos na cidade e arrabaldes, ou 125 ½ em cada anno.

Não era só Henrique da Motta, de quem D. João III se servia para exigir e modelar investigações numericas sobre a população. Tambem teve junto a si, como seu capellão-mór, um homem aos cuidados do qual deveu o arcebispado de Lisboa não só o censual ou cadastro de todos os foros, rendas e propriedades pertencentes á meza archiepiscopal, trabalho que as chammas consumiram no fatalissimo dia 1.º de novembro de 1755, mas tambem um *Summario* d'algumas cousas ecclesiasticas e seculares do arcebispado, que é um livro precioso pela sua raridade quasi absoluta, e pelos esclarecimentos, que póde subministrar aos curiosos d'antigualhas estatisticas.

Da segunda edição d'este summario é que o padre João Baptista de Castro extrahiu os seguintes numeros, relativos ao

Anno de 1551

Visinhos	18:000
Almas.	100:000
Escravos	9:950

Como se acham expressas no *Mappa de Portugal* as duas ultimas quantidades parecem distinctas e addicionaveis entre si; mas Christovão Rodrigues d'Oliveira, que foi quem, por ordem do arcebispo D. Fernando, compoz o summario, declara explicitamente, que n'estes 18:000 visinhos ha 100:000 almas, *entrando n'isso 9:950 escravos.*

Christovão Rodrigues pedira a todos os priores e curas da cidade que, *ao fazer dos roles* dos seus freguezes apurassem *o certo do numero das casas e moradores d'ella e dos officios assi de homes como molheres.*»

O recenseamento, portanto, poderá aproximar-se da verdade em quanto ao numero das familias catholicas domiciliadas em Lisboa; mas, a meu ver, está longe de ser exacto no que respeita ao numero de habitantes. (1) Christovão Rodrigues não computou n'este recenseamento a côrte, nem como elle mesmo diz, *muyta outra gente de fóra.* Sem esta omissão na cifra total o numero de visinhos de Lisboa em 1551 fôra menos acreditavel. Cumpre, porém, não confundir alguma inexactidão do auctor do *Summario* com as absurdas exagerações de outros que escreveram depois d'elle. Pela maior parte, orçaram ou esmaram (1) tão superficialmente o numero das habitações e o dos habitantes, que bem se vê que sabiam melhor amontoar hyperboles do que colligir e apreciar factos. O patriotismo, algumas vezes até insensato, era um como telescopio que avolumava as cousas de um modo prodigioso. E não creio que não tenha isto uma explicação plausivel.

Nunca as tendencias ao maravilhoso, nem as opiniões falsas generalisadas n'um povo, deixaram de actuar em grande numero de gerações, agrilhoando aos preconceitos do vulgo até as intelligencias predestinadas para grandes iniciativas e revoluções litterarias e sociaes. Chateaubriand crêra que Roma teve uma população de 3 milhões de habitantes. Montesquieu (2) acreditou nas affirmações de historiadores, que suppuzeram aquella cidade, só por si, maior que um grande reino da Europa moderna.

Que muito é, pois, que em epochas tão atrazadas, os nossos eruditos pensassem, uns que o numero do povo de Lisboa não cabia na *arismetica*, outros (e a estes pertenceu Duarte Nunes de Leão) que Lisboa *per si só com seu termo era um grande reino?!*

Camões, com ser poeta, e ter o privilegio—*quidlibet audendi*—de Horacio, foi menos exagerado que os prosadores.

«E tu, nobre Lisboa, que no Mundo
«Facilmente das outras és princeza»

disse o immortal auctor dos Lusiadas.

Não pretendo, todavia, inculcar que Lisboa, emporio do commercio da Asia, não fosse no seculo XVI uma cidade muito importante, e muito populosa relativamente. Principiára a ser capital do reino desde Affonso III. Para D. João I fôra esta cidade a predilecta. Depois, a heroica intrepidez dos navegadores portuguezes constituiu-a rainha do Oceano como Veneza o havia sido do Adriatico.

Entretanto, vejâmos o numero indicativo das ruas, habitações, e população de Lisboa, por parochias; e n'outro apontamento veremos, se é possivel rectifical-o.

Ao leitor peço uma cousa, e é, que se revista de coragem para lêr o Panorama, ou de resignação evangelica para não o atirar pela janella fóra, quando chegar aos meus pobres apontamentos. Se não sei descrever-lhe Tyro, Carthago ou Veneza, adormecendo envoltas nos seus mantos de rainhas para accordarem despojadas da opulencia e grandeza, que o mundo inteiro lhes invejou; se a minha penna não póde ir através da longa serie dos seculos revolver, com a audaz perseverança de um Volney, nas ruinas dos imperios e cidades, de que a historia nos conta maravilhas; se não tenho o dom de adivinhar e predizer os destinos gloriosos que a Providencia e a civi-

(1) O sr. D. Pascual Madoz (Dic. Geogr. t. X pag. 585) diz que n'aquelles tempos tomava-se, e ainda hoje se toma, nos livros parochiaes, melhor do que nos registos civis, a nota dos moradores, principalmente dos obrigados ao preceito da Igreja. Se é esta a regra, eu tenho achado numerosas excepções, algumas, até, nos proprios numeros estatisticos do sr. Madoz

(1) Até o meado do seculo XVII, uns davam a Lisboa 30 mil visinhos, outros *vinte mil casas* com povo *infinito*, outros 50 mil fogos, e alguns 500 mil pessoas. Depois d'aquelle periodo, a exageração subiu de ponto. Houve quem attribuisse a Lisboa 800 mil pessoas!!

(2) Uma das suas *Lettres Persanes* (a CXII) é uma jeremiada, ou antes uma prophecia, que por felicidade as progressões de Malthus fazem menos consternadora. A terra, em 1718, continha apenas um decimo da gente, que outr'ora a povoara. Esta despovoação augmentava de dia para dia; de modo que, se continuasse assim, em 10 seculos o orbe terraqueo estaria deserto totalmente!

lisação d'este século reservam á cidade de Lisboa; se não posso prender a attenção do leitor pelo colorido poetico das narrações, pelas saudades e tristezas que reçumbram do obituario immenso dos povos, e pelas esperanças, pelos sonhos generosos de progresso e felicidade social, de que nem todos ainda descrêem; posso pelo menos suggerir um genero de penitencia, que Deus deve levar em desconto de grandes peccados; porque atravessar, sem iras nem desesperos, o longo e asperrimo deserto das cifras estatisticas, parece um meio infallivel de ganhar o céu.

(Continúa.)

João Maria Nogueira.

COROAÇÃO DOS REIS DE PORTUGAL.

II.

As noticias que nos offerecem as chronicas ácerca dos mais antigos soberanos portuguezes são tão incertas e escaças que não admira omittirem-se episodios e incidentes de ostentação, quando esqueceram, ou se confundiram feitos de importancia, e negocios de grande volto.

Felizmente acha-se preenchida hoje até Affonso III a falta, que todos deploravam; e a historia dos primeiros seculos da monarchia, deduzida dos documentos, e allumiada pela severa critica da moderna escola, honra o nome de Alexandre Herculano, como na Allemanha e França trabalhos similhantes illustram a reputação dos Raumers, dos Guizots, e dos Thierrys.

Mas curiosidades, como esta, que nos occupa, e outras da mesma especie, apenas cabem nas relações de singelos narradores, ou nas memorias depositadas nos archivos.

O que importa ao livro historico são os factos, a sua ligação, e as suas consequencias; é o aspecto social e politico; são, emfim, os costumes e usanças, que pintam a existencia e avivam a physionomia das epochas. O resto merece apenas menção rapida em uma nota fugitiva; ou de proposito se põe de lado para não invadir o espaço reservado a estudos graves.

Até el-rei D. Duarte não se descobre nos livros dos chronistas, ou em narrações avulsas apontamento da fórma usada nos autos reaes da coroação, e a resumida descripção, que nos offerece a *Monarchia Lusitana*, querendo figurar a pompa do levantamento de Sancho I, se alguma cousa prova a nosso vêr, como já observamos, é que não só não era conhecida a verdade, mas que nem mesmo se formava idéa d'ella!

Fernão Lopes, o prosador-poeta, que tão animada e portugueza pintura nos faz dos reinados de Pedro I, D. Fernando, e D. João I, encerra em dous traços sómente o seu dramatico e bello quadro da eleição do mestre d'Aviz nas côrtes, tocando de leve as festas da acclamação.

De D. Duarte em diante é que principiam a encontrar-se mais largas e miudas informações, e que se torna comparativamente mais facil ir notando as alterações do ceremonial, á medida que os periodos historicos se completam, e que o pensamento politico se caracterisa. Até lá são tudo duvidas, ou conjecturas; mas não existe certeza, nem sabemos d'onde possa derivar-se.

Fernão Lopes, tão feliz em dar vulto aos menores traços, tão verdadeiro sobre tudo no retrato de D. João I, e da sua epocha, parece querer ainda realçar-se a si mesmo, relatando o que succedeu antes e depois do vencedor de Castella cingir no elmo a corôa de Affonso Henriques e Affonso IV. O painel que nos legou, não só conserva os grandes lineamentos, como as feições mais delicadas do grande periodo que reproduz. Na ingenua phrase do chronista respiram as crenças sinceras e as nobres paixões d'aquelle bom e velho tempo, porque a penna escreveu o que disse o coração!

A revolução popular, que elevou o mestre d'Aviz ao throno de seu pae, remindo a independencia nacional do jugo castelhano, é geralmente conhecida. As gentilezas, os arrojos e os rasgos heroicos do principe e dos seus cavalleiros, (geração de heroes, que não teve igual depois) enchem uma das mais formosas paginas da historia portugueza.

As invasões repellidas, os enredos dos parciaes estranhos descobertos e confundidos, e a forte vontade de um povo assignalada nos cercos, e batalhas, mostram o que uma nação póde e sabe alcançar quando, confiada em Deus, firma nos brios da espada toda a esperança de salvação.

Nomeado defensor e regedor do reino, o mestre d'Aviz poz os olhos na corôa, mas decidido e estremado, desejou-a como premio de altos feitos, e não como alvo de avida ambição.

Não é para aqui descrever, nem de longe, as vecissitudes da lucta gigante, em que sobresaíu o valor e a lealdade portugueza. Seria acanhar em abortado esboço o que merece a tela mais vasta e o pincel mais rico. Seria quasi profanar o assumpto reduzil-o assim a proporções, que elle não soffre. Deixando pois de parte o que se afasta do nosso proposito, e guiados pelo chronista-poeta, entraremos só no recinto das côrtes de Coimbra, aonde se pleiteiam os direitos do sangue, e os da gloria até por voto unanime se ornar com o diadema a fronte do futuro vencedor de Aljubarrota. Ahi a scena não foi menos bella, nem menos animada, do que nos campos de peleja.

Achava-se o mestre d'Aviz sobre Torres Novas, que tinha a voz de Castella; e observando que a resistencia promettia ser mais aturada, do que lhe consentia esperar o aperto do tempo, determinou levantar o cêrco e marchar para Coimbra, aonde o chamava o ajuntamento dos bispos, fidalgos e procuradores, reunidos em côrtes.

Antes de partir, para os inimigos se não aproveitarem d'elles, mandou lançar fogo aos trons e engenhos, assestados contra as muralhas, e depois de tudo disposto, deu o signal, e principiaram a desfilar as boas lanças, e as companhas de homens d'armas, que o serviam n'aquelle feito.

O termo de Lisboa, arrazado pelas tropas de Castella, padecia n'esta occasião grandes fomes, e outro tanto acontecia ao de Torres Vedras, e aos logares visinhos.

Sabendo, pois, os lavradores e populares que ahi moravam, que o mestre se retirava, e vendo que ficavam em poder dos castelhanos, com a ancia e magua do perigo e rodeados de mulheres e filhos, de velhos, creanças e adultos, correram chorando e rogando que os não deixassem ali expostos á pobreza e necessidade, e nas mãos dos inimigos.

Apiedou-se D. João de suas lagrimas e concedeu-lhes o que pediam, levando de Torres Novas a todos elles, e guardando-os em quanto os desgraçados não cessavam de lamentar a sua miseria, abençoando quem os salvára de peior ruina.

Quando já tudo se estava abalando, um cego, que vivia no arabalde, sentindo-se esquecido começou a bradar, em nome de Deus, que se compadecessem, e o não deixassem com os scismaticos, que lhe não perdoariám; e Nuno Alvares, que passava, como ouvisse as suas lastimas, condoído, mandou que lh'o puzessem de ancas sobre a mula, e assim o tirou d'ali com outros muitos. D'este modo saíu o mestre de Aviz de Torres Novas, similhante a Moysés, capitaneando os israelitas no deserto. A gente ía adiante, e elle, com seiscentas lanças atraz, fazendo jornadas curtas para não cansar o povo, que se foi aposentando nos sítios, em que achava sustento e commodidades.

Finalmente, negando-se o alcaide de Leiria, Garcia Rodrigues, a recebel-o, encaminhou-se para Coimbra sem demora.

Constando na cidade a chegada, moveram-se ao seu encontro, a clerezia em procissão, e os seculares com os jogos e trebelhos, usados nas boas vindas do rei, quando entrava de novo em alguma terra.

Os fidalgos e os procuradores dos concelhos, que ali se achavam para as côrtes, tambem acudiram á estrada, montados em bons cavallos, e enfeitados com as suas galas de maior valia. Mas, o que sobre tudo mais deu nos olhos foi o tropel dos meninos, que por fóra dos muros quasi uma legua adiante, em cavallinhos de cannas, correndo com pendões fingidos, gritavam a uma voz «Portugal, Portugal, por el-rei D. João! Em boa hora venha o nosso rei!»

O mestre de Aviz, Nuno Alvares, e muitos que o acompanhavam, alegraram-se, encarecendo o caso, tomando-o por feliz auspicio, e dizendo que certamente Deus é que fallava pela bôca d'aquelles moços, como por bôcas de prophetas!

Apenas o mestre descobriu de longe o clero, apeou-se, e de joelhos beijou a cruz com toda a humildade e reverencia; depois, não querendo tornar a montar-se, metteu-se na procissão, e entrou com ella na cidade no meio das festas e acclamações, uma sexta feira 3 de março.

(Continúa.)

L. A. Rebello da Silva.

ILLUSTRAÇÃO
LUSO-BRAZILEIRA,

JORNAL UNIVERSAL, COLLABORADO POR MUITOS LITTERATOS DISTINCTOS, PUBLICADO PELO EDITOR DO PANORAMA.

A *Illustração Luso-Brazileira* saírá todos os sabbados. Cada numero conterá 8 paginas ou 24 columnas em formato igual ao das outras similhantes *Illustrações*, e será ornado de grande numero de gravuras, executadas sob a direcção do nosso excellente gravador, o sr. José Maria Baptista Coelho.

Na *Illustração Luso-Brazileira* hão de tratar-se promiscuamente as materias que constam do seguinte elencho:

I — parte historica. N'esta, que é sem duvida a parte mais importante em uma *Illustração*, comprehender-se-ha: 1.° a narração circumstanciada, conscienciosa e imparcialissima de todos os successos contemporaneos de alguma importancia, assim na ordem politica como na social e economica: 2.° a biographia de todos os personagens que, por qualquer motivo, ganharem certa celebridade, seja qual fôr a nação a que pertençam. Pareceu-nos tambem conveniente inserir n'esta secção, uma synopse de todos os actos governativos de algum alcance, que se publicarem nas folhas officiaes de Portugal e do Brazil; bem como, quando estiverem reunidos os corpos legislativos, um summario dos respectivos trabalhos.

II — parte scientifica. Revista dos jornaes scientificos nacionaes e estrangeiros; sessões das academias e sociedades litterarias e scientificas, assim de Portugal, e do Brazil, como dos demais paizes. Noticia de novos descobrimentos. Não nos esqueceremos n'este logar de discutir, quando convenha, as questões que mais interessam á publica instrucção, á industria etc.

III — parte litteraria. N'esta secção inseriremos romances escolhidos, não demasiadamente extensos, poesias, e em geral todas as composições que pertencem á litteratura amena. Viagens, descripções de monumentos, cidades, obras publicas etc.

IV — critica litteraria. Apreciação imparcial de todas as publicações litterarias ou scientificas de que houvermos conhecimento, annunciando-se, porém, simplesmente aquellas que forem de menos importancia.

V — parte commercial. Retrospecto do commercio; situação das associações e emprezas industriaes, agricolas, commerciaes, de navegação etc. etc. Preço dos fundos publicos, e acções que têem curso nas differentes praças do mundo; conselhos e alvitres.

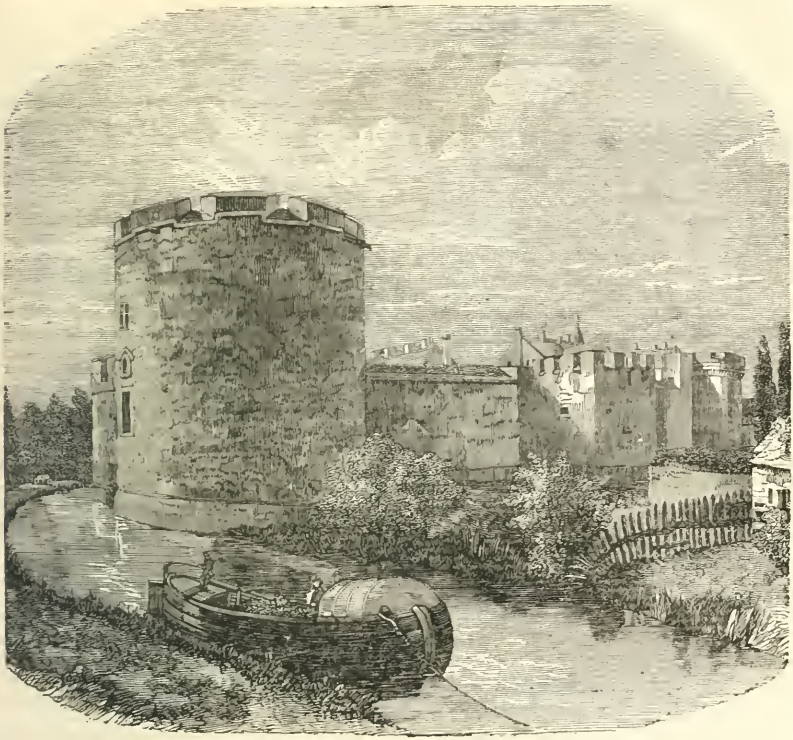
VI — espectaculos publicos. Analyse franca dos espectaculos e diversões publicas: theatros, bailes, phylarmonicas.

VII — modas. No fim de cada mez daremos um figurino de modas, acompanhado da necessaria explicação.

Tomam-se assignaturas por trimestres, semestres e annos:

Preços em Lisboa	Anno . . .	3$600
	Semestre.	1$920
	Trimestre	1$000
nas Provincias (Recebendo os n.os em casa dos srs. correspondentes)	Anno . . .	3$800
	Semestre.	2$000
(Recebendo *franco* pelo correio)	Anno . . .	4$000
	Semestre.	2$100
Imperio do Brazil (Recebendo em casa dos srs. correspondentes)	Moeda forte Anno . . .	5$000

Querendo receber em suas casas, ou pelos paquetes a vapor, entender-se-hão a este respeito com os srs. correspondentes. Se conseguirmos que o illustrado governo do Brazil admitta no imperio a nossa *Illustração* franca de direitos, faremos aos srs. assignantes o abatimento correspondente. Admittem-se tambem, *mas sómente em Lisboa*, assignaturas a n.os, sendo o preço de cada um, pago no acto da entrega, 80 rs. Avulso cada n.° custa 120 rs. Todas as assignaturas são pagas adiantadas. Todas as pessoas das provincias, que desejarem subscrever para este semanario poderão dirigir-se aos correspondentes do *Panorama*, ou ao editor em Lisboa, remettendo pelo seguro do correio uma ordem da importancia da assignatura. Em consequencia dos preparativos a que temos de proceder para assegurar a regularidade de uma publicação tão importante, o primeiro numero sairá no primeiro sabbado do mez de JANEIRO proximo.



FRANÇA — O CASTELLO DE HAM.

Ham é uma pequena cidade de França, na antiga provincia da Picardia, e hoje departamento do Somme. Sem importancia commercial ou industrial, situada em posição desaprazivel e doentia, e com uma população que não ascende a 2:000 habitantes, Ham nada mais tem de notavel que o seu castello, aliás muitas vezes celebrado nos fastos da meia idade.

A construcção do castello de Ham attribue-a a tradição a Luiz de Luxemburgo; comtudo está averiguado pelo exame de documentos importantissimos e fóra de toda a suspeita que é muito anterior ao seculo XV.

Assente em terreno baixo e alagadiço, compõe-se esta fortaleza de quatro torres redondas, edificadas nos angulos de um quadrilongo, e ligadas entre si por muralhas altissimas, guarnecidas de ameias; duas outras torres quadradas defendem as duas entradas da praça, das quaes uma foi ultimamente inutilisada.

A torre principal, ou de leste, é uma immensa molle de pedra, magestosa na sua vastidão: tem 33 metros de alto, outro tanto de diametro, e 11 metros de grossura as suas muralhas. No pavimento inferior, e na grossura d'estas, ha doze cubiculos estreitos e compridos; são as prizões.

Muitas pessoas notaveis têem gemido nos lobregos carceres de Ham; e esta só circumstancia dá certo interesse historico a tão sombrio edificio. Notaremos, entre outros que ali jazeram, o conde de Marbœuf, Lautrec, Mirabeau, o grande orador; os republicanos Bourdon, Chasles e Chouliéu; Polignac e Peyronnet, signatarios das celebres ordenanças de 1830; depois a duqueza de Berry, e ultimamente o actual imperador dos francezes, Napoleão III, que tendo ali entrado em 1840, com o general Montholon, e o doutor Conneau, conseguiu evadir-se, disfarçado em trabalhador, a 25 de maio de 1846. Posteriormente, acceite a submissão do famoso emir Abdel-Kader, o governo francez designou o castello de Ham para residencia d'aquelle que tanto tempo tinha corajosamente affrontado o valor das melhores tropas do mundo.

TELEGRAPHOS.

TELEGRAPHO ELECTRICO EM FRANÇA.

Já hoje possuem a telegraphia electrica cem villas e cidades francezas, pouco mais ou menos. Mas estes rapidos conductores ainda hontem estavam adstrictos aos caminhos de ferro: avançavam com estes, paravam onde estes paravam, alcançavam-nos algumas vezes, mas nunca se adiantavam a elles. Hoje está decretada a execução de uma rede completa de telegraphos electricos, independente das vias ferreas; entre as povoações ainda agora privadas da grande locomotriz vão estabelecer-se os fios do telegrapho ao longo das estradas reaes, para estes se estenderem até os caminhos de ferro, á proporção que se forem ultimando os differentes troncos ou secções dos mesmos caminhos.

Apesar da lei franceza pôr á disposição dos particulares o serviço do telegrapho electrico, e de imitar n'este ponto a confederação americana e a Inglaterra, adoptando uma das mais felizes applicações do novo agente, essa lei offerece nos seus artigos inconvenientes de execução, que devemos evitar nos regulamentos da telegraphia electrica portugueza.

Ouçamos a este respeito as observações sensatas de M. de Courcy que, ao mesmo tempo, nos revelam o vicio da lei franceza, e as vantagens dos regulamentos americanos.

«O governo (diz M. de Courcy) abriu recentemente em França algumas linhas de telegraphos electricos, e em contradicção com os seus habitos de monopolio prestou-se a dar aos particulares a faculdade de servir-se d'esta via para a transmissão dos despachos d'estes. Mas, segundo o resultado financeiro da primeira quinzena, que accusa uma receita de um milhar de francos, é para temer que este modo de communicação não se torne nunca popular e usual, e nem mesmo cubra as despezas da sua installação. E comtudo os telegraphos deveriam ser, como o correio, uma fonte de receita para o thesouro, e assim seria, se os preços da transmissão não fossem exorbitantes, e se as repartições ministeriaes não tivessem retido com uma mão, o que pareciam dar com a outra. Um regulamento munido d'uma quantidade de artigos interminaveis determina as numerosas condições, que é necessario desempenhar para ter direito de transmittir uma mensagem sobre os fios conductores do pensamento. São outras tantas peias destinadas a impedir que o uso do telegrapho penetre nos costumes, e se naturalise em França como se naturalisou nos Estados Unidos.

«Supponhâmos que chego da America ao Havre ou a Bolonha. O tricornio do gendarme e a veste verde do official da alfandega, vogando até o mar-alto para tomar posse do navio, antes que este entre no porto, fizeram pulsar o meu coração com as primeiras emoções da mãe-patria. Consigo, depois de um interrogatorio minucioso como se fôra feito a um criminoso, resgatar a minha pessoa das mãos d'esses interessantes funccionarios, deixando-lhes todavia o meu passaporte e bagagem, que elles se propõem examinar com mais vagar. Desembarco em fim; mas é muito tarde para tomar logar no caminho de ferro; tenho ardentes desejos de chegar a París, onde me espera com viva impaciencia a minha familia inquieta. Quero ao menos informal-a da minha chegada, e corro ao escriptorio do telegrapho. Um personagem compassado, com fumos de administrador, e que não passa de trapaceiro, falla-me pouco mais ou menos n'estes termos:

—Trazeis passaporte?

—Pára nas mãos dos bons gendarmes.

—Tendes auctorisação do senhor *maire* para vos servir do telegrapho?

—S. senhoria já a estas horas deve de estar deitado.

—Tendes certificado de dous notaveis, que provem o vosso comportamento irreprehensivel? Podeis apresentar duas testemunhas, que façam constar a vossa identidade?

—Como assim, se não ha mais de duas horas que eu andava ainda sobre as aguas do mar, e não conheço ninguem no Havre!

—N'esse caso voltae por cá ámanhã.

«E se no dia seguinte, munido de todos os documentos exigidos, me obstino a querer usar da via expeditiva do telegrapho, sou obrigado a escrever a minha correspondencia n'um certo papel com cabeçalho impresso, a recopial-a n'um certo registo, a appor a minha assignatura em muitos livros de talão (ha muitos d'elles n'estes escriptorios), e depois de tudo isto ainda hei de esperar que chegue a sua vez á minha correspondencia. Teria tempo para estar em París antes de lá chegar a minha missiva, levada nas azas do raio.

«Que utilidade é, portanto, a de todo este luxo de formalidades, e que serviços obtêem para o publico similhantes embaraços? Dirão que é para estorvar a agiotagem, e salvar o governo de tramas anarchicos. Mas o monopolio é que tem sempre apresentado estes perigos, e não a liberdade da transmissão das noticias que em si mesma traz o seu remedio. Des que em Ruão todos podem saber que a tal hora os 5% estavam a 90 em París, e que não havia tumultos nas ruas, ninguem se deixa caír em especulações desastrosas, nem enganar por um revolucionario compromettedor. Na bolsa de Nova-York os agentes de cambio e corretores recebem todos os dias durante as suas sessões muitas centenas de despachos telegraphicos, transmittindo-lhes ordens de compra e venda. Sabem-se minuto por minuto os cursos do mercado de Boston e Philadelphia, e a taxa das remessas de dinheiro nivella-se n'esses tres centros commerciaes com a mesma instantaneidade, sem fluctuações muito sensiveis.

«N'este famoso regulamento francez todos os artigos são destinados a retardar as correspondencias; não ha um só, que tenha por fim actival-as, nem que fixe um maximum de duração á transmissão electrica, e puna o operador negligente. E era esta a unica cousa verdadeiramente essencial. Nos Estados Unidos além dos livros de contabilidade não ha senão um registo no serviço do telegrapho: é o livro, de que é portador o carteiro, e em que escrevem a hora e o minuto da entrega das suas missivas as pessoas que as recebem, para que a administração do telegrapho saiba, se o seu agente foi pontual, e o despeça quando seja necessario. Por isso com o favor d'essa promptidão, e omissão de formalidades é possivel na America expedir correspondencias a cem e duzentas leguas de distancia, receber primeira resposta, replicar com observações a esta, e receber resposta definitiva: tudo isto no mesmo dia. Termina-se em duas horas, e sem se ser visto, um negocio, que pela posta requereria outo dias e mais. Em caso de incendio pedem-se soccorros ás povoações mais afastadas. Em caso de roubo dão-se os signaes do malfeitor a todas as estações policiaes circumvisinhas, e o ladrão é prezo no mesmo momento, em que se julga seguro da impunidade. Em caso de tempes-

tade ao sul, dá-se aviso ao norte, para que os navios se não façam ao largo. Em caso de innundação, o telegrapho informa d'ella todas as povoações, por onde gira o rio, para que possam salvar bestas, gados, mercadorias, e a propria vida. A electricidade marcha mais veloz que o trasbordar das aguas. Não ha serviço que o telegrapho não faça. Na America é uma das necessidades da vida, e o seu uso nos negocios está ainda menos espalhado do que nas familias, onde esta invenção prodigiosa vem a ser a Providencia dos amigos que se separam, e dos maridos constrangidos a ausentar-se. Eu mesmo confiei a este fluido mysterioso mais de uma mensagem affectuosa, e gosava ao pensar, que umas poucas de palavras, fendendo o espaço, eram portadoras de uma consolação instantanea, fazendo desapparecer a distancia, e me davam o estranho privilegio da ubiquidade. Em um concerto de Jenny Lind vi o director apresentar-se á balaustrada, e dizer: «Se o sr. Guilherme Brown está na sala, pede-se-lhe que tenha a bondade de passar ao escriptorio, onde achará uma missiva muito importante, que lhe é dirigida, e se recebeu n'este instante de Chicago.» Immediatamente se levantou do seu logar um dos espectadores. A sua familia sabia sem duvida que a essa hora havia elle de estar no concerto, e o telegrapho permittia informal-o de uma nova, cuja chegada podia, mais ou menos prompta, causar a sua fortuna, ou a sua ruina.

«Des que se admitte que o segredo das cartas não deve ser violado pelo governo, não ha razão valiosa para exigir a identidade dos signatarios das missivas, para verificar a exactidão das assignaturas, ou para descobrir o mysterio das correspondencias telegraphicas, copiando-as em registos sellados e rubricados. Todas estas minucias fazem crear empregos novos, e gravam tanto mais o orçamento sem fazerem serviços apreciaveis. Na America não ha negociante, que se não sirva diaria e regularmente do telegrapho; mas a maior parte usam de linguagem emblematica, de cifra ou de um vocabulario grotesco, de que os seus correspondentes possuem a chave, e que lhes permitte não divulgarem os seus negocios á primeira pessoa, que apparece. De mais d'isto, assigna-se quasi sempre em pseudonymo de antemão concertado, que é o melhor meio de evitar a usurpação das assignaturas; e parece-nos que a administração franceza, querendo premunir o publico contra as fraudes, afastará dos seus telegraphos as dependencias mais importantes, em vez de as attrahir. Outra facilidade, cuja adopção recommendámos, é, ao mesmo tempo que se expede a missiva, pagar a missiva e a resposta, de sorte que a pessoa, a quem se escreve, não tenha pretexto para dispensar-se de dizer o que se lhe pergunta, e o carteiro, ao entregar a missiva, peça a resposta.»

(*Continúa.*) O. M

ESTADISTAS PORTUGUEZES.

DIOGO DE MENDONÇA CÔRTE REAL

1658—1736

I.

Entre os homens notaveis pelo saber e pelo engenho, que ornaram a epocha de maior esplendor no reinado de D. João V, um dos que mais avulta é o secretario das mercês, depois nomeado secretario de estado, Diogo de Mendonça Côrte Real.

Nacionaes e estrangeiros são concordes nos seus louvores; e o nosso estimado politico D. Luiz da Cunha, por indole bem contrario a adulações, escrevendo para Londres a Sebastião José de Carvalho e Mello, ainda se lembra com saudade, em 1740, do ministro fallecido em 1736, lamentando a confusão das cousas, depois da sua perda, e encarecendo a destreza com que elle as tinha sabido guiar nas circumstancias mais delicadas.

Nos importantes extractos dos archivos dos negocios estrangeiros de França, de que o sr. visconde de Santarem enriqueceu o tomo V do seu Quadro Elementar, encontram-se identicos e desinteressados testemunhos. Os diplomatas de Luiz XIV e de Luiz XV formam, em geral, o mesmo vantajoso conceito da cortezia, da consummada experiencia, e da habilidade, com que o antigo secretario das mercês, costumava dirigir os negocios; e observam, por occasião da sua morte, que a sua falta será difficil de remediar.

O grande defeito, que alguns lhe notam encerra o elogio insuspeito da sua probidade. Não se inclinar ao partido francez, ou ao inglez, e apparecer firme e decidido defensor dos fóros e brios portuguezes, é a prova real do merecimento e fidelidade do ministro. Depositario dos segredos do seu rei, guarda-os com recato, e sem hesitar; pizando com indifferença peitas e suggestões, não se desvia um só momento do dever, e nem sequer olha para o bom, ou para o mau rosto, que podem apresentar as conveniencias estrangeiras, incansaveis nos enredos, e insaciaveis na ambição!

D. João V, que apreciava as qualidades e os serviços do ministro, honrou-lhe a memoria com demonstrações de sincero sentimento.

Sem descer a baixezas para captivar o valimento, Diogo de Mendonça possuia a arte de se insinuar, e o condão mais precioso de conservar a affeição e a confiança, uma vez adquiridas. Instruido, sagaz, e sobre tudo allumiado por uma prudencia rara, que de longe via e acautelava o risco, soube tornar-se indispensavel sem nunca se fazer pezado.

Conhecendo os escolhos da côrte, como o melhor piloto sempre navegou desviado d'elles durante o largo espaço, que a cursou. Acabando de assistir ao ultimo suspiro de Pedro II passou a receber as primeiras confidencias do seu successor, crescendo em honras e empregos.

Jovial com gravidade, mordaz nos conceitos e nos ditos, esquecido por calculo, e remisso por habito, os requerentes amaldiçoavam-o pelas costas, e não podiam deixar de se applacar, ouvindo-o. Ninguem escusava tão graciosamente uma falta de palavra. A sua polidez nunca se desmentiu; era igual para todos, quer adoçasse a repulsa, quer avivasse o favor.

Dado aos prazeres, e por causa d'elles demorado no expediente dos negocios, se a urgencia o apertava, cortando por tudo, trabalhava encerrado dias e noutes sem lhe esmorecerem as faculdades, ou as forças o atraiçoarem.

O seu conselho reputava-se de grande pezo e sizudez: e quando occorriam complicações, ou obstaculos repentinos, depois do velho conde de Castello Melhor, ninguem acertava mais depressa com a solução adequada para evadir, ou para desatar o nó da difficuldade.

D. Pedro II, principe de letras bastardas e de curto alcance, mas de juizo são e positivo, encostava-se ao voto de Diogo de Mendonça, antepondo-o muitas vezes ao dos fidalgos mais conceituados do seu conselho.

D. João V fastuoso, ciumento da dignidade do throno, e presumido de atilado e de politico, louvava-lhe a inteireza, com que, em alguns lances arriscados, não tinha duvidado expôr-se a perder em um instante a boa sombra do seu agrado no leal cumprimento das obrigações, combatendo as opiniões, e commentando as ordens do monarcha mais absoluto por amor proprio, e mais zeloso do poder soberano.

De certo, um estadista menos flexivel nas maneiras, e menos perito nas desculpas caíria sem remedio diante da ira do principe, que se prezava de mandar sem replica, e de não admittir na sua presença senão subditos complacentes, e obediencias mudas e passivas.

Mas Diogo de Mendonça, como o Camões do Rocio, sabia de uma corda secreta no caracter do rei, que ferida com tacto subtil nunca deixava de responder. Temperando-lhe com o riso o que podia haver de amargoso e desagradavel nas cousas; e fallando-lhe á generosidade, e aos estimulos cavalleirosos abrandavam-o no maior impeto, e sem quasi o sentir, traziam-o de um extremo ao outro, persuadido sempre, de que era elle quem arrastava os outros!

Naturalmente espirituoso, D. João V custosamente resistia ao ascendente dos homens engraçados, que sabiam conter-se, respeitando-o, embora não respeitassem mais ninguem.

Sotto Maior (o Camões) e Diogo de Mendonça valiam-se d'esta inclinação para os seus fins, e entre algumas risadas, filhas das suas invenções satyricas, aproveitando o lanço, introduziam a tempo os conselhos maduros e avisados, arrancando ao soberano resoluções oppostas ao parecer, a que o viam mais ligado.

D'este modo é que o ministro em mais d'uma occasião conseguiu dobrar o animo do soberano, desviando das nossas costas e fronteiras o raio da guerra, que uma imprudencia orgulhosa podia desafiar; e el-rei, caíndo em si, e depois de passada a crise, medindo a extensão do erro, agradecia interiormente ao seu ministro a habilidade com que o afastára do perigo, sem lhe dizer que o havia!

A carreira de Diogo de Mendonça foi longa e socegada. Collocado nas eminencias do governo, aonde os furacões subitos são frequentes, e as quedas inopinadas se repetem, atravessou dous reinados sem sobresalto, e cerrou os olhos tão tranquillo, como se o escudasse a obscuridade da vida domestica.

Os emulos mesmo não se congratularam com a sua falta. Nenhum sentia os hombros bastante robustos para acceitar indeviso o pezo do immenso encargo, que elle supportára na velhice com semblante alegre, desempenhando-o sem fadiga. Foi uma herança, que se repartiu, e que por isso mesmo perdeu metade da importancia.

II.

Diogo de Mendonça Côrte Real, secretario das mercês d'el-rei D. Pedro II, seu enviado extraordinario na Haya, e depois na côrte de Hespanha, e secretario d'estado d'el-rei D. João V, nasceu na cidade de Tavira, no reino do Algarve, aos 17 de junho de 1658.

Foram seus paes Diogo de Mendonça Côrte Real, e D. Jeronyma de Lacerda, ambos pessoas nobres e ligadas em parentesco ás casas mais distinctas de Portugal e Castella.

Desde a infancia madrugou em Diogo de Mendonça o talento e a inclinação ás letras, aproveitando-se como em terreno fertil os cuidados, com que desveladamente assistiam á sua educação os melhores mestres.

No estudo das humanidades notou-se a viveza do engenho e a promptidão da memoria; matriculado na universidade, e applicado á lição da faculdade canonica, admirou-se a lucidez da intelligencia, a assiduidade da frequencia, e a comprehensão extraordinaria.

Obtido o grau de doutor, com applauso dos condiscipulos, que excedêra, e merecido louvor dos lentes, que o apontavam como exemplo, passou á côrte despachado em premio com uma *conducta* em canones em 1686, e outra de leis em 1687. A intimidade da sua familia com os fidalgos e funccionarios de mais valimento depressa lhe abriram a carreira dos empregos. Começou por um logar dos mais apreciados, sendo provido na corregedoria da camara do Porto, com a distincção de poder usar de béca.

N'aquelle tempo reputava-se este cargo o morgado da magistratura, tanto pela residencia em cidade tão rica e populosa, como por existir ali a casa do civel (de que eram governadores hereditarios os marquezes de Arronches) composta de ministros conspicuos e experimentados, uns pelo exercicio do magisterio nas cadeiras da universidade, outros pela pratica das leis, adquirida no desempenho das funcções senatorias mais conceituadas.

Principiando a servir, Diogo de Mendonça fez-se logo bem acceito pela sua rectidão como juiz, e pelo agrado das suas maneiras discretas. Sem affectar falsa austeridade, nem ostentar intratavel rigidez, depressa conheceram que a sua virtude, por ser alegre e risonha, não era por isso facil em ceder, ou commoda de tentar.

Amaciando, quanto podia, o rigor ás leis, a sua inteireza na administração da justiça tirou as esperanças ao patronato, e cortou as azas ás peitas, que desgraçadamente não poupavam o ascoso contacto da sua vileza a nenhum caracter publico, senão depois de repellidas e desprezadas. N'esta lucta, Diogo de Mendonça, sem alarde, nem clamores, soube honrar a toga, e o sangue illustre de seus avós.

Decorridos poucos mezes apenas, já ninguem ousava levantar sequer os olhos para o idolo corrupto, que d'antes se adorava quasi abertamente, e sem disfarce.

A noticia do zeloso serviço, e dotes do novo magistrado, chegou á côrte; e D. Pedro II, informado do que podia esperar-se da capacidade de Diogo de Mendonça, expediu-lhe em janeiro de 1691 uma ordem para deixar o emprego, embarcando sem demora para Hollanda, com o caracter de seu enviado extraordinario.

Na idade de trinta e tres annos, contando quatro de exercicio na magistratura, o futuro secretario de estado despiu a béca para não a tornar a vestir mais, e entrou na administração e nos ministerios pela porta, então a mais brilhante, a da diplomacia!

O seu despacho foi datado do mez de janeiro, e a 3 de março seguinte já elle em um navio hamburguez seguia para Hollanda, affrontando-se com os mares grossos e os ventos ponteiros, que não cessaram de lhe atravessar a viagem. Debaixo de cerração tempestuosa, e cortados de susto, os navegantes chegaram finalmente á bôca do canal de Inglaterra, infamado pela frequencia dos naufragios. Ia-lhes succedendo ahi a ultima catastrophe! Pouco praticos, os pilotos, em vez de marearem o verdadeiro, tomaram pelo falso canal; e se um vento favoravel os não soc-

corre, dando logar a safar-se o navio dos escolhos, todos ficariam perdidos sem remedio.

Mas o naufragio, que n'esta occasião tiveram diante dos olhos, e de que os livrou só um acaso venturoso, pouco se demorou. Passados tres dias, em sabbado de Alleluia, 14 de abril, tocou a embarcação em um banco de areia na costa de Inglaterra, e o capitão, e a tripulação, por tal modo esmoreceram com o desastre, que por largo espaço faltava quem mandasse, e não havia tambem quem quizesse obedecer.

O perigo augmentava de instante para instante; e na confusão geral não se procurava o remedio, nem se curava de atalhar o mal.

Entregues a lastimas e a maguas, deixavam fugir preciosos momentos, e nem o torvo aspecto da morte, que os ameaçava, e prestes iam beber nas aguas, lhes inspirava aquelle valor decidido, que muitas vezes, em casos desesperados, tem sabido subjugar a fortuna!

Diogo de Mendonça era dotado de animo viril, e de admiravel presença de espirito. Sujeito, como todos, aos temores proprios do homem, possuia a força necessaria para se vencer, e oppor aos grandes perigos as grandes resoluções.

Na perturbação geral só elle media o risco a olhos firmes, e calculava o modo de o atenuar.

Depois de se preparar, como christão, para o lance, que promettia a extremidade em que se viam todos, tratou de incutir nos officiaes e marinheiros os alentos indispensaveis para se não deixarem colher sem defeza pela ruina, d'ahi a pouco inevitavel. A sua voz lançaram-se as lanchas fóra, cortaram-se os mastros, e alijou-se a carregação ao mar. Tudo se executou com rapidez, e sem perigo; e mettendo-se em uma das lanchas Diogo de Mendonça com toda a sua familia e o capitão, e na outra a gente da tripulação, fizeram-se na volta do mar, em quanto o navio se ía a pique.

Toda a noute estiveram pairando; sobre a manhã puzeram a prôa em terra, e descobriram uma dilatada praia cheia de aspera penedia. Aproximaram-se com cuidado, e já sol alto aferraram o porto, salvos da tormenta, e por milagre, livres da morte.

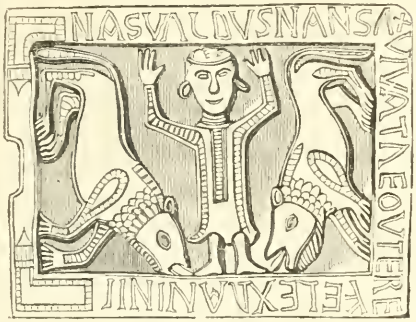
(Continúa.)

L. A. Rebello da Silva.

ANTIGAS SEPULTURAS DE BEL-AIRE.

De ha muito que a persistencia de certas tradições populares e praticas superstições apontavam á attenção dos archeologos o antigo cemiterio da collina de Bel-Aire, perto de Lausanna, na Suissa. Ha menos de cem annos, diz o sr. F. Froyon, vinham ainda alta noute traçar com uma espada um circulo magico, no interior do qual se esperava sempre encontrar um thesouro; dizia-se que ali appareciam almas do outro mundo e phantasmas; n'uma palavra era Bel-Aire o theatro de todas as lendas mysteriosas que se referem sempre ás antigas sepulturas, em consequencia da especie de terror que inspiram, e da vaga lembrança dos ornamentos que se suppõem sepultados com os mortos. Só, porém, em 1838 é que se resolveu emprehender um trabalho de exploração scientifica, em resultado do qual já se conseguiram descobrir mais de tresentas sepulturas. São estas em geral do comprimento de dous a sete pés, conforme a idade e a altura dos defunctos, e todas dirigidas do poente para o nascente, formando alinhamentos irregulares. Algumas são feitas de grés, outras construidas de lages toscas, ou de pedra secca: porém tambem se encontraram esqueletos deitados na terra. As sepulturas estavam dispostas em tres camadas successivas. As primeiras inhumações foram feitas a cinco ou seis pés de profundeza; a ultima camada ficava quasi á flor da terra.

São immensos os objectos encontrados n'estas sepulturas, e de uma importancia extraordinaria, para o estudo da epocha a que pertencem.



Nas sepulturas das mulheres encontraram-se ganchos do cabello, pentes de osso, brincos de prata, broches, anneis, e collares de varios feitios, e alguns mui bem fabricados, e similhantes aos que se têem descoberto em os antigos tumulos do Egypto, de França e Inglaterra, da Suecia, da Allemanha e da Crimêa. As armas dos guerreiros consistem em ferros de lança, e em cutellos, curtos e afiados de um só lado. As peças adamascadas e esmaltadas, rarissimas em muitos museus de antiguidades, são em Bel-Aire vulgares.

Quando appareceu em 1841 a primeira descripção d'estes tumulos dissentiam os archeologos sobre a epocha e o povo a quem pertenciam estes despojos funebres. Em 1842, novos descobrimentos contribuiram para resolver a questão; reconhecendo-se por elles que estas inhumações successivas tinham tido logar do quinto até o nono seculos da nossa era.

Na nossa gravura está copiada uma especie de broche de bronze prateado, representando, em grosseiro desenho, Daniel na cova dos leões, com uma inscripção, cujo sentido é difficil apreciar devidamente sem mais largo estudo.

Se todos descendemos de um homem que Deus formou certo é que somos liados por parentesco, e obrigados a nos termos uns aos outros amor reciproco: quanto mais que sendo todos inspirados e animados da mão de um só Deus, pae nosso celestial, que outra cousa somos senão irmãos uns dos outros?

A. Arraes.

O BRAZIL.

Os templos soberbos da Grecia formosa,
Os arcos de Roma, de Roma orgulhosa,
Não cobrem, não ornam meu patrio Brazil.
Estatuas não temos, primores das artes,
Mas temos os bosques por todas as partes,
E as verdes palmeiras viçosas a mil.

Os rios gigantes, as limpidas fontes,
As flôres, os fructos, os prados, os montes
Esmaltam, protegem meu patrio Brazil,
E o canto das aves na selva escutâmos,
E o sol não tememos, e a sombra buscâmos
Nas verdes palmeiras viçosas a mil.

As Venus, as Graças, os loucos Amores,
Celestes no marmor', na fórma, nas côres
Não temos, não temos no patrio Brazil;
Mas temos as virgens de olhar expressivo,
De rosto moreno, caracter altivo,
E as verdes palmeiras viçosas a mil.

E virgens e homens e bosques e mares
E tudo que vive na terra, nos ares
É bello, é sublime no patrio Brazil:
Azul é o céu, as florestas formosas,
Valentes os homens, as virgens mimosas,
E as verdes palmeiras viçosas a mil!

A. Marques Rodrigues.

O ARCHIDUQUE MAXIMILIANO EM JERUSALEM.

Com o duplo fim de edificar e recrear os nossos leitores damos aqui a traducção de um artigo que sob este mesmo titulo veiu no numero do periodico francez intitulado *O Amigo da Religião*, que se publicou em 18 d'agosto d'este anno.

«Não tendo ainda fallado da visita que o archiduque Maximiliano d'Austria fez ultimamente a Jerusalem, empenhar-nos-hemos hoje em transcrever a interessante e tocante relação que um religioso franciscano da Terra Santa fez dos pios incidentes da estada d'aquelle principe na referida cidade. Tem este facto, mórmente nas circumstancias actuaes, um alcance fóra da medida ordinaria. A attitude do archiduque austriaco n'esta occasião ha de necessariamente apertar os estreitos laços, que vinculam ao imperio catholico dos Habsbourgs a defensa dos logares santos.—A. Sisson.»

«Mal póde deixar de reconhecer-se, na viagem que, no intervallo de tres mezes, dous principes catholicos vem de fazer á Terra Santa, um evidente signal de um verdadeiro triumpho da nossa divina religião. Tendo nós tido primeiramente azo de admirar a piedade do duque de Brabante e de sua nobre esposa, tivemos pouco depois opportunidade de render os nossos respeitos a sua alteza imperial o archiduque Maximiliano d'Austria. Entrou este joven principe a difficil e perigosa barra de Jaffa ás dez horas da noute de 29 de junho em que tinhamos celebrado a grande festividade dos apostolos S. Pedro e S. Paulo. Foi o illustre viajante, ao saír em terra, recebido pelo reverendo padre guardião do convento de Monte Sião e do Santo Sepulchro, custodio da Terra Santa, pelo chanceller de monsenhor Valerga, patriarcha de Jerusalem, e pelo conde de Rizzamano, consul d'Austria e da Belgica, aos quaes se tinham juntado os religiosos franciscanos, contentes de albergar em sua humilde morada mais um tão excelso viandante.

«Não permittindo a hora a que elle chegou que fosse recebido com salvas d'artilharia, e que se entoasse logo o *Te Deum* e outros canticos, como se fizera no dia 7 de março em que o duque de Brabante deu felizmente entrada n'aquelle porto, era facil de ver em todos os semblantes a alegria que, apesar d'esta falta de demonstrações, aquella vinda causava aos catholicos, aos scismaticos, aos protestantes, e até aos turcos, indistinctamente.

«O archiduque, depois de acolher com singular bondade os cumprimentos das auctoridades locaes e dos agentes consulares das diversas nações, agradeceu particularmente ao conde de Rizzamano o offerecimento que este lhe fizera da sua residencia em Jerusalem, manifestando-lhe ao mesmo passo o desejo que tinha de ir ali morar na casa religiosa de que já se fez menção. Ancioso de ver o augusto templo que encerra o sepulchro do Salvador poz-se sua alteza imperial, sem tomar descanso, logo a caminho pela uma hora e meia da noute para Rama, onde se demorou um pouco de tempo na nossa pobre casa; e na tarde do dia seguinte chegou á cidade santa, acompanhado das duas precitadas auctoridades ecclesiasticas, do consul geral d'Austria, e de dous padres da mesma nação, e de varios officiaes de marinha empregados nas embarcações de guerra movidas a vapor que o tinham conduzido a Jaffa.

«Fizeram-se ao archiduque as mesmas honras com que fôra tratado o herdeiro do throno da Belgica. A tropa musulmana saíu ao seu encontro junto com uma innumeravel multidão de gente, apresentando uma mistura de protestantes, gregos, armenios, turcos e judeus. Todos contemplavam com admiração e espanto a nobre presença do principe, e a piedade que do fundo do seu coração transluzia na sua figura. A uma grande distancia da cidade, onde Kialim pachá, governador de Jerusalem, saíndo a receber ao caminho o augusto hospede, tinha em honra d'elle mandado armar as suas barracas de campanha, desceu sua alteza imperial do cavallo, e prostrado á vista da cidade santa, beijou affectuosamenta a terra que trilhava, e fez uma breve oração, manifestando com fervor, como mostravam as lagrimas que lhe corriam dos olhos, as doces e consolantes commoções que sentem os que com fé viva fazem esta peregrinação devota. D'ali até á sua entrada na cidade mysteriosa quiz o archiduque caminhar como um humilde peregrino, inteiramente absorto nos pensamentos religiosos que enchiam e fartavam a sua alma á medida que elle se aproximava aos edificios celebres que durante muitos seculos foram cobiçados pelos infieis, e defendidos pelo heroismo de tantos e tão nobres christãos.

«Já nos ares retinia o som da artilharia, e o real caminhante, avançando entre duas alas de soldados até ás portas da cidade, cortejava a todos com nobreza e affabilidade. Todos lhe davam as boas vindas, a que elle correspondia com um gracioso sorriso. Depois de entrar na cidade, e ao chegar á praça onde do lado direito se eleva a torre de David, foi elle recebido pelo sr. patriarcha, revestido em habitos pontificaes, e rodeado dos religiosos franciscanos, e do seu clero secular, postos em renque debaixo da sagrada bandeira da cruz. O prelado abençoou primeiro e cumprimentou depois em termos impressivos o principe, que, ouvindo aquelle discurso, tornou, profundamente commovido, e com os olhos arrasados de lagrimas, a fazer uma inclinação ao venerando pastor, ante quem ajoelhou e exprimiu admiravelmente a turbação religiosa da sua alma.

«Poz-se logo em marcha a procissão que devia conduzil-o ao sagrado templo passando pelas ruas principaes da cidade santa. Ia diante a guarda do pachá, capitaneada por este, vestido de uniforme militar completo, e regulando o passo grave dos seus solda-

dos. Seguiam-se os janizaros dos consules das diversas nações europeas, e os drogmans do convento de S. Salvador e do patriarchado: vinham depois os cursistas das aulas dos franciscanos e estes religiosos, todos de sobrepellizes ou roquetes, e cantando hymnos de acções de graças: após estes íam, por sua ordem, entre duas alas de tochas accesas, e precedidos da cruz patriarchal, os seminaristas; e immediato a elles o sr. patriarcha, levando á sua direita o principe, seguido dos agentes consulares, dos officiaes da sua comitiva, e de immensidade de gente de todas as condições e de todas as crenças, contida por uma guarda de honra que rematava o prestito. Á entrada da grande basilica vieram os gregos com brandões accesos, e derramaram agua aromatisada sobre as mãos do archiduque. Pouco mais adiante os armenios praticaram o mesmo.

«Ao entrar no templo tomou sua alteza imperial agua-benta, e, depois de fazer o signal da cruz, foi direito á pequena mas tão veneravel capella cuja cupula cobre o santo e glorioso sepulchro do divino Redemptor; e ali, como que elevado em sublime extase pelas memorias que aquelle marmore branco desperta, orou fervorosamente, e verteu doces lagrimas, parecendo não poder despegar-se do mais precioso monumento da Igreja christã. Passando d'ali á capella latina do Sacramento, onde tambem fez oração, dirigiu-se depois ao convento de S. Salvador, em que, segundo os seus desejos, foi hospedado; destinando-se para elle a cella do reverendo custodio, e para os officiaes da sua comitiva a hospedaria em que os peregrinos costumam receber agasalho.

«Subito corre por toda a cidade o boato dos verdadeiramente extraordinarios testemunhos de piedade que o augusto personagem acabava de dar na igreja do Santo Sepulchro. Todos acham alguma cousa que admirar nas suas acções, maravilhando-se uns da repugnancia com que o archiduque se apartou do sacrosanto tumulo, e pasmando outros do irresistivel poder e da força attractiva que n'elle tinha a sua viva piedade, e do crescente abalo que sua alma sentiu nas quatro vezes que, para satisfazer o seu intenso assombro, foi no mesmo dia áquelle santuario: observando-se no archiduque que, quanto mais era tratado de perto, tanto mais encantava pela sua exemplar modestia, pela sua amavel doçura, pela generosa largueza com que soccorria os pobres, pela benevolencia que usava com os estrangeiros, pela affabilidade com que recebia a todos, e pelo seu puro e santo amor da nossa sagrada religião.

«Bem que a este joven angelico, a quem tão propriamente quadra este nome, não fosse dado realçar com a sua presença a pompa dos officios da semana santa, como succeden ao duque e á duqueza de Brabante, que com a mais edificante piedade receberam o corpo do Salvador em quinta feira de Endoenças, tivemos comtudo a consolação de ver no primeiro de julho o archiduque, ajoelhado diante da sagrada meza, receber das mãos do sr. patriarcha o Sacramento ineffavel do Rei dos reis. Logo depois d'este acto foi elle, com os olhos banhados de lagrimas agradecidas, acima do Golgotha para ali ouvir uma missa de acção de graças, celebrada pelo reverendo padre custodio. Os filhos de S. Francisco, habituados como estão aos exercicios da vida laboriosa e penitente, e á pratica de actos de humildade, não cansavam de contemplar o fervor do principe, que não tinha forças de arrancar-se do santuario; não podendo os mais ardentes catholicos deixar de taxar-se de fracos e tibios em face de tão nobres exemplos.

«Examinando o archiduque em seguida com pia attenção todos os differentes objectos, assim grandes como pequenos, que inclue aquelle santo templo, acompanhou depois com igual modestia a procissão que em cada dia fazem os religiosos do santo sepulchro; e quando, descendo á gruta onde Santa Helena descobriu o sagrado madeiro da cruz, viu o miseravel estado em que se acha aquelle santo logar, a que toda a christandade tributa a mais profunda reverencia, mandou elle que ás suas expensas se levantasse ali um altar de marmore precioso, digno da sua real munificencia. Indo depois ao monte Sião e ao monte Olivete, baixando posteriormente ao Horto de Gethesemani, volveu, pela Via Dolorosa, ao Calvario no meio de uma multidão de pessoas que o seguiam no seu decurso por uma cidade em grande parte povoada de musulmanos, inteiramente governada por elles, e onde tem tanta influencia os scismaticos, que n'aquellas partes são os nossos maiores contrarios. Foi ali que o augusto principe, sempre escoltado pelos turcos debaixo d'armas do grão sultão, dobrou respeitosamente os joelhos em cada uma das estações assignaladas pelos abatimentos e pelo preciosissimo sangue do divino Salvador: beijando tambem ali o archiduque a terra, e fazendo em cada uma d'aquellas paradas uma fervente oração. Depois d'estas visitas, encaminhou-se elle a Bethlem, e tocou ali com os beiços tremulos de commoção a lapa nua que ainda hoje attesta o nascimento do Redemptor; indo tambem ver todos os santuarios que ficam em torno da pequena cidade, recolhendo-se immediatamente á pobre cella onde foi alojado. Não deixando elle, porém, de examinar os monumentos profanos que ali existem, foi ver, entre outras antiguidades d'este genero, a mesquita de Omar, que jaz no mesmo logar onde d'antes se elevava o grandioso e famoso templo de Salomão; sendo o nobre estrangeiro n'esta excursão acompanhado do pachá, e do commandante da guarnição, encantados de suas altas qualidades. Em todas as suas outras digressões quiz o principe que o reverendo padre custodio o não largasse, como tambem haviam praticado o duque e a duqueza de Brabante, que similhantemente foram hospedados nos nossos conventos de Jaffa, Rama, S. João na Judéa, Bethlem, Beyrouth, Damasco e Nicosia em Chypre; consentindo apenas em ir morar na residencia do respectivo consul em Jerusalem. Quiz bem assim o archiduque que outros dous religiosos designados para o acompanhar o seguissem sempre. Nos breves intervallos entre estes passeios foi sua alteza imperial ver attentamente todas as officinas do convento de S. Salvador, dando fé do modo como estavam as fabricas, a enfermaria, a botica, os armazens, e acolhendo em todas as partes com palavras doces e benignas todas as pessoas que o rodeavam.

«Não é pois de admirar que o archiduque, nos tres dias que passou em Jerusalem, deixasse ali perpetuas memorias em troco das condignas lembranças que a sua piedade o levou a trazer no seu regresso d'aquella romagem. De feito, não lhe foi possivel sair da terra dos mysterios sem d'ali levar comsigo alguns objectos que lhe recordassem os momentos afortunados que lá tinha logrado, e que são as mais suaves delicias em que póde regalar-se o homem que viaja.

«Tendo elle obtido do reverendo padre custodio a faculdade de levar todos os ornamentos dos altares do santo sepulchro onde recebêra a sagrada eucharistia, e do monte Calvario, bem como da santa

lapa de Bethlem, onde assistíra ao sacrificio incruento, a fim de servirem no seu oratorio com preferencia aos mais ricos ornatos que o adornam, obrigando-se a substituir aquelles por outros de metaes e lavores mais preciosos, dando, por exemplo, uma banqueta de prata em cambio de outra de bronze, resolveu elle, no entanto, e como primicias de suas offerendas aos logares consagrados pela nossa redempção, collocar desde logo no novo altar da Invenção da santa cruz uma reliquia insigne do santo lenho dentro de um magnifico relicario de ouro, cercado de brilhantes e de outras pedras preciosas do valor de quatro mil duros.

«Saíu finalmente de Jerusalem o illustre peregrino em 3 de julho poucas horas depois do meio dia: e fazendo alto na corôa de um outeiro d'onde se descobre a cidade santa, deu ali mais uma prova de sua piedade, apeando-se do cavallo, e prostrando-se n'esta terra tão fecunda em prodigios e na qual deu um ultimo osculo no mesmo logar em que as tropas invenciveis de Gothofredo dobraram os joelhos ao avistarem a cidade santa.»

M. R.

EPHEMERIDES HISTORICAS.

SETEMBRO 1

1739—Tratado de paz de Belgrado entre a côrte de Vienna e a Porta ottomana.
1715—Morte de Luiz XIV o *grande*, com 77 annos de idade.

2

1630—Grande terremoto na ilha de S. Miguel.
1666—Incendio em Londres, sendo consumidas pelas chammas 13:200 casas.
1686—Buda é tomada aos turcos pelo duque de Lorraine.

3

1649—Morre n'uma prizão da cidade de Milão, o infante D. Duarte, irmão de D. João IV.
1658—Morte do celebre Oliveiro Cromwell.

4

1501—Consorcio de Lucrecia Borgia com Affonso d'Este.

5

1800—Malta é entregue por capitulação á esquadra de Nelson, da qual faziam parte alguns navios portuguezes commandados pelo marquez de Niza.

6

1746—Entrada dos austriacos em Genova.
1245—Sobe ao throno de Portugal D. Affonso II, o *bolonhez*.

7

1631—Victoria alcançada por Gustavo Adolfo sobre Tilly em Leipsik.

8

70—Tomada de Jerusalem por Tito.

9

1585—Bulla do papa Sixto V contra Henrique IV.
1438—Morte do sabio e infeliz rei D. Duarte.

10

1547—Assassinato de P. L. Farnesio pelos nobres de Sienna.
1756—Instituição da companhia dos vinhos do alto Douro.

11

1609—Edito de Filippe III expulsando os mouros dos dominios hespanhoes.

12

1683—João Sobieski, rei da Polonia, desbarata os turcos cêrca das muralhas de Vienna de Austria, salvando assim este paiz de uma ruina imminente.

13

1598—Morte de Filippe II, rei de Hespanha.
1321—Morte de Dante.

14

1853—Morte de lord Wellington.

15

1810—Insurreição no Mexico contra os hespanhoes.

16

1672—Tomada de Candia pelos turcos.

17

284—Diocleciano é acclamado imperador.

18

1835—Morte do celebre compositor Bellini.
97—Assassinato do imperador Domiciano.

19

1792—Suppressão da ordem de Malta.

20

1526—O vaticano e a basilica de S. Pedro é saqueada pelos Colonna.

21

1558—Morte de Carlos V.
1761—O jesuita Gabriel Malagrida é queimado vivo em Lisboa.
1604—Tomada de Ostende pelos hespanhoes.

22

1503—Exaltação de Pio III ao solio pontificio.

23

1795—O povo francez acceita a constituição chamada do anno III.

24

789—Concilio geral em Nicéa, setimo dos que se celebraram n'esta cidade.

25

1472—D. Affonso V concede aos bispos de Coimbra o titulo de condes de Arganil.

DECLARAÇÃO.

Constou ao editor que *alguem*, cujas intenções não sabe explicar, espalhára que o *Panorama* acabava, sendo refundido na *Illustração*, que deve começar a publicar-se em janeiro proximo; cumpre pois ao editor declarar mui expressamente que o *Panorama* continuará nos futuros annos, como até aqui, a saír regularmente todos os sabbados, no mesmo systema, e com os melhoramentos que o acolhimento publico nos permittirem fazer-lhe. A *Illustração* é um periodico inteiramente diverso na indole e no plano da redacção, como póde ver-se nos prospectos, a que tem dado toda a publicidade. Por esta occasião previne outrosim o editor, que a nova empreza da *Illustração Luso-Brazileira* nada tem de commum com a da antiga *Illustração*, nem tão pouco com a do mesquinho periodico que saíu com o mesmo titulo da typographia universal em 1852.

INDIA — PAGODE DE RANGOUN.

O imperio dos Birmans faz parte da India transgangetica, e é um dos mais vastos estados do Oriente.

Antes da revolução de 1754 tres das suas actuaes provincias (Ava, Arrakan e Pegú) formavam outros tantos reinos independentes; hoje compõe-se d'estas e das provincias de Martaban, Tenasserim, Jounkseylon, Mergui, Tavy, Birma, Jounoshan, Lowashan e Cassag.

Parte d'este paiz está actualmente sujeito aos inglezes. Entretanto os Birmans são ainda conhecidos de um modo mui imperfeito. D'esse pouco que se sabe vê-se, porém, que o povo Birman se distingue entre todos os do Oriente pela sua adiantada civilisação.

Uma prova d'ella são os numerosos monumentos de differentes generos que se encontram n'este paiz.

O pagode de Rangoun, entre todos os edificios religiosos, é talvez o mais notavel pelas suas fórmas singulares, vastidão e execução artistica.

Chamam os Birmans ao pagode de Rangoun, que é realmente um templo budhico magnifico, o *pagode dourado*. Caminhando pela estrada de Rangoun é mister subir primeiro um cento de degraus, no fim das quaes se apresenta uma especie de esplanada, que conduz á principal capella. Tem esta a fórma de um monstruoso sino sobrepujado de uma agulha ricamente dourada e esculpida, erguendo-se até a altura de cento e tres metros. Na frente do monumento, em uma especie de gaiola de ferro pintada de vermelho, se vê a figura de Goutama.

Em torno do grande templo levanta-se uma multidão de pequenos pagodes e de figuras extravagantes, que offerecem alguma analogia com a esphynge de Egypto. Quando um d'estes templos, dedicados a Goutama, se arruina, em vez de o restaurarem, levantam outro ao lado, de sorte que a avenida do grande pagode está guarnecida d'estes edificios. A nossa gravura representa a avenida do pagode de Rangoun.

COROAÇÃO DOS REIS DE PORTUGAL.

III.

As côrtes de 1385 foram uma assembléa politica, um congresso que tomou por divisa sacramentar com o voto nacional a revolução, começada em Lisboa pelo mestre d'Aviz, contra a rainha Leonor Telles, e seu genro D. João de Castella.

Reuniram-se em Coimbra os senhores e cavalleiros, os prelados e os populares, fieis á independencia, para consolidar o poder na mão robusta do filho de Pedro I, dando-lhe o titulo de rei, quebrando de uma vez para sempre entre Hespanha e Portugal qualquer esperança de accôrdo, que não se fundasse na renuncia de exigencias odiosas ao caracter e á liberdade da monarchia.

Bemquisto dos nobres, que applaudiam a constancia do seu animo, e a força do seu braço, e amado com ardor pelo povo, de quem sempre foi o idolo, o mestre d'Aviz nem por isso deixava de ter adversarios, que antepunham o brado da consciencia aos arebatamentos do enthusiasmo e ás suggestões do interesse particular.

Leaes á causa da patria, e derramando por ella o sangue, esses fidalgos cuja firmeza não cedeu senão á persuasão, não duvidaram apregoar como unica legitima e possivel a eleição dos infantes, filhos de Ignez de Castro, fechando os olhos a tudo, e desconhecendo o perigo de desunir vontades em presença de inimigo poderoso, e devorado de insaciavel ambição, qual era então o rei de Castella!

Nos poderes que lavraram aos seus procuradores, os concelhos mostraram-se decididos incluindo expressamente: Que por elles, e em seu nome, pudessem proclamar rei e senhor d'estes reinos o muito nobre D. João, mestre da cavallaria d'Aviz, fazendo-lhe preito e menagem, como a seu principe, e recebendo d'elle a promessa de lhes guardar e mauter os seus costumes e privilegios!

Lisboa, Evora, e as cidades representadas nas côrtes mostravam-se, portanto, conformes em inculcar a eleição do mestre, e declaravam-se anticipadamente por ella; porém entre os fidalgos e cavalleiros os votos devidiam-se, fallando uns abertamente contra, e occultando-se ainda outros dos que pareciam resolvidos a advogar os direitos dos dous infantes ausentes.

O cabeça d'esta parcialidade numerosa e influente era Martim Vasques da Cunha, juntamente com seus irmãos e alliados.

Nuno Alvares Pereira, com a maior parte dos cavalleiros moços, e com os populares, sustentava insoffrido o direito do mestre d'Aviz, e tinha a seu favor os serviços prestados por elle, o amor da nação, e a vantagem publica.

De ambos os lados se contendia com fervor, e segundo a rudeza do tempo passava-se facilmente das razões aos ditos fortes, e d'estes ás ameaças.

O arcebispo de Braga, e os bispos de Lisboa, do Porto, de Lamego, de Evora, e da Guarda, que assistiam ás conferencias com o prior de Santa Cruz e os abbades de Bestilhos e Alpendorada, bastantes vezes seriam obrigados a applacar com palavras de paz as paixões fogosas, e a indole violenta dos contendores, procurando conter as iras desenfreadas, e promovendo a conformidade de opiniões.

Foi n'este apuro, que o doutor João de Aregas, futuro chanceller, compoz o primeiro discurso, que não concorreu pouco, a par da espada de Nuno Alvares, para pôr a corôa na cabeça do mestre d'Aviz.

Entretanto, a grande affeição de muitos fidalgos aos filhos de Ignez de Castro não se rendeu logo; oppondo Martim Vasques, e os do seu bando razões de pezo, para attenuar os argumentos do sabio doutor de Bolonha, ao passo que protestavam ao mesmo tempo, que serviriam como leaes e até morrerem o rei que os outros levantassem.

Nuno Alvares, porém, não desculpava nos outros opinião contraria á sua, e foi com difficuldade, que o mestre atalhou a tempo os conflictos provocados, impedindo como prudente que o sangue lhe maculasse a eleição.

Finalmente, João de Aregas pronunciou a famosa oração, acompanhada de provas que destruiu todos os escrupulos, tornando clara e evidente a illegitimidade dos infantes D. João e D. Diniz; e Martim Vasques, e os seus, não a podendo contestar, como sinceros e leaes, confessaram a verdade, e concordaram na eleição de D. João, por ser o mais digno, visto não existir direito superior.

Tomada esta resolução em côrtes os prelados, fidalgos e procuradores dos concelhos dirigiram-se em corpo aos paços da Alcaçova, aonde morava o mestre, e rogaram-lhe que acceitasse a corôa, e assumisse o nome e dignidade de rei.

Não era o principe menos habil politico, do que valoroso capitão. Depois de os escutar attento, e de inculcar a suspensão requerida pela gravidade do negocio, começou a escusar-se, observando-lhe não ser elle sufficiente para tão grande honra, tanto pelo defeito do nascimento, como pela sua profissão de religioso militar, e advertindo que, vencidos os castelhanos, seria muito maior a sua gloria como cavalleiro; e que pelo contrario se Deus castigasse as suas armas, e saísse derrotado, tornar-se-ía irreparavel a vergonha da queda, porque prostrava o rei!

Esta resposta affligiu os fidalgos e procuradores, e desconfortou-os. Naturalmente, bem poucos estariam no segredo das verdadeiras intenções do principe; e ignorando-as, pouco admira que a maior parte tomasse á letra a sua modestia official, inspirada por motivos politicos.

A occasião era suprema. As armas de Castella preparavam-se para um esforço decisivo; e com razão entendiam todos, que a resistencia não seria como se desejava, se D. João, com o nome e dignidade de rei, a não capitanearse, redobrando de zêlo e vigor.

Sem elle o coração do povo devia crer-se que esmorecesse muito, e que a defeza se debilitasse com a desconfiança.

O mestre previa bem, que a sua recusa não faria senão confirmar ainda mais as primeiras resoluções das côrtes; e é licito suppôr, que a calculára para que melhor sentissem todos o perigo da sua falta, e a necessidade de um chefe, laureado pelas victorias, e abençoado pelo voto quasi unanime dos populares.

De feito, se este foi o occulto movel do seu procedimento, não se illudiu. As suas escusas oppozeram os estados as vivas instancias do interesse publico, e o risco imminente da independencia nacional. Todos os escrupulos e discordias acabaram; e por consenso geral não houve mais do que uma voz e um sentimento.

Diante das lanças de Castella já enristadas contra o reino, todos puzeram os olhos no homem, que a Providencia suscitára, e que parecia apontar-lhes como unico salvador, jurando não saír do lado d'elle, em quanto lhe não dobrassem a vontade, resolvendo-o a acceitar a corôa n'aquelles dias de tribulação e de lucta, em que o sceptro se convertia em espada,

e em que o throno, como o de Affonso Henriques, se levantava, não em paços, mas sobre os escudos, debaixo da barraca do acampamento.

Assim decididos, fallaram ao mestre como elle queria que lhe fallassem. Protestaram ajudal-o com a vida e os bens, arriscando até á ultima gota de sangue e o derradeiro ceitil para o novo monarcha levar adiante a sua honra, e manter as liberdades do reino; e querendo desvanecer os temores de consciencia que allegava, por ser filho illegitimo de el-rei D. Pedro, e religioso militar, obrigaram-se a enviar a Roma embaixadores que alcançassem do papa Urbano VI as dispensas e graças necessarias para cessar o defeito do seu nascimento, e elle ficar desembaraçado dos votos religiosos.

Conseguido isto, e provada d'este modo a sinceridade da eleição, não havia que hesitar. Accedendo aos rogos das côrtes, o mestre apparentou deixar-se coegir pela branda violencia e amor dos subditos, e deu o consentimento.

Dissipou-se, pois, a nuvem, e renasceu a alegria. E marcado o dia para a acclamação, dispozeram-se as cousas para a solemnisar com jubilo e lustre.

Grande era o prazer em todos; mas em ninguem sobresaía tanto como em Nuno Alvares, e no futuro chanceller João das Regras; os dous, a quem de certo o principe devia mais no conselho e no campo da peleja.

Incumbido de ordenar as galas e magnificencias do festejo, nos paços da Alcaçova de Coimbra, Nuno Alvares a custo reprimia a satisfação, que transbordava do peito; e a despeito do seu caracter, pouco inclinado a confidencias e exclamações, não soube conter-se, que não abrisse o mais íntimo do coração aos olhos dos menos perspicazes.

Andando pela sala, destinada ao banquete real, acompanhado de muitos, não póde suster-se, que não dissesse, virando-se para elles: «D'esta vez meu senhor o mestre será rei, a prazer de Deus, e apesar de quem pezar!»

Uma quinta feira, seis de abril de 1385, contando D. João vinte e seis annos e onze mezes de sua florescente idade, foi acclamado rei, com as pompas religiosas e o esplendor usados em taes actos.

Quaes fossem no templo e no palacio as ceremonias, não o podemos saber. O chronista, reputando-as conhecidas, apenas diz de leve, que tiveram logar, e só accrescenta que foi poderoso e real o estado como o novo monarcha merecia, e conformes com a alegria publica os grandes festejos celebrados.

Em Coimbra, e nas outras villas e cidades, fieis á sua bandeira, deram-se torneios e jogos militares, proprios da epocha, e n'elles provaram os cavalleiros a sua destreza e robustez ao tavolado, nas justas, e nas corridas de cannas.

Em Lisboa, sempre leal e affecta ao mestre, fez-se uma procissão solemne, que saiu da Sé e foi a S. Domingos, ornada naturalmente das figuras e dansas, que era então costume ajuntar a estas devotas manifestações.

Depois, trouxeram pelas ruas o estandarte real, com pregão e acclamações, e alçaram na rua nova um grande e alto mastro, da parte do mar, que sem tomar a passagem, deleitou o povo.

El-rei, apenas cingiu a corôa, não se esqueceu dos amigos fieis, que lh'a ajudaram a ganhar. Nuno Alvares Pereira foi nomeado condestavel do reino, e mordomo mor; Alvaro Pereira teve o titulo de marechal da hoste (exercito); Gil Vasques da Cunha foi feito alferes mór: João Fernandes Pacheco, guarda mór; Rui Mendes de Vasconcellos, meirinho mór de Entre Douro e Minho; João Rodrigues de Sá, camareiro mór; João Gomes da Silva, copeiro mór; Lourenço Annes Fogaça, chanceller mór; e em seu logar, por estar ausente em Inglaterra, serviu o cargo o doutor João das Regras, que depois adquiriu a propriedade.

Concluidas estas, e muitas outras nomeações, em que o principe se mostrou reconhecido e munificente, seguiram-se identicos testemunhos de agrado ás cidades e villas dedicadas á sua causa, sendo Lisboa a que foi tratada com maior benevolencia, e a que na realidade o merecia mais, a par da cidade do Porto, contemplada do mesmo modo, e igualmente digna de o ser.

Depois de ordenadas as recompensas, e findos os festejos, principiou el-rei a cuidar da administração do reino, e a dispor tudo para a defeza, não poupando diligencias para castigar com derrotas e revezes as ameaças de Castella. A Providencia, concedendo-lhe em Aljubarrota uma victoria milagrosa, e aniquilando a seus pés o immenso poder do seu contendor, quiz mostrar-lhe que abençoára n'elle os sentimentos mais nobres de um rei e de um povo, a fé em Deus, a constancia na adversidade, e o amor do proprio solo e da sua independencia!

L. A. Rebello da Silva.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

CARTA IX.

NOITES DE VERÃO. VESPERA DE S. PEDRO. PALACIO DA CASA D'ANGEJA. CONVENTO DAS SALESIAS. MADAME SCARLATTI.

29 de junho de 1787.

O sol resplandecente, com que os ultimos dias nos brindaram, apesar do seu esplendor começa a enfastiar-me. Vinte vezes no dia debalde cobiço estirar-me ao comprido na fresca relva de algum frondifero valle inglez, onde as fadas dansam ás horas do crepusculo estivo, e segredam a seus somnolentos amigos as boas ou más sinas que os aguardam. Em Portugal o calor é demasiado para esses vaporosos entes fatidicos; não ha, pois, que esperar as suas inspirações; prouvéra ao céu que alguma revelação, d'esta ou d'outra natureza, a tempo me tivesse avisado da poeira de cegar e da excessiva calma de Lisboa e seus suburbios. Que tolice de quem está bem e refrigerado em casa vadiar por fóra na futil esperança de melhorar no que já de si é optimo! Capacitae-vos do que vos digo, ha mais delicias de primavera e mais goso em nossas verdejantes collinas e bosques do que em todos estes enfezados olivedos e crestados promontorios.

Temos um rifão que diz:—é peçonha para uns o que para outros é manjar—não ha cousa mais certa. Estes dias e noutes de temperatura ardente, que me opprimem sem allivio, são o deleite e ufania dos habitantes d'esta capital. O calor não sómente parece ter avenenado os ferrões das moscas e mosquitos, mas tambem arrojou para a rua, por noutes inteiras, todos os abelhões humanos, que pulam e bailam e arranham bandurras desde o sol-posto até á alvorada. Junte-se-lhes os cães em abundancia latindo e uivando sem interrupção; a vozearia das ladainhas dos terços; os estalidos do fogo de artificio, que os devotos deitam sem cessar em louvor de algum mem-

bro da celestial jerarchia; a bulha suja da vadiagem insolente, que percorre as ruas em busca de aventuras; ver-se-ha que não ha pilhar uma piscadella de somno, ainda quando o soão o permittisse.

Quanto ás mansas convivencias nocturnas, onde ingenuos mancebos repousam as cabeças, não em o regaço da mãe terra, mas de suas amasias, que pacificamente se empregam em livrar de uma copiosa população as madeixas azevichadas de seus affeiçoados, nada tenho a dizer contra ellas; nem me perturbam os sons das caldeiradas jorrantes das janellas (1): porém, os uivos caninos, de que acima fallei, excedem todo o incommodo que n'este genero tenho supportado, e fornecem não pequena noção prévia das regiões infernaes.

Como em a presente estação só se cuida em folias e algazarras, e a celebração da festa de S. Pedro com o maior barulho e dispendio que for possivel não é tanto uma inclinação profana como um pio dever, o tal bolonio conde de Villa Nova abriu os seus jardins a noute passada a toda a *fidalgu* e *maltez*-ia de Lisboa; fez uma insipida illuminação de balões de papel e armou uma casta de pavilhão para dansa achavascadamente construido, sob o qual as mais elegantes costureiras francezas e inglezas e capellistas da metropole figuravam nos cotilhões com o duque de Cadaval e outros moços da principal nobreza, os quaes, como muitos da nossa capital, e tambem de boas esperanças, só estão á sua vontade em humilde companhia. Dous ou tres dos meus criados acompanharam o meu alfaiate á festa, e vieram extasiados dos modos jucundos das capellistas estrangeiras e da nobreza nacional.

Dei-me por muito satisfeito de ficar em casa a coberto dos meus transparentes verdes, ouvindo, por mera preguiça, qualquer destempero que aprouvesse a alguem dizer-me. Mas tinhamos ha muito sido convidados a jantar com D. Diogo de Noronha no palacio de Angeja. Chegando ao nosso destino, achamos o herdeiro da casa rodeado de padres e pedagogos, doutrinando-se em mirar á janella, precipua occupação da vida de um fidalgo portuguez. Oh que preciosa collecção de contos eu ouvi n'este banquete attico! Aconteceu achar-se na companhia um estupido padre ainda moço, não me lembra de que universidade (espero que não fosse a de Coimbra) que nos regalou durante o jantar com estupendas narrações, taes como de uma perola da rainha defunta, e de inestimavel valor, moída para se engolir em beberagens medicinaes; outra ácerca de umas freiras do convento do Sacramento, que tendo seus namoricos com o proprio Belzebuth em pessoa foram mettidas na inquisição, e a janella por onde sua magestade infernal entrára, depois d'esta proeza de galenteio, foi entaipada e toda pintada de cruzes vermelhas: accrescentou que a mesma decoração preventiva foi distribuida por todas as frestas da frontaria, para que nenhum demonio, ainda o mais ateado em desejos, pudesse repetir o feito. Tambem nos quiz embutir que uma mulher mui guapa, engordando a olhos vistos, com os peitos sempre arrebentando de leite, que tomava creanças de mama mais barato do que outra qualquer ama, e que de ordinario as sumia, lá jazia agora nos carceres do santo officio accusada de ter feito em picado para cima de vinte innocentes!

Deus me livre de relatar outras mais particularidades da nossa conversação á meza; se o fizesse, ficarieis aceiadamente empazinado.

Depois de jantar a companhia dispersou-se, uns para os seus encostos da sésta, alguns para ouvirem uma tocata de salterio acompanhada na harpa hebrea por um par de anões; o herdeiro presumptivo para a sua querida janella; e Verdeil e eu tomamos para o convento de freiras saboyanas em Belem, o mais fresco e limpo retiro d'estas cercanias, e ainda por cima d'isto abençoado pelo especial patrocinio e direcção do padre Theodoro d'Almeida. Parece que sua reverendissima foi o principal instrumento, abaixo da Providencia, da transplantação d'estas bemditas vergonteas de santidade do convento da Visitação em Annecy para o ardente clima de Portugal.

Como eu tinha acabado de receber uma assucarada epistola d'este exemplar de piedade, recommendando o seu prezado estabelecimento n'algumas paginas de fervoroso panegyrico, elle não pôde deixar de saír do interior de seu ninho; e fez-nos bom gazalhado com um semblante rebuçado de brandos sorrisos, posto que ouso dizer que, pela nossa invasão, desejaria esfolar-nos.

«Pobres creaturas! (nos disse fallando das educandas d'esta capoeira) fazemos quanto em nós cabe para aperfeiçoar seus tenros entendimentos e suas castas linguas nos idiomas estrangeiros. Soror Thereza tem singular pericia para ensinar arithmetica, a nossa veneravel madre é bastante profunda em grammatica, e soror Francisca Salesia, que eu tive a dita de trazer de Lyon, não só é mui sã e persuasiva moralista, como tambem geralmente reconhecida por uma das eminentes mestras de costura em toda a christandade; estamos soffrivelmente quanto a bordados. Em musica não ha grandes proficiencias; não permittimos modinhas, nem arias de opera; e o que n'este ramo podeis esperar é apenas o canto singelo; em summa não estamos bem preparados para receber tão distinctos hospedes, e nada possuimos do que o mundo chama interessante, que nos recommende; mas, em compensação, eu, seu indigno confessor, devo declarar que tanta docilidade e tão puras consciencias como tenho achado n'este asylo são thesouros muito acima de quantos as Indias nos possam fornecer.»

Verdeil e eu, conscios da nossa pequeneza, ficamos de todo o ponto humildados por esta sublime declamação, despejada de braços cruzados sobre o peito e olhos postos no tecto, como algumas imagens que tenho visto de S. Francisco Xavier. Um minuto pelo menos esteve sua reverencia sem mudar d'esta attitude; d'ahi a pouco correu uma cortina, tendo a condescendencia de admittir-nos n'um espaçoso locutorio, deliciosamente fresco, perfumado de jasmins, e povoado de pombinhas brazileiras, papagaios, e canarios; arrulhos e chilros taes nunca se ouviram em maior auge de perfeição, excepto no paraizo de Mafoma; nem faltavam as *huris*, por quanto n'um esconderijo que se dilatava para dentro da clausura, detraz de uma rotula soffrivelmente larga estava sentada uma fileira das mais amaveis donzellas que eu tenho visto; era do rancho a filha do meu amigo D. José de Brito; seus olhos de mui feiticeira meiguice parecia adquirirem nova fascinação n'aquella mysteriosa especie de crepusculo, luzindo atravez do duplicado ralo de arame.

De quando em quando os passaros, de nenhum modo intimidados pelos predatorios relances d'olhos

(1) Os escriptores de viagens são lastimosamente dados á exageração. O auctor do *Tableau de Lisbonne* diz: «São dez horas, uma multidão de pennos assoma ás janellas etc.» Quem vir isto supporá que toda a casaria está em movimento: não é assim. Estou sciente de que as vezes occorrem alguns sorrateiros accidentes de tal natureza, porem não de um modo tão geral e patente

do padre Theodoro, violavam o santuario, e pousavam nos collos alabastrinos, sendo recebidos com milhares de caricias pelos anjos d'este pequeno e retirado Eden, que tão refrigerante parecia, e que pelo seu religioso socego formava notavel contraste com o turbulento mundo cá fóra e sua rutilante atmosphera; de maneira que não pude reprimir-me, e exclamei: «Oh quem me dera azas como a pomba, que voasse atravez d'essas grades e lá repousasse para sempre!»

Desnecessario é referir-vos que passamos meia hora deliciosa fallando de musica, flores e devoção com as meninas; quasi nos ía esquecendo a promessa de ouvir contar a Scarlatti, cujo pae de origem italiana, antigo capitão de cavallaria, reside não muito longe do convento da Visitação; por isso não tivemos tempo de experimentar no transito a penosa differença entre o fresco locutorio das freiras e o abafador ar externo.

Numeroso grupo de parentes das senhoritas achava-se á porta da casa com a hospitaleira cortezia que tão notavelmente distingue os portuguezes, para introduzir-nos no andar superior em uma galeria adereçada de pannos de raz e de placas, na apparencia mais de uma ostaria italiana do que de palacio de um cavalheiro; para nos confirmar nas idéas das casas de posta, aspiramos ao subir, os fortes efluvios da estribaria, e ouvimos as patadas e rinchos, como se um bando de monteadores viesse tomar parte no concerto.

Muitas caras singulares e indigenas de ambos os sexos estavam ali reunidas, collecção disparatada e extraordinaria, segundo conjecturo; dispenso-me de individual-as. A dona da casa, senhora ainda moça, encantou-me á primeira vista pelas suas maneiras engraçadas e modestas; porém, quando cantou algumas arias da composição do famoso Peres, não só me deleitou, fez-me pasmar: a sua voz modula-se com uma negligencia desaffectada nos tons mais patheticos. (1) Posto que tenha adoptado o estylo magistral e scientifico de Ferraruti, um dos primeiros cantores da rainha, dá uma simplicidade de expressão aos trechos mais difficeis, similhando as effusões d'alma de uma heroina de novella trinando solitaria no recondito das florestas.

Sentei-me n'um canto obscuro, sem dar fé nem do que se passava no aposento, nem das extravagantes physionomias dos que entravam ou saíam; as vistas attentas, o cochichar, os movimentos e mexericos da assembléa eram para mim cousas perdidas; não fui senhor de proferir uma syllaba, e bastante me afflligiu que uma despotica tia velha insistisse em que não se cantasse mais, e propozesse uma partida e a dansa. Do íntimo d'alma desejei que toda a parentela e seus amigos fossem na occasião petrificados por algum obzequioso nigromante, e nada mais quereria, ainda em risco de me levar o diabo, do que ouvir sem interrupção a cantora sereia até alvorecer o dia.

(Continúa.) . . .

(1) Estes sons maviosos parece terem feito duravel impressão no peito de um mancebo, que é dos primeiros amanuenses das secretarias de estado, todo elle era admiração, todo elle ardor, e a sua deidade toda ella era indifferença: ao cabo de longo periodo de inutil côrte, o misero amante, lançado no absoluto desespero, fez doação de quanto tinha de valia no mundo ao objecto da sua adoração, e atirou comsigo ao Tejo: providencialmente foi pescado e conduzido a casa pallido e quasi exanime. A scena, acompanhada de tão vehemente prova de illimitada paixão, produziu seu effeito; a senhora abrandou-se, casaram, e creio que são tão felizes quanto podem fazel-os a reminiscencia de tão difficil salvamento e a sua causa.

TELEGRAPHOS.

EXEMPLOS DA RAPIDEZ E OUTRAS VANTAGENS DA TRASMISSÃO ELECTRICA.

Os telegraphos electricos abreviam, e chegam até a extinguir as distancias, economisam o tempo e o trabalho. D'aqui vem a resultar um formação mais rapida e mais estensa de productos, e uma diminuição na massa dos capitaes improductivos. D'uma diminuição na massa dos capitaes improductivos nasce o barateamento do capital circulante. A correspondencia instantanea entre numerosos mercados, entre os mercados mais afastados, entre todos os mercados do globo, quando o nosso globo for abrangido n'uma vasta rede de fios electricos, dando a cada paiz informação exacta das necessidades do consumo, e do estado dos preços em cada ponto commercial, não se póde calcular a suppressão de estorvos, o accrescimo de riqueza e commodos, que será capaz de causar na economia social! Se esta correspondencia estivesse estabelecida, evitar-se-ía a perda de carregações excessivas de vinho, que n'estes ultimos tempos expediram para o Brazil algumas das nossas casas commerciaes, quando o Brazil estava saturado d'esse genero. Se, como já alguem notou, a telegraphia electrica tivesse já durante o anno de 1853 cingido as provincias danubianas, Constantinopla, S. Petersburgo, e Odessa, e se fôra então praticavel transmittir e fazer circular em um dia um despacho telegraphico entre esses pontos diversos e París, os fundos publicos e os valores industriaes da França teriam então padecido menos fluctuações, e fôra prevenida a ruina de muitas fortunas particulares n'aquella nação.

A melhoramentos economicos, cujo limite ninguem póde definir, juntam-se serviços moraes, e de toda a ordem, cujo termo está tambem fóra do alcance da previsão humana. Apontaremos algumas, só muito poucas, d'estas vantagens do telegrapho electrico, que a experiencia já tem tornado vulgares para as nações mais adiantadas, mas que para as outras são ainda hoje motivo de admiração.

O discurso pronunciado em 1846 pelo presidente dos Estados Unidos, annunciando a declaração de guerra contra o Mexico, discurso que occupava duas columnas compridas em pequenos caracteres n'um jornal da maior dimensão, foi transmittido na integra pelo telegrapho de M. Morse, e copiado em menos de tres horas. Durante esta longa communicação, transcrevia o telegrapho 84 letras por minuto, isto é, o dobro do que o inventor tinha promettido.

O discurso de Henrique Clay sobre a guerra do Mexico, pronunciado em 1840 no congresso dos Estados Unidos, foi transmittido em duas horas de Cincinnati a Nova York, com uma exactidão inapreciavel, posto que o resumo d'elle não occupasse menos de columna e meia d'um jornal em pequeno texto.

Um jornal americano, o *New York Express*, referia em 1849, que a volumosa mensagem do presidente Polk, contendo mais de 50 mil palavras, foi transportada em um dia de Baltimore a S. Luiz, alimentando de copias na sua passagem 17 cidades dos Estados Unidos. E d'ahi mesmo se hão de deduzir duas horas perdidas em consequencia de uma tempestade.

O discurso do rei dos belgas, na abertura das camaras de 1840, tinha integralmente chegado a Antuerpia 47 minutos depois de ter sido pronunciado em Bruxellas. Este discurso não comprehendia menos de 872 palavras, que formavam 4:600 letras.

A transmissão d'este despacho tinha dado occasião a 11:660 movimentos telegraphicos.

O discurso da rainha de Inglaterra para a prorogação do parlamento em 1849 foi expedido de Londres a Norwich, distancia de 61 leguas, em menos de 18 minutos.

São variados e muito numerosos os serviços até aqui prestados pelo telegrapho electrico.

Já se utilisou este admiravel instrumento na determinação das longitudes. No mez de junho de 1844 foi determinada por este meio, sob a direcção de M. Morse, a differença de longitude entre Washington e Baltimore. Um signal telegraphico permittiu a duas pessoas, estacionadas uma em Washington, outra em Baltimore, comparar no mesmo instante dous relogios respectivamente acertados pela hora exacta de cada uma d'essas cidades.

O anno passado (1854) communicou M. Quetelet á academia de Bruxellas a proposta, que lhe foi feita pelo astronomo real de Inglaterra, de ligar, por uma linha telegraphica, o observatorio de Greenwich com o de Bruxellas, para ser directamente determinada pela differença das horas a differença das longitudes d'estes dous estabelecimentos. O observatorio real de Greenwich já, de feito, communica com a estação central de Londres, e d'ali, mediante uma linha submarina, com a estação central de Bruxellas, não restando senão ligar esta ultima com o observatorio de Bruxellas. Ignorâmos o andamento, que se tem dado a esta empreza scientifica. Tambem em França se intentava determinar com o auxilio da telegraphia electrica a differença das longitudes de Greenwich e París. Em todo o caso Bruxellas reputa-se em melhor situação do que París para servir de medianeira entre o observatorio real de Inglaterra, e a maior parte dos grandes observatorios da Europa. Julga-se que por sua intervenção poderão, d'alguma sorte, ouvir-se em Greenwich as pancadas das pendulas dos principaes observatorios da Allemanha.

Emprega-se algumas vezes o telegrapho electrico nas longas linhas americanas em annunciar as tempestades. A rapidez do furacão em atravessar a atmosphera não chega a 25 leguas por hora, e é facil ao telegrapho electrico tomar-lhe a dianteira. Um navio, que se apromptа a partir de Nova York para Nova Orleans, póde saber por este meio, com vinte horas de anticipação, que reina no golfo do Mexico uma tempestade.

É o telegrapho electrico de uma utilidade immensa nos caminhos de ferro. Da extensão dos seus serviços n'este particular póde-se fazer idéa pelos passos seguintes do *Manual de telegraphia electrica* de M. Valker.

«A telegraphia electrica (diz M. Valker) é grandemente devedora aos caminhos de ferro pela mão amiga, que lhe tem estendido, e a protecção, que lhe tem prestado. Sem elles teria esta invenção ficado por muito tempo no estado de concepção inapplicavel: elles lhe offereceram veredas completamente traçadas, que permittiram pôr em evidencia o seu valor. Mas o filho não foi ingrato para com seu pae: retribuiu-lhe dez vezes mais do que recebeu. Os pacificos postes e os conductores, o zinco e o vitriolo, o cobre, o marlim, a olaria e a gutta-percha entram por maior parte na economia de um caminho de ferro do que pódem suppol-o os accionistas.

«Para ter idéa dos serviços, que esta invenção póde fazer aos caminhos de ferro, tomae e examinae o trabalho feito na estação de Tonbridge durante os tres mezes de agosto, setembro e outubro de 1848. Folheando o livro das mensagens, onde é costume inscrever todas as communicações, vê-se que passaram n'esse intervallo mais de 4:000 mensagens concernentes aos trens ordinarios, aos trens especiaes, ás carruagens e differentes utensilios, aos empregados da companhia, ás machinas, a outras estações, e a diversos assumptos.

«Seria muito longo fazer a analyse completa d'estes sete grupos de mensagens. O leitor imagina facilmente, que, no concernente aos combois, tudo o que respeita á marcha ou á segurança de um trem tem sido mil vezes objecto dos signaes telegraphicos, e isto desde o instante da partida até o trem chegar ao termo da sua viagem. Annunciam estas mensagens a marcha e a chegada do comboi de uma maneira tão clara e tão palpavel aos olhos do espirito, como se realmente e com os nossos olhos o vissemos passar. É isto tão verdade, que estamos habituados a dizer: *vejo passar* o comboi em tal ou tal sitio, quando, em realidade, não vemos senão o signal *telegraphico*. Se os trens se demoram, sabe-se a causa. Se estão em aperto, são immediatamente soccorridos. Se estão atochados, e não andam senão lentamente, pedem reforço que se lhes envia ou prepara. Se ha cousa extraordinaria na linha, são prevenidos, e por conseguinte postos a salvo de todo o embaraço. Se estão detidos por não poder caminhar, não é já necessario expedir machina ao descobrimento: algumas desviações de agulhas dão todos os esclarecimentos.

«*Os trens especiaes* não pódem ser realmente *especiaes* senão n'um caminho de ferro que tenha telegrapho. A minha opinião de um tal trem é que se possa tel-o á medida dos desejos de cada um, e que o caminho esteja livre diante do viajante. N'um caminho de ferro como o de Sul-Este, que é a grande via entre o continente e o imperio britannico, pódem desembarcar correios a toda a hora, sem nenhum aviso d'isso, e terem necessidade de partir immediatamente para Londres. Se o barco de vapor chega a Folkstone com despachos para os jornaes da manhã, despachos cheios de grandes acontecimentos novos, que se referem á guerra, ou ás apparencias de guerra, aos thronos que vacillam, ou ás corôas que caem, circumstancias estas, que não eram raras no anno de 1848, o correio não deve ter receio de não achar trem, nem de chegar a Londres muito tarde para a primeira edição. Se não acha machina em Folkstone, o telegrapho lhe fará logo vir uma dos sitios onde ellas estão em reserva; e, mais do que isto, fará despejar a via diante d'elle, prevenindo a tempo o trem, que o precede, de se arredar para que elle passe. N'uma linha como esta, o viajante, que vae na dianteira do trem, não póde temer que uma machina impetuosa, instrumento de destruição e morte, se arremece subitamente contra elle. Os conductores do seu trem são advertidos pelo telegrapho do que vem nas suas costas; e sabem a hora e o sitio em que se devem desviar para desimpedir o caminho.

«Completa-se uma somma dada de trabalho com menor fundo girante n'um caminho de ferro, que tenha telegrapho, do que n'outro, que o não tenha; dispende-se muito menos trabalho do que em percorrer inutilmente a linha. É grande esta economia produzida pelo telegrapho. Tem as estações diariamente, e quasi a cada momento necessidades, imprevistas, de carruagens ou outros objectos, que lhes podem agenciar outras estações advertidas pelo telegrapho. Fizeram-se recentemente no espaço de tres mezes perto de mil requisições de carruagens e outros objectos.

«Mais de seiscentas mensagens, em tres mezes, entre a administração, as direcções e os subordinados provam assás a especie de omnipresença, que póde dar o telegrapho a uma direcção do caminho de ferro. Poupa-lhe longas horas de espera, evita-lhe viagens, idas e vindas, e abrevia-lhe assim muitas inquietações.»

Em 1848 tinha um comboi do caminho de ferro levado a Norwich a noticia da queda da ponte suspensa de Yarmouth. Póde-se imaginar qual seria a inquietação e terror dos habitantes de Norwich, que tinham quasi todos os seus filhos nos collegios e casas de educação de Yarmouth. Correram em chusma á estação do caminho de ferro, perguntando em altos gritos por noticias de seus filhos: «Todos os alumnos estão salvos!» disse o telegrapho electrico.

No mez de outubro de 1846, um desertor da *Pensylvania*, vaso americano, fundeado em Norfolk, roubou ao caixa do navio uma somma de 3:000 francos, e com o producto do roubo fugiu tomando o caminho de ferro de Baltimore. Averiguado o facto, dirigiu-se o caixa a toda a pressa á estação telegraphica de Washington, e fez transmittir a Baltimore os signaes do culpado com ordem de o deter. Dez minutos depois tinha a policia de Baltimore nas mãos a ordem de detenção, e no fim de meia hora chegava a Washington o despacho seguinte: «O desertor está prezo; que se ha de fazer d'elle?»

Tem-se muitas vezes visto na America e em Inglaterra dous jogadores de xadrez, postos a 50 leguas de distancia um do outro, jogarem a sua partida pelo telegrapho com tanta facilidade como se estivessem assentados um em frente do outro. «Durante a terrivel tormenta de 5 de dezembro de 1846 (diz M. Vail) no meio da obscuridade da noute, e em quanto a chuva caía em torrentes, e o vento soprava com furia, uma sociedade assentada tranquillamente em roda de uma meza n'um quarto de umas casas de Washington jogava em paz uma partida de xadrez com outra sociedade, assentada em Baltimore com a mesma commodidade: o telegrapho trabalhava para as duas sociedades apesar do vento, da chuva, do temporal, e da obscuridade.»

Em 1846 celebrou-se, mediante o telegrapho electrico, matrimonio entre duas pessoas, uma das quaes habitava Boston, e outra Baltimore, e que acharam commodo o arranjar, sem se deslocarem, este pequeno negocio. Mas a validade de um tal casamento deu, com bom direito, causa a um processo.

Durante a celebração de uma missa de casamento em uma das parochias de Inglaterra, uma das criadas graves da noiva escapou-se da igreja, e desappareceu com um dos seus admiradores. No mesmo instante se requisitou o telegrapho electrico em todas as linhas de caminhos de ferro para dar ordem de deter os fugitivos, fortemente suspeitados de terem ido invocar a protecção do ferreiro de Gretna-Green. O telegrapho funccionou bem demais, porque ao mesmo tempo que os culpados eram apanhados, quatro pares de jovens esposos, muito legitimamente unidos n'essa manhã, se achavam detidos em outros pontos da mesma linha, e viam as suas excursões matrimoniaes desagradavelmente suspensas pela intervenção da policia.

O telegrapho electrico tambem algumas vezes foi posto ao serviço da medicina. O doente e o medico installavam-se cada um d'elles n'uma das estações; o doente transmittia os symptomas do seu padecimento, e o medico respondia, enviando a receita. Lia-se n'um jornal americano o artigo seguinte:

«Hontem, antes do meio dia, entrou um cavalheiro no gabinete do telegrapho em Buffalo, e manifestou desejo de consultar o doutor Steven residente em Lockport. Prevenido d'isto, o doutor dirigiu-se ao gabinete telegraphico de Lockport. O cavalheiro annunciou-lhe então, que sua mulher estava gravemente doente, e fez-lhe saber os symptomas caracteristicos da doença. O medico indicou os remedios, que se haviam de applicar. Ambos convencionaram depois, que se a doente não passasse melhor, na manhã do dia seguinte se tornariam a achar nas extremidades da linha telegraphica. No outro dia o cavalheiro não appareceu. Era sem duvida, ou que a consulta tinha produzido uma cura subita, ou que a doente tinha morrido.»

No primeiro do janeiro de 1850 preveniu o telegrapho electrico em Inglaterra uma grave catastrophe. Tendo um trem vasio topado em Gravesend, foi o conductor lançado fóra da machina pela violencia do choque, e esta continuou a correr para Londres, só e sem guia, a toda a força do vapor. Deu-se immediatamente aviso pelo telegrapho a Londres, e ás estações intermediarias; depois o director arrojou-se á linha ferrea com outra machina em perseguição da que se escapára. Alcançou-a, e manobrou de maneira a deixal-a passar; depois poz-se a dar-lhe caça. O conductor da sua machina conseguiu por fim apoderar-se da fugitiva, e desappareceu todo o perigo. A locomotiva sem freio tinha já atravessado onze estações, e estava a só duas milhas de Londres, quando a fizeram parar. Se não se tomassem prevenções contra este accidente, o damno causado pela locomotiva erradia teria excedido á despeza de toda a linha telegraphica. Póde-se dizer que o telegrapho pagou n'esse dia o custo da sua installação.

No mesmo anno aconteceu segundo facto do mesmo genero no caminho de ferro de Londres ao noroeste. N'um d'esses dias sombrios e nublados tão communs em Inglaterra, uma locomotiva abandonada por descuido a si mesma abalou-se repentinamente, arrojando-se a toda a força do vapor com uma velocidade assustadora para o abrigadouro de Easton. Todos os que a viram escapar sem guia por um caminho percorrido de numerosos comboios, contavam com accidentes terriveis. Mas o telegrapho electrico adiantou-se immediatamente á fugitiva, e transmittiu-se dentro de minutos noticia d'esta occorrencia á estação de Camden. Tiveram tempo de voltar as agulhas de modo a encaminhar a locomotiva desvairada para uma via lateral, onde esta não encontrou mais que alguns *wagons* de carga, que lhe detiveram a carreira desordenada.

Os jornaes inglezes contaram com muita individuação o facto seguinte, que causou em Londres viva sensação, e que com effeito fornece uma prova estrondosa da utilidade do telegrapho electrico em negocios criminaes.

Em janeiro de 1844 commetteu-se em Salthil um assassinato horrivel. O assassino, chamado João Tawell, tendo-se precipitadamente transportado a Slough, tomou ahi um logar para Londres no trem do caminho de ferro, que passava por essa estação ás 7 horas e 42 minutos da tarde. A policia, advertida do crime, estava-lhe já na pista, e chegou a Slough sobre os passos do culpado quasi no momento, em que o comboi do caminho de ferro devia entrar em Londres. Mas o telegrapho electrico funccionava, e em quanto o matador, confiado na velocidade extraordinaria do comboi, se julgava em perfeita segurança, voava nos fios do telegrapho a mensagem seguinte:

«Acaba de commetter-se em Salthil um assassinio. Viu-se o que se suppõe ser o assassino tomar um bilhete de primeira classe para Londres, pelo trem que saíu de Slough ás 7 horas e quarenta e dous minutos da tarde. Está vestido de quaker com um casacão escuro que lhe desce quasi aos calcanhares. Vae na ultima ordem da segunda carruagem de primeira classe.»

Chegado, deu-se pressa João Tawell em subir a um dos omnibus do caminho de ferro. Agachado n'um canto da carruagem, julgava-se desde esse momento inteiramente abrigado do alcance da justiça. Comtudo o cocheiro do omnibus, que não era senão um agente da policia disfarçado, não o perdia de vista, seguro de apanhar o criminoso como um rato na ratoeira. Chegado ao bairro do banco, desceu João Tawell do omnibus, dirigiu-se para o lado da estatua do duque de Wellington, e atravessou a ponte de Londres, depois entrou no café do Leopardo, no Burgo, e por fim retirou-se para uma casa de aluguer da visinhança. O agente da policia, que, na cola d'elle, o tinha seguido em todas as suas evoluções, entrou após elle, e conservando a porta entreaberta, perguntou-lhe n'um tom muito socegado:

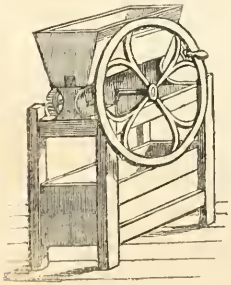
—Não chegastes esta tarde de Slough?

A esta pergunta tão assustadora para o culpado, perturbou-se João Tawell, e balbuciou um «não» que era a confissão do seu crime. Prezo no mesmo instante, foi posto em processo, condemnado como assassino, e enforcado.

Passados alguns mezes, diz um jornal inglez, atravessavamos de Londres para Slough pelo caminho de ferro, em uma carruagem cheia de pessoas estranhas umas ás outras. Todos guardavam silencio, segundo é uso muito geral entre viajantes inglezes. Já tinhamos andado perto de quinze milhas sem se ter pronunciado uma unica palavra, quando um homemzinho, grosso e reforçado, de pescoço curto, e de apparencia aliás muito respeitavel, que estava assentado n'uma das extremidades da carruagem, fitando os olhos nos postes e fios do telegrapho electrico, que pareciam voar n'uma direcção opposta á nossa, murmurou em voz alta, acompanhando a sua observação com um meneio de cabeça significativo:

«*Ali estão as cordas, que enforcaram João Tawell!*»

O. M.



MOINHO AGRONO-DOMESTICO.

O moinho, que a gravura representa, construido segundo modelos americanos, por M. J. Hallié, fabricante de instrumentos agricolas em Bordeus, póde servir para differentes usos da economia domestica: n'elle se moem com igual vantagem os cereaes, taes como o milho, o trigo, o centeio, e a cevada, ou plantas leguminosas, como lentilhas, hervilhas, favas etc. depois de perfeitamente seccas. Póde igualmente com esta singela machina reduzir-se a pó a tapioca, o sagu e outras substancias da mesma natureza.

A quantidade de farinha que deve obter-se por hora depende da força motriz applicada ao moinho; entretanto os agronomos mais distinctos confessam que elle é de um emprego mui util e economico. É simplissima a construcção do moinho agrono-domestico: e tão simples que em vista do pequeno desenho, que apresentâmos, crêmos que qualquer das excellentes fabricas de ferraria que existem, assim em Lisboa como no Porto, não duvidaria encarregar-se de construir similhantes machinas.

EPHEMERIDES HISTORICAS.

SETEMBRO 26

1439—Incendio de uma frota veneziana pelos milanezes.
1815—Tratado da Santa Alliança.

27

1745—Bombardeamento de Genova pelos inglezes.
1540—O papa Paulo III approva a constituição da companhia de Jesus.

28

1509—Aportam os portuguezes, pela primeira vez, a Malaca.
1742—Morte de Massillon.

29

1560—Morte de Gustavo Wasa, rei da Suecia.
1523—Tomada de Reggio por Affonso de Este.

30

1398—Deposição do rei de Inglaterra Ricardo II.

DECLARAÇÃO.

Constou ao editor que *alguem*, cujas intenções não sabe explicar, espalhára que o *Panorama* acabava, sendo refundido na *Illustração*, que deve começar a publicar-se em janeiro proximo; cumpre pois ao editor declarar mui expressamente que o *Panorama* continuará nos futuros annos, como até aqui, a saír regularmente todos os sabbados, no mesmo systema, e com certos melhoramentos que hão de ser indicados em occasião opportuna. A *Illustração* é um periodico inteiramente diverso na indole e no plano da redacção, como póde ver-se nos prospectos, a que tem dado toda a publicidade. Por esta occasião previne outrosim o editor, que a nova empreza da *Illustração Luso-Brazileira* nada tem de commum com a da antiga *Illustração*, nem tão pouco com a do mesquinho periodico que saíu com o mesmo titulo da typographia lisbonense em 1852.

SUISSA — SPLUGEN.

A aldeia de Splugen, no cantão dos Grisões, está situada em uma das paragens mais agrestes e pittorescas de toda a Suissa.

A estrada que segue para esta aldeia, bifurcando-se, fórma de um lado o caminho que vae ao Lago Maior, e do outro a passagem, ou vereda, de Splugen, a qual conduz, por entre alcantís e precipicios medonhos, ao lago de Como.

Á borda de uma torrente, de curso accidentado, o logarejo como que parece pendurado nas suas margens fragosas, apresentando o seu todo um effeito mui agradavel.

Os cabeços do Splugen têem presenciado admiraveis feitos de armas: não sendo o menos portentoso a corajosa, ou antes a temeraria marcha de uma parte das tropas de Bonaparte, primeiro consul, sob o commando especial do intrepido general Mac-Donald, em 1800.

Hoje, porém, os pacificos habitantes de Splugen apenas são distrahidos dos seus rudes trabalhos pastoris pela passagem frequentissima de viajantes tão inoffensivos como elles.

A torrente põe em movimento tres moinhos e uma fabrica de serração de madeira. Existem em Splugen pedreiras de marmore e alabastro, e ali se fabricavam, em outro tempo, objectos de arte de certo merecimento.

ESTADISTAS PORTUGUEZES.

DIOGO DE MENDONÇA CÔRTE REAL.

(1658—1736).

III.

Terminados os trabalhos de tão desastrosa navegação passou Diogo de Mendonça a Londres, de lá embarcou para a Haya, côrte dos estados geraes de Hollanda, aonde fez á sua entrada publica, adequada ao caracter que representava, e á magnificencia e luzimento com que era costume então realçarem os ministros a dignidade da missão.

Seguiram-se depois ás fadigas das viagens, e aos incommodos dos cortejos os cuidados e diligencias de uma negociação laboriosa, consummada com tanta utilidade do reino, quanta foi a gloria que lhe resultou, e a capacidade e prudencia com que se abonou para a vencer.

O objecto da enviatura de Côrte Real a Hollanda eram as queixas do nosso commercio, e as offensas da corôa, nascidas do atrevimento com que os vas-

sallos de Hollanda, sem fé nem razão, ultrajavam a bandeira portugueza, aprezando navios, que ella cobria, e desprezando a segurança de uma paz de muitos annos, jurada e mantida entre as duas potencias.

Á estranheza do caso uniram-se em Lisboa os clamores dos interessados, e antes que o descontentamento, lavrando, chegasse a rebentar em incendio, rompendo a guerra entre as duas nações, decidiu o gabinete de D. Pedro II tentar as vias de conciliação, compondo por meio de um ministro habil as divergencias, e resguardando o decoro e os interesses da monarchia.

Diogo de Mendonça desejava desempenhar-se com lustre d'este primeiro encargo, certo, como avisado e previsto, de que em todas as carreiras são sempre os primeiros passos os que influem no futuro.

Tomando, pois, o pulso ás difficuldades, não as achou menores do que receiava, nem viu nos homens aquella lisura e clareza, que facilitam em vez de entorpecer; logo conheceu, que tinha de travar demorada porfia com a avidez e a dissimulação, oppondo a agudeza aos artificios da ultima, e a firmeza ás ambiguidades da primeira.

Os hollandezes não podiam negar a verdade patente, nem as injurias da nossa corôa, nem ousavam abraçar tambem abertamente a causa dos piratas, que á sombra da amisade, vinham roubar fazendas e embarcações navegadas na lealdade dos tratados; mas desculpavam-se com a indole audaz e indisciplinada dos naturaes de Flessinga, com a cobiça que os arrastava, e com a falta de repressão, que os animava a fazerem pouco ou nenhum caso das leis e dos deveres.

Prolongaram-se as conferencias sobre o assumpto, mudando de aspecto a cada phase, e variando os negociadores nas palavras e no accôrdo, mais zelosos de fugir á reparação, do que de satisfazer ás obrigações de sincera correspondencia.

Finalmente, a 22 de maio de 1692, conseguiu Diogo de Mendonça o que se propunha, e a nossa côrte confiára do seu talento, ajustando todas as dissidencias no tratado assignado na mesma data, e concluindo-as com tanta honra da corôa portugueza e credito de sua pessoa, que os estados geraes se responsabilisaram ao pagamento de oitenta mil patacas, como indemnisação das prezas, as quaes de feito se arrecadaram pelo rendimento do sal de Setubal, consignado á republica em virtude do tratado de 31 de julho de 1669, e depois de cobradas se repartiram na devida proporção pelos interessados, precedendo a previa avaliação das suas perdas.

Este serviço relevante não foi, entretanto, o unico que prestou Côrte Real na sua enviatura.

Aproveitado o ensejo occupou-se de resolver outro negocio, ainda pendente, que tinha sido o escolho de anteriores negociações, e até á sua vinda offerecêra sempre graves obstaculos a um ajuste definitivo. Eis o caso.

Na guerra da America, movida contra as possessões portuguezas pela ambição de Hollanda, o amor ardente da independencia, e o esforço heroico dos habitantes, menos soccorridos a principio pelo reino do que era justo e necessario, acabaram por desoppriмir a capitania de Pernambuco do jugo e dominio dos capitães e commissarios dos estados, encerrando-se a lucta de longos annos pela entrega do Recife, ou cidade Mauricia, ultima e fundada esperança dos conquistadores, debaixo de condições que foram ratificadas, mas que por motivos differentes a nossa côrte não tinha cumprido ainda inteiramente.

Versava o litigio sobre a clausula, que nos obrigava a restituir a fazenda a alguns hollandezes, em virtude da promessa feita sobre as armas. No momento em que a republica nos compensava o damno das prezas maritimas, pagando oitenta mil patacas, era impossivel deixar de confessar o direito, que lhe assistia para exigir de Portugal identico procedimento para com os subditos, a que dera a sua garantia.

Como habil acceitou logo Diogo de Mendonça todas estas consequencias, applicando-se na discussão e nos apertados exames que estabeleceu, a diminuir, e a attenuar mesmo de um modo consideravel a extensão e importancia das indemnisações. Assim o obteve.

Ponderadas as suas razões, e em presença de um rigoroso inquerito lavrou-se o tratado de transacção de 27 de novembro de 1697, seguido da convenção de 28 do mesmo mez, pela qual nos obrigamos a pagar a cada um dos herdeiros de V. Donker, e de G. Wit a quantia de onze mil cruzados, cedendo elles d'ahi em diante de todas e quaesquer allegações de compensação.

Em 19 de fevereiro de 1694 ratificaram os estados geraes solemnemente os dous tratados, os litigantes convieram e applaudiram-se, e este fermento de discordia foi removido com pequeno sacrificio, e a contento de todos os interessados, depois de entreter per to de quarenta e um annos os dous gabinetes, servindo em repetidas occasiões de pretexto á má von tade dos ministros hollandezes, inspirados pela influencia que exercia o interesse particular de duas familias, que souberam empenhar a seu favor tod a auctoridade da republica.

IV.

O exito da sua missão na Haya exaltou o merecimento do ministro no conceito do soberano; e determinando mandar um enviado extraordinario á côr de Carlos II, rei de Hespanha, lançou os olhos sob Diogo de Mendonça, nomeando-o por fins de 16 para desempenhar aquelle novo cargo.

Obedeceu o vassallo com satisfação, porque via mudança o galardão dos serviços passados, e o agr do do principe; e em maio do seguinte anno enco tramol-o em Madrid, fazendo a sua entrada public e confirmando com a pessoa os louvores que o no já lhe havia grangeado.

Em Hespanha as qualidades e a instrucção de D go de Mendonça foram apreciadas do mais lisonje modo. A amenidade do trato, a cortezia das palav e acções, e a graça espirituosa da sua conversaç depressa o tornaram não só bemquisto, mas preza e querido.

A nobreza castelbana, tão orgulhosa de sua lin gem e titulos, com frequencia o elegia seu arbi nas contendas, que nasciam entre ella, e desuni os fidalgos; e as vontades menos doceis timbrav em annuir aos conselhos, com que moderava a l xão em uns, e invocava a grandeza d'animo dos tros, sempre no intuito de os aplacar.

Por sua intervenção se ajustaram assim paci mente discordias, que promettiam graves conflic e se uniram por casamentos corações, que ante aborreciam mais do que se harmonisavam.

A morte de Carlos II veiu perturbar o socego ministro de Portugal, e a paz da nação hespanh A guerra da successão, posto que não declarada da entre as potencias, já se annunciava nos arman tos que dispunham as mais guerreiras.

Vendo assentado no throno de Carlos V e Filippe II um Bourbon de França na pessoa de Filippe de Anjou, neto de Luiz XIV, a Europa assustou-se com a ambiciosa preponderancia da casa de França, e coligou-se para lhe disputar a posse da corôa de Castella.

No principio, Portugal não se associou a esta idéa, antes reconheceu Filippe de Anjou como legitimo successor de Carlos II; mas reflectindo com mais pausa, e considerando o estado das cousas, e o perigo tão proximo para nós do ascendente da dynastia franceza em Madrid, resolveu o conselho de D. Pedro II que era de summa conveniencia atalhar o mal a tempo, adherindo á grande alliança de Inglaterra, da Hollanda e do imperio.

Coroado rei de Hespanha em Vienna d'Austria o archiduque Carlos, os tres gabinetes resolveram introduzil-o em Castella pelas fronteiras portuguezas: e sabido isto em Hespanha, se não ardêra ainda a primeira escorva, era claro que tardaria pouco a atear-se o fogo da guerra, e nas duas côrtes de Madrid e Lisboa tudo se predispunha para a sustentar valorosamente.

Ao passo que Diogo de Mendonça se recolhia ao reino, acompanhado até á raia por um corregedor do crime e uma companhia de cavallos, o enviado extraordinario marquez de Capecelatro atravessava o Alemtejo, e junto do Caya, entre Elvas e Badajoz, despedia-se, não sem pezar, de um reino aonde achára sempre agradavel e delicada hospitalidade.

Em dezembro de 1703, restituido á côrte Diogo de Mendonça, não aguardou muitos mezes ocioso as ordens do monarcha. A 2 de abril de 1704 recebeu a nomeação de secretario das mercês e do expediente de el-rei, passando-se-lhe a respectiva carta em 24 de março do seguinte anno.

N'este meio tempo aportou á barra de Lisboa (9 de março de 1704) o archiduque Carlos, com uma armada de duzentas velas; e D. Pedro II, unindo á empreza começada as tropas e a pessoa, saiu da côrte a 28 de maio, marchando para a provincia da Beira, por onde o plano anteriormente concertado riscava que devia intentar-se a conquista.

Côrte Real acompanhou o monarcha, servindo-lhe de secretario de estado; e é de crer, que na sua previsão cautelosa anticipasse o pouco successo de tão apparatosas armas, e o desgosto de el-rei por não achar que a campanha correspondesse ás disposições tomadas para ella se fazer rapida e brilhante.

A enfermidade de D. Pedro II apressou a sua volta para Lisboa, aonde chegou a 17 de novembro de 1704, confiando a Diogo de Mendonça, além das funcções, proprias do exercicio do seu logar de secretario das mercês, a administração de todas as repartições e municiamentos da guerra, as quaes o ministro dirigiu até á conclusão e firmeza da paz em Utrecht, a 6 de fevereiro de 1715, muito depois da morte de el-rei.

D. Pedro II falleceu em dezembro de 1706, e D. João V, seu filho, succedeu-lhe em idade ainda tenra. Ouvindo muito os conselhos do padre Luiz Gonçalves, da companhia de Jesus, affeiçoado ao partido austriaco, e attendendo não menos o voto do conde de Vianna e do marquez de Alegrete, principiou a reinar, mais notado de timido e perplexo, que de audaz e resoluto. A mocidade e a pouca experiencia é que o tolhiam.

Apenas tomou com tacto mais firme o pezo ás difficuldades, e aprendeu a conhecer melhor os homens e as cousas, ergueu a cabeça, e não sem admiração o viram todos dispensar validos e ministros do despacho universal, decidindo pelos seus olhos e regulando todos os negocios civis e militares da administração.

A reputação merecida de Diogo de Mendonça tinha disposto a favor d'elle o animo do principe, e logo em abril de 1707 alcançou a mais agradavel prova d'isso. Em memoria dos serviços relevantes, prestados ao defuncto rei D. Pedro, D. João V nomeou o seu secretario de estado, mandando-lhe passar a carta competente a 27 do mesmo mez.

Parecendo acertada a escolha, idonea a pessoa, e bem acolhido o soberano. Chamando para o seu lado um homem de reconhecida aptidão, rico de saber e alluminado de luzes praticas, o novo monarcha poupava se a grandes dissabores, e principiava o seu reinado por um acto de prudencia, cujos effeitos afortunados havia de colher dentro de pouco tempo com satisfação publica, e applauso proprio.

(Continúa.

L. A. REBELLO DA SILVA.

SUMÉ.

LENDA MYTHO-RELIGIOSA AMERICANA,

REPRODUZIDA EM OUTRAS ERAS

POR UM INDIO MOPYNGCALA, AGORA TRADUZIDA E DADA Á LUZ

[illegible] POR UM PAULISTA DE SOROCABA.

Annuntiabo tibi grandia...
JEREM. CAP. 33

I.

Posteros! Não davideis do que ides ler. Porque estas linhas só verão a luz quando a paz e a justiça reinem na terra do Cruzeiro, e haja n'ella quem entenda e quem creia as palavras proferidas em nome do Senhor.

Então a verdade triumphará e radiará como a luz do sol. Porque o sol é a imagem da verdade, como o trovão o echo de Tupan (1) terrivel e omnipotente.

E a mesma verdade terá um dia adeptos inspirados que bemdirão ao Senhor, entoando cantos e canticos ao seu apostolo...

II.

N'aquelle tempo achando-me no cimo da serra entre nevoeiros, o céu ribombava medonho.

E ouvi uma voz que dizia: «Levanta-te! Que és o escolhido para contar aos vindouros os prodigios que passareis a presenciar.

«Porque a sciencia prefere desposar-se com os pobres e modestos, que tem a consciencia pura e sã.

«E Jehovah te infundirá o conhecimento da lingua dos profetas, para que leias o que está escripto, e para que passas escrever.»

E em sobresalto e alvoroço apenas me occorreu responder: «A minha alma se engrandece, e o meu espirito se alegrará de servir a Deus meu Creador! Gloria ao Senhor nas alturas, e paz na terra entre os homens que o adoram.»

III.

E no dia immediato eu me vi transportado á foz do maximo rio (2).

E a meu lado estavam uns rolos com o texto das Escripturas Santas.

(1) Divindade ou cousa similhante para os indios tupis.
(2) Amazonas.

Porém ali as aguas cresciam e cresciam; e por fim rebentaram com medonho estampido (1).

E as ondas salgadas como que ameaçavam invadir toda a terra... O ruido que faziam similhava ao de mil gigantes entoando juntos po..ro..ro..ca!... E depois do estampido tudo serenava. Logo se me inlevavam os ouvidos com a melodia de vozes que não pareciam de mortaes, e com o som de instrumentos que nunca tinha ouvido.

Eis que divisei a Sumé, que parecia vestido de graça.

A pelle do seu rosto resplandecia, e o seu olhar era sereno, e os seus cabellos eram como os raios do sol, e as barbas que lhe ornavam a frente pareciam ter brilho e esplendor.

E deixára outras terras do septentrião, onde percorrêra uma por uma as ilhas invadidas pelos caribes canibaes.

E em todas haviam os povos sido surdos á sua voz, incorrendo por isso na maldicção do Senhor...

Deus Eterno! Vós que me haveis inspirado ardente zêlo para escrever estas linhas, alumiae-me com a unção da vossa divina graça, e não deixeis de infundir em meus leitores a fé divina, sem a qual nada ha na terra de bom, nem de grande.

Será Sumé o mesmo apostolo Thomé, a quem coube tambem em partilha o annunciar o verbo no oriente?

Perdoae, Senhor, se um indio moranduçára (2) se arroja a querer penetrar os vossos mysteriosos arcanos.

Porém vós ordenastes aos doze escolhidos que fossem por toda a terra... e elles por certo vos obedeceram; como antes d'elles vos obedeceram, alumiando igualmente no occidente como no oriente, o sol e a lua, que creastes no quarto dia...

IV.

E a turba immensa de gentios deixava as suas tabas, (3) construidas sobre troncos de arvores em meio das aguas do maximo rio, (4) ou vogava em velozes e ornadas canoas lavradas de um só madeiro; e movida da curiosidade vinha apinhar-se em redor do enviado do Senhor Deus.

E todos uns aos outros diziam: Quem é o novo hospede? E a que vem por aqui?

E como ninguem soubesse explicar, Sumé lhes respondeu: «Me chamo Sumé: sou o enviado do Senhor, e venho a resgatar vossas almas do captiveiro.»

Olhavam os barbaros uns para os outros em ar de quem nada havia entendido.

Conheceu-o Sumé, e erguendo de novo a voz proseguiu:

«Venho ensinar-vos a conhecer o verdadeiro Tupan, e a amal-o, amando a virtude.»

E os povos o ouviam, e se riam com desentoadas gargalhadas.

«Maldictos os que escarnecem dos ministros do Senhor,» exclamou uma voz nas alturas.

«Ouvide-me,» proseguia Sumé, «que venho ensinar-vos o modo de vos regerdes pelas leis da sociedade civil, e de fazerdes productiva a madre terra, mais fecunda que mil de vossas mulheres.»

(1) Phenomeno do macaréo que tem logar á foz do Amazonas, do Maranhão e de outros rios do Brazil, com o nome de *pororoca*.

(2) Os indios tinham *moranduçóras* que eram simples narradores de contos: e *nhengaraçáras* que eram os seus cantores ou poetas-musicos.

(3) Aldeias.

(4) Amazonas.

E as turbas vozearam e o trataram de impostor. E elle continuava:

«Para que tanto afan e tanta incerteza, buscando unicamente na caça o sustento? Para que tanto trabalho com os vossos arcos?...»

Eis que em meio de um prolongado urro geral, partia contra Sumé um chuveiro de settas disparadas de todos os arcos.

Porém nenhuma o feria, e uma a uma caíam todas a seus pés, e algumas voltavam a ferir os proprios que as haviam disparado.

Então os homens atemorisados, fugiam todos, uns para as bandas do occidente, e outros para as do meio-dia.

Entretanto ficavam com Sumé as mulheres, e todas ellas disseram como acreditavam no poder do novo Tupan.

E Sumé lhes prégou a palavra do Senhor.

E por fim lhes disse: «Ide, que em quanto tiverdes fé dominareis vossos maridos, e vencereis aguas arriba todos os que não acreditarem em quanto vos revelei.

«E quaes matronas das margens do Thermodonte, da outra banda dos mares d'onde procedeis, sereis vós mais fortes do que os varões descrentes.»

E como faremos fecunda, como nós, a madre terra? Atalhou Xingú, de todas as novas Amazonas a mais bella.

Então quebrou Sumé o ramo de um arbusto, e enterrou parte d'elle.

E tomou tres sementes, e as cobriu de terra.

E disse: Quando passem tres luas colhereis.

E ensinando depois como dos fructos se prepararíam os alimentos, desappareceu.

V.

Ao cabo das tres luas foi Xingú ao sitio; e viu as tres plantas nascidas das tres sementes, todas carregadas de sendos fructos.

E de um pé de milho recolheu muitas maçarocas; e de certo legume as vagens meias seccas, e de uma planta reptante de folhas grandes os girimús e as cambuquiras.

E não vendo fructos no arbusto que resultára do ramo plantado, tratou-o de resto.

Nem que duvidasse da promessa de Sumé, da mesma fórma que Moysés tocando no rochedo hesitára se brotaria d'elle o manancial.

E n'esse mesmo sitio fez Xingú novas sementeiras, e colheu os fructos dentro do mesmo prazo n'aquella terra de promissão.

E repetiu as colheitas: e n'uma d'ellas, profundando um pouco, junto ao pé do arbusto plantado por Sumé, encontrou uma raiz branda, e notou que as folhas pareciam representar a mão e os dedos do proprio Sumé.

Então caíu Xingú em si, e conheceu a sua culpa.

Era o arbusto um pé de maniha ou da planta da mandioca.

E esta planta, em virtude da culpa de Xingú, se viciou; não só avêzando-se a ser mui demorada e tarda em crescer e em formar-se, como sendo venenosa, antes de ser de proveito.

VI.

Entretanto Sumé passára á ilha (1) que remata a peninsula banhada pelas aguas do Meary e do Itapicurú.

(1) Ilha do Maranhão.

E n'esta ilha se patenteava aos povos entre salvas e estampidos de uma nova pororoca.

E ali estavam já muitos dos que se haviam retirado da foz do maximo rio.

E todos sabiam o que se passára; e se juntaram em conselho para resolver que fim dariam áquelle *caipóra*, (1) que por tal o qualificaram.

Apesar d'isto Sumé não deixava de lhes bradar: «O espirito do Senhor fallará por mim, e o seu verbo será proferido pela minha bôca.

«Vinde, filhos meus, e escutae-me. Ensinar-vos-hei a temer a Deus. Correi: em quanto vos dura a luz da vida, e antes que com a morte se vos faça noute.

«Venho arrancar-vos da miseria do peccado, trazendo-vos a agua do baptismo, e impondo-vos a instituição do matrimonio...»

Porém Sumé não póde proseguir. Porque as turbas de voz em grita o cercaram, e resolveram sacrifical-o.

E cresciam as roncas, e o numero dos do circulo se augmentava.

E todos queriam ser os sacrificadores, mas nenhum tinha força, nem tino para poder acertar o golpe.

Porque o espirito do Senhor estava em Sumé.

Porém n'um repente conheceram como o estranho havia desapparecido.

E julgaram falta de vigilancia e descuido o que era só obra de Jehovah.

E Sumé seguiu para o occidente pela borda do mar.

E ao longo da costa lhe preparava o Senhor um arrecife por caminho; e lhe ordenava que não passasse ao sertão, sem ter primeiro em favor da sua doutrina o litoral.

Porque o mar é na terra como a imagem da divindade e o symbolo do infinito, que é o proprio Deus.

E o Senhor, creando o mar, fez d'elle como uma grande praça irregular em redor da qual estão as nações, que a atravessam em todos os sentidos, por meio de barcos e gondolas e canoas.

E Deus quando ordenou ao mar que separasse as terras viu que isso era bom.

E dispoz que das fachadas dos edificios das nações cuidassem primeiro os homens.

Porque depois a verdadeira vida e segurança e alimento de cada familia não está nas fachadas das casas, senão no amago d'estas...

VII.

E Sumé seguia ao longo da costa do mar.

Mas essas praias e lençoes d'areia extensos e aridos estavam desertos, e os povos occupados em cruentas guerras civis pelos sertões.

Tambem umas a outras se guerreavam as cabildas que senhoreavam então as ferteis vertentes e margens dos rios Potingy e Parahiba.

E seguindo a pé enxuto pelo arrecife que se ia prolongando com a costa chegou Sumé ao districto da *Mão* ou *Braço de mar* (2) que separa do continente a ilha (3) que imita na figura um refrigerante anacardio.

Mas era então por ahi o tempo da madurez d'esta fructa, que é fructa duas vezes; e em todas as tabas não se cuidava em mais do que em preparar do seu sumo os vinhos ou *cajuins* (4) fermentados.

(1) Espirito mau, menos que *a hangá*.
(2) Parana-mbuk.
(3) Ilha de Itamaracá.
(4) Cajú-y, licor de caju.

E a gente caía ebria pelas praias e pelos matos, e não attendia a nenhuma convocação.

E passou diante das barras de alguns rios, e admirou a situação de certos morros distinctos, e com especialidade um notavel promontorio (1) que parecia buscar o nascente, e ficava proximo de um porto.

Outrosim admirou Sumé duas grandes alagôas (2) que desde o mar se engolfavam pela terra dentro.

E em todo este transito se extasiava ao admirar na propria natureza os prodigios do Creador.

O duro jequitibá ostentava sua florida grimpa no cimo de um verdadeiro mastro de navio. Os coqueiros e palmeiras adejavam seus leques de folhas verdes á mercê da viração da tarde.

As frageis e esguias cecropias ou embauhas pareciam entristecer as scenas mudas dos bosques com os seus ramos em candelabro, com as suas umbrelladas copas de folhas pallidas, alimento dos tristes animaes tardigrados.

Quebrava apenas a mudez d'estas scenas prodigiosas da vegetação o terrifico tinir, de quando em quando, da cauda da cobra cascavel, ou o grito horrendo do faminto jaguar, interrompidos pelas agudas notas de som metalico do passaro (3) que em nossos bosques mais longe se faz ouvir...

E tambem Sumé atravessou um grande rio (4) que se despenhava de mui alto em uma formidavel caxoeira, e cujas aguas são tantas que coram e adoçam por muitas leguas as ondas do mar.

VIII.

E ahi perto o povo, mandado por um grande capitão, chamado Sirigy, se preparava para guerrear e castigar outros seus parentes da banda do meio-dia, que se haviam rebellado.

E Sumé, vendo que estes povos castigavam a rebellião, julgou-os respeitadores das instituições da sociedade civil, e pensou que o ouviriam.

Porque a sociedade civil não póde subsistir sem a idéa do castigo.

Pois as multidões que não temem se desenfream, e se fazem barbaramente arrogantes.

E ás vezes o predominio da recta razão, que é a suprema lei, constante, immutavel e eterna para os homens, só póde alcançar-se por meio da força.

Porque embora chamem alguns ao homem animal racional é certo que elle é antes um animal *susceptivel de razão;* e só raciocina bem, quando cultiva com esmero suas faculdades mentaes.

Assim o castigo, e por conseguinte a guerra, muitas vezes servem a melhorar e a purificar as almas; e são os fiadores da ordem e do predominio da razão.

Os homens na essencia vaidosos, invejosos e egoistas, quando não sujeitos pelas leis e suas penas, são para os outros homens mais crueis do que bestas feras.

Pois só por meio da sociedade pódem os mesmos homens chegar a apreciar como virtudes a caridade e a piedade que tanto agradam ao Senhor.

E não duvideis que as leis foram feitas para proveito e segurança dos homens e para sua felicidade.

Porém todo o que se liga em sociedade, a par dos gosos e direitos, contrahe obrigações e deveres para com os outros associados.

(1) Cabo de Santo Agostinho
(2) As Alagôas.
(3) Allude-se ao passaro que cantando imita o som do bater do martello na bigorna, pelo que se chamou ferrador
(4) Rio de S. Francisco.

«Ajuda-me, lhes diz, e eu vos ajudarei com todas as minhas forças; prestae-me o vosso soccorro, e contae com o meu prestimo.

«E a sociedade lhe responde: Exercita tuas faculdades; o terás o nosso auxilio. E te guardaremos dos teus inimigos; e alliviaremos tuas penas; e te estimularemos nos teus trabalhos, e recompensaremos as tuas lides.»

A Providencia que sujeitára ao homem os animaes, fez os homens sujeitos uns aos outros, desde que os creou desiguaes, physica e intellectualmente.

E esta desigualdade, longe de ser nociva ao genero humano, é um predicado indispensavel á vida e conservação do corpo social.

E a igualdade entre os homens, como alguns a querem entender sem maduro exame, é uma verdadeira chimera, que apenas encontrareis no silencio dos sepulcros.

E o Senhor, dispondo que houvesse na terra homens mais fortes, mais valentes, mais destros, e mais sabios e prudentes que outros, desde logo estabeleceu a sujeição d'estes aos primeiros. E dotando o homem do instincto de admirar a memoria, os monumentos, e quasi a sombra dos heroes, incutiu em seu animo a tendencia de respeitar mais a sua geração que outra sem passado algum, e nos legou a instituição da nobreza, e com mais razão a da realeza.

E em verdade vos digo que nunca bemdirão tanto quanto devem ao Senhor os povos a quem elle brindar com um soberano benefico e justo; e com magistrados rectos e integros que afugentem da patria a desorganisação e o cahos.

IX.

Entretanto os subditos de Sirigy foram á guerra e venceram.

E chegaram de victoria em victoria a uma grande bahia, e perto se alojaram.

E Sumé tambem ahi se alojou em uma choça ou tujupar, que construiu á borda d'agua, perto de Paripe.

Porém infelizmente acabada que foi a guerra o exercito de Sirigy se fraccionou em pequenas tribus e bandorias.

E cada uma d'estas construia sua *taba*.

E todos se entregavam de novo aos antigos vicios e barbarie.

E acreditavam nos falsos *pagés*, e rendiam culto aos seus biocos e tregeitos, e não faziam caso de Sumé.

E viviam os homens com varias mulheres em seus grandes ranchos.

E outros se entregavam á mollicie, e não desadoravam os vicios nefandos das cidades maldictas.

E as rixas e envenenamentos não tinham fim.

E tudo isto dava triste idéa da infancia da sociedade, ou acaso da sua caducidade, que é uma segunda infancia.

Em verdade todos os homens deviam bem conhecer e meditar em tal estado, para humilhar-se em sua stulta vaidade.

E os barbaros esfuracavam a cara por fazer-se mais hizarros.

E acreditavam na virtude e santidade dos seus *maracás;* quando brandidos em meio de dansas, bebendo os vinhos dos fructos da terra, e fumando a *petima* ou folha de tabaco.

E nas festas matavam e comiam os prizioneiros inimigos, depois de lhes haver proporcionado para seu regalo uma das mais lindas moçoilas da *taba*.

E se esta ficava pejada do sentenceado tambem depois lhe matavam o filho de suas entranhas e o comiam, não por gula, mas por tomar vingança no sangue do inimigo até á ultima geração.

Porque devorados pelos novos buitres os cadaveres dos inimigos ficariam elles insepultos, e a vingança dos que se diziam offendidos ía ainda além dos umbraes da eternidade.

Sumé prégava contra todos estes usos, e recommendava a piedade com os mortos; e os barbaros se riam, e escarneciam d'elle e lhe cuspiam no rosto.

Até que repentinamente uma nuvem de fogo o arrebatou do meio da impia multidão, e foi arrojal-o em Cabo Frio.

E fez o Senhor que em Paripe ficassem as marcas das suas plantas, para deixar á posteridade um signal de que n'aquelle tempo a sua misericordia não faltou no intento de salvar estes povos, cuja existencia estava então occulta aos demais mortaes habitadores dos outros continentes.

X.

Porém em Cabo Frio Sumé não foi mais afortunado do que antes.

Era na força do inverno e o povo soffria do rigor da estação, pois n'essa paragem sente-se effectivamente o frio.

E vindo todos saudar a Sumé com o seu conhecido *Ereiupé*, o escolhido do Senhor se compadeceu d'elles, e lhes ensinou a produzir o fogo pelo attrito aturado de dous paus.

E os barbaros fizeram fogueiras, e se aqueceram, e acharam-se melhor.

E logo começaram a assar em covas, ou a *moquear* as suas viandas.

E encontrando-as mais saborosas quizeram tambem moquear a carne dos inimigos que aprizionavam.

Intentava Sumé cohibir este uso brutal, quando os ingratos hospedes projectaram assassinal-o, em recompensa do beneficio d'elle recebido.

Então ordenou o Senhor a Sumé que seguisse para deante, deixando tambem ali vestigios de suas plantas.

Apenas porém souberam os canibaes que Sumé partira, se juntaram todos em conciliabulos e corrilhos; e logo foram largando fogo aos matos, afim de que Sumé n'elles se não escondesse.

Mas ordenou o Senhor que chovesse tanto que as frias aguas do novo diluvio convertessem em lagôas e lagamares os bosques incendiados.

E junto ao maior d'elles em que estava Sumé, entre fogos subterraneos, fez erguer das entranhas da terra um gigante que salvasse o profeta, tomando-o sobre os seus hombros.

E ordenou a Sumé que seguisse; e dispoz que o gigante, fingindo-se dormido, não só guardasse a Sumé, para que pudesse seguir sua peregrinação; como d'ali em diante atalaiasse a barra do grande lagamar (1) que em virtude da frialdade das suas aguas se ficou chamando de *Y-teroig* (2) ou de Nhiteroy.

E mandou que no Cabo Frio encontrassem guarida as bestas feras; e que as cobras entrassem pelas tabas e *itaocas* (3), e os jacarés e os jaguares tragassem os incredulos ingratos.

(1) Bahia do Rio de Janeiro.
(2) Y, agua; *teroig*, fria.
(3) Ita-oca, casas de pedra ou cavernas.

XI.

E Sumé lamentava a sorte d'aquelle povo sobre o qual ia recaír a justiça do Senhor.

Os trovões com relampagos pareciam querer acabar para os homens a idéa do silencio.

Logo os povos corriam como loucos, e as tribus se disseminavam nomades, e faziam umas ás outras guerra, e não tinham territorio por patria, e as fronteiras de suas nações não se estendiam além das do alcance dos tiros de seus arcos, e se exterminavam umas ás outras, ou pelo menos todas se enfraqueciam.

E Sumé sentado sobre uma pedra de granito chorava a sorte do povo condemnado, que deveria perecer ou fundir-se em outro povo pela presença de algum conquistador mais forte de espirito e coração, e bemquisto do Senhor.

E o affligiam os trabalhos, e as fomes e os grilhões e as mortes que teriam logar de uma e outra parte para conseguir-se a regeneração que elle agora offerecia pacifica.

Porque uma tal regeneração só haveria de conseguir-se com a lei do Senhor; na qual unicamente podem os homens estar unidos e por conseguinte fortes.

E os miseros que a não seguem, debilitando-se de dia para dia, tem de ceder e de succumbir ante a simples presença dos mais fortes.

XII.

E a noticia do castigo tremendo do Senhor se espalhou de bôca em bôca por aquellas gerações que viviam para as bandas da constellação das estrellas brilhantes em fórma de cruz.

E todas fugiam da beira do mar, imaginando que só a marinha poderia ser alagada em virtude da ira do Senhor.

E levavam comsigo provisões de marisco, deixando na costa montes de ostras, nos quaes deram sepultura aos cadaveres dos que então falleceram.

E o Senhor fazia que novos signaes de pégadas do seu profeta se gravassem em outros logares por essas bandas.

. . . . . .

E eu começava a sentir como um pezadello. E via que a mente se me offuscava, e que eu nada mais sabia de Sumé.

Por fim ouvi uma voz que dizia: «Contenta-te de seres *morandugára* do que sabes, que é quanto tens de transmittir á posteridade. Sumé irá para outras terras; porque aos surdos não é possivel fazer que ouçam as palavras do Senhor.

E uma lingua de fogo se viu no mais alto cimo do morro de Biraçoyaba, que parecia como a chamma de um vulcão.

E o monte se derretia em lavas de ferro.

E ahi se formava uma especie de cratéra ou algar, (1) cujas cinzas quentes, depois se apagavam com as aguas de uma lagôa (2).

E ouvi a mesma voz de antes dizer-me:

«Ali esconderás o legado que deveis deixar ás gerações vindouras, para que os homens tenham mais uma prova da misericordia divina, que é de toda a eternidade, e durará até o dia do juizo.»—Amen.

F. A. V.

(1) O Valle das Furnas.

(2) Lagôa Dourada, onde o povo do Ipanema, ainda não ha muito, julgava que appareciam phantasmas, que guardavam «thesouros escondidos.»

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

CARTA X.

ALTOS E BAIXOS DE LISBOA. QUINTA DO DUQUE DE LAFÕES. O JESUITA D'ARTE E UM MEDICO RIDICULO. OS PENALVAS. CONCERTO IMPORTUNO.

30 de junho de 1787.

Depois de jantar puzemo-nos na rua para pagar visitas. Nunca vi em minha vida tão amaldiçoados altos e baixos, tão abruptas ladeiras, tão ingremes subidas, como se topam a cada passo caminhando por Lisboa; cincoenta vezes me julguei a ponto de despenhar-me no Tejo, ou de tombar em vallas arcientas entre chinellos velhos, gatos mortos, e ciganas fuscas, que se acoutam n'essas espeluncas e esconderijos para ler a *buena dicha*, ou vender amuletos contra febres e quebrantos.

A inquisição muito a miudo pilha estas miseraveis sibyllas e as vexa abominavelmente; ao passar pelas ruinas de um palacio que o terremoto demolira vi uma d'essas mulheres que arrastavam á claridade; se a filava nas garras algum familiar do santo officio, ou se lhe tomava contas algum rufião burlado, é o que não pretendo nem posso affirmar. Como quer que fosse, tive a fortuna de se me arredar da vista aquelle hediondo vulto, cujas contorsões e uivos eram na verdade horriveis.

Quanto mais conhecemos Lisboa, menos corresponde á expectativa suscitada por sua magnifica apparencia do lado do rio. Se um viajante pudesse ser transportado subitamente, sem prevenção nem apparato, a differentes partes, rasoavelmente podia conjecturar que tinha atravessado uma serie de povoações ligadas desconcertadamente e ficando-lhes sobranceiros massiços conventos. Os templos em geral são de um pezado gosto de architectura, o estylo de Borromini, com empenas *arrugadas*, cornijas e torrinhas *com folhos*, algumas á maneira das caixas de relogio da antiga moda franceza, como Boucher as descnha, com muitos arrebiques e floreados, para adornarem as salas de madame de Pompadour.

Esta tarde atravessamos a cidade em todo o seu comprimento, dirigindo-nos ao palacio de campo do duque de Alafões, e fornecemos a um copioso numero dos mais fieis subditos da rainha a opportunidade de admirarem na altura da caixa da carruagem o gibão curto do cocheiro e outros inglezismos da equipagem. O duque tinha sido chamado a um conselho de estado; só achamos o marquez de Marialva, que nos andou mostrando todos os aposentos da casa de campo, que nada tem notavel excepto uma ou duas vastas salas de bellas e assombrosas proporções.

Propoz-nos em seguida acompanhar-nos obra de meia milha mais adiante á quinta de Marvilla, propriedade de seu pae. Este sitio tem grandes bellezas pittorescas. As arvores são antigas e de fórmas caprichosas, curvando-se por cima de fontes destruidas e estatuas de guerreiros mutiladas, que o lapso dos annos serapintou de innumeraveis tintas de vermelho, verde e amarello. No centro de quasi impenetraveis balsas de louro e buxo alteiam-se extravagantes pyramides de pedra lavrada, que rodeiam leões de marmore, de catadura magica e symbolica. O marquez tem o sentimento delicado de respeitar estes rudes monumentos de uma epocha em que seus ascendentes praticaram muitos feitos heroicos; e francamente me prometteu nunca as sacrificar, nem as venerandas sombras que abarcam as ruas, ao gosto ligeiro e loução da moderna jardinagem portugueza.

Voltamos de passeio para casa por um luar sereno da lua cheia, que despontava detraz dos montes, na opposta margem do Tejo, o qual n'esta extremidade da metropole tem quasi nove milhas de largo. Lisboa, que poucas horas havia me parecêra tão desinteressante, assumiu mui diverso aspecto sob aquelle suave clarão. Os atrios, eirados, capellas, e portadas de varios conventos e palacios á borda do rio luziam como edificios de marmore branco, ao passo que as escabrosas ribanceiras e os mesquinhos telhados sobre ellas erguidos quasi jaziam submersos em sombras espessas. O terreiro do paço, por onde seguimos caminho, estava cheio de ociosos de todas as classes e sexos, pasmados para as vidraças illuminadas do palacio, na esperança de ver n'um relance a sombra momentanea de sua magestade, do principe, das infantas, do confessor, ou das damas, escoando-se de um para outro aposento, e sendo alvo espaçoso de folgazãs conjecturas. Disseram-me que o confessor, ainda que um tanto adiantado na carreira dos annos, está longe de ser insensivel aos engodos da belleza, e segue de janella em janella as nymphas moças do paço com juvenil alacridade.

Davam as nove quando entramos em casa, e ainda bem não tinha repousado do passeio, e posto em ordem algumas plantas colhidas nas montas de Marvilla, tres distinctas badaladas da campainha na minha porta annunciaram a chegada de algum personagem distincto; não me achei burlado, porque era o velho marquez de Penalva, e seu filho, que apenas haverá um anno, antes de lhe conceder a rainha o mesmo titulo do pae, chamava-se conde de Tarouca.

Tereis ouvido fallar muito n'aquelle nome que o avô do marquez velho assás illustrou em diversas e bem succedidas embaixadas; as suas brilhantes conferencias no congresso de Utrecht vem largamente descriptas na obra de madama de Noyers e em varios livros de memorias.

Os Penalvas traziam em sua companhia n'esta tarde um celebre jesuita, padre Duarte, que o marquez de Pombal julgou tão importante que por dezoito annos esteve encarcerado; e vinha tambem um medico alto, de joelhos desengonçados e faceira rubicunda, vestido de uma andaina magnifica de setim lustroso, um dos mais desestrados e presumidos professores da arte de matar que eu tenho topado. Entre o jesuita e o doutor não fiz pequeno esforço para manter-me commedido e serio; palraram incessantemente, com pretenções de mui implicita admiração por tudo quanto vinha de Inglaterra, quer em materia de moveis quer de bellas-artes, e confundindo nomes, datas e individuos n'uma indigesta mixordia perguntaram se não era sir Peter Lely o actual presidente da nossa academia real, e espraiaram-se em vivos encomios ao meu compatricio Hans Holbeim. Pedi licença para certificar a estes complacentes sabios que o ultimo dos mencionados artistas nascêra em Basilea; e que sir Peter Lely tinha morrido ha um seculo. Assombraram-se algum tanto com esta informação; apesar d'isso continuaram na cantilena á solta, disparando uma bateria de cumprimentos empolados ácerca do nosso progresso nacional em pintura, relojoaria, fabrico de meias etc. a tempo que entrou o general Forbes, e operou uma diversão a meu favor. Conversamos um pouco sobre o estado presente de Portugal, e os riscos que corre de ser absorvido pelas negociações, não pelas armas, de Hespanha no lapso de poucos annos.

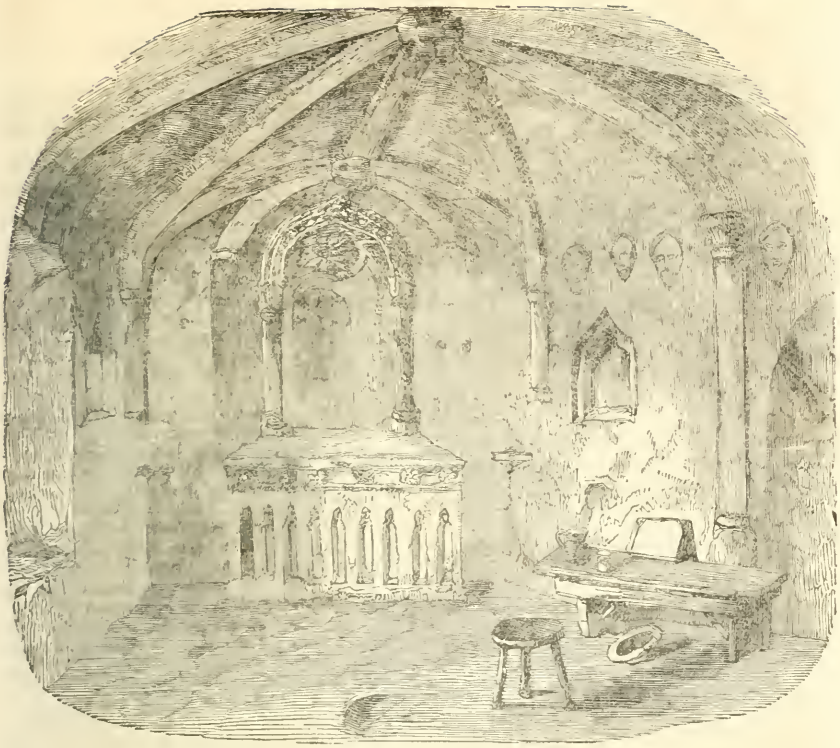
O nosso discurso foi interrompido pela vinda de um rebequista, um padre, e um musico italiano, humildes creados e commensaes aduladores de minhas illustres visitas; deram rijas taponas no meu pobre piano-forte, e tocaram symphonias quer eu quizesse quer não. Bem sabeis quão pouco sou apaixonado de sonatas, e que certos meio-tons e guinchos de rebeca, quando o musico revíra as alvas dos olhos, torce o besuntado queixo, e affecta extases, fazem-me embotar os dentes na bôca; a crispatura do doutor já era de sobejo para produzir o effeito sem o reforço de seus companheiros parasitas, o padre e o musico. O jesuita ao que parecia via-os com tão bons olhos como eu; o general Forbes fez uma prudente retirada; e o marquez velho, inspirado por um pathetico adagio, percorreu de subito a sala n'um passo que eu tomei pela abertura de um bailado heroico, e que, porém, desandou n'um minuete á moda portugueza com todos os seus pinotes e requebros, ao qual foi convidada parceira Miss S..., que viera ao chá, e que accedeu muito contra seu gosto. Inda bem não tinham concluido, o doutor alardeou a sua lugubre e esguia pessoa n'um arrebatado minuete *angulose* que não tenho expressões para descrevel-o; de fórma que entre as artes irmãs, a musica e a dansa, fizeram-me passar uma *deleitavel* noute!

(Continúa.) * * *

MACROBIOS CELEBRES.

Poucos personagens historicos terá havido mais celebres em Inglaterra que o velho Parr (old Parr). Não ha rei algum, nem mesmo Henrique VIII, que seja mais conhecido do povo inglez.

Foi este pobre velho desencantado pelo conde de Arundell e de Surrey, em uma excursão ás suas propriedades de Shropshire. Era em 1635: Thomás Parr tinha então uns cento cincoenta e dous annos. O conde, consultando mais a sua vaidade, que o socego e a fraqueza do ancião, fel-o conduzir a Londres da aldeia de Winnington, onde residia, em uma pequena carroça de dous cavallos, em companhia de uma neta, e de uma especie de bobo, encarregado de divertir o macrobio com as suas graciosidades. Esta longa e ridicula viagem foi fatal a Thomás Parr, como era de esperar. Assediado pela curiosidade publica durante o transito, e na Strand (grande rua de Londres) para onde foi morar, obrigado a sujeitar-se a costumes novos, morreu a 15 de novembro do mesmo anno, e foi enterrado (não se sabe por que motivo) na abbadia de Westminster. Aos cento e vinte annos tinha casado em segundas nupcias, havendo um filho d'este consorcio!



CAPELLA E CAVERNA DE S. ROBERTO.

A cidade de Knaresborough, no condado de York, está rodeada por todos os lados de aprazíveis passeios, frondosos arvoredos e sitios agrestes, dos quaes alguns recordam á imaginação extravagantes lendas, successos historicos, ou dramas terriveis. Notam-se entre outros o Dropping Well, e mais longe a capella e a caverna de S. Roberto.

A capella de S. Roberto foi aberta, no seculo XII, em um rochedo perto da cidade, por um hermitão que a solidão e o risonho da paizagem haviam ali attrahido. A estatua colossal esculpida no exterior, perto da porta da entrada, parece ser a imagem de S. Roberto, que o hermitão escolhêra por defensor e padroeiro.

Uma unica janellinha gothica dá claridade para o interior. A forma da abobada, os arcos, as pilastras, o altar, levantado ao fundo, são do mesmo estylo. A execução, apesar de grosseira e imperfeita, é no todo de um effeito agradavel, que mostra não ser o piedoso architecto destituido de gosto e de habilidade. A esquerda do altar, em um dos lados da cella, observam-se quatro medonhas figuras, com que o artista quiz talvez representar genios maus. No chão ha uma cova onde parece ter estado n'outro tempo uma cruz.

As dimensões da cella são de resto mui exiguas. De comprimento tem apenas 10 pés, 9 de largura, e 7 e meio de altura.

A pouca distancia, á borda do rio e perto da ponte Grimbalde, encontra-se a caverna onde, segundo dizem, viveu o proprio S. Roberto. Esta gruta nada tem de notavel, ou que seja digno de especial menção. A nossa gravura representa a vista interior da capella.

PROJECTO E ENSAIO DE UMA LINGUA UNIVERSAL E PHILOSOPHICA.

Já n'este semanario [1], que temos por natural repositorio de quantas noticias interessantes mereçam tombar-se, ou por significarem conquistas mui reaes e positivas da intelligencia humana no vasto campo dos descobrimentos e uteis invenções, ou tão sómente por manifestarem apenas a ousadia de esforços, não menos generosos, ainda que malogrados, já n'este semanario, diziamos, tivemos occasião de fazer al-

[1] Vol. IV. 3.ª serie, n. 21.

gumas breves considerações ácerca da universal tendencia que na actualidade se vae manifestando, cada vez mais pronunciada, para a communicabilidade geral entre todos os povos do globo.

Abstendo-nos, por agora, de entrar novamente em tão aprazivel estadio, como esse, em que os olhos d'alma se alongam maravilhados para o espectaculo grandioso de um horisonte sem limites, em prol da commum felicitação, e convivencia íntima das nações, apressamo-nos a archivar uma boa nova litteraria, que por não ser, por sua natureza, de immediata e instantanea applicação, nem por isso deixa de ter um grande alcance, mais ou menos remoto, segundo as circumstancias e os tempos forem propicios ao desenvolvimento da idéa que n'ella se contém.

Depois de havermos dado conta (1) da *Ideographia* do sr. Mas, rematavamos assim:

«A formação de um novo idioma fallado, por mais razoavel que o imaginemos, por mais compativeis que sejam as condições sobre que se basear, posto ser ardua, não nos parece impossivel. Deveria, para ser perfeito, participar de certa infallibilidade que distingue as sciencias exactas.

«E concluido que fosse, fecharia a cupula mais arrojada, que jámais se ideou, para rematar o amplo edificio das harmonias sociaes.

«Fôra a antithese da torre da confusão, de que rezam as escripturas. Mas se é dado ao entendimento planear, e até certo ponto concluir essa magestosa projecção, ser-lhe-ha igualmente concedido o poder de a traduzir para a vida e para a realidade?

«Eis o que duvidâmos, apesar de ultra-utopistas.

«A introducção de uma lingua universal julgamol-a impossivel.»

E impossivel tambem julga essa introducção, no sentido de vulgar em todo o universo, o auctor do *Projecto e ensaio de uma lingua universal e philosophica*, o sr. D. Bonifacio Sotos. Em nota preliminar ao seu escripto nos diz que grande parte das observações que lhe tem sido feitas sobre o seu projecto, versam ácerca das difficuldades da execução, que por alguns hão sido exageradas a ponto de não duvidarem taxal-a de absolutamente impossivel. Não sómente é sua opinião ser impossivel estabelecer uma lingua universal, para uso vulgar em todo o mundo, senão ainda o conserval-a; por quanto se havia de resentir indubitavelmente de muitos defeitos que lhe não consentiria a mais indispensavel de todas as suas propriedades, a de ser philosophica; mas estes defeitos se iriam tambem multiplicando com o andar do tempo.

Todavia, depois de tantos sabios haverem trabalhado n'este assumpto sem resultado positivo, é apreciavel o opusculo do sr. Sotos, a todas as luzes que se examine. Temos á vista a segunda edição, que se publicou em Madrid em 1852, e de noticias recentes, das folhas d'aquella capital, colhemos ter-lhe sido mui favoravel o voto da academia das sciencias, além de que já anteriormente o seu auctor o havia submettido ao exame de mais de cincoenta pessoas, competentissimas, que, approvando-lhe o projecto, na substancia e nos pontos capitaes, se afastaram comtudo n'alguns outros mui subalternos.

Que lh'o tivessem guerreado abertamente, não nos admiraria. Este consenso quasi unanime de que gosou o projecto de que nos occupâmos, é, para bem dizer, uma excepção entre rarissimas. Os descobrimentos de maior importancia têem sido atacados despiedadamente pela inveja, pela ignorancia e pela indifferença, que de todas as guerras que a uma pobre idéa se podem mover, é esta a mais encarniçada de todas. E comtudo, de dia para dia, a despeito de tão desencontradas alternativas, a humanidade vae estreitando os laços que progressivamente a hão de ir aproximando da perfeição.

Napoleão, com o ter aquelle espirito penetrante e olhar aquilino que o caracterisava, engeitou, por incredulidade, a applicação do vapor á navegação. Custa a acreditar!

Se Stephenson tivesse sido d'esses animos esmorecidos, que a sombra de uma difficuldade aterra e desanima, não estaria já hoje toda essa Europa cortada de carrís, por onde se aniquilam distancias e tempo, em proveito da abundancia e da sociabilidade.

Que mais não seja senão com um suffragio de agradecimento, corre-nos a todos nós, os homens que esperâmos muito do futuro, não deixar passar uma tentativa generosa sem a saudarmos. Vae n'isso empenhado muito mais do que se julga, para a questão do desenvolvimento material e moral, que tanto agita hoje as nações cultas.

Considera o sr. Sotos a existencia de uma lingua universal e philosophica, como o mais facil vehiculo das idéas para os melhoramentos da sciencia e da industria. E aqui, para calcularmos as vantagens sem numero, que proviriam da sua realisação, cumpria trazermos á lembrança a necessidade, cada vez mais urgente, de imprimir á sciencia aquelle cunho de unidade que lhe falta. A solução dos problemas, que em vão se debate nos diversos angulos da terra, talvez que se anticipasse, e não fôra temeridade acredital-o, se todos os pensadores dispozessem de canal seguro, por onde as suas idéas pudessem chegar simultaneamente a toda a parte, aonde se lê, e aonde se pensa; e isto sem omissões, alterações ou desvios.

Ninguem supporia que a lingua franceza preenche terminantemente o fim, que os seus mais acalorados panegyristas se obstinam em fazer acreditar. Concedemos, que são os francezes quem estão actualmente de posse da posição de missionarios das idéas novas; mas, não seria licito que, em consequencia d'aquella tendencia litterario-commercial que os distingue, e que tanto tem concorrido para a quasi universalisação do seu idioma, fossem, em breves dias, elles sós os dispensadores do movimento intellectual de todo o mundo. As theorias da escola allemã, por exemplo, ainda não soffreram a devida apreciação que a sua importancia demandava. As barreiras linguisticas, que as aspirações d'este seculo se deviam esforçar por fazer desapparecer, ainda são obstaculo sufficiente para que muitos escriptos luminosos transponham os limites de uma vulgarisação insignificante.

E cabe n'este logar advertir, que a lingua philosophica, proposta pelo sr. D. Bonifacio Sotos, não tem a mesquinha pretenção de se revestir de convenções tão caballisticas, que só os sabios entre si a possam adoptar como meio de mysteriosa communicação. O seu plano é mais rasgado e humanitario. Fez o ensaio de um idioma, que a par de todas as condições indispensaveis para que seja verdadeiramente philosophico, e expurgado de anomalias e combinações fortuitas, possa tornar-se de facillima acquisição para qualquer pessoa de educação mediana.

São estas condições: 1.ª Singular facilidade, para que se aprenda sem auxilio de mestre.

Esta vantagem de autodidactica, que a nenhuma

(1) No já citado n.º 24 do presente volume.

das actuaes pertence, bastava para lhe dar fóros de cosmopolita.

2.ª Clareza e exactidão.

3.ª Riqueza extraordinaria.

4.ª Ser essencialmente analytica.

5.ª Ser eminentemente philosophica.

6.ª Sua benefica influencia em todas as sciencias.

7.ª Immensas vantagens dos seus diccionarios.

8.ª Aproveitamento de tempo.

9.ª Estimulo para escriptores.

10.ª Variedade e harmonia das phrases.

11.ª Auxilio para a memoria.

12.ª Ser um meio efficaz de geral civilisação.

Por esta mais que rapida resenha, que deixâmos esboçada, das excellencias d'aquella composição, se avalia facilmente de quanto interesse não será a leitura do escripto do sr. Sotos.

O assumpto dava margem a ponderações de natureza tal, que mui difficultoso seria circumscrevel-as nos limites que imperiosamente se devem ter em vista, quando se escreve para um periodico, onde tantos e tão variados objectos se devem ir tratando.

Concluiremos, trasladando para aqui as bases da lingua proposta, e recommendando a leitura completa d'aquella obra, que fôra pena mutilar, extractando-a.

«*Bases da lingua:* 1.ª Tem cada uma das letras, constantemente, e sem excepção, o mesmo som, qualquer que seja a sua posição, ou combinação com outras (1).

2.ª Em todas as demais materias se estabelecem sempre regras fixas, constantes e fundadas na natureza das cousas, com exclusão absoluta de excepções e anomalias.

3.ª A qualidade de todas as palavras que a compõe, a saber: os substantivos, adjectivos, verbos, adverbios, preposições, conjuncções, particulas modificativas e interjeições, está determinada por sua letra final, de maneira tão singela e segura, que não póde jámais haver equivoco de uma para outra.

4.ª O genero, numero e caso dos nomes; a voz, o modo, o tempo e a pessoa dos verbos; e a formação, composição e derivação de todas as palavras, se fixam por meios tão singelos e constantes, que nunca póde haver duvida, nem equivocação, em qualquer d'estas cousas.

5.ª A significação de todas e de cada uma das palavras se fixa pelo logar que occupa no alphabeto cada uma das letras de que se compõem, e se fixa tão clara e positivamente, que tambem se não poderá ninguem equivocar com a significação de outra palavra qualquer.»

O facto, ahi o deixâmos patente á meditação de eruditos, curiosos, e pensadores. A sua applicação, Deus lhe ponha a virtude, para que não tique perpetuamente sepultada na valla commum de tanto alvitre prestadio, que as imperiosas necessidades da civilisação têem de ir successivamente evocando para a luz da realidade!

LUIZ FILIPPE LEITE.

(1) «As differenças, diz o A., com que alguns povos pronunciam estas letras ou suas analogas, não apresentam obstaculo algum á communicação por escripto, nem tão pouco á oral dos paizes respectivos. O que podem offerecer na conversação com os estrangeiros, e tão pequeno e tão facil de vencer, supposta a extrema simplicidade do alphabeto, e a exclusão de toda a irregularidade na pronunciação, que não merece que d'elle nos occupemos.

«Compare-se esta simplicidade com os embaraços e difficuldades de outras linguas, como, v.g., os sons tão variados e tão sem regra das vogaes inglezas, os dos diphtongos e outras combinações do francez, as variações que têem em muitas linguas as letras *h, g, s, t*, as figuras duplices *ch, ll, gn, ph*, e mil outras anomalias.»

ESTADISTAS PORTUGUEZES.

DIOGO DE MENDONÇA CÔRTE REAL.

(1658—1736).

V.

Quando el-rei D. João V tomou as redeas do governo, e distinguiu a Diogo de Mendonça, elevando-o ao cargo de secretario dos negocios estrangeiros, o estado do reino era triste, senão assustador.

Ardia entre Portugal, Hespanha e França a guerra da successão, e as armas invasoras, a principio felizes e audazes, recuavam das fronteiras inimigas, e a custo guardavam as proprias.

Filippe V, recobrando o animo no meio dos desastres, e Luiz XIV, seu avô, retemperando a resolução, em presença das injustas exigencias que lhe dictavam as côrtes alliadas, apontando-lhe a espada aos peitos, mostraram-se ambos dignos da corôa, e dos sorrisos da fortuna, que tardou pouco em os proteger.

Ha momentos na vida dos homens, e na existencia dos povos, que decidem de uma vez do seu futuro. O archiduque de Austria (Carlos III) perdeu o mais propicio por inercia, ou pusillanimidade, e os seus contrarios souberam aproveitar-se do erro; segurando a occasião pelos cabellos, não descansaram em quanto não mudaram o rosto ás cousas, repellindo com favoravel marte as tropas victoriosas das potencias, e reconquistando sobre ellas as provincias e as praças, que no primeiro impeto haviam cedido, ou tinham pactuado.

N'estas circumstancias, por um lado desfallecidos os contendores, e pelo outro mais do que arriscada a sua empreza, serviu de motivo a morte do imperador Joseph I (em abril de 1711) para se dar um passo no sentido pacifico.

A queda do partido wigh, capitaneado pelo duque de Malborough, e a entrada dos torys no poder, não concorreram menos para aplanar as outras difficuldades.

Manobrando com arte, o gabinete de Versalhes apalpou as oppostas conveniencias que esta profunda e recente alteração fizera nascer, e principiou a atar as negociações, não descontinuando de as seguir, ajudado pelas ultimas victorias dos seus exercitos. Em fim logrou separar o governo britannico da alliança pela suspensão de hostilidades estipulada em agosto de 1712; e assignando-se outra por parte de Portugal com os plenipotenciarios francezes em 7 de novembro do mesmo anno, convertida depois no tratado de paz e amizade de 11 de abril de 1713, obteve-se o appetecido accôrdo, satisfazendo-se assim, e sem quebra, os vivos desejos de el-rei D. João V, e a primeira e mais urgente necessidade dos seus subditos.

N'este ponto delicado coube a Diogo de Mendonça pelo seu cargo a direcção principal, e de certo se deveu o bom e honroso successo á sua reconhecida prudencia politica.

Encarregando das negociações, em Utrecht dous diplomatas de subido merecimento, quaes eram D. Luiz da Cunha, e o conde de Tarouca, tomou de antemão as possiveis fianças da habilidade, com que os nossos interesses haviam de ser advogados; e acudindo ás diversas phases da questão, e ás suas intrinca-

das complicações com os arbitrios e instrucções apropriadas, provou que era capaz de ver bem e de longe, não se torvando com falsas apparencias, nem sacrificando de leve á perigosa illusão de ambições cheias de temeridade, e por isso mesmo sujeitas a desastroso desenlace.

Os apuros internos da monarchia eram grandes, entretanto, e o pezo das despezas, que a guerra demandava, excessivo para as forças dos contribuintes. Um dos agentes secretos que a França sustentava em Lisboa para se informar, traçou-nos tal pintura do estado das cousas, e da escacez com que se luctava, que á vista d'ella, mesmo rebatendo o que póde ter de exagerada, só ha a admirar a constancia com que se insistiu ainda alguns mezes em florear inutilmente a espada, n'uma contenda cujas perdas eram certas, e cujas vantagens cada dia se tornavam mais contingentes.

De 1711 a 1713 o quadro carrega-se de côres sombrias. Deviam-se ás tropas onze mezes de soldos; e para occorrer aos gastos de mais precisão foi indispensavel arrancar 150 mil cruzados ao cofre dos defunctos e ausentes. O dinheiro cada vez se fazia mais raro, sendo a moeda exportada em avultadas sommas pelos inglezes, e achando-se a côrte e o povo reduzidos á maior pobreza. As tropas, por falta de paga, desertavam em grande numero; e só por Badajoz fugiram para Hespanha mais de dous mil soldados!

El-rei entrava na flor da juventude, e apesar de haver sido chamado ao despacho nos ultimos tempos de seu pae, carecia ainda do tacto e firmeza, que só o uso e a madureza podem dar aos principes.

Suppoz-se no começo, que o duque de Cadaval exerceria todo o ascendente; mas pouco se demoron o desengano. Sem desattender o duque, ou o sequestrar da direcção dos negocios, repartiu el-rei a sua confiança com o conde de Vianna, e marquez de Alegrete, e ouvia-os ainda mais a miudo do que ao conselheiro antigo de Pedro II. O padre confessor, o jesuita Luiz Gonçalves, participava em grau igual d'esta especie de privança, que durou pouco.

Advertido logo pela indole rebelde a soffrer dominio estranho, ou a admittir influencias, que de algum modo offuscassem a preponderancia absoluta e pessoal, que desde tenros annos timbrou em ostentar, o rei moço desligou-se ainda mais cedo do que o imperador Carlos V d'estes laços, e com raro discernimento, convocando o conde de Castello Melhor para tomar exercicio no conselho de estado, collocou ao seu lado este ministro habil e experimentado, que, junto com Diogo de Mendonça, o ajudou a debellar os grandes embaraços exteriores e internos, que tanta circumspecção exigiam para se vencerem.

O cardeal da Cunha e o duque de Cadaval depois foram aggregados aos dous homens eminentes, que D. João V escolhêra, e que o serviram com zêlo e diligencia, tanto no despacho das differentes repartições, como nas discussões e direcção diplomatica d'esta grande epocha, em que figuram como generaes e estadistas os maiores nomes do seculo XVIII na Europa, e se pleitearam e resolveram muitas e ponderosas difficuldades de politica internacional.

VI.

As occupações do ministerio não pareceram novas, nem pezadas a Diogo de Mendonça.

Affeito a deslindar os enredos, e a descobrir as verdadeiras causas por baixo das apparentes, foi-lhe facil desde logo tratar os homens e os negocios com a destreza e consummada pericia, que amigos e adversarios sempre lhe reconheceram.

Jurisconsulto habil, e praxista habilitado, não necessitava de sair da sua livraria para desempenhar com elogio as obrigações do officio.

Dotado de grande reminiscencia, e habituado a amadurecer comsigo as questões ardnas, o seu voto era seguro, compendioso e decisivo. Como descia á raiz das cousas não lhe succedia tomal-as pela rama; e soccorrido com os dotes oratorios, em breves e concisas palavras dizia quanto devia e quanto bastava.

N'aquelle tempo os partidos que hoje combatem nos comicios, e se contrabalançam na imprensa e na tribuna, não existiam nem sequer nos delirios da imaginação mais arrojada. Outras idéas e outros costumes entretinham a actividade publica.

O agrado ou o desagrado do monarcha, e os maiores ou menores quilates da sua benevolencia, alimentavam as intrigas e as murmurações. No paço nasciam e morriam todas as esperanças e ambições; porque um sorriso e uma phrase decidiam da fortuna, ou da queda de um estadista.

O povo, menos forte e menos senhor de si, queixava-se em pasquins, e apupava em cantigas os valimentos illegitimos, e os actos injustos e ineptos.

As letras e as sciencias, perfumadas, guindadas e mesureiras, padeciam de lisonja incuravel, e não se levantavam das continuas genuflexões aos poderosos, senão para irem espojar-se em tablados ignobeis, ou em satyras indecentes, nos theatros, nas pulhas metricas, e nas loas e outeiros dos sirios, abbadessados e anniversarios.

Tudo dormitava, embora sentisse já vagas impaciencias e se doesse a miudo, ainda ignorava a molestia, ainda se desconhecia a causa e o remedio d'ella!

Meio freiratica, meio dissoluta, a sociedade culta gastava os annos pelas salas reaes, pelas procissões e novenas, pelas grades dos mosteiros, e pelos galanteios e festejos.

Descuidada, ou confiada na santidade do seu direito, e na cega obediencia de todas as classes, a monarchia, mais paternal do que severa, cercava-se de pompas e de magnificencias, identificava a sorte do reino com a sua, e prodigalisava a riqueza publica como propria, olhando para o futuro sem receio, porque julgava que o throno e o altar estavam tão altos e tão firmes, que não havia braços que lhes chegassem, nem paixões que cedo ou tarde os abalassem!

A politica occupava poucos eleitos, no sentido mais restricto do vocabulo.

O rei governava e reinava, rodeado de tribunaes, e contido por elles e pelas leis geraes de certo modo. Os ministros agora dirigiam, e logo eram simplices secretarios. Os conselheiros de estado, ouvidos nos casos graves, fallavam com liberdade antiga, sem se lhes levar a mal, e preparavam em largos relatorios oraes, ou em consultas escriptas, as decisões que o principe não ousava adoptar por si.

Nos conventos rezava-se, prégava-se, faziam-se procissões, murmurava-se d'este fidalgo, e elogiava-se aquelle, disputando-se de tudo, quer divino quer profano, com audacia tão aberta, que varias vezes julgou o rei indispensavel reprimil-a, desterrando alguns dos tribunos tonsurados, ou advertindo os seus prelados para que os contivessem, deixando ao mundo o que pertencia ao mundo.

Em todos os lances e em todas as inquietações da epocha os frades representam sempre um papel notavel. Servindo-lhes o habito de couraça, e o fervor religioso de pretexto, subiam as escadas do paço, pa-

ra dominarem de lá, ou os degraus do pulpito para troarem d'alto contra o partido opposto ao seu.

D. João V, pouco propenso a soffrer resistencias, soube moderar a tempo os excessos d'estes murmuradores incansaveis, e encaminhando-os pela estrada das devoções, deu-lhes claramente a entender em mais de uma occasião. que fóra d'ella só encontrariam o seu rigor.

Desassombrado das dividas politicas, que a usurpação fizera contrahir a seu pae, quiz ser, e foi em tudo rei absoluto. Fidalgos, populares e religiosos, obrigou-os todos a inclinar-se diante da corôa, fallando-lhe com o respeito de vassallos.

Não menos inteiro, ou ainda mais se é possivel, com os estranhos, do que o era com os naturaes, manteve intactas as prerogativas reaes, forçando sempre a prompta e cabal reparação qualquer descomedido, que directa ou indirectamente o ferisse no seu orgulho, ou na honra e no brio da nação.

As qualidades, e os defeitos de Diogo de Mendonça acommodavam-se com summa flexibilidade ás feições do tempo, e ao caracter do monarcha.

A amenidade do seu trato, o riso jovial e o gracejo constante das suas respostas, até adoçavam as repulsas na sua bóca.

Sagaz e astuto, fugia em tudo dos maus encontros, evitava as resoluções rapidas e extremas, e acolhia-se, sempre que podia, ao circulo vicioso das delongas, dos rodeios e dos equivocos, gastando a paciencia, e muitas vezes até a longanimidade dos requerentes e negociadores.

Arrancar-lhe um despacho ou uma decisão, era victoria que se cantava como rara!

O proprio rei, costumado a mandar, e a não permittir demoras, com elle via-se obrigado a esperar; e como os seus votos de temporisação tinham produzido bom fructo em muitas circumstancias, a habilidade junta com a fama da pessoa desculpava frequentes vezes a inercia e a preguiça do ministro.

Rigido em probidade, e só zeloso do serviço e gloria do seu rei, tratava com desapego identico as córtes estrangeiras, repudiando-lhes as exigencias nocivas, e as perigosas tentativas.

Nem inglez, nem austriaco, nem francez era a sua divisa, e foi o pensamento, e o segredo do seu ministerio. O soberano acompanhava-o n'estas idéas, e prestava-lhe o auxilio preciso para as sustentar; e por isso em quanto Diogo de Mendonça viveu, Portugal nunca deslisou um apice da sua dignidade de monarchia independente, nem consentiu que outras potencias se louvassem de influir, ou de preponderar nos seus conselhos!

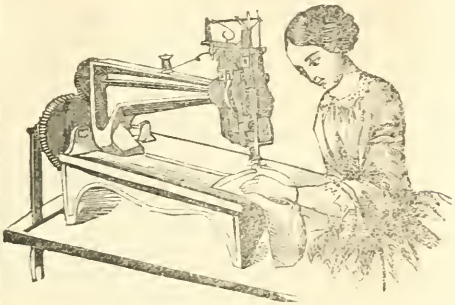
(Continúa.)

L. A. Rebello da Silva.

MACHINA DE COZER.

As machinas de cozer foram ha poucos annos inventadas nos Estados Unidos. O seu uso entretanto generalisou-se logo n'aquella nação altamente emprehendedora, passando d'ali, com mais ou menos modificações, a Inglaterra e a França. Ultimamente, na exposição universal de París, varias machinas, para o mesmo fim, se apresentaram ao exame do grande jury: a construida por M. Singer parece comtudo ter alcançado incontestavel superioridade sobre suas numerosas competidoras, pois reune a outras vantagens a de trabalhar com um só fio, e fazer uma costura regularissima, acciada e tão segura que difficilmente se descoze.

A machina de Singer occupa quando muito o volume cubico de 30 centimetros, sendo posta em movimento com um pequeno volante de manivella, ou com um pedal, quando se lhe pretende dar mais velocidade.



Esta machina coze 500 pontos por minuto, pouco mais ou menos; e com ella, já se vê dirigida por obreiro desembaraçado e intelligente, póde executar-se toda a casta de obra de alfaiate, costureira, sapateiro, selleiro etc.

Consta-nos que já para Lisboa têem vindo algumas d'estas curiosas machinas.

O ROUXINOL.

(VITORELLI)

Olha que lua formosa,
Olha que noite serena:
Não susurra a briza amena,
No ramo não treme a flor!

E, solitario na selva,
O rouxinol gira, gira,
E de saudades suspira,
Chamando o formoso amor.

Apenas a amante o escuta,
Salta de um ramo a outro ramo,
E diz ao doce reclamo:
Não chores: estou aqui.

Minha Irene, que gemidos,
Que meigo amor tão mimoso.
Só eu não sou venturoso,
Nunca respondeste assi!

A. Marques Rodrigues.

ESTUDO LITTERARIO.

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL JUNIOR.

I.

A nova escola litteraria, principiada a fundar por Filinto Elysio, foi completada e inaugurada pelo visconde d'Almeida Garrett. Inaugurou o primeiro a

reacção necessaria, mas levou-a longe de mais, exagerando as necessidades philologicas do renascimento. O segundo moderou a torrente, restituiu as aguas tumultuosas ao seu leito, comprimiu o movimento desordenado, assentou as balisas do novo campo, desembaraçou finalmente a transicção personificada n'alguns vultos importantes, fixou as suas irresoluções, acceitando a supremacia, cunhada d'um eclectismo elegante, do eminente poeta. Cada uma das obras d'este, sem restricção de genero, constituiu um bom modelo para a nova geração. Coube-lhe esta gloria, digna do genio, e soube ganhal-a. As letras devem-lhe muito; o theatro tudo. No prologo do seu primeiro drama, explica elle a sua origem d'este modo.

«Foi em junho de 1838.

«O que eu tinha no coração e na cabeça—a restauração do nosso theatro—seu fundador Gil Vicente—seu primeiro protector el-rei D. Manuel—aquella grande epocha—aquella grande gloria—de tudo isto se fez o drama.»

Esta impressão causada pela representação do *Auto de Gil Vicente* revelou ao sr. Mendes Leal os seus instinctos dramaticos. Admirando a producção do mestre, sentiu; sentindo, inspirou-se, e trabalhou. O resultado foi o drama *Dous Renegados*.

Duas glorias alcançou pois o sr. visconde d'Almeida Garrett; a gloria de ter feito o primeiro drama portuguez da renascença, e a gloria de ter accordado o coração de mais um poeta dramatico. Tanto o drama como o poeta houraram-lhe o nome. O sr. Mendes Leal justificou as suas palavras. «Em Portugal ha talentos para tudo, ha mais talento e menos cultivação que em nenhum paiz da Europa.» Poucos homens conheceram esta terra como elle; raros como elle a ennobreceram nas letras. Portugal póde ter a ufania de haver dado o berço a um dos primeiros homens d'este seculo!...

A escola *ultra-romantica* estava então em voga. Os *Dous Renegados* participam da idéa dominante. As grandes catastrophes, a paixão exagerada, as situações vehementes, as peripecias inesperadas, o trovão e o relampago, faziam as delicias da sociedade, e arrancavam applausos freneticos ás platéas. A imaginação do poeta preoccupada com as primeiras leituras dos dramas de Victor Hugo e Dumas, seguiu-os. Na escolha do assumpto, provou logo, porém, o auctor o seu tacto dramatico e as suas tendencias scenicas. Que idéa mais seria, elevada e fecunda do que o embate e a lucta das crenças rivaes, a pugna verdadeiramente magestosa e terrivel de duas religiões reciprocamente illustradas por grandes tradições e heroicas paixões, terminando no triumpho racional da lei das leis, do espirito evangelico atravez dos preconceitos do seculo? Tambem, no descuho e firmeza dos caracteres, desenvolveu logo o sr. Mendes Leal uma grande condição, e venceu uma das maiores difficuldades da litteratura dramatica. Quasi todos os personagens são bem sustentados, e teem um relevo solido. A sympathica e poetica figura de *Esther* é uma das suas melhores e mais mimosas creações, apesar de estar apenas esboçada. Admittido o genero, e era não só admittido, mas glorificado n'aquella epocha, o drama dos *Dous Renegados* tem acção, movimento e linguagem, em nada inferior ás producções francezas da mesma escola.

A riqueza lyrica do estylo, e os vôos arrojados da imaginação, compensam e rasgatam, n'esta primeira tentativa, as incorrecções de desenho, e defeitos de logica, que ali se encontram, nascidos, na sua maioria, do reflexo d'essa *orgia romantica*, importada de França, que cifrava a sua maior belleza na exageração da phantasia, no abuso da antithese e do paradoxo, dando em resultado um genero falso, sonoro ás vezes, ficticio quasi sempre.

O exito obtido pelo auctor dos *Dous Renegados* não tem rival nos annaes do theatro portuguez. Foi uma ovação geral e unanime, que lhe conquistou logo a popularidade. Nunca um poeta se estreou tão brilhantemente, nem excitou sympathias tão vivas, nem despertou mais lisongeiras esperanças.

No dia seguinte á representação dos *Dous Renegados*, o sr. Mendes Leal tinha um nome litterario feito, e uma reputação adquirida, ganhando, n'uma só noute, o que muitos não conseguem em annos. Verdade é que soube merecel-o e sustental-o.

Nem a todos, porém, aconteceu o mesmo, e mais d'uma reputação panica, creada n'essa epocha, mais de uma a que hoje sabemos o valor e quilate, nos prova, que o publico só lhe decorava os nomes por serem poucos ainda, e pela impressão que lhe causava o apparecimento d'uma vocação litteraria em estreia (e alguns em estreias ficaram) symbolisando n'estas tentativas o progresso da renascença litteraria.

As reputações actualmente são mais difficeis de fazer; ha lucta, o que d'antes não havia, porque era muito limitado o numero. Hoje só estudando e trabalhando se consegue ás vezes alcançar um nome lisongeiro nas letras... quando se alcança. A civilisação, á maneira que vae caminhando, vae desenvolvendo igualmente as intelligencias, apurando a apreciação e o gosto, illustrando os leitores e o publico. Estes por consequencia tornam-se cada vez mais exigentes.

Animado pelo acolhimento favoravel do publico e pelos louvores da imprensa, o sr. Mendes Leal tentou novos trabalhos. Não foi, na phrase vulgar, *dormir sobre os seus louros;* estudou, meditou e escreveu. Aos *Dous Renegados* succederam immediatamente a *Mascara Negra*, e a *Auzenda*, pautadas pela mesma norma. Pouco depois o *Pagem d'Aljubarrota*, *Maria d'Alencastro*, e a *Pobre das Ruinas*, ainda que inspiradas em igual escola, denunciavam já uma sensivel modificação. A logica dos caracteres, a verosimilhança da acção, a conducção das scenas, mostravam evidente progresso na arte. Ha na *Pobre das Ruinas* uma scena entre Ismael e o companheiro, que nos ficou impressa na imaginação, produzindo-nos ao ouvil-a um effeito maravilhoso. As côres phantasticas e vaporosas, as visões sobrenaturaes filhas das imaginações escaldadas pelo sol do oriente, e inspiradas pela vastidão dos seus desertos, pela immensidade das suas aguas, e pela poesia nativa, estão perfeitamente traduzidas n'este dialogo. O sr. Mendes Leal pairou sobre esta scena com os vôos da phantasia arabe, e matizou-a d'imagens deslumbrantes. O lance da conversão é d'outra natureza, mas não inferior. Ali começa a philosophia. A sua imaginação fecunda de poeta, accesa pelo fogo de devoradoras aspirações, revelou-nos todos os caprichos do seu estylo florido e viçoso, scintillante e original. A *Pobre das Ruinas* é um drama, que, apesar de descender ainda do typo *ultra-romantico*, tem mais d'uma pagina, que ha de ser lida sempre com interesse e prazer, porque o leitor ha de encontrar-lhe o sentimento, ora suave, ora arrebatado, d'aquella poesia primorosa, que é o perfume das almas elevadas.

A imitação do *Tributo das Cem Donzellas* é tambem uma obra que recommenda o nome do sr. Men-

des Leal. Os erros historicos, vulgares nos auctores francezes, com raras excepções, foram laboriosamente corrigidos, apparecendo o drama na scena com toda a côr da epocha, e toda a exactidão no desenho dos personagens. Escriptor escrupuloso e de consciencia, repugnou-lhe reproduzir os erros do original, e deu-se a uma tarefa em que a turba lhe ignorava a gloria. Após estas composições multiplicadas, a *Madre Silva* e *Miguel Angelo Buonarotti* foram a derradeira expressão da escola até ali seguida, cada vez mais castigada e aperfeiçoada pelo sr. Mendes Leal, e como quem se preparava para a transformação litteraria que principiava a desenvolver-se. A ficção e idealidade dos personagens seguia-se a dissecção e a verdade dos caracteres, a expressão real da sociedade e a verosimilhança da acção. O sr. Mendes Leal, quando escreveu a *Madre Silva*, presentia já a transicção, e amoldou o drama ás exigencias que a perspicacia do seu talento lhe apontava já como necessarias. O publico não estava, como o auctor, predisposto para esta modificação e recebeu friamente a obra, consequencia necessaria da estranheza que lhe causou. O poeta fôra adiante do publico. Era esta das obras do sr. Mendes Leal a que elle mais prezava. Custou-lhe, mas não esmoreceu. O *Miguel Angelo*, que pouco tardou na scena, provou-o. O caracter do protogonista é uma creação digna do vulto que representa. O sr. Mendes Leal elevou-se á sua altura, igualando a arte pela arte. O publico forçado pela vontade do auctor, acceitou as novas modificações introduzidas no theatro nacional, o povo applaudiu-as, as letras perfilharam-as.

(Continúa.)

E. Biester.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

CARTA XI.

S. JOSÉ DE RIBAMAR. HOSPITALIDADE PORTUGUEZA. O ALMOÇO. OUTRA VEZ O BISPO DO ALGARVE.

2 de julho de 1787.

Accordou-me de noute o horrido alarido dos cães; nem aquella infernal matilha, que Dryden nos descreve em seu divino conto de Theoduro e Honoria acompanhando em todas as sextas feiras um phantasma, uivava mais espantosamente; Lisboa é infestada, como nenhuma das capitaes que tenho habitado, por bandos d'aquelles animaes semi-famelicos, que comtudo são de alguma importancia e utilidade, limpando as ruas de alguma parte, ao menos, de seus fetidos entulhos.

Verdeil, que dormiu tanto como eu, por causa de uma furiosa batalha, longamente protrahida entre dous troços dos taes cerberos, persuadiu-me a erguer-me com o sol e passeiar a cavallo pelas praias de Belem, que appareciam em todo o seu esplendor matutino; era bello ver a côr variegada do firmamento com as nuvens radiantes de purpura orladas de ouro, e o mar coalhado de innumeraveis embarcações de differentes portes, fazendo espadanar a espuma em todas as direcções, ao passo que as vagas á foz do porto se agitavam violentas.

Para variar um tanto a nossa excursão nos afastamos do transito commum, e visitamos o convento de S. José de Ribamar. O edificio é irregular e pittoresco, levantado n'uma imminencia ingreme, tendo nas costas a sua matinha de olmos, loureiros e olaias. Fomos recebidos pelos frades risonhos e simples, n'um pequeno pateo dos claustros sustentados em pezadas columnas toscanas. No meio um repuxo, borrifando a profusão das flores, dava um aspecto oriental a esta pequena claustra que excessivamente me agradou; os frades pareciam conscios de seu merecimento, porque a conservavam soffrivelmente limpa, que é o mais que posso dizer do seu jardim. Trepadeiras e aloes anões quasi impediam a passagem para a mata, delicioso retiro, refugio e conforto de metade dos passaros d'aquelles contornos. Graças á preguiça fradesca, os arbustos estão por tosquiar, e invadem á vontade as ruas que ficam sobranceiras ao mar de um modo assás romantico.

Os frades quizeram mostrar-nos o seu jardim, que é um bonito terraço, bem calçado de tijolo, entremeado de lavores n'um estylo que eu conjecturo tão antigo como o dominio dos mouros em Portugal; limoeiros e larangeiras em latadas forram os muros e têem quasi tomada a melhor parte de um lustroso embrexado com que os incrustára um reverendo padre ha dez ou doze annos; pratos da china e pires que o circumdam compõem o principal ornamento; notei a mesma tendencia para embrexados de conchas e louça da India quebrada n'outro exemplo de mr. de Visme, cuja quinta em Bemfica eclipsa as nossas de Clapham e Islington em todos os attractivos de estatuas de chumbo, templos chinezes, arroios serpeantes e empoados eremiterios.

Recolhemos a casa antes que a força da calma se tornasse intoleravel, e justamente a tempo de almoçar com o marquez de Penalva, que nos tinha convidado na antevespera. Quando um portuguez d'alta jerarchia determina admittir um estrangeiro nos penetraes de sua familia, não poupa disvelos para apresentar com o maior realce tudo quanto tem, e offerecel-o a seu hospede com o mais liberal acolhimento; é como se vós o dominasseis e elle a tudo; portanto, a nossa recepção foi mui sumptuosa e cordeal.

Se desejassemos um concerto, ali estavam os melhores musicos da capella real para executal-o; se quizessemos examinar as primitivas edições dos classicos ou os auctores raros portuguezes a livraria estava franca, e o bibliothecario prompto a mostrar a explicar todo o objecto que attrahisse a nossa attenção; se procurassemos ver pinturas, as paredes dos diversos aposentos ostentavam uma interessante collecção das duas escolas italiana e flamenga; se preferissemos a conversação, achavamos reunidas quasi todas as pessoas de reputação litteraria n'esta capital, academicos e artistas. Suppondo serem do nosso particular gosto as flores e os specimens botanicos menos vulgares, nos foram apresentados alguns dos mais perfeitos que eu tenho visto; e para que nada faltasse em qualquer sentido, as ricas meias-portas da capella estavam abertas de par a par, e a ara esplendidamente illuminada parecia convidar os que sentissem inspirações espirituaes a entreter-se n'ellas. Pela minha parte, como a viração do mar tivesse aguçado o meu appetite mundano, deitei-me ao almoço com o maior contentamento; foi elle magnifico e bem servido. Não posso deixar de especialisar a bellissima qualidade das toalhas e guardanapos de linho, curiosamente bordados com brazões e flores, encarnado sobre fundo branco: salvas do prata de soberbo relevo sustentavam pratos de fructas geladas, particularmente morangos, que não são communs em Portugal, e enchiam de fragrancia a casa, o que me foi mui grato, porquanto suscitava, pela

grande força das idéas associadas, recordações dos lares patrios e de Inglaterra.

Muito susurro e galhofa surdia da fresca sombra de alguns mysteriosos camarins, contiguos á sala onde estavamos á meza; estes sons provinham das senhoras da familia, que se fossem naturaes de Bagdad ou de Constantinopla difficilmente estariam n'um estado de exclusão mais asiatico. Comtudo, foi-me permittido fazer-lhes a minha reverencia no seu proprio *harem*, o que segundo me deram a entender eu devia considerar como o mais lisongeiro signal de distincção. E quem havia de achar no meio do grupo das senhoras, sentado como ellas no chão á moda de Berberia?... O recem-sagrado, e ainda com muitos visos de moço, bispo do Algarve, cujas bochechas morenas, nedias e de rapaz d'escola ficavam á sombra de um enorme par de oculos verdes! A verdade me obriga a confessar que a expressão que transluzia de seus olhos debaixo d'aquelles formidaveis vidros não participava absolutamente do mais sisudo, manso e apostolico caracter; com o andar do tempo talvez possa adquirir aquelle verniz, sem o qual ainda as minimas intenções santas frequentemente erram o alvo, o verniz da hypocrisia: maravilha-me que não haja alcançado um grau mais conspicuo n'este estylo tendo estudado com o mais completo *tartufo* e jansenista beato de quantos têem existido, um dos passaros bisnaus de um ninho de imaginarios philosophos que trabalham com afinco em desfazer esse pouco bem que se tem obrado n'este paiz, e preparam uma mina de milhares de enredos que fará voar pelos ares, se a puderem traçar, todos os genuinos sentimentos de religião e lealdade.

O marquez de Penalva velho instou comnosco para o jantar, que estava posto com todo o primor n'uma casa agradavel e fresca: Verdeil não pôude resistiz á tentação; mas, eu estava fatigado com as berrarias da noute passada, e recolhi-me para uma partida mais quieta com o grão-prior e D. Pedro.

De tarde fomos descair a Marvilla, o abandonado jardim que já mencionei, e que é sobranceiro á maior largura do Tejo, vista que me fez lembrar o lago de Genebra e tudo que me succedeu nas suas margens: como podeis pensar eram tendencias mais para abater do que para me alegrar o animo; comtudo, condescendi em acompanhar o grão-prior pelas ruas e terraços d'esta romantica cêrca, theatro da sua meninice, e de que elle é particularmente apaixonado. O palacio, pateos e fontes estão quasi ruinas, os buxos e murtas cresceram como o mato bravio cobertos de flores, as estatuas estão meio encobertas com os jasmineiros.

Aqui ha um pequeno theatro para operas, e uma ermida com suas parecenças de mesquita pela fórma, e monumentos arabes, toldados com bastas bandeiras castelhanas, trophéus da batalha de Elvas ganha por um ascendente dos Marialvas. Um extenso parreiral sobre pilares de pedra conduz do palacio á capella: ha certa magestade n'esta verdejante galeria, e a luz scintillante do sol no occaso penetrando entre as parras allumiava as physionomias desbotadas de alguns caducos servos da casa, que se arrastavam fóra de seus deteriorados quartos, e vinham ajoelhar na presença do grão-prior e de D. Pedro.

Vagueamos por este solitario e abandonado jardim, cujo silencio iguala a um convento da Cartuxa, até o lusco-fusco, que se levantou uma brisa fresca fazendo nutar as cimas dos cyprestes e sacudindo os alvos jasmins sobre os canteiros de buxo como frocos de neve. D. Pedro encheu a carruagem com raminhos floridos arrancados das estatuas mutiladas; estavamos todos meio embriagados antes de chegar á minha pousada com aquelle delicioso, mas excessivo perfume.

(Continúa.) * * *

BIBLIOGRAPHIA.

COLLECÇÃO CHRONOLOGICA DA LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA.

Já n'este semanario tivemos occasião de recommendar a collecção de legislação portugueza, compilada e annotada pelo sr. Dr. José Justino d'Andrade e Silva. O acolhimento do publico a esta mui necessaria obra não tem desmentido em cousa alguma o juizo que d'ella formamos quando apenas era começada. Vende-se esta collecção de legislação, que já vae no seu 5.º volume, comprehendendo leis e outros diplomas publicados até 1640, na livraria do editor do *Panorama, e Illustração Luso-Brazileira*, rua Aurea n.os 227 e 228, e nas provincias em casa dos correspondentes d'estes periodicos.

ALMANAK DO CULTIVADOR PARA 1856.

Acaba de publicar-se este Almanak, que fórma um aceiado volume de 176 paginas em 16.º, ornado de muitas gravuras. O *Almanak do Cultivador* «é destinado a diffundir conhecimentos uteis entre os nossos homens do campo, que muitas vezes faltos de meios ou de gosto pela leitura, só n'esta especie de obras de uso quotidianno e familiar podem tirar algumas luzes.» O editor d'este novo Almanak, que achamos dignissimo do fim a que se destina, é o sr. José Felix Nogueira, distincto publicista.

Vende-se na livraria, rua Aurea, n.os 227 e 228.

Aquelles senhores que quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura terão a bondade de o declarar, quanto antes, em Lisboa aos distribuidores; e nas provincias, aos respectivos correspondentes, ou *por carta franca* dirigida ao editor, e acompanhada de uma ordem da importancia da assignatura.

Preços, por anno 1$300 rs., por semestre 700 rs., avulso 30 rs. Para as provincias (franco de porte) por anno 1$570 rs., por semestre 830 rs.

Assigna-se para o Panorama: em Lisboa, na livraria do editor, A. J. Fernandes Lopes, rua do Ouro, n.os 227 e 228, na do sr. Lavado, rua Augusta, n.º 8, e na do sr. C. J. Brabo.

São correspondentes do editor: no Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; em Coimbra, o sr. A. H. Dardalhon; em Vianna do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximianno Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio do Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Bahia, a sr.ª Viuva Carvalho & F.º; Maranhão, o sr. J. A. da Silva Guimarães.

CEYLÃO — PALACIO DE KANDY.

O mais vasto e formoso monumento da ilha de Ceylão, de tão gloriosas recordações para os portuguezes, é o palacio de Kandy, residencia real. Este palacio, representado na nossa gravura, occupa uma área consideravel: a fachada não tem menos de trezentos metros de desenvolvimento, e é de um gosto singelo e nobre.

Está voltada para os principaes templos, e cercada de um largo fosso. As muralhas que rodeiam o edificio apresentam differentes cavidades triangulares, onde se collocavam fachos, quando se pretendia illuminal-o. Em uma das extremidades ha um pavilhão hexagonal de dous andares, chamado Pateriposa, no qual o rei, nas occasiões solemnes, apparece ao povo reunido no pateo. Na outra extremidade do palacio é que ficam situados os aposentos das mulheres, sendo na sua fachada representados o sol, a lua e as estrellas em baixo-relevos; por occasião de festejos publicos, o monarcha e suas mulheres vão ali vêr passar as procissões. O espaço intermediario é occupado pelo Dalada-Malegawa, e pelo grande vestibulo do palacio. Entra-se n'elle passando uma ponte levadiça lançada sobre o fosso, e uma arcada de abobada, com alguns degraus. Depois passa-se segunda arcada, e entra-se na sala da audiencia, que das suas decorações apenas conserva as pilastras de carvalho esculpido, que sustentam o tecto. As outras partes e quartos do palacio nada teem de notavel, e acham-se em grande ruina. Entretanto, ainda hoje o palacio de Kandy é, pelo seu estylo architectonico, obra digna de fixar a attenção do viajante instruido.

Muitas outras curiosidades, assim naturaes, como de arte, se encontram n'esta famosa ilha, das quaes nos reservâmos dar conta em ulteriores artigos.

ESTADISTAS PORTUGUEZES.

DIOGO DE MENDONÇA CÔRTE REAL.

(1658—1736).

VII.

Este procedimento nobre e habil, grangeou-lhe a confiança do monarcha, e o respeito dos proprios que na occasião se feriam d'elle. O agente Viganego, informador do gabinete de Versalhes em Lisboa, antes da chegada do ministro, o abbade Mornay, querendo descrever a nossa côrte, e os interesses reciprocos que a paz com a França poderia crear, retrata differentes pessoas notaveis, taes como o cardeal da Cunha, os duques de Cadaval, os condes de Castello Melhor e Aveiro, e os marquezes de Fronteira, das Minas e de Alegrete. Chegando a Diogo de Mendonça, accrescenta, que sendo com elle que os embaixadores tinham mais relações, era bom saber-se, que não se mostrava inclinado á França. Que fora enviado na Hollanda, e depois em Hespanha, e que tinha sido confidente dos meus intentos e correspondencias dos catalães. Eis o grave crime que lhe imputa! Ministro de um soberano, empenhado na alliança ajustada contra a ambição da casa de Bourbon, quereria talvez o agente de França, que Diogo de Mendonça hostilisasse ou repellisse os povos da Catalunha, sublevados contra o mesmo dominio que as armas portuguezas combatiam! Mas apesar da paixão que lhe inspiravam estas phrases aggressivas, Viganego era o primeiro a confessar, que o secretario de estado possuia dotes e prendas pouco vulgares, mesmo em individuos collocados em igual cathegoria. Escrevendo para o seu governo em 16 de janeiro de 1714 allir-

ma de Côrte Real, que era homem douto e versado em negocios, fallando com facilidade diversas linguas, mui entendido em assumptos politicos, e em extremo cortez e affavel nas maneiras. Ajunta que o accusavam de pouco seguro de palavra, e de muito vagaroso em tudo, por isso que perdia o tempo em divertimentos. Diz que el-rei D. João V o estimava e se acostumára com elle, e que o confessor e Mendo de Foyos tinham sido os auctores da sua elevação.

O abbade Mornay explica-se por outros termos quasi no mesmo sentido. Em officio de 13 de agosto de 1715 communica á sua côrte «que Diogo de Mendonça assegurava, que o rei Luiz XIV pouca ou nenhuma contemplação tinha para com os alliados, desamparando-os apenas deixavam de ser uteis.»

Era apreciar com finura e em um só rasgo o pensamento, que dominou sempre a politica do principe francez. Para elle a gloria do seu nome e a ambição da sua casa significavam tudo. Queria instrumentos e não amigos; e apenas cessavam de lhe servir, ou se quebravam, largava-os com indifferença depois de os ter sacrificado!

O exemplo dos outros advertiu o nosso ministro; e conservando relações pacificas, e benevolo accôrdo com a França, escusou-se como prudente de a seguir ou de a coadjuvar nas emprezas, em que ella desejou por varias vezes que Portugal entrasse, acenando-lhe com promessas, ou procurando deslumbral-o com vantagens apparentes.

Quando falleceu Diogo de Mendonça, mr. de Montagnac, consul de França em Lisboa, participando o successo á sua côrte, accrescentou: «O rei de Portugal perde muito n'elle; porque não ha no paiz quem possa substituir dignamente a sua falta; razão por que devemos esperar graves mudanças no governo.»

O auctor de uma curiosa Relação sobre o estado de Portugal, redigida no anno de 1723, tratando de Côrte Real diz o seguinte: «É pessoa de engenho espirituoso, subtil e delicado; o trato ameno, a eloquencia insinuante realçam-lhe os outros dotes. Homem de bem, agradavel para todos e muito entendido, merece a plena confiança com que seu amo o preza.»

Este conceito, que soube grangear entre estrangeiros, que poucos motivos tinham para lhe serem affectos, conservou-o sempre na sua patria até que exhalou o ultimo suspiro. Embora os invejosos e inimigos lhe exagerassem os defeitos, sobravam as qualidades relevantes para abonar os seus talentos, provados em lances arriscados, e em complicadissimos embaraços.

A carreira de Diogo de Mendonça foi longa, pacifica e ditosa. Honrado com a amizade de dous monarchas, deveu á paixão de Pedro II pela poesia os rapidos augmentos com que se elevou, assim como se póde attribuir ao ciume das prerogativas reaes e á sua aptidão e firmeza diplomatica o favor insigne com que el-rei D. João V o distinguiu.

Em outubro de 1718 desposou-se com D. Thereza de Bourbon, viuva de Alvaro da Silveira de Albuquerque, coronel do regimento de Cascaes, e governador da provincia do Rio de Janeiro, senhora de sangue nobre, e unida por seus paes ás duas casas illustres dos condes de Avintes e dos Arcos.

Celebraram-se as vodas com applauso da côrte e manifesto agrado do soberano, sendo abençoadas quatro annos depois com o nascimento de uma filha, D. Joaquina de Bourbon, baptisada com grande pompa pelo patriarcha D. Thomaz de Almeida, assistido de muitos fidalgos e cortezãos distinctos.

Um anno depois viu a luz do dia um segundo filho, João Pedro de Mendonça Côrte Real, de quem foram padrinhos D. João V e a infanta D. Maria Barbara, por seu casamento princeza das Asturias, prestando o monarcha as galas e ornamentos do seu palacio, para maior luzimento da ceremonia.

A estas demonstrações de benevolencia juntou el-rei outras de não menor apreço.

Vagando a commenda de Longroiva, da ordem de Christo, e fazendo mercê d'ella a Diogo de Mendonça, permittiu-lhe que a cedesse em seu filho João Pedro, com a clausula de se empregarem os rendimentos desde 1714 em juros ou propriedades, que seriam vinculados no antigo morgado da Torre da Palma, um dos solares da familia.

Não contente ainda com estas graças, singularissimas para o tempo, determinou el-rei armar cavalleiro de Christo por suas proprias mãos ao mesmo João Pedro de Mendonça, o que se executou em setembro de 1732 no oratorio do paço, com a magnificencia que D. João V ostentava em todos os seus actos.

Estes premios, que não louvam menos o generoso espirito do soberano do que os merecimentos do vassallo, ganhou-os o secretario de estado, carregando com a responsabilidade excessiva de quasi todas as repartições, fadiga intoleravel, que nos dias de hoje, em que o bufete e a escrevaninha reinam sobre mesmas de portarias, deve parecer fabula inventada pelos aduladores, ou invenção de apologistas sem criterio!

As occupações do ministerio que servia Côrte Real abrangiam então a secretaria de estado com todas as correspondencias e trabalhos diplomaticos, a secretaria das mercês, do expediente, e da assignatura, que abraçariam muitas das repartições de que actualmente se compõem os ministerios do reino e da justiça, e como se ainda não bastasse, accresciam os negocios da mordomia-mór, e o despacho dos cargos de monteiro-mór, e provedor das obras do paço, com outros empregos menores, que tambem expedia ao mesmo tempo.

Apesar das queixas contra a indolencia do secretario, e da natural propensão d'este para as delongas, e preciso confessar, que não era sua toda a culpa da vagarosa solução que lhe imputavam. Tantas incumbencias excediam as forças humanas! A pé sempre desde as quatro horas da manhã, aproveitava o remanso da madrugada em dispor o serviço, que haviam de executar depois os seus officiaes, e em minutar os documentos, que tanta reputação lhe alcançaram entre nós, e nas côrtes estrangeiras.

A diligencia e habilidade com que se houve nos tratados de casamento entre o principe do Brazil, D. José, e a infanta de Hespanha, D. Marianna, e entre o principe das Asturias e a infanta D. Maria Barbara, correndo com as instrucções, e assistindo ás conferencias em Lisboa, attesta que o seu zêlo, quando o pedia o momento, era capaz de multiplicar-lhe os recursos, supportando sem quebra as vigilias e fadigas.

A elevação a que subiu nunca o deslumbrou. A paciencia risonha e a benignidade do trato, tornavam-o bemquisto, até dos mesmos requerentes, que as suas desculpas e delongas traziam mais arrastados. Ouvia-os com animo sereno, e respondia-lhes com imperturbavel agrado, embora a ira os tivesse feito desmedir. Muitas vezes, a um tropel de palavras asperas e imprudentes, replicava só com um dito chistoso, que proferido a tempo, emendava o erro alheio, e aplacava as iras entre risadas.

A sua probidade foi apontada como irreprehensivel até pelos emulos e contrarios. Na hora dos grandes arrependimentos e dos maiores terrores, deixou escriptas da sua mão, e quasi na presença de Deus, estas palavras finaes, que todos os ministros deveriam meditar: «A fazenda real não devo nada, porque das duas enviaturas de Hollanda e de Hespanha dei contas, de que tenho quitações, e assim não tenho restituição alguma que fazer-lhe, nem do presente governo, nem do passado.»

Não menos escrupuloso na vida particular, sabendo por morte dos administradores de alguns morgados, de que veiu a ser herdeiro, que n'elles andavam encorporadas terras alheias, e não podendo a esse tempo separal-as, e restituil-as, pagou aos donos o preço das fazendas, satisfazendo-lhes o valor com o seu dinheiro.

E o que elle proprio nos assegura no seu testamento. Fallando de si, declara que não leva a sua alma gravada em restituição alguma, pelo horror que sempre teve ao alheio, como manifestára nas cousas reivindicadas para os morgados; pagando-se, sem figura de juizo, tudo o que os pobres lavradores haviam desembolsado, e compensando-lhes o juro do seu dinheiro com grossas sommas da sua bolsa. Este rasgo pinta o homem, e dá a medida exacta da delicadeza do seu caracter!

Diogo de Mendonça falleceu quasi de repente no dia 9 de maio de 1736, contando setenta e sete annos de idade. Achava-se na sua quinta de Bemfica, e passeiando sobre a madrugada, assaltou-o uma dor tão aguda e penetrante, que dentro de poucas horas lhe cortou a existencia nos braços do seu capellão.

Na vespera ainda tinha despachado com el-rei, e a sua disposição inculcava uma velhice robusta, promettendo larga duração.

Depositou-se o seu cadaver na freguezia de Nossa Senhora do Amparo do logar de Bemfica, e ahi se lhe tributaram as honras funebres, acompanhadas de sinceras lagrimas, que derramaram os desamparados, de que tôra, e sempre foi, desinteressado protector.

Diogo de Mendonça Côrte Real era homem de gentil e magestosa presença, de elevada estatura, pouco cheio de carnes, rosto comprido, nariz aquilino, testa espaçosa, olhos azues, e tez branca e rosada. Cortezão primoroso, notava-se a promptidão e agudeza das suas respostas, e a graça e erudição das suas conversações.

O retrato que lhe tirou o flamengo Francisco Harwin, reputava-se o mais parecido e perfeito, e dizse que existiu muito tempo na sala das conferencias particulares da academia de historia, instituida por D. João V em 8 de desembro de 1720. Entre os cincoenta academicos de numero, com que se fundou, contavam-se Diogo de Mendonça, José da Cunha Brochado, e o padre D. Raphael Bluteau.

Assim viveu honrado, e assim acabou contricto e tranquillo de consciencia um dos maiores estadistas portuguezes do seculo XVIII. A escuridão, que ainda cobre a historia tão proxima e ignorada do longo reinado de D. João V, concorreu para quasi inteiramente serem desconhecidos o nome e os serviços de um dos seus ministros de mais fama.

Seja-nos relevada, pois, a ousadia, se levantando um canto ao véu mostramos em traços rudes tão grande vulto.

L. A. Rebello da Silva.

ESTUDO LITTERARIO.

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL JUNIOR.

II.

Attendendo á impossibilidade de analysar n'estes limites o theatro completo do sr. Mendes Leal, de expor a idéa principal de cada uma de tantas e tão variadas composições, limitar-nos-hemos a citar algumas das que escreveu, antes de encetar a escola novissima para a qual dispunha a transicção. Sem nos ligarmos a uma ordem rigorosamente chronologica, citaremos as comedias: O *Caçador*, o *Theatro por dentro*, a *Afilhada do Barão*, satyra de immenso espirito que teve perto de cem representações, *Quem porfia mata caça*, que teve um successo e um numero de receitas excepcional e extraordinario nos nossos theatros, a *Novella para Cartas*, e o *Bombardeamento de Odessa*.

Entre estas notaremos uma especialmente, o *Tio André que vem do Brasil*, censura pungente, escripta na intenção de ferir o trafico horrivel da escravatura branca, libello vehemente em que se entrelaçam algumas scenas de costumes, cujo atticismo, verberando ridiculos conhecidos, foi vivamente apreciado. As *Tres cidras do amor* é uma lenda-comedia, especie de capricho oriental salgado de riso ironico, saudado pelas platéas com applauso.

O sr. Mendes Leal tambem tentou a tragedia escrevendo primeiro *Saúl*, depois imitando o *Marino e Faliero*, de Casimir Delavigne, ensaiando o *Braço de Nero*, e por ultimo concluindo o *Viriato*, arrojo tragico de maior vulto, inspirado dos fraguedos da velha Lusitania. Estes trabalhos de grande difficuldade e valia eram sufficientes para justificar o logar que occupa entre as vocações litterarias contemporaneas.

No drama *Pedro* symbolisou o sr. Mendes Leal a iniciação da nova escola dramatica que se applicava a introduzir. Era o passo decisivo. Era pôr a vida. Escrevendo-o, sentiu, soffreu com os seus personagens, e revelou-os. As idéas philosophicas e sociaes desenvolvidas depois nos *Homens de Marmore* germinam já aqui.

Não ha explicação favoravel, nem defeza para o nosso theatro, em ter até hoje privado o publico de ouvir este drama, e a imprensa de o apreciar e julgar. Prova muito pouco a favor de todos os que têem estado á frente do theatro, chamado normal.

O caracter de Pedro é de uma rara elevação; é o homem enobrecido pelo trabalho, e pela magnanimidade. A posição que alcança conquista-a legitimamente. Esta creação desnuda o coração de escriptor, revelando as maguas, os dissabores, as difficuldades, e a lucta porfiada e dolorosa, que tem sido talvez a sua vida, e que soffre sempre o homem, que, cedendo ás aspirações da sua alma e ás ambições da intelligencia, se apresenta isolado, sem o prestigio d'um nome recebido ou d'uma posição feita, n'este cahos chamado mundo, e n'este pelago de contradicções, que intitulam sociedade.

Pedro, occupando um logar inferior em casa do conde de S. Thiago, consultando só a sua alma, levanta olhos amorosos para a filha do amo de seu pae. A elevação do seu espirito, levou-o a olhar para cima. É natural. Era poeta; o amor despertou-lhe a inspiração; poetisou o seu idolo. Em recompensa obteve a ironia, e o desdem pungente da mulher que idolatrava. A paixão humedeceu-lhe os olhos; o orgulho seccou-lhe logo as lagrimas. Os parasitas da

sociedade, elegantes duvidosos, que só ali imperam, pelo córte da casaca, pelo nó da gravata, pelo fel dos epigrammas, e pela palestra vulgarmente espirituosa ou semsabor, almiscarada, requebrada, afrancezada, em uso nas nossas salas, vingam-se mettendo-o a ridiculo. Indignado atira-lhes a luva. Alludindo á sua posição, recusam levantar-lh'a. Curvam-se em frente do barão *parvenu*, e julgam humilhar-se cruzando a espada com um homem de bem, apesar de se ter elevado acima da domesticidade em que nascêra, apesar de representar uma realeza, a unica, a do talento. Embora se clama que os privilegios e os preconceitos acabaram, ha ainda muitos que sobrevivem. O conde, instruido do que se passou, expulsa Pedro de sua casa.

Vendo-se tratado assim, sangrando-lhe a um tempo o amor e o orgulho, jura elevar-se e abatel-os. Protegido por uma vontade de ferro, lança-se com ardor ao trabalho, e recebe a recompensa. Vinga-se dos homens que o ridicularisaram, salvando d'um incendio o conde e a filha que o tinham desprezado. Confunde com o seu valor os seus rivaes, tornando-os pigmeus e covardes aos olhos da mulher á roda de quem esvoaçavam. N'isto realisou metade dos seus desejos: não estão, porém, ainda completos.

O jogo, vicio fatal do conde, precipita-o successivamente na miseria, e só o trabalho da filha suppre as necessidades do pae. Nada lhes resta para vender; só uma cruz que pende ao pescoço de Maria, legado de sua mãe. O conde ao vel-a, pergunta ancioso: É de ouro? Maria recorda-lhe os ultimos momentos d'aquella que a commetteu á sua guarda. Elle, tremulo e horrorisado, mas podendo mais o ardor da febre que o devora, arranca-lh'a, e volve á paixão funesta.

Conhecemos poucas situações tão dramaticas, e que assim caracterisem o poder incrivel d'esse vicio horrendo. Pedro soccorre-os nobremente, occultando-se, e completa a sua missão protegendo a virtude da filha do conde. Elevado a ministro pelo poder da intelligencia, é procurado um dia no seu gabinete por Maria, que vem reclamar noticias de seu pae que desapparecêra, e que a policia revela ter acabado no suicidio. É n'este traço de mestre que se completa o caracter de Pedro. Não solta sequer uma palavra sobre o passado, não exprime uma queixa. Em frente de tanta miseria esqueceria tudo, se não o tivera já esquecido.

Ella, vencida e subjugada, reconhece o seu erro, venera-o pelas suas palavras, acata-o pelas suas acções, e curva-se-lhe finalmente aos pés. Pedro estende-lhe sensibilisado a mão, perdôa como Deus, e, fiel ao seu primeiro e unico amor, reclama o direito de protegêl-a no seu total abandono, acceitando o nome que elle soubera ganhar.

Este drama, além do effeito scenico que deve produzir, representa um livro de apreço. Sentimos que o auctor não o tenha impresso, porque illustraria qualquer bibliotheca, e podia contar que do abandono em que o theatro o sepultou, as letras e o publico o indemnisariam.

Conhecida esta producção só d'alguns amigos do sr. Mendes Leal merecia este um successo derradeiro e geral, consagrado pelo gosto e pela arte, para que ninguem ousasse duvidar d'elle, nem elle de si. Esse successo alcançou-o. O triumpho immenso, que já contava annos, foi finalmente substituido pelas bellezas muito mais notaveis d'um novo drama. D'ora ávante o auctor dos *Dous Renegados* ha-de-se chamar o auctor dos *Homens de Marmore*, producção que lhe grangeou um maior nome ainda. Este titulo lembrará a sua melhor obra dramatica, até agora, e um dos primeiros ornamentos da nossa litteratura.

III.

Os *Homens de Marmore* é um drama da moderna escola nacional, procurado e tirado das entranhas da sociedade, com o tacto e mestria de uma vasta intelligencia, e d'um espirito superior. Todos os caracteres são verdadeiros e bem desenhados. O espectador chega a viver no drama, porque vê ali a reproducção completa do mundo em que habita, e ha momentos em que estenderia a mão ao actor, julgando vêr um dos seus conhecidos. Presente-o, mas não poderia apontal-o. É o seu principal merito. Sem ferir personalidades, reproduz os individuos do nosso tracto diario, com todos os seus vicios e torpezas, com todos os seus ridiculos e miserias, com todo o seu cynismo e depravação. Indica-os, mas não os recommenda. Lançou mão de um grupo da sociedade moderna; e rasgando-lhe as carnes sem dó, deixou-lhe nus os corações. Como o estatuario procura a belleza ou verdade physica, que pretende retratar, o sr. Mendes Leal procurou a verdade moral. A tarefa d'este é mais difficil, porque não tem diante a fórma palpavel e visivel como o outro.

O sr. Mendes Leal estudou o seu drama no grande livro do mundo, e pensou-o no gabinete. Tinha a sua idéa, e para ser completa precisava gruparlhe em roda as idéas da sociedade. Tinha o seu pensamento, e era forçado a pensar pelos outros. Só assim o quadro podia ser verdadeiro, só assim os caracteres podiam ser verosimeis. Era uma obra quasi toda de cabeça: o que era do coração estava no fundo d'elle. Muita vez, no silencio do gabinete, identificando-se com o personagem que reproduzia, havia de travar-lhe a amargura das decepções, n'essa copia fiel de tantos dos nossos homens. Quantas mais a penna se não arredaria do papel, duvidando da realidade do que escrevia! Infelizmente o desengano era breve, porque os exemplos sobram. No mesmo ambito em que escrevia, talvez lhe bastasse volver os olhos para a duvida desapparecer, e as provas o convencerem. Tanto é verdadeiro este nosso juizo, que para o provar lá estão aquellas scenas entre o pintor e Ignez. É ahi que o enthusiasmo fallava ao coração, o coração á inspiração, a inspiração á idéa. Ahi tudo é sentido, elevado, grandioso. Ahi vê-se o poeta abraçado ás suas crenças e ás suas aspirações, entre o perfume nativo das flores da sua alma. Toda a fé, todo o sentimento religioso e puro que no coração comprimia, forçado pelo prosaico positivismo d'este nosso mundo, rebentou esplendido n'essas scenas. O intimo sentimento apparece ali como um raio fugitivo do sol, que por momentos vem dourar as vagas tremendas d'aquellas tempestades humanas. Entrando dentro no seu coração a reacção é aquella, depois do contacto frio do marmore. É o poeta, que no pedestal em que Deus o collocou, esquece por instantes o mundo para viver só do pensamento, e o pensamento do coração. Dizem que ha exagerações no estylo d'aquellas scenas! Não somos d'essa opinião. Onde ha crença ha sempre poesia. Todo o homem é poeta quando sente devéras, quando crê n'um affecto santo e puro. A mulher inspira-se tambem, quando um amor unico e verdadeiro lhe fortifica o coração. Como é raro o sentir, por isso tambem poucos comprehendem estas cousas. Não são vulgares almas essas, mas ainda as ha. São raras n'esse mundo que contemplâmos, e uma das razões por-

que não as descortinâmos, é porque o vicio attrahe mais que a virtude, e estendendo os olhos pela turba, encontrâmo-lo em maior numero, e magnetisa-nos o imperio que tem sobre a nossa fraqueza. É um drama que ha de viver no futuro como uma cópia fiel da epocha actual.

A acção nasce, enlaça-se, intriga-se e desenvolve-se á vista do espectador. D. Luiz Coutinho é o fidalgo d'antiga linhágem, senhor d'um nome legitimamente conquistado, ganho á custa do seu sangue e dos seus antepassados. O orgulho, os revezes, o desejo de sustentar o esplendor de sua casa, as necessidades que a sua posição lhe tinham creado, endureceram-lhe o coração, n'uma lucta continua, e tudo calca aos pés para poder hombrear com os seus iguaes em nascimento. Escaccando-lhe todos os meios de salvação, recorre á usura, e perde para sempre o futuro de suas filhas. Para salvar as apparencias arruina-se no silencio. Não tendo já que empenhar, estando pobre, só um meio de salvação lhe resta. Um casamento vantajoso para sua filha. Desesperado, recorre a este meio, e tenta pôl-o em pratica. A desgraça, os desenganos, a desesperação, tem-no tornado rigido e quasi descrente. Nem as lagrimas, nem as supplicas, nem a dôr profunda da filha o commovem. A miseria e a ruina em perspectiva petrificaram-lhe o coração. Quando a filha cáe a seus pés abraçando-lhe os joelhos, a terrivel seccura com que a levanta, dizendo-lhe «olha não manches o teu vestido» é um traço de mestre que revela completamente aquelle caracter. Estas palavras porém são a sua condemnação. O desastre foi temeroso para a pobre donzella, o desengano doloroso e pungente. Adormece-lhe a veneração que sentia por seu pae. Gelada pelo contacto da pedra, cede ás instancias d'aquelle, em quem suppõe o fogo da paixão, e abandona a casa paterna. D. Luiz Coutinho, ao receber a nova, sente que tem ainda coração quando este lhe rebenta no peito. Mais ferido no orgulho, que no sentimento, exclama á outra filha, que até ali tinha afastado de si, e que vê prostrada a seus pés: «Vistâmo-nos de lucto: eu já não tenho filha, tu já não tens irmã.»

No segundo acto, quando vae procurar o homem que o manchou na honra, e que lhe lançou uma nodoa no brazão de sua casa, acha o castigo nas palavras que o seductor lhe deita em rosto. «Se v. ex.ª a sacrificava, sendo seu pae, porque me hei de sacrificar, eu, que o não sou?» Está pobre e deshonrado. Tem o futuro de tormento e miseria. Obrigado a reformar a sua casa, e a despedir todos os seus criados, despede tambem o aio velho de suas filhas, que as viu nascer e as acalentou em seus braços. Como é singela e dolorosa aquella scena em que Manuel Maria julga uma affronta ser recompensado e despedido de casa nos dias da miseria o criado que o tinha servido nos dias do esplendor! Como são verdadeiras e naturaes aquellas palavras «julgava-me quasi da familia!» Como é espontaneo e jubiloso o grito de D. Luiz: «Oh! coração! aonde venho encontrar-te!» D'esta scena em diante tudo é dramatico. E cheia de sensibilidade a resignação e a resolução suprema da unica filha que lhe resta, e que lhe diz: «Irmãs recebemos a vida, irmãs receberemos a morte!» Este lance heroico abre os braços do pae, estremecido pela dôr, á voz do seu sangue. «Não ha coração de pedra,» exclama D. Luiz enlevada na sua obra: «Aquelle é de pae,» responde-lhe Fernando. N'esta phrase esta plenamente justificada a transicção de D. Luiz Coutinho. É a natureza retomando os seus direitos.

Simplicio Lobo é o vulto principal do drama e a capital concepção do auctor. Domina todos os outros caracteres, como domina os acontecimentos. É a molla real da acção. Todos os personagens estão no poder d'este homem que os move e os governa, e joga com elles, como se fossem polichinellos. Tem na sua mão a realeza do seculo.... o dinheiro. Em vez d'algemas de ferro, lançou-lhas de ouro, que além de prender, cega brilhando. Debaixo do tracto grosseiro, e das maneiras rudes d'aquelle homem, ha um espirito atilado, uma intelligencia subtil, e um conhecimento perfeito do mundo e dos homens. Acanhado, servil e respeitoso por calculo, parece sempre que vem implorar, quando o imploram. Curva-se para espreitar. Todos lhe obedecem e tremem d'elle: D. Luiz Coutinho, porque lhe tem todos os seus bens hypothecados, e necessita o segredo. O ministro por temer a publicação dos documentos importantes que lhe passára, sem o que nada obteria. Estevão de Moura, por uma escriptura falsa que foi parar ás mãos do seu complacente tyranno. Todas as palavras nos dialogos com estes personagens são calculadas e ferem direito o alvo. Sceptico profundo entendeu que o cynismo lhe havia de encher os cofres. Procurou e achou no seu caminho homens com estes dotes: aproveitou-os para os seus fins. A um applanou-lhe a estrada de ministro, porque o tinha estudado, e viu n'elle o homem d'estado, só cabeça, nada de coração. Governar este um dia, era elle governar. Em Estevão de Moura descobriu o moço sem consciencia, sentindo a *necessidade do superfluo*, e firmando a sua industria na procura d'um dote. Emprehendedor, quiz arriscar tambem alguns capitaes n'uma hypotheca viva. Ha só uma fronte que se lhe não dobra, é a do artista. Alma nobre, espirito independente, este só se curva a duas divindades: ao talento e a Deus. É este o homem que o desespera. Comprehende-se. A inteireza importuna-o, porque é uma resistencia a que não está habituado e em que não cria. Fere-o tão fundo a affronta do artista que não duvida arriscar alguns punhados de ouro para se vingar.

No 5.º acto, collocado já sobre o pedestal dourado que tantos annos tinha gasto a alevantar, revela em toda a plenitude o seu verdadeiro caracter. Já não encolhe os hombros, ordena. Já não arrasta um — como queira — diz positivamente — quero. Ergue-se o homem d'uma vontade de ferro, de vastos designios, de malignas mas largas faculdades, e desapparece o usurario vulgar. Se não quebra a casa Swarth & Comp.ª, que futuro seria o d'este coração de pedra n'um estojo de ouro!

Estevão de Moura é o homem que desde a origem habituado á ociosidade e inhabil para as cousas uteis, nem póde já abraçar carreira honrosa. Lança mão d'uma industria. Negoceia com os amores, namora por officio e por calculo, medita o matrimonio por aluguel e a alliança por expeculação... Anda atraz d'um dote como Jeróme Paturôt atraz d'uma posição social. Persuade Beatriz, a filha de D. Luiz Coutinho, a deixar com elle os lares paternos quando esta vê perdida a esperança de abrandar seu pae, e a sua felicidade para sempre compromettida n'outra união de interesse. Os dous caracteres egoistas punem-se mutuamente. Estevão de Moura julga Beatriz herdeira da casa. Quando sabe que esta pobre, offerece-se a restituil-a á habitação de seu pae. Não póde ir mais longe o cynismo humano! A depravação murchou aquella alma, insensibilisou-a, e o imperio que Simplicio Lobo tem sobre elle, acaba a obra forçando-o a commetter as maiores baixezas. O escrupulo

e o pudor são para elle palavras. É quando pede a filha segunda de D. Luiz que prova o extremo atheismo moral d'aquelle caracter gasto da avidez e da indolencia.

Na nossa opinião são estes os homens de marmore, a que o auctor deu completo desenvolvimento, e cujos typos são eminentemente verdadeiros. O do ministro acaba o quadro, mas é um retrato de que apenas se mostram contornos; a idéa e as necessidades dramaticas tolhiam desenvolvel-o mais amplamente, para não prejudicar a acção. Este é homem de marmore, porque os calculos da politica mataram-lhe o coração; mas pela grandeza da idéa que o absorve resgata a dureza que não disfarça. O do medico é um pequeno esboço; mas n'uma unica scena, dous traços bastaram para nos mostrar o homem que todo inteiro dado a sciencia retalha impassivel as carnes sem vêr na humanidade mais que um objecto de estudo.

Fernando, Beatriz e Ignez formam o contraste d'aquellas figuras. Estes vivem todos do coração e para o coração. Beatriz perdeu-se por se alliar a uma alma perdida; mas o castigo cruel que soffre, o remorso que a dilacera, o sentimento da sua dignidade, a ruina total do seu futuro, e a dôr que a punge no erro, nobilitam-a e absolvem-a. Os artificios do expeculador petrificado conduziram-a á perda; as lagrimas de sua irmã, a resignação no soffrimento regenerou-a. Ignez elevou-se, porque alliada a uma alma nobre e grande, só aprendeu a sentir por ella e como ella. O sacrificio da fortuna a sua irmã prova já a unidade d'aquelles corações, que, diante do sacrificio, competem em abnegação. Como traduz bem as santas e nobres aspirações d'aquella alma quando Ignez diz ao seu noivo: «Aqui tens, Fernando, a minha mão. Vê-a! Não vae calçada d'ouro, leva-te amor que inflamma, e não metal que esfria.» Fernando é o artista cheio de enthusiasmo, de vida e d'esperanças. Crê no amor, na amizade e em Deus. Tem uma segunda religião... a arte, e cresce-lhe o talento e a inspiração á sombra d'um affecto santo, de um amor sem limite. Na arte vê as suas esperanças... no amor o seu futuro. As primeiras espera-as de Deus... o segundo da mulher da sua escolha. Vê realisado o seu sonho, porque nunca lhe faltou a fé. A este tinha-o o céu dotado, e os homens não conseguiram desherdal-o. Em quanto o esplendor e o fausto brilham em casa de D. Luiz Coutinho, é reservado, e foge da turba; entra ali a desgraça, aproxima-se, quando vê fugirem os outros. E o astro consolador das noutes tempestuosas. Em frente do quadro da insensibilidade e depravação levantam-se em relevo as puras crenças e os nobres sentimentos.

O drama além de satisfazer completamente a parte litteraria e a idéa philosophica, possue situações extremamente dramaticas. É cheio de interesse, de vida e de movimento. Desperta as lagrimas e os sorrisos, commove e recreia.

A nosso vêr o sr. Mendes Leal n'este drama quiz provar que não ha insensibilidade absoluta n'este mundo; que todo o homem tem sempre um lado vulneravel: com elle existem as paixões, e se uma d'ellas é tão forte que absorve e extingue todas as outras, no momento que lhe ferirem essa, sentiu. Prova-o em D. Luiz Coutinho quando o mergulha na miseria e não póde sustentar nem sequer o luxo apparente; era o orgulho a sua paixão. Em Simplicio, Lobo aniquilando-lhe a fortuna d'um golpe; a sua paixão era o ouro. Em Estevão de Moura, tirando-lhe o accesso nas casas em que podia procurar uma alliança vantajosa; matou-lhe a industria. No ministro, vergando aquella intelligencia que se julgava superior á sordidez do seu crédor; este vivia de soberba. As palavras com que finalisa o drama firmam-nos na nossa opinião: «A estatua com ser de pedra não resiste ao raio!»

(Continúa.)

E. Biester.

ABERTURA DO ISTHMO DE SUEZ (1).

I.

O Mediterraneo foi sempre o theatro mais importante dos actos politicos do mundo: abstrahindo da qualidade, que lhe é commum com todos os mares interiores, de offerecer aos povos frequentes occasiões de contacto, e por consequencia de conflicto, o Mediterraneo, pela sua posição no meio de tres partes do mundo, pelas numerosas ilhas que encerra, pelas vastas peninsulas que se prolongam por suas aguas, pela quantidade e circumstancias de seus portos, pelos potentes e ricos estados, cujas costas banha, apresenta uma combinação de elementos politicos e commerciaes, que não se encontram reunidos em igual grau n'outra qualquer parte do globo. Tendo uma posição de alguma valia no Mediterraneo, qualquer estado adquire logo pezo na balança dos poderes europeus. Supponde a Grecia collocada no Danubio, a Europa cuidaria tanto d'ella como trata da Servia e da Bosnia, nem mais nem menos. Se, ao contrario, a Russia tomasse no Mediterraneo uma posição maritima importante, evidentemente duplicaria a sua influencia; e a guerra actual tem por objecto, em grande parte, remover o perigo em que por similhante posição incorreriam os interesses e as liberdades do occidente.

Sobre o Mediterraneo foi disputado o imperio do mundo entre gregos e persas, entre carthaginezes e romanos, entre Augusto e Marco Antonio; e talvez que Roma e a Grecia tivessem resistido melhor aos barbaros e aos macedonios se com maior cuidado houvessem conservado as muralhas de madeira *(os navios)* que o oraculo aconselhava aos athenienses que oppozessem ás hostes de Xerxes.

O descobrimento do cabo de Boa Esperança, o da America, a tomada de Constantinopla pelos turcos, a pirataria impunemente praticada pelos estados berberescos, fizeram desapparecer por longo tempo essa importancia do Mediterraneo. As gloriosas republicas italianas, Pisa, Genova e Veneza sustentavam-se a custo: a batalha de Lepanto destruiu as forças maritimas da Turquia; porém a Hespanha, aviltada pela inquisição, corrompida pelo ouro das Indias, exhausta pelas guerras politico-religiosas que excitava e mantinha na Europa, era incapaz de tomar aquella preponderancia no Mediterraneo, que outr'ora havia sido reputada como o imperio do orbe.

A revolução franceza, reanimando a vida politica das nações, e fazendo predominar os interesses populares sobre os interesses das dynastias, restituiu ao Mediterraneo toda a sua importancia politica, senão a commercial. Politicamente considerada a expedição contra o Egypto foi um grande erro, mas,

(1) No v. 3.º da 1.ª serie do Panorama (anno de 1839) de pag. 361 a 365, e n'outro artigo com a vista de Suez a pag. 225 do 1.º vol. da 2.ª serie (anno de 1842) achar-se-hão curiosas noticias do mar Roxo ou Vermelho, e da navegação que por elle se faz da India para a Europa. Quanto á communicação entre o mesmo mar e o Mediterraneo consultará o estudioso os auctores que vão citados no fim do presente artigo.

comtudo, teve a vantagem de provar aos menos perspicazes que o Mediterraneo tornaria a ser a grande via commercial das Indias e de todo o oriente. D'ahi a dezeseis annos a Inglaterra completou a demonstração ficando com a ilha de Malta e na posse mais antiga de Gibraltar, accrescentando o archipelago das Jonias áquellas duas importantes estações militares e maritimas.

O directorio havia imaginado colher para a França a honra e proveito de dar nova direcção ao commercio da India fazendo-o correr pelos antigos canaes que lhe tinham aberto os phenicios, os gregos e os romanos, e depois os venezianos, os genovezes, os pisanos, os florentinos, e as cidades hanseaticas. Este projecto, submettido aos homens competentes d'essa epocha, foi julgado digno da republica, adequado aos seus meios e necessario á sua prosperidade. O directorio comprovava assim a capacidade que manifestára adquirindo as ilhas venezianas e proporcionando á França abrir de novo as portas do oriente situadas no mar Roxo e no golpho persico. Renovavam-se assim as tradições da antiga politica franceza.

Colbert havia concebido o plano de ligar estreitamente o commercio do oriente ao Egypto, e fazer passar por este caminho as fazendas que a companhia das Indias recebia pelo oceano, e que deveriam desembarcar em Suez, ser d'ali conduzidas em caravanas e em camellos até o Cairo, levadas pelo Nilo a Alexandria, e transportadas a Marselha. O consul francez no Egypto fóra encarregado de tratar este negocio com o pachá, e offerecer-lhe dous por cento sobre todas as mercadorias que passassem de Suez a Alexandria; obrigava-se além d'isso a obter a auctorisação do sultão: o pachá acceitou o tratado, pediu-se a auctorisação; mas sobrevieram difficuldades que fizeram abandonar o projecto de Colbert. Lançando mão d'elle, o directorio augmentou-o.

Os engenheiros da expedição do Egypto receberam ordem de examinar se seria possivel cortar o isthmo que separa o Mediterraneo do mar Vermelho; os antigos pensavam que o nivel d'este era mais alto que o do Mediterraneo; ignoram-se ás provas que adduziam em apoio de sua opinião, hoje reconhecida como inteiramente falsa, e que todavia os engenheiros da expedição adoptaram; pelos seus nivelamentos, feitos em 1799, a differença de nivel era no maximo 9m90 e termo medio 8m46; estas operações erradas deram em resultado embrulhar-se a questão, e gerarem-se projectos chimericos.

Afóra isso, não tardou que se intromettessem no assumpto as paixões politicas; clamou-se que o exito d'esta grandiosa empreza seria o penhor seguro da decadencia de Inglaterra. Bonaparte dizia publicamente: «Não dista muito o tempo em que havemos de reconhecer que para destruir deveras a Inglaterra é mister que nos apossemos do Egypto.» E o directorio, nas instrucções de 12 de abril de 1798, exprimia-se por estes termos: «O general em chefe do exercito do oriente fará cortar o isthmo de Suez, e tomará todas as medidas necessarias para assegurar á republica franceza a livre e exclusiva posse do mar Roxo. Expulsará os inglezes de todos os dominios do oriente onde puder chegar, e com especialidade lhes destruirá todas as feitorias no mar Roxo.

Facil é de perceber que com similhantes disposições não havia de realisar-se um projecto essencialmente pacifico, ainda mesmo suppondo que tivesse exito vantajoso a expedição ao Egypto.

Hoje a questão apresenta-se sob novo aspecto: todas as objecções desvaneceram-se. Em primeiro logar, o tempo extinguiu essas preoccupações deploraveis, que por muito tempo foram consideradas como espirito nacional, e que representavam dous grandes povos como inimigos natos e irreconciliaveis. A experiencia a final ensinou á França e á Inglaterra que é de mais são juizo e boa politica combinarem os seus interesses, os seus esforços e recursos, do que arruinarem-se mutuamente fazendo uma á outra, por mar e por terra, o maior mal possivel. Em segundo logar operações executadas por diversas vezes demonstraram o erro dos antigos, renovado pelos engenheiros da expedição ao Egypto; o nivel da baixamar é o mesmo nos dous mares que o rompimento da isthmo deve pôr em communicação, e nas grandes marés o nivel do mar Roxo é até inferior ao do Mediterraneo. Não ha, pois, senão metter mãos á obra, e o negocio da *Companhia universal do canal maritimo de Suez* parece estar bem afigurado.

O vice-rei do Egypto tinha a escolher entre dous traçados; o directo, que corta o isthmo quasi em linha recta, do sul ao norte, de Suez a Pelusa, e o traçado indirecto, que partindo de Suez, chega ao Nilo, e vae dar a Alexandria tendo atravessado uma grande parte do Egypto.

«Não sou juiz mui competente, (escreve mr. A. Peyrat, que redigiu estas notas) mas parece-me impossivel que se leiam a exposição e os documentos que publicou mr. Ferdinand de Lesseps sem ficar com a convicção de que o traçado directo é o mais curto, mais naturalmente indicado pela qualidade dos terrenos, mais facil de executar, e que ha de dar mais excellentes resultados. Tal foi a opinião de Said-pachá, que, na conformidade do relatorio de dous engenheiros de grande merecimento estabelecidos no Egypto ha vinte annos, fez expedir um firman, depois de o haver communicado aos consules geraes das potencias estrangeiras, que confere a mr. de Lesseps o direito de fundar uma companhia que tenha por objecto a perfuração ou corte do isthmo de Suez e a exploração do canal respectivo.

Estamos a ponto de ver a solução do problema que se ventila ha tres mil annos, e que occupou os mais sublimes engenhos e mais poderosos soberanos, desde Sesostris até Napoleão. Parece ter a natureza destinado o Egypto para servir de escala ás mercadorias da Europa, da Asia, e da Africa, ser a corretora de suas trocas; e a abertura das antigas derrotas da India tem especial importancia agora que todas as potencias, levadas de um influxo irresistivel, buscam em o commercio a base da força e da prosperidade dos estados. Said-pachá apreciou mui bem a universal utilidade da nova via de communicação resolvendo que fosse dominio commum de todos os povos, e chamando todos os capitaes a tomarem parte na gloria e nos lucros da empreza.

Esses lucros são incalculaveis, e ainda mesmo considerando só no resultado material póde dizer-se que nunca se offereceu ao genio do homem uma obra de mais attractivo. Calculos moderados e de certo incompletos orçam o movimento commercial entre a India e os principaes portos da Europa em dous milhões de toneladas e dous milhares de milhões de francos, repartidos sómente entre a Inglaterra, a França, a Hollanda, a peninsula hispanica e os portos hanseaticos. Este movimento effectua-se actualmente pelo cabo de Boa Esperança, ao longo da costa d'Africa, navegação interminavel, dispendiosa, semeada de perigos de toda a casta. O canal maritimo de Suez abreviará as distancias, em metade para os

portos do oceano, e em dous terços para os do Mediterraneo. A economia de tempo e de capitaes, resultado infallivel da rapidez das expedições, diminuirá os preços do café, assucar, algodões, sedas e chá da India e da China. Addicionem-se a todas estas vantagens os recursos do vapor e da electricidade, e considere-se em que proporções se podem desenvolver as transacções commerciaes e o espirito emprehendedor dos povos da Europa!

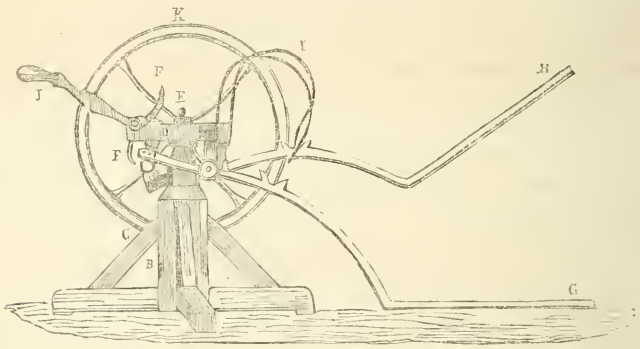
Que facilidade d'ora ávante para explorar em toda a sua immensa extensão as ilhas da Sonda, a Australia, a Africa oriental, as cinco mil leguas de costa que orlam a bacia occidental do mar das Indias, o mar Roxo, o golpho de Oman, o golpho persico, a Arabia, a Abyssinia; para abrir ao commercio europeu a China e o Japão; para colonisar a Malasia e a Oceania! É um mundo novo patente á actividade da Europa, um futuro sem limites. Portanto, os resultados lucrativos da empreza, por mui consideraveis que se presumam, não são mais do que a lado secundario da questão, não são nada se os compararmos com as consequencias que a abertura do canal deve produzir para a civilisação do mundo.

Não pretendemos recompor a longa historia d'este canal, por onde os egypcios deram a primeira idéa dos recursos que um povo commerciante póde crear, e das vastas expeculações com que póde assombrar o mundo; tão pouco queremos expôr os fundamentos scientificos, que provam a facilidade da execução de tamanha empreza.

Os que desejarem conhecer pelo miudo e a fundo tudo o que diz respeito á descripção, natureza e formação do isthmo, historia das diversas tentativas feitas para canalisal-o, vestigios do antigo canal, niveis relativos dos dous mares, projectos modernos, estudos a que deram logar e objecções que suscitaram, podem consultar com fructo os escriptos de D'Anville, (1) de MM. Richard e de Rozières, (2) de M. Delpuech, (3) a obra recente de M. de Lesseps, (4) e os notaveis artigos publicados por MM. Paulin Talabot e Baude na *Revue des Deux-Mondes*.

Quem ler estes trabalhos tão interessantes e instructivos ficará convencido de que o commercio e a industria devem cedo ou tarde resolver pacificamente a maior parte das questões que os governos debalde procuram decidir pela força; e é isso o que justamente dá á canalisação do isthmo um caracter de utilidade universal; é por isso que ella é igualmente interessante para todas as nações civilisadas.

* * *



DEBULHADOR MECHANICO.

A idéa de substituir o mangoal ordinario não é nova; porque ha mais de sessenta annos se tentou construir um apparelho, que preenchia, posto que imperfeitamente, o fim que se pretende agora alcançar com o debulhador mechanico.

Depois d'aquella primeira tentativa apparecen a famosa machina de Marolles, movida por varios cavallos. Mas estas machinas não preenchiam exactamente o fim requerido, e exigiam enormes despezas de custeamento, como bem póde suppor-se.

O debulhador de Cambronne Ravin de Santo Quintino, apresentado na exposição universal de Paris, parece porém ter resolvido favoravelmente o problema, que se propunha. Differe esta machina das suas antecessoras por diversas combinações que é impossivel perceber não a vendo funccionar; nem basta a simples inspecção de uma gravura, por mais perfeita que seja.

Para trabalhar com o debulhador são sufficientes dous homens, estando de tal sorte combinadas as respectivas funcções que se não cansam, nem perturbam. Calcula-se que o debulhador mechanico poderá debulhar em cada cinco minutos um feixe de trigo ou qualquer outro cereal, pezando 20 arrateis, pouco mais ou menos.

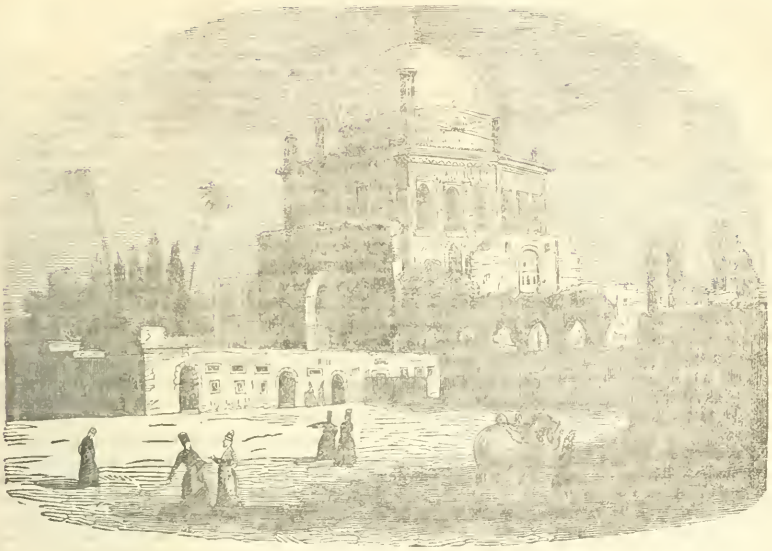
(1) Memoires sur l'Egypte ancienne et moderne.

(2) Description de l'Egypte.

(3) Considerations sur la possibilité, l'intérêt et les moyens qu'aurait la France de rouvrir l'ancienne route du commerce de l'Inde.

(4) Percement de l'Isthme de Suez. Exposé et documents officiels par M. Ferdinand de Lesseps, ministro plenipotenciario de França junto ao vice-rei do Egypto.

Para conhecimento dos senhores assignantes do *Panorama* em Coimbra, previne o editor de que o seu correspondente n'aquella cidade fica sendo d'ora ávante o sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, administrador da typographia da Universidade.



PERSIA — MESQUITA DE SULTANIEH.

É a Persia uma vasta região da Asia, medindo cerca de 500 leguas de comprimento sobre 100 de largura, limitada ao norte pela Turquia d'Asia, e o golfo persico, e a este pelo Indostan.

Poucos paizes haverá no mundo que tanto devam á natureza e tão pouco á industria do homem. É verdade que uma parte d'elle é arida e esteril, mas na outra, que é a mais importante, os terrenos são feracissimos e de uma producção immensa.

Calcula-se que apenas um vigesimo de territorio persa estará aproveitado; e comtudo a Persia produz muito trigo, arroz, cevada, milho, deliciosas linho, canhamo, tabaco, algodão, excellente vinho, etc. e tudo isto em grande abundancia, d'onde podemos colligir o grau de prosperidade e riqueza a que chegaria se fôra habitada por outra raça menos indolente.

Não se entenda, porém, que os persas são ineptos e incapazes de qualquer applicação: pelo contrario, em todo o oriente não ha homens mais intelligentes e robustos; tem a maior habilidade para as artes e officios, e quando querem sabem apresentar productos que espantam pela perfeição os artifices mais entendidos. Uma certa indolencia, que se não póde talvez explicar, faz com que desprezem ou não procurem tirar todo o partido das riquezas de que estão, para assim dizer, rodeados.

Será esta indolencia produzida por alguma influencia climaterica, ou antes deverá attribuir-se ás instituições por que o povo persa se governa, e á religião que professa? Nós inclinamo-nos mais ás duas ultimas hypotheses.

Deixemos, porém, o que não importa ao presente artigo, e pertence aos pensadores e aos philosophos, e vamos direito ao nosso proposito.

Quando não houvesse outras demonstrações da capacidade artistica dos persas, bastaria para provál-a examinar com animo desprevenido muitas das construcções, assim civis, como religiosas, de que com razão se ufanam.

Referir-nos-hemos a estas ultimas, sem tratar comtudo dos mais antigos monumentos religiosos da Persia, isto é, dos templos de Zoroastro, e dos guebros.

Entre os edificios destinados ao culto official, que é, como se sabe, o islamismo, distingue-se a mesquita de Sultanieh. Convem saber que Sultanieh, situada em uma vasta campina é uma cidade hoje quasi despovoada, mas de cujos edificios ainda se podem admirar grandiosos fragmentos.

Foi a mesquita construida no decimo quarto seculo pelo shah mogol Mohammed Colabendah. Um terremoto no principio d'este seculo a damnificou bastante. Como quasi todos os edificios d'este genero é feita inteiramente de tijolo, erguendo-se do centro uma airosa cupula ou zimborio, que não tem de altura, contando do chão, menos de quarenta metros, sustentado por outo arcos. É a cupula exteriormente estucada primorosamente de branco e azul claro. Os minaretes, ou torrinhas com que os architectos costumam decorar esta especie de edificios, eram quatro, e os mais altos de toda a Persia; d'esses pouco resta, tendo desabado com o tremor. Interiormente são as paredes da mesquita guarnecidas de soberba porcelana dourada.

A PENA DE TALIÃO

ROMANCE HISTORICO.

INTRODUCÇÃO.

Mais uma novella sáe a tentar fortuna:

Que sorte a espera em caminhos tão perigosos?

Como outras mais dignas de acolhimento, recebida pela indifferença, irá jazer no silencio, ou ditosa, sem prendas, descansará nos braços d'essa hospitalidade benevola, que em uma hora paga mezes e annos de vigilias?

Deus o sabe!

São estas as creações do acceso imaginar, de que fallavam os trovadores, e por mais que se queira disfarçar, o coração do auctor, verdadeiro coração de pae, é inseparavel d'ellas, seguindo-as ancioso pela beira do precipicio, e acompanhando-as de cuidados até alcançarem o suspirado termo da jornada.

Será orgulho só, e cubiça de gloria?

Não! É que as filhas da intelligencia tambem são filhas queridas, e levantando-se para entrar no mundo, levam-nos comsigo a alma e o amor! Nasceram de nós, e vimol-as balbuciar e crescer, e nas longas noutes, em que o pensamento percorre as ruinas do passado, e os espaços infinitos, que a imaginação povôa, conversaram com o nosso espirito, e fizeram o seu enlevo.

De que modo brotam, e quem dá o ser a estes entes ideaes que a chamma do engenho torna mais duraveis muitas vezes do que a propria realidade? Um raio de luz, um sorriso da phantasia, um acaso basta!

Entre mil confusas sombras, que se agitam, a mente escolhe, e infunde-se em algumas. Então o quadro surge sem podermos dizer como; a tela anima-se pouco a pouco, e as figuras, já com as côres da vida, começam a existir, umas para não morrerem como as de Romeo, de Hamlet, e de Beppo, outras para brilharem um só momento, e logo se apagarem no tropel das outras que vem chegando.

A fórma o que faz depois é pintar ou cinzelar seguindo a visão interior; mas a imagem está dentro d'alma; só ella a vê e a sente, e nem tinta, nem palavras a revelam como nos appareceu, com metade da viveza com que nós a concebemos.

Este romance nasceu assim, e do mesmo modo nasceram, e hão de nascer outros.

A leitura de alguns capitulos do segundo volume da *Historia de Portugal* do meu amigo A. Herculano suscitou o assumpto. Disposta a imaginação um dia accordou de repente aquillo, que um escriptor allemão denomina o nosso sexto sentido, e boa ou má, feliz ou deploravel, estava traçada a obra como havia de ficar, e como hoje se offerece, porque a reflexão e a lima podem polir as grossuras e os defeitos superficiaes, mas na essencia não tocam, sob pena de saír um monstro, ou talvez peior, uma estatua regelada.

Depois de feito o livro era facil ligal-o a remontadas cogitações, e administrar-lhe o baptismo philosophico; mas, tendo a desgraça, ou a ventura, de acreditar pouco na missão politica da arte deixei as theorias sociaes e os problemas grandiosos no logar que lhes pertence. Sempre entendi que se invadiam assim, mas talando-as, duas provincias independentes; e que a preconisada conquista de uma pela outra, seria victoria ephemera, e pouco digna de louvor se em verdade é licito dizer-se que seja victoria!

Interpretar fielmente a natureza, expressar os grandes rasgos, de que se compõe a physionomia de uma epocha, e não desvairar muito na analyse do coração humano, decifrando por elle o mysterio da existencia, pareceu-me sempre não ser a menor difficuldade do genero; e como raros a tem atravessado incolumes, acho que os Coopers, os Walter Scott, e tantos imaginadores da mesma escola, occupam de direito o posto, que o triumpho lhes grangeou.

Se elles, que foram os mestres, temeram passar além, e se os seus monumentos nem por isso deixam de ser vistos de toda a parte, em quanto desabam em ruinas, dias depois, as construcções ambiciosas dos innovadores, creio que não merecerá censura o ater-se qualquer tão obscuro como eu aos bons modelos, e de longe, na immensa distancia, a que se reputa d'elles, fazer por agradar sem se atrever a mais.

De Cervantes a sir Walter Scott e a Goethe, desde o immortal romance do Quixote até á soberba epopéa em prosa de *Ivanhoé*, e á sombria e esplendida manifestação de *Fausto*, a fórma tem adiantado muito.

Não sei se resta ainda que innovar, ou se a reforma deverá parar ahi, por maior prudencia. É delicada e espinhosa a questão!

Entretanto não duvido accrescentar que a verdadeira originalidade reside para mim na idéa, na propriedade com que se retrata, na expressão e na côr dos costumes, que se avivam.

A travessura, que se jacta de infringir deliberadamente as regras, e que chama arrojo e novidade ao mixto hybrido da anarchia, nunca me deslumbrou. Vive apenas da curiosidade vulgar, e como esta se desvanece com a mesma rapidez com que se excita, o que torna o livro duravel e acceito, a estima e a correcção, hão de faltar eternamente, e nada o poderá suster na sua queda.

Imaginando um romance, e collocando a fabula nos fins do segundo quartel do seculo treze, procurei desenhar as feições das diversas classes com a possivel exactidão, explicando ao mesmo tempo o *viver e crer* da epocha, e os interesses e idéas que a animaram, na prolongada lucta, que acabou por fim arrancando a corôa ás desditoso Sancho II.

A scena historica de si grandiosa e variada, encerra elementos, que a phantasia mesmo nem sempre ousaria conceber.

Interpretados por uma consciencia austera, e por uma critica elevada, os monumentos revelam-nos a maior parte do segredo tenebroso; e os dous vultos principaes de Sancho Capello, e do astucioso conde de Bolonha, seu irmão, levantam-se do sepulchro, e quebram com a lousa as mentirosas inscripções, que a lisonja ao vencedor, e a calumnia contra o vencido tinham lavrado no marmore, sem pejo de profanar a paz dos mortos, ultrajando a justiça de Deus!

Quem ler a narração, direi antes esculptura de relevo em que A. Herculano estampou a imagem d'este periodo, não menos fertil em perfidias e infamias, que fecundo em rasgos de nobre lealdade, apenas voltar as primeiras paginas, logo sente activas e energicas em torno de si as paixões ardentes da meia idade, vendo passar os homens, como a epocha os formára, e o odio das parcialidades os caracterisou.

Que mais é preciso para o romancista delinear o painel, distribuir as figuras, e adaptar o colorido á scena?

Desenhando por modelos tão perfeitos que mais se desejará ainda para fundir o ideal em typos vigorosos e naturaes? Não acha ali conglobados e em um só tantos dramas de acção e de sentimento? Não sacodem os sudarios á nossa vista, interrompendo o pe-

zado somno de sete seculos, esses guerreiros, cujo peito foi de ferro como as armas, esses prelados orgulhosos, cuja voz envenenou a lucta, e, embora fossem poucos, esses corações de ouro, firmes no dever, que abraçados ao infortunio preferiram o caminho do desterro com o principe desditoso á versatilidade affrontosa de ornar o triumpho da ambição?

A tradição, lembrando-se mais do que a historia, symbolisou em um só nome toda a poesia d'estes exemplos raros, mas admiraveis. Martim de Freitas recusando entregar as chaves de Coimbra, em quanto não se levantasse desobrigado do preito pelo testemunho dos seus olhos, é a personificação dos cavalleiros, que não dobraram a fé a dadivas e ameaças.

Como Egas Moniz o velho lidador exprime em toda a formosura viril do typo os brios da antiga honra portugueza, e a generosa abnegação do sacrificio! Depois d'elle encontraremos ainda nas vesporas de D. João I o alcaide de Faria.

Não se imagine, porém, que, apontando o severo desenho da historia, o acceitemos para nós como juizo ou queirâmos impol-o como regra absoluta, e limite d'esta qualidade de novelias. Longe d'isso! Era fazer de duas cousas optimas uma pessima.

A verdade da poesia não é a verdade austera da sciencia. A invenção e o estylo sempre desfalleceram em ferros, e não os ha mais duros, que a cega obediencia, que similhante systema exige.

Como as fadas dos contos populares o romancista gosa de altos privilegios. Basta um aceno da sua varinha de condão, tambem, para as distancias desapparecerem, para os segredos escondidos se descobrirem, e em casos urgentes e extremos, para até fallarem vivos e sadios personagens, que annos antes tinham deixado o mundo e as suas vaidades.

Nem sempre, nem nunca é a sua divisa.

Guardadas as leis da verosimilhança, póde lavrar como entender a moldura da sua fabula. A historia será como um espelho aonde ella se reflicta.

Uma vez que sejam humanas e possiveis as figuras, e que por obras e palavras não desmintam as crenças e os costumes, ha plena liberdade de saír e entrar, de mandar fallar os mudos, e de resuscitar os mortos.

As normas prescriptas pelo gosto e pela arte só lhe prohibem o absurdo, a incoherencia, e a deformidade; porque os monstros em toda a parte são horrorosos.

No mais interpretação livre e independente:

Nunca me pareceu grande mola dramatica o *belloherrendo*.

Sem excluir de todo os Quasimodos e Hadibras, acho muito mais graça a redonda e galhofeira pessoa do nosso amigo Sancho Pansa, e ao empinado ventre e jovial presença do honrado sir John Falstaff, o Sancho inglez, que Shakspeare nos deixou como protesto contra o spleen da sua nevoenta e enfumada Albion. Se a familia dos Adonis e Narcisos não é extensa, nem espirituosa, a nova raça dos abortos physicos e dos aleijões moraes, não vejo que possa e deva supprir as vagaturas com bom exito.

Felizmente os pezadellos litterarios envelheceram depressa; e hoje não é já vulgar o perigo de encontrarmos o cemiterio no prologo, o purgatorio no segundo acto, a dansa das caveiras no terceiro, e o inferno, com os seus demonios e diabruras, no epilogo.

Deus é grande!

Nunca senti mais viva e sincera commoção do que ouvindo representar a admiravel tragedia de *Fr. Luiz de Sousa*.

Nunca tanto se me comprimiu o peito, nem me saltaram assim as lagrimas, como assistindo áquelle espantoso sacrificio de duas almas innocentes e amantes, condemnadas a sobreviver á propria ternura e felicidade, sepultando o coração a arder ainda na fria mortalha do claustro!

Que drama, que paixão, e que immenso e profundo terror!

O dialogo comtudo parece que todos o podiam dizer facilmente; aquellas scenas e aquellas pessoas julgar-se-ía que foram da nossa intimidade, e que chorando e magoando-se estavam comnosco ha pouco ainda, e a nós se queixavam.

Sem exagerações, sem antithises forçadas, sem imagens estrondosas, a acção chega ás ultimas raias da sublimidade tragica, e a prosa, subindo insensivelmente, vôa aonde raras vezes se remontou o verso!

Tudo ali é natural e verdadeiro; e entretanto o ideal, na sua mais elevada e grandiosa expressão, domina tudo!

Assim é que devo crer a arte. A originalidade consiste n'aquelles toques finos, n'aquella voz e sentir tão nossos, tão portuguezes, que nem um momento nos deixam perceber que assistimos a uma lição.

Que venham os abortos e os monstros depois, e as suas visagens e arremeços; e em vez de terror causarão riso.

Farão o mesmo effeito, que a formosura ingenua e simples ao pé de velha casquilha e rebocada.

Deve, porém, notar-se que o seculo XVI não é o seculo XIII, e que a interpretação, que n'aquelle exprimia a verdade da vida, n'este seria falsa e incompleta.

De Filippe II a Affonso III, e mesmo a D. Manuel, a jornada póde dizer-se longa, e a todos os respeitos bem diversa.

Nos quadros da meia idade o maior perigo consiste em se lhes errar a expressão, attribuindo ás paixões e sentimentos linguagem e caracter, que lhes foram desconhecidos, e que transportam a acção para annos muito posteriores.

Ha um certo verniz moderno, que é mortal para as scenas antigas, porque as retinge, desfeia, e desmente a cada momento.

Em uma carta de mr. Prosper Merimée, escripta ácerca de um dos meus ensaios de novella com excessiva benevolencia, o auctor de *Colomba* e de *Carmen* censura o personagem de Gomes Lourenço, e observa que o acha demasiado sensivel e delicado para a epocha remota em que figura. Estou certo de que será assim; mas por mais que o desejemos não e sempre facil, sobre tudo em rasgos apaixonados, respirar exclusivamente na atmosphera de um seculo extincto, traduzindo as idéas, e os vocabulos de tal modo, que as entendam todos, e que o verdadeiro cunho se não apague.

N'aquellas eras de rudes cavalleiros, e de pouco menos rudes prelados, os actos e as palavras concordavam com os costumes; mas os crimes e os vicios, se não eram em menor escalla, levavam aos de hoje a vantagem unica de não se aggravarem com a hediondez da hypocrisia.

A força, manifestada em tudo, zombava das leis, atropellava os direitos, e nem sempre se detinha respeitosa ás portas do templo, e diante das aras consagradas; porém no seu impeto brutal julgaria rebaixar-se, recorrendo a pretextos e sophismas para se escudar.

Encostado á lança, ou com a mão no punho da es-

pada, o rico-homem fallava como senhor, e opprimia como tyranno, se olhando em roda, e contando os seus, podia suppor que ficava impune. Mosteiro, concelho, terras do rei, ou bens de burguez, nada escapava á sua cubiça, uma vez que julgasse facil a preza, e seguro o lanço. As suas armas, como as garras da aguia, caiam sobre quanto lhe podia dispertar o appetite.

Mais brandas, mas trahindo a aspereza do seu tempo mesmo por entre a suavidade do sexo, as mulheres não desdiziam da feição geral do seculo. A sua ternura á mais leve injuria sabia fazer-se cruel e desapiedada. A febre do ciume, ou o resentimento do orgulho, descompondo-lhes a belleza, e mudando n'um instante o coração, depressa o convertiam de mavioso e bom em implacavel e quasi ferino.

Não são raros, nem difficeis de colher os exemplas d'isso!

Ha mais seductor e fascinante olhar, que o da donzella arabe, quando a pupilla negra e avellodada n'um relampago fugaz denuncia o jubilo quasi selvagem do amor, que lhe agita os seios, e alegra os labios de um riso tão seductor? Que se veja illuminada ou affrontada, e os mesmos olhos tão meigos antes, que pareciam distillar em torrentes todas as doguras do affecto, accesos subitamente em sinistra chamma, logo hão de revelar que fugiu o anjo, porque d'ahi em diante mora n'aquelle peito, cujas dores são fundas e silenciosas, o pensamento da vingança e a impaciencia do ultrage!

A gazella transforma-se em tigre, e se esconde as garras por um momento é só para levantar o salto com mais certeza. Na existencia ignorada e agreste do aduar, nas espaçosas campinas, que se estendem a beijar as orlas do vasto mar de areias chamado Sahara, quantos dramas similhantes se têem desenlaçado, affogando a morte repentinamente o amante credulo, quando cuidava reclinar-se nos braços da ternura?!

Eis o que procurei não perder de vista no esboço dos caracteres, e na descripção das scenas.

Abstive-me, porém, de remendar o dialogo de palavras obsoletas. Aonde não chegam as dos nossos dias preferi estender a phrase para melhor aclarar o sentido.

Um romance que fosse necessario verter da lingua velha para a nossa com o *Elucidario* de um lado, e o *Glossario* de Ducange do outro, seria talvez uma obra prima como testemunho de erudição, mas duvido que á sexta pagina deixasse de vencer a insomnia mais teimosa.

Prezando a linguagem vernacula e o estylo correcto não levo a paixão tão longe, que busque de proposito o extremo opposto, mascavando de archaismos, joeirados a esmo, periodos escriptos para serem entendidos por todas as classes.

Estrangeirar a dicção por moda e prova de ignorancia; carregal-a de termos desenterrados dos entulhos dos bacamartões, é signal de se dar mais apreço á fórma do que ao pensamento, sacrificando á ufania de alardear riquezas, que nem sempre o são, e que mesmo sendo-o devem-se introduzir com escolha e discrição.

Foi o grande erro do bom Filinto Elysio, e pagou-o desviando da leitura das suas obras duas partes dos admiradores que ellas teriam se alatinasse menos, e medisse com mais escaça mão os ornamentos quinhentistas com que as enfeitava.

Para mim a pureza differe tanto da impertinencia dos vocabulos esmerilhados, quanto a virtude risonha e sinceramente christã se afasta dos biocos e reverencias da falsa devoção.

A lingua é um instrumento para a expressão das idéas, e por isso deve acompanhar todos os progressos da sua epocha, e traduzil-os com clareza. Fazel-a voltar dous seculos atraz a pretexto de a purificar, forçando-a a locuções desusadas e a termos caruncho-sos (perdôe-se a phrase) equivale a vestir um rapaz gentil com o venerando trajo de nossos bisavós. Ninguem de certo lhe invejaria a figura, nem o garbo!

Outra culpa vou confessar aqui, já que n'esta larga conversação estou dando conta de quanto se póde inquirir a respeito d'esta mui veridica narração, que um novelleiro do seculo XVI intitularia sem remorso *Dos claros amores de el-rei D. Sancho e das manhas da rainha D. Mecia.*

O meu peccado ou foi muito grande, ou é muito pequeno, segundo a severidade dos que o julgarem.

Metti em scena, embora achacado e velho, o bispo de Coimbra D. Pedro, que tinha fallecido doudo annos antes de 1246, data em que abro o meu romance. Roubei assim a mitra por longos mezes ao reverendo mestre Tiburcio, valido do conde de Bolonha, e pelo que dizem as informações, homem pouco talhado para soffrer similhantes graças.

Vale-me felizmente não poder sua reverencia excommungar-me da sepultura, como excommungava os cavalleiros do bando de el-rei D. Sancho... senão era obrigado a enviar o pobre demente para a sua cova, perdendo a pintura de um dos aspectos mais curiosos d'este seculo inquieto.

A paz seja com todos! Mas em boa fé uma novella rigorosamente chronologica deve de ser bem insipida e emperrada cousa! Deus a arrede das nossas horas de melancolia!

Tendo fallado de quasi tudo, seria falta de cortezia deixar de dizer um pouco dos heroes d'esta veracissima e authentica historia.

Quando ella se compoz, houve de certo a intenção de traçar mais do que scenas avulsas, ou de levantar os vultos sobre si. O pensamento que se liga, e que procura dar ao quadro alguma fórma de merecimento e de unidade, talvez não perca por ser illucidado concisamente. Prezo por um, prezo por dez mil, reza o adagio! Já agora ainda abusarei da paciencia dos leitores, pedindo venia para lhes apresentar quasi á ingleza os meus personagens mais illustres, acompanhando-os de breves notas. Direi o que se quiz tentar, e vêr-se-ha melhor assim o que se conseguiu.

Compondo a *Pena de Talião* desejei abranger em uma só ficção o complemento moral de outro romance já publicado, *Odio velho não cansa*, e ao mesmo tempo retocar uma novella inserida na *Revista Universal Lisbonense* com o titulo de *Rauso por Homisio.*

Ambas imperfeitas como sairam da rapida composição que requer uma folha semanal, tiveram a innocencia (devida aos poucos annos!) de se atreverem ao estudo de epochas espinhosas de interpretar, e ainda mais difficeis de descrever; e embora sejam immensos os erros, e nenhumas as bellezas, certa inclinação que não se explica, mas que todos sentem pelas primeiras tentativas, decidiu o auctor a não as largar de mão, limando em uma as maiores asperezas antes de a offerecer de novo nas columnas do *Panorama*, e desatando hoje o enredo, e alargando o acanhado circulo da outra, que n'este romance apparece ainda, mas reduzida só ás proporções de simples episodio.

No *Odio velho* expoz-se a paixão no seu impeto, e a vingança inexoravel, que provocou, auctorisada pelos costumes e pelas leis.

O caracter indomito de D. Maria Paes Ribeiro, e o amor desgraçado de Gomes Lourenço formam o nó da acção, e encerram os elementos dramaticos, que ella envolve. As duas familias rivaes dos Viegas e dos cavalleiros de Lanhoso, separadas por um rio de sangue, aggravam com o ultimo crime as longas discordias que as dividiam.

A morte de Martim Paes, e os remorsos da orgulhosa dama sua irmã sim começam a expiação: mas dos labios do mancebo trahido saín uma imprecação tremenda, a mesma que foi lançada sobre Caim diante de Abel assassinado. O odio das duas raças inimigas não expira com os primeiros que arderam n'elle. Os filhos recebem inteira a sua herança de lagrimas, e das cinzas quasi frias dos paes ainda se ateia chamma igual para os queimar a elles.

A *Pena de Talião* representa este reverso do painel.

Na idade grave aquelles que depois de avisados desprezaram a voz do céu, sentem a espada do castigo sobre a cabeça, e nem mesmo encostando-a ao sepulchro podem descansar. De dentro d'elle vôa o grito do remorso, e o fatal pregão de que a culpa será remida á custa da ventura de seus filhos.

D. Maria Paes na extrema velhice, e Fr. Sueiro em idade cansada são como dous espectros que o passado evoca. Affonso e Branca no verdor da mocidade, e na pureza do mais extremoso affecto, pizam descuidados as primeiras flores da vida, e caminham, innocentes de tudo, e sem o saber, para o sacrificio que ha de congraçar pelo amor as antigas rixas, apagando os vestigios do sangue.

A par d'estas figuras, filhas da imaginação, movem-se as que viveram e choraram sobre a terra.

Sancho II, D. Mecia de Haro, Martim Gil de Savorosa, Reimão Viegas de Porto Carrero, Mestre Vicente, e outros, pertencem á historia, e foram desenhados pelos modelos que ella offerece.

Talvez pareça favorecido o retrato do infelliz monarcha, e carregado o da mulher, que ajudando a precipital-o, fingindo ternura que não sentia, cravou o derradeiro punhal n'aquelle ulcerado coração, cujas maguas só ella podia consolar.

O que a historia aponta por conjecturas, o romance tem o direito de o figurar como realidade.

Vendido por quasi todos, e atraiçoado pela esposa da sua escolha, o principe, na terra do desterro, alongou os olhos para a patria; e dictando as ultimas vontades não soltou uma saudade, ou uma allusão que revele a maior paixão que lhe abrazou a alma.

Este silencio do infortunio sobre ella e a sentença de D. Mecia.

Fiel e sensivel, o seu logar era ao lado do pobre foragido, que já tacilnava os passos para o sepulchro. Ausente e livre, e não a vemos logo depois do rapto de Coimbra, o desprezo com que seu esposo nem lhe quer pronunciar o nome diz-nos quanto Sancho padeceu, denunciando ao mesmo tempo quanto ella ousou.

Pouco mais temos a accrescentar.

É provavel que alguns austeros levantem as mãos ao céu com horror, lendo alguns episodios a que não duvidamos dar a côr do seculo. Saibam, se os molestam, que os monges e veneraveis prelados d'aquelle tempo, com excepções, eram peiores ainda do que os pintamos.

Quem o estranhar sem grande trabalho póde desenganar-se. Percorra a narração das proezas de D. João Peculiar em Coimbra, de Martinho Rodrigues no Porto, é de Diogo Gelmires em Compostella; e se os actos de violencia, os desacatos e as torpezas e cubiças d'estes virtuosos varões não o espantarem concedemos-lhe que nos accuse por calumniadores, e nos condemne como impios.

Nas scenas populares seguimos tambem os monumentos; collocando os cavalleiros villãos e os peões de Coimbra defronte das burguezes de Leiria, e em presença do cabido sublevado, não fizemos senão esboçar uma das perspectivas da grande lucta civil e religiosa, que principiada nos dias de Affonso II entre o rei, o clero e a nobreza, veiu a terminar-se pela queda de Sancho, e pela astuta e perfida politica de seu irmão o conde de Bolonha. N'esses annos de inquietação e anciedade o povo pagou o seu tributo de sangue e discordias, a par das poderosas classes, que enriquecia com o suor das fadigas, ajudando-as com o auxilio do seu braço.

Tudo está dito. Agora a obra que responda! Fica entregue a bons padrinhos.

O resto pertence á fortuna, embora segundo affirmam os dramaturgos pateados, e os romancistas sem leitores, ella seja a deusa mais voluvel e mais cega que se conhece. Cada qual conta da festa como lhe vae n'ella!

(Continúa.)

L. A. Rebello da Silva.

O VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT (1).

V.

Recobram-se os pintores do assombro em que os enlevára a apparição fascinadora da deusa de Chypre. O estro, pouco antes vencido e obumbrado pela magestade e pela seducção da formosura celeste, resplende novamente em todo o seu brilho e galhardia. Ora contemplam os artistas os contornos e as feições da encantadora divindade, ora lhes passam animados e ligeiros sobre o quadro os pinceis omnipotentes. É ella... e Venus... É agora que o poeta esquece a erudição e a historia da arte, para demonstrar que os traços e o colorido da palavra podem na tela do poema rivalisar em grandeza de concepção e no correcto do debuxo, com a palheta mais opulenta e imaginosa, com o mais arrojado e phantastico cinzel.

Eis a fórma gentil do corpo airoso
Salta, deslisa o fundo apavonado;
Roseos descurvam, se arredondam braços:
Ondeam na alva fronte as tranças de ebano:
Doce-brilham de amor os olhos meigos,
Os meigos olhos, que prazer scintillam,
Que o facho accendem dos desejos soffregos
E contra o debil resistir do pejo
Do atrevido mancebo a audacia imploram.
Nas lindas faces purpurea a rosa
Que insensivel esvae na côr de neve,
Surri nos labios, o delirio, o encanto,
Que importuna razão tão doce afasta,
Que avidos beijos deliciosos, ternos
Annuncios de prazer mutuam fervidos.
Despontam no alvo, crystallino collo,
Os arcanos de amor, que anceam d'elle...

Um poema consagrado á apotheose da belleza e do amor devia terminar por uma apostrophe eloquente

(1) Continuação de pag. 264 do presente volume.

á mulher que então reinava no coração do poeta, n'aquella idade em que o amor é um delirio, e em que a mulher que se idolatra aviva e engrandece a cada instante a inspiração, e se consubstancia com tudo o que a natureza offerece de mais suave, e o que a arte concebe de mais ideal e de mais puro. A Venus, que o poeta retrata n'aquelles versos apaixonados, tem um typo visivel sobre a terra... É a *Analia*, cujos encantos, cujas seducções elle bosqueja nos versos finaes, dignos de rivalisar, na fluidez e na harmonia, com os mais affectuosos carmes da lyra antiga.

E foram estes versos, em que o poeta desata dos hombros a tunica subtil da sua amada, para lhe patentear, com alguma infracção do decoro feminil, as mais recatadas perfeições, os que, de certo, attrahiram sobre o poema a nota de licencioso, assim como as affectações de materialismo lhe valeram a censura de propender para a impiedade.

VI.

A revolução de 1820 é preciso não a julgar, nas praticas da sua existencia democratica, pelo que tinha de liberal e de democratico o seu credo revolucionario. É cousa notavel que na revolução as palavras precedem as idéas, as formulas á reformação publica, o sentimento ao raciocinio, e o enthusiasmo febricitante e supersticioso ao culto racionavel da verdadeira democracia. O povo presente a liberdade antes de a gosar. Acostumado a veneral-a de longe e timidamente, basta-lhe nos primeiros dias do triumpho a letra morta da liberdade antes do verbo democratico incarnado nas instituições e nos costumes. A aurora da revolução passa-se em ovações e em jaculatorias. Para estes festejos basta por orago uma abstracção e um nome. Para esta idolatria cega é sufficiente uma pomposa, embora vã, invocação. Para esta religião ainda mesclada das antigas crenças nacionaes, é bastante um idolo, que o povo prostra e exalta successivamente na sua inexperiencia apenas corrigida pelos primeiros vislumbres do instincto popular.

Os liberaes de 1820 tinham toda a sciencia especulativa dos revolucionarios sem o arrojo pratico das grandes reformas publicas. Eram, por assim dizer, uns demagogos academicos, que faziam da revolução um thema de disputações e um certame de dialectica. Ninguem mais do que elles sabia todos os antecedentes da grande revolução franceza. Não lhes eram reconditos os thesouros de toda a boa erudição democratica, nem lhes faltaram nunca as comparações campanudas da democracia antiga, nem os similes oratorios da revolução de França. Tinham de cór os eloquentes desvarios de Rousseau, e sabiam paraphrasear a tempo um trecho apropriado do *Choix des Rapports*. Faziam da liberdade um hymno, e da revolução um circo apparatoso. A par dos mais inspirados improvisos sobre a soberania popular, ouriçavam-se-lhes de terror santo as cabelleiras apolvilhadas ao menor tentamen de verdadeira emancipação popular. N'aquella revolução não se póde dizer que houvesse entrado o povo em toda a magestade dos seus brios, em todo o esplendor da sua omnipotencia. Eram em grande parte as classes privilegiadas as que recrutavam no seu seio os primeiros campeões da cruzada liberal. Os fidalgos provincianos, que haviam levado a abnegação ao extremo de se constituirem patronos e fautores da liberdade, faziam os mais patrioticos idyllios sobre a igualdade, salva sempre a generosidade da sua prosapia, e a pureza dos seus escudos e brazões; mas entibiava-se-lhes a consciencia ao menor assomo de reformação na propriedade, e á menor indicação de nivelamento nos proventos e nos encargos sociaes. O desembargador, ao revez do que eram, e são ainda todos os jurisconsultos, os esteios do despotismo, e os apostolos da ordem materialista, achavam na jurisprudencia razões e argumentos favoraveis á liberdade, e punham as pandectas de sentinella ao capitolio do patria regenerada; mas julgariam infamada a magestade da toga judiciaria, se alguem ousasse metter ordem no cahos da lei civil, e na oligarchia infrene da velha magistratura. O militar offerecia a sua espada e o seu braço para a defensão da liberdade, mas, docil a todas as reformas, e censor de todos os abusos, estremecia com a só idéa de alterar n'um apice a aristocracia das armas, e o caracter patriciano da profissão guerreira. Cada um cedia nas aras da patria os privilegios das outras classes, mas perseverava obstinado na conservação das suas proprias prerogativas. Havia só um ponto em que todos accordavam. Era a liberdade. Ora a liberdade não podia ser uma abstracção. Para ser verdadeira, é mister que seja a synthese de todas as liberdades, e a harmonia racional de todas as franquias cidadãs. Em 1820 a constituição mais democratica nas formulas e nos dizeres coexistiu com a tradição viva e estavel da monarchia que se julgava derrocar. Se um marquez, inflado da preeminencia da sua raça, opulento de tributos senhoreaes, e de vastas possessões hereditarias, adorna, em dia de commoção e de passageiro dominio popular, o seu chapéu agaloado com o laço republicano, só os simples poderão acreditar que um diche insignificante terá força de annullar as tradições de muitos seculos e de retemperar o orgulhoso patricio no baptismo democratico. Pois foi o que em 1820 aconteceu á monarchia em Portugal. Trouxeram-n'a em todo o fulgor das suas pompas, na séde curul, a estancar um momento no foro. Por sobre a dalmatica real, deslumbrante de brocados e de pedrarias, lançaram-lhe a tunica plebeia. O sceptro incamaram-lh'o de carvalho civico; e sobre os lizes da corôa suspenderam ligeiramente o barrete da democracia. Revestida a monarchia com os novos paramentos liberaes, deixaram-lhe ao redor todas as instituições já condemnadas. Puzeram-lhe nas mãos a carta das liberdades, e deixaram-lhe ao redor o cortejo do despotismo. Era claro que a monarchia assim, apparentemente, desfigurada, só podia entrar alguns dias na farça da liberdade, em quanto ensaiava com recato a tragedia da reacção.

Mal se plantaram então as primeiras instituições revolucionarias, e ficaram todas de pé as instituições do absolutismo. Os mesmos privilegios de fidalguia; a mesma organisação absurda de tribunaes; o mesmo systema de tributos; o mesmo principio e a mesma essencia na instrucção official; o desembargo do paço e a chancellaria mór do reino campeando a par dos direitos do homem; os alcaides móres e os donatarios em amigavel sociedade com o suffragio popular; os direitos banaes avisinhando com a soberania do povo; as privanças nobiliarias servindo de glosa e de explicação á igualdade constitucional. Só a inquisição veiu a terra com o abalo. Estava decrepita e invalida. O marquez de Pombal accendêra pela ultima vez as fogueiras. Desde então aquella humana instituição durava como uma tradição sinistra, e agonisava como uma entidade ferida de quasi unanime reprovação. A inquisição, tornando-se compassiva, suicidava-se. Uma idéa que vive do terror, aniquila-se pela brandura. A monarchia envenena-se,

mesmo dando um escanho humilde á democracia, junto aos degraus do solio. A republica annulla-se, dando pela anarchia treguas á liberdade, e brios ao despotismo pela dictadura. A inquisição assigna a sua sentença, deixando extinguir uma vez o fogo implacavel da vindicta religiosa.

Não admira que n'uma quadra revolucionaria, de tão inauditas excentricidades, e de tão frisantes contradicções politicas e sociaes, vacillasse ainda a imprensa, entre o desafogo democratico e a censoria official. O que é certo é que o *Retrato de Venus* foi denunciado como offensivo aos bons costumes, e que o primeiro poema do sr. Garrett foi ao mesmo tempo o corpo de delicto em que assentou o primeiro julgamento do jury da imprensa em Portugal. Em Coimbra se instaurou a causa, mas trasladada depois para Lisboa, aqui veiu o poeta defender de fanaticas imputações o primeiro fructo sazonado do seu talento. Já então (1821) era o sr. Garrett bacharel em direito. Despontára para elle precoce a gloria de poeta; não menos no verdor dos annos havia de ser a primeira tentativa do orador. Deparava-lhe a fortuna, na juvenil liberdade de alguns versos, ensejo proprio para revelar agora na tribuna a outra não menos esplendida face do seu genio. Chegou o dia do julgamento. Compareceu o réu. Elle mesmo era tambem o patrono. Rompe o silencio, falla, enthusiasma-se na defensa, e enthusiasma jurados, juiz e auditorio. Absolve-o, mais que a leveza da culpa, a formosura do seu talento. Estava então entre os concorrentes o abbade Correia da Serra, cujo nome era já na Europa o maior timbre litterario de Portugal. Conta-se que o velho, apenas findou a allegação, com abraços e vozes de sincera admiração, com que felicitava o mancebo orador, ali saudára desde logo o que seria mais ao diante uma das mais legitimas glorias da tribuna popular.

Fixou o poeta a sua residencia em Lisboa, e aqui andou mesclado ás peripecias e incidentes d'aquella quadra, tão propria, pela novidade dos acontecimentos e pelo desusado das idéas, a accender enthusiasmos, e a fomentar louvaveis ambições, e a aquecer esperanças lisongeiras, e a delinear futuros encantados n'uma imaginação, sobre fogosa pelo estro, apaixonada pela liberdade. Era por fins de 1821. Como succede em tempos de agitação e de civico fervor, a liberdade foi acclamada em todos os logares, e ministrou assumpto a todos os desafogos do pensamento. Das associações secretas, onde primeiro a saudaram em ritos de symbolica liturgia, veiu troar na praça os primeiros brados na eloquencia laconica dos *vivas;* fez-se discreta e discursadora nas sessões do congresso, copiadas livremente nas sociedades patrioticas de então; da assembléa politica subiu a inspirar na scena os brios do cidadão. No theatro o seu maior e mais eloquente brado foi, sem duvida, o *Catão.*

O *Catão* compoz-se para satisfazer ás instancias de uma sociedade de pessoas instruidas e notaveis, pela sua posição e pelos seus talentos, a qual desejava representar n'um theatrinho particular de Lisboa um drama que fosse grandioso pela idéa republicana, e portuguez de lei, n'aquella quadra, tão supersticiosamente patriotica, e tão fanaticamente portugueza, que até adoptou, por ephemera moda, um trajo portuguez e um estofo patriotico. Escreveu o poeta o seu *Catão,* como se não houvera a tragedia de ser ouvida e gostada mais que por um auditorio de occasião. O proprio auctor confessa que n'um dia se iam escrevendo as scenas que no outro se haviam de decorar e ensaiar; tal era a apertura e estreiteza e o anhelo de saudar no theatro, n'um sublime episodio da historia romana, o advento da liberdade em Portugal.

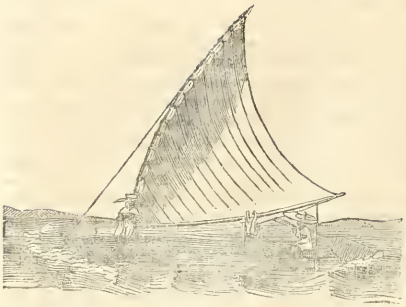
Como seria então julgado e apreciado o *Catão* n'aquelle ensejo, é superfluo quasi descrever. Dramas de infezado merito seriam n'aquelles dias scentelha bastante para accender enthusiasmos de liberdade. O *Catão,* victoriaram-n'o como a glorificação dramatica da liberdade. Muitos o julgariam então, fóra de toda a parcialidade politica, pelas bellezas do desenho, e pelo encanto e melodia da versificação. Todos, pelo menos os que de liberaes se prezavam, o saudaram como um hymno em que a republica, personificada no austero vulto de Catão, vinha moribunda e ultrajada pela lembrança da sua catastrophe, tornar mais appetecivel e preciosa a liberdade recentemente conquistada em Portugal.

Das tragedias que escreveu Garrett, o *Catão* é a em que elle, como mais predilecta sua, se revia, e em que mais se esmerou em retoques successivos e em repetidas correcções. A *Lucrecia* era uma reminiscencia das primeiras leituras; a *Merope,* se podia pela gentileza do metro portuguez sonhar em glorias da posteridade, era, confessava-o o poeta, um arremedo de Maffei. O *Catão,* apesar de quasi improvisado, era um quadro original, onde a invenção e o debuxo, logo desde as primeiras pinceladas genuinas ganhariam em limpidez e em harmonia de colorido novas graças e primores novos em subsequentes edições.

O assumpto era seductor para uma imaginação juvenil, porventura mais preoccupada pelos devaneios da propria gloria do que pelas aspirações de patriotismo e de liberdade. Não ha nada mais grandioso do que era a historia romana, como a creram e nol-a ensinaram nossos paes, como ella era, poetica, magestosa, formosissima no seu patriotico fabular, e nas suas sombras, quasi mythologicas, como ella era antes que a *sciencia nova* de Vico, e a crítica severa, mas prosaica de Niebulhr, nol-a descarnassem e nol-a houvessem rebaixado á craveira das historias communs. Pois n'essa historia, que era a chronica de gigantes escripta por inspiradissimos poetas, nada havia de mais solemne, de mais nobre, de mais heroico do que a ruina da republica depois da jornada de Pharsalia, e das victorias de Julio Cesar. Entre todos os vultos romanos sobrelevava a todos o busto de Catão. É generoso o empenho de Junio Bruto, vindicando a republica ainda nascente contra a tyrannia dos Tarquinios. É grandiosa a vindicta popular contra a oppressão patriciana dos decemviros. É poetica a salvação de Roma pelo esforço dos Horacios. Em todas estas historias, que ainda depois de despojadas dos seus ornatos populares, nos estão enlevando e dilatando a phantasia, é a republica que vence e o nome romano que se exalta; mas nada ha que iguale o desenlace da tragedia republicana dentro dos muros de Utica. Ha ali mais que n'outros lances, o que ha de mais tragico e de mais inspirador, um grande infortunio, e uma tremenda morte, e não o infortunio de um homem, ou de uma familia, senão a catastrophe de uma grande idéa, e não a morte de um vulgar protogonista de tragedia, senão a morte de um cidadão, que leva comsigo por mortalha a tunica da liberdade, e que tem por exequias as pompas funebres de Roma.

(Continúa.)

J. M. Latino Coelho.



JANGADA DO BRAZIL.

A nossa gravura representa uma embarcação de feitio singular, a que no vasto imperio do Brazil chamam *jangada*, e de que ali se servem, assim na pescaria, como tambem na pequena cabotagem. Em parte alguma do mundo, senão na America, e principalmente na famosa terra de Santa Cruz, se encontram barcos com tal fórma e apparencia: tambem em outra parte não cresce a arvore extraordinaria que dá a madeira de que se constroe.

D'esta arvore, que se denomina *peyba*, nos offerece Gabriel Soares, na sua *Noticia do Brazil*, a seguinte informação.

«A *peyba* é uma arvore comprida, muito direita, tem a casca muito verde e liza, a qual arvore se corta de dous golpes de machado, por ser muito molle; cuja madeira é muito branca, e a que se esfolha a casca muito bem, e é tão leve esta madeira, que traz um indio do mato ás costas tres paus d'estes de vinte e cinco palmos de comprido, e da grossura da sua coxa, para fazer d'elles uma jangada para pescar no mar á linha, as quaes arvores se não dão senão em terra muito boa.»

Na construcção de uma jangada não entra uma só peça de ferro; e maravilha como apesar d'esta circumstancia sabem os indigenas dar-lhe a solidez necessaria para navegar no alto mar.

E a sua fórma tão singela como póde observar-se na gravura. Os madeiros de que se compõe o estrado da jangada, aguçados nas extremidades, são seguros uns aos outros com fortes cavilhas de madeira rija; para lhes darem a conveniente direcção servem-se de uma pá muito larga, preza á pôpa. As maiores jangadas no Brazil teem de ordinario 7 a 8 metros de comprimento sobre 2.40 de largura. A véla, que é de lona, costuma ser da fórma de um triangulo isosceles. Ao meio do estrado costumam ás vezes levantar uma especie de toldo com esteiras, debaixo do qual se acondiciona a carga, e se abrigam tripolantes, e passageiros, quando os ha.

Um navegante experimentado escreveu que ficára tomado de assombro quando víra pela primeira vez uma d'estas jangadas.

Outro escriptor distincto, Koster, diz que o effeito que produzem estas grosseiras jangadas é tanto mais singular quanto é certo que mesmo a pouca distancia só se vê a véla, e os dous homens que as dirigem.

Jangadas mais pequenas do que estas a que nos referimos, e de mais simples construcção ainda, servem para atravessar os rios do interior.

EPHEMERIDES HISTORICAS.

OUTUBRO 1

1795 — Reunião da Belgica á França.
1527 — Tomada e saque de Pavia pelos francezes.
1822 — O sr. D. João VI jura a constituição discutida e approvada pelas côrtes.

2

1186 — Tomada de Jerusalem por Saladino.
1831 — Morte do famoso padre José Agostinho de Macedo.

3

1569 — Batalha de Montcontour, ganha pelos catholicos francezes.

4

1705 — Estanislau Leczinski é coroado rei da Polonia em Varsovia.

5

1607 — É assassinado em Veneza o celebre Fra Paolo (Paulo Sarpi).
1584 — O nosso Fr. Heitor Pinto, auctor da *Imagem da Vida Christã*, morre envenenado em Hespanha.

6

1840 — A camara dos pares de França condemna a prizão perpetua o actual imperador dos francezes, Napoleão III.

7

1799 — Os russos são desbaratados na ponte de Busingen.
1683 — Os turcos derrotam completamente as tropas de João Sobieski, rei de Polonia, perto de Strigonia.

8

1690 — Tomada de Belgrado pelos musulmanos.

9

1406 — Tomada de Piza pelos florentinos.
1261 — Nasce el-rei D. Diniz, o *lavrador*, sem duvida um dos mais excellentes monarchas portuguezes.

10

1831 — Morte de Carlos Fourier, um dos mais profundos pensadores da nossa epocha.

11

732 — Carlos Martel desbarata os sarracenos junto a Poitiers, fazendo-lhes uma mortandade espantosa.

12

1492 — Descobrimento da ilha de S. Salvador por Christovão Colombo.

13

1716 — Temeswar é tomada aos turcos pelos imperiaes.
1307 — São prezos todos os templarios por ordem de Filippe o *Bello*.

14

1648 — Paz chamada de Westphalia entre a França e o imperio.

15

1591 — Morte do papa Gregorio XIV.
1809 — A Illyria é annexada á França.

16

456 — Deposição do imperador do occidente Avitus.
1311 — Suppressão da ordem de S. João de Jerusalem, ou do Templo.

CRIMÉA—SIMÉIS.

A Criméa, essa região do sul que os successos espantosos de uma lucta gigante têem tornado tão famosa, ainda mais que pelas suas antigas e poeticas tradições, é a terra dos grandes contrastes. Ali ha todas as exposições e temperaturas imaginaveis; desde os gelos desconsolados do polo arctico, até o ar embalsamado das margens do Pó ou do Teverone. Ao lado de montanhas fragosas, despidas de vegetação, e mostrando no seu corte severo e abrupto o effeito de algum terrivel cataclysmo, vedes comoros verdejantes, povoados de rusticos casaes, e cobertos de pomares e de quintas; a poucas leguas de charnecas tristonhas e monotonas, valles tão aprazíveis como aquelles que fizeram a reputação da Italia e da Suissa, e como os tão deliciosos que se deparam no nosso romantico Minho.

De toda a Criméa não ha, porém, talvez mais formosa paizagem em que possam regalar-se os olhos do viajante, que os valles de Siméis e de Baidar, onde hoje estão acampados alguns corpos do exercito alliado de operações contra os russos; é uma posição escolhida pelos cabos de guerra como a mais propria para acantonamento de tropas, com preferencia ás fumegantes ruinas de Sebastopol, ainda varejadas pela artilheria dos fortes ao norte da praça.

O valle de Siméis comtudo ha quem e prefira ao de Baidar. Fica este valle a 6 leguas de Laspi. Castelnau diz que não encontrava na palheta côres com que bem pudesse descrever tantas maravilhas como as que se acham compendiadas n'aquelle bello pedaço de terra. «A esquerda, diz elle, erguem-se rochedos de uma altura prodigiosa; á direita ostenta-se o mar em toda a magestade. O valle é litteralmente um jardim dividido em tantos cerrados quantas as cabanas; a vegetação é vigorosissima; as vinhas produzem excellentemente, bem como os olivedos, os quaes são em Siméis dispostos em alinhamentos regulares; n'outras partes do valle confundem-se as arvores de Minerva com romeiras da mais primorosa qualidade; andam-se muitos centenares de passos debaixo de caminhos cobertos de latadas naturaes, d'onde segundo as estações, se vêem pendentes todas as especies de fructos conhecidos. A arte nada fez ali; por toda a parte não ha mais que natureza; mas natureza bella, e rica, cumulando de bens homens ociosos, que gosam todas estas vantagens sem as saber apreciar.»

A nossa gravura, cópia de um desenho de Carlos Girardet, representa uma parte d'esse valle, com algumas rusticas casinhas dos pobres lavradores que o povoam.

ABERTURA DO ISTHMO DE SUEZ.

II.

O commercio do oriente é o grande commercio do mundo. Impellido para uma carreira artificial desde o seculo XV, tende agora a reassumir a sua direcção antiga, o seu caminho natural, o mais curto e

economico, a saber, o do Mediterraneo e mar Vermelho.

A abertura do isthmo de Suez é uma das raras e grandiosas emprezas, que de longe em longe mudam a face dos negocios; é o começo de uma revolução commercial e maritima, interessante para todas as nações da Europa, e talvez que para nenhuma tanto como para a Inglaterra, a despeito do que muita gente poderia presumir em contrario, e a razão é bem simples.

A Inglaterra tem nas mãos os dous terços do commercio com a India e a China, possue na Asia um imperio immenso, tendo ali mais de cem milhões de consumidores: o córte do isthmo de Suez, reduzindo as distancias a metade, e diminuindo mais de um terço nas despezas da navegação, levando a civilisação, o gosto, e as necessidades da Europa a regiões de extensão e recursos incommensuraveis, deve triplicar o numero das transacções e quintuplicar os lucros. Todavia, parece que dous membros do gabinete inglez, lord Palmerston e lord Clarendon, são oppostos á obra do canal.

Esta opposição é inexplicavel. A Inglaterra, pensando constantemente no seu imperio da India, sempre tem procurado encurtar a distancia que d'elle a separa, e em especial tem empregado todos os meios para abreviar o transito pelo isthmo de Suez, ao qual Mehemet-Ali chamava ponte da Asia para a Europa. O governo inglez, sem obrar directamente, auxiliou em toda a occasião com muita efficacia os estudos e operações de varias companhias. Haverá tres annos uma d'ellas obteve a concessão de um caminho de ferro de Alexandria ao Cairo; a Porta recusou a principio sanccionar o privilegio; a companhia sabendo que podia contar com o apoio de lord Palmerston provocou uma especie de manifestação publica.

Em 15 de outubro de 1852 celebrou-se em Londres uma reunião *(meeting)* para tratar da questão do Egypto sob a presidencia de M. Gregson, presidente da *East-India Association* (sociedade das Indias orientaes), um dos negociantes mais ricos da Europa: adoptou-se por unanimidade a seguinte resolucção. «O estabelecimento de uma via de communicação segura, rapida e commoda pelo Egypto tornou-se necessaria para a segurança e boa-administração do nosso imperio indiano, para ampliar o commercio da Europa com o oriente, para o progresso industrial e social do Egypto, e não é contrario aos interesses nem á legitima ambição de qualquer potencia.»

Reforçado com esta demonstração o governo inglez sollicitou e obteve o assentimento da Porta, e hoje o caminho de ferro acha-se em plena execução. Ainda mais; mr. de Lesseps nos informa na sua *exposição*, a que nos referimos no primeiro artigo, que o vice-rei, estando persuadido de que as duas emprezas, caminho de ferro e canal, são complemento uma da outra, acaba de decidir a conclusão da terceira secção, do Cairo a Suez. O caminho de ferro, per si só, não é sufficiente para satisfazer todas as necessidades do commercio, principalmente em relação ás carregações de grande volume e quantidade, objectos que alimentam a navegação, mettendo em linha de conta duas baldeações, quatro manutenções das fazendas, em summa taes avarias, perdas tão consideraveis de tempo e dinheiro, que seria preferivel, apesar de seus inconvenientes, a navegação pelo cabo da Boa Esperança; de maneira que com o caminho de ferro as cousas ainda estão como estavam ha tres annos: por outro lado é este um meio excellente e preferido para os passageiros, correspondencia, numerario, objectos preciosos e de pequeno volume, e não assim para carregações grossas que vem de um mar e tem de ser baldeadas em terra a fim de atravessarem grande estensão até serem embarcadas n'outro mar; para essas a via mais commoda e rapida será pelo canal do isthmo.

Por que rasão, pois, (continua mr. Peyrat) lord Palmerston, que apoiou com tanta força o caminho de ferro, se oppõe ao córte do isthmo?... Indiscretos amigos d'esse ministro pouco habeis e pouco perspicazes fizeram correr pela imprensa que a Inglaterra não commetteria a imprudencia de entregar o caminho de suas colossaes colonias á França, sua alliada hoje, mas que por alguma rivalidade de interesses ou divergencia politica póde tornar a ser sua inimiga. Custa a admittir que seja serio este receio.

Em primeiro logar, como o vice-rei do Egypto quer fazer a nova via de communicação dominio commum de todos os povos, é provavel que o canal seja declarado neutral, e que todos os estados se obriguem a assegurar a livre navegação do mesmo: em tal caso, que potencia ha que possa sustentar essa neutralidade tanto ou melhor que a Inglaterra? Tem em Gibraltar as chaves do Mediterraneo, em Aden as do mar Roxo, em Corfú as do Adriatico, de maneira que o Mediterraneo, esperando-se que venha a ser o grande caminho commercial da Europa, é a grande via militar da Inglaterra. Em Malta, do cimo do seu rochedo, ella vigia e regula os movimentos das suas forças navaes, e dirige-os para todos os logares onde a sua acção lhes parece necessaria: que tem, pois, que temer?

Em segundo logar, o que é definitivamente a abertura do isthmo de Suez? Um acto de administração interna. Se o vice-rei julga util a empreza, se o sultão a approva, com que direito lhe opporá *veto* qualquer governo estrangeiro? A guerra actual foi encetada para assegurar a independencia da Porta ottomana. Poderia imaginar-se cousa mais derisoria do que essa pretendida independencia, se um embaixador ou ministro inglez pudesse ingerir-se na administração do imperio, dictar-lhe a construcção de uma estrada, ou vedar-lhe a abertura de um canal? Se a Turquia é independente póde a seu aprazimento romper o isthmo de Suez.

Tambem alguem suppõe que o canal, idéa franceza, é a contraposição e seria a ruina do caminho de ferro, obra exclusivamente ingleza. Admittâmos por um momento o facto; então, se a França não obstou ao estabelecimento do caminho de ferro, porque ha de a Inglaterra oppor-se á feitura do canal? Porém nada ha tão falso como esse pretextado antagonismo. Se é verdade que o caminho de ferro não resolve o problema da communicação dos dous mares, tem por outro lado as vantagens que indicamos; transportará passageiros, correspondencias, mercadorias preciosas, numerario; mas, todos esses objectos de transporte não os póde ter em vastas proporções que affiancem grandes lucros senão desde o dia em que o canal attrahir ao Mediterraneo e ao mar Roxo o commercio que se faz pelo cabo de Boa Esperança; então, fazendo cada trafico o serviço mais adequado á sua natureza, o canal e o caminho serão complemento um do outro. A Inglaterra tem mais uma excellente garantia nas disposições do vice-rei Said-pachá, que quer continuar a via ferrea do Cairo até Suez, e até já encommendou o fornecimento dos *rails* (carrís) a uma casa ingleza.

Invoca-se ainda mais outro pretexto. Diz-se que a reducção de metade na duração da viagem reduzi-

ria igualmente o numero dos navios da carreira da India, e que a ampliação do commercio nas outras nações faria perigar a superioridade maritima da Inglaterra. Estas considerações poderiam ter alguma importancia ha dez ou mais annos; porém actualmente não tem pezo. A experiencia provou á Inglaterra que nada ganharia com as restricções, os monopolios, os favores e incentivos indirectos dados á industria ou ao commercio em detrimento da massa dos consumidores. Taes objecções são anachronismos; recordam a epocha de violencia, de monopolio, de oppressão em que as leis fiscaes, os privilegios de navegação, as restricções commerciaes, e sobre tudo o systema colonial, ameaçavam de morte a industria e de fome o genero humano; reportam-se á epocha em que Cromwell no seu acto (decreto) de navegação e Luiz XIV nas famosas ordenações da marinha em 1681 não sabiam idear cousa melhor que proclamar a rivalidade e guerra permanentes entre as nações commerciantes, sanccionar o corso, as represalias, a preza não só dos navios inimigos, mas tambem dos neutraes, o que é o opprobrio do direito maritimo. Estes principios acarretaram a loucura do bloqueio continental.

A potencia que mais abusou d'essa politica, a final, alumiada pelo clarão das sãs doutrinas economicas, confessou alto e bom som a iniquidade e desacerto d'aquella; por seu impulso o grande principio da liberdade de commercio internacional e da abolição gradual de toda a protecção passou do campo da sciencia para o da pratica. Um dia, com geral assombro, a Inglaterra abolia o acto de navegação que considerava havia dous seculos o palladio do seu poder maritimo. Existem varios projectos para communicar o Atlantico com o Pacifico por Panamá, por Tehuantepec, por Nicaragua, e a Inglaterra a todos tem favorecido; abriu os seus portos da India a todos os navios; e assignando a paz com a China estipulou condições favoraveis para todas as nações da Europa.

Portanto, tendo reconhecido que longe de se prejudicarem seguindo a mesma via commercial e industrial, os povos, pelo contrario, são todos solidarios e igualmente interessados na prosperidade commum, queceria a Inglaterra, desmentindo-se formalmente, impedir uma obra, cuja execução todas as outras potencias desejam, uma obra que póde inaugurar um novo systema maritimo, restituir ao Egypto parte da sua importancia historica, quintuplicar o commercio europeu, finalmente ter incalculaveis consequencias para a civilisação do oriente? É impossivel: e em todo o caso tal pretenção não poderia ser tolerada (1).

* * *

(1) Noticias mais recentes informam que são infundados os receios de opposição da parte do gabinete britannico á obra do canal no isthmo de Suez.

APONTAMENTOS ESTATISTICOS.

(LISBOA — SECULO XVI).

IV.

Quadros indicativos do *numero* das ruas, casas, visinhos e habitantes, e da *relação* entre o numero de habitantes e o de visinhos e casas, da cidade de Lisboa no anno de 1551, coordenados em vista das declarações do Senhorio de Christovão Rodrigues d'Oliveira (pag. 3 a 30 da 1.ª edição).

A.

FREGUEZIAS	RUAS	TRAVESSAS	BECCOS
Sec	18	6	12
Sancta Iusta	53	14	19
Sam Nicoláo	46	11	18
Sam Gião	25	6	6
Madanela	24	11	7
Nossa Senhora dos Martyres	35	»	7
Nossa Senhora do Loreto	23	3	»
Sam João da Praça	12	»	5
Sam Pedro	6	3	7
Sam Miguel	14	1	2
Santo Esteuão	14	28	5
Sam Vicente de fóra	10	4	4
Santa Marinha	5	1	»
Saluador	2	6	»
Santo Andre	1	3	»
Sam Thome	5	»	1
Santiago	3	»	»
Sam Martinho	»	»	»
Sam Iorge	2	»	2
Sam Bertolameu	6	1	»
Santa cruz	8	1	4
Sam Mamede	4	2	1
Sam Christouão	9	3	1
Sam Lourenço	3	3	»
Total	328	107	89

B.

FREGUEZIAS	CASAS	VISINHOS	ALMAS
Sancta Justa	1.994	3.400	16.557
S. Nicolau	1.308	2.101	10.775
Nossa Senhora dos Martyres	1.209	2.552	12.435
Nossa Senhora do Loreto	1.155	1.748	8.679
Magdalena	676	1.440	9.671
S. Julião	654	1.957	13.680
Sancto Estevão	553	954	5.314
Sé	350	718	6.187
S. Miguel	295	515	2.859
S. Vicente de fóra	273	389	1.711
S. Pedro	267	340	1.539
S. Christovão	258	353	1.687
Sancta-Cruz	160	237	1.176
S. Thomé	128	149	887
S. João da Praça	125	278	1.557
Sancta Marinha	103	111	488
Salvador	88	200	782
S. Mamede	79	144	1.010
S. Bartholomeu	74	91	596
S. Lourenço	70	100	526
Sanctiago	53	59	861
Sancto André	52	75	336
S. Jorge	48	77	507
S. Martinho	28	42	172
Total	10.000	18.030	99.992

C.

FREGUEZIAS	HABITANTES POR CADA VISINHO	HABITANTES EM CADA CASA
Sanctiago	14. 59	16. 24
Sé	8. 61	17. 67
S. Mamede	7. 01	12. 78
S. Julião	6. 99	20. 91
Magdalena	6. 71	14. 30
S. Jorge	6. 58	10. 56
S. Bartholomeu	6. 54	8. 05
S. Thomé	5. 95	6. 92
S. João da Praça	5. 60	12. 45
Sancto Estevão	5. 37	9. 60
S. Miguel	5. 55	9. 69
S. Lourenço	5. 26	7. 51
S. Nicolau	5. 12	8. 23
Loreto	4. 96	7. 51
Sancta-Cruz	4. 96	7. 35
Martyres	4. 87	10. 28
Sancta Justa	4. 86	8. 30
S. Christovão	4. 77	6. 53
S. Pedro	4. 52	5. 76
Sancto André	4. 48	6. 46
S. Vicente	4. 39	6. 26
Sancta Marinha	4. 39	4. 73
S. Martinho	4. 09	6. 14
Salvador	3. 91	8. 88
Total	5. 54	9. 99

O *Summario* de Christovão Rodrigues, pag. 91, diz: «Tem Lixboa:

Ruas 328
Travessas 104

Becos 89
Postos (que, segundo o *Summario*, não são ruas) 62

Sommando os numeros relativos a cada parochia, achei:

Ruas . . . . . 328, conforme o *Summario*.
Travessas . . . 107, e não 104.
Becos. . . . . 89, conforme o *Summario*.
Postos . . . . 61, e não 62.

As differenças, como se vê, são insignificantes.

Segundo o *Summario*, pag. 91, Lisboa tinha:

Casas 10.000
Visinhos 18.000
Almas 100.000

Sommando os numeros por parochias, achei:

Casas 10.000
Visinhos . . . . . 18.030, e não 18.000
Almas . . . . . 99.992, e não 100.000

Ainda não são significativas as differenças, suppondo mesmo que ellas não provém de engano meu; engano difficil de evitar, para quem não póde ir ás bibliothecas consultar os livros detidamente.

Na freguezia de Santiago parece evidente o erro: 14 habitantes por fogo é um numero injustificavel. Na freguezia da Sé, em 718 visinhos, ha um excesso de, pelo menos, 2.200 habitantes. Era mais facil contar o numero de casas com alguma aproximação do que o numero de pessoas que as habitavam. Ora as casas eram 350, e em 350 casas poderiam albergar-se pouco mais ou menos umas 3.800 pessoas.

Vejâmos, porém, no seguinte apontamento, se é possivel rectificar de algum modo os numeros de Christovão Rodrigues.

(Continúa.)

João Maria Nogueira.

ESTUDO LITTERARIO.

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL JUNIOR.

IV.

Os *Homens de Marmore* foram a primeira tentativa da escola novissima nacional, e o exito feliz e brilhante que alcançaram, produziu o *Homem de Ouro*. O sr. Mendes Leal, animado pelo acolhimento lisonjeiro, que o publico deu ao seu primeiro trabalho, quiz dar-lhe maior desenvolvimento e alargar o quadro, apresentando o seu protagonista n'outra phase da vida. Só um talento superior e uma intelligencia vasta e robusta, fortalecida pelo estudo e pela meditação, podia emprehender esta tentativa, tendo a luctar com a primeira impressão. N'essa havia o privilegio da novidade, na segunda havia a difficuldade de uma continuação, e o espirito do publico já preparado e duplicadamente exigente. Nem uma, nem outra cousa o desanimou. Presentiu a lucta, e espirito esforçado como é, longe de evital-a procurou-a de frente. Olhou de novo para o mundo, e para a sociedade, e lá foi encontrar novos caracteres para apresentar dissecados pela analyse. Tem estudado e meditado o mundo: o resultado foi o *Homem de Ouro*.

O nosso pensamento ao escrever estas linhas é só julgar o drama pela impressão que sentimos.

O *Homem de Ouro* prende, na acção e nos caracteres, com os *Homens de Marmore*, o que augmentou a difficuldade da concepção e execução, pela necessidade de justificar tanto os anteriores personagens, como os novamente apresentados. Esta exposição é uma das maiores bellezas do drama, pelo modo por que está conduzida. N'um dialogo, cheio de espirito, rico de estylo e colorido, talvez profuso, o auctor familiarisa-nos com os novos personagens do seu drama. Quem souber apreciar o primor da fórma e a elegancia da dicção ha-de sempre ouvil-o com prazer.

O vulto principal é ainda Simplicio Lobo, a personificação do seculo, o antigo homem de marmore, já rebaptisado n'um titulo, como outros muitos, e crysmado pela designação popular de *Homem de Ouro*. A sede de dominio era a ambição d'este homem: alcançou dominar. Quiz a nobreza que se vende; comprou-a. Quiz a consideração, corrompeu-a; o que é mais prompto do que adquiril-a. Nada lhe resta a desejar. Dobrou-se para cavar na sociedade o ouro; ergueu-se, e viu-a de joelhos a seus pés. Realisou o sonho da vida... gosou-o, como se gosam os sonhos... a consequencia fatal era a saciedade.

É n'esta situação que o auctor nos apresenta transformado o seu heroe. O homem de marmore tinha tido uma filha. Como homem de marmore havia-a abandonado dez annos no hospicio da caridade publica. Julgando proxima a hora da morte, manda-a buscar. Filho tambem do acaso, nunca tinha conhecido as alegrias da familia. A sua dureza estava explicada. Nos braços da filha, apertando-a ao peito, acordou-lhe o coração sentindo palpitar o d'ella. Revelou-se-lhe que o tinha. Achou uma vez lagrimas quem nunca as avaliára. Ficou outro homem... era pae. Tinha esquecido a alma: os beijos da filha fizeram-lh'a sentir. Estremeceu então, envergonhando-se de que o mundo o soubesse. Vaidade humana! Escondia-a de todos, e guardava-a inteira para ella. Para a sociedade continuava a ser o homem de marmore, porque frequentemente o mal tem pejo do bem: só para a filha volvêra a ser o homem de coração!

Haverá quem não creia na possibilidade d'esta metamorphose? É conhecer pouco a humanidade, variavel por condição e natureza. Qual é o homem que aos vinte annos pensa como pensava aos quinze, e assim successivamente. Olhe cada um para si mesmo, medite um momento, e verá quantas alternativas tem tido no seu modo de pensar? E ainda bem, que, se assim não fosse, ou antes quem assim não fôr, fraco juizo póde dar de si. Quanto perdulario não tem acabado na usura? quanto democrata em monarchista? quanto independente em servil? quanto namorante em excellente pae de familia?... Lancem os olhos em roda de si, e verão?

A idéa philosophica do drama do sr. Mendes Leal, sequencia logica da primeira these, é que o caracter dos homens se modifica nas circumstancias da vida, porque ficou ainda no coração um ponto accessivel. É assim que é o mundo; é portanto assim que o sr. Mendes Leal o apresentou. Ser verdadeiro era o seu dever; quiz sel-o. Foi n'isto mais analytico do que poeta, porque a sua idéa era instruir a turba n'uma lição humana. Offerecia um estudo profundo do grande livro do mundo, e pintava só o positivo da vida. Suffocava dentro em si os vôos rasgados da imaginação, e as suas aspirações ao ideal, para se mostrar, sob um novo aspecto, critico austero, e pensador verdadeiro.

No monologo do primeiro acto, Simplicio Lobo revela-nos a revolução completa que sentiu na sua vida. Causam-lhe tedio já as miserias, o servilismo e a venalidade que o rodeiam. Só tem o sorriso do desprezo para os louvores de que o incensam. A filha desperta-lhe uma nova ambição. Quer que ella seja a mais requestada, e a mais festejada de todas: são

ainda os restos do homem antigo. Já lhe não importa dominar, porque dominou. Quer para ella os deslumbramentos, porque julga estar n'elles a felicidade. Desceu do pedestal de ouro, a que se tinha levantado, e ergue sobre elle a filha. Não é a natureza? Gasta sem contar, elle, o homem, «que real a real contava as lagrimas que espremia em ouro.» Começa a comprehender a cegueira de D. Luiz Coutinho pelos seus, e o remorso já principia a feril-o. O dialogo com a supposta afilhada, em que esta lamenta os paes que a renegaram, e a lançaram entre as quatro paredes nuas de um asylo, preparando-lhe o futuro de tantas desgraças, é extremamente dramatico; tem trechos admiraveis de profundidade, e ao mesmo passo de louçania. Ali sentiu o poeta e não póde occultar-se. Era o verdugo julgado pela victima; era a voz accusadora da innocencia, repercutindo, sem o saber, no coração do pae, outr'ora desnaturado. Como são ingenuos e verdadeiros aquelles tremores pelo futuro da filha. O homem, que emprestou capitaes para expecular com as filhas dos outros, como treme de medo ao desconfiar que expeculam com a sua!

No 2.º acto a vista do ouro resuscita em Simplicio Lobo, por amor da filha, instinctos que o mesmo amor lhe havia quasi apagado. Antevê n'aquelles rolos de metal novos esplendores para ella. Dá-lhe a vertigem, e arremeça-se para o precipicio. Será o primeiro exemplo? O drama está aqui na intenção e na acção. Joga hallucinado, e perde uma fortuna para recuperar o perdido. Tinha achado o seu mestre; é a ordem do mundo. Os golpes succedem-se com rapidez. É sempre assim. Começando uma vez a roda a desandar, não pára.

No fim do segundo acto vê a honra da filha posta em duvida, mais pela malevolencia d'um mundo que era hostil á sua origem, do que pela mesma importancia do escandalo. Quantas vezes não tem acontecido outro tanto? Desesperado, victima das mesmas paixões, que muita vez estimulára sordidamente, vê fugirem-lhe os aduladores com o sorriso d'escarneo nos labios. Talvez houvesse quem julgasse menos verosimil este lance. É que não repararam que a fortuna tinha fugido primeiro. Jam traz d'ella. Bastava o primeiro pretexto por futil que fosse. Pois não é assim o mundo? Os limites da scena não admittem largas explicações da parte do poeta. Pertence á critica examinar a verdade onde ella está, e apontal-a.

O castigo, a expiação começam.

O drama acção póde-se dizer que está no terceiro acto. É ahi que os lances e as situações se multiplicam. É ahi que a paixão falla depois da philosophia, e o interesse se aviva nos seus desenvolvimentos naturaes, nascidos da propria contextura. Simplicio Lobo, conhecendo a força do seu inimigo, reassume para se defender a energia do seu caracter primitivo, ainda não esquecido de todo. É outra vez homem de marmore, e vem provocar as luctas tenebrosas como nos dias antigos. Este dialogo começa por uma porfia de cynismo contra cynismo, de astucia contra astucia, de sarcasmo contra ironia. O inimigo é poderoso; e tendo certa a victoria não cede. Vendo a inutilidade da tentativa, e não querendo soccorrer-se ainda aos extremos, Simplicio Lobo, curva-se, implora, mas nada obtem. Como é dramatica esta scena, em que o homem que viu regar de tantas lagrimas o chão que pizava, alaga das suas os joelhos de um homem da sua escola, discipulo das suas maximas, e só alcança em resposta o epigramma atroz da repetição d'ellas, insultando a sua desesperação. É ferido com as proprias palavras. É a pena de talião que tacitamente lhe impõem. Como a filha, que rojava a seus pés, implorando por seu pae, como o velho criado, que lhe trouxera as economias de vinte annos, elle, chora e supplica, e acha... a insensibilidade que ensinára. Aqui a moralidade não está nas catastrophes do melodrama; está na pungente provação que mostra o reverso da medalha, e ajunta a cada crime a punição terrivel que lhe applica a logica inexoravel do mundo. Foi surdo ao amor filial... tambem lhe não escutam a voz paterna.

A longa expiação d'este homem ainda não pára aqui; são ainda mais amargos os ultimos tragos do calix que lhe fazem beber.

A filha, sem saber que o é, quer sacrificar a sua propria honra ao homem que lhe tem servido de pae, para lhe salvar a vida, e, certa de morrer, promette entregar-se ás mãos do seu inimigo. N'uma scena vigorosa, cheia da pathetico e de paixão, que desperta lagrimas espontaneas e verdadeiras, Maria, pedindo perdão a Simplicio de qualquer desgosto que lhe possa dar ainda, faz-lhe adivinhar a resolução desesperada. O pae, que até ali tinha sepultado o seu segredo no coração, não póde comprimil-o n'este lance, e revela a paternidade ante o temor da infamia! É verdadeiramente um grande effeito dramatico, e, fiel ao intuito da obra, uma tremenda lição humana, quando Simplicio Lobo, vendo entrar Estevão de Moura lhe grita: «Chega a proposito para vêr uma filha refugiada nos braços de seu pae. Veja se se atreve a violar este asylo.» A scena que se segue com o moço devasso é energica e tempestuosa. É o ultimo esforço e o ultimo grito do homem de marmore. Simplicio Lobo acha morta a sua derradeira esperança. O delirio succede á exaltação, e vendo recusar-se-lhe um duello, exactamente como elle d'antes aconselhava, exclama resumindo uma idéa capital: «O homem de marmore fez-se homem de ouro, o homem de ouro póde fazer-se homem de sangue»; e vae para matar o seu algoz, que, mais dextro e forte, o desarma.

A idéa principal do drama está na modificação de caracter d'este personagem. É a humanidade que vive ali. Tornâmos a dizel-o porque este pensamento parece não ter sido sufficientemente entendido. No seu primeiro drama o auctor tinha-nos mostrado que não ha insensibilidade completa. N'este alargou a these, e prova-nos que, desde que se não completa a insensibilidade, a modificação é a consequencia.

O caracter mais accessivel ás platéas, no *Homem de Ouro*, é inquestionavelmente o de Estevão de Moura (filho). Inspira logo interesse pela originalidade da sua situação. Póde-se affoutamente chamar a este homem, em linguagem vulgar, a *raça apurada* do cavalheiro de industria. Juntando ao cynismo a audacia, a astucia á dextreza, a industria á habilidade, tinha todas as qualidades para poder ir longe no mundo que a experiencia paterna lhe fizera conhecer, e com quem os seus instinctos o faziam sympathisar. Inteiramente ao facto de todo o passado de Simplicio Lobo, sciente dos actos infames da sua primeira vida e da sua carreira de usura, sabe lançar-lh'a a proposito em rosto, deixando-lhe assim presentir as algemas que lhe destina em momento critico. Jogador *habilidoso*, ganha vinte mil libras ao barão, e obriga-o, com a logica das suas proprias palavras d'outro tempo, a passar-lhe uma letra a outo dias. Não obstante a perversidade d'este caracter, a impressão que infunde não é logo repugnante. Justifica-se até certo ponto quando diz ao barão: «Perdeu meu pae pelo dinheiro, eu vingo-me pelo di-

nheiro.» Depois não pára ali aquella sede de vingança, e chega a propôr um mercado de infamia á filha de Simplicio. Para a lição moral cumpria que similhante caracter se não tornasse sympathico, nem revoltante. Ahi estava a difficuldade. Representava para o antigo homem de marmore a personificação do remorso em todos os actos. A sua proposta é atroz; mas é ainda a coherencia da vingança. O exito provou que o escolho foi vencido. É aquelle o homem capaz de tudo. Ri igualmente das paixões dos homens, da virtude das mulheres, e da honra das familias. É um typo perfeitamente sustentado n'um estylo ligeiro e espirituoso, elegante e incisivo. É outro coração de pedra, mas de pedra polida pelas maneiras estudadas do homem do mundo, pela distincção da pessoa, e pela escolha da palavra. É o vicio e a depravação passeando pelas salas de casaca preta e luvas brancas.

Maria, a supposta afilhada de Simplicio, é uma creação mimosa do auctor. Extremosa e dedicada, intelligente e instruida, apreciando a ventura pela desgraça que já conheceu, fortaleceu o coração e o espirito n'um passado de provações, que sabe avaliar. Assustada já na infancia, encarava o seu futuro com terror. A instrucção que mais tarde recebeu, completou a acção dos bons instinctos. O poeta cansado de pintar o mundo e as scenas amargas a que tal intento o obrigava, entregou-se á sua inspiração, traçando este typo angelico e nobre. É escripto do coração e com o coração. Duvidou sempre; ali creu. Citaremos este trecho que de certo está na memoria de todos que viram o drama, e póde julgar-se por elle da consciencia e sentimento profundo com que foi escripto.

«O que?... a rapida transformação da minha vida! Pensa que o tenho esquecido? Não. Cada dia o aviva mais na minha memoria, e o grava melhor em minha alma. Até aos dez annos, fechada entre as quatro paredes nuas de um asylo, vivendo da caridade publica, tinha em perspectiva a sorte misera de tantas, que passam do encerro para a servidão; da servidão para a miseria; da miseria para a deshonra. Sorte deploravel, que tem o abandono por berço, o hospital por allivio, e a valla do pobre por ultimo encosto... Sorte funesta em que não ha nem um coração para abrigo, nem uma lagrima por consolação! Sina desesperada, que mostra a infancia sem mãe, o lar sem familia, a sepultura sem orações.»

No ultimo acto como é verdadeira, dolorosa, desesperada e pungente aquella pergunta ao barão: «Não é verdade, meu pae? quem perdida nasceu, perdida ha de morrer?» É a ultima esperança de quem já não póde ter outras. É a despedida tremenda de uma vida predestinada, procurando a justificação no terror de uma sina funesta. Desde o 1.º acto que esta situação vem moralmente preparada. Sacrifica-se e morre, accusando sómente o destino. É a resignação visivel no agradecimento. De joelhos na terra em que abriu os olhos á desgraça se fita o céu não é para queixar-se, é para implorar força para o soffrimento. É a imagem da dôr aos pés do symbolo da expiação.

Antonio de Lima é um homem de coração. Serve para contraste, como seu irmão no drama anterior. É da mesma familia, por sangue e alma. É digno do anjo terrestre pelo sentimento e pela honra. É a antithese de Estevão de Moura. Presente o mal, nunca mais perde de vista o seu motor, para lhe adivinhar os designios, e obstar-lh'os. É a lucta eterna do bom e do mau principio. Mancebo e brioso, quer castigar como cavalheiro. Forçado pelo cynismo do adversario appella para as leis.

Os mais personagens são apenas esbocetos destinados a completar o quadro. Diogo Travassos, o ex-ministro, e D. Filismina, sua mulher, são, como diz o doutor ao amigo, «a comedia que vem visitar o drama.» O ex-ministro degenerou em mau poeta lyrico! O homem que queria mudar a face do mundo, foi mudado pelo mundo. Não seria a primeira ambição que terminasse pelo idiotismo. O ministro desenganado da sua insufficiencia casou por interesse com uma mulher ridicula. É a sua ultima illusão perdida. Descáe-lhe então a razão, e abysma-se nas exagerações contrarias. Este não expia a sua vida nas catastrophes, mas na parodia. É a outra fórma de castigo. É a caricatura das paixões exorbitantes ao lado da sua analyse severa. Deve-se ao menos confessar que ha ahi uma intenção impregnada do mesmo espirito de philosophia que respira a obra.

Não obstante o sr. Mendes Leal, limitado a um quadro restricto, a dimensões previamente fixadas pelas necessidades da scena, não ter podido dar á sua idéa todo o desenvolvimento que ella comportava, não duvidâmos affirmar que a meditação e a reflexão hão-de fazer incluir a sua obra na classe das melhores. Talvez o publico não entrasse ainda bem no pensamento d'ella; mas, no livro e no gabinete, com a madureza de ponderação, hão-de apreciel-a devidamente.

Em differentes seculos e situações, tres homens de um talento superior e universalmente conhecido têem feito um incalculavel serviço á França, deixando estampada em monumentos immortaes de verdade as feições de cada epocha: estes homens são Molière, Beaumarchais, Ponsard. A França deve ainda mais ás suas letras do que ás suas armas. Estas tiveram Pavia e Waterloo. Aquellas, florescendo sempre, tornaram universal a sua gloria e a sua lingua, e deram-lhe a suzerania do espirito no mundo. É pelas obras da intelligencia, em seculos que não podem ser de conquista, que um povo, alargando a esphera da sua illustração, multiplica os seus meios de influencia. É por isso que as nações devem sempre agradecer aos verdadeiros genios o raio de que as allumiam, seja qual fôr a sua especialidade. O gremio do paiz é o que lucra n'essa scintillação individual que se torna em brilho commum. Nós temos o peccado de sermos demasiadamente indifferentes.

Molière, Beaumarchais e Pensard são os representantes completos de tres sociedades cunhadas de differente modo por sellos distinctos. A expressão é differente em cada um. A verdade humana é a mesma em todos; e esta é a que constitue as obras duradouras, porque as faz proveitosas á posteridade e ás gerações. São outras tantas pedras para o edificio do progresso social. O espirito de cada éra incarna-se na inspiração dos seus pensadores, tornando a musa imagem palpavel, como na mythologia grega. As obras de arte tornam-se então a voz dos seus seculos, dando lições a outros seculos. Senão, veja-se dos homens que citámos, Beaumarchais, o espirito menos perfeito dos tres, e justamente o precursor das grandes agitações. Parece que ha já no seu talento a vertigem da revolução. Não é isto uma prova da afinidade poderosa que ligava as intelligencias superiores, como um resumo, um epilogo dos grandes factos humanos?

O gosto do publico vae-se pronunciando cada vez mais pelo drama da actualidade. Explica-se o motivo. O espectador sente e commove-se dobrado, achan-

do no theatro a reproducção fiel do que vê todos os dias. Ridiculos ou paixões, conhece-os, póde aferir o seu valor por si mesmo, sem recorrer á auctoridade da historia, ou ás informações duvidosas e juizos banaes dos pedagogos.

O sr. Mendes Leal, encetando este genero, provou que partido se póde tirar d'elle. Esperámos que não desanime. Fará um verdadeiro serviço ás letras e ao seu paiz. O futuro é o que mais ha-de avalial-o.

Tem todas as qualidades necessarias para o poder fazer. Sabe onde a satyra acaba, e onde a offensa começa, sabe que se é um direito ferir o vicio, é um dever respeitar a sociedade. Sabe fazer rir e chorar; ora motéja com o riso leve e de bom gosto, ora fulmina a censura que abala. Umas vezes castiga pelo ridiculo, outras commove pela paixão. Entrelaça, como no mundo se vê, a comedia e o drama, e de ambos tira elementos d'ensino e exemplo.

Tanto pelo numero, como pela popularidade das suas obras, e pela consciencia e excellencia da sua litteratura, o sr. Mendes Leal é um auctor dramatico portuguez. É em nome da patria, que reclamámos a sua cooperação; e reclamâmo-la a quem sabe responder á sua voz. É da mocidade que este paiz espera tudo. Como acima dissemos, para termos a nossa acção, é preciso que tenhâmos a nossa gloria e a nossa illustração, é preciso trabalhar, porque somos todos operarios do futuro.

Não pára aqui o talento vasto e innovador do sr. Mendes Leal. No momento em que escrevemos estas linhas tem elle já feita parte de uma composição inteiramente nova entre nós, e que o sr. Mendes Leal tenta mostrar. É um drama em verso redondilha, como o creou Gil Vicente, e como a Hespanha o aproveitou. Os exemplos de *Calderon*, *Tirso de Molina* e *Lope de Vega*, sem fallar dos modernos, despertaram-lhe a idéa que vae realisar no drama, como já a realisou na comedia com a *Herança do Chanceller*.

O sr. Mendes Leal escolheu para assumpto da sua obra a *Guerra da Peninsula*, epocha toda de gloriosas recordações para este paiz.

Julgâmos ter completado aqui a analyse, imperfeita mas sincera, do theatro do sr. Mendes Leal. Foi a impressão que recebemos com a sua leitura, e representação; apreciamos só por ella. O escalpello da crítica era perigoso nas nossas mãos; tememos usar d'elle, porque não nos julgâmos aptos e competentes. Afastamo-nos da lisonja, e aproximamo-nos, quanto couhe nas nossas forças, da verdade.

Honra seja, porém, feita ao sr. Mendes Leal. A originalidade e a gloria da sua obra, e poderemos dizer da sua escola, consiste em ter aproximado da verdade os nossos espiritos afastados pelo inverosimil e pelos paradoxos; de ter consagrado maximas immortaes n'um estylo natural, profundo e vigoroso, fazendo circular nas veias da comedia moderna um resto d'esse sangue puro que filtrou nas veias de Beaumarchais e Moliére, e ultimamente foi inoculado por Ponsard. Diremos, a respeito do sr. Mendes Leal, o que A. de Pontmartin escreveu, tratando d'este ultimo: «Não temeu ser banal, uma vez que fosse verdadeiro.»

Sem lisonja, nem adulação, e estamos convencidos que nas nossas letras ninguem o contesta, não duvidâmos marcar ao sr. Mendes Leal o primeiro lolar entre os poetas dramaticos contemporaneos.

E. Biester.

HABITANTES DE GEILTHAL OU SILAUZIS.

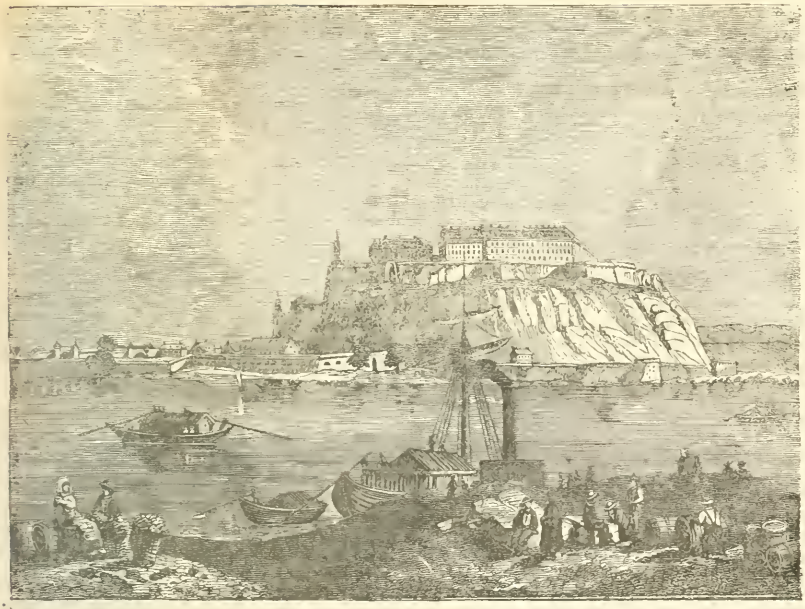
Os silauzis são uma tribu de esclavonios que se tem estendido para o oriente da Europa, e estanceiam hoje perto do rio Sila, d'onde tomaram o nome. A palavra Sila significa na sua linguagem rio da força; chamam-lhe Geil em allemão, e d'ahi veiu o nome de Geilthal ou valle do Geil, que se dá a este districto. Este valle é mui limitado e cingido pelas montanhas da Carniola: fica-lhe a ultima região ao meio dia, a Carinthia ao norte, e a Styria a éste; a população derramou-se ao longo do Drave, sobre as fronteiras da Croacia.

Os habitantes de Geilthal são altos, esbeltos, e de uma presença agradavel; a sua côr é morena, e têem os cabellos pretos. Os que se estabeleceram cêrca das montanhas calcareas, não soffrem de papeiras; mas os que habitam mais ao norte são sujeitos a esta terrivel infermidade, bem como ao cretinismo, que consiste no enfraquecimento de todas as faculdades physicas e moraes.

Os silauzis pouco se entregam aos trabalhos de lavoura; tão desanimados estão já pelas influencias perniciosas do seu clima; por isso os homens preferem á condição de cultivador a de almocreve, e suas mulheres vão servir para as cidades dos arredores.

O traje d'estes esclavonios é muito original: os homens usam os cabellos cortados muito rentes; chapéus ponteagudos de côr verde ou preta, ou mais geralmente chapéus de copa baixa de feltro no inverno, e de palha de verão. Usam em roda do pescoço um colleirinho recortado, cozido á camiza; collete encarnado; calças verdes e jalleca parda. De inverno vestem um sobretudo de pelles de carneiro, a que chamam *kosmata:* as calças descem apenas até meio da perna: as meias são de lã branca. As mulheres trazem o cabello caído pelas costas abaixo em duas grossas tranças; as donzellas enfeitam-nas de laços de fita. As mulheres casadas trazem uma especie de touca segura debaixo da barba com uma fita preta.

A nossa gravura representa uma mulher d'esta interessante tribu, e por ella poderá melhor avaliar-se o seu pittoresco trajar.



HUNGRIA — PRESBURGO.

Presburgo, que em lingua magyar se diz Posny, é uma cidade situada na margem esquerda do Danubio, antes de chegar áquella grande ilha, ou, para melhor dizer immensa leziria, de Schull, formada por differentes braços do rio, e cuja fertilidade é tão extraordinaria que lhe fez dar o nome de *jardim de ouro*. Uma ponte de barcas liga as duas margens do rio, povoadas de magnificos arvoredos e de excellentes edificios.

Até 1784 Presburgo foi a capital da Baixa Hungria; e ali costumava o monarcha ser sagrado. Antes de entrar na igreja, em que devia realisar-se esta ceremonia, fazia, montado em soberbo cavallo, um giro em torno de uma campina fóra da cidade, brandindo, nos quatro pontos cardeaes, a espada desembainhada, com grandes feros, como se fosse a tomar posse do mundo.

A assembléa dos estados reunia-se algumas vezes em Presburgo, e ainda se mostra o palacio que servia para as suas reuniões. Citam-se igualmente como dignos de ser visitados pelo viajante curioso a igreja de S. Martinho; o palacio do arcebispo de Graw, primaz do reino, e o theatro.

Presburgo entretém consideravel commercio de trigo e vinhos com differentes povoações importantes, e com Vienna principalmente, d'onde dista apenas dezoito a vinte leguas. É de notar que os habitantes são quasi todos allemães.

Depois da batalha de Austerlitz, ganha por Napoleão, a 2 de Dezembro de 1805 assignou-se um tratado de paz em Presburgo entre a França e a Austria.

Este famoso tratado, que punha termo á guerra continental, e cujas condições haviam sido impostas pela França, só aproveitava directamente aos alliados d'esta ultima potencia: mas a Austria perdia um territorio de mil e cem milhas quadradas, uma população de dous milhões e seiscentas mil armas, e o rendimento de quatorze milhões de florins.

O tratado destruia completamente a confederação germanica, engrandecendo o poder dos principes reinantes da Baviera e de Wurtemberg, que ambos tomaram o titulo de reis, e concedendo-lhes, assim como ao duque de Bade, plena soberania em seus estados. Independentemente das clausulas publicas, estipulou-se secretamente que a Austria pagaria, em dezeseis mezes, quarenta milhões de florins para resgatar as contribuições de guerra, lançadas sobre as provincias conquistadas, e ainda não percebidas.

Presburgo está situada em 14° 50' longitude, e 48° e 8' de latitude. Contava ha vinte annos uns trinta mil habitantes, segundo as relações estatisticas do imperio austriaco; hoje a sua população é muito mais consideravel, e vae em progressivo augmento, estando collocada n'uma excellente posição para o commercio interior, que deve de ser immenso, quando mediante alguns trabalhos hydraulicos no Danubio, este grande rio puder offerecer uma via segura, rapida e facil de communicações de toda a especie até o mar Negro e o Bosphoro.

AS BELLAS ARTES EM PORTUGAL.

Se compararmos o estado em que se acham as bellas artes entre nós com o aperfeiçoamento a que estas têem chegado nos paizes mais cultos, forçoso é confessar que o nosso atrazo é muito grande.

Se não existissem sobre o solo portuguez alguns padrões, erguidos como para attestar que já tivemos uma epocha de florecencia para as artes, dizer-se-ía que Portugal andára sempre na retaguarda da civilisação. Os mosteiros da Batalha e Belem, esses dous typos da architectura gothica, tão differentes, e ambos tão esbeltos e formosos, não mostram sómente o aperfeiçoamento de um ou outro ramo das bellas artes, mas tambem a existencia do bom gosto, condição essencial para todo o genero de progresso artistico.

Durante todo esse periodo em que se levantaram aquelles monumentos a pintura e a esculptura em ouro, prata e madeira correram parelhas com a architectura e com a esculptura em pedra, que todavia se achava menos adiantada na estatuaria do que nas obras de ornato. Pertencem a esse periodo os pintores que deram nome á escola portugueza. O grão Vasco, Campello e outros crearam uma escola e desenvolveram o gosto pela pintura, em que mais tarde adquiriram gloria Sanches Coelho, a quem Filippe II appellidava o Ticiano portuguez, e Claudio Coelho, cujas obras figuram honrosamente na galeria do Escurial, onde o grande quadro d'este ultimo pintor, representando a *Procissão do S. Sacramento*, avulta e brilha mesmo entre as producções dos mais insignes mestres.

O altar-mór da sé velha de Coimbra, obra de talha dourada do mais puro estylo gothico; o coro da igreja de Belem, de talha relevada; os vasos de ouro e prata do seculo XV e XVI, que ainda se conservam na casa real; são obras que revelam a um tempo na prodigiosa variedade de desenhos uma imaginação viva e fecunda, na perfeição do trabalho aquelle estudo e esmero, que só podem nascer do amor pela arte, e finalmente na concepção de tantos primores esse gosto apurado que caracterisa em qualquer nação a florecencia das artes.

Foram as guerras d'além-mar, e esse trato mais intimo, que se estabeleceu com os estrangeiros, desde o casamento de D. João I com uma princeza de Inglaterra, quem dispoz os primeiros elementos para essa epocha, a que poderemos chamar a idade de ouro das artes em Portugal, embora uma ou outra se achasse menos cuidada.

O desenvolvimento que depois tiveram, o fulgor com que ao diante resplandeceram vieram-lhes dos nossos descobrimentos e dos nossos triumphos em tão diversas e longiquas regiões do globo. Elevou-se o espirito publico ao som continuo dos hymnos da victoria, inflammaram-se os peitos de devoção civica, o amor da gloria tornou-se a paixão dominante, e o seu poderoso influxo, fazendo germinar toda a casta de sentimentos nobres, e de aspirações ousadas produziu o genio nas artes e na litteratura, pois que primeiro surgíra nos campos de batalha e sobre as ondas do oceano.

E quereis ver estampadas na pedra toda essa elevação de pensamentos, toda essa nobreza de aspirações, todo esse esforço de heroicidade? Lançae os olhos para os monumentos da Batalha e de Belem, e ali achareis a poesia da religião christã, a religiosidade das virtudes civicas, e a sublimidade do heroismo symbolisadas na vastidão d'aquelles templos, e na immensa altura das suas abobadas, n'aquellas columnas tão altas, tão nobres e elegantes, n'aquellas estatuas e cherubins tão graciosos, n'aquellas rendas tão aereas, n'aquellas pyramides tão esbeltas, n'aquelles motes, divisas e brazões, emblemas de subida gloria, e finalmente na infinita variedade de tão brincados lavores, e arrojados desenhos.

Esta aureola, porém, que tamanha luz deitou de si, desvaneceu-se depressa. Como o meteoro, que fulgura rapidamente para logo se perder na escuridão do espaço, assim ella brilhou e morreu. Aos dias de ventura succederam-se as provações do infortunio. O poder de Portugal, já decadente, lá foi sepultar-se nas planicies d'Alcacerquivir. A desdita trouxe o desalento, e o desalento, entorpecendo todos os instinctos generosos, e paralysando todo o esforço patriotico, entregou o paiz á mercê de Castella.

Com a perda da independencia vieram as humilhações, e depois as violencias. Abateu-se o espirito publico, amorteceu-se o patriotismo, acabou o amor da gloria; e as artes, verdadeiro espelho do viver das nações, caíram no mesmo definhamento e prostração.

Os monumentos do seculo XVI, que o grande terramoto nos deixou incolumes, têem estampada na fronte a vida triste e oppressa da geração que os levantou. Ainda muito tempo depois de haver resoado o grito, que nos accordou do letbargo para entrarmos de novo no gremio das nações independentes, as artes se resentiam dos habitos da escravidão e dos effeitos do infortunio. A frontaria da igrega dos Paulistas, obra do reinado d'elrei D. João IV, é um livro de pedra em que está resumida a historia d'um captiveiro de sessenta annos, e de mais vinte e sete de penosos sacrificios para o conseguimento do resgate. Aquelle estylo tão pesado e monotono, toda aquella pedraria disposta sem elegancia, e desataviada d'ornatos, retratam bem ao natural as feições das duas epochas; fallam-nos simultaneamente das desgraças e pezares, que já eram passados, e dos sacrificios e cuidados que ainda eram presentes ao levantar d'aquellas paredes.

Quando o tratado de 13 de Fevereiro de 1668 poz termo á guerra entre Portugal e a Hespanha, ficaram ainda actuando por muito tempo sobre as artes as funestas consequencias de tão longa oppressão e de tão porfiosa lucta. Apesar de alguns esforços feitos durante o reinado de D. Pedro II, não se conseguiu restaural-as, nem mesmo erguel-as um pouco do pó em que jaziam. Não era bastante só dar-lhes emprego, quando faltavam condições essencialissimas para os seus progressos.

Quiz-se edificar em Lisboa um templo sumptuoso dedicado a Santa Engracia. No catalogo dos fundadores figurava toda a nobreza da capital, que então reunia a um espirito religioso muita abundancia de bens: e sobre tudo isto avultava o poderoso impulso do braço real. Patenteou-se pois aos artistas area bem larga; acenaram-lhes variados estimulos: mas em vez de edificarem um templo elegante e magnifico, construiram um edificio sim grandioso, porém massiço e quasi com fórma de fortaleza. Fizeram uma igreja como as d'esses tempos remotos em que as populações christãs, perseguidas dos inimigos da cruz, se acolhiam ás abobadas sagradas, e pelejavam sobre ellas em defensa da religião, da liberdade e da vida.

Foi preciso a fundação de um monumento como o de Mafra, que, attrahindo ao paiz a chamamento real todo o genero de artistas estrangeiros, desse logar á

ereação de escola, e á introducção do gosto, para que as bellas artes renascessem entre nós. E com effeito no seculo de D. João V, d'esse principe magnanimo, que a posteridade conhece mais por alguns pequenos defeitos do que pelos seus grandes dotes, n'esse reinado em geral tão mal apreciado, tiveram as artes um forte impulso, que se as não restaurou completamente, collocou-as sem duvida em bom terreiro.

Quem comparar com as construcções do seculo anterior o magestoso palacio de Mafra, o soberbo aqueducto das Aguas Livres, a formosa capella-mór da sé d'Evora, a bella casa a S. Pedro d'Alcantara, que faz frente para a calçada da Gloria, edificada pelo architecto de Mafra, Ludovici, para sua habitação, reconhecerá que n'essa epocha se operou nas artes uma perfeita revolução. Verá n'esses differentes generos de edificios combinada a solidez com a elegancia, a magnificencia com a singeleza, segundo os usos a que são apropriados, e sobre tudo ha de notar a harmonia que entre si guardam o todo e cada uma de suas partes.

A escultura em marmore fez então admiraveis progressos sob a direcção do italiano Alexandre Giusti. A gravura deram bom impulso Debrie, Rochefort, e le Boitaux, francezes. Da pintura basta dizer que vivem n'esse periodo o Vieira Lusitano.

O terremoto de 1755 destruiu muitos edificios, que attestavam o desenvolvimento artistico d'aquella epocha. Entretanto essa mesma catastrophe offereceu ensejo aos discipulos da nova escola para darem mostras do seu aproveitamento. Eugenio dos Santos e Carvalho, o architecto que presidiu á reedificação de Lisboa, se attenderemos aos tempos, não deixou de corresponder á magnitude da empreza no bem traçado da planta, na grandeza das praças, na belleza e commodidade das ruas, e no aspecto nobre dos edificios. Hoje o seu plano soffreria muitas modificações, pois que o tempo não passa debalde sobre as idéas do bello, e sobre as noções do bom gosto, principalmente em tudo o que tem relação com o trato social e com as commodidades da vida. Porém ha um seculo a planta da cidade nova era talvez um bom modelo, ou pelo menos um titulo de honra para o seu auctor, qualquer que fosse o paiz onde se apresentasse.

Os monumentos d'esta epocha têem o mesmo cunho, que os da antecedente. Distinguem-se todos por um estylo d'architectura, senão elegante, todavia grandioso, nobre, e ao mesmo tempo singelo, e, apesar de quaesquer defeitos, ostentando uma certa harmonia entre as fórmas externas e as disposições interiores.

Quem olhar attentamente para estes edificios de aspecto grave, de proporções grandiosas, e de linhas monotonas, verá n'elles os signaes de uma epocha de respeito para com todos os principios constitutivos da sociedade, de persistencia e gravidade nos costumes publicos, de idéas fixas e permanentes em religião, em politica e em administração.

Verá n'elles desenhadas as feições de uma sociedade, que julgando-se governada por leis immutaveis, restringe o seu pensamento e a sua acção a um circulo determinado e monotono, gosando do presente, mas procurando dar ás suas obras duração no futuro.

O grande ministro d'elrei D. José I, que soube estender a protecção e impulso do poder a todos os interesses moraes e materiaes do paiz, segundo o estado da civilisação do seu seculo, não se descuidou pois de reanimar os outros ramos das bellas artes, aos quaes o terremoto causára não só immenso prejuizo, mas tambem desalento. Comtudo não evitou o vandalismo causado pela repentina degeneração do gosto.

Alguns monumentos, como a sé, e o formoso portal, reliquia da antiga igreja da Misericordia, e que é hoje da Conceição Nova, foram deturpados barbaramente. Quasi todos os quadros, que podiam servir de escola, e que ornavam os templos, o paço, e os palacios particulares ficaram sepultados nas ruinas, ou foram consumidos pelas chammas. E peior do que tudo isto, os que escaparam a esta duplicada catastrophe foram depois pela maior parte repintados e estragados, julgando os seus donos que os faziam restaurar. Este barbarismo foi tão geral, que se pudesse duvidar-se de que o bom gosto nas artes tão sómente se cria e desenvolve na prosperidade, seria bastante aquelle exemplo para demonstrar que na adversidade se corrompe e acaba.

Entretanto, apesar de todos estes contratempos, a pintura ainda floreceu em pouco sob os auspicios do Vieira Lusitano.

É bem sabido como por morte d'el-rei D. José foi desterrado o illustre marquez de Pombal, e como foi condemnada a sua politica, como foram stigmatisadas as suas reformas, e amaldiçoado o seu governo.

A reacção que então se operou, se não feroz, pelo menos desassisada e parcial, como todas as reacções em seu principio, não pensou em reacção politica por politica, em substituir systema a systema.

O pensamento governativo da nova epocha consistiu quasi exclusivamente em fazer o contrario de tudo quanto planisava e praticava aquelle grande homem d'estado.

Esta reacção nos espiritos, esta falta de accôrdo nas idéas influiram sinistramente, como estas cousas sempre influem, no andamento das artes. A soberana e seu esposo, elrei D. Pedro III, quizeram protegel-as, e ambos abriram mãos liberaes para as animar. A primeira fundando a basilica do Santissimo Coração de Jesus, e o segundo reedificando desde os alicerces a igreja de Santo Antonio da Sé, e construindo o palacio real de Queluz, deram largas aos artistas para exercitarem o seu talento. Porém todos estes monumentos, mal corresponderam ao animo dos fundadores, e aos capitaes que n'elles se consumiram, ergueram-se cheios de defeitos, ainda que ostentando algumas bellezas. Basta um relance d'olhos para ver n'elles uma sensivel falta de accordo e harmonia entre o todo e algumas de suas partes.

A magestosa e elevada cupula d'aquella basilica, contrastando com as pequenas portas do templo, nuas de adornos e abafadas entre columnas gigantescas; a estreiteza do interior da igreja desmentindo a largura da fachada; as grandes janellas de Santo Antonio da Sé, acanhando ainda mais uma frontaria já de si acanhada e decorada sem gosto; aquella accumulação no paço de Queluz de edificios de diversa architectura, e sobrecarregados de ornatos, d'onde vem ferir a vista não poucas desproporções, exprimem a lucta do espirito entre as idéas grandes e mesquinhas, entre o desejo de attingir o bello e a impotencia para o conseguir; são o reflexo da falta de um pensamento civilisador na direcção dos negocios publicos; são o resultado d'essas reacções, que, destruindo sem crear, desorganisam as cousas, e anarchisam as idéas.

Entretanto no ultimo quartel d'este reinado tiveram as artes salutar impulso por effeito de varias causas, umas filhas da acção governativa, outras devi-

das ao desenvolvimento da industria, e ao incremento das fortunas particulares, resultado do espirito d'associação, promovido pelo marquez de Pombal, e da neutralidade de Portugal em face da Europa abrasada em guerra.

O theatro de S. Carlos, construido pelo risco de José da Costa e Silva, segundo as boas regras da arte e as exigencias da epocha para este genero de edificios; o palacio d'Ajuda, levantado conforme os desenhos d'aquelle artista e de Francisco Xavier Fabri, paço immensamente vasto, que se fôra acabado seria, apesar de alguns defeitos, uma residencia real de muita sumptuosidade e formosura; o asylo de invalidos militares, e paço real em Runa; o hospital de Santo Antonio no Porto; os palacios dos srs. marquez de Castello Melhor, e conde da Ribeira em Lisboa; estas e outras obras feitas ou começadas n'aquelle periodo, e as producções em pintura do Vieira Portuense, de Pedro Alexandrino, e de Domingos Antonio de Sequeira, conjuntamente com os progressos da escola de gravura, sob a direcção do celebre Bartolozzi, offerecem incontestavel documento de que as bellas artes estavam novamente entradas no caminho da sua restauração.

Porém este malfadado paiz, que parece estar condemnado, desde que a sua estrella empallidecen nas terras d'Africa, a ver fulminado á nascença todo o impulso civilisador, todo o esforço patriotico tendente a erguel-o do seu abatimento, não tardou a sentir sobre o seu bello solo a pezada mão d'esse fado adverso.

Uma invasão estrangeira; a partida da familia real e de grande parte da nobreza para o Brazil; uma guerra porfiosa dentro e fóra do reino, malbaratando a fazenda publica, arruinando as industrias e extenuando o paiz, lançaram as artes no mais deploravel estado de abandono e definhamento.

Pouco depois succeden-se a grande revolução, que assentou a sociedade portugueza em novas bases, dando-lhe novas condições de existencia. Então rompeu a lucta inevitavel entre os interesses que se derrocaram, e os que de dia para dia se alevantavam. A discordia, varrendo com o seu facho toda a superficie do paiz, tem mirrado muitos elementos de prosperidade, e estagnado muitas fontes de riqueza. Mas peior do que tudo isto, tem amortecido ou acabado com as virtudes civicas, annullando todos os estimulos nobres; tem desvairado a razão publica, invertendo as noções da justiça, do pundonor, e da honestidade; tem enthronisado o egoismo, sacrificando a miudo o bem publico ao interesse individual; tem corrompido as molas governativas, desconceituando os principios; tem finalmente relaxado os costumes, dando a todas as cousas um caracter transitorio, um aspecto de mutabilidade.

Não é isto o resultado da acção de um ou outro partido, é a consequencia natural e forçosa d'essas grandes revoluções que assignaram na historia geral da humanidade a passagem dos povos de uma para outra civilisação.

N'este periodo, pois, que já conta trinta e cinco annos, e no qual, apesar de tantas influencias maleficas, algumas sabias reformas, dando importante desenvolvimento ás industrias agricola e manufactora, vieram lançar os fundamentos da futura prosperidade do paiz; n'este periodo, dizemos, de agitação e incerteza as artes têem vivido a vida mesquinha do orphão entregue a si proprio, e abandonado de todo o auxilio estranho.

A protecção que por vezes têem pretendido dar-lhe, vem sempre annullar-se na falta de emprego para os talentos distinctos, e na inopia de estimulos para todos os artistas. Os melhores estabelecimentos artisticos, as mais bem combinadas medidas hão de ser estereis, em quanto não tiverem por auxiliares o premio moral e physico proporcionado á grandeza das aspirações do genio. Entre nós escaceia absolutamente esse poderoso incentivo, que elevando o espirito, desenvolvendo o engenho, e creando o gosto, chama o artista para o caminho da gloria, e impelle as artes para o da florecencia.

A falta d'esse incentivo vemos decaír as artes, e corromper-se o gosto a ponto de se fabricarem tumulos com fórmas de chafarizes, ao mesmo tempo que se construiam chafarizes com a fórma de tumulos. Se fôra necessario provar, que a vida social imprime nas artes o seu retrato, com a mesma exactidão com que uma cidade se espelha nas aguas do rio que a banha, era certamente sufficiente esta simples inversão das boas regras da architectura para mostrar como n'ellas se reflecte esse transtorno geral de idéas, de instituições, e de costumes, de que acima fallamos. E se quizeramos comparar feição por feição não seria difficil de achar uma perfeita similhanlhança em tudo o mais.

Hoje, porém, que a nossa situação politica parece estar mais definida e os partidos mais propensos a disputar preferencias nos limites da legalidade; hoje que o começo de um reinado auspicioso vem abrir as portas a um futuro de esperanças; hoje finalmente que as tendencias civilisadoras do seculo nos prometem mais estabilidade, esperâmos ter em breve começada uma nova epocha de restauração para as bellas artes.

Os nossos artistas não são destitnidos de talento; milhares de exemplos o demonstram em obras de um trabalho de muita delicadeza e primor. Na imitação são perfeitos; o que precisam é gosto para crearem o bello. E o gosto restabelece-se, importando-o e excitando-o, como se fez nos reinados de elrei D. João V, e D. José I. Para isto temos em nosso favor vantagens, que então se não davam, e que nos vêem agora dos progressos da civilisação.

A facilidade das communicações, e as exposições de industria e de bellas artes offerecem aos nossos artistas a faculdade de porem em contacto as suas idéas com as dos homens eminentes da mesma profissão, e de se aproveitarem do desenvolvimento industrial e artistico de cada paiz, para se aperfeiçoarem e reformarem o gosto.

Os jornaes estrangeiros de litteratura e bellas artes, reproduzindo em aprimoradas gravuras quanto aquellas vão creando de mais perfeito e mais bello, são igualmente um grande auxiliar.

Cumpre ao governo proporcionar ao talento desvalido essas viagens instructivas. Cumpre aos artistas a quem a sorte negar similhante favor proverem-se d'aquelles jornaes.

Assim poderão adquirir o gosto, attingir a perfeição, e crear o bello. E só assim é que hão de ver reapparecer no paiz esses estimulos, que excitam o talento, e coroam o genio.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O IMPOSTO SOBRE AS BARBAS NA RUSSIA.

Entre os impostos estabelecidos por Pedro o Grande havia um muito extraordinario, que todavia sub-

sistiu bastantes annos. *Boroda lichnaia tiagota* (a barba é um incommodo inutil): o proprio Pedro I mandou gravar em bronze esta *importante* sentença. O grande obstaculo que Alexiowitz encontrou no complemento das suas reformas, foi o apego aos antigos usos. Esse apego e tenacidade caracterisa ainda hoje o partido dos velhos russos; muitos d'elles, principalmente os cossacos, antes quereriam que os matassem do que arrancarem-lhes ou cortarem-lhes as barbas.

Pedro I, vendo em quão grande apreço os seus subditos tinham a conservação das barbas, ordenou-lhes que as cortassem. Pretenderia elle, a exemplo de um legislador antigo, cujo espirito absoluto, inimigo de contemporisações, offerecia alguma analogia com o seu caracter, sujeitar os russos á disciplina exigindo-lhes tão duro sacrificio? Seja como fôr, se a prohibição de Pedro I não foi inspirada por este motivo, soube ao menos tirar partido da resistencia que encontrou. Estabeleceu-se pois uma taxa sobre as barbas recalcitrantes, taxa proporcionada á posição social de cada um. Os negociantes ou mercadores, os funccionarios da côrte ou da cidade, eram taxados em 100 dublos; os burguezes, ou simples cidadãos, e os familiares dos boyardos, pagavam 60 rublos; os habitantes de Moscow, 30 rublos; os camponezes, cada vez que passavam pelas barreiras da cidade, tinham que satisfazer 2 *dengui*, ou a vigessima parte de um rublo. Para se justificar que se havia pago o imposto era necessario apresentar uma especie de medalhinha aos guardas, aliás estes, armados de inexoraveis tesouras, saltavam no imprudente, e em poucos minutos o tosqueavam completamente.

Na obra de Chaudoir sobre as moedas russianas, descrevem-se algumas d'estas medalhas. Uma d'ellas tem a data de 1699. No anverso observa-se uma bôca guarnecida de enormes bigodes e barbas, lendo-se por cima estas palavras: *Denghui vasiatl* (dinheiro recebido). Em outras lê-se a data de 1705, e no reverso têem a aguia russiana, dentro de uma corôa de louro.

A prohibição de Pedro I, á volta da sua viagem na Europa, em 1699, tornou-se medida legislativa por ukase de 1705. E é esta a data que mais de ordinario se encontra. A prohibição parecia então abranger sómente uma parte dos habitantes da Russia. Em 1722 foi tambem applicada á cidade de S. Petersburgo. O descontentamento era extraordinario. Recorria-se a toda a especie de meios para escapar ao imposto. Um ukase de 1722 obrigou aquelles que queriam usar barbas a todo o custo, a vestir certo traje especial, e a pagar 50 rublos por anno.

A contribuição tornou-se annual, substituindo-se áquellas medalhinhas uma chapa quadrada, que se trocava todos os annos, e que era o signal de que se havia pago o taí imposto.

Catharina I confirmou os editos do seu predecessor. Em 1728 um decreto de Pedro II permittiu que os camponezes e cultivadores usássem barbas compridas; mas a taxa de 50 rublos conservou-se para todos os outros individuos, sob pena de trabalhos publicos. Um ukase da imperatriz Anna, datado de 1731, aggravou ainda mais a situação dos portadores de barbas. Determinou-se que todas as pessoas não empregadas na agricultura, que não tivessem ainda cortado a barba, fossem inscriptas no numero dos Raskolnicks, e obrigados a pagar o dobro de todos os tributos, além do de 50 rublos pela barba! Pobres velhos russos!

Não podendo soffrer tão acintosa perseguição, muitos d'elles preferiram-se expatriar-se.

Parece que Pedro III projectava medidas mais prohibitivas e mais rigorosas ainda, quando sua mulher, Catharina II, lhe arrancou o throno com a vida. As disposições hostis de Pedro foram comtudo favoraveis aos barbados; porque a sua viuva, por espirito de contradicção, não deixou de fazer mercê ás barbas, e de perdoar aos Raskolnicks, a quem, além d'isto, distribuiu terras em que pudessem estabelecer-se.

Assim terminou a perseguição, que Cartier appellidou *antibarbica;* durára mais de sessenta annos, tendo muitos confessores, e talvez martyres tambem.

Pondo de parte a utilidade fiscal, seria difficil achar para similhante prescripção um motivo razoavel. Poder-se-ha quando muito explicar a prohibição ordenada por Pedro I. N'esta epocha, a suppressão das barbas compridas moscovitas podia fazer parte d'esses meios violentos de civilisação a que Pedro o Grande muitas vezes recorria. Já nos nossos tempos a suppressão dos rabichos, nos uniformes militares, foi ordenada como medida de aceio; e entretanto que resistencias não encontrou esta acertada ordem em todos os exercitos! E quantos não chorarão ainda por esse abençoado tempo em que o rabicho fazia a elegancia do soldado!

Se a proscripção das barbas na Russia teve sómente por fim um interesse de civilisação bem ou mal comprehendido, não se teriam isentado os camponezes, nem se lançaria todo o pezo do imposto sobre os hombros das classes abastadas. É pois licito considerar esta taxa como um dos meios que a autocracia imaginára para acostumar os homens á obediencia passiva, e para lhes fazer sentir, pelo obstaculo posto ao exercicio mais inoffensivo da liberdade, aos actos mais simples, que o poder do despota não tem limites, que nada existe que não deva submetter-se ao seu capricho, e finalmente que elle póde, quando lhe aprouver, divertir-se em tosquear a cara de cada um, como se tosquia o buxo nos nossos jardins. A gravura representa a chapa quadrada a que acima nos referimos, indicativa do pagamento do imposto. De um lado tem a data de 1725, e as tres palavras russianas, em cifra, *Sborodi pochlina vsiata* (foi recebido o imposto sobre a barba); e no logar da serrilha as palavras: *Boroda Moroda lichnaia tiagota*. O sr. Cartier, de quem o excellente periodico francez *Magasin* tirou estas curiosas noticias que traduzimos, assevera, na sua *Revista numismatica*, que o governo russiano possue ainda os cunhos d'estas celebres medalhas.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

CARTA XII.

RAPIDA JORNADA. O RAMALHÃO. QUINTA DE MARIALVA EM CINTRA. COLLARES. REGRESSO A LISBOA.

9 de julho de 1787.

Achava-me no palacio de Marialva pela volta das nove horas, e parti d'ali com o marquez para Cintra; este que mandava nas reaes cavallariças, onde havia quatro mil muares e dous mil cavallos, deu ordem para quantas mudas lhe aprouve, de fórma que mudamos de machos quatro vezes por hora.

Poucos minutos depois das dez nos apeamos no Ramalhão, quinta n'uma baixa inferior ás pyramidaes rochas de Cintra, que o sr. Street-Arriaga tivera a bondade de facultar-me havia um mez ou dous, e que até hoje eu não pudera visitar. Todos os aposentos são espaçosos e ventilados, com illimitada vista de mar e de terra; mas, se o calor não fosse tão forte, estaria n'elles mais fresco do que desejaria, não tendo outra chaminé senão a da cosinha.

Achei o jardim em excellente ordem, e florecentes em quantidade as plantas, vegetando entre os renques de larangeiras e limoeiros. Tal é a influencia do clima que as gardenias e plantas do Cabo, que eu trouxe de Inglaterra ainda com troncos despidos, estão cobertas de lindas flores. Os malvaiscos e algumas variedades de milho, semeadas pelo meu jardineiro inglez, cresceram a extraordinaria altura, e começam já a formar avenidas sombrias e selvas, onde os rapazes podem á sua vontade jogar ás escondidas.

Tendo consumido meia hora na observação d'estas cousas, metti-me na carruagem com o marquez, e partimos para a sua quinta, creação nova que lhe tem custado muitas mil libras esterlinas: ainda ha cinco annos era um cabeço maninho, alastrado de silex e fragmentos de penedos. Ao presente achaes um elegante pavilhão desenhado por Pillement, e adereçado com elegancia, um jardim com estatuas e fontes, ruas densamente guarnecidas de louro, buxo e cedro, cascatas, arvoredo, o buxo tosquiado de differentes feitios, e todos os ornamentos que se podem appetecer no gosto da jardinagem portugueza.

Jantamos n'uma aceiada e commoda hospedaria, situada ao meio da povoação de Cintra. A rainha tinha ultimamente doado ao marquez aquella casa e a grande porção de terreno adjacente. Das suas janellas contemplaes profundos algares e empinadas encostas de matos e florestas, variegados com pedras musgosas e caducos castanheiros.

Assim que o sol declinou fomos para Collares e passeamos no eirado pertencente a mr. la Roche, negociante francez, que mostrou alguns visos de gosto no arranjo da sua quinta.

As matas de pinhaes e castanheiros elevando-se das fendas da penedia, crescendo umas em socalcos acima das outras até consideravel altura, dão a Collares o aspecto de uma aldeia dos Alpes. Innumeraveis arroios, sobre os quaes se debruçam sobreiros e esgalhados limoeiros, rompem pelos arruinados muros da banda da estrada e espadanam em tanques de marmore. Um valido do defunto rei, que tem n'estes suburbios uma vasta fazenda, nos convidou com muita attenção e urbanidade para o seu jardim; imaginei que entrava nos vergeis de Alcinoo; os ramos curvavam-se ao pezo dos pomos, o mais leve abalo alastrava o chão de ameixas, damascos e laranjas.

Esta quinta ufana-se de uma grande cascata artificial com tritões e golfinhos vomitando torrentes de agua; mas eu não lhe prestei metade da attenção que o proprietario esperava, e acolhendo-me á sombra das arvores fructiferas regalei-me de douradas maçãs e purpureaes ameixas, que em tanta profusão caíam ao redor de mim: o marquez, que participa com a maior parte dos portuguezes da extremada predilecção pelas flores, atulhou de cravos e jasmins a carruagem. Nunca vi plantas tão assignaladas em crescimento e vigor como as que tiveram a boa sorte de ser semeadas n'este afortunado torrão, cuja exposição é notavelmente propicia, abrigada por outeiros declives, e defendida com o espaço de algumas milhas de matas e pomares. Não sentia a menor vontade de largar um sitio tão favorecido da natureza; e M*** se jacta de que eu me tentasse a comprar esta fazenda.

O vento tornou-se incommodo quando subiamos a eminencia coroada pela quinta de Marialva; a atmosphera estava cristallina, e o sol declinava radiante. O convento de Mafra ao longe scintillando com vivo fulgor similhava o palacio encantado de um gigante, e o terreno circumvisinho desbotado e esteril era como se o monstro o tivesse devastado.

Para descansarmos um tanto do nosso veloz passeio entramos no pavilhão, que eu já disse ter sido delineado por Pillement: representa uma rua de phantasticas arvores indicas, que entrelaçando os ramos superiores convergentes formam arcos abaulados, descobrindo-se pelas roturas dos intervallos o céu de um tempo estivo; da bôca de um dragão volante pende um magnifico lustre para cincoenta lumes, ornado de festões de cristal, que rutilam como collares de diamantes. Detivemo-nos n'esta sala do mirante até o cair das sombras.

Os pagens cavalgavam adiante levando archotes, e o vento nos atirava á cara com o fumo e fagulhas, de modo que eu vinha atordoado, embruxado, experimentando taes sensações como as de um noviço em feitiçaria montado pela primeira vez á garupa com uma bruxa a correr por matagaes. Em menos de uma hora tinhamos galgado ruidosamente doze milhas de aspera e desigual calçada, trepando e descendo ingremes cabeços n'um galope convulsivo, em que eu esperava por momentos estirar-me de nariz no chão; mas, felizmente as muares eram escolhidas d'entre um cento, e nunca tropeçaram.

Nos altos d'Ajuda senti o ar mui fino e penetrante. Não parecerá exquisito queixar-me de frio em Lisboa aos nove do mez de julho?!

(Continúa.) * * *

POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA.

III.

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA.

NA ARCADIA — ELPINO NONACRIENSE.

1731 — 1779.

I.

Entre os cultores das letras que em Portugal tanto illustraram o decimo oitavo seculo, o poeta Diniz sobresáe como um dos mais notaveis, senão como o primeiro.

Ameno e flexivel, o seu talento prestava-se a quasi todas as manifestações então usadas, e se não quebrou os moldes prescriptos pelos dictadores do Parnaso, ou se não se afastou inteiramente d'elles, alargando os vôos á invenção, não póde negar-se, que

sem os exceder subiu a grande altura, legando-nos ensaios valiosos.

Menos correcto e esmerado que o Garção, porém mais livre e elevado que o Quita, imitando, como ambos, os modelos antigos, Elpino provou os poderes do seu engenho em generos difficultosos, e em todos deixou vestigios assignalados.

Pelos seus estudos a escola em que de certo principiou as suas tentativas, foram as palestras metricas dos vates de D. João V, cujas obras apuradas em artificios pueris, e em requintes de agudeza, offuscavam os rasgos felizes, á força de os quererem tornar vivos e conceituosos.

Qual fosse a influencia d'estes perniciosos exemplos, na tenra puericia de Diniz, é hoje bastante difficil de rastrear. Ao contrario de outros cantores de menos vulto, a sua lyra não se divulgou senão depois de amestrada; e se entre as suas poesias, algumas pela data remontam aos annos de inexperiencia, a lima correu-as com diligencia, e apagou as asperezas do primeiro jacto.

Nos sonetos, e em certas odes, menos cuidadas, talvez possam apontar-se sombras de gongorismo, e reflexos da corrupção por elle censurada; mas em geral, abstendo-se de exagerações condemnaveis, conserva nas proporções e no colorido aquella graça castigada, que em superior grau constitue a formosura quasi irreprehensivel dos versos horacianos do Garção.

Mesmo no arrebatamento lyrico das suas estrophes, ás vezes mais do que empoladas, são menores as quedas do que devia esperar-se. O furor do enthusiasmo quasi nunca lhe desgrenha a musa a ponto de a converter em bachante descomposta.

Tal como nos apparece na madureza das suas faculdades, e não o conhecemos de outro modo, Elpino apresenta-nos uma physionomia animada, espirituosa, com o sorriso satyrico nos cantos da bôca, e o ardor do rapto pindarico faiscando nos olhos.

A sua ascendencia intellectual é mais estrangeira do que nacional.

As feições do seu engenho lembram mais as de Boileau, e dos vates francezes do seculo XVII, já com visiveis toques da malicia voltairiana, e da reflexão philosophica dos encyclopedistas, do que a austera disciplina de Sá de Miranda, de Ferreira, e dos poetas e prosadores do seculo XVI em Portugal.

Não lhe foram estranhos, nem antipathicos, vê-se; mas conviveu menos com elles, e não os conversou habitualmente. Camões, sim, esse era dos seus intimos, e não será raro encontrar alguma das suas bellezas engastada nos versos de Diniz; porém, em geral, a escola restaurada pelo auctor da *Arte Poetica* e do *Lutrin*, e os primores dos mestres, que ornaram a grandiosa epocha de Luiz XIV, são os modelos que Elpino segue mais de perto, e que nos recommenda em termos, que respiram fervorosa admiração.

O livro publicado pelo padre Verney, o *Verdadeiro Methodo de Estudar*, saíu dos prelos de Valencia em 1746; e a *Arte Poetica* por Candido Lusitano viu a luz publica em 1748, sendo suscitada provavelmente pelas vehementes censuras, que Verney descarregava sobre o methodo jesuitico, preponderante em quasi todas as aulas portuguezas.

Quando se estampou a primeira d'estas obras Diniz contava apenas quinze annos, e aos dezesete pôde talvez aperfeiçoar o gosto, adoptando os preceitos, que o oratoriano Freire inculcava á mocidade, como contraveneno necessario para os erros e devassidões dos profanadores das letras.

É inquestionavel, como já notamos em outro logar d'estes ensaios, que a polemica suscitada por Verney deu o primeiro rebate da decadencia poetica, e acordou do seu turpor alguns engenhos cobiçosos de romper com os abusos, abrindo novas e seguras veredas.

Á influencia do *Verdadeiro Methodo de Estudar* foi devido o impulso que produziu a Arcadia, e com ella a segunda renascença.

As observações do auctor, despidas do prestigio do estylo, desde logo não podiam vencer os preconceitos, extirpando os usos inveterados. Pungente e desabrida a sua critica mais fustiga do que persuade, ou do que attrahe. Para fundador de uma escola acceita faltava-lhe o gosto, e a amenidade; e os jesuitas, vendo-se hostilisados com vigor, não pouparam esforços, nem libellos, para emmudecer o importuno accusador, que vinha perturbal-os na posse immemoriavel, que gosavam, de dirigir as consciencias e os entendimentos.

Os eruditos cruzaram as armas, e esgotaram a virulencia dos odios. Defensores, e aggressores, travados em lucta implacavel, de nada se esqueceram para sustentar a causa, que tinham jurado manter; e as razões, a par das injurias, voavam de parte a parte com azedume, servindo o véu do anonymo para esconder o rosto dos antagonistas, e soltar ainda mais a furia dos doutos.

A verdade de certo não soccorria a nenhum dos extremos; todos pelejavam nas trevas.

Verney, e os seus adeptos, a pretexto de expulsarem os monstros do Parnaso, apertavam o circulo da imitação a ponto, que não deixavam livres os commettimentos da phantasia.

Os continuadores do gongorismo, ameaçados, e receiosos, longe de cederem dos seus excessos, pagavam com mão prodiga as ironias e o soberbo desdem dos puritanos.

O pomo da discordia, rolando entre elles, cada vez os excitava mais, e raro era o dia, que não allumiava algum obscuro duello pedantesco, sempre terminado pela risada dos neutros, que assistiam a estas comicas pugnas dos deuses do Olympo.

Francisco José Freire (*Candido Lusitano*) militava nas fileiras dos reformadores; porém carecia dos dotes imaginativos, e do fino tacto que asseguram a victoria. Poeta de arte, e sem vocação, revelava nos versos martellados a sua erudição laboriosa, e ao mesmo tempo a sua invencivel repugnancia.

A prosa de Verney não parecia mais feliz.

Qualquer d'elles, com os melhores desejos, era incapaz de hastear a bandeira, rodeando-a de tropheus. Sectarios dos gregos e romanos, ensinavam as regras classicas, e apontavam os modelos admiraveis de Homero, Pindaro e Theocrito, de Horacio, Virgilio e Cicero; porém, apenas chegava a occasião de unir o exemplo ao preceito, o metro e a phrase rebeldes debaixo dos seus dedos atraiçoavam as suas lições, e a palma ficava nas mãos dos adversarios, menos instruidos, e mais auxiliados de prendas naturaes.

N'estas circumstancias, para o triumpho se inclinar a qualquer dos contendores, era indispensavel que engenhos sinceramente favorecidos pelo estro, se abraçassem com uma das bandeiras, e que a plebe dos metrificadores, confundida pelo talento e pela harmonia, fosse obrigada a reconhecer a sua inferioridade.

Foi o que succedeu. Preparada a reforma no cam-

po do raciocinio, não tardaram os sacerdotes do culto orthodoxo. Roma e Athenas tiveram quem as representasse.

A reconstrucção, que o marquez de Pombal emprehendia na esphera politica e economica, tentou-se nos dominios da arte, e um periodo, relativamente fecundo e bello, veiu completar por outro aspecto a obra do ministro omnipotente.

Dous magistrados, sobraçando a toga, e substituindo o gorro negro dos jurisconsultos pelos virentes louros de Apollo, metteram hombros á empreza, e levaram-a tão longe, quanto podia ser dado a uma doutrina, acanhada de vistas e timida nos movimentos.

Antonio Diniz da Cruz e Silva, e Manuel Nicolau Esteves Negrão, conceberam os estatutos da associação, que, traçada por elles, devia restituir ás letras patrias a pureza e o esplendor.

Homens de merecimento relevante e conhecido associaram-se ao seu pensamento, e nos ultimos dias de setembro de 1756, a Arcadia achava-se creada, com todas as officinas poeticas em acção, com o Ménalo povoado de rebanhos e de pastores, e com os certames dos seus Melibeus e Mopsus para lhe entreterem os ocios ou adoçarem as fadigas.

Era uma servil imitação da Arcadia romana, instituida no seculo XVII, sob os auspicios de Mario Crescimbeni, mas proveitosa, como ella. A constancia com que empenhou os cabedaes do seu engenho em guerrear os vicios e aberrações da falsa poesia foi coroada de exito, e applaudida.

Das suas ruinas veiu a nascer depois, e pouco tempo existiu, a nova Arcadia, d'onde Bocage, Semedo e José Agostinho saíram inimigos irreconciliaveis, não perdoando a si, nem á evidencia.

Antes, tinham vivido obscuros, e findaram esquecidos esses numerosos gremios, baptisados com os nomes de academias dos *generosos*, dos *instantaneos*, dos *singulares*, dos *occultos*, dos *anonymos* e dos *applicados*, nas quaes se adorou exclusivamente, como supremo numen, a insipidez!

(Continúa.)

L. A. Rebello da Silva.

EPHEMERIDES HISTORICAS.

OUTUBRO 17

1472 — Tomada de Barcelona por João II, rei de Aragão.

18

1217 — Tomada de Alcacer do Sal por D. Affonso II.

19

1660 — São suppliciados os juizes de Carlos I.
1789 — Primeira sessão da assembléa nacional em París.

20

1494 — Morte de J. Galeazzo Sforza, duque de Milão.

21

1244 — Tomam os serracenos Jerusalem aos cruzados.
1596 — Tratado de alliança entre a França e os estados de Hollanda.
1737 — Tomada de Nissa pelos turcos.

22

1792 — Grande sublevação no Cairo contra os francezes.
1647 — Os napolitanos rebellados nomeiam seu chefe Gennaro Annese.

23

1541 — Auto de fé em Lisboa, no qual figurou o celebre sapateiro Gonçalo Annes o *Bandarra*, natural de Trancozo, bastante conhecido pelas suas trovas.

24

1799 — Derrota dos austriacos em Bosco, pelo general Saint-Cyr.
996 — Morte de Hugo Capeto.

25

1654 — Tratado de alliança entre o dictador Cromwell e a França.
1495 — Morte de D. João II, rei de Portugal, sem duvida um dos mais excellentes que têem tido estes reinos.

26

1795 — Celebra a convenção nacional a sua ultima reunião em París.

27

1553 — Calvino manda queimar vivo, como hereje, Miguel Servet, d'onde se vê que tambem os protestantes tiveram os seus *autos de fé*.

28

312 — Constantino, á vista das muralhas de Roma, desbarata Maxencio.
1524 — Francisco I de França põe rigoroso cêrco á cidade de Milão.
1628 — Capitula a Rochella, capital do protestantismo em França, concluindo-se assim as guerras de religião n'este paiz.

29

1270 — Filippe o *Atrevido* é desbaratado pelos mussulmanos em frente de Tunis.

30

1830 — O actual imperador dos francezes intenta sublevar a guarnição de Strasburgo.
1768 — A Porta ottomana, estimulada constantemente pela Russia, declara guerra a esta ultima potencia.

31

1719 — Morte do celebre astronomo inglez Flamsteed.
1534 — Morte de Affonso I, duque de Ferrara.
1793 — São executados em París muitos membros da facção dos Girondinos.

Aquelles senhores que quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura terão a bondade de o declarar, quanto antes, em Lisboa aos distribuidores; e nas provincias, aos respectivos correspondentes, ou *por carta franca* dirigida ao editor, e acompanhada de uma ordem da importancia da assignatura.

Preços, por anno 1$300 rs., por semestre 700 rs., avulso 30 rs. Para as provincias (franco de porte) por anno 1$570 rs., por semestre 830 rs.

Assigna-se para o Panorama: em Lisboa, na livraria do editor, A. J. Fernandes Lopes, rua do Ouro, n.os 227 e 228, na do sr. Lavado, rua Augusta, n.º 8, e na do sr. C. J. Brabo.

ITALIA — CASERNA DE MONACO.

Monaco é, como todos sabem, uma pequena, e antiquissima, mas formosa cidade da Italia, que fórma só per si o principado do mesmo nome, de todos os estados da Europa o mais insignificante e inoffensivo, não mettendo em linha de conta a republica de Andorra, cá na nossa poetica peninsula.

Fica Monaco, em 5° 2' longitude, e 43° 48' de latitude, e assente em um rochedo que se prolonga para o mar, formando um porto seguro e amplo.

Com quanto o territorio d'este principado seja limitadissimo, produz em abundancia laranjas, limões, e generos cereaes de todas as especies, e de excellente qualidade. A sua flora é tambem de uma riqueza e variedade que maravilham, attenta a exiguidade do solo!

Bem edificada e limpa, o que não é vulgar na maxima parte das cidades italianas, não se cuide comtudo que em Monaco depara o viajante com esses antigos monumentos que aformoseiam e honram a terra do Lacio, convidando os forasteiros. Construcção bem notavel só achâmos que o seja a chamada *caserna*. É este vasto edificio situado na extremidade da cidade, do lado da Porta Nova, e serve de quartel para um corpo de tropas piemontezas na força de 500 praças.

N'outro tempo reputava-se esta caserna acastellada como uma fortaleza inexpugnavel. Ás suas muralhas se acolhiam os terriveis piratas monacenses que tripolando ligeiros baixeis, vogavam rapidos como o raio, do porto de Hercules sobre os navios mercantes que avistavam proximos á costa.

Desde a invenção da artilharia a caserna ou cidadella de Monaco não póde offerecer a quem quer que seja meio algum serio de defeza; pois que com effeito é dominada pela elevada serrania a que chamam *Cabeça de cão*, pertencente á Sardenha, e uma peça de mediano calibre ali collocada seria sufficiente para a arrazar em pouco tempo.

Depois de haver sido successivamente occupada pelos hespanhoes, depois pelos francezes, que foram por espaço de cento e sessenta annos os protectores do principado, a caserna de Monaco recebeu em 1815 algumas tropas inglezas aquarteladas anteriormente em Nice, que fica a pouco mais de duas leguas de distancia. A final aquellas tropas foram rendidas por duas companhias de um regimento anglo-italiano a soldo da Inglaterra; e ahi se conservaram até assignar-se o segundo tratado de Paris.

Um pouco abaixo da caserna está situado o passeio publico, magnifico repositorio de plantas tropicaes. D'este passeio disfructa-se um panorama delicioso.

POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA.

III.

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA,

NA ARCADIA — ELPINO NONACRIENSE.

1731 — 1779.

II.

Antonio Diniz da Cruz e Silva nasceu em Lisboa a 4 de julho de 1731, conforme consta do livro nono, folha 292 dos assentamentos de baptismo da freguezia de Santa Catharina do Monte Sinai.

Foram seus paes o sargento-mór João da Cruz Lisboa, e D. Eugenia Thereza, pessoas de sangue illustre, e boa origem.

Na congregação do oratorio, seminario de varões insignes em letras e virtudes, frequentou os estudos de humanidades, aprendendo a grammatica latina, e o philosophia, com applauso de seus mestres, e provas evidentes de talento.

N'esse tempo a casa do Espirito Santo encerrava homens doutos, dedicados á sciencia, e desapegados de abusões e preconceitos. Emulos dos padres da companhia de Jesus, sobresaíam pela pureza da doutrina, pelo desprezo das ambições mundanas, e pelo desinteresse, com que se dedicavam a formar discipulos instruidos, crentes, e estranhos aos enredos e beaterios, com que os socios de Santo Ignacio procuravam suster o edificio, já abalado, da sua preponderancia.

Não sei se os oratorianos se inclinavam um pouco ás maximas de Jansenius, tão mal vistas dos theologos jesuitas, e a instancias d'elles condemnadas pelos curiaes de Roma; mas póde affirmar-se, que no seu retiro, como os solitarios de Porto Real, eram exemplares nos costumes, veneraveis pelo saber, e modestos no exercicio das virtudes praticas.

Basta examinar a sua bibliotheca selecta, e comparar as obras dos seus escriptores, para se lhes conceder a palma, sem lisonja.

Despidos de fanatismo, severos sem fingidos escrupulos, e lealmente consagrados á educação da juventude, desde que principiaram a apparecer os congregados foram com motivo suspeitos e hostis aos seus rivaes de S. Roque.

Os homens e o instituto regiam-se por oppostas leis, e se a ambição e a opulencia desvairavam os ultimos, o agrado do soberano, e o elogio dos eruditos nunca desviaram os primeiros da sua risonha benevolencia, e da sua abstenção politica.

Em quanto a roupeta de Santo Ignacio varria os paços e as camaras dos poderosos, insinuando-se para ter o ouvido dos monarchas e dos ministros, o habito dos congregados fugia das seducções da grandeza, e refugiava-se d'ellas no asylo silencioso das livrarias e da meditação; por isso o golpe que prostrou os jesuitas deixou incolumes os padres do oratorio, que herdaram, sem a pedir, e por direito incontestado, parte da influencia, que o confissionario e o pulpito tinham grangeado aos missionarios da Asia e da America.

Estudando com mestres, firmes nas verdades da religião, mas isentos de superstições, e contrarios a subterfugios casuisticos, Antonio Diniz bebeu no seu ensino as theorias illustradas, e as opiniões imparciaes, que as suas obras depois reproduziram. Algumas das reflexões satyricas do *Hyssope* lembram mais de uma vez a aversão dos congregados ás pias fraudes, com que os solipsistas e mendicantes costumavam especular, zombando sem remorso dos credulos e beatos.

Approvado nos preparatorios com satisfação dos professores, o poeta passou a cursar as aulas superiores, matriculando-se na universidade de Coimbra, aonde seguiu as lições de lentes respeitaveis desde 1747 até 1753, em que fez a sua formatura em leis, saíndo estimado dos condiscipulos, e bemquisto dos seus mestres.

De certo, ás informações que obteve é que deveu o prompto despacho, com que entrou na carreira juridica, sendo já secretario de estado Sebastião José de Carvalho, mas correndo as mercês ainda pelas mãos de Pedro da Motta, velho caduco, e quasi invisivel, que da sua cama, e com a cabeça mettida no seu barrete de folhos, continuava no reinado de D. José I a privança, que alcançára nos ultimos annos de D. João V, graças a seu irmão o cardeal da Motta.

Diniz unia aos conhecimentos da sua profissão, e á integridade de caracter, maneiras muito insinuantes, uma veia jovial e quasi inexgotavel, e grande felicidade de citações opportunas.

Dotado de memoria facil, versado nas letras antigas e nas obras da escola franceza, applicava com discernimento a sua erudição, e sabia inclinar as conversações familiares de modo que as suas prendas não ficassem escurecidas.

As tradições que nos restam d'elle pintam-o como sendo absolutamente o opposto da rigidez taciturna e cabeçuda da velha raça desembargatoria. Os autos, por mais aridos, nunca seccaram a alegria quasi petulante da sua crítica, talvez um pouco mordaz, nem murcharam o verdor da sua phantasia arrebatada. Soube ser bom juiz e bom poeta ao mesmo tempo. Quem ganhou com esta agudeza e primor do espirito foram as letras, e a fortuna pessoal do poeta.

Admittido aos serões privilegiados do marquez de Pombal, arbitro do governo, descobriu o modo de lhe captar a benevolencia, e com os annos conseguiu introduzir-se na sua amizade.

Os dias de festa do ministro eram dias de inspiração para o auctor do *Hyssope*. A sua musa, docil e complacente, esfolhou as rosas de Anacreonte, e embocou a tuba heroica, cantando em nome da posteridade os louvores do restaurador de Lisboa, e os jubilos da sua intimidade.

Mais feliz do que o Quita, ou mais flexivel, (apesar de tudo quem sabe!) as odes, e os sonetos aulicos não foram perdidos. Celebrando natalicios e epithalamios, attrahia, com os sorrisos do marquez, os premios e as mercês; e na velhice, olhando para a toga e para a lyra é de crer que o grave magistrado não pudesse dizer bem a qual d'ellas devia mais!

Em quanto a austeridade espartana do Garção o arrastava das estreitezas da indigencia para a humida escuridão dos carceres; em quanto as eclogas e idyllios do Quita, em recompensa de servis adulações apenas obtinham promessas não cumpridas, a musa de Elpino, ditosa e elogiada, brilhava, coroada de favores, e quasi que não formava um desejo, que não fosse logo satisfeito!

A protecção do valido d'el-rei D. José desviou-lhe os emulos, obrigou as inimisades a calarem-se, e aplanou-lhe todos os caminhos.

Nomeado juiz de fóra de Castello de Vide é natural, que n'este logar de primeira instancia concluisse o triennio costumado, passando a servir, depois, o emprego de auditor em um dos regimentos d'infanteria, pertencentes á guarnição da praça de Elvas.

N'esta cidade, para entreter as horas de descanso,

e ao mesmo passo para largar as redeas á jovialidade satyrica, é que Diniz tentou a composição do seu poema heroi-comico, o *Hyssope*, imitando em livres traços, e com galas proprias a *Estante do Córo* (Lutrin) de Boileau, e o *Balde roubado* (Secchia rapita) de Tassoni.

Uma scena digna da risada dos deuses de Homero ministrou-lhe o assumpto.

O deão da Igreja de Elvas, José Carlos de Lara, depois de ter vindo offerecer o bento hyssope ao bispo D. Lourenço de Lencastre, á porta da casa do cabido, arrependeu-se, e esbulhou o prelado d'este feudo reverente, esfriando a amizade que os ligava.

D. Lourenço não supportou de bom grado a suspensão da honraria canonical, e tomando-a por affronta, machinou com alguns parciaes obrigar o Lara a continuar-lhe o obsequio, reputado já por elle como de posse episcopal.

Fulminou-se entre todos um accordão, e sob pena de pezada multa foi o deão compellido a obedecer ao orgulho do seu pastor; e debalde appellou da injusta decisão, porque não foi provido, e só nos dias de seu successor e sobrinho Ignacio Joaquim Alberto de Mattos é que o abuso teve termo.

Elpino aproveitou-se habilmente da tela, que se lhe offerecia; e o seu pincel, correndo por ella solto, deu a immortalidade do ridiculo, não só aos dous contendores, mas a diversas figuras secundarias, que de boa mente a dispensariam.

É de suppor que o poeta recatasse a obra, e a escondesse dos olhos das victimas, que, assim retratadas do natural, não deviam perdoar a injuria: mas tambem não póde negar-se, que os versos foram lidos a alguns intimos, que as copias se divulgaram, e que o vaidoso prelado, e os zurzidos accessores penaram algumas horas pessimas, lendo ou ouvindo ler, os cantos d'aquelle fatal libello, ao qual o chiste, a invenção, e a belleza asseguravam longo e perpetuo applauso.

Imagine-se o effeito d'esta revelação com o caracter do bispo, vasio de idéas, abafado em gordura, e empavonado em fidalguias e vaidades pueris!

Algum bom anjo o salvou da apoplexia fulminante!

Irado e convulso jurou ali mesmo renovar contra o Diniz a perseguição, com que humilhára o Lara; mas d'esta vez a tarefa tornava-se mais ardua, porque os accordãos do cabido caíriam aos pés do malicioso auditor, imbelles, quaes raios frios.

Para a vingança corresponder ao ultrage, o meio unico era accusar o magistrado perante a côrte, e punil-o com uma demissão repentina, que lhe cortasse a carreira por uma vez.

Não ha almas tão ferinas como as almas dos devotos. Boileau o disse, e a experiencia o confirma! Impando de odio, sua ex.ª ordenou que as anafadas mulas episcopaes fossem jungidas á carruagem de brazão, e com o maior segredo ácerca do objecto da jornada, poz-se a caminho para Lisboa.

Teve o Diniz algum rebate da cilada, ou descuidado viu accumular a tormenta sem a perceber? Ignora-se.

O que é certo é que o bispo apenas chegou á capital, e beijou a mão a el-rei, procurou immediatamente o marquez de Pombal, e em uma audiencia secreta, que lhe requereu, expoz as razões da sua queixa, exagerando a offensa, e regalando o delinquente com os epithetos de plebeu atrevido, de impio desaforado, e outros mil, que o odio e a sua curta capacidade lhe inspiravam.

Sebastião José de Carvalho, que vemos de longe atravez dos patibulos da praça de Belem, e dos rigores de um ministerio inexoravel, na sua vida particular era homem de humano e aprazivel trato, amigo de se divertir sem desdouro do seu cargo, e pouco affecto a hypocritas e a fidalgos idiotas.

A presença baixa e redonda do bispo, as suas vozes atassalhadas pela obesidade e pela preguiça, e mais que tudo a qualidade do delicto, preveniram-o a favor do inculpado auditor.

A pintura tosca do poema, feita pelo prelado, e as notas, em que elle maldizia do sal picante do seu Aristarcho, fizeram desejar ao ministro a leitura da satyra; e acostumado a não se constranger, nem com os illustres e poderosos, traçou logo na idéa uma scena, digna pela irrisão de emparelhar com o assumpto do *Hyssope*. «Póde v. ex.ª retirar-se tranquillo, disse elle ao gordo bispo, ainda assanhado nas côres da ira, e deitando-lhe a historica luneta. S. Magestade examinará o caso, e dará as providencias. Demore-se alguns dias na côrte, e assistirá ao desaggravo.»

Pronunciadas estas palavras, com toda a solemnidade, e despedido o bispo com summa cortezia, tratou Sebastião José de Carvalho de lhe proporcionar a reparação, ou antes a promettida lição.

Um aviso da secretaria de estado, com a clausula de urgentissimo, foi expedido a Antonio Diniz, mandando-o comparecer na côrte dentro de poucos dias, e prescrevendo-lhe que se acompanhasse de todas as suas obras metricas.

Só então suspeitou o poeta a causa da jornada do bispo, e principiou a receiar, que o seu valimento com o marquez não fosse sufficiente para o eximir das consequencias desagradaveis de uma satyra cruel, indiscretamente propalada.

Entretanto, estava feito o mal; e não havia remedio senão obedecer.

Saíu de Elvas, e sem demora apresentou-se em Lisboa, aonde pouco depois recebeu ordem para em certo dia, de manhã, estar em casa do ministro, não se esquecendo de levar comsigo o poema, verdadeiro corpo de delicto da offensa.

Assim que entrou na sala o Diniz sobresaltou-se. Diante d'elle, respirando rancor e ufania, achava-se a roliça pessoa de sua ex.ª, sentado ao lado do marquez! Sebastião José de Carvalho carregou o semblante, e meneou a luneta. O seu aspecto, composto para a ceremonia, parecia annunciar ao auctor do *Hyssope* uma d'aquellas correcções despoticas, tão usuaes no seu governo.

«Queira tomar uma cadeira, e ouvir, com o respeito devido, o que sua ex.ª tem a dizer!» observou o ministro, depois de curta pausa.

Voltando-se depois para o prelado, accrescentou: «Queira v. ex.ª fallar!»

Quem não cabia em si de jubilo era o bispo. Tomando a mão, castigou com os olhos, com as palavras, e com o gesto a ousadia do seu detractor, e só deu por findo o arrezoado inepto, quando a respiração se lhe cortou, e as bochechas abrazadas pareciam estalar. «Muito bem! acudiu o marquez. Agora, que já ouvi a v. ex.ª, pede a justiça, que passemos ao corpo de delicto; são as ordens de el-rei, meu amo e meu senhor. Aonde está o seu poema?»

«Senhor!...» murmurou o poeta encolhendo-se. «Tenha a bondade de ler!» continuou o ministro. «Diante de sua ex.ª?!..» balbuciou o Diniz cada vez mais assombrado.

«Leia!» repetiu Sebastião José de Carvalho com ar severo; sua ex.ª é um ministro de Deus, e deseja

ter motivos para mostrar a sua caridade. Ouçâmos esses atrevimentos, com que vm.ce, pelo que me consta, e o sr. bispo affirma, não receiou offender a Deus...»

O Diniz era poeta, e era malicioso; via-se em arriscado lance, e conheceu que não podia salvar-se senão fazendo rir o marquez.

Demais, os seus olhos, passando da physionomia cholerica do bispo para a physionomia do ministro, tinham colhido alguma esperança. Portanto, resignou-se, tirou do bolso o caderno dos versos, saudou os dous illustres ouvintes, e em voz firme, carregando e alliviando as inflexões, segundo o sentido requeria, começou a leitura.

Sebastião José de Carvalho achava-se collocado de modo, que tinha o desgraçado bispo debaixo do fogo mortifero da sua luneta; era impossivel escapar-lhe a menor visagem, a mais leve mudança de côr nas apimentadas e nedeas faces de sua ex.ª.

Houve alguns instantes de calmaria. O poeta recitava a invocação; e o prelado, atado ao poste de martyrio, colligia as suas forças para figurar heroicamente, comprazendo-se no seu interior com o benigno pensamento, de que o castigo de tão desgrenhada satyra seria pelo menos um degredo para as Pedras Negras.

O marquez escutava, medindo ás vezes o perseguidor com a luneta em riste, e espreitando sempre a victima com disfarce por baixo das palpebras.

Mas o canto II ía acabando, e o III principiava.

Todas as furias do orgulho, da vaidade, e da desesperação, se desencadearam no peito de sua ex.ª. Parecia estar assentado sobre brazas, tantos eram os pulos, com que ía acompanhando cada verso, cada escarneo, cada ultrage.

O suor escorria-lhe em bagas da testa e das roscas das tres barbas; as mãos, á falta de emprego, convulsas arranhavam as roupas talares, ou arremettiam contra o solideo, innocente n'aquelle desacato metrico...

De espaço a espaço, quando a imagem era mais felina, ou a allusão mais cortante, uma especie de bramido rouco e surdo arquejava-lhe no peito, e vinha expirar nas dobras oleosas da bôca, ao passo, que levantando meio corpo, dava a entender, que a indignação o arrebatava, e que a deshonestidade d'aquellas mofas eram superiores á sua forçada longanimidade! «Veja v. ex.ª! Veja!» exclama com a voz estrangulada de raiva, e uma face livida, e a outra a arder, em quanto os olhos, como dous punhaes, queriam varar o coração do poeta.

Quando o accesso chegava a este auge, o ministro, frio e sereno sempre, acenava-lhe com a mão que se tranquillisasse, assestava-lhe a luneta mais de alto, e franzindo os labios nos cantos, reprimia a todo o custo o riso solapado, prestes a estalar.

Durou esta incrivel comedia até ao VI canto. Ahi a paciencia do bispo, e a seriedade do marquez naufragaram ao mesmo tempo. Foi uma explosão!

A descripção dos agouros da sua sesta, e a pintura da insolente citação do bom Gonçalves, afeiadas pelo ridiculo de que as ungíra o poeta, acabaram de transtornar a cabeça ao bispo, que se poz em pé repentinamente, como se occulta mola o fizesse saltar, estendendo o braço ameaçador, e rangendo os dentes.

O ministro abysmou a gravidade n'uma gargalhada immensa, capaz de enlouquecer a victima, se ella tivesse ainda siso que perder.

O poeta, que sem atinar porque, se levantára tambem, lia no meio das contorções, e dos arrancos da ira episcopal estes versos maliciosos, que redobravam a hilaridade do marquez:

Finalmente, ao montar á carruagem,
Batendo um grão bisouro as negras azas
Com horrendo stridor lhe açouta as ventas;
E um pardal lhe estercou no tejadilho.

Não podia ir mais por diante a scena sem degenerar de todo em farça!

Sebastião José de Carvalho viu que era tempo de lhe pôr termo. Recobrando-se do accesso jovial, e firmando a luneta, voltou-se para o bispo, e com toda a solemnidade da sua magestosa presença, disse-lhe: «Tenho formado o meu conceito. Não tomarei mais tempo precioso a v. ex.ª... Este poema... esta satyra... é na realidade notavel, e posso assegurar-lhe, que o seu auctor não torna a Elvas, nem ha de ficar no reino.»

O Diniz escutou a sentença sem temor, porque a ironia era transparente.

O prelado multiplicou as cortezias e as baixezas, porque imaginou que tinha comprado a ruina do seu detractor a preço de duas horas de supplicio.

Depois de o ver sair, o marquez de Pombal, levantando a viseira de subito, e com ar de riso virou-se para o auditor, que aguardava silencioso, e accrescentou: «Então que é isto, sr. Diniz? Tomou odio á cidade de Elvas?... Pois bem, veremos se lhe acho algum logar mais alto para o mudar de ares... Não quero que s. ex.ª diga, que el-rei, meu senhor, desattende as mitras... Vá para sua casa, e espere, que lá receberá as ordens de sua magestade.»

O Diniz foi. Passados dias entregaram-lhe em mão propria o despacho de desembargador para a relação do Rio de Janeiro!

Peço venia aos leitores por esta larga digressão; mas entendo que ella não será de todo inutil para o esboço da epocha, e como anecdota litteraria cabe na parte biographica de um estudo de alguma extensão.

Colhi-a da bôca de meu pae, e não é sem grande saudade que a reproduzo, com menos viveza e côr do que elle, porque ninguem narrava com mais graça e animação uma historia contemporanea, ou uma tradição mais ou menos remota.

Se não me engano, a scena do bispo, do ministro e do poeta, foi-lhe descripta por José de Seabra da Silva, e todos sabem que o velho secretario de estado de el-rei D. José e da rainha D. Maria I era um dos nossos mais espirituosos e finos conversadores, conceda-se-nos o uso da palavra! Essa escola de homens, sabios, probos e agradaveis na intimidade domestica, quasi que finalisou sem deixar herdeiros. Não me lembro hoje senão de um ancião, a todos os respeitos veneravel, que a represente, é o sr. marquez de Rezende.

Ajuntei estas linhas para que não se acreditasse, que certa inclinação ao romance me tinha attrahido, e que o desejo de desenhar tres figuras em acção me fizera esquecer as leis da veracidade.

Procuro separar os generos; e se me abalancei a metter aqui um episodio, bastante longo, tenho o exemplo de Villemain, e de bons auctores para me desculpar. A anecdota litteraria não é deformidade em um ensaio d'este genero; e ás vezes diz mais sobre as cousas, e sobre os homens, do que prolixas considerações e volumosas críticas. Estou muito longe dos mestres, mas seguil-os, como posso, é o meu empenho.

(Continúa.)

L. A. Rebello da Silva.

O OPIO NO DICCIONARIO POLITICO (1).

Graças á Inglaterra, esta palavra, que não devia figurar senão em obras de therapeutica, se acha naturalmente n'aquelle diccionario. Com effeito, uma droga medicinal tornou-se nas mãos dos negociantes inglezes em alavanca politica.

Offerece tal interesse o artigo, que a este respeito escreveu no diccionario politico de G. Pagès mr. Frederic Lacroix, que para aqui o reproduziremos todo.

O opio considerado como veneno é hoje meio de conquista. A historia archivará este facto, como um phenomeno unico nos fastos do genero humano.

A companhia das Indias orientaes se havia lembrado, ha bons quarenta annos, que os chinezes eram o povo mais voluptuoso da terra, e que se iam principiando a entregar ao uso do opio. Por outra parte sabia que certas porções do seu territorio eram proprias á dormideira, d'onde se extrahe este succo venenoso. A cultura do opio foi immediatamente submettida ao monopolio, e as exportações que se fizeram da India para a China, foram coroadas pelo exito que se tinha calculado.

O governo de Pekin, que percebeu os estragos que esta droga funesta fazia nos seus subditos, tratou de prohibir-lhes o uso e a venda. Foi desde então que se estabeleceu activissimo contrabando no rio de Cantão, e sobre muitos pontos do littóral da China. Fizeram-se cumplices dos inglezes, n'aquelle trafico illicito, os chinezes, cuja propensão para o narcotico era excitada pela perseguição. Subiu o consumo a tal ponto, que ao cabo de vinte annos era já dez vezes maior a cifra das vendas.

Não podia deixar de ser duplicadamente desastroso para o imperio chinez este estado de cousas. Em primeiro logar as transacções do opio faziam-se em dinheiro de contado, do que resultava uma perda annual de perto de cem milhões de francos em numerario e barras de ouro ou prata, que passavam para os cofres dos negociantes inglezes e da companhia; de fórma que a China devia, passados poucos annos, achar-se totalmente privada de riquezas metallicas. Depois, e esta consideração era não menos poderosa, o uso crescente do opio derramava a desmoralisação em todas as classes da sociedade chineza, e augmentava n'uma proporção formidavel o numero dos obitos annuaes.

Em vista da quantidade de opio importado, do pezo de cada caixa, do maximo do que o mais acerrimo fumante póde consumir por dia, e do tempo medio do envenenamento, é facil apreciar aproximativamente o numero de individuos annualmente desmoralisados e assassinados. Os algarismos que se seguem, colhidos nos dados officiaes, são, a nosso ver, assás curiosos, para que não figurassem n'esta noticia.

A caixa d'opio peza, termo medio, 100 cattes, ou 61 kilogrammas.

Em 1836 e 1837 foi a importação de 34:000 caixas, quer dizer 2.074:000 kilogrammas.

O maximo do que póde consumir quotidianamente o maior fumante d'opio, é de 3 a 6 drachmas inglezas (12 a 24 grammas) ou, termo medio, 4 drachmas e meia (18 grammas) que, multiplicadas por trinta dias, dão 6:570 grammas, ou 12 kilogrammas e meio por anno.

(1) Veja-se sobre o *opio* o vol. III da 1.ª serie d'este semanario, a pag. 48, e o vol. II da 2.ª serie, (7.ª da collecção) a pag. 248.

Se se dividirem 2.074:000 kilogrammas, somma da importação, por 12 kilogrammas e meio, maximo do consumo individual, obter-se-ha o numero de pessoas envenenadas annualmente; anda este numero por 319:077. Ora como o opio se póde fumar pelo menos duas vezes, passando sempre do cachimbo dos ricos para os dos criados e dos pobres, é mister dobrar aquella somma, e teremos então por anno 638:154 pessoas arruinadas, financeira, moral e physicamente.

Devem-se accrescentar mil caixas de opio tureo, que representam 61:000 kilogrammas. Repetindo os mesmos calculos, acham-se mais 18:768 pessoas envenenadas por anno. Total 656:922 individuos.

O tempo medio do envenenamento para aquelles que não fazem demasiado abuso do opio, é de dez annos (os fumantes ficam desmoralisados e mortos intellectualmente muito antes dos dez annos, mas trata-se aqui da destruição physica). Portanto, suppondo que o consumo do opio não augmenta com o andar do tempo, ao cabo de dez annos, partindo de 1837, haverá na China 656:922 individuos mortos annualmente por esta substancia.

Se se reflectir agora que este vicio terrivel está principalmente generalisado no exercito, na classe mais illustrada, e entre os altos funccionarios, poder-se-ha fazer idéa das suas consequencias para o imperio da China.

Acreditar que a Inglaterra não viu n'este estado de cousas senão grandes vantagens commerciaes para os seus, para as suas possessões na India, e para si propria, seria dar prova de grande simplicidade, e ignorar completamente a natureza do caracter britannico.

De feito, n'esta questão tomou-se mais em consideração o lado politico, que o commercial. Quem ignora que é uma condição de existencia para a Grã-Bretanha descobrir, sem cessar, novas saídas para os seus productos? Ora a China, com os thesouros naturaes que possue, com aquella variedade de climas e de producções que por lá tem, com os seus grandes centros de população e genio industrioso, e em fim, com a extensão do seu littoral, é o paiz que mais devia tentar a cobiça ambiciosa dos fornecedores do mundo. Como, porém, agarrar esta preza? Á força d'armas? Tal expediente seria ruinoso, e não sem perigo. É mais seguro e mais commodo desmoralisar préviamente o povo chinez, e embrutecel-o a ponto de não poder resistir. Comprehende-se agora como o opio nas mãos dos inglezes se transformou em elemento politico.

Os chinezes, aterrados com os progressos da desmoralisação e despovoação do imperio, justamente desconfiados do partido que os inglezes poderiam tirar algum dia d'este desfallecimento continuo, pretenderam cortar o mal pela raiz. Prohibiram a venda fraudulenta e o uso do opio, sob penas espantosas. Quasi ao mesmo tempo os inglezes, que tinham provocado de toda a sorte o resentimento do imperador, foram expulsos do territorio chinez. Era muito boa occasião para que os agentes britannicos a deixassem perder. Combinaram os acontecimentos de maneira que fizessem nascer um conflicto desgraçado, d'onde se originou uma guerra seria entre a Inglaterra e a China. Viu-se n'esta lucta odiosa uma nação civilisada reivindicar pelas armas o direito de envenenar um povo de duzentos milhões d'almas.

Os vencedores têem bastante tacto e prudencia para não precipitarem as consequencias de tão longo empenho. No primeiro momento favoravel, será o

opio que haja de transplantar, de futuro, o poder britannico para a China.

L.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO VERDE (1).

O passa-pau: não haverá meio de o acabar? — Um pacto iniquo. — O colloquio. — Dous encontros. — É bom prever o futuro. — Uma sangria entre os papeis. — A anciedade e as dores. — Os Knockings africanos, ou uma scena de magnetismo. — A predicção.

VIII.

A desgraçada Kadé, no entanto, lá estava soffrendo o terrivel castigo do *passa-pau*, que se applica da maneira seguinte: despe-se o paciente, que se prende a um pau de pilão que lhe conserva as pernas abertas e o impossibilita de voltar-se ou de moverse, e depois deitam-no de bruços, e alguns negros vigorosos armados com o chicote de duas ou de tres pernas, dão-lhe o numero de açoutes que a paixão e a colera ditaram como sentença. Foi d'aqui que essa punição cruel passou para Cabo Verde, onde não sei porque ainda o governo a consente, e não a tem prohibido com rigorosas penas.

— Fallar-lhe-hei com franqueza, é esse um objecto que por mais d'uma vez tem chamado as minhas attenções, ainda que bem póde suppor que nunca o vi praticar; mas pela descripção que d'elle me tem feito algumas pessoas que por vezes o presenciaram, ou que mesmo o tem ordenado, é uma vergonha que se pratique n'um paiz christão, já não direi tanto pelo castigo em si, como pelas circumstancias que o acompanham. Aquella nudez (2), aquella posição humilhante da victima, e que é mais propria d'um animal do que de um ente, cuja configuração é a mesma que a nossa, pois sómente a côr o distingue do seu perseguidor e dos seus algozes, tem muito de vilipendiosa para o homem, e é inteiramente indigna de um christão. E depois, quantas vezes não será um ciume irreflectido e injusto, que leve uma pobre escrava áquelle supplicio? quantas vezes não será um meio infame de vencer justas e honrosas repugnancias, que irritam a lubricidade de um senhor devasso? Basta a possibilidade d'isso para que eu tivesse, como deixo dito, pensado mais d'uma vez no modo de lhe pôr côbro. Comtudo nem o tenho feito, nem mesmo sei se poderei fazel-o. Vou dizer-lhe porque.

Não se póde negar que os escravos commettem faltas que carecem de correcção, e outras mesmo que exigem um castigo severo. A prohibição do *passa-pau*, ou daria em resultado ser desobedecida, ou illudida, com mais ou menos habilidade; em ambos os quaes casos a auctoridade moral do governo ficaria gravemente compromettida; talvez tambem produziria nos negros a idéa da impunidade, e apoz ella a de que eram temidos; e eu não me atrevo a incorrer na responsabilidade dos crimes, e até dos graves acontecimentos contra a ordem publica que d'ahi resultariam n'um paiz quasi desprovido de força militar como é Cabo Verde, não só nas ilhas que tem apenas um destacamento de 7 ou 8 soldados, como até nas da Boa Vista e Santiago, onde essa força chega a ser 8 ou 10 vezes maior.

— Peço perdão se abuso da largueza que me dá para fallar-lhe d'estas cousas; mas parece-me que me mostraria pouco digno da confiança, de que me dá uma prova tamanha, se não lhe dissesse com franqueza os meus sentimentos; e por outra parte receio offendel-o dizendo tudo o que penso, e como o penso; e assim não sei o que deva fazer, se fallar, se calar-me.

— Falle, falle, diga o que sente com a certeza de que me não escandaliso; é mesmo com estas conversações assim que tenho aprendido muitas cousas. Quem sabe se o que me vae dizer não será motivo para que eu vença as minhas hesitações, e que ache nas suas palavras a solução do problema que ha tantos mezes debalde procuro! Faz-me até muito favor em dizer o que pensa.

— A mim parece-me que isso que disse não é razão que auctorise a inacção do governo, inacção que deve envergonhal-o, e que até não acho que se combine muito com as idéas que por vezes me tem exposto; e outras que já aqui constavam. Eu convenho que em Guiné uma ordem do sr. governador para acabarem os castigos particulares não teria execução por muitas razões que é desnecessario referir, porque as conhece muito bem; mas não acontece o mesmo no archipelago, onde a acção do governo é mais forte, mais rapida e mais segura, por isso que lhe não faltam os meios de se fazer obedecido. Podia, em primeiro logar, estabelecer que os açoutes, como castigo mais pezado, que por essa razão só se deve applicar em casos mais graves, deveria ser dado em publico por agente do governo, a quem os senhores dos escravos pagassem um tanto; ficando-lhe a estes sómente o direito de applicarem castigos correccionaes por pequenas faltas, como palmatoadas, ou outros similhantes castigos. Podia em segundo logar auctorisar-se os escravos para se irem queixar dos senhores, quando infringissem aquella ordem, ao administrador do concelho; e provada que fosse a desobediencia do senhor, punil-o a elle severamente. Por este meio evitavam-se os dous perigos de que se receia tanto. Os escravos sendo expectadores dos castigos que se applicavam a seus companheiros nem se julgariam auctorisados a fazer impunemente a seus senhores tudo quanto lhes viesse á cabeça, nem tão pouco chegariam a adquirir a idéa de que se tinha medo d'elles, e não se tornariam insolentes, nem temiveis para a paz publica; e os senhores tambem não se atreveriam a illudir as ordens do governo.

— Está enganado. Isso que acaba de dizer-me já me lembrou, foi até a primeira cousa que me occorreu; porque já estive no Rio de Janeiro, desde 1828 até fins de 1833, e vi que ali se davam os castigos de açoutes por intervenção da policia. Ao principio, segundo me parece que ouvi dizer, no largo do Capim, e depois do estabelecimento do governo constitucional, no castello; ao menos, e d'isso me lembro muito bem, no tempo em que lá estive, esses castigos era n'este ultimo logar que se davam em virtude de um bilhete da policia, que o senhor alcançava mediante a sua declaração. Vinha portanto a auctoridade publica a ser o executor dos caprichos, ou da paixão do senhor, porque era elle que arbitrava o numero dos açoutes que se deviam dar ao seu escravo. Esse papel julgo-o ou muito abaixo da dignidade do governo, que executa as leis do paiz em beneficio da communidade, mas que se avilta quando desce a ser executor dos caprichos de um particular, e n'um interesse individual.

Quereria que interviesse um processo previo á ap-

(1) Continuado de pag. 175 do presente volume.

(2) Em Cabo Verde a nudez não é tal, que o paciente fique inteiramente descomposto; mas é bastante para merecer algum reparo, porque offende o pudor.

plicação do castigo? quem havia de ser o juiz? qual o codigo ou a lei por onde se devia regular o processo e o julgamento? que papel havia de fazer ahi o senhor? era o accusador? o escravo era o réu? teria de ficar forro para comparecer em juizo? teria de continuar a ser escravo, faltando-se assim a todos os principios que exigem uma inteira e perfeita igualdade e goso de direitos entre os licitantes? inquirir-se-iam testemunhas? Veja que multidão de questões a resolver, e sem o poderem ser, porque o governador não tem para isso poder.

Se se fizer obra só pela declaração do senhor, estamos no mesmo caso vergonhoso que entendo que se deve evitar por honra da auctoridade publica. Se se formar uma tabella de faltas com o numero correspondente de açoutes, caímos n'um outro perigo; ou se ha de dar uma latitude discricionaria a quem quer que haja de applicar a pena ao delicto, porque muitos casos estarão omissos; e seria esse poder discricionario o estabelecimento d'uma dictadura de sangue contra infelizes dignos de dó, ou ha de haver a impunidade para muitos factos, impunidade que importa um grave prejuizo para a boa ordem e policia domestica, pois se tirará com ella ao senhor a força moral de que necessita em presença de seus escravos. Mas ainda ha outro perigo, que não reputo de menor importancia, e pelo contrario me inclino a crer que é de muito maior importancia; quem é que havia de ter em conta as circumstancias que aggravaram, ou que attenuaram o delicto, visto que a tabella não se podia fazer cargo d'ellas?

Tambem sou contra esta especie de castigos em publico, porque me parece que tornam os costumes mais ferozes pelo aspecto do sangue, quando o interesse de um bom governo é que elles se tornem doces e benignos sem degenerarem em molleza e effeminação; e porque podem crear a indifferença pelo soffrimento, o que muito aproxima o homem do bruto, para que, mesmo por esse lado, não existisse uma repugnancia invencivel no meu animo. Isto pelo que respeita á primeira parte das suas observações.

Se considero as outras, vejo n'essa auctorisação aos escravos para se queixarem de seus senhores uma inutilidade, ou um grande perigo. Uma inutilidade, porque essa auctorisação é de direito natural, e de direito escripto, e em ambos os casos a declaração não é necessaria por dar-lhes só o que já tem, e de que mais d'uma vez tem usado. Verdade é que quasi sempre em desvantagem sua, por culpa das auctoridades locaes, culpa que nem é possivel prevenir, nem facil de punir por muitas causas, entre as quaes não é a menor a legislação viciosa que temos; mas isso mesmo prova mais contra a declaração. Um grande perigo, porque se ella quer dizer mais do que parece n'esse caso é a organisação de um systema d'espionagem e d'oppressão insupportaveis por irem devassar o lar domestico: ora eu nunca adoptarei um tal systema, e sem elle a nova concessão tornaria peior a condição do escravo; pois a quem se havia de accreditar, quando o escravo affirmasse, e o senhor negasse? bem se sabe que o direito de queixa não se havia de restringir só ao passa-pau, mas a outro qualquer castigo em que o senhor se excedesse! Se se acceitasse a declaração do escravo, como prova provada, ou a negativa do senhor, seria isso a inversão de todas as regras da justiça; se não se acceitasse nem uma, nem outra sem a prova testemunhal, o perigo não era menor. Quem havia de depor? Os outros escravos? e porque não tambem os homens livres? e n'uma contradicção entre os depoimentos de uns e de outros, o que se havia de fazer? qualquer que fosse o arbitrio podia seguir-se a injustiça: e sendo escravos só os depoentes, nem assim se fugia a ella, pois que o prejuizo podia existir, quer a favor do negro, por espirito de classe e por odio ao senhor, ou pelo receio das vinganças d'este contra aquelle; ou por malquerenças dos outros escravos contra elle. E não se diga que um exame no corpo do escravo podia habilitar a justiça a decidir, pois sabe tambem como eu, ou melhor, que o corpo d'um negro, passadas algumas horas, já não mostra vergões, nem signaes alguns, que n'um branco são evidentes ainda passados alguns dias.

O que se tirava pois era um devassamento dos segredos de familia, que podiam algumas vezes trazer comsigo rixas e inimisades de muitos annos com prejuizo da paz e da moralidade publica, e sem nenhuma vantagem para os individuos d'essa infeliz classe, os escravos.

— Agora reconheço que tem examinado a questão por o seu lado pratico, e que mostra que lhe tem merecido verdadeiros cuidados; pois é esse o ultimo lado por onde se examina uma questão, e que as mais das vezes até deixa de o ser. Mas não ha de ter remedio um mal tamanho?

— Póde, e ha de tel-o, mas não por esses meios abruptos com que agora é moda querer abafar as questões, que por isso se complicam e aggravam mais. A mim tinha-me esquecido tocar uma especie, que aliás me suscitaram as suas reflexões; e portanto agora só lhe direi, que os obstaculos que reconhece existirem em Guiné, já com relação ás distancias, já com relação aos funccionarios, não são menores, pelo contrario, são iguaes aos que se dão aqui. Entenda-me como quizer. Os escravos têem por si a lei, que prohibe aos senhores dar-lhes castigos superiores aos que dariam a creados de condição livre, sendo punidos no caso contrario. Por ora é o que basta, porque sabendo a auctoridade que essa lei foi infringida, vae inquirir, e procede como é de direito (1), da mesma sorte que se tratasse d'uma pessoa de condição livre. Existem abusos é verdade; mas quem póde ter a pretenção de querer destruir todos os abusos? quem é que á conta d'isso ousará estabelecer um infame systema de delação no interior dos familias? A administração tambem deve ter o seu pudor; e muito mais quando não póde punir certos crimes senão com o emprego de meios tyrannicos e indignos. A reforma radical ha de conseguir-se quando a metropole se convencer de que só por meio da religião póde completar a civilisação d'estes povos, que barbara e irreflectidamente interrompeu; e isso não póde tardar, a não suppormos que Portugal enlouqueceu, e que o seu governo ignora o que deve aos institutos religiosos, mesmo na especialidade que nos tem occupado.

Mas, agora me lembro, que nos temos alongado muito da nossa historia: poderiamos tornar a entrar n'ella?

— É mesmo o que eu ia fazer. Dous vigorosos e membrudos negros descarregavam alternativamente seus golpes sobre Kadé, lançada de bruços no chão, e que atroava os ares com seus gritos. Umas vezes chamava a Ondotó que lhe accudisse; outras vezes accusava-se da traição de que se tinha prestado a ser

(1) Isso verificou-se mais tarde na Ilha da Boa Vista á respeito da morte d'um negro, que se dizia ter morrido em consequencia de castigos muito rigorosos que se lhe deram. Vigilo, pelas precisas diligencias judiciaes que se ordenaram, a provar se que o escravo se tinha suicidado, como usam os negros da nação a que elle pertencia.

o vil instrumento, e que seus cumplices agora voltavam tambem contra ella; e os golpes caíam monotonos e regulares como o *balancé* d'uma machina, e cortavam estes clamores e as vozes de Pimping e de Valerio, que animavam os executores de suas vinganças; pouco a pouco as queixas da victima se foram sumindo, os seus gemidos depois, e por fim já se não ouviam mais que os ais surdos e cortados, que se seguiam ao som abafado das pancadas que caíam sobre um corpo quasi inanimado.

Valerio, que temia as consequencias d'um processo por homicidio, mandou suspender a execução, porque Pimping no seu orgulho inglez nem de tal se lembrava. Transportou-se então Kadé para uma das cabanas dos escravos, e ali lhe chapinharam o corpo com uma rodilha molhada em vinagre, onde se tinha dissolvido uma mão cheia de sal para evitar a gangrena.

Ondotó, esse continuava no seu deliquio, de que por fim o retiraram dando-lhe saes a cheirar, e untando-lhe as fontes e os pulsos com agua de colonia; á força de cuidados tornou a si, levantando com custo primeiro a cabeça, depois o resto do corpo até ficar sentado; seus olhos espantados vagueavam indecisos de um e outro lado, como quem não tinha nenhuma consciencia de si, nem do logar onde se achava; e a isso ajudava-o o silencio que reinava na sala, silencio tamanho que se ouvia a musica dos mosquitos esvoaçando. N'este vaguedr d'olhos percebeu a figura pallida de Pimping, ainda mais pallida, porque sobresaía das almofadas verdes da cadeira á Voltaire, onde se tinha ido sentar depois que concluiu a execução de Kadé; e pelo fogo que lhe illuminou os olhos, e pela expressão de raiva que tomaram os musculos do rosto, conheceu Valerio que Ondotó estava já no pleno uso de sua razão.

Era muito para ver o carinho com que Valerio apertava contra o peito a cabeça de Ondotó! com que ternura nos modos (que não combinavam muito bem com as interjeições que soltava a meia voz, e que arrancavam um sorriso dos beiços fendidos a canivete de Pimping), lhe esfregava as mãos e os pulsos com agua de colonia, e lhe chegava os saes! Quem visse o interesse com que Valerio chamou para si o meio corpo de Ondotó, enlaçando-o com o braço esquerdo, em quanto que com o direito indicava imperiosamente a Pimping que se retirasse d'ali para não aggravar com a sua presença os tormentos moraes da sua victima; diria que era grande a sua anciedade pelo papel, e que este, immensamente injusto, tinha repellido, e tratado mesmo com desprezo, quem pelo contrario era digno de que a mais fina amisade recompensasse tão bellas qualidades, quaes as que n'este momento manifestava, e que não podiam deixar de nascer d'um coração bem formado.

Foi mesmo isso o que sentiu Ondotó, quando tornou a si, e viu onde estava, e como estava; quando viu a violencia affectuosa com que Valerio o puxou contra si, e lhe descansou a cabeça sobre o proprio hombro, e forçando Pimping a retirar-se. Isto que via, o que a imaginação, ainda algum tanto confusa, lhe retraçava, e em que nada havia de que pudesse queixar-se de Valerio, a lembrança da aversão tão sem causa e tão injuriosa que lhe mostrava, e de que Valerio se vingava tão nobremente, tudo lhe causou uma tamanha dor de sua injustiça, que levantou os braços deitando-os ao pescoço de Valerio, e puxando-lhe o rosto para sobre o seu, lhe disse com os olhos arrasados de lagrimas.

(Continúa.)

J. M. de Sousa Monteiro.

DANIEL DANCER.

Daniel Dancer é um dos typos mais perfeitos que a historia nos apresenta do usurario. Nasceu em Harrow no anno de 1716. Herdeiro de uma fortuna consideravel, tornou-se de repente avaro. Vivia n'uma casa de campo, juntamente com sua irmã, que era tão miseravel como elle. Depois da morte d'esta Daniel reduziu a metade o fornecimento que fazia de provisões, para se fazer uma idéa da sua exiguidade basta dizer que lhe não custavam mais de meio tostão cada dia!

Daniel andava n'um estado que mettia compaixão; o facto trazia-o cheio de passagens e remendos, e o calçado, a poder de concertos, feitos por elle mesmo, apresentava fórmas desconhecidas e extravagantes. Pela manhã ía lavar-se á fonte, e para poupar a toalha, esperava que o sol ou o ar lhe enxugasse a cara e as mãos.

A sua apparencia era tão pobre que muitos de boa fé lhe davam esmolla, e elle acceitava. Diz-se até que era raro o dia em que não recolhia com um bom par de vintens, arrancados á caridade publica.

Desde que fallecêra sua irmã nunca mais havia mudado de roupa na cama, e isto por espaço de muitos annos; a final atirou-se para cima de uns trapos velhos, e morreu. Encontraram-se-lhes em dinheiro perto de dezoito contos de réis. O rendimento annual dos bens rusticos que legou em testamento não montava a menos de treze contos de réis!

Rectificação.—Na pagina 387, linha 7, onde se lê *Conceição Nova*, deve lêr-se *Conceição Velha*.

Aquelles senhores que quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura terão a bondade de o declarar, quanto antes, em Lisboa aos distribuidores; e nas provincias, aos respectivos correspondentes, ou *por carta franca* dirigida ao editor, e acompanhada de uma ordem da importancia da assignatura.

Preços, por anno 1$300 rs., por semestre 700 rs., avulso 30 rs. Para as provincias (franco de porte) por anno 1$570 rs., por semestre 830 rs.

Assigna-se para o Panorama: em Lisboa, na livraria do editor, A. J. Fernandes Lopes, rua do Ouro, n.os 227 e 228, na do sr. Lavado, rua Augusta, n.º 8, e na do sr. C. J. Brabo.

ITALIA — CIDADE DE SAN-LÉO.

A pequena cidade de San-Léo, nos estados romanos, fica situada a sete leguas de Urbino, a dez de Rimini, a tres de S. Marino, e não conta mais de mil e duzentos habitantes.

Poucos viajantes conhecem esta povoação; porque além de não estar na direcção das estradas principaes, frequentadas ordinariamente pelas seges de postas e diligencias, a vereda que conduz ás suas portas é accessivel apenas aos peões, e só com grande difficuldade aos cavalleiros.

As portas de San-Léo são pequenas, bem vigiadas, e precedidas de uma ponte levadiça; passada esta ostentam-se ao viandante bellos campos, formosos jardins, commodas, e elegantes casas, e alguns monumentos, entre os quaes deve notar-se uma igreja mui antiga, *la pieve*, dedicada á santissima Virgem, e a cathedral, edificio mais moderno e mais vasto, dedicado a S. Leão Dalmata, primeiro bispo da cidade: porque San-Léo foi séde de um bispado, até o anno de 1572; n'esta epocha Gregorio VIII designou Pennabili para residencia dos prelados, que todavia devem officiar solemnemente todos os annos, no dia primeiro do mez de agosto, na igreja cathedral de San-Léo.

Além dos edificios que apontamos como dignos de chamarem a attenção do observador curioso não tem San-Léo outros que mereçam mencionar-se pelo seu caracter monumental, a não serem o convento dos observantes, fundado por S. Francisco de Assís, e o palacio da municipalidade, construido pelos florentinos no pontificado de Leão XI.

A velha fortaleza, que domina a cidade, sustentou valorosamente na idade media longos e apertados cercos. Como todos os castellos antigos este de San-Léo perdeu porém grande parte da sua importancia depois da invenção da artilharia.

A nossa gravura representa a vista geral da cidade; no alto de um cabeço escalvado observa-se o roqueiro castello, com as suas muralhas ameiadas, e seus amplos aquartelamentos, similhando uma pequena cidade. Lá se vê, em um dos baluartes, fluctuar a bandeira do papa.

POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA.

III.

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA,

NA ARCADIA — ELPINO NONACRIENSE.

1731 — 1779.

III.

Nomeado para a relação do Rio de Janeiro Antonio Diniz continuou n'ella desde 1776 até 1787.

N'este meio tempo graves mudanças politicas occorreram no paiz.

El-rei D. José fallecêra no dia 23 de dezembro de 1776, e o seu valido o marquez de Pombal retirava-se dos negocios, em 4 de março de 1777, ainda louvado e premiado pela soberana, mas descobrindo já no horisonte a tempestade com que o ameaçava o odio dos seus emulos.

O partido da antiga aristocracia, da nobreza puritana, que o conde de Oeiras julgava ter decapitado na praça de Belem por mão do verdugo, animado pelos escrupulos de D. Maria I, e seguro da impunidade, tornou a alçar a fronte, e ancioso de vingança, nada omittiu para que o desagrado real contra o ministro se convertesse em estrepitosa perseguição.

Indigitado como victima necessaria dos seus irreconciliaveis inimigos, Sebastião José de Carvalho experimentou na queda os rigores e as inconstancias da fortuna.

A memoria dos serviços passou logo, e o esquecimento dos beneficios tornou ingratos até os que lhe deviam mais.

O povo, que elle tinha procurado levantar, pagou-lhe com assuadas e cantigas, pizando prostrado aquelle que de pé, e ao lado do monarcha, lhe fazia baixar os olhos.

Ao cabo de mais de vinte annos de ministerio o marquez achou-se desterrado, e só com os seus pensamentos, e com a sua consciencia, na solidão da pequena villa do Pombal; penou, é de crer, as dolorosas vigilias, em que o remorso, como um accusador, suscita á cabeceira da ambição o espectro do passado.

De tantos amigos, que ornavam as suas festas e os seus serões, que elevára do pó e enchêra de mercês, poucos ficaram firmes, e mais raros ainda lhe foram fieis na adversidade.

Houve de certo corações generosos, que não renegaram a amisade do homem sobre as ruinas do ministro; mas esses o que fizeram foi avivar a torpeza dos mercadores de graças, almas ignobeis, que apenas Carvalho succumbiu, e ainda com os labios quentes do ultimo osculo, que lhe depozeram na mão, correram a forrar as paredes dos novos protectores, vendendo sem pejo segredos e confidencias, que dias antes escutavam inclinados.

Por honra nossa o commum dos homens não é assim. Se o sol que nasce encontra alguns de joelhos, e se o astro no occaso nem já os vê fugir, ha quem os não imite.

De mais, a ira dos perseguidores do ministro decaído, e a cega parcialidade dos seus emulos, não perdoavam facilmente á lealdade e ao reconhecimento.

A inteireza de animo com que o marquez, mesmo do seu exilio, os dominava, humilhando-os de alto com o seu desprezo, confundindo os enredos, convencendo as calumnias, e denunciando a incapacidade dos successores, exacerbava a paixão d'estes, servia-lhes de pretexto para que amiudassem os golpes; e para o ferirem mais vezes e de mais perto, não poupavam injustiças e aggravos aos que ainda ostentavam o valor de confessar a sua devoção á pessoa, tendo manifestado antes vivas sympathias pelo ministro.

José Basilio da Gama, o auctor do *Uraguai*, só pelo honroso delicto da sua obra, esteve a ponto de saír do emprego de official da secretaria de estado.

O capitão Manuel de Sousa, por haver commettido a impiedade de traduzir o *Tartufo*, foi preterido na promoção, e perdeu o posto que lhe pertencia.

A seita ultramontana resurgia á voz do nuncio, e sob os auspicios de um gabinete, influido por frades e beatas, não duvidava perseguir o congregado Antonio Pereira de Figueiredo, querendo obrigal-o assim a expiar as paginas condemnadas em Roma da sua *Tentativa Theologica*.

No meio d'este desencadeado temporal o que podiam fazer os timidos? Calar no peito as affeições, guardar só comsigo a gratidão, e com o maior resguardo figurar de indifferentes e de neutros.

O marquez de Pombal era o mesmo que o aconselhava aos seus intimos, lucrando mais em os ver conservados em logares, aonde fossem uteis ao estado e ao seu protector, do que em ser causa de demissões, que, augmentando o numero dos infelizes, de nenhum proveito lhe podiam ser.

A auseneia, a sua indole branda, e a jovialidade natural do seu caracter salvaram Diniz de participar dos perigos, que então corriam outros amigos, cujo unico delicto seria tambem seu. Fiel á benevolencia com que o marquez o distinguíra, e sincero em declarar sem equivocos a sua gratidão, nem por isso attrahiu sobre si a animadversão.

Mais prudente, ou menos resoluto, do que José Basilio, a sua lyra emmudeceu, e absteve-se de cantar o protector, que nos dias de sol do seu poderio tantas vezes celebrára.

Foi de certo uma tibieza indesculpavel. Sebastião José de Carvalho, de feito, só começára a viver verdadeiramente para a historia e para o louvor isento desde a data da sua demissão.

As injurias que invejosos, antes curvados aos seus pés, lhe verteram sobre o coração para amargurar as tristezas da sua velhice, eram, ou deviam ser outros tantos motivos, que excitassem os seus amigos a antecipar-se ao elogio da posteridade; porque o grande homem principiava ali, nas sombras do desterro!

O Diniz não teve animo para isso. Acovardou-se; e é provavel, que reservasse para si, ou para alguns confidentes, a expressão dos sentimentos mais reconditos.

Fez peior ainda.

Commetteu a fraqueza, para não lhe applicar epitheto mais severo, de mutilar as copias do *Hyssope*, que pôde haver á mãos, riscando d'ellas quantos versos encomiasticos, e quantos applausos a musa lhe ditára a favor das reformas, tentadas durante o reinado de D. José pela iniciativa do marquez de Pombal?

A reedificação de Lisboa, a expulsão dos jesuitas, a fundação do collegio dos nobres, a reforma da universidade, e o estabelecimento dos estudos menores, que no poema davam thema exuberante aos enfaticos argumentos do deão, e ás objecções reverentes e recatadas do guardião dos capuchos, desappareceram do manuscripto, e foram os seus dedos ingratos que os apagaram d'este episodio extenso, reccio-

sos da reacção fradesca que, preponderante com a ruina do ministro, podia tirar armas dos seus versos, e fazel-o mal visto do governo.

Esta nodoa, que nenhum sophisma escusa, ficará indelevel sobre o caracter do poeta. Antonio Diniz, tendo estendido a mão, e apertado a do marquez, como protector e amigo, não podia sem desdouro, e depois, aparar á tesoura os metros laudativos, com que encarecêra os seus serviços.

Se os gabos foram justos, eliminando-os, mentiu á consciencia e trahiu a verdade por medo. Se eram adulações e lisonjas, deixar de embalar o thuribulo, e esconder o elogio perante a adversidade, parece uma covardia, para não dizer tudo.

Que differença entre a lastimosa contemporisação de Elpino e o procedimento de José Basilio da Gama! Como um escondendo-se dos proprios actos fica pequeno, e outro se levanta e cresce, repetindo alto e firme, na presença do infortunio, o que tinha applaudido nas horas de grandeza.

Se são suas, como conjecturo, as estrophes da ode á queda do marquez, como exaltam o homem e o cantor!

Não o vil interesse de ouro ou prata
Não a esperança de honras,
A minha voz levanta! Nem da plebe,
De subitas catastrophes amiga,
As tumultuosas ondas me arrebatam,
É só, é só a gloria
É o amor da virtude quem me inflamma.
Debalde os mares tumidos c'o vento
Que brama e ronca ao longe
Tentam com furia enorme a immovel rocha,
Que o grosso rolo d'agua estala e quebra
Sobre o fixo cachopo alcantilade,
Em vão no ar saltando
Em branca e crespa escuma cáe desfeito.
Magnanimo marquez, tu com sereno
Intrepido semblante,
Encarando a fortuna, rugir ouves
Da ingratidão o monstro abominavel;
Tu, com placido espirito, olhas cercado
De imposturas e affrontas,
Satyras vis de petulantes momos.

Os versos, que seguem estes e completam a peça, não correm menos vehementes, nem se afrouxa n'elles a chamma, que os abraza.

A ultima estrophe vingadora ameaça com a voz da indignação os peitos venaes, cujo coração era um estomago, cujas maximas foram a cobiça e a paixão do ouro.

Como o Diniz, se a lesse, havia de empallidecer, e inclinar a fronte! Como lhe devia lembrar, aqui, o grande animo do Garção, incapaz de insensar o idolo no poder, mas por isso mesmo incapaz, depois de decaído, de sumir o louvor gravado durante a sua prosperidade!

Ouçámos a reprehensão, que a musa, accesa em ira e pejo, inspira ao vate:

Almas eu vejo de remorso cheias
C'o as mãos tapando o rosto
Confusas esconderem-se aos meus versos;
Comvosco fallo oh vós, ao braço ingratos,
Que ás honras vos subiu de alga e lodo:
Tremei, tremei indignos,
Ouvindo a voz terrivel da verdade.

Em 1787 Antonio Diniz recolheu-se ao reino, depois de onze annos de exercicio na relação do Rio de Janeiro e entrou na supplicação e casa do Porto, aonde poucos mezes se demorou.

Despachado em commissão novamente para o Brazil, em virtude do levantamento de Villa Rica, nunca mais tornou á patria.

Subindo á dignidade de chanceller da relação do Rio de Janeiro, já com posse no conselho ultramarino, falleceu em 1799, chorado geralmente pelos seus affeiçoados, e não menos sentido pelos seus consocios da academia real das sciencias de Lisboa, fundada pela rainha D. Maria I a instancias do duque de Lafões, principe a todos os respeitos digno do favor da soberana, e da estima dos sabios, para os quaes foi sempre esclarecido e disvelado protector.

As obras poeticas, e algumas curtas prosas, do Diniz, á excepção, do *Hyssope*, foram collegidas em seis volumes por um douto academico, e publicadas desde o anno de 1807 até ao anno de 1817.

Antonio Ribeiro dos Santos, que tão de perto entrára na convivencia de Elpino, e que foi tão sincero admirador de seu engenho, não lhe chegou o tempo para nos traçar a biographia completa do seu amigo pela alma e pelas letras.

Como de tantos outros nomes illustres, apenas restam de Diniz e da sua vida noticias escassas, e datas soltas. Da sua existencia intima, das feições moraes do seu caracter, e da expressão familiar do seu talento, nem esses mesmos apontamentos subsistem. O homem todo passou para o livro, ou a morte roubou-nos metade da sua physionomia? Eis o que se ignora, e o que é já hoje impossivel decifrar.

O exame das suas obras talvez nos dê o fio para nos guiarmos algumas vezes; mas, quem ignora, quanto elle é facil de quebrar, e de se emaranhar, tecido apenas de fragéis conjecturas?

L. A. Rebello da Silva.

APONTAMENTOS ESTATISTICOS.

(LISBOA — SECULO XVI).

V.

Vimos no ultimo apontamento, que n'algumas parochias de Lisboa em 1551 se calculára ter cada visinho 14, 8, 7, 6, e mais de 5 pessoas, o que não exagera o numero da povoação em menos de 10:000 habitantes.

Não sei as razões, em que o academico J. J. Soares de Barros se fundou para attribuir 5 pessoas a cada uma das familias que foram recenseadas no reino, em 1527, por ordem de D. João III, e para rectificar depois o calculo reduzindo aquelle numero a 4, 8 pessoas, que, ainda assim, para muitos peccará por exagerado. Analogias como as que tirou do numero de fogos e pessoas de communhão existentes em Villa Nova de Milfontes, Melides e Sines, parece-me que não podiam proporcionar-lhe dados senão puramente conjecturaes e pouco dignos de fé, qualquer que fosse a epocha de que se tratasse.

Alem d'uma infinidade de causas de ordem physica e moral, que não persuadem que fosse diminuta em Lisboa a taxa da mortalidade, é preciso não esquecer que na população arrolada por diligencia de Christovão Rodrigues, como se deduz do seu *Summario*, havia:

1.º População livre 90:050 habit. ou 90, 05 por cento
2.º » escrava 9:950 » ou 9, 95 »

O individuos que compunham o 2.º grupo, onde certamente havia de avultar o numero dos do sexo masculino (1), não auctorisam de nenhum modo a supposição de que não attenuassem o numero relativo dos matrimonios e nascimentos, e não fossem tambem um obstaculo indirecto ao crescimento da população, ainda que não estivessem, como estiveram na antiga Roma, privados do direito de casar.

Dos quadros estatisticos publicados pelo governo civil de Lisboa em 1854, e dos numeros (2) relativos a Madrid publicados pelo illustrado e benemerito estadista D. Pascual Madoz, deduzi eu a seguinte relação:

LISBOA. (3) Anno 1854.

	Habit. por fogo
Bairro do Rocio	4, 26
» d'Alfama	3, 83
» Alto	3, 82
» d'Alcantara	3, 15
Média	3, 71

MADRID. Anno 1846.

	Almas por vecino
Juzgado del Prado	4, 50
» Barquillo	4, 48
» Rio	4, 29
» Maravillas	4, 12
» Vistillas	4, 06
» Lavapiés	3, 90
Média	4, 21

Em París a relação era a seguinte: (4)

Anno	*Pers. par ménage*
1841	2, 89
1846	2, 95

Com quanto a relação que deixo indicada para o bairro do Rocio, e para Madrid não me pareça diminuta, sei que não posso applical-a á população de Lisboa em 1551, porque a civilisação de nossos dias tem modificado muito as condições da vida civil e domestica, precavendo-se por uma previsão racionalissima, contra a multidão desproporcionada de filhos: não posso, digo, applicar aquella relação numerica, não obstante estar convencido de que antigamente a morte exigia sem piedade muito mais crescido o tributo de vidas, que hoje lhe pagam os povos bem policiados. Dos numeros relativos a París tambem não posso servir-me por considerações peculiares a esta grande cidade.

Não tendo nenhum dado, do qual possa deduzir conscienciosamente a rectificação dos numeros de Christovão Rodrigues, servir-me-hei de um dos dois termos relativos ás habitações e aos fogos para assentar alguma conjectura menos disparatada.

Darei, pois, cinco pessoas a cada visinho ou familia, e tenho a certeza de que não dou pouco.

Assim, a população da cidade de Lisboa, dentro dos limites do muro chamado de D. Fernando, com a população dos arrabaldes, que demorava junto ao mesmo muro, não deverá orçar-se em mais de, numero redondo, 100:000 habitantes, formando, pouco mais ou menos, os seguintes grupos.

(1) Em Roma, no tempo de Augusto, os escravos de sexo masculino, segundo alguns historiadores, eram 4 a 5 vezes mais que os do sexo feminino. Em Athenas parece que a proporção chegou a ser de 12 para 1.

(2) Dicc. Geogr. Estadist. Histor. T. X. 1850.

(3) Enquête sur l'industrie de Paris (1847 a 1848).

(4) O quadro da população de Lisboa parece-me que está longe de ser exacto. Opportunamente publicarei as considerações, que a decomposição dos seus numeros me suggeriu.

—População domiciliada, *livre*		80:050
— » » *escrava*		9:950
—Estrangeiros: *residencia fixa*		3:800
— » » *temporaria*		3:369
—Côrte e gente armada		1:500
—Mosteiros: Frades	448	
Serventes	90	538
— » Freiras	302	
Serventes	86	388
—População dos hospitaes e enfermarias		1:000
		100:595

O numero das casas arroladas pelos priores e curas em 1551 dá, como vamos ver, certo grau de probabilidade á minha conjectura; isto é, auctorisa a suppor que onde havia só 10:000 casas provavelmente não haveria mais de 100:000 pessoas, ou 10 pessoas por casa.

Manchester em 1757 tinha 3:316 casas e 19:837 habitantes, ou 5,98 por casa; em 1821, tinha 21:156 casas e 133:788 habitantes, 6,32 por casa.

Liverpool em 1760 contava 5:156 casas e 25:787 habitantes, ou 5 por casa; em 1821 contava 20:339 casas e 118:972 habitantes, ou 5.84 por casa.

Londres em 1841, se o Diccionario Universal de Bouillet me não engana, tinha 1.870:727 habitantes e 165:000 casas, isto é, pouco mais de 11 habitantes por casa. Esta relação superior numericamente á que fica estabelecida para Lisboa, não sei eu se prova a existencia d'uma população mais densa e apertada do que a d'esta cidade em 1551. É verdade que Christovão Rodrigues d'Oliveira diz no seu *Summario* que as mais das casas eram de 2, 3, 4, e 5 sobrados; mas o bairro de Alfama ahi está para nos mostrar o que n'aquella epocha seria Lisboa com a estreiteza e tortuosidade das suas ruas, e acanhamento das suas habitações.

Algumas cifras historicas que me são conhecidas tambem não contrariam a minha hypothese. Athenas tinha 10:000 casas e 100:000 habitantes. Boeckh, segundo affirma D. de la Malle, provou que 14 habitantes por casa eram ali considerados como um numero excessivo, e que o termo medio era 10 habitantes.

Em Roma, no seculo IV da era christã, parece que a população, não contando a dos arrabaldes, não passava de 382:695 habitantes. Se assim é, e se n'aquella cidade havia, segundo Publius Victor, 47:625 (1) casas, é evidente que não se deve calcular por cada casa mais de 8 pessoas.

Rematarei por hoje com as seguintes observações, destinadas a dilucidar de algum modo os termos numericos da minha hypothese.

Naturaes domiciliados: 80:050. — Se ha erro n'esta cifra, não é, de certo, no sentido de exageração. Não póde nem deve dar-se mais de 5 pessoas a cada fogo.

População captiva: 9:950. — Sabe-se que era grande o numero de individuos, que as nossas naus traziam das conquistas para o reino, e eram aqui conhecidos pela denominação de escravos ou captivos. Se não fossem tão numerosos, é natural que não pudessemos lêr na Miscellanea de Resende a sua espirituosa copla:

(1) *Insulae* ou *tabernae* 15:795, e *domus* (palacios ou casas nobres) 1:830.

«Vemos no Reyno metter
«Tantos cativos crescer,
«E irem-se os naturaes,
«Que se assim fôr, serão mais
«Elles que nós a meu ver.

Estrangeiros estantes: 3:800. — É uma pura hypothese; estou porém persuadido de que não póde ter-se por diminuta a cifra, se se attender: 1.° a que na população da freguezia do Loreto, composta de familias italianas, figuram 8:679 pessoas, que perfazem com as 3:800 da minha hypothese 12:479; 2.° a que a população hebrea, dizimada pelas fogueiras, e obrigada pelo terror a converter-se ao catholicismo, figurando, por isso, uma parte nos roes das parochias, e vivendo refugiada de Lisboa a outra parte, que deveria permanecer aqui, se a intolerancia e o fanatismo d'aquelles tempos não a perseguissem, não podia elevar-se a grande numero na capital.

Estrangeiros adventicios: 3:369. — É outra hypothese. Mas Lisboa, em 1551, não seria mais visitada por estrangeiros do que París, na quadra brilhante do imperio e depois da paz. Estatistas francezes affirmam que n'aquella epocha nunca os estrangeiros ali foram menos de 20 mil nem mais de 30 mil, d'onde deduzi a relação média de 3 $\frac{1}{100}$ por cento, que me dá 3:369.

Côrte e gente armada: 1:500. — Era grande o numero de pessoas que costumavam andar na côrte, e acompanhar os reis nas suas jornadas e viagens aos concelhos do reino. Varias vezes os povos representaram contra aquelle abuso, (1) mas deve notar-se que muitas familias dos criados da casa real pertenciam a differentes parochias, em cuja população provavelmente já vão contempladas. Poderá, talvez, calcular-se que dentro dos muros do paço não haveria mais de 400 a 600 pessoas. A gente armada, que é outro elemento d'esta cifra, comprehendia grande numero de homens de chuça, que necessariamente haviam de ser arrolados em differentes parochias.

Frades e servidores: 538. — Comprehendi no calculo só os mosteiros, que então havia no recinto do muro de D. Fernando, e são: N. S. da Graça com 70 frades mais 10 servidores; — S. Vicente de fóra, 30 + 10; — S. Domingos, 100 + 20; — Trindade, 18 + 10; — Carmo, 70 + 10; — Santo Eloy, 40 + 20, — e S. Francisco, 120 + 10. — Exclui os de S. Jeronymo, de Belem, 55 + 40; — S. Domingos, de Bemfica, 33 + 6; — S. Bento, 37 + 26, — e S. Francisco, de Xabregas, 50 + 6.

Freiras e serventes: 388 — Os mosteiros que comprehendi no calculo são os seguintes: Salvador com 80 freiras mais 15 serventes; — N. S. da Rosa, 33 + 12; — Penitentes da Paixão de Christo e o mosteiro das Orphãs, 36 + 19; — Annunciada, 53 + 15, — e Santa Clara, 100 + 25. Estes dous mosteiros estavam fóra do recinto do muro, mas a mui pequena distancia. Não os exclui do calculo por esta razão, e porque o arrolamento, segundo declara Christovão Rodrigues, comprehendeu tambem a população, que havia fóra das portas, junto á cerca ou muralha. Não figura, porém, na minha conta a povoação dos seguintes mosteiros. N. S. da Esperança, 37 + 28; — Madre de Deus, 46 + 12; — Santos, 39 + 73; — Chellas, 60 + 25, — e Odivellas, 118 + 50.

População dos Hospitaes: 1:000. — Este numero parecerá exagerado, se se comparar com o de 1:600 pessoas, que se calculou existirem, no anno de 1821, nos hospitaes e misericordia de Lisboa (1). Cumpre, porém, advertir que, em 1551, só engeitados contava o *Sprital de todollos santos*, onde aquelles infelices eram então lactados e tratados, 450 a 500.

Não possuo dados, que me dêem a prova arithmetica do meu calculo; mas, repito, se ha erro, as razões que tenho apontado levam a crer antes excesso, que diminuição.

Lisboa em 1551 não poderia ter mais de 100:000 habitantes.

Vejâmos, porém, se é possivel achar alguns dados, que, indicando a superficie que a cidade occupava, e a densidade da sua população, possam justificar, ou tornar menos improvaveis as minhas conjecturas.

João Maria Nogueira.

(1) Côrtes d'Evora 1481-1482, e Côrtes de Lisboa de 1498.

(1) Tabella na lei de 17 de julho de 1822

NATAL.

I.

Lá soam trindades:
Alegra-se a torre,
E o som vel-o corre
Nas azas do vento,
Divino portento,
Do mundo o resgate,
Amor sem quilate,
No proximo dia,
Ao mundo annuncia.
Em trevas submerso
Jazia o universo,
De luz então ermo:
E o Verbo increado,
Agora humanado,
Ao mal vem pôr termo.
— Não rei, nem senhor,
De gloria cercado,
Qual foi no Thabor;
Leão de Judá
A nós não virá.
Humano, singelo,
Que não menos bello,
A nós descerá.
Mansinho cordeiro,
Bemvindo romeiro,
Agora será.
Então, Deus sob'rano,
As pompas ostenta,
A espada que fere
Na dextra sustenta;
Agora prefere
Nascer tamanino.
Humano na fórma,
Na essencia divino:
Que assim, homem nado,
Sem throno, sem anjos,
Sem céu estrellado;
Se vel-o recreia,
A todos enleva,
Ninguem o receia:
Que a santa doutrina,
Por bem, mais se ensina.

II.

Bateram as onze;
E os echos do bronze

Revibram de novo.
Contente d'ouvil-os,
Alegra-se o povo;
Que, todos á *hora*,
Velando o serão,
Attentos estão.
—Meia noute a pino
A torre a bater!...
E logo o Menino
Na terra a nascer;
Que o novo planeta,
Divino propheta,
Que a luz nos envia,
Jesus annuncia,
No céu é já nado.
—E d'elle guiado,
O rei, que é senhor,
E o pobre pastor,
Da sacra Bethlem
A caminho vem.
—E já, por mil modos,
Alegres são todos!

III.

Pedaço ao madeiro,
Que ardendo é no lar,
Vae este cortar;
E o guarda, na crença,
Que acceso é defensa,
Qual sóbe vela benta,
Santelmo, em tormenta.
Seus trages apresta,
Quer este, quer esta;
Acciam-se as casas,
Que é proxima a festa.
E forno, ou lareira,
Por pobre que seja,
Que o lume não veja,
A havel-o, só raro,
E em casa d'avaro.
Só esse ha de ser,
O que a *meia-noute*
Não queira fazer.
—E missa acabada,
Geral consoada.
E os varias presentes,
Agora mandados,
E logo trocados,
Que fallam, que são
Memoria ditosa
Dos tempos d'então.
—E já, por mil modos,
Contentes são todos.

—

Presepio sagrado,
Mui bem perfumado,
Qual orna, alumia,
Que é vindo o seu dia.
—Qual rompe em descantes,
Cantando *ao divino*,
Virtudes louvando
Do Deus pequenino.
—Qual, feita oração,
E á prole, que escuta
Impondo attenção;
Assim, do presepio
Lhes faz traducção:

IV.

No concavo espaço de pobre lapinha,
Jesus,—não o vêdes, que a face reclina?
Pois nú, sem conforto, sem cama, que o seja,
Em tal desamparo—que bem nos ensina!

Olhae-as: não lêdes, nas ôcas palhinhas,
Vasias, sem pezo,—que assim todas são;
Estarem dizendo:—vaidosas soberbas,
Do mundo só valem, quaes ellas,—mais não?

Das galas terrestres, desprezo, não dizem,
Estreitas, singelas, as faixas que o adornam?
Um Deus infinito, não diz—pequenino!
Aos que ousam ser grandes,—que em loucos se tornam?

No mez, em que a terra, de fructos minguada,
Se veste mais triste,—vir Elle nascer;
Mundanos thesouros, que avaros apinham,
Oh quanto são falsos!—não vem a dizer?

Se tenro menino, já diz, symbolisa,
Mimoso perfume de sã castidade;
Jesus—flôr nascida na terra mais virgem,
Peccado não culpa da sensualidade?

E o vir a deshoras, ao pino da noute,
Instante supremo de mór quietação;
Não é, contra á ira, divino preceito,
Exemplo, que falla, que diz—mansidão?

Das varias, profusas, compostas viandas,
Lisonjas do vicio, que á morte dão pressa;
Recente infantinho, que em seio materno
Sustento só busca;—seu mal não expressa?

Jesus, de tão alto, descer hoje á terra,
O rei do universo, vir ser nosso igual;
Não diz—caridade,—não culpa egoistas,
Que nutrem da inveja veneno mortal?

Um Deus, que mil mundos creára d'um sôpro,
Vir, só por salvar-nos, soffrer paciente
Fadigas e tratos;—não diz, não ensina,
Que o bem só grangeia quem fôr diligente?...

Que exemplo e conselho,
Oh fonte de luz,
Menino Jesus,
A um tempo nos daes!
Bemdito sejaes.....

V.

Bemvinda a usança,
Que a fé—se fallece,
Assim robustece;
Que, assim nol-a entrança
De grato folguedo.
A fé, que põe medo,
Na mente o enleio;
Agora é recreio,
Que todos captiva;
Ninguem se lh'esquiva!
—Orvalho celeste,
Que a rosa pendida
Remoça, dá vida:
Seu calice abrindo,
Corando mais vivo,

Canção repetindo,
Em voto festivo
De grato louvor,
Ao seu Creador!

Mafra, dezembro de 1855.

J. DA C. CASCAES.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO VERDE.

O passa-pau: não haverá meio de o acabar?—Um pacto iniquo.—O colloquio.—Dous encontros.—É bom prever o futuro.—Uma sangria entre os papeis.—A anciedade e as dores.—Os knockings africanos, ou uma scena de magnetismo.—A predicção.

—E eu que fui tão insolente comtigo, tão injusto! como te vingas tão nobremente!... Ah! perdão.

—Perdão de que? pobre pagão. Offendeste-me, mas um christão soffre com resignação, e perdoa mesmo sem que se lhe peça; affrontaste-me, mas eu sou portuguez, e um portuguez vinga-se como eu me estou vingando. Não fallemos de mim, que esqueci tudo assim que te vi a braços com a desgraça; fallemos de ti; o que pensas fazer? Pimping está furioso, e quer tomar de ti uma vingança tão cruel como a que tão barbaramente tomou de Kadé.

—E essa infeliz, cuja ruina causei...

—Está muito mal; póde até ser que não escape ao horroroso castigo que soffreu. Se por um accaso me não achasse aqui, talvez que fosse hoje o ultimo dia de sua vida. Pimping é um tigre; é como são todos estes malditos inglezes.

—Sempre bom, meu Valerio. Oh! e como eu me enganei com este filho da Inglaterra! Mas tambem o odio que me inspira abrange todos os do seu reino: todos para mim são Pimping; de todos que me caírem nas mãos hei de vingar-me como se vinga um filho de nossas florestas.

Valerio alegrou-se interiormente; a segunda parte do seu plano estava em boa via d'execução; a primeira esperava elle conseguil-a mais tarde, mas conseguil-a. Tomando, porém, um ar hypocritamente compassivo, accrescentou: mas tratemos de ti, que é o que agora nos deve occupar. Como hade estar Kiangi afflicta, e cheia de cuidados! ha tanto tempo que passou a hora em que costumavas achar-te com ella: coitadinha!

Ao ouvir este nome Ondotó estremeceu. Todos os seus sentimentos, que um amor puramente animal como que tinha feito adormecer, acordaram com uma força, como uma violencia tal que o coração doia-lhe como se tivesse dentro um corpo estranho que lhe não cabia; levou uma mão ao peito apertando-o com força como se quizesse comprimir esse coração tão maguado, e exclamou: Tenho tantas saudades d'ella! e meu filho, se já terá nascido...

—Pois por isso mesmo é que é preciso cuidarmos no meio de te resgatar: queres que chame Pimping?...

—Oh! não, não, não o chames, que de certo o mataria se apparecesse agora diante de mim. O teu procedimento para comigo enche-me de admiração e de reconhecimento; mas não posso, vejo bem que não posso imitar-te, que não posso ser tão generoso como tu; vejo pela febre que me escalda o sangue, pela ferocidade das idéas que me fervem na imaginação, que o atravessaria com esta azagaia, ou que o estrangularia em meus braços nervosos e duros como o ferro. Será porque não nasci portuguez? Será porque não tive a ventura de ser christão? Ha de ser isso. O Valerio, como és feliz! Mas arranja tu isso: arranja o meu resgate com Pimping, como puderes, como quizeres; mas que eu sáia já d'esta casa, que eu vá ver a minha Kiangi, e desde já subscrevo a tudo. Por mais duras que sejam as condições, nada póde igualar ao tormento em que me acho.

E dizendo isto, Ondotó beijava as mãos de Valerio, e punha-as alternativamente sobre o seu coração, e sobre a sua cabeça.

Tudo ía ás mil maravilhas para Valerio, e por isso a sua alegria era extrema; era comtudo necessario não o dar á conhecer, e o grumete não ficava n'essa parte devendo nada aos nossos homens d'estado. Tomou um aspecto constrangido, para pedir a Ondotó que o não encarregasse d'uma commissão tão ardua, que o arriscava a comprometter-se com um, ou com outro dos contratantes, ou talvez com ambos; porque as condições de Pimping podiam ser tão duras...

—Já disse que sejam quaes foram; ainda que seja para me vender para o Brazil, ou para a Havana, eu acceito: que mais duras condições podem ser do que essas?

—Está bom, encarrego-me do ajuste; mas accredita que é a maior prova de amisade que podia dar-te...

—E como tal a considero; e por isso ser-te-hei tão dedicado como o cão do branco o é a seu senhor. Adeus, meu Valerio, adeus, que não posso determe...

—Espera, Ondotó; bem sabes que os brancos não se contentam com estes ajustes de palavras que se usam entre nós. Como são velhacos, e muito capazes de negar ámanhã o que disseram hoje, querem segurar-se, e inventaram os contratos escriptos, que cada um assigna, porque não póde negar o que escreveu, tão facilmente como negaria a palavra, que o vento faz voar e desapparecer. Assim é necessario que me auctorises por escripto para fazer o contrato.

—Mas eu não sei como se faz isso. Ainda que os frades me ensinaram alguma cousa a escrever só posso fazer o meu nome...

—Pois bem, isso basta: assigna o teu nome n'este papel em branco *(dá uma penna a Ondotó, e este prepara-se para assignar)* aqui... não tanto acima... agora, ahi mesmo... Bem! Podes retirar-te, meu Ondotó, deixa o negocio por minha conta, e vae descansado. Deus permitta que aches a tua Kiangi...

Quando chegou a esta palavra já Ondotó tinha galgado a escadaria em tres saltos, e corria que parecia que voava. O nosso Valerio teve bem vontade de accrescentar... *com uma perna quebrada;* e creio que mentalmente foi assim, ou peior, que terminou o desejo que tinha com intenções na apparencia mais benevolas; comtudo não disse nada. Esteve alguns momentos olhando para o papel onde se liam as garabulhas de Ondotó, riu-se com um riso feroz; e chegando com elle á porta da sala, gritou para Pimping: *Olá! temos o passaro no laço.*

Pimping chegou esbaforido, e não vendo senão Valerio com um papel na mão, e aquella bronzeada cara sempre tão impassivel, e agora tão radiosa de jubilo, procurou por toda a sala a ver se dava com Ondotó, e não o achando:

—*Temos o passaro no laço*, na mesma occasião em que o deixas fugir! Valerio, tu abusas da minha condescendencia... Olha o que fizeste: Kadé tomou á letra as tuas lições, e privou-me dos lucros que d'ella podia esperar, Ondotó fugiu, e ainda em cima fazes escarneo de mim. Já te não posso soffrer.

Valerio poz-lhe o papel diante dos olhos, e apon-

tando com a outra mão para a assignatura de Ondotó, disse-lhe:

—Se eu pudesse imitar a linguagem hypocrita dos teus protestantes, diria com o ar mais abeatado que pudesse arranjar: Homem de pouca fé; pois não vês isto? não sabes que por cima d'esta assignatura podemos escrever o que quizermos, e que ao lado d'ella deves estender o teu nome, e que depois...

—Ficâmos peior do que d'antes. É Ondotó que eu queria; queria rasgar-lhe aquellas carnes com o chicote, queria vendel-o; queria...

—Querias que uma azagaia te pregasse no tronco de um poilão, como um d'estes quadros que se vem na tua sala, e que balouçam agradavelmente quando a briza os açoita? Havia de ser um bonito quadro o do sr. Pimping, imitando uma imagem de S. Manuel! Aposto que ainda não vistes nenhuma. Pois se quizeres, posso mostrar-te uma que lá tenho em casa com um ferro espetado na cabeça e prezo ao tronco d'uma arvore, que era da igreja dos frades capuchos, e que passou para minha casa, como outras muitas cousas passaram para as de alguns individuos que moram por aqui bem perto.

Sempre és bem tolo. Então tu cuidavas que os negros papeis te deixariam vender Ondotó? Cuidavas que o governador havia de consentir que aqui alguem o comprasse, quando apparecesse alguem tão sem miolo que o quizesse ainda que fosse por um frasco de aguardente? Tira d'ahi o sentido para lembrar-te o muito que podes ganhar por este meio. Olha que Ondotó nem ainda pensou que tu não podias castigal-o, nem vendel-o a não quereres morrer de morte macaca; e como está possuido de receio, hade fazer o que nós quizermos.

E os dous continuaram a disputar longamente antes que Pimping se convencesse de que o que Valerio tinha feito era o que lhe convinha mais: que a sua intriga tinha sido tão bem combinada, que ellè agora se achava mais senhor de Ondotó, do que se o retivesse escravo em seu poder. Mas emfim convenceu-se.

Ambos combinaram o que se havia d'escrever como sendo o pacto de resgate de Ondotó. Confessava-se este incurso na pena d'escravidão em proveito de Pimping, por ter abusado da hospitalidade que este lhe offerecêra para seduzir a sua dona-casa, e promettia que para se resgatar havia de fornecer ao mesmo uma carregação d'escravos-peças sem remuneração alguma; que no caso de herdar o reino antes de ter preenchido esta condição, quando por qualquer circumstancia a demora tivesse procedido de culpa sua, esta carregação seria substituida por duas de vassallos seus; e que no caso de que se recusasse a isso, Pimping ficava auctorisado a tomar-lhe seus filhos e a reduzil-os a escravidão, qualquer que fosse o meio pelo qual pudesse havel-os á mão; que se submettia desde logo a todos os castigos que o Hiram lhe fizesse, e á mercê dos feitiços, em castigo de ter quebrado este pacto, se a elle faltasse.

Em quanto estes dous malvados assim dispunham de todo o futuro de Ondotó, este voava nas azas do amor para junto da sua querida, que anciosa e cheia de afflicção o esperava: umas vezes embalada pela doce esperança de o ver tanto mais depressa, quanto mais longa tinha sido até então a demora; outras atormentada pelos receios de que algum desastre tivesse acontecido a seu esposo. Admirava-a uma tão longa ausencia; não havia imagem lugubre que a sua imaginação lhe não suscitasse; mas nunca, não, nunca suspeitou sequer qual fosse a verdadeira causa d'esta separação tão longa, e tão cruel: a pobresinha morreria de dôr se o soubesse.

Que se affigure o seu sobresalto, quando o viu entrar com a violencia do tufão pela porta dentro; caír-lhe nos braços, e enchendo-a de mudas caricias, viu tambem que dos olhos caíam torrentes de lagrimas, silenciosas como as de um grande desgosto, que não dá logar á voz para exprimil-o, e copiosas como as que o remorso faz nascer! A pobre Kiangi conheceu que o coração de Ondotó soffria, e por isso mais ternura, se é possivel, mais amor poz na recepção que lhe fez, nos carinhos que lhe retribuiu.

Mas nem uma palavra lhe saíu dos labios. O que o remorso causava em Ondotó fazia n'ella o susto. Causas diversas produzem muitas vezes identicos resultados. Era uma scena muda esta que se passava entre os dous esposos, cujos corações se exprimiam pelo pranto que manava dos olhos de ambos. Kiangi conhecia já que seu esposo tinha commettido uma falta, não sabia qual fosse, mas em seu coração perdoava-lha por maior que pudesse ser.

(Continúa.)

J. M. de Sousa Monteiro.

EPHEMERIDES HISTORICAS.

NOVEMBRO 1

1546—Morte do grande pintor Julio Romano.

2

1496—Descobrimento da *Desirada* por Christovão Colombo.

3

1833—Combate em Alcacer do Sal.

4

1808—Napoleão I entra em Hespanha.

5

1439—Amadeu de Saboya é eleito papa com o nome de Felix V.

6

1377—Rompem-se os diques na Flandres, resultando d'ahi terriveis innundações.

7

1683—Tomada de Courtrai por Luiz XIV.

8

1517—Morte do celebre cardeal Ximenes.

9

1577—Começam-se preparativos para a fatal jornada de Africa.

10

590—Nasce Mahomet, fundador do islamismo.

11

1154—Nasce el-rei de Portugal D. Sancho I.

12

1036—Morte de Canuto o *Grande*, rei de Dinamarca.

13

1808—Entra em Hespanha o exercito inglez.

14

1524—Parte Pizarro de Panamá para a conquista do Perú.

15

1630—Morte do famoso astronomo J. Keppler.

16

1633—Batalha de Lutzen; morte de Gustavo Adolfo.

17

1405—Tomada de Padua pelos venezianos.

18

1830—Occupação de Blidah pelos francezes.

SIAM — TEMPLO DE BANCOCK.

O reino de Siam, na India transgangetica, confina a leste com o reino de Anam, ao sul com a peninsula de Malaca, e o golfo de Siam, a oeste com o imperio birman, e ao norte com este mesmo imperio e com a China. Avalia-se a sua população em dous milhões e outocentos mil habitantes.

Fórma o reino de Siam um immenso valle, emmoldurado por altas montanhas, e regado pelo rio Meinam, que o atravessa em todo o comprimento, e é navegavel em todas as epochas do anno desde Sia-Thya até ao mar.

A configuração do territorio siamez apresenta muita analogia com a do Egypto; é tão grande é ella que até o Meinam tambem sáe periodicamente do seu leito, alagando e fertilisando as terras, como o Nilo.

O nome de Siam foi posto a este paiz pelos portuguezes, que o tomaram talvez da lingua do Pegú, na qual significa *livre, independente:* os indigenas chamam-lhe *Thaí*.

A residencia actual do rei é Bancock, cidade de noventa mil habitantes.

Os antigos exageraram muito a grandeza e magnificencia dos templos e outras construcções monumentaes dos siamezes: para prova d'esta verdade damos na gravura a vista do templo ou pagode de Bancock, que é aliás dos mais ricos, que hoje ali existem.

Em outros tempos tivemos frequentes relações politicas e de commercio com o reino de Siam; hoje apenas ali conservámos, se é que ainda não foi supprimido, um consul geral, que é mui sufficiente para a manutenção e defeza dos insignificantes interesses que nos ligam áquelle remoto paiz.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO VERDE.

O passa-pau: não haverá meio de o acabar? — Um pacto iniquo. — O colloquio. — Dous encontros. — E bom prever o futuro. — Uma sangria entre os papeis. — A anciedade e as dores. — Os knockings africanos, ou uma scena de magnetismo. — A predicção.

Os dias seguiram-se a outros dias, as semanas correram apoz de outras semanas, e nem uma palavra sobre aquella ausencia. Ondotó guardava o silencio, e Kiangi não se atrevia a provocar o seu rompimento. E comtudo nenhum constrangimento se notava em ambos; as suas relações, os seus extremos, aquelle amor de outros tempos, era tudo o mesmo. Poderia comtudo notar-se que Ondotó não se atrevia a afastar-se da cabana, e se alguma vez saía d'ella não passava além do alcance da voz de Kiangi; ao passo que esta não podia saír, porque o estado de Ondotó causava-lhe serios cuidados.

Mas por fim foi necessario a Ondotó vir á feira. Algumas das provisões estavam a acabar, e era indispensavel renoval-as; tambem se tornava urgente fazer valer muitas das producções que se tinham accumulado na cabana, e que estavam por uma parte sendo valores mortos, e por outra parte sujeitas a

damnificação: e como o estado de saude de Kiangi não lhe permittia fazer grandes caminhadas, nem conduzir grandes trouxas, foi Ondotó quem se encarregou d'isso.

Saíu este; foi á feira vender e comprar. Já na volta encontrou Kadé, ainda mal convalescente, que lhe contou os barbaros tratamentos que Pimping lhe tinha feito soffrer; contou que Valerio tambem se tinha portado cruelmente com ella, e deixou perceber que não entraria por pouco em tão duro proceder o despeito d'aquelle por lhe preferir um papel, e o ciume d'este por ella ter desprezado a côrte que por vezes quizera fazer-lhe; mas vendo com que calor tomava Ondotó a defeza de Valerio, conheceu logo, como esperta que era, que havia alguma traição de que Ondotó seria victima cedo ou tarde, mas que n'aquella occasião quanto dissesse contra elle seria trabalho perdido; ou se desse algum resultado, este não podia deixar de ser-lhe desfavoravel a ella, e por isso prudentemente mudou de bateria.

O estado em que ainda se achava, a narração apaixonada que fez do muito que soffréra, algumas palavras habilmente introduzidas, parecendo que sem intenção, e por uma consequencia natural do facto que serviu de origem ou de pretexto aos indignos tratamentos de que foi victima, sobre os tão profundos sentimentos que Ondotó lhe tinha a ella inspirado, e que em seu coração a elevaram tanto acima do que era, que até se envergonhava de sua vida passada; algumas lagrimas, já naturaes, outras artificialmente vertidas, e uns certos movimentos de olhos, aqui está a sua defeza, que digo eu? o mais eloquen-panegyrico que ella podia produzir em seu favor, e a mais terrivel accusação contra Pimping.

É desnecessario dizer que a velhaca balanta, dizendo muita cousa, e até que ainda conservava relações em casa de Pimping, não deu uma palavra sequer que facilitasse a Ondotó a occasião, já não digo de saber, mas nem ao menos de suspeitar que esta indigna e artificiosa mulher tinha sido o instrumento d'uma traição planeada entre Pimping e Valerio. Envergonhava-se da parte que n'ella tivera, ou era isso o resultado de um systema traçado com vistas futuras? Talvez entrasse de tudo um pouco. O resultado d'esta narração melhor o fará conhecer.

Kadé n'esta occasião declarou que estava resolvida a sair de Bissau; que não podia comsigo ficar na mesma terra em que a tinham conhecido impura depois do acontecimento que a rehabilitára a seus olhos, ao mesmo tempo que os tormentos que por elle soffréra lhe haviam tambem apagado com o seu proprio sangue as manchas que o seu commercio com Pimping lhe tinha communicado. Tambem não faltam na Europa Kadés brancas cuja linguagem sabe colorir com as tintas do romance as paixões mais torpes, dando-lhes o brilho que só á virtude pertence, mas que esta nem sempre sabe, ou quer tomar.

Ondotó despediu-se d'ella com pena e ao mesmo tempo com odio. A lembrança do que esta mulher soffréra por sua causa, ao mesmo tempo que o inclinava á piedade por ella, ateava mais e mais os fogos da vingança que lhe ardiam no coração. Eu não sei se elle ficou tendo algum affecto a Kadé depois da sua queda; não sei se d'este entretenimento lhe nasceu, ou se as imagens que tão naturalmente este acontecimento lhe havia de trazer á imaginação fizeram nascer algum outro sentimento, que actuou sobre o que já tinha por Pimping; o que é verdade é que o seu odio parecia ter chegado ao maior auge.

O papel sentou-se n'um tronco de arvore que jazia por terra, poz ao pé de si as suas compras, e entrou a meditar na conversação que tinha tido com Kadé; pensamentos de diversas naturezas, já lugubres, já ternos, já de côr de sangue lhe passavam pela mente ou alternada, ou confusamente; e passados poucos minutos já de Ondotó não havia ali se não o corpo, cujos olhos não viam, cuja bôca não fallava, cujos ouvidos não ouviam: a sensação, só esta lhe tinha ficado para denotar que ainda vivia o que parecia cadaver.

De repente sentiu tocarem-lhe de leve no hombro, voltou-se machinalmente, e como se o mordesse algum reptil venenoso, porque o corpo se lhe arripiou todo; e eis que vê o rosto cobreado do grumete, que lhe sorria:

—Que é isto Ondotó? cuidei que estavas morto quando vi que não respondias, nem aos gritos com que te chamava de longe, nem ás perguntas que te fiz aqui ao pé umas poucas de vezes. Não soffres nada?

—Nada. Ou antes soffro horrivelmente. Vi Kadé; que barbaridades soffreu a pobre desgraçada por amor de mim? Oh! decididamente este Pimping é um monstro.

—E Kadé não te disse nada a meu respeito?

—Que te mostraste igualmente enraivecido contra ella. Coitada, não viu o que tu fizeste por nós para nos arrancar das garras d'aquella fera! Pobre Valerio, tu não podias fazer mais do que fizeste. Oh! como tu havias de soffrer por não poderes oppor-te ás cruezas d'aquelle desalmado! mas eu contei tudo a Kadé, disse-lhe quanto nós te deviamos...

—E ella?...

—Ficou convencida do que lhe disse, e mudou de idéas a teu respeito.

Valerio alegrou-se, e deixou-o perceber. Aqui não havia razão para occultar o jubilo que sentia visto, que a sua verdadeira causa não era a que parecia, com quanto pudesse mui facilmente com ella confundir-se. A dissimulação n'este caso seria inepta; e Valerio era um bom typo de homem politico. Se elle tivesse nascido 10 ou 20 annos mais tarde como seria aproveitavel!

—Mas não me perguntas nada de teus negocios? Parece que não é nada comtigo isso que se passou?

—Ah! é verdade; quasi que nem já me lembrava...

E Ondotó assentou-se, ou antes caíu sobre o tronco de que se tinha erguido para fallar a Valerio; as pernas tremiam-lhe, o coração palpitava-lhe violentamente sobre a pressão d'uma ancia que parecia estrangulal-o, e como uma nevoa obscurecia-lhe a vista.

Valerio contou-lhe que se tinha esforçado muito por lhe fazer obter as condições mais vantajosas, mas que todos os seus esforços se tinham quebrado diante da vontade inflexivel, e do odio implacavel de Pimping, que recorria sempre aos meios mais extremos; e que fôra com muito custo, e só guiado pela amisade que tinha pelo seu joven interlocutor, e pela pena que lhe causava que uma *ligeira* falta, commettida sem reflexão (Valerio insistiu com alguma affectação n'estas palavras) fosse punida com tamanha dureza, com a perda da liberdade, e dos brilhantes destinos a que o seu amigo brevemente fa ser chamado, que accedêra á convenção pactuada entre elles, e que posto fosse muito dura, ainda assim era muito mais suave, do que o que Pimping exigíra, e tinha direito a exigir. E expoz-lhe quaes eram as condições.

Mal Ondotó as ouviu, saltou de repente, furioso como a onça que se vê ferida por mão de inhabil caçador, e arremette contra elle; tão impetuoso foi este movimento, era tal a raiva que lhe brilhava nos olhos que Valerio não póde deixar de assustar-se, e recuou dous ou tres passos, como para se livrar dos resultados do primeiro impeto.

—Meu filho escravo!... ainda a pobre creatura não saíu das entranhas maternas, ainda não viu a luz, e já especulam com elle... Oh! não, é impossivel. Eu seria mais vil do que a terra que pizo, mais vil ainda do que esse *ingrez* maldito, se acceitasse uma condição tão infame. Oh Valerio, Valerio! como acceitaste isso, como julgaste de mim tão mal? Que tens visto em mim para me julgares capaz de similhante baixeza?

—A condição é dura, fui eu o primeiro a reconhecel-o; é iniqua, bem o sei, mas eu não tinha escolha senão entre dous males, e força me foi escolher o menor.

—O menor! dizes tu? o menor! meu filho escravo, e escravo porque eu o entreguei ainda no seio de sua mãe!... Porque não me deixaste á minha sorte? Aqui estou, leva-me a esse homem sem coração: quero ser seu escravo, mas meu filho, nunca!

—Teu filho nunca. Foi isso mesmo que pensei. Tu podes arranjar primeiro uma carregação d'escravos; se essa falhar, ainda tens o meio de o livrar dando duas...

—De vassallos meus! Tambem não.

—De vassallos teus, ou de outrem, arranjados por elles: as cousas não se tomam assim á letra... Ora, as probabilidades são muitas para que teu filho escape. E depois d'aqui até que elle chegue á idade de convir a Pimping póde haver muitos successos que te exonerem; o *ingrez* póde morrer, podes herdar o reino, e então nem Pimping póde exigir o teu filho, nem a praça te ha de fazer guerra só para tu tirar, e dal-o áquelles snr...

—Tens razão. Não ha forças humanas que me obriguem a escravisar meu filho.

—Então agora já te não queixas de mim?

—E nunca me queixei de ti. Pareceu-me que não me tinhas feito justiça completa, mas sabia avaliar a tua posição, e lembrava-me que não eras pae, e não podias conhecer que thesouros de ternura encerra o coração de um pae... Mas dize-me uma cousa: foi Pimping que exigiu esta condição, ou foste tu que lh'a propuzeste?

—Eu! não. Pelo contrario fiz quanto pude para o dissuadir d'isso; mas quando vi que o malvado insistia em te considerar seu *captiro*, que fallava mesmo em te roubar Kiangi, e pôl-a entre o numero de suas mulheres...

—Oh Valerio? pois elle queria isso; chegou a dizer-t'o?

—Se não m'o dissesse, como podia eu adivinhal-o?! Se não teimasse que o havia de fazer, e eu não visse que era capaz de tudo, como podes suppor que eu, teu amigo, fosse acceitar uma condição tão infame? Eu não queria dizer tudo, parecia-me que bastava saberes que tive d'escolher o menor entre dous males: mas quizestel-o assim...

—E não me arrependo. Adeus, Valerio, já é tarde; ha muitas horas que estou longe de Kiangi, quero vel-a, tenho necessidade de a ver para me tranquillisar. Adeus.

E levando á bôca as pontas dos dedos da mão direita aberta, retirou-se a passos precipitados.

Valerio repetiu a mesma acção, e foi caminhando em direcção opposta á que seguia Ondotó. O grumete ía dizendo comsigo: Alguma novidade havemos de ter, e ha de ser d'estrondo... Não me engana aquella impassibilidade tão repentina, como foi rapida a explosão do seu furor... Lá leva elle a azagaia atravessada no coração... é ferida que se não cura senão com sangue... é ferro que não se arranca sem curar primeiro a ferida... veremos o que sáe; mas ou eu me engano muito, ou não quero estar na pelle do sr. Pimping... E a mim que me importa? é um maroto de menos... Um maroto! um maroto, mas com quem tenho algumas transacções, e que é preciso acautelar...

Assim, ruminando comsigo estas idéas, ía Valerio caminho de casa, onde apenas entrou, dirigiu-se para uma banca de pinho d'America envernisada de preto, como as cadeiras que a cercavam, e tirando d'algibeira uma chave abriu a gaveta, e saccou de dentro um *cash-book*, um *invoice-book*, e um *a day-book*, todos tres encadernados em carneira com sua capa de panninho côr de pulga por fora; puxou depois uma cadeira para o pé da banca, e sentou-se, e poz-se a escrever ora n'um, ora n'outro... guardou estes, e tirando de dentro o seu *waste kook* poz-se tambem a escrever, gastando n'isto algumas horas. Emfim guardou-o tambem, fechou a gaveta, metteu a chave na algibeira, e levantando-se disse: É bom prever o futuro; quem sabe o que póde acontecer?

Mas em quanto Valerio dá tão evidentes provas de sua consummada *prudencia*, sigâmos Ondotó que ia tomando o caminho da sua cabana, ao principio com passos ligeiros, e ao depois com elles tão vagarosos e demorados como se lhe pendessem dos pés duas grossas balas de ferro.

—Meus filhos escravos, ou Kiangi preza d'esse homem... que terrivel alternativa, a que nem a morte póde eximir-me... A morte... e se fosse a d'elle?... *O ingrez póde morrer, e tu ficas livre*, disse Valerio... Proferiste a sua sentença... Oh! sim, Pimping hade morrer... Se eu procurasse um dos nossos feiticeiros, a sua morte era certa... sim, mas eu não me vingava como um guerreiro... obrava como uma mulher, cuja mão desfallece ao descarregar do golpe... Uma mulher... ah! Kadé, banhada em sangue por amor de mim! meu filho arrastando captiveiro, minha mulher nos braços d'este homem... são affrontas que pedem sangue... Eu quero o sangue de Pimping...

E uma nuvem côr de sangue lhe offuscou a vista, e tingiu-lhe de sangue o caminho por onde marchava, as arvores que avistava ao longe, e que o acompanhavam por um e outro lado; de côr de sangue era o mar que se desdobrava á sua esquerda, as proprias cabanas que mal se descobriam pela distancia pareciam tambem tintas de sangue... deu-lhe uma vertigem, e caíu.

Alguns papeis que seguiam aquella direcção, e que o viram caír, tomaram-no em braços e o conduziram á cabana, onde Kiangi o esperava transida de susto, e agitada por cuidados pungentes. Que se affigure como ficaria a pobre preta vendo entrar seu marido em braços com a cabeça caída, a bôca cheia d'espuma, e os olhos semimortos, e vermelhos como sangue. Felizmente um dos pretos, que logo se destacou da multidão para ir buscar o feiticeiro, chegou com elle á cabana de Ondotó assim que este acabou d'entrar. Deitaram-no n'uma esteira, voltado sobre o lado direito, e em quanto os circumstantes lhe esfregavam com força os braços e as pernas, o feiticeiro applicou-lhe no cachaço uma ponta de gazella com

um pequeno orificio no alto, ao qual o feiticeiro applicou os labios, e foi chupando, chupando, chupando, até que, passado algum tempo, retirou a bôca, tapou o orificio com o dedo, e despejou na terra um grande bochecho de sangue; repetiu esta operação ainda por umas poucas de vezes, até que Ondotó deu alguns signaes de vida; e depois ainda lhe fez essa operação do outro lado do cachaço.

Então levaram-no na mesma esteira para um local mais agasalhado da cabana. O feiticeiro pisou umas hervas que se tinham ido colher em quanto elle sangrava o enfermo, deu-lhe o sumo a beber, e deitou-lhe o emplasto em roda do pescoço, ordenando que lhe puzessem pannos d'aguardente nas articulações que ligam o pé á perna, os quaes seriam molhados frequentemente com aguardente lançada por cima.

Dias depois Ondotó estava livre de perigo; mas quão outro do que tinha sido! E a pobre Kiangi quanto assim mesmo se alegrou de o ver, de lhe servir d'arrimo aos primeiros passos, tremulos e malseguros, que deu da esteira para a porta da cabana a sentar-se n'um escabello (1) afim de respirar a balsamica exhalação da manhã, ou a tepida viração da tarde. Coitadinha, ella que tinha perdido noutes inteiras a velal-o, ella que tinha consultado todos os feiticeiros do logar, ella que tinha importunado com sacrificios a sua china, para conservar o esposo do seu coração, via-o agora ali, diante de si, podia fartar-se de revel-o, e não se fartava!

Se despregava os olhos dos olhos d'elle, era para os lançar sobre si, e parecia-lhe então que via dentro de suas entranhas o seu Ondotó em miniatura; via-o revolver-se, sorrir-lhe... oh! sim, sorrir-lhe, porque o sorriso tão meigo, tão expressivo de Ondotó fugira-lhe dos labios, e como que tinha ido habitar os da innocente creaturinha, que estava a ponto de nascer; via-o estender-lhe as mãosinhas para abraçal-a a ella, que já não recebia os abraços do esposo do seu coração... e então chorava lagrimas silenciosas, que participavam do prazer e da dor, porque dor e prazer se misturavam em sua alma, e a impelliam para contrarios movimentos, como eram contrarias as sensações que lhe faziam experimentar. Explique quem puder estes mysterios do coração do homem, essa como luz intuitiva que lhe patenteia os segredos do futuro, envolto apenas n'um véu transparente como a cassa.

E Ondotó sempre triste, com os olhos fitos no chão, sempre mudo, apenas pedia o que precisava, e isso com a mesma doçura, mas tão triste que cortava os seios d'alma á joven esposa. O que lhe teria acontecido?

Assim se passaram os dias da convalescença, que foi lenta, e algumas vezes interrompida por accessos de melancolia. Apoz da convalescença, veiu a saude; mas que saude? parecia mais uma nova phase da enfermidade que o tinha conduzido á beira do sepulchro: e era de certo, porque a sua doença era principalmente moral, era na alma e no coração que ella tinha o seu assento, era d'ali que saíam os insultos que lhe quebrantavam as forças, tiravam-lhe a vontade de comer, e a alegria, aquella alegria que o tinha tornado sempre tão amavel a todos os que o tratavam.

Passavam-se dias inteiros sem se lhe ouvir uma palavra: sentado no escabello com os braços cruzados sobre os joelhos e a testa encostada ás mãos viase que algumas vezes chorava; e se Kiangi, chegando-se a elle e passando-lhe a mão pela cabeça, parecia amimal-o como uma terna mãe a seu filho, que se mirra lentamente por um fogo occulto, elle erguia a cabeça, fitava n'ella olhos humedecidos de lagrimas, sorria-lhe com uma sorriso frio e gelado como a morte, e suspirava; outras vezes a puxava para si com ardor e ternura, mas logo depois a repellia com doçura, e tornava a caír na sua melancolia habitual. Notava-se porém que n'algumas noutes saía, tomava o caminho da mata, internava-se por ella; e só passadas algumas horas tornava a apparecer; mas então não era a ternura o que dominava n'elle, era um furor concentrado, que lhe brilhava sinistramente nos olhos. N'uma das vezes trouxe do bosque um garrafão empalhado, que vinha cheio de aguardente; collocou-o a um canto da cabana, e ordenou a Kiangi que não lhe tocasse, porque continha fogo liquido que os brancos d'Inglaterra e dos Estados Unidos fam vender aos pobres papeis para os matar, e que a mataria a ella.

—Mas então para que trazes tu esta bebida funesta, meu Ondotó?

—E sabes tu se eu me quero tambem matar?

—Ah Ondotó! e porque? que mal te fiz? porque me queres então deixar para ires para o paiz das sombras, e dos espiritos?...

E a pobresinha poz n'estas palavras tanta d'aquella eloquencia do coração, de que só as mulheres sabem o segredo, que Ondotó abriu-lhe enternecido os braços, e chorou com ella. Aproveitando este momento de ternas expansões, Kiangi pediu-lhe que dissesse o que o affligia, que não soffresse só, mas que repartisse com ella de sua dor, porque queria soffrer com elle.

Ondotó poz-lhe a mão na bôca, assim como para lhe recommendar o silencio, dizendo-lhe: Louquinha! nem tu sabes o que pedes. Se te eu dissesse uma parte sómente do meu segredo, d'este terrivel segredo, caírias morta redondamente a meus pés, como se o trovão te ferira. Não, o que aqui tenho (batendo no coração) hade morrer comigo. Disse, e foi deitar-se sobre a esteira, e não fallou mais: dormia, ou vagueava sua alma pelos mundos invisiveis?...

Kiangi, a pobre infeliz, já sabia o que eram maguas. Aquella existencia que tão risonha e esperançosa lhe apparecêra antes de seu casamento, e ainda tanto tempo depois d'elle, e que tão felizes dias lhe havia promettido; o que era feito d'ella? esvaecêra-se como a neblina da manhã, e só lhe deixava dores e lagrimas, e que lagrimas, que dores! Um mal, um grande mal a atormentava, e não sabia qual era; este mysterio tornava essa causa occulta ainda mais medonha a seus olhos. Parecia-lhe que já não havia nada que fosse a isto superior; e comtudo ella ainda estava só no principio dos seus soffrimentos.

N'uma noute mandou Kiangi que fossem espreitar Ondotó n'uma de suas excursões ao bosque. O mensageiro era fiel, e mais do que isso era intelligente. O que viu elle! Uma sombra que se deslisava por entre as arvores, como o fantasma da noute, conversava com Ondotó, que lhe dizia palavras mysteriosas, que se não podiam entender, e a que Ondotó respondia com ar grave, e tremulo (assim pareceu ao emissario) e melancolico, e de braços cruzados, mas com iguaes palavras.

A sombra era Kadé: a lingua em que se explicavam era um mau inglez, mas Kiangi e o emissario ficaram persuadidos que Ondotó fallava com algum

(1) Não sei mais o nome que tem. É um toro de madeira, cortado em toda a circumferencia da arvore, com pouco mais de um palmo.

espirito mau, que o tinha enfeitiçado para chuparlhe o sangue.

A pobresinha não duvida que o seu querido tem feitiços; teme-se de o ver morrer; e eil-a que marcha a consultar os feiticeiros de Bandim para saber d'elles que mau espirito se apossou de seu marido, como poderá livrar-se de seus ataques; e o que o futuro lhes prepara.

A noute era escura quando Kiangi saíu da cabana. As estrellas marchetavam o azul escuro do céu, como outras tantas lantijoulas de prata bordadas sobre uma manta de setim azulado, e lançavam á terra como umas claridades confusas, que se perdiam pouco acima dos topes das palmeiras, que balouçavam mollemente seus leques de verde carregado, que agora se diria preto, como se fossem os multiplos braços d'uma divindade indiana para agarrarem a cabeça de algum de seus estupidos adoradores. A folhagem dos poilões açoutada pela brisa enfraquecida murmurava queixas como quem já tem de gemer a voz quasi extincta; e Kiangi tremia de medo, apertando o panno em roda da cabeça para cobrir o rosto a fim de não ver, parecia-lhe que assim não seria tambem apercebida pelos maus espiritos que perseguiam a sua familia.

Felizmente a meio caminho, viu que o céu se revestia de cores mais brilhantes, como se a noute lançasse por cima de si um vestido de palheta de ouro transparente para abrilhantar o azul que trajava: Kiangi olhou para o nascente como se quizesse agradecer á lua o ter vindo com a sua luz benefica alumiar os seus passos; mas qual foi o terror de que ficou possuida, quando viu que a lua parecia uma grande mancha de sangue que caíra no manto da noute?... Se se tratasse só de si, teria recuado, e não ousaria aventurar-se mais, tanto era de mau agouro tudo quanto estava vendo; mas a lembrança de que o seu Ondotó podia correr perigos que a sua ternura talvez que conseguisse afastar, deu-lhe mais algum valor. Seguiu pois com passo mais firme, e com tanta velocidade, quanta lhe permittia a sua gravidez já muito adiantada.

Seguiam-na duas mulheres, suas escravas no nome, mas realmente suas companheiras, que o amor de Ondotó lhe tinha dado para a servirem, e que a sua bondade tinha recebido como amigas e protegidas. Eram ellas que levavam o cabrito branco e os dous gallos pretos que se haviam de offerecer ao Hiram.

Chegaram finalmente ao bosque sagrado. No meio de uma clareira via-se uma pedra branca, grosseiramente faceada por a parte superior, e que por os lados estava completamente bruta e cheia de irregularidades, onde se tinha coalhado em camadas sobrepostas umas ás outras o sangue das victimas, o que dava a este altar informe um aspecto lugubre e repugnante. Sobre a face superior via-se um toro de madeira de bons dous palmos de alto: era o *fetiche* do logar, e collocado em cima um immenso calmon, ou cuia com agua. No chão, ao pé do altar, um machete, onde se espelhava um raio da lua, que indiscreto vinha espreitar por entre a folhagem esta scena estranha.

Apenas os feiticeiros viram Kiangi, deram-se as mãos uns aos outros, e formaram um circulo dentro do qual ficou a consultante, e um outro feiticeiro, o mais idoso e como o principal d'elles. Foi este que recebeu os presentes para o Hiram das mãos das criadas que ficaram de fóra do circulo. Kiangi sentou-se no chão, puxou o panno da cabeça para diante do rosto até meio ventre, fincou os cotovellos nos joelhos, e encostou a cabeça nas mãos abertas, chorando sobre o que sabia, chorando sobre o que lhe presagiava esse coração d'esposa e de mãe, e chorando sobre a sua felicidade já morta.

Os feiticeiros assim em cadeia fizeram uma ronda, ao principio pausada, depois mais veloz, depois velocissima, a começar por o lado direito, e que depois se desfazia por o lado esquerdo; sendo os tempos, tanto na volta como na revolta, marcados por uma pancada unisona dada por todos, batendo no chão com o pé do lado opposto áquelle por onde começava, ou se desfazia a ronda.

No entretanto o feiticeiro maioral estendia as mãos sobre a offerenda, e murmurava algumas imprecações; e segurando um dos gallos entre as pernas, tomando o machete, cortou-lhe a cabeça cercea, e deixou caír o gallo: este caíu em pé, deu duas voltas, começando por o lado esquerdo, como se estivesse atordoado, e estendendo-se no chão, depois de uma ligeira convulsão, ficou sem movimento. Então o feiticeiro levantou-o pelas pernas, e aspergiu com o sangue que lhe corria da ferida, tanto o cabrito branco, como o outro gallo preto que ficava vivo: e com a cabeça foi untar exteriormente a borda do calmon, recitando sempre umas palavras em voz tão sumida, que não se lhe percebia nada.

E a ronda a andar, e a desandar assim que se ouvia o som surdo que denotava o fim da volta!

O feiticeiro mór tomou o gallo morto, cortou-o em quatro partes, cada uma dos quaes collocou n'um dos quatro pontos cardeaes, a começar d'aquelle d'onde apparecia a lua.

E a ronda a andar e a desandar, marcando-se os tempos com aquelle som sinistro, surdo e prolongado em que já fallamos.

Então parou a dansa funebre. Quatro feiticeiros adiantaram-se para o que tinha feito o sacrificio, e os outros sentaram-se no chão em circulo, e com as mãos nas mãos uns dos outros; e os cinco aproximaram-se do calmon, cruzaram os braços pondo as mãos encontradas sobre a borda da vasilha, de modo que o dedo minimo da mão esquerda de um ficasse sotoposto ao dedo pollegar da mão direita de um dos visinhos, e o dedo pollegar da mão direita ficasse sobreposto ao dedo minimo da mão esquerda de outro. Assim as dez mãos formavam uma cadeia viva e continuada que cobria inteiramente a borda do calmon.

N'esta attitude permaneceram mudos por um espaço de tempo como de quinze minutos; e era tal o silencio que quasi nem se ouvia a respiração de tantas pessoas, como as que ali se achavam.

Passado este tempo, ouviu-se um zumbido quasi como de uma mosca varejeira esvoaçando ao longe. O calmon fez duas ou tres ondulações, como uma embarcação que arfa, desfraldando as velas ao vento, e parece cumprimentar o oceano antes de o cortar com sua rapida quilha. N'este momento os feiticeiros retiraram todos as mãos, e a vasilha andou volteando com o mesmo zumbido, já mais distincto, tendo porém começado o circulo a percorrer por o lado esquerdo. Os quatro feiticeiros puzeram-se de joelhos e sentados nos calcanhares, mas segurando-se pelas mãos como os outros, em quanto o sacrificador, com o rosto voltado para a lua, os olhos fixos no interior do calmon, e os braços cruzados, movia os beiços como se os agitasse um tremor nervoso.

De repente levantou a voz, e n'uma cantoria rouquenha e monotona, exclamou:

Lá do norte um bicho hirsuto
Q'entre as neves se gerou,
D'estas matas viu o susto,
E d'ellas s'enamorou:
Feroz onça e urso astuto
Enlace torpe ajuntou...
Foge d'ahi
Ó Kiangi...
E dos humanos o luto
Entre ambos se pactuou.

Os demais feiticeiros responderam todos, em côro, com um som nasal e melancolico:

Foge d'ahi
Ó Kiangi!
Que dos humanos o luto
Entre ambos se pactuou.

E o calmon continuava a voltejar. De repente deu um salto, que parecia uma cavilha que se desmontava; o principal feiticeiro debruçou-se sobre elle, como se quizesse ver alguma cousa no fundo, e depois de ter olhado por alguns momentos, continuou a dizer na cantarola em que tinha começado:

Vejo mui lesto *leom*
Saltar sem ser presentido...
Surge da terra um *lançom*,
Lançom de morte estendido.
Dous vultos ao lado *estom*,
Sôa de baixo um gemido...
Foge d'ahi
Ó Kiangi.
Temos sangue no *calmon*
Da morte foi um mordido.

E o côro a repetir na mesma musica:

Foge d'ahi
Ó Kiangi;
Pois ha sangue no calmon
Da morte foi um mordido.

E o calmon andava de roda como um pião que vae enfraquecendo no seu giro: ouvem-se uns estallos, iguaes aos que daria se rachasse pela acção do sol. O feiticeiro ergue a cabeça como se quizesse olhar para Bissau por cima das arvores; e canta

N'aquelle *cabo;* traz! traz!
O ribombo faz-se ouvir.
Sobre a cabeça verás
Um *machete* refulgir;
E d'um tribu encontrarás
Fracos restos a fugir...
Fica-t'ahi
Ó Kiangi.
Rei José o que farás
Nos tempos que *hom de* vir?

E o côro dos feiticeiros a repetir como um echo:

Fica-t'ahi
Ó Kiangi.
Rei José que mal farás
Nos tempos que *hom de* vir.

O calmon tinha-se voltado: a agua que continha estava derramada pelo chão, parte d'ella abrilhantada por uma restea da lua que lhe dava em cheio, a outra parte obscurecida por a ter embebido a terra, fóra do raio argenteado do facho da noute. O feiticeiro parece descontente; depois de algum tempo de silencio continua com a sua musica monotona:

Na *tabanca* bambolea
De brancos o *lançom* puro,
Depois áquelle derreia
Outro que é meio-escuro.
Do papel se arreceia,
Que já não está seguro...
Pobre de ti
Ó Kiangi!
Nos braços uma cadeia,
Ao pescoço um ferro duro...

O côro repete com voz ainda mais sepulchral:

Pobre de ti
Ó Kiangi.
Tens nos pulsos a cadeia;
Ao pescoço o ferro duro.

E vão-se retirando lentamente por entre as arvores do bosque.

Poucos momentos eram passados, e já na clareira não havia nenhum ente vivo senão Kiangi, e as suas companheiras, que estavam aterradas.

—Que me importa o mal que me póde acontecer a mim, dizia esta, comtanto que o meu filhinho não soffra nada, e que lhe fique seu pae, o meu Ondotó, para o proteger, e... para me chorar. Os feiticeiros não fallaram d'elle, não é assim?

—Nós não percebemos que fallassem d'elle.

—Oh! tanto melhor...

E a pobre pretinha chorou, mas realmente as suas lagrimas não lh'as arrancava nenhum interesse pessoal sobre si; chorava á lembrança do que Ondotó soffreria, quando ella já não vivesse, chorava de saudades por seu filho.

Ó mulher! como és heroica no teu amor! como és respeitavel quando virtuosa!

Março de 1851.

J. M. de Sousa Monteiro.

EXPLORAÇÃO DO INTERIOR D'AFRICA (1).

I.

OS POVOS MARAVES.

Para completar a descripção dos costumes dos povos maraves resta-nos apenas dizer o que seja o *muave*. Como em outro logar asseveramos, não têem os maraves legislação escripta; a sua jurisprudencia reduz-se a uma serie de praticas absurdas, resentindo-se muitas vezes da indole feroz d'este povo, e da sua crassa ignorancia. Uma das provas mais decisivas nos seus juizos é a do *muave*, quasi sempre reservada para os accusados do crime de feitiçaria.

Antes de tomar o muave é o réu conduzido para uma nhumba, e vigiado ahi com todo o cuidado desde o sol posto da vespera do dia em que hade ser julgado; sendo-lhe em todo este tempo prohibido comer. Entretanto vae o ganga buscar o muave, que é a casca de uma certa arvore, e depois de a ter pizado, deixa-a de infusão até á madrugada seguinte, em que põe tudo a ferver n'um logar publico. De ordinario o vaso em que se prepara o muave leva umas outo a doze canadas de liquido, de côr avermelhada. Prompto o muave, é conduzido o réu ao logar onde está o ganga. Este então, praticadas certas ceremonias, e protestando sempre o criminoso que a prova do muave o hade justificar, apresenta-lhe uma ga-

(1) Continuado a pag 256 do presente volume.

mella com parte do liquido contido no vaso, do qual o réu é obrigado a beber, em quatro dozes, até tres canadas! Concluida a operação, o infeliz começa a correr em torno do povoado, continuando n'este exercicio até que a bebida seja expulsada por cima ou por baixo. No primeiro caso reputa-se innocente, e toda a negraria, deitando-lhe farinha de milho pela cabeça, o acompanha á sua cabana com dansas e folguedos. Os auctores do processo fogem, e até o proprio ganga toma quasi sempre a cautela de não apparecer por alguns dias.

No segundo caso, fogem os parentes ou amigos do réu, porque se suppõe que elle está criminoso, em logar de farinha lançam-lhe cinza por cima da cabeça, e com pavorosos alaridos o vão fechar na nhumba d'onde saíra, guardando-o ali com todo o cuidado até o dia seguinte, no qual é queimado implacavelmente.

Algumas vezes, comtudo, é permittida a appellação, e o marave pede para tomar segunda vez o muave.

Diz o sr. Gamitto que ha outra especie de muave, a qual é mais usada no territorio Marave. Prepara-se do mesmo modo, e administra-se com as mesmas ceremonias, differindo sómente em ser tomado entre dous caminhos; um que vae dar ao tenge, o outro á povoação; e o réu diz na occasião em que toma o muave: Se sou culpado, o meu caminho é aquelle (apontando para o do tenge); e se o não sou, é est'outro (mostrando o da muzi). Toma então a bebida, e começa a correr em torno da povoação; se durante a corrida arroja o muave por qualquer das vias, é julgado innocente; mas se cáe sem sentidos, julga-se provado o crime, e é conduzido á fogueira!

Eis o estado social e moral dos povos maraves. Poderá elle melhorar? Entendemos que póde, e que o governo portuguez tem obrigação de empregar todos os esforços para que similhante situação não continue; porque é uma vergonha, e um perigo. Uma vergonha, porque dá a medida dos desvelo que tem merecido a civilisação dos povos que habitam as nossas vastissimas possessões: um perigo, porque, proximos aos nossos mal presidiados estabelecimentos, os maraves assustam e affugentam os habitantes que se occupam da lavoura ou do commercio com as suas continuadas depredações. Que se póde esperar de taes visinhos? Entre todos os meios que nos parece deverem empregar-se para reduzir estes barbaros, não conhecemos nenhum mais energico que a missão evangelica. Se o clero portuguez já não se abraza no mesmo zêlo que outr'ora, recorra o governo portuguez ao clero indiano, que tem menos a temer da influencia do clima, e póde ali prestar grande serviço. Com uns ou com outros fundem-se missões, construam-se modestas igrejas, attráhia-se o gentio com bons termos, mostre-se a auctoridade forte, mas benevola, e ver-se-ha em poucos annos, que os fructos serão immensos para a religião, e para o paiz, compensando quaesquer sacrificios que se façam. Sem estes sacrificios indispensaveis, e encaminhados com a necessaria prudencia, não será para admirar que Portugal perca em breve todas as suas riquissimas e vastas possessões da Africa oriental.

JOÃO FRANCISCO ARAGO (1).

João Francisco Arago nasceu em Estagel (França) a 26 de junho de 1782. Aos dezesete annos foi recebido na escola polytechnica; e passado um anno póde conseguir pela sua alta capacidade ser nomeado ajudante do observatorio de París.

Em 1806 partiu para Hespanha com Biot, afim de continuar n'este paiz a medida do meridiano da França. Extraordinarias aventuras precederam o seu regresso á patria. Foi primeiro prezo e mettido em uma cidadella pelos mallorquinos; conseguindo escapar d'este perigo, caiu em poder de um corsario hespanhol que o conduziu a Rosas. Apesar de inculcar-se por mercador ambulante, metteram-no em um moinho de vento, depois no forte da Trindade, e a final nos pontões de Palamos, onde soffreu todos os horrores da fome. Posto em liberdade, foi levado a Argel, onde deveu ao consul de Dinamarca o escapar á escravidão. Sómente em 1809 conseguiu voltar a França; e no meio de tantas vicissitudes pudera, posto que com grande difficuldade, salvar os seus instrumentos, e os cadernos de observações.

A 17 de setembro d'este mesmo anno F. Arago foi nomeado membro do academia das sciencias em substituição de Lalande. Em 1812 foi encarregado pela repartição das longitudes de estabelecer no observatorio um curso de astronomia, o qual continuou até 1845. Lente da escola polytechnica ali professou successivamente cinco cursos differentes. A 7 de junho de 1830 foi eleito, por quasi unanimidade, secretario perpetuo da academia das sciencias, para substituir Fourier. Deputado em 1830, membro do conselho municipal de Paris, elevado pela revolução de 1848 ao governo provisorio e aos ministerios da guerra e da marinha, Arago conservou sempre um nome honrado, não descuidando um só momento os interesses da sciencia, aos quaes se consagrou até o derradeiro dia da sua vida. J. F. Arago morreu em 2 de outubro de 1853, na idade de 67 annos e 7 mezes.

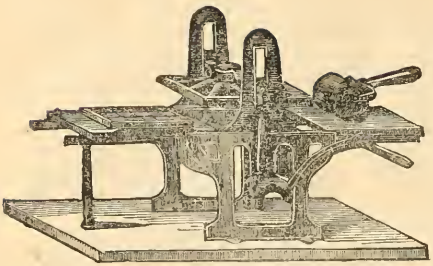
Este sabio deixou grande numero de obras, que claramente revelam os seus eminentes dotes como homem de sciencia, e como estylista.

(1) Veja o retrato d'este sabio no n. 44 do vol. XI do Panorama.

A USURA E A LEPRA.

O peccado de usura e a enfermidade da lepra parecem-se em muitas cousas. A lepra chama-se cancro universal, porque por todo o corpo se vae estendendo, e todo o vae consumindo. A usura tambem é cancro universal, porque consome a honra, a saude, a vida, as virtudes. Os leprosos têem a cara torva, carregada á similhança de leão; e por isso uma especie d'ella se chama *leontiasis*; e tal é a condição de um usurario, porque não attende a caridade com o proximo, senão o interesse proprio. Os leprosos cae-lhes o cabello, porque o humor excrementoso lhe roe as raizes, e em logar d'elle, lhe nasce outro mui raro, subtil, á maneira de lã podre. Sabido é, que nos cabellos são significados os pensamentos; e não póde um ambicioso ter pensamentos bons, porque a copia dos affectos terrenos lhe tira a raiz d'elles, que é o temor e amor de Deus. O leproso tem o bafo corrupto, e por isso todos se afastam d'elle. O onzeneiro escandaliza com o seu procedimento, e ninguem o busca senão para remir sua vexação. A lepra é doença, que não póde encobrir-se: a usura é vicio que logo se faz publico. A lepra pega-se aos vestidos e ás casas, e os consome e affeia: tambem a usura destroe as casas e familias, e as empobrece, despoja e affronta: porque *malè parta, malè dilabuntur*.

BERNARDES ESTIM. PRAT



PRELO PARA TIRAR PROVAS.

Nas nossas typographias, e mesmo nas do estrangeiro, as provas dos trabalhos de composição tiram-se de ordinario á mão, e por um methodo que é realmente muito imperfeito. Nas officinas mais vastas, e bem organisadas este objecto deve merecer toda a consideração; convindo haver um ou dous prelos constantemente empregados em tirar quaesquer provas, que então sáem com toda a limpeza desejavel. Mr. Paulo Dupont, um dos mais instruidos typographicos que hoje existe em França, e que é proprietario em Paris de uma grande e a todos os respeitos excellente officina, não lhe parecendo conveniente distrahir os prelos usuaes para similhante applicação, inventou uma prensa especial, que apresentou na exposição universal finda, e a nossa gravura representa fielmente. Não é possivel apreciar á vista d'ella da vantagem do objecto figurado; é de presumir, porém, que a intelligencia eminentemente pratica do sr. Dupont conseguisse realisar um verdadeiro progresso. Aos homens competentes cumpre verifical-o.

EPHEMERIDES HISTORICAS.

NOVEMBRO 19

1523—Elevação de Clemente VII ao pontificado.
1840—Bloqueia a esquadra ingleza Cantão.
20
1840—Combate de Obligado, no Rio da Prata.
21
1806—Decreto de Napoleão relativo ao bloqueio continental.
22
960—Morte de Lothario, rei de Italia.
23
1700—Elevação de Clemente XI ao pontificado.
24
1813—Tomada de Amsterdam por Bulow.
25
1560—Morte do celebre almirante genovez Doria.
26
1741—Tomada de Praga pelos francezes.
27
1570—Morte do famoso esculptor Sansovino.
28
1666—Derrota dos whigs pelos realistas perto de Edimburgo.
29
1780—Morte da imperatriz Maria Thereza.
30
1700—Carlos XII desbarata os russos em Narva.

DEZEMBRO 1

1640—Sacodem os portuguezes o jugo hespanhol.
2
1547—Morte de Cortez, conquistador do Mexico.
3
1551—Vencem os portuguezes o rei de Chambé.
4
1642—Morte do famoso cardeal de Richelieu.
5
1746—Levantamento de Genova contra os austriacos.
6
1492—Descoberta do Haití por Christovão Colombo.
7
1815—É fuzilado em Paris o marechal Ney.
8
1830—Morte de Benjamin Constant.
9
1608—Nasce Milton, auctor do *Paraizo Perdido*.
10
1796—Fundação da republica italiana.
11
1282—Exaltação ao throno do imperador grego Andronico.
12
1804—A Hespanha declara guerra á Inglaterra.
13
1546—Nasce o illustre astronomo Tycho-Brahé.
14
1515—Concordata entre Francisco I e Leão X.
15
37—Nasce o imperador Nero.
16
1653—Cromwell é proclamado protector da Inglaterra.
17
1819—Fundação da republica de Columbia.
18
1807—Alliança da Russia e da Inglaterra contra a França.
19
1638—Tomada de Brisach pelo duque de Saxe-Weimar.
20
69—Morte do imperador Vitellio.
21
1548—Espantosa victoria de D. João de Castro sobre o Hidalcão.
22
641—Os serracenos tomam e queimam Alexandria.
23
1832—Antuerpia (Anvers) entrega-se aos francezes.
24
1525—Morte do celebre D. Vasco da Gama.
25
1522—Tomada de Rhodes por Solimão I.
26
1771—Morte de Helvecio.
27
1707—Morte do famoso archeologo Mabillon.
28
1622—Morte de S. Francisco de Salles.
29
1356—Publicação da chamada *Bulla d'Ouro*.
30
70—Nascimento do imperador Tito.
31
1494—Entrada de Carlos VIII em Roma.

AP 65 P36 v.12
O Panorama

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY